RAFAELA STOPA

AS CRÔNICAS DE ARTUR AZEVEDO NA REVISTA LITERÁRIA *O ÁLBUM* (1893-1895)

Volume 1

ASSIS
2010

RAFAELA STOPA

AS CRÔNICAS DE ARTUR AZEVEDO NA REVISTA LITERÁRIA *O ÁLBUM* (1893-1895)

Volume 1

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

ASSIS
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Stopa, Rafaela
S883c As crônicas de Artur Azevedo na revista literária *O álbum* (1893-1895) / Rafaela Stopa. Assis, 2010
3 v. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Azevedo, Artur, 1855-1908. 2. Literatura – Periódicos. 3. Crônicas. 4. Literatura brasileira – Séc. XIX. I. Título.

CDD 079.81
869.93

A Deus.

Aos meus pais, Roberto e Miriam.

Ao meu marido, Carlos Eduardo.

AGRADEÇO

Aos meus familiares, que sempre apoiaram minha dedicação aos estudos.

Ao meu orientador Alvaro Santos Simões Junior, pela orientação segura e confiança em meu trabalho.

Às professoras da banca de qualificação, Silvia Maria Azevedo e Luciana Brito, cujos pareceres oportunizaram reflexões importantes à pesquisa.

Às professoras Larissa de Oliveira Neves e Silvia Maria Azevedo, pelos comentários pontuais na banca de defesa.

Aos professores Luiz Roberto Cairo e João Luís Ceccantini, responsáveis por disciplinas do mestrado significativas no desenvolvimento desta dissertação.

À Hiudéa Boberg, pelo carinho e pela introdução nos caminhos da pesquisa.

À Isabel e Marlene, que me ajudaram nas pesquisas no Cedap.

Aos funcionários da seção de Pós-graduação e da Biblioteca, pelo atendimento dedicado.

À Rita, Valdirene e Ana Paula, pelo apoio sincero e constante.

O pesquisador sacode a poesia dos arquivos, das bibliotecas e hemerotecas e nos dá, limpos e íntegros, os sinais com que aquelas paixões e ideias se comunicavam aos contemporâneos. A garrafa lançada ao mar pode ser recolhida, muito tempo depois, por olhos e mentes capazes de entender a sua mensagem.

Alfredo Bosi

RESUMO

Esta dissertação se propõe a abordar as seções de crônicas "Crônica Fluminense" e "Teatros", ambas de Artur Azevedo, que as publicou respectivamente com os pseudônimos A. e X.Y.Z., na revista literária *O Álbum* (1893-1895), cuja direção era de sua responsabilidade. Buscou-se considerar a temática e a fatura dos textos em sua relação com o contexto histórico do final do século XIX, bem como apresentar um panorama do periódico para discernir sua linha editorial e conhecer o papel de Artur Azevedo como diretor literário e responsável por outros textos da revista. Para tanto, no volume 1, a introdução traz uma revisão de literatura sobre o autor em questão, para apontar a contribuição deste trabalho frente aos estudos já publicados. No primeiro capítulo, aborda-se a revista, com o cuidado de apontar o momento, tanto social quanto literário em que circulou, assim como proporcionar uma visão geral dos colaboradores e dos textos veiculados. Ressalte-se que, mesmo nessa parte, a ênfase recai sobre a produção de Azevedo. O segundo capítulo traz, em específico, a leitura da seção "Crônica Fluminense", tendo em vista que o objetivo desta dissertação é tratar do trabalho de Azevedo como cronista e diretor da revista literária, dois perfis que a leitura dessa crônica permite alcançar. No terceiro e último capítulo, aborda-se a seção "Teatros", que possibilita distinguir muitos dos elementos apontados como comuns – em outros estudos – na crônica/crítica teatral azevediana e ainda, um melhor entendimento da dramaturgia no final do século XIX. Finalmente, nos volumes 2 e 3, há a reprodução fac-símile do hebdomadário devido à importância de conhecer as crônicas em seu suporte.

Palavras-chave: Artur Azevedo. *O Álbum.* Revista Literária. Crônicas. Século XIX.

ABSTRACT

This paper is intended for addressing "Crônica Fluminense" and "Teatros", two chronicles sections written by Artur Azevedo and published under the pen name A. and X.Y.Z, respectively, in *O Álbum* (1893 – 1895), a literature magazine directed by the writer himself. It was sought to consider the thematic and structure in relation to the history context of late 19th century, as well as to present an overview of this magazine in order to distinguish its editorial line and comprehend the role of Artur Azevedo as literature director and responsible for the texts of this magazine. In order to do so, in Volume 1, there is an introduction with a literature review about the author to indicate the contribution of the present work to the studies previously published. In the first chapter, the magazine is presented, and the social and literary moment it was published is carefully highlighted, besides providing a general view of collaborators and texts. It is emphasized that, even in this part, the emphasis is on Azevedo's production. The second chapter is especially about the reading of "Crônica Fluminense", since the purpose of the present work is to deal with Azevedo's work as writer and director of the magazine, two shapes the reading of this chronicle allows to outline. In the third and last chapter, it is studied the section "Teatros", which enables the discrimination of a number of elements already appointed as usual – in previous studies – in Azevedo's theatrical chronicle/review, and also a better understanding of the dramaturgy of late 19th century. Finally, Volumes 2 and 3 bring an integral reproduction of his original work in this weekly publication due to the importance of knowing his chronicles in their roots.

Keywords: Artur Azevedo. *O Álbum.* Literature Magazine. Chronicles. 19th century.

SUMÁRIO

(v. 1)

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO PRIMEIRO

***O ÁLBUM:* REVISTA LITERÁRIA DE ARTUR AZEVEDO** 32

1.1 A revista *O Álbum* 43

1.2 Biografias, biógrafos e biografados 51

1.2.1 Os retratos: uma novidade-chamariz 60

1.3 Temas variados: outros textos não-literários d'*O Álbum* 64

1.3.1 As resenhas dos pseudônimos Amarante e Cosimo 69

1.4 Breve olhar sobre a direção literária de Artur Azevedo: entre novidades e velhos temas 78

CAPÍTULO II

ARTUR AZEVEDO, CRONISTA DO COTIDIANO 87

2.1 A seção "Crônica fluminense" 93

2.1.1 Não vos direi, pois, leitores 97

2.1.2 A metacrônica em Artur Azevedo 103

2.1.3 Amor por anexins 108

2.1.4 Ridendo castigat mores 113

2.2 Baptiste Louis Garnier ou Bom Ladrão Garnier? 119

2.3 A política deveria entrar na "Crônica Fluminense" como a baunilha no arroz doce 122

2.4 Ainda o folhetim-variedades 135

2.5 A seção "Crônica fluminense": entre os comentários da semana e o editorial 140

CAPÍTULO III

O CRONISTA DE ESPETÁCULOS 143

3.1 A seção "Teatros" 146

3.1.1 Falta de novidades, falta de crônica? 155

3.1.2 Elementos norteadores das “ligeiras notícias dos espetáculos em cartaz” 159
3.2 A graciosa Judie e a divina Sarah 182
3.3 O teatro na guerra e a guerra dos teatros 187
3.4 Por fim, crítico e cronista? 190

CONSIDERAÇÕES FINAIS 193

REFERÊNCIAS 197

APÊNDICE A – Dados biográficos dos escritores que tiveram textos publicados n’*O Álbum* 206

APÊNDICE B – Indexação da revista literária *O Álbum* 215

SUMÁRIO

(v. 2)

Ano I

O Álbum, n. 1, jan. 1893.....250
O Álbum, n. 2, jan. 1893.....259
O Álbum, n. 3, jan. 1893.....268
O Álbum, n. 4, jan. 1893.....277
O Álbum, n. 5, jan. 1893.....286
O Álbum, n. 6, fev. 1893.....295
O Álbum, n. 7, fev. 1893.....304
O Álbum, n. 8, fev. 1893.....313
O Álbum, n. 9, fev. 1893.....322
O Álbum, n. 10, mar. 1893.....331
O Álbum, n. 11, mar. 1893.....340
O Álbum, n. 12, mar. 1893.....349
O Álbum, n. 13, mar. 1893.....358
O Álbum, n. 14, abr. 1893.....367
O Álbum, n. 15, abr. 1893.....376
O Álbum, n. 16, abr. 1893.....385
O Álbum, n. 17, abr. 1893.....394
O Álbum, n. 18, abr. 1893.....403
O Álbum, n. 19, maio 1893.....412
O Álbum, n. 20, maio 1893.....421
O Álbum, n. 21, maio 1893.....430
O Álbum, n. 22, maio 1893.....439
O Álbum, n. 23, jun. 1893.....448
O Álbum, n. 24, jun. 1893.....457
O Álbum, n. 25, jun. 1893.....466
O Álbum, n. 26, jun. 1893.....475
O Álbum, n. 27, jul. 1893.....484

SUMÁRIO

(v. 3)

Ano I

O Álbum, n. 28, jul. 1893.....499

O Álbum, n. 29, jul. 1893.....508

O Álbum, n. 30, jul. 1893.....517

O Álbum, n. 31, jul. 1893.....526

O Álbum, n. 32, ago. 1893.....535

O Álbum, n. 33 ago. 1893.....544

O Álbum, n. 34 ago. 1893.....548

O Álbum, n. 35, ago. 1893.....557

O Álbum, n. 36, set. 1893.....566

O Álbum, n. 37, set. 1893.....575

O Álbum, n. 38, set. 1893.....584

O Álbum, n. 39, set. 1893.....593

O Álbum, n. 40, set. 1893.....601

O Álbum, n. 41, out. 1893.....610

O Álbum, n. 42, out. 1893.....619

O Álbum, n. 43, out. 1893.....628

O Álbum, n. 44, out. 1893.....637

O Álbum, n. 45, abr. 1894.....646

O Álbum, n. 46, maio 1894.....655

O Álbum, n. 47, maio 1894.....664

O Álbum, n. 48, maio 1894.....673

O Álbum, n. 49, jun. 1894.....682

O Álbum, n. 50, set. 1894.....691

O Álbum, n. 51, set. 1894.....700

O Álbum, n. 52, out. 1894.....709

Ano II

O Álbum, n. 53, nov. 1894.....714

O Álbum, n. 54, jan. 1895.....723

O Álbum, n. 55, jan. 1895.....732

Introdução

> Sem o passado, não há presente. Sem fontes que guardem os rastros do tempo, sejam elas lembranças na memória ou artefatos, não há história.[1] (Regina Zilberman)

A epígrafe acima apresentada, ao apontar a estreita relação entre passado e presente, memória e história, reforça a importância do uso de periódicos como fontes de pesquisa. Não são poucos, apesar de insuficientes, os trabalhos que buscam resgatar a produção histórica, científica e cultural por meio do estudo de revistas e jornais de diversos períodos. A presente dissertação não é diferente, pois se propõe a abordar as seções "Crônica Fluminense" e "Teatros", ambas de responsabilidade de Artur Azevedo – assinadas respectivamente com os pseudônimos A. e X.Y.Z. –, veiculadas na revista literária *O Álbum* (1893-1895), dirigida também pelo autor. Busca-se ainda considerar a temática e a fatura dos textos em sua relação com o contexto histórico do final do século XIX, bem como reproduzir integralmente os originais do hebdomadário, haja vista a importância de entender as crônicas em seu suporte.

[1] ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco*: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 4ª página.

Afora o registro de sua existência e a análise qualitativa de suas seções permanentes, enfoca-se a publicação com vistas a tentar entender como se constituiu em um veículo de expressão para artistas já conhecidos ou para aqueles que ainda despontavam. Sérgio Miceli nota que, nesse período, "toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais".[2] De tal modo, a revista pode ser entendida como produto da inteligência e, por isso, portadora de forte identidade social e cultural.

Tal identidade advém porque ao estudá-la hoje, pelo prisma da contemporaneidade, é possível notar, na escolha dos textos publicados, a referência ao que era comum naquele momento, ou seja, ao que era representativo na produção artística e era esperado pelo público, – com algumas exceções. Também foi importante atentar para o fato de que *O Álbum* tinha como lema não abordar temas políticos; porém, o seu diretor deparou-se com a Revolução Federalista e com a Revolta da Armada, incomodando-o principalmente a última, – tendo em vista os ataques a sua querida capital, o Rio de Janeiro, – deflagrada pela Armada, a marinha de guerra, em 6 de setembro de 1893. O conflito propagou-se para a região sul e continuou até março do ano seguinte, levando ao não cumprimento, por parte da revista, de seu ideal de distanciamento da política.

O tema foi abordado, em especial, na "Crônica Fluminense" e em alguns outros textos escritos por Artur Azevedo. O fato torna ainda mais interessante o estudo d'*O Álbum* porque apesar da pretensão de ser estritamente literária, a publicação traz em seu bojo a marca de uma época conflituosa, tornando impossível, até mesmo, a realização do projeto editorial de alheamento político. Assim, embora tenha havido a tentativa, não foi possível afastar as letras da política. É daí que se pode assentir com Nicolau Sevcenko,[3] quando afirma que o escritor tem uma liberdade condicional, pois, se o texto é o espaço onde a humanidade se revela, a escrita acaba por refletir a sociedade de seu tempo.

Naturalmente, ao concordar com essa perspectiva, não se perdeu de vista a questão da autonomia e universalidade da literatura, porque, mais do que representativa de uma época, ela pode intervir em uma dada realidade social. Assim, não se pretende apresentar a crônica como coadjuvante da história, e sim, como um gênero que traz outros níveis de representação da realidade através do trabalho criativo (ou não) com a linguagem. Ou seja, ao ponderar sobre a questão histórica, pensando n'*O Álbum* como repositório da memória cultural, foi

[2] MICELI, Sérgio. Nota do autor. In: Idem. *Poder, Sexo e Letras na República Velha* (estudo clínico dos anatolianos). São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 15.
[3] SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: Idem. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 20.

necessário tramar o conteúdo de suas páginas com o que acontecia na época, cuidando para não perder de vista a crônica como um gênero que ainda se firmava em suas características, mas já era constante na produção intelectual do período.

Dessa forma, longe de traçar um quadro minucioso dos acontecimentos, a ideia foi resgatar o espírito do tempo registrado na própria pena do escritor, porque nela é possível entender o momento pensando nos indivíduos inseridos em um meio, uma sociedade, uma história pessoal. Contudo, mesmo ao adotar essa perspectiva de análise, recorreu-se aos estudos da história brasileira nos tempos da República, já que se armar de um referencial teórico restrito, pautado apenas no campo de atuação, – no caso, o literário, – seria perder toda a complexidade que envolve o trabalho com fontes históricas.

A respeito do contexto histórico, no fim do século XIX, devido à revolução industrial, houve uma grande mudança em relação às técnicas de produção, o que se refletiu nas comunicações e nas artes. A revista em estudo, por exemplo, além dos textos, trazia em todos os seus números o retrato fotográfico de uma pessoa notável. Isso faz lembrar a análise realizada pelo teórico Walter Benjamin acerca do resultado que o desenvolvimento das novas técnicas de reprodução surtiu nas artes. Para ele, a arte sempre foi passível de reprodução; o que sofreu alterações profundas foram as técnicas empregadas para tanto, que, no século XIX, culminou na litografia, quando o cotidiano pôde tornar-se tema de ilustrações. Algumas décadas depois, a fotografia suplantou-a e "a mão encontrou-se demitida das tarefas artísticas essenciais".[4]

Imaginar como foi na época a ideia de o trabalho artesanal perder seu valor e se tornar desnecessário poderia resultar num maniqueísmo; porém, ao analisar *O Álbum*, por exemplo, é possível reconhecer que, aliada a uma cultura essencialmente humanística, – a produção de textos literários de diferentes gêneros, – tem-se a reprodução fotográfica, representativa das vertiginosas mudanças pelas quais passava o período. Assim, texto e ilustração convivem de forma harmoniosa, sem maiores problemas, lembrando que, no caso da revista em estudo, o retrato vinha como um encarte, pois ainda não havia a integração entre linguagem verbal e não-verbal.

Ainda de acordo com Benjamin, a técnica da fotografia imprimiu agilidade na fixação das imagens e já carregava a semente do cinema. Destarte, havia n'*O Álbum* certa tensão entre tradição e modernidade, perceptível por meio da presença de figuras ilustres da sociedade no que concerne aos retratos e às colaborações literárias, junto à novidade técnica da fototipia,

[4] BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: Idem et al. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünnewald. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 6.

utilizada para imprimir o retrato, que traz a ambiguidade de representar o novo e, ao mesmo tempo, aquilo que permanece.

Por questões como essa, percebe-se a necessidade de conhecer o meio em que a revista foi difundida para melhor compreender sua significação em seu tempo, final do século XIX. Ressalte-se, no entanto, que não há, nesta dissertação, um capítulo que verse especificamente sobre o autor Artur Azevedo, o contexto histórico, o gênero crônica, dentre outros presentes na revista, porque se procurou refletir a respeito desses dados a partir de caminhos apontados pelo próprio suporte em estudo: o periódico.

A pesquisa, inserida na linha "Arquivos da memória: fontes e periódicos literários e culturais" (AMFP), iniciou-se por meio da recuperação da revista, disponível para consulta apenas em microfilme, – o que leva à menção da importância do suporte oferecido pelo Cedap (Centro de documentação e apoio à pesquisa), localizado na Unesp/Assis, ao pesquisador, – e continuou com o tratamento das páginas digitalizadas para posterior impressão integral do hebdomadário.

Cumpridos tais procedimentos, realizou-se a seleção e ordenação do material a ser analisado. Como *O Álbum* ainda não foi alvo de um estudo minucioso, provavelmente devido à dificuldade de acesso, optou-se por oferecer ao leitor uma apresentação geral da revista e o estudo de duas seções de autoria de seu diretor, Artur Azevedo. Isso ocorre porque, por se tratar de uma publicação densa, tanto qualitativa quanto quantitativamente, seria impossível tentar analisar todo seu conteúdo, daí então a leitura mais pormenorizada recair sobre os textos de quem idealizou e comandou a publicação, como uma maneira de tentar discernir sua linha editorial.

Um outro fator que contribuiu para a definição do recorte foi o fato de que os estudos relativos à produção de Artur Azevedo, – apesar de ter sido um escritor que enveredou por diferentes gêneros, – acabam restritos a sua produção teatral, especialmente às revistas de ano, que, sem dúvida, foram fundamentais para o fomento da cultura de seu tempo, mas não podem ser percebidas como a sua única faceta. Trazer à luz seus textos, publicados em um periódico cuja direção também era de sua responsabilidade, pode ajudar na divulgação e valorização de outras vertentes de Azevedo, já que, sobre o tema, são raras as publicações.

O método utilizado na abordagem das crônicas selecionadas levou em conta o lúcido comentário de Antonio Candido, que, sobre as possibilidades de análise do texto literário, afirma: "não há, porém, uma crítica única, mas vários caminhos, conforme o objeto em foco;

ora com maior recurso à análise formal, ora com atenção mais aturada aos fatores".[5] Em suma, quando possível e necessário, houve uma tentativa de "integração metodológica",[6] de modo a possibilitar o desenvolvimento de uma abordagem complexa, que não se prendesse a um único aspecto dos textos, uma vez que a própria heterogeneidade do material não aceitaria tal procedimento.

A respeito dos textos, vale ressaltar que a revista *O Álbum*, com algumas interrupções, circulou de 1893 a 1895; por isso, apresentam-se, na série, variações e alternâncias em relação à ortografia, acentuação e alguns aspectos de sintaxe. É necessário ter em vista que, entre seu período de veiculação e o momento em que se escreve esta dissertação, a Língua Portuguesa passou por várias alterações, culminando, em 2009, com o acordo ortográfico.

Nessa perspectiva, longe de desrespeitar as produções publicadas na revista, quando da citação ou reprodução integral, fizeram-se correções e ajustes, atualizando a ortografia e a acentuação, para oferecer ao leitor contemporâneo uma leitura mais agradável e inteligível, com o cuidado de preservar as escolhas vocabulares dos escritores, seja em caso de arcaísmos ou quando do uso de vocábulos em língua estrangeira, que, na atualidade, já encontram correspondente em vernáculo.

Quanto aos nomes de pessoas, assim como de obras artísticas e lugares, optou-se, quando possível, pelo registro atualizado. Sobre o uso de pronomes, hífens e vírgulas, ainda que em alguns momentos não fossem correspondentes às formas atuais, a forma original foi respeitada, haja vista tratar-se de uma questão de estilo. O mesmo procedimento se deu em relação ao uso de maiúsculas e qualquer tipo de destaque gráfico (aspas e itálico). Corrigiram-se também erros que, visivelmente, eram tipográficos.

Ademais, é importante reforçar que há, sob a forma de anexos, dois volumes com a reprodução fac-símile do hebdomadário. Em caso de algum estudo envolvendo filologia ou mesmo em caso de curiosidade, é possível consultar os textos em sua versão original. Tal alternativa é importante, pois Artur Azevedo, como poucos de seu tempo, compreendeu e valorizou as inovações linguísticas, assim como o linguajar popular.[7] E justamente por ser a revista de Artur Azevedo, foi preciso conhecer um pouco de sua vida e sua colaboração na imprensa, para melhor compreender seu perfil como diretor literário e autor de diversos textos d'*O Álbum*.

---

[5] CANDIDO, Antonio. O terreno e as atitudes críticas. In: Idem. *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 33. v. I.

[6] D'ONOFRIO, Salvatore. Metodologia aplicada ao estudo da literatura. In: Idem. *Metodologia do trabalho intelectual*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000. p. 99.

[7] ARAÚJO, Antonio Martins. A perenidade do efêmero. In: AZEVEDO, Artur. *Melhores contos*. São Paulo: Global, 2001. p. 16.

Trata-se de um escritor cuja colaboração para a imprensa carioca foi extensa, o que, como se destacou, não condiz com o número de trabalhos publicados a esse respeito. Há mais interesse da historiografia literária em relação ao teatro, mas, ainda assim, não o suficiente para abarcar tudo quanto produziu. Sábato Magaldi sintetiza bem o quadro: "a dezena de textos ainda vivos de Artur Azevedo, de uma produção copiosa, não desenha a imagem completa do grande homem de teatro".[8] Assim como não ilustra o homem da imprensa.

Antes de tratar da biografia e passar pela bibliografia sobre o escritor, vale lembrar que neste trabalho, optou-se por grafar o nome do comediógrafo sem a letra h, ou seja, Artur, e não Arthur, ainda que se conheça o divertido conto "O númbaro", de *Contos efêmeros*, no qual o autor deixa entrever como gostaria que escrevessem seu nome: "eu tive na minha terra uma namorada que escrevia *'Meu Artur'*. Um dia pedi-lhe que restituísse o *h* a que tinha direito a dignidade ortográfica do meu nome, e ela de então em diante escreveu: *'Meu Hartur'*".[9] Levando em conta justamente a ortografia, grafar Artur com h, na atualidade, seria um arcaísmo que, a título de rigor metodológico, deveria aparecer, quando fosse o caso, no restante do trabalho: nos títulos de peças teatrais, nos nomes de outros autores mencionados e assim por diante.

Fechado o parêntese, a movimentada história[10] de Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo é conhecida: nasceu no Maranhão em sete de julho de 1855 e foi o primeiro rebento de uma família que ainda seria agraciada com o talento de Aluísio Azevedo. Em tenra idade, Azevedo revelou sua preferência pelo teatro, e escreveu sua primeira peça aos nove anos. Aos treze, seu pai lhe arranjou um emprego no comércio, porém o novo trabalho não o afastou de sua vocação e conciliava a vida de comerciário e teatrólogo, façanha que o fez perder seu primeiro emprego. Começou a trabalhar como amanuense e mais uma vez sua veia artística o fez ser demitido.

Mediante a incompatibilidade com a administração provincial e a não-aceitação de suas sátiras dirigidas a políticos locais em *Carapuças,* livro de versos humorísticos, publicado em 1871, Azevedo participou de um concurso, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano

---

[8] AZEVEDO, Artur. *Melhor teatro Artur Azevedo*. Seleção e prefácio Bárbara Heliodora. São Paulo: Global, 2008. (Melhor teatro / Direção Sábato Magaldi). 4ª página.

[9] Id. O númbaro. In: Idem. *Contos de Arthur Azevedo*: os "Efêmeros" e os inéditos. Introdução e seleção de Mauro Rosso. São Paulo: Loyola, 2009. p. 75-79.

[10] Informações sobre a vida do autor e sua colaboração na imprensa foram retiradas das biografias de Roberto Seidl e Magalhães Junior, assim como dos livros *Artur Azevedo:* a palavra e o riso, de Antônio Martins Araújo e da cronologia disponível em *Contos de Arthur Azevedo*: os *"Efêmeros"* e Inéditos, organizada por Mauro Rosso.

de 1873, e conseguiu colocação no Ministério da Agricultura. Seu emprego de funcionário público se manteria até o fim da vida, com algumas alterações de cargo.

No entanto, sobre a ida para a corte, apesar de a versão mais comum ser a supracitada, há um poema n'*O Álbum*, que mostra a possibilidade de o autor ter partido não apenas por desavenças, mas também por uma perda amorosa, conforme ressalta Fragoso.[11] Trata-se do poema "Recordação", no qual há os seguintes versos: "quando eu vim da nossa terra / murmurava toda a gente / que estavas para casar... / a causa, precisamente, / que me fez emigrar, / foi ouvir na nossa terra / que estavas para casar".[12] Independentemente das duas versões, ao partir para a corte, de onde só voltaria a passeio, levava consigo sonetos, contos e a comédia *Amor por Anexins.*

Esse foi o início da carreira de um homem que dedicou sua vida à arte, colaborando em inúmeros periódicos do Rio de Janeiro e de outros estados, como aparece em sua biografia escrita por Magalhães, na qual se afirma que "a tarefa [de enumerar toda a colaboração de A.A. em revistas e jornais] seria exaustiva e fatigante, porque de toda parte lhe chegavam solicitações a que atendia sempre com a maior presteza, fosse o jornal importante e rico, fosse uma folha secundária em que corresse o risco de calote".[13]

Importa mencionar aqueles em cuja participação foi mais assíduo. É o caso d'*O País* (1884-1908), com as seções "A semana", "Frivolidades" e "Palestra", além de contos. N'*A Estação* (1879-1904), escreveu "Croniquetas", e seu pseudônimo X.Y.Z. já aparecia na seção de teatro.[14] N'*O Mequetrefe* (1883-1886), publicou contos, crônicas e poemas. Em *Novidades* (1886-1889), cuja redação contava com Moreira Sampaio, Alcindo Guanabara, Olavo Bilac e Coelho Neto, colaborou com a seção de poemas "Parnaso" e com a seção de crônicas "De Palanque". N*'O Século* (1906-1908), publicou contos e os sainetes "Teatro a vapor" e no *Correio da manhã* (1902-1906) apareceram contos. Devido às inúmeras colaborações, tem mais de quatro mil artigos espalhados em periódicos; o tema era principalmente o teatro, como na seção "O Teatro", que manteve de 1894 a 1908 n'*A Notícia*, ou sobre temas diversos, como na seção "De Palanque".

Ainda jovem, no Maranhão, criou e dirigiu o semanário *O Domingo* (1872-1873). No ano de 1877, já na capital, a convite do editor Serafim José Alves ingressou na *Revista do Rio*

[11] FRAGOSO, Augusto. *O Álbum* – o último jornal literário de Artur Azevedo. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, p. 171-6, dez. 1958. v. 12.
[12] AZEVEDO, Artur. Recordação. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 317, set. 1893.
[13] MAGALHÃES Jr., Raimundo. O homem de jornal e a imprensa de seu tempo. In: Idem. *Arthur Azevedo e sua época*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: LISA, 1971. p. 25.
[14] MEYER, Marlyse. Estações. In: Idem. *Caminhos do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 102.

de Janeiro, para exercer a função de diretor, mas, segundo Magalhães,[15] acabou colaborando também como autor de inúmeras seções. Nessa revista apareceu o pseudônimo X.Y.Z., porém numa crônica de variedades. Em 1879, dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do Teatro*. Criou a folha *A Gazetinha* (1881-1882) com o auxílio de Aníbal Falcão, um periódico modesto, que, entre idas e vindas, durou dezesseis meses. Com Luís Murat dirigiu a *Vida Moderna* (1886), periódico do qual Artur Azevedo afirmou ser *O Álbum* uma extensão. Participou também da redação da segunda fase de *Vida Fluminense* (1889).

Valeu-se de inúmeros pseudônimos, dentre os quais os mais conhecidos são: Elói, o herói; Gavroche; Petrônio; Cosimo; Juvenal; Dorante; Cractchi; Passos Nogueira; Frivolino; X.Y.Z; Batista, o trocista. Com o estudo d'*O Álbum*, surgiram outros pseudônimos, que em sua maioria, foram utilizados quando o autor fez críticas a lançamentos de livros de romance e poesia, como, Amarante e possivelmente O Licenciado Cosme Velho.

Sua produção literária também foi extensa. Suas obras de maior vulto em relação à poesia e à prosa foram: *Carapuças*, poesia satírica (1871), *Sonetos* (1876), *Um dia de finados*, sátira (1877), *Contos possíveis* (1889), *Contos fora da moda* (1894), *Contos efêmeros* (1897), *Contos em verso* (1898).

Para o teatro, destacam-se as peças dramáticas e comédias: *A joia* (1874), *Véspera de Reis* (1875), *A pele do lobo* (1877), *O Liberato* (1881), *O escravocrata* (1884), com Urbano Duarte, *A almanjarra* (1888), *A capital federal* (1897), *O badejo* (1898), *O jagunço* (1898), *O mambembe* (1904), *O oráculo* (1907) e *O dote* (1907). Dentre as revistas: *O mandarim* (1884), *O bilontra* (1885) e *O carioca* (1887), escritas em parceria com Moreira Sampaio, *O homem* (1888), baseada no romance homônimo de Aluísio Azevedo, *Fritzmac* (1888) e *A república* (1890), escrita em colaboração com o irmão mais novo, *O tribofe* (1891), *A viagem ao Parnaso* (1891), *Gavroche* (1899) e *Comeu!* (1902).

Alcançaram sucesso as adaptações: *A filha de Maria Angu* (1876), paródia de *La fille de Madame Angot*, opereta de Siraudin, Claiville e Koning, a ópera cômica *A casadinha de fresco* (1876), paródia de *La petite Mariée*, de Eugênio Laterrier e Alberto Vanloo, e *Herói à força* (1886), ópera cômica adaptada de *Le brasseur de Preston*, libreto de A. de Leuven & L. Brunswick.

São algumas das publicações póstumas: *Rimas de Arthur Azevedo* (1909) recolhidas de periódicos por Lindolfo Xavier, *Contos cariocas* (1928), com prefácio de Humberto de Campos, *Vida alheia* (1929), contos e comédias, com introdução de Fausto Rocha, *Histórias*

[15] MAGALHÃES Jr., Raimundo. Revistas... fora do palco. In: Idem. *Arthur Azevedo e sua época*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: LISA, 1971. p. 221.

brejeiras (1962) e *Contos Ligeiros* (1974), com seleção e prefácio de Magalhães Júnior, os sainetes de *Teatro a vapor* (1977), compilados e anotados por Gerald M. Moser, *Teatro Completo* (1983), compilado por Antonio Martins de Araújo, *Melhor teatro* (2008), com seleção e prefácio de Bárbara Heliodora, sob a direção de Sábato Magaldi, *Contos de humor* (2008), organizado por Augusto Pessoa, *A pele do lobo e outras peças* (2009), organizado por Larissa de Oliveira Neves, *Contos em versos* (2009), organizado por Flávio Aguiar, *Contos de Arthur Azevedo*: os "Efêmeros" e o inéditos (2009), com organização, introdução e notas de Mauro Rossi e *O mambembe* (2010), de José Piza e Artur Azevedo, com estabelecimento de texto de Larissa de Oliveira Neves.

Voltando o olhar para a vida de Azevedo, as duas biografias existentes sobre o autor, – uma de Roberto Seidl, filho do médico que o acompanhou em seu leito de morte, *Artur de Azevedo:* ensaio bio-bibliográfico,[16] e outra de Raimundo Magalhães Júnior, *Artur Azevedo e sua época* –[17] mostram um homem irreverente, trabalhador, com sérios problemas de saúde, mas que, devido à família numerosa, não podia diminuir o número de empregos. Ainda assim, exercia com profissionalismo seus cargos: "Funcionário público e homem de teatro, serviu-se da pena de jornalista para elevar o teatro nacional que se ia estiolando e morrendo à míngua de quem o amparasse e utilizou-se da imprensa para proteger e defender os interesses do funcionalismo público em geral".[18]

Seidl também comenta o fato de Azevedo ter sido o primeiro a confiar no talento de Olavo Bilac: "Escritores incipientes e desconhecidos mandavam-lhe trabalhos, em prosa e verso, pedindo-lhe a opinião. [...] Muitos lhe confiavam os escritos e Artur muitas vezes os fazia imprimir. Foi assim que Bilac viu pela primeira vez um trabalho seu em letra de forma".[19] Não seria diferente a postura do escritor n'*O Álbum*, pois não foram poucos os desconhecidos que tiveram seus textos publicados na revista.

A biografia de Magalhães Júnior, de maior fôlego, relata muitas situações curiosas em que o comediógrafo se envolveu, tais como as polêmicas travadas nas páginas de jornal. Há considerações sobre suas revistas de ano, seus empreendimentos editoriais, os vários gêneros pelos quais passeou, afetos e desafetos ocasionados por discordâncias sobre peças teatrais e desempenho de artistas, assim como sua militância política por meio dos jornais a favor de Floriano, dentre outros temas. O pesquisador Antonio Martins de Araújo chamou o livro de

[16] SEIDL, Roberto. *Artur de Azevedo*: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Editora Abc, 1937.
[17] MAGALHÃES Jr., Raimundo. O homem de jornal e a imprensa de seu tempo. In: Idem. *Arthur Azevedo e sua época*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: LISA, 1971.
[18] SEIDL, op. cit., p. 48.
[19] Ibid., p. 54.

idealista e afirmou tratar-se de "história romanceada da vida do autor em que se fantasiam alguns episódios e se inventam outros".[20] Porém, como o filho de Artur Azevedo aprovou a biografia e Magalhães é autor de outras conhecidas, esta dissertação a utilizou como fonte privilegiada.

Outro livro que traz informações significativas é o de Lindolfo Xavier, *Machado de Assis no tempo e no espaço.*[21] Machado de Assis trabalhou no Ministério da Viação de 1902 a 1908, e Xavier teve a oportunidade de ser seu companheiro na repartição em seus dois últimos anos de vida. Ao trabalhar com Machado conviveu também com Azevedo, porque este era um dos auxiliares imediatos do autor de *Dom Casmurro*. Por se tratar de um livro de memórias, algumas histórias são quase românticas, mas há descrições que ratificam o que sempre se vem afirmando sobre o comediógrafo. Conforme Xavier, "Artur Azevedo possuía uma doçura de trato, uma lhaneza de modos, que cativavam. Gordo, alto, romântico, quando ele chegava à Secretaria para trabalhar, saudando a todos com um sorriso, era recebido com expansões de carinho".[22]

Não é diferente o esboço feito do autor por Araripe Junior em "Recordações do Club Rabelais".[23] É um texto de cunho memorialista em que o crítico relembra a criação do clube homônimo, em 1892. A ideia partiu de Raul Pompeia, e foi rapidamente aceita, mas, como lembra o Araripe, a agremiação logo se desfez em virtude de diferenças políticas, com seu encerramento em 1894. Das recordações, surge o prodigioso jantar dado em comemoração ao segundo ano de atividades, sobre o qual narra: "nessa noite os nossos companheiros estiveram todos na altura do apetite religioso do comediógrafo da *Maria Angu*. Artur Azevedo, de ordinário pouco diserto[24] no começo das refeições, depois do Chianti, – o seu vinho predileto, – tornava-se fulgurante de alegria". Após recontar a piada proferida pelo colega, o crítico assim encerra o relato: "a técnica, principalmente a técnica, empregada pelo autor dos *Contos possíveis*, nos pôs a rir com bandeiras despregadas".[25]

---

[20] ARAÚJO, Antonio Martins de. Bibliografia comentada de Artur Azevedo. In: AZEVEDO, Artur. *Teatro de Artur Azevedo.* vols. IV e V. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2002. p. 1730, v. V. (Clássicos do Teatro Brasileiro)
[21] XAVIER, Lindolfo. *Machado de Assis no tempo e no espaço*. Rio de Janeiro: Co-editora Brasílica, 1940.
[22] Ibid., p. 6.
[23] ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. Recordações do *Club Rabelais*. In: *Obra crítica de Araripe Jr*. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958. v. V.
[24] Eloquente.
[25] ARARIPE JUNIOR, op. cit., p. 25-26.

Igualmente, em "Artur Azevedo visto por Aluísio Azevedo Sobrinho",[26] revela-se a figura amável do escritor, porém, aparecem também confissões do autor a demonstrarem que sua vida não era feita apenas de momentos felizes. O filho do comediógrafo pondera que Magalhães Junior já dissera quase tudo sobre seu pai, e opta por utilizar parte de seu espaço com a publicação de uma carta enviada por Azevedo à filha adotiva, Cotinha. Nela, as dificuldades financeiras são reveladas e não eram poucas, como se nota: "Se não te escrevo sempre, sempre, é por este desespero de não poder suavizar sua aflição. [...] Sou um pobre diabo. Trabalho por três e ganho por meio!". A narração segue com algumas amenidades, para depois retomar o tom aflito: "O teatro há muito tempo não me oferece recurso algum. Para aguentar a vida, escrevo no *País*, no *Correio da Manhã*, na *Notícia*, na *Folha Nova*, de São Paulo, no *Kosmos*, e ainda num jornalete que nunca vi, mas paga alguma coisa".[27]

O que se configura é um homem gentil e amigo de todos, mas, à semelhança do que ocorria com escritores no período, passava por sérias dificuldades financeiras e não podia viver apenas da escrita. Importa mencionar também, como se verá adiante, com a leitura de suas crônicas, que, apesar de seu jeito bonacheirão, sabia usar o talento para ferir quando necessário, tanto em relação às críticas dirigidas às encenações teatrais quanto no caso dos comentários sobre o cenário social e político do país. Não são poucas as polêmicas que envolvem o nome do maranhense.

Dos últimos estudiosos citados, apenas Magalhães aludiu à publicação da revista[28] de modo mais demorado, dando relevância às personalidades que foram biografadas. Informa quais foram os seus principais colaboradores e encerra o seu texto de maneira pouco razoável: "Hoje, as publicações que fundou ou dirigiu [Azevedo] parecem-nos pouco significativas e mesquinhas em seu aspecto gráfico. Mas foram importantes em sua época – em face do atraso de nossa indústria gráfica e do próprio meio em que Artur Azevedo se agitava".[29] Ora, mesmo na contemporaneidade, é improvável que uma revista como *O Álbum*, por exemplo, possa ser considerada fraca em seu aspecto gráfico.

---

[26] AZEVEDO SOBRINHO, Aluísio. Artur Azevedo visto por Aluísio Azevedo Sobrinho. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Retratos de Família*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968. p. 176-191.

[27] Ibid., p. 182-184.

[28] Ao abordar a revista, Magalhães não citou sua data de circulação, mencionando apenas que "deve *O Álbum* ter causada sensação, lá pelos longes de 1892". Retifica-se, então, a informação, pois a data é 1893.

[29] MAGALHÃES Jr., Raimundo. Revistas... fora do palco. In: Idem. *Arthur Azevedo e sua época*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: LISA, 1971. p. 227.

Em específico, há apenas dois trabalhos. Um deles é "*O Álbum* – o último jornal literário de Artur Azevedo",[30] de Augusto Fragoso, publicado em 1958 na *Revista do Livro*, no qual se aborda, de maneira bastante ampla, o conteúdo do periódico e quais foram os seus colaboradores. A maior preocupação do autor foi a de apresentar a revista e mostrar alguns dos textos veiculados, com a finalidade de exemplificar os benefícios que o levantamento do acervo literário e documental constante em revistas e jornais traz à cultura brasileira.

Já o outro texto é de responsabilidade de Alvaro Santos Simões Junior. Trata-se do ensaio "Retratos e poemas d'*O Álbum* (1893-1895) de Artur Azevedo",[31] publicado no livro *Questões de crítica e historiografia literária*. O pesquisador faz apreciações relevantes sobre o periódico no que concerne à sua publicação, às suas pretensões e à sua diagramação. Como fica revelado no título, o seu principal objetivo foi o de estudar as fotografias e os poemas veiculados.

Na tese de Carlos Roberto da Costa, *A revista no Brasil, o século XIX*,[32] apresentada ao Programa de Ciências da Comunicação da USP, há uma abordagem panorâmica de revistas publicadas no final do século XIX, assim, *O Álbum* aparece, de forma semelhante ao trabalho de Fragoso: de modo pouco pormenorizado, com destaque aos seus principais colaboradores e suas fototipias, as quais representariam uma espécie de experimentação no mercado editorial brasileiro, dada a novidade utilizada no processo.

Antonio Martins de Araújo publicou *Arthur Azevedo: a palavra e o riso.*[33] Trata-se de um texto que inicialmente foi sua tese de doutoramento, orientada por Wilton Cardoso, que informa: "além de ter compulsado o que o autor deixou impresso em volume, na maioria dos casos simples folhetos de edições sem circulação regular, [Araújo] escarafunchou esquecidos jornais da corte e da província, embarafustou-se por manuscritos autógrafos e apógrafos [...]".[34]

Por esse comentário, o trabalho de Araújo mostra-se de bastante fôlego, e mesmo sem ter por objeto os periódicos, já que versa sobre a linguagem utilizada pelo comediógrafo em suas peças teatrais e sobre a importância do cômico, ao ir a fundo em seus estudos, analisou a

---

[30] FRAGOSO, Augusto. *O Álbum* – o último jornal literário de Artur Azevedo. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, p. 171-6, dez. 1958. v. 12.
[31] SIMÕES JR, Alvaro S. Retratos e poemas d'*O Álbum* (1893-1895) de Artur Azevedo. In: CAIRO, Luiz Roberto Velloso; MOREIRA, Maria Eunice (Org.) *Questões de crítica e de historiografia literária*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 9-26.
[32] COSTA, Carlos Roberto da. Nova fase de *A Vida Moderna* e *O Álbum*. In: Idem. *A revista no Brasil, o século XIX*. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação). 2007. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 258-260.
[33] ARAÚJO, Antônio Martins. *Artur Azevedo: a palavra e o riso*: uma introdução aos processos linguísticos de comicidade no teatro e na sátira de Arthur Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1988.
[34] CARDOSO, Wilton. Uma quase enciclopédia sobre Arthur Azevedo. In: Ibid., p. XX.

recorrência do riso em cartas, autógrafos e em jornais. Dos últimos, um dos aspectos mais interessantes é quando trata do jornal *O Domingo*, pois é comum, quando se discute a atividade do autor como diretor ou fundador, citarem-se geralmente apenas *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*.

É importante reconhecer o valor daquele periódico, publicado quando Azevedo ainda contava 17 anos, porque revela que se o seu gênio para o drama aflorou bem cedo, aos treze anos, não foi diferente quanto à produção jornalística. Conforme Araújo,[35] no jornal, o jovem criticava figuras importantes da cidade, desencadeando muita confusão por isso.

Além do próprio periódico, Magalhães Junior revela que ele trabalhava como revisor do maranhense *O País*, em cujas oficinas imprimia o seu *O Domingo*. Já na capital, uma experiência muito importante para o futuro autor d'*O tribofe* foi o trabalho como tradutor para o periódico *A Reforma*, de Joaquim Serra. Com certeza, a passagem pela folha marcou Artur Azevedo, já que, segundo Magalhães Junior,

> Joaquim Serra, [foi] um dos precursores do teatro de revista em nosso país, poeta de merecimento e jornalista ilustre, de uma pasmosa versatilidade, pois fazia tudo em sua folha, desde o artigo político à seção teatral e à crônica literária, comentando as últimas novidades do mercado editorial em prosa ou verso.[36]

Tal retrato não é muito diferente do que se faz de Artur Azevedo atualmente; além de, como logo se verá, *O Álbum* ter muitos textos de sua autoria.

Antonio Martins de Araújo também é o responsável pelas introduções esclarecedoras dos seis volumes do *Teatro de Artur Azevedo*, todas de grande valia para um conhecimento maior acerca das publicações do autor. Convém informar que, a partir de 2002, a edição passou a ser feita em dois volumes, como parte integrante da Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro.[37] No total, Araújo escreveu seis textos para a coleção: "A vocação do riso", "Para uma poética de Artur Azevedo", "Ao lado de Artur Azevedo", "As mutações da comicidade", "Artur Azevedo: *homo politicus*" e "Como nasceu o teatro de Artur Azevedo".

---

[35] ARAÚJO, Antônio Martins. *Artur Azevedo: a palavra e o riso*: uma introdução aos processos linguísticos de comicidade no teatro e na sátira de Arthur Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1988. p. 6-11.

[36] MAGALHÃES Jr., Raimundo. O homem de jornal e a imprensa de seu tempo. In: Idem. *Arthur Azevedo e sua época*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: LISA, 1971. p. 16-18.

[37] ARAÚJO, Antonio Martins de. Bibliografia comentada de Artur Azevedo. In: AZEVEDO, Artur. *Teatro de Artur Azevedo.* vols. IV e V. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2002. p. 1730, v. V. (Clássicos do Teatro Brasileiro).

Além de organizar a coletânea, fazer os estudos introdutórios e alterar os textos para adequá-los à língua portuguesa atual, Araújo produziu uma bibliografia comentada sobre todo o tipo de publicação que encontrou acerca de Artur Azevedo. Não se trata de um estudo aprofundado do material, visto que a própria quantidade impediria isso, mas auxilia e orienta o pesquisador interessado na produção do maranhense. Houve preocupação em mencionar vários artigos de revistas e jornais, uma prova de que ainda há muitas fontes primárias a serem estudadas.

Araújo foi quem mais se debruçou sobre a obra de Artur Azevedo, e responsabilizou-se também por uma seleção dos melhores contos do autor, publicada em 2001.[38] No prefácio, o pesquisador ressaltou a atualidade ainda presente nos textos, o riso que aflora das narrativas, a consciência linguística do autor, que procurava entender as evoluções e mudanças pelas quais a língua passava, e o fato do Rio de Janeiro vir representado em suas páginas.

O momento é oportuno para lembrar a falta de estudos sobre os contos de Azevedo, que há pouco tempo se restringiam aos prefácios das compilações. Há livros de teoria literária que citam e mesmo analisam algumas de suas produções, em virtude da oralidade, comicidade e teatralidade sempre presentes; porém, não se faz nada muito sistematizado, assim como há obras de historiografia literária que o trazem como parnasiano, teatrólogo e contista, mas com pouco aprofundamento.

O livro de Josué Montello, *Artur Azevedo e a arte do conto*,[39] apesar de curto – trata-se da reprodução de um discurso proferido na Academia Brasileira de Letras – é importante porque traz um panorama do trabalho de Azevedo como contista, com ênfase na simplicidade da linguagem e do enredo e na proximidade com o leitor. Traça um paralelo entre seus textos e os de Machado de Assis e Coelho Neto, igualmente com outros contistas do XIX, como Maupassant. A influência do teatro na composição dos contos também foi anotada.

A dissertação de Cibele Cristina Morasco, *Fora do palco, dentro da vida:* o contista Arthur Azevedo e o Rio de Janeiro de sua época,[40] também ajuda a preencher a lacuna em relação à produção contística do autor. Em seu trabalho analisou dez contos: "A Ritinha", "Entre a missa e o almoço", "Plebiscito", "A filha do patrão", "O velho Lima", "Vi-tó-zé-mé", "Incêndio no Politeama", "Uma amiga", "O Jaó" e "De cima para baixo", com enfoque nos temas e na estrutura dos textos, sobretudo no que concerne ao riso, ao cômico e ao teatral.

---

[38] ARAÚJO, Antonio Martins. A perenidade do efêmero. In: AZEVEDO, Artur. *Melhores contos*. São Paulo: Global, 2001. p. 7-24.
[39] MONTELLO, Josué. *Artur Azevedo e a arte do conto*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
[40] MORASCO, Cibele Cristina. *Fora do palco, dentro da vida*: o contista Arthur Azevedo e o Rio de Janeiro de sua época. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

É uma pesquisa que pode ser inspiradora a outros estudiosos, tendo em vista que foi feita a análise de uma pequena parcela dos contos.

Na dissertação *Teatro a vapor de Arthur Azevedo:* um olhar satírico sobre o Rio de Janeiro no início do século XX,[41] Simone Aparecida Alves Lima aborda os minidramas "Teatro a vapor" que foram primeiramente publicados no jornal *O Século* entre 1906 e 1908. O brasilianista Gerald M. Moser publicou em 1977, o livro *Teatro a vapor*,[42] que traz os sainetes na íntegra, acompanhados de uma introdução crítica, índice remissivo e explicativo; trata-se de um trabalho muito bem organizado. Simone Lima retomou os sainetes, buscando observar o que os tornam textos dramáticos. Fez um estudo das personagens, tempo e espaço, e acompanhou-o de reflexões sobre o riso e a comicidade que culminam na averiguação desses dois processos nos minidramas.

A respeito do teatro de revista, no livro *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*,[43] Flora Süssekind aborda as revistas de ano e suas características, tomando como ponto de partida os textos de Azevedo, devido ao seu papel como incentivador e cultor do gênero. Em outro livro, *Cinematógrafo de letras*: literatura, técnica e modernização no Brasil,[44] a pesquisadora relaciona a evolução técnica do início do século XX com a produção cultural do Brasil, daí ser um referencial importante para melhor compreender as revistas.

Em 1992, Süssekind publicou o artigo "Crítica a vapor. Notas sobre a crônica teatral brasileira de virada de século".[45] Nesse texto, sistematizou os elementos em que se apoiavam os críticos teatrais, partindo de Artur Azevedo, uma vez que ele é paradigmático em questão de crítica teatral. Os elementos eram: a reação do público, o texto, o desempenho dos atores e a felicidade ou não, por parte do empresário, na escolha da peça. São objeto de análise as crônicas veiculadas no periódico *A Notícia*, na coluna "O Teatro".

No mesmo livro, há o artigo de Rachel Teixeira Valença, "Nas entrelinhas de 'O Teatro'",[46] no qual menciona um projeto que pretendia reunir, publicar e anotar as crônicas de Azevedo veiculadas no vespertino *A Notícia*. Ainda que o projeto não tenha avançado, o texto

[41] LIMA, Simone Aparecida Alves. *Teatro a vapor de Arthur Azevedo*: um olhar satírico sobre o Rio de Janeiro do início do século XX. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
[42] AZEVEDO, Artur. *Teatro a vapor*. Org., intr. e notas de Gerald M. Moser. São Paulo: Cultrix, 1977.
[43] SÜSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
[44] Id. *Cinematógrafo de letras*: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
[45] Id. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 355-404.
[46] VALENÇA, Raquel Teixeira. Nas entrelinhas de "O Teatro". In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 333-343.

é importante, pois enfoca os momentos em que o autor, ao invés de críticas, fez crônicas de caráter bastante informal, com abordagem de temas sobre o cotidiano da capital.

É também de Valença o estabelecimento de texto, notas e estudo linguístico da publicação da revista de ano *O tribofe*.[47] Há um estudo sobre a linguagem utilizada no teatro de Azevedo, assinado pela pesquisadora e um posfácio de Décio de Almeida Prado, que analisa a revista e também tece considerações sobre o advento e sucesso do teatro de revista nas mãos de Azevedo.

As revistas também foram estudadas em trabalhos acadêmicos, como é o caso da tese de José Dino Costa Cavalcanti, *Aspectos cômicos em Arthur Azevedo:* uma análise dos recursos de construção cômica em *A Capital Federal* e em *O mambembe,*[48] em que analisa os elementos discursivos e os efeitos de sentidos por eles provocados nas peças de Azevedo que compõem o título da tese. Além disso, há uma preocupação com os temas e os aspectos de teatralidade que aparecem nas comédias e um estudo da fortuna crítica em relação à produção teatral de Artur Azevedo, acompanhado de uma retomada do contexto histórico e uma biografia do autor.

Outro texto que se debruça sobre a linguagem do autor em suas peças teatrais é a dissertação *A linguagem teatral de Artur Azevedo*[49] apresentada ao Departamento de Artes Cênicas da USP, por Rubens José Souza Brito. Trata-se de um trabalho extenso, que além de abordar as peças escritas por Azevedo, apresenta a faceta dele como encenador, o que é um diferencial.

A tese de Paulo Sérgio Dias, *Colcha de Retalhos.* Artur Azevedo, o teatro que divertia e formava: revistas de ano e *O Mambembe,*[50] apresentada à USP, defende que as revistas de ano, além de proporcionarem divertimento, também eram formadoras de opinião. Para comprovar a tese proposta, o autor aprofunda-se na leitura de *O Bilontra* e *O mambembe*, por meio de diferentes temas. Sugere ainda uma breve aproximação entre Artur Azevedo e a personagem Pestana, do conto "Um homem célebre", de Machado de Assis.

---

[47] AZEVEDO, Artur. *O tribofe*. Estabelecimento de texto, notas e estudo linguístico de Rachel T. Valença. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.

[48] CAVALCANTI, José Dino Costa. *Aspectos cômicos em Arthur Azevedo: uma análise dos recursos de construção cômica em* A Capital Federal *e em* O mambembe. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

[49] BRITO, Rubens J. S. *A linguagem teatral de Artur Azevedo*. 1989. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

[50] DIAS, Paulo Sérgio. *Colcha de Retalhos*. Artur Azevedo, o teatro que divertia e formava: revistas de ano e "O Mambembe". 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Em *Teatro brasileiro de revista:* de Artur Azevedo a São João del-Rei,[51] apresentada à USP em 2002, Alberto Ferreira da Rocha Junior traz um estudo sobre o teatro brasileiro de revista, com ênfase em sua dualidade: cultura erudita x popular, exaltação da ordem x a desordem, dentre outros opostos. Para analisar tais procedimentos, aborda as revistas *O Rio de Janeiro de 1877* (1878), *O bilontra* (1885), *Mercúrio* (1886), *O tribofe* (1891) e *A fantasia* (1895). A tese traz ainda uma revista de José Viegas, autor são-joanense, *São João Del-Rei, falada, musicada, sincronizada e cantada!...* (1994).

Fernando Antonio Mencarelli, no livro *Cena aberta:* a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo,[52] inicialmente sua dissertação de mestrado em história, analisa a revista de ano *O bilontra* (1886), que na época das primeiras representações alcançou estrondoso sucesso, pois se baseava numa história real envolvendo a imprensa, a política e a justiça. Seu estudo abrange também a questão da decadência relacionada ao nome de Artur Azevedo por conta do teatro de revista. Para tanto, Mencarelli tira bastante proveito do material fornecido pelas crônicas "O Teatro" d'*A Notícia*, fato que, além de validar a importância desse tipo de texto para outras pesquisas, valoriza o Azevedo cronista.

A colaboração do autor como cronista, também do periódico *A Notícia*, é tema da dissertação de mestrado "*O Teatro":* Artur Azevedo e as crônicas da Capital Federal (1894 - 1908),[53] apresentada à Unicamp. Nela, Larissa de Oliveira Neves estuda 168 crônicas que realizaram críticas às peças em cartaz na época, de modo a definir o método utilizado por Azevedo em sua abordagem, em um complemento ao trabalho de Süssekind; ademais, analisa a estrutura das crônicas e seu potencial de representar os costumes de uma época.

É também de Neves a tese de doutorado *As comédias de Artur Azevedo:* em busca da história,[54] na qual empreende um estudo da representação do Rio de Janeiro por meio da dramaturgia do autor. Foram analisadas nove comédias, escritas entre 1897 e 1908: *A Capital Federal*, *O Badejo*, *O Retrato a Óleo*, *A Fonte Castália*, *O Mambembe*, *O Dote*, *O Oráculo*, *O Cordão* e *Vida e Morte*. Aliada à preocupação de analisar os aspectos formais dos textos, há, na busca de mostrar o valor estético dos escritos do comediógrafo, um estudo acerca da recepção tanto da crítica quanto do público.

---

[51] ROCHA JUNIOR, Alberto Ferreira da. *Teatro brasileiro de revista:* de Artur Azevedo a São João del-Rei. 2002. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

[52] MENCARELLI, Fernando A. *Cena aberta*: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

[53] NEVES, Larissa de Oliveira. *"O Teatro":* Artur Azevedo e as crônicas da Capital Federal (1894 – 1908). 2002. Dissertação (Mestrado em Teoria literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

[54] Id. *As comédias de Artur Azevedo*: em busca da história. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

Em 2009, a autora desses dois trabalhos, junto com a pesquisadora Orna Messer Levin, publicou o livro *O Theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908).[55] Levin assina o ensaio "Um escritor, vários jornais", no qual faz um panorama das contribuições do autor para imprensa; e Neves apresenta ao leitor o universo carioca retratado nas crônicas de Azevedo, no ensaio "Arthur Azevedo nos rodapés de *A Notícia*", acompanhado de diversas ilustrações. Há, ainda, todas as crônicas da seção "O Teatro" reproduzidas em CD-ROM.

João Roberto Faria, no livro *Ideias teatrais:* o século XIX no Brasil,[56] toca na questão de Artur Azevedo ter sido considerado o responsável, por críticos contemporâneos a ele, pela decadência do teatro nacional. O pesquisador apresenta fragmentos de crônicas, além de alguns textos integrais d'*A Notícia*, da *Gazeta de Notícias* e do *Correio da Manhã*, todos do Rio de Janeiro, nos quais o escritor se defendeu das recriminações. O livro de Faria esclarece o quão injusta foi a crítica finissecular. É fundamental lembrar que tais acusações pareciam ignorar empreendimentos como a revista literária *O Álbum*, por meio do qual Azevedo tentou valorizar a arte nacional.

O livro *Em busca da brasilidade:* teatro brasileiro na Primeira República,[57] de Claudia Braga, apresenta um painel diferenciado do teatro brasileiro no período de 1889 a 1930. A pesquisadora faz uma reavaliação da dramaturgia da época e, para tanto, critica autores como Décio de Almeida Prado, pelo não reconhecimento da relevância das comédias e revistas para o período – o que foi posteriormente retificado pelo crítico teatral. Braga cita Azevedo devido à relevância de suas peças e adaptações.

Livros que têm como tema o teatro de revista mencionam, – como não poderia deixar de ser, – os diferentes trabalhos de Artur Azevedo, mostrando sua importância para a consolidação do gênero no Brasil. É o caso de *O teatro de revista no Brasil:* dramaturgia de convenções (1991) de Neyde Veneziano, e *Viva o rebolado!* Vida e morte do teatro de revista brasileiro (1991) de Salvyano Cavalcanti de Paiva. É possível também encontrar referências ao seu trabalho como cronista e crítico teatral em livros que abordam a história do teatro brasileiro. Porém, são alusões breves e assistemáticas.

É certo que faltam aqui muitos artigos esparsos em jornais e revistas especializadas em teatro, mas é porque se buscou apontar as publicações, que mesmo não sendo específicas, demoraram-se um pouco mais na abordagem do autor ou de sua obra. Àqueles que desejam

---

[55] NEVES, Larissa de Oliveira; LEVIN, Orna Messin (Org.). *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008.
[56] FARIA, João R. Artur Azevedo e a decadência do teatro brasileiro. In: Idem. *As ideias teatrais no Brasil:* o século XIX. SP: Perspectiva, 2001. p. 171-178.
[57] BRAGA, Claudia. Artur Azevedo: um teatro "ligeiro"? In: Idem. *Em busca da brasilidade:* teatro brasileiro na primeira república. São Paulo: Editora Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2003. p. 55-61.

um maior aprofundamento, a consulta ao já mencionado estudo de Araújo pode levar a muitos e diferentes caminhos. Nesta introdução, trilhou-se apenas por livros e trabalhos acadêmicos, com a perspectiva de entender, sobretudo, o escritor Azevedo e sua contribuição à imprensa, além de, é claro, ser fundamental fazer tal pesquisa bibliográfica para conhecer e esclarecer as abordagens existentes sobre o autor.

Ao percorrer diferentes publicações acerca do maranhense e sua obra, ficou bem nítida a falta de estudos sobre sua produção, cuja boa parte ainda está dispersa em periódicos; igualmente o vácuo se apresenta mesmo em relação às suas revistas de ano e peças teatrais, haja vista o número alto de sua produção. Isso também ocorre com seus contos e poemas. A respeito dos últimos, Bilac afirmou: "[Artur Azevedo] foi um poeta lírico como poucos; e isto já é um grande louvor, em uma terra em que há tantos poetas líricos de primeira ordem. Há sonetos de Artur Azevedo que sempre hão de figurar em todas as antologias da nossa língua".[58] Sobre aparecer em antologias, o príncipe dos poetas estava correto, mas ainda não foi o suficiente para despertar o interesse de pesquisadores.

A respeito da revista *O Álbum*, com o estudo aqui empreendido, algumas lacunas a respeito de Artur Azevedo e seu trabalho como artista e jornalista puderam ser sanadas. Devido à heterogeneidade do conteúdo veiculado, foi possível vê-lo como cronista, contista, poeta, crítico teatral, resenhista de obras literárias e substancialmente como diretor de uma revista literária. Porém, mais uma vez é importante destacar que a pesquisa não tinha como intuito – e nem poderia – esgotar o conteúdo da revista. Ainda que tenha sido feita a incursão por vários dos diferentes textos veiculados, o recorte privilegiou a colaboração de Azevedo como cronista e diretor.

Assim, para além das possibilidades abertas em relação ao trabalho de Artur Azevedo, a revista mostra-se um manancial passível das mais variadas propostas de abordagem. Há n'*O Álbum* textos de teor romântico, realista, parnasiano e simbolista, trazendo, em especial no último caso, uma produção ainda desconhecida e comprovadora da definição presente no verbete Realismo/Naturalismo, da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* de que: "o século XIX é um campo onde se cruzam e entrecruzam, avançam e recuam, atuam e reagem umas sobre as outras ora se prolongando ora opondo-se diversas correntes estéticas e literárias".[59] A revista em questão, com sua abertura às mais diferentes produções, corrobora esse conceito.

---

[58] BILAC, Olavo. Artur Azevedo. In: DIMAS, Antonio (Org.). *Vossa Insolência*: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 105-111.

[59] COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. (Dir.) Realismo/Naturalismo. In: Idem. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2. ed. rev., ampl., atual. e ilust. São Paulo: Global; Fundação Biblioteca Nacional; INL; Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 1343. v. 2.

Explicitadas tais questões, descreve-se a estrutura da dissertação:

No primeiro capítulo, há uma apresentação geral da revista, com o cuidado de apontar o momento, tanto social quanto literário, em que circulou, assim como proporcionar um panorama dos colaboradores e textos veiculados. Ressalte-se que, mesmo nessa parte de introdução à revista, a ênfase recai sobre a produção de Artur Azevedo.

O segundo capítulo traz, em específico, a leitura da seção "Crônica Fluminense". Isso se justifica porque o intuito maior da presente dissertação é tratar do trabalho de Azevedo como cronista e diretor da revista literária, dois perfis que a leitura de sua crônica permite alcançar.

No terceiro e último capítulo, aborda-se a seção "Teatros", que Artur Azevedo assinou com o pseudônimo X.Y.Z. A leitura dessa crônica possibilita distinguir muitos dos elementos já apontados como comuns – em outros estudos – na crítica teatral azevediana e, ainda, um melhor entendimento da dramaturgia no final do século XIX.

Capítulo Primeiro
O ÁLBUM: REVISTA LITERÁRIA DE ARTUR AZEVEDO

> Diante de um runimol de fatos graves, uns de escândalo, outros de mágoa, alguns de riso, perco logo as estribeiras da calma e da correta impassibilidade do historiador que deve haver sempre ao cronista e desato a bradar, a chorar, a rir, indignado, comovido, desopilado, envolto no tropel de fatos, através da tiras de papel, num turbilhão...
> Ora isso não serve, mormente ao *Álbum*, folha ligeira, despretensiosa, sem outro escopo que fixar algumas fisionomias graficamente, físicas e morais, e borboletear pelo jardim das letras, que é o de Armida, se o compararmos ao da Política – que é o das Hespérides...[1] ou o Zoológico, às vezes.[2]

[1] Armida foi uma das mais belas e sedutoras heroínas de Jerusalém. Alude-se ao jardim de seu palácio como representativo de um lugar que fascina pelas graças e encantos. Já as deusas Hespérides eram donas de um jardim onde existia uma macieira que dava pomos de ouro. Desse jardim saiu o famoso "pomo da discórdia". Informações retiradas de OLIVER, Nelson. Armida. In: Idem. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 348 e BULFINCH, Oliver. Hércules. In: Idem. *O livro de ouro da mitologia*: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Junior. 8. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 176-185.
[2] VALENTE, Marcos. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 22, p. 171, maio 1893.

Ao substituir brevemente Artur Azevedo na elaboração da "Crônica Fluminense", Valentim Magalhães, assinando Marcos Valente, fez um comentário interessante sobre a revista em estudo, ao qualificá-la como uma folha ligeira que borboleteava pelos jardins das letras. Embora a colocação seja pertinente, é perceptível que para Azevedo sua folha não tinha nada de despretensiosa, pois, como explicou no "Cavaco preliminar": "parece-nos que na época de renovação que atravessamos, neste surgir constante de novas fisionomias, nesta volatização social de figuras do segundo império, uma folha deste gênero terá mais tarde seu valor documentário".[3]

O escritor tinha razão. Com seus cinquenta e cinco números, *O Álbum* traz diferentes e importantes informações para um melhor entendimento do momento literário e social em que foi publicado. Partindo dessa perspectiva, a presente dissertação visa entender a revista como um fenômeno ligado à vida social, e por isso se propõe uma breve passagem pelas revistas publicadas na epóca finissecular no Rio de Janeiro, com vistas a conhecer em qual panorama o projeto de Azevedo foi lançado, em conformidade com o lúcido apontamento de Ana Luiza Martins de que a revista só é válida como fonte documental "se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos".[4]

Tais elementos podem ser complementados com alguns apontados por Tania Regina de Luca, os quais sejam: "a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física [...] a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público que visava atingir, e os objetivos propostos". E ainda, deve-se buscar "identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos".[5] Nota-se que a tarefa de vasculhar em periódicos é árdua e exige muito mais do que apenas a retomada do material; é preciso levar em consideração os fatores externos e internos reguladores da publicação.

Sobre suas condições de produção, sabe-se que no século XIX e ainda no início do XX, existia uma grande dificuldade para se publicar, fossem livros ou periódicos. Os motivos são das mais variadas ordens: obstáculos para impressão, problemas para se encontrar mão-de-obra especializada, escassez de recursos financeiros, e o pior: a falta de um público leitor.

---

[3] A.A. Cavaco preliminar. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, jan. 1893.
[4] MARTINS, Ana Luiza. A que se deve. In: Idem. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, FAPESP, 2001. p. 21.
[5] LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 138-140.

Sevcenko,[6] citando um artigo publicado por José Veríssimo em 1900, aponta que a taxa de alfabetizados no Brasil em 1890 era de 16 ou 17 para cada cem habitantes. O dado é próximo da data de circulação d'*O Álbum*, e mostra que sua produção se deu em um país de poucos leitores.

A esse respeito, o testemunho de Valentim Magalhães é elucidador. De acordo com sua crônica publicada no jornal *Farol*, de Juiz de Fora, e reproduzida nas páginas d'*O Álbum*, o ano de 1892 teria sido tão pobre em relação à produção literária que não haveria nada para escrever a respeito. O problema estava relacionado à falta de leitores, e segundo o poeta: "os romancistas, comediógrafos, críticos e poetas – que muitos havia e bons! – não tendo leitores nem, principalmente, editores, deram de mão a trabalhos literários, e foram tratar de outros ofícios, menos gloriosos, talvez, mas, de certo, muito mais alimentícios".[7]

Martins[8] menciona que a historiografia vem confirmando a ligação entre o aumento da população alfabetizada e o maior consumo de leitura. Ora, uma revista literária para um lugar com poucos leitores corria sério risco de fracasso. Talvez por esse motivo, Azevedo tenha tido de arcar com as despesas da revista sem apoio financeiro de terceiros, como ele informou: "a empresa deste periódico dispõe de recursos que lhe asseguram, pelo menos, um ano de existência, independentemente do auxílio público".[9] O periódico também era isento de propagandas, importante subsídio financeiro para esse tipo de publicação.

Além da ausência de publicidade – provavelmente pela pretensão de que *O Álbum* não fosse corrompido de seu *status* de veículo artístico por propagandas de xaropes, por exemplo, – não havia desenhos, charges ou caricaturas, de modo que seu único chamariz visual era a fotografia, por sinal, bastante sisuda por se tratar de um retrato. A exclusão de outros tipos de ilustração causa certo estranhamento, uma vez que, na época, como a taxa de analfabetos era alta, os periódicos que traziam charges e desenhos humorísticos, alcançavam grande sucesso porque a mensagem veiculada era intelígivel para um maior número de pessoas.

Segundo Andrade,[10] foi no Rio de Janeiro, em 1827, com a fundação de uma oficina litográfica, que surgiram as condições para a publicação de caricaturas, e, em 1837, o *Jornal do Comércio* lançou sua primeira folha solta com caricaturas. No entanto, a dificuldade em

---

[6] SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: Idem. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 88.
[7] COSIMO. Verdades. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 20, jan. 1893.
[8] MARTINS, A. L. Oficinas da palavra. In: Idem. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, FAPESP, 2001. p. 198.
[9] A.A. Cavaco preliminar. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, jan. 1893.
[10] ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. A imprensa ilustrada brasileira no século XIX. In: Idem. *História da fotorreportagem no Brasil*: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 27-49.

relação às tecnicas de impressão, faria com que ainda demorasse para florescer uma imprensa que se utilizasse regularmente de ilustrações.

Sobre publicações que se aproveitaram de ilustrações, Sodré[11] informa que em 1844 surgiu a *Lanterna Mágica* (1844-1845). Uma década depois, apareceu a *Ilustração Brasileira*, com nove números nos anos de 1854 e 1855. Somente em 1855 o gênero se firmou, com o *Brasil Ilustrado*, de Henrique Fleiuss – caricaturista alemão radicado no Brasil – que também foi o responsável pela *Semana Ilustrada* de 1860 a 1876. Ainda Fleiuss lançaria a *Ilustração Brasileira* (1876-1878) e a *Nova Semana Ilustrada* (1880).

Interessa comentar as revistas próximas à data de publicação d'*O Álbum***,** para se perceber qual o diferencial que a revista de Artur Azevedo trouxe ao mercado. Em 1885, foi lançada *A Semana*, dirigida por Valentim Magalhães. De acordo com Andrade,[12] tratava-se de uma revista convencional, que veiculou imagem apenas a partir do número 14 por meio da técnica da litografia. Após dois anos de circulação, encerrou suas atividades e retornou em 1893 – mesmo ano d'*O Álbum* –, com o emprego da autotipia, uma técnica que não resultava em imagens tão nítidas quanto as da fototipia, mas que permitia a impressão, numa mesma página, de imagem e texto. Eram seus colaboradores, Machado de Assis, Raul Pompeia, Lúcio de Mendonça, Rodrigo Otávio e Fontoura Xavier, dentre outros. Entre idas e vindas, durou de 1885 a 1895.

Em 1889, apareceu a revista *A Vida Fluminense* – periódico ilustrado, literário e esportivo, com direção de Henrique Stepple, cujos redatores eram França Junior, Artur Azevedo e Pereira Silva. A ilustração ficava a cargo de Antonio Alves do Valle de Sousa Pinto, Teixeira da Rocha Vale e Hilarião Teixeira. A revista alcançou a marca de 37 números e parou no ano seguinte, 1890. De acordo com Andrade, os desenhos de Teixeira da Rocha eram de uma precisão impressionante. O mesmo se pode afirmar sobre a arte de retratista do litógrafo Valle.

No ano de 1893, encerrou-se *O Mequetrefe*, que tinha iniciado a publicação em 1875, e contou com colaboradores como Artur Azevedo, Filinto de Almeida, Olavo Bilac, Henrique Lopes de Mendonça e Raimundo Correia. De seus ilustradores pode-se destacar Aluísio Azevedo e Candido Aragonez. Dentre as técnicas empregadas estavam a xilogravura e a litografia.

---

[11] SODRÉ, Nelson Werneck. A imprensa do império. In: Idem. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 280-285.

[12] ANDRADE, J. M. F. de. As décadas de 1880-1890: rumo à fotorreportagem. In: Idem. *História da fotorreportagem no Brasil*: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 203-241.

É preciso mencionar *A Estação*, cujo início foi em 1872 e o encerramento em 1904. Em 1893, a revista apenas alterou valores, mas não parou a sua publicação devido à revolta. Tratava-se de uma publicação com um público específico, o feminino, que, sob a direção de Henrique Lombaerts, manteve sua proposta editorial até encerrar-se. Sua parte ilustrada era composta de gravuras de modas, figurinos coloridos à aquarela e moldes em tamanho real. Dentre seus colaboradores mais ilustres pode-se destacar Machado de Assis e Artur Azevedo.

Já em relação a lançamentos, houve um hiato no ano de 1894 e, em 1895, Agostini lançou *Dom Quixote*, que circulou até 1903; de sua parte, Julião Machado deu início à revista *A Cigarra* também em 1895 e depois à revista *A Bruxa*, nos anos de 1896-1897, junto de Olavo Bilac. Após o encerramento desta última, o português ainda se aventuraria com a folha *Mercúrio* (1898). Quanto à "ilustre cantora", uma hipótese sobre seu lançamento seria a de entrar no espaço deixado pelo *Álbum*, mas, ainda assim, sua duração foi efêmera, tendo início em maio e encerramento em outubro do mesmo ano. Em 1895, José Veríssimo relançou a *Revista Brasileira*, que circulou até 1899.

Quanto à ilustração desses periódicos, nenhum deles fez uso da fototipia. Ferreira,[13] ao comentar a paixão de Henrique Lombaerts por revistas de artes, menciona a revista *Galeria Contemporânea do Brasil*, de agosto de 1884, talvez com um único número veiculado, e que trouxe o retrato de Machado de Assis, provavelmente pelo processo da fototipia. Assim, *O Álbum* teria materializado o sonho frustrado da *Galeria*. Isso é representativo de que a revista de Artur Azevedo deve ter causado frisson quando lançada e leva à percepção de que, talvez, seu maior diferencial em relação às publicações de suas contemporâneas, tenha sido o retrato, que poderia, inclusive, ser guardado em uma moldura de vidro, enquanto o periódico não, pois ficava sujeito ao descarte. Ainda que *A Cigarra*, por exemplo, trouxesse fotos muitos nítidas, não vinha em um papel especial.

Embora algumas dessas publicações tenham tido uma duração efêmera, o número é notável e mostra que nos oitocentos, já havia um público adaptado a folhear periódicos com ilustrações divertidas e satíricas e com textos literários. Por isso, espanta a opção de Artur Azevedo de lançar uma revista, com textos do início ao fim, lembrando que a foto vinha num encarte, em separado. Uma possível inspiração poderia ter sido a revista francesa *Revue des Deux Mondes*, festejada no período, cujo conteúdo era solene, com anúncios esporádicos,

[13] FERREIRA, Orlando da Costa. A litografia no Brasil. In: Idem. *Imagem e letra*: introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. p. 179-251.

além de um aspecto gráfico bem discreto, sem divisão em colunas. [14] Pode-se supor que seu intuito fosse o de preencher um vácuo no que concerne a um material estritamente literário, no Brasil, com alento na edição francesa.

Observando todos os periódicos supracitados, os anos de 1893 a 1895 parecem sofrer com certa esterilidade, em relação ao segmento literário e de ilustrações. Havia *O Mequetrefe* que chegou até 1893, e depois *A Bruxa*, que teve início em maio de 1895. Quanto à revista *A Semana*, devido às intermitências, estava fora de circulação, quando do lançamento d'*O Álbum*, como confirma o comentário de Filinto de Almeida, ao dizer que a revista de Artur Azevedo era "absolutamente digna dos altos espíritos que a redigem e dirigem, é superior ao que merece nosso país, que deixou morrer a *Revista Brasileira*, a *Semana*, a *Vida Moderna* e algumas outras publicações que honraram nossa literatura com ingentes e nunca reconhecidos esforços".[15]

Ainda sobre *A Semana*, é interessante retomar a polêmica que ocorreu entre ela e a *Vida Moderna* (1886-1887), dirigida por Artur Azevedo e Luís Murat, porque, passados sete anos do encerramento da última, Valentim Magalhães seria o responsável pela substituição de Artur Azevedo na direção d'*O Álbum* durante três números, quando o diretor se ausentou para realizar uma viagem à Bahia.

Conforme Maria Melo,[16] as páginas d'*A Semana* reuniam uma "igrejinha" composta por Machado de Assis, Olavo Bilac, Julia Lopes, Aluísio Azevedo e Raimundo Correia, dentre outros. Contra esse círculo, teria sido lançada *Vida Moderna*, que reunia Moreira Sampaio, Araripe Junior, Raul Pompeia, Coelho Neto, Rodrigo Otávio, quase todos republicanos. O clima de animosidade é evidente no romance *A Conquista* (1893), quando Anselmo (Coelho Neto) relata seu encontro com Luís Moraes (Luís Murat), que o convidou para participar da nova empreitada:

> - Que título tem a revista?
> - *Vida Moderna.* Vai sair magnífica, hás de gostar.
> - Você e o Artur?
> - Eu e o Artur.
> - Pois trago amanhã os contos.
> - Quantos tens?

[14] MARTINS, A. L. De revistas, hebdomadários e magazines. In: Idem. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, FAPESP, 2001. p. 75-78.
[15] ALMEIDA, Filinto de. A crítica teatral: carta aberta a Paula Nei. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 18 jan. 1893.
[16] MELO, Maria Tereza Chaves de. O sorriso da intrusa: a ideia de República como cultura democrática e científica. In: Idem. *A República consentida*. São Paulo: FGV, 2007. p. 93-148.

> - Cinco ou seis.
> - Pois traze todos amanhã e vais ver como se desmantela uma igrejinha. Conto com pouca gente, mas sou como Gedeão: nada de fracos na falange, nada de exércitos de Xerxes - um pugilo de espartanos. Eles lá têm gente a valer... Mas que gente! Enfim, trazes amanhã sem falta?[17]

Com essa pretensão de abalar a rival, a revista dirigida por Azevedo e Murat deve ter começado com um tom polêmico, fato que provavelmente rendeu frutos tanto para Magalhães quanto para os dois primeiros, pois esse tipo de acontecimento era uma espécie de chamariz para leitores. E se, como se comentou na introdução, *O Álbum* foi uma espécie de continuador da revista de 1886, é bem possível que Azevedo tenha visto na suspensão de sua antiga "concorrente" um bom momento para lançar sua revista literária.

No entanto, a suspensão foi passageira e, ainda em agosto de 1893, *A Semana* voltou a circular, conforme anunciou o próprio Artur Azevedo: "reapareceu a *Semana*, o legendário e saudoso periódico de Valentim Magalhães. Já se exibiram neste primeiro número alguns dos colaboradores da primitiva; todos os outros irão aparecendo pouco a pouco. Salve!"[18] Pelo tom amigável de recepção à volta da revista e pelo fato de Valentim ter substituído Azevedo na direção d'*O Álbum*, torna-se viável afirmar que qualquer rusga ocorrida pelos idos de 1886 desaparecera.

Também estava suspensa, desde 1881, a *Revista Brasileira*, que voltaria numa terceira fase apenas em 1895. Seu retorno foi anunciado por Artur Azevedo, junto à lastimável notícia do encerramento, – este derradeiro, – d'*A Semana*. O pequeno comentário é elucidativo e valida a já comentada consciência do escritor em relação ao valor documental de publicações como revistas literárias:

> Folgo de ver que as condições penosas da nossa existência literária e o exemplo, dolorosamente característico, do desaparecimento da *Semana* – *cujas coleções os pósteros hão de comprar a peso de ouro*, – não desanimasse os valentes operários da literatura que acabam de lançar aos ventos da publicidade o primeiro número da *Revista Brasileira*.[19]

Junto dessa noção, o trecho sugere ainda um cenário pouco animador para as revistas literárias. Naturalmente, os escritores não contavam apenas com publicações especializadas para divulgar seus textos; havia diversos jornais que abriam espaço para a colaboração

[17] COELHO NETO, Henrique Maximiano. *A Conquista*. 5. ed. Porto: Lello & Irmão, 1897. p. 283.
[18] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 33, p. 258, ago. 1893.
[19] A.A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 54, p. 12, jan. 1895. (grifo nosso)

literária, garantindo reconhecimento e alguma remuneração, casos do *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*, *A Notícia*, *O País*, *Gazeta da Tarde* e *Cidade do Rio*, dentre outros. Sobre as diferenças entre os veículos, Martins pondera que, na época, "o pêndulo entre jornalismo e literatura batia mais ritmado. Um divulgava e pagava; o outro qualificava, divulgava restritamente e, eventualmente, pagava".[20] Nesse período, a profissionalização dos escritores se esboçava, e eles percebiam, nas publicações periódicas, a possibilidade de posicionarem-se como autores lidos e reconhecidos.

Por isso, cabe dar ênfase ao caráter empreendedor de Artur Azevedo, que mesmo num momento que parecia pouco propício para publicações como *O Álbum*, arriscou-se e lançou a sua revista no mercado. Essa atitude torna possível supor, ainda, que com um periódico estritamente literário, com uma diagramação bastante tradicional, sem espaço nem mesmo para propagandas, o autor tentasse mostrar seu envolvimento com uma cultura mais voltada ao "erudito", haja vista o fato de que seu nome sempre esteve envolvido, entre seus colegas, em assuntos relacionados à decadência do teatro nacional, devido às suas revistas de ano.

Mas voltando à questão do vácuo acerca de publicações literárias no ano de 1893, num primeiro momento, parece que Artur Azevedo soube aproveitar um espaço vazio no mercado para lançar seu *Álbum*, de forma a ter garantidos tanto o público quanto os colaboradores. Contudo, é preciso questionar: qual o real motivo dessa estagnação? A época seria mesmo propicia para lançar uma folha, que, de acordo com a descrição de Valente,[21] era "ligeira, despretensiosa, sem outro escopo que fixar algumas fisionomias e morais, a borboletear pelo jardim das letras, que é o de Armida"?

O final do século XIX e o início do século XX no Brasil tiveram um cenário político conturbado. Resultado de instabilidade de longa data, acirrada pela abolição da escravatura e pelas dificuldades financeiras que assolavam o país, a defesa, entre vários intelectuais e militares, da necessidade de supressão da monarquia foi confirmada em 15 de novembro de 1889, quando o marechal Deodoro, mesmo adoentado, assumiu o comando de operações militares que levaram ao cerco de Visconde do Ouro Preto. As tropas desfilaram pelas ruas da capital sem encontrar oposição. É famosa a frase de Aristides Lobo de que "o povo assistiu bestificado à proclamação da República".[22]

Também Artur Azevedo, no conto "O velho Lima", mostrou um personagem que exemplificaria essa população "bestializada". Trata-se da história de um funcionário público,

[20] MARTINS, A. L. Sob o signo da mudança. In: Idem. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, FAPESP, 2001. p. 141.
[21] VALENTE, Marcos. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 22, p. 171, maio 1893.
[22] MARTINS, Ana Luiza. Surpresa geral. In: Idem. *O despertar da República*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 26.

– o velho Lima, – que caiu adoentado no dia 15 de novembro e não soube dos eventos. Ao voltar para a rua, a caminho do trabalho, não entendeu as manifestações que presenciou devido à nova situação política, encerrando-se assim o caso, ao questionar seus colegas de trabalho sobre a retirada de um quadro da repartição:

> - Por que tiraram da parede o retrato de sua majestade?
> O contínuo respondeu num tom lentamente desdenhoso:
> - Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana?
> - Pedro Banana! - repetiu raivoso o velho Lima.
> E, sentando-se, pensou com tristeza:
> "Não dou três anos para que isto seja república!"[23]

Sobre essa versão da população espantada, Martins[24] tomou o cuidado de desmitificar um entendimento falacioso a que esses textos poderiam levar. O que deixou a população estupefata não foi a proclamação em si, pois isso já era esperado por todos. A surpresa estava no modo como as coisas ocorreram, com o apoio de representantes conservadores do exército, e pacificamente, ao contrário, por exemplo, do que calculava o republicano Silva Jardim, que esperava uma tomada à Bastilha. Aliás, na verdade, um grupo de abolicionistas e republicanos reunidos na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, entre eles José do Patrocínio, adiantou-se e proclamou a república antes dos chefes militares.

Entretanto, longe de trazer pacificação ao país, a proclamação acirrou a disputa pelo poder entre os militares e a oligarquia, além daqueles que brigavam pela volta da monarquia. Quando da eleição presidencial, circunscrita aos membros da assembleia constituinte, a tensão piorou. Os quartéis deram apoio aos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto; enquanto lideranças dissidentes, civilistas, inclinaram-se pelos nomes de Prudente de Morais e do almirante Wandenkolk. No dia 25 de fevereiro, os dois chefes militares foram eleitos Presidente e Vice-Presidente da República.

Teve início em 1889 a denominada República da Espada, primeiro com Deodoro e depois com Floriano no poder até 1894, quando Prudente de Morais assumiu a presidência. Foi um período marcado por revoltas, sérios desentendimentos políticos, que resultou, como não poderia deixar de ser, no surgimento de inúmeros jornais preocupados em discutir o cenário político. Nesse caso, não apenas partidários políticos envolveram-se com publicações; inúmeros literatos, mostrando-se bastante engajados, também participaram para defenderem seus ideais. Os maiores exemplos são Olavo Bilac, Pardal Mallet, Coelho Neto, Luís Murat e

[23] AZEVEDO, Artur. O velho Lima. In: Idem. *Melhores contos*. São Paulo: Global, 2001. p. 154-157.
[24] MARTINS, A. L. Surpresa geral. In: Idem. *O despertar da República*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 26.

José do Patrocínio, com os jornais antimonarquistas *A Rua* (1889), que contava com Raul Pompeia, e *O Meio* (1889), e depois o antiflorianista *O Combate* (1892).[25]

Nesse ínterim, *O Álbum* ainda não tinha aparecido, e foi justamente no pior ano da República em termos de revolta e conflitos internos, 1893, que Artur Azevedo deu início a sua revista literária. Pelo panorama apresentado, em relação às publicações especializadas em literatura, pode-se concluir que o escritor achou um mercado promissor para lançá-la, não imaginando, porém, os graves problemas que o país enfrentaria. Relembrando o programa inicial, que saiu no dia primeiro de janeiro de 1893, a revista pretendia ser alheia à política, até porque já havia inúmeras folhas no país trazendo esse tipo de assunto. Mas com a Revolta da Armada e tantas outras convulsões assolando a capital, isso se tornou praticamente impossível.

É por ser um período tão conturbado, com uma cisão entre os intelectuais defensores de Floriano Peixoto e aqueles contrários ao seu governo, que se pode tentar explicar a ausência, na revista, de textos de escritores renomados no período, como Coelho Neto e Raul Pompeia. O primeiro era um antiflorianista convicto, ao contrário do segundo, que apesar de ser favorável ao Marechal como era Azevedo, talvez tivesse uma personalidade exaltada demais. Olavo Bilac também atacava o governo de Peixoto e, junto a Coelho Neto, foi exilado em Minas, mas isso parece não ter abalado a relação entre o comediógrafo e o poeta, pois este participou d'*O Álbum*.

Como se sabe, são todas personalidades ligadas à boemia carioca, um grupo formado por intelectuais vindo de diversas regiões do país com um ideal em comum: viver da escrita, logo ampliado para a conquista da Abolição e da República. Conforme Brito Broca,[26] a conturbada década de 1890 desestabilizou a produção literária brasileira, de forma que a geração boêmia, no início de 1900, já se tinha aburguesado; foi o caso de Aluísio Azevedo, Coelho Neto e Olavo Bilac. Teriam sido dois os fatores decisivos para a decadência da boemia: a criação da Academia Brasileira de Letras em 1897, e a modernização do centro do Rio, a partir de 1902. Na verdade, as uniões e rompimentos eram constantes no interior desse grupo, sobretudo por diferenças políticas; basta atentar para o fato de que, até a conquista da Abolição, o grupo permaneceu coeso.

Dentre as figuras da boemia, cabe destacar Paula Nei, que atuou como agente geral da revista. Figura de enorme popularidade no Rio de Janeiro, passou sua mocidade vivendo do

[25] SILVA, Ana C. F. da. *Entre a pena e a espada*: literatos e jacobinos nos primeiros anos da República (1889-1895). 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
[26] BROCA, Brito. Capítulo II. In: Idem. *A Vida literária no Brasil* – 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005. p. 39-53.

que lhe rendia sua atividade na imprensa diária. Escreveu poesias, mas na contemporaneidade é mais conhecido por seus discursos e por atitudes como a narrada por Broca: quando o cearense se viu excluído dos quarenta eleitos da Academia Brasileira de Letras, lançou a Academia Livre de Letras, com o intuito de hostilizar a primeira, convidando boêmios não aceitos na agremiação de Machado.[27] Foi também um florianista convicto, e talvez tenha vindo daí a parceria: além de compartilhar com Artur Azevedo o apoio ao regime em vigor, era uma personalidade de destaque em sua época, que provavelmente conseguiria atrair colaboradores e assinantes.

Por questões de ideais políticos ou não, na verdade, como aponta Simões Junior,[28] entre os biografados e retratados d'*O Álbum* há grandes ausências, como os dois prosadores já citados, Coelho Neto e Raul Pompeia; faltam, ainda, os poetas Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Cruz e Sousa; entre os críticos, falta a tríade composta por José Veríssimo, Araripe Junior e Sílvio Romero. Pode-se supor que a presença de políticos e pessoas da alta sociedade, por exemplo, tenha a ver com o aspecto financeiro. Há ainda que se levar em conta a questão das amizades e da presença de figuras com algum tipo de vínculo com o universo teatral.

Essas reflexões poderiam levar à ideia de que talvez a revista *O Álbum* não se tenha constituído como um polo agregador de intelectuais em torno de alguma causa relacionada a questões ideológicas ou artístico-literárias. Entretanto, retomando o "Cavaco preliminar", quando Azevedo mencionou que mais tarde a sua folha teria valor documental, é possível perceber o esforço em se criar a memória de um grupo, que trazia a marca do cruzamento de diferentes estéticas. Assim, na revista, a heterogeneidade obteve ares de norma.

Sobre essa miscelânea, Martins, apesar de não tratar especificamente d'*O Álbum*, faz um comentário apropriado, ao dizer que nas publicações do entre-séculos XIX e XX, havia um pouco de tudo, como um agonizante romantismo, um naturalismo *à clef*, e os prenúncios do simbolismo, permitindo e estimulando a coexistência de diferentes pontos de vista. E conclui que a revista foi embalagem industrial moderna para textos de fatura parnasiana: defasagem cultural e contradição.

A propósito da diversidade de colaborações n'*O Álbum*, há uma nota esclarecedora ao final de uma página da revista, que veiculou o seguinte apelo: "Pedimos encarecidamente aos nossos colaboradores que continuem a honrar-nos com os seus escritos. O *Álbum* é uma folha

[27] BROCA, B. Capítulo V. In: Idem. *A Vida literária no Brasil* – 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005. p. 87-120.
[28] SIMÕES Jr., A. S. Retratos e poemas d'*O Álbum* (1893-1895) de Artur Azevedo. In: CAIRO, L. R. V.; MOREIRA, M.E. (Org.) *Questões de crítica e de historiografia literária*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 16.

aberta a todas as inteligências e aptidões".[29] Ou seja, apesar de ser "a revista de Azevedo", longe de tratar-se de um aspecto negativo, tornou-a um veículo aberto para novos artistas e também para os consagrados, sem esquecer-se dos antigos, dialogando eficazmente com as transformações políticas e estéticas de seu tempo, sem deixar de olhar para trás.

Tal conclusão possibilita refletir a respeito do papel de Azevedo como um intelectual do século XIX. Teria sido um homem inovador, retrógrado ou de seu tempo? Costuma-se tratá-lo como um homem de seu tempo, o que realmente foi. Mas é possível tentar entendê-lo por outro prisma: através da distinção assinalada por Umberto Eco, entre apocalípticos e integrados.[30] Apesar de Azevedo e o italiano serem de contextos diversos, e a nomenclatura ser mais voltada para críticos, ela é apropriada.

Explica-se: como homem do teatro, ainda que não aceitasse muito bem as novidades do teatro naturalista, reconhecia que talvez seu espírito não estivesse pronto. Mesmo acusado de deturpar a cena teatral brasileira devido às suas revistas de ano, foi uma exceção ao valorizar as expectativas do público, aclimatando peças estrangeiras ao gosto nacional. Mesmo aficionado por artistas franceses, tinha um profundo respeito pelo teatro autóctone. Seus contos, além da simplicidade e proximidade com o leitor, mostram um escritor despreocupado com os preceitos estéticos que guiavam as produções de seu tempo. A respeito de sua atuação como diretor d'*O Álbum*, apesar das críticas e da falta de compreensão em relação a alguns textos com características simbolistas, não deixou de veiculá-los. Partindo dessa perspectiva, Azevedo seria um integrador.

1.1 A revista *O Álbum*

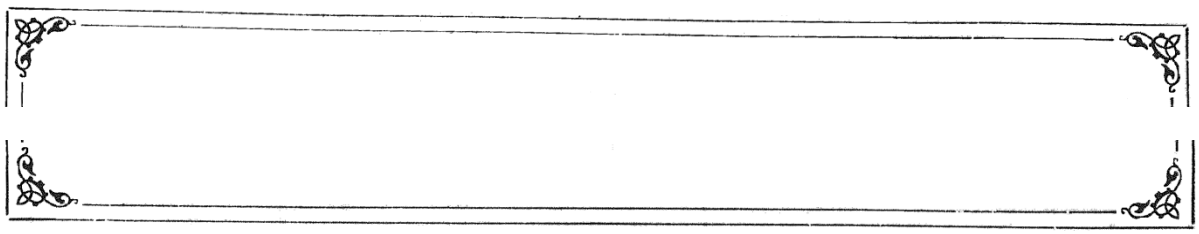
A revista contava com 8 páginas de texto escrito e um encarte em que se veiculava o retrato do biografado da semana. Sua dimensão era de aproximadamente 23,4cm de largura X 32cm de altura. Ao alto da primeira página de cada edição, constava o ano da revista, o número do exemplar, o mês e o ano de publicação. Após essas informações, seguido de um traço, aparecia o título da revista, em letras arredondadas, envolto num ramo todo contorcido, bastante sugestivo do estilo *art nouveau*. No meio da folhagem é possível reconhecer também uma pena, provavelmente representando a arte da escrita.

---

[29] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 360, abr. 1894.
[30] ECO, Umberto. Cultura de massa e "níveis" de cultura. In: Idem. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 33-67.

Abaixo do título, apareciam os nomes de Artur Azevedo como diretor e de Paula Nei como agente geral. Após essas informações, constavam os valores da venda avulsa e da assinatura, além do aviso da publicação sair em dias indeterminados. Separado por um traço, havia o endereço da direção da revista. Essa estrutura permaneceu ao longo de toda a publicação, havendo algumas alterações no que concerne aos parceiros de Artur Azevedo no comando da revista.

Após esse cabeçalho, abria-se uma espécie de moldura que encerrava todas as outras páginas, com exceção do retrato. O desenho é bem simples, mas fazia toda a diferença na diagramação, deixando-a mais bonita. São duas linhas paralelas, sendo que a interior se fecha nas quatro pontas por meio de um pequeno desenho, cujo feitio também remete ao *art nouveau*.



O primeiro item, que aparecia dentro dessa moldura, era um sumário, bem simples, preocupado apenas em indicar os nomes dos textos e seus autores, sem a paginação. Não constava dele a página do retrato, porque, como se informou, era um encarte que não entrava no corpo da revista. Segue abaixo, o sumário do primeiro número, cujos textos foram longos, não havendo, por isso, uma colaboração muito extensa.

SUMMARIO

Cavaco Preliminar	A. A.
Carlos Gomes	A. C. de Menezes.
Chronica Fluminense	A.
Campo Santo	Olavo Bilac.
O Jerómo	Pedro Rabello.
Theatros	X. Y. Z.
Sport	Belzebut.

Em seguida do sumário, vinha um quadro informativo, com o aviso de qual seria a personalidade retratada e biografada da semana seguinte. Observe-se o aviso da primeira revista, que trouxe o retrato de Carlos Gomes, e informou que no número dois, sairia o de Machado de Assis.

O segundo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

MACHADO DE ASSIS

Depois de apresentados o sumário e o retratado da semana seguinte, tinha início a publicação dos textos que, sem alteração, eram divididos em duas colunas. Assim, tratava-se de uma estruturação simples, mas charmosa, que talvez buscasse não ofuscar o maior trunfo da revista: o retrato.

A publicação mantinha certa uniformidade, trazendo como primeiro texto a biografia, cuja autoria era variada, depois a "Crônica Fluminense" de A., poemas ou textos em prosa e, às vezes, textos comentando novas obras literárias, o romance-folhetim *Amor de primavera e amor de outono*, de Alfredo Bastos, encerrando-se com a seção de crônica "Teatros", assinada por X.Y.Z. Ainda assim, muitas vezes os textos apareceriam fora do lugar esperado, quem sabe para suprimir a ausência de alguma contribuição ou para dar espaço a algum texto interessante. É nítido que, conforme os exemplares foram saindo, o número de colaborações foi aumentando.

O fato é que a "Crônica Fluminense", "Teatros" e o esboço biográfico, cujo título era o nome da personalidade em destaque na semana, eram colunas fixas. As outras publicações que compunham o periódico comumente eram intituladas a partir do original; assim, poemas,

contos e outros tipos de textos abriam a coluna com seu próprio título. Pode-se considerar o romance-folhetim de Alfredo Bastos como uma seção fixa, pois, no universo de 55 números, foram raros os exemplares em que *Amor de primavera e amor de outono* não circulou.

O folhetim em questão, com o subtítulo "tipos de mulheres", começou a ser publicado a partir do segundo número d'*O Álbum* e sua extensão foi diversificada; era ambientado em Montevidéu, o que se justifica pelo teor do comentário de Azevedo, em nota explicativa para os leitores: "não temos recebido do nosso querido amigo e ilustre colaborador Alfredo Bastos, que reside em Montevidéu, a contribuição de *Amor de primavera e amor de outono*; por isso, os leitores do *Álbum* estão há dois números privados da leitura desse interessante romance, que tanto lhes tem agradado".[31] Alfredo Bastos, segundo José Tinhorão, já havia escrito outros folhetins para a *Gazeta de Notícias*.[32] Com o fim da circulação da revista, o romance-folhetim ficou sem final.

Como já se mencionou, a revista foi lançada em primeiro de janeiro de 1893. Apesar da informação de que seria publicada em dias indeterminados, é possível que tenha mantido uma certa regularidade, até mesmo para facilitar sua aquisição pelo leitor. Sendo assim, acompanhando o primeiro número, seria aos domingos. Também é do primeiro número um texto em que se explicaram as pretensões da publicação:

> *O Álbum* publicará crônicas teatrais e do esporte, romances, contos, fantasias, versos, etc., além de ligeiros artigos comentando os fatos mais salientes do dia, *com exclusão dos políticos, a que será completamente alheio*. Entre os seus colaboradores figuram os primeiros nomes da nossa literatura.[33]

Seu valor obedecia aos padrões da época: o preço da assinatura era de 24$000 por série de 52 números, de 12$000 por série de 26 números e o exemplar avulso era vendido por 500 réis. A partir do sétimo número, apareceu também o preço para os estados, sem o valor para exemplar avulso: respectivamente 25$000 e 13$000. Para a manutenção da revista, a venda de assinaturas era muito interessante, pois garantia um bom dinheiro adiantado para custear as despesas. Tanto é que, no decorrer dos números, sempre ao final da última seção, aparecia o seguinte apelo: "aos nossos assinantes em débito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço de suas assinaturas".[34]

---

[31] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 41, p. 328, out. 1893.
[32] TINHORÃO, José R. *Os romances em folhetins no Brasil*: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas Cidades, 1994.
[33] A.A. Cavaco preliminar. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, jan. 1893. (grifo nosso)
[34] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I. Passim.

Mais à frente, outro problema: no número 18, saiu um aviso cujo conteúdo prevenia os assinantes para que somente pagassem a assinatura a quem apresentasse "recibo de talão, impresso, numerado e firmado por H. Lombaerts & Comp.".[35] Pode-se depreender, que, além dos problemas com a entrega e com o não-pagamento de assinaturas por parte de alguns assinantes, ainda havia o risco de pessoas agirem de má-fé por meio da revista.

A venda, tanto da assinatura quanto do exemplar avulso, era realizada em pontos fixos, tais como Livraria Lombaerts, Livraria Enciclopédica de Fauchon e Comp., Livraria Lachaud e Companhia Fotográfica Brasileira, passando, mais tarde, a ser vendida pela Livraria Internacional e pela Livraria Moderna. Assim, não havia nas ruas do Rio meninos gritando para vender os exemplares da revista ou mesmo a venda em pontos comerciais estratégicos, o que pode confirmar que seu público-alvo era a elite leitora, frequentadora de livrarias.

Talvez não seja exagero afirmar que essa elite leitora, como público-alvo d'*O Álbum*, fosse formada quase exclusivamente por escritores e artistas ou aspirantes a tais ofícios. Ao explanar a respeito dos benefícios que o editor Domingos de Magalhães vinha fazendo pelo fomento das Letras no Brasil, Azevedo acrescentou que "aos seus esforços deve-se esse movimento que tão acentuado se tornou ultimamente nas colunas da *Gazeta de Notícias*, nas da *Semana*, e, em menor escala, nas do próprio *Álbum*, que também se ufana de ser um periódico dos moços para os moços".[36]

Voltando à manutenção da revista, dentre as dificuldades que o empreendimento poderia encontrar, estava a da entrega; o país ainda não contava com um serviço satisfatório de correio e a mão-de-obra deixava a desejar. Na terceira revista, aberta com a seção "Aos nossos assinantes", explicou-se o porquê dos problemas: "O *Álbum*, sob pena de inutilizar as suas magníficas fototipias, não pode ser remetido, número por número, pelo correio. Ao mesmo tempo lutamos extraordinariamente com a falta de bons entregadores".[37] Pediu-se desculpa porque muitos assinantes ainda não tinham recebido os números 1 e 2; e como se constata mais adiante, o problema não teve solução fácil, pois, no número 8, ainda apareceria o aviso: "temos recebido muitas reclamações concernentes à má distribuição do *Álbum*, e estamos envidando todos os esforços para que cessem tais irregularidades".[38]

Ainda em relação à distribuição do periódico, mesmo que nele apareçam apenas os pontos de venda supracitados, o jornal *O Estado de S. Paulo* também era um ponto fixo. No exemplar de janeiro de 1893, apareceu o seguinte anúncio: "*O Álbum* – Revista fluminense –

[35] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 18, p. 137, abr. 1893.
[36] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 45, p. 355, abr. 1894.
[37] AOS NOSSOS ASSINANTES. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 17, jan. 1893.
[38] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 64, fev. 1893.

diretor, Artur Azevedo; agente geral, Paula Nei. Chegaram os números 1 e 2, com esplêndidos retratos, em separado, de Carlos Gomes e Machado de Assis. Número avulso 500 réis. *Vende-se no escritório desta folha*".[39]

Além deste anúncio, há na própria revista os valores para outros estados, o que mostra ter *O Álbum* circulado para além do Rio de Janeiro, superando de alguma forma, o problema da entrega. O aviso d'*O Estado de S. Paulo* ainda explicita que os retratos não integravam o corpo da revista, vindo soltos em seu interior; daí a confirmação da dificuldade de envio pelo correio. Neles se repetiam o ano e o número da revista, talvez por não integrarem o conteúdo interno da publicação ou como uma forma de coibir a venda avulsa.

Foi também o jornal de São Paulo que cedeu espaço para a divulgação de uma carta remetida a Paula Nei, mas direcionada a Azevedo. Isso se deu porque na seção "Teatros", do primeiro número d'*O Álbum*, X.Y.Z., pseudônimo de Artur Azevedo, dentre as várias peças abordadas, comentou que a peça *O defunto*, de Filinto de Almeida, cujo tema, – uma viúva receosa em sair à procura de novos amores, – apesar de já desenvolvido por Meilhac e Havély, valeria a pena porque recebeu um tratamento diferente do autor. Encerrou desejando: "fazemos votos para que o inspirado poeta da *Lírica*, aproveitando as boas disposições de Dias Braga [...] nos brinde com algum trabalho de mais fôlego".[40]

A reação de Filinto de Almeida não demorou: no *Estado de S. Paulo* do dia 18 de janeiro, na primeira página, com o título de "A crítica teatral – carta aberta a Paula Nei", o autor da peça respondeu aos comentários. Por estar de relações cortadas com Artur Azevedo, remeteu a carta ao agente geral:

> Deves lembrar-te do entusiasmo que manifestei pela bela tentativa do *Álbum*, quando, há poucas semanas, me mostraste no teatro Lucinda as primeiras provas dos admiráveis retratos de Carlos Gomes e Machado de Assis destinados ao primeiro e ao segundo número da revista literária que deveria aparecer poucos dias depois.[41]

O teor amigável cessou, e o conteúdo, longo, mostrou o descontentamento de Filinto de Almeida com o teor da crítica, levando-o a afirmar que a avaliação de sua peça foi errônea. Além da referência à semelhança com os dois franceses, o que incomodou especialmente o autor foi terem dito que sua peça usava um tema comum. Ele se defendeu, dizendo achar ser impossível que o diretor da revista pudesse fazer uma análise tão distraída de sua peça. O caso

[39] O ÁLBUM. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 4, jan.1893.
[40] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 8, jan. 1893.
[41] ALMEIDA, Filinto de. Carta aberta. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo. p. 1, jan. 1893.

é interessante porque evidencia os descuidos suscetíveis a uma revista semanal, com colunas que, muitas vezes, saíam às pressas.

Na seção "Teatros", do número 5, o cronista X.Y.Z. retomou o assunto e se explicou, confessando que não assistira ao espetáculo e escreveu seu texto baseado nas impressões de um amigo. O fato fez com que pedisse desculpas, ainda que com ponta de ironia: "Ao poeta, peço-lhe pelo seu *Defunto* que me perdoe".[42] Um ano depois, saiu uma pequena nota acusando o recebimento do livro *O defunto*, descrito como "um interessante trabalho literário, cujo êxito, no palco, depende exclusivamente dos atores. Lido, é delicioso".[43] Talvez nem tão delicioso, mas pelo menos se conseguiria fazer as pazes com Almeida.

Todo o problema aconteceu pelo teor de uma seção saída no primeiro número da revista, fato compreensível, levando-se em conta que, provavelmente, o diretor ainda não havia conseguido um grande número de colaboradores. Com isso, além de acumular o cargo de diretor, Artur Azevedo precisava encher as páginas com textos de seu próprio punho, o que poderia levar a descuidos e consequentemente a polêmicas como essa.

Assim, vê-se que a recepção ao primeiro número, pelo menos por parte de Filinto de Almeida, não foi das mais calorosas. Também o *Jornal do Comércio* não se preocupou em ser muito amável com um periódico em início de jornada. Dentre outras observações, destaca-se a seguinte:

> É merecedor de todos os encômios o artista Gutierrez, o bem conhecido gerente da Companhia Fotográfica Brasileira que dela [da parte fotográfica] se encarregou. *A parte literária ainda deixa muito a desejar*, mas não se pode ajuizar de um periódico pelo seu primeiro número. Sob a inteligente direção de Artur Azevedo e a ativa manipulação do popularíssimo Paula Nei é de esperar que *O Álbum* obtenha logo a bonançosa carreira que decerto merece.[44]

N'*O Álbum* número 2, na seção "À imprensa",[45] fez-se um agradecimento dirigido a toda imprensa fluminense que teria recebido generosamente a empreitada. Aproveitou-se esse momento para reafirmar-se o compromisso, com o público e com os colegas, de produzir um bom trabalho. Aliás, cabe mencionar a apresentação do papel exercido por Paula Nei, no "Cavaco Preliminar", como agente geral da revista: "ficam a seu cargo os negócios externos

[42] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 40, fev. 1893.
[43] COSIMO. O defunto. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 49, p. 389, jun. 1894.
[44] O ÁLBUM. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, p. 2, jan. 1893. (grifo nosso)
[45] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 9, jan. 1893.

da folha, que tudo espera de sua atividade, do seu talento, e desse estranho e feliz privilégio, que ele tem, de atrair a simpatia e a amizade de quantos encontra".[46]

Em relação aos cuidados com o periódico, tanto sobre colaborações literárias quanto sobre assuntos externos, inicialmente os únicos nomes que figuravam no cabeçalho eram o de Artur Azevedo e Paula Nei. Somente no decorrer da publicação, outros nomes apareceram, como os de Castro Soromenho[47] e Emílio de Meneses. O primeiro começou a participar a partir do número 19, contudo, não prosseguiu por muito tempo e, já no número 23, fez-se o seguinte aviso: "A administração d'*O Álbum* declara que desta data em diante o Sr. Castro Soromenho nada tem em comum com este periódico". O segundo participou como secretário de redação a partir da edição 53, ou seja, foi uma passagem pouco duradoura,[48] já que a revista só publicou mais dois números depois de sua entrada.

A partir do número 45, o nome de Paula Nei não apareceu mais ao lado do de Artur Azevedo, para o que não houve explicação, e, levando-se em conta que Emílio de Meneses iniciou sua participação apenas no número 53, o diretor ficou pelo menos oito edições sozinho em sua tarefa. Nesse aspecto, Azevedo se mostrou maleável, como no período de afastamento para uma viagem à Bahia, quando deixou a revista, durante três edições, aos cuidados de Valentim Magalhães. O poeta, com os pseudônimos de Marcos Valente e M.V., substituiu-o respectivamente nas seções "Crônica Fluminense" e "Teatros". Azevedo assim se explicou: "retirando-me hoje para fora desta capital, deixo o meu ilustre amigo e confrade Valentim Magalhães por especial obséquio encarregado da *direção literária* d'*O Álbum* durante a minha curta ausência".[49]

Tais comentários ajudam a perceber que Artur Azevedo foi responsável majoritário pela edição da revista em relação às escolhas literárias junto à fatura de duas seções permanentes, além de muitas outras que apareciam de forma mais esporádica. Fato bastante esclarecedor de que as decisões em relação aos textos e às fotografias cabiam a ele está no poema "Despacho", cujo conteúdo responde ao poema "Requerimento" escrito pelo Padre

---

[46] A.A. Cavaco preliminar. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, jan. 1893.

[47] Apesar da pesquisa em enciclopédias e em sites especializados na *internet*, não foi possível encontrar informações a respeito de Castro Soromenho. Pelo sobrenome, provavelmente trata-se de um espanhol e também porque há um poema de sua autoria publicado n'*O Álbum*, "Desengaño", em espanhol e dedicado ao fotógrafo Juan Gutierrez.

[48] Aproveita-se para retificar informação presente no livro *Revistas em revista*, de Ana Luiza Martins. Na página 187, há a afirmação de que "Arthur Azevedo lançava *O Álbum*, com Paula Ney na direção e Emílio de Meneses como secretário de redação". Paula Nei atuou como agente geral, e Emílio de Meneses, na verdade, atuou em apenas três edições. Também é preciso retificar informação contida no livro *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, cuja página 283 aponta a revista como sendo de 1891 e mais adiante, na página 299, como de 1892.

[49] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 21, p. 162, maio 1893. (grifo nosso)

Correia de Almeida, por meio do qual este solicitou a publicação do retrato e esboço biográfico do comediógrafo. Segue parte da resposta de Azevedo:

> Dos retratos compete-me a escolha;
> *Todos sabem que o* Álbum *é meu*;
> E, portanto, o retrato na folha
> Todo o mundo terá, menos eu.
>
> "Indefiro" é o despacho. Eu à lei da
> Sensatez não me posso furtar,
> Do meu velho Correia de Almeida
> O retrato, este sim, devo dar.[50]

O padre acabou não figurando na galeria de retratados d'*O Álbum*; porém, das estrofes do soneto, importa destacar que a "propriedade" de Azevedo em relação à revista, restringia-se sobre o conteúdo veiculado, com certeza por ser o "pai" da ideia e em virtude de seu papel de diretor; a restrição pode ser explicada porque, por exemplo, no número 34, há a informação de que Henrique Lombaerts era co-proprietário do empreendimento, e mais à frente, no número 53, o fotógrafo Juan Gutierrez e a empresa tipográfica Lombaerts & CIA aparecem como proprietários responsáveis pela publicação.

1.2 Biografias, biógrafos e biografados

Parte importante da revista, a descrição da vida de personalidades notáveis ou, como disse Artur Azevedo, uma "ligeira notícia bibliográfica", ao contrário do que se possa esperar de uma revista literária, não trouxe apenas escritores ou pessoas ligadas à vida cultural. Tais "falhas" foram anteriormente apontadas, e o interessante é que, pelo conteúdo do poema "À Bebita (no dia de seu primeiro aniversário)", escrito por Azevedo para sua afilhada, filha do escritor Pedro Rabelo, não parecia ser essa a intenção. Seguem alguns versos das divertidas sextilhas:

> Eu quis – desejo insensato! –
> No *Álbum* dar o teu retrato
> E o teu esboço biográfico;
> Faria Dom Juan Gutierrez
> Com todos os efes e erres,
> Um *bibelot* fotográfico...

[50] A.A. Despacho. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, p. 151, maio 1893. (grifo nosso)

> Mas tenho medo que bramem,
> Protestem, gritem, reclamem
> Assinantes pouco amáveis,
> Se a tua fototipia
> Figurar na galeria
> Entre pessoas notáveis
>
> "Quem será esta criança?
> Pinta? Escreve? Canta? Dança?
> Faz sonetos? Que faz ela?"
> "Meus senhores, não faz nada...
> Só faz ser minha afilhada,
> E como os anjos ser bela!"[51]

No poema, os verbos utilizados para demonstrar os questionamentos que as pessoas fariam ao ver uma criança na galeria d'*O Álbum* remetem todos à arte, quais sejam: pintar, escrever, cantar, dançar e fazer sonetos. Contudo, o número de políticos supera em muito os do grupo citado, o que faz retomar duas hipóteses: a de que talvez fosse preciso agradar os mais variados estames sociais para conseguir algum tipo de apoio financeiro, ou a de que, conforme visto no poema "Despacho", seguissem-se critérios puramente subjetivos, como o de amizade.

Em relação ao esboço biográfico, ainda que cause estranhamento o baixo número de artistas e escritores em uma revista literária, é importante lembrar o esclarecimento feito por Azevedo no "Cavaco preliminar",[52] de que as mais diferentes figuras apareceriam de forma aleatória, sem destaque específico para nenhum grupo. Simões Junior fez um exaustivo levantamento em relação aos biografados; convém, então, retomá-lo:

> [...] o grupo melhor representado foi o dos políticos, cujas fotografias ocuparam as páginas treze vezes (cerca de 23,5%). Embora nove escritores fossem retratados, o grupo dos plumitivos correspondeu a apenas cerca de 16,5% do total de fotografias. Outros grupos foram representados em proporção semelhante; na galeria d'*O Álbum*, encontram-se oito músicos e / ou compositores, sete médicos, seis atores, três jornalistas, três empresários, três engenheiros, um religioso, um educador e um militar.[53]

Os escritores que receberam o esboço biográfico foram: Machado de Assis, Martins Junior, Olavo Bilac, Moreira Sampaio, Eduardo Garrido, Luís Murat, Valentim Magalhães,

---

[51] A.A. À Bebita (no dia de seu primeiro aniversário). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 54, fev. 1893.
[52] Id. Cavaco preliminar. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, jan. 1893.
[53] SIMÕES JUNIOR, A. S. Retratos e poemas d'*O Álbum* (1893-1895) de Artur Azevedo. In: CAIRO, L. R. V.; MOREIRA, M. E. (Org.). *Questões de crítica e de historiografia literária*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 11-12.

Fontoura Xavier e Aluísio Azevedo. Essa galeria de nove escritores poderia constituir-se de dez, pois Afonso Celso, ainda que pouco conhecido na atualidade, na época tinha mais de cinco livros publicados, e seu livro de poesia *Vultos e fatos* chegara à quinta edição.[54] Porém, ele foi caracterizado como político, porque em sua biografia deu-se destaque à sua atuação nessa área, o que diminui o rol de esboços preocupados em apresentar o trabalho de escritores. É semelhante o caso de Valentim Magalhães, que poderia ser incluído como poeta, porém, priorizou-se sua faceta de crítico.

Passando-se dos biografados para os biógrafos, este grupo foi composto por vinte e três personalidades, ocultas, às vezes, por iniciais ou pseudônimos: A. C. de Menezes, Artur Barreiros, A., A.A., Luís Murat, J., Guimaraens Passos, Amarante, Paulo Augusto, Pardal Mallet, Machado de Assis, Olavo Bilac, Urbano Duarte, J.P., Aluísio Azevedo, Lúcio de Mendonça, Valentim Magalhães, J.R.B., Antonio Azeredo, Rodrigo Otávio, Artur Azevedo, E. Magnus, Afonso Celso. Cabe destacar A., A.A. e Amarante porque são todos pseudônimos de Artur Azevedo, e também o desconhecido Paulo Augusto, que teve uma atuação efetiva nessa coluna.

A importância de mencionar todos esses autores de esboços biográficos se dá porque tamanha variedade ajuda a mostrar o quanto os textos foram heterogêneos, pois cada um imprimia seu estilo, que ia desde o mais denotativo até o exageradamente poético. A biografia de Ferreira de Araújo, por exemplo, escrita por A.A., foi elaborada por meio de perguntas; dos dez parágrafos, sete encerram-se com questionamentos; veja-se um exemplo: "O *Álbum* prometeu publicar o esboço biográfico de Ferreira de Araújo. Para quê? Há por ventura quem não o conheça?"[55] A biografia de Fontoura Xavier, também escrita por A.A., chegou a reproduzir um soneto e um *triolet* do poeta.

Além dessa diferença, a formatação também era variada, assim, algumas biografias chegaram a quase três páginas, enquanto outras ocuparam apenas uma coluna, como a do médico Antonio Ferreira Dias. Houve até mesmo dois esboços que precisaram receber complementos com elementos como data e local de nascimento, formação acadêmica, porque tais dados não apareceram. Foi o caso da biografia de Machado de Assis, pois, na verdade, aproveitou-se um texto de Artur Barreiros escrito em 1885, que, não servia aos propósitos de uma biografia, e a de Luís Murat, escrita por Bilac, que mais preocupado em comentar o trabalho do colega como poeta, não apontou dados básicos de sua biografia.

---

[54] AMARANTE. Vultos e fatos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 16, p. 126, abr. 1893.
[55] A.A. Ferreira de Araújo. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 31, p. 242, jul. 1893.

E o que dizer das intempéries que atrapalhavam o processo? No quarto número, o retrato de João Lopes apareceu sem a biografia, porque Capistrano de Abreu, responsável pelo texto, não o entregou. Entretanto, informou-se que o historiador o enviaria na semana seguinte, o que não foi feito. Assim, o esboço teve de ser escrito por Paula Nei, que, dessa forma, contribuiu pela primeira e única vez na revista. Também o retrato de Luís Murat saiu sem a biografia, mas o poeta Olavo Bilac cumpriu sua promessa e a enviou para a redação na outra semana. Tratando de exceções, convém informar que apenas uma pessoa falecida integrou a galeria; foi o músico italiano Marino Mancinelli, que, segundo A., fora contatado e informado de que sairia na revista, mas, na semana dos preparos, suicidara-se. Optou-se por transcrever um artigo publicado sobre ele n'*O País*.

De acordo com o dicionário *Larousse*, biografia é o "relato (escrito ou oral) da vida de um indivíduo ou personagem; história da vida de alguém".[56] Ou seja, trata-se de descrever a trajetória de uma pessoa, traçando-lhe uma identidade por meio do discurso escrito. Ora, sabe-se que nenhum discurso é neutro e, sim, que é pleno de ecos de vozes que se cruzam em um contínuo processo de comunicação, de tal maneira que sempre haverá, por parte do biógrafo, reconstrução e interpretação.

Em *A ilusão biográfica*,[57] Bourdieu aponta os equívocos de se pensar a trajetória de uma pessoa como linear, quando, na verdade, a diacronia é perpassada pela multiplicidade. Há, desse modo, um conflito; e é interessante perceber como os esboços biográficos da revista apontam para isso, tendo em vista que o conteúdo, mesmo com a pretensão de ser tradicional e cultuar medalhões, acabava aliado à subjetividade de quem escrevia e à subjetividade da vida do biografado. E mais: havia também uma tensão entre tradição e modernidade, porque os esboços acompanhavam imagens (moderno) que ainda não podiam falar por si (tradição). No entanto, nesta dissertação, em nenhum momento se pensa essa tensão como dicotômica, e sim como representativa de que a revista se insere num horizonte entre o culto e reinvenção da tradição, de modo a ser um processo contínuo e recíproco.

Convém ainda, para melhor ilustrar a não-neutralidade do gênero, emprestar algumas palavras de Leyla Perrone-Moisés quando trata da crítica literária. A autora acredita que não há crítica sem exercício do julgamento estético, porque, independentemente da linha teórica seguida, "cada vez que o crítico elege uma obra como objeto de discurso, essa escolha já é a

[56] *Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007. p. 171.
[57] BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Idem. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papirus, 1996. p. 74-82.

decorrência e a expressão de um julgamento".[58] A afirmação é muito pertinente para as biografias constantes na revista, afinal não se escolhe biografar alguém em vão; ao contrário, há sempre alguma intenção, como, por exemplo, criticar, exaltar, santificar, e, em alguns casos, alcançar determinados objetivos, ganhando, nesse caso, feitio doutrinal.

É mister aludir ainda à problemática relação entre biógrafo e biografado. Dependendo do nível de afeto existente entre ambos, o risco de pender para o panegírico é acentuado, porque a objetividade, parte desse tipo de gênero, pode acabar comprometida. Além disso, há a questão de a biografia, dependendo de sua extensão, dar mais ênfase a certos aspectos, por isso é preciso sensibilidade para avaliar quais as informaçãoes são pertinentes para o suporte, o que, muitas vezes, não ocorreu n'*O Álbum*, haja vista o já citado caso de Afonso Celso, cujo destaque foi dado a outros aspectos de sua produção intelectual, que não o literário.

Dentro do universo de personalidades biografadas, vale mencionar algumas das relacionadas ao universo artístico. A primeira nota foi a respeito de Carlos Gomes e ficou sob a responsabilidade do músico A. F. Cardoso de Meneses Filho, que mais tarde também seria alvo da coluna. Apesar de muitas das biografias acabarem escritas por Azevedo, houve, algumas vezes, convidados específicos, como neste caso. Para tratar de seu colega, Meneses Filho empregou um vocabulário bastante romanceado, como se nota no seguinte trecho:

> Nascido num torrão de privilegiada natureza, onde as opulências da vegetação se casavam aos esplendores de um céu eternamente azul e iluminado; onde a vista, – ora se perdia no ilimitado de intérminas campinas aljofradas de orvalho, tremeluzindo aos raios do sol tropical, – ora em vão se esforçava por penetrar no dédalo escuro e murmurejante da emanharada floresta virgem, em cujo seio a uberdade do solo dependurava pelos troncos seculares festivas lianas, cheirosas trepadeiras e perfumadas parasitas, que embalsamavam o ambiente pejado de misteriosas harmonias [...][59]

O texto continuou assim para concluir que esse ambiente povoou a alma e a mente do compositor, ou seja, o espaço de origem foi fundamental para a genialidade do artista. O tom laudatório se encerrou quando o biógrafo enumerou os trabalhos de Carlos Gomes e comentou o desrespeito aos direitos autorais: "cada um desses trabalhos marca novo triunfo ao nosso glorioso compatriota, [...] mas, infelizmente, simboliza também mais uma copiosa fonte de lucros para o editor RICORDI (de MILÃO) que tem sido o vampiro explorador do sangue e do talento de Carlos Gomes". Nota-se a distinção no discurso de Meneses: o editor teria

[58] PERRONE-MOISÉS, Leyla. Escolher e/é julgar. *Cadernos da Colóquio/Letras*. Lisboa, n.1, p.159-171, s.d. p. 162.
[59] MENESES FILHO, A. F. Cardoso de. Carlos Gomes. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 2-3, jan. 1893.

espírito mercenário e se aproveitaria do gênio criador do músico. Por meio desse episódio, vê-se que o texto biográfico, ao tratar de um indivíduo, faz isso dentro de um contexto específico, e acaba trazendo episódios interessantes do momento em questão.

Quanto à gente do teatro, acompanhe-se a biografia da atriz Ismênia dos Santos e do dramaturgo Furtado Coelho. Quanto à primeira, por se tratar de uma mulher, A.A. preferiu não informar a data de nascimento, para não ser grosseiro, e gracejou: "demais, as mulheres – principalmente as atrizes – têm a idade que aparentam ter. Ismênia tem tido todas, conforme os seus personagens".[60] O esboço se ateve mais aos papéis interpretados e ao talento da atriz, que, devido à indiferença do público em relação à dramaturgia, acabou se tornando uma empresária, cuja atuação no ramo foi elogiada, porque poucas vezes cedeu ao temível "tro-ló-ló".[61]

Apesar de boa empresária e boa atriz, foi repreendida por ter engordado demais, – por isso o caráter "doutrinal" da biografia, – fato, porém, que não a afastaria dos palcos, pois para o biógrafo: "ela já não seria o anjo da meia-noite, mas, em compensação, daria ainda uma esplêndida Corália".[62] Note-se a questão dos tipos, comum em suas crônicas de teatro, assim como é possível constatar ser exata a afirmação feita no já citado poema "À bebita", de que: "*Todo o biógrafo insuspeito*, / *Percebendo algum defeito*, / *O biografado não poupa*; / Direi, pois, que esta afilhada / Me prega muita mijada / De inundar toda a roupa!".[63] Resguardando as diferenças entre as personalidades, – o poema trata de uma criança, – o autor seguiu à risca seu critério de biógrafo, e não poupou a colega do teatro, usando de toda a sua sinceridade.

Tratando de figuras femininas na galeria d'*O Álbum*, destaca-se o fato de que, dos cinquenta e cinco retratos, apenas três foram de mulheres. O primeiro foi de Ismênia dos Santos, o segundo, da médica Ermelinda de Sá e o terceiro, novamente de uma atriz, Leonor Rivero. As duas primeiras foram vítimas de indelicadeza ou distração de Paulo Augusto, que iniciou a biografia da última com o seguinte comentário: "bastava-lhe o ser uma mulher verdadeiramente bonita para justificar o seu retrato na galeria eclética do *Álbum*. Faltava à coleção das nossas fototipias um belo rosto feminino. Ele aí está".[64] O biógrafo parece ter-se esquecido dos dois retratos anteriores.

---

[60] A. Ismênia dos Santos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 17-18, jan. 1893.
[61] Referência ao gênero de teatro musicado e dançante. Informação retirada de SOUSA, João Galante de. *O teatro no Brasil.* Rio de Janeiro: INL, 1960. p. 232, v. 2.
[62] A. op. cit.
[63] A.A. À Bebita (no dia de seu primeiro aniversário). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 54, fev. 1893. (grifo nosso)
[64] AUGUSTO, Paulo. Leonor Rivero. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 55, p. 18, set. 1895.

Embaraços à parte, na biografia de Furtado Coelho, escrita por A.A., apareceu uma severa crítica à falta de interesse e, mesmo discernimento, do público em relação ao teatro. Isso ocorreu porque o biografado era português, mas menino veio ao Brasil, e emprestou seu talento às letras brasileiras. Para o autor do texto, se tivesse ido para a França alcançaria o mesmo sucesso por lá, e alegou ser este o maior elogio que poderia fazer "ao artista correto, elegante, fino demais, talvez, para a plateia que durante tantos anos o aplaudiu, muitas vezes sem saber por que o fazia".[65] Além disso, referiu-se à necessidade de o ator de comédias ter de lutar contra o meio artístico existente em terras brasileiras.

Após a louvação de Furtado como artista, A.A. ainda fez alusões à sua personalidade, que, pela apresentação, era interessante: "foi na vida real o herói de muitos romances de amor, escreveu dramas, compôs música, fez-se copofono,[66] construiu teatros, esteve preso, fabricou ingênuas, inventou galãs, percorreu o Brasil do Amazonas ao Prata [...]". Mencionou seus principais papéis, e lamentou-se pelo estado em que estava o artista quando o vira pela última vez: "encontrei em Furtado Coelho um velho subjugado, não, como outrora, pela paixão do Teatro, mas pela doença e pelos dissabores. Esse foi um dia tristíssimo para mim [...]",[67] mas avisou que o colega já estava melhor. Tal explicação é exemplar de como o texto biográfico da revista, às vezes, era bastante subjetivo.

A biografia de Olavo Bilac foi especialmente escrita por um poeta. Guimaraens Passos optou por fazer um *portrait documenté*, como era publicado em *L'Echo de Paris*. Após uma longa enumeração dos periódicos em que colaborou e colaborava, veio o diferencial do texto. Na parte intitulada "passaporte", por exemplo, apresentou o tipo físico do parnasiano. Em "sinal particular" versou sobre sua memória. Em "detectiva", tratou do lugar onde vivia e de suas preferências. Nesse momento houve uma revelação interessante: "O artista [...] não tem grande admiração pela pintura, nem morre de amores pela música: tem simplesmente a religião do verso terso e sonoro e do período fulgurante e inalterável".[68]

Continuou a descrição de um homem adorador de charutos e de mulheres, sem religião e sem interesse em ser pai. Segundo Guimaraens: "é louco por um sobrinho que, diz ele, há de substituí-lo".[69] Fica difícil não retomar o desentendimento de Bilac com Raul Pompeia. Este, ao ser atacado pelo príncipe dos poetas, revidou, tempo depois, acusando-o de praticar incesto com a irmã Cora, sugerindo que Ernesto, seu sobrinho, era na verdade seu filho.

---

[65] A.A. Furtado Coelho. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 33-34, jan. 1893.
[66] Uma série de copos graduados que, friccionados pelos dedos, emitem sons mais ou menos agradáveis.
[67] A.A. op. cit.
[68] PASSOS, Guimaraens. Olavo Bilac. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, p. 97-98, mar. 1893.
[69] Ibid., p. 98.

Ao escolher fazer um texto semelhante ao *portrait documente*, Guimaraens produziu um dos esboços mais curiosos da galeria d'*O Álbum*. Isso é bastante representativo de como cada biógrafo deixava registrada sua marca. De todo modo, parece lógico que o príncipe dos poetas não poderia receber uma descrição simplista demais numa revista literária que serviria à posteridade.

De biografado a biógrafo: para finalizar essa vista panorâmica por algumas biografias, enfoca-se a do ficcionista Aluísio Azevedo escrita por Olavo Bilac. Assim como o poeta, o prosador biografou e foi biografado. Bilac, longe de se preocupar apenas com datas, filiação, estudos, dentre outros temas comuns nos textos ora comentados, retomou muitas lembranças, decorrentes de sua amizade com Azevedo. Houve, desse modo, uma entonação memorialista. Porém, antes disso, Bilac aproveitou o espaço para protestar, afirmando que Aluísio "vive a atirar livros sobre livros a este espantosamente pífio *meio* literário. [...] Nunca o viram esmorecer na luta: nas mesmas amargas decepções que o ferem tem ele haurido a força precisa para arremeter de novo contra a ingratidão desta terra".[70] Abre-se um parêntese para lembrar que não foi outro o início da biografia de Luís Murat escrita também pelo poeta:

> Quando o Brasil tiver uma literatura, quando o homem de letras desta terra não escrever mais para um povo de analfabetos, – os que vierem depois de nós hão de agradecer-nos este sacrifício nobre, este trabalho ingrato de estar fazendo o desbravamento do caminho entre as assuadas dos imbecis. Nem ninguém nos paga, nem ninguém nos lê. Fazendo arte neste meio de mercantilismo inconfessável e de política baixa, provocamos um escândalo tão grande como o dos anjos, que baixaram a Sodoma e tiveram de fugir horrorizados...[71]

Continuando com a biografia, a infância de Azevedo no Maranhão foi retomada, e o relato mostrou que seu talento para as artes plásticas teria aparecido cedo; todavia não recebeu apoio dos pais, pois, segundo Bilac, nessa época, ser artista era sinônimo de vagabundagem. Há ainda um curioso e divertido relato do tempo em que o autor d'*O cortiço* trabalhou como retratista de defunto. Assim como seus livros viriam a enfatizar, o autor gostava da realidade, e o biógrafo contou que seus defuntos eram terrivelmente feios, sem nenhum tipo de suavização do estado cadavérico. O poeta expôs o conhecido fato de o escritor ter sufocado o pintor, e comentou a participação dele na boemia.

---

[70] BILAC, Olavo. Aluísio Azevedo. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 54, p. 9-11, jan. 1895. (grifo do autor)
[71] Id. Luís Murat. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 27, p. 210-211, jul. 1893.

Sobre sua atividade de escritor, recebeu mais destaque o romance *O mulato*, e sua colaboração na imprensa. Bilac, ao aludir os títulos de suas obras, citou um episódio curioso: "não falo de uma comédia em 1 ato, *Os massantes* [sic], encomendada a Aluísio por um empresário, que, além de lhe não pagar o trabalho, ainda lho surripiou, mudando-lhe o título e fazendo-o representar por conta própria na província [...]".[72] Novamente, o esboço tocou na questão do desrespeito aos direitos autorais, comum na época.

É oportuno retomar as colocações de Brito Broca em relação à "esterilidade literária de Aluísio Azevedo".[73] O abandono da carreira de escritor é apontado como ligado ao fim da boemia e ao trabalho de cônsul, que não dava ao escritor tempo para se dedicar à literatura, além de uma provável falta de inspiração causada pelo desconforto em relação aos países em que vivia. Broca aponta a hipótese de que talvez o desejo de escrever se apagara. Quiçá possa ser isso mesmo, afinal, tratava-se de um pintor frustrado que teve de lidar com a falta de apoio quando da publicação de seus textos e a desconsideração aos direitos autorais. A afirmação de Jean-Yves Mérian, biógrafo de Aluísio, sintetiza bem a situação enfrentada pelo autor, tendo de "viver de sua pena num país que só reconhecia a profissão de escritor como atividade subsidiária".[74]

Sobre a seção de esboços biográficos, pode-se dizer que não seguiu critérios rigorosos quanto à extensão e ao conteúdo, nem mesmo quanto aos grupos que figurariam na galeria. Como ficou perceptível, tudo dependia do biógrafo e do tipo de leitura feita da vida da personalidade em destaque. Notadamente, algumas biografias fascinam mais, porque narram aspectos curiosos, outras nem tanto, porque se destinavam a descrever os feitos gloriosos, tornando o perfil biográfico muito laudatório. Em ambos os casos, são pertinentes a palavras de Muniz Sodré, que ao propor a questão sobre por que biografar, respondeu: "é que, em princípio, toda biografia se nos apresenta como um poderoso gesto de sedução da memória".[75] A assertiva também poderia valer como resposta para a pergunta: por que ler os esboços biográficos d'*O Álbum*?

---

[72] BILAC, O. Aluísio Azevedo. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 54, p. 9-11, jan. 1895.
[73] BROCA, B. Capítulo II. In: Idem. *A Vida literária no Brasil* – 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005. 47-53.
[74] MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo*: vida e obra (1857-1913). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988.
[75] SODRÉ, Muniz. Prefácio. In: PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p. 11-13.

1.2.1 Os retratos: uma novidade-chamariz

Na contemporaneidade, a fotografia é um item extremamente comum, tanto no uso pessoal quanto na imprensa, mas sabe-se que nem sempre foi assim. As imagens fotográficas, em meados do século XIX, marcaram presença por meio do trabalho de artesãos e artistas, pois dependia deles a cópia fiel, na medida do possível, do original para a matriz de metal ou pedra, como mostram Orlando C. Ferreira, Boris Kossoy e Joaquim M. F. de Andrade. Tratava-se de uma tarefa árdua que tornava a imagem portadora de uma multiplicidade de olhares.

No fim desse século, o processo já tinha evoluído bastante, e a resolução de problemas de ordem tecnológica, com o emprego de novos processos de impressão capazes de transpor a imagem fotográfica para as matrizes de impressão de forma direta, facilitou a reprodução e seu uso mais expressivo pela imprensa. No "Cavaco preliminar", Artur Azevedo ponderou que "a fotografia matou a gravura desde que conseguiu imprimi-la em grandes tiragens, dando-lhe ao mesmo tempo uma inalterabilidade indiscutível".[76] Não são poucos os jornais que vão explorá-la, dando-lhe destaque e prioridade em relação ao texto. Isso é perceptível no caso d'*O Álbum*, porque, ainda que se trate de uma revista literária, o esboço biográfico parecia ser o acessório da fotografia, haja vista o próprio título da publicação.

As fotografias da revista, reproduzidas pelo processo da fototipia, provavelmente agradavam, pois ficavam muito nítidas; além disso, é provável tratar-se da primeira vez que uma publicação fez uso regular de tal tecnologia. Kossoy[77] aponta que, no Brasil, o emprego de fotografias pela imprensa inicia-se muitos anos depois dos grandes centros, como Europa e Estados Unidos, em virtude das condições sociais e econômicas de grande parte da sociedade brasileira do século XIX.

Como já se asseverou, todas as biografias vinham acompanhadas de um retrato. Por meio deles é possível observar que *O Álbum* apareceu num cenário de mudanças vertiginosas e, ainda que já existissem periódicos com ilustrações, caricaturas e mesmo retratos, o processo da fototipia, numa publicação semanal, foi uma novidade. No "Cavaco preliminar" Azevedo afirmou: "a fototipia é, como se vê, o triunfante processo de nossos retratos, que não hesitamos em recomendar como verdadeiros modelos do gênero".[78]

---

[76] A.A. Cavaco preliminar. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, jan. 1893.
[77] KOSSOY, Boris. Prefácio. In: Idem. *Origens e expansão da fotografia no Brasil*. Século XIX. Funarte: Rio de Janeiro, 1980. p. 7-8.
[78] A.A. op. cit.

É importante lembrar que, a impressão do texto e da imagem nem sempre se fazia na mesma oficina, o que dificultava ainda mais a manutenção da revista. De acordo com o diretor da revista, as fototipias eram impressas pela Companhia Fotográfica Brasileira e os textos pela H. Lombaerts & C. Pode ser que a referência, já no programa da revista, às duas oficinas, seja uma espécie de publicidade que o *Álbum* acabou fazendo, haja vista o quanto seria interessante para Gutierrez que as pessoas pudessem conhecer, e quem sabe, fazer retratos em sua oficina e, no caso de Lombaerts, além de sua já apontada paixão por revistas de artes, o editor teria o nome de sua empresa vinculado a uma revista inovadora em sua proposta dos retratos e a uma figura muito conhecida e estimada: Artur Azevedo.

A propósito da fototipia, Andrade explica tratar-se de um processo de impressão fotomecânico, comercializado a partir de meados do século XIX, que permitia imprimir as provas com boa qualidade e boa gradação tonal, resultando numa imagem com aparência de fotografia de tom contínuo. A rede deste processo é irregular, – a imagem fica com pequenas fendas e partículas, – mas dificilmente perceptível a olhos nus, pelo que a semelhança com as provas fotográficas é notável.

No entanto, a boa qualidade das fotografias não foi o suficiente para que o processo tivesse extensa aplicação na imprensa, porque conforme certifica Frederico Porta:

> Apesar da perfeição das cópias fototípicas, o processo ficou circunscrito a uns poucos trabalhos especializados como a impressão de postais, por dois poderosos motivos: tiragem demorada, não ultrapassando a média de umas cinquenta provas à hora, e precariedade da matriz, que dificilmente suporta mais de mil impressões.[79]

Nenhuma outra revista empregou a técnica de modo regular, ficando circunscrita ao *Álbum*, possivelmente, dadas as dificuldades apontadas. O responsável pelos retratos foi Juan Gutierrez, conhecido na história da fotografia brasileira por seu trabalho de documentação fotográfica da Revolta da Armada. De acordo com Turazzi, estabeleceu-se no Rio de Janeiro desde 1880 e não demorou a ser considerado um dos melhores retratistas da cidade. Foi o primeiro e único representante do Brasil, na década de 1890, entre os membros da Société Française de Photographie.[80]

---

[79] ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. O design da página impressa: o processo de criação das imagens, a paginação e a impressão. In: Idem. *História da fotorreportagem no Brasil*: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 95.

[80] TURAZZI, Maria Inez. Quadros de história e pátria: fotografia e cultura histórica oitocentista. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia B. (Org.). *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 229-254.

Gutierrez faleceu em 1897, quando foi a Canudos para registrar a guerrilha que ali se desenrolava. Devido a essa trajetória relacionada à documentação de importantes eventos históricos é considerado o precursor do fotojornalismo no Brasil. E, do mesmo modo que o diretor d'*O Álbum*, era um republicano fervoroso.[81] A propósito de seu trabalho na revista, pronunciou-se, por meio de versos, Correia de Almeida:

> Fornecendo ao leitor amenidades,
> *O Álbum* do Artur, simpática revista,
> Em retratos fiéis expõe à vista
> Antitéticas e humanas entidades.
>
> As nossas mais notáveis sumidades
> Retratadas já formam boa lista,
> E a gran perícia do hábil retratista
> As velhices respeita e as mocidades.
>
> Do bom velho Portela a barba sobra
> E sobre o rijo peito se desdobra
> Em fios, que parecem de alfenim!
>
> Por contraste gentil e sem rebuço,
> Apenas há sutil ponta de buço
> No lábio superior de Valentim![82]

O adjetivo *antitética* reforça que a galeria d'*O Álbum* tinha como característica a heterogeneidade, porém sem deixar de estampar sempre, a imagem de figuras notáveis. Isso leva à comparação da galeria de retratados da revista com um panteão, que dentre seus vários significados, traz o de "conjunto de figuras célebres que perduram na memória coletiva".[83] Ao cultuar a tradição, parecia ser a intenção da revista, eternizar gente ilustre. Annateresa Fabris alude que "a descoberta da fotografia dará impulso decisivo a esse desejo de representação, que não se contenta com a fixação da imagem do indivíduo como entidade psicológica, por visar antes de tudo o registro de um sucesso alcançado graças à iniciativa pessoal".[84]

Entretanto, ao contrário da possibilidade aberta ao retratista pictórico de alterar algo que não agradasse ao retratado em sua aparência, o fotógrafo não podia recorrer a essa prática. Exemplar da diferença é o comentário que acompanhou um retrato de Sá Noronha veiculado n'*A Gazetinha*, cuja direção era de Azevedo. Informou-se que a foto que servira de matriz era

---

[81] ANDRADE, J. M. F. de. A fotografia no século XIX. In: Idem. *História da fotorreportagem no Brasil*: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 25.
[82] ALMEIDA, Correia. Soneto. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 286, set. 1893.
[83] *Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007. p. 757.
[84] FABRIS, Annateresa. Identidade/Identificação. *Identidades virtuais*: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 29.

muito bem feita, porém, o que ali estava e "não podia estar na fotografia, é aquela expressão, é aquele sorriso imperceptível tão do Noronha, e que, no Rio de Janeiro, só Augusto Off, que o conheceu, seria capaz de produzir".[85] Por isso, deveria haver o cuidado, como se depreende da poesia de Almeida, de retratar do modo mais verossímil possível concomitantemente a uma imagem que passasse a ideia que o próprio retratado tinha de si.

Para Fabris "o próprio fato de a frontalidade absoluta não ser privilegiada nos retratos realizados nos ateliês fotográficos é um indicador social: a burguesia é estimulada a ostentar aquela mesma assimetria que caracterizava o retrato pictórico no século anterior".[86] A afirmação é perfeitamente compatível à galeria d'*O Álbum*: não há na revista nenhum retrato frontal. Assim, ao mesmo tempo em que cultua a tradição, a revista traz claramente as alterações pelas quais vinha passando o fim de século XIX, inserindo-se num panorama de modernidade. Ainda de acordo com Fabris, o retrato fotográfico:

> Contribui para a afirmação moderna do indivíduo, na medida em que participa da configuração de sua identidade como identidade social. Todo retrato é simultaneamente um ato social e um ato de sociabilidade: nos diversos momentos de sua história obedece a determinadas normas de representação que regem as modalidades de figuração do modelo, a ostentação que ele faz de si mesmo e as múltiplas percepções simbólicas suscitadas no intercâmbio social.[87]

Percebe-se, portanto, que, para a pesquisadora, o retrato é portador de um mecanismo social tendo em vista a sujeição ao olhar do outro, enquanto para Benjamin, numa análise mais voltada às consequências que as novas técnicas trouxeram e estavam trazendo para as artes, a tendência era destacar mais o personagem em detrimento da pessoa. Diferenças à parte, é certo que o retrato, na revista, trazia em si as tensões que perpassam o período de fins do XIX.

Ainda sobre os retratos, é oportuno discutir o título da revista. O termo "álbum" pode fazer referência ao fato de na época ser comum que mulheres e homens colecionassem frases ou textos originais escritos por literatos especialmente para a admiradora ou admirador. Azevedo tinha seu álbum e deixou contribuições em outros. O poema "Coisa nenhuma", de sua autoria, cujo título vem acompanhado da explicação "no álbum da Exma. Sra. Ad. A.",

---

[85] ANDRADE, J. M. F. de. As décadas de 1880-1890: rumo à fotorreportagem. In: Idem. *História da fotorreportagem no Brasil*: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 214.
[86] FABRIS, A. Identidade/Identificação. *Identidades virtuais*: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 35.
[87] Ibid.

mostra como os autores ficavam em apuros para atender a tais pedidos. É assim a primeira quadra: "Eu faço versos com facilidade, / E em muitos álbuns tenho escrito já; / Mas hoje estranha hesitação me invade!... / Tremo! – Por que será?"[88]

As quadras que se seguem são exemplares de que a coleção de pequenas composições, literárias ou não, era corriqueira. No entanto, é mais prudente fazer a ligação do título com o livro de guardar retratos, porque a força maior da publicação, para atrair compradores, estava nas fototipias, que, nesse caso, apareciam em todos os números e eram inéditas. Para além da função de chamariz, justifica-se ainda pela ideia de registro de imagens numa época marcada, como se viu, pela transformação das técnicas empregadas, de modo a sobressair, quando se observa a revista, a proposta de conservação numa época de mudanças.

1.3 Temas variados: outros textos não-literários d'*O Álbum*

Já foi visto que a publicação mantinha certa regularidade em relação à disposição dos textos; contudo, só eram fixas as seções da biografia, a "Crônica Fluminense", a coluna "Teatros", e o romance de Alfredo Bastos, que em alguns números não apareceu. Dentre as seções esporádicas, tem-se o "Cavaco", cujo primeiro, o "Cavaco preliminar", pode ser entendido como o texto programático da revista, pois trouxe os seus objetivos e, depois, sem o adjetivo "preliminar", apareceu nas revistas 45 e 50 para justificar o porquê de a publicação ter sido suspendida. Outros textos tinham comumente o título daquilo a que se referia o conteúdo, e eram de assuntos variados, desde uma nota de falecimento a resenhas de novas publicações literárias.

Ainda que a seção "Sport", assinada por Belzebut, tenha surgido como fixa, não durou mais do que dois números. Sua primeira aparição não foi muito animadora, e nela se afirmou que "as lutas hípicas foram entregues a mãos mercenárias, e no Brasil a indivíduos pela mor parte sem critério e dignidade, e daí o rebaixamento do nível moral da instituição".[89] Foi partindo desse quadro nada agradável que se explicou o conteúdo da seção: ela avaliaria as corridas sem paixão, procurando apontar as falhas, para, quem sabe assim, ajudar a moralizar o esporte.

Na semana seguinte, continuou o tom ferino, mas, no terceiro número da revista, apareceu a justificativa de que já havia muitas publicações especializadas no tema, de modo que a seção fazia-se desnecessária. Em uma "Crônica Fluminense" de outubro de 1893, foi

[88] AZEVEDO, Artur. Coisa nenhuma. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 14-15, jan. 1893.
[89] BELZEBUT. Sport. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 8, jan. 1893.

feita menção ao falecimento de José Pinto Siqueira, homem da imprensa, que presidia o Turf Club. Nela, revelou-se que era ele o Belzebut, responsável pela malfadada seção.[90]

No segundo número apareceu uma nota intitulada "À imprensa" para agradecimentos em relação à boa recepção da revista. Já o texto "Aos assinantes" também trazia recados, mas talvez não tão festivos, já que era para explicar atrasos na entrega e para fazer cobrança de assinaturas em débito. Houve outros textos de apenas um número, geralmente utilizados para comentar algo momentoso ou que tivesse incomodado o diretor da revista, como é o caso de "Uma carta", cujo conteúdo ocupou duas colunas inteiras. Assinando apenas A., Azevedo rebateu as afirmações contidas numa carta publicada na *La Revue Diplomatique,* por José Avelino, que enviara o exemplar para o escritor.

Dentre os erros inaceitáveis de Avelino, estaria a afirmação de que José de Alencar era pobre e ficou rico com *O Guarani*. Para rechaçar tal comentário, A. aludiu à figura de B. L. Garnier, responsável por grande parte das publicações do XIX, dizendo: "Se assim é, dirija-se o simpático missivista ao editor Garnier, o milionário, e indague quanto recebeu o grande romancista pela publicação dos seus volumes. Ficará dolorosamente convencido de que o primeiro literato brasileiro teria morrido à fome se vivesse exclusivamente de literatura".[91] O texto seguiu apontando outros teores da carta, que constituíram falhas clamorosas em relação à literatura brasileira.

A publicação de uma carta remetida a Paula Nei merece ênfase: "Coisas miúdas (carta a Paula Nei)", assinada por Cosme Velho.[92] Nela, apresentou-se o Sr. Serapião das Mercês Gordo, que veio descrito pelo signatário como "um original; artista, filósofo, poeta, mas tudo isso por conta própria". E devido a esse caráter diferente, o autor da missiva achou por bem enviar quatro poemas do Sr. Serapião à redação. Gordo, logo no início de seu livro, teria adotado uma postura iconoclasta, dizendo ser avesso às escolas literárias. Informou-se que "segundo sua doutrina, todo cânon, em poesia, ou em literatura, produz morte irremissível". Cosme apontou outros princípios do poeta e teceu breves comentários, concluindo que o rapaz criara o "estilo caleidoscópio".

O texto do número seguinte mostra que o anterior fora totalmente irônico, pois se seguiram à publicação dos três textos em prosa de Serapião Gordo, anotações ferinas. A prosa poética trazia características do Simbolismo, como maiúsculas alegorizantes, elementos litúrgicos, referências imagéticas e a representatividade das cores, como se lê no fragmento de

[90] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 44, p. 346, out. 1893.
[91] Id. Uma carta. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 20-21, jan. 1893
[92] COSME VELHO. Coisas miúdas (carta a Paula Nei). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 83-84, mar. 1893.

"Sicut erat": "da sacratíssima Ferida a nova água lustral promana, do entendimento; as caçoulas da castidade renascente os Anjos tomam; suspensos os turíbulos, os Serafins azuis balouçam o incenso, suave ao calvárico sacrifício, e focalizam o eclíptico clarão da Rafaelesca Saudade".[93]

Sobre essa prosa poética, Cosme Velho apenas perguntou: "entenderam? Não; nem o Sr. Serapião que o escreveu". Em relação ao segundo e ao terceiro textos publicados, ambos foram tratados como prosas tortuosas, com a influência perniciosa do nefelibatismo português de Guerra Junqueiro.[94] Nos materiais pesquisados, não se encontrou nenhuma referência sobre o escritor Serapião Gordo, que era, com certeza, um pseudônimo. Já a respeito de Cosme Velho, sabe-se que Araripe Junior utilizava esse epíteto; e a carta publicada n'*O Álbum* é apontada como de sua autoria em dois livros.[95] Porém, parece tratar-se do próprio Artur Azevedo, porque esse mesmo tom de deboche e declaração de não entendimento do texto vão aparecer em suas críticas sobre os livros de Cruz e Sousa.

Outras cartas foram publicadas, como a recebida de Julio Salusse,[96] na qual o autor de "Os cisnes" afirma ter o direito de chamar Osório Duque-Estrada de plagiário, pois este publicou n'*O Álbum* um poema com o título "Nevrose azul"[97] que Salusse garantiu ser o nome de livro de sua autoria a ser publicado. A revista ofereceu ao acusado o direito de resposta, mas não houve. Transcreveu-se também, com uma breve introdução de Cosimo, uma carta enviada por um homem de letras com suas impressões sobre Paris.

Outro texto avulso, mas não de um único número, foi "Um plebiscito literário"[98] no qual Cosimo fez comentários pouco tolerantes acerca de um inquérito literário realizado por *A Semana*, sobre os seis melhores romances escritos em língua portuguesa. O erro ter-se-ia iniciado ao não se perguntar apenas sobre escritores brasileiros, o que resultou em aparecerem livros de Eça de Queirós em três colocações. Cosimo afirmou: "convenham que esse resultado é simplesmente ridículo".[99] O resenhista não concordou nem com a proposta nem com a decisão dos votantes.

O assunto seguiu no número 41, com o mesmo título, pois em virtude dos pareceres publicados na revista anterior, Antonio Martins da Câmara elaborou sua própria lista dos seis

---

[93] GORDO, S. das M. In: Cosme Velho. Coisas miúdas. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 91, mar. 1893.
[94] COSME VELHO. Ibid., p. 91.
[95] Para maior esclarecimento, consultar ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. *Obra crítica de Araripe Junior*. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: MEC – Casa Rui Barbosa, 1958; e CAIRO, Luiz Roberto. Textos de Araripe Junior. In: Idem. *O salto por cima da própria sombra*. São Paulo: Annablume, 1996.
[96] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 31, p. 243, jul. 1893.
[97] DUQUE-ESTRADA, Osório. Nevrose azul. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 29, p. 226, jul. 1893.
[98] COSIMO. Um plebiscito literário. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 319, set. 1893.
[99] Ibid.

melhores romances, alegando não ter concordado nem com *O Álbum*, nem com *A Semana*. Publicou-se sua carta na íntegra. Uma semana de trégua e o assunto voltou à carga com o título de "À 'Semana'".[100] No texto, Cosimo respondeu aos colegas, explicando que os questionamentos sobre o inquérito literário não foram um ataque, mas apenas expressão de seu ponto de vista. O comentarista foi acusado de exclusivismo e de não reconhecer a decisiva influência da literatura portuguesa sobre a brasileira, ao que rebateu: "se os colegas me disserem que os franceses têm exercido muita influência nas nossas letras como nos nossos costumes, aí sim, diriam uma grande verdade".[101]

Também foram reproduzidos textos publicados em outros periódicos, como o artigo do *Diário Popular*, de São Paulo, sobre o pintor Almeida Junior.[102] Quando do falecimento do cunhado de Artur Azevedo, Vitor Lobato, transcreveu-se o artigo publicado sobre ele na *Pacotilha*, do Maranhão.[103] Houve a reprodução integral do preâmbulo escrito por Lúcio de Mendonça para o livro de versos de Julia Curtines,[104] da introdução escrita por Raimundo Correia para o livro *Efêmeras*, de Sílvio de Almeida,[105] e do prefácio escrito por Sílvio Romero para o livro *Palingenésia*, de Leônidas e Sá.[106]

Apenas duas resenhas, cuja autoria não foi de Artur Azevedo, foram veiculadas. Uma de Aluísio Azevedo, a respeito de um romance de Julia Lopes de Almeida, e outra, assinada com as iniciais L. de M. sobre o livro *Festas Nacionais* de Rodrigo Otávio.

Interessa a primeira, com o título de "Família Medeiros", porque Azevedo fez uma apreciação mais demorada e, ainda, descreveu o cenário das publicações em livro no Brasil, afirmando que: "nesta dolorosa época de ladroeiras comerciais e sobressaltos políticos, é ato de grande abnegação e extremo heroísmo fazer uma obra literária; e mais extraordinário ainda é, vencendo todas as dificuldades, imprimi-la em volume e publicá-la".[107] Sobre sua estrutura, o livro recebeu um parecer bastante negativo: "senti ímpetos de arrojá-lo para longe de meus olhos, indignado pelo aspecto anti-artístico do livro brasileiro, com o seu detestável formato quase quadrado, com os capítulos grudados ao alto da página, com as margens enormes e desiguais, com o seu papel pulha".[108]

---

[100] COSIMO. À Semana (a propósito do plebiscito literário). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 43, p. 343, out. 1893.
[101] Ibid.
[102] X. Almeida Junior. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 45-46, fev. 1893.
[103] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 14, p. 112, abr. 1893.
[104] MENDONÇA, Lúcio de. Preâmbulo. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, p. 149-150, maio 1893.
[105] CORREIA, Raimundo. Efêmeras. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, p. 300-301, set. 1893.
[106] ROMERO, Sílvio. Palingenésia. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 315-317, set. 1893.
[107] AZEVEDO, Aluísio. Família Medeiros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 27-28, jan. 1893.
[108] Ibid., p. 27.

Em relação ao romance, a crítica iniciou-se elogiosa, com ênfase no uso apurado de expressões populares, que, porém, ter-se-ia perdido em razão de um virtuosismo excessivo que a autora deu aos seus heróis. Azevedo os comparou aos heróis do francês Otávio Feuillet, conhecido por exagerar nas qualidades de seus personagens. Para o resenhista, "esse modo de desumanizar os seus heróis e de pretender semi-deusá-los [sic] é o que principalmente me faz não gostar das obras bem escritas do insuportável mestre".[109]

O texto ficou longo e continuou no número seguinte; a preocupação permaneceu ainda com a inverossimilhança dos heróis da trama. Porém, Azevedo assinalou outros problemas, para concluir que o tipo mais bem acabado do romance seria a negra que amamentou Otávio, pois não fora preciso criá-la com perfeição "nem corrigir-lhe as maneiras e os movimentos, há [na personagem] carne e sangue".[110] Isto é, foi elaborada de modo mais verossímil. Também fizeram a alegria do crítico observações sutis, minuciosas, que só poderiam mesmo, segundo ele, sair da pena de uma mulher. Por fim, concluiu que o livro era não engajado como os de Zola, não havia psicologia como em Bourget, nem uma tese como em Dumas Filho; nem mesmo o tema da abolição da escravatura teria conseguido dar algum relevo social à obra, mas divertia.

A leitura feita por Aluísio Azevedo, – ainda que não fosse um crítico especialista, – é representativa das palavras de Coutinho, a respeito da crítica naturalista, ao dizer que, essa vertente encarava "a produção artística como condicionada ao relativismo de tempo, lugar, autor, ao tipo de sociedade que a viu nascer. A ideia mestra era estabelecer o tipo social, o caráter do autor, para assim melhor compreender e interpretar o fenômeno literário".[111] Daí ser compreensível que o autor não tenha gostado de perceber o excesso de influência francesa, diga-se de Feuillet, no livro de Almeida.

Naturalmente, nesta breve retomada, não foram abordados todos os textos, procurou-se apenas apresentar os mais interessantes e que pudessem ajudar a entender o perfil editorial da revista.[112]

---

[109] AZEVEDO, Aluísio. Família Medeiros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 27, jan. 1893.
[110] Id. Família Medeiros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 37, jan. 1893.
[111] COUTINHO, Afrânio. Caminhos do pensamento crítico. Introdução Geral. In: Idem. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 1980. p. v. I.
[112] Enfatiza-se o verbo "apresentar", pois, longe de uma análise aprofundada, proporcionou-se um panorama geral da revista.

1.3.1 As resenhas dos pseudônimos Amarante e Cosimo

Dando continuidade à leitura de outros textos da revista *O Álbum*, abre-se espaço aqui para os que traziam resenhas de livros novos escritas por Artur Azevedo, com os pseudônimos Amarante e Cosimo. Tais textos tornam possível conhecer a postura do editor do periódico diante de publicações que obedeciam aos parâmetros estéticos comuns à época e diante de novidades literárias, em especial, o Simbolismo. Sem tentar classificar o trabalho do autor como resenhista, buscou-se detectar as tendências que direcionaram sua leitura. Partindo do sistema de linhagens proposto por Salete de Almeida Cara, para tratar da análise acerca das obras simbolistas realizada pelos críticos de final do século XIX, é possível entendê-lo como um leitor que buscava reconhecer nos livros, a *linguagem de representação*, quer isto dizer que o texto deveria aparecer

> como fruto de uma relação direta e explícita com o referente, considerando-se, portanto, como significativa, a leitura que correspondia a determinados modelos de construção da nacionalidade ou, ainda, a modelos, que, por obedecerem à moda literária europeia, assegurassem a nossa "modernidade cultural".[113]

A preocupação com a representação do real, por parte dos críticos do final do XIX, além de estar relacionada com teorias cientificistas que guiavam as leituras, era efeito do ideal de nacionalidade. Essa concepção não encontrava suporte no modelo recém-importado da Europa, o Simbolismo, preocupado com a *representatividade da linguagem*. Surge disso, talvez, a dificuldade de aceitação, por parte de Azevedo e outros colegas, dessa estética.

Quanto ao pseudônimo Cosimo, o autor pode ter se inspirado em Cosimo de Medici, iniciador da dinastia Medici e responsável pelo governo de Florença durante boa parte do Renascimento. Foi uma personalidade que se destacou pelo patrocínio da cultura e das artes.[114] O nome de um mecenas guarda analogia com o papel representado pelo resenhista ao apresentar novos livros ao público. Na sua função de resenhista, percebe-se que buscou apontar elementos bons e ruins nos livros; e, ao mesmo tempo, tentou dar direcionamentos aos novos autores para que melhorassem em determinados aspectos.

---

[113] CARA, Salete de Almeida. Introdução. In: Idem. *A recepção crítica*: o momento parnasiano-simbolista no Brasil. São Paulo: Ática, 1983. p. 4.
[114] D'AVILLA, Felipe Luiz. *Cosimo de Medici*: memórias de um líder renascentista. São Paulo: Ediouro, 2008.

Em "Bandoleiros",[115] por exemplo, uma resenha do livro homônimo de Silva Tavares, o resenhista afirmou que o livro deixava a desejar, mas que, talvez, passando da juventude, o poeta pudesse produzir algo melhor. Ao tratar do livro de poesias *Estalactites*, de Julio César da Silva, afiançou que havia uma exagerada melancolia, mas, felizmente, apenas em parte da publicação. O novato teve dois sonetos transcritos, o primeiro intitulado "Sobre um seio" e o segundo, "Dança campestre", ambos de teor erótico. Por fim, Silva foi elogiado, e segundo Cosimo, era "um puritano da forma, um observador submisso e reverente de todas as regras da boa poesia portuguesa".[116]

É interessante que, dois números depois, e sem nenhum tipo de titulação que indicasse o início de um novo texto, abriu-se espaço para a publicação de "Serpe",[117] soneto do livro *Estalactites*. Fez-se a reserva ao rapaz para que não se deixasse levar pelos modismos, devido ao fato de o poeta ter avisado, em carta enviada para *O Álbum*, que em São Paulo já não se empregavam os hemistíquios. Quem traçou um breve comentário, provavelmente o diretor, aconselhou: "Quem não quer sujeitar-se às regras da poesia, escreve prosa".[118] Note-se, na assertiva, a preocupação de Azevedo com as formas clássicas.

Também o livro *Evangelhos*, de Artur Lobo,[119] mereceu aplausos e repreensões. De acordo com o crítico, o poeta tinha "visível propensão para o emprego de termos obsoletos" e parecia temer que a naturalidade pudesse passar por ignorância. Recebeu ressalvas, também, o uso excessivo de *enjambement*. Por fim, houve casos belos a serem destacados, como alguns poemas cujos títulos são apenas citados, nos quais, de acordo com Cosimo, seria possível sentir a doçura de Gonzaga.

Já o livro de Fernando de Alencar, *Pálidas*, não agradou, e acabou adjetivado como serôdio, ou seja, tardio. Para Cosimo "o poeta explora o explorado: faz versos a Cristo, a Mirabeau, a Napoleão etc., mas tão momentosos assuntos nada lhe inspiram que já não se tenha dito... com mais talento".[120] A resenha seguiu insistindo na falta de novidade do livro. Separadas por um asterisco, apareceram as anotações sobre *Fantos*, de Lopes Filho, integrante "de uma simpática associação de moços literatos, espanta-burgueses, que se denomina Padaria Espiritual".

A resenha foi publicada em setembro de 1893, ou seja, depois de *Missal*, de Cruz e Sousa, e ainda assim, o livro não foi bem recebido devido ao decadentismo, que, em parte,

[115] COSIMO. Bandoleiros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 28, jan. 1893.
[116] Id. Estalactites. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 43-44, fev. 1893.
[117] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 62, fev. 1893.
[118] Ibid.
[119] COSIMO. Evangelhos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 53, fev. 1893.
[120] Id. Pálidas e Fantos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 285-286, set. 1893.

para Cosimo, teria sido influência de os *Simples*, de Guerra Junqueiro. Da leitura realizada, é curiosa a justificativa utilizada para a não-aceitação desse tipo de poesia. O autor afirmou: "Demais – vamos e venhamos! – para seguir as pegadas dos Mallarmés e dos Moreas, e embarafustar por aquele misticismo adentro, é indispensável um preparo muito especial, que nós não temos nem podemos ter no nosso meio e com o nosso sistema de educação literária".[121]

Não se pode ter um olhar muito inocente sobre tal comentário, pois, ainda que mostre a consciência da diferença de contextos, também pode servir, na verdade, para encobrir a falta de entendimento dessa proposta de criação artística que surgia em um meio literário fortemente marcado pelo realismo e pelo parnasianismo. Por fim, o resenhista reconheceu que Lopes Filho teria futuro, contanto que passasse a metrificar suas composições. Como já foi possível notar, essa postura até certo ponto meio "pedagogizante" é bem comum nas resenhas do autor, uma vez que ele parecia se aproveitar do espaço para passar alguns ensinamentos em relação ao que considerava correto em literatura.

Ainda não estariam encerradas as apreciações. Colocou-se um asterisco, mas o alvo ainda seria *Fantos*. Cosimo retomou a notícia dada pelo jornal *O País*, quando do lançamento do livro, para apontar o que ele considerou como um erro de análise, porque o jornal teria registrado versos como representativos da inovação do livro, os quais, para o crítico, teriam a mesma estrutura utilizada em *couplets* das operetas francesas. Após esse comentário, mais um asterisco; porém o alvo permaneceu o mesmo, acompanhado de ironia nada sutil. O resenhista questionou: "E o título: *Fantos*? Que quer dizer *Fantos*? Decadismo e mistério...".[122] O texto seguiu na tentativa de encontrar uma explicação eficaz para o título, e a hipótese encontrada, foi bem divertida: talvez significasse *galharufas*. Apesar de extensa, convém ser transcrita sua explicação, porque mostra a faceta humorística de Artur Azevedo:

> Mas o que são *galharufas*? Perguntará o leitor. Eu lhes digo... ou não lhes digo:
> Dantes, nos nossos teatros, quando nos bastidores aparecia, durante os ensaios, algum indiscreto, com cara de tolo, um dos atores chamava-o de parte e dizia-lhe:
> – O Sr., que está aí desocupado, faz-me um obséquio?
> – Pois não!
> – É ir ao teatro Tal, e dizer ao ator Fulano, as *galharufas*.
> – Oh, diabo! Exclamava o ator Fulano. As *galharufas*! E eu que as emprestei ao meu colega Beltrano! O Sr., que não tem que fazer, dê um pulo até lá, é um obséquio...

[121] COSIMO. Pálidas e Fantos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 285-286, set. 1893.
[122] Ibid., p. 286.

> E o pobre diabo andava assim de teatro em teatro, durante longas horas, à procura das *galharufas*, isto é, de uma coisa que não existia.
> *Fantos* deve ser, pois, o mesmo que *galharufa*, ou coisa parecida.[123]

Fica perceptível que, para além da não-compreensão do título, o vocábulo *galharufa* seria representativo do livro como um todo, porque os poemas nele publicados não agradaram o resenhista, que, quiçá na busca por um sentido mais explícito, tenha ficado sem encontrá-lo. Certamente aborrecia o fato de não se perceber no livro a literatura como um documento que revela o contexto social. Há uma citação de Massaud Moisés que ilustra bem essa questão:

> Enquanto [outras estéticas literárias] pressupõem transformações culturais mais amplas e radicais, chegando a compartilhar de revoluções sócio-históricas de profundas ressonâncias [...] – o Simbolismo constitui mais (ou menos) do que uma renovação cultural. E, mais do que uma reforma no plano da essência literária, identifica-se logo como uma revolução da expressão literária.[124]

Partindo dessa perspectiva, explicita-se o fato de que o Simbolismo tinha como forte atributo a negação do Realismo, Naturalismo e Parnasianismo, que eram dominantes na época finissecular. Entenda-se essa *negação* como um modo diferenciado de compreender e conceber a literatura e não apenas como uma atitude de rechaça. E viria justamente da não-aceitação dessa proposta inovadora, a postura pouco complacente de Artur Azevedo e seus contemporâneos com os autores e seus textos.

Voltando às resenhas, duas vezes apareceram textos com a rubrica de "Livros Novos". Interessa a coluna que foi publicada em setembro de 1893, porque ao listar os lançamentos e relançamentos, trouxe críticas curiosas a respeito de *A normalista*, de Adolfo Caminha e, de forma mais demorada, de *Broquéis*, de Cruz e Sousa. Do primeiro, Cosimo enfatizou que se filiava à escola de Zola e asseverou que:

> As armas do naturalismo *à outrance* são perigosas em mãos bisonhas, que não saibam aparelhá-las convenientemente. O autor da *Normalista* tem uma perfeita intuição da arte de contar, mas faltam-lhe forças para arcar com o peso da responsabilidade de suas audácias.
> Fazemos justiça ao Ceará, pondo de quarentena a pintura que o romancista faz da sociedade cearense, e ficamos à espera de que ele nos dê livro mais convicto, mais observado, mais refletido, mais seu.
> *O País* aconselha-o a que se liberte da influência de certas leituras, e o conselho é bom.

[123] COSIMO. Pálidas e Fantos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 286, set. 1893.
[124] MASSAUD, Moisés. *O Simbolismo (1893-1902)*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 27-33. v. IV.

> Entretanto, *A normalista* deve ser lida por quantos prezem as letras nacionais. Tem lugar conquistado em todas as bibliotecas aonde não vão meninas.[125]

Lê-se na crítica uma reprovação ao excesso da tinta naturalista no livro de Caminha causada, possivelmente, pelo apego ao modelo de Zola, haja vista a sugestão de que deveria escrever um livro "mais seu". O fragmento corrobora ainda, que Azevedo buscava sempre apontar aspectos positivos e negativos, e, nesse caso, apesar de parecer contrariado com a leitura, indicou-a aos apreciadores das letras nacionais, mas com a ressalva, bem-humorada, de que não chegasse às meninas.

Do poeta Cruz e Sousa foi publicado o poema "Primeira comunhão". Destacou-se a sonoridade dos textos do catarinense, além do fato de ser ele um dos artistas mais apreciados de sua geração. Porém, Cosimo afirmou: "escreve o poeta coisas que eu não entendo, não sei se por um defeito da minha inteligência, o que é provável, ou por uma enunciação muito subjetiva das suas impressões, o que é possível".[126]

Nenhuma possibilidade era descartada na tentativa de entender os poemas, mas ainda sem encontrar a resposta, – após a transcrição do soneto, – a glosa foi singular: "Não entenderam? Nem eu. Mas faz bem ao ouvido, não acham? Contanto que não se leia outro do mesmo gênero logo em seguida".[127] Faltava a compreensão de que os poemas simbolistas recusavam, justamente, o entendimento fácil. Segundo Candido, pensando no paradigma em que conviveram o parnasianismo e o simbolismo, pode-se depreender que

> [...] o simbolismo representava naquele tempo a modernidade. Inclusive por causa de uma característica muito grata à perspectiva de hoje: o trabalho interno sobre a palavra, ou melhor, a tendência para encará-la como algo de cuja natureza corpórea (por assim dizer) se podem extrair os elementos para construir um mundo singular – sendo que para a média dos simbolistas o elemento por excelência era a musicalidade".[128]

Assim, Azevedo, apesar de não gostar do poema, percebeu a musicalidade indicada por Candido como característica premente do Simbolismo. De modo que o resenhista chegou a questionar se não agradara o ouvido do leitor; porém, apenas isso. Como se nota, ele não era benigno com as obras resenhadas.

---

[125] COSIMO. Livros novos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 302, set. 1893.
[126] Ibid., p. 303.
[127] Ibid.
[128] CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica*: o momento parnasiano-simbolista no Brasil. São Paulo: Ática, 1983. p. xiv.

A recepção ao livro *Blocos*,[129] que trazia divagações e fantasias, de Isaías de Oliveira, também não foi das melhores. Deu-se ênfase ao fato de ser uma leitura agradável, porém agradável demais. Não era fácil animar o diretor da revista, como se vê pelo comentário: "os escritos deste gênero [...] ficam bem numa revista como o *Álbum*, isolados, entre uma poesia e um conto, de outros autores, - coisinhas interessantes, mas efêmeras, que se atiram para o lado e se relêem mais tarde, com muito prazer, depois de encadernada a revista".[130] Dois aspectos devem ser frisados: a percepção de Azevedo em relação à estruturação de sua revista e mais uma vez, a ideia da revista como algo a ser colecionado para a posteridade.

A pouca complacência não apareceu quando do lançamento de *A mortalha de Alzira*, de Aluísio Azevedo. Após retomar o fato de o livro ter sido publicado em folhetins na *Gazeta de Notícias* com o pseudônimo de Vitor Leal, Cosimo frisou que não havia nele o teor científico das outras obras. Reproduziram-se na revista a justificativa e a dedicatória do livro, encerrando-se assim o comentário: "recomendamos insistentemente a leitura da *Mortalha de Alzira* não só aos letrados, que acharão naquelas páginas um grande esforço artístico, mas principalmente às pessoas sensíveis, despreocupadas de questões de escola, e procurando nos livros um excitante nervoso".[131] Como Magalhães Junior ponderou, Azevedo era um grande incentivador do irmão caçula.

Para finalizar a leitura das resenhas do pseudônimo Cosimo, serve bem um poema publicado na revista, com o título "Gongorismo", assinado pelo pseudônimo, cujo conteúdo sustenta e corrobora as críticas do autor em relação aos textos que traziam características constitutivas do Simbolismo.

Cedendo ao meu descrédito anhelante,
A mestícia que tenho me defrauda;
Bem que o favor lacônico me aplauda,
Preços indico ao célico turbante.

Obstento ao móvel um mentido Atlante,
Furto-me aos Letes na corrente rauda,
E ao sol, montado na cerúlea cauda,
Alando vou da vida naufragante.

Afeto aplausos do circuito sábio,
E, em meu valor altíssono e tremendo,
A fim de intercalar gémino lábio...

[129] COSIMO. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 39, p. 308-309, set. 1893.
[130] Ibid., p. 309.
[131] COSIMO. A mortalha de Alzira. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 43, p. 342-343, out. 1893.

– Fábio, tu entendes o que estou dizendo?
– Certamente que entendo. – Mentes, Fábio,
Pois eu próprio que o digo não no entendo.[132]

O título do poema é bastante significativo, porque remete ao poeta espanhol Luís de Gôngora, cujo estilo literário caracterizava-se pelo rebuscamento da forma, pela retórica exagerada, pela complexidade das construções sintáticas e o léxico erudito. Ao intitular assim, parece haver uma referência bem clara ao fato de que vocabulário e tema trabalhados pelos simbolistas não seriam entendidos por ninguém.

Trata-se, portanto, de uma sátira divertida e exemplar do pensamento de Azevedo em relação ao "hermetismo" dos simbolistas. E, como se verá, ao utilizar-se do pseudônimo Amarante, que também contribuiu com o texto de algumas biografias, o tom de escárnio permaneceu. É o que comprova a crítica ao livro *Missal*,[133] de Cruz e Sousa, que ocupou mais de duas colunas. Sobre este pseudônimo, a inspiração pode ter vindo de um personagem homônimo da peça *La suivante*,[134] do dramaturgo francês Pierre Corneille, muito lido no período. Seu conteúdo é sobre fingimento e o uso de máscaras para se alcançar determinados objetivos, o que coaduna com a ideia de se esconder por trás de um nome falso.

Voltando à resenha de *Missal*, logo se avisou que era um livro difícil, de modo que a leitura consumiria um bom tempo do leitor. Vale ressaltar o detalhe de que ela foi feita quase toda, por meio de comparações, em sua maioria, depreciativas. "O *Missal*, mal comparado, é como certos bifes que dão mais a mastigar que a engolir. Os bifes e os livros desse gênero cansam muito e alimentam pouco". Em outro símile, afirmou-se que o livro seria como um corpo, mas sem o esqueleto, porque lhe faltava alma.

No entanto, apontou-se como ponto positivo, algumas "flores de retórica", mas que pecariam por serem artificiais demais, pois para o resenhista: "assim como não se suporta um prato feito só de temperos, também não se vai ao fim de um livro em que falte a primordial substância nutriente".[135] Para Amarante, era um livro de estilo, mas sem conteúdo, como se pode verificar pela afirmação de que: "o molho cá está, recebemos e provamos; pode ser que sirva. Tenha a bondade de mandar agora a carne ou o peixe". Foi um comentário agressivo, porque argumenta faltar, ao livro de poesias, as poesias. Fica latente o entendimento de que não havia no livro literatura, e sim, apenas um estilo tortuoso e repleto de chinesices.

---

[132] COSIMO. Gongorismo. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 20, p. 156, maio 1893.
[133] AMARANTE. Missal. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 93-94, mar. 1893.
[134] MALLINSON, J. G. *La Suivante*: une voix demi-gaie et demi-serieuse. In: *The comedies of Corneille*: experiments in the comic. Manchester University Press: New Hampshire, 1984. p. 107-133.
[135] AMARANTE. op. cit.

Para o autor do texto, esse estilo excessivo fez com que ficasse explícito o esforço para a criação dos poemas, enquanto um bom artista deveria criar sem denotar os entraves. Como não lembrar, a partir dessa percepção, de alguns versos do poema de Bilac, "A um poeta", no qual, ao falar de seu ofício, predica que o poeta deve escrever de tal maneira que seu empenho não seja visível: "não se mostre na fábrica o suplício / Do mestre. E, natural, o efeito agrade, / Sem lembrar os andaimes do edifício".[136] Lições de um parnasiano que teriam feito falta ao simbolista, pois não haveria, em Cruz e Sousa, naturalidade.

Para rematar suas anotações, mais uma comparação; Amarante se perguntou sobre o que se diria de um artista de algum ateliê que, para pintar, juntasse tudo o que encontrasse e misturasse. "O pintor, mesmo se seus detalhes fossem muito artísticos, teria feito com isso obra de arte?" Ou seja, por meio do questionamento acabou alegando que *Missal* não parecia ser literatura. Contudo, apesar das críticas severas, o autor asseverou que dos ensaios sobre estilo e na busca das minúcias, poderia ainda sair um poeta.

A partir das leituras das resenhas, vê-se que Artur Azevedo, como muitos de seus contemporâneos, ainda não entendia o Simbolismo. Significativo disso, é que ao comentar o movimento simbolista, explicita-se a presença dos "clichês" tão em voga na época entre os ensaístas que faziam referência aos textos com elementos dessa estética, como tratá-los por decadistas, novos, tortuosos e adeptos de chinesices, dentre outros. Como lembra Cassiana Carollo, "uma revolução poética longe de resultar do processo de sucessão contínua supõe uma longa fase de lutas, polêmicas e debates, nascidos como armas da nova ideia que procura se impor ou decorrentes da reação natural de um sistema até então dominante".[137] Depreende-se, então, que ao lado do Simbolismo havia um movimento contrário a ele.

No entanto, Carollo ressalta que essa postura não existia apenas no Brasil, e ocorria, do mesmo modo, nas demais literaturas. Por isso, a imprecisão terminológica, observada nas resenhas, guarda um sentido generalizante de reprovação. Os naturalistas e positivistas, que eram as autoridades no campo da crítica, realizavam uma leitura cuja maior preocupação era com a referencialidade. Assim, os textos com elementos simbolistas, que primavam pela expressão e, sobretudo, pela linguagem que rejeitava o entendimento direto, acabaram não tendo uma recepção muito calorosa.

---

[136] BILAC, Olavo. A um poeta. In: Idem. *Tarde*. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919. p. 118-119. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292700>. Acesso em 20 ago. 2009.

[137] CAROLLO, Cassiana Lacerda. Recusa à concepção técnico-analítica do mundo: os signos da ruptura; polêmicas, reações, desvios e contradições internas. In: Idem. *Decadismo e Simbolismo no Brasil*: crítica e poética. p. 1; p. 325.

Tendo em vista as leituras realizadas de parte das resenhas escritas por Azevedo para sua revista literária, com os pseudônimos Amarante e Cosimo, os comentários de Marcelo Coelho, ao tratar da atual crítica literária e o jornalismo cultural, são pertinentes para encerrar a abordagem, porque ilustram o quanto pode haver de equívocos nesse trabalho:

> Lamenta-se o fim da crítica, mas nada sempre foi tão criticado e lamentado, quando existia, do que a própria crítica. [...] os críticos, em geral, nunca tiveram uma imagem muito boa. Seus erros são célebres, e seus acertos, muitas vezes, se dissolvem no consenso geral.
> Talvez o crítico "erre" não quando aponta aquilo que ele julga ser um defeito, mas quando se contenta em apontar esse defeito, quando pára por aí.[138]

Artur Azevedo não se considerava um crítico, ou pelo menos, não gostava de ser tratado como tal, nem mesmo quando o tema era a dramaturgia. Em uma de suas crônicas "O Teatro", d'*A Notícia*, quando comentou um espetáculo, confessou: "um crítico exigente, não eu, que não passo de mero apreciador".[139] Afora a autoderrisão, ele parecia ter consciência de que suas análises se constituíam mais em impressões de um apaixonado pela dramaturgia do que de um profundo conhecedor de todos os gêneros teatrais que comentou. E essa postura em relação ao teatro, pode ser aplicada às resenhas aos novos livros.

Há ainda que se levar em consideração o fato de o escritor se preocupar em estimular a produção literária, por meio de suas resenhas críticas. Em um de seus textos veiculados na seção "Crônica Fluminense", por exemplo, ao tratar do livro *Musa alegre*, de Brás Patife, fez algumas restrições, mas ponderou: "estes conselhos, não os daria, se não reconhecesse que, bem encaminhado, o moço que se assina Brás Patife pode chegar um dia a ser alguém".[140] Longe de apenas criticar, adotava a postura de alguém preocupado em orientar para melhorar.

Levando em conta as reflexões de Marcelo Coelho sobre a crítica, ainda que Azevedo dissesse não ser crítico, é possível supor que, principalmente no que concerne ao Simbolismo, o comediógrafo tenha cometido o equívoco de não enxergar além daquilo que lhe causava estranhamento. Porém, isso não desmerece seu papel como incentivador das artes, haja vista que, mesmo frente à falta de entendimento, há grande número de prosa poética simbolista nas páginas d'*O Álbum*.

---

[138] COELHO, Marcelo. Jornalismo e crítica. In: MARTINS, M. H. (Org.) *Rumos da crítica*. São Paulo: SENAC: Itaú Cultural, 2000. p. 83-94.
[139] A.A. O Teatro. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 18 out. 1902.
[140] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 83, mar. 1893.

1.4 Breve olhar sobre a direção literária de Azevedo: entre novidades e velhos temas

O Álbum caracteriza-se por ser dono de certa multiplicidade coerente, uma vez que em todos os números era comum que aparecessem textos bem diferenciados entre si. Coerente porque são justamente essas múltiplas produções, às vezes convergentes, outras, divergentes, que o configuram como um periódico representativo do que era o cenário literário e cultural no final do século XIX e início do XX. Dessa perspectiva, textos que pareciam totalmente díspares para integrarem a mesma revista, ganham sentido quando entendidos no panorama de sua época de circulação.

Antes de dar início a algumas considerações em relação à produção poética e em prosa publicada, importa reforçar que tais textos não são o objeto da dissertação. Trata-se de uma incursão interessada em situar o leitor sobre o que se vem afirmando, e também preocupada em apontar os múltiplos caminhos sugeridos pelo periódico, esperando semear horizontes de novas leituras d'*O Álbum*.

Como foi proposto no "Cavaco Preliminar", a revista realmente foi bem diversificada em seu conteúdo. Sobre os poemas veiculados, Simões Junior, em artigo outrora mencionado, fez um levantamento dos principais poetas que colaboraram, e apontou Artur Azevedo e Adelino Fontoura como os responsáveis pelo maior número de poemas. O pesquisador cita ainda os outros colaboradores, sobre os quais afirma que alguns eram pouco conhecidos pelo público fluminense, o que reforça o fato de Artur Azevedo dar espaço a quem iniciava.

O Álbum veiculou uma média de 190 poemas. As colaborações foram esporádicas, algumas inéditas, e outras de autores já falecidos, como é o caso de Adelino Fontoura. Houve a publicação de algumas poesias em língua francesa, além das traduções de um soneto por meio de um concurso poético,[141] divulgado a partir da edição de número 17 da revista. A proposta era para que se enviasse a tradução do poema "Reves ambitieux", de Josephin Soulari. Todas seriam publicadas, mas somente o vencedor teria seu nome revelado e receberia como prêmio uma assinatura d'*O Álbum*.

No número 24, publicaram-se as dezesseis traduções enviadas, e os nomes dos juízes: Luís Delfino, Olavo Bilac e Artur Azevedo. Na publicação posterior o vencedor foi revelado: José Fino, pseudônimo de Silva Ramos. Imagine-se a felicidade de ser escolhido por nomes prestigiados na poesia brasileira.

---

[141] CONCURSO POÉTICO. *O Álbum*. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 17, p. 129, abr. 1893.

Ainda a respeito desse concurso, numa "Crônica Fluminense" de maio de 1893, A. precisou de seu espaço para responder a um jornalista e poeta, que nas páginas d'*O País*, teria criticado o concurso poético d'*O Álbum,* ao dizer que seria melhor sugerir um tema para que fosse escrito um poema, o que daria mais espaço para a criatividade. O cronista defendeu seu concurso, dizendo: "o colega afirma que para traduzir não é preciso talento; basta habilidade. Discordo; em primeiro lugar porque não sei que diferença possa haver, nos domínios da literatura, entre habilidade e talento [...]" e ratificou sua afirmação: "meta o colega a mão na consciência, e diga se Machado de Assis, quando traduziu o Corvo, de Edgar Poe, não empregou nesse trabalho algum talento".[142]

Quem melhor do que Artur Azevedo para saber que no ofício de tradutor de textos literários, havia sim espaço para a criatividade. Basta lembrar que ele foi um escritor de teatro que também adaptou inúmeras peças, e recebeu bem para isso. Respeitando as diferenças de discurso que podem existir entre tradução e adaptação, sabe-se que Azevedo, longe de apenas passar para sua língua-mãe textos estrangeiros, tinha sempre latente a preocupação de agradar o público, mantendo pouca fidelidade ao original, quando mister à aclimatação do contexto aos palcos brasileiros.

Voltando o olhar para os poemas, não foi possível descobrir se alguns dos autores ficaram restritos à época e, por isso, não se encontrou nada sobre eles ou se, na verdade, eram pseudônimos. É o caso, por exemplo, de A. J. Teixeira, Antonio Lima, Celso de Meneses, Joaquim Lamanho, Paulo Augusto e Raimundo de Sousa. Apenas Paulo Augusto teve uma participação mais significativa, e colaborou em outras seções da revista, daí a certeza de se tratar de um pseudônimo.

Sobre a colaboração das figuras mais conhecidas do período, elas foram poucas, mas importantes, e mostram que entre os poetas de renome, pelo menos para a publicação na revista, a preferência foi dada ao soneto com temas da estética parnasiana. Os nomes mais populares que tiveram poemas estampados na revista foram Guimaraens Passos, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Valentim Magalhães, Raimundo Correia, Machado de Assis e Luís Murat. Duas poetisas que despontavam na cena literária, Francisca Júlia e Zalina Rolim, também publicaram.

Essa heterogeneidade existente entre a participação de colaboradores consagrados e outros não, ajuda a esclarecer a defesa feita posteriormente de que Artur Azevedo teria a postura de um "integrador", tanto pela variedade de escritores quanto pela variação dos textos.

[142] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, p. 148, maio 1893.

Tome-se o exemplo de algumas produções: a paulistana Francisca Júlia publicou três sonetos, que apresentaram desde o descritivismo, – artifício comum aos parnasianos, – a uma cena entre um casal apaixonado. Já Georgina Teixeira, publicou sonetos mais românticos e bastante femininos, como "Eterna história", cujo eu-poético carrega a dor de ter perdido as ilusões no amor, e encerra assim sua história: "eis o meu coração, eis a mais triste / história de quem ama, e que persiste / em ser a eterna história das mulheres!...".[143]

Olavo Bilac publicou dois poemas bem diferenciados entre si. O primeiro, "Campo santo" é composto de quatro estrofes de cinco versos cada, e mostra a dor causada pela morte para os que ficam, daí o título remeter a cemitério; o segundo, "Primavera", é um soneto atravessado por certo sensualismo.

Em relação aos poemas de Artur Azevedo, eles podem ser entendidos como textos de ocasião; porque ora publicou quadras em homenagem à afilhada, ora reproduziu seu próprio texto que estava num álbum. Dos sonetos publicados, um foi para Sarah Bernhardt, quando a atriz esteve no Brasil, outro foi um agradecimento ao povo da Bahia devido à boa acolhida que recebeu no estado, e um fora escrito especialmente para Lopes Trovão, que perdera a esposa. Escreveu ainda, dois poemas "Cantilena" e "Recordação", que remetem à sua vinda para a capital, porque no ano de 1893, fazia vinte que deixara o Maranhão. Não se pode esquecer do "Despacho", por meio do qual respondeu ao padre Correia de Almeida que seu próprio retrato não figuraria na galeria da revista.

Dentro dessa variedade estética que compunha as páginas da revista, pode-se destacar o poema "Visão sinistra", de Cunha Mendes, com temática realista. São 11 quadras que descrevem um pesadelo do eu-lírico com um vulto caracterizado por ter: "carne podre; os pés esguios; os cabelos / úmidos se enrolando às espáduas nojentas: / na boca ensanguentada, em moncosos novelos, / vermes em procissões lascivas, macilentas..."[144] A descrição segue por todas as quadras, com um vocabulário que pendia para o científico.

O desconhecido Paulo Augusto também é representativo da multiplicidade d'*O Álbum*, porque seu primeiro texto foi um soneto, "Efeitos de amor", de conteúdo romântico: "Quando sem ver-te algumas horas passo / a rosa murcha, o pássaro não trila, / cobre-se o céu, troveja, e não cintila / nem uma estrela no sombrio espaço", finalizando, porém, com um terceto bastante provocador: "não imaginas pálida formosa, / como todo o meu ser palpita e goza / quando um rápido olhar te lanço".[145]

---

[143] TEIXEIRA, Georgina. Eterna história. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, p. 148, maio 1893.
[144] MENDES, Cunha. Visão sinistra. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 302, set. 1893.
[145] AUGUSTO, Paulo. Efeitos de amor. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 32, jan. 1893.

Após todo esse romantismo do poeta, um número depois, o leitor deparou-se com a seguinte quadra: "Certa noite o Cinismo numa viela, / dentro de um charco imundo / topou a Ingratidão; dormiu com ela... / – Nove meses depois tu vieste ao mundo".[146] Ora, trata-se também de algum caso de amor, mas decepcionante, não havendo nada de belo ou romântico; note-se o uso de maiúsculas alegorizantes, tão caras aos simbolistas.

Em relação ao simbolismo, didaticamente, seu início, no Brasil, é demarcado a partir da publicação de *Missal*, de Cruz e Souza, em 1893. Contudo, antes disso, as inovações que ocorriam na Europa já haviam chegado aqui, haja vista o fato de que em 1887, Medeiros e Albuquerque compartilhou com amigos livros simbolistas trazidos de uma viagem ao velho mundo. Antonio Candido, em "Os primeiros baudelarianos" mostra que já havia poetas sendo influenciados pela nova estética,[147] que marcaram, como também pontua Massaud Moisés, a transição entre a poesia romântica, ou mesmo parnasiana, e a poesia de nítidos contornos simbolistas.[148]

Por isso, é compreensível que n'*O Álbum* haja uma produção já bastante contagiada pelo simbolismo, em especial, textos que poderiam ser classificados como prosa poética. De acordo com Moisés, o simbolismo é substancialmente poético, de modo que "para ser simbolista, uma obra deve ser poética, [...] logo, o que temos é sempre poesia, ainda quando a roupagem exterior (a referida 'mancha' da página) determine uma impressão contrária".[149]

Assim, a prosa poética situa-se entre o narrado e o sugerido, com uma linguagem imagética, metafórica e sinestésica. No caso d'*O Álbum*, para entender essa produção nele veiculada, a descrição feita por Massaud, a respeito dos textos de José Vicente Sobrinho, é exemplar. São suas palavras: "os sentimentos presentes ao espírito do escritor e das personagens são os peculiares à estética simbolista, ou seja, a saudade, a nostalgia, a tristeza, o misticismo".[150] Assim, enredo e personagens – quando havia – ficavam em segundo plano, pois "a prosa poética [se] expressa numa forma de contorno indeciso e vago como a poesia simbolista, destituída de ossatura episódica e personagens".[151]

Os textos n'*O Álbum*, que podem ser compreendidos a partir dessa perspectiva, somam quase quarenta, e têm uma estrutura diversificada, variando entre o narrativo, dissertativo, descritivo, epistolar e alegórico. O espaço é igualmente variado, aparecendo o campo, cidade,

---

[146] AUGUSTO, Paulo. A alguém. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 39, jan. 1893.
[147] CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelarianos. In: Idem. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 23-28.
[148] MASSAUD, Moisés. *O Simbolismo (1893-1902)*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. v. IV.
[149] Ibid., p. 218.
[150] Ibid., p. 225.
[151] Ibid., p. 227.

ambiente indefinido e espaço medieval. Em relação à linguagem, há elementos diáfanos, místicos, resultantes de certo preciosismo vocabular. Alguns dos autores que incursionaram por essa vertente, na revista, foram Luís Rosa, Avelino Foscolo, Cunha Mendes, Virgílio Várzea, Emiliano Perneta, Artur Lobo, Plácido Junior, Leônidas e Sá, Raul Braga, entre outros.

Nos poemas em prosa do *Álbum*, é possível perceber também, ainda que sutilmente, aquilo que Antonio Candido aponta como exagero da componente erótica de Baudelaire, que ocorreu, na literatura brasileira, com os primeiros baudelarianos. No texto "A freira", de A. Foscolo, apresenta-se uma jovem que fora obrigada a entrar para o convento e acabou louca. Em seu devaneio, narrou-se que

> O Cristo, descarnado, parecia desprender-se da parede, avolumando-se, tomando carnação nova, e nova forma, transfigurando-se na imagem do homem amado, caminhar, lentamente, para a freira, e apertá-la estreitamente de encontro ao peito, pousando os lábios nos dela.
> Ao influxo daquela visão voluptuosa, uma corrente sensual lhe percorria todo o organismo, e ela espojava-se no catre, sentindo todos os estos de volúpia que poderia dar-lhe o homem amado.[152]

Outros textos parecem se constituírem mais de pequenos quadros sugestivos do que de uma narrativa propriamente dita. É o caso de "Manhã na roça", de Virgílio Várzea, cujo conteúdo, curto, é a descrição de um momento num ambiente rural. Acompanhe-se um trecho da sugestiva prosa:

> É pleno inverno. Aqui e além, galos acordam, cantando, as primeiras claridades do dia. Vapores diáfanos diluem-se aos raios de ouro do sol, que rompe e purpureia o nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-se da floresta uma orquestração triunfal e alegre. Despertam de súbito, ao alargamento tépido da luz, as culturas adormecidas. Abrem-se as casas. Cantigas rústicas, amorosas, de uma sinceridade ingênua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-se à alacridade do campo. E pela comprida majestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das reses.[153]

[152] FOSCOLO, A. A freira. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 16, p. 123, abr. 1893.
[153] VÁRZEA, Virgílio. Manhã na roça. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 23, p. 180, jun. 1893.

Os elementos que remetem à claridade e a sinestesia tornam a descrição bastante visual e consequentemente expressiva. Não é diferente do texto "Noites brancas", de Leônidas e Sá:

> O coveiro da Eternidade repousa fatigado, enquanto se aproxima a procissão imensa de milhões de seres de cabeleiras brancas, que vêm descansar das intempéries dos dias... Na teoria colossal da Matéria nadam atarefadamente, como bilhões de vagas revolucionárias, em noite de tempestade, no vasto seio do vastíssimo Oceano... Movimenta-os a Força, a Suprema Vontade que rege todas as coisas...[154]

Note-se que nesse fragmento, há a presença das maiúsculas alegorizantes e nomes que remetem ao abstrato, deixando-o subjetivo. Tais produções traziam elementos do simbolismo tanto no que concerne ao tema quanto à forma. É exemplar disso, o texto "Ofélia" de Ortigão Sampaio:

> Desde então [quando soube que seria mandada a um convento], aquela criança ingênua e cândida, perdendo o fogo de um sentimento extinto pelo gelo da filosofia, foi buscar alívio às flores com a sua frescura de orvalho e as suas carícias de perfume. À noite, cercada de pirilampos, vagueava pelos jardins da realeza, cantando o seu luto numa nevrose louca. [...]
> Uma vez, ao pé do rio. Sentiu a atração do azul como uma bela flor de lótus. E, ao ver embaixo a imagem de um grande céu, lançou-se naquele êxtase de paixão aristocrata. Ficava morta.
> Foram-na encontrar, depois, boiando, como um lírio na placidez de um lago.[155]

É conhecida a preferência dos simbolistas por temas que tratavam da morte, da loucura e do destino, o que levava a um enfoque da mulher ao mesmo tempo espiritual e carnal. Desse modo, a personagem Ofélia, da tragédia *Hamlet*, de Shakespeare, devido ao seu final trágico, sempre foi atraente para os poetas simbolistas, trazendo em si a representação da fragilidade e o sentimento de rejeição. Pode-se citar, entre os poetas de língua portuguesa que recorreram à figura, Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens, Alceu Wamosy e Tristão da Cunha. Assim também o fez Ortigão Sampaio.

Apesar dessas produções, pensando na totalidade da revista, a preferência recaiu sobre o soneto. Um número superior a 117 deles foram publicados, perfazendo um total de 62,5 % dos poemas da revista. Ressalte-se que nem todos se incluíam na estética parnasianista, haja

[154] SÁ, Leônidas e. Noites brancas. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 29, p. 230, jul. 1893.
[155] SAMPAIO, Ortigão. Ofélia. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 44, p. 350, out. 1893.

vista os exemplos de Paulo Augusto e Georgina. Destarte, conviviam sem problema algum, diferentes estilos de criação literária, o que vem explicar o intertítulo: a produção literária pode ser comparada a um pêndulo que ia desde as novidades, mas também sempre trazia as formas e temas tradicionais, mostrando-se realmente um espaço aberto "as mais diferentes aptidões literárias".

Embora a produção poética tenha recebido mais relevo, os contos, mesmo que em menor número, também foram presença constante, e somam mais de 40 textos dentre os 55 números. Na verdade, em seu início, a revista não deu muito espaço ao gênero, mas depois o quadro mudou. Dentre os autores que tiveram seus contos publicados, pode-se destacar Machado de Assis, Adolfo Caminha, Pedro Rabelo, Moreira Sampaio e Raul Braga, entre outros.

Os contos de Machado de Assis "História comum", "O destinado" e "Cantiga de esponsais" não eram inéditos. Já os de Adolfo Caminha "A mão de mármore", "O exilado" e "Minotauro" eram, pelo menos para o público carioca, originais, tendo vista este comentário de Artur Azevedo, ao tratar da publicação de *A normalista*: "Adolfo Caminha, o talentoso autor deste romance, tem publicado no *Álbum* alguns bonitos contos: a *Mão de mármore*, o *Exilado*, *Minotauro* e outros. Não é, pois, um nome desconhecido que apresentamos aos nossos leitores".[156]

Dos contos de Caminha publicados, pode-se dizer que "A mão de mármore", é lúgubre e trágico; "Minotauro" traz certa tintura romanesca, porque se trata de um triângulo amoroso que, porém, tem um desfecho pouco romanceado; "O exilado" tem um enredo bem distinto e sua estrutura também é peculiar frente às outras duas narrativas, pois traz a história de um exilado espanhol e seu cão, dividida em oito partes.

Assim como foi com a produção poética, a temática e mesmo a estrutura dos contos veiculados foi bem variada. Raul Braga, por exemplo, publicou um conto de natal, Moreira Sampaio foi o responsável por um conto que mais parece uma anedota, porque somente em sua sétima e última parte, uma personagem que dá a entender ser uma mulher, revelou-se uma gata.

Quem teve mais contos publicados, foi Artur Azevedo, com o número de treze, que posteriormente saíram no livro *Contos fora da moda*. Muitos deles já haviam aparecido em publicações anteriores ao *Álbum*. Os oito primeiros apareceram de forma regular, do exemplar número 8 ao número 15. Depois foram ficando mais esparsos, e chegaram até outubro, no

[156] COSIMO. Livros novos. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 302, set. 1893.

último número lançado em 1893. Quando a revista voltou, em abril de 1894, no número 46, em maio, foi reproduzida a crítica que Olavo Bilac fez na *Gazeta de Notícias* quando do lançamento do livro *Contos fora da moda*.

Um dos aspectos mais interessantes dessa crônica é que ela ajuda a elucidar a respeito da data de publicação do livro de Azevedo, uma vez que há oscilações. Para se ter uma ideia, Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, no verbete "Artur Azevedo" da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, trazem a data de 1897; seu biógrafo Roberto Seidl, José Pacheco, em *O Realismo* e R. Magalhães Junior, no prefácio à edição dos *Contos Ligeiros*, mencionam a data de 1893. Já Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, a Academia Brasileira de Letras e Antonio Martins de Araujo, na bibliografia comentada da seleção *Os melhores contos de Artur Azevedo*, mencionam 1894.

Roberto Seidl afirma que a 1ª edição é de 1893, e que apenas a segunda, de 1894, lançada pela Livraria Moderna, foi autorizada pelo editor. Já Antonio Martins de Araújo informa que a segunda foi de responsabilidade da H. Garnier, em 1901. Conforme a crônica de Olavo Bilac, o livro saiu pela Livraria Moderna, sob responsabilidade do editor Domingos de Magalhães, em maio de 1894. Assim, está com a razão Antonio Martins ao informar que a segunda edição foi feita pela H. Garnier, porque a primeira foi da Livraria Moderna.

Outra questão que também ajuda a confirmar que o livro é de 1894 é o fato de Araripe Junior não tê-lo mencionado em seu "Movimento literário do ano de 1893". [157] Ora, mesmo autores iniciantes, dos quais o crítico não tinha gostado, mereceram ser lembrados no texto, porque Artur não mereceria? Frente a tais desencontros, a revista traz, então, um importante esclarecimento sobre a problemática.

Em relação aos contos de Artur Azevedo publicados n'*O Álbum*, todos têm forte veia cômica, que resulta do enredo divertido e do uso da linguagem popular. Os temas são comuns, como a traição no casamento, tanto da mulher quanto do homem, sátira ao sentimentalismo romântico, a má-sorte, a futilidade das mulheres, mas também sua esperteza. O cenário é sempre a capital federal, o Rio de Janeiro, e naturalmente seus personagens eram cariocas, dos mais variados tipos. Transitaram em suas histórias os maridos e esposas infiéis, o funcionário público, os burgueses da classe média, o boêmio, entre outras figuras comuns ao período. Talvez seja justamente por essa simplicidade e a não presença do ranço cientificista tão comum à época, que seus textos alcançaram sucesso em seu tempo e ainda alcançam na contemporaneidade.

---

[157] ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. Movimento literário do ano de 1893. In: Idem. *Obra crítica de Araripe Junior*. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: MEC – Casa Rui Barbosa, 1958. p. 105-193. v. II.

Entre os diferentes contos e poemas veiculados n'*O Álbum*, essa breve amostragem esclarece que havia uma medida coerente, na revista, entre novidades e velhos temas, daí ser impossível não concordar com o próprio Artur Azevedo quando apontava a relevância que seu empreendimento literário teria no futuro.

Capítulo II:
ARTUR AZEVEDO, CRONISTA DO COTIDIANO

> Escrevo, não para os cafés da rua do Ouvidor, mas para a cidade inteira. Gabo-me de ter leitores em todo o país, e como sirvo com a melhor gramática de que disponho e com todo o bom senso de que sou capaz, conservo tranquila a minha consciência de jornalista.[1]

> Ele possui como ninguém a habilidade suprema, o talento raro de despachar uma semana dessas com duas penadas simples e prontas. É de pasmar a facilidade com que caricatura num calemburgo os fatos cômicos, com que com uma frase autopsia os heróis impantes de importância e faz a psicologia do momento político com um grão de bom senso e dois gramas de bom humor.[2]

> [...] foi de todos o que mais soube tratá-la [a crônica], como ela quer ser tratada, com um espírito onímodo, dando a todos os assuntos uma leve graça fugitiva, e pondo a arte do dizer ao alcance de todas as inteligências, sem prejuízo da correção do estilo.[3]

---

[1] AZEVEDO, Artur. Espécie de profissão de fé. In: SEIDL, Roberto. *Artur Azevedo* – ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: ABC Limitada, 1937. p. 169.
[2] VALENTE, Marcos. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 22, p. 171, maio 1893.
[3] BILAC, Olavo. Artur Azevedo. In: Dimas, Antonio (Org.). *Bilac, o Jornalista*: crônicas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Editora da Unicamp, 2006. v. I.

Gênero jornalístico por excelência, as crônicas podem ser um valioso registro sobre a cultura de uma época, como é o caso de textos publicados em periódicos do final do século XIX e início do XX, no Brasil, momento histórico em que a imprensa serviu de vitrine à nova mentalidade que se formava na capital. A crônica expressou e ajudou a difundir os ideais e os costumes da sociedade do Rio de Janeiro, veiculando diversos temas, que oscilavam entre o fútil e o útil, o literário e o informativo.

No caso da revista *O Álbum*, além de tratar dos assuntos do momento, fazendo um apanhado da semana, em algumas ocasiões, a "Crônica fluminense" ganhava certa conotação política e, até mesmo, de protesto, pois havia comentários sobre a Revolução Federalista e a Revolta da Armada, que não eram nada imparciais, pelo contrário. Entretanto, uma seção de crônicas, da mesma publicação, podia ainda ser especializada em arte e cultura, como a coluna "Teatros", também de Artur Azevedo, cuja preocupação era com os espetáculos em cartaz na capital.

Como se observa, a crônica prestava-se aos mais variados tipos de abordagem, tanto no que concerne ao tema quanto ao estilo empregado, o que a torna dona de uma multiplicidade de sentidos. Isso faz com que, apesar de sua aparente simplicidade, seja um gênero de difícil definição. Davi Arrigucci Jr.[4] aponta que a palavra crônica tem um campo semântico variado, mas, qualquer que seja a significação, sempre carrega a noção de tempo. E para bem compreendê-la em seu desenvolvimento, no âmbito brasileiro, deve ser considerada em sua relação com a imprensa.

O jornal, entre outros meios de publicação periódica, guarda a ideia de efemeridade, de modo que a crônica seria escrita para não durar muito, até mesmo por conta de se tratar, geralmente, de um texto com linguagem simples, espontânea, situada entre o oral e o literário. Como bem definiu John Gledson,[5] o gênero traz em si um leitor específico, que compartilhe do mesmo tempo que o cronista e, desse modo, é provável que os questionamentos do inglês, ao manejar as crônicas de Machado de Assis, perpassem por todos os pesquisadores que se aventuram nesse campo: por que desenterrar os comentários de um tempo tão distante? Qual a sensatez em se manipularem textos cuja relevância talvez pudesse não ser tanta para o leitor de agora?

Gledson mesmo é quem dá a resposta: tanto pelo seu valor intrínseco quanto pelo valor extrínseco. Esse ponto de vista é compartilhado nesta dissertação, pois se entende que as

[4] ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, jan - dez 1985.
[5] ASSIS, Machado de. *Bons dias*! Crônicas (1888-1889). Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec; Editora da Unicamp, 1990. p. 11-12.

peculiaridades das crônicas, longe de sepultarem-nas em páginas de jornal esquecidas, fazem com que superem os comentários e críticas a respeito dos acontecimentos noticiados pelos jornais e vão além, revelando-se mais subjetivas, ao mostrarem uma percepção diferenciada dos fatos, seja pela visão mais poética ou ainda, por não ser imparcial; isso vai depender do escritor e do contexto.

Quando surge, no Brasil, a crônica é matéria de um pedaço bastante híbrido do jornal: o folhetim. Nele se deu vazão à literatura, além de os autores tratarem de temas diversos "com uma volubilidade de colibri a esvoaçar em ziguezague".[6] Para muitos escritores a crônica foi uma escola, que os preparou para o romance-folhetim; fez parte da produção de diferentes autores, dentre os mais conhecidos, tem-se José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac e João do Rio, para ficar em quatro exemplos apenas.

Já no modernismo, vários escritores também se dedicaram à crônica, sendo nesse momento incorporada definitivamente a fala coloquial, fazendo dela um meio "[...] de mapear e descobrir um país heterogêneo".[7] Muitas vezes, a crônica modernista e a contemporânea vão-se voltar ao passado, ao mesmo tempo em que fazem instantâneos da vida moderna.

Trata-se, realmente, de um gênero volátil e versátil,[8] que em sua origem comportou desde comentários, ou mesmo informações, sobre questões artísticas ou sociais, mas chegou a trazer textos com um trabalho estilístico em relação à linguagem, alcançando, muitas vezes, o lírico ou a prosa de ficção. Ou seja, foi um espaço para o desenvolvimento de matérias ilimitadas, que se aclimatou muito bem no Brasil.

Devido a essa ambiguidade quanto à natureza da crônica, junto aos mais variados estilos que já fizeram parte de sua configuração, é que se torna imprescindível, para realizar a leitura das crônicas de Artur Azevedo publicadas na revista *O Álbum*, levar em conta a afirmação de Santiago Nunes Ribeiro ao tratar da literatura nacional: "a poesia brasileira da época anterior à independência *foi o que devia ser*".[9] Foi uma colocação muito lúcida em relação ao fato de que é preciso respeitar as condições de produção e as ideias que vigoravam em cada época, e entender os textos – cuidando para não cair em anacronismos – conforme seu contexto social e cultural.

---

[6] ARRIGUCCI JR., D. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, jan - dez 1985. p. 51.
[7] Ibid.
[8] MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa. 1992, p. 93-133.
[9] RIBEIRO, Santiago Nunes. Da nacionalidade da literatura brasileira. In: COUTINHO, Afrânio (Org.) *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974. p. 51. v. I. (grifo nosso)

Às reflexões resultantes do comentário de Ribeiro, pode-se acrescentar ainda o fato de que o cronista trabalha em meio a duas limitações bastante comprometedoras: o espaço para o texto é restrito, geralmente o rodapé ou uma coluna, e, principalmente, o tempo para escrevê-lo. Assim como há a limitação ocasionada pelo leitor, que busca uma leitura circunstancial e amena, de tal forma a levar um autor como Bilac "a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras [...]".[10]

Os elementos apontados confirmam: se a crônica oferece uma leitura agradável, não significa que sua fatura também o seja. Representativo disso é que na época do XIX e, ainda hoje, era comum algumas crônicas serem, na verdade, metacrônicas; por exemplo, em José de Alencar e Machado de Assis. Do primeiro, pode-se retomar texto estampado no *Correio Mercantil*, no qual, comentando o embaraço que, às vezes, acometia o cronista ante sua obrigação, enumerou possibilidades de abordagem dos temas, e disse acreditar que alguns dariam um poema ou romance, mas tais gêneros não serviriam ao seu propósito: "os antigos [...] que fizeram tanta coisa boa, esqueceram-se dessa invenção de personificar a semana, e por conseguinte não há remédio senão deixar as comparações e voltar ao positivo da crônica, desfiando fato por fato, dia por dia".[11]

E a respeito de Machado, célebre por seus romances e contos, que ao escrever sua crônica semanal, um gênero considerado leve e fugitivo, igualmente demonstrou quantas dificuldades poderia haver: "a obrigação de comentar leva-me a fazer transições bruscas; por isso passo sem preâmbulos do novo livro à oferta que por parte de alguns amigos e admiradores acaba de ser feita ao Sr. Dr. Pinheiro Guimarães".[12] Ou quando avisou ao seu leitor o porquê de utilizar determinados recursos gráficos: "esta linha de pontinhos indica que vou passar a assuntos de outro gênero, para os quais não achei uma transição capaz".[13]

A reflexão metalinguística era comum, porque se tratava de uma seção do jornal que ainda se definia e deixava em apuros seus cultores, e por isso, estes, em muitos momentos, aproveitavam a coluna para desabafar. Tal abertura a diferentes abordagens torna interessante o texto "Ensaio e crônica",[14] de Afrânio Coutinho, porque traz cinco classificações para a

---

[10] CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: Idem (Org.). *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 16.
[11] ALENCAR, José de. Ao correr da pena, 19 nov. 1854. In: Idem. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995. p. 52-58.
[12] ASSIS, Machado de. Comentários da semana, 1 nov. 1861. In: *Machado de Assis* – obra completa. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/cronica/macr01.htm>. Acesso em 29 ago. 2009.
[13] Ibid., 1 dez. 1861.
[14] COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.), COUTINHO, Eduardo de Faria (co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997. v. 6.

crônica, que, longe de enquadrarem-na num esquema, ajudam a organizar a leitura. Segue na íntegra a proposta:

> a) *a crônica narrativa*, cujo eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo, meio e fim. O exemplo típico é Fernando Sabino.
> b) *a crônica metafísica*, constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens. É o caso de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou discretear filosoficamente.
> c) *a crônica poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado. É o caso de Álvaro Moreira, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo, Eneida, Raquel de Queiroz.
> d) *a crônica-comentário* dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, "o aspecto de um bazar asiático", acumulando muita coisa diferente ou díspar. Muitas crônicas de Machado e Alencar pertencem a esse tipo.
> e) *a crônica-informação*, mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal.[15]

É interessante perceber como essa categorização acaba se pulverizando quando é feita a leitura dos textos, porque, não raro, mais de um tipo de grupo acaba aparecendo numa mesma crônica, ou ainda, porque não consegue dar conta das variadas configurações que a crônica pode ter, dependendo do autor. Entretanto, como já ressaltado, é válida porque traz reflexões pertinentes sobre o gênero. E, no caso de Azevedo, assim como era comum em sua época, pode-se afirmar que predominava a crônica-comentário permeada por outros métodos de composição que serão mencionados.

Essa variação se dava porque, conforme o contemporâneo de Artur Azevedo, Olavo Bilac, a crônica era heterogênea em seu cerne:

> De tudo há de contar um pouco, esta caixa da Crônica: sortimento para gente séria e sortimento para gente fútil, um pouco de política para quem só lê os resumos dos debates do Congresso, e um pouco de carnaval para quem só acha prazer na leitura das seções carnavalescas.
> Aqui está a caixa do bufarinheiro, leitor amigo: mete dentro dela a tua mão e serve-te à vontade. Não fui eu quem a encheu de tantas coisas desencontradas e opostas. Eu sou apenas o retalhista, o varejista dos assuntos. Quem me enche a caixa é a Vida, a fornecedora dos cronistas, – a Vida que nunca foi coerente nem metódica, – a Vida que tem sempre um

[15] COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.), COUTINHO, Eduardo de Faria (co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997. v. 6. p. 133.

> milhão de contradições em um só minuto do seu curso acidentado e contraditório.[16]

A maneira de Olavo Bilac entender seu próprio ofício guarda muita semelhança com o que Artur Azevedo fazia em sua "Crônica Fluminense", publicada alguns anos antes. Tanto o primeiro quanto o segundo escreviam algo fundamental para os veículos em que colaboravam, pois, de acordo com Simões, era preciso "que algum escritor de prestígio enfeixasse num comentário bem escrito e agradável os principais acontecimentos noticiados durante a semana. Se, por um lado, faltava unidade à crônica semanal, ela, por outro lado, assegurava a unidade do jornal no intervalo de sete dias".[17] Ainda que o comentário do pesquisador seja sobre o jornal diário, vale para o que se busca expressar aqui: a necessidade de um cronista que, numa publicação semanal, pudesse apresentar os principais fatos ocorridos e alinhavá-los em um texto fugaz.

Ademais, esse ponto de vista viabiliza o entendimento do papel do cronista, guardadas as diferenças, com o de um *compère* ou compadre das revistas de ano. Isso porque, de acordo com João R. Faria, "a revista de ano é forçosamente fragmentada. Os acontecimentos são teatralizados em quadros quase autônomos, cada qual valendo por si. Para contornar a dispersão os revistógrafos inventaram [...] o *compère*".[18] Veneziano explica tratar-se de um personagem "aglutinador, apresentador, comentarista, dançarino, cantor, bufão, contador de piadas, ele atravessa a revista de ponta a ponta como a costurar os diversos quadros, cristalizando a dinâmica do pacto com a plateia, característica própria do teatro popular".[19]

Como lembra Prado, "ele, o *compère*, era de certo modo o mestre de cerimônia, não deixando, pela sua forte ação de presença, pela empatia com o público, que a continuidade da representação se desfizesse totalmente em números isolados".[20] Ora, não é tão diferente da ideia do cronista como alguém que tem de dar coerência a acontecimentos variados, tornando lógico, para o leitor, a profusão de assuntos ocorridos em uma semana.

Assim, da mesma maneira que o compadre estava a serviço, nas revistas de ano, da harmonia e, por conseguinte, da consistência da peça, o cronista precisava alinhavar todos os

---

[16] BILAC, Olavo. Crônica. In: DIMAS, Antonio (Org.). *Bilac, o Jornalista*: crônicas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Editora da Unicamp, 2006. p. 631, v. I.
[17] SIMÕES JUNIOR, A. S. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 235-246, 2004. p. 240.
[18] FARIA, João R. Artur Azevedo e a revista de ano. In: Idem. *O teatro na estante*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 69.
[19] VENEZIANO, Neyde. Convenções. In: Idem. *O Teatro de Revista no Brasil*: dramaturgia e convenções. Campinas: UNICAMP, 1991, p. 117.
[20] PRADO, Décio de Almeida. Os três gêneros do teatro musicado. In: Idem. *História Concisa do teatro brasileiro.* São Paulo: Edusp, 1999. p. 128.

assuntos interessantes e apresentá-los de forma atraente e, principalmente, inteligível. Propõe-se essa analogia, para lembrar o quanto Artur Azevedo estava acostumado a criar personagens para suas revistas que pudessem dar conta de trazer consistência aos tantos temas abordados. Tal fato corrobora a habilidade que o comediógrafo teria para escrever crônicas, tratando dos acontecimentos de sete dias, e também legitima a facilidade que um escrevinhador de crônicas teria para criar o *compère*, costurando os acontecimentos de um ano inteiro.

Portanto, partindo da perspectiva de um gênero cuja característica maior era a variação de temas e formas de abordagens, fez-se a leitura da seção "Crônica Fluminense", buscando perceber como se configurava como um gênero que oscilava entre o jornalístico e o literário, a partir da leitura dos elementos mais comuns em sua fatura. Ao fazer esse estudo, os temas pelos quais a pena do cronista passeou também foram comentados, – afinal, deixar de lado os assuntos da crônica, é desapreciar aquilo que tem de mais interessante.

A alternativa também se justifica porque, como se advertiu, havia uma cláusula na revista que a "proibia" de abordar a política, mas foi impossível obedecer tal disposição, devido às Revoltas que marcaram o período. Ao observar a maneira como o cronista produzia seus textos, e consequentemente, a abordagem dos temas, é mais fácil perceber como o contexto socioeconômico e cultural interveio no conteúdo das crônicas e na publicação da revista, porque definia, até mesmo, a sua veiculação ou não. Ainda sobre os temas, tendo em vista que a revista está disponível na íntegra para o leitor, deu-se destaque aos que interessavam à configuração de Artur Azevedo como cronista e editor.

2.1 A seção "Crônica fluminense"

Nesta coluna, assinada pela inicial A., Azevedo tratava do que bem lhe convinha, sempre comungando de uma característica essencial da crônica: a atualidade. Devido a esse atributo, é importante ressaltar, mais uma vez, a necessidade de tomar certos cuidados com a leitura de crônicas. Ao comentar a abordagem de manifestações culturais contemporâneas, Camargo advertiu que "voltar os olhos para o que está muito próximo de nós pode produzir um olhar fora de foco, distorções de imagens, ilusões óticas".[21] O mesmo se dá ao voltar os olhos para o que está muito distante, porque, se é comum que os temas das crônicas sejam extraídos do cotidiano, não é muito difícil cair em equívocos. Daí ser essencial realizar uma

[21] CAMARGO, Maria de Lucia Barros. Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. In: *Continente Sul Sur*. Revista do Instituto Estadual do livro. n. 2. 1996.

leitura atenta, mas sem forçar uma interpretação para tudo, pois muitos conteúdos ficaram circunscritos aos leitores da época.

É justamente essa busca de temas no dia-a-dia, uma das prováveis causas que levou à falta de uma sistemática mais apurada quanto à extensão e temática dos textos da "Crônica Fluminense". No decorrer dos cinquenta e cinco exemplares publicados, ora a seção chegou a ocupar quase duas páginas, ora ocupou apenas uma coluna. Culpa de uma semana pouco ou excessivamente movimentada? E ainda não se pode esquecer que a irregularidade também poderia ser ocasionada pela falta ou demasia de colaboração de outros autores, que obrigavam o "dono da casa" a completar ou ceder lacunas.

Um outro aspecto bem curioso da crônica em questão é perceber, através dela, como Azevedo tinha a percepção de que sua revista conservaria para gerações futuras tanto a produção literária nela veiculada quanto os próprios temas abordados em sua coluna. Porém, a leitura desse aspecto é dúbia: o maranhense esperava proporcionar um melhor entendimento de seu tempo por meio da revista e sua crônica ou esperava sua própria consagração futura? Pensando na colocação feita por Margarida Neves, de que os "cronistas e historiadores são 'homens-memória', e desempenham seu ofício como autores e intérpretes da memória coletiva",[22] o mais apropriado seria supor que o autor tivesse consciência de ambas as possibilidades abertas pelo ofício de cronista.

Ainda no quesito da contemporaneidade, do cronista como alguém que lê seu tempo, Roncari atesta que tanto o presente quanto o passado podem funcionar, "como referências, marcas que limitam ou condenam o olhar do cronista à fugacidade do momento, que ele se esforça por apreender com seus recursos literários: estilizando, liricizando, descrevendo, comparando, renegando, satirizando, etc".[23] Dentre os recursos apontados, pode-se dizer que quase todos apareceram nos textos de A., naturalmente com o uso mais apurado de um ou outro, em especial, a sátira. Conforme Hodgart,[24] trata-se de um recurso que, mesmo versando sobre as mais duras realidades humanas, tem a intenção de suscitar o riso. Os mecanismos citados pelo estudioso para o alcance desse efeito são inúmeros, sendo que o mais comum em Azevedo, como mais adiante se verá, é a redução por meio do chiste e da ironia.

Ainda sobre a questão do estilo, na crônica, como ressalta Coutinho, não é preciso que o autor evite "os idiomatismos, epítetos circunstanciais e certos jogos de palavras que se

---

[22] NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 27

[23] RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, p. 9-16, jan.-dez. 1985.

[24] HODGART, Matthew. Las técnicas de la sátira. In: Idem. *La sátira* [Satire]. Tradução de Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969. p. 108-131.

formam eventualmente para desaparecer algum tempo depois. Sem essa prática, a crônica deixaria de refletir o espírito da época".[25] A respeito dessa linguagem expressiva de um momento, ela é comum nos textos azevedianos, e se dava, por exemplo, através do uso de expressões populares e de trocadilhos; e não só nas crônicas, mas também em suas peças teatrais o registro popular era comum.

Importa lembrar que, nos textos escritos por Artur Azevedo, mesmo fazendo de sua crônica uma sinopse da semana, houve momentos em que apareceu um percalço comum a todos os cronistas: a falta de assunto. Problema muito bem definido por Carlos Drummond de Andrade na crônica que segue.

> Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para os milhares de assuntos. Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. [...] Na hora ingrata de escrever, como optar entre as variedades de insólito? E que dizer, que não seja invalidado pelo acontecimento de logo mais, ou de agora mesmo? Que sentir ou ruminar, se não nos concedem tempo para isto entre dois acontecimentos que desabam como meteoritos sobre a mesa? Nem sequer você pode lamentar-se pela incomodidade profissional. Não é redator de boletim político, não é comentarista internacional, colunista especializado, não precisa esgotar os temas, ver mais longe do que o comum, manter-se afiado como a boa peixeira pernambucana. Você é o marginal ameno, sem responsabilidade na instrução ou orientação do público, não há razão para aborrecer-se com os fatos e a leve obrigação de confeitá-los ou temperá-los à sua maneira. Que é isso, rapaz. Entretanto, aí está você, casmurro e indisposto para a tarefa de encher o papel de sinaizinhos pretos. Concluiu que não há assunto, quer dizer: que não há para você, porque ao assunto deve corresponder certo número de sinaizinhos, e você não sabe ir além disso, não corta de verdade a barriga da vida, não revolve os intestinos da vida, fica em sua cadeira, assuntando, assuntando...[26]

Quase um século antes, Marcos Valente, ao substituir Artur na "Crônica Fluminense", sentenciou: "isto de fazer crônica dizendo não fazê-la, é chapa ultra-velha e me envergonharia de recorrer-lhe ao préstimo".[27] Porém, não era o outro o sentimento, que afligia Azevedo em sua primeira crônica, pois a iniciou queixando-se do excesso de acontecimentos para o pouco espaço, devido ao fato de a folha ter-se estreado em primeiro de janeiro, e assim, os assuntos do ano todo poderiam passar sob sua pena. Mas ponderou: "onde acharia eu espaço para tanta coisa?... Entretanto, elas aí estão, dançando no meu espírito, essas desvanecidas sombras de

---

[25] COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: Idem (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997. p. 134, v. 6.
[26] ANDRADE, Carlos Drummond de. Hoje não escrevo. In: Idem. *O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 120-121.
[27] VALENTE, Marcos. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 22, p. 171, maio 1893.

homens e fatos que passaram em sombras estrepitosas".[28] Dessa forma, ainda que tenha optado por tratar apenas dos assuntos de dezembro, o que se vê é uma profusão de temas, separados por um asterisco. Aliás, essa formatação será comum e aparecerá em quase todos os textos.

Essa primeira crônica igualmente tem de significativo, a concepção de A. sobre o gênero em questão, ao afirmar que a crônica "deveria evocar todos os acontecimentos do ano, bons e maus, grandes e pequenos, e fazê-los desfilar alegremente aos olhos do leitor". Depreende-se que seu entender a respeito do gênero é equivalente ao da crônica-comentário, pois o apanhado deveria ser feito, com a intenção de torná-lo amável para quem o lesse. Isso é também o que distingue o cronista do noticiarista.

Para se ter uma ideia do trabalho do cronista como um recriador de uma realidade múltipla e contraditória – daí a validade da analogia com o *compère* – é conveniente correr os olhos por todos os temas abordados nessa primeira crônica. Primeiramente foi feito um breve comentário sobre a opereta *Aída* e a nomeação para prefeito do Dr. Barata Ribeiro. Em seguida, noticiou-se o falecimento do ator Vasques, e de Visconti Coaraci. Sobre o primeiro, a nota foi paradoxalmente divertida: informou-se ter recebido grande destaque na imprensa "o artista que, com as suas qualidades que eram muitas e os seus defeitos que não eram poucos, foi a encarnação mais tópica do nosso teatro". A respeito do segundo, manifestou-se: "Pobre Coaraci! Pertencias à legião dos que morrem antes de morrer..." Dito isso, o cronista se lembrou do empenho de Coaraci para que se erguesse uma estátua a João Caetano, e da injustiça quando da inauguração do monumento, uma vez que não fora convidado.

Comentou a fusão entre o Banco do Brasil e o da República, afirmando que "os acionistas do banco do Brasil têm se feito de *manto de seda*, o que é extraordinário, porque não há negar que em toda esta negociata o melhor bocado é o deles". Tem-se aí uma expressão que ficara restrita à época: manto de seda, ou seja, fazer-se de cerimonioso. Por fim, resumiu-se o caso com uma comparação: "a fusão dos dois bancos parece-se muito com certos casamentos em que a noiva [República] traz a sua mocidade, a sua beleza e a sua riqueza, e o noivo [do Brasil] pura e simplesmente o seu nome". Uma alegoria simples, mas elucidativa e divertida.

Talvez seja justamente pela impossibilidade de pular de assunto em assunto sem "perder o fio da meada", que se tenha optado por separar os temas por meio dos asteriscos, mas mesmo utilizando tal expediente, quando possível, havia o estabelecimento de alguma

[28] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, jan. 1893.

conexão entre uma abordagem e outra. Esse primeiro texto é exemplar dos elementos que serão comuns em quase todos os outros, porque o cronista ainda recorreu a autoderrisão e a preterição, que são abordados adiante.

2.1.1 Não vos direi, pois, leitores...

A frase deste intertítulo ilustra um dos mecanismos empregados quando da utilização de uma figura de retórica denominada preterição. Esta consiste em tratar de um determinado assunto ao mesmo tempo em que se afirma evitá-lo, fingindo que não se quer abordá-lo. Na supracitada crônica inaugural, por exemplo, o cronista enumerou, embora brevemente, os principais acontecimentos do ano, para informar depois, que não iria além do mês de dezembro.

Numa crônica do mês de junho, ao voltar de uma viagem à Bahia, ocasião em que fora substituído por Marcos Valente, pseudônimo de Valentim Magalhães, Azevedo agradeceu o colega e atestou que o mais natural seria que a crônica da semana fosse escrita para ele, pois assim teria liberdade para fazer um texto limitado as suas impressões de viagem. Entretanto, concluiu: "não é justo que os leitores do *Álbum* fiquem sem a crônica porque o cronista foi passear, nem a minha viagem foi tão longa ou tão interessante que desse para grandes narrativas".[29] Pelo trecho, parecia que os leitores não leriam as impressões de viagem, mas no próximo parágrafo, o recém-chegado mencionou: "Entretanto, eu poderia resumir as minhas impressões em muito poucas linhas".

As impressões do cronista-viajante foram boas, mas como é comum em Azevedo, não deixou de dar alguns conselhos, como sugerir aos baianos o uso de menos amarelo para pintar as suas construções. Informou que ficou impressionado com a hospitalidade do povo e as melhorias na cidade, finalizando: "mas aonde me leva esta digressão de viajante? Ainda bem que a semana fluminense foi quase exclusivamente política, e portanto escapa à crônica do *Álbum*". Artimanhas de um escritor que sabia se escusar quando conveniente.

O "não-dizer-dizendo" apareceria em outros momentos, porque, a partir das crônicas de fevereiro de 1893, começaram a surgir anotações sobre a Revolução Federalista (1893-1895).[30] Ao tratar dela, cônscio de que estava ferindo a cláusula primeira da revista, afirmou:

---

[29] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 24, p. 190, jun. 1893.

[30] A Revolução Federalista e em especial a Revolta da Armada são abordadas de modo mais pormenorizado no decorrer do capítulo. A primeira foi um movimento revoltoso ocorrido entre fevereiro de 1893 e agosto de 1895, envolvendo facções políticas rivais do Rio Grande do Sul, descontentes com a remodelação política iniciada no governo de Floriano Peixoto.

"a menos que eu transgrida a primeira cláusula do programa do *Álbum*, que é não meter o bedelho na política, não me é possível dar hoje crônica",[31] e continuou: "Entretanto, eu prefiro escrever uma crônica pouco interessante, e mesmo não escrever nenhuma, a violar a cláusula mais benemérita e mais salutar do programa do *Álbum*". A mesma postura se deu a partir de setembro de 1893, quando eclodiu no Rio de Janeiro a Revolta da Armada.[32]

Apesar das afirmações, seguiu comentando alguns episódios da Revolução Federalista, porque não se conformava nem com a guerra civil nem com a postura de Castilhos, que, para o cronista, colocava seus interesses acima dos interesses da nação. Afirmou mais à frente: "Notem os leitores que essa pequena observação nada tem de política; eu não sei bem o que desejam nem os castilhistas nem os federalistas [...]" e mais uma vez prosseguiu no assunto. Como era envolvido com as questões de seu tempo, não deixaria de fazer comentários sobre a situação política do país, mesmo afirmando não fazê-lo.

Ainda devido à situação caótica que o país enfrentava, o cronista avisou: "no terreno político a semana ofereceria pasto à fantasia inquieta de um fazedor de crônicas",[33] porque tinha dado o ar da graça o almirante Wandenkolk, que publicara "uma prosa alegre" na coluna "a pedidos" do *Jornal do Comércio*. Acompanhando o almirante, o cronista informou que reaparecera também "[...] o famoso Boato, que tão preponderante papel representa na nossa vida política..." O cronista comentou alguns deles, e explicou: "mas não quero insistir: as colunas do *Álbum* estão interditas à política; impertinência é tratar de boatos e conspirações". O que dizer, então, se nas colunas, a política fosse bem-vinda?

Essa figura de retórica aponta para o diálogo que comumente o cronista mantinha com seus leitores, e também indica a preocupação de esclarecer, para eles, o pronunciamento ou não a respeito de determinado tema. Sobre essa conversa "ao pé de ouvido", é interessante a seguinte colocação de Coutinho: "o estilo do cronista deve tender para as formas simples e, sobretudo, para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo".[34] Embora a crônica de Azevedo seja de uma época em que ela se firmava em suas características, o autor parecia ter plena consciência de que tais recursos arrolados pelo pesquisador dariam leveza ao seu texto.

Não foram poucas as vezes que A. interpelou seu leitor e o tratou com familiaridade. Ao falar do convite recebido, pela revista, para a inauguração de terrenos na Gávea, contou:

---

[31] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 68, fev. 1893.
[32] A Revolta da Armada foi um movimento revoltoso originado por diversos setores da marinha e liderado pelo almirante Custódio José de Melo, contra a permanência no poder do vice-presidente Floriano Peixoto, pois este era acusado pela oposição de manter-se ilegalmente na presidência. Teve início em setembro de 1893 e foi controlado por forças governamentais em março de 1894.
[33] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 17, p. 131, abr. 1893.
[34] COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997. p. 134, v. 6.

"não pude corresponder a tanta amabilidade, nem tive quem me substituísse. Aos domingos ninguém me arranca da casa, principalmente quando o termômetro marca 33 graus à sombra".[35] Pensando no calor do Rio de Janeiro, qual leitor não compartilharia da mesma sensação do cronista?

A partilha de sentimentos, mas num tom menos ameno, deu-se em outra crônica, quando o cronista estava agoniado devido ao retorno do recrutamento militar forçado e disse: "estou – quem sabe? – em péssimas disposições de espírito... noutra ocasião teria talvez achado graça nesse escandaloso atentado contra a lei fundamental da República".[36] Nota-se que, ora tratando de assuntos sérios, ora de assuntos alegres, o autor gostava de dividir suas impressões com o leitor. Ele lembrou que a Constituição de 1891 havia derrubado tal pratica, mas o chefe de polícia revogara a decisão, de maneira que somente não era recrutado quem apresentasse comprovação de trabalho. Azevedo, ironicamente afirmou: "que diabo! Para alguma coisa há de servir a um homem ser chefe de polícia!"

O teor da crônica mostra que houve um retrocesso, pois, se durante o Império, o recrutamento era feito por patrulhas, que percorriam as tabernas à noite, prendendo homens, e somente quem tivesse atestado de boa conduta era dispensado do Serviço Militar, durante a Guerra do Paraguai percebeu-se o quão problemático era o esquema e inspirada nas inovações observadas na Europa, foi promulgada a Lei nº 2.556, de 26 de setembro de 1874, que adotou o sorteio e o voluntariado para o Serviço militar.[37] Porém, a lei não atingiu seus objetivos e, mesmo em 1891, com a nova Constituição, o recrutamento forçado continuou em prática.

Mais de quarenta anos antes, o jornal *O Militar*, publicado por jovens oficiais e alunos militares, que circulou em dois períodos, de 1854 a 1855 e de 1860 a 1861, defendia um amplo programa de reformas e de modernização que incluía o serviço militar obrigatório.[38] Por meio da publicação, os oficiais advertiram quanto ao fato de o recrutamento forçado recair "sobre os pobres, crismados com o epíteto – vadios", o que é similar à declaração de Azevedo, de que: "a julgar pelo modo porque é feito o recrutamento, e pela surpreendente declaração do chefe, só devem ser soldados os pobres diabos que a sociedade repele... Como tudo isto seria irrisório se não fosse profundamente triste". Com certeza, sob o risco de ser alistado, o leitor não deveria estar em diferentes "condições de espírito" que o cronista.

[35] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 35, jan. 1893.
[36] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 82, mar. 1893.
[37] SCHULZ, John. O exército desprezado. In: Idem. *O exército na política*: origens da intervenção militar - 1850-1894. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1994. p. 75-94.
[38] Ibid. Reformadores e revoltados. p. 35-52.

Às vezes, a conversa adquiria certo caráter doutrinário, foi o caso, por exemplo, do comentário acerca do incêndio no Liceu das Artes e Ofícios. Azevedo deixou transparecer a tristeza, porque Bettencourt da Silva[39] perdera quase tudo. Por isso, usou quase todo o espaço da crônica com notas a respeito do sobrado incendiado, informando que, "[ele] tem a sua história, e vem a pelo, cuido, contá-la aos meus leitores".[40] Com tom doutrinário, usou de sua coluna para ensinar um pouco a respeito do desenvolvimento das artes no Brasil, além de fazer uma homenagem ao lugar.

Concomitantemente aos comentários do acidente, outro tema mereceu destaque: a censura feita pela imprensa ao corpo de bombeiros, a qual acusou a corporação de deixar o incêndio se alastrar para a biblioteca com quase 4 mil exemplares. Ao contrário de seus colegas, A. defendeu os trabalhadores, dizendo acreditar que prestaram um bom serviço: "não vi de perto o incêndio, não acompanhei o serviço de extinção do fogo, não estive lá; assisti, porém, do morro de Santa Teresa ao espetáculo *horrivelmente belo* daquelas chamas que ameaçavam *devorar toda a cidade*, e convenci-me de que um quarteirão inteiro desaparecia". Primeiro a antítese e depois a hipérbole, figuras marcantes, quiçá na tentativa de fazer com que seus leitores adotassem seu ponto de vista.

Em algumas ocasiões, o leitor foi diretamente interpelado, como na crônica que trouxe o curioso caso de um certo Sr. Pintado, que mais parecia uma anedota: o homem teria ido comprar um apito no armarinho de um inspetor de polícia e, ao testá-lo, fora preso. Antes de contar a história, A. afirmou: "interessante o caso do Sr. Pintado! Leram?".[41] Uma pergunta retórica, já que, naturalmente, o cronista relataria o episódio. Esse leitor apareceu também quando da publicação de uma crônica de Olavo Bilac, ao ser estimulado à leitura: "deliciem-se leitores".[42]

Numa crônica publicada quando Sarah Bernhardt estava para chegar ao Brasil, em junho de 1893, A. afirmou que provavelmente a atriz perguntaria pela placa. "Que placa? Perguntará também o leitor".[43] Após imaginar a possível reação de quem o lia, relatou que, no ano de 1886, havia sido feita uma placa de mármore em homenagem à atriz, mas, mal ela voltara à França, a placa sumira. O cronista queria saber: "que fim levou a placa? O nome da maior atriz do mundo não seria porventura digno de figurar na fachada do S. Pedro?" Apesar

[39] Ex-aluno da Academia e arquiteto, Francisco Joaquim Bettencourt da Silva (1831-1928), junto a outras pessoas, em 1856, fundou a Sociedade Propagadora das Belas Artes, que no ano seguinte, passou a denominar-se Liceu das Artes e Ofícios. In: NAGAMINI, Marilda. Ciência e técnica na trilha da liberdade. In: MOTOYAMA, Shozo (Org.) *Prelúdio para uma história*: ciência e técnica no Brasil. São Paulo: Unesp, 2004. p. 160.
[40] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 74, set. 1893.
[41] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 90, mar. 1893.
[42] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, p. 98, mar. 1893.
[43] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 25, p. 195, jun. 1893.

disso, para sua alegria, lembrou que nunca havia ocorrido um ano teatral tão agitado. "Vamos assistir a uma verdadeira guerra entre empresários? Pois se os tempos andam tão bicudos que a gente, para poupar um fósforo, pede fogo a quem passa!"

A relação era brincalhona, mas também respeitosa, e quando precisou utilizar de seu espaço para fazer uma breve explicação, pediu: "antes de mais nada, permitam os leitores que lhe dê um breve cavaco em nome da redação d'*O Álbum*".[44] É curioso que nesta crônica, o diálogo tenha se direcionado, logo após o cavaco, apenas para o prefeito da cidade. O cronista saudou o Coronel Henrique Valadares, recém-eleito, e protestou em seguida: "não sei se sua excelência o Sr. Prefeito tem o bom gosto de ler *O Álbum*. Espero que o tenha, e tanto espero, que vou contar uma das belezas da nossa municipalidade afim de que sua excelência veja com que se meteu".

Feito o chamado, A. expôs que a Intendência Municipal enviara-lhe uma cobrança por ter mudado o número de sua casa de 49 para 49... Tão inconformado estava, que talvez quisesse compartilhar o disparate com seus leitores. Além de ter de pagar pelo serviço, reclamou, dizendo: "saiba Sr. Prefeito que a placa de minha porta era de ferro fundido, com os algarismos em relevo; levaram-na, depois de substituí-la por outra de zinco esmaltado [...]". Persistiu reclamando, e indicou que o prefeito lesse o "extraordinário aviso, que me forneceria três ou quatro colunas de comentários, se eu tivesse espaço e quisesse gastar cera com ruim defunto... e veja vossa excelência com quem está metido!" Têm-se, aí, duas facetas curiosas de Azevedo: o uso do provérbio e sua coragem ao utilizar a crônica como uma tribuna e dirigir uma reclamação pública ao prefeito.

Se algumas vezes mostrava-se decidido a abordar um tema, particular ou público, em outras demonstrou a sua falta de vontade, como em uma crônica de julho de 1893, na qual asseverou: "Passemos de largo pelo valente almirante que pretende salvar a Pátria a bordo de um paquete frigorífico, em risco de ficar gelado; passemos de largo por todos os incidentes políticos da semana, se é que se pode chamar política a essa choldra em que há meses vivemos".[45] Não tardou para que a estratégia fosse utilizada novamente, quando o cronista quis escapar de temas desagradáveis e utilizar seu espaço para parabenizar Ferreira de Araújo, pelo retorno de seu passeio à Europa. Assim, seguiu-se a solicitação: "permitam os leitores que eu ponha de parte o almirante Wandenkolk, e o *Júpiter*, e o *República*, e o Gumercindo, [...] para começar esta ligeira crônica dando a boa estada a Ferreira de Araújo".[46]

---

[44] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 26, p. 201-202, jun. 1893.
[45] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 29, p. 226, maio 1893.
[46] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 30, p. 234, jul. 1893.

O que não foi diferente da crônica publicada menos de dois meses depois: "permitam os leitores d'*O Álbum* que eu deixe de parte o Rio Grande do Sul, o Senado, o Wandenkolk, o Rui Barbosa, mesmo o assassinato da rua Santo Antonio, para dizer-lhes que assisti, terça-feira passada, ao jantar do Centro artístico".[47] Além do tratamento respeitoso com o leitor, tem-se a preterição, porque mesmo dizendo não querer abordar alguns assuntos de modo pormenorizado, o cronista os citou.

O tom de intimidade, de bate-papo entre amigos, apareceu num relato de viagem, em que descreveu sua agradável estadia numa chácara em companhia de Valentim Magalhães, Urbano Duarte e do engenheiro e arquiteto Araújo Viana. Assim começou: "Inveja-me leitor: estive, durante três dias, a uns cento e cinquenta quilômetros de distância da rua do Ouvidor, na fazenda de Santana".[48] Continuou sua crônica, dizendo: "inveja-nos, porque não imaginas que felizes, que mimosos fomos durante esses três dias, agasalhados pelo dono da fazenda [...]". É certo que o desejo de ser invejado, nesse caso, não guarda o sentido de esperar o despeito do leitor, tem sim, o tom de uma brincadeira entre colegas.

Azevedo prosseguiu informando: "foi lá, entre as verdes colinas de Valença e ao marulhar do ribeirão Santana, que caiu sobre os meus olhos a notícia de ter sido nomeado ministro das relações exteriores um moço cujo nome não me ocorre nesse momento". Devido ao seu apoio ao Marechal Floriano, nem mesmo passeando, num lugar de fazer inveja ao seu leitor, o cronista deixou de lado aquele que provavelmente fora o assunto da semana. O moço era João Filipe Pereira, que nascera no Ceará em 1863, e exerceu o cargo de ministro das Relações Exteriores de junho a outubro de 1893. O que parece ter desagradado foi a pouca idade e o fato de ser desconhecido, pois o cronista continuou: "quem sabe se há um grande estadista dentro desse moço de trinta anos, cujo nome continua a escapar-me"? Pode-se imaginar que a não lembrança do nome, na verdade, tenha sido proposital, para ratificar ao seu leitor o quanto a figura escolhida era irrisória e, quem sabe, levá-lo a partilhar dessa opinião.

Como foi observado, a estima de Azevedo pelo seu público não ficou resguardada para o teatro, pelo contrário, pois seja para alertar, para brincar ou para dividir alguma opinião, ao ler a "Crônica Fluminense", é possível reconhecer a preocupação do autor em fazer o leitor se sentir envolvido pela leitura, o que leva à percepção da riqueza do gênero como portador de sentido social e cultural.

---

[47] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 282, set. 1893.
[48] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 28, p. 219, jul. 1893.

2.1.2 A metacrônica em Artur Azevedo

Assim como os escritores aqui mencionados – Bilac, Machado, Alencar e Drummond – Artur Azevedo, em seu espaço semanal, fez metacrônica, o que possibilita um melhor entendimento do que seria, para o comediógrafo, esse gênero. Alguns comentários são longos, outros são mais breves, todavia ajudam a perceber a prevalência do conceito de crônica como um apanhado da semana.

Em sua segunda crônica, por exemplo, lembrou que tinha prometido comentar mais detidamente uma exposição de pintura, mas ela tinha sido encerrada. Assim, não teria o que dizer, de modo que a seção ficou razoavelmente pequena em relação à da semana anterior. A justificativa foi a seguinte: "O paginador do *Álbum* recomenda-me que escreva pouco. Era escusada a recomendação, porque a semana foi pobre".[49] Nota-se a imprecisão do ofício: ora uma semana era repleta de fatos ou acontecimentos, ora era muito pobre, qualquer que fosse o caso, deixava em apuros o escritor.

Às vezes, ao contrário, faltava ao cronista espaço para tanto assunto. Ao comentar um escândalo político que envolvia o Panamá, lembrou-se de um caso qualificado como terrível ocorrido no Peru; todavia, ponderou que "vinham a pelo algumas palavras sobre os soldados de certa brigada policial, muito boa para... o Peru; mas a crônica já excedeu os limites que lhe estão marcados nestas colunas".[50] O mesmo se deu em abril de 1893, quando A. finalizou sua crônica pedindo ao "sr. paginador" apenas mais duas linhas.

Houve momentos em que a cláusula restritiva para os assuntos políticos o auxiliou, levando-o a tratar de outros temas, com desculpas como esta: "a semana fluminense foi quase exclusivamente política, e portanto escapa à crônica d'*O Álbum*".[51] Em outros, quando a revista parou de circular, por exemplo, o espaço teria sido insuficiente para dar conta de todo o período sem publicar, levando o cronista a dizer: "depois que foi publicado o último número d'*O Álbum*, os acontecimentos foram tantos, e tão consideráveis, que dariam, não para uma crônica ligeira, como as que escrevo neste periódico, mas para um verdadeiro capítulo de história da pátria". O fato o fez deixar como sugestão para seus leitores que suprissem com a imaginação o que ele teria escrito, porque poderiam consolar-se "com a ideia de que as melhores crônicas são justamente aquelas que não se escrevem".[52]

---

[49] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 12, jan. 1893.
[50] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 14, p. 107, abr. 1893.
[51] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 24, p. 190, jun. 1893.
[52] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 40, p. 3, set. 1894.

Já se ressaltou, nesta dissertação, a consciência de Artur Azevedo em relação à revista como repositório da memória cultural; e não foi muito diferente em relação à crônica, pois em diferentes ocasiões o autor demonstrou o desejo de deixar certos assuntos registrados em sua seção. Assim, além de abordar a crônica, explicitando suas concepções sobre este gênero, o cronista tratou ainda de sua relevância devido ao seu caráter histórico, ou seja, de guardiã da memória coletiva à semelhança da revista literária.

Isso ocorreu, por exemplo, quando contou de um baile organizado por Jovino Aires, Osório Duque-Estrada e Álvares de Azevedo Sobrinho em prol do Liceu das Artes. Dentre censuras e elogios, louvou a ideia de distribuírem aos presentes uma polinteia,[53] da qual o cronista transcreveu as palavras de Machado de Assis para que "ficassem preciosamente guardadas no *Álbum*".[54] O comentário reforça a ciência do autor quanto à relevância de sua revista e da crônica para a posteridade.

Sobre isso, ao abordar a morte de Coaraci, por exemplo, afirmou: "possam estas linhas fazer lembrado, ao menos um dia, ao menos uma hora, o pobre Grifus, que ainda estou vendo, na sua velhice precoce".[55] Provavelmente, o cronista sabia que a menção o faria ser lembrado muito além de um dia ou uma hora. Essas pequenas notas de falecimento dentro da crônica eram variadas. Ora registravam a morte de alguém querido do autor, – desconhecido para os leitores de agora – ora de alguém popular no meio artístico ou social. Quando Hipolite Taine faleceu, a semana foi qualificada como "sombria, cheia de más notícias de revoluções e conflitos, e, pairando sobre toda esta melancolia, a sombra de um grande morto, a sombra de Taine".[56] Neste caso, Cosimo lhe dedicou uma pequena nota em separado.

Dentre seus afetos, que receberam menção na crônica devido ao falecimento, estava seu cunhado, Vitor Lobato, sobre o qual o cronista asseverou: "Tem direito a uma referência nesta crônica, não pelos laços que nos prendiam, mas por ter sido o fundador da imprensa popular no Maranhão, por ter se batido valentemente, durante muitos anos, pela Verdade e pela Justiça [...]". Porém, não se estendeu muito, e afirmou / questionou: "Mas... para que lamentações? Quem poderá compreender o meu profundo desgosto, assoalhado à ligeira num artigo leve e fugitivo?"[57]

A grande variedade dentro da crônica de Artur Azevedo advém justamente por ser um gênero leve, que, ao se propor dar conta da semana, talvez em busca de trazer para sua revista

[53] Espécie de álbum de autógrafos.
[54] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 282, set. 1893.
[55] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 4, jan. 1893.
[56] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 83, mar. 1893.
[57] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 90, mar. 1893.

literária, assuntos do momento, precisou trabalhar com aquilo que os sete dias lhe ofereciam. A dificuldade para lidar com isso ficou explícita neste comentário: "todas as vezes que pego na pena para escrever estas crônicas, parece-me que não há neste mundo nada tão difícil como ter espírito. Entretanto, o escritor da seção teatral da *Cidade do Rio* quase me convenceu do contrário".[58] Azevedo falava de ter ânimo e criatividade para produzir seu texto, mas, na verdade, foi também um recurso para dar sequenciação à crônica. Veja-se por quê:

A. transcreveu a história cômica, que o colega da *Cidade do Rio* havia narrado, cujo protagonista foi descrito como espirituoso. Finda a transcrição, sem nenhuma nota, colocou o asterisco, e afirmou: "não tinha o espírito ateniense de José Luís, mas era também um homem de espírito aquele pobre Rego Macedo, que há sete dias lá está, coberto de terra, no cemitério de S. João Baptista". Sutilmente, o uso da homonímia deu um caráter brincalhão à crônica, que teria sido resultado de uma semana sem assunto que "não deixou nada além de alguma política e de um duelo, - o duelo Ducci-Ferrari".

Anteriormente, A. já havia dado espaço para outro autor, seu colega Olavo Bilac. Foi devido a uma crônica divulgada também na *Cidade do Rio*, com o pseudônimo Fantasio, cujo conteúdo era a história de uma senhora que teria oferecido um menino para ser vendido. Segundo Azevedo, assim que leu a notícia, quis aproveitar o assunto. Contudo, o poeta parnasiano já teria dito tudo o que ele pretendia; por isso, optou por reproduzir o texto do colega. O mesmo se deu com um artigo de Alfredo Camarate, cujo teor agradou tanto o cronista, que ele pediu vênia e achou por bem arquivar "o belo e corajoso artigo que Alfredo Camarate escreveu e a *Gazeta de Notícias* publicou sobre *Falstaff*".[59] Ressalte-se que era um artigo sobre uma peça teatral, ocupando espaço na "Crônica Fluminense".

O recurso teria sido utilizado devido ao fastio por uma semana pouco interessante para escrever algumas linhas? Coutinho adverte que "era a crônica, destinada a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-a assimilável a todos os paladares".[60] Talvez, algumas vezes, escasseasse ao cronista, um alimento mais substancioso para condimentar. Essa percepção da função de alinhavar os setes dias, explicita-se também em referências, nas crônicas, ao termo "semana". "Dado este cavaco, tratemos da semana..."[61] Ou então: "A não ser a revolta e lá um ou outro assassinato nas ruas, não deu a

[58] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 31, p. 242, jul. 1893.
[59] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 33, p. 258, ago. 1893.
[60] COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997. p. 123, v. 6.
[61] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 26, p. 201, jun. 1893.

semana matéria para crônicas. Os fatos fazem como as famílias medrosas: não saem à rua, - e as horas passam-se em largos bocejos de tédio".[62]

Certa vez, pediu licença para "não tratar dos fatos salientes da semana", e apenas comentar o jantar do Centro Artístico, ocorrido sob o comando de Assis Pacheco. Antes de narrar, desculpou-se: "parece-me que esses ágapes têm caráter reservado, mas... – que querem? – fui honrado com um convite especial, e não se convida impunemente um escrevinhador de crônicas para um banquete de artistas..."[63] Ou seja, não era somente o cronista que conhecia o valor de seu ofício.

Ainda quanto à sua arte, muito interessante foi a justificativa dada a um leitor que achara o conteúdo de sua crônica sobre a morte de Louis Baptiste Garnier muito agressivo. O cronista assim respondeu: "é de opinião que nós, os cronistas, temos o direito de dizer o que sabemos e o que sentimos relativamente aos indivíduos que morrem depois de haver exercido uma influência direta sobre o organismo social".[64] O gênero guarda, sim, fatos para a posteridade; no entanto, é para o bem ou para o mal, e somente ao cronista cabia definir o teor de sua seção.

Dentre as várias vezes que Azevedo abordou a fatura de sua coluna, houve um texto de maio de 1894 no qual se demorou mais. Quando escrevia, o povo comemorava o aniversário da lei da abolição. É curioso como, no fragmento, parece haver uma síntese do que seria a crônica para o autor:

> Escrevo esta crônica ao som das festas que se fazem para comemorar o sexto aniversário da expiadora lei que aboliu a escravidão no Brasil [...]. Enquanto a população se entusiasma e se diverte, eu, morto por me achar também nas ruas e tomar parte do regozijo geral, *percorro apressadamente as notas dos últimos acontecimentos, e alinhavo esta crônica fugitiva. Infelizmente essas notas não me deparam assuntos interessantes*...[65]

Essa dependência da semana provavelmente foi, em parte, responsável pela diferença de tamanho entre uma crônica e outra. Porém, mesmo com variações relativas à extensão, a coluna sempre saía e trazia uma estrutura comum, com temas separados por asterisco. Chama a atenção, portanto, que, numa crônica de setembro de 1893, A. tenha iniciado seu texto com pontos acompanhados da seguinte explicação: "essa linha de pontos aí fica suprimindo as considerações que ao cronista provocariam necessariamente os dolorosos sucessos que há dias

[62] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 39, p. 306, set. 1893.
[63] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 282, set. 1893.
[64] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 331, out. 1893.
[65] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 47, p. 370, maio 1894. (grifo nosso)

enlutam a nossa querida Pátria...”[66] Foi uma estratégia interessante para que não utilizasse sua coluna fugitiva para tratar de temas pesados demais. Houve ainda uma outra crônica, que, conforme o próprio cronista, não era uma crônica, e sim: “três apertos de mão”.[67]

Essa não foi a única vez que o próprio cronista reconheceu o fato de sua crônica poder estar sujeita a outros gêneros, o que é bem característico desse tipo de texto. Em uma semana na qual utilizou a seção para mencionar lançamentos de livros, avisou o leitor: “sob o risco de escrever hoje uma coisa mais parecida com um anúncio que com uma crônica, direi que um dos acontecimentos da semana foi a inauguração da *Casa Colombo*[68] [...]”.[69] Não demorou a aparecer o mesmo artifício: “não porei o ponto final nesta crônica, ou antes, neste boletim bibliográfico [...]”.[70]

Partindo desses comentários, é possível, novamente, relacioná-los com o que Azevedo fazia em suas peças e revistas de ano. Não foram poucas as vezes em que empregou sua experiência e abordou nos textos convenções teatrais, usando, por exemplo, a própria revista como personagem, ou criando enredos que girassem em torno de uma companhia teatral; fato representativo de que sabia tirar proveito dos gêneros em que escrevia.

É oportuno retomar as epígrafes deste capítulo: as três são significativas e legitimam como deveria ser a crônica para Artur Azevedo e como ela era para seus contemporâneos. No primeiro caso, por meio do comentário do próprio autor, explicita-se sua consciência quanto ao público que seus textos atingiam e, por isso, como deveriam ser. No segundo, Marcos Valente, quando o substituiu na “Crônica Fluminense”, fez uma anotação pertinente sobre o trabalho do colega como cronista porque tocou justamente na simplicidade e na capacidade de síntese, que tornavam seus textos atrativos. E o último fragmento, de Olavo Bilac, é parte de uma crônica na qual o poeta abordou a morte do comediógrafo. Ao fazê-lo apontou também que como poucos, Artur Azevedo soube manejar a pena despretensiosamente, mas sem perder a mão no quesito da qualidade do texto e manutenção do interesse do leitor.

Portanto, mais do que a amabilidade, a descrição dos colegas de Artur Azevedo e seu próprio comentário, deixam explícito que o cronista tinha consciência de seu papel como sintetizador da semana, mas sempre de modo simples, com uma boa gramática, sem que para isso, precisasse recorrer ao rebuscamento da forma. E tal enquadramento, longe de ser uma colocação redutora, mostra que se o comediógrafo não produziu crônicas que pendessem mais

[66] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 298, set. 1893.
[67] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 51, p. 402, set. 1894.
[68] Estabelecimento de artigos masculinos.
[69] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 283, set. 1893.
[70] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 49, p. 387, jun. 1894.

para o literário ou o erudito, como poucos, entendeu e conseguiu colocar em prática a ideia de que "o cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar encharcado, doente de seu tempo e ao mesmo tempo pairar acima dele".[71]

2.1.3 Amor por anexins...

A referência ao título de uma de suas peças deu-se porque é de conhecimento geral que Azevedo valorizou e utilizou a oralidade e a linguagem popular em seus contos e revistas de ano. Seu estilo era direto, leve e ágil, o que lhe dava uma expressão natural, além de ser exemplar do quanto o artista soube manejar a língua em seu favor, de modo que sua marca é justamente a de ser um escritor pouco afeito aos ornamentalismos verbais, comuns a alguns de seus contemporâneos.

Em sua coluna de crônicas não seria diferente, e há uma recorrência notável de ditados e expressões populares, que tornam os textos divertidos e, com certeza, contribuíram para que fossem apreciados pelos leitores de sua época. Ao optar por trabalhar com esse tipo de linguagem, o cronista garantia a atualidade e inteligibilidade de seus textos.

Sem querer esgotar a presença desses elementos em sua crônica, convém apresentar alguns. Em crônica do mês de janeiro, abordou a história de João José Fagundes de Resende e Silva, um rapaz que havia quarenta anos chegara à capital com o intuito de conseguir a concessão para a exploração das minas de Caiapó. A narração do infortúnio de João lembra a burocracia do conto "De cima para baixo", cujo conteúdo, exemplar da capacidade de síntese de Artur Azevedo, critica ironicamente as hierarquias de um modo geral. E como não lembrar também de Josef K., personagem de *O processo*, de Kafka, cumprindo ritos inexplicáveis e estapafúrdios. Acompanhe-se o que foi relatado:

> [João] passava os dias a correr da Secretaria da Agricultura para a Câmara dos deputados, da Câmara dos deputados para o Senado, do Senado para a rua do Ouvidor, da rua do Ouvidor para o Palácio de São Cristóvão, pedindo, implorando, suplicando, exigindo, suplicando, obsecrando e, sobretudo, caceteando.[72]

---

[71] SANT'ANNA, Affonso Romano de. O cronista é um escritor crônico. *Releituras*. Disponível em <http://www.releituras.com/arsant_ocronista.asp>. Acesso em 15 ago. 2009.
[72] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 11, jan. 1893.

Por fim, venceu a todos pelo cansaço, mas adoeceu e não pode mais explorar as minas. A. encerrou a história dizendo: "Ao que nos pode conduzir o desejo de conquistar aquilo com que se compram os melões". Ou seja, o desejo de conquistar o dinheiro pode trazer resultados pouco agradáveis. Um ditado já em desuso nos dias de hoje, mas ainda presente em Portugal e, certamente, comum na época, alcançando efeito com o leitor de então.

Após o asterisco fez um comentário sobre o incêndio do trapiche Carvalhais, que começou em 1892 e só foi controlado em 1893. Na verdade, sobre o desastre, A. pouco comentou, pois utilizou o fato como um meio de criticar o retorno à imprensa do adjetivo pavoroso. "Não creio, pois, que o incêndio tenha sido tão pavoroso como se disse, e proponho que o adjetivo seja de novo recolhido ao dicionário". O termo rechaçado por A. é comum atualmente, mas provável que pouco utilizado na época. Isso vem mostrar como a língua é instável, com alguns termos indo e voltando, às vezes, com novos sentidos. Esclarece, ainda, a questão de o cronista recorrer, muitas vezes, a determinadas notícias, apenas como pretexto para tratar de suas reais intenções.

Em outra crônica, de agosto de 1893, o cronista abordou novamente um incêndio, desta vez na rua do Ouvidor, e advertiu que, igualmente, a imprensa empregara os adjetivos pavoroso e violento a respeito dele. Retomou, então, o fato de que, na mesma rua, havia menos de dois meses, uma editora fora incendiada. Ironicamente, afirmou "Deus queira que não voltemos ao tempo da *Crioula* e da *Sinhazinha*, em que os pacíficos habitantes desta então heróica e leal cidade perguntavam todos os dias: – Onde será o fogo?".[73] Foram duas críticas: aos incêndios e ao retorno de arcaísmos.

Na crônica publicada no terceiro número da revista, também apareceu uma questão vocabular interessante. Ao tratar do espaço que os engraxates ocupavam nas ruas, o cronista se posicionou a favor dos trabalhadores, e como na crônica anterior, fez considerações linguísticas, porque junto ao termo engraxate foi veiculada uma explicativa, que dizia: "o vocábulo engraxate não tem autoridade clássica, mas há de figurar nos futuros dicionários do idioma luso-brasileiro".[74]

Sobre isso, conta a história que, com a imigração italiana começaram a aparecer, por volta de 1877, na cidade de São Paulo, os primeiros engraxates, todos italianos. Daí o vocábulo derivar do italiano "ingrassato", quando, na verdade, pelas regras de derivação sufixal do português, deveria ser engraxador. Mas o autor utiliza-se da forma popular. Trata-

[73] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 33, p. 258, ago. 1893.
[74] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 19, jan. 1893.

se de outro registro das transformações em relação à linguagem que iam ocorrendo na época, além da valorização da fala do povo.

É ainda desta crônica a notícia de que Gaspar Silva[75] tornara-se Visconde de S. Boaventura, fato que aborreceu A. porque com o título se perderia de sua lembrança "aquele doce boêmio, que tantas vezes dividiu comigo o pão-de-ló das suas alegrias e a broa dos seus dissabores". Uma metáfora confirmadora da divertida personalidade azevediana esboçada na introdução deste estudo, por meio dos comentários de seus colegas contemporâneos, que mostraram um homem capaz de rir, mesmo em meio a desgostos. O cronista encerrou o relato afirmando: "enfim, o caso poderia ter sido mais funesto... Imaginem se o despachassem conde! Dos males o menor." Sem maiores delongas, com o uso de um ditado sintetizou a situação.

Em final de janeiro, o cronista iniciou suas ponderações utilizando um lugar-comum, ao fazer um comentário sobre a temperatura. Ainda que o calor fosse excessivo, o cronista lembrou: "'mal de muitos consolo é', diz a velha filosofia das nações",[76] e completou: "é verdade que o resfriamento do globo terráqueo não será coisa para os nossos filhos, nem mesmo para os nossos netos, mas – ora adeus! – é penosa sempre a certeza de que, algum dia, embora muito remoto, os nossos descendentes se transformarão em sorvetes". Apesar de a notação final ser agourenta, o uso do ditado popular foi pertinente.

Na crônica seguinte a essa, expressou-se sobre os tumultos que ocorreram devido às eleições municipais e afirmou sobre o caso: "parece que voltamos ao tempo do entra-juca e da flor da minha gente".[77] Trata-se de um modo de se exprimir divertido, em que é possível entender o sentido de desordem, mas cuja significação não alcançou os dias atuais.

Uma das crônicas de abril de 1893 teve início com uma comparação, por meio de uma narrativa curta, interessante: "Durante a guerra franco-prussiana, um cego vendia jornais em Paris, apregoando notícias de tal batalha em que haviam morrido tantos alemães. Alguém que passava perguntou ao cego porque não dizia também o número de franceses mortos, e ele respondeu que isso competia aos cegos de Berlim". Com isso, apontou-se a falta de coerência entre o que dizia o governo e o que diziam os rebeldes, concluindo que somente "no frigir dos ovos é que se há de ver a manteiga".[78] O assunto era sério, mas o tom foi bastante jocoso, como era típico em Azevedo.

---

[75] Jornalista e escritor. Colaborou, dentre outros, no jornal *A Província de São Paulo*.
[76] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 31, jan. 1893.
[77] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 42, fev. 1893.
[78] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 15, p. 114, abr. 1893.

Além da guerra civil, nessa época havia o problema do encilhamento[79] e, ainda neste texto, o cronista relatou um suicídio, possivelmente causado pelos dissabores dessa política, e encerrou suas colações em relação a essa atitude, que ele detestava, com outro ditado: "Ora adeus!: morreu porque quis matar-se, o que vai por gosto regala a vida!" Uma expressão talvez pouco apropriada para a tristeza da situação.

O encilhamento foi momento triste da história brasileira e acabou retratado na revista de ano *Viagem ao Parnaso*, representada no ano de 1891:

> Primeiro Aposentado — Bem! — e agora, como ainda temos forças para o trabalho, vamos tratar da vida!
> Segundo Aposentado — Qual há de ser?
> Primeiro Aposentado — Proponho que nos façamos todos zangões!
> Todos — Apoiado! Apoiado!...
> Primeiro Aposentado — Ao Encilhamento!
> Todos — Ao Encilhamento...
> (Os meninos fazem roda e executam uma dança infantil. Saem dançando e cantando)
> Apolo (Ao Transeunte) — Eles falaram em Encilhamento; que diabo quer isto dizer?
> O Transeunte — Pois o senhor não sabe o que é o Encilhamento? É o lugar onde se encilham animais.
> Cupido — Quê? Pois ser zangão é encilhar animais?
> O Transeunte — Não senhor; aqui a coisa é tomada em sentido figurado. A cilha é o jogo da Bolsa.
> Apolo — Ah! — e os animais?
> O Transeunte — Naturalmente são os que se deixam encilhar. E na realidade muitos de lá saem com a cilha na barriga.[80]

Vale lembrar que a revista trata dos acontecimentos do ano 1890, quando o escritor ainda não tinha sentido os resultados da febre e podia zombar, chamando de "animais" os que se deixaram levar pela onda. Porém, infelizmente, não tardaria para que o autor também fosse "selado" pelo Encilhamento. Em 1891, o autor vivia bem numa casa localizada em Santa Teresa, cuja vista era tida por ele de uma beleza de fazer inveja às pinturas de Vitor Meireles.

---

[79] Política monetária do então ministro da Fazenda, Rui Barbosa, que resultou num dos maiores surtos inflacionários do país. Destinava-se a substituir a estrutura agrária baseada na exportação de café e promover a industrialização; seu maior desafio era superar a escassez de moeda. Com fundamentação no sistema bancário norte-americano, Rui Barbosa decretou a Lei Bancária de 17 de janeiro de 1890, que estabelecia as emissões bancárias sobre um lastro constituído por títulos da dívida pública. Essa política monetária ficou conhecida como Encilhamento, termo que se refere ao momento da colocação das cilhas, nos cavalos de corrida no hipódromo, sob os olhares e especulação dos apostadores. Seu resultado foi catastrófico, porque gerou um surto inflacionário e desregrada especulação financeira na Bolsa. Fortunas surgiram da noite para o dia, enquanto a economia brasileira definhava. Informações retiradas de SCHULZ, J. O encilhamento. *O exército na política*: origens da intervenção militar - 1850-1894. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1994. p. 75-100.

[80] AZEVEDO, Artur. Viagem ao parnaso. In: Idem. *Teatro de Artur Azevedo*. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 2002, p. 1949, v. IV.

Entretanto, quando assumiu o poder, Floriano Peixoto restringiu o crédito e convocou os devedores do Banco do Brasil para ressarcirem suas contas. Artur Azevedo, ao contrário da maioria que apenas se limitou a entregar títulos, entregou sua casa para sanar as dívidas, e nunca mais conseguiu comprar outra.

Retomando o uso de ditos populares, há de se ressaltar, que, algumas vezes, o cronista inverteu o ditado original conforme a necessidade de suas colocações, encontrando, mesmo quando o assunto era sério, espaço para fazer deboche. Ao comentar que um comandante enviara um telegrama, do Sul, pedindo roupa de frio, uma informação que certamente havia retirado de algum periódico, inverteu um velho ditado e fez pilhéria: "naquelas paragens Deus não dá o frio conforme a roupa".[81]

O mesmo se deu numa crônica de julho de 1893, na qual A. informou que o assunto mais importante da semana teria sido a estreia da companhia lírica de Ducci, e após apontar algumas falhas na execução da peça, escreveu que admirava o fato de o empresário Ducci ser "um gato escaldado e não ter absolutamente medo de água fria",[82] porque o italiano, para o cronista, arriscava-se demais na escolha do repertório. E o ditado seria representativo disso.

Tratando de um assunto menos agradável que uma peça teatral, em abril de 1894, quando a Revolta já agonizava, informou que uma de suas maiores consequências, foi a falta de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Esclareceu que a Intendência Municipal havia feito uma reunião para resolver o problema, mas os pobres passavam fome. Assim, asseverou que daquela vez havia falhado o ditado: "da discussão nasce-se a luz. As batatas e as cebolas continuam pela hora da morte".[83] Nem sempre a sabedoria popular tinha razão. Pediu, então, mais agilidade às autoridades, e não haveria problema se para isso, devessem ser radicais, frisando, porém, que não era radical como um jacobino; achava apenas que "mais vale prevenir que remediar".

Também o tema político o fez utilizar outro ditado popular. É uma crônica curiosa, porque parece, num primeiro momento, mostrar que, se Azevedo era favorável a Peixoto, não significava que concordava com todos os seus atos; porém, apenas parece. O cronista informou que o marechal trocara as placas do largo do São Francisco, que tinham o nome do santo, por placas com o seu nome. Azevedo assim se manifestou: "O nome do santo foi substituído pelo do Sr. Marechal Floriano Peixoto, que, como todos os homens que se elevam

[81] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 25, p. 195, jun. 1893.
[82] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 30, p. 234, jul. 1893.
[83] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 45, p. 354, abr. 1894.

ao poder, tem muitos amigos ursos".[84] Ora, a expressão "amigo urso" utilizada ao final do texto, leva a crer que, para A., o vice-presidente talvez não tomasse sozinho tais atitudes, mas, sim, que tais providências fossem iniciativas exclusivas de subalternos.

Ainda a política levou-o a empregar uma comparação curiosa: "abriu-se o parlamento, mas o Sr. Vice-presidente da República... não se abriu. Quero dizer que a mensagem é nalguns pontos reservada e noutros omissa: uma espécie de *omelette souflé*, que mete vista, faz volume, aguça o apetite, mas não enche o estômago nem satisfaz".[85] Às vezes, o cronista mostrava bom-senso, porque se nutria admiração pelo marechal, como foi visto no fragmento posterior, também discordava de suas atitudes quando necessário.

Dos ditados aqui apontados, alguns ainda comuns na contemporaneidade, outros, não, nota-se que eles são representativos de um escritor que sabia dosar muito bem o erudito e o popular, porque, em nenhum momento, o uso pareceu excessivo, fora de contexto ou com o intuito de ridicularização. Retomando mais uma vez a concepção da crônica como um gênero ligado ao tempo, nada mais coerente que adotar o ditado popular na escrita, uma vez que expõe a sabedoria das pessoas sobre o cotidiano. E o que era, para Azevedo, a crônica, senão isso?

2.1.4 Ridendo castigat mores

Foi possível perceber, até aqui, que Artur Azevedo certamente conseguia conquistar a familiaridade do público devido à sua linguagem acessível, à maneira de abordar os temas e às intervenções junto ao público, dentre outros fatores. Essas características convergem para a presença do humor, assim como para a presença da ironia e da autoderrisão. De acordo com Garcia Redondo, Azevedo "seguia a risca o preceito 'ridendo castigat mores', mas o seu riso não continha veneno, nem tártaro emético, quando muita pimenta e essa mesma da branda, curtida em vinagre".[86] Vale destacar ainda, o uso de trocadilhos e calembures, – recursos geralmente mais amenos, quando comparados à ironia e à autoderrisão, – que provocam o riso tanto no leitor de hoje, como provavelmente provocaram no leitor de outrora.

Segundo Hodgart, a ironia significa, literalmente, dissimulação e o uso sistemático do duplo sentido, de tal modo que pressupõe um duplo auditório: aquele que se deixa enganar

[84] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, p. 147, maio 1893.
[85] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 21, p. 162, maio 1893.
[86] REDONDO, Garcia. Artur Azevedo. Conferência. In: SEIDL, Roberto. *Artur de Azevedo*: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Editora Abc, 1937. p. 145.

pelo significado literal das palavras e aquele que consegue captar o subentendido e ri, junto ao enganador, do enganado.[87] Não é diferente da concepção de Vladimir Propp – respeitadas as diferenças entre os teóricos – quando afirma que a ironia anuncia com palavras uma opinião, mas subentende outra.[88] Ou seja, é um recurso que vai, verdadeiramente, significar algo diverso do que foi dito.

Propp trata de diferentes tipos de riso, entre eles o "bom" e o "mau", cuja diferença reside no fato de que "um contém a derrisão, o outro não".[89] No riso bom, "os pequenos defeitos daqueles que nós amamos só embaçam seus lados positivos e atraentes".[90] No riso mau, enquadram-se distorções que, mesmo sendo aparentes ou inventadas, são "aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos e a maledicência". De acordo com o dicionário *Larousse*, derrisão é o "riso escarnecedor; dito ou gesto que exprime desprezo por outrem".[91] Relaciona-se, portanto, com a zombaria.

Em Artur Azevedo, há a derrisão, ou melhor, a autoderrisão. Isso ocorre porque, como já se disse, no primeiro caso, especificamente, o objetivo é desqualificar o destinatário a quem o locutor se dirige ou faz referência por meio da zombaria. No segundo, o prefixo grego "auto" indica que a zombaria vai recair sobre seu próprio autor, mas não no sentido do "riso mau", da ofensa, mas sim como uma forma de se autodenegrir para elogiar outrem.

Por exemplo, ao informar que não podia se estender em determinado tema, sentenciou: "há tanta matéria de colaboração para encher *O Álbum*, que sou obrigado a reduzir a minha crônica a proporções microscópicas. Nada perdem com isso os leitores".[92] O mesmo se deu, quando deixou seu espaço para publicar uma crônica de Olavo Bilac: "Apesar de não se tratar de coisa inédita, os leitores ficaram mais bem servidos do que ficariam se eu lhes falasse da chuva, ou da chegada do outono, ou da morte de Jules Ferry, ou da revolução do Rio Grande, ou da estreia de Cifuentes, ou da questão dos foros da Intendência Municipal".[93]

Em crônica de janeiro de 1893, não se estendeu nas apreciações por conta da falta de espaço, e lembrou que, como dono da casa, tinha de "cedê-la aos hóspedes", mas disse crer que os leitores de certo não se queixariam vendo-o ser substituído com tanta vantagem.[94] Ao

---

[87] HODGART, M. Las técnicas de la sátira. In: Idem. *La sátira* [Satire]. Tradução de Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969. p. 108-131.
[88] PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1992.
[89] Ibid., p. 151.
[90] Ibid., p. 159.
[91] *Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007. p. 337.
[92] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 18, jan. 1893.
[93] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, p. 99, mar. 1893.
[94] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 26, jan. 1893.

passar temporariamente seu lugar a Valentim Magalhães, preveniu-se: "infelizmente para os leitores d'*O Álbum* a minha ausência não será longa: alguns dias apenas... E como poderia eu voltar a escrever minhas crônicas, se os leitores tivessem tempo de se habituar às de Valentim Magalhães?"[95]

Ao tratar do jogo do bicho, subestimou-se: "Deixem-me juntar a minha débil e não autorizada voz ao coro de elogios com que foi recebido o ato do Sr. Chefe de Polícia, fazendo cessar o escândalo do Jardim Zoológico".[96] Indo além, subestimou sua própria revista: "Embirro com a profissão de moralista [...], mas o jogo tem assumido nesta capital proporções tão assustadoras e tão vergonhosas, que é crime dispor de um periódico, *embora obscuro*, e não combater com toda a energia esse vício funesto".

Quando ainda estava impressionado com a fusão entre o Banco do Brasil e o Banco da República, argumentou: "quem há quatro anos dissesse que o Banco do Brasil havia de fazer fusão com outro estabelecimento de crédito, ainda por nascer, passaria por doido. É o mesmo que dissessem hoje que daqui a tempos o *Jornal do Comércio* fará fusão com o *Álbum*". Para além da crítica à fusão, é possível ver no comentário o reconhecimento, e porque não, uma homenagem, à solidez do *Jornal do Comércio*, fundado em 1827, frente à ainda incipiente revista literária que dirigia.

Quanto à recorrência de trocadilhos, quando tratou da mania de se tentar descobrir a direção dos balões – o assunto surgiu devido à tentativa de Afonso Barrouin, um capitão do exército, de fazer voar um balão – o cronista concordou que era louvável tentar dar continuidade aos feitos de Bartolomeu de Gusmão, contudo não deixou de ironizar: "quisera – digamo-lo fracamente – antes de descobrirmos a direção dos balões, descobríssemos a direção de nós mesmos. O Brasil não encontrou ainda o seu ponto de apoio...."[97]

Invenções à parte, o clima na capital, segundo o cronista, não andava bom porque o deputado Valadares fizera um discurso sobre a guerra civil que teria inflamado os militares. A solução indicada foi a de que o político não saísse de casa para não ser vaiado. "Em nome da tranquilidade pública, pede-se ao ameaçado representante da Nação que tão cedo não vá a Câmara, sob a pena de chamar-se Vaiadares".[98] Foi divertida também a justificativa dada, em outra crônica, para apoiar o trabalho dos engraxates: "não seria muito estender a mão a quem tantas vezes me pegou no pé...".[99]

---

[95] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 21, p. 163, maio 1893.
[96] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 317, fev. 1893.
[97] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 28, p. 219, set. 1893.
[98] Ibid.
[99] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 17, jan. 1893.

Por meio de uma curta anedota, A. criticou severamente o discurso proferido por Érico Coelho na colação de grau dos formandos em medicina de 1892, que teria desprestigiado a profissão, dizendo aos seus discípulos que logo passariam fome. O caso levou o cronista a fazer pilhéria: "– Aquele paraninfo me parece doido! / – Doido, não: tem manias... / – Pois bem, é um paraninfo maníaco".[100] Note-se a polissemia resultante do trocadilho.

Numa outra crônica, referiu-se ao Rio Grande do Sul, mas não para falar da Revolta e sim da qualidade de seus charutos. Ele revelou: "estou saboreando um belo charuto do Rio Grande do Sul. Sim, meus senhores, do Rio Grande do Sul! Pensais acaso que na terra de Bento Gonçalves só há carne de charque e guerra civil?"[101] Seguiu e explicou que eram "manipulados com tabacos de Havana, da Bahia e do próprio Rio Grande, por trezentos operários, que naturalmente têm o bom senso, honra lhes seja! de não pertencer ao partido castilhista nem ao partido federalista". E finalizou: "agradeço, reconhecendo que, se o Rio G. do Sul nos manda constantemente desagradáveis notícias, envia-nos, em compensação, magníficos charutos. Em ambos os casos, faz-nos fumar". A duplicidade do verbo dá toda a graça à colocação.

Foi também divertida a maneira encontrada, pelo cronista, para tratar do verão e do carnaval em 1893. Sem sombra de dúvidas, é a única crônica que pode ser classificada como integralmente "crônica-narrativa". O escritor travou um diálogo *nonsense* com a sua colcha, que ficou surpresa ao ser retirada da gaveta tão fora de época. Toda a crônica constitui-se apenas dessa singular narrativa. Seguem alguns trechos:

> Ontem ficou muito espantada a minha colcha de inverno quando à meia-noite fui arrancá-la ao fundo de uma gaveta:
> – Que é isto? Perguntou ela; já estamos em junho?!
> – Não; estamos apenas em 8 de fevereiro, mas faz tanto frio, que não tenho remédio senão recorrer aos teus bons serviços.
> Estremunhada ainda por despertar tão brusco e inesperado, a colcha perguntou-me a que eu atribuía semelhante fenômeno meteorológico.
> [...]
> – Ao carnaval? Repetiu a colcha; que diabo quer dizer Carnaval?
> [...]
> – Mas porque dizias que o Carnaval é a causa de fenômeno que me obriga a sair da doce tranquilidade daquele gavetão?
> – O ano passado a Intendência transferiu o Carnaval para junho, porque em fevereiro faz muito calor. A Natureza, para mostrar à Intendência que é sempre um erro inverter a ordem das coisas há muito estabelecidas, deu-nos ao ano passado calor em junho e dá-nos este ano frio em fevereiro.
> [...]

[100] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 20, jan. 1893.
[101] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 27, p. 212, jul. 1893.

> – Outras [novidades]; manobras da esquadra na Copacabana... Mas.... são horas de dormir. Quero despertar cedinho para escrever a crônica do *Álbum*.
> – Pois dorme. Boa noite!
> – Boa noite! Aquece-me bem![102]

O texto é longo; Azevedo aproveitou o tema da mudança de data para tecer críticas à festividade. Sobre a alteração, Leonardo Pereira[103] comenta que Raul Pompeia foi um dos maiores defensores da mudança para que a festa adquirisse um ar mais elegante, – vale dizer, europeu, – realizando-se em clima frio. E assim, em 1892, os que pediam a mudança venceram, porém, proibiu-se apenas a festa de rua; as festas em salões poderiam ainda ser realizadas em fevereiro. Mas, no ano seguinte, a circular expedida sobre o assunto perdeu seu efeito e, em 1893, o carnaval voltou a ser realizado no mês de costume. Na crônica seguinte, a única menção à festa foi esta: "O carnaval... *Parce sepultis*" (enterrado, perdoado).

Houve outras crônicas em que o autor recorreu à narrativa, mas apenas para ilustrar o assunto tratado. Foi o caso, por exemplo, quando noticiou que se havia difundido a notícia de que um funcionário do correio, ao abrir uma carta, apresentou os sintomas do cólera-morbo. "A notícia espalhou-se com uma rapidez incrível; os fluminenses, que são muito impressionáveis, deixaram-se apoderar de verdadeiro pânico, e todos se puseram de pé atrás com as epístolas de S. Paulo (sem *calembur*)".[104] Ora, imagine, então, se houvesse tal jogo de palavras...

Entretanto, o cronista enfatizou que tudo não passou de um susto e que "na maior parte dos casos, a cólera não passa de *ca...ço*, palavra que é sinônimo de medo e que eu não posso escrever aqui com todas as letras". Após essa nota, ofereceu aos seus leitores, para meditação, um pequeno conto que ele disse ser árabe. Trata-se de um diálogo entre um homem e a Peste, que, como é bastante ilustrativo do caso do cólera, convém ser transcrito na íntegra:

> Um dia a Peste vinha da Índia, e encontrou no caminho um pobre derviche que lhe perguntou:
> – Aonde vais?
> – Ao Ocidente.
> – Que vais lá fazer?
> – Matar.
> – Matar por quê?... que mal te fez essa gente?...
> – Nenhum; eu mato porque o meu destino é matar.

---

[102] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 50-51, fev. 1893
[103] PEREIRA, Leonardo A de M. Por trás das máscaras. In: Idem. *Carnaval das Letras:* literatura e folia no Rio de janeiro do século XIX. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. p. 255-285.
[104] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 35, p. 275, ago. 1893.

> – De quantas pessoas pretendes dar cabo durante esta viagem?
> – De um milhão.
> – Pois bem, eu suplico-te que te contentes com a metade, e já terás cumprido a tua missão.
> – Derviche, pedes com tão bom modo, que eu prometo fazer-te a vontade.
> E a Peste veio para o Ocidente.
> Na volta, o derviche foi ao seu encontro, e disse-lhe cheio de desgosto:
> – Ora, muito obrigado! Prometeste matar quinhentas mil pessoas, e eu soube que mataste um milhão e duzentas mil!
> – Enganas-te; eu só matei as que prometi matar. As outras morreram... de medo.

Azevedo pediu, então, que se aproveitasse enquanto não aparecia o cólera, para se apreciar a nova coluna de Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*, "Crônicas livres", nas quais se podia encontrar um Bilac mais interessante, segundo A., do que aquele que escrevia na *Cidade do Rio*. Por fim, encerrou a semana com um trocadilho: "E a Paz? Dão-me notícias dela? Homem, o melhor é deixá-la... em paz".

Outro exemplo de inserção de narrativas breves em sua crônica foi quando saudou Rochinha, pelo lançamento de sua folha vespertina *A Notícia*:

> A cena passa-se num bondinho do Carceler.
> Sentado no banco da frente vai um sujeito lendo o primeiro número da folha de Rochinha. Leva entre as pernas um menino.
> Este, que não está um segundo quieto, faz um gesto com o braço e rasga a folha.
> – Oh! Meu filhinho! Que fizeste! Rasgaste um jornal interessante que papai estava lendo com tanto prazer!
> Acode um passageiro do banco imediato:
> – Que boa *Notícia* para o pai da criança![105]

Mais um chiste, pouco elucidativo para a atualidade, mas que, com certeza, na época, fez seu efeito, foi realizado com Juca Reis: "Na rua do Ouvidor, entre dois boêmios das letras: – Então o *Tempo* matou o Juca Reis? / – Foi bem feito! / – ? / – O Juca Reis em toda a sua vida não tem feito outra coisa senão matar o tempo".[106] Não foi possível encontrar dados sobre o ocorrido, mas apurou-se que o alvo do comentário maldoso era José Elísio dos Reis, mais conhecido como Juca Reis, filho do conde de Matosinhos, importante personalidade da colônia portuguesa, e irmão do visconde de Matosinhos, proprietário do jornal *O País*.

José Murilo de Carvalho aborda um acontecimento do ano de 1890, que ajuda a esclarecer o ácido comentário de Azevedo. O pesquisador explica que Juca Reis foi preso

[105] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 51, p. 403, set. 1894.
[106] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 43, fev. 1893.

por liderar um bando de capoeiras, e esse caso quase gerou uma crise ministerial, pois o ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva, era também redator do jornal *O País* e tentou intervir na situação. Para evitar problemas, o rapaz foi deportado para Fernando de Noronha. Pode-se supor que, talvez, o comentário de Azevedo advenha do fato de Juca Reis ser capoeirista, e os praticantes do jogo serem vistos, na época, como arruaceiros e vagabundos.[107]

É mais um exemplo da ironia azevediana, e, tendo em vista que o satírico, ao utilizar-se de recursos como a paródia e a ironia, pretende incomodar seu leitor para fazê-lo sair de sua complacência e convertê-lo em um aliado na luta contra a estupidez humana, parece ter sido também essa a intenção do autor, ao informar que, finda a guerra civil, Saldanha da Gama andava com ideias de restaurar a monarquia. O cronista supôs a cena: "desembarcarão todos alegremente ali no Pharoux, e se encaminharão para o velho Palácio de D. João VI, maxixando [sic] o som de *Zamacuca*, executado no violino pelo *maestro* José White, que naturalmente fará parte da imperial comitiva". Continuou imaginando e concluiu: "como é divertida essa gente".[108]

Por meio dos exemplos apresentados, percebe-se que o humor em Artur Azevedo tinha diferentes facetas: ora era mais brincalhão, ora mais ferino, mas sempre manejado de modo que tornava seu texto permeado de um linguajar representativo do cotidiano, afastado do beletrismo. Valendo-se de sua crônica, criticou, mas também enalteceu fatos e pessoas de seu tempo e, para isso, chegou até a mesmo a se diminuir como cronista e editor de revista.

É curioso o quanto ainda é possível interagir com seus textos e ter momentos de descontração em sua leitura. Assim, se dentre os gêneros cultivados pelo maranhense, a produção contística – assim como a teatral – ainda hoje cativa leitores de diferentes idades, graças à linguagem acessível e geralmente de cunho anedótico, o mesmo pode se afirmar em relação às suas crônicas.

2.2 Baptiste Louis Garnier ou "Bom Ladrão" Garnier?

Merece ênfase as colocações feitas por Artur Azevedo a respeito do editor Baptiste Louis Garnier nas páginas d'*O Álbum.* Sabe-se que o francês exerceu papel fundamental na publicação de livros no Brasil no século XIX, mas sabe-se também que, devido a certas

[107] CARVALHO, José Murilo de. Bestializados ou bilontras? In: Idem. *Os Bestializados* – O Rio de Janeiro e a República que não foi. Cia das Letras, 2001. p. 140-164.
[108] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 47, p. 370, maio 1894.

atitudes com seus editados, colecionou admiradores e desafetos. Dentre os primeiros, tem-se, por exemplo, Machado de Assis e dentre os segundos, Artur Azevedo. Convém dar destaque aos comentários, porque são ilustrativos do quanto o diretor da revista, aos 37 anos, já gozava de um *status* que lhe permitia publicar opiniões bastante sinceras sobre figuras públicas e, ainda, explicita o fato de *O Álbum* ser mesmo "a revista de Artur", o que lhe dava espaço para dizer o que bem entendesse.

A primeira referência ao editor deu-se em resposta à já comentada carta publicada na *La Revue Diplomatique*, por José Avelino. Mais tarde, ao elogiar a intrepidez de Magalhães & Comp. por lançarem, no mercado editorial brasileiro, três livros de uma vez, descreveu a sentença que simbolizaria a atitude da empresa: "*audaces fortuna juvat*",[109] cuja tradução seria "a sorte protege os audazes". Lembrou que além dos livros recebidos, havia ainda dois no prelo e sentenciou: "enforca-te, B.L. Garnier!" É curioso como Azevedo não se esquecia de zombar do conhecido editor.

Em crônica de outubro de 1893, dedicou quase todo seu espaço para comentar a morte de B. L. Garnier; porém, não para fazer cortesia ao morto, pelo contrário, uma vez que A. foi bem austero em sua anotação. Convém ler na íntegra:

> Morreu B. L. Garnier, o velho editor do Instituto Histórico, o famoso livreiro da rua do Ouvidor, um judeu trabalhador e honrado, que tinha todos os defeitos e todas as virtudes de sua raça, e era uma das fisionomias mais curiosas e mais características de nosso meio.
> Editava tudo a torto e a direito, e nesse ecletismo está talvez o segredo de sua fortuna. Julio Verne, mais que nenhum outro escritor, contribuiu para enriquecê-lo... sem o saber.
> Diz a imprensa que ele prestou relevantes serviço à nossa literatura. Efetivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catálogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas letras. Mas a verdade é que ele só acolhia de braços abertos escritores que lhe entravam em casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: "cresça e apareça". Se o pobre diabo realmente crescesse e aparecesse, poderia contar com o editor.[110]

Artur Azevedo não mediu suas palavras e emitiu juízos nada elogiosos à figura do editor. O início da citação, em que pesem questões étnicas, pode ser relevado, haja vista as ideias que regiam o período. No entanto, há contra o francês, acusação de pirataria, pois teria enriquecido às custas de Julio Verne. Continuando as colocações, Azevedo tratou-o como um

[109] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 282, set. 1893.
[110] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 41, p. 322, out. 1893.

injusto e aproveitador, tendo em vista que não dava chances aos novos, mas tirava proveito dos mais ilustres.

É interessante que, para dar continuidade aos acontecimentos da semana, ao comentar a morte do pintor belga, estabelecido no Brasil, Laurent de Wilde,[111] delineou-se uma figura totalmente diferente da anterior: "De Wilde era um grande amigo de alguns pintores, a quem facilitava os meios de aquisição de apetrechos necessários ao exercício de sua arte". Um tão miserável e outro tão generoso, mas ambos importantes para a cultura brasileira.

Não tardou para que chegasse uma retaliação à redação d'*O Álbum*. A. recebeu uma carta anônima cujo autor afirmou ter sido ele injusto ao dizer que o editor pagava mal seus autores. Sem preocupar-se em aproveitar para encerrar a contenda, preferiu provar sua razão, e para isso, o cronista resolveu contar uma história que vivenciou quando fora negociar com o francês.

Explicou que, por sugestão de Lombaerts, resolvera editar os contos publicados na revista *Vida Moderna* com o título de *Contos possíveis*. O colega sugeriu que procurasse Garnier porque livros eram a especialidade dele, mas, como não o conhecia, Machado de Assis fez-lhe um bilhete de apresentação. Ao chegar ao escritório, disse lembrar-se de ter sido muito bem tratado, mas também que o editor lamuriou os prejuízos por conta dos autores brasileiros; por fim, perguntou ao escritor quanto queria. Sincero, Azevedo falou que o custo total tinha sido de 400 mil réis, e Garnier disse ser este o valor que pagaria. Para não estender a negociação, o contista acabou aceitando. O que vem depois vale ser citado:

> Poucos dias depois, mandei levar-lhe toda a edição. O milheiro não estava completo: faltavam, não sei como, vinte e tantos exemplares. O milionário descontou-os no pagamento, à razão de quatrocentos réis cada...
> Um mês depois de realizado o negócio, disse-me o simpático Sr. Valadão (naquele tempo empregado da livraria Garnier) que já o editor de *Contos possíveis* tirara o custo da edição. Eu bem o presumia, pois para isso bastava que ele vendesse duzentos exemplares: não fosse eu a causar a ruína daquele velho protetor das letras pátrias![112]

Dada essa resposta ao autor da missiva, não demoraria para o cronista noticiar um fato muito importante para os escritores brasileiros: Coelho Neto e Domingos de Magalhães haviam celebrado um contrato inédito, em que o primeiro cederia ao segundo os direitos autorais de sua obra por cinco anos em troca de uma remuneração mensal. Para o cronista, o

[111] Nessa época, era conhecida a Casa de Wilde, do belga Laurent De Wilde. A loja de materiais artísticos era ponto de encontro de artistas profissionais no Rio de Janeiro.
[112] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 331-332, out. 1893.

contrato representava "a inauguração de novos costumes no nosso meio literário, e um grande passo dado para o reconhecimento da literatura como profissão estabelecida e sujeita a impostos administrativos".[113] E logicamente, não perdeu a chance de provocar: "Alencar ou Macedo que propusessem um contrato desses ao Garnier! O velho editor seria capaz de agarrar-se à burra, gritando: – Aqui Del-rei, que me querem roubar!..."

Esse perfil de Garnier levou seus contemporâneos a brincarem com as iniciais de seu nome. Porém, para não tomar partido do escritor aqui abordado, releva mencionar que, de acordo com Hallewell,[114] o editor pagava direitos autorais regularmente, tanto para escritores quanto para tradutores, além do fato de sua atividade, mesmo que duramente criticada por seus contemporâneos, ter sido importante para o desenvolvimento das letras nacionais. É bom lembrar que essa breve incursão pelos comentários de Azevedo a respeito do editor, reforçam que o autor não era polêmico apenas quando o assunto era sobre o teatro, pelo contrário, pois como diretor de uma revista literária, não deixou de semear a controvérsia entre seus leitores.

2.3 A política deveria entrar na "Crônica Fluminense" como a baunilha no arroz doce

A comparação do intertítulo, cuja versão original faz referência a uma revista de ano, foi feita na revista *A fantasia* (1895), de Azevedo e faz pensar que talvez o diretor pudesse tê-la adotado para explicar como a política apareceria em seu *O Álbum*: sem demasia, mas, se necessário, mencionada. Entretanto, o projeto que envolve uma publicação é, de ordinário, abstrato, e naturalmente, o diretor não adivinharia o quanto o contexto político o faria rever suas premissas editoriais, de modo que acabou abordando, sem muita moderação, problemas da capital e fatos políticos na "Crônica Fluminense".

Dentre os assuntos patentes em fins do século XIX no Rio de Janeiro, além da Revolta, tinha-se, o jogo do bicho e a higienização da cidade. Certamente, para o cronista, essas eram questões de cunho social, de modo que as implicações políticas podem ser percebidas contemporaneamente graças à perspectiva histórica.

Em crônica de fevereiro de 1893, A. expôs seu ponto de vista sobre a derrubada ou não do "Cabeça de Porco". [115] Sua torcida era para que fosse abaixo o famoso cortiço, opinião semelhante à de outros colegas da imprensa. Ao final da crônica apareceu um *post scriptum*:

---

[113] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 47, p. 371, maio 1894.
[114] HALLEWELL, Lawrence. A personalidade de B.L. Garnier; Os direitos autorais. In: Idem. *O livro no Brasil:* sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 206-210.
[115] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 35, jan. 1893.

"ao rever as provas da minha crônica, recebo a notícia da demolição do Cabeça de Porco. Bravos ao Dr. Barata Ribeiro!"

O historiador Sidney Chalhoub, em texto sobre o cortiço em questão, informa que havia controvérsias sobre o número de habitantes que ainda resistiam no local quando de sua derrubada, em 26 de janeiro de 1893, mas isso não impediu a demolição. Assim, "a destruição do Cabeça de Porco marcou o início do fim de uma era, pois dramatizou, como nenhum outro evento, o processo em andamento de erradicação dos cortiços cariocas".[116] Esse fragmento esclarece que não apenas Azevedo apoiava a decisão, mas sim toda a elite da época.

Outro assunto do momento era o jogo do bicho. O cronista posicionou-se totalmente contra a jogatina e contra a proposta do Barão de Drummond, que oferecera à Intendência o Jardim Zoológico, em troca de o deixarem usufruir da banca durante cinco anos. Para o autor: "não há dúvida que, esgotado esse prazo, a cidade do Rio de Janeiro ficará senhora de um magnífico estabelecimento; mas não há dúvida também que muita gente há de perder ali o dinheiro, a tranquilidade e a vergonha". Azevedo ratificou sua fala com a transcrição de algumas palavras de Urbano Duarte, escritas para *O Farol*, de Juiz de Fora, em que a jogatina foi apontada como causa de muitos problemas no meio social.

Não demorou para que o tema fosse retomado. O cronista parabenizou o excelente trabalho da polícia em relação ao fechamento do Jardim Zoológico e manifestou seu apoio: "não esmoreça Sua Exa. e faça guerra de morte a todos esses terríveis agentes de corrupção social, clubes de roleta, *bookmakers*, belódromos e cosmoramas".[117] A. esclareceu que não pretendia ser moralista; porém, entendia que a jogatina já havia passado dos limites aceitáveis e que deveria ao menos ser tributada, pois lamentava ver pessoas de baixa renda perdendo seu pouco dinheiro nesses lugares.

Consciente do trabalho árduo que viria pela frente, o tom ameno deu lugar à sugestão de que a polícia surpreendesse "no ofício a todos esses figurões que passam a vida a jogar, multe-os e publique-lhes os nomes todas as vezes que lhes deitar os gadanhos; perseguição justíssima do bem contra o mal, e diabos me levem se o jogo não for suprimido!" Ledo engano, pois os denominados, na atualidade, "bicheiros", ainda são figuras comuns. Aliás, em 1895, dois anos depois, Azevedo publicou os seguintes versos: "A nada o barão se move! / Aquilo agora é capricho! / A imprensa, por mais que o sove, / Não pode matar o bicho!"[118]

---

[116] CHALHOUB, Sidney. Cortiços. In: Idem. *Cidade febril*: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 15-19.
[117] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, 58-59, fev. 1893.
[118] Apud MAGALHÃES Jr., Raimundo. Morre o divórcio e nasce o bicho. In: Idem. *Arthur Azevedo e sua época*. São Paulo: LISA, 1971. p. 258.

Nessa crônica, houve uma crítica seguida de outra: dos bichos do zoológico passou-se para a excessiva exaltação ao produto estrangeiro. Para A., o fluminense comia com gosto refinados artigos importados, como a perdiz, o salmão, dentre outros, e reclamava da carne fresca que vinha do Rio da Prata, muito próxima do país. Pode-se ler nas entrelinhas uma crítica a um comportamento que ia além da preferência alimentar, pois a situação se parece muito com o que acontecia em relação ao teatro, lembrando que o público prestigiava peças literárias representadas pelos grandes atores europeus, mas, se os atores eram brasileiros, o interesse apenas se dava quando as peças eram musicadas.

Além dessas questões, outro tema frequente nas abordagens do cronista foram as Revoltas. Num primeiro momento, os comentários foram a respeito da Revolução Federalista (1893-1895), que eclodiu em fevereiro, quando os federalistas invadiram o Rio Grande do Sul e teve início uma violenta guerra civil. Foi uma situação que envolveu as principais facções políticas do Rio Grande do Sul; na ocasião, o poder era disputado pelo Partido Republicano Riograndense, que reunia os republicanos "históricos", sob o comando de Júlio de Castilhos, e pelo Partido Federalista, que agrupava os contrariados com a política de governo forte e centralizador do "castilhismo". Apoiado pelo presidente Floriano Peixoto, Júlio de Castilhos assumiu o governo em 1893. A tentativa de impedir, pelas armas, a posse de Castilhos gerou uma forte repressão, obrigando os federalistas a buscar refúgio no Uruguai e Argentina.

Nas crônicas que se seguiram, o cronista ora comentaria assuntos totalmente alheios à política, ora os mesclaria com amenidades e incursões sobre a revolta, ora dedicaria sua coluna inteira ao tema. Na verdade, como colaborava em inúmeros periódicos, não precisava se utilizar apenas do seu, notadamente literário, para tratar de política. Tentando entender como a guerra civil interferiu ou não na publicação da revista, e também, com o propósito de conhecer qual o posicionamento de Artur Azevedo em relação à revolta, abordaram-se algumas crônicas, dentre muitas outras que já foram comentadas, a partir do momento que a Revolta chegou ao Rio de Janeiro, ou seja, setembro de 1893.

É interessante notar que, justamente no início do mês de setembro, o cronista pediu licença aos seus leitores para não tratar dos fatos mais salientes da semana. Provavelmente, isso se deu porque, apesar da data, ainda não tinha eclodido a Revolta da Armada no Rio de Janeiro. De acordo com Hélio Leôncio Martins,[119] a data da deflagração dependia apenas de alguns reparos no *Aquidabã*, e era esperada para 5 se setembro por ser o dia em que Floriano Peixoto vetou a Lei que versava sobre a inegibilidade, para o cargo de presidente, de quem já

[119] MARTINS, Hélio Leôncio. Deflagração. In: Idem. *A Revolta da Armada* – 1893. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1995. p. 151-162.

estava como vice-presidente, o que, para os revoltosos, soou como o indício de uma ditadura. Na manhã do dia 6 de setembro, na Guanabara, os navios revoltosos já hasteavam a bandeira branca, símbolo da insurreição, e, com isso, as crônicas seguintes, não mais respeitariam a regra de não tratar de assuntos políticos.

Tanto foi assim que, na segunda crônica do mês de setembro, [120] talvez para ludibriar, e não iniciar a crônica transgredindo a cláusula apolítica d'*O Álbum*, o cronista contou a breve história de um homem a quem estava prometida uma surra, e que, para não levá-la, não saía mais de casa. Contudo, cansado, resolveu entregar-se aos seus algozes. Ainda que machucado, pelo menos tentou abreviar o sofrimento de tentar esconder-se e, quem sabe, tirar algum sentido da situação, já que não conhecia os motivos. A narrativa, segundo A., seria exemplar do que vinha acontecendo ao país: havia ameaças de uma grande surra, que o faziam viver sob pressão; contudo, a surra nunca vinha, pois, na verdade, aniquilavam-no aos poucos, com pequenas revoltas.

Azevedo, cujo espírito estava bastante sobressaltado com a guerra, chegou a dizer que deviam matar a todos de uma vez, porque, aí sim, quem sabe, viria a salvação. Tal irritação, talvez, pudesse ser explicada porque a Revolta, que mal iniciara, já estava atrapalhando diversos setores da sociedade, inclusive o teatral. Tanto é que as farpas dirigiram-se até mesmo para Floriano Peixoto, quando, na mesma crônica, houve o aviso do cancelamento de duas exposições de artes por conta dos revoltosos:

> Foi também desanunciada [sic] a récita de gala do Teatro Lírico. O Sr. Floriano escapou de ouvir o *Huguenotes*. Isto não o contrariou absolutamente, não porque na ópera de Meyerbeer apareçam conspiradores políticos, mas porque o maior dos sacrifícios que pode ser imposto ao nosso vice-presidente é ir ao espetáculo. Agradam-lhe mais as corridas: sua exa. assistiu a duas vitórias seguidas do *Aventureiro*.
> Quando me lembro que o Sr. Floriano não foi a um único espetáculo de Sarah Bernhardt!... E podendo ir de graça!...

Após a repreensão, parecia que a crônica teria uma conclusão mais afável, porém isso não aconteceu, porque, ao dizer que o sol resolvera aparecer depois de tanto tempo escondido, zombou que "apareceu tão enfiado e tímido, que, pelos modos, lhe metiam medo os canhões do Aquidabã, realmente mais terríveis que o do *Abacaxi*". Trata-se de uma revista de Moreira Sampaio e Vicente Reis, que em 1895, ainda estaria sendo representada e alcançando boas enchentes, ou seja, um público numeroso.

[120] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, p. 290, set. 1893.

Deixando de lado a festividade da revista de ano, na crônica da semana seguinte, o cronista ainda estaria ressentido pelos horrores da guerra civil, levando-o a comparar o momento pelo qual passava o povo brasileiro com o vivido pelo personagem Simão Quarenta da peça *Mascote*, que apanhava sem saber por quê. Completou a comparação, citando o que ouvira de um senhor, na rua: "– Quando o Mar briga com a Terra, quem sofre são os mariscos. Os mariscos somos nós, que não temos a honra de vestir uma farda ou de cingir uma espada".[121] Por meio da transcrição da frase que ouvira de um cidadão, o cronista pôde resumir bem o sentimento que acometia a população naquele momento e reforçar a presença do cotidiano em sua coluna.

Na crônica do fim de setembro fez-se uma longa reflexão sobre a Revolta. O cronista informou que o *República*[122] havia ido embora sem ser notado, e se perguntou para onde se dirigia o navio negro. "Quando acabará tudo isto, Virgem Santíssima?"[123] Contudo, concluiu que nem políticos nem a Santa seriam capazes de responder à pergunta; a única coisa de que se podia ter certeza era dos prejuízos sofrido pelo povo. "Entretanto, lá diz a filosofia das nações: há males que vêm para bem; talvez tudo isto determine benefícios futuros; talvez o Brasil precise experimentar as provações por que está passando; talvez seja indispensável demolir para construir, segundo axioma positivista".

A colocação de Artur Azevedo é fundamental para tentar entender porque ele e tantos outros de sua época apoiaram o Marechal de Ferro. Na verdade, Floriano Peixoto é uma figura complexa; como bem aponta Schulz, a "esfinge cabocla" foi capaz de despertar sentimentos antagônicos, como devoção e ódio, entre seus pares. Para muitos, um herói que acabara com a absurda política do Encilhamento, com a ditadura de Deodoro e os desmandos da oligarquia, para outros, um ditador que estava inconstitucionalmente no poder.

De acordo com Lustosa,[124] com o vice-presidente, a República ganhou uma feição militar, associada a forte autoritarismo. Pensando nos intelectuais do período que eram contra a sua permanência no poder, vê-se esse autoritarismo em ação, quando, antes da Revolta, em abril de 1892, determinou a prisão ou o desterro de várias pessoas que discordavam de sua manutenção no poder ou apoiavam Deodoro da Fonseca. Para Penna, a principal diferença

---

[121] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 298, set. 1893.
[122] Esse navio aprisionou o dos revoltosos, o Júpiter, na costa de Santa Catarina. Em setembro, aderiu à Revolta da Armada, tomando parte em várias ações, entre elas o bombardeio à Fortaleza de Santa Cruz em Desterro (hoje Florianópolis). Informações retiradas de MARTINS, Hélio Leôncio. *A Revolta da Armada* – 1893. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1995.
[123] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 39, p. 306, set. 1893.
[124] LUSTOSA, Isabel. Floriano Peixoto: o major (1891-1894). In: Idem. *Histórias de Presidentes*. A República no Catete. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/FCRB, 1989. p. 259-285.

entre os dois militares era a de que "Deodoro se impôs uma tarefa. A defesa intolerante do governo que chefiava. Floriano, a missão de sustentar o regime de forma intransigente, nem que para isso violasse os dispositivos constitucionais".[125]

Nessa perspectiva, ao mesmo tempo em que fez um governo nacionalista, austero e centralizador, o Marechal acabou caindo no gosto popular, porque essa postura se justificava em nome da defesa do novo regime, haja vista a própria fala de Artur Azevedo, de que talvez fosse preciso "demolir para construir", que poderia ser representada com o provérbio de que "os fins justificam os meios". O misto entre devoção e ódio pode ser mais bem compreendido por meio das palavras de Penna:

> A identidade do homem comum, de rua, com Floriano foi ímpar na história do país, pelo menos até aqueles tempos iniciais da República. O tabelamento de preços, a demolição de célebre cortiço, pertencente ao Conde d'Eu, reconhecido pela prática de explorar humildes locatários, a construção de casas populares, o assédio aos açambarcadores de gênero de primeira necessidade, tudo isso fez de Floriano o mais estimado governante que a cidade tivera. [...] e se a sua defesa tivesse que mobilizar atitudes, por vezes arbitrárias, isso era absolutamente desprezível em face do direito à dignidade do povo.[126]

E quando a revolta chegou à capital, "Floriano agiu prontamente pondo à disposição dessa população em desespero os depósitos do Exército, situados ao longo desses subúrbios. Forneceu-lhes gêneros alimentícios e a proteção para que circulassem pela cidade em busca de novas oportunidades". E Penna completa, informando que: "Floriano auscultava as pessoas e vigiava a especulação do pequeno comércio, dominado por portugueses. Era comum, ele próprio, fechar esses estabelecimentos por abuso de preço".[127]

Por meio dos comentários, é possível perceber de onde e por que surgira o florianismo. Conforme o historiador, a admiração vinha de gente simples, trabalhadores, funcionários públicos, profissionais liberais e de cadetes da Escola Militar, que identificavam no major a sobrevivência de uma República genuína e a repressão a um provável retorno da monarquia. Assim, concomitantemente a atitudes repressivas, Floriano caiu nas graças de quem se sentia amparado por ele. Schulz elenca mais algumas das ambiguidades da "esfinge cabocla":

---

[125] PENNA, Lincoln de Abreu. O florianismo na lógica do consenso mínimo. In: Idem. *Por que somos florianistas?* Ensaios sobre florianismo e jacobinismo. Rio de Janeiro: E-papers, 2002. p. 113.
[126] Ibid. Floriano e o Rio. p. 82.
[127] Ibid., p. 80.

> O "Marechal de Ferro", como era também chamado, promoveu os indivíduos de acordo com sua capacidade, e lutou pela indústria e pela independência econômica. Mas, se por um lado era um homem honesto e um defensor do progresso material, por outro era também um presidente autoritário. Ele deportou algumas figuras políticas para o Amazonas sem processo, simplesmente por terem participado de manifestações. O Império jamais havia tomado atitudes tão drásticas. Durante a guerra do Rio Grande, Floriano apoiou o governo particularmente sanguinário de Júlio de Castilhos, que ordenara o degolamento de muitos civis capturados. Não bastasse isso, durante a revolta naval Floriano aprisionou muitos suspeitos sem julgamento. De várias maneiras, Floriano demonstrou as virtudes e defeitos dos jacobinos, denominação adotada por alguns de seus partidários mais inflamados. Honesto e dotado de visão, nutrindo uma grande fé nas possibilidades do indivíduo, ele foi incapaz de fazer prevalecer seus pontos de vista sem recorrer à força.[128]

Além de tomar medidas de cunho nacionalista e popular, quando houve a Revolta da Armada, Floriano Peixoto enfrentou implacavelmente seus inimigos, numa atitude oposta à de Deodoro, que, frente a uma iminente revolta, optou pela renúncia. E ao chegar a sua vez de deixar o poder, recusou-se a dar um golpe, – articulado por seus aliados jacobinos, – contra a posse do civil Prudente de Morais, fato posteriormente exaltado por Azevedo em sua crônica. Assim, o "vice-presidente", como gostava de ser chamado, terminou por constituir sua própria imagem de "Consolidador da República".

Estaria nesses casos uma provável explicação para a veneração de Artur Azevedo pela figura do "Marechal de Ferro"? Afinal, amigos próximos do comediógrafo foram perseguidos e havia censura às artes, o que torna difícil encontrar uma explicação certeira. Quem sabe a colocação de Alfredo Bosi, ao fazer referência à adesão de intelectuais como Araripe Junior, Raul Pompeia e Euclides da Cunha a Floriano Peixoto, possa ajudar a compreender um pouco melhor; segundo ele, "não se tratava, a rigor, de 'florianismo', mas de defesa de tudo o que de nacionalista e democrático (isto é, popular) Floriano parecia representar nesses anos incertos do novo regime".[129] O Brasil é carente de heróis em sua história e a figura do major poderia muito bem incluir-se entre os salvadores da Pátria.

No entanto, seria possível ainda, pensar que o comediógrafo, aflito com a numerosa família, estivesse apenas querendo fugir de eventuais contratempos, como os ocorridos com seu colega Bilac e, portanto, fazia-se aliado ao major, ou seja, ele seria um partidário de

---

[128] SCHULZ, John. O fim do governo militar. In: Idem. *O exército na política*: origens da intervenção militar - 1850-1894. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1994. p. 184.

[129] BOSI, Alfredo. Introdução. In: ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. *Araripe Junior*: teoria, crítica e história literária. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p. xii.

ocasião. Entretanto, várias de suas crônicas "O Teatro", veiculadas n'*A Notícia*, mostram que não era esse o caso.

Por exemplo, em texto de final de 1894, o cronista mostrou-se irritado com o então presidente ao lembrar do pouco caso em relação ao teatro e afirmou: "o marechal, [...] pelos modos, não morre de amores pelo teatro. S. Ex. não assistiu a nenhuma representação das companhias líricas Ducci e Mancinelli; S. Ex. não foi ver a Sarah Bernhardt nem a Judie!"[130] Porém, quatro anos após a morte do marechal, a opinião foi bem diferente e ao listar os presidentes e a frequência deles ao teatro, o major foi o único que se salvou:

> Deodoro da Fonseca abominava o teatro; – *Floriano Peixoto apreciava-o como apreciava todas as artes, mas os seus achaques e as suas vicissitudes não consentiam que ele assistisse aos espetáculos*; – o Dr. Prudente de Moraes, que diziam ter sido artista-amador na sua mocidade, não entrou n'um teatro durante o período do seu governo; – o Dr. Manoel Vitorino esteve muito pouco tempo no poder; – e quanto ao Dr. Campos Sales, tem revelado pela arte e pelos artistas o mesmo injusto desprezo com que os tratava o Dr. Prudente de Moraes. Sua Exa., desde que é presidente da República, tem assistido a dois espetáculos, um dos quais não se deve contar.[131]

É curioso que o cronista tenha justificado que o marechal gostava de teatro, porém tinha seus motivos para não ir aos espetáculos. E mais adiante, em 1900, é muito reveladora uma reposta dada a Sousa Bastos quando este lhe disse que era um crítico muito severo em relação aos atores portugueses: "Já te disse em conversa, meu caro Sousa Bastos, o motivo pelo qual não sou *persona grata* para alguns dos teus compatriotas: consideram-me jacobino, e realmente o sou, não nego (e tenho muita honra n'isso), se ser jacobino é ser florianista". A afirmativa foi ousada e ele continuou: "o meu florianismo nunca me levou a querer mal a outros estrangeiros que não fossem os perturbadores da tranquilidade do meu país".[132]

Nota-se que Artur Azevedo, passados cinco anos do falecimento do marechal, ainda o tratava com respeito e devoção. Naturalmente, poder-se-ia imaginar que ele não gostaria de parecer um "vira-casaca", mas, para isso, não haveria necessidade de fazer tantas loas à figura de Floriano; bastava manter-se neutro. Por isso, longe de mostrar um apoio por conveniência, o maranhense, assim como parte da população, via no marechal a figura do consolidador necessário à República, independente dos métodos que utilizasse para tanto. É bom lembrar também, que em "Artur Azevedo: *homo politicus*", Araújo, ao traçar o panorama de questões

[130] A.A. O Teatro. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1894.
[131] Id. O Teatro. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1899.
[132] Id. O Teatro. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 out. 1899.

políticas com as quais o autor se envolveu, mostra que ele sempre se importou com a história de seu país.

Voltando à crônica d'*O Álbum*, na última do mês de setembro, A. seguiu abordando os absurdos da guerra. O alvo da vez foi o almirante Custódio de Melo. O cronista utilizou-se de um exemplo para tratar do assunto, e contou a história do ataque de um bombardeiro ao Rio de Janeiro, em 1711, de responsabilidade do francês Duguay-Trouin, que queria vingar a morte de um compatriota, além de obter dinheiro e alguns armamentos. A retomada do episódio serviu para questionar o que estava querendo o almirante brasileiro, pois, se o primeiro tinha um motivo, teria algum o segundo? Abordou-se um pouco mais de história, porque para o cronista,

> O herói do carrilhão da Lapa dos Mercadores [Custódio de Melo] foi para bordo do invulnerável Aquidabã ingenuamente persuadido de que as coisas se passariam como em 23 de novembro, quando se tratava apenas de derrubar um velho enfermo, investido de um poder fictício, e completamente impopularizado pela dissolução do Congresso...[133]

Parecia haver a intenção de alertar a população sobre o disparate da guerra na qual insistia o almirante, já que o cronista elencou as restrições impostas à população: fecharam-se as casas onde o povo poderia divertir-se, mas o trabalho não cessou, uma circunstância contraditória que traria vantagem para quem? Assim, o texto terminou de modo bastante denso, com o recado de que muito sofrimento tinha sido causado, e que talvez custasse caro ao almirante "pisar na terra que ensanguentou..."

Nesse mesmo número, publicou-se a seção "De Palanque", cuja presença, n'*O Álbum*, foi assim justificada: "não julgue o leitor que venho trazer para o *Álbum* a seção que, sob o título que serve de epígrafe a este artigo, mantive durante muito tempo no *Diário de Notícias* e no defunto *Novidades*, – não: este é um *De palanque* [sic] esporádico, e pelo seguimento do artigo verá o leitor porque o intitulei assim".[134] Azevedo retomou sua coluna para comentar a guerra civil e uma de suas consequências: as pessoas fugiam de suas próprias casas.

Sem perder o humor, assinando com Elói, o herói, informou que granadas passavam perto de sua casa, mas que não se mudaria e, aliás, estava oferecendo-a como abrigo aos amigos, porque "há cá um palanque, um delicioso palanque de onde avisto toda a Bahia, e do qual tenho estes últimos dias assistido aos interessantes exercícios de tiro ao alvo com que a

[133] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 317, set. 1893.
[134] ELÓI, O HERÓI. De palanque. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 318, set. 1893.

esquadra e as fortalezas regalam constantemente a nossa população". Está aí o motivo de retomar o título.

Após o comentário, a comicidade extraída do conflito ainda não se tinha findado. Continuando suas colocações, lembrou daqueles que alugavam as janelas de suas casas na Rua do Ouvidor para quem quisesse ver o carnaval de rua e avisou: "esse anúncio sugeriu-me a ideia de que, nesta época de quebradeira, eu poderia talvez alugar também o meu palanque, não a medrosos, mas a curiosos [...]". Reflexões de um florianista, que ainda conseguia extrair considerações cômicas diante do trágico.

O último número do mês de setembro, ainda trouxe outro pseudônimo, Gavroche, utilizado por Artur Azevedo n'*O País*. O motivo foi o mesmo do anterior: a guerra civil, de modo que, durante três semanas, houve a publicação de quadras satíricas que abordavam o tema, com o título de "Atualidades". Na primeira, comentou-se as agruras sofridas pelas famílias devido à Revolta, na segunda, um homem contou ter perdido a amada que fugira da "maluquice" de Custódio, e a terceira veio diferenciada, na forma de coplas, com a indicação da música que deveria acompanhá-la. Nela, fez-se um ataque a Custódio e uma exaltação a Floriano.

Em seguida a essas três semanas, houve uma quarta, em que a rubrica "Atualidades" apareceu, mas nada teve a ver com Revolta, e sim com o falecimento do compositor francês Charles Gounod. Em setembro de 1894, o pseudônimo foi utilizado novamente, uma vez para mencionar um duelo, e na última, para gracejar com o aparecimento do periódico *O Jacobino*.

Já a seção "De Palanque" apareceu apenas mais uma vez, e foi na sequência da outra semana, porque na "Crônica Fluminense" quase não houvera espaço para comentar a Revolta, devido à ênfase dada à morte de B. L. Garnier. Desse modo, assim começou o segundo "De Palanque": "desculpem os leitores: eu disse-lhes que o *De palanque* [sic] publicado no último número do *Álbum* era esporádico, e no entanto cá está outro...". O texto trouxe uma descrição dos tiroteios que assolavam a capital, os quais, novamente, o cronista acompanhou de seu palanque.

Já na "Crônica Fluminense", ainda a situação política faria o cronista adotar recurso similar à preterição, devido à sua inconformidade com o fato de Rui Barbosa ter assinado o manifesto de Buenos Aires, que não estaria claro; A. disse tê-lo lido e relido, mas que não conseguira entender a posição do grande estadista. Lembrou, então, que, numa época tão difícil, não seria hora para se escrever com "brumas do estilo" e, sim, para deixar explícito o lado escolhido. E justificou seu comentário: "*O Álbum* é um jornalzinho de literatura amena e tem no seu programa uma cláusula que interdiz a política. *Mas aqui não se trata precisamente*

de política; trata-se de salvar o decoro da Pátria e a dignidade da lei fundamental da República".[135] Ou seja, ele não teria ferido a cláusula da revista, porque os assuntos da Pátria seriam impositivos, sendo assim, mais importantes do que normas editoriais.

Ainda em outubro, apareceu, na crônica, uma singularidade: foi a única que veio datada. Talvez pelo seu teor, porque continha muitos elogios a um artigo escrito por Ferreira de Araújo, que incitava o eleitorado a comparecer às votações, adiadas para dezembro. Para o cronista, o artigo "devia ser impresso em avulso aos milhares, e distribuído pelo país inteiro: é convincente, é lógico, é patriótico, desse patriotismo frio e desapaixonado, que eu quisera ver dominando toda a nossa imprensa diária".[136] Ao finalizar seus encômios ao texto do colega, convocou, também, os eleitores, à *marselhesa*: "às urnas, cidadãos!"

Não tardou para que o entusiasmo se perdesse, porque, na crônica da semana seguinte, revoltado, o cronista informou escrever o artigo em dia de finados; e custava a crer que a guerra não parava nem para que familiares pudessem visitar seus parentes. Contudo, revelou já estar acostumado ao barulho de balas e de canhões... Pela primeira vez, em sua revista, Artur Azevedo se posicionou claramente pelo governo de Floriano Peixoto, quando afirmou acreditar que, apesar de todas as intempéries, o governo venceria, e o resultado seria devido "à calma discrição do Sr. Floriano Peixoto, e ao heroísmo dos cidadãos armados contra esses aventureiros, que pretendem pôr em leilão a honra nacional".[137]

Dentre a publicação dessa última crônica e a seguinte, passaram-se sete meses sem que a revista saísse. Como houve esse lapso, além do "Cavaco", Azevedo utilizou o espaço de sua "Crônica Fluminense" para se justificar: "era nosso desejo não aparecer aos leitores do *Álbum* senão quando os cronistas dos acontecimentos desta boa terra não fossem mais obrigados a tratar de assuntos bélicos [...]".[138] Contudo, esperar o fim da Revolta, por completo, talvez levasse tempo demais, porque, se no estado do Rio de Janeiro, desde março de 1894, a guerra estava resolvida, ainda havia focos rebeldes no Sul. Ressalte-se que após essa primeira interrupção, a revista não mais se estabilizaria.

A partir desse período, o apoio e a admiração de Artur Azevedo pelo Marechal de Ferro, que tratava como "o maior dos brasileiros", realmente uma espécie de salvador da pátria, foi ficando mais explícito com a publicação das crônicas. E, correspondentemente, a figura de Custódio de Melo era aviltada.

---

[135] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 331, out. 1893. (grifo meu)
[136] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 43, p. 338, out. 1893.
[137] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 44, p. 346, out. 1893.
[138] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 45, p. 354, abr. 1894.

Em crônica de abril de 1894, a primeira após o lapso, o cronista, comentando as consequências da revolta, informou que tudo teria virado uma confusão, com os chefes do levante jogando a culpa uns nos outros, levando-o ao seguinte comentário: "Desgraçados! – sabiam matar, mas não sabiam morrer!"[139] Mas, como diria o próprio cronista, dos males o menor: a população fluminense já se habituara à paz, e voltava aos teatros. Por isso, o cronista fez uma breve alusão às peças em cartaz e também à Revolta, porque, ao dar destaque para *Revolução*, de Furtado Coelho, zombou, dizendo que, pelo menos, o colega apresentava "o tipo de um almirante incapaz de fugir".

A crônica de maio foi escrita ao som das comemorações do sexto aniversário da lei que aboliu a escravidão no Brasil, momento em que Azevedo aproveitou para enaltecer seu herói político, afirmando: "foi glorioso o início desta República serena e forte, defendida heroicamente pelo braço musculoso de Floriano Peixoto e consolidada pelo sangue generoso de tantos bravos que tiveram a invejável fortuna de morrer pela Pátria Brasileira".[140] Sua admiração indicou, novamente, que o respeito em relação à política centralizadora de Floriano Peixoto dava-se devido à crença de que ela fosse necessária para salvaguardar a pátria.

Novamente, houve um lapso na publicação; dessa vez, de mais ou menos três meses, de modo que no número 50 não apareceu a "Crônica Fluminense", mas apenas um cavaco para explicar a não veiculação da revista. Porém, já não havia guerra, e Artur Azevedo assumiu a culpa pela suspensão:

> Atribuam a minha falta à preguiça – moléstia nacional de que todos nós mais ou menos sofremos, – e, se não me quiserem perdoar, não me perdoem, no que farão muito bem, porque, invertidos os papéis, eu não me perdoaria. Esforçar-me-ei para que de hoje em diante o *Álbum* seja distribuído com a regularidade possível; note-se, porém, que é isto uma simples promessa e não um juramento.[141]

É importante lembrar que tal pedido de desculpas deve ter-se dado por respeito aos leitores, mas principalmente por conta dos assinantes que já tinham pagado e contavam, portanto, ter garantida a entrega de seus exemplares. A promessa da regularidade realmente não foi cumprida, porque, após esse retorno em setembro, no ano de 1894, publicou-se um número nesse mesmo mês e outro em outubro, retornando a revista somente em novembro, com um único número.

---

[139] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 46, p. 331, maio 1894.
[140] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 48, p. 331, maio 1894.
[141] AZEVEDO, Artur. Cavaco. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 50, p. 393, set. 1894.

Devido à interrupção, a crônica de novembro tinha muito assunto para tratar, de modo que iniciou com a abordagem de diferentes temas e uma transgressão da cláusula da revista. O cronista assim se explicou: "os acontecimentos foram tantos, e tão consideráveis, que dariam, não para uma crônica ligeira, como as que escrevo neste periódico, mas para um verdadeiro capítulo de história".[142] A hipérbole se deu porque o marechal Floriano Peixoto acabara de entregar seu cargo ao civil Prudente de Morais. Assim, segundo o cronista, todo e qualquer boato de que o marechal não passaria seu cargo teve fim, o que era óbvio, pois, para A., ele não sujaria a sua reputação. "Ele entrou para a história atravessando altaneiro um pórtico luminoso, e não pretenderia, de certo, sair cabisbaixo pela portinhola dos fundos. Ele salvou a Pátria como um herói; não iria oprimi-la como um inepto". O cronista disse acreditar que Prudente de Morais poderia fazer um bom mandato devido à confiança que tinha do povo e finalizou o assunto sério em tom jocoso, ao desejar que o novo presidente fizesse jus ao seu nome de batismo.

Após o único número de novembro de 1894, a revista voltou apenas em janeiro de 1895, de modo que assim se iniciou a "Crônica Fluminense":

> Mediou tão grande espaço de tempo entre este e o último número do *Álbum*, que me seriam precisas muitas páginas para escrever a crônica dos acontecimentos havidos durante esse interregno. Reflito, porém, que tão longe vão tais acontecimentos, que já não encontram cabida [sic] nestas colunas.[143]

No entanto, tratava-se, mais uma vez, de preterição, porque seus comentários foram absolutamente de eventos de final 1894. É curioso que, na crônica derradeira, tenha havido a seguinte colocação: "há tanta matéria de colaboração para encher o *Álbum*, que sou obrigado a reduzir a minha crônica a proporções microscópicas. Nada perdem com isso os leitores".[144] Causa estranhamento que o número de colaborações fosse alto e a revista, após acabar de sair de uma interrupção, parasse novamente de ser publicada e, dessa vez, para sempre. Isso pode ter sido ocasionado por multifatores, tais como o fato de haver escritores demais para leitores de menos, o esgotamento de Artur Azevedo que mantinha colaborações em outros periódicos e a falta de suporte financeiro para manter a impressão de fototipias, dentre outros.

---

[142] A.A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 53, p. 2, nov. 1894.
[143] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 54, p. 11, jan. 1895.
[144] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 55, p. 18, jan. 1895.

Pela breve incursão realizada nas colunas da "Crônica fluminense", fica perceptível que Artur Azevedo seguiu à risca a etimologia da palavra crônica, que guarda a ideia de tempo, um tempo filtrado pelo olhar do escritor, tornando os fatos comentados mais ricos do que uma abordagem estritamente noticiosa. Sobre a crônica trazer de volta um tempo outro, Dimas assim se expressou, a respeito de Olavo Bilac:

> Com base em tantas crônicas retiradas de revistas e jornais diversos, publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo, o leitor poderá formar opinião mais ampla sobre a sociedade brasileira que se acotovelava nessas duas cidades e o pesquisador consciencioso poderá encontrar material suficiente sobre diferentes facetas dessa mesma sociedade. Porque as crônicas aqui publicadas ultrapassam o literário e espalham-se por domínios conexos, nos quais o historiador, o psicólogo, o sociólogo, o economista, o jornalista, o antropólogo e demais estudiosos da sociedade brasileira poderão encontrar elementos suficientes que lhes alarguem o caminho de reflexão sobre nosso *éthos*.[145]

A reflexão se pode estender para a totalidade dos cronistas de final do século XIX: é comum que os temas sejam extraídos de acontecimentos diários, ou pelo menos, que se baseiem no cotidiano, entrando aí o toque particular de cada escritor no modo de abordar os assuntos. Artur Azevedo retratou inúmeros episódios de uma época conturbada da história brasileira, de modo que o registro do momentâneo acabou ganhando valor documental.

2.4 Ainda o folhetim-variedades

É interessante que, apesar de ter uma seção apenas para tratar de teatros, não foram poucas as vezes em que a "Crônica Fluminense" fora tomada pelo tema, ou então, por outros assuntos relacionados à arte. Isso faz lembrar o passado da crônica, em rodapé, misturando teatro, literatura e novidades assim como confirma que Artur Azevedo era realmente um homem de teatro. A chegada da atriz Leonor Rivero, por exemplo, foi o destaque da crônica de fevereiro, o que demonstra que o autor não perdia nenhuma oportunidade de tratar de algo relacionado à dramaturgia.[146]

Em abril de 1893, utilizou novamente sua seção para tratar de teatro. O cronista mostrou-se extremamente aliviado com a transferência do espetáculo em que se cantaria

---

[145] DIMAS, Antonio (Org.). Abertura. Crônica. In: Idem. *Bilac, o Jornalista*: crônicas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Editora da Unicamp, 2006. p. 18, v. I.
[146] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 42, fev. 1893.

Falstaff, instrumentado pelo maestro Cavalier em benefício do barítono Polero, entre os atos de outro espetáculo, pois isso, para ele, reduziria o trabalho de Verdi a uma opereta. O alívio se deu porque "sobre todos os brasileiros recairia o ridículo desse *Falstaff* mutilado, e penosamente expectorado entre dois atos do *Rapaz de saias* ou da *Rosa de diamantes*".[147]

O outro único assunto da crônica foi sobre o pedido de ajuda do pintor Eduardo de Sá para a execução de um amplo quadro com a cena de Tiradentes recebendo a confirmação de sua sentença à morte. Como era comum, Azevedo aproveitou a situação para repreender: "[...] creio que ele está profundamente iludido acerca do nosso patriotismo. Se o Sr. Sá espera que o público lhe leve espontaneamente os nove contos indispensáveis para a execução do seu quadro, é de presumir que a sagrada memória de Tiradentes jamais receba a consagração de seu pincel". Mas como um bom incentivador das artes, aconselhou que pedisse ajuda a um grupo de amigos, que poderiam angariar fundos para sua empreitada.

Ainda em abril, o cronista informou que junto ao bom período teatral, atravessava-se um bom período literário, e fez loas aos Srs. Magalhães & Comp., por terem acabado de publicar o livro *Imagens e visões*, de Luís Rosa, o qual agradou o cronista porque não se perdeu "por essas extravagâncias de decadismos, simbolismos, nefelibatismos e não sei que mais". Fez menção a outras publicações, no entanto, seus comentários sobre o livro *Como e porque sou romancista*, de José de Alencar são os mais curiosos. Para o cronista:

> [...] o livrinho nada contém de verdadeiramente interessante. Diz Alencar que se tornou romancista porque leu romances na sua meninice. Essa é, por fim de contas, a história de todos os romancistas, e nada tem de particular ou de notável. Entretanto, há nessas páginas revelações e frases incidentes, que as tornam preciosas.[148]

Talvez pela pressa, dada a sua responsabilidade de escrever duas crônicas para uma revista semanal e ainda cuidar da seleção dos textos publicados, a leitura de Artur Azevedo tenha sido rápida demais para perceber que além da autobiografia, com relatos de sua experiência de leitura da infância à maturidade, o pequeno texto de Alencar traz elementos que ajudam a compreender o desenvolvimento da literatura nacional e trata até mesmo de teoria, com sua interessante distinção entre modelo e imitação. O cronista finalizou afirmando que preferia *O Guarani*.

---

[147] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 18, p. 138, abr. 1893.
[148] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 25, p. 196, jun. 1893.

Foi também na "Crônica Fluminense" que Azevedo demonstrou sua preocupação com a nomeação de Raul Pompeia para a direção da Repartição Geral de Estatística. Ainda que o jovem escritor não tenha contribuído n'*O Álbum*, provavelmente, pelas causas políticas já mencionadas, o diretor da revista acabou por evidenciar admiração pelo trabalho de Pompeia ao comentar:

> O lugar é bom e dou sinceros parabéns ao nomeado; mas não será um desfavor feito às letras nacionais enfronhar o nosso Raul Pompeia num serviço tão árduo, tão positivo, tão cheio de algarismos, tão feito para matar a imaginação do primoroso fantasista das *Canções sem metro*? Enfim...[149]

Ao dizer que Pompeia era um "primoroso fantasista", Azevedo mostrou mais uma vez sua faceta ambígua: *Canções sem metro* é uma obra com traços decadentistas, com a busca pelo nirvana, pessimismo e cosmogonia, dentre outros elementos. É de causar estranhamento o elogio ao escritor e a obra, haja vista que, mais à frente, novamente apareceriam clichês quando o cronista comentasse alguns lançamentos de livros com características da estética simbolista.

Na crônica da semana seguinte, agradeceu aos editores Magalhães & Comp. pelo volume *Doutor Pascal*, de Zola, com tradução de Câncio de Albuquerque. O cronista se disse indignado com um discurso proferido pelo autor em Paris, num banquete para estudantes, no qual teria renunciado a glória de seu passado, para saudar a Academia. "O engraçado é que, dantes, o autor de *Germinal* justificava-se, dizendo que a sua candidatura não era pessoal: considerava a sua recepção no Instituto da França um triunfo para a sua escola – e agora renega essa mesma escola [...]".[150] Na atualidade sua atitude é mais compreensível, porque se sabe de sua obstinação para entrar na Academia Francesa de Letras.

No mês de julho, o cronista cederia espaço outra vez ao teatro. O fato mais importante da semana teria sido a estreia da companhia lírica de Ducci, mas muitas coisas desagradaram-no, como a mistura das peças *Tannhäuser*, *Gioconda* e *Aída*. Outro fato lamentável, mas não da apresentação, e sim do público, foi a vaia ao tenor Metelio, "um artista cujo único defeito é cantar e não berrar",[151] que mostrou a falta de bom gosto da plateia. Nesta crônica, também comentou sua visita à *Glace Elégante*, para ver o quadro *Tiradentes*, de Pedro Américo,

[149] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 26, p. 202, jun. 1893.
[150] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 27, p. 211, jun. 1893.
[151] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 30, p. 234, jul. 1893.

produzido no ano de 1893. A impressão não foi boa, causando, no cronista, a sensação de estar vendo uma anatomia. Em sua opinião, faltaram maiores cuidados estéticos.

Isso o levou a afirmar, com ironia, que o termo natureza morta nunca lhe pareceu tão bem aplicado. Na verdade, certamente o pintor atingiu seu intuito de perpetrar a propaganda republicana, ao fazer um quadro, mostrando, mais de cem anos após a Inconfidência Mineira, o esquartejamento de Tiradentes, com certa analogia a Cristo, haja vista a barba e o crucifixo. Há também, referência ao mapa do Brasil no modo como está exposto o corpo do mártir. Novamente, pode ser que Artur Azevedo tenha dado seu veredicto depressa demais.

Não demorou para que outra crônica fosse inteiramente tomada pelo teatro. Isso se deu porque havia duas companhias líricas na capital que optaram por apresentar a mesma ópera cômica, *Falstaff*, de Verdi. Assim, ainda que o país estivesse vivendo um momento caótico no campo político, para o cronista, o momento era também de alegria, sendo impossível não associar sua defesa à famosa frase "se não tem pão, sirvam *brioches*" atribuída à rainha Maria Antonieta.

> É verdade que nessa mesma capital se ouve, desde pela manhã até a noite, um coro uníssono e terrível contra a baixa do câmbio, a depreciação do dinheiro, a carestia geral, a dificuldade, ou antes, a quase impossibilidade de viver; mas ninguém creia na sensibilidade dessas queixas... A carne está a dez tostões? Pois esteja! Em compensação os Srs. Ducci e Ferrari não pedem duzentos mil réis por camarote...[152]

No entanto, A. afirmou que os leitores foram mais felizes e puderam escolher entre duas apresentações, enquanto ele não pode ver nenhuma, pois estava doente. Então, suas impressões se restringiram aos ensaios assistidos, mas que foram suficientes para desanimá-lo. O cronista não conseguiu achar graça na peça, devido aos excessos de lugares-comuns e à música exageradamente alegre, que teria atordoado seus ouvidos. Azevedo apontou duas cenas que, para ele, teriam sido muito mais drama do que comédia, e, isso, talvez, explique o desagrado, tendo em vista ser conhecido o fato de que o autor não era favorável à mistura de gêneros.

Também a crônica de agosto de 1894 foi basicamente ocupada por crítica de arte, uma vez que aparecem comentários sobre o lançamento de um novo livro e sobre o trabalho de um pintor. O primeiro tratava-se de *Notas e ficções*, de Afonso Celso, editado por Domingos de Magalhães. O cronista gostou do estilo livre e fluente do autor e informou ter-se deliciado

[152] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 32, p. 251, ago. 1893.

com a leitura das narrativas. Aproveitou o ensejo para, mais uma vez, elogiar o trabalho do dono da Livraria Moderna, prometendo um retrato dele na galeria d'*O Álbum* que, por fim, não apareceu. Tal admiração advinha, de acordo com A., pelo fato de o editor não estender a mão somente aos escritores conhecidos, mas também àqueles que ainda se iniciavam nas letras. Novamente, uma referência, ainda que subentendida, à Garnier.

Em relação ao segundo, tratava-se da exposição de quadros de Castagneto, que para A., não recebeu a devida atenção por conta dos assuntos políticos, mas explicou que onde tivera oportunidade, mencionou as obras, porque havia nelas "sempre uma poesia indefinível, um vago perfume de alguma coisa abstrata e divina". [153] Finalizou a crônica, justificando que após falar sobre o artista, não sentia vontade de falar de mais nada.

A crônica do início de junho também tocou praticamente em uma única nota: a de lançamento de livros. De acordo com o cronista, continuava a crescer o movimento literário e as letras brasileiras estavam vivenciando um período de grandeza. Fez, então, comentários sobre as obras ou apenas o anúncio de lançamento. Interessa a leitura que realizou de *Praga*, de Coelho Neto, porque para o cronista, era "uma interessante novela [...], estudo psicológico do remorso, contendo descrições encantadoras de algumas paisagens quentes lá do Norte". [154] Informou que o próprio autor dissera para ele que o livro, cujo conteúdo abordava a escravidão, seria o início de um projeto maior. "Feliz o escritor que produz primores quando experimenta a pena!" Fica registrada a admiração de Azevedo pelo colega.

Outro livro digno de atenção mais demorada foi *Lotus* de Luís Rosa. Para A., havia versos tão bonitos e musicados, que seria possível perdoar "preocupação de exotismos chinês e japonês que transparece em toda a obra". Houve ainda o informe sobre a publicação de *Historietas*, de Brás Patife, veiculadas primeiramente no *Tempo*. Segundo o cronista, o livro tinha graça e engenho, mas não se poderia recomendar às moças e às sogras. Seria gracioso também o livro de Lulu Parola, *Cantando e rindo*, cujos versos foram primeiro publicados no *Jornal da Bahia*. Até mesmo um livro não-literário de Domingos Freire, *Natureza, tratamento e profilaxia da febre amarela*, foi recomendado aos leitores dado o valor de suas pesquisas.

A crônica da semana seguinte foi constituída, nos dizeres do cronista, de três apertos de mão, porque trouxe o anúncio de três novas iniciativas de seus colegas. O primeiro aperto foi para o pintor Belmiro de Almeida, cuja exposição na Escola Nacional de Belas Artes fora um sucesso. O cronista assim se pronunciou: "eu, que o acompanho desde os seus primeiros ensaios na pintura, e fui um dos primeiros que o saudaram depois daquela brilhante revelação

[153] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 48, p. 379, maio 1894.
[154] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 49, p. 386-387, jun. 1894.

dos Arrufos, aperto-lhe a mão que ainda nos dará, sem dúvida, muitos primores". O segundo aperto de mão foi para o padre Correia de Almeida, colaborador da revista, pela publicação de seu décimo terceiro livro de versos, *Decrepitude metromaníaca*, que agradou ao cronista. E o terceiro, para Rochinha, que lançara a folha *A Notícia*.[155]

Em uma das últimas crônicas a serem publicadas, o único tema foi a Escola de Belas-Artes. Num primeiro momento, comentou a exposição que estava sendo realizada, com a presença de "nomes feitos e por fazer". Contudo, recriminou o edifício da escola, que para o cronista não tinha a mínima condição para receber uma exposição de artes. Além desse problema, outro foi apontado: "quem for à Escola assistir a uma lição de pintura, há de ver na aula os alunos por bem dizer amontoados uns sobre os outros [...]".[156] Azevedo aproveitou sua coluna e pediu que o governo tomasse alguma providência, sugerindo a troca entre edifícios mal utilizados, já que com um lugar apropriado, segundo o cronista, poderiam ser feitas exposições anuais, com a presença de artistas estrangeiros, que se animariam com as instalações.

A partir dessas crônicas, foi possível observar que Artur Azevedo era comprometido não somente com o fomento do teatro nacional – assunto, aliás, que não apareceu em sua revista – mas preocupava-se também com o desenvolvimento de outras artes. Por meio da leitura, viu-se que não foram raros os momentos em que buscou abordar o lançamento de livros, exposições de artes, e temas afins.

2.5 A seção "Crônica fluminense": entre os comentários da semana e o editorial

Em quase todas as crônicas escritas por Azevedo foi possível discernir a função do *compère*, pois elas raramente trataram de um único tema, o que leva à percepção do cronista como um alguém responsável por dar sentido aos diferentes "quadros da semana". Isso leva também à retomada da categoria de "crônica-comentário" proposta por Coutinho, porque a "Crônica Fluminense" era aberta a diversas matérias, e Azevedo utilizou-se dela para variados fins: seja para tratar de amenidades, falecimentos, acontecimentos sociais, artes, fatos da política, e até mesmo acontecimentos particulares, seja para demonstrar descontentamento com colegas, leitores ou políticos.

Passaram pela sua crônica questões que, naquele momento, eram perpassadas de atualidade, como o mês em que o carnaval deveria ir às ruas, a derrubada ou não de cortiços,

[155] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 51, p. 402, set. 1894.
[156] Id. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 52, p. 410-411, out. 1894.

problemas monetários com a bolsa de valores, que hoje, porém, repercutem apenas como fatos históricos. Entretanto, apesar de mais de um século de publicação, há aqueles permeados de atualidade: o vício em jogos, problemas políticos, o sofrimento que aflige o povo quando os mais fortes entram em conflito, as notícias incomuns e chocantes, dentre outros.

É curioso observar que, com um olhar mais apurado, percebe-se o quanto essa seção, em diferentes momentos, adquiriu ares de editorial. Pensando no editorial como um gênero que expressa o ponto de vista do periódico, a respeito dos temas mais salientes da semana ou do dia, e pensando ainda em Artur Azevedo como diretor da revista, não foram poucas as vezes em que ele usou a "Crônica Fluminense" para se posicionar e se manifestar diante de temas polêmicos, principalmente no que concerne às duas revoltas que atingiram o Brasil no período de publicação.

Vale salientar que não se pretende defender a ideia de que conscientemente o cronista escrevia seus textos de acordo com as normas do gênero editorial, até porque, na época, elas não eram bem definidas. Basta mencionar que os editoriais, via de regra, são apócrifos e Azevedo assinava sua seção com a inicial A. De acordo com José Alcides Ribeiro, a seção editorial apareceu ao final de 1870 e trazia temas variados que "giravam em torno de qualquer fato noticioso que pudesse interessar ao público: política do governo, política das instituições públicas, crimes, problemas sociais, economia popular, higiene pública, impostos".[157]

A citação ajuda a entender que se tratava de uma seção incipiente no meio jornalístico na época de Azevedo; e o fato de ele ser o diretor d'*O Álbum* e o único a escrever uma coluna aberta a diferentes assuntos, leva à percepção de que, muitas vezes, a crônica fora utilizada para, mais do que apresentar os fatos da semana, expressar o ponto de vista de quem dirigia a revista.

Junto a isso, é possível reconhecer que a "Crônica Fluminense" pendia muito mais para o artigo de fundo do que para o texto literário, sem querer isso dizer que na crônica não esteja nítida a experiência de Artur Azevedo como autor de revistas de ano e contos; pelo contrário, pois havia nela uma linguagem calcada na oralidade, no humor e na ironia, na comunicação entre cronista e leitor, no contar histórias, somado à emissão de pontos de vista, de modo a historiar, e redimensionar acontecimentos de seu tempo. A definição que Ana Luiza Martins apresenta para a crônica desse período é pertinente:

---

[157] RIBEIRO, José Alcides et al. Aspectos históricos, editoriais e dos gêneros textuais do *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Tarde*, *Marmota Fluminense* e *O Estado de São Paulo*. *Anais* do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Mesa apresentada no III Colóquio Multitemático em Comunicação. Natal / RN, 2008.

> Definida a partir de amplo conceito, a crônica exerceu vários papéis, ocupando o lugar do artigo de fundo, fazendo as vezes do que hoje se denomina editorial ou lançada no interior da revista, em seção exclusiva. Aproximava-se do artigo, sobretudo na característica comum de voltar-se para as ocorrências contemporâneas, no seu suceder imediato. Marcada pela reflexão despretensiosa, redundou na forma ideal do trato literário de eventos cotidianos, driblando seu caráter efêmero. Crespo, estudando a crônica em *A Cigarra*, o *Pirralho* e *A Vida*, não encontrou uma hierarquia temática rígida para defini-la; o gênero, acuado pela voracidade dos fatos, pressionado pelo jornalismo que se impunha, oscilou entre o tratamento do efêmero – um dia de verão ou o carnaval, – e questões conjunturais graves, como a guerra europeia e a política interna brasileira, registro válido para o conjunto das revistas paulistanas do período.[158]

Como não reconhecer nos textos de Artur Azevedo cada uma das características apontadas por Martins? E ainda que não fosse escritor da "crônica-narrativa", ou da "crônica-metafísica", como foi seu mestre, por quem tinha confessa admiração, Machado de Assis, e estivesse mais distante ainda da "crônica poema-em-prosa", que, aliás, era rara em fins do século XIX, escreveu textos divertidos, acessíveis a um grande público, à semelhança de suas revistas de ano. E como um *compère* de suas próprias revistas, mostrou que, dentro da sua simplicidade de estilo, dava conta de dominar e alinhavar para seu leitor todos os assuntos momentosos em sua "Crônica Fluminense".

[158] MARTINS, Ana Luiza. Para além das crônicas. In: Idem. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, FAPESP, 2001. p. 154.

Capítulo III:
O CRONISTA DE ESPETÁCULOS

> O que faço com relação a uma peça que se representa é exatamente o mesmo que faço com relação a um livro que se publica ou a uma obra de arte que se expõe. Para que isso fosse crítica, seria preciso que eu tivesse o talento e a ilustração de um Diderot. E quando assim fosse, o público fluminense, que tu conheces tão bem como eu, é bastante independente para não se deixar levar pela opinião de quem quer que seja.
> Tivesse eu alguma autoridade sobre os espectadores habituais dos nossos teatros, e eles não aplaudiriam cinquenta ou cem vezes seguidas umas tantas moxinifadas sem classificação possível, nem deixariam às moscas o teatro quando os solicitassem para ouvir uma peça literária e bem representada.
> Dizer que eu dirijo o público fluminense, longe de ser lisonjeiro, é, até certo ponto, comprometedor (deixa passar o galicismo), porque o público fluminense, em matéria de arte, é muito mal dirigido.[1]

[1] Carta aberta de Artur Azevedo dirigida a Sousa Bastos em resposta ao comentário de que era exigente com atores portugueses. In: A.A. O Teatro. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 out. 1899.

Enquanto a "Crônica Fluminense" costumava aparecer sempre nas páginas iniciais da revista *O Álbum*, a seção "Teatros", pelo contrário, era o remate da publicação. Assim como na primeira, havia, na segunda, variedade quanto à extensão e a maneira de abordar o tema. Era assinada com a rubrica X.Y.Z. e sofreu alterações ao longo de sua veiculação, até que diminuiu a ponto de receber o subtítulo "notas a lápis", esclarecedor de que se tratava de um texto ligeiro, sem anseio de durabilidade. Afora essa despretensão, constitui-se numa seção importante, que pode proporcionar um melhor entendimento a respeito do teatro no final do século XIX, e ampliar o conhecimento da visão de Artur Azevedo sobre as peças apresentadas no período.

Para a abordagem dessa seção foi importante levar em conta o fato de o teatro ser uma forma de expressão artística cuja existência se dá verdadeiramente no momento da encenação, e que é justamente a presença ou não dos elementos vitais à realização do espetáculo, o alvo da crônica/crítica de Azevedo, pois ele era um cronista dos espetáculos. De tal modo, seus comentários incidem sobre falhas de interpretação, pouco cuidado cênico, falta de critérios na escolha da peça, certos artistas que não serviam a determinados papéis e averiguação da presença de novidades para o público, dentre outros dados que seriam essenciais para o bom andamento da peça.

Partindo disso, e tendo em vista os elementos de análise que guiavam as resenhas de livros novos para sua revista literária, como visto no capítulo anterior, pode-se dizer que na crônica teatral de Artur Azevedo havia certo caráter orientador, na medida em que buscava observar para direcionar tanto os leitores quanto os próprios criticados, assim como existia a intenção de informar, pois prestava contas sobre o que ocorria na cena teatral fluminense. De tal modo que, ao contrário do que se verifica na coluna d'*A Notícia*, – que é uma referência quando se trata do trabalho de Azevedo como cronista teatral, – não havia em "Teatros" a intenção de disciplinar o público em relação ao seu comportamento na plateia, mas, sim, de chamar sua atenção para as peças encenadas, com a indicação de quais valeriam a pena ou não serem prestigiadas.

É bom lembrar, – e o texto em epígrafe corrobora isto, – que o comediógrafo não gostava de ser tratado como crítico, embora fosse inegável a existência de juízos de valor em suas crônicas a respeito das peças teatrais, que acabavam alcançando repercussão entre seus leitores, colegas de imprensa e pessoas envolvidas com o mundo da dramaturgia. Destarte, mais do que informar, seus textos podiam abrir espaço para a difusão e o debate a respeito do desenvolvimento da dramaturgia nacional, mesmo que numa seção curta, lançada à sorte do espaço que sobrava ao final da revista.

Tal percepção faz com que seja possível supor que seus textos andavam em mão dupla e trouxessem, para o público, os significados do espetáculo e suas qualidades artísticas, ao mesmo tempo que informavam às companhias de teatro o que tinham conseguido transmitir ao público; afinal, a leitura de um crítico poderia dar uma boa noção do efeito alcançado.

Foi significativa dessa repercussão a rápida polêmica nas páginas do próprio *Álbum* entre Azevedo e Filinto de Almeida, autor de *O Defunto*. O cronista, quando respondeu à carta de Almeida publicada n'*O Estado de São Paulo*, – cujo conteúdo mostrava o desagrado com uma crítica veiculada na revista sobre sua peça, – justificou-se do seguinte modo: "não se tratando de fazer crítica ao *Defunto, mas simplesmente de dar uma ligeira notícia do espetáculo*, não hesitei entre a imprudência de curar por informações e o desgosto de deixar a crônica teatral do *Álbum* sem a menor referência a uma comédia literária".[2] Até certo ponto essa tentativa de isenção seria interessante ao cronista, porque, diante de erros, ele poderia dizer que era apenas uma notícia ligeira, sem qualquer tom de julgamento.

Ainda sobre esse episódio, o cronista fez questão de enfatizar que quando abordou a peça de Filinto de Almeida e apontou a semelhança existente entre ela e a francesa *La Veuve*, de Mailhac e Havély, apenas teria adicionado "aquela inofensiva observação sobre *La veuve*, porque havia, realmente, muita aproximação entre o assunto que [lhe] expunham e o da comédia francesa". Ameniza-se, outra vez, o tom de crítica, com a expressão "inofensiva observação"; além disso, o fragmento é um exemplo do conhecimento que Artur Azevedo tinha sobre peças teatrais.

No entanto, em outra ocasião, ao tratar de modo debochado de um espetáculo em cartaz no Politeama, revelou-se: "estreia da companhia lírica Sansone com o *Trovador*, de Verdi. Camarotes de 1ª ordem, 25$000; de 2ª, 15$000, cadeiras de 1ª classe, 4$000; de 2ª, 2$000; entradas, 1$000. E está feita a crítica".[3] Apesar de se tratar de uma ironia e mostrar que com preços tão baixos seria impossível fazer bons espetáculos, estaria o escritor reconhecendo que praticava, então, crítica?

Por isso, releva considerar as palavras de Décio de Almeida Prado, quando tratou de sua profissão:

> Trazer à tona o que ficara submerso nas colunas dos jornais é cotejar esse passado idealizado pelo saudosismo com o presente tal como ele existiu um dia, exibindo o crítico em toda a sua vulnerabilidade, como alguém que tem de pensar depressa (às vezes nos poucos minutos que medeiam o fim do

[2] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 40, jan. 1893.
[3] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 49, p. 384, jun. 1894.

> espetáculo e início da impressão do jornal) sobre peças, atores e encenadores que nem sempre passaram em julgado.[4]

Essas palavras, guardadas as diferenças de contexto, podem ser aplicadas quando se lê textos de crônica teatral de fim do século XIX, período em que não havia uma distinção muito nítida entre os ofícios de escritor, crítico e cronista. Trata-se realmente de exibir alguém vulnerável e passível de tecer considerações que hoje, muitas vezes, mostram-se equivocadas, mas que provavelmente, em sua época, foram importantes para a reflexão dos envolvidos com a dramaturgia.

Porém, convém ressaltar, que em "Teatros", Artur Azevedo pouco comentou assuntos polêmicos, como a divisão entre os gêneros teatrais, o declínio da dramaturgia ou, ainda, não polemizou com colegas a respeito do novo paradigma teatral que surgia, como ocorreu quando os precursores do teatro moderno Ibsen e Antoine vieram ao Brasil, respectivamente, em 1899 e 1903, época em que a revista já havia deixado de circular.

Por isso, nesta dissertação, mais do que tentar apontar se houve equívocos em certas notações de Azevedo, o interesse, ao realizar a abordagem da seção, está em compreender como o escritor utilizou-se de sua revista para tratar dos espetáculos em cartaz na capital. Espera-se, desse modo, divulgar ainda mais seu trabalho como um jornalista/dramaturgo que incentivou a cena teatral por meio de suas crônicas.

3.1 A seção "Teatros"

Não poderia faltar a uma revista literária dirigida por Artur Azevedo uma coluna voltada ao teatro. Por isso, apesar de em diversos momentos a dramaturgia fluminense não colaborar com o cronista no quesito "assunto", a crônica não deixava de ser veiculada. Tal fato fez com que a seção "Teatros" fosse portadora de uma disposição bastante variada: ora era mais pormenorizada em suas abordagens, ora parecia ser apenas um aviso dos espetáculos em cartaz. No entanto, esse "aviso" ao leitor, similar a uma divulgação de fatos, sempre vinha acompanhado de rápidos comentários sobre as peças teatrais.

Por isso, se a característica de reclame era evidente e, muitas vezes, o texto chegou a vir com o nome dos principais teatros da época, seguido da descrição do que estava em cartaz, devido a essas breves inserções do cronista, pode-se afirmar que a seção não tinha função meramente informativa. Sobre essa disposição, talvez isso acontecesse porque provavelmente

[4] PRADO, Décio de Almeida. *Exercício Findo*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 11.

o autor não estivesse com tempo para acompanhar todas as apresentações ou, até mesmo, porque isso talvez fosse impossível. Assim, o cronista optava por informar aos seus leitores a respeito dos espetáculos em cartaz para que pudessem fazer suas escolhas.

É importante lembrar que essa organização não representa uma espécie de propaganda, como se o espaço se vendesse para anúncios, pois, como mencionado, na maioria das vezes, os avisos eram seguidos de breves notações, muitas vezes pouco simpáticas. Observem-se, a propósito, os fragmentos extraídos de uma crônica de agosto de 1893:

> LÍRICO – Os horizontes da Guarda-Velha andaram, ao que parece muito entroviscadados; dizia-se que a bela representação do *Falstaff,* realizada na quarta-feira, seria o último espetáculo da companhia Ducci. [...]
>
> *
>
> S. PEDRO – A companhia portuguesa do teatro D. Maria, que tem dado algumas das peças já exibidas antes da sua estada em S. Paulo, representou ontem, em benefício de João Rosa, o *Alfageme de Santarém,* de Almeida Garrett.
>
> *
>
> LUCINDA – Uma comédia nova, o *Primeiro marido de França,* escrita por Albin Vallabregue, o autor das *Três mulheres para um marido* e de tantas outras peças engraçadas, e traduzida, muito mal traduzida, pelo ator Guilherme da Silveira, que se meteu agora a tocar rabecão. [...]
>
> *
>
> POLITEAMA ─ A companhia Tomba é infatigável. Que belo exemplo para as companhias indígenas, de ordinário tão preguiçosas! Depois da *Linda de Chamounix,* de Donizetti, que foi mais um triunfo para a Tettrazzini, tivemos a *Grannvia,* de Chueca e Valverde, representada e cantada em espanhol, e ante ontem o *Boccacio,* de Suppé.
>
> *
>
> Nos outros teatros nada de novo: no Apolo parece firmar-se o sucesso de *Abacaxi!*; Recreio explora o seu velho, opulento e eclético repertório; a Fênix insiste com o *Periquito e o Capadócio,* esquecendo-se das *Fúrias de amor;* o Santana prepara-se para dar a *Mascote*; o Variedades vai se dando a mil maravilhas com os *Talismãs de Perlimpimpim.*[5]

Do excerto, é possível atentar para o fato de que, mesmo trazendo notas breves sobre os espetáculos das companhias em cartaz, ainda assim, o cronista poderia ser bastante ácido. É o caso de quando mencionou a companhia Tomba, informando que ela era "um belo exemplo para as companhias indígenas, de ordinário tão preguiçosas". Ou seja, mesmo que o objetivo, pelo menos aparentemente, fosse apenas o de informar sobre os espetáculos, Azevedo deixava transparecer sua opinião e, nesse caso, a crítica nada sutil às companhias nacionais deu-se por meio do elogio a uma companhia estrangeira.

[5] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 35, p. 280, ago. 1893.

Outro dado digno de destaque é o comentário à tradução de o *Primeiro marido de França*, de Albin Vallabregue, feita pelo ator Guilherme da Silveira, que para o cronista havia sido infeliz, pois fora "traduzida, muito mal traduzida". Novamente, deixou transparecer não se incomodar em mencionar aquilo que o incomodava, fosse uma tradução ruim ou a falta de maior dedicação de companhias nacionais ao próprio ofício. E o cronista tinha o privilégio de poder registrar sua opinião sem maiores preocupações devido ao seu prestígio com o público e a imprensa.

Naturalmente, nem todas as crônicas se apresentaram desse modo. Algumas trouxeram um olhar mais detido sobre determinadas peças, mas era um procedimento menos comum. E da mesma maneira que na "Crônica Fluminense", o uso do asterisco ajudava a por ordem na profusão de assuntos, ou melhor, nas diferentes peças teatrais abordadas num único e pequeno espaço. Aliás, a questão espacial da seção de teatros é fundamental para entender essa enorme variação nas abordagens, haja vista que Artur Azevedo precisava trabalhar com o que lhe sobrava no fim da última página de sua revista.

Ainda o fragmento supracitado traz a percepção do tom orientador que permeava seus comentários a respeito do teatro; considere-se sua preocupação não apenas em indicar as peças que estavam em cartaz, mas também de avisar ao seu leitor qual era interessante e qual não era. Configura-se, assim, na seção, o cronista Azevedo em um papel de norteador, e não de um dirigente austero do gosto do público. Como criador de peças que alcançavam grande sucesso, ele poderia ter uma boa ideia de quais delas realmente agradariam, mesmo em relação àquelas que não fora assistir, pois, como frequentador do meio teatral, sempre sabia o que estava acontecendo ou acabava informado por colegas, como no episódio da peça *O defunto*.

De modo que, semelhante à "Crônica Fluminense", o cronista mantinha um tom de bate-papo com seu leitor, ao compartilhar sua opinião a respeito da dramaturgia, mas não da mesma forma que na crônica de abertura da revista, porque esta era mais extensa e oferecia um espaço maior para tal situação. Assim, em "Teatros", o leitor virtual se fazia presente, porém, mais devido à evidente preocupação do cronista em mantê-lo atualizado sobre a cena teatral da capital do que por um diálogo mais direcionado. Isso faz lembrar que possivelmente as duas seções contavam com diferentes receptores: no caso da primeira, seria aquele mais interessado em conhecer os assuntos da semana, enquanto que o da segunda, seria o "leitor-espectador", mais preocupado em informar-se sobre as peças em cartaz. É certo que um não exclui o outro, mas ajuda a compreender o caráter informativo de "Teatros".

Voltando à configuração do leitor na crônica, ao comentar, por exemplo, o surgimento de uma nova estrela em uma companhia de zarzuela, a atriz Cifuentes, sobre a qual, segundo ele, estavam dizendo maravilhas, perguntou-se: "Será possível, meu Deus?" – e rematou: "se não for, consolem-se os leitores com a seguinte notícia, que me dá, em carta escrita da Itália, pessoa que se acha envolvida em negócios de teatro". [6] Na carta havia a notícia de uma possível vinda de Sarah Bernhardt ou de Judie ao Brasil e, pensando em tal possibilidade, o cronista avisou: "eu por meu turno transmitirei o aviso aos leitores do *Álbum*, de quem espero boas alvíssaras". No caso das artistas francesas, dada sua explícita admiração por elas, além de manter o leitor informado, indicou o tipo de recepção que esperava dele.

Também dividiu com seu leitor o fato de que não se encontrava em condições de tratar da vinda de Bernhardt ao Rio de Janeiro e nem mesmo de seu primeiro espetáculo, dando a seguinte explicação: "pode ser que na próxima semana eu tenha readquirido a calma do espírito, e possa dar aos leitores do *Álbum* a crônica calculada e fria dos espetáculos de Sarah Bernhardt; neste momento sinto-me confundido e esmagado pelo seu talento fenomenal e ilustre".[7] Sarah Bernhardt era uma grande estrela em sua época e, provavelmente os leitores foram compreensivos com seu cronista e perdoaram-lhe a impossibilidade de escrever uma crônica imparcial, haja vista que provavelmente sentiam-se tomados pelo mesmo sentimento.

Em outro momento, Azevedo sentiu-se à vontade para assumir o não cumprimento de seu dever: "Confesso que não tenho ido aos outros espetáculos e peço desculpa aos leitores por ter desse modo faltado ao meu dever profissional: entretanto sei pelos jornais".[8] Note-se que mesmo faltando aos espetáculos, tratou de deixar seu leitor informado. Igualmente sentiu-se à vontade para pedir dispensa de tratar de assuntos que pouco lhe interessavam: "certamente os leitores me dispensam de lhes falar do ex-Eldorado, que hoje se chama Tivoli, e do circo levantado sobre as ruínas do Politeama, e do grande Pavilhão Americano...".[9] Sua luta pelo fomento do teatro nacional era conhecida, e por isso não precisou se estender em explicações para seu leitor, que entenderia sua postura frente à ocupação dos prédios.

Essa proximidade com o receptor, assim como na "Crônica Fluminense", aponta para o uso de uma linguagem amena e livre de formalismos. No entanto, como os comentários sobre as peças não eram demorados, não há um número considerável de expressões populares e de emprego de figuras de linguagem, mas, ainda assim, é possível averiguar a preocupação de Azevedo em se fazer inteligível e divertido para seus leitores.

---

[6] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, p. 104, mar. 1893.
[7] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 25, p. 200, jun. 1893.
[8] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 44, p. 280, out. 1893.
[9] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 50, p. 400, set. 1894.

Já em sua primeira crônica, compartilhou seu alívio com aquele que o lia: "parece que o Santana deitou, enfim, a mão a um *sucesso*. Já não era sem tempo".[10] Na atualidade, o sentido de "deitar a mão" é o de pegar ou apoderar-se de algo; pode-se entender, então, que a expressão foi utilizada no sentido de que o Santana tinha conseguido alcançar êxito com a peça em cartaz. Atente-se, ainda, para a finalização do comentário, com a afirmação de algo positivo por meio de uma negação, um recurso comumente empregado na oralidade.

Ao lembrar aos empresários de teatro a preferência do público por partituras italianas antigas, indicou que a plateia dava o cavaquinho por elas,[11] e ao aludir às inúmeras zarzuelas em cartaz, ponderou a indiferença do espectador, mencionando, nesse caso, que ele não daria o cavaquinho pelas brigas.[12] Mais um exemplo de expressão carregada de coloquialidade.

Foi também interessante o uso da hipérbole, típica da linguagem oral, quando o cronista justificou não ter saído de casa para assistir a uma peça porque "chovia a cântaros".[13] Outro exemplo de utilização da linguagem oral deu-se ao fazer referência a um novo trabalho de Fernando de Almeida Pinto, o mesmo autor de um "outro drama interessante, *Asas de Ícaro*, que não viu a luz da rampa, mas foi publicado em livro".[14] São clichês representativos de que seus textos sempre buscavam atingir os mais variados leitores por meio de uma linguagem acessível.

Por três vezes, ao abordar a representação de algumas peças, utilizou a expressão "que diabo!", bastante coloquial e ainda ilustrativa de certo sentimento de exasperação que, por vezes, arrebatava o cronista. Foi o caso da representação do *Tannhäuser*, no Lírico, pois, segundo Azevedo, alguns jornalistas lamentaram a não presença do *violino di spalla*, de Ricardo Tatti, que no ano anterior havia acompanhado a orquestra de Mancinelli. O cronista repreendeu: "mas que diabo! mesmo sem este saudoso auxiliar, a orquestra Mancinelli é uma orquestra que se pode ouvir em qualquer parte do mundo".[15] Explicita-se a defesa de Azevedo em relação aos trabalhos de qualidade oferecidos na capital, que provavelmente, eram poucos e, segundo sua opinião, não deveriam ser alvo de exigências em demasia.

A informalidade também se fez presente ao comentar a representação de uma zarzuela. De acordo com o cronista: "depois da *Mascote*, com uma bela Betina, a senhorita Cifuentes, deu-nos a companhia do Politeama a *Guerra Santa*, um dramalhão zarzuela, que já me

[10] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7, jan. 1893.
[11] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 16, jan. 1893.
[12] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 18, p. 144, abr. 1893.
[13] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 336, out. 1893.
[14] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 56, fev. 1893.
[15] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 30, p. 240, jul. 1893.

apanhou uma vez noutra época, e não me apanha uma segunda nem por um decreto".[16] Dessa maneira, não precisou ser explícito quanto à provável falta de qualidade do dramalhão, – afinal, somente a expressão derradeira deixou o fato evidente.

Ainda sobre a representação de zarzuelas, no fragmento que segue, o cronista foi muito conciso quando informou sobre quais estavam em cartaz: "os espanhóis do Politeama deram-nos as zarzuelas *La tempestad Marina* e *El santo del Pasiego.* Para a Fênix foram outros espanhóis, que se estrearam com *Los comediantes de antano*. É muito espanhol".[17] Longe de trazer um julgamento mais demorado a respeito das peças, optou por apenas anunciá-las, demonstrando seu descontentamento junto à justificativa da não apreciação, por meio das três palavras finais.

Os espanhóis também deram o mote para uma comparação inusitada. Ao comentar a *Lenda do monge*, de Chapi, elogiou a música e novamente a atriz Cifuentes, mas concluiu: "a orquestra portou-se regularmente. Os coros é que estiveram de uma insubordinação que nem na brigada policial".[18] Esta comparação, bastante ilustrativa, fez com que não fosse necessário elucidar mais nada ao leitor.

Também é significativo de sua galhofa, e neste caso, atrevimento, a notação que surgiu após a leitura de um telegrama publicado no jornal *O País* que informava sobre a chegada ao Rio do presidente do Senado e de uma atriz que faria parte do elenco da companhia Dias Braga. O cronista questionou: "em que peça se estrearão os dois artistas?"[19] O comentário, apesar de aparentemente singelo, chama a atenção, novamente, devido à ambiguidade. Estaria o cronista dizendo ser, o então presidente do Senado, Campos Sales, um artista devido às dificuldades de seu alto cargo, ou seja, no sentido de ser uma pessoa engenhosa, ou estaria mesmo fazendo anedota com uma autoridade sem se importar com eventuais mal-estares que suas colocações poderiam causar?

A busca da proximidade com o leitor levou Azevedo a aproveitar-se da polissemia do nome de um ator pernambucano, recém-chegado à capital, Lira, quando informou a motivação que teria levado Garrido a contratá-lo: – "Contratei-o, disse Eduardo Garrido, o empresário, porque não deve haver Apolo sem Lira".[20] No capítulo segundo, viu-se que o cronista gostava dos trocadilhos, fosse num tom mais amargo fosse num tom mais travesso, caso desta última explanação.

---

[16] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 14, p. 112, abr. 1893.
[17] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 17, p. 136, abr. 1893.
[18] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 15, p. 120, abr. 1893.
[19] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 26, p. 208, jun. 1893.
[20] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, p. 152, maio 1893.

Depreende-se, portanto, que Artur Azevedo, em suas crônicas, como em outros textos de sua autoria, soube entender e respeitar seu leitor, trazendo-o para junto de si, com a partilha de emoções e opiniões. Aliás, como bem lembrou Süssekind, "a intimidade [com o leitor] se converte numa verdadeira convenção do gênero".[21] Isso só vem a legitimar o que o escritor ponderou sobre seu trabalho como jornalista, no texto "Espécie de profissão de fé":

> Desde que me aventurei a rabiscar nos jornais, observei que a massa geral dos leitores dividia-se em dois grupos distintos: um muito pequenino, muito reduzido, de pessoas instruídas ou ilustradas, que procuravam em tudo quanto liam gostoso pasto para os seus sentimentos estéticos, e o outro numeroso, formidável, compacto, de homens do trabalho, que iam buscar na leitura dos jornais um derivativo para o cansaço do corpo, e exigiam que não lhes falassem senão em linguagem simples, que eles compreendessem.
> [...]
> Tendo de escolher os meus leitores entre esses dois grupos, naturalmente escolhi os do segundo. E desde então fui assaltado pela preocupação de lhes agradar, escrevendo de modo que eles me entendessem e não se arrependessem de me haver lido.[22]

Esse texto foi publicado em 1905; seria muito fácil acreditar que o escritor, depois de anos colaborando em dezenas de jornais e revistas literárias, tenha achado por bem justificar a falta de um maior apuro estético em seus textos. A desculpa seria simples: pensava no leitor e, portanto, atendia às suas preferências. Entretanto, os estudos mais recentes, caso também deste trabalho, ajudam a legitimar as palavras do próprio autor: seus textos voltavam-se a um público interessado numa leitura ligeira, assim como o de suas revistas de ano.

Pensando nessa questão de se oferecer à massa o acesso à cultura, o comediógrafo em estudo, por mais que se empenhasse arduamente pelo teatro, foi duramente criticado por seus colegas, como um rebaixador da arte dramática, devido às suas revistas e burletas. Segundo J. Galante de Sousa, "Artur Azevedo foi responsabilizado pela desmoralização da arte dramática entre nós, por ter se dedicado ao 'lastimoso tró-lo-ló e pernas nuas'".[23] O que é uma injustiça. Prado afirma que, se Artur fazia certas concessões para atrair o gosto do público, ele o fez sem jamais cair no popularesco.[24]

---

[21] SÜSSEKIND, Flora. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, A. (Org.) *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 362.
[22] AZEVEDO, Artur. Espécie de profissão de fé. In: SEIDL, Roberto. *Artur de Azevedo*: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Editora Abc, 1937. p. 168-169.
[23] SOUSA, J. G. de. O teatro no Brasil. Tomo I: evolução do teatro no Brasil. Rio de Janeiro: MEC, 1960. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. p. 232.
[24] PRADO, Décio de Almeida. Os três gêneros do teatro musicado. In: idem. *História Concisa do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. p. 106.

Na verdade, o comediógrafo tomou o cuidado de oferecer ao público o que ele queria assistir. Consciente de que a plateia é parte essencial da tríade ator-texto-público, enveredou pelos caminhos do teatro ligeiro e musicado, preocupando-se com o horizonte de expectativas e com a recepção. Prado, a respeito da tradução de *A filha de Maria Angu*, lembra que "Artur Azevedo deve ter pensado que esse pano de fundo francês [*La fille de Madame Angot*] dificilmente chegaria ao público brasileiro. Partiu então para uma completa nacionalização, a começar pelo título".[25] Como poucos, ele tinha sensibilidade para captar a preferência dos espectadores e fazê-la valer.

Por outro lado, o escritor seria capaz de assumir, – em parte, – que suas próprias produções poderiam deixar a desejar em certos aspectos. No tocante à representação de *Abel, Helena*, uma adaptação à cena brasileira de *A Bela Helena*, de Meilhac, Halévy e Offenbach, de sua responsabilidade, fez saber: "reapareceu uma opereta que o nosso colega Artur Azevedo considera um *péché de jeunesse*, o que aliás não a impediu de levar dinheiro à bilheteria. [...] Uma série de infantilidades, que se salva pela música saltitante e inspirada do célebre compositor franco-alemão".[26] Há no fragmento o reconhecimento de não se tratar de uma ótima adaptação, haja vista ser tratada como uma indiscrição juvenil, porém o cronista lembrou que deu bom rendimento aos empresários e, se assim o fora, é porque conquistara o público, duas de suas grandes preocupações. O mesmo se dava no que concerne aos seus leitores de jornais e revistas.

Quanto à relação produtor e público, o estudioso francês Edgar Morin, respeitadas as diferenças de contexto, no ensaio "Terceira Cultura", faz as seguintes observações: "em certo sentido aplicam-se as palavras de Marx: 'a produção cria o consumidor... A produção produz não só um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto'".[27] Assim, a produção cria o público de massa, e ao mesmo tempo, porém, redescobre o que estava subjacente: uma essência de humanidade comum a esse público, ou seja, na cultura de massa ainda pode haver a presença do indivíduo. Pode ser que, talvez, por ter certa percepção disso, é que Azevedo insistia em suas produções de apelo popular ou em valorizar um grupo numeroso de pessoas que buscavam uma leitura amena.

No entanto, devido às suas opções, não foi bem compreendido por muitos de seus contemporâneos. Veja-se a apresentação do comediógrafo, no romance *A Conquista*, de

---

[25] PRADO, Décio de Almeida. Os três gêneros do teatro musicado. In: idem. *História Concisa do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. p. 99.
[26] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 49, p. 384, jun. 1894.
[27] MORIN, Edgar. Um terceiro problema. In: Idem. *Cultura de massas no século XX*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1977. p. 45

Coelho Neto: "Excelente rapaz e magnífico poeta. Seria um dos primeiros líricos americanos se, por vezes, não rebaixasse a lira e o violão, zangarreando chulas para o populacho".[28]

Naturalmente, seria muita inocência enxergar em Artur Azevedo apenas um homem preocupado com seu público leitor e/ou espectador, capaz de aceitar ser desmerecido como jornalista e dramaturgo, para agradá-los. Na verdade, ele era dotado de um tino comercial notável e parecia saber que suas concessões eram essenciais para mantê-lo no auge, além de mostrar, também, sua consciência de que as companhias teatrais precisavam de espetáculos interessantes para o público, que ajudassem em sua manutenção, pois como aponta Araújo, "estabelecia-se [...] um círculo vicioso: sem público, os dramaturgos não se abalançavam a produzir; sem peças, os atores não tinham o que representar; sem espetáculos, os críticos não tinham o que julgar".[29] Por meio de seus trabalhos, Azevedo, quem sabe, pudesse auxiliar no rompimento de tal círculo.

Ainda do livro *A Conquista*, são oportunas as palavras sobre ele:

> O escritor habitua-se com o meio que o aplaude e, para não perdê-lo, vai cedendo à larga, até que um dia nivela seu espírito com o da gente ignóbil e está perdido. É como o homem que se vicia em morfina. Há glórias afrontosas, eu penso assim. O Artur é homem para ser aplaudido por nós, e prefere ao nosso julgamento o barbarismo idiota das plateias. Vício.[30]

Vício? Acomodação? Vaidade? Necessidade? Muitas podem ter sido as razões que levaram Artur Azevedo a ceder ao gosto do público; contudo, nenhuma delas pode tirar seu mérito como um defensor da arte dramática e um profissional consciente de seu ofício em relação ao público que o lia.

É importante lembrar ainda, que o teatro popular era sua melhor expressão, de modo que, segundo Flávio Aguiar, Azevedo, "baseado na tradição da comédia de costumes, e até mesmo naquela que ele praticou quando tentou criar comédias mais sofisticadas, conseguiu nacionalizar o teatro musicado. Reinou mesmo sobre ele junto ao público, através do teatro de revista, que recriava as fórmulas daquele".[31] Entende-se, portanto, que sua consagração junto ao público, deu-se pela qualidade de suas produções.

---

[28] COELHO NETO, Henrique Maximiano. *A Conquista*. Porto: Chardron, 1921. p. 267.
[29] ARAÚJO, Antonio Martins de. Para uma poética de Artur Azevedo. In: AZEVEDO, Artur. *Teatro completo de Artur Azevedo*. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 2002. p. 792. v. IV.
[30] COELHO NETO, Henrique Maximiano. *A Conquista*. Porto: Chardron, 1921. p. 269.
[31] AGUIAR, Flávio. A dor e o júbilo: Artur Azevedo e a formação da dramaturgia brasileira. In: *Sala preta*. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas - ECA - USP, n.3, 2003. p. 143-157.

A força de sua obra estava realmente nas revistas de ano e adaptações, o que leva retomar a proposta de Paulo S. Dias sobre Artur Azevedo ser o "Pestana do teatro",[32] numa referência ao personagem de Machado de Assis, do conto "Um homem célebre", que apesar das tentativas de ser um autor de música "erudita", acabava sempre produzindo polca, fato que o fez cair nas graças do público. Do mesmo modo, Azevedo talvez não conseguisse fugir de determinados gêneros teatrais, porque era o que sabia fazer melhor.

Essa defesa de o comediógrafo ser um autor voltado ao popular, com reserva do que possa haver de pejorativo na expressão, mostra porque em suas seções de crônicas se utilizou de uma linguagem inteligível, já que estabelecer a comunicação seria essencial para que suas colocações a respeito do teatro pudessem alcançar algum efeito. Ressalte-se, ainda, que isso poderia ser estratégia de cronista tarimbado, tentando fazer com que seu leitor seguisse seu ponto de vista, buscando, na verdade, um cúmplice.

Essa passagem inicial pela seção "Teatros" esclarece que longe de haver um Azevedo escritor de crônicas teatrais e um outro, escritor de crônica de variedades, por exemplo, na "Crônica Fluminense", essas facetas se complementam e ajudam a delinear melhor seu perfil de cronista.

3.1.1 Falta de novidades, falta de crônica?

Quando da leitura da "Crônica Fluminense", esclareceu-se o quanto havia em Azevedo a percepção da semana como responsável pelo sucesso ou não da crônica. O mesmo se dá com a coluna "Teatros", e é considerável o número de vezes que apareceu nela a expressão "nada de novo" e variações, corroborando que para o cronista teatral escrever seu texto era preciso uma semana de espetáculos agitada. Isso ocorria porque, como se explicou, predominava em "Teatros" um comentário rápido de várias peças e não a análise mais apurada de uma apenas, não havendo, portanto, aprofundamento.

Desse modo, após um breve olhar sobre uma ou outra peça, seguia com ligeira notação das que estavam em cartaz, como neste fragmento: "no Politeama têm sido cantadas muitas óperas de Verdi mais barato que n'outra qualquer parte. No Lucinda o *Burro do Sr. Alcaide* e *Tim tim por tim tim*, no Apolo o *Barbeirinho de Sevilha*, no Variedades o *Frei Satanás*, e no

[32] DIAS, Paulo Sérgio. Conclusão. In: Idem. *Colcha de Retalhos*. Artur Azevedo, o teatro que divertia e formava: revistas de ano e "O Mambembe". 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 177-180.

Recreio o eterno e afortunado *Conde de Monte-Cristo*".[33] Do excerto é possível perceber que faltava novidade aos teatros nacionais, não no sentido de novas peças em cartaz, mas de haver peças novas a serem representadas. As peças aludidas não receberam nenhum parecer; apenas *O Conde de Monte Cristo* foi seguido dos adjetivos *eterno* e *afortunado*; o primeiro, tanto poderia ter a acepção de algo imortalizado quanto de algo que se repete amiúde; já o segundo, comprova que o texto de Dumas, mesmo que, talvez, em excesso nos palcos, fazia a felicidade das companhias, por isso, continuaria sendo eterno, mesmo que a contragosto do cronista.

O tom de fastio pelas mesmas peças ou pelos gêneros de sempre ficou evidente também em outras colocações, como nesta: "Os nossos teatros nenhuma novidade nos deram além da companhia de zarzuelas, ou antes, da senhorita Cifuentes. Sim, porque não podemos considerar novidade a *Doida de Montmayour*".[34] Na verdade, para o cronista, nem mesmo uma nova companhia representaria novidade, pois trazia um gênero musicado espanhol, a zarzuela, já bastante presente na cena carioca.

Tanto era assim que, ao mencionar um novo trabalho da companhia Dias Braga, que havia levado o gênero ao Recreio, o cronista enumerou: "tinha já no seu repertório a alta comédia burlesca, o vaudeville, a tragédia, o drama, o melodrama, a oratória, a revista, a mágica, a opereta e até a ópera: só lhe faltava a zarzuela..."[35] Pensando em um ano teatral, que até então, mostrava-se não muito promissor, – mais tarde o cronista seria agraciado com a presença de Sarah e Judie –, seria o seu comentário uma crítica ou a demonstração de certa conformidade?

Não levou tempo para trazer mais um comentário sobre uma companhia espanhola, e afirmou que a de D. Manoel Ballesteros, cujos espetáculos ocorriam no Recreio Dramático, estava longe de ser uma companhia de zarzuelas de primeira ordem, porém,

> num fato, pelo menos, já ela se avantajou às outras companhias espanholas que ultimamente aqui têm estado: deu-nos uma zarzuela, *Los Aparecidos*, completamente nova para o nosso público, já estávamos fartos do *Camponone*, do *Jugar com fuego*, "et reliquia".[36]

A falta de novidades era tanta, que levou o cronista a dar certo reconhecimento ao trabalho de uma companhia de zarzuelas. Em crônica posterior a atitude não foi outra, e novamente a zarzuela, gênero não muito apreciado por Azevedo, acabou elogiada, tanto por

[33] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 8, jan. 1893.
[34] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, p. 104, mar. 1893.
[35] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 80, mar. 1893.
[36] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 72, fev. 1893.

trazer uma novidade quanto pela qualidade da peça: "tivemos no Politeama uma zarzuela nova, *Mantos e capas* [...]. A peça, baseada numa anedota política do tempo de Carlos III, é bem escrita em versos fáceis e conceituosos, versos de teatro como só espanhóis os sabem escrever; a música é bonita; o desempenho foi muito regular".[37]Ao tratar com contentamento de uma zarzuela, e mostrar animação com um gênero considerado menor, devido ao fato de ser inédita para o público do Rio de Janeiro, expõe-se um período teatral pouco bonançoso.

Em fevereiro de 1893, próximo ao carnaval, escreveu uma crônica desalentadora: "A semana teatral foi paupérrima. A companhia lírica do Politeama assassinou barbaramente a *Lucia*, de Donizetti. – O Sousa Bastos, um empresário que conhece perfeitamente o seu público, organizou no Lucinda uns espetáculos variados, 'percussores do Carnaval'. [...] E mais nada".[38] Além do evidente desânimo, deu mais uma amostra de sua consciência e de seus companheiros, – nesse caso, Sousa Bastos, – de que era preciso, muitas vezes, atender ao gosto do público; e com a proximidade da festividade, o que restaria ao empresário, a não ser produzir espetáculos relativos ao tema?

Em outra crônica, o cronista retomou o marasmo ocasionado nos teatros devido à festa carnavalesca: "Além de uma *reprise* do sempiterno *Sarilho* no Recreio Dramático os nossos teatros nenhuma novidade deram durante a semana. Estão se reservando todos para depois do Carnaval".[39] E no número seguinte, deu o desfecho da semana teatral que disputara a atenção do público com o carnaval, afirmando que a *Moema,* posta em cartaz pelo Politeama, além de mal cantada, fora sacrificada "por ter sido 'atirada pra aí' em sábado de Carnaval. Foi uma desgraça!"[40] O cronista, já habituado a semanas pouco produtivas, via na festividade mais um motivo para o cenário piorar, e demonstrava, por isso, insatisfação com o carnaval.

Essa falta de bons espetáculos pode ser corroborada pelo fato de ter havido uma coluna composta da seguinte forma: "O nosso colaborador X.Y.Z. escreve-nos, dizendo que, por falta absoluta de assunto, deixa de mandar-nos o seu artigo sobre teatros". Mas não deixou de tecer um comentário e acresceu: "a companhia lírica do Politeama deu-nos a bela e estafadíssima *Cavalleria rusticana*, mas... é melhor não falarmos de coisas tristes'".[41] Coisas tristes? Por essas duas palavras, o cronista, mesmo afirmando não querer tocar no assunto, registrou sua opinião sobre a representação da ópera. Tal figura de retórica, a preterição, fora utilizada largamente na "Crônica Fluminense".

---

[37] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 16, p. 128, abr. 1893.
[38] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 40, jan. 1893.
[39] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 56, fev. 1893.
[40] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 63, fev. 1893.
[41] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 32, jan. 1893.

A preterição também apareceu na primeira seção de "Teatros", em uma circunstância que dificilmente se repetiria: foi quando o cronista comentou o enredo de uma peça. Já fora enfatizado que as análises realizadas eram ligeiras, de modo a não haver espaço para explicar o conteúdo peça. Porém, ao tratar de o *Rapaz de saias*, traduzido por Moreira Sampaio do original *Les 28 jours de Clairette*, contou o enredo, mesmo garantindo não ser capaz de fazê-lo: "não daremos o entrecho da peça; tão complicado é ele e tão cheio de quiproquós, que com certeza seríamos incompletos. São quatro atos de situações emaranhadas. Trata-se de uma mulher que recebeu de um tio, mestre de armas, uma educação muito masculina [...]".[42] E assim prosseguiu narrando ao seu leitor o desenrolar do divertido vaudeville.

Voltando à escassez de espetáculos, o cronista não demorou a reclamar, dizendo: "nunca houve no Rio de Janeiro tanta penúria de espetáculos! A gente, se não se quiser aborrecer ouvindo os espanhóis do Politeama, há de recorrer a duas mágicas, a *Rosa de diamantes* e o *Filho d'Averno,* ou ao *Conde de Monte Cristo.* E mais nada!..." E completou: "Na capital dos Estados Unidos do Brasil quem não gosta de jogos e de corridas não pode absolutamente divertir-se..."[43] O fato de esse tipo de distração afastar o público do teatro, irritava Azevedo, porém, essa foi a única vez que ele mencionou explicitamente tais "concorrentes". Contrário a um procedimento comum em suas outras seções de crônicas, nesta não se lançou contra as casas de entretenimento que dispersavam o público da dramaturgia.

Contudo, ainda que sem tratar diretamente desses outros tipos de diversão, mostrou-se, certa vez, descontente, ao expor que o palco do teatro S. Pedro havia sido transformado em circo de cavalinhos, onde brilhavam saltimbancos. Para ele: "o público poderia ter protestado contra semelhante profanação, mas não protestou; aplaudiu".[44] Por esta colocação, percebe-se que, também ao contrário do que fazia em suas outras seções de crônicas, em "Teatros" não se indispôs diretamente com seu leitor e acabou deixando apenas subentendida a sua indignação com a conformidade do público.

E, meses depois, em crônica posterior, reiterou que o teatro S. Pedro, abandonado pelos artistas que desistiram de apresentar Shakespeare e outros clássicos, – subentenda-se, pela falta de público, – seria novamente transformado em circo, e ocupado por uma companhia de cavalinhos, dirigida por Frank Brown. Ele tratou de mostrar sua insatisfação, afirmando: "não serei eu que chore, como já fiz, sobre a profanação do S. Pedro..."[45] O autor não parecia tão disposto a se debater pelo teatro como fizera outrora e logo faria mais à frente, quando

[42] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 8, jan. 1893.
[43] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 88, mar. 1893.
[44] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 46, p. 368, maio 1894.
[45] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 50, p. 400, set. 1894.

começasse sua longa colaboração nas colunas d'*A Notícia*. Menciona-se, ainda, que não houve, em nenhum momento, referência à necessidade de construção de um teatro municipal.

No entanto, apesar de não dar esse tipo de enfoque em seus comentários, o cronista sofria, sem dúvida, com o estado da dramaturgia, e o teor daquela que seria a penúltima crônica veiculada n'*O Álbum*, teve um tom não muito animador:

> Que tristeza! Que melancolia!...
> Uma mágica no Santana: a *Cornucópia do Amor*; outra no Variedades: os *Talismãs de Perlimpimpim;* outra no Lucinda: o *Cavalheiro da Rocha Vermelha!*
> No Recreio representa-se o *Bendegó,* renovam-se os cenários do *Conde de Monte Cristo* e anuncia-se o *Rocambole.*
> O Apolo abriga uma companhia de zarzuelas de quarta ou quinta ordem.
> O S. Pedro continua transformado em circo de cavalinhos.[46]

Como mencionou Araújo, tratando do teatro finissecular, deveria ser "dura a tarefa do crítico teatral num momento em que boas peças rareavam e a mediocridade tentava aparecer".[47] Porém, se não era nada animadora a situação dos espetáculos, que não traziam novidades ou peças literárias, isso não foi o suficiente para afastar Artur Azevedo do teatro.

3.1.2 Elementos norteadores das "ligeiras notícias dos espetáculos em cartaz"

Embora na seção "Teatros" não houvesse uma preocupação de aprofundamento quanto aos comentários sobre as peças, é possível perceber que existiam elementos norteadores das "ligeiras notícias dos espetáculos em cartaz". Para apontá-los, convém retomar dois estudos que abordam o trabalho de Azevedo como cronista teatral em outro periódico; trata-se de sua colaboração no vespertino *A Notícia*, com a seção "O Teatro".

São basicamente dois os motivos que levaram a um maior interesse pela seção "O Teatro": devido ao seu tempo de veiculação, – 14 anos, – e por ser especificamente teatral. Os estudos fundamentados nessa crônica são "Crítica a vapor: notas sobre a crônica teatral brasileira da virada de século",[48] de Flora Süssekind e a dissertação "*O teatro":* Artur

[46] X.Y.Z. Teatros (notas a lápis). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 54, p. 16, jan. 1895.
[47] ARAÚJO, Antonio Martins de. Para uma poética de Artur Azevedo. In: AZEVEDO, Artur. *Teatro completo de Artur Azevedo*. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 2002. p. 792. v. IV.
[48] SÜSSEKIND, Flora. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, A. (Org.). *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

Azevedo e as crônicas da Capital Federal (1894-1908),[49] de Larissa de Oliveira Neves, que também é responsável, em conjunto com a pesquisadora Orna Messer Levin, pelo livro *"O theatro":* crônicas de Artur Azevedo (1894-1908).[50]

Em seu texto, Süssekind traz uma sistematização dos principais elementos abordados na crítica teatral de fim do século XIX e início do XX. São indicados os seguintes critérios de avaliação: a reação do público, a qualidade do texto, o desempenho dos atores e a felicidade ou não, por parte do empresário, na escolha da peça, que deveria se adequar ao gosto dos espectadores, o respeito à especialidade de cada ator e a obediência às regras de cada gênero. Quanto ao público, esperava-se discipliná-lo com a condenação de atitudes como a vaia e a pateada.

Na dissertação, Neves utilizou e ampliou a pesquisa de Süssekind ao analisar os textos, preocupando-se em trazer outros elementos para a sistematização, de acordo com o gênero teatral criticado, além de abordar a hibridização entre crônica e crítica. Ressalte-se que nesta dissertação, o livro *O theatro*: *crônicas de Arthur Azevedo* (1894-1908), publicado em 2009, é adotado como referência, pois traz um ensaio de Levin que apresenta um panorama sobre a colaboração de Artur Azevedo na imprensa, um ensaio de Neves com os elementos norteadores das críticas de Azevedo e um CD-ROM com as crônicas de "O Teatro" na íntegra.

Importa explicar que, apesar de esses estudos tratarem de uma seção veiculada em um periódico bem distinto de uma revista literária, quando possível e necessário, recorreu-se a ambos como norteadores da leitura de "Teatros", seja no sentido da afinidade como no da divergência. Uma primeira afinidade diz respeito à organização das seções, pois ainda que n'*A Notícia* o espaço para a crônica fosse maior e o cronista pudesse optar por uma abordagem pormenorizada, Neves informa que, "salvo raras exceções, os comentários eram sucintos e diretos. Em cada folhetim, Arthur Azevedo criticava mais de um espetáculo, além de refletir sobre outros assuntos, o que impedia o aprofundamento de suas avaliações".[51] Como homem de teatro, talvez preferisse noticiar a respeito das várias peças em cartaz, dando ao público uma maior opção de escolhas, além de procurar ser justo em suas menções.

Vale destacar também, uma primeira divergência, pois, no fragmento, Neves salienta que nos rodapés da folha vespertina havia a reflexão sobre outros temas; assim, os espetáculos

---

[49] NEVES, Larissa de Oliveira. *"O Teatro":* Artur Azevedo e as crônicas da Capital Federal (1894 – 1908). 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
[50] Idem; LEVIN, Orna Messin (Org.). *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008.
[51] NEVES, Larissa de Oliveira. Arthur Azevedo nos rodapés de *A Notícia*. In: Idem; LEVIN, Orna Messin (Org.). *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 56.

dividiam sua atenção com os assuntos em destaque do momento, o que não acontecia na seção d'*O Álbum*. Não obstante, como encerrava cada número da revista, a crônica "Teatros" ficava, mais do que qualquer outra seção, exposta aos "azares da paginação", porque provavelmente deveria acomodar-se no espaço que sobrava para o "dono da casa", – daí o seu caráter fragmentário e relativamente improvisado.

Partindo dessa perspectiva, como fora feito com a "Crônica Fluminense", buscou-se perceber quais eram os elementos norteadores dos comentários sobre o teatro na revista que Azevedo dirigia e, ainda, entender como o cronista se safava das dificuldades "dimensionais" que a seção oferecia. Ressalte-se não se tratar de uma sistematização, porque a coluna era bem variada em suas abordagens, além de não ser extensa quanto ao número de textos publicados. O que se pretende é colaborar para a percepção de determinadas características que podem ajudar em um melhor entendimento de seu trabalho como cronista teatral.

Artur Azevedo, muitas vezes, era ferino a respeito da "ligeira notícia" veiculada sobre os espetáculos e mostrava sua preocupação com o respeito aos elementos caracterizadores de cada gênero. De acordo com Süssekind, "as peças deveriam obedecer às regras vigentes do gênero a que pertencem", pois "contornos exclusivos na delimitação dos gêneros implicariam diferentes formas de interpretação e valoração das peças".[52] Contudo, na seção "Teatros", mais do que criticar uma possível falta de respeito às regras básicas de determinados gêneros, o cronista preocupou-se em indicar a presença ou não deles, explicitando, dessa forma, a sua concepção a respeito de alguns gêneros mais comuns na época, como a mágica e o vaudeville, dentre outros.

Tome-se o exemplo da ópera-cômica em 3 atos e 5 quadros, *Moura de Silves*, com letra de Lorjó Tavares e música de Guerreiro da Costa, que estava em cartaz no Lucinda. O cronista se mostrou frustrado porque esperava mais, tão elogiada a peça viera de Lisboa. Para resumir, ironizou: "a peça, que foi a estreia teatral de Lorjó Tavares, não é mal feita, e o diálogo parece escrito por quem sabe do ofício; o que lhe falta é ser um libreto de ópera-cômica, e ter graça".[53] Isso é, faltava tudo o que era necessário ao gênero em questão.

O contrário ocorreu ao comentar a mágica *Conquista dos Talismãs*, retirada pelo ator Primo da Costa dos *Bibelots du diable* e que se representava no Santana. O cronista informou haver nela o essencial para um número prolongado de representações: "cenários e vestuários espaventosos, visualidades, transformações, maquinismos, alçapões, muitas pilhérias, muita

[52] SÜSSEKIND, Flora. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, A. (Org.) *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 371.
[53] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 47, fev. 1893.

música, e um bom desempenho dos principais papéis".[54] Essas incursões sobre elementos fundamentais a determinados gêneros, mostram o quanto Azevedo conhecia de teatro e suas convenções, além de ser bastante significativo o fato de que, fosse em um gênero popular ou em um gênero sério, o comediógrafo esperava sempre um mínimo de respeito ao que era característico de cada modalidade.

Ao tratar de uma mágica com título semelhante, *Talismãs* de *Perlimpimpim*, arranjada por Joaquim de Oliveira, Costa Braga e Guilherme da Silveira, mais uma vez abordou as convenções do gênero:

> A nova mágica do Variedades tem todos os condimentos indispensáveis ao gênero. Melhor seria que a música tivesse sido escolhida com mais acerto, mas, à falta de bom tralalá, há ali muita pilhéria, esplêndidos cenários de Carrancini, Coliva e Eduardo dos Reis; maquinismos engenhosos, vestuários deslumbrantes, grande variedade de aspectos, bailados interessantes, etc. O desempenho dos papéis é excelente por parte de todos os artistas, devendo Joaquim Silva ser citado à parte e de cambulhada Lopicolo, Galvão e os demais. O Variedades tem outra vez peça para centenário.[55]

Os dois primeiros cenógrafos mencionados por Azevedo eram italianos e, devido à qualidade de seus trabalhos, como informa Prado,[56] foram responsáveis pelo fato de a mágica alcançar sucesso com o público brasileiro. E conforme o mesmo estudioso, a mágica era o terceiro e mais baixo degrau do teatro musicado, – os dois primeiros eram a revista e a opereta. Cabe notar como Artur Azevedo, apesar de não negar a preferência pelos grandes gêneros, também não negava as qualidades existentes nos ditos "menores", quando eram bem feitos.

A respeito de um vaudeville traduzido por Moreira Sampaio, do original de Gustave-Hippolyte Roger, *Les 28 jours de Clairette*, informou que os dados explicativos do triunfo parisiense estavam todos na adaptação: "situações de todo novas e de um cômico irresistível, ditos de espírito, malícia a rodo, música bonita, leve e fácil, gentilmente francesa, daquelas que agradam à primeira audição e que o público assobia quando sai do teatro, tais são as qualidades que abundam no *Rapaz de saias*".[57] O sucesso, então, estaria garantido, uma vez que, ao traduzir, o parceiro de Azevedo na elaboração de algumas revistas de ano respeitou o gênero e produziu um vaudeville completo.

---

[54] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 27, p. 216, jul. 1893.
[55] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 34, p. 272, ago. 1893.
[56] PRADO, Décio de Almeida. Os três gêneros do teatro musicado. In: Idem. *História Concisa do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. p. 105.
[57] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 8, jan. 1893.

Além da mágica e do vaudeville, gêneros ligeiros, o cronista também comentou o que era necessário para se ter um bom drama, gênero sério, quando da representação, no S. Pedro, de *Alfageme de Santarém*, drama em 5 atos, de Almeida Garrett. Para Azevedo, como as outras peças do português, essa era muito boa e tinha todos os requisitos necessários ao sucesso:

> Rigor inexcedível na exatidão histórica, pintura fiel dos costumes de um passado remoto, preocupação artística do pitoresco, estudo dos caracteres, amaino engenhoso de cenas e situações, e, sobretudo, boa e sã linguagem portuguesa, tais são as qualidades que Almeida Garrett revelou nesta e em outras obras com que enriqueceu o teatro português. No meu entender é esse o espetáculo mais belo que nos tem dado até hoje a companhia lisbonense; pena é que ela não trouxesse também no repertório, não o *Frei Luís de Sousa* (faltava-lhe uma atriz), mas o *Auto de Gil Vicente*, a mais encantadora comédia que se tem escrito em Portugal.[58]

A primeira qualidade ressaltada pelo cronista foi a da exatidão histórica, por tratar-se de um drama histórico, cuja ação fazia referência a uma crise política ocorrida em Portugal entre 1383-1385. Outra vez, fica perceptível a sua preferência por abordagens bastante tradicionais, que trouxessem caracteres básicos do gênero proposto. Tal afirmativa não se trata de uma crítica à postura de Azevedo como cronista/crítico, e sim da legitimação de um elemento comumente levantado nos estudos de sua crônica teatral.

Mudando um pouquinho de gênero, o comediógrafo mostrou-se contente com a escolha do Apolo em apresentar a revista *Abacaxi!*, de Moreira Sampaio e Vicente Reis:

> Parece que a empresa do Apolo não terá que se arrepender de ter apresentado ao público o *Abacaxi*! com tanto cuidado do *mise-en-scène*. A peça está escrita ao paladar do nosso público; é um *Bendegó*[59] mais engraçado e mais literário. A música é bem escolhida: toda composta de trechos populares ou popularizáveis. O cenário é magnífico, sobressaindo a apoteose, de uma fantasia surpreendente, pintada pelo Coliva, e a vista do incêndio na ilha dos Melões, por Eduardo Reis.
>
> Os acontecimentos, velhos e novos, desfilam diante da plateia numa profusão de cenas cômicas e burlescas. Os compadres da revista são Rosa Villiot e Brandão, o originalíssimo Brandão. Os demais papéis estão bem confiados, sobressaindo no desempenho Bahia, Colás, Clélia, Lisboa, Zeferino, Araújo, etc.
>
> É provável que *Abacaxi!* faça uma grande e vitoriosa carreira.[60]

[58] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 288, set. 1893.
[59] *O Bendegó*, revista de ano de 1889 de Figueiredo Coimbra e Raul Pederneiras.
[60] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 34, p. 272, ago. 1893.

Ao destacar que a peça fora escrita "ao paladar do público", Azevedo certamente estava com a razão, pois tinha conhecimento de causa, afinal, fora responsável por revistas de ano que alcançaram larga popularidade entre seus contemporâneos; e é bem provável que mesmo para autores mais reconhecidos pelo público, como Moreira Sampaio e Vicente Reis, deveria ser lisonjeiro e, até mesmo, confortante, receber uma crítica positiva do cronista, haja vista sua influência junto ao público.

Aliás, como escritor de comédias musicadas e responsável por traduções que obtiveram notoriedade, viu-se que Azevedo acabou rechaçado por colegas, que criticavam o fato de ele não se dedicar apenas à comédia de costumes. O autor se justificava de diversas maneiras e fazia questão de esclarecer sua preferência por dramas e comédias; mas isso não o impedia de indicar, em sua seção, aspectos positivos naquilo que a crítica de seu tempo, – e ele também, – considerava como gêneros inferiores, nesse caso, a revista de ano. Os motivos são óbvios: ele se contradiria se não elogiasse um gênero que ajudara a aclimatar no Brasil, afora a percepção de que o teatro brasileiro não poderia sobreviver se cultuasse apenas os gêneros sérios. Como lembra Neves, "Arthur Azevedo, como os artistas, também dependia, embora parcialmente, da renda obtida com a encenação das peças para manter seu padrão de vida".[61]

Esclarecedora dessa consciência de que os gêneros sérios, como a tragédia e o drama, poderiam não trazer um retorno consistente à empresa teatral, é a nota sobre o dramalhão português *Ladrões do mar*, de José Romano, posta em cena pelo Recreio: "É uma peça em que há de tudo, e que promete conservar-se por muito tempo em cena, deliciando os frequentadores do Recreio. Como obra literária não vale nada, mas o nosso teatro não vive de literatura".[62] Se assim era, valeria lutar contra esse meio? Ou seria melhor "acompanhar a maré" e oferecer ao público o que ele esperava? Na verdade, Azevedo conseguia manter-se numa luta pela melhora do teatro nacional, ao mesmo tempo que era um autor consagrado e querido junto ao seu público.

Sobre as considerações a respeito dos gêneros, um caso curioso aconteceu quando anunciou que Fernando de Almeida, autor do já conhecido drama *A Lei de 28 de setembro*, acabara de escrever uma peça intitulada *Redenção de Tiradentes*; é interessante porque o próprio cronista viu-se embaraçado no momento de tentar classificá-la dentro de algum dos gêneros em que se subdivide a literatura dramática e explicou:

---

[61] NEVES, Larissa de Oliveira. Arthur Azevedo nos rodapés de *A Notícia*. In: Idem; LEVIN, Orna Messin (Org.) *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 66.
[62] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 16, p. 128, abr. 1893.

> Não é um melodrama alegórico, nem um drama histórico, nem uma peça patriótica, nem uma mágica, nem uma comédia política, mas é tudo isso ao mesmo tempo. Trata-se de uma opulenta fantasia, uma revista não de ano mas de século, que começa no Campo de S. Domingos, no momento da execução de Tiradentes, atravessa todos os períodos históricos da nossa vida nacional, e termina com a proclamação da República.[63]

Azevedo optou por continuar tratando-a como uma revista de século, e mostrou-se empolgado com o material. Porém, devido ao seu conhecimento dos bastidores teatrais, logo avisou: "dificilmente poderá ser representada, à vista do numeroso pessoal que exige para a reprodução cênica de muitos personagens contemporâneos". Feita a ressalva, mas sem perder a esperança de ver tão boa peça em cartaz, estimulou: "debelada tal dificuldade, que é toda material mas muito importante, essa revista de século, pitoresca, original e patriótica, poderá fazer a fortuna da empresa teatral que a puser em cena. Há ali copioso regalo para espíritos, corações, olhos e ouvidos". O cronista gostava de deixar anotado aos empresários do teatro quais peças poderiam ser representadas, e possivelmente, em alguns casos, era ouvido, devido ao seu conhecimento tanto do público quanto do universo dramático.

Justamente por essa preocupação com os espetáculos, demonstrou sua inquietação com a falta de equivalência entre o contexto de determinadas peças e o contexto brasileiro. Ao dizer que a *Cavalleria rusticana* estava em cartaz, afirmou: "o trabalho de Verga pouco interessa a nossa plateia, primeiramente por ser uma pintura de costumes sicilianos com os quais nada temos que ver, e depois porque a música de Mascagni está tão associada ao argumento da peça, que este sem ela se torna incolor e anódino".[64] Faltaria, portanto, à ópera, uma maior aproximação com o público brasileiro em relação ao contexto, e faltaria, também, a execução da música original.

A *Cavalleria rusticana* fora extraída da novela homônima de Giovanni Verga. É curioso que não interessaria ao público a pintura de costumes sicilianos, mas o folhetim veiculado n'*O Álbum*, de Alfredo Bastos, passava-se em Montevidéu... Por fim, o cronista reconheceu que havia um elemento na peça que conquistaria diferentes públicos: "há ali muita paixão, dessa paixão do ciúme, que acomete a humanidade inteira, tanto na Sicília como no Japão ou no Rio de Janeiro, e não precisa de música para sobressaltar as almas sensíveis".

Isso mostra ser comum que as repreensões aos espetáculos fossem seguidas de alguma colocação benevolente. Foi esse o caso do *Barbeiro de Sevilha*, peça à qual fez ressalvas por ter sido representada "conforme a tradição italiana: como uma paródia de feira; entretanto, o

[63] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 56, fev. 1893.
[64] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 8, jan. 1893.

Barbeiro é, não uma farsa, mas uma comédia finíssima, e como tal é exibida pelos artistas da Ópera Comique de Paris". Além de lamentar-se pelo desrespeito ao gênero original da peça, questionou: "quando os italianos se resolverão a representá-la como os franceses? Afiançolhes que a peça ganhará com isso. Não há dúvida que a companhia Sansone é uma excelente companhia lírica de segunda ordem, e os preços dos bilhetes são convidativos".[65] Ainda que insatisfeito, o cronista louvou alguns aspectos da companhia, ao passo que novamente ficou registrada a lição do homem de teatro; apesar de parecer certo exagero exigir de uma companhia de teatro italiana, que representasse de acordo com o original do francês Pierre Beaumarchais.

Não foram poucas as vezes que o autor fez menção, ora elogiosa ora não, ao trabalho das companhias e deu conselhos como este: "a companhia do Politeama é muito regular, e *dava no vinte se limitasse a exibir boas óperas que não reclamassem grandes bailados nem muita pompa*, – o *Rigoletto,* por exemplo". Prosseguiu lembrando que "a ópera de Ponchielli exige elementos de que a empresa Sansone não dispõe, nem pode dispor vendendo tão em conta os bilhetes". Deixou, então, a sugestão: "as velhas partituras italianas são hoje tratadas com muito desprezo pelos críticos, mas o nosso público dá o cavaquinho por elas, e nós não lhe queremos mal por isso. Anunciem a *Norma* e verão que apanham três enchentes à cunha!"[66]

São afirmações desse tipo, que possibilitam reconhecer em Azevedo aquele "integrador" mencionado quando dos comentários sobre a revista *O Álbum*. A crítica poderia não gostar das "velhas partituras italianas", mas o público sim, portanto, que viessem! Destarte, se ele era exigente e dava mais valor às peças com cenários bem elaborados, com maior apuro literário, e gostava de ver os gêneros bem delimitados, junto a isso, – como conhecia bem os bastidores do teatro, – sabia que, muitas vezes, as companhias não tinham alternativa, dada a necessidade de se oferecerem ingressos acessíveis.

Tendo em vista tal postura do cronista, compreende-se porque não gostou de ouvir de um espectador o seguinte comentário: "'Depois da Gabbi havemos de ouvir isto?' Tal foi a frase que ouvimos a um diletante ao entrar, terça-feira passada, no jardim do Politeama. Parece de justiça responder que, depois da Gabbi, antes isto que outra coisa pior..." A discordância ocorreu porque, como esclareceu, era barato, além do fato de que "a última companhia que [trabalhara] naquele teatro era de cavalos e *clows*... pelo mesmo preço".[67] São

[65] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 336, out. 1893.
[66] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 16, jan. 1893.
[67] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 24, jan. 1893.

distintas as acepções do adjetivo empregado para definir o responsável pela colocação no teatro, porém, é possível inferir o sentido de pessoa que trata de um assunto superficialmente, pois se até o cronista, sempre exigente, sentiu-se ofendido, provavelmente foi um comentário sem fundamento. E como Azevedo conhecia de perto as dificuldades das companhias teatrais, deve ter achado por bem apontar e contestar a injustiça.

O comediógrafo estava sempre envolvido na cena teatral, pois além de apontar fatos ocorridos para além do palco, como o supracitado, fazia questão de anunciar produções vindouras: "o Lucinda ensaia uma ópera-cômica portuguesa, a *Moura de Silves*, o Variedades uma mágica, o *Diabo coxo*, e o Apolo um drama sacro, o *Filho do Averno*, cujo protagonista é São Guilherme, duque de Aquitânia".[68] Neves, tratando da seção "O Teatro", citou um fato que também pode ser aplicado à seção "Teatros", ao dizer que os comentários de Artur Azevedo "demonstram que ele, além de assistir aos espetáculos, como compete a um crítico teatral, conhecia a fundo o dia a dia das empresas".[69]

Portanto, devido a essa preocupação com o que era representado e acompanhamento do desenrolar dos acontecimentos, estava sempre atento às alterações e novidades: "a companhia de zarzuela D. Manuel Ballesteros deixou o Recreio e foi para o Politeama; em compensação, a companhia Dias Braga, que tinha ido para o Politeama, voltou, para o Recreio, e pôs em cena os *Lobos marinhos, zarzuela* em 2 atos e 4 quadros, de Ramon Carrion e Vital Aza".[70] Compreende-se, desse modo, o porquê de sempre ser mencionado como um homem de teatro, pois era envolvido até mesmo com os bastidores.

Ao tratar da mágica o *Diabo coxo,* trabalho póstumo de Soares de Sousa Junior, exibida no Variedades, passou aos seus leitores uma informação legitimadora de sua participação na cena teatral para além do papel de crítico/espectador: "dizem que a empresária Ismênia dos Santos gastou quarenta contos de réis com a montagem da peça, e eu acredito, porque os cenários são suntuosos, os vestuários de luxo, e os maquinismo e tramoias de muito efeito".[71] Entretanto, apesar de a mágica conter os elementos necessários ao gênero, o cronista expôs uma opinião bem pouco específica sobre ela, ao afirmar que "a peça parece-se com todas as peças do seu gênero, mais engraçada que umas, menos interessante que outras; a música poderia ter sido escolhida com mais acerto". O parecer evasivo pode ter-se dado devido ao tédio causado pela repetição dos gêneros.

---

[68] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 8, jan. 1893.
[69] NEVES, Larissa de Oliveira. Arthur Azevedo nos rodapés de *A Notícia*. In: Idem; LEVIN, Orna Messin (Org.) *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 38.
[70] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 80, mar. 1893.
[71] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 16, p. 128, abr. 1893.

Nota-se, ainda, que devido a esse envolvimento mais aprofundado, que ia além de apenas assistir às peças representadas, do mesmo modo que apoiava e tentava justificar o trabalho menos apurado de algumas companhias, não aceitava exageros, e, se elogiava, não tardava a fazer repreensões, como foi o caso da companhia Sansone: "a representação do *Guarani,* no Politeama, assumiu as proporções de um escândalo. A pobre ópera brasileira tem sido ultimamente muito infeliz no Rio de Janeiro, mas não nos lembramos de ter visto e ouvido nunca tão sacrificada como agora pela companhia Sansone".[72] Vê-se que, para o autor, nem tudo era aceitável em função de preços baixos. Sobre isso, assim se expressou:

> Ainda há espectadores, meigamente resignados, que tudo perdoam a essa empresa em atenção ao preço reduzido dos bilhetes; o grande público, porém, já principia a convencer-se de que os espetáculos do Srs. Ducci e Clacchi não eram caros. Os do Politeama custam a quarta parte do que custavam os do Lírico, é certo; mas o que resta saber é se em cantores, orquestra, coros e encenação nós temos na rua do Lavradio "a décima parte" do que tínhamos na Guarda-Velha. Carlos Gomes foi maltratado: queira Deus que o mesmo não aconteça ao autor da *Moema*, a ópera brasileira que se acha em últimos ensaios.[73]

Ao mesmo tempo em que se animava com os preços mais acessíveis, pois permitiam um maior acesso aos teatros, Artur Azevedo entendia que nem tudo poderia ser admitido em nome disso. Como era afeito aos ditos populares, poder-se-ia aplicar a essa situação um deles, com uma pequena alteração: "a cavalo dado se olham sim os dentes", porque era importante um teatro voltado às diferentes camadas da população, mas com limites em relação aos sacrifícios que se faziam com as peças em nome da massificação.

Tanto era assim, que ao tratar da estreia de espetáculos da companhia organizada pelo ator Peixoto e pela atriz Clementina, no Lucinda, com a comédia as *Noivas do Sr. Enéas*, apontou-a como convidativa, pois conjugava preço apropriado e diversão, trazendo "todas as qualidades e todos os defeitos das demais peças de Gervásio Lobato – diálogo espirituoso, atos longos e descosidos".[74] Aparece, mais uma vez, o tino empresarial de Artur Azevedo, que se mostrou satisfeito com a companhia por ter colocado em cena uma peça capaz de juntar duas características que resultariam em sucesso: comicidade e preços módicos.

Como homem de teatro, Azevedo sabia que não era nada fácil a situação da dramaturgia no Brasil e, por isso, apoiava as companhias. Assim, depois de muitos elogios à representação

---

[72] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 47, fev. 1893.
[73] Ibid.
[74] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 29, p. 232, jul. 1893.

de *Filho do Averno*, adaptada à cena brasileira por Eduardo Garrido, questionou: "depois me digam se o *Filho do Averno* é ou não é peça pra centenário". E foi ele mesmo quem deu a resposta: "é sim senhores, a menos que continue o eterno caiporismo do Apolo, caiporismo que cessará desde que a empresa se desfaça de certos artistas cujo préstimo é completamente negativo, porque a plateia não os pode tragar".[75] Tem-se aí, novamente, o cronista assumindo um papel de orientador, – dessa vez para empresários. Araújo ressalta que, Azevedo, "com essa preocupação constante [desenvolvimento do teatro nacional], construiu, em torno de sua obra, uma ética da solidariedade com seus intérpretes e diretores de cena".[76] E não apenas em torno de sua própria obra, pois, ao tratar do trabalho alheio, sempre procurou apontar falhas com o intuito de auxiliar.

Voltando ao fragmento no qual mencionou o desejo de que o autor da *Moema* não fosse maltratado, não tardou a demonstrar a falta de atendimento ao "seu pedido" e, em crônica de fevereiro de 1893, ponderou: "melhor fora que aquela boa gente de Politeama não se tivesse lembrado de cantar a *Moema*, de Assis Pacheco. A ópera foi completamente sacrificada pela péssima execução artística".[77] Porém, não se prolongou na apreciação e, como já fizera na "Crônica Fluminense", optou por transcrever artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, de Alfredo Camarate, que era segundo ele, "um dos jornalistas brasileiros mais competentes em assuntos musicais".

Já se trouxe à baila que o cronista amparava as companhias, mas importa lembrar que fazia o mesmo com o público quando necessário e, por isso, mostrou seu apoio quando este pateou a orquestra e o tenor De Marchi da companhia Lírica italiana. O episódio ocorreu porque a orquestra teria exigido 2:500$ adiantados, e o tenor acabou responsabilizado pelo "inqualificável procedimento da orquestra".[78] Azevedo questionou: "valha-os Deus! porque não foram corretos até o fim?" Por mais que não gostasse de atitudes como vaias e pateadas, sempre fazendo repreensões a tais atos por meio de suas outras crônicas, compreendeu que o público estava com a razão e demonstrou sua aprovação.

Ele ainda evidenciaria sua consciência da falta de respeito com o público, ao dizer que no Apolo estava em cartaz a companhia lírica Verdini, com "bilhetes baratíssimos. Os espectadores convencem-se de que o barato sai caro".[79] Quanto ao Santana, contou que lá

[75] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 72, fev. 1893.
[76] ARAÚJO, Antonio Martins de. Para uma poética de Artur Azevedo. In: AZEVEDO, Artur. *Teatro completo de Artur Azevedo*. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 2002. p. 790. v. IV.
[77] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 47, fev. 1893.
[78] Id. Teatros (notas a lápis). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 51, p. 408, set. 1894.
[79] Id. Teatros (notas a lápis). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano II, n. 53, p. 8, nov. 1894.

havia "peças velhas para enganar o estômago ao público enquanto não lhe dão a *Cornucópia do amor,* que [...] dizem ser prato muito suculento". Os dois comentários são confirmadores de seu papel de observador da vida teatral fluminense, sempre muito vigilante, até mesmo, às enganações oferecidas ao público.

Destaque-se que, ao mesmo tempo em que defendia o público, sentia-se no direito de pedir/exigir uma participação mais efetiva junto às peças representadas. Quando tratou da peça *Moura de Silves*, representada no Lucinda, elogiou o trabalho de Sousa Bastos, que teria montado com cuidadoso apuro estético cenários e roupas, e logo demonstrou que esperava do público uma retribuição a "tantos esforços e atenções".[80] Artur Azevedo pendia para os dois lados: tanto do público quanto das companhias, pois, ao mesmo tempo em que as repreendia, deixava transparecer que esperava do público alguma gratidão frente aos esforços delas.

Naturalmente, não faltariam às explanações do cronista menções ao trabalho dos atores. E sobre o tema, é reveladora a transcrição do conteúdo de uma carta em sua coluna. De início, Azevedo expôs: "é uma chapa dizer que o nosso teatro está perdido. Os bons atores vão envelhecendo ou morrendo, e nem um novo artista aparece que mostre vocação e muito menos habilidade. Só pretendem ser atores indivíduos que experimentaram todas as outras profissões sem acertar em nenhuma".[81] E em seguida, transcreveu a carta, com desvios do português padrão que remetem ao português com marcas dialetais de imigrantes portugueses, que lhe fora repassada por um empresário na bilheteria de um teatro:

> Tomo a liberdade de escrevere esta a V. Ex. pela primeira vez. Servindo de pedire um grande favore em vista da grande enclinação que tenho a carreira teatral desejava muito um logare na sua acreditada companhia. Não faço quistão de ordenado uma vez que chegue para comere e vestire estou satisfeito. Apenas há um inconveniente que é eu tere apenas 17 anos de idade mais não será isto que dera motivo a V. Ex. não ademetirme. Desde já fico sinceramente agradecido pelos favores que espero de V. Ex. etc.

O cronista divertiu-se dizendo que era bobo o missivista por considerar a juventude um problema; afinal, muitas vezes, bastava isso para conseguir o ofício almejado na carta. A respeito do trabalho dos artistas nesse período, Neves,[82] além de analisar a questão do desempenho dos atores na coluna "O Teatro", abordou a preocupação de Azevedo com as condições da classe artística. A pesquisadora informa que não havia uma escola para formar

[80] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 47, fev. 1893.
[81] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 21, p. 168, maio 1893.
[82] NEVES, Larissa de Oliveira. Arthur Azevedo nos rodapés de *A Notícia*. In: Idem; LEVIN, Orna Messin (Org.) *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 53.

atores, de modo que o aprendizado se dava apenas na prática, faltando, assim, um maior conhecimento de técnicas de interpretação. A carta confirma a falta de profissionalização do setor, que seria, conforme as palavras do cronista, atrativo apenas para quem não conseguira algo melhor.

Nessa época não era fácil seguir a carreira artística; a imagem de atores e atrizes era geralmente associada à vagabundagem e/ou à prostituição. Como um homem apaixonado pelo teatro, Artur Azevedo fazia o que era possível para ajudar muitos deles, tanto financeiramente quanto no sentido de pedir mais respeito à profissão. Isso pode ser percebido no fato de o autor ter colocado em sua galeria de biografias d'*O Álbum* pessoas do teatro, junto a outras figuras proeminentes da sociedade. Em um olhar mais atual pode não parecer muito; porém, provavelmente, repercutiu bem para a classe na época. Portanto, mesmo que em "Teatros" não tenha se empenhado tanto pelo teatro nacional, como o fizera em outras colunas, de uma forma ou de outra, o autor sempre buscou estimular a dramaturgia.

E é interessante observar que, dentro da seção "Teatros", quando das ligeiras notícias das peças em cartaz, o elemento que mais recebeu ênfase foi justamente o desempenho dos atores. Veja-se o destaque dado ao desempenho dos envolvidos na representação da ópera *Gioconda*, de Amilcare Ponchielli e libreto de Arrigo Boïto, no Politeama:

> As honras da noite couberam ao barítono Verdini, um excelente Barnabá. O baixo Rotoli satisfez no papel do doge e o tenor Vilalta no de Enzo, que já tem sido admiravelmente cantado no Rio de Janeiro. Só temos elogios para a prima dona Petrilli, que cantou com muita arte e deu realce e vigor ao papel da protagonista. Infelizmente não podemos dizer o mesmo da prima dona Cescati, que sacrificou a parte da Laura. O pequeno mas importante papel da mãe de Gioconda foi satisfatoriamente desempenhado pela cantora Miola, que a empresa Sansone teve o bom gosto de contratar.
> Os coros e a orquestra portaram-se discretamente, mas as bailarinas eram poucas... e não eram bailarinas. O bailado pôs em ação uma das cláusulas fundamentais do programa socialista: a redução das horas.[83]

Ao tratar do desempenho dos atores, como apontam Süssekind e Neves, havia sempre a preocupação em perceber a adequação do artista ao papel e até mesmo ao gênero da peça. Alguns recebiam adjetivos mais calorosos, como "excelente", outros, apenas a expressão de que satisfizeram dentro do necessário. Isso explicita tratar-se de uma crítica impressionista, calcada em julgamentos bastante subjetivos. Esse tratamento ao desempenho dos atores nos espetáculos vai repetir-se no decorrer dos textos. Do fragmento supracitado, ressalte-se, ainda,

[83] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 16, jan. 1893.

a ironia na notação final, matéria comum em Azevedo, que, ao usar a metáfora do socialismo, fora menos indelicado do que se expusesse seu desprazer com o trabalho das bailarinas.

Ao comentar a ópera o *Trovador*, de Giuseppe Verdi, levada em cartaz pela companhia Sansone, também prevaleceram os adjetivos indicativos de qualidade ou não no que concerne ao trabalho dos artistas:

> O tenor Vilalta no celebérrimo *Madre infelice* deu o não menos célebre *dó*, sendo forçado a repeti-lo a instâncias do público. A prima dona Sully, correta. O barítono Verdini, um belo artista... E cá estamos nós a elogiá-los, porque, no fim de contas, *já temos aturado coisa bem ruim muito quietos*, muito convencidos de que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo estava conosco, e nós tínhamos uma linda opinião em arte!
> Todos os artistas deram perfeitamente o seu recado. O público enchia literalmente o Politeama, e aplaudiu, num largo sorvo de compreensão musical, toda a velha dramática partitura do Verdi. Antes assim.[84]

Novamente os comentários dizem respeito às impressões do cronista e não a um olhar puramente crítico, e é curioso, pois, ao mesmo tempo em que elogiou, a anotação seguinte pareceu mostrar que, se assim o fez, foi na falta de coisa melhor. Afinal, frente a tanta "coisa bem ruim" talvez os atores da companhia Sansone merecessem uma apreciação mais benigna. Tanto é que Azevedo se mostrou contente com os serviços prestados pela companhia ao Rio de Janeiro, lamentando-se que o público não estivesse sabendo tirar proveito do serviço. E ao tratar de outras óperas levadas ao palco pela mesma companhia, fez ressalvas e elogios: enquanto *Força do destino* fora prejudicada pelos cantores, a *Traviata* o fora pela orquestra; já *O ballo in maschera* e *O Trovador* mereceram considerações amenas:

> *O ballo in maschera*, de Verdi (sempre Verdi!), foi, relativamente, um triunfo para a companhia. Uma estreante, a soprano dramático Bianca Montesini, *ainda* tem voz, e cantou agradavelmente a parte de Amélia. O tenor Vilalta foi muito aplaudido e o barítono Giannini mostrou-se mais digno da Guarda Velha que do Lavradio. A soprano ligeiro Fons estava muito à vontade no seu *travesti*: foi um delicioso pajem Oscar e cantou com muita correção todo o seu papel. Os demais artistas fizeram-se aplaudir, e a orquestra, dirigida pelo jovem maestro Maffezzoli, esteve melhor que das outras vezes, e deu certo relevo às inúmeras belezas da peregrina partitura do *Ballo in maschera.* Também agradou a execução do *Trovador*, de Verdi (E então?). Vilalta deu quatro dós de peito[85] na *Madre infelice*; o teatro

[84] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 336, out. 1893. (grifo nosso)
[85] "A tradição do dó de peito é antiga na cultura musical brasileira. Nos teatros, dentro da lógica do *belcanto* italiano, os cantores precisavam utilizar seus plenos pulmões para não serem ofuscados pelas grandes empresas. Bom cantor era, quase sempre, aquele que mais volume de voz apresentasse". In: DINIZ, André. A era da voz. In: Idem. *Almanaque do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 42.

> parecia vir abaixo com a ovação que lhe fez o público. Orsini (Assucena), Montesini (Leonora) e Pozzi (conde de Luna) foram também muito aplaudidos. A concorrência foi mais numerosa que nas outras noites. Pudera! – O *Trovador*...[86]

Do fragmento, certas assertivas devem ser destacadas, como o uso do advérbio ainda, com ênfase do próprio cronista, para tratar da soprano Bianca Montesini, tendo em vista que ela foi mencionada como estreante. Foi uma sutil crueldade do autor. As inserções entre parênteses, feitas após a citação do nome de Verdi, são interessantes, porque talvez fossem empregadas para chamar a atenção no tocante à sua razão quando lembrara aos empresários que o público dava o cavaquinho pelas partituras italianas. É curioso igualmente o entusiasmo dos espectadores e, pelo visto, do cronista, com o dó de peito do tenor Vilalta, uma vez que não fora referido uma vez, e sim duas.

Vai-se demonstrando, que, não raro, seus comentários eram bastante parciais: ora apareciam comparações, ora sua opinião era explanada muito mais por meio da reação do público do que por sua própria impressão. Tal fato pode expressar o cuidado do cronista em fazer o público/leitor sentir-se representado por meio de sua seção, assim como a tentativa de não comprometimento com o conteúdo de seu texto.

Por isso, às vezes, o cronista foi menos direto e não anotou de modo explícito a atuação dos atores. Foi o caso da representação da *Moura de Silves*, no Lucinda, sobre a qual afirmou: "O desempenho dos papéis não é mau, conquanto não nos imponha como um dever de consciência destacar A ou B. Pode-se empregar a velha chapa; 'Concorreram todos para o bom êxito da representação'".[87] O mesmo se deu a respeito do dramalhão *Ladrões do mar*, pois ao comentar o trabalho dos atores, fora dúbio: "Quanto ao desempenho dos papéis, direi que os artistas fazem o que podem, o que não quer dizer que façam pouco e o que não quer dizer também que façam muito".[88]

Dentro do panorama de óperas apresentadas, deve-se notar que, se o compositor italiano Verdi fizera a alegria do público, o mesmo não se deu com alemão Wagner. Em crônica de julho,[89] o autor informou que havia sido adiada por motivo imprevisto a estreia da companhia de Ducci, que cantaria o *Tannhäuser,* de Wagner. Não tardou, porém, para dar indicações de que o libreto do compositor, alterado para *Lohengrin*, não alcançara o efeito esperado:

---

[86] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 44, p. 280, out. 1893. (grifos do autor)
[87] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 47, fev. 1893.
[88] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 16, p. 128, abr. 1893.
[89] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 29, p. 232, jul. 1893.

> Lírico – Não nos iludamos, meus senhores; o nosso público ainda não compreende nem aceita Wagner. O *Lohengrin* foi recebido com um entusiasmo frio e discreto, um entusiasmo de *noblesse oblige.* Notava-se no público a preocupação de bater nos peitos e pedir perdão pela reserva com que há dias acolheu, naquele mesmo teatro, a partitura sublime.
> No fundo, o que mais lhe agradou foi a *mise-en-scène*, que é, realmente de primeira ordem, não só pela riqueza como pela propriedade dos cenários, vestuários e acessórios.
> [...]
> Queremos crer que houvesse no teatro cinquenta espectadores deliciados pela música do *Lohengrin*, mas o público, o grosso público, esse não jura ainda por São Wagner. Tanto pior para ele.[90]

Embora tenha percebido e se aborrecido com a falta de interesse do público pela ópera de Wagner, parecia compreender a situação, de modo que nem mesmo houve uma repreensão mais séria, pois apenas se lamentou por aqueles que não aproveitaram. Como afirma Araújo, "homem do seu tempo, grande conhecedor de nossa realidade cultural, espectador da lenta evolução intelectual e política do povo brasileiro durante quase meio século, A.A. estava certo de nossas limitações estéticas".[91] Assim, apesar de decepcionado, ateve-se a apenas deixar registrada sua consternação sem descer a muitas minúcias.

A respeito de Wagner, ele foi um compositor que criou um estilo diferenciado, e sua influência sobre a música foi profunda, tanto é que o cronista o tratou por "São Wagner" e não escondeu sua admiração por ele. Por isso, provavelmente, frustrou-se com o público, pelo fato de que, mesmo havendo empresas trazendo o gênero a preços mais acessíveis, não tenha sido possível despertar o seu interesse.

Ao tratar de outra ópera representada no Lírico, *Lucia di Lammermoor*, de Gaetano Donizetti, deu destaque à interpretação de Elena Boronat, cuja qualidade artística lhe rendera uma grande ovação. No entanto, a italiana teria agradado inteiramente o público, mas não ao cronista, pois este fez uma ressalva afirmando ser uma pena que ela não representasse como cantava. Artur Azevedo costumava apontar aspectos positivos e negativos; era raro algum comentário em que o autor mostrasse desagrado com toda a peça e/ou com toda interpretação. Assim, depois da repreensão, lembrou que os outros intérpretes não se mostraram na altura da protagonista.[92]

Outro costume de Azevedo era o de comparar a interpretação de determinados artistas, quando uma peça era posta novamente em cartaz, com outros artistas que já a haviam

---

[90] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 36, p. 288, set. 1893.
[91] ARAÚJO, A. M. de. Para uma poética de Artur Azevedo. In: AZEVEDO, A. *Teatro completo de Artur Azevedo*. Org. Antônio M. de Araújo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 2002. p. 789. v. IV.
[92] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, p. 216, jul. 1893.

representado. Ao tratar de *O Amigo Fritz,* de Erckmann e Chatrian, representada com sucesso no S. Pedro, mencionou: "Rosa Damasceno interpretou brilhantemente o [papel] da ingênua Suzel, se bem não nos fizesse esquecer a atriz Kerwisch, que desempenhou esse papel quando aqui esteve com o grande Coquelin".[93] Mesmo valorizando a cultura nacional com suas revistas de ano e adaptações, o cronista não escondia sua exacerbada admiração por artistas estrangeiros.

Convém lembrar que essa ambiguidade sempre esteve presente na arte brasileira, e ela foi muito bem explicitada por Antonio Candido em "Literatura e cultura de 1900 a 1945", em que o crítico afirma que a literatura brasileira evolui sob um processo dialético entre o cosmopolitismo e o localismo, havendo uma oscilação entre a negação do estrangeiro e a resignação manifesta frente o modelo europeu.[94] A contradição viria, em parte, por sermos um povo que se sentia inferior ao europeu, em relação ao seu meio, sua raça e história. Assim, esse comportamento era comum em vários intelectuais do período.

No entanto, a comparação não era feita apenas entre artistas estrangeiros e nacionais. Ao comentar que no Recreio voltara à cena a peça as *Doutoras*, de França Junior, informou que Apolônia e Ferreira continuaram, como na primitiva, com os papéis de Luiza e Pereira, e isso teria sido louvável, mas fez um reparo:

> o do Praxedes, criado pelo pobre Castro, foi agora confiado ao proveto Magioli, o da bacharela Carlota de Aguiar passou das mãos de Hermínia às de Adelaide Coutinho, e no de Maria Praxedes, Leolinda foi substituída por Lívia Maggioli. Esta última substituição contrariou-nos. Leolinda interpretou magistralmente aquele papel, e a empresa do Recreio Dramático devia esforçar-se para que ela voltasse a desempenhá-lo agora. Isto não quer dizer que Lívia Maggioli, atriz inteligente e estudiosa, não dê boa conta do recado, *mas há certos papéis em certas peças que, sendo possível, só devem ser feitos por certos artistas*. É o caso do papel de Maria Praxedes. *E nós sabemos que era possível*.[95]

A retaliação direcionou-se até mesmo para a companhia que não teria se esforçado para repetir os papéis, mostrando, outra vez, seu conhecimento "por trás das coxias", ao dizer que sabia ser possível, para ela, fazê-lo. Além disso, o comentário sobre a atriz Lívia Maggioli corrobora a afirmativa de Süssekind a respeito da crítica teatral realizada em fins do século XIX: "acreditava-se de fato piamente numa especialização no terreno da interpretação

[93] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 27, p. 296, set. 1893.
[94] CANDIDO, Antonio. "Literatura e cultura de 1900 a 1945". In: Idem. *Literatura e sociedade:* estudos de teoria e história literária. 3. ed. rev. São Paulo: São Paulo Editora, 1973.
[95] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 47, fev. 1893. (grifo nosso)

teatral".[96] Assim, os artistas eram classificados de acordo com os personagens que melhor lhes caíssem, de modo que o cronista somente ficava plenamente satisfeito, quando se seguia determinado padrão.

Não foi diferente quando comentou a reprise do *Tribofe*, revista de 1891, de sua autoria, no Apolo.

> Alguns papéis, desempenhados agora por outros artistas que não os da primitiva, ganharam com a troca. Preferíamos a Frivolina marca Villiot à Frivolina marca Plá. O Sr. Eusébio, sua mulher e seus filhos são perfeitamente representados por Brandão, Clélia, Gabriella Montani e Adelaide Lacerda. Machado e Bahia são impagáveis nos seus papéis episódicos. É de justiça mencionar Henrique Machado, que desempenhou brilhantemente o papel de Gouveia, e uma estreante, Mlle. Lechevalier, a quem estão reservadas muitas glórias nos nossos teatrinhos de trololó. Outra estreante, a Sra. Betina de Oliveira, deve cuidar de outra vida. O Apolo estava cheio e o público aplaudiu com entusiasmo.[97]

A tipificação ficou bastante explícita no comentário de que a estreante Mlle. Lechevalier se sairia bem "nos teatrinhos de trololó", ou seja, o cronista a destinara a atuar em um gênero específico. Sua sinceridade também se mostrou ao aconselhar que outra estreante, Betina de Oliveira, buscasse fazer coisa diferente. Ao mesmo tempo em que era benigno e compreendia as dificuldades enfrentadas pelos artistas, não gastava incentivos com quem acreditava não ter talento ou então, sugeria, pelo menos, que direcionasse as aptidões a um único gênero.

O mesmo ocorreu ao comentar *O Rigoletto*, encenado no Lírico. Ele assim abordou o desempenho: "[estreou] a prima-dona ligeira Baronat, que além de ser uma artista insigne, é uma bela mulher. O Sr. Colli tem uma bonita voz; faria porém, melhor figura de casaca, num salão, ao piano".[98] Ou ainda, a respeito da atuação de alguns atores em *A sociedade onde a gente se aborrece*, de Pailleron, utilizou-se novamente do recurso da comparação: "João Rosa, Augusto Rosa e Brazão encarregaram-se dos mesmos papéis em que os aplaudimos há cinco anos, e cada qual se saiu melhor. Carolina Falco fez-nos lembrar, no personagem da velha viscondessa, a falecida atriz Ge[99] que era perfeita nesse papel".[100]

A pesquisadora Neves explica que "raramente Arthur Azevedo considerava bom o trabalho de um artista quando esse não interpretava papéis que estivessem de acordo com seu

---

[96] SÜSSEKIND, Flora. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, A. (Org.) *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 368.
[97] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 15, p. 120, abr. 1893.
[98] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7, jan. 1893.
[99] Ilegível no original.
[100] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 320, set. 1893.

gênero habitual. Aliás, a leitura de suas crônicas indica que cada nome possuía um estigma, traçado pela sua carreira".[101] Isso se tornou igualmente claro ao tratar da companhia dramática do teatro D. Maria II de Lisboa, quando informou que "a *great attration* do espetáculo era a aparição de Rosa Damasceno, uma verdadeira atriz de comédia, muito observadora, *muito* minuciosa, muito natural, e única no seu gênero em língua portuguesa".[102] O uso do adjetivo *única* para qualificar o trabalho da atriz, ajuda a legitimar a tipificação como norma na crítica do autor ou, como mencionou Neves, a presença do estigma em certos artistas.

Sobre a companhia portuguesa do S. Pedro que representava *Alcacer Kibir*, drama de D. João da Câmara, após os elogios, fez a ressalva de que "Rosa Damasceno encarregou-se de um papel inferior às suas forças. O contrário sucedeu a Lucinda do Carmo".[103] A tipificação era realmente parte de sua concepção de peça bem feita, de modo que determinados artistas nunca deveriam representar "papéis menores". Ao tratar da revista *Vovó*, de Moreira Sampaio, mencionou ter-se impressionado ao "ver que os autores não distribuíram a atriz Matilde Nunes um papel em que ela pudesse mais uma vez manifestar as suas grandes aptidões artísticas. Não compreendo que se deixe ficar no pano do fundo, como se diz em gíria teatral, um talento daqueles!..."[104] É a mesma situação de Rosa Damasceno: para Azevedo, um bom artista deveria sempre receber papéis de destaque, sem levar em consideração, que dentro de uma peça, todos eles, menos os menores, são relevantes.

Afora o desempenho dos artistas, outra questão interessante sobre a coluna "Teatros" é que as apreciações, além de sempre ligeiras, – voltadas mais à informação sobre os atores que figuravam no elenco seguido de uma sucinta notação, – às vezes, foi menos "teatral" que a "Crônica Fluminense". Por exemplo, sobre a ópera *Falstaff* de Verdi, num primeiro momento o cronista avisou: "Sabe-se por telegramas, que, a nova ópera do divino Verdi, agradou extraordinariamente no Scala, de Milão. Toda a imprensa europeia tece-lhe entusiásticos elogios".[105] Seis meses depois da amabilidade, o autor informaria que no Lírico e no S. Pedro companhias italianas de primeira ordem apresentavam *Falstaff*. A animação era tanta que para ele era um dos fatos mais notáveis que se dava nos teatros cariocas, e, naturalmente, repercutiria no mundo inteiro.[106] Porém, ao contrário do que se poderia esperar do cronista, apenas relatou o seguinte:

---

[101] NEVES, Larissa de Oliveira. Arthur Azevedo nos rodapés de *A Notícia*. In: Idem; LEVIN, Orna Messin (Org.) *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 58.
[102] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 25, p. 200, jun. 18938.
[103] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, p. 216, jul. 1893.
[104] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 50, p. 400, set. 1894.
[105] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 63, fev. 1893.
[106] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 32, p. 256, ago. 1893.

> A ópera de Verdi está julgada; não teremos a pretensão de analisá-la nestas fugitivas colunas. O desempenho, por parte dos cantores, dos coros e das orquestras, nos pareceu magnífico em ambos os teatros. É difícil dizer qual dos dois *Falstaffs* mais nos agradou, se *Falstaff*-Câmara ou se *Falstaff*-Scotti. O empresário Ducci e o empresário Ferrari... empataram.[107]

Esse tratamento tão ligeiro é explicável porque o cronista já havia feito uma abordagem pormenorizada da ópera na "Crônica Fluminense". É curioso que, apesar de haver uma seção específica para isso, ele tenha preferido abordá-la naquela que seria a crônica de assuntos diversos da revista. O fato suscita duas questões: a primeira seria a de que possivelmente não sobrara a Artur Azevedo alternativa, haja vista que especificamente neste número da revista, o texto da biografia fora assinado pelo seu irmão Aluísio Azevedo e ficara longo em relação aos demais, além de haver um número vultoso de contribuições literárias, o que teria reduzido o espaço da seção "Teatros", levando o "dono da casa" a safar-se do problema com o uso de sua crônica de variedades para tratar da ópera.

A segunda questão suscitada pela abordagem do *Falstaff* na "Crônica Fluminense" e não em "Teatros" é a de haver espaço na crônica de abertura para assuntos voltados à arte, mas não haver na de encerramento alusão a outro tema que não fosse sobre os espetáculos em cartaz, lembrando que, no período, era comum a crônica teatral abordar diferentes assuntos utilizando o teatro apenas como pretexto. Tanto era assim que Süssekind definiu tais textos como "[...] gêneros híbridos, mistos de crítica e de crônica".[108] A estudiosa mencionou ainda, que por vezes, havia um processo de ampliação, e já não se tratava mais de espetáculos e sim de casos pessoais, para divertir e conquistar os leitores.

Sobre esse composto de crítica e crônica, Rachel Teixeira Valença, em artigo sobre a presença de assuntos do cotidiano na seção "O Teatro", do periódico *A Notícia*, comenta que, em 30% dos textos, havia uma transcendência em relação aos temas, mas sem o abandono do fio condutor, o teatro, para abordar os assuntos latentes da época. Sua colocação sobre essa característica é muito pertinente e vale ser mencionada: "é como se pelo palco de 'O Teatro', cujos papéis principais cabem, como já foi dito, à gente do teatro [...] também pudessem transitar timidamente alguns figurantes, como a política, o jogo do bicho, o carnaval, a carestia, o bonde, a influência francesa e até o horário das refeições".[109]

---

[107] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 32, p. 256, ago. 1893

[108] SÜSSEKIND, Flora. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, A. (Org.) *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 361.

[109] VALENÇA, Rachel Teixeira. Nas entrelinhas de "O Teatro". In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 335.

Essa propriedade também foi analisada por Neves de modo mais pormenorizado e, dentre os temas preferidos pelo escritor, a pesquisadora apontou praticamente os mesmos que Valença, com especial atenção aos episódios da vida particular do autor, à falta de estrutura da capital, – o preço dos bondes, por exemplo, que atrapalhava a frequência ao teatro, – e à modernização da capital, dentre outros que estavam em voga, mas sempre relacionando os tópicos com a arte dramática.

É importante frisar essa presença constante do cotidiano na seção "O Teatro" de Artur Azevedo, porque ela é considerada paradigmática no que concerne à crônica teatral no século XIX e início do XX. Entretanto, no caso da seção "Teatros", da revista *O Álbum*, ela não tinha essa característica e a justificativa para tal ocorrência pode ser dada porque já havia a "Crônica Fluminense" para esse tipo de abordagem.

Houve um caso, por exemplo, em que ele finalizou a crônica/editorial com bom humor ao sugerir: "fiquem em paz os revoltosos, e o Congresso, e a carne verde, e o *Holofote* da Sra. Clementina dos Santos".[110] A última menção refere-se a uma revista de ano representada pela companhia de Clementina dos Santos no Politeama. E ao contrário do que a referência leva a crer, em "Teatros" o cronista não teceu nenhuma consideração pormenorizada ao espetáculo, limitando-se a dizer: "a revista o *Holofote* teve apenas uma representação. Não devia ter tido nenhuma".[111] O que, aliás, não deixa de ser uma crítica, lacônica, mas uma crítica.

Ao que parece, realmente não havia em "Teatros", o intuito de se demorar um pouco mais em determinadas peças ou acontecimentos do mundo teatral. Tratava-se mesmo de uma crônica com ligeiras notícias dos espetáculos em cartaz, mas sempre perpassada por algum tipo de notação crítica. Entretanto, pode-se mencionar um assunto diferenciado que entrava na coluna: as notas de falecimento, ainda que poucas e sempre relacionadas à gente do teatro. Na maior parte das vezes, tais notas foram veiculadas na "Crônica Fluminense" ou em colunas à parte na revista.

Dos avisos de falecimentos veiculados em "Teatros", destaca-se, em fevereiro de 1893, o de Florindo Joaquim da Silva, que trabalhara nos teatros do Rio de Janeiro de 1837 a 1868, mas havia vinte e cincos anos estava afastado dos palcos e era empregado na Municipalidade. Artur Azevedo fez questão de lembrar: "dos companheiros de João Caetano só resta agora o simpático José Luiz, que completou há dias oitenta anos, e parece disposto a viver mais cinquenta".[112] Porém, em setembro do mesmo ano, o cronista foi obrigado a se lembrar de

[110] A. Crônica Fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 48, p. 402, set. 1894.
[111] X.Y.Z. Teatros (notas a lápis). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 48, p. 384, maio 1894.
[112] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 24, jan. 1893.

outro colega do ator, por um motivo pouco alegre: "faleceu o ator Barbosa, um dos últimos da velha guarda, companheiro de João Caetano, Areias, Gusmão, Florindo, Martinho, Galvão e outros que já se têm recolhido aos bastidores da Eternidade".[113] O eufemismo que encerrou a nota, mostra o respeito e a saudade que provavelmente o cronista sentia dessa turma.

É interessante ressaltar nesses anúncios, que mesmo sendo uma situação de falecimento, Azevedo mostrava sua faceta de crítico: "o Barbosa nunca foi um grande artista, mas era um homem de bem". Mas junto à colocação pouco benevolente, sempre seguia algum lembrete positivo; já fora visto que raramente o autor apontava apenas aspectos contraproducentes nas pessoas, – o mesmo se dava com peças e livros, – seja em críticas a interpretações, seja em notas de falecimento.

Como na "Crônica Fluminense", houve a cobrança pela falta de menção, na imprensa, quando do aniversário de morte de alguém importante para o cronista, como neste caso: "no dia 8 do corrente mês de Outubro fez um ano que faleceu Guilherme de Aguiar. Ninguém se lembrou de comemorar, ao menos com duas linhas na imprensa, o primeiro aniversário da morte do nosso grande artista! Decididamente *les morts vont vite*...".[114] Apesar de apontar que a morte parecia estar diretamente ligada ao esquecimento, mostrou que, de sua parte, ajudaria a evitá-lo, ainda mais se tratando de alguém do mundo artístico.

No ano de 1894, nenhum falecimento deve ter chocado tanto os envolvidos com o teatro como o do maestro Marino Mancinelli, que iniciou a sua carreira na Itália e foi para Lisboa em 1886, mantendo-se em Portugal até 1893. Ao final desse ano, partiu com uma companhia de ópera para o Brasil, onde se suicidou. Como se comentou no capítulo anterior, o italiano acabou sendo a única pessoa falecida a integrar a galeria de retratados d'*O Álbum*, pois se suicidara na semana em que sairia seu esboço. Ao tratar do ocorrido na própria coluna em que foi veiculada a biografia, Artur Azevedo foi bastante sóbrio, limitando-se a dizer: "surpreendeu-nos dolorosamente a notícia de que ele se suicidara num terrível momento de alucinação".[115] No entanto, o comediógrafo tinha aversão a tal atitude, e em "Teatros" fez questão de deixar isso claro.

Voltando um pouquinho no tempo, a partir de julho de 1893, antes, portanto, do suicídio, o cronista começou a anunciar a presença do maestro italiano em terras brasileiras. Inicialmente avisou aos leitores que havia sido adiada a estreia da companhia lírica italiana de Ducci, cuja regência da orquestra seria de Marino Mancinelli, para, na crônica da semana

[113] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 304, set. 1893.
[114] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 336, out. 1893.
[115] A. Marino Mancinelli. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 50, p. 393, set. 1894.

seguinte, mostrar a satisfação com o trabalho do regente, informando a ovação feita pelo público à apresentação.

Mais à frente, ao comentar a representação de *Lohengrin*, outra vez elogiou o trabalho do regente; e em outubro de 1893, relatou aos leitores ter sido informado pelo maestro, antes de este embarcar para a Europa, que havia se associado ao proprietário do Lírico, Bartolomeu Correia da Silva, para trazer à capital uma companhia lírica digna do público fluminense. Em maio do ano seguinte, Azevedo avisou que estava para chegar da Itália, Mancinelli, com a prometida companhia. O cronista citou a venda das assinaturas, descreveu o elenco e mostrou-se satisfeito com o que estava por vir: "como se vê, Mancinelli trouxe-nos uma companhia lírica de primeira ordem. Ainda bem".

A transcrição dos comentários é interessante, porque mostra o quanto o maestro era ansiosamente aguardado pelo cronista e provavelmente pelo público. Contudo, após passar meses na expectativa, veio a fatídica notícia: "A crônica teatral está enlutada pelo suicídio de Mancinelli e pela morte de Maggioli: não pode deixar de ser triste..."[116] Nesta crônica, as pequenas notações incluídas em meio a diversificadas informações são maldosas, e, por isso, representativas de que o diretor da revista também era dono de um humor negro. A título de curiosidade, seguem os comentários:

> As últimas óperas executadas pela companhia lírica italiana foram a *Africana* e a *Aída*. Qualquer delas acaba por um suicídio...
>
> *
>
> A *Africana* foi primorosamente cantada.
> Os artistas da infeliz companhia Mancinelli já deram um e vão dar mais quatro espetáculos em beneficio.
> Que coisa triste é olhar pra a cadeira do regente da orquestra!
>
> *
>
> A companhia dramática italiana deixou o S. Pedro pelo Recreio, e partirá para Juiz de Fora, cidade que teatralmente falado, foi descoberta pelo Novelli.
> Apesar de no S. Pedro não ter feito para as despesas dos anúncios, o que aliás não levou o empresário a suicidar-se, conta essa companhia alguns artistas de verdadeiro mérito, entre os quais brilham Zaíra Tiozzo e Eurico Cuneo como astros de primeira grandeza.

Explicita-se sua aversão ao suicídio devido às colocações ferinas; porém, talvez, para o cronista, elas pudessem ser justificadas pela torpeza do ato. Não parecia haver no cronista um olhar mais complacente, tentando entender as causas que levavam as pessoas a tomar tal atitude. Ele apenas julgava incorreto e, como era comum, deixava expressa sua opinião,

[116] X.Y.Z. Teatros (notas a lápis). *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 50, p. 400, set. 1894.

mesmo que pudesse ser ofensiva para os parentes e amigos do suicida. Na seção "O Teatro", veiculada n'*A Notícia*, em novembro de 1894, ainda que não referenciasse Mancinelli diretamente, ao informar que os artistas do Apolo haviam partido para São Paulo, e seriam substituídos por uma companhia italiana, finalizou dizendo que tal fato não levara o empresário ao suicídio.[117]

E ainda nesta mesma seção de crônicas, em abril de 1903, ao tratar da morte prematura da atriz Georgina Pinto, confessou: "A brutalidade da morte nunca me impressionou tanto. Depois do suicídio de Mancinelli, o desaparecimento de nenhum artista de teatro atuou tão violentamente sobre a minha sensibilidade".[118] Talvez por trás de suas colocações maldosas, estivesse alguém que apenas não conseguisse expressar de outra forma sua inconformidade com o ato violento.

3.2 A graciosa Judie e a divina Sarah

Se o início do ano de 1894 fora marcado por essa tragédia do suicídio, em meados de 1893, havia acontecido a visita, ao Brasil, de duas grandes artistas que fizeram a alegria de Artur Azevedo: Sarah Bernhardt e Anna Judie. As duas eram francesas e alcançaram larga popularidade entre seus conterrâneos e igualmente por aqui, em especial a primeira, que, de acordo com Faria,[119] nem precisaria dos aplausos da plateia brasileira para a confirmação de sua glória.

Pode-se perguntar: se a atriz era tão reconhecida, porque precisaria se aventurar pelo novo mundo? As três vindas de Bernhardt ao Brasil, em 1886, 1893 e 1906, podem ser entendidas levando em consideração que a temporada nas capitais europeias costumava iniciar entre setembro e outubro e encerrava-se em meados de maio e início de junho. Assim, nos meses que ficariam sem representar, optavam por sair em excursão pela América. De acordo com o pesquisador, os brasileiros teriam sido privilegiados com parte do melhor que havia em termos de teatro europeu.

Esse privilégio para o público resultou em consequências nem tão agradáveis ao teatro brasileiro, como o fato de as companhias nacionais não conseguirem competir com o renome das estrangeiras que por aqui estavam, afora a interessante divisão que sugira da presença das

---

[117] A.A. O Teatro. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1894.
[118] Id. O Teatro. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1903.
[119] FARIA, João R. A presença estrangeira. In: Idem. *As ideias teatrais no Brasil:* o século XIX. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 179-186.

companhias europeias por aqui, de modo que: "a dramaturgia séria, de qualidade literária, só fazia sucesso no Rio de Janeiro com as companhias dramáticas estrangeiras. Quando estas partiam, o repertório voltava a ser o que era sempre, ou seja, revistas de ano, operetas e outras formas teatrais populares de grande prestígio junto ao público".[120]

A primeira a vir foi Judie, e tão empolgado ficou o cronista com a notícia que descreveu como ela deveria ser recepcionada: "a Judie é esperada nesta cidade amanhã, domingo. Deveriam ir recebê-la a bordo todas as flores dos nossos jardins, todos os passarinhos das nossas matas, todas as harmonias da nossa encantadora natureza! Salve, mam'selle Nitouche! – sê bem vinda, espirituosa Niniche! Sem ti, morreríamos de aborrecimento".[121] Apesar da animação, as primeiras impressões do espetáculo da francesa não foram dadas por Azevedo e sim por M.V., pseudônimo de Valentim Guimarães, que o substituíra quando de sua viagem à Bahia.

Assim, como Azevedo não fora pego pela surpresa e entusiasmo inicial, sua notação dos espetáculos de que a artista participou não foi nada empolgante. Apesar de ser boa atriz e estrangeira, o cronista acabou adotando o recurso da comparação de desempenhos para tratar de sua atuação, como fazia com os artistas brasileiros:

> A pessoa que escreve estas linhas aplaudiu em Paris, há dez anos, na *Cigale*, a não menos célebre Celine Chaumont, e tem o desprazer de notar que, representando essa espirituosa comédia, a Judie não vale o que valia a sua ilustre colega: está muito pesada para o papel. O ator Simon, esse imita o melhor que pode o ator Dupuis. Releva dizer que a comédia de Meilhac e Halevy foi desnaturada por mãos profanas, que lhe meteram música, e que música!
> Nos *Charbonniers* é inimitável o trabalho da Judie, transformada em carvoeira *auvergnate;* mas o seu *partenaire*, o ator Simon, aliás talentoso, fez-nos saudades do Huguenet.
> No *Parfum* não tem a Judie um dos seus melhores papéis, nem ela o fez em Paris. De resto, a comédia, imoral até o cinismo, não dá margem ao talento de uma atriz excepcional.[122]

Muitas vezes a interpretação desagradava, não por uma inadequação do gênero, e, sim, devido a certo desajuste na atitude do artista, caso de Judie, que talvez tivesse demonstrado pouca inspiração ou falta de desenvoltura na atuação em *Cigale*, o que teria impedido o bom desenvolvimento do papel, levando Azevedo a chamá-la de *pesada*. Do excerto, também é

---

[120] FARIA, João R. A presença estrangeira. In: Idem. *As ideias teatrais no Brasil:* o século XIX. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 179-186.
[121] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 21, p. 168, maio 1893.
[122] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 24, p. 192, jun. 1893.

interessante atentar para a notação final, porque demonstra que, talvez, sua insatisfação com *Parfum*, advenha da falta de decoro da peça, um elemento mencionado por Süssekind como corriqueiro na seção "O Teatro", mas que não fez parte das ligeiras notícias das peças em cartaz veiculadas em "Teatros".

Após as repreensões não só à atriz, mas também às escolhas da companhia, surgiu a questão da tipificação, utilizada como parâmetro, até mesmo para a avaliação do trabalho de uma artista francesa, o que vem legitimar, novamente, o que Neves chamou de "estigma", que acompanhava determinados atores:

> Falem-nos da *Roussotte*, isso sim! Da primeira à última cena a Judie é a Judie, a Judie autêntica, a Judie do boulevard, e não a Judie das *tournées en Amerique.*
> Na cançoneta francesa a *diva* continua a ser única: não há nem haverá quem a exceda nesse gênero ligeiro mas dificílimo. Ouvir o *Ne me chatouillez pas* ou *Les noisettes*, para só citar duas cançonetas, é uma das maiores delícias que Deus me concedeu neste mundo. Como atriz, não tem a Judie uma reputação invulnerável; mas como *diseuse* de cançonetas, o seu lugar há muito tempo está assinalado na história da arte do teatro: o seu nome será eterno.[123]

Incomodava o cronista que Judie saísse de sua zona de conforto: a cançoneta. Tal atitude pode elucidar o porquê de, até então, nenhuma das apresentações da francesa tê-lo agradado: ele queria vê-la atuando em algum espetáculo que desse abertura à exposição daquele que, provavelmente, seria seu talento: a voz. Literalmente esperava-se o respeito à especialidade de cada ator.

No entanto, se Judie não fizera a felicidade do cronista, tinha chegado ao Brasil Sarah Bernhardt, a grande musa. A notícia foi assim dada aos leitores: "Não! não é um sonho, não é uma ilusão dos sentidos: Sarah Bernhardt está no Rio de Janeiro, Sarah Bernhardt representou ontem, Sarah Bernhardt representa hoje, ali, no Teatro Lírico, a alguns metros de minha casa, cinco minutos longe da rua do Ouvidor!..."[124] No caso dessa atriz, ao contrário de sua conterrânea, não havia papel que seu talento excepcional não pudesse deixar bom.

Tão exacerbada era a admiração, que o cronista teria ficado atordoado por sua arte: "que atores a acompanham? Ignoro... não reparei... não ouvi... não vi... Só tive olhos e ouvido, inteligência e alma para ela, a divina, a incomparável artista! Pode ser que mais tarde eu consiga ver e ouvir no Lírico outro vulto que não seja o seu, outro som que não seja o de sua

[123] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 24, p. 192, jun. 1893.
[124] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 25, p. 200, jun. 1893.

voz...”[125] A tietagem chegava a ser teatral, pois parecia buscar algum efeito semelhante sobre o leitor, convencendo-o de que se ainda não havia assistido às representações da francesa, deveria fazê-lo logo.

Depois de passado o transtorno, Azevedo comentou algumas das peças representadas pela atriz. Faria assinala que havia um repertório comum entre as companhias estrangeiras, que costumavam trabalhar com peças de Sardou, Feydeau, Meilhac e Havély, Dumas Filho e outros. [126] No caso da peças representadas por Sarah no ano de 1893, o cronista explicou que houvera a representação da *Dama das camélias,* de Dumas filho e da *Frou-Frou*, de Meilhac e Halévy; porém, não se deteve nelas, porque o público fluminense já conhecia a interpretação da atriz nesses papéis; preocupou-se, então, com a *Tosca* e *Cleópatra.* A notação sobre a primeira foi bastante indignada:

> Colegas pouco amáveis trouxeram à baila a idade da eminente artista, como se o meio século que ela tem vivido não fosse o atributo maior de sua glória. No 1° ato da *Tosca* achamo-la, pelo contrário moça demais; a *Tosca* é uma pomba que se transforma em leoa; seria necessário não se fazer tão infantil, e predispor a plateia para aceitar a transformação. O trabalho de Sarah no 3° ato vale um curso de arte dramática.[127]

A questão do talento excepcional, apontada por Süssekind, fica evidente, de modo que, em Sarah Bernhardt, nada era visto por Artur Azevedo como um problema. Se Judie estava pesada demais em determinado papel, o talento fenomenal de Sarah sempre a deixava apta a qualquer desempenho. E tão inconformado ficara com a atitude dos colegas de imprensa, que publicou n’*O Álbum* o poema “A Sarah Bernhardt”, com o pseudônimo Cosimo:

> Um jornalista hoje disse,
> Divina Sarah, que tens
> A “apatia da velhice”...
> E eu dei os meus três vinténs
> Para ler essa tolice!
>
> Quantos anos tens? Talvez
> Quarenta e nove ou cinquenta...
> Pois bem: eu peço-te – vês? –:
> Quando tiveres sessenta,
> Volta ao Brasil outra vez.[128]

[125] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 25, p. 200, jun. 1893.
[126] FARIA, João R. A presença estrangeira. In: Idem. *As ideias teatrais no Brasil:* o século XIX. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 179-186.
[127] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 26, p. 208, jun. 1893.
[128] COSIMO. A Sarah Bernhardt. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 26, p. 203, jun. 1893.

Assim, corrobora-se que a francesa parecia poder ultrapassar todo e qualquer tipo de obstáculo, até mesmo o da idade. A admiração era tamanha, que ao comentar *Cleópatra*, uma peça também de Sardou, o cronista afirmou que era mal feita; no entanto, apesar da baixa qualidade da peça, Sarah desempenhava perfeitamente seu papel: "o papel da protagonista, de um exotismo encantador, foi profundamente estudado. É pena que Sarah o represente quase todo deitada, e não lhe posso destruir nem mesmo suavizar a monotonia".[129]

Como informa Süssekind,

> havia [...] uma situação em que essa rígida defesa de especializações e decoro se atenuava. Era quando se achava em jogo outro dos parâmetros estéticos fundamentais para a crítica e o público da época: a ideia de talento, a crença romântica no dom genial. E, diante de talentos então tidos como indiscutíveis, calavam-se algumas das normas da crítica.[130]

Bernhardt é um dos exemplos mais típicos dessa questão apontada pela pesquisadora. Enquanto os colegas de Azevedo notaram alguns problemas na interpretação da atriz, para ele, tudo poderia ser relevado, pois se tratava da divina Sarah. Ao comentar os seus últimos espetáculos, o cronista mostrou-se admirado devido à fusão de dois fatos inconciliáveis: a presença de uma atriz de talento fenomenal junto à falta de interesse do público, o que o levou a lamentar: "sentimos não poder comunicar todo este entusiasmo ao público reservado e frio que concorre aos espetáculos dessa extraordinária mulher, que é, no nosso tempo, a expressão mais pura e mais admirável da arte de representar".[131]

Após os espetáculos na capital, a francesa fora para São Paulo, porém, para surpresa de Azevedo, logo retornara ao Rio. Desta vez, o cronista, menos atordoado pelo seu talento, lembrou-se de comentar o trabalho de outros atores que a acompanhavam, como se nota no fragmento: "[Darmout] é, incontestavelmente um artista de grande futuro, e apresenta, no dificílimo papel de Hipólito, uma prova irrecusável e brilhante do seu talento. Mencionemos também Jeanne Meã, uma Arícia apaixonada e vibrante, e Piron, um Theramenio discreto e comovedor".[132]

Dessa crônica também é interessante destacar a publicação de um poema, "Adeus!", que, de acordo com o cronista, fora-lhe entregue em um teatro por um admirador de Sarah, que queria recitá-lo no camarote, mas os rapazes não teriam dado a ele a chance de fazê-lo:

---

[129] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 26, p. 208, jun. 1893.
[130] SÜSSEKIND, Flora. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, A. (Org.) *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 376.
[131] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 27, p. 216, jul. 1893.
[132] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 31, p. 247, jul. 1893.

Eu vejo, eu ouço a *Fedra*, e vendo, e ouvindo
A sublime Sarah divina e bela,
Arranco o plectro meu ao som no infindo...
Que Musa pode haver maior do que ela?

Umas vezes fascina, outras espanta
Aquela vez que em todo o mundo estruge!
Que pássaro cantou como ela canta,
E que fera rugiu como ela ruge?

Adeus! Parte!... Mas volta-nos de novo
Quando as saudades nossas te reclamem,
E hás de sempre encontrar neste bom povo
Mãos que te aplaudam, corações que te amem!...[133]

Seria mesmo algum admirador ou próprio Artur Azevedo? Como não é possível saber a verdadeira autoria, fica a amostra de que ela era muito admirada pelos cariocas, e tanto o era, que a própria seção "Teatros", quando tratou de sua última apresentação no Rio de Janeiro, precisou ser complementada com uma parte denominada "Telegramas" para poder dar notícia dos outros espetáculos em cartaz, haja vista que o cronista utilizou todo seu espaço para discorrer apenas sobre a divina Sarah.

3.3 O teatro na guerra e a guerra dos teatros

Pelo que se pôde constatar do panorama teatral de 1893, apesar da falta de variação ou qualidade, o público teve a oportunidade de ver Sarah e Judie, além de ter-se representado um número razoável de espetáculos, havendo, até mesmo, duas companhias com *Falstaff* em cartaz concomitantemente. Assim, embora tenham sido raras as peças que verdadeiramente agradaram o cronista, pode-se dizer que 1893 fora um ano agitado.

Sobre "a guerra entre os teatros", é sugestiva a colocação feita por Azevedo em crônica de abril de 1893: "os espanhóis do Politeama e os da Fênix andam a brigar, tratando cada qual de variar os seus espetáculos, embora sem novidades que possam chamar deveras a atenção do público. Este, que não dá o cavaquinho pelas brigas, deixa-se ficar em casa, e não aparece na rua do Lavradio nem na da Ajuda." Por fim, o mais interessado, o público, parecia pouco se envolver com a situação.

No entanto, já foi visto que o ano de 1893 ainda traria outro tipo de guerra – a Revolta da Armada – bem menos interessante, e responsável pela interrupção dos espetáculos, como

[133] X. Adeus! In: X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 31, p. 248, jul. 1893.

as crônicas também revelam: "a revolta fez com que todos os nossos teatros suspendessem os seus espetáculos; o Apolo, com o *Abacaxi*, e o Recreio, com os *Milagres de Santo Antônio* e outras peças, resistiram heroicamente até terça-feira, mas no dia seguinte fecharam também as suas portas".[134]

Convém destacar a revista de ano *Abacaxi!*, de Moreira Sampaio e Vicente Reis, com músicas de Chiquinha Gonzaga e outros compositores, porque teve uma longa temporada, mesmo frente às intempéries ocasionadas pela revolta. Segundo Paiva,[135] a revista satirizava ferozmente a administração de Barata Ribeiro, e se saiu de cartaz, foi por um curto período, pois ainda em setembro de 1893 voltara para mais representações: "o Recreio teve coragem para por em cena o drama *Diogo Alves* e o Apolo exibe impertubavelmente o seu *Abacaxi* a espectadores homens. As senhoras, essas ficam em casa, tranzidas de medo, e correm para os oratórios mal ouvem qualquer rumor que se assemelha a um tiro".[136] O fragmento, além de revelar o sucesso alcançado por uma revista de ano, mesmo num ano calamitoso para a capital da República, é também representativo da drástica redução no público dos teatros.

E para a lástima do cronista, o afastamento do público, causado pelo medo da revolta, fez com que peças bem elaboradas acabassem fracassando, caso do drama *Diogo Alves*, de Eça Leal, que para ele alcançaria um prolongado sucesso, se não fossem as circunstâncias pelas quais o país passava no momento. Ele mencionou que a peça tinha "todos os matadores, inclusive um bom desempenho de papéis, e magníficos cenários".[137]

Até mesmo a divina Sarah acabou vendo de perto a revolta brasileira, como relatou o cronista:

> De volta do Rio da Prata, passou há dias por esta capital a grande Sarah Bernhardt que, da coberta do *Equateur*, teve o prazer de assistir a diversas manobras dos navios revoltosos. [...]. No dia seguinte, deixou para sempre *hélas!*, este país que agora, mais do que nunca, lhe pareceu *feérique*![138]

Pelo comentário, como era típico de Azevedo, depreende-se que ele ainda conseguia extrair comicidade da situação caótica vivenciada, afirmando, ironicamente, que agora sim, a atriz deixara o Brasil com a certeza de tratar-se de um lugar encantado. E nesta mesma crônica, o tom não foi diferente ao dizer: "a companhia lírica do Sr. Luiz Ducci não dá

[134] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 304, set. 1893.
[135] PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. Na política há muito tribofe (1891-1900). In: Idem. *Viva o rebolado!* Vida e morte do teatro de revista brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 109.
[136] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 39, p. 312, set. 1893.
[137] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 320, set. 1893.
[138] Id. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 38, p. 304, set. 1893.

notícia. Os assinantes ficaram a ver navios... de guerra [...]". O humor se fez com a dubiedade da expressão popular, pois no contexto da capital, naquele momento, os navios de guerra eram vistos o tempo todo, o que contradiz o sentido de se esperar por algo que não veio.

Contudo, o humorismo cessou em crônica de setembro de 1893, quando comentou: "Os nossos teatros proporcionam meios de subsistência a centenas de famílias pobres. Deles vivem inúmeros empregados, que a inexplicável revolta do Sr. Custódio de Melo tem posto na miséria. Toda ou quase toda essa gente – uma legião – está há muitos dias sem ter com que mandar à venda e ao açougue..."[139] A assertiva confirma o envolvimento de Azevedo para além do espetáculo posto em cartaz, tendo em vista a sua preocupação de "denunciar", por meio de sua crônica, a situação lastimável vivida pelas pessoas diretamente ligadas ao teatro.

Apaixonado como era pelo teatro, na crônica da semana seguinte, outra vez demonstrou insatisfação com Custódio de Melo:

> Hoje, sábado, os teatros estão fechados, e é natural que tão cedo não se abram.
> Ninguém se anima a sair de casa a noite. Depois das oito horas, o Rio de Janeiro toma o melancólico aspecto de uma cidade deserta.
> Já o outro dia dissemos que centenas de famílias há, que vivem exclusivamente dos nossos teatros. Imaginem os leitores a miséria em que toda essa gente é atirada pela revolta
> O Sr. Custódio de Melo é perseguido por um coro de maldições, entoado pelos atores, atrizes, coristas, músicos, maquinistas, pontos, contra-regras, comparsas, bilheteiros, porteiros, fiscais, alfaiates, costureiras, cabeleireiros, aderecistas, carpinteiros, camaroteiras, puxa-vistas, etc. Não há duvida: o *brav'amiral* está popularizado!

Como já fora visto na "Crônica Fluminense", a Revolta da Armada prejudicou a capital de diferentes maneiras e, no fragmento acima, o cronista mostrou que, para além do fato de as companhias não colocarem peças em cartaz pela falta de público, o prejuízo estendia-se a todos aqueles que dependiam do mundo cênico. Interessa destacar a responsabilização de Custódio de Melo por toda a circunstância em que o teatro e o país encontravam-se. Assim, Azevedo, em momento algum, questionou a postura de Floriano, pois compartilhava da ideia de que era necessária uma intervenção eficaz contra o levante.

As notícias que se seguiram continuavam mostrando um público assolado pela revolta. Ao informar que a companhia Sansone colocara em cartaz *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, lamentou-se, pois mesmo que houvesse muitos anos a ópera não fosse cantada no Rio de Janeiro "havia no teatro muitos lugares vazios, e os espectadores que lá se achavam tinham

[139] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 320, set. 1893.

ainda nos ouvidos o eixo da artilharia das fortalezas".[140] Devia ser delicada a situação das companhias, pois precisavam competir com os espetáculos proporcionados pela revolta. E mais à frente, ao comentar a inauguração do Éden Concert Fluminense, completou: "Ainda lá não fui. Decididamente deixo-me ficar em casa nestas noites revolucionárias, a menos que me atraia um grande motivo artístico". Se até mesmo Artur Azevedo estava desanimado com a situação, o que se poderia esperar dos espectadores "comuns"?

A revolta alterou bastante o cenário teatral do ano de 1893, de modo que, ao comentar a estreia da *Aída*, de Verdi, no Politeama, pela companhia Sansone, confessou ao leitor que não fora assistir, por três motivos: porque se ouviam tiros, chovia muito e a revista *O Álbum* não fora convidada para o espetáculo. Mas ainda assim, tentou animar o leitor: "Dizem-me que a companhia é a melhor que se pode exigir em tempo de revolta, e que, apesar dos pesares, o público foi ao Politeama". Mas logo se contradisse com o seguinte comentário: "os artistas do sr. Sansone fariam mais negócio num teatro improvisado a bordo do *Aquidabã* ou na fortaleza de Villegaigon. No Rio de Janeiro, atualmente, só eles, os revoltosos, tem alma para divertir-se".[141] A exasperação com a revolta ficou especificada mesmo numa seção de notícias de espetáculos, pois à sua maneira concisa, dava o seu recado.

Após outubro de 1893, a revista ficou até abril de 1894 sem ser veiculada e, quando do retorno d'*O Álbum*, já não houve mais comentários sobre a guerra civil, pois em março de 1894, o marechal Floriano Peixoto, com o apoio do Exército, do Partido Republicano Paulista e com uma nova frota de navios, conseguiu por fim à revolta. Pode-se dizer que realmente a crise político-econômica ocasionou o fechamento ou a baixa de público em muitos teatros na capital.

3.4 Por fim, crítico e cronista?

A respeito da seção "Teatros", que Azevedo assinava com o pseudônimo X.Y.Z., seu papel era de observador da vida teatral da capital, o Rio de Janeiro. Fica, então, a pergunta: e a crítica? Seria um aspecto secundário em sua seção "Teatros" d'*O Álbum*? Ou o autor teria utilizado o espaço da crônica para tal exercício? Sabe-se que a maleabilidade da crônica abria espaço para a crítica, e, por isso, pode-se dizer que as questões têm respostas afirmativas. Isso suscitaria outro ponto: suas apreciações sobre o teatro poderiam ser apenas impressões pessoais de um admirador da arte dramática?

[140] X.Y.Z. Teatros. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 42, p. 336, out. 1893.
[141] Ibid.

Como se pode notar, “Teatros” foi uma seção diferente tanto daquelas que ele já havia assinado quanto daquelas que ainda assinaria. Ela não tinha, por exemplo, a flexibilidade de abordar outros temas, pois o escritor já dispunha de outro espaço dentro da revista para fazer isso. No quesito crítica, ficou perceptível que sua preocupação maior era com o desempenho dos atores e com o trabalho das companhias, não adentrando em temas como falta de decoro, travesti e falta de educação do público, dentre outros. Aliás, é possível elencar três elementos como sendo os principais em suas ligeiras notícias dos espetáculos em cartaz: a observação do respeito às regras dos gêneros, a preferência para que cada ator trabalhasse de acordo com sua especialidade e um olhar apurado sobre os serviços das companhias, fossem nacionais ou estrangeiras.

Portanto, ao final dessa incursão pelas crônicas da seção “Teatros”, não é tarefa fácil tentar precisar com clareza se Artur Azevedo foi mais cronista ou mais crítico, porque, ainda que as análises fossem ligeiras, as críticas existiram, até mesmo com preferência por certos elementos. Por isso, se sua seção na revista *O Álbum* não era pormenorizada nas abordagens, parecendo um grande painel dos diferentes espetáculos em cartaz, ainda assim, possibilita entrever o cronista exercendo o papel de crítico.

Nessa perspectiva, pode-se abordar novamente a “crônica-comentário” proposta por Coutinho, porque, segundo sua classificação, ela traz um comentário geral dos mais diversos acontecimentos, acumulando muita coisa diferente ou díspar. No caso da seção aqui estudada, adota-se a categoria com a alteração de que traria um comentário geral dos muitos espetáculos em cartaz, ora com um olhar crítico mais apurado, ora, como já foi mencionado, fornecendo apenas a informação de quais eram os espetáculos em cena.

Tratando da dramaturgia brasileira no final do século XIX, convém ainda questionar: por que Azevedo não teria demonstrado por meio de “Teatros” sua devoção à arte dramática tão comum em suas outras crônicas? Já se adiantou que esse não parecia ser o objetivo maior da seção; no entanto, importa lembrar que mesmo sem esse tipo de abordagem, a veneração de Artur Azevedo está presente em cada linha de sua crônica, mesmo que implicitamente.

Basta notar sua frustração com a falta de novidades em relação a espetáculos e com o desinteresse do público. E o que dizer então de sua alegria com a presença de Sarah Bernhardt em terras brasileiras? Isso se explicita também quando da percepção de seu estímulo aos artistas, às companhias teatrais, junto às sugestões para que melhorassem, o que esclarece seu amor pela dramaturgia. E mesmo numa época tão conturbada como fora o ano de 1893, ele participou ativamente da vida teatral, assistindo um bom número de espetáculos.

Era, ainda, um escritor que andava em mão dupla, exercendo o papel de criador e crítico, além de ser um leitor do assunto. Entendia da matéria, pois o teatro era uma constante em seu trabalho. Vale destacar que ele foi o responsável pela consagração do gênero revista de ano junto ao público brasileiro. Sobre sua importância para o teatro, Artur Azevedo pode não ter sido o maior dramaturgo de sua época, mas foi "o eixo em torno do qual girou o teatro brasileiro".[142]

Encontram-se em "Teatros" muitos dos elementos que foram agrupados por Süssekind e Neves, o que legitima tais características como comuns na crônica/crítica teatral do escritor. Dos textos comentados, em quase todos há uma pequena crítica, que pode ser a respeito apenas da peça, ou do ator, da escolha do empresário, ou servindo como um lembrete sobre os espetáculos em cartaz. Percebe-se que são critérios voltados para o espetáculo, sem seguir os princípios de nenhuma escola literária, o que coaduna com sua alegação de que não era um crítico especialista. Dificilmente o autor dedicou seu espaço na revista à crítica de uma única peça, o que entraria em contradição com o caráter miscelânico da crônica e do próprio Artur Azevedo.

[142] PRADO, Décio de Almeida. A passagem do século: a burleta. In: Idem. *História Concisa do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. p. 145.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Artur Azevedo foi um escritor que teve uma atuação intensa no meio intelectual no final do XIX e início do XX, pois escreveu contos, poesias, peças teatrais, crítica e crônica, foi responsável por adaptações e traduções, atuando, ainda, na direção de periódicos. Junto a essas diversas produções, acumulava um cargo de funcionário público. Porém, em sua época, a superposição de papéis era muito comum, uma vez que era difícil para um artista sobreviver apenas de sua produção literária e jornalística. Assim, essa extensa colaboração, longe de ser um elemento limitador em relação à qualidade de suas obras, legitima o esforço de valorizá-lo como uma personalidade fundamental às letras brasileiras.

Com a proposta aqui realizada, espera-se colaborar para uma maior divulgação e mesmo um maior reconhecimento de outros aspectos da carreira literária de Artur Azevedo, que não seja apenas aquele relacionado à dramaturgia. Certamente, é quase impossível abordar o escritor em questão sem adentrar o teatro, entretanto, conseguiu-se propiciar um aprofundamento acerca de suas outras facetas, como a de diretor literário, – alcunha pela qual ele mesmo se tratava, – e cronista de variedades, além de uma abordagem pouco comum quando se trata de Azevedo: a sua recepção aos novos livros de literatura que surgiram no período de publicação d'*O Álbum*.

Ademais, ao cumprir esse trajeto, outros pontos interessantes puderam ser trazidos à discussão, tais como sua admiração pelo marechal Floriano Peixoto, sua antipatia pelo editor francês B. L. Garnier, sua postura ainda pouco compreensiva com o Simbolismo, que então se iniciava, sua percepção quanto à importância das publicações periódicas para gerações posteriores, sua preocupação em ser inteligível para diferentes leitores, dentre outras temáticas que foram abordadas, sem a intenção de esgotá-las, tendo em vista a impossibilidade de fazê-lo, pois as perspectivas abertas com a leitura da revista são muitas.

Certamente, a tarefa apresentava alguns desafios, porque, ao trabalhar com uma revista rara, inicialmente acessível somente em microfilme, com pouca divulgação e com uma distância cronológica de mais de um século, foi preciso lidar com traços peculiares do material, como a falta de uma bibliografia mais específica a respeito de certos temas que acabaram restritos à época e, até mesmo, a falta de referência sobre alguns dos colaboradores da publicação. Contudo, apesar desses aspectos, pensando numa tentativa de contribuir para a consolidação/formação do patrimônio brasileiro e salvaguardar a memória de um escritor relevante para a cultura nacional, e ainda, pensando na probabilidade de despertar no leitor de hoje o interesse por Artur Azevedo, pode-se dizer que este trabalho, vencidas as intempéries, pode contribuir com os estudos de literatura e periódicos.

Para tanto, no primeiro capítulo, buscou-se apontar em que meio a revista literária *O Álbum* foi lançada, com o intuito de entender qual o mercado que ela encontrou, qual seria seu público alvo, se havia coerência da estética literária predominante na revista com o momento da publicação, a escolha dos textos veiculados e também sua circulação em um período tão conturbado da história nacional. Atentar para esses fatos possibilitou chegar à hipótese de que o motivo de a revista não ter passado dos cinquenta e cinco números não fora único, mas sim uma conjunção de fatores que a levaram à extinção, tais como a falta de leitores, uma época pouco propícia para publicações estritamente literárias, a ausência de propagandas, – um importante auxílio financeiro para essas revistas, – e, quem sabe, a exaustão do próprio diretor.

Essa abordagem inicial, na verdade, uma apresentação dos fatores internos e externos reguladores da publicação, também possibilitou averiguar a recepção do comediógrafo à nova estética que chegava por aqui, o Simbolismo. Por meio da leitura das resenhas a livros novos de seus pseudônimos Amarante e Cosimo, viu-se uma postura não muita aberta às inovações; entretanto, como se ressaltou, não numa atitude severa, afinal, embora tenha desferido duras palavras a muitos de seus resenhados, a prosa poética simbolista publicada na sua revista é

considerável e prova de que, se Artur Azevedo não entendia bem a proposta, nem por isso a rechaçou das páginas de seu periódico.

Ainda nesse capítulo, a contradição presente na revista entre o tradicional e o moderno pôde ser ponderada, haja vista o formato bastante conservador da publicação e a presença da biografia de figuras notáveis, de caráter acentuadamente clássico, frente à transformação técnica representada pelo encarte com um retrato fotográfico. E também, ressalte-se que, além da modernidade da fototipia, havia os ainda incomuns poemas em prosa com elementos do simbolismo junto aos textos da já consagrada estética parnasiana.

Partindo para o segundo capítulo, como o objetivo maior da dissertação era enfocar a colaboração de Artur Azevedo na revista com duas seções permanentes de crônicas, abordou-se, primeiramente, a "Crônica Fluminense". Seu trabalho como cronista do cotidiano costuma ser menos comentado, pois dentro dos estudos sobre sua produção sempre sobressaiu tudo o que era relacionado ao teatro. Assim, a leitura propiciada pela seção foi muito interessante, porque as crônicas explicitavam o ponto de vista do autor sobre diferentes temas. Dessa forma, seu entendimento em relação a assuntos momentosos, como a revolução federalista e a revolta da armada, o jogo do bicho, a derrubada de cortiços, a presença de atores estrangeiros famosos, dentre muitos outros, puderam ser conhecidos ou, pelo menos, confirmados.

Foi possível, também, averiguar características comuns às crônicas, como a conversa com o leitor, o uso de expressões populares, a presença de determinadas figuras de retórica, a reflexão metalinguística sobre o ofício de cronista, o uso da ironia para suscitar o riso e outros mecanismos que fazem de sua "Crônica Fluminense", como tantas de suas outras seções veiculadas em diferentes periódicos, ainda interessantes para os leitores de agora, como certamente agradavam muito seus leitores contemporâneos.

No terceiro e último capítulo, tratou-se da seção "Teatros", com a intenção de apontar quais eram os elementos norteadores das "ligeiras notícias dos espetáculos em cartaz" e relacionar tais elementos aos já apontados em estudos de diferentes pesquisadores sobre outra crônica teatral escrita por Artur Azevedo. Delineou-se que por trás de suas crônicas, havia sempre o propósito de cultivar as artes cênicas, o que ajuda a explicar tamanha variação tanto na forma de abordagem quanto na extensão, haja vista a existência de outra preocupação além de apenas produzir uma crítica sistemática. Lembrando ainda, que a variável em relação à dimensão ocupada na página, era ocasionada principalmente porque essa seção finalizava a revista e ficava lançada à sorte de ter ou não espaço o suficiente para as considerações.

Nessa perspectiva, as crônicas teatrais veiculadas n'*O Álbum* eram uma maneira de tentar colaborar para o desenvolvimento daquilo que ele acreditava ser essencial a uma nação.

Ao dar orientações ao público, repreender e enaltecer atores e aconselhar empresários, por exemplo, o comediógrafo pretendia melhorar o teatro nacional, ao mesmo tempo em que, ao veicular críticas e comentários às peças em cartaz, divulgava produções, o que estimulava a ida do público aos teatros.

Por isso, convém retomar as palavras de Sábato Magaldi, quando assegura que "aceitar ou negar Artur Azevedo define as posições em face do teatro nacional. Quem o compreende e estima gosta do nosso palco. Quem o desconhece ou diminui, implicitamente recusa a existência da nossa atividade cênica".[1] Trazer à luz suas crônicas de teatro publicadas n'*O Álbum*, só faz aumentar seu prestígio enquanto defensor da arte dramática. E pode-se aplicar as palavras de Magaldi para as outras colaborações de Azevedo na imprensa de seu tempo, de modo a se considerar que, desconhecê-lo ou diminuí-lo nesse âmbito, é negar igualmente uma figura fundamental na cultura brasileira do entre-séculos XIX e XX.

Reforça-se que a dissertação não teve apenas o intuito de atribuir a Artur Azevedo sua característica de polígrafo, apontando, assim, para sua versatilidade. Espera-se que a proposta desenvolvida possa ajudar a ampliar o conhecimento relacionado a outros campos de atuação do escritor, para além do teatro e de contos divertidos, que são os dados sempre mencionados pela historiografia literária. Há ainda a expectativa de que este trabalho seja o início de outras pesquisas a respeito da revista *O Álbum*, – cuja consulta fica mais prática devido aos volumes 2 e 3, que a trazem na íntegra, – e também estimule o estudo sobre outras produções de Artur Azevedo em diferentes periódicos ainda esquecidos.

[1] MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 166.

REFERÊNCIAS

O Álbum. Rio de Janeiro, jan. 1893 – jan. 1895. Hebdomadário.

AGUIAR, Flávio. A dor e o júbilo: Artur Azevedo e a formação da dramaturgia brasileira. In: *Sala preta*. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas - ECA - USP, n.3, 2003. p. 143-157.

ALENCAR, José de. Ao correr da pena, 19 nov. 1854. In: _____. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995. p. 52-58.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Hoje não escrevo. In: _____. *O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 120-121.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil*: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. Movimento literário do ano de 1893. In: _____. *Obra crítica de Araripe Jr*. Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958. p. 105-193. v. II.

_____. Recordações do Club Rabelais. In: _____. *Obra crítica de Araripe Jr*. Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958. p. 23-30. v. V.

ARAÚJO, Antônio Martins. *Artur Azevedo*: a palavra e o riso. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1988.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, p. 43-53, jan - dez 1985.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Comentários da semana. In: *Machado de Assis* – obra completa. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/cronica/macr01.htm>. Acesso em 29 set. 2009.

AZEVEDO, Artur. *Contos Cariocas*. Rio de Janeiro: L. Ribeiro, 1928.

_____. *Contos de Arthur Azevedo*: os "Efêmeros" e os inéditos. Introdução e seleção de Mauro Rosso. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *Contos em Verso*. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, 1909.

_____. *Contos Fora da Moda*. Rio de Janeiro: Prado, 1955.

_____. *Contos Ligeiros*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

_____. *Melhor teatro Artur Azevedo*. Seleção e prefácio Bárbara Heliodora. São Paulo: Global, 2008. (Melhor teatro / Direção Sábato Magaldi)

_____. *Melhores contos*. Introdução e seleção de Antonio Martins de Araújo. São Paulo: Global, 2001.

AZEVEDO, Artur. *O Tribofe*. Estabelecimento de texto, notas e estudo linguístico de Rachel T. Valença. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.

_____. *Rimas de Arthur Azevedo* - recolhidas dos jornais, revistas e outras publicações por Lindolfo Xavier. Rio de Janeiro: Tipografia da Cia. Industrial Americana, 1909.

_____. *Teatro a vapor*. Organização, introdução e notas de Gerald M. Moser. Rio de Janeiro: Cultrix, 1977.

_____. *Teatro completo de Artur Azevedo*. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 2002. 2 v.

_____. *Vida Alheia*. Rio de Janeiro: L. Ribeiro, 1929.

AZEVEDO SOBRINHO, Aluísio. Artur Azevedo visto por Aluísio Azevedo Sobrinho. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Retratos de Família*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968. p. 176-191.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: _____ et al. *Textos escolhidos*. Tradução de José Lino Grünnewald. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 3-28. (Os pensadores).

BILAC, Olavo. A um poeta. In: _____. *Tarde*. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919. p. 118-119. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292700>. Acesso em 20 ago. 2009.

_____. Artur Azevedo. In: DIMAS, Antonio (Org.). *Vossa Insolência*: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 105-111.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: _____. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papirus, 1996. p. 74-82.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. Introdução. In: ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. *Araripe Junior*: teoria, crítica e história literária. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

BRAGA, Claudia. *Em busca da brasilidade*: teatro brasileiro na primeira república. São Paulo: Editora Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2003.

BRITO, Rubens J. S. *A linguagem teatral de Artur Azevedo*. 1989. Dissertação. (Mestrado em Artes Cênicas). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

BROCA, Brito. *A Vida literária no Brasil* – 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Academia Brasileira de Letras, 2005.

_____. *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas*: vida literária do Realismo ao Pré-modernismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

BULFINCH, Oliver. Hércules. In: _____. *O livro de ouro da mitologia*: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Jr. 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 176-185.

CAIRO, Luiz Roberto. *O salto por cima da própria sombra*. São Paulo: Annablume, 1996.

CAMARGO, Maria de Lucia Barros. Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. In: *Continente Sul Sur*. Revista do Instituto Estadual do livro, n. 2, p. 111-120, 1996.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____ . (Org.). *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 13-22.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. *Literatura e sociedade:* estudos de teoria e história literária. 3. ed. rev. São Paulo: São Paulo Editora, 1973.

_____. Os primeiros baudelarianos. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 23-28.

_____. Prefácio. In: CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica*: o momento parnasiano-simbolista no Brasil. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-10.

CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica*: o momento parnasiano-simbolista no Brasil. São Paulo: Ática, 1983.

CAROLLO, Cassiana. (Org.) *Decadismo e Simbolismo no Brasil*: crítica e poética. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980. v. I.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados* – O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NÁPOLI, Roselis de Oliveira. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo-SP: IEB-USP, 1970. p. 6-25.

CAVALCANTI, José Dino Costa. *Aspectos cômicos em Arthur Azevedo: uma análise dos recursos de construção cômica em* A Capital Federal *e em* O mambembe. 2005. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de M. (Org.). *A História contada:* capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. *Cidade febril*: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COELHO, Marcelo. Jornalismo e crítica. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: SENAC: Itaú Cultural, 2000. p. 83-94.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. *A Conquista*. Porto: Chardron, 1921.

COSTA, Carlos Roberto da. *A revista no Brasil, o século XIX*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 1980. v. I.

_____. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. São Paulo: Global, 1997. p. 117-143. v. VI.

_____. Introdução. In: _____. *Caminhos do pensamento crítico.* Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, 1980.

_____; SOUSA, J. Galante de (Dir.). *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2. ed. rev., ampl., atual. e ilust. São Paulo: Global; Fundação Biblioteca Nacional; INL; Academia Brasileira de Letras, 2002.

CUNHA, Ciro Vieira da. *No tempo de Paula Nei*. São Paulo: Edição Saraiva, 1950.

D'AVILLA, Felipe Luiz. *Cosimo de Medici*: memórias de um líder renascentista. São Paulo: Ediouro, 2008.

DIAS, Paulo Sérgio. *Colcha de Retalhos*. Artur Azevedo, o teatro que divertia e formava: revistas de ano e "O Mambembe". 2004. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

DIMAS, Antonio. (Org.) *Bilac, o Jornalista*: crônicas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Editora da Unicamp, 2006. v. I.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Metodologia do trabalho intelectual*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

ECO, Umberto. Cultura de massa e "níveis" de cultura. In: _____. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 33-67.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro no meu tempo.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, jan.1893.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais*: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FARIA, João R. *As ideias teatrais no Brasil:* o século XIX. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O teatro na estante*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*: introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

FRAGOSO, Augusto. *O Álbum* – o último jornal literário de Artur Azevedo. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, v. 12, p. 171-6, dez. 1958.

FREIRE, Américo. *Uma capital para a república*: poder federal e forças públicas locais: o Rio de Janeiro na virada do século XX. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

FREIRE, Laudelino. *Pequena edição dos sonetos brasileiros*: 105 sonetos, 105 retratos. F. Briguiet & Cia, 1914.

GLEDSON, Jonh. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Bons dias*! Crônicas (1888-1889). Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec; Editora da Unicamp, 1990.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil:* sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lélio L. de Oliveira e Geraldo G. de Souza. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HODGART, Matthew. Las técnicas de la sátira. In: _____. *La sátira* [Satire]. Tradução de Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969. p. 108-131.

JANOTTI, Maria de Lourdes. *Os subversivos da república*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, jan. 1893.

KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil*. Século XIX. Funarte: Rio de Janeiro, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LARA, Cecília de. *Nova cruzada*: contribuição para o estudo do pré-modernismo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971.

LIMA, Simone Aparecida Alves. *Teatro a vapor de Arthur Azevedo*: um olhar satírico sobre o Rio de Janeiro do início do século XX. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista no Brasil*: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

_____; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

LUSTOSA, Isabel. *Histórias de Presidentes*. A República no Catete. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/FCRB, 1989.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Editora da UNB, 1988.

MACHADO NETO, Antonio Luís. *Estrutura da República das Letras*. São Paulo: Editora da USP, 1973.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Teatro Sempre*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MAGALHÃES Jr., Raimundo. *Arthur Azevedo e sua época*. São Paulo: LISA, 1971.

MALLINSON, J. G. *La Suivante*: une voix demi-gaie et demi-serieuse. In: _____. *The comedies of Corneille*: experiments in the comic. Manchester University Press: New Hampshire, 1984. p. 107-133.

MARTINS, Ana Luiza. *O despertar da República*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial; Edusp; FAPESP, 2001.

MARTINS, Hélio Leôncio. *A Revolta da Armada* – 1893. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1995.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República consentida*: cultura democrática e científica do final do Império. São Paulo: FGV, 2007.

MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena aberta*: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo*: vida e obra (1857-1913). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio. (Org.) *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992. p. 93-133.

MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. Prosa I. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *A criação literária*. Prosa II. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. *O Simbolismo (1893-1902)*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. v. IV.

MONTELLO, Josué. *Artur Azevedo e a arte do conto.* Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

_____. *Uma palavra depois da outra*. Notas e estudos de literatura. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

MORASCO, Cibele Cristina. *Fora do palco, dentro da vida*: o contista Arthur Azevedo e o Rio de Janeiro de sua época. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

MORIN, Edgar. Um terceiro problema. In: _____. *Cultura de massas no século XX*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

NAGAMINI, Marilda. Ciência e técnica na trilha da liberdade. In: MOTOYAMA, Shozo (Org.). *Prelúdio para uma história*: ciência e técnica no Brasil. São Paulo: Unesp, 2004. p. 135-184.

NEEDEL, Jefrey D. *Belle époque tropical.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Larissa de Oliveira. *As Comédias de Artur Azevedo*: em busca da História. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____. *"O Teatro":* Artur Azevedo e as crônicas da Capital Federal (1894 – 1908). 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____; LEVIN, Orna Messin (Org.). *O theatro*: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1995. p. 15-32.

_____. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992. p. 75-92.

A Notícia. Rio de Janeiro, 1894 – 1908.

OLIVER, Nelson. Armida. In: _____. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 348.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *Viva o rebolado!* Vida e morte do teatro de revista brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PENNA, Lincoln de Abreu. *O progresso da ordem*: o florianismo e a construção da república. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

_____. *Por que somos florianistas?* Ensaios sobre florianismo e jacobinismo. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

PEREIRA, Leonardo A. de M. *Carnaval das Letras:* literatura e folia no Rio de janeiro do século XIX. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Depto Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Escolher e/é julgar. *Cadernos da Colóquio/Letras*. Lisboa, n.1, p.159-171, s.d.

PRADO, Décio de Almeida. *Exercício Findo*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *História Concisa do teatro brasileiro.* São Paulo: Edusp, 1999.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1992.

QUEIRÓS, Suely Robles Reis de. *Os radicais da República*. Jacobinismo: ideologia e ação, 1893-1897. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986

RIBEIRO, José Alcides et al. Aspectos históricos, editoriais e dos gêneros textuais do *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Tarde*, *Marmota Fluminense* e *O Estado de São Paulo*. *Anais* do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Mesa apresentada no III Colóquio Multitemático em Comunicação. Natal / RN, 2008.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Da nacionalidade da literatura brasileira. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Americana, 1974. v. I.

ROCHA JUNIOR, Alberto F. da. *Teatro brasileiro de revista:* de Artur Azevedo a São João del-Rei. 2002. Tese (Doutorado em Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. SP, v. 46, p. 9-16, jan-dez. 1985.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O cronista é um escritor crônico. *Releituras*. Disponível em <http://www.releituras.com/arsant_ocronista.asp>. Acesso em 15 ago. 2009.

SCHULZ, John. *O exército na política*: origens da intervenção militar - 1850-1894. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SEIDL, Roberto. *Artur de Azevedo*: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Editora Abc, 1937.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SILVA, Ana Carolina Ferracin da. *Entre a pena e a espada*: literatos e jacobinos nos primeiros anos da República (1889-1895). 2001. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVEIRA, Pedro da. *Os últimos luso-brasileiros*: sobre a participação dos brasileiros nos movimentos literários portugueses do Realismo à dissolução do Simbolismo. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.

SIMÕES JUNIOR, A. S. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 235-246, 2004.

SIMÕES JUNIOR, A. S. Retratos e poemas d'*O Álbum* (1893-1895) de Artur Azevedo. In: CAIRO, Luiz Roberto Velloso; MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Questões de crítica e de historiografia literária*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 9-26.

SODRÉ, Muniz. Prefácio. In: PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, João Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2.v.

SÜSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Cinematógrafo de letras*: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 355-404.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil*: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TURAZZI, Maria Inez. Quadros de história e pátria: fotografia e cultura histórica oitocentista. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia B. (Org.). *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VALENÇA, Rachel Teixeira. Nas entrelinhas de "O Teatro". In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 333-343.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Apresentação de Jacques Leenhardt. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: SENAC: Itaú Cultural, 2000. p. 13-17.

VENEZIANO, Neyde. *O teatro de revista no Brasil*: dramaturgia e convenções. Campinas: Unicamp, 1991.

XAVIER, Lindolfo. *Machado de Assis no tempo e no espaço*. Rio de Janeiro: Co-editora Brasílica, 1940.

ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco*: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

APÊNDICE A

Dados biográficos dos escritores que tiveram textos publicados n'*O Álbum*

NOTA EXPLICATIVA

A maior parte das informações sobre os escritores foram retiradas da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (2002), com direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. Assim, estabeleceu-se como parâmetro para referenciá-la a sigla ELB, seguida da página. No caso de outros livros consultados, como foi de forma esporádica, optou-se por referenciar em nota de rodapé. Quando não há referência, é porque são informações de conhecimento geral.

A. – pseudônimo de Artur Azevedo.

A. A. – pseudônimo de Artur Azevedo.

A. C. de Meneses (Antônio Frederico C. de M. e Sousa, Taubaté, SP, 11 jul. 1849 – Rio de Janeiro, RJ, 1915) – teatrólogo, compositor, jornalista, diplomata em direito. (ELB, p. 1059)

A. Camarate (Alfredo C., Lisboa, Portugal, 10 mar. 1840 – São Paulo, SP, 27 jan. 1904) – jornalista, crítico, arquiteto. (ELB, p. 406)

A. Foscolo (Antonio F., Sabará, MG, 14 nov. 1864 – Belo Horizonte, MG, 29 ago. 1944) – romancista, teatrólogo, jornalista, membro da ABL. (ELB, p. 727)

A. Gasparoni (Alexandre Gasparoni, Curuaçu, Antilhas Holandesas, 18 set. 1865 – Rio de Janeiro, RJ, 1919) – contista e jornalista. (ELB, p. 756)

A. J. Teixeira Lopes – não foram encontradas informações.

A. Peres Junior (Antonio P. J., Rio de Janeiro, RJ, 28 jul. 1865 – 15 out. 1943) – poeta e jornalista. (ELB, p. 1043)

Adelina Lopes Vieira (A. Amélia L. V., Lisboa, Portugal, 1850 – s.d.) – poeta, professora, teatróloga, contista. (ELB, p. 1628)

Adelino Fontoura Chaves (Axixá, 29 mar. 1859 – Lisboa, 2 maio 1884) – poeta, prosador, militar, jornalista. (ELB, p. 724)

Adolfo Caminha (Aracati, CE, 29 maio de 1867 — Rio de Janeiro, RJ, 1 de janeiro de 1897) – romancista, contista, crítico e jornalista. (ELB, p. 409)

Alberto de Oliveira (Antonio Mariano A. de O., Saquarema, 28 de abril de 1857 — Niterói, 19 jan. 1937) – poeta, professor, farmacêutico, secretário estadual de educação. (ELB, p. 1179)

Alberto Figueiredo Pimentel (Macaé, Rio de Janeiro, 11 out. 1869 — Rio de Janeiro, RJ, 5 fev. 1914) – romancista, cronista, diplomata, contista, poeta e jornalista. (ELB, p. 1261)

Alberto Sousa (João A. S., Santos, SP, 20 jun. 1870 – São Paulo, SP, 28 set. 1927) – poeta, prosador, critico literário, historiador, conferencista, jornalista. (ELB, p. 1526)

Aledero Severo – não foram encontradas informações.

Alexandre Fernandes (A. José de Seixas F., Porto Alegre, RS, 24 jul. 1863 – Salvador, BA, 30 mar. 1907) – poeta, teatrólogo, jornalista, contista. (ELB, p. 678)

Alfredo Bastos (PA, 1854 – s/d) – jornalista, romancista, teatrólogo, crítico. (ELB, p. 339)

Alfredo de Magalhães – encontrou-se referência a uma crítica de Araripe Junior sobre o livro de versos *Ardentias* (1890) de sua autoria.[1]

Aluísio Azevedo (A. Tancredo Gonçalves A., São Luís, MA, 14 abr. 1857 – Buenos Aires, Arg., 21 jan. 1913) – além de romancista, cultivou a poesia, a crônica e o tetro. Foi membro da ABL. (ELB, p. 295)

Álvares de Azevedo Sobrinho (Manuel Antonio Á. de A. S., Rio de Janeiro, RJ, 25 jul. 1870 – Niterói, RJ, 9 jul. 1905) – poeta, jornalista, teatrólogo, político. (ELB, p. 302)

Amarante – pseudônimo de Artur Azevedo.

Américo Lobo (A. L. Leite Pereira, Campanha, MG, 28 jun. 1841 – Rio de Janeiro, RJ, 1 out. 1903) – poeta, tradutor, dipl. direito, político e Ministro do Supremo tribunal Federal. (ELB, p. 968)

Américo Moreira (28 nov. 1857, São Salvador, BA).[2]

Aníbal Falcão (A. Mesquita F., 1859, Recife, PE, 10 nov. 1859 – Barra Mansa, RJ, 7 jun. 1900) – teatrólogo, ensaísta, jornalista, dipl. Direito, político, abolicionista. (ELB, p. 669)

Antonio da Cunha Mendes (Maranguape, CE, 15 mar. 1875 – São Paulo, SP, 2 jun. 1934) – poeta, romancista, jornalista, advogado. (ELB, p. 1055)

Antonio Lima (Vassouras, RJ, 30 mar. 1864 – s/d) – poeta, prosador, romancista. (ELB, p. 925)

Antonio Peres Junior (Rio de Janeiro, RJ, 28 jul. 1865 – 15 out. 1943) – poeta e jornalista. (ELB, p. 925 – vem referenciado como Teles de Meireles)

Antonio Pinto – não foram encontradas informações.

Antonio Sales (Paracuru, CE, 13 jun. 1868 – Fortaleza, CE, 14 nov. 1940) – poeta, romancista, teatrólogo, crítico. (ELB, p. 1429)

Arinos Pimentel – jornalista carioca.

Artur Andrade (Itapira, SP, 5 jun. 1872 – São Paulo, SP, 25 abr. 1902) – poeta, jornalista, professor. (ELB, p. 231)

---

[1] CAIRO, Luiz Roberto. Textos de Araripe Junior. In: Idem. *O salto por cima da própria sombra*. São Paulo: Annablume, 1996. p. 223.

[2] Essa foi a única informação sobre autor encontrada em FREIRE, Laudelino. *Pequena edição dos sonetos brasileiros*: 105 sonetos, 105 retratos. F. Briguiet & Cia, 1914.

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A., São Luís, MA, 7 jul. 1875 – Rio de Janeiro, RJ, 22 out. 1908) – cronista, contista, jornalista, teatrólogo, poeta, membro fundador da ABL. (ELB, p. 298)

Artur Barreiros (Rio de Janeiro, RJ, 29 dez. 1856 – 17 fev. 1885) – contista, jornalista. (ELB, p. 323)

Artur Guimarães (A. Ferreira Machado G., Rio de Janeiro, RJ, 9 mar. 1871 – Niterói, RJ, 23 nov. 1931) – romancista, teatrólogo, jornalista, diplomata. (ELB, p. 810)

Artur Mendes – poeta. (ELB, p. 1054)

Auguste Dorchain (Cambrai, 19 mar. 1857 – Paris, 8 fev. 1930) – escritor e poeta francês.

Augusto Brito (MA., 1848-1899) – teatrólogo. (ELB, p. 384)

Avelar Filho (Antonio Gomes Ribeiro A. F., RJ, ? - ?, abr. 1900) – poeta. (ELB, p. 292)

Belzebut – na revista, pseudônimo de José Pinto Siqueira.

Bento Ernesto Junior (Itapecerica, MG, 25 ago. 1855 – São João del-Rei, MG, 9 jan. 1943) – poeta, contista, jornalista. (ELB, p. 640)

Bernardo de Oliveira – irmão do poeta Alberto de Oliveira.

C. Brunetto (pseudônimo de Belarmino Carneiro Cavalcanti de Albuquerque, Pau Dalho, PE, 23 maio 1847 – Rio de Janeiro, RJ, 26 out. 1918) – poeta, jornalista, político. (ELB, p. 437)

C. Vedrini – não foram encontradas informações.

Castro Soromenho – não foram encontradas informações, apenas as que foram referenciadas no primeiro capítulo.

Celso de Meneses – não foram encontradas informações.

Claudio de Sousa Junior – não foram encontradas informações.

Correia de Almeida (José Joaquim C. de A., Barbacena, MG, 4 set. de 1820 – 6 abr. 1905) – sacerdote, poeta e professor. (ELB, p. 195)

Cosimo – pseudônimo de Artur Azevedo.

Damasceno Vieira (João D. V. Fernandes) (Porto Alegre, RS, 6 maio 1850 – Salvador, BA, 6 mar. 1910) – poeta, teatrólogo, jornalista, historiador. (ELB, p. 1630)

E. le Mouel – não foram encontradas informações.

E. Magnus – não foram encontradas informações.

Edme Paze – não foram encontradas informações.

Elói, o herói – pseudônimo de Artur Azevedo.

Emiliano Perneta (Sítio dos Pinhais, PR, 3 jan. 1866 – Curitiba, PR, 19 jan. 1921) – professor, jornalista, advogado, promotor, poeta. (ELB, p. 1254)

Emílio Nunes Correia de Meneses (Curitiba, 4 jul. de 1866 — Rio de Janeiro, 6 jun. 1918) – jornalista, poeta. (ELB, p. 1060)

Esequiel Ramos Junior (E. de Paula R. J.) (Limeira, SP, 29 jan. 1874 – Jundiaí, SP, 18 dez. 1928) – poeta, compositor, crítico, teatrólogo. (ELB, p. 1340)

F. V. Nogueira – não foram encontradas informações.

Fantasio – pseudônimo de Olavo Bilac.

Ferreira de Campos – não foram encontradas informações.

Figueiredo Pimentel (Alberto F. P., Macaé, RJ, 11 out. 1869 – Rio de Janeiro, RJ, 5 fev. 1914) – poeta, romancista, cronista, jornalista, tradutor. (ELB, p. 1261)

Francisca Júlia da Silva (Xiririca, atual Eldorado, SP, 31 ago. 1874 – São Paulo, SP, 1 nov. 1920) – poeta, autora de obras diáticas, professora. (ELB, p. 1492)

Francisco Lins (F. Acióli da Cunha L., Ubá, MG, 9 maio 1866 - ?, 1933) – poeta, jornalista, professor. (ELB, p. 944)

Frederico Rhossard – poeta paraense.

Fricinal Vassico – única referência: o conto “O velho Lima”, de Artur Azevedo, foi dedicado a ele.

Gavroche – pseudônimo de Artur Azevedo.

Georgina Teixeira – poetisa.

Guimaraens Passos (Sebastião Cícero dos G. P., Maceio, AL, 22 mar. 1867 – Paris, França, 9 set. 1909) – poeta, jornalista. (ELB, p. 1222)

Henriqueta (2ª) – não foram encontradas informações.

Ignótus – pseudônimo de Joaquim Serra. (ELB, p. 843)

Inês Sabino (I. S. Pinto Maia, Salvador, BA, 31 dez. 1853 – Rio de Janeiro, RJ, 13 set. 1911) – poeta, contista, romancista, memorialista, biógrafa. (ELB, p. 1426)

Inglês de Sousa (Herculano Marcos I. de S., Óbidos, PA, 28 dez. 1853 – Rio de Janeiro, RJ, 6 set. 1918) – jornalista, romancista, professor, advogado, membro fundador da ABL. (ELB, p. 1530)

Isaías de Oliveira (Aracaju, CE, 8 jul. 1864 – s/d) – poeta, contista, jornalista. (ELB, p. 1182)

J. – é conhecido como pseudônimo de Machado de Assis. Porém, possivelmente não se trata do romancista.

J. de A. – não foram encontradas informações.

J. P. – não foram encontradas informações.

J.R.B. – não foram encontradas informações.

João Andréa (Rio de Janeiro, RJ, 28 abr. 1866 – s/d) – poeta, romancista, jornalista. (ELB, p. 237)

Joaquim Lamanho – não foram encontradas informações.

Joaquim Osório Duque-Estrada (Pati do Alferes, 29 abr. 1870 — Rio de Janeiro, 5 fev. 1927) – poeta, crítico literário, professor, teatrólogo e ensaísta brasileiro. (ELB, p. 618)

Joaquim Sarmanho – poeta paraense.

Josephin Soulary (Lyon, 23 fev. 1815 – Lyon, 28 mar. 1891) – poeta francês.

Júlio César da Silva (Xiririca, 23 dez. de 1872 — São Paulo, 15 jul. 1936) – poeta simbolista, contista, cronista, ensaista, crítico literário, tradutor. (ELB, p. 1496)

Julio Salusse (J. Mário S., Fazenda Gongui, Bom Jardim, RJ, 30 mar. 1872 – Rio de Janeiro, RJ, 30 jan. 1848) – poeta. (ELB, p. 1432)

L. de M. – pseudônimo de Lúcio de Mendonça.

Leônidas e Sá (L. Benício Mariz e S., Teresina, PI, 30 abr. 1867 – Recife, PE, 22 out. 1902) – poeta, prosador, jornalista, professor, advogado. (ELB, p. 1424)

Lilazia – não foram encontradas informações.

Lúcio de Mendonça (L. Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de M., Piraí, RJ, 10 mar. 1854 – Rio de Janeiro, 23 nov. 1909) – poeta, contista, romancista, crítico, jornalista, dipl. Direito, membro fundador da ABL. (ELB, p. 1058)

Luís Cassiano Junior (L. C. Martins Pereira, Sabará, MG, abr. 1868 – out. 1903) – romancista, advogado, político, professor. (ELB, p. 455)

Luís Murat (L. Barreto M., Resende, RJ, 4 maio 1861 – Rio de Janeiro, RJ, 3 jul. de 1920) – dipl. Direito, político, escrivão, jornalista, poeta. (ELB, p. 1123)

Luís Rosa (L. José da R., Rio de Janeiro, RJ, ? 1869 – 2 fev. 1865) – poeta, jornalista. (ELB, p. 1414)

M. V. – pseudônimo de Valentim Magalhães.

Machado de Assis (Joaquim Maria M. de A., Rio de Janeiro, 21 jun.1839 – Rio de Janeiro, 29 set. 1908) – poeta, romancista, dramaturgo, contista, jornalista e teatrólogo brasileiro. (ELB, p. 273)

Magalhães de Azeredo (Carlos M. de A., Rio de Janeiro, RJ, 7 set. 1852 – Roma, 4 nov. 1963) – poeta, crítico, membro fundador da ABL. (ELB, p. 294)

Manoel Benício (Vertentes de Taquaretinga, PE, 23 ago. 1861 – s/d) – poeta, teatrólogo, professor, tabelião. (ELB, p. 348)

Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas, RS, 18 nov. 1866 – Rio de Janeiro, RJ, 23 out. 1911) – poeta, contista, cronista, conferencista, jornalista, artista plástica. (ELB, p. 1450)

Mário Alencar (M. Cochrane de A., Rio de Janeiro, 30 jan. 1872 – 8 dez. 1925) – poeta, jornalista, contista, romancista, filho de José de Alencar. (ELB, p. 183)

Martins Júnior (José Isidoro M. J., Recife, 24 nov. 1860 — Rio de Janeiro, 22 ago. 1904) – poeta e ensaísta. (ELB, p. 1028)

Miguel Barros – não foram encontradas informações.

Morais e Silva (José de M. e S., Rio de Janeiro, RJ, 27 out. 1832 – Niterói, RJ, 30 set. 1896), poeta e teatrólogo. (ELB, p. 1495)

Moreira de Vasconcelos (Francisco M. de, Rio de Janeiro, RJ, 25 jul. 1859 – Palmares, PE, 23 fev. 1900) – poeta, teatrólogo, ator. (ELB, p. 1607)

Odorico Glória – colaborador do *Diário Popular*.

Olavo Bilac (O. Brás Martins dos Guimarães B., Rio de Janeiro, 16 dez. 1865 – Rio de Janeiro, 28 dez. 1918) – jornalista e poeta. (ELB, p. 354)

Ortigão Sampaio (Rio, 1866 – Porto, 1941) [3] – Na revista *O Álbum* há a informação de tratar-se de um jovem escritor português que diziam ser sobrinho de Ramalho Ortigão. [4]

Osório Duque-Estrada (Joaquim O. D.-E., Pati do Alferes, RJ, 29 abr. 1870 – Rio de Janeiro, RJ, 5 fev. 1927) – poeta, teatrólogo, crítico, conferencista, professor, membro da ABL. (ELB, p. 618)

Pardal Mallet (João Carlos de Medeiros P. M., Bagé, RS, 8 dez. 1864 – Caxambu, MG, 24 nov. 1895) – poeta, jornalista, romancista, dipl. direito. (ELB, p. 1003)

Paula Nei (Francisco de P. N., Aracati, CE, 2 fev. 1858 – Rio de Janeiro, RJ, 13 nov. 1897) – poeta, jornalista, membro fundador do Grêmio de Letras e Artes. (ELB, p. 1142)

---

[3] SILVEIRA, Pedro da. *Os últimos luso-brasileiros*: sobre a participação dos brasileiros nos movimentos literários portugueses do Realismo à dissolução do Simbolismo. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. p. 24.
[4] *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, p. 291, set. 1893.

Paulo Augusto – não foram encontradas informações. Antonio M. Araújo menciona Paulo Augusto como pseudônimo de Artur Azevedo, porém o conteúdo dos poemas não coaduna com a produção do comediógrafo.

Pedro Rabelo (P. Carlos da Silva R., Rio de Janieor, RJ, 19 jan. 1868 – 27 dez. 1905) – poeta, contista, jornalista. (ELB, p. 1333)

Pethion de Villar (pseudônimo de Egas Moniz Barreto de Aragão, Salvador, BA, 4 set. 1870-18 – nov. 1924) – poeta, contista, professor, ensaísta. (ELB, p. 252)

Plácido Júnior (Antonio P. Bittencourt J., Angra do Reis, RJ, 12 jun. 1884 – Angra dos Reis, RJ, 4 jan. 1938) – contista e poeta. (ELB, p. 1272)

Raimundo Correia (R. da Mota Azevedo C., Baía de Mogúncia, MA, 11 maio 1859 – Paris, 13 set. 1991) – poeta, professor, dipl. direito, membro fundador da ABL. (ELB, p. 531)

Raimundo de Sousa – não foram encontradas informações.

Raul Braga – poeta e contista.

Rodrigo Otávio (R. O. Langgaard de Meneses, Campinas, SP, 11 out. 1866 – Rio de Janeiro, RJ, 28 fev. 1944) – poeta, romancista, novelista, contista, memorialista, dramaturgo, conferencista. (ELB, p. 1197)

Silva Ramos (José Júlio da S. R., Recife, PE, 6 mar. 1853 – Rio de Janeiro, RJ, 15 dez. 1930) – poeta, cronista, ensaísta, filólogo, conferencista. (ELB, p. 1340)

Sílvio Romero (S. Vasconcelos da Silveira Ramos R., Lagarto, SE, 21 abr. 1851 – Rio de Janeiro, RJ, 18 jun. 1914) - (ELB, p. 1408)

Soares de Sousa Junior (Antonio José S. S. J., Paraíba do Sul, RJ, 7 abr. 1851 – Mendes, RJ, 5 fev. 1893) – poeta, teatrólogo, jornalista, político. (ELB, p. 1535)

Stéphane Mallarmé (Paris, 18 mar. 1842 – Valvins, 9 set. 1898) – poeta e crítico literário francês.

Temístocles Machado (Limoeiro, CE, 25 ago. 1874 – Senador Pompeu, CE, 5 ago. 1921) – poeta, prosador. (ELB, p. 991)

Urbano Duarte (U. D. de Oliveira, Lençóis, BA, 2 jan. 1855 – Rio de Janeiro, RJ, 10 fev. 1902) – teatrólogo, cronista, humorista, jornalista, membro fundador da ABL. (ELB, p. 616)

Valentim Magalhães (Antônio V. da Costa M., Rio de Janeiro, RJ, 16 jan. 1859 – 17 maio 1903) – jornalista, escritor, membro fundador ABL. (ELB, p. 997)

Valério Mendes – pseudônimo de Valentim Magalhães.

Vicomte de Borelli – poeta francês.

Victor Hugo (V.-Marie H., Besançon, 26 de fevereiro de 1802 – Paris, 22 de maio de 1885) – escritor e poeta francês.

Virgílio Varzea (V. dos Reis V., S. Francisco de Paula de Canavieiras, SC, 6 jan. 17865 – Rio de Janeiro, RJ, 29 dez. 1941) – romancista, contista e ensaísta. (ELB, p. 1606)

X. – é conhecido como pseudônimo de Machado de Assis. Porém, não é possível afirmar tratar-se do romancista.

Zalina Rolim (Maria Z. R. Xavier de Toledo, Itapetininga, SP, 20 jul. 1869 – São Paulo, SP, 23 jun. 1961) – poeta, professora, educadora. (ELB, p. 1394)

APÊNDICE B
Indexação da revista literária *O Álbum*

NOTA EXPLICATIVA

Para a indexação da revista *O Álbum*, optou-se por apontar quatro elementos básicos: o título, a autoria, a caracterização genérica e o número de páginas que os textos abrangem. É importante lembrar que muitas seções não traziam títulos ou, então, colocava-se na parte superior como título da seção o nome da pessoa ou do livro que estava sendo comentado.

Há raras colunas sem assinatura; nesse caso, traziam apenas algum comentário sobre a poesia que veio publicada ou tratavam de informações sobre a revista, que foram fornecidas provavelmente pelo diretor, daí a não-identificação. Na indexação, tais textos vêm indicados como "sem assinatura". Há também, algumas colunas não tituladas, as quais, na indexação, vêm indicadas como "sem título".

O romance-folhetim *Amor de primavera e amor de outono* (tipos de mulheres), de Alfredo Bastos, que foi publicado da parte I a XVI, com algumas interrupções, pula do capítulo XIV para o XVI, talvez por falha de impressão.

O índice obedeceu ao seguinte critério: disposição dos textos na revista, ou seja, segundo a ordem em que aparecem em cada página. Vale ressaltar que os encartes com os retratos fotográficos não eram paginados porque vinham em separado; nesse caso, optou-se por dispô-los entre as folhas que seriam a 4ª e a 5ª de cada número da revista, como faz a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Na coleção original, pertencente à Biblioteca Nacional, e que serviu de matriz para o microfilme utilizado na digitalização do periódico, há falhas em três números da revista, a saber: na revista número 33, de agosto de 1893, faltam as páginas 259, 260, 261, 262 e o retrato de Valentim Magalhães; na revista número 39, de setembro de 1893, falta o retrato de Epitácio Pessoa e na revista número 52, de outubro de 1854, faltam as páginas 413, 414, 415 e 416. Na indexação, para lembrar o leitor dessas lacunas, foi utilizado um asterisco (*).

Ressalte-se, ainda, que se trata de uma indexação simples, num complemento ao sumário já existente na própria revista. Com esta complementação, espera-se facilitar a busca de textos para o leitor, tendo em vista que o periódico completo encontra-se nos volumes dois e três anexos a esta dissertação.

O Álbum – Ano I

Número 1 – janeiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Cavaco preliminar	A. A.	Texto programático	1
Carlos Gomes	A. C. de Meneses	Esboço biográfico	2, 3
Crônica Fluminense	A.	Crônica	3, 4, 5
Campo Santo	Olavo Bilac	Poema	5
Carlos Gomes	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
O Jeromo	Pedro Rabelo	Conto	5, 6, 7
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	7, 8
Sport	Belzebut	Crônica esportiva	8

Número 2 – janeiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
À imprensa	Sem assinatura	Agradecimento	9
Machado de Assis	Artur Barreiros e A.A.	Esboço biográfico	9, 10, 11
Crônica Fluminense	A.	Crônica	11, 12
A uma enjeitada	Guimaraens Passos	Poema	12
Machado de Assis	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) I	Alfredo Bastos	Romance	12, 13, 14
Coisa nenhuma	Artur Azevedo	Poema	14, 15
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	15, 16
Sport	Belzebut	Crônica esportiva	16

Número 3 – janeiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Aos nossos assinantes	Sem assinatura	Aviso ao leitor	17
Ismênia dos Santos	A.	Esboço biográfico	17, 18
Crônica Fluminense	A.	Crônica	18, 19, 20
Genuflexa	Alberto de Oliveira	Poema	20
Verdades	Cosimo	Comentários sobre crônica de Valentim Magalhães publicada no *Farol*, de Juiz de Fora, a respeito da dificuldade de ser escritor no Brasil.	20
Uma carta	A.	Comentários sobre carta de José Avelino, publicada	20, 21

		na *La Revue Diplomatique*, de Paris, na qual, para A., afirma-se absurdos sobre a literatura brasileira.	
Ismênia do Santos	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) I	Alfredo Bastos	Romance	21, 22, 23
Primavera	Olavo Bilac	Poema	24
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	24
Sem título	Sem assinatura	Aviso sobre o encerramento da seção “Sport”.	24

Número 4 – janeiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
João Lopes	A.A.	Aviso de que o esboço biográfico só apareceria na próxima revista porque Capistrano de Abreu, responsável pelo texto, não o fizera.	25
Crônica Fluminense	A.	Crônica	25, 26
Fé... ou treva...	Luís Murat	Poema	26
Família Medeiros	Aluísio Azevedo	Resenha de livro homônimo, de Julia Lopes de Almeida.	27, 28
Bandoleiros	Cosimo	Resenha de livro homônimo, de Silva Tavares.	28, 29
João Lopes	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Sem título	Sem assinatura	Comentário sobre o francês Robert de Montesquieu e publicação de sua poesia “Le coucher de la mort”.	29
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) II	Alfredo Bastos	Romance	30, 31, 32
Efeitos de amor	Paulo Augusto	Poema	32
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	32

Número 5 – janeiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Furtado Coelho	A.A.	Esboço biográfico	33
Crônica Fluminense	A.	Crônica	34, 35
A um novo poeta	Valentim Magalhães	Poema	35
João Lopes	Paula Nei	Esboço biográfico	35, 36
A Família Medeiros (cont.)	Aluísio Azevedo	Resenha de livro homônimo, de Julia Lopes de Almeida.	36, 37, 38
Furtado Coelho	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Pela noite	Álvares de Azevedo Sobrinho	Poema	38
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) III	Alfredo Bastos	Romance	38, 39
A alguém	Paulo Augusto	Poema	39
José Zorrilla	Cosimo	Nota de falecimento	40
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	40

Número 6 – fevereiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Alcindo Guanabara	A.A.	Esboço biográfico	41, 42
Crônica Fluminense	A.	Crônica	42, 43
Fruto proibido	Adelino Fontoura	Poema	43
Estalactites	Cosimo	Resenha de livro homônimo, de Julio Cesar da Silva.	43, 44
No dia dos mortos	Guimaraens Passos	Poema	44, 45
Alcindo Guanabara	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Almeida Junior	X.	Reprodução de notícia publicada no *Diário Popular* sobre a obra do pintor Almeida Junior.	45, 46
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) III	Alfredo Bastos	Romance	46, 47
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	47, 48

Número 7 – fevereiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Monsenhor Brito	A.A.	Esboço biográfico	49, 50
Crônica Fluminense	A.	Crônica	50, 51

Soares de Sousa Junior	A.	Nota de falecimento	51, 52
Musa Ales	Soares de Sousa Junior	Poema	52
Amor nas catacumbas	Artur Guimarães	Fantasia que integra o livro *Cambiantes*.	52, 53
Monsenhor Brito	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Evangelhos	Cosimo	Resenha de livro homônimo, de Artur Lobo.	53
A bebita	A.A.	Poema	54
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) III	Alfredo Bastos	Romance	55, 56
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	56

Número 8 – fevereiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Joaquim Abílio Borges	Luís Murat	Esboço biográfico	57, 58
Crônica Fluminense	A.	Crônica	58, 59
No Álbum	Osório Duque Estrada	Poema	59
Romantismo	Artur Azevedo	Conto	59, 60, 61
Dr. Joaquim Abílio Borges	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Celeste	Adelino Fontoura	Poema	61
Sem título	Sem assinatura	Comentário sobre o poeta Julio Cesar da Silva e publicação de seu poema “Serpe”, do livro *Sarcasmos*.	62
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) IV	Alfredo Bastos	Romance	62, 63
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	63, 64

Número 9 – fevereiro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Assis Pacheco	A.A.	Esboço biográfico	65
Crônica Fluminense	A.	Crônica	66, 67
Paisagem	Francisca Julia da Silva	Poema	67
O inculcador	Lúcio de Mendonça	Crônica	67, 68
Questão de honra	Artur Azevedo	Conto	68, 69
Assis Pacheco	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Carta de uma estrela	Artur Mendes	Prosa Poética	69, 70
Magda	Luís Cassiano Junior	Poema	70

Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) IV	Alfredo Bastos	Romance	70, 71, 72
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	72

Número 10 – março de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Martins Junior	A.A.	Esboço biográfico	73, 74
Crônica Fluminense	A.	Crônica	74, 75
Aquarela	Martins Junior	Poema	75
Rimance	Aníbal Falcão	Trovas	75, 76
Sunt lacryme rerum	Esequiel Ramos Junior	Poema	76
Martins Junior	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Livros	Cosimo	Notas sobre os livros *Poemas*, de Esequiel Ramos Junior e *Multicores*, de Heitor Guimarães.	77
Caiporismo	Artur Azevedo	Conto	77, 78
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) IV	Alfredo Bastos	Romance	78, 79, 80
Supremo gozo	Alfredo de Magalhães	Poema	80
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	80

Número 11 – março de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Alfredo Barcelos	J.	Esboço biográfico	81, 82
Crônica Fluminense	A.	Crônica	82, 83
Tua culpa	Guimaraens Passos	Poema	83
Coisas Miúdas	O licenciado Cosme Velho	Apresentação do trabalho literário de Serapião das Mercês Gordo.	83, 84
Taine	Cosimo	Nota de falecimento	84
Sonhando	Bernardo de Oliveira	Poema	84
Dr. Alfredo Barcelos	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
A cozinheira	Artur Azevedo	Conto	85, 86
Bexigosa	Artur Mendes	Poema	86
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) IV	Alfredo Bastos	Romance	86, 87, 88
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	88

Número 12 – março de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Abdon Milanez	A.A.	Esboço biográfico	89, 90
Crônica Fluminense	A.	Crônica	90
Só	Martins Junior	Poema	91
Coisas miúdas	O licenciado Cosme Velho	Três textos de prosa poética, de Serapião Gordo, seguidos de comentários.	91, 92
Lavas Frias	Valério Mendes	Poema	91
Black	Artur Azevedo	Conto	92, 93
Abdon Milanez	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Missal	Amarante	Resenha de livro homônimo, de Cruz e Sousa.	93, 94
Antigo tema	A. Peres Junior	Poema	94
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) V	Alfredo Bastos	Romance	94, 95, 96
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	96

Número 13 – março de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Olavo Bilac	Guimaraens Passos	Esboço biográfico	97, 98
Crônica Fluminense	A.	Crônica	98, 99
Placet	Stephane Mallarmé	Poema	99
Rosa branca	Ignótus	Prosa poética	100
A bebita	Pedro Rabelo	Poema	100
Olavo Bilac	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
A filha do patrão	Artur Azevedo	Conto	101, 102
Poema da carne	Plácido Junior	Poema	102
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	102, 103, 104
História simples	Álvares de Azevedo Sobrinho	Poema	104
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	104

Número 14 – abril de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Henrique de Mesquita	A.A.	Esboço biográfico	105, 106
Crônica Fluminense	A.	Crônica	106, 107
A um lente	L. de M.	Poema	107

A mão de mármore	Adolfo Caminha	Conto	107, 108
Símile	Artur Andrade	Poema	108
Útil inda brincando	Artur Azevedo	Conto	108 a 111
Henrique de Mesquita	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	111, 112
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	112
Sem título	Sem assinatura	Reprodução de artigo sobre o falecimento do cunhado de Artur Azevedo, publicado na *Pacotilha*, do Maranhão.	112

Número 15 – abril de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Doutora Ermelinda de Sá	Amarante	Esboço biográfico	113, 114
Crônica Fluminense	A.	Crônica	114
Vem!	Paulo Augusto	Poema	115
Voluntário	Inglês de Sousa	Fragmento de conto a ser publicado em *Contos Amazônicos*.	115, 116
Lírico	Antonio Lima	Poema	116
O busto	Plácido Junior	Prosa poética	116, 117
Doutora Ermelinda de Sá	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Ardil	Artur Azevedo	Conto	117, 118, 119
Morte de amor	C. Brunetto	Poema	119
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	119, 120
Conselho	Padre Correia de Almeida	Poema	120
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	120

Número 16 – abril de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Moreira Sampaio	A.A.	Esboço biográfico	121, 122
Réproba	Julio César da Silva	Poema	122
Crônica Fluminense	A.	Crônica	122
Marcha fúnebre	Emílio de Meneses	Poema	123
A freira	A. Foscolo	Prosa poética	123, 124

Poema da ausência	Américo Moreira	Poema	124
Mimosa	Moreira Sampaio	Conto	124, 125, 126
Moreira Sampaio	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Ao ar livre	A. Peres Junior	Poema	126
Vultos e fatos	Amarante	Comentário sobre as boas vendas de livro homônimo, de Afonso Celso Junior.	126, 127
Parábola	Padre Correia de Almeida	Poema	127
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	127, 128
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	128

Número 17 – abril de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Concurso poético	Sem assinatura	Proposição de concurso para a tradução do poema "Reves ambitieux", de Josephin Soulary.	129
Dr. Candido Barata Ribeiro	Paulo Augusto	Esboço biográfico	129, 130
Subjetivismo	Alfredo de Magalhães	Poema	130, 131
Crônica Fluminense	A.	Crônica	131
Vita nuova	Fricinal Vassico	Poema	131
O exilado	Adolfo caminha	Conto	131, 132, 133
Dr. Candido Barata Ribeiro	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Impressões de teatro	A.A.	Poema	133
A propósito de um morto	Cosimo	Notas sobre o valor do trabalho de Inácio José Ferreira frente ao jornal *O Publicador*, do Maranhão.	133, 134
Platônico	Artur Andrade	Poema	134
O fiasco	A. Gasparoni	Conto	134, 135
Voz de sereia	Alberto Sousa	Poema	135
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	135, 136
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	136

Número 18 – abril de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Antonio Azeredo	Amarante	Esboço biográfico	137, 138
Crônica Fluminense	A.	Crônica	138, 139
Noturno	Francisca Julia da Silva	Poema	139
Gozo não cobiçado	Luís Rosa	Prosa poética	139, 140
Flor morta	Artur Mendes	Poema	140
Antonio Azeredo	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Festas nacionais	L. de M.	Comentários sobre publicação homônima, de Rodrigo Otávio.	141
Pomba mansa	Adelino Fontoura	Poema	141
Mal sem cura	Plácido Junior	Conto	141, 142, 143
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	143, 144
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	144

Número 19 – maio de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
José Carlos de Carvalho	Pardal Mallet	Esboço biográfico	145, 146, 147
Crônica Fluminense	A.	Crônica	147, 148
Eterna história	Georgina Teixeira	Poema	148
Rio abaixo	Cunha Mendes	Prosa poética	148, 149
José Carlos de Carvalho	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Borboletas	João Andréa	Poema	149
Preâmbulo	Lúcio de Mendonça	Reprodução do preâmbulo escrito por Mendonça para o livro de versos de Julia Curtines.	149, 150
Confronto	Adelino Fontoura	Poema	150
Poente	Virgílio Várzea	Prosa poética	151
Requerimento	Padre Correia de Almeida	Poema	151
Despacho	A.A.	Poema	151
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	151, 152
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	152

Número 20 – maio de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Henrique Chaves	Machado de Assis	Esboço biográfico	153, 154
Crônica Fluminense	A.	Crônica	154
Cisnes	Julio Salusse	Poema	154
Reminiscências	Emílio de Meneses	Conto	155, 156
Gongorismo	Cosimo	Poema	156
Goethe	J. de Moraes Silva	Prosa poética	156, 157
Henrique Chaves	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Amor que é vario	Alberto Sousa	Poema	157
Minha filha	A.A.	Comentário sobre livro homônimo, de Afonso Celso Junior.	157, 158
Íntimo	Artur Andrade	Poema	158
O sândalo	Virgílio Várzea	Prosa poética	159
De rastros	Adelino Fontoura	Poema	159
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	159, 160
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	160

Número 21 – maio de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Eduardo Garrido	A.A.	Esboço biográfico	161, 162
Crônica Fluminense	A.	Crônica	162, 163
Marcha fúnebre II	Emílio de Meneses	Poema	163
As moedas de ouro do sol	Raul Braga	Conto	163, 164
Suave angústia	Temístocles Machado	Poema	164
Eduardo Garrido	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Serpentina	Artur Guimarães	Anedota	165
Desengaño	Castro Soromenho	Poema	165
A chuva	Virgílio Várzea	Prosa poética	166
Sonho, amor, ilusão	Leônidas e Sá	Poema	166, 167
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VI	Alfredo Bastos	Romance	167, 168
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	168

Número 22 – maio de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Domingos Freire	Paulo Augusto	Esboço biográfico	169, 170, 171
Crônica Fluminense	Marcos Valente	Crônica	171, 172

Marcha fúnebre III	Emílio de Meneses	Poema	172
Um diário de amor	Plácido Junior	Prosa poética	172, 173
Dr. Domingos Freire	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
O alfabeto	M.V.	Poema	173, 174
Contos Amazônicos	Amarante	Comentário sobre livro homônimo, de Inglês de Sousa.	174
Fatalidade	J. de Moraes Silva	Poema	174
Teatros	M.V.	Crônica teatral	175, 176

Número 23 – junho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Antonio Dias Ferreira	Amarante	Esboço biográfico	177
Crônica Fluminense	Marcos Valente	Crônica	177, 178
Noiva morta	Luís Rosa	Poema	178
O chalé	Adelina Lopes Vieira	Tradução em prosa de texto do livro de contos em versos, *Contos d'apresent*, de Paul Delair.	178, 179, 180
Marcha fúnebre IV	Emílio de Meneses	Poema	180
Manhã na roça	Virgílio Várzea	Prosa poética	180
Marina	Américo Lobo	Poema	180, 181
Dr. Antonio Dias Ferreira	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VII	Alfredo Bastos	Romance	181 a 184
16 de maio	Plácido Junior	Poema	184
Teatros	M.V.	Crônica teatral	184

Número 24 – junho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Concurso poético	Sem assinatura	Publicação de dezesseis traduções do soneto de Josephin Soulary.	185 a 189
Comendador Ribeiro de Carvalho	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Comendador Ribeiro de Carvalho	Paulo Augusto	Esboço biográfico	189
Crônica Fluminense	A.	Crônica	189, 190
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VII	Alfredo Bastos	Romance	190, 191, 192

Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	192

Número 25 – junho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Concurso poético	Sem assinatura	Resultado do concurso	193
Dr. Abel Parente	Pardal Mallet	Esboço biográfico	193, 194, 195
Crônica Fluminense	A.	Crônica	195, 196
Ambições	Silva Ramos	Poema	196
Paris	Cosimo	Reprodução de carta enviada por um homem de letras com suas impressões sobre Paris.	196
Dr. Abel Parente	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
No Bourdoir	Francisca Julia da Silva	Poema	197
Enterro no sítio	Virgílio Várzea	Prosa poética	197
Carmen	Pethion de Villar	Poema	197
Sem título	Lúcio de Mendonça	Carta recebida de Lúcio de Mendonça com a tradução do poema do concurso	197
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) VIII	Alfredo Bastos	Romance	198, 199
Adeus à Bahia	Artur Azevedo	Poema	199
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	199, 200

Número 26 – junho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Crônica Fluminense	A.	Crônica	201, 202
O desterrado	Alexandre Fernandes	Poema	202
Carta a uma burguesa	Odorico Glória	Prosa poética	203
A Sarah Bernhardt	Cosimo	Poema	203
Uma noite em Petrópolis	Artur Azevedo	Conto	203, 204, 205
Luís Murat	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Tântalo	J. de A.	Poema	205
Última	Temístocles Machado	Prosa poética	206
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) IX	Alfredo Bastos	Romance	206, 207

Aurora	Celso de Meneses	Poema	207
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	207, 208

Número 27 – julho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Xisto Bahia	A.A.	Esboço biográfico	209, 210
Luís Murat	Olavo Bilac	Esboço biográfico	210, 211
Íntima luz	Zalina Rolim	Poema	211
Crônica Fluminense	A.	Crônica	211, 212
A estátua	Maria Clara da Cunha Santos	Poema	212
Minotauro	Adolfo Caminha	Conto	212, 213
Xisto Bahia	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Agradecendo e cumprimentando	Artur Azevedo	Reprodução de artigo publicado no *Diário de Notícias*, da Bahia, escrito por Artur Azevedo quando esteve lá. Suas impressões sobre a Bahia.	213, 214
A propósito do concurso	Um dos concorrentes	Poema	214
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) IX	Alfredo Bastos	Romance	214, 215, 216
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	216

Número 28 – julho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Afonso Celso	Urbano Duarte	Esboço biográfico	217, 218, 219
Poema da ausência	Américo Moreira	Poema	219
Crônica Fluminense	A.	Crônica	219, 220
Rastro de amor	Adelino Fontoura	Poema	220
A noiva do Bernardo	Cunha Mendes	Conto	220, 221
Afonso Celso	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Visão moderna	Leônidas e Sá	Poema	221
Paródia do “Hameleto”	Fantasio	Transcrição de paródia publicada no jornal *Cidade do Rio*.	221, 222
Duas paisagens	Fontoura Xavier	Poema	222
Amor de primavera e amor de outono (tipos de	Alfredo Bastos	Romance	222, 223, 224

mulheres) IX			
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	224

Número 29 – julho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Cardoso de Meneses	A.A.	Esboço biográfico	225, 226
Nevrose azul	Osório Duque Estrada	Poema	226
Crônica Fluminense	A.	Crônica	226, 227
Num leque	A. Peres Junior	Poema	227
In extremis	Raul Braga	Conto	227, 228
Álbum de retratos	Frederico Rhossard	Poema	228
Cardoso de Meneses	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Noites brancas	Leônidas e Sá	Prosa poética	229, 230
Sombra	Julio César da Silva	Poema	230
No caminho da fonte	Virgílio Várzea	Prosa poética	230
Magnetismos	Moreira de Vasconcelos	Poema	231
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) X	Alfredo Bastos	Romance	231, 232
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	232

Número 30 – julho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Luís Gomes	J.P.	Esboço biográfico	233, 234
Crônica Fluminense	A.	Crônica	234
Adoração universal	Cunha Mendes	Poema	234
Vingança	Artur Azevedo	Conto	234 a 237
Luís Gomes	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Lutas	Temístocles Machado	Poema	237
Ashaverus	A. Foscolo	Prosa poética	237
Reconciliação	Alfredo de Magalhães	Poema	238
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) X	Alfredo Bastos	Romance	238, 239
A guarda de honra	J. de Moraes Silva	Poema	240
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	240

Número 31 – julho de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Ferreira de Araújo	A.A.	Esboço biográfico	241
Crônica Fluminense	A.	Crônica	241, 242

Poema da carne I e II	Cunha Mendes	Poema	242
Cartas	Plácido Junior	Prosa poética	242, 243
Sem título	Sem assinatura	Transcrição de carta recebida de Julio Salusse, na qual afirma ter o direito de chamar Osório Duque-Estrada de plagiário, pois "Nevrose azul" seria o título de seu livro a ser publicado.	243
Num álbum	A. Peres Junior	Poema	243
O avô	J. de Moraes e Silva	Conto	244
Ferreira de Araújo	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Good Night	Magalhães de Azeredo	Poema	245
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XI	Alfredo Bastos	Romance	246, 247
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	247, 248

Número 32 – agosto de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Francisco Portela	Aluísio Azevedo	Esboço biográfico	249, 250, 251
Crônica Fluminense	A.	Crônica	251
Consolação	Georgina Teixeira	Poema	251
A héctica	Virgílio Várzea	Prosa poética	252
Poema da carne III e IV	Cunha Mendes	Poema	252
Vivendo... (notas íntimas) – 1ª e 4ª Notas	Raul Braga	Prosa poética	252, 253
Dr. Francisco Portela	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Vida	A. Peres Junior	Poema	253
Miniatura	Artur Andrade	Poema	254
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XI	Alfredo Bastos	Romance	254, 255
Rollo, Prince de Norvege	Vicomte de Borelli	Poema em francês	256
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	256

Número 33 – agosto de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Valentim Magalhães	Lúcio de Mendonça	Esboço biográfico	257, 258

A Lopes Trovão	Artur Azevedo	Poema	258
Crônica Fluminense	A.	Crônica	258, 259
Poema da carne	Cunha Mendes		*
Falstaff	A. Camarate		*
O artista	Francisco Lins		*
Mãe	A. Foscolo		*
Valentim Magalhães	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	*
Ave-Maria	Virgílio Várzea		*
Até a morte	Joaquim Sarmanho		*
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres)	Alfredo Bastos	Romance	* 263, 264
Beatriz	Adelino Fontoura	Poema	264
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	264

Número 34 – agosto de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Antonio Januzzi	Paulo Augusto	Esboço biográfico	265
Crônica Fluminense	A.	Crônica	266
Poema da carne VII e VIII	Cunha Mendes	Poema	267
Alma velha	Raul Braga	Conto	267, 268, 269
Antonio Januzzi	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
O africano	Mario Alencar	Poema	269
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XII	Alfredo Bastos	Romance	270
A noite...	Julio César da Silva	Poema	271
Moonligt, in the channel	Virgílio Várzea	Prosa poética	271
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	271, 272

Número 35 – agosto de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Fontoura Xavier	A.A.	Esboço biográfico	273, 274
Crônica Fluminense	A.	Crônica	274, 275
Poema da carne IX e X	Cunha Mendes	Poema	275
História comum	Machado de Assis	Conto	275, 276
Fontoura Xavier	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Temperamentos	Alfredo de Magalhães	Poema	277
A visita	R.	Prosa poética	277, 278
Bilhete azul	Pethion de Villar	Poema	278
Amor de primavera e amor	Alfredo Bastos	Romance	278, 279

de outono (tipos de mulheres) XII			
Na entrevista	Antonio Lima	Poema	280
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	280

Número 36 – setembro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
João Rosa	Paulo Augusto	Esboço biográfico	281, 282
Crônica Fluminense	A.	Crônica	282, 283
A tua voz	Adelina Amélia Lopes Vieira	Poema	283
Mario Uchard	Amarante	Nota de falecimento	283
Grão senhor	Artur Guimarães	Parábola	283, 284
Ninho despedaçado	Leônidas e Sá	Poema	284
Biografia de uma pena	Maria Clara da Cunha Santos	Prosa poética	284, 285
João Rosa	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Pálidas e Fantos	Cosimo	Resenha dos dois livros homônimos.	285, 286
Soneto	Padre Correia de Almeida	Poema	286
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XII	Alfredo Bastos	Romance	287
Vácuo	Adelino Fontoura	Poema	288
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	288

Número 37 – setembro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Henrique de Sá	Valentim Magalhães	Esboço biográfico	289, 290
Crônica Fluminense	A.	Crônica	290, 291
Borboleta	Georgina Teixeira	Poema	291
Como eu me diverti	Artur Azevedo	Conto comédia	291, 292, 293
Dr. Henrique de Sá	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Futuro, presente e passado	Frederico Rhossard	Poema	293
O Lopes	A. Foscolo	Conto	294
Réquiem	Figueiredo Pimentel	Poema	295
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XII	Alfredo Bastos	Romance	295, 296
Consolação	Adelino Fontoura	Poema	296
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	296

Número 38 – setembro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Luís Cruls	Paulo Augusto	Esboço biográfico	297, 298
Crônica Fluminense	A.	Crônica	298, 299
Só	Julio César da Silva	Poema	299
Como são os anjos	J. de Moraes Silva	Conto	299, 300
Efêmeras	Raimundo Correia	Reprodução da introdução feita por Raimundo Correia para o livro *Efêmeras*, de Sílvio de Almeida.	300, 301
Luís Cruls	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Visão Sinistra	Cunha Mendes	Poema	302
Livros Novos	Cosimo	Comentários breves acerca do lançamento de *Encarnação*, de José de Alencar, *A Normalista*, de Adolfo Caminha, *Celeste*, de Délia, *Broquéis*, de Cruz e Sousa e *A Capital Federal*, de Coelho Neto. Há uma análise mais detida do livro de Cruz e Sousa com a publicação do poema "Primeira comunhão".	302, 303
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	303, 304
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	304

Número 39 – setembro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Epitácio Pessoa	Amarante	Esboço biográfico	305, 306
Crônica Fluminense	A.	Crônica	306
Paisagem	Isaías de Oliveira	Poema	306
O destinado	Machado de Assis	Conto	307, 308
Cantilena	A.A.	Poema	308
Blocos	Cosimo	Resenha de livro homônimo, de Isaías	308, 309

		de Oliveira.	
Epitácio Pessoa	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	*
Sem título	Victor Hugo	Publicação de poesia inédita do poeta obtida pelo *Fígaro Ilustrado*.	309
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	310, 311, 312
Despedida	Adelino Fontoura	Poema	312
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	312

Número 40 – setembro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Augusto Rosa	Paulo Augusto	Esboço biográfico	313, 314
Crônica Fluminense	A.	Crônica	314, 315
O ninho	Adelino Fontoura	Poema	315
Palingenésia	Sílvio Romero	Transcrição do prefácio escrito por Sílvio Romero para o livro *Palingenésia*, de Leônidas de Sá.	315, 316, 317
Augusto Rosa	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Recordação	A.A.	Poema	317
De palanque	Elói, o herói	Crônica	318
Atualidades	Gavroche	Poema	319
Um plebiscito literário	Cosimo	Comentários acerca de um plebiscito literário realizado pela revista *A Semana*, sobre os seis melhores romances escritos em Língua Portuguesa. Cosimo não concordou nem com a proposta nem com os resultados.	319, 320
Sem título	Raimundo Correia	Reprodução de poesia publicada no *Farol*, de Juiz de Fora, por ocasião do batizado de uma menina.	320
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	320

Número 41 – outubro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. João Batista Capelli	Amarante	Esboço biográfico	321, 322
Crônica Fluminense	A.	Crônica	322
Mirra	Adelino Fontoura	Poema	323
A "Dona Branca"	Artur Azevedo	Conto	323, 324
Atualidades II	Gavroche	Poema	324
Dr. João Batista Capelli	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Nostalgia de satanás	Cunha Mendes	Prosa poética	325
Sem título	Fantasio	Reprodução de *couplets* publicados por Fantasio no extinto jornal *O Combate*.	325, 326
De palanque	Eloi, o herói	Crônica	326
Marinha	Ortigão Sampaio	Poema	
Tributos e crenças	X.	Transcrição de artigo em francês, publicado no jornal *Temps*, de Paris, no qual se afirma que o poeta Rosendo Moniz guarda alguma semelhança com Vitor Hugo. X. mostra-se indignado.	327, 328
Um plebiscito literário	Cosimo	Em virtude dos pareceres publicados na seção homônima da revista anterior, Antonio Martins da Câmara elaborou sua própria lista dos seis melhores romances, visto que não concordou nem com *O Álbum*, nem com *A Semana*.	328
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	328

Número 42 – outubro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Artur Napoleão	A.A.	Esboço biográfico	329, 330
Crônica Fluminense	A.	Crônica	330, 331, 332
Luz de amor	Adelino Fontoura	Poema	332

Cantiga de esponsais	Machado de Assis	Conto	332, 333, 334
Artur Napoleão	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Atualidades III – Coplas	Gavroche	Poema	334
A morfética	A. Foscolo	Conto	334, 335
No álbum de Adelina Vieira	Zalina Rolim	Poema	336
Num álbum	Fricinal Vassico	Poema	336
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	336

Número 43 – outubro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
João Clapp	Amarante	Esboço biográfico	337, 338
Crônica Fluminense	A.	Crônica	338
Mundo interior	Machado de Assis	Poema	338
O contrabando	Artur Azevedo	Conto	338, 339, 340
João Clapp	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Atualidades IV	Gavroche	Poema	341
Guilherme de Aguiar	A.A.	Nota sobre o primeiro ano de falecimento de Guilherme Aguiar. Reprodução de discurso proferido por Cardoso Meneses por conta da efeméride.	341
Tarde	A. Peres Junior	Poema	342
A mortalha de Alzira	Cosimo	Comentários sobre publicação da obra homônima.	342, 343
Chanson	E. Le Mouel	Poema em francês	343
A Semana	Cosimo	Resposta aos colegas d'*A Semana*, explicando que os questionamentos sobre o plebiscito literário não foram um ataque, mas apenas expressão do ponto de vista.	343
O sorriso	A. J. Teixeira	Poema	344
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	344

Número 44 – outubro de 1893

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Visconde de Alvarenga	J.R.B.	Esboço biográfico	345, 346
Crônica Fluminense	A.	Crônica	346
Olhar	Julio Cesar da Silva	Poema	347
O contrabando (cont.)	Artur Azevedo	Conto	347, 348, 349
Visconde de Alvarenga	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Missa falsa	Artur Guimarães	Conto	349, 350
Memento	Adelino Fontoura	Poema	350
Ofélia	Ortigão Sampaio	Prosa poética	350, 351
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	351, 352
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	352

Não houve publicação entre final de outubro de 1893 e abril de 1894

Número 45 – abril de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Cavaco	Sem assinatura	Explicação sobre a interrupção da revista.	353
Costa Sena	A.A.	Esboço biográfico	353, 354
Crônica Fluminense	A.	Crônica	354, 355
A Camões	Magalhães de Azeredo	Poema	355
Vivendo... (Notas íntimas)	Raul Braga	Prosa poética	355, 356
Sonho oriental	Damasceno Vieira	Poema	356
Um ideal	Ortigão Sampaio	Prosa poética	356, 357
Costa Sena	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Vinho invisível	Bento Ernesto Junior	Poema	357
O Dom Abade	A. Foscolo	Conto	357, 358
Adágio	Miguel Barros	Poema	358
Vingança	Antonio Sales	Poema	359
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	359, 360
Miss	A. Peres Junior	Poema	360

Número 46 – maio de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Francisco Vale	Paulo Augusto	Esboço biográfico	361, 362
Crônica Fluminense	A.	Crônica	362
Antes de partir para Paris	Adelino Fontoura	Poema	363
Imigrada	A. Foscolo	Conto	363, 364
Concurso de sonetos	Sem assinatura	A *Gazeta Postal*, folha literária do Pará, convidou a redação d'*O Álbum* para participar do julgamento de um concurso de sonetos. O resultado foi dado em forma de poema e o soneto que ficou em primeiro lugar foi publicado.	364
O passado	Raul Braga	Conto	364 a 367
Francisco Vale	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Baiser Vengeur	Magalhães Azeredo	Poema	367
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	367, 368
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	368

Número 47 – maio de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Cassiano do Nascimento	Antonio Azeredo	Esboço biográfico	369, 370
Crônica Fluminense	A.	Crônica	370, 371
Glória!	Cunha Mendes	Poema	371
O banho	Antonio Pinto	Prosa poética	371
Notívagos	Joaquim Lamanho	Poema	372
Página amorosa	Cunha Mendes	Prosa poética	372, 373
Cassiano do Nascimento	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Musique au bord de la mer	Auguste Dorchain	Poema em francês	373
Através de um livro	Raul Braga	Conto	373, 374, 375
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	375, 376
Teatros	X.Y.Z.	Crônica teatral	376

Número 48 – maio de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Silva Araújo	Aluísio Azevedo	Esboço biográfico	377, 378, 379
Crônica Fluminense	A.	Crônica	379
Ante um obelisco	Damasceno Vieira	Poema	380
Mater dolorosa	Bento Ernesto Junior	Conto	380, 381
Dr. Silva Araújo	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Crônica livre	Olavo Bilac	Reprodução de crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, na qual Bilac aborda o lançamento do livro *Contos Fora de Moda*, de Artur Azevedo.	381, 382
Flor do mal	Alfredo de Magalhães	Poema	382
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	382, 383
A Clotilde de Roquemaure	Raimundo Correia	Poema	384
Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	384

Número 49 – junho de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Moniz Freire	Rodrigo Otávio	Esboço biográfico	385, 386
Crônica Fluminense	A.	Crônica	386, 387
Convalescente	Ermiliano Perneta	Poema	387
Vivendo... (Notas íntimas)	Raul Braga	Prosa poética	387, 388, 389
Moniz Freire	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Indiferença	Celso de Meneses	Poema	389
O defunto	Cosimo	Aviso de recebimento do exemplar de *O defunto*, de Filinto de Almeida.	389
Encore	Edme Paze	Poema em francês	389
Palavras à Amélia	Cunha Mendes	Prosa poética	389, 390
Vinho invisível	Bento Ernesto Junior	Poema	390
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	390, 391, 392
Serpe	Julio Cesar da Silva	Poema	392

Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	392

Não houve publicação entre junho de 1894 e setembro de 1894

Número 50 – setembro de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Cavaco	Artur Azevedo	Justificativa sobre a interrupção da publicação.	393
Marino Mancinelli	A.	Esboço biográfico	393, 394
Santa Teresa	Raimundo Sousa	Poema	394, 395
Coincidência	Raul Braga	Poema	395, 396, 397
Marino Mancinelli	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Abyssus	Bento Ernesto Junior	Poema	397
Livros novos	Cosimo	Indicação de livros novos, seguida de brevíssima apreciação. *Demônios*, de Aluísio Azevedo, *Gregório de Matos*, monografia de T. A. Araripe Junior, *Nevrose Azul*, de Julio Salusse, *Contos do Ceará*, de Eduardo Saboia, *Versos*, de Antonio Castro, *Pálidos*, de Teodoro Rodrigues, *Traços biográficos de Benjamin Constant*, de Herculano J. Rodrigues, *Poema da dor*, de Francisco de Paula Monteiro de Barros, *A legalidade*, comédia de Augusto Brito.	397
A carta	Lilazia	Prosa poética	397, 398
Velando	Georgina Teixeira	Poema	398
Amor de primavera e amor	Alfredo Bastos	Romance	399, 400

de outono (tipos de mulheres) XIII			
Duelo	Gavroche	Poema	400
Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	400

Número 51 – setembro de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Dr. Alfredo Madureira	Artur Azevedo	Esboço biográfico	401, 402
Crônica Fluminense	A.	Crônica	402, 403
O delito do padre	Arinos Pimentel	Conto	403 a 406
Dr. Alfredo Madureira	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Acorde final	Bento Ernesto Junior	Poema	406
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIII	Alfredo Bastos	Romance	406, 407, 408
O Jacobino	Gavroche	Poema	408
Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	408

Número 52 – outubro de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Coronel Lacerda	E. Magnus	Esboço biográfico	409, 410
Crônica Fluminense	A.	Crônica	410, 411
O primeiro memento	Bento Ernesto Junior	Poema	411
Pelo divórcio!	Augusto Brito	Apoio ao livro homônimo de Pardal Mallet, no qual defende o divórcio.	411, 412
Feliz	Alfredo de Magalhães	Poema fotográfico	412
Vivendo (Notas íntimas)	Raul Braga	Prosa poética	412, *
Coronel Lacerda	Juan Gutierrez	Retrato	
Um prefácio	Machado de Assis		*
Mocidade	Ferreira de Campos		*
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres)	Alfredo Bastos	Romance	*
Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	*

O Álbum – Ano II

Número 53 – novembro de 1894

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Lamounier Godofredo	Afonso Celso	Esboço biográfico	1, 2

Crônica Fluminense	A.	Crônica	2, 3
Virgem morta	Bento Ernesto Junior	Poema	3
A filha do caboclo	Manoel Benício	Conto	3, 4, 5
Lamounier Godofredo	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
O jacaré	Raimundo de Sousa	Poema	5, 6
Pavor da morte	Claudio de Sousa Junior	Conto	6, 7
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XIV	Alfredo Bastos	Romance	7, 8
Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	8

Número 54 – janeiro de 1895

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Aluísio Azevedo	Olavo Bilac	Esboço biográfico	9, 10, 11
Majestade	Cunha Mendes	Poema	11
Crônica Fluminense	A.	Crônica	11, 12
Festas	C.Vedrini	Prosa poética	12
Dor de dentes	Lilazia	Conto	12, 13, 14
Aluísio Azevedo	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
Amor de primavera e amor de outono (tipos de mulheres) XVI	Alfredo Bastos	Romance	14, 15, 16
Cartas do campo	Bento Ernesto Junior	Poema	16
Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	16

Número 55 – janeiro de 1895

TÍTULO	AUTOR/ PSEUDÔNIMO	CARACTERIZAÇÃO	PÁGINAS
Leonor Rivero	Paulo Augusto	Esboço biográfico	17
Crônica Fluminense	A.	Crônica	17, 18
Os olhos de Afonsina	Cunha Mendes	Poema	18
Um pretexto	Henriqueta (2ª)	Prosa poética	18, 19
Poema à beira-mar	Damasceno Vieira	Poema	19, 20
Idílio	Aledero Severo	Prosa poética	20, 21
Leonor Rivero	Juan Gutierrez	Retrato fotográfico	
A virgem do silêncio	Raul Braga	Prosa poética	21
Um vaso	Avelar Filho	Poema	21
O lenço de gaze	Inês Sabino	Prosa poética	21, 22, 23
Arcades ambo	F. V. Nogueira Junior	Prosa poética	23, 24
A ti!...	A. Peres Junior	Poema	24
Teatros (notas a lápis)	X.Y.Z.	Crônica teatral	24

RAFAELA STOPA

AS CRÔNICAS DE ARTUR AZEVEDO NA REVISTA LITERÁRIA *O ÁLBUM* (1893-1895)

Volume 2

ASSIS
2010

NOTA EXPLICATIVA

Optou-se por reproduzir os cinquenta e cinco números da revista *O Álbum* (1893-1895) em dois volumes devido ao número de páginas. Assim, a divisão constante entre os volumes 2 e 3 não é cronológica ou relativa a algum episódio importante para a revista e, sim, tem a preocupação de facilitar o manuseio dos exemplares.

Neste volume, encontram-se as revistas de número 1 a 27. Deu-se continuidade à paginação do volume 1.

Na coleção original, pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e que serviu de matriz para o microfilme utilizado na digitalização do periódico, há falhas em três números da revista, a saber:

Na revista número 33, de agosto de 1893, faltam as páginas 259, 260, 261, 262 e o retrato de Valentim Magalhães.

Na revista número 39, de setembro de 1893, falta o retrato de Epitácio Pessoa.

Na revista número 52, de outubro de 1854, faltam as páginas 413, 414, 415 e 416.

Importa mencionar que o processo de digitalização, limpeza e impressão do material reduz consideravelmente a qualidade das fototipias.

ANNO I — N. 1 JANEIRO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

CAVACO PRELIMINAR . . . . . A. A.
CARLOS GOMES . . . . . A. C. de Menezes.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . . A.
CAMPO SANTO . . . . . Olavo Bilac.
O JEGÓMO . . . . . Pedro Rabello.
THEATROS . . . . . X. Y. Z.
SPORT . . . . . Belzebut.

O segundo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

MACHADO DE ASSIS

CAVACO PRELIMINAR

O *Album* publicará chronicas theatraes e do *sport*, romances, contos, phantasias, versos, etc., além de ligeiros artigos commentando os factos mais salientes do dia, com exclusão dos politicos, a que será completamente alheio. Entre os seus collaboradores figuram os primeiros nomes da nossa litteratura.

Cada numero trará, fóra do texto, um retrato de pessoa notavel, constituindo assim o *Album*, no fim de algum tempo, uma interessante galeria, na qual figurarão, em curiosa promiscuidade, todas as classes sociaes.

Parece-nos que na epoca de renovação que atravessamos, neste surgir constante de novas physionomias, nesta volatisação social de velhas figuras do segundo imperio, uma folha d'este genero terá mais tarde o seu valor documentario

A photographia matou a gravura desde que se conseguio imprimil-a em grandes tiragens, dando-lhe ao mesmo tempo uma inalterabilidade indiscutivel. A phototypia é, como se vê, o triumphante processo dos nossos retratos, que não hesitamos em recommendar como verdadeiros modelos do genero.

Essa parte, muito importante, do *Album*, confiámol-a ás acreditadas officinas da Companhia Photographica Brasileira, e especialmente aos bons cuidados de nosso amigo João Gutierrez, o sympathico e habilitadissimo co-proprietario e gerente d'aquelle grande estabelecimento artististico e industrial.

Incumbiram-se do trabalho typographico os Srs. H. Lombaerts & C., cujas officinas rivalisam com as melhores do mundo.

Paula Ney, o popularissimo Paula Ney, o homem que mais nos convinha, e nos fôra mister inventar, se não existisse, accedendo bondosamente ao convite que lhe dirigimos, associou-se ao nosso esforço como agente geral do *Album*. Ficam a seu cargo os negocios externos da folha, que tudo espera da sua actividade, do seu talento, e d'esse estranho e feliz privilegio, que elle tem, de attrahir a sympathia e a amisade de quantos encontra.

Eis ahi o que nos cabia dizer para apresentação do *Album*. Promettemos pouco para não faltar. Accrescentaremos apenas que a empreza d'este periodico dispõe de recursos que lhe asseguram, pelo menos, um anno de existencia, independentemente do auxilio publico.

A. A.

CARLOS GOMES

Desejando inaugurar o *Album* com o retrato do mais illustre entre os artistas brasileiros, pareceu-nos que o Sr. Dr. A. F. Cardoso de Menezes Filho, musico insigne, escriptor apreciado e amigo particular de Carlos Gomes, poderia, melhor que ninguem, incumbir-se de escrever uma ligeira noticia biographica do Mestre.

Pedimos-lhe, portanto, que se encarregasse d'esse trabalho, e o nosso velho amigo e collega, correspondendo ao pedido com uma solicitude e uma amabilidade que em extremo nos penhoraram, enviou-nos as seguintes linhas:

Nasceu em Campinas, S. Paulo, aos 11 de Julho de 1839, o nosso glorioso *maestro*.

Foi iniciado nos segredos da arte musical por seu velho pae, brasileiro da gemma, mestre dos da velha tempera, e que, casado quatro vezes successivamente e tendo desses quatro matrimonios a bagatella de trinta e um filhos, a todos estes pacientemente transmittio o muito que sabia nessa arte da sua particular predilecção.

Era mestre de capella. Conhecia os classicos, e todo se deliciava com os ler e interpretar, tornando-os familiares aos seus innumeros discipulos.

Nascido n'um torrão de privilegiada natureza, onde as opulencias da vegetação se casavam aos esplendores de um céo eternamente azul e illuminado; onde a vista, — ora se perdia no illimitado de interminas campinas aljofradas de orvalho, tremeluzindo aos raios do sol tropical, — ora em vão se esforçava por penetrar no dédalo escuro e murmurejante da emaranhada floresta virgem, em cujo seio a uberdade do solo dependurava pelos troncos seculares festivas lianas, cheirosas trepadeiras e perfumadas parasytas, que embalsamavam o ambiente pejado de mysteriosas harmonias; — nascido em meio a todas essas encantadoras magnificencias — Antonio Carlos Gomes não podia deixar de sentir a sua grande alma de artista genial expandida, bebendo a largos haustos a inspiração, saturando-se, emfim, dessa fecunda e arrebatadora poesia, que lhe povoou a mente e o coração de sonhos e ambições de gloria.

Forte já com as licções recebidas de seu velho pae, animado pelo sincero apreço que lhe manifestava o illustrado cirurgião Dr. Theodoro Langgaard, fino apreciador da boa musica, estimulado pelas manifestações do talento de Sá Noronha, notavel rabequista portuguez; de Gustavo Wan-Marck, pianista e violinista emerito, de H. L. Lévy, clarinetista amador de fina tempera, e protegido ainda pelo elogio sincero e enthusiasta do Conselheiro Abilio José Barbosa de Oliveira, illustre magistrado, que adorava o talento de Carlos Gomes, o joven artista, que então contava de 19 a 20 annos de edade, e já era clarinetista eximio, resolveu um bello dia abandonar a casa paterna, o esplendido céo e todos os encantos da sua querida Campinas, e voar sosinho em busca do seu ideal: — a gloria!

Montou em magro burrico, e lá veio, escoteiro, por aquellas invias estradas, que o conduziram até S. Paulo.

Alli encontrou outro meio, mais desenvolvido, mas animador.

Escreveu o *hymno academico* (lettra do Dr. Bittencourt Sampaio) e varias outras composições que ainda hoje perduram, como estimadas reliquias, na memoria da tradicional Paulicéa.

Veio depois para esta capital.

Conseguio matricular-se no *Conservatorio* de Francisco Manoel.

Escreveu desde logo varias *cantatas*, uma das quaes lhe valeu o premio *viagem á Italia*.

Antes de partir para Milão, onde em pouco tempo conquistou o diploma de *maestro*, escreveu as operas nacionaes: a *Noite do Castello* e *Joanna de Flandres* (1861 e 1863).

Em Milão, entre varias producções de folego, compoz a *Se Sa Minga*, opereta, e *Nella Luna*, revista, ambas representadas no theatro com grande applauso (1866 — 1868).

Em 1870 estreou-se triumphalmente no Theatro Scala, de Milão, com *Il Guarany*.

Era o inicio da sua gloriosa carreira. Recebeu no berço da Musica a solemne consagração do seu talento genial.

Pouco depois (1872) assignalou nova conquista com a *Fosca*, a mais preciosa talvez e talvez a menos comprehendida de todas as suas operas.

Um anno mais tarde (1873 a 1874) colheu novos laureis com a exhibição do seu *Salvator Rosa*.

Em 1879 *Maria Tudor*. Em 1889 *Lo Schiavo*. Em 1890 *La Morena*, opera inedita. Em 1891 o *Condor*, com exito colossal na Italia, e no Rio de Janeiro (em 1892) o inspirado poema vocal e symphonico, em 4 partes, *Colombo*, que foi indignamente sacrificado pela pouco escrupulosa empreza Ducci & Ciacchi, na memoravel noite de 12 de Outubro.

Cada um desses trabalhos marca novo triumpho ao nosso glorioso compatriota, assignala notavel progresso na sua brilhantissima carreira, mas, infelizmente, symbolisa tambem mais uma copiosa fonte de lucros para o editor RICORDI (de Milão) que tem sido o vampiro explorador do sangue e do talento de Carlos Gomes.

De propriedade do *maestro* são apenas o *Condor* e o *Colombo*, cuja impressão ainda está em debito; tudo mais pertence á casa RICORDI, que se locupleta á custa do genio do artista brasileiro, emquanto este luta desesperadamente com a mingoa de recursos, até para manter-se e a dous filhos, que são, mais do que a propria Musica, a sua religião, a sua esperança, o seu sonho, a sua gloria, a sua vida, emfim...

Pomos o ponto final nesta breve noticia biographica, lamentando que a escassez de espaço nos não permitta maior desenvolvimento.

A. C. DE MENEZES.

CHRONICA FLUMINENSE

N'uma folha que começa, e demais a mais em 1º de Janeiro, a chronica deveria ir além de uma semana; deveria evocar todos os acontecimentos do anno, bons e máos, grandes e pequenos, e fazel-os desfilar alegremente aos olhos do leitor,

Tambour, clairon, musique en tête,

como cantava a Judic.

Mas aonde me levaria essa revista? Onde acharia eu espaço para tanta coisa?...

Entretanto, ellas ahi estão, dansando no meu espirito, essas desvanecidas sombras de homens e factos que passaram em ondas estrepitosas... Cucuhy, o Christo, Santa Isabel do Rio Preto, o velho Areias, o colchoeiro da rua da Assembléa, o Club Federál, Deodoro da Fonseca, o Sousa Bastos e a Pepa, o imposto do fumo, as corridas, a prisão do Sr. Sebastião Pinho, o *Tannhauser*, a questão dos nickeis, Guilherme de Aguiar, Maria de Macedo,—tudo isso me passa pela memoria n'uma revoada louca, n'um turbilhão demoniaco!...

*

Não! não irei além de Dezembro, d'esse excepcionalissimo Dezembro que hontem acabou, e em que tivemos as coisas mais extraordinarias, como fossem madrugadas de Junho e noites de Maio, o Vasques a fazer-nos chorar, a *Aida* quasi bem cantada a cinco mil réis por cabeça e o Sr. Dr. Barata Ribeiro nomeado prefeito municipal! Foi o mez das surprezas.

*

O fallecimento do Vasques, o actor mais querido das nossas platéas, o artista que, com as suas qualidades que eram muitas e os seus defeitos que não eram poucos, foi a incarnação mais topica do nosso theatro, teve na imprensa uma longa, piedosa e merecida commemoração.

O mesmo não aconteceu ao pobre Visconti Coaracy, que morreu brutalmente fulminado por uma syncope cardiaca, no seu tristonho retiro de Icarahy, quando, sentado á meza de trabalho, defronte do filho—intelligente criança já agora orphan de pae e mãe—, traduzia para o Sr. B. L. Garnier ou para o Sr. Seraphim José Alves não sei se um manual de cosinha, não sei se o ultimo romance de Ohnet.

Operario honesto das lettras nacionaes, jornalista apreciado, engenhoso arranjador de dramas e comedias, Coaracy teve a sua hora de triumpho quando, de sociedade com Pereira da Silva, transportou o *Guarany* do livro para o theatro.

Entretanto, a noticia de sua morte passou quasi despercebida; nem sequer houve um jornal que lhe puzesse o nome entre duas tarjas pretas, como é costume fazer aos defuntos mais ou menos considerados. Pobre Coaracy! pertencias á legião dos que morrem antes de morrer...

*

A idéa de levantar na praça publica uma estatua a João Caetano partio de Visconti Coaracy, que a

communicou publicamente ao Vasques, pedindo-lhe que a levasse a effeito. O artista immediatamente se entregou de corpo e alma a essa idéa, e conseguio, por meio das famosas *matinées* com tanto esforço e talento organisadas, levantar o bronze que lá está no hemicyclo da Escola de Bellas-Artes.

Quando se inaugurou o monumento, Coaracy queixou-se amarguramente de não ter sido convidado para a festa... Pobre amigo! era sina sua esquecerem-se d'elle...

Possam estas linhas fazer lembrado, ao menos um dia, ao menos uma hora, o polvo *Gryphus*, que ainda estou vendo, na sua velhice precoce, com aquella sympathica e veneranda figura de evangelhista, e aquella formosissima bocca, illuminada por um sorriso espirituoso e meigo.

*

Se eu entendesse de finanças como esse illustre visconde do Cruzeiro, que tambem acaba de fallecer, faria aqui diversas considerações sobre a fusão, decretada pelo Governo, dos Bancos do Brasil e da Republica.

Os accionistas do Banco do Brasil tem se feito de manto de seda, o que é extraordinario, porque não ha negar que em toda esta negociata o melhor bocado é o d'elles. Mas que querem? — a tradição fez do Banco do Brasil uma arca santa, um *noli me tangere*, e toda a gente sabe como é difficil neste paiz lutar contra as tradições.

A fusão dos dous bancos parece-se muito com certos casamentos em que a noiva traz a sua mocidade, a sua belleza e a sua riqueza, e o noivo pura e simplesmente o seu nome. O noivo neste caso é o Banco do Brasil; não lhes parece que o da Republica é para elle um magnifico partido? O velho hesita — quem sabe? — pelo receio de ser mais tarde enganado pela mulher; mas, nas condições em que elle se acha, o mais prudente é fechar os olhos, casar-se, e... o resto á sorte!

*

Confesso que não me encheu de enthusiasmo a exposição preparatoria columbiana. O nosso paiz tem sido mais gallhardamente representado n'outras exposições, e, para fallar verdade, não me parece que para mostrar tão pouco valha a pena ir a Chicago...

D'antes as exposições brasileiras arranjavam-se com mais facilidade e com mais brilhantismo, porque havia as condecorações... Os governos tudo conseguiam com ellas. Os habitos fazem-nos muita falta? A Republica andou bem acabando com essas patacoadas, mas é inevitavel que soffra as consequencias do seu acto. Lembremo-nos que foi do cofre das graças que sahiram os hospitaes da Misericordia e da Praia Vermelha, o custoso paredão da praia de Botafogo, etc. Devemos certo reconhecimento ao Habito da Rosa.

*

Para conseguir aquelle pouco, tiveram os commissarios que envidar inauditos esforços, e ninguem rasoavelmente poderá negar que elles deram prova de muito boa vontade; mas é inegavel tambem que a exposição, considerada *en bloc*, está longe de produzir o desejado effeito.

A exposição de bellas-artes, feita separadamente, na Escola, tambem é relativamente pobre. Poderiamos apresentar mais e melhor. Ha alli dous trabalhos novos que me impressionaram muito agradavelmente, — dous retratos assignados por Henrique Bernardelli e Rodolpho Amoedo. No proximo numero do *Album* me occuparei detidamente d'essa exposição, depois de outra e mais minuciosa visita.

*

Aurelio de Figueiredo expoz os seus ultimos quadros na redacção da *Cidade do Rio*. Ha alli de tudo — paizagens, marinhas, scenas de interior, retratos, etc. O Silvestre, com as suas incomparaveis bellezas, forneceu ao nosso artista algumas telas muito apreciaveis. Mas de todos os quadros o que mais me agradou — oh! simples opinião de amador — foi o que se intitula *Mandolinata*, e representa o eterno e louro modelo do Aurelio, aproveitado desde os tempos, já longinquos, da *Francesca de Rimini*, muito bem sentado n'uma cadeira antiga, muito bem vestido de sedas e veludos, dedilhando uma guitarra. Esse quadro, que está primorosamente feito, é de uma poesia simples e encantadora.

*

Eu quizera fallar das extraordinarias revelações do sr. conde Sebastião Pinho, mas ao mesmo tempo não quero entenebrecer estas columnas com tão dolorosos assumptos.

CARLOS GOMES

Atravessamos uma epoca triste, muito triste, e confrange-nos a alma a comparação, a que somos naturalmente levados, do que se tem feito em França, paiz velho, a proposito do Panamá, e do que não se faz no Brasil, paiz novo, a proposito de tantos escandalos não menos graves, e mais vergonhosos.

A.

CAMPO SANTO

Os annos matam e dizimam tanto
Como as inundações e como as pestes:
A alma de cada velho é um Campo Santo,
Que a velhice cobrio de cruzes e cyprestes
Orvalhados de pranto.

Mas os sonhos não morrem como as flores,
Como os homens, os passaros e as feras...
Destruidos embora pelas dores,
Renascem para o sol de eternas primaveras
E de eternos amores.

Por isso, muita vez, na paz silente,
No somno fundo, na terrivel calma
Do Campo Santo, ouve-se um grito ardente:
E' a Saudade... A Saudade! E o cemiterio da alma
Acorda de repente.

Uivam os ventos funeraes, medonhos;
Brilha o luar; as lapides se agitam...
E, sob a rama dos choroes tristonhos,
Sonhos mortos de amor animam-se e palpitam,
— Cadaveres de sonhos...

OLAVO BILAC.

O JERÓMO

Correu uma gargalhada de ponta a ponta do meio-circulo, rapida, rebentando de todas as boccas, como se fosse o estopim de uma gyrandola. O Jerómo, ainda de cócaras, firmou-se n'um braço para se levantar do tombo, e, de novo, estatelou-se no chão. Nova gargalhada explodio, de subito, como o lépido levantar de azas de uma revoada de pombos... « Paga prenda! paga prenda! » gritavam. Tia Michaela, a um canto do sofá, com as duas mãos na cintura, pedia que não a fizessem rir tanto, por causa do figado. E seu Rodrigues, um caixeiro da Côrte, que andava por fóra, em cobranças, veio logo, de chapéo na mão, todo sorrisos, para receber a prenda do carreiro.

« Paga prenda! paga prenda! » O Jerómo resistia á intimação. Não pagava. Cahíra ao querer ajoelhar-se muito depressa, mas não rira, nem ao menos começára as palavras do jogo: « *Meu senhor São Roque, eu aqui estóu a vossos pés sem me rir sem chorar* »... Não pagava. « Paga prenda! » insistiam... E a Margaridinha, a filha de tia Michaela, de joelhos sobre uma cadeira, gritou-lhe tambem que pagasse. « Pague, seu Jeronymo... E' p'ra não parar o jogó. » O Jerómo pagou, com um botão de punho. O caixeiro da Corte voltou para o seu logar, todo sorrisos. « Minhas senhoras, vae continuar o jogo. O senhor São Roque é a Sra. D. Margaridinha. »

Fóra, o luar banhava todo o jardim plantado de esponjas, desenhando na rua a ramagem crescida da cerca de espinhos. A estrada tortuosa, toda de areia, refulgia ao clarão da lua. Longe, no silencio da noite, latiam cães... E Barradas, « amigo de seu barão », suando em bicas, viera para o jardim e encostára-se á cancellinha da porta, a fumar. O jogo continuava lá dentro, na sala. Ouvia-se a voz do caixeiro da Côrte. « Que se ha de fazer ao dono ou dona desta prenda? » E viam-se, sobre os aparadores, dous grandes lampiões de kerozene trazidos pelo Barradas, da casa de seu barão, para aquella festa de annos da tia Michaela.

O Jerómo era carreiro lá do alto, da fazenda do Dr. Chico Penna. Mais p'ra baixo ficavam as terras de seu barão—barão de Santa Maria. Ahi é que o Barradas punha e dispunha, como dono da casa, comendo á farta, bebendo ainda melhor. Portuguez esperto, muito insinuante, começára auxiliando o administrador da fazenda. Um dia, o administrador vio-se, de subito, posto no meio da rua. O barão, colerico, cheio de raiva, não lhe consentio que se justificasse. O homem não fizera nada. O Barradas foi nomeado para o seu logar.

« Bom administrador tenho eu! » costumava dizer o barão. Carreiro é que não tinha, tão bom como o Jerómo. Certa vez, o Jerómo ia a entrar em casa, empurrava já a porteira, quando retinio este grito. «Eh, lá, ó Jirónymo! » Era o Barradas. O outro não o ouvio. O portuguez chicoteou mais a besta em que vinha, enterrou-lhe bem as esporas... Depois, repetio o chamado: « Eh, lá, ó Jirónymo! » O Jerómo demorou-se a esperal-o, com a mão ainda sobre a porteira. E ao brusco choque das esporas, a besta trotou mais depressa, até junto da cancella. Ficou ahi, sem parar, ao mesmo tempo avançando e recuando, a apertar as pernas do Barradas de encontro ás duas ripas pregadas em cruz.

« Manhosa como ella só! » achou, sorrindo, o Jerómo. O Barradas apeou-se, tirou as rédeas de sobre o pescoço do animal, passou-lh'as da cabeça para fóra, por cima das orelhas, e foi pren-

del-as adiante, a uma das pontas da cerca. Demorou-se ainda um bocado, a enrolar um cigarro. Por fim, abordou a questão. O barão mandava perguntar ao Jirónymo se não queria ir trabalhar lá para a fazenda. O Jerómo estava que não cabia em si da sorpreza.

O Barradas contava com isso. « Ah! estava admirado, não era? Tinha de que. Era uma fortuna que lhe cahia do céo.» E gabava a fazenda. Que bonita que estava agora! Passava-se muito bem de barriga. Aquillo é que era viver a gente uma vida regalada. Comia-se quatro vezes ao dia. E depois, se o Jirónymo quizesse, dobrava-se-lhe o ordenado, ajuntava-se-lhe uma gratificaçãosinha para os cigarros, e até o Sr. barão inda lhe havia de dar a sua farpellasinha nova. O Jerómo reflectia, via-se que estava a hesitar. Mas, de repente, fez que não com a cabeça. Decididamente não aceitava. Era tolo, regeitar assim uma fortuna que lhe cahia do céo. Mas que lhe havia de fazer? Tinha amizade á casa, criára-se com os meninos...

O Barradas voltou para a fazenda, a apertar cada vez mais o passo da besta, para repetir ao Sr. barão o que lhe dissera o bigorrilha do Jirónymo. E logo ao chegar, em meio do almoço, tendo muito cuidado em que não esfriasse o bife do Sr. barão, a mandar pelos criados que fechassem bem as janellas da varanda para que o Sr. barão não se fosse constipar, o Barradas contou-lhe o que ouvira do carreiro. « E' uma criança! » deixou escapar o barão. E o Barradas logo, com toda a sua verbiagem de portuguez, muito esperto: « E' um estupido, é o que é... Vossa Excellencia não n'o conhece. E' um estupido e um bigorrilha... Um bigorrilha é que elle é, saiba-o Vossa Excellencia!... »

*

Esmorecia a luz. Manchas de fumaça iam subindo aos poucos, pelo interior dos globos, nos dous grandes lampiões de kerozene. Tia Michaela queixava-se do figado, fizera-lhe mal o jantar. O Barradas voltava nesse momento para a sala, mãos nos bolsos, fumando. Vinha de fóra, janellas a dentro, cortante e rispido, o aspero frio da madrugada. Nuvens roscas appareciam pelo céo. « Bom dia, siá dona! » gritavam da estrada para a Margaridinha que se fôra debruçar á janella. O caixeiro da Côrte ainda quiz ver se reanimava a festa « Minhas senhoras, meus senhores! vamos agora jogar o *Coche da familia*. Eu sou o cocheiro. D. Margaridinha é quem mais brilha, é a lanterna. O Sr. Barradas é o chicote...» Voltava-se todo sorrisos, para cada um. Mas a Margaridinha achou que já era tarde. « Qual, seu Rodrigues! Já é dia... Mamãe está com somno. » Clareava mais. « Agora é cada um p'ra sua casa! » interrompeu asperamente o Barradas.

Despediram-se, trocando abraços, apertando-se muito sacudidamente as mãos. Tia Michaela distribuía beijos, a torto e a direito, fazendo convites. « Não se esqueçam, heim? Agora é pelo Natal!»... O Jerómo chegou, a correr, do jardim. Occultou umas flores no casaco. Depois, estendeu a mão á Margaridinha, olhando a bem em face. — « Não me esqueça! » disse. A moça apertou-lhe os dedos, quasi a esmagal-os... E ficou em silencio. Tinha os olhos cheios d'agua.—« Venha amanhã! » segredou a muito custo. O Jerómo fez que sim, com a cabeça. E sahio. Mas da rua, voltou ainda, como se lhe faltasse alguma coisa. Parou indeciso.— «Até amanhã, tia Michaela! » fez, depois. Apertou outra vez a mão da Margaridinha. Custava-lhe deixal-a assim. Desejaria ficar para sempre, alli, ao seu lado, ouvindo aquella doce musica da sua voz...

Partio, afinal. Levava um grande vacuo no peito. Os olhos humedeciam-se lhe, tinha uma enorme vontade de chorar.... Passaros cantavam. Do matto em roda subia um embalsamado, um fresco cheiro de hervas. Gottas de orvalho cahiam dos espinheiros, e, pela relva adiante, borboletas iam e vinham, doidas, agitando azas tremulas, amarellas por sobre as flores amarellas.

Entrou em casa. Atirou-se á cama, para ver se esquecia aquella idéa da Margaridinha. Talvez dormisse... Não dormio. Aquillo era como se lhe houvessem arrancado do peito, na festa, alguma coisa que lhe fazia muita falta. Voltava-se para a parede, fechava os olhos, apertava-os bem, para não ver coisa nenhuma, e de subito, lá se lhe deparava outra vez a sala do jogo de prendas. Era ainda o caixeiro da Côrte quem as ia a pouco e pouco recolhendo no chapéo; o jogo é que já não era o mesmo. Não era o Senhor São Roque, era uma coisa parecida. E o Jerómo via-se de joelhos aos pés da Margaridinha —« Minha santa Margaridinha, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar, sem me rir... Eu aqui estou a vossos pés... »

*

O Jerómo voltou no dia seguinte á casa da tia Michaela. Voltou depois ainda, e no terceiro dia, e mais tarde. A Margaridinha vinha buscal-o á cancella, toda de branco. E subiam, mãos dadas, almas felizes, acompanhados desde a porta pelo vigilante, doce, bondosissimo olhar da velha.

Mas, n'um dia, tia Michaela veio, ella propria, recebel-o á entrada. O Jerómo parou, sorprezo, indagando com os olhos. E tia Michaela explicou o que havia. —«O Leopoldo... Conhecia? Aquelle, magrinho, que estivera lá no dia dos seus annos... Ah! não conhecia? Pois coitado! fôra-se... Bexigas...» Bexigas!— « E' verdade; bexigas! Era o sexto caso n'uma semana.» O Jerómo estremeceu de terror; dominou-se, porém,— «Mas afinal, e a Margaridinha?» Tia Michaela tranquilisou-o.— « Estava no sitio do Leopoldo. Fôra pela manha, para ajudar a gente da casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça. » O Jerómo despedio-se, voltaria depois.— « Sabbado, ella já ha de estar ahi. Tenha paciencia! » Teria pacien-

cia. E foi embora. Luzes brilhavam longe. Anoitecia. O Jeromo levava como um presentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, á tardinha. Esperou-o até alta noite Nada. Esperou-o no sabbado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, n'aquella noite lugubre, tia Michaela veio da rua a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol, veio a tarde, frigida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava á porta, apoiada á cancella.

Nuvens pardacentas foram-se amontoando pelo céo. Peneirava um chuvisco. E nisto, do alto, dentre barrancos, aos solavancos pelo tortuoso caminho—violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia—surdio uma antiga, uma arruinada caleça, já sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscillava um caixão. Oleados resguardavam-n'o do tempo. E logo atraz, vinham, a galope, dous cavalleiros.

O ceo fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentio que alguma coisa se lhe encroscava no coração. Era como se uma cobra má o houvesse agarrado de subito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chiavam na areia, rapidas, ao rapido trote das bestas. Homens descobriam-se ao vel-o. E tia Michaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

—« Coitado do Jerómo ! »disseram, na casa visinha. A Margaridinha apoiou-se mais á cancella.—« Ah ! meu Deus ! » soluçou, dolorosa, angustiadamente. Só. Faltava-lhe o chão. A' garganta subiam-lhe num bolo, toda aquella magoa. toda aquella agonia, toda aquella inenarravel dor. O carro passou Do caixão mal fechado, evolava-se, ficava um máo cheiro espalhado no ar.—« Siá dona, reze por elle ! » gritaram. Chovia mais forte. Lagrimas rebentavam em fio, das arvores sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada á cancella, com um nervoso rictos ao canto dos labios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

PEDRO RABELLO.

THEATROS

A maior novidade dos nossos theatros, e a mais litteraria, é o *Defunto*, delicado *lever-de-rideau* escripto em bonitos versos por Filinto de Almeida, e representado com muita acceitação, no Recreio Dramatico, pelos artistas Ferreira e Apollonia.

Trata-se dos escrupulos de uma viuva, que não quer novos amores, com receio de offender a memoria do seu defunto. O motivo não é novo, e já foi magistralmente desenvolvido em tres magnificos actos pelos mestres Mailhac e Halévy quando escreveram *La veuve*; mas Filinto de Almeida, que tem qualidades de homem de theatro (para empregar aqui uma expressão sarceyana), apresentou coisa sua.

Fazemos votos para que o inspirado poeta da *Lyrica*, aproveitando as boas disposições de Dias Braga, que é, inquestionavelmente, um emprezario de intenções artisticas, nos brinde com algum trabalho de mais folego.

Dizem-nos que o *Defunto* já é obra velha, e que o autor está hoje deputado e cidadão conspicuo em S. Paulo... Ora queira Deus que a politica o não afaste das bellas-lettras!

*

No mesmo theatro representou-se o drama *Cavalleria rusticana*, traduzido pelo dito deputado e poeta. O trabalho de Verga pouco interessa á nossa platéa, primeiramente por ser uma pintura de costumes sicilianos com os quaes nada temos que ver, e depois porque a musica de Mascagni está tão associada ao argumento da peça, que este sem ella se torna incolor e anodino.

Entretanto, ha alli muita paixão, d'essa paixão do ciume, que acommette a humanidade inteira, tanto na Sicilia como no Japão ou no Rio de Janeiro, e não precisa de musica para sobresaltar as almas sensiveis.

Os artistas tiraram muito proveito dos seus papeis, mas é de justiça collocar no primeiro plano Apollonia, que foi uma admiravel Santuzza.

*

Parece que o Sant'Anna deitou, emfim, a mão a um *successo*. Ja não era sem tempo.

Das peças representadas durante a ultima estação theatral de Pariz foi sem duvida o vaudeville *Les 28 jours de Clairette*, de H. Raymond e A. Mars, musica de V. Roger, a que mais acceitação alcançou. A empreza do theatro das Folies-Dramatiques acaba de festejar a duo-centesima representação, e a peça tem probabilidade de conservar-se em scena ainda por muito tempo.

Teve rasão o publico pariziense pelo que vimos ante-hontem no *Rapaz de saias*, titulo que deu Moreira Sampaio ao vaudeville traduzido por elle com a grande habilidade que tem revelado nesse genero de litteratura. A peça nada perdeu com a transplantação de um para outro idioma.

Encontram-se no *Rapaz de saias* todos os elementos explicativos do triumpho pariziense, triumpho que naturalmente vae renovar-se no Rio de Janeiro.

Situações do todo novas e de um comico irresistivel, ditos de espirito, malicia a rodo, musica bonita, leve e facil, genuinamente franceza, d'aquellas que agradam á primeira audição e que o publico assobia quando sae do theatro, taes são as qualidades que abundam no *Rapaz de saias*.

Não daremos o entrecho da peça; tão complicado é elle e tão cheio de qui-pro-quos, que com certeza

seriamos incompletos. São quatro actos de situações emaranhadas. Trata-se de uma mulher que recebeu de um tio, mestre de armas, uma educação muito masculina, e se disfarça em soldado, tomando o logar de um honesto pasteleiro, e faz serviço le tarimba, e bate-se, e pinta o diabo, tudo isso por causa do marido, o advogado Vivarel, que se esqueceu, ao dar-lhe a mão de esposo, de liquidar o passivo da sua existencia de celibatario.

O desempenho que os artistas do Sant'Anna dão á peça é o melhor que actualmente se podia obter n'esta capital. Blanche Grau, Pepita Anglada (uma estreiante muito geitosa), Mattos, Colás, Rangel Junior, Teixeira, etc., deram todos muito boa conta do recado.

A enscenação é esmerada, e foi feita á vista dos *croquis* e figurinos que a empreza recebeu de Pariz. A instrumentação é a do proprio Roger, autor da partitura.

Tão cedo o *Rapaz de saias* não deixará a rua do Espirito-Santo, vão ver.

*

Nos outros theatros nada de novo. No Polytheama tem sido cantadas muitas operas de Verdi mais barato que n'outra qualquer parte. No Lucinda o *Burro do Sr. alcaide* e *Tim tim por tim tim*, no Apollo o *Barbeirinho de Sevilha*, no Variedades o *Frei Satanaz*, e no Recreio o eterno e afortunado *Conde de Monte-Christo*. Entretanto, o Lucinda ensaia uma opera-comica portugueza, a *Moura de Silves*, o Variedades uma magica, o *Diabo coxo*, e o Apollo um drama sacro, o *Filho do Averno*, cujo protogonista é São Guilherme, duque de Aquitania.

X. Y. Z.

SPORT

O *sport* moderno não constitue os bellos torneios de cavallaria da idade média, em que se operavam assombros de agilidade por um olhar, por um sorriso da dama dos pensamentos.

Esse tempo passou. O fleugmatico inglez, frio e taciturno como a sua velha Albion, transformou os torneios equestres, cujas descripções nos arrebatam e enlevam, pela corrida lisa, ou, quando muito, pelo *steeple-chase* cujo merito consiste em vencer obstaculos adrede preparados para esse fim.

E foi este o *sport* que transportamos para o Brasil. Já não ha cavalheiro que se apresente na arena encorajado por um sorriso, que morra afagado por malicioso botão de rosa, predestinado para premio da victoria.

Esse tempo passou.

O joven X percorre á tardinha o aristocratico bairro de Botafogo cavalgando soberbo alazão, mas é a vaidade ostentando animal de subido valor, que se deixa levar com a mansidão de cordeiro.

O taful não conhece as regras de equitação: não é um *calção* correcto, não poderá cavalgar fogoso e ardido corsel, não poderá em honra de sua dama, conquistar a victoria na arena de um hippodromo!

As lutas hippicas foram entregues a mãos mercenarias, e no Brasil a individuos pela mor parte sem criterio e dignidade, e dahi o rebaixamento do nivel moral da instituição.

A propria direcção dos hippodromos, confiada a cavalheiros, aliás muito distinctos e illustrados, soffre pelo facto de desconhecerem regras comesinhas de hippologia, e ainda porque criminosa bondade tem tolerado a pratica de irregularidades que attingem a proporção do crime.

Os codigos, calcados sobre os europeus, contêm medidas cohibitivas, comminam penas para todos os delictos, mas as regras escriptas não têm igual applicação entre as diversas directorias, e até, custa dizel-o, no seio da mesma directoria soffrem applicação diversa, ~~conforme a sympathia que merece~~ o delinquente.

Não obstante tantas e tão graves irregularidades, o *sport* é a flor da moda do *high life* fluminense. Não se póde pertencer a esse mundo elegante que constitue o *high life* sem frequentar o *sport*, sem ir aos domingos dar tregoas ao *spleen* semanal, no unico ponto de reunião do Rio de Janeiro.

O *Album*, que aspira a ventura de ser acariciado no *boudoir* da gentil *sport-woman*, e que pretende logar de honra no gabinete de litterato e do poeta, não poderia dispensar uma secção sportiva.

Tel-a-ha.

Não desceremos a imiscuir-nos nas intrigas de ensilhamento; analysaremos sem paixão as corridas, apontaremos as irregularidades commettidas, indicaremos reformas tendentes a engrandecer e moralisar o *turf* nacional.

*

Na ultima corrida realisada no Derby Club...

O passado está passado. Corramos sobre elle o véo do esquecimento.

O *Album* visa o futuro, e se as sociedades sportivas tornarem real essa solidariedade por que tantas e tão amiudadas vezes fazem votos, o *sport* brasileiro póde entrar em nova phase e cobrir-se das glorias que lhe almejamos.

Está feita a apresentação de

BELZEBUT.

No proximo numero do *Album* encetaremos a publicação do romance *Amor de primavera e amor de outomno*, original de ALFREDO BASTOS.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 2 JANEIRO DE 1895

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 2$000 por série de 52 numeros, e de 1$000 por série de 25 numeros. Numero avulso 500 rs.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

MACHADO DE ASSIS	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
A UMA ENGEITADA	Guimarães Passos.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
COISA NENHUMA	Arthur Azevedo.
THEATROS	X. Y. Z.
SPORT	Belzebut.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

ISMENIA DOS SANTOS

A' IMPRENSA

Penhoradissimos, agradecemos á grande e generosa Imprensa Fluminense as palavras encomiasticas e animadoras com que annunciou e recebeu o primeiro numero d'este modesto periodico.

Correspondendo á sympathia e benevolencia com que fomos tratados pelos nossos illustres mestres e companheiros, envidaremos todos os esforços para que o *Album* não desmereça nunca de tão honrosos conceitos.

MACHADO DE ASSIS

Em 1885 Arthur Barreiros escreveu, n'um periodico ephemero, profundo e luminoso artigo sobre a personalidade de Machado de Assis. Hoje, que o *Album* se honra publicando o retrato do Mestre, transcreve para as suas columnas esse artigo quasi inedito, rendendo assim uma dupla homenagem ao glorioso autor das *Memorias posthumas do Braz Cubas*, e ao illustre moço cuja morte prematura foi uma perda sensivel para as lettras nacionaes.

Eis as palavras de Arthur Barreiros,—nós não poderiamos dizer mais, nem melhor:

« Machado de Assis não se elevou pelo empenho, nem pelo fortuito dom do nascimento, nem pelas inexplicaveis combinações do acaso ou da politica. Para se tornar illustre e amado, não precisou de trepar para o carro de dentista em pleno vento e fixar sobre si a curiosidade das ruas, ao som estridente dos cornetins de feira, ao desalmado rufar das caixas e tambores. Deem-me um Athenicnse, que em troca eu vos darei cem Beocios! póde elle insculpir como divisa na frontaria da sua obra. Filho de artista, elle apenas quiz ser artista maior, n'outra esphera mais alta e mais vasta.

A' volta do seu berço não lhe sorriram as boas fadas da lenda, que lhe outhorgassem bens transitorios e de sua natureza injustos; o Talento e o Trabalho, em compensação, estenderam-lhe as mãos, e da humildade do seu nascimento o trouxeram ao combate homerico da vida, e o armaram cavalheiro, certos de que os seus triumphos seriam sem conta e as victorias gloriosas.

A sua vida litteraria, que se estende, como um golfo grego e azulado, de aguas travessas e risonhas, das *Crysalidas* aos *Papeis Avulsos*, e fórma um opulento fio de perolas, raro será o homem de gosto que não a conheça no todo ou em parte.

Relède-me as *Crysalidas*, que consorciam ás rosas os raios de sol, preparam as suas rimas com o mel das abelhas e a luz das estrellas, cantam, emfim, os deslumbramentos da Mater uberrima e as explosões ruidosas do genio, todo esse mundo irradiante e impalpavel de sentimentos e idéas que rebentam prodigiosamente na imaginação dos poetas e nos quadros divinos da natureza; e que se póde conter no espaço abrangido por uma janella que deita para o campo, ou no espaço—muito maior e muito mais pequeno!—do adorado olhar feminino; relède-me esses versos, e dizei-me se não descobris

em germen e embryão—como se distingue no botão toda a flor e nas graças da menina toda a seducção da mulher—a nota poderosa, a nota pessoal, moderna e sincera que domina este singular, este grande, este admiravel livro das *Memorias posthumas de Braz Cubas*.

E' a sua obra prima, a mais trabalhada e a mais saborosa, a que o definio inteiro e vivo, philosopho adoravel, de um scepticismo, nem brutal nem deshumano, — gotta a gotta adquirido como um veneno irresistivel, — indocil, religioso a sua maneira ; e o vinco pessimista que d'esse volume para cá marca todas as suas paginas poderia ser tomado como um arrebique mais, se elle não fosse um convencido.

Estylista impeccavel, estylista desde que pela primeira vez se vio armado de uma penna e com algum papel branco diante de si (porque ha escriptores de nascença), Machado de Assis burilou no mais bello marmore, com um sagrado respeito á Forma, com uma noção nitida e poderosa do Bello, essa longa e original serie de contos, de romances, de folhetins, de phantasias delicadas, imprevistas, deliciosamente ironicas, sintillantes de graça, que se chamam—citando ao acaso — *Miss Dollar*, *A mão e a luva*, *O cão de lata ao rabo*, *A chinella turca*, *A Serenissima Republica*, *As Academias de Sião*, *Um capitulo inedito de Fernão Mendes Pinto*...

O critico não desmerece do phantasista ; a penna que zombeteia e sabe rir, sabe tambem, sem clamores e com perfeita exempção, partir o pão da justiça entre os que arroteiam e lavram a mesma geira de terra, os que consomem o melhor e o mais puro do seu sangue insuflando vida ás creações do espirito, os eternos descontentes de si mesmos, os que veem sempre recuar e fugir os horisontes da terra promettida.

Ha disto um exemplo frisante no magnifico estudo sobre a Nova Geração, que triumphalmente fez a volta á imprensa do paiz: desprende-se d'aquellas paginas enthusiasticas e justas «opportunas e amigas», tal serenidade de animo, uma tal comprehensão da confraternidade litteraria, tão ponderados são os seus juizos, tão rectilineos, tão inilludiveis, que não houve revoltados, e, se os houve, não se atreveram a apellar do julgamento.

E no meio de todos nós, que lhe quizemos bem muito antes de saber o que pensava o Mestre dos nossos grandes ou pequenos predicados de espirito, elle é simplesmente um vivo e alegre camarada, que se faz rapaz com os rapazes, que não nos dá o louvor a juros ou com a intenção de agremiar caudatarios, mas que nos adverte e estimula, para nos ver triumphar em toda a linha, nobremente e sem odios.

Disse Jorge Sand que o auctor dramatico deve deixar o auditorio fóra de portas se quizer impressionar, não um publico, mas o coração humano; Machado de Assis dá maior amplitude á maxima do escriptor feminino: evita e execra a galeria, por temperamento, por um augusto e elevado sentimento de independencia e liberdade.

Nestes tempos de vozeria e fumarada, em que os mais bem dotados de pulmões se julgam os triumphadores e os heróes, quando quasi todos se sentem mordidos pelo demonio da publicidade e da gloriola, elle vive a serena e luminosa vida da Arte, egualmente repartido entre a obra divina e a obra humana, egualmente deslumbrado pela valsa phantastica das borboletas e por um tercetto gemal de Dante, por uma apostrophe despedaçadora de Shakespeare e pelo manso derivar da agua sonora.

No trato intimo, benevolo, discreto, polido, admirador e seguidor das praticas britanicas, *gentleman*, em uma palavra; na palestra é ainda um escriptor de raça, deleitavel, copioso em ditos, penetrante, arguto, com um reparo para cada facto, com um remoque para toda a dissonancia, como nos mais bellos dias dos seus vinte annos, que não querem acabar, que se lhe metteram em casa e o acompanham para toda a parte.

E' um Mestre; não o procura ser, não se impõe, não arma ás acclamações, não disputa proeminencias; e todavia é um Mestre pelos honrados exemplos da sua vida, pelas primorosas concepções da sua penna. O artista n'elle é um prolongamento do homem; no livro e fóra do livro, os limpos de coração sentirão a luz e o calor do astro, respirarão certa grandeza sincera, um não sei que de immaculado e magnanimo, que é como o ar ambiente dos espiritos verdadeiramente superiores.

ARTHUR BARREIROS.»

Accrescentaremos alguns apontamentos biographicos:

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de Junho de 1839, e é filho legitimo do operario Francisco José de Assis e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis.

Os seus estudos foram muito irregulares. Ao deixar a escola de primeiras lettras, sabendo apenas ler e escrever, tratou de instruir-se a si mesmo, sem professores nem conselheiros, e assim adquirio todos os conhecimentos indispensaveis á carreira com que devia illustrar o seu nome. Para dar uma idéa da força de vontade que elle possuia — como ainda possue — em se tratando de enriquecer o espirito, basta dizer que tinha perto de cincoenta annos quando aprendeu a lingua allemã.

Em 1858 Machado de Assis abraçou a arte typographica, mas no anno seguinte abandonou-a para ser revisor de provas da famosa casa do Paula Brito e do *Correio Mercantil*.

Em 25 de Março do 1860 encetou Machado de Assis a sua vida jornalistica, ao lado de Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva e Cezar Muzio, no *Diario do Rio de Janeiro*. Demorou-se na redacção d'essa folha até o começo de 1867. Em Março d'esse

anno foi nomeado ajudante do director do *Diario Official*, cargo que exerceu até 1878.

Entretanto, desde 31 de Dezembro de 1873, estava nomeado 1º official da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, sendo promovido a chefe de secção em 7 de Dezembro de 1876, e a director em 1 de Abril de 1889, cargo que ainda occupa na Secretaria da Industria, Viação e Obras Publicas, transformação d'aquella.

Releva dizer que Machado de Assis, comquanto o seu grande temperamento artistico devesse naturalmente indispol-o contra a vida burocratica, é um funccionario publico modelo.

Accrescentaremos que Machado de Assis foi membro do Conservatorio Dramatico Brasileiro; fez parte das conferencias de historia e geographia como membro da secção de historia litteraria e das artes; servio, em 1872, na commissão do *Diccionario Technologo da Marinha*, e em 1878 na commissão incumbida de organisar um projecto de reforma de legislação de terras; foi official de gabinete do Conselheiro Buarque de Macedo, ministro da Agricultura.

Em 1867, o governo imperial agraciou-o com o gráo de cavalheiro da Ordem da Rosa, por serviços prestados ás lettras brasileiras. Em 1888 a princeza D. Isabel elevou-o a official da mesma Ordem.

Em 12 de Novembro de 1869 casou-se Machado de Assis com a Exma. Sra. D. Carolina Augusta Xavier de Novaes, irmã de Faustino Xavier de Novaes. Nunca tiveram filhos.

*

Eis a lista, por ordem alphabetica, dos volumes publicados por Machado de Assis:

Americanas, poesias; o *Caminho da porta*, comedia; *Contos fluminenses*; *Crysalidas*, poesias; *Desencantos*, comedia; os *Deuses de casaca*, comedia; *Helena*, romance; *Historias da meia noite*; *Historias sem data*; a *Mão e a luva*, romance; *Memorias posthumas de Braz Cubas*; *Papeis avulsos*, contos; *Phalenas*, poesias; o *Protocollo*, comedia; *Quincas Borba*, romance; *Resurreição*, romance; *Tu só, tu, puro amor...*, comedia; *Yayá Garcia*, romance.

Talvez escapasse algum.

Accrescente-se a essa lista um grande numero de contos, publicados aqui e alli, que dariam cinco ou seis grossos volumes; tres ou quatro comedias representadas em salões particulares; uma infinidade de chronicas, artigos de critica, versos, phantasias, etc., que representam, talvez, cem volumes; um poema inedito, a *Devassa*, do qual foram publicados alguns trechos na *Revista Brasileira*, de saudosa memoria; muitas traducções para o theatro, entre ellas a do *Barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais, representada em 1870; uma primorosa traducção inedita, em versos alexandrinos, de *Les plaideurs*, de Racine, etc. Actualmente escreve Machado de Assis, todos os domingos, na *Gazeta de Noticias*, uns artigos intitulados *A Semana*, que n'outro paiz mais litterario que o nosso teriam produzido grande sensação artistica.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Ha quarenta annos appareceu nesta capital um homem que chegava de Minas com um nome muito grande — João José Fagundes de Rezende e Silva — e uma pretensão ainda maior: vinha pedir ao governo imperial privilegio para a exploração das minas de Cayapó.

Quando elle aqui deu fundo com o seu requerimento dentro da mala, era um homem perfeitamente equilibrado, trazendo comsigo, além do dito requerimento, a certeza de agarrar e subjugar o lubrico phantasma da Fortuna.

João José Fagundes de Rezende e Silva pedia, pedia, pedia, mas não arranjava nada. Os tempos foram passando, os recursos que elle trouxera a pouco e pouco se esgotaram todos, a sua alma encheu-se de azedume, veio a miseria, depois o desespero, em seguida o ridiculo, e por fim a loucura, essa loucura comica e inoffensiva dos Padres Kelés e dos Principes Obás, essa loucura que faz rir aos transeuntes e os não expõe á furia dos loucos.

Ao cabo de uma existencia soffredora, Fagundes, que passava os dias a correr da Secretaria da Agricultura para a Camara dos Deputados, da Camara dos Deputados para o Senado, do Senado para a rua do Ouvidor, da rua do Ouvidor para o palacio de S. Christovam, pedindo, implorando, supplicando, exigindo, reclamando, obsecrando e, sobretudo, caceteando, ora dizendo pilherias e mettendo em tudo um pouco de latim macarronico, ora de má catadura, ameaçador e terrivel, Fagundes, diziamos, venceu a todos pelo cansaço, e obteve a suspirada concessão.

Não poude gozal-a; o pobre diabo não tinha o espirito apparelhado para fazer de Jacob, não de uma Rachel mas de uma riqueza, e, em poder da concessão, deixou-se naturalmente engazopar por meia duzia de gauderios. Morreu ha dias n'um quarto de hospital, que lhe foi dado por favor, e na hora extrema, no delirio da morte vio em sonhos — quem sabe? — essas opulentas e legendarias minas de Cayapó, que foram a unica preoccupação de todo o seu passado inutil.

Ao que nos pode conduzir o desejo de conquistar aquillo com que se compram os melões!

*

Estes melões trazem-me ao bico da penna o incendio do trapiche Carvalhaes, incendio tão grande que principiou em 1892 e só acabou no anno seguinte!

A imprensa aproveitou o ensejo para assoalhar o adjectivo *pavoroso*, que ha muito tempo dormia o somno do esquecimento no fundo dos diccionarios.

Contam que certo egoista, passando por uma casinhola em chammas, e vendo uma pobre mulher a chorar, perguntou: — E' sua esta casa, minha senhora? — Sim, senhor. — N'esse caso, peço-lhe licença para accender o meu charuto.

O povinho não quiz accender o charuto nas labaredas da ilha dos Melões, mas fez d'esse desastre motivo de divertimento, e foi á praia Formosa, como todos os annos vae á Gloria, para ver o fogo. A companhia Carris Urbanos apanhou uma feria inesperada e magnifica, e os catraeiros do Sacco do Alferes alugaram por bom preço as suas embarcações a individuos curiosos, que desejavam apreciar o imponente espectaculo mais de perto e mais á vontade, rodeiando a ilha incendiada. Não creio, pois, que o incendio fosse tão *pavoroso* como se disse, e proponho que o adjectivo seja de novo recolhido aos diccionarios.

*

Na minha ultima e primeira chronica prometti fallar detidamente da exposição de pintura, depois de outra visita á Escola de Bellas Artes. Fui, mas fui tarde: a exposição estava encerrada, e os quadros eram mettidos nos caixões em que devem ser transportados para Chicago. Paciencia.

*

O paginador do *Album* recommenda-me que escreva pouco. Era escusada a recommendação, por que a semana foi pobre.

A.

A UMA ENGEITADA

Ha logares na terra onde a tristeza
Muda ao viandante a rota que procura,
E a propria luz do sol se torna escura
Naquelle ponto máo da natureza.

A noite corre pelo campo, acceza,
Rapida luz que, trémula, fulgura;
Porém tão fria que uma creatura
Vendo-a, de medo fica ao sólo presa:

E n'esse ponto onde não ha gorgeio,
Onde a impureza tem o seu dominio,
Quando a terra acre á luz seu negro seio,

O immaculado lyrio vem tremente.
— Sarto contraste ao podre exterquillinio..
Assim nasceste tu, pomba innocente!

GUIMARÃES PASSOS.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

TYPOS DE MULHERES

I

A natureza tem sempre os seus caprichos. A Montevidéo deu um traçado excepcionalmente alegre, rendado e faceiro. Como essas estreitas línguas de terra que representam o campo admiravel da hydraulica hollandeza, a cidade levanta-se á margem do Atlantico, ou melhor, no enlace das aguas do Prata e do Atlantico.

Quem entra na enseada de Montevideo, sente como que se approximarem dos flancos do navio os dous braços, do porto e do Cerro, como se porventura accusassem a hospitalidade d'esta parte da America.

A illusão é perfeita.

Deixae-vos, um dia, levar pelo veleiro, que siga ao compassado menéio da latina ~~abandonada~~. A' direita, a cidade commercial, que se vae erguendo a pouco e pouco como um pachá indolente, semi-ebrio por vapores de opio e por enlevos de sonhos paradisiacos. As *sotéas* dos edificios assemelham-se aos altos das antigas casas de Pompeia.

Parecem troncos de gigantescos prismas que se elevariam ás nuvens, se a lei da gravidade e as pernas da humanidade não tivessem os seus limites de força.

A curva de raio exagerado, que traça o ambito da enseada, principia, por assim dizer, no grande dique. O pharol do Cerro, situado a cem metros sobre o nivel do mar e o ponto mais elevado de todo o Departamento de Montevidéo, ostenta no planalto a alvura da grande columna de orientação.

Ao longo do dorso do Atlantico, desponta, quando o horizonte está claro e uns *stratus-scirrus* servem de páraluz, o degredo dos viajantes, a Fernando de Noronha platina, a ilha de Flores, de antiga posse do general Flores, hoje abrigo de uns infelizes que passam das boas mezas dos paquetes francezes e inglezes para os inqualificaveis manjares em época de quarentenas.

Vista do alto do Cerro, Montevidéo é um bello quadro, de perspectiva feliz. Requerem-se certas condições de luz e de estação, tal qual como nos gabinetes photographicos.

Os *bonds* descrevem a curva que margeia a enseada. Antes de entrar no bairro aristocratico do *Paso del Molino*, a cidade apresenta-se, a olho nú, fulgente. As casas atropellam-se, como esquadrões em retirada.

As torres da Matriz, alinhadas, apparecem, a principio, como se por ventura formassem um corpo unico. Depois, todo este apparato visual esfuma-se, some-se como por encanto; entra-se n'outra zona. Principiam as quintas.

De *chalets* em *chalets*, de excentricidade architectonica em capricho de construcção, penetra-se

MACHADO DE ASSIS

...m revolutear de vegetação relativamente possante, mormente se se levar em conta que quasi tudo é devido á mão do homem. Denota-se de prompto que a natureza cede o passo ao artificio. De um lado a outro da grande rua multiplicam-se as quintas

O *arroyo* Miguelete divide outras tantas. A quinta do Castro é um verdadeiro milagre monetario. No grande *salão* das camelias, alli invernadas a uma temperatura agradavel, só não faria figura ridicula, ao lado da candidez d'aquelle milhar de flores, a virgindade de uma dôuzella.

Um grande edificio, semi-gothico, occupa o centro de uma bellissima quinta, e ergue nas grimpas umas exageradas *agulhas* que encimam o palacete.

Cá de fóra, sente-se o aroma picante das balsaminas, o perfume penetrante dos nardos, e sonha-se com o luxo d'aquella habitação.

E' alli que ondula o pavilhão argentino, como indicio da legação que mais luxo ostenta em Montevidéo.

Ao voltar do passeio ao *Paso del Molino*, é moda passar pelo *boulevard 18 de Julho* que atravessa a praça á qual dá nome a estatua que alli se ergue, a estatua da Liberdade.

Este *boulevard* representa no mappa topographico de Montevidéo o mesmo que a trachéa-arteria no organismo humano.

Dada essa linha de quasi duas leguas de extensão, traçae sobre ella perpendiculares que prolongareis até o mar; sobre estas repeti a operação, tirae infinitas parallelas á grande arteria. Esta verdadeira mesa de xadrez é a topographia de Montevidéo. Ao prolongar o *boulevard* em direcção oeste, encontramos a praça da Constituição, em frente á qual levanta-se a Cathedral, vulgarmente conhecida pelo nome de Matriz.

A maioria das *topographias* dos romances pouco orientam, e é por esta razão que nos contentaremos com o que ahi fica descripto *à vol d'oiseau*.

Nesta praça da Constituição, dous moços, vestidos com elegancia, falavam em voz mysteriosa e em tom de confidencia. Pelos gestos e pelo continuo volver de olhos em direcção á rua proxima, adivinhava-se a agitação nervosa. O mais jovem encostava-se á pilastra da grande escadaria da Cathedral.

O companheiro, mais flengmatico, saboreava o desassocego do amigo.

— Afinal — disse este pausadamente e descansando em cada syllaba — tens ou não tens certeza de ser bem recebido?

— Certeza não tenho, mas, a julgar pelos olhares que ella me lança quando nos encontramos, não lhe sou indifferente.

— Naturalmente. Vocês conheceram-se aos sete annos. Depois, foste para a Europa, onde gastaste muito dinheiro... com os estudos...

— Ou com as mulheres...

— No fim de alguns annos teu pae pedio licença ao governo, foi te buscar para que te não deixasses morrer, entregue aos prazeres e ás loucuras da juventude. E's um *dandy*; tens uma cutis amorenada e uns olhos volcanicos. Ella... ora, ora!... está cahidinha por ti. Hoje é a primeira vez que lhe falas?

— E' verdade; mas, dize-me: que fazias aqui, a estas horas? O nosso *rendez-vous* não era aqui!

— Esperava ver uma rapariga que todas as noites passa por esta praça ás dez horas. Hoje não veiu... mudou de rumo. Mas... uma aposta...

— Duas !...

— Carmen em menos de um anno é tua mulher. E teu pae?

— Já lá deve estar.

— Afianço-te que teremos uma *soirée*...

— Deixemo-nos de termos francezes. Dize uma *certulia*...

— Uma *tertulia*... divina !...

E como que para cobrir aquella entoação emphatica, reboou grave, como o bordão de um contrabaixo tedesco, a primeira nota das dez horas. O sino grande da Matriz continuava a entoar a sua monotona cavatina.

O relogio da torre do sul isolava-se no espaço, com os seus doze algarismos romanos.

Os ponteiros, enegrecidos, alongados e magros como dedos de um tisico, caminhavam com a pacatez giratoria dos enfermos que mal se podem mover n'um leito.

O grande circulo apparecia perfeitamente illuminado por uma luz posposta ao mostrador do relogio.

Era uma noite de Junho. As estrellas brilhavam com a scintillação modesta e propria dos grandes centros de luz, cujos raios, antes de chegar ao nosso globo, têm que atravessar camadas atmospherica mais ou menos carregadas de vapor de agua.

O lado norte das calçadas estava borrifado por uma garoa quasi invisivel, mas cuja impressão no rosto dos transeuntes denunciava temperatura baixa e sufficiente humidade para resolver-se em abundante aguaceiro.

Enfileirados, como sentinellas immoveis no seu posto de guarda, os lampeões de gaz de então, hoje substituidos pelas lampadas electricas de incandescencia, representavam, com a sua claridade semibaça e por effeito de perspectiva, dous grandes lados de um angulo agudo, cujo vertice, lá muito ao longe, apenas bruxuleava, tenue, fugaz, como o titillar silencioso da luz de um pyrilampo.

O chafariz da praça repetia o rufo continuo da agua que se deixava escoar no vasto tanque de marmore.

As estatuetas, que adornam este centro de praça, tinham a posição de crianças nuas que se aconchegam, tranzidas de frio. As arvores iam despindo o bello trajo de verdura; cahiam-lhe as folhas. O inverno principiava a metter-lhes a garra e a alimentar-se da seiva poderosa.

O *Cabildo*, onde funccionam as camaras e a repartição de policia, estava interiormente illuminado. A sentinella batia compassadamente o chão com pés de quem tem frio, e na esquina proxima, o *sereno*, já hoje tambem substituido pelo guarda civil, bradava em tom de carpideira endefluxada:

— *Sereno... las diez han dado!*

Ao mesmo tempo, caminhando, com uma grande lanterna em mão, approximava-se de um fogareiro que crepitava, abrigado pelo humbral de uma porta.

O pobre diabo dispunha-se a atravessar toda aquella noite fria, chupistando mate na *bomba* envelhecida e suja, cantarolando a sua eterna ballada horaria.

Uma ou outra pessoa atravessava a praça. O *sereno*, cauteloso, tomava de prompto da lanterna e projectava sobre o rosto do passeante a luz forte, capaz de descobrir um revolucionario a vinte passos de distancia.

Os dous moços seguiram em marcha dobrada em direcção a outra praça, a mais vasta de Montevidéo, a praça da Independencia. Uma vez ahi, levantaram prudentemente as golas dos sobretudos e orientaram-se pelo largo *passeio* central.

Um ventinho impertinente, batido do Sul, insistia a impressionar-lhes os narizes mais ou menos hygrometricos.

A respiração denunciava-se por esse bafo vaporoso e nublado que se fórma ao contacto de uma atmosphera saturada, em noites ou manhans frias. Um dos amigos fumava um *havano* e no intervallo das fumaradas cantarolava em tom de voz pretencioso e guttural a canção popular *La donna é mobile*, do *Rigoletto*.

— Isso que me estás cantando — interveio o namorado, recem-chegado da Europa — é um conselho, um aviso ou que diabo de cantiga mephistophelica é essa?

— Ah! Ah! Ah!... é um aviso, um grande aviso...

— Não queres que me dê ao amor, não é assim?

— A tanto não alcança o conselho. Podes amar... porém...

— Ah!... temos um *porém*...

— Digo-te por experiencia: ordinariamente as nossas compatriotas, apezar de republicanas, são como a rainha de Inglaterra, o schah da Persia, ou o Guilherme da Prussia: gostam de ter a sua côrte florida. Em Montevidéo uma *senhorita... preciosa*, como dizemos, tem direito a dez pretendentes effectivos sem contar com trez titulares e de reserva. Faze agora o que entenderes. Já t'o disse: Carmen ha de ser tua mulher, se o quizeres.

— Então... a que vem o aviso?

— Que não te apaixones... que vás *piano*, *piano* ou, melhor, *despacito*, em bom hespanhol. Carmen é uma elegante, por consequencia deve ter ou tem positivamente a sua côrte. Que não haja necessidade de desafiar a todos os adoradores, um por um, são os meus desejos.

— Então... commigo... são onse?

— Onse?... ahi tens... onse é o numero dos felizes. Dize-me: ainda não ouviste Carmen fallar?

— Não.

— Falla como se fosse um Castelar com voz de Sarah Bernhardt. Já a ouviste cantar, de longe sequer?

— Não ouvi

— Canta como um cherubim. Ainda não a ouviste tocar?

— Não.

— Toca como uma Santa Cecilia. Ainda não a viste dansar?

— Não.

— Dansa como uma sylphide.

— Basta; por este caminho sabe Deus até onde chegarás... Em resumo?...

— Em resumo: Tens uma seria conquista a fazer. Se quizeres, poderei ser o teu *secretario*; abrevio declarações e adianto papeis. Em ultimo caso tambem forneço banhos de egreja!

— Conforme fôr o resultado do meu atrevido commettimento, assim te nomearei meu secretario.

— Previno-te em tempo de uma coisa: és demasiado impressionavel, tens muitos nervos. Se quizeres ganhar o coração de Carmen, não te dediques a outra mulher. Embora te não dê importancia, é mulhersinha que se torna egoista em materia de pretendentes. Domina os teus nervos; se puderes, toma calmantes. És catholico, mas tens uma natureza de turco. Eras capaz de casar-te com cem mulheres!

— Acredito...

Visto, os dous amigos, que haviam chegado ao *boulevard* 18 de Julho, pararam á porta de uma grande casa. Ouviam-se as notas saltitantes de um piano.

— Estamos em terra firme, companheiro, disse o amigo da familia. E, sem accrescentar palavra, subiram o lance alto da escada.

ALFREDO BASTOS

(Continúa.)

COISA NENHUMA

NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. AD. A.

Eu faço versos com facilidade,
E em muitos albuns tenho escripto já;
Mas hoje estranha hesitação me invade!...
Tremo! — Porque será?

Os versos meus andam ahi dispersos,
Filhos sem pae, rebanho sem pastor,
E o motejarem dos meus pobres versos
Não me produz o minimo terror.

Hesito, todavia!... Como agora
Nunca, por Deus! temi desagradar;
Nunca me tremeu tanto a mão, senhora!
O caso é singular!

Quando o teu livro recebi, a penna
No infecundo tinteiro mergulhei;
Chamei a Musa: « Anda p'ra cá, pequena! »
E um soneto romantico rimei.

Pareceu-me trabalho de encommenda...
Sobretudo o final não me agradou...
Emendei-o: Jesus! peior a emenda
Que o soneto ficou!

Desesperado, resolvi rasgal-o:
Rasguei-o, e logo umas quadrinhas fiz...
Estavam a pedir balas de estalo!
O soneto era menos infeliz!

Projectei um acerostico: Adelaide
Tem oito lettras, uma oitava dá;
O genero, porém, ficou alcaide...
Nem cotação tem já!

Pedi á Musa alguns alexandrinos
E a Musa auxilio não me recusou;
Mas os diabos sahiram tão mofinos,
Que a Sapucaia logo os reclamou!

« E se eu fizesse alguma coisa em prosa? »
Pensei. « Mas, desgraçado, tu não vês
Que a rima é muito menos perigosa,
E a prosa tem seus quês? »

Os versos inventaram-se (Eu já disse
O mesmo em versos que ha cinco annos fiz.
P'ra se poder dizer quanta tolice,
Quanta frioleira em prosa não se diz

Poeta famoso, se não mente a fama,
Deste modo uma epistola encetou;
« Tenho pressa, um negocio me reclama:
Em verso escrever vou. »

Tinha rasão: os versos mais perfeitos
Mais faceis de fazer que a prosa são;
Todos os fazem mais ou menos... feitos;
Prosa, porém, nem todos a farão.

Tarefa não conheço mais penosa
Que de escrevel-a certa, airosa e san;
Se alguem me contradiz, pensa da prosa
Tal qual Monsieur Jourdain.

Gósto, entretanto, de bons versos, gósto;
Ha de havel-os emquanto mundo houver,
E essa fonte de gosto e de desgosto,
Anjo e demonio que se diz — mulher

Tremo... Sabem porque? Do album a dona
Com ser formosa não se satisfaz:
Tem uma alma que as alma apaixona,
O espirito vivaz.

Seu destino ao destino de um artista
Ligou; fez-se a madona de um pintor;
Não a levou comsigo, por conquista,
Nenhum burguez, nenhum commendador.

E' tambem uma artista, que do piano
Magicos sons sabe arrancar, que dão
A' miserrima rua do Cassiano
Uma nobre feição.

A quem taes dotes reunir (reflicto)
Com versos meus jamais contentarei;
E por isso hesitei, por isso hesito,
Por isso muito tempo hesitarei...

Cheio de tanta hesitação, em summa,
Que posso eu pôr aqui, não me dirão?..
Decido-me a não pôr coisa nenhuma...
Dama gentil, perdão!

ARTHUR AZEVEDO.

Santa Thereza, Novembro de 1892.

THEATROS

Agradou bastante a representação da *Gioconda* no Polytheama.

As honras da noite couberam ao barytono Verdini, um excellente Barnaba. O baixo Rotoli satisfez no papel do doge e o tenor Vilalta no de Enzo, que já tem sido admiravelmente cantado no Rio de Janeiro. Só temos elogios para a prima-dona Petrilli, que cantou com muita arte e deu realce e vigor ao papel da protogonista. Infelizmente não podemos dizer o mesmo da prima-dona Cescati, que sacrificou a parte de Laura. O pequeno mas importante papel da mãe de Gioconda foi satisfatoriamente desempenhado pela cantora Miola, que a empresa Sansone teve o bom gosto de contractar.

Os côros e a orchestra portaram-se discretamente, mas as bailarinas eram poucas... e não eram bailarinas. O bailado poz em acção uma das clausulas fundamentaes do programma socialista: a reducção das hor

A companhia do Polytheama é muito regular, e dava no vinte se se limitasse a exhibir boas operas que não reclamassem grandas bailados nem muita pompa, — o *Rigoletto*, por exemplo. A opera de Ponchielli exige elementos de que a empreza Sansone não dispõe, nem póde dispor vendendo tão em conta os bilhetes.

As velhas partituras italianas são hoje tratadas com muito desprezo pelos criticos, mas o nosso publico dá o cavaquinho por ellas, e nós não lhe queremos mal por isso. Annunciem a *Norma*, e verão que apanham tres enchentes á cunha!

*

Entrou em ensaios no mesmo theatro a opera em 1 acto, *Moema*, libreto e musica de Assis Pacheco.

O joven e talentoso compositor paulista escreve neste momento uma nova opera, — *Cleopatra*.

*

No Recreio Dramatico voltou á scena a engraçada magica *Pif-Paf*, de Eduardo Garrido.

*

Nos outros theatros não ha nada novo. Annuncia-se, no Sant'Anna, o grande *successo* que auguramos ao *Rapaz de saias*.

*

Sabe-se, pelo telegrapho, ter fallecido Albert Delpit, escriptor francez, conhecido no Rio de Janeiro como dramaturgo, por ser o autor do *Filho de Coralia*, excellente comedia, representada com muita acceitação no Recreio Dramatico.

Z. Y. Z.

SPORT

O *turf* fluminense estreiou mal o novo anno. Nas corridas realisadas no prado da Mangueira a 1 do corrente mez o escandalo attingio proporções descommunaes.

Em todos os pareos as sahidas foram difficultadas pela insubordinação dos jockeys; o 3º teve de ser annullado por não ter havido signal de partida e haverem os jockeys corrido com bem lhes approuve; e o 5º, que constituia grande prova de animaes de dous annos, foi a pedra de escandalo do dia.

Não conseguio o *starter* que o jockey de Rhododendron entrasse em linha com os seus adversarios para receber o grito de partida, que afinal foi dado em pessimas condições, sahindo Rhododendron com alguns metros de vantagem e Therezina e Puygareau sensivelmente prejudicados.

Como se não bastára esta grave irregularidade para diminuir o merito da corrida, havendo Therezina desenvolvido pasmosa velocidade, vindo lutar com Excellence, e tomando-lhe vantagem, o jockey d'este, exigindo um esforço do seu valente animal, desgarrou Therezina até a cerca externa, prejudicando-a extraordinariamente e dando entrada a Tarantella.

O brilho da victoria da horsa allasan da Coudelaria Paulista foi empanado pela protecção dispensada pelo seu temivel adversario.

As honras do pareo couberam a Therezina que, prejudicada na sahida, sustentando luta renhida com Puygareau, Tarantella e Excellence, teve de ceder o primeiro logar pela irregularidade da corrida, pelo recurso do desgarro, recurso para o qual o codigo do Turf-Club commina pena severa.

O escandalo, porém, foi maior: os jockeys de Excellence e Tarantella attingiram o poste do vencedor, chicoteando-se mutuamente, com desrespeito á directoria, aos juizes e ao publico!

E o codigo foi letra morta para a directoria do Turf-Club. Nenhuma punição por tantos e tão graves desacatos!

Que respeito á lei póde uma directoria exigir dos jockeys, se é ella a primeira a menosprezar as penas comminadas em seu codigo, punindo severamente os deliquentes?

De tolerancia em tolerancia, de erro em erro, as directorias dos hippodromos fluminenses têm contribuido, em grande parte, para a desmoralisação das corridas, que vão cambando vertiginosamente do espectaculo emocionante das lutas hyppicas para o espectaculo asqueroso da tavolagem, impulsionado pela roleta do *pari-à-la-côte*.

Ás directorias sportivas corre o dever de oppor dique á serie de irregularidades diariamente commettidas em seus hippodromos; mas este só poderá ser forte, se uma só lei regulamentar as corridas, se uma só interpretação for dada ao codigo, applicando-o com egualdade, quer o delicto seja commettido por Paulo ou por Sancho, no Prado Fluminense ou no de Itamaraty.

Unificação de codigo e unificação no seu cumprimento são medidas urgentes reclamadas para salvar o *sport* fluminense do abysmo a que o vae conduzindo a tolerancia criminosa das directorias.

*

Desgostoso da parcialidade com que procedêra a honrada directoria do Jockey-Club a seu respeito, acaba de retirar-se do *turf* fluminense o distincto *sportman*, Henrique Joppert, proprietario da Coudelaria Hannoveriana. Ao Sr. H. Joppert seguir-se-hão outros, como outros o precederam.

Esperamos, porém, que, entrando o *turf* fluminense em novas regras, firmando-se a moralidade na corrida, a egualdade na punição dos delictos, o respeito aos proprietarios salvaguardando os avultados capitaes empenhados na manutenção de importantes coudelarias, esperamos que a jaqueta tricolor hannoveriana volverá a occupar logar proeminente no *turf* fluminense. Nas veias de Henrique Joppert gyra o sangue do velho major Suckow, o fundador do *turf* nacional; elle não renegará o enthusiasmo pelo *turf*, a que se dedicou desde os mais tenros annos.

Esperamol-o breve, porque confiamos que as directorias dos hippodromos, no interesse de sua dignidade, erguerão o *sport* á altura que lhe assignalou o velho major Suckow.

BELZEBUT.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 5

JANEIRO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 25 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Ismenia dos Santos	A. A.
Chronica Fluminense	A.
Genuflexa	Alberto de Oliveira.
Verdades	Cosimo.
Uma Carta	A.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Primavera	Olavo Bilac.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

JOAO LOPES

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

O *Album*, sob pena de inutilisar as suas magnificas phototypias, não póde ser remettido, numero por numero, pelo Correio. Ao mesmo tempo lutamos extraordinariamente com a falta de bons entregadores. Por consequencia, muitos dos nossos assignantes se queixam, com razão, de não haver recebido nem o primeiro nem o segundo numero.

Rogamos-lhes encarecidamente que nos relevem essas irregularidades, inherentes ao inicio de toda a empreza d'este genero. Os Srs. Lombaerts & C. (rua dos Ourives n. 7) attendem a qualquer reclamação que lhes fôr dirigida, emquanto não inauguramos um serviço regular de expedição e de entrega.

ISMENIA DOS SANTOS

O *Album* prometteu dar hoje o retrato e o esboço biographico de Ismenia dos Santos, mas os nossos leitores contentam-se com o retrato, não é assim?

A toda e qualquer senhora que passou dos trinta annos é impertinencia e grosseria perguntar a edade. Ora, o esboço biographico teria naturalmente que principiar por ahi, e nós por coisa nenhuma seriamos impertinentes e grosseiros.

Demais, as mulheres — principalmente as actrizes — têm a idade que parecem ter. Ismenia têm tido todas, conforme os seus personagens; ainda ultimamente, vendo-a representar um dos seus ultimos papeis, demos-lhe vinte e tres annos. Acham pouco? Pois bem, vinte e cinco, e não fallemos mais nisto.

*

Demais, que interesse poderiam ter as datas com que enchessemos esta noticia? Para a Arte, Ismenia nasceu no theatro S. Luiz, transformado hoje em casa de bilhares, e cresceu e fez-se gente ao lado de Furtado Coelho, seu amigo e seu mestre.

Data d'ahi o prestigio que foi adquirindo sobre o publico, prestigio que não fez senão augmentar com os annos e com o estudo.

Teve ella a sua phase gloriosa, e durante muito tempo caminhou de triumpho em triumpho; se hoje vive afastada do theatro, não é que se extinguisse n'ella o fogo sagrado da Arte, não é que o seu talento sossobrasse; retrahio-se diante da indifferença que o publico ha muito tempo revela por qualquer tentativa verdadeiramente artistica. Não é uma vencida: é simplesmente uma resignada.

Se hoje esse Lazaro, o theatro, encontrasse um Christo que lhe dissesse: ***Surge et ambula!*** ella ahi estava com todo o seu impeto, com todo o seu enthusiasmo, com todo o seu talento de outr'ora.

*

Seria longa a enumeração, mesmo incompleta, dos papeis brilhantemente desempenhados por Is-

menia dos Santos durante o seu longo tirocinio artistico. Lembraremos apenas dous, que ella se atreveu a interpretar depois da Ristori, e nos quaes — digamol-o para honra sua — alcançou extraordinario *successo*, conseguindo impressionar profundamente o publico: ***Soror Theresa*** e ***Maria Antonietta***.

Como actriz, poucas vezes cedeu ao máo gosto do publico, e como emprezaria, se hoje explora o trololó, para empregar aqui o pittoresco vocabulo inventado pelo defunto Galvão, manteve, em compensação, no theatro S. Luiz, uma companhia dramatica de primeira ordem, que exhibio magnificos dramas francezes, criteriosamente escolhidos. Foi n'esse tempo que ella representou a ***Doida de Montmayour***, as ***Duas orphans***, a ***Roubadora de crianças***, a ***Madona das rosas*** e outras pecas de muita acceitação.

Quando tratou de organisar uma companhia para o theatro Variedades, quiz Ismênia fazer reviver esses bons tempos, e cercou-se de artistas dramaticos da ordem de Guilherme de Aguiar, Arêas, Medeiros, etc. Escolheu um drama que offerecia larga margem ao talento d'esses artistas, e em que ella sobresahia admiravelmente, a ***Meia Noite***... Fez depois uma ***réprise*** do ***Filho de Coralia***, comedia em que tem um dos seus melhores papeis... Mas todos os seus bons desejos naufragaram de encontro ao medonho escolho da indifferença do publico, e ella, então, recolhendo-se aos bastidores e fazendo-se substituir por Leonor Rivero, transformou a indole do seu theatro, e enriqueceu, pondo em scena a ***Mimi Bilontra***, o ***Frei Satanaz*** e outras victoriosas pachuchadas, que lhe dão nauseas.

*

Em toda a sua existencia artistica Ismenia só fez uma coisa má: foi ter engordado como engordou. Se apparecesse o alludido Lazaro, ella já não seria o anjo da meia noite, mas, em compensação, daria ainda uma esplendida Coralia; não representaria os papeis de Jeanne Hading, mas representaria os de Marie Laurent, e seria admiravel, e ouviria de novo os applausos e as acclamações que a exaltaram e fortaleceram, até que o desanimo lhe fez trocar o camarim da actriz pelo escriptorio da emprezaria.

A.

CHRONICA FLUMINENSE

O Sr. Sebastião Pinho foi para a rua

A mesmissima coisa — ir para a rua — pretende o modesto e utilissimo servidor do povo, conhecido pelo nome de ***engraxate***[1]. Conseguil-o-ha? Duvido...

Entretanto, de todos os impedimentos do transito publico, é o engraxate o menos inoffensivo. O menos inoffensivo e o mais util. Prefiro o engraxate ao kiosque. Se podesse, advogava a sua causa. E não seria muito estender a mão a quem tantas vezes me pegou no pé... Infelizmente não tenho relações com a Intendencia Municipal.

*

Esta douta corporação transferio em 1892 o Carnaval para Junho; mas como em 1893 a Natureza parece disposta a dar-nos Junho em Fevereiro, acontece ao Carnaval o mesmo que ao Sr. Pinho: vae para a rua.

O Carnaval é mais feliz que o engraxate.

*

Uma nota litteraria: o apparecimento da ***Familia Medeiros***, romance de D. Julia Lopes de Almeida.

Outra: a publicação da ***Folha azul***, de Heitor Guimarães.

Ainda não vi o periodico. Percorri apressadamente algumas paginas do romance. Pareceu-me bem escripto, bem observado, e com a grande e singular qualidade de ser genuinamente nacional.

Julia Lopes de Almeida é hoje, talvez, a primeira das nossas prosadoras. O seu livro merece toda a attenção, e o ***Album*** se occupará delle n'um artigo especial. Faço aqui uma simples referencia, sem a qual a minha chrônica seria incompleta.

*

A publicação de um romance brasileiro, apezar de ser um facto bastante anormal, é menos admiravel que a importação de carne fresca do estrangeiro.

Nada, entretanto, me admira, porque decididamente estamos na epoca das coisas mais espantosas que ainda se viram.

Quem ha quatro annos dissesse que o Banco do Brasil havia de fazer fusão com outro estabeleci-

[1] O vocabulo *engraxate* não tem autoridade classica, mas ha de figurar nos futuros diccionarios do idioma luzo-brasileiro.

mento de credito, ainda por nascer, passaria por doido. E' o mesmo que se disseram hoje que d'aqui a tempos o *Jornal do Commercio* fará fusão com o *Album*.

Entretanto, o Banco do Brasil é o da Republica fundiram-se.

*

Tambem por doido passaria quem previsse em Gaspar da Silva — no nosso Gaspar da Silva — o futuro visconde de S. Boaventura.

Pobre rapaz! intelligente, robusto, cheio de vida, trinta e sete annos apenas... e já visconde, e, o que é mais triste, visconde sem se saber por que, visconde pela unica razão de que o não era.

Inche como um pavão, Sr. visconde de S. Boaventura, e mire-se vaidoso no ouro — ou no *plaqué* — da sua coróa; mas o que sua magestade o Sr. D. Carlos I não poderá fazer, por mais titulos com que pretenda desfigurar a pessoa de V. Ex., é apagar do meu espirito a lembrança d'aquelle affectuoso Gaspar, d'aquelle doce bohemio, que tantas vezes dividio commigo o pandeló das suas alegrias e a bróa dos seus dissabores.

Emfim, o caso poderia ter sido mais funesto... Imaginem se o despachassem conde! Dos males o menor.

*

Entretanto, a desgraça succedida a Gaspar da Silva, conde de S. Boaventura, não me impressionou tão dolorosamente como o desastre de que foi victima João Ribeiro, o reputado philologo, o inspirado poeta, o espirituoso chronista, que é uma das glorias da nossa geração litteraria.

João Ribeiro está arriscado a perder um dos olhos, brutalmente ferido por um desses terriveis conductores de «carrocinhas de mão», mais brutos que os proprios irracionaes que elles substituem.

Faço ardentes votos para ver o meu illustre collega e amigo brevemente restituido á vida activa e laboriosa que o engrandeceu.

*

Agora um conto:

A coisa passou-se na minha terra, no meu saudoso Maranhão, durante um banquete de casamento. O padrinho da noiva era um sujeito inculto, muito asneirão, mettido a poeta. A' sobremesa convidaram-n'o a brindar os noivos, e elle, erguendo-se de taça em punho, exclamou:

> Todo aquelle cujo este
> Que precura se casá,
> Pensa que adienta, atraza
> Quando vae buscá muié...

E foi por diante o desalmado, dizendo mal do *conjungo-vobis*, com grande escandalo de toda a mesa e desespero dos noivos.

*

O Sr. Dr. Erico Coelho, com o apocalyptico discurso que proferio na cerimonia da collacção do gráo aos doutorandos de 1892, fez-me lembrar esse infeliz poeta de sobremesa.

Os seus discipulos investiram-n'o gostosamente das funcções de paranympho, e elle teve o máo gosto de pór luto e ir para a tribuna dizer aos afilhados que os seus diplomas scientificos haviam de baixar mais tarde como os papeis da Bolsa, e que elles, os rapazes, sentiriam os effeitos da carestia geral, e comeriam o pão que o diabo amassou!

Ora adeus! o ser medico, pelo menos no Rio de Janeiro, ainda é e será uma profissão rendosa, a menos que o estado sanitario da cidade em todos os verões futuros seja tão satisfatorio como no presente. Satisfatorio, entenda-se, para quem não fôr medico, nem boticario, nem padre, nem emprezario de carros funebres, como o Sr. de H., que, segundo me consta, já fez voto de não beber champagne emquanto não apparecer ahi um caso de febre amarella.

*

A congregação da Faculdade de Medicina protestou solemnemente, em publico e raso, contra a pilheria do Sr. Dr. Erico, e resolveu que d'aqui por diante o discurso official da collacção do gráo não será pronunciado por um paranympho mas por um lente eleito pelos seus collegas. E' de esperar que estes elejam um orador de menos chalaça.

*

Veja ao que se expoz o Sr. Dr. Erico! E a congregação, creia, não foi a unica a protestar: no dia da cerimonia tão ridiculisada no discurso, dous individuos sahiam da Escola, e dizia um para o outro:

— Aquelle paranympho me parece doido!
— Doido, não: tem manias...
— Pois bem, é um paranympho maniaco!

A. A.

GENUFLEXA

BUM DA EXMA. SRA. D. ADELAIDE AMOEDO

Este livro é um altar. Ajoelha-te, minh'alma:
Uma santa aqui está, fronte serena e calma,
Todo o bem no sorrir, no olhar toda a bondade...
Dê-lhe outro nome alguem, eu chamo-lhe amizade.

Seja a tua oração breve, porém sincera
— Aqui ha um canto azul de céo de primavera.
Paz, affecto, ideal, doçuras infinitas...
Ajoelha-te a resar, alma que em mim palpitas!

Resa. Tens de chorar os olhos teus vermelhos?
Um consolo aqui está. Minh'alma, já, de joelhos!
A aza, de espinho máo, por tanto descaminho
Tens em sangue? Aqui ha quem te arranque esse espinho.

Resa. Horrivel visão que gela e terrifica
— A morte — em sonho vês? Alma, ajoelhada fica!
Eil-a, a vida aqui está, nem dores ha que a vençam:
Toda ella é um sorrir, sob infinita bençam.

*

De joelhos, como está, a alma tudo esqueceu,
Magoas, desillusões de ideaes que vio cahidos,
E, abafando em si mesma o echo de seus gemidos,
Ouve, entrando este livro, os canticos do céo.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Santa Rosa (Nictheroy), Setembro de 1892.

VERDADES

N'uma chronica escripta d'esta capital para o *Pharol*, de Juiz de Fóra, Valentim Magalhães traça, com tinta demasiado sombria, um quadro, infelizmente fiel, do nivel litterario da sociedade brasileira na actualidade:

«O gosto publico, que promettia desenvolver-se, diz elle, cahio n'um miseravel estado de apathia e tem decrescido sempre.

Cada vez lê-se menos, e somente obras estrangeiras, mas de autores celebres, logram acceitação e notoriedade.

Os editores, que começavam de animar-se, ou melhor, de apparecer, retrahiram-se completamente e só editam obras juridicas ou didacticas.

Os romancistas, comediographos, criticos e poetas — que muitos havia e bons! — não tendo leitores nem, principalmente, editores, deram de mão a trabalhos litterarios, e foram tratar de outros officios, menos gloriosos, talvez, mas, de certo, muito mais alimenticios.

Com o escasseamento da producção litteraria, produzido por essas causas, occorreu simultaneamente o abatimento da imprensa, cada vez mais mercantil e politicante.

Fechadas as portas do livro e do jornal, por qual entrar? Como escrever? E para que? Sem livros, sem imprensa, sem clubs, sem salões, os escriptores vão naturalmente perdendo a coragem e a vontade de escrever, e com ellas até o geito, a maneira, o feitio.

O meio em coisas de arte é quasi tudo.»

Acha Valentim Magalhães que o anno litterario de 1892 foi no Brasil tão pobre, que seria difficil escrever-lhe o retrospecto, por falta de materia.

Lembra que, em taes condições, fóra absurdo exigir dos poucos que, por necessidade ou teimosia, escrevem ainda, que mimoseiem o seu escasso publico com primores de estylo e maravilhas de idéa. Falta-lhes tudo o que é indispensavel á creação de bellas obras; pesa-lhes o tedio na alma e o desanimo no braço.

O auctor dos *Quadros e contos* declara que tem material para dar á estampa quatro volumes, não se animando, porém, a publicar nenhum, com receio de ver o livro esquecido em meio do mercantilismo e politicagem da imprensa e da gelida indifferença do publico.

Valentim Magalhães escreveu verdades. O brasileiro com vocação litteraria e algum talento é um infeliz que todos os dias assiste ao esboroamento da sua energia e do seu ideal. Não ha neste paiz profissão (?) mais desgraçada que a do homem de lettras.

COSIMO.

UMA CARTA

Por inconcebivel capricho da repartição postal, só agora me veio ter ás mãos um exemplar do n. 12 (14º anno) de *La Revue Diplomatique*, de Pariz, impresso em 15 de Outubro ultimo, o qual me foi obsequiosamente remettido de França por José Avelino.

ISMENIA DOS SANTOS

Vem ahi publicada uma carta que este meu illustre amigo dirigio de Vichy com data de 23 de Setembro, ao Sr. Teixeira de Andrade, o campeão da convenção litteraria franco-brasileira.

*

Começa a carta por dizer que a propriedade litteraria dos estrangeiros ha muito tempo existiria no Brasil, se o Imperador não se oppozesse obstinadamente a essa medida, e se os ministros de sua magestade não fossem senhores absolutos de camaras unanimes e de maiorias submissas e absorventes. Isso é verdade

Mas em seguida, descrevendo José Avelino o movimento litterario de nossa terra, diz coisas que não podem passar sem protesto. E' de admirar que as escrevesse um homem de tanto talento e de tanta penetração.

José de Alencar, diz elle, era pobre, mas, romancista e dramaturgo como o fecundo Jorge Ohnet (desastrada approximação !), fez do seu immortal *Guarany*, romance e libretto de opera, a base de uma fortuna que seria opulenta, se a morte o não levasse na força do genio, antes que elle realizasse as suas grandes concepções.

Quero crer que José Avelino se refira á fortuna pecuniaria de Alencar, porque a litteraria não podia ser mais consideravel nem mais brilhante. Se assim é, dirija-se o sympathico missivista ao editor Garnier, o millionario, e indague quanto recebeu o grande romancista pela publicação dos seus volumes. Ficará dolorosamente convencido de que o primeiro litterato brasileiro teria morrido á fome se vivesse exclusivamente da litteratura.

Fallando do theatro nacional, José Avelino esquece-se de Martins Penna, e cita outros escriptores cujos serviços á litteratura dramatica são puramente hypotheticos.

França Junior e Oscar Pederneiras figuram na carta como «dous homens illustres, que fizeram grandes esforços para a resurreição das lettras brasileiras,» França Junior escreveu duas boas comedias, *Direito por linhas tortas* e as *Doutoras*, além de alguns folhetins interessantes ; Oscar Pederneiras, esse era um rapaz de espirito, fazedor emerito de calembours, e não pretendeu, cuido, metter-se a redemptor quando escreveu a *Côrte em ceroulas* ou o *Bendegó*.

Entretanto, ainda mais admiravel é dizer José Avelino que França Junior e Oscar Pederneiras deixaram dous successores em Filinto de Almeida e Valentim Magalhães, quando, meu Deus ! não ha espiritos nem temperamentos que menos se pareçam.

Tratando da nossa poesia, escreve José Avelino que o Sr. Barão de Paranapiacaba, traduzindo o *Jocelyn*, excedeu ao poeta francez na inspiração e melodia do verso. Admittamos, com um supremo esforço de imaginação, que alguem fizesse versos mais melodiosos que os de Lamartine : mas como diabo uma traducção pode ser mais inspirada que o respectivo original ?

Dir-se-ia que o autor da carta desconhece absolutamente o poeta das *Meditações*, porque mais adiante faz do Sr. Mucio Teixeira um parnaziano... como Lamartine (Lamartine parnaziano !), e um naturalista «aux traits d'observation aussi délicats que ceux de Richepin ».

Luiz Delphino, Raymundo Corrêa e Olavo Bilac, diz a carta, fazem sonetos que lembram a phase lyrica e sentimental de Alfredo de Musset, e Rozendo Muniz é a musa apaixonada do amor e da saudade...

De Luiz Murat e de outros poetas nem palavra ; entretanto, Raul Pompeia, que nunca fez um verso, figura entre o *genus irritabile vatum*.

Felix Ferreira é considerado por José Avelino um paciente e ardente investigador das velhas chronicas que enriquecem as nossas bibliothecas, e...

Mas aonde nos levaria esta analyse ?

A carta, escripta evidentemente « para francez ler », termina affirmando a existencia de uma *Société des gens de lettres* no Brasil, presidida pelo « Girardin brasileiro ». O Girardin brasileiro é Ferreira de Araujo, que tem muito talento, muito espirito, muita competencia, mas parece-se tanto com Girardin como um ovo com um espeto.

*

Certo sujeito contava a um amigo : — Meu pae era tão gordo, que, quando entrava na banheira, para tomar banho, a agua entornava-se por fóra até a ultima gota ! — O amigo vingou-se, respondendo : — Pois o meu era tão magro, que, quando entrava na banheira, o nivel d'agua baixava !...

A *Revista Diplomatica* tambem se vingou de José Avelino, fazendo preceder a sua carta de algumas linhas em que o apresenta como « un homme d'Etat brésilien, qui a joué une rôle si actif et si prépondérant dans l'établissement des institutions républicaines de son pays ».

A.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

I

(Continuação)

Em zig-zag, descia os degráos, ao centro, um tapete estreito, vistoso, de ramarias pallidas, em tom de côr elegante, procurando mais a tenuidade das tintas do que a vivacidade leonina d'esses pannos encarnados, proprios para adornar portas de uma egreja de aldéia.

Dava gosto enterrar os botins na alfombra pelluda. Os passos amorteciam-se, como se o tapete representasse o papel de um grande abafador.

A escada era toda de marmore branco. Reflectia os raios que um comburente de gaz projectava do alto do patamar, por sua vez sumido na ramaria das plantas de adorno, o que é o prototypo, mal comparando, dos jardins que os antigos plantavam no interior das suas habitações. Os nardos denunciavam-se a grande distancia pelo perfume forte, ao mesmo tempo que crepitavam risos, palpitantes, sonoros e como que batidos por um larynge de crystal Bacarat.

— E' um escandalo — dizia comsigo o nosso heróe — aqui como na Europa : estão tocando uma peça de concerto e andam por alli umas garças a interromper.

Os amigos esperaram que o executante terminasse o trecho musical. Aos ultimos accordes, o salão teve um movimento de alegria, de convulsão instantanea, e applaudio.

Uma senhora altiva e pachorrenta, toda entregue e dada a enlevos, apaixonada por tudo quanto lhe parecesse participar da musica, colheu, em caminho, as mãos do moço que acabava de executar *Le cri de délirrance*, de Gottschalk, e, acompanhando o gesto com um sorriso estudado de bondade, exclamou a meia voz :

— Muito bem ! Que musica !...

Um bando de moças espalhou-se pelas proximidades do grande patamar, como volateis que se houvessem escapado dentre as folhagens.

N'esse momento, os tacões dos botins dos nossos conhecidos bateram livremente o marmore.

Ouvio-se uma voz deliciosa e angelica :

— Sem cerimonia, cavalheiros !

— Quem fala? perguntou rapidamente o enamorado ao amigo.

— Carmen.

— Tem uma voz celestial !...

II

Para um desterrado, hontem estudante na Europa e hoje restituido á patria, essa nota afinada da palavra humana, tão rara em labios de rapazes, vibrava nos de Carmen de modo arrebatador.

Os moços que por alli se achavam, abriram alas, e os nossos heróes, saudando para um e outro lado como os monarchas que passam entre a sua côrte, acercaram-se de Carmen.

— Não sei se já se conhecem, disse um d'elles.

— Quando crianças, respondeu a moça, corando ao de leve e cravando na physionomia do compatriota um olhar profundo, que denunciava anceio e sympathia.

— N'esse caso, repitamos as apresentações, uma vez que já não são as crianças do outro tempo. Carmen, apresento-lhe o meu intimo amigo Dr. Lucio Herrera, filho do coronel Herrera: Lucio, apresento-te Carmen, a rainha dos saráos.

— O Dr. Herrera já o conhece, é a lisonja feita homem.

— Repare que a lisonja é feminina.

— Grammaticalmente, nada mais.

— O meu amigo Carrero, disse Lucio Herrera, disse talvez a metade....

Carmen percebêra que o joven doutor ia proferir alguma galanteria e, em tempo, de prompto, cortou-lhe a palavra, convidando os dous amigos a entrarem para o salão. Iam principiar as dansas.

A moça, usando de uma familiaridade pouco vulgar na sociedade de Montevidéo, impulsada, talvez, por um sentimento de vaidade, apresentou o seu companheiro de infancia aos amigos, ás amigas, á mãe e ao padrasto.

O aspecto do salão transformou-se com a presença de Lucio. Não houve olhos que não se cravassem n'elle. O padrasto de Carmen conversava a um canto da sala com o coronel Herrera. Tinha a mesma graduação militar que o amigo. Eram do tempo de Urquiza e de Rosas; haviam militado juntos.

Como cerimoniosamente sóe proceder-se na boa sociedade montevideana, todos os homens simultaneamente se ergueram, e esperaram o comprimento de Lucio Herrera e de Carrero, o seu *alter ego*. O coronel Herrera saboreava, deitando um olhar obliquo e protectivo sobre o filho, o triumpho do seu querido Lucio, o orgulho da sua velhice, a prenda unica, que lhe restava de uma viuvez prematura. As mulheres coxixavam umas com as outras em rapidos commentarios, que em resumo diziam :

— E' um rapagão!

— E' *divino !*

— E' uma nova conquista de Carmen !

Os dous coroneis pareciam talhados pelo mesmo molde. Altos, elegantes, tinham os craneos limpos, ostentando grandes calvas luzentes e bem delineadas.

Um bigode encanecido e basto vegetava fortemente no sobrelabio e sobre elle recurvava-se, a meio, o nariz, d'onde partiam profundos vincos proprios da edade. Essas duas physionomias de militares eram graves como as dos gigantescos soldados da *Queen's Guard*. Nos olhos pequenos, porém vivos, liam-se pensamentos identicos. A estatura alta, o tronco do corpo bem formado, athletico, o ventre meio abahulado, braços longos, pesados, em cujas extremidades se escondiam, em pares de luvas pretas, as manoplas adextradas no manejo da espada, o som da voz rouquenho mas fortificado por larynges habituadas á imposição e ao mando, o meneio pausado da cabeça, a rijeza das pernas bem calçadas, o todo, emfim, dos dous militares participava da egualdade e uniformidade de caracter.

Eram verdadeiramente amigos.

A mais, ligava-os o mesmo credo politico, o que constitue no Rio da Prata a melhor carta de recommendação. Eram dous esteios do partido *blanco*, e gosavam de pequenas rendas.

Em quanto licenciados do serviço militar, saboreavam os editoriaes dos jornaes do seu partido, que, sem piedade, batiam a politica dos homens que se achavam no poder, pertencentes ao partido *colorado*. Aos brasileiros não perdoavam nem o auxilio prestado ao general Flores nem o bombardeio de Paysandú.

O coronel Herrera agradeceu, bastante impressionado, o elogio que lhe acabava de fazer o amigo, o coronel Alvarez Blanco, ao falar-lhe de Lucio.

O peito do velho soldado arfou, largo e recurvado, como se por ventura tivesse aspirado o orgulho universal.

Dolores, a esposa do coronel Alvarez Blanco e por consequencia mãe de Carmen, esperou um momento. Depois, com esse habito particular das senhoras de Montevidéo, repetio o comprimento, voltando-se a meio corpo para Lucio Herrera:

— Então... como tem passado, cavalheiro?

Lucio respondeu com duas banalidades, n'um hespanhol não muito castiço, pois desde os sete annos achára-se na Europa onde se fôra formar em medicina.

Entretanto, as moças sorriam, perdoando e applaudindo as faltas do compatriota. Houve duas que juraram ser a linguagem de Lucio do mais puro idioma de Espronceda. Carmen foi mais franca.

— E' um bonito rapaz — disse — que fala bastante mal o hespanhol.

— O que te deve convir — atalhou uma falsa amiga.

— Porque?

— Porque d'esse modo praticarás o francez com Lucio. Como não entendemos esse idioma, ficam vocês em plena liberdade.

— Comprehendo... mas ignoras por ventura que, fallando francez ou hespanhol, sou sempre incomprehensivel?

— E' que escolhes muito....

— Porque sou exigente.

— E porque és... orgulhosa.

— Da minha nullidade?

— Pelo contrario, do teu talento, do teu caracter, e, mais do que tudo, da tua belleza. Calemo-nos; estão olhando para ti.

Carmen voltou-se e deu com os olhos avidos da sociedade presente, que a contemplava, como que embebida n'uma adoração mystica. Depois, comprehendeu a razão d'aquella aturada observação: Lucio, sem dizer palavra, esquecia-se por momentos do logar em que se achava. Fazia de Carmen a salamandra e submettia-a ao incendio voraz dos seus olhares, longos, filtrando ardores de sentimento profundo.

As conversas seguiram sem interrupção Lucio contemplou o typo de Carmen, sob uma impressão suspeita. Entretanto, talvez se não enganasse muito. Commetteria, quando muito, um erro de approximação.

Carmen vestia com extrema modestia. Um vestido sem exagerações de talho e feitio descia-lhe ao longo do corpo em ligeiras ondulações. Era côr de vinho e desenhava-lhe imprudentemente todas as curvas anteriores do busto. O collo arfava-lhe com um movimento compassado e isochrono.

Não muito comprida, a barra do vestido deixava ver os pés demasiado pequenos e aristocraticos.

Esses pesinhos batiam o tapete com impaciencia. Na apparencia, Carmen era a placidez personificada; na realidade, aquelle envolucro humano escondia uma natureza de gymnoto electrico.

O rosto era de oval plastico, o mais obediente ás regras da esthetica. As faces tufavam-se-lhe emabundancia de carnes, do que resultavam duas mimosas covinhas nas proximidades dos cantos labiaes.

A pallidez cobria aquelle rosto, indescriptivel, porque a belleza de Carmen não se copiava, via-se. De um a outro momento, esbatia-se-lhe a côr das faces, e passava por sobre ellas como que ligeiros vapores de nacar. Nesses instantes, vinham os sorrisos.

Carmen tinha a pudicicia infantil. Não sabia sorrir sem corar.

Os olhos, tinha-os grandes, negros, vivos e luzentes. Dir-se-ia, ao vel-os, tão brilhantes, que a possuidora d'aquelles diamantes pretos evaporava, sob a influencia do ardor dos olhares, lagrimas que nem ás palpebras chegavam. Acariciava-os, ora a *morbidezza* de uns olhos de veneziana, ora flamejava-lhe nas orbitas a ardentia do olhar.

Não se podia affirmar que os olhos de Carmen falassem nem que lhe denunciassem o caracter. Quando muito, ao ver a tristeza e a alegria que em diversos momentos accusavam, dir-se-ia que o organismo d'essa mulher soffria successivamente a impressão do mundo exterior, segundo as phases do olhar. Se o fulgor se eclypsava, ahi estavam a tristeza e a languidez; se se illuminavam os dous globos, negros como onyx, lampejava a alegria.

A moça bem o dissera: «sou incomprehensivel».

Participava do meneio do corpo, pausado, como que meditado, e a um tempo, convulsionava-se, ria, corria vertiginosamente com estrepido aferrador.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

PRIMAVERA

Ah! quem nos dera que isto, como outr'ora.
Inda nos commovesse! Ah! quem nos dera
Que, inda juntos, pudessemos agora
Ver o desabrochar da primavera!

Sahiamos com os passaros e a aurora...
E, no chão, sobre os troncos cheios de hera,
Sentavas-te e dizias, de hora em hora:
« Beijemo-nos! amemo-nos! espera! »

E esse corpo de rosa rescendia,
E aos meus beijos de fogo desmaiava,
Alquebrado de amor e de cansaço;

A alma da terra gorgeiava e ria;
Nascia a primavera; e eu te levava,
Primavera de carne, pelo braço....

OLAVO BILAC.

THEATROS

« Depois da Gabbi havemos de ouvir isto? » tal foi phrase que ouvimos a um dilettante ao entrar, terça-feira passada, no jardim do Polytheama. Parece de justiça responder que, depois da Gabbi, antes isto que outra coisa peior....

E barato, e, que diabo! a ultima companhia que trabalhou n'aquelle theatro era de cavallos e clowns .. pelo mesmo preço.

Entretanto, o *Trovador* teve, pela companhia lyrica Sonzone, um desempenho muito aceitavel.

O tenor Vilalta no celeberrimo ***Madre infelice*** deu o não menos celebre *dó*, sendo forçado a repetil-o a instancias do publico. A prima-dona Sully, correcta. O barytono Verdini, um bello artista.... E cá estamos nós a elogial-os; porque, no fim de contas, já temos aturado coisa bem ruim muito quietos, muito convencidos de que Deus Nosso Senhor Jesus Christo estava comnosco, e nós tinhamos uma linda opinião em arte!

Todos os artistas deram perfeitamente o seu recado. O publico enchia litteralmente o Polytheama, e applaudio, n'um largo sorvo de comprehensão musical, toda a velha e dramatica partitura de Verdi. Antes assim.

*

No Apollo voltou á scena o ***Diabo no moinho***, zarzuela em 2 quadros, de Cuartero e Vigarra, traducção de Figueiredo Coimbra, musica de Raphael Taboada, e estreiaram-se dous bailarinos francezes, M. e Mme. Siane, que não julgamos capazes de levar muita gente á rua do Lavradio.

Exhibio-se no Variedades, com a ***Mimi Bilontra***, uma «companhia russa» que aqui esteve ha tempos, dirigida por um dos innumeros filhos do defunto Hermann. Nos outros theatros nenhuma novidade houve.

*

Falleceu o ex-actor dramatico Florindo Joaquim da Silva, que durante mais de trinta annos, de 1837 a 1868, trabalhou nos theatros do Rio de Janeiro, adquirindo grande popularidade.

Ha vinte e cinco annos Florindo era empregado na Municipalidade.

Dos companheiros de João Caetano só resta agora o sympathico José Luiz, que completou ha dias oitenta annos, e parece disposto a viver mais cincoenta.

X. Y. Z.

A larga parte reservada pelas nossas folhas diarias aos assumptos sportivos, e o numero, relativamente avultado, de revistas, que se publicam nesta capital, especialmente consagradas aos mesmos assumptos, tiravam todo o interesse á nossa secção *Sport*, necessariamente laconica.

Resolvemos, pois, supprimil-a, agradecendo de coração ao nosso gracioso collaborador ***Belzebut***, pseudonymo que encobre um dos mais distinctos sportsman fluminenses, a boa vontade e cavalheirismo com que acudio ao nosso convite, e se dispoz a mandar-nos semanalmente a sua bella prosa.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 4

JANEIRO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 23 numeros. Numero avulso 500 réis.

Agente geral, PAULA NEY.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N.

SUMMARIO

JOÃO LOPES . . . . . A. A.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . . A.
FÉ... OU TREVA . . . . . Luiz Murat.
A FAMILIA MEDEIROS. . . . . Aluizio Azevedo.
BANDOLEIROS. . . . . Cosimo.
LÉ COUCHER DE LA MORTE . . . . . R. Montesquiou.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO . . Alfredo Bastos.
EFFEITOS DO AMOR . . . . . Paulo Augusto.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato de
FURTADO COELHO

JOÃO LOPES

Capistrano de Abreu, o apreciado escriptor e jornalista que todos conhecem, prometteu enviar-nos de Theresopolis, onde se acha, o perfil biographico de João Lopes, seu comprovinciano e companheiro de infancia, para acompanhar o retrato com que hoje se honra o nosso periodico.

Infelizmente não merecemos de Capistrano de Abreu o cumprimento de sua promessa; até a ultima hora esperámos debalde a sua magnifica prosa, e fomos, afinal, obrigados a mandar imprimir o *Album* sem ella. Todavia, se nos fôr enviado o promettido artigo, teremos o prazer de dal-o á estampa no proximo numero.

Em todo o caso, a simples publicação do retrato de João Lopes basta para demonstrar a estima e consideração em que temos o illustre e sympathico cearense, que pelo seu talento e pelo seu caracter soube, ainda tão moço, elevar-se á alta dignidade de presidente da Camara dos Deputados.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

O Sr. Dr. Barata Ribeiro encheu toda a semana. O nosso prefeito municipal—honra lhe seja! —tem desenvolvido uma actividade promettedora, e parece disposto a acabar com muitas coisas que envergonham a ex-Sebastianopolis.

Os decretos da prefeitura municipal têm naturalmente descontentado a muitos individuos, ha longo tempo habituados á velha condescendencia dos nossos edis; mas creiam, meus senhores, que sem um pouco de violencia é impossivel dirigir com alguma decencia e alguma efficacia os negocios municipaes do Rio de Janeiro.

O povo fluminense, aliás ordeiro e sensato, prima pelo desrespeito á lei, e por uma comprehensão phantastica dos seus devéres e dos seus direitos. Fazer-lhe comprehender nitidamente uns e outros será obra de grande alcance social, embora seja preciso, para leval-a ao cabo, distribuir alguns puxões de orelhas e mesmo alguns pontapés bem applicados. Ella por ella. Não ha maior brutalidade que a da ignorancia.

Não creio que a maioria dos nossos intendentes municipaes honre sobremaneira o criterio do eleitorado, não creio mesmo que o Sr. Dr. Barata Ribeiro seja um prefeito perfeito, mas creio que a municipalidade, organisada como está, consiga em seis mezes o que todas as municipalidades do Imperio não conseguiram em sessenta e sete annos.

Sejamos bons municipes, e em pouco tempo o Rio de Janeiro, que tem elementos para ser a mais bella cidade do mundo, rivalisará, pelo menos, com

a mais bella cidade da America do Sul.—o que não será pouco.

*

Entre as medidas decretadas pela Municipalidade figura a restituição do Carnaval á sua epoca propria.

Ainda bem que não teremos este anno, como no anno passado, a inqualificavel extravagancia de mascarados em Junho. Pela parte que me toca, poderia o Carnaval desapparecer dos nossos costumes, que não me deixava saudades. Acho que esse divertimento não se coaduna com a educação moderna.

Esta é uma nota muito subjectiva. O Carnaval, mesmo depois da febre dos prados, dos hippodromos, dos bellodromos e dos frontões, continúa a ser o nosso divertimento popular por excellencia, e eu não sou egoista : viva o Carnaval !

Entretanto, protesto, como sempre protestei, e como continuarei a protestar emquanto achar um cantinho em que albergue a minha prosa, contra esse indecoroso espectaculo de mulheres seminuas, encarapitadas nos famosos carros alegoricos, escandalisando as donas honestas, e accendendo no espirito das donzellinhas a inveja d'aquelle ephemero e illusorio triumpho.

Os rapazes dos clubs carnavalescos podem se divertir sem fazer *reclame* ás barregans de alto bordo, nem iluminar á sua custa a apotheose da prostituição.

*

Na minha ultima chronica escrevi que ainda não tinha visto a *Folha Azul*. Heitor Guimarães obsequiou-me em seguida com a remessa de seu periodico. Só tenho que louvar a boa escolha da prosa e dos versos que opulentam os tres primeiros numeros. E' uma folha sympathica e primaveril, que o publico fluminense não deve deixar morrer.

*

A exiguidade do espaço de que disponho no presente numero do *Album* obriga-me a deixar no tinteiro quasi toda a semana. E note-se que houve um assassinato, uma prisão importante de moedeiros falsos, mais um pedido de demissão do chefe de policia, e outras coisas que poderiam encher muito papel. Mas eu, como dono da casa, tenho que ceder-a aos hospedes, e os leitores de certo não se queixarão vendo-me com tanta vantagem substituido.

A. A.

FÉ... OU TREVA...

Disse o espectro ao surgir da funebre enxovia :
«Idê-vos, gulotões, deixae-me o ventre em paz.
Esta adega de pús ficou por fim vasia,
E em terra, em lama, em pó, em nada se desfaz.

A matilha cruel dos gouios deshumanos
Invernou neste albergue esfuracado e immundo,
E atirava-me á face epithetos profanos,
E mordia sem dó meu seio nauseabundo.

Estresilhado espectro, hoje vago sem rumo,
Por esta encrusilhada onde aprendi a amar.
Como é pesada e fria esta roupa de fumo,
Que me faz de sepulchro em sepulchro ajoelhar!

Quem sou? Poeira. Quem sou? Verme que o verme enfrenta.
Chamma pura do amor, que se fez esqueleto,
E que andava a carpir n'uma carne opulenta
Como Heloïsa ao pôr do sol no Paracleto.

Onde estaes illusões, merencorias noviças
Do coração humano – o mosteiro do amor?
E vós, sonhos da infancia, e vós, dores submissas,
—Por impiedosos pés machucados em flor?

Para onde foste, ó sombra errante de outras eras,
—Patativa gasil das madrugadas de ouro?
Tu, bemfaseja luz, nuncia das primaveras,
— Esperança.. esperança enlaçada ao meu chôro?

Minhas irmãs do céo—as estrellas medrosas —
Nem uma vez sequer perguntaram por mim.
Minhas irmãs da terra – as odoran es rosas—
Com receio da irmã, fugiram do jardim.

Ingratas, se uma só de vós morresse, iria
Noite á noite resar, dormir junto ao seu leito.
E, transida de dor, sem medo, apertaria
Ao meu peito febril o seu gelado peito.

Cobre os paços da morte a terra e o esquecimento.
Quem volve o rosto mais para o sepulchro, quem?
Se continúa sempre azul o firmamento,
Se sempre o mesmo aroma o calice contém?

Irrisão, dor, tormento, ancia desesperada,
Saber que ao mesmo porto arroja-nos a sorte!
Vivos, ouvi meu grito, almas, volvei ao nada :
A morte não é vida, a morte não é morte.»

Luiz Murat.

Rio, 12 de Dezembro de 1892.

FAMILIA MEDEIROS

N'esta dolorosa epoca de ladroeiras commerciaes e sobresaltos politicos, é acto de grande abnegação e extremo heroismo fazer uma obra litteraria; e mais extraordinario ainda é, vencendo todas as difficuldades, imprimil-a em volume e publical-a.

O preço da impressão e do papel excede a tudo o que se possa imaginar de exagerado O publico não póde ler, porque não póde distrahir a sua attenção das miserias em que vegeta ou dos perigos que o ameaçam

Depois da bancarrota, o publico brasileiro divide-se apenas em duas ordens: a dos que tudo perderam, e a dos que tudo ganharam Os primeiros choram de fome, e os segundos tremem de medo pela sua riqueza mal adquirida. Uns se escondem para occultar a miseria; outros para fugir á justiça.

Mas todos se escondem, estes atirando-se para a Europa, aquelles pondo apenas um nariz postiço.

Os ricos fingem-se pobres com medo da cadeia, e os arruinados fingem-se ainda ricos para inspirar confiança ao publico.

Um bello carnaval!

E ninguem lê livros.

*

Por isso, ao tomar nas mãos o novo romance brasileiro, firmado pelo sympatico e victorioso nome de Julia Lopes de Almeida, applaudi esse bello e singular apparecimento com um «Bravo» intimo e sincero.

Mas, folheando o volume antes de o ler, em vez de prelibar as delicias que naturalmente elle me reservava, senti impetos de arrojal-o para longe de meus olhos, indignado pelo seu aspecto anti-artistico de livro brasileiro, com o seu detestavel formato quasi quadrado, com os capitulos grudados ao alto da pagina, com as suas margens enormes e desiguaes, com o seu papel pulha, assetinado, com o seu typo grande de mais para a medida que lhe deram, e, emfim, com esse todo desgracioso e repulsivo que os impressores fluminenses dão, em geral, á obra que têm a desgraça de lhes cahir nas garras.

Ah! raça maldita de impressores, que não têm sequer a dignidade da sua arte, ou a simples comprehensão do seu officio!

Que o inferno os confunda!

Foi, por conseguinte, vencendo a repugnancia que me inspira quasi toda a obra sahida das officinas de publicação do Rio de Janeiro, que principiei a ler o interessante romance da talentosa escriptora.

*

E' a narração de um simples episodio domestico, passado n'uma fazenda do interior de S. Paulo. O enredo, quasi nullo, é apenas um pretexto para pintar typos e descrever scenas brasileiras.

A autora tira um bello partido das expressões e vocabulos populares que apanhou do natural, e enriquece a sua obra com alguns quadros verdadeiros, feitos com louvavel honestidade artistica.

Pena é que o mal entendido preconceito de endeusar os seus heróes a arredasse por vezes da veneração que todo o artista deve á verdade. Não fallo dos typos secundarios, que esses são simples e bons; refiro-me aos principaes, em torno dos quaes gyra a intriga amorosa.

Tal preconceito é um vicio que nós herdamos de certos romanticos francezes. Octavio Feuillet, por exemplo, quer seja armando aquelle judas que elle chamou *Monsieur de Camors*, quer seja pintando em papelão e sarrafo aquelle boneco de engonços baptisado com o nome de Maximo Odiot, quer seja apresentando o manequim de saias do *Journal d'une femme*, foi sempre de uma insupportavel prodigalidade nas qualidades brilhantes com que enfeitou esses seus typos.

O heróe das obras de Feuillet é sempre o mais perfeito dos mortaes, o mais bonito dos moços, o mais elegante, o mais talentoso, o mais instruido, o mais valente, o mais dextro, o mais honrado e o mais nobre. Ninguem como um heróe de Octavio Feuillet para saber musica, para saber desenho, para saber linguas mortas e vivas; ninguem como elle para montar a cavallo, para dansar a valsa, para bater-se em duello e ter phrases espirituosas e mordazes.

Os rheumatismos, as dores de barriga, as verrugas no nariz e os callos inventaram-se para o resto da humanidade.

Esse modo de deshumanisar os seus heróes e de pretender semi-deusal-os é o que principalmente me faz não gostar das obras bem escriptas do insupportavel mestre. A' força de querer dar a seus typos attitudes superiores, e á força de afastal-os dos infinitos e inevitaveis ridiculos da vida commum dos outros homens, Feuillet tira-lhes todo o feitio humano e redul-os, não a semi-deuses, mas simplesmente a imagens de oratorio. E, como essas imagens andam de collo em collo e de bocca em bocca, da primeira á ultima pagina da obra, como um *Santo Antoninho onde te porei*, o que succede é que ellas acabam sempre reduzidas a uma especie de symbolo milagroso, esfarrapado e informe, seboso e fedorento, emporcalhado de beijos de todo o mundo.

Que diabo! todo o homem, por mais superior, tem sempre os seus ridiculosinhos. Napoleão, o Grande, tinha colicas que o faziam chorar e escabujar comicamente pelo chão; e, quando uma vez, defronte dos seus exercitos, tentou subir a uma pyramide no Egypto, rasgaram-se-lhe os calções de alto a baixo, e não subio!

*

O Dr. Octavio da *Familia Medeiros* parece-me que é tambem da outra familia do seu chará Octa-

vio Feuillet; elle, e as irmãs, e mais a prima Eva.

Sempre que a autora falla do Dr. Octavio, encolhe-se de tal respeito e colloca-se tão á distancia delle, que quasi lhe não vê senão o vulto.

O leitor, esse não vê nada!

Sabe, sim, que elle não se confunde com os outros personagens do romance, porque a autora lhe dá arreios de prata e charutos de Havana, e *robe-de-chambre* de seda indiana, « com arabescos e cornucopias brilhantes», e « uma manta persa, trazida de Berlim», e bonitos olhos castanhos, e unhas polidas, e brunidas, e, *par dessus le marché*, entrevistas amorosas com a mulher de um negociante rico da avenida das Tilias, a qual « encostava no hombro do amante a bella cabecinha loura, em quanto os seus labios, n'uma avidez de abelhas, lhe procuravam todo o mel dos beijos. »

Que injustiça! Dar tudo a este typo e nada aos outros!

Mas os outros, coitados, tambem são filhos da mesma penna!

Vamos lá! Porque razão a autora, que distribuio tantos defeitos e nenhuma virtude aos outros personagens do romance, como o Dr. Azevedo, o Trigueirinho, o Commendador, o fazendeiro Antunes etc. etc., não consente que os seus typos do primeiro plano se não confundam jamais com aquelles, nem mesmo na linguagem?

Já não me refiro a Octavio, que foi educado na Allemanha: mas Paulo? Paulo, que nasceu na roça, que nunca sahio da roça, porque não falla como os seus congeneres?

Sei porque é. E' porque a autora imaginou que Paulo ficaria ridiculo fallando como os typos vulgares, e isso não convinha, porque Paulo, apezar de rapaz da roça, era o amado e o escolhido de Eva, a superfina.

Superfina aqui quer dizer a mulher perfeita, o anjo modelo, a heroina da festa. E nestes livros á Octavio Feuillet, quando a heroina distingue um typo com o seu amor, o desgraçado já se não pertence; já não póde fallar, nem sentir como o resto da gente: tem de ser o que é Paulo na pag. 211, o modelo da abnegação, do amor e da bondade.

Eis o que elle pensa. Transcrevo:

« Indubitavelmente Eva adorava Octavio, e, para fugir-lhe, procurava á pressa um marido, por mais imbecil que fosse, prompta a todos os sacrificios, menos ao de curvar a cabeça diante do tio, o velho inimigo de seu pae!

Era isso, era! Elles haviam de ser felizes algum dia; e elle, Paulo, que tinha por Eva uma paixão sem limites, uma paixão vastissima, nascida na adolescencia, avigorada na mocidade; elle, que sonhára a sua posse como o ideal da ventura na terra, e que em cada dia parecia sentir maior e ainda mais solido o seu amor; elle mesmo trabalharia para que Octavio desposasse a prima, e, depois de os ver estabelecidos no Mangueiral, em pleno goso do seu amor, fugiria para bem longe, para a Europa, ou para os Estados-Unidos, de onde lhes escreveria umas narrações de viagem e umas falsas noticias da sua ventura e do seu bem estar! »

ALUIZIO AZEVEDO.

(Conclue no proximo numero)

BANDOLEIROS

E' este o titulo de um volumesinho de oitenta paginas, muito bem impresso em Juiz de Fóra, na typographia Torres, contendo versos de Silva Tavares, habil e esperançoso mancebo.

O volumesinho está prefaciado por Augusto de Lima, e traz, tambem á laia de prefacio, um soneto em que o padre Corrêa de Almeida diz ao autor dos *Bandoleiros*:

> Eu votaria em ti para poeta,
> Se a coisa dependesse de eleição.

Apezar dessa profissão de fé eleitoral, Silva Tavares promette mais do que dá, e dá menos do que daria se adiasse a publicação do seu livrinho para quando se sentisse capaz de produzir coisas de mais folego, e se libertasse de alguns defeitos, aliás perdoaveis, que o tempo e o estudo irão corrigindo.

Entretanto, sente-se nestas paginas juvenis um sopro agradavel de inspiração, certa facilidade de producção, e muita sinceridade. O poeta dos *Bandoleiros* saberá utilisar taes elementos, e n'outro livro nos dará ensejo de felicital-o sem restricções nem reservas.

*

No artigo de Augusto de Lima encontrámos um trecho referente á nossa penuria de critica litteraria; não nos furtaremos ao prazer de registral-o nas columnas do *Album*:

« Quaes são os nossos criticos? pergunta o poeta dos *Contemporaneos* e dos *Symbolos*. Com excepção de Sylvio Romero, ainda militante, pelo masculo vigor de sua organisação intellectual, esse mesmo com largos hiatos no exercicio d'esta nobilissima missão, mais ninguem vejo na imprensa fluminense. Onde Machado de Assis, o excentrico observador e artista, o delicado chimico de pensamentos, apto para em sentença sem appello dar a formula exacta

JOÀO LOPES

de qualquer escriptor? Onde Carlos de Laet, essa illustre victima do minotauro da politica, espirito erudito, criterio transcendente? Onde Araripe Junior, o psychologista meticuloso, formulista de bellos e novissimos conceitos criticos? Onde tantos outros? Uns morreram, como Joaquim Serra, Franklin Tavora, e Livio de Castro; outros escrevem chronicas politicas, leccionam e se burocratisam.»

Precisa-se de um critico!

COSIMO

Em Pariz ha logar para tudo. No meio dos escandalos do Panamá, appareceu agora na grande cidade um livro de bons versos, e de repente as attenções se desviaram todas para o poeta, embora d'ahi a pouco se entregassem de novo aos Srs. Lesseps & C.ª

O poeta chama-se o Conde Roberto de Montesquiou-Tezensac. O livro intitula-se *Chauves-souris*, e é um precioso *bibelot* de typographia, com uma bella capa de seda azul, em que transparecem os moreegos que lhe servem de titulo e de commentario.

O volume não foi posto á venda. O poeta mandou tirar uma edição muito reduzida, para os amigos. Parece-nos, portanto, que os leitores do *Album* terão todo o interesse em conhecer uma das mais bellas producções collecionadas nos *Chauves-souris*: eil-a:

LE COUCHER DE LA MORT

Il n'y avait point de jour où elle ne reçût à sa cour sept ou huit mille sonnets, autant d'élegies, de madrigaux et de chansons, qui etaient envoyés par tous les poetes de l'univers. Toute-Belle etait l'unique objet de la prose et de la poésie des auteurs de son temps

LE NAIN JAUNE.

Un jour qu'elle sentit que son cœur était las,
Voyant qu'il lui faudrait mourir à cette peine,
Elle fit travailler une biere d'ébene,
Et disposer au fond de riches matelas.

Pour qu'ils fussent moelleux, elle les fit emplir
De tous les billets doux dont on l'avait lassée;
Dans la chambre on les fait apporter par brassée,
Et bientôt le tapis s'en voit ensevelir.

Longtemps on en bourra les coussins de linon;
Sans trêve on les tassa dans les grands sacs d'étoffe;
Parfois on voyait luire, au passage, des strophes,
Parfois, à la volée, on démêlait un nom.

Mais quand elle se fut de ce geste acquittée,
La Belle fut plus calme, en songeant, que, ce jour,
Elle aurait, pour dormir sa dernière nuitée,
Un lit harmonieux de murmures d'amour.

*

Or quand elle fut morte, et sous la planche sombre,
Lorsqu'on l'eut mise au lit de son cercueil soyeux;
Elle entendit vibrer un cliquetis joyeux,
Comme un bruit de rameaux dans un sentier plein d'ombre.

On eût dit un baiser de brise très léger
Sur les feuilles du tremble aux ramures peureuses;
Un long chuchotement de choses langoureuses
Que parfois des sanglots paraissaient arpéger.

Modulant des aveux, des larmes, des prieres,
Des adorations, des imprécations,
Qui passaient sur le champ lointain des passions,
Tels qu'un soupir du vent sur les roses bruyères,

Et c'étaient les espoirs et les désirs d'un jour
Qui reprenaient de loin leur tendresse finie
Pour tramer à la morte un lit de symphonie
Un glas délicieux, *De Profundis* d'amour!

Et quand les érudits et les archéologues
Ouvrirent le tombeau de cette Taloser,
Ce qu'ils virent fut propre à leur faire poser
L'air expérimenté de leurs allures rogues:

La Morte, par mille ans de ténebre arrosée,
Dormait sans une atteinte et sans une douleur;
En sa couche d'amour on eût dit une fleur
Que de loin vivifie une ancienne rosée.

D'un effluve d'extase éternelle embaumée,
Sur un tapis de mousse, immarcessible lis,
Elle était, sur le bord de ses rêves pâlis,
Celle qui ne meurt point, tant elle fut aimée!

Mais quand du divin socle ils la firent descendre
Pour chercher du secret l'invisible filon,
Ce qui reste du vol saisi d'un papillon
Leur filtra dans la main, en lumineuse cendre!

ROBERT DE MONTESQUIOU

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

II

(Continuação)

O que devéras aureolava o todo organico de Carmen, era a primorosa cabeça, copia de alguma das virgens de Raphael, cinzelada segundo as léis precisas da plastica de um Praxiteles. O rosto prestava-se perfeitamente para base d'esse verdadeiro monumento de arte. Ovalada, mas com um disfarce de traço artisticamente pensado e cuidado, cobria-a uma nuvem de cabellos negros, fortes e abundantes.

Carmen penteava-se de um modo todo seu. O penteado não se assemelhava ao das demais mulheres, e por uma simples razão: mulher nenhuma poderia, talvez, imitar Carmen. Do lado direito, uma pollegada além da linha central do craneo, como rastro luminoso de uma estrella invisivel, via-se o branco da risca, que principiava na parte superior do frontal e a pouco e pouco se ia estreitando e sumindo na zona occipital.

D'essa trilha luminosa erguiam-se, a sufficiente altura, as fracções d'aquella opulencia capillar, como jactos que descrevem no espaço a parabola da sua trajectoria. Ao voltar-se, Carmen deixava ver, entrelaçadas, extensas bandas. O lustro natural fazia sobresahir os nós das tranças, fortemente apertados como se fossem abraços de amantes que se despedem.

E, logo á esquerda, como uma Venus feita flor, emergia, d'entre os cabellos, uma rosa, semi-pendente, empallidecida e como que a morrer nas tranças.

Lucio absorveu-se n'uma contemplação prolongada, que foi percebida pela maioria dos convidados. Era a primeira vez que via Carmen ao seu lado, falando-lhe, sorrindo...

N'isto, o pianista executou os primeiros compassos da mazurka.

O moço desprendeu-se das cerimonias, rehouve o *dégagé boulevardier* de Pariz, ergueu-se de subito e postou-se meio curvado em frente de Carmen, que o fitou sem pestanejar como inimigo decidido a sustentar a sua independencia. E logo, como que por milagre, um bando de adoradores cercou-os. Todos queriam dansar com ella.

A moça comprehendeu tudo e, sem deixar que Lucio a convidasse para a mazurka, levantou-se, pousou, abandonada, a mão na do par, e recusou, com um sorriso que circulou em todos os sentidos, como um pedido de desculpa.

O salão palpitava. Eram muitos os convidados, e, apezar do grande espaço, difficilmente se moviam os pares. Ouviam-se ruidos e pequeninos risos abafados. Os pares conversavam, sorriam. Presentiam-se as declarações de amor. Lucio divagou um olhar por todos aquelles grupos e principiou uma conversa.

— Fallemos francez, pedio, dirigindo-se á meia voz ao par com quem dansava.

— Fallemos, com a condição, porem, de que me perdoará as faltas. Acceita?... Que lhe parece a sociedade de Montevidéo?

— Uma sociedade que nada tem a invejar á dos paizes europeus. Encanta-me o aspecto deste salão. Ahi ha, por exemplo, do que se não póde gabar nem se quer Pariz....

— O que?

— As mulheres. O aspecto geral dos salões de Pariz é alegre, porque a pariziense é a mulher de espirito por excellencia, porque sabe rir, porque falla....

— Como....

— Como *usted!*... Deixe-me pronunciar em hespanhol esta palavra, porque n'ella acho verdadeira simplicidade de trato. Pariz, porém, não possue um *bouquet* de formosuras, como Montevidéo, como em geral a nossa America.

Pura galanteria.

Pura verdade. Nós em Pariz diziamos, quando voltavamos para casa: vi tantas mulheres bonitas. Aqui é o contrario: vi tantas feias.

— Mas... sem espirito, as nossas compatriotas.

— Não terão tanto; em compensação, têm belleza, coração e espirito.

— E... diga-me, Lucio... perdôe-me que o trate, desde já, com esta familiaridade; parece-me, entretanto, que fomos amigos n'outro tempo.

— O que não devemos ser.

— Porque?

— Porque hoje não lhe tenho amisade.

— Substituio-a?....

— Por sympathia.

— Tanto melhor.... A sympathia tem grande vantagem sobre a amisade....

— Póde tornar-se.... amor.

Carmen suspendeu por um momento a respiração. Mordeu a ponta do leque de inverno, disfarçou, voltando de novo á pergunta que fôra interrompida por esta divagação proposital.

— E.... diga-me: em Pariz não ha corações?

— Em Pariz, Carmen, ha corações, porém em frascos de espirito de vinho, de conserva, tal qual como a couve-flor e as alfaces.

— Não se ama?

Não se ama; come-se.

— Como diz?

— Come-se, porque em Pariz o amor é um dote, e os dotes comem-se.

— E' boa!... E... ainda outra pergunta... Que foi o senhor fazer a Pariz?

— Estudar.

— Ah!... estudar!... e estudar o que? a comer dotes?...

— Não; estudar medicina...

— Comprehendo.... para curar os corações que estavam de conserva...

— Não!... para preservar os de Montevidéo que, como o seu, podem fenecer de um momento para outro.

— Tenho n'esse caso um medico....

— E um enfermeiro.

— Sendo medico e enfermeiro...: perde a clinica.

— Não importa... ficarei abrigado...

— Onde?....

— No seu coração.

— Não póde negar que veio de Pariz...

— Com escala por Montevidéo.

— Aqui... a sinceridade é um facto...

— Raro.

— Que quer dizer?

— Que é um dos defeitos de Montevidéo... fala-se muito em amor e ama-se muito pouco.

— E que lhe importa isso? Não vem de Pariz?

— E' verdade, mas sou americano. O grande defeito do americano é sentir muito. O amor em Pariz entisica; em Montevidéo faz enlouquecer.

N'isto, Carmen, estacou, como quem se conservasse fadigada de dansar. Estava na proximidade do piano. O musico dispunha-se, com uns grandes e fortes accordes, a terminar.

— Prosiga — disse-lhe á meia voz Carmen, de modo a não ser ouvida de Lucio.

O grande tapete do salão abafava completamente o ruido das dansas. Era como que um oceano revolto, que esconde os gemidos dos abysmos e se revolve em convulsões na superficie das aguas.

A conversação era geral, animada. Tão somente as senhoras, graves, gordas e pesadas, conversavam umas com as outras sobre assumptos de familia, e sobre a necessidade de casarem as filhas, porque de um momento para outro podiam morrer e as moças não deviam ficar ao desamparo.

N'essa noite, o assumpto da conversa, no grupo das senhoras, era motivado pela vinda de Lucio e pela preferencia d'este em ir convidar a filha do coronel Alvarez Blanco para dansar.

Os *coxixos* repetiam-se com frequencia.

— Carmen! Que belleza! — diziam, arregalando os olhos e volvendo-os para a senhora do coronel Blanco. Admiravam a mãe d'aquella prenda e confessavam umas ás outras que Dolores estava tão bem conservada, que nem parecia ser mãe.

— Ainda póde rivalizar com a filha.

E arrastavam os pés no tapete como que para dar mais força á expressão. Depois, seguindo n'outra ordem de idéas, principiaram a analysar o typo de Lucio Herrera.

— E' um rapaz elegante! Nada lhe falta! Que olhos matadores! Carmen não resistirá d'esta vez!...

— E que côr, a do rosto!

— Moreno! E' um contraste com a cutis alva de Carmen...

— Dansa *divinamente*! Reparem como sorri!...

— E o cabello!.. annelado e penteado com certo abandono desprentencioso!

— E que talento! Fez uma figura distincta na academia de medicina de Pariz. Se tivesse vinte annos menos do que tenho, apaixonava-me por elle!

— E eu!...

— E eu!

— E quatro!...

E todas se voltaram n'este instante. A mazurka terminava, e o par, alvo de todas as attenções, continuava a passeiar, abandonado á divagação de uma conversa intima.

Os moços respeitaram, zelosos, aquelle conchego, e foram convidar outras moças para dansar.

Na verdade, era necessario não ter bom gosto para deixar de admirar o typo de Lucio Herrera.

Liam-se-lhe na physionomia a vivacidade e a animação de um americano. Os olhos, principalmente, eram *de matar*; grandes e negros, rivaes dos de Carmen em belleza, filtravam que uma luz scintillante, propria de uma natureza abrazadora. O bigode sombreava-lhe ligeiramente o labio superior, recurvando-se nas pontas com symetria elegante.

A casaca, vestida como se fosse uma luva, desenhava-lhe um dorso correcto, ao mesmo tempo que a mão direita, sumida n'uma *gris-perle*, brincava distrahidamente com o *gibus* de fundo trabalhado em seda branca e onde se liam as duas iniciaes *L. H.*, entrelaçadas em fios de ouro.

Seria um pelintra se não fosse um homem de talento.

Carmen, entrementes, passeava de braço com o seu amigo de infancia e, correndo olhares ao longo das paredes, iam ambos examinando umas pinturas artisticas.

Nos recantos, levantavam-se jardineiras, onde, por sua vez, se erguiam os cachos dos nardos e dos lilazes, aquelles de um branco de neve condensada, estes de um violeto pallido e modesto.

Depois, passavam por frente dos espelhos emoldurados em aço bronzeado.

Lucio não perdia occasião; sorria, e Carmen recebia por confidencia dos espelhos o raio luminoso d'aquelle sorriso eloquente.

Por sobre o piano de Herz pendia uma grande gravura. Representava Romeu e Julieta na hora da despedida.

Romeu, sobretudo, era de encantar.

Carmen não se deteve a explicar ao amigo a historia d'aquelles amores nascidos em Verona, sob o céo azul da patria de Bellini.

— Conhece? — perguntou, estendendo o leque em direcção ao quadro e continuando a caminhar.

— E' a eterna historia do amor.

— Eterna?... não o diga; o senhor crê que existisse um Romeu?

— Como acredito que existe uma Julieta.

— Quem?

— Alguem que é a rainha d'esta festa

— Vamos procural-a, quer?

E logo, sem dar tempo a que Lucio lhe retorquisse, approximou-se d'uma das amigas mais bonitas que alli se achavam.

— E' esta a Julieta?

— Não!... respondeu seccamente o moço.

— Procuremos ainda.

— E' desnecessario, porque a achei.

— E... quem é?

— Hoje é segredo; amanhã talvez lh'o diga...

E o piano atacou o primeiro compasso da valsa do *Danubio*, de Strauss.

— Diga-me, Carmen, aqui, como em Pariz, é de praxe abandonar por toda a noite o par com quem se dansou uma vez?

— Se o cavalheiro quer....

— N'esse caso .. peço-lhe esta valsa.

Os pares escassearam para a valsa; por isso, Lucio, tomando do corpo aligero de Carmen, descreveu a recta dos primeiros passos da valsa alleman.

D'ahi a minutos, os outros pares pararam para examinar as evoluções choreographicas dos enamorados, como já se principiava a murmurar.

Carmen vio-se alvo d'aquella observação.

— Basta, Lucio! murmurou, arfando e deixando-se cahir no sofá mais proximo.

— Bravo! disseram algumas vozes.

Carmen fingio não ter ouvido. Cravou o olhar no rosto do Dolores, sua mãe, e disse com ar de enfado ao par, que esperava de pé :

— Retire-se. A sociedade é maldizente.

Se alguem n'aquelle momento ficou como que paralysado, foi Lucio.

Estava tão longe de esperar aquelle desenlace!...

Agradeceu e retirou-se, sem nada comprehender do que se acabava de dar.

Entretanto, as amigas de Carmen, sem deixar os braços dos cavalheiros com quem haviam dansado, ou passando dos d'estes para os de outros, acercavam-se calculadamente da amiga, elogiavam-n'a; e, recurvando-se, segredavam-lhe ao ouvido :

— é então?.. adivinhei?... outra conquista?...

Carmen ergueu-se então e travou do braço de um rapaz enorme, feio, ridiculo...

— Que typo! murmuraram os outros moços que por alli circulavam.

O grupo de senhoras rio-se com estrondo.

— Que troca!

— Depois do sol a chuva.

Entretanto, como para confirmar o que dissera hora antes, isto é, que era incomprehensivel, travou com o novo par uma conversa animada.

Na apparencia era uma faceira consummada; na realidade, comprehendia a sociedade e divertia-se á custa das apreciações mais ou menos calumniosas.

Lucio, entretanto, conversava com o pai, o coronel Herrera, e com o padrasto de Carmen, o coronel Alvarez Blanco.

— Então, que lhe parece? perguntou este ultimo meio a sorrir e interiormente applaudindo o bom gosto de Carmen.

— Parece-me — respondeu Lucio — que afinal me encontro em Montevidéo e que morrem a pouco e pouco as saudades que trouxe da Europa.

— Não dansa?.. perguntou uma voz de mulher

Lucio voltou-se e deu com o rosto da mãe de Carmen.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa)

EFFEITOS DE AMOR

Quando sem ver-te algumas horas passo,
A rosa murcha, o passaro não trilla,
Cobre-se o céo, troveja, e não scintilla
Nem uma estrella no sombrio espaço!

Dolorida, pedaço por pedaço
A minha alma se quebra e se aniquilla,
Como se fôra miseranda argila,
Quando sem ver-te algumas horas passo!

Mas se um rapido olhar de amor te lanço.
Revive a natureza magestosa,
Volve ao meu coração doce descanço.

Não imaginas, pallida formosa,
Como todo o meu ser palpita e gosa
Quando um rapido olhar de amor te lanço!

PAULO AUGUSTO.

THEATROS

O nosso collaborador X. Y. Z escreve-nos, dizendo que, por falta absoluta de assumpto, deixa de mandar-nos o seu artigo sobre theatros; e accrescenta: « A companhia lyrica do Polytheama deu-nos a bella e estafadissima *Cavalleria rusticana*, mas... é melhor não fallarmos de coisas tristes. »

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:
LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA-de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.
LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.
COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 5

JANEIRO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

FURTADO COELHO	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
A UM NOVO POETA	Valentim Magalhaes.
JOÃO LOPES	Paula Ney.
A FAMILIA MEDEIROS	Aluizio Azevedo.
PELA NOITE	Alvares de A. Sobrinho.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
A ALGUEM	Paulo Augusto.
JOSÉ ZORRILLA	Cosimo.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato de

ALCINDO GUANABARA

FURTADO COELHO

Nascido em Portugal ha pouco mais de sessenta annos, filho de uma familia nobre que o destinava á carreira diplomatica, Luiz Candido Furtado Coelho um bello dia sentio despertar-lhe no coração o amor do theatro, e viô a terra da promissão neste Brasil que lhe estendia os braços além do Atlantico, opulento, novo, pletorico, aberto a todos os talentos, a todas as actividades, a todas as energias. E veio para o Brasil.

Ora, se, em vez de vir para o Brasil, Furtado Coelho tivesse ido para a França e conseguisse fallar o francez como falla a sua lingua, o velho Bressant deixaria alli, talvez, um artista que o substituisse melhor que o proprio Delaunay, ou, pelo menos, os Delaunays seriam dous. E' este o maior elogio que posso fazer ao artista correcto, elegante, fino de mais, talvez, para a platéa que durante tantos annos o applaudio, muitas vezes sem saber por que o fazia.

*

Logo que Furtado Coelho aqui deu fundo, começou para elle uma luta medonha que dura ainda: luta do artista contra um meio anti-artistico, luta do talento contra o máo gosto.

A principio o actor e o *homme du monde* confundiram-se nos mesmos triumphos; elle era então o cavalheiro de mais saliencia nos salões fluminenses, graças ao seus dotes physicos e aos seus talentos de *causeur*, musico, dramaturgo, folhetinista e autor de recitativos. Data d'ahi o famoso

Perdôa, ó virgem, se te amar é crime...

Depois a alta competencia do artista sobrepujou — podéra! — as demais qualidades do homem, e Furtado Coelho em pouco tempo se tornou a personificação exacta da arte do comediante em terras de Santa Cruz.

*

Para escrever a biographia d'este homem, foram precisas muitas paginas, porque na sua existencia está compendiada a odysséa inteira do nosso theatro, depois do desapparecimento de João Caetano.

Furtado Coelho gozou todas as victorias e sentio o pezo terrivel de todas as contrariedades. No meio do seu labutar de emprezario, foi na vida real o heróe de muitos romances de amor, escreveu dramas, compoz musica, fez-se copophono, construio theatros, esteve preso, fabricou ingenuas, inventou galans, percorreu o Brasil do Amazonas ao Prata, enriqueceu, arruinou-se, tornou a enriquecer, viajou por toda a Europa, tornou a empobrecer, mas trabalhou, trabalhou, trabalhou sempre, com denodo, com impeto, entregue todo á sua arte, obsecado pela paixão do Theatro, paixão incondicional, absorvente, feroz!

*

Grande parte da sua biographia seria occupada pela extensa nomenclatura dos seus papeis. Ha entre estes alguns — muitos, podemos dizer —, como o de Olivier de Jalin, no *Demi-monde*, que em lingua portugueza nunca ninguem representará como elle. Furtado foi no Brasil o principal interprete de Dumas, Augier e outros modernos

dramaturgos francezes, que crearam personagens humanos e não titeres articulados.

*

Ultimamente encontrei em Furtado Coelho um velho subjugado, não, como outr'ora, pela paixão do Theatro, mas pela doença e pelos dissabores. Esse dia foi tristissimo para mim, que estimo e respeito absolutamente o nosso bello artista.

Mas algum tempo depois — ha dias — tive um alegrão: vi-o com dez annos de menos, lepido, rubicundo, bem disposto, saltitante, de bom humor, espirituoso como sempre, e vestido que parecia vir das mãos do melhor alfaiate inglez. Depois de me dizer maravilhas de Francisco de Castro e do regimen lacteo a que fôra condemnado pelo illustre medico brasileiro, Furtado Coelho participou-me que voltava ao theatro.

— Bravo!

— Organisei uma companhia dramatica — pequena mas bem regular — e vou inaugurar com ella o theatro de São João d'Elrey.

Talvez a estas horas Carnioli-Furtado Coelho diga pela millessima vez a André Roswein que «tudo chorava, só ella não chorava porque já não tinha lagrimas.» Ditoso publico de São João d'Elrey, tens diante de ti um grande artista; nunca o applaudirás bastante!

*

Para mostrar a conta em que Furtado Coelho é tido nos nossos theatros, e da superioridade que goza entre os seus collegas, basta dizer (e com esta me despeço) que não ha entre elles um só — nem mesmo *uma* só... — que o trate por tu!

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Cá está o calor!

Quem disse que elle não vinha este anno? Veio, sim, senhores, veio, e felizmente, porque só não veria se houvesse transtorno serio na machina do mundo.

«Mal de muitos consolo é», diz a velha philosophia das nações, mas deixem lá que seria muito desagradavel morrermos enregelados, todos ao mesmo tempo, sem nos podermos soccorrer uns aos outros. Para nos affligir, bastam aquellas manchas inquietadoras que de tempos a esta parte appareceram no sol...

E' verdade que o resfriamento do globo terraqueo não será coisa para os nossos filhos, nem mesmo para os nossos netos, mas — ora adeus! — é penosa sempre a certeza de que algum dia, embora muito remoto, os nossos descendentes se transformarão em sorvetes.

Presumo que nesse dia já não exista a «Cabeça de Porco», essa famosa «estalagem» (ou que melhor nome tenha), cujo fechamento está sempre imminente e nunca se realisa. Cahio o imperio, cahiram as instituições, cahiram os pardieiros da rua de Machado Coelho, mas a «Cabeça de Porco» essa não cae!

*

Outra coisa que provavelmente não existirá tambem por occasião do resfriamento do nosso pobre planeta é o joguinho do Jardim Zoologico.

O Sr. Barão de Drummond pretendeu justifical-o perante o *Jornal do Commercio*, e recommendal-o até como uma necessidade publica. Grande escandalo produziria a prosa de sua excellencia n'um paiz mais moralisado que o nosso, onde infelizmente o jogo é profissão confessavel.

O Sr. Barão de Drummond fez a seguinte proposta á Intendencia Municipal: «D'aqui a cinco annos (Já se vê que o joguinho não espera pelo fim do mundo: d'aqui a cinco annos este jardim, com todos os seus animaes, inclusive os macacos, será vosso, completamente vosso, se consentirdes que durante todo esse tempo eu me faça diariamente banqueiro publico de uma especie de roleta sem numeros, nem cylindros, nem bolinhas». A Intendencia Municipal aceitou a proposta.

O Sr. Barão de Drummond possue as photographias de vinte e cinco animaes differentes. De manhã, ao levantar-se, o primeiro cuidado de sua excellencia é escolher uma d'essas photographias e encerral-a n'uma caixa, que é pendurada á entrada do Jardim Zoologico. A's seis horas da tarde abre-se a caixa, e é premiado o animal cujo retrato apparece. Cada bilhete custa dez tostões; premiado, vale vinte mil réis. A venda dos bilhetes é illimitada: a banca é franca.

Não ha duvida que durante cinco annos o Jardim Zoologico e o Sr. Barão de Drummond, este principalmente, acharão n'esse joguinho largos meios de manutenção; não ha duvida que, esgotado esse prazo, a cidade do Rio de Janeiro ficará senhora de um magnifico estabelecimento; mas não ha duvida tambem que muita gente ha de perder alli o dinheiro, a tranquillidade e a vergonha.

Mas que querem? Ha dias um respeitavel chefe de familia, intransigente em questões de moralidade, dizia-me, indignado pelo meu modo de apreciar a jogatina do Jardim Zoologico:

— Eu abomino o jogo, mas aquelle, meu senhor, aquelle é o mais honesto, o mais licito que tenho visto!

Soube depois que na vespera esse cavalheiro ganhára seiscentos mil reis jogando no elephante,

seiscentos mil réis que o mesmo pachyderme naturalmente o fará restituir ao Sr. Barão do Drummond.

*

Vêm a proposito as seguintes palavras, que faço minhas, escriptas por Urbano Duarte no *Pharol*, de Juiz de Fóra :

« As industrias e o commercio queixam-se da falta de numerario.

« De facto, parece que todo o dinheiro desviou-se do seu emprego natural para os azares da jogatina.

« Não é exagerado calcular em cinco mil contos a quantia que os fluminenses sacrificam diariamente á paixão do jogo.

« O *steeple-chase* das loterias estadoaes chegou ao cumulo. Quando eram permittidas, corria uma por dia.

« Mas hoje, por serem prohibidas, correm duas e tres.

« O publico perde nellas uns 3 mil contos por mez, dos quaes a metade, pelo menos, vae para a burra dos agentes. Em corridas de cavallo, perde de 300 a 400 contos por mez.

« Funccionam sempre, com grande freguezia, umas cincoenta casas de jogo, entre as da alta e da pequena roda. Para os senhores calcularem o lucro d'esta industria, basta dizer que muitas casas de roleta têm uma despeza de 8 a 10 contos por mez, dão aos seus *clientes* opiparos jantares, bebidas e charutos á discrição, etc. Ha clubs luxuosos que vivem exclusivamente do *barato* da jogatina.

« Juntem-se a tudo isso o Fronton, o Bellodromo[1], os bichos do Jardim Zoologico e as innumeras parceiradas em casas particulares, e ver-se-á não ser excessivo o meu computo.

« E' um verdadeiro cancro social, que as autoridades toleram e nada fazem para extirpar, ou pelo menos moderar.

« Tenho pouco geito para moralista, mas realmente não posso reprimir a indignação que me causam esta condescendencia e tolerancia para com o vicio que mais contribue para a degeneração do caracter de um povo. »

Esse quadro, traçado com tanta eloquencia pelo espirituoso chronista dos *Humorismos*, é de uma verdade aterradora e brutal.

*

O *Album* recebeu um convite para a inauguração da cidade da Gavea nos terrenos da praia do Leblon. Não pude corresponder a tanta amabilidade, nem tive quem me substituisse. Aos domingos ninguem me arranca da casa, principalmente quando o thermometro marca 33 gráos á sombra. Li, entretanto, nos jornaes a descripção da magnifica festa, e cuido que ainda é tempo de enviar um aperto de mão ao velho amigo Seixas de Magalhães, o fundador da nova e futurosa povoação.

A.

P. S.—Ao rever as provas da minha chronica, recebo a noticia da demolição da Cabeça de Porco. Bravos ao Dr. Barata Ribeiro ! — A.

[1] No tal Bellodromo tive occasião de ver crianças de 8 a 10 annos furiosamente entregues ao jogo !—A.

A UM NOVO POETA

Pobre moço, que vens juntar te ao triste bando
Dos poucos que de lyra ao peito, e olhos na lua.
Como zingaros vão pela vida, cantando
A plastica sensual de alguma mulher nua,

Ou de um fresco jardim a paz risonha e o brando
Olor. Misero moço! E' negra a sorte tua!
Os poetas lembram hoje histriões, agitando
Os pandeiros ao sol, no macadam da rua.

Ninguem mais vos entende e ninguem vos escuta :
Em meio do estridor das forjas e motores,
Sois como rouxinóes junto a leões em luta.

Sède do vosso tempo, afogae vossas dôres!
Pampanos fóra!... Entrae nesta campanha bruta
— Em que Apollo é vencido e os Midas vencedores!

VALENTIM MAGALHÃES.

22—9—92.

Debalde esperámos que o nosso illustre amigo Capistrano de Abreu nos mandasse de Thercsopolis o promettido « esboço biographico » de João Lopes.

O nosso companheiro Paula Ney resolveu, entretanto, substituir o biographo, e enviou-nos as seguintes linhas :

JOÃO LOPES

E' do Ceará. Nasceu sem pergaminhos sob o céo azul e o ardente sol da terra classica dos soffrimentos, n'esse pedaço de torrão brasileiro, ao mesmo tempo heróe no martyrio e na liberdade.

A meninice do deputado nortista foi um feixe de esperanças para o coração paterno. Os gestos da criança promettiam que mais tarde um homem, pela resistencia, venceria. No sorriso do collegial rebarbativo á systematisação disciplinar do Atheneu Cearense, via-se o quanto sobrava de bom do coração do alumno, sem que por isso o pequeno perdesse a linha propria e pessoal do valor, entre com-

panheiros e camaradas. Era uma rebeldia doce e tolerada.

Os que na Fortaleza o viam, julgavam, de justo direito, que a raça dos Alencares, nas lettras e na politica, estava salva da possibilidade de um naufragio pelo esquecimento, porque sobre os hombros do moço afortunado distinguiam a investidura terrivel de quem deve guardar o deposito de uma fortuna patria e continuar o brilho de uma geração luminosa. Descançavam todos na guarda da legenda de uma pobre provincia, que pelo tempo se transformou em brasão de uma nacionalidade.

De repente, João Lopes, nem menino mais e homem não ainda, obedece á ordem de um temperamento emancipado e livre, batendo sobre as costas o portão do Atheneu, n'essa vertigem seductora de quem acha, pelo ideal, sempre adiante de si, espaço para estar mais á vontade, mais soffrer, ganhando mais tambem. Deixou o collegio.

Muito deve ter custado o divorcio d'esse primeiro ninho.

Ficavam as affeições e as primeiras impressões que o caracter e o coração adquirem.

A sua retina, nublada pela lagryma, talvez não visse que o jardim do Atheneu, onde matinalmente a gargalhada dos educandos fazia orchestração em mistura ao gorgeio dos passaros, perdia a alacridade fresca, a presença alegre do mais travesso dos opposicionistas ao methodo convencional dos recreios de programma e diversões de estatutos.

Então um paquete o levou ao Recife para estudos de maior folego, até que a arcaria pesada do muito conhecido templo juridico, aborrecendo-o, despertou-lhe n'alma o desejo do berço. Fatigado das ruinas historicas de Olinda, chorou pelas areias brancas e movediças que franjam os « verdes mares bravios ». Eil-o, pois, de novo no Ceará, sem ser bacharel, formando n'essa linha sem diploma, constituida por Machado de Assis, José do Patrocinio, Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Figueiredo Coimbra, Capistrano de Abreu, Quintino Bocayuva, Felix Ferreira, Julio de Lemos, Coelho Netto, Eduardo Salamonde, Alcindo Guanabara, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Alfredo Bastos, Urbano Duarte, Guimarães Passos, Filinto de Almeida, Alfredo de Souza, Antonio Leitão, Medeiros e Albuquerque, Soares de Sousa Junior e outros. Entregou-se á pedagogia, e o mestre completou o homem. A lingua portugueza foi o baluarte inexpugnavel onde jamais perdeu uma batalha, em repetidos encontros, aliás.

Cultivando os classicos, estudou os mestres e, pela fatalidade da indole, atirou-se á vida jornalistica, acariciando com um mimo de moça o folhetim litterario em critica, em descripções de habitos, costumes e scenas provincianas, até que a primeira columna o arrebatou do rodapé ás culminancias do editorial grave, solemne e convencional.

Estava morto o poeta. Começava a podridão politica.

O *Cearense* e a *Gazeta do Norte* fizeram de um ingenuo franco, um desconfiado reservado As urnas encarregaram-se do resto, elegendo-o deputado provincial. Felizmente o movimento em favor dos captivos conseguio arrancal-o pelos cabellos d'essa cova escura e sombria. *O Libertador* captivou-o, e o pavilhão d'essa torre, tão branco como a véla da jangada, foi agitado aos ventos alizios da Terra da Luz pelo braço forte de João Lopes, o doutrinador na epistola escripta e na oração fallada.

O Lyceu da Fortaleza concedeu ao batalhador um pouco de repouso, com a posse de uma cadeira no curso de humanidades.

Depois a politica ! a politica ! estrangulou o companheiro de Rocha Lima, o saudoso, de Thomaz Pompeu Filho, o mestre, de Capistrano de Abreu, o erudito. Depois a politica não deixou que se fallasse da *Fraternidade*, do discipulo de João Brigido, o chefe, do fundador da *Escola Popular*, do espirito liberal, bom e generoso que pela escuridão da tinta dos jornaes só tem levantado claridades para as idéas nobres e os principios santos. A politica fel-o deputado geral pelo glorioso estado do Ceará. Era pouco. A politica fel-o mais ainda : Presidente da Camara.

Muito embora !

E' o caso de repetir a sentença publica : « Ainda em ruinas Babylonia é grande » !

PAULA NEY.

A FAMILIA MEDEIROS

(Conclusão)

Esta preoccupação de dar privilegios aos heroes da obra, prejudica sempre a verdade. Veja-se, por exemplo, o dialogo da pag. 205, entre Eva e Paulo. A autora não quiz, com medo de amesquinhal-os, que elles se tratassem por *você:* não deixou tambem que se tratassem por *senhor*, o que seria ceremonioso de mais; e, como nenhum dos dous tivesse titulo que substituisse a voz do tratamento, ella decidio a coisa do seguinte modo :

Diz Paulo, fallando a Eva :

« — Eva fez mal ! De um movimento instantaneo e irreflectido depende a alegria da nossa vida inteira ! — Ora, Eva foi precipitada ! — Eva e mulher, sem pae, sem marido, sem um braço forte que a defenda, etc. ».

E elle está fallando com a propria Eva.

Mais adiante, na pag. 231, o velho sabio Dr. Mostom, que aliás não é amado por Eva, nem está por ella apaixonado, diz, fallando com Octavio :

« — Nada mais natural do que Octavio apaixonar-se por ella, etc. ».

Donde vem esse estranho systema de fazer do proprio nome da pessoa com quem se falla uma especie de tratamento ?

FURTADO COELHO

Não é, sem duvida, pela repugnancia litteraria que sinta a autora em escrever o illegitimo *você*, porque na pag. 258, um liberal, por não lhe merecer os mesmos carinhos, diz com toda a naturalidade esta phrase :

« — Vocês verão para o anno como ficam rodados ».

Ora, não me consta que ninguem se trate por aquelle systema. Imaginem que eu me encontre com um amigo, o Emilio Rouéde, por exemplo, e comece a fallar-lhe deste modo :

— Emilio Rouéde vae bem ? Eu fui procurar Emilio e, não encontrando Emilio, deixei-lhe um bilhete.

Isto só se vio no *Guarany* : « Cecy quer a onça; Pery vae buscar a onça. Cecy manda, Pery fica ».

Mas n'um romance que se propõe, e com todo o direito do talento do seu autor, pintar a vida real, isso é inaceitavel.

Ainda a respeito de tratamento : Na pag. 95, na carta que Helena Gruber escreve a Eva, lá vem o terrivel *si*, referindo-se á pessoa com quem se falla. « Se não tivesse encontrado em *si* um conjuncto de bondade, de intelligencia e de applicação, etc. ».

Maldicto sestro que certos escriptores portuguezes, e ultimamente até o amado Eça de Queiroz, vão surrateiramente introduzindo no Brasil !

Leia-se contra similhante mal o que escreveu Camillo Castello Branco a respeito do Sr. Mariano Pina.

Mas, quanto á autora da *Familia Medeiros*, não o fez por sestro, tanto que commetteu esse delicto uma só vez em toda a obra ; fel-o por medo, medo á Octavio Feuillet, medo de tornar ridiculo o seu personagem, fazendo-o exprimir-se em linguagem vulgar.

Puro erro ! Os typos immortaes, creados pelos grandes artistas, têm sempre, ao lado das suas brilhantes virtudes, uns pequenos ridiculos que os tornam ainda mais humanos. Cervantes, Shakespeare, Gœthe, Balzac, Dostoïevsky, e todos os grandes creadores humanisaram os seus heróes, dando-lhes defeitos ao lado de virtudes.

Lamartine, cuja superioridade de espirito sobre Octavio Feuillet ninguem contestará, artista de alta consciencia, com uma elevadissima comprehensão da alma humana, pinta a sua immortal Graziela como um puro ideal de belleza e graça ; mas, lá em certa scena do romance, fal-a vestir-se com umas roupas á moda da cidade, o que, devido á encantadora exuberancia das suas fórmas de mulher do povo, a torna ridicula aos olhos do amante, que desata a rir.

Por signal que o Sr. Bulhão Pato, outro que tambem lê pela cartilha de mestre Feuillet, censura Lamartine, no prologo de uma traducção de *Graziela*, por ter commettido aquelle supposto delicto, sem comprehender o romantico portuguez que nisso consistia justamente a parte humana que o grande poeta deu no relevo de sua figura.

Quer a distincta autora da *Familia Medeiros* a prova irrecusavel do que estou dizendo? Veja no seu proprio livro o bellissimo typo da *Maman*, a preta que amamentou Octavio. Nesse, como não foi preciso mudar-lhe a linguagem, nem corrigir-lhe as maneiras e os movimentos, ha carne e sangue. E' um typo que commove, porque é sincero e real. E' talvez a melhor estampa de toda a obra.

O typo do Barão tambem é verdadeiro pela sua linguagem, e os fundos das scenas são sempre com muito talento pintados do natural. O incendio na matta, a descripção do casamento, o panico da gente da fazenda na noite do levante dos negros, tudo isso é bom. Lamento apenas que a autora, em vez de fazer narrar a scena da fuga dos escravos e a do massacre do juiz, não as descrevesse como aquellas, pois no pouco que deu de amostra dêsses dous quadros, presente-se o partido que delles podia tirar.

Na parte minuciosa dos accessorios, o livro é de uma delicadeza encantadora. Ha observaçõesinhas subtis, tão pequeninos grãos de areia, que só mesmo poderiam ser apanhados a ponta de agulha por um fino espirito de mulher. Uma preta está engommando, e sabe-se que ella engomma *uma saia de alto folho bordado*. — As folhas de milho pendem dos arbustos, n'uma attitude de cansaço, como *espadas vencidas*. — A ligeira descripção do almoço no *Mangueiral* é tão viva e fiel, e o almoço tão appetitoso, que fica a gente com vontade de almoçar tambem daquelle abacaxi de *carne dourada e summarenta* e daquelles pecegos e uvas *aninhadas em musgo novo, ainda cheiroso e humido*.

*

O livro, emfim, visto que não é uma dessas grandes machinas á Zola, que movem, arfando, consideraveis massas de povo, e fazem de um exercito o personagem de uma obra de guerra; e, visto que não é tambem uma rede de investigações psychicas, impertinentemente tecida á maneira de Bourget, o atormentador rabugento ; e visto que não discute espirituosamente, á Dumas Filho, uma these ou um problema social, ou uma simples convenção arranjada pelo capricho do autor ; o livro, digo, parece-me que se propõe simplesmente estigmatisar os horrores da vida dos captivos no Brasil. Está direito! Seria um livro de interesse palpitante, se viesse antes da abolição.

Mas, li-o de principio a fim, esperando sempre a scena capital da obra ; contava que a lei de 13 de Maio cahisse alli em plena pasmaceira da roça e rebentasse como uma bomba atirada do Rio de Janeiro.

Mas qual ! Eis como é apresentada a noticia da redempção dos escravos :

« Quando a mão patricia da princeza Izabel decretou no Rio a abolição dos escravos, davam-se na

provincia scenas do mais grotesco e irresistivel comico »!

E a autora passa a dizer tranquillamente quaes foram essas scenas grotescas, preoccupada sempre com o fio da intriga amorosa dos seus personagens.

E acaba-se a obra.

*

Não! No fim de contas a intenção do livro não é estigmatisar a escravidão; é pura e simplesmente divertir o leitor. E a critica póde reduzir-se á seguinte phraze:

A *Familia Medeiros* é o avesso de um drama representado no theatro. No palco os personagens da peça são actores vivos, de carne e osso, e o fundo e a scena são falsos. Pura scenographia. No romance de Julia Lopes d'Almeida o fundo e a scena é que são verdadeiros, ao passo que os principaes personagens são feitos de sarrafo e pintados a colla.

ALUIZIO AZEVEDO.

PELA NOITE

Páro á sua porta e cauteloso espreito
E escuto e creio que a sua voz me falla...
Em derredor, de subito, se cala
Tudo, e me pulsa o coração no peito!

Applico o ouvido mais e de tal geito
Que me supponho estar dentro da sala:
Sinto o perfume que o seu corpo exhala
E aspiro o aroma do seu casto leito

Mas, na febre do amor que me apavora,
Volvendo o olhar á historia do passado,
Como que tudo de saudade chora...

O' mocidade esperançosa! Teme-a,
Ella nos guarda um philtro envenenado
A noite da aventura e da bohemia.

ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

III

— Descansarei, porque já vi que em Montevidéo não se dansam as quadrilhas como em Pariz. Entretanto... — se quer ser a minha professora...

— Com muito prazer.

O *vis-à-vis* era um par elegante, e Lucio aproveitou momentos para dizer algumas amabilidades á moça com quem executava um passo de *en avant*.

Dolores ostentava, sem o menor traço de ruina, a belleza da mulher que chegou a todo o seu apogeu.

Podia ter, quando muito, trinta e seis annos bem cuidados, e vividos sem desgostos nem decepções.

Lucio applaudio, *in petto*, a formosura da mãe de Carmen, e desenvolveu a loquella com todo o respeito e commedimento de rapaz que bem podia dar-se, de um momento para outro, ao projecto de se casar com Carmen e por consequencia de ter Dolores por sogra.

Retrahio-se e discorreu com toda a moderação. Não foi feliz n'este calculo, porque involuntariamente deu armas ao inimigo por em quanto invisivel e que dahi a tempos deveria dominal-o como um domador a um leão.

Um espectador perspicaz teria desde logo comprehendido a garridice da mãe de Carmen.

E, de feito, Lucio deixou-se ir agua abaixo com o canto daquella sereia, ainda fresca, e que tão somente podia ter, como rival, sua propria filha.

Dolores discorreu, talvez pela vigesima vez, sobre as condições da mulher, obrigada sempre a dominar os impulsos do coração, a deixar-se levar por forças maiores de circumstancias (queria dizer pecuniarias) e afinal a casar-se com um individuo *inutil*. E ella frisou bem a ultima palavra.

Lucio percebeu que n'aquella *cavatina* mulheril havia uns longes de indirecta aos pobres dos cabellos brancos do coronel Blanco.

Dolores era uma verdadeira *coquette*. Em podendo, fazia variações ideaes, platonicas, sobre o amor. Era um gosto ouvil-a. Lucio conservava-se calado, meio a sorrir-se como quem queria applaudir a dissertação, e de quando em quando buscava com o olhar Carmen, que parecia o enlevo do par grotesco com quem dansava.

A ponta do despeito ferio-o. Ainda não era bem ciume. Lucio tinha bastante consciencia para não descer á vulgaridade que dispensa ciumes em troco de qualquer caricia que a mulher amada dá ao *King's Charles* predilecto.

O que o mordêra fôra a prodigalidade de attenções com que Carmen pretendia, talvez, enlouquecer o par.

Era capaz — lá isso era — de impôr um *ukase*: « Ficam supprimidos os sorrisos de Carmen; quem os quizer ganhar, ponha a prova intelligencia e talento. »

Até então, Dolores, embebida na explicação, na catechese que pretendia applicar ao *selvagem* Lucio, não havia prestado a necessaria attenção aos olhares do par.

Deu pela distracção do moço; revoltou-se, corou, convulsionou-se-lhe o systema nervoso, as mãos crisparam-se-lhe, as unhas entraram fundo na seda do vestido; mordeu fortemente o lábio e descarregou

aquella electricidade, toda negativa, aos sessenta janeiros do marido, transformando a expressão cataleptica do rosto n'um sorriso de bacchante.

Lucio n'esse instante acabava de sorprender n'um olhar de Carmen um sermão de censura, e no sorriso da moça certo ar de despreso. D'esses sorrisos que apparentam cynismo e traduzem fielmente a tristeza.

Dolores percebeu que fallára de mais e que o rapaz pouco ouvira de tudo quanto ella dissera. Calou-se.

A monotonia d'aquelle *ram-ram* faltou aos ouvidos do moço.

Lucio comprehendeu tudo, de um lance; perturbou-se, voltou-se confuso para Dolores e pronunciou sem nexo, estultamente, um *sem duvida* de cuja applicação não tinha a menor consciencia.

— Sabe que tenho fallado de mais — disse Dolores com ares de mestra de escola.

Lucio rehouve todo o *aplomb* e repellio a indirecta com a mentira.

— E' porque se cala? ha vozes que nos deixam extacticos....

— Ou a dormir....

— Ou a dormir, diz bem, porque o homem que adormece ao som da voz da mulher é um homem feliz.

Já era um precipicio do qual se ia a pouco e pouco approximando.

Longe, porém, de perceber o perigo, e em vez de evital-o, entendeu fazer-se perdoar, elogiando não Dolores, mas a filha, a legitima rainha do sarão.

— Feliz?... pronunciou ella, interrogativamente, dando á ultima palavra do moço uma expressão sarcastica.

— E' feliz! repito. Por ventura é crivel interromper a linguagem de Carmen... por exemplo? O homem que adormecesse ao som d'aquella voz, descansaria n'um somno de mahometano; estes somnos abatem, na realidade, porque trazem ao organismo a flacidez resultante dos grandes effeitos narcoticos. Ha vozes que imperam como um *hatchiz*. Não é que contrariem, é que entorpecem como as grandes harmonias dos versos de Ossian.

Dolores ignorava quem fôra o Ossian em que lhe acábava de falar o seu interlocutor.

— Carmen... pensou ella reprimindo um suspiro.

Depois, como esquecida de toda aquella conversação anterior, e, mudando repentinamente:

— Ainda me não contou as suas impressões. Que lhe parece a *mulher* do nosso paiz?

— Antes de tudo, considero-a como irmã, porque sou tambem filho da Republica. Somos compatriotas...

— Esquecendo, porém, o parentesco.... emque conta a tem?

— Na melhor..

E' vaga, muito vaga a expressão. Aqui temos um museu; analyse-o..

— Diz bem; é um museu; analysal o será facil; o difficil é comprehendel-o. Lembre-se que a mulher é o eterno enigma. Ha a mulher de salão, ha a mulher mãe, irmã, filha, esposa e amante. Estas subdivisões nenhuma relação têm com a verdadeira mulher de salão. Este genero é unico, é a diplomacia do bello sexo. Se possivel fosse fazer um *bouquet* de todos estes sorrisos que estamos admirando, que nos inebriam, que mentem, que enlouquecem; se possivel fosse reunil-os e submettel-os, como flores, á acção de um alambique, distillal-os todos...

— Que succederia? Vejamos..

— O fel, como nos romances, ou, ainda peior, o veneno.

— E' um pessimista...

— Não creia, mamãe.

Esta interrupção inesperada fez com que Lucio e Dolores se voltassem repentinamente.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

A ALGUEM

NO DIA DO SEU ANNIVERSARIO

Certa noite o Cynismo n'uma viella,
Dentro de um charco immundo,
Topou a Ingratidão; dormio com ella...
— Nove mezes depois tu vieste ao mundo.

PAULO AUGUSTO.

21 — 1 — 93.

JOSÉ ZORRILLA

Sabe-se, por um telegramma da Agencia Havas, ter fallecido em Toulon o grande poeta hespanhol, cujo glorioso nome serve de epigraphe a esta noticia.

Zorrilla nasceu em Valladolid, em 1817. Estreiou-se nas lettras por uma elegia, composta por occasião dos funeraes de Larra. Publicou em 1839 o seu primeiro livro, *Poesias*, a que succederam, em 1841, os *Cantos del trovador*, e em 1843 as *Flores perdidas*. O seu poema oriental *Granada*, publicado em 1854, consagrou-o definitivamente. E' uma obra-prima de que se orgulha a litteratura hespanhola deste seculo.

Para o theatro escreveu Zorrilla, entre outras peças litterarias, *El zapatero y el rei*, *A buen juez mejor testigo*, e *Don Juan Tenorio*, que é, talvez, o drama mais popular de Hespanha, embora não passe de um intelligente e engenhoso apanhado de Tirso de Molina, Molière e Byron. *Don Juan*

Tenorio foi muitas vezes representado dez vezes na mesma noite em dez theatros de Hespanha.

Habilmente traduzido em verso pelo poeta portuguez Fernando Caldeira, foi esse drama aqui representado ha annos, com muito exito, no Recreio Dramatico, por uma companhia dirigida pelo actor Guilherme da Silveira. O papel do protogonista foi correctamente representado pelo actor Eugenio de Magalhães.

Zorrilla, ao entrar para a Academia Hespanhola, onde era «individuo de numero», fez o seu discurso de recepção em verso.

O grande poeta gozou no seu paiz de todas as honras officiaes. Era laureado, como Tenysson, o celebre poeta inglez, que poucos mezes o precedeu no tumulo.

O fallecimento de José Zorrilla deve ter causado profunda sensação em Hespanha, e n'outros paizes da Europa. No Rio de Janeiro passou despercebido, porque no Rio de Janeiro todas as attenções estão neste momento presas á carne verde, á Cabeça de Porco e ao Banco da Republica do Brasil... Que nos importa um grande poeta que morre?

COSIMO.

THEATROS

No primeiro numero do *Album*, a proposito do *Defunto*, comedia de Filinto de Almeida, representada com muita acceitação no Recreio Dramatico, escrevi o seguinte: «Trata-se dos escrupulos de uma viuva, que não quer novos amores, com receio de offender á memoria do seu defunto. O motivo não é novo, e já foi magistralmente desenvolvido em tres magnificos actos por Meilhac e Halévy quando escreveram *La veuve;* mas Filinto de Almeida, que tem qualidades de homem de theatro (para empregar aqui uma expressão sarceyana) apresentou coisa sua».

N'uma «carta aberta», dirigida a Paula Ney e publicada no *Estado de S. Paulo*, Filinto de Almeida escreve os seguintes periodos irrespondiveis:

«Cumpre-me dizer que nunca vi nem li *La veuve;* mas que, se o *motivo* da comedia dos dous mestres francezes é aquelle attribuido pelo critico ao *Defunto*, posso dormir descançado e sem remorsos, porque o verdadeiro motivo do *Defunto* é exactamente o opposto áquelle.

«Helena, a viuva da minha despretenciosa comedia, está longe de não querer novos amores, e só se refere ao *seu defunto*, que era velho e feio, para, abusando da insistencia, poder medir a sinceridade do amor do seu pretendente, afim de não se entregar a um homem que só lhe cubice a riqueza.

«Não sei se este assumpto já foi tratado por escriptor de theatro. E' provavel que sim. Mas o *Defunto* é meu, tudo quanto ha de *mais meu*».

O caso exige uma explicação franca e leal:

Infelizmente, por motivos que não vem a pello, não me foi dada a ventura de assistir á representação do *Defunto*.

Nas vesperas de apparecer o *Album*, eu achava-me na typographia Lombaerts, e tinha junto de mim um distincto companheiro de imprensa. Como lamentasse não conhecer o *Defunto*, e estar, por conseguinte, na impossibilidade de escrever duas linhas a respeito, pedi a esse companheiro que me indicasse, pelo menos, o assumpto da comedia, a que já lhe tinha ouvido tecer enthusiasticos e ardentes elogios. Nada mais fiz que reproduzir a indicação pedida, accrescentando-lhe apenas aquella inoffensiva observação sobre *La veuve*, porque havia, realmente, muita approximação entre o assumpto que me expunham e o da comedia franceza.

Não se tratando de fazer critica ao *Defunto*, mas simplesmente de dar uma ligeira noticia do espectaculo, não hesitei entre a imprudencia de curar por informações e o desgosto de deixar a chronica theatral do *Album* sem a menor referencia a uma comedia litteraria, a uma tentativa sympathica de theatro honesto.

Depois de escripta a noticia, mostrei-a ao alludido collega, e elle disse-me com uma convicção que me tranquillisou absolutamente: — E' isto mesmo!

Cá me ficou a lição. Ao poeta, peço-lhe pelo seu *Defunto* que me perdôe.

*

A semana theatral foi pauperrima. A companhia lyrica do Polytheama assassinou barbaramente a *Lucia*, de Donizetti. — O Sousa Bastos, um emprezario que conhece perfeitamente o seu publico, organisou no Lucinda uns espectaculos variados, «percursores do Carnaval». N'estes espectaculos têm figurado as *Intrigas no bairro*, de Luiz de Araujo, uma farça eminentemente popular, cujas representações se contam por centenas em Portugal e no Brasil. — E mais nada.

*

Minto. Hontem, sexta-feira, houve no Lucinda, a primeira representação da *Moura de Silves*, opera-comica portugueza, em 3 actos e 5 quadros, lettra de Lorjó Tavares, musica de Guerreiro da Costa; mas só no proximo numero do *Album* poderei occupar-me d'esse espectaculo.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:
LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.
LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.
COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 6

FEVEREIRO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

ALCINDO GUANABARA. . . . . A. A.
CHRONICA FLUMINENSE. . . . . X.
FRUCTO PROHIBIDO. . . . . Adelino Fontoura.
ESTALACTITES. . . . . Cosimo.
NO DIA DOS MORTOS. . . . . Guimaraens Passos.
ALMEIDA JUNIOR. . . . . X.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO . . . Alfredo Bastos.
THEATROS. . . . . X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

MONSENHOR LUIZ RAYMUNDO DA SILVA BRITO

ALCINDO GUANABARA

Filho legitimo do Sr. Manoel José da Silva Guanabara e de D. Julia de Almeida e Silva, nasceu Alcindo Guanabara aos 19 de Julho de 1865, na freguezia de Guapy-merim, municipio de Magé, no Rio de Janeiro, onde seus paes exerciam o magisterio primario como professores publicos.

A primeira infancia passou-a por varios pontos da provincia aonde o levava a profissão dos paes: Nictheroy, S. Fidelis, Monte Verde, Parahyba do Sul e Mangaratiba. Nesta terminou o seu curso primario assaz desenvolvido pelo que lhe transmittiram os paes, ambos formados pela antiga e acreditada Escola Normal de Nictheroy.

Alcindo tinha então trese annos. Atirou-se ao trabalho, ora ensinando aos de menor edade o pouco que aprendéra, ora enfrentando o trabalho manual.

Com o vigario da freguezia de Mangaratiba aprendeu os primeiros rudimentos de latim e a ajudar missa.

Por esse tempo o fallecido bispo D. Pedro Lacerda fez uma visita pastoral á provincia, e lá foi elle ajudal-o a dizer a missa e até a cantar a epistola n'uma missa pontifical. Parecia revelada a vocação do menino. O bispo quiz fazel-o padre e offereceu-se para educal-o á sua custa. Elle recusou.

Foram seus paes transferidos para Petropolis, onde então funccionava, com grande fama, o collegio dirigido pelo Sr. José Ferreira da Paixão Elle foi, como muitos outros, admittido como alumno externo gratuito. Ahi foi simultaneamente alumno, bedel de meninos e depois professor, regendo a aula de mathematicas elementares.

Um anno depois de completado o curso de preparatorios, em 1884, veio Alcindo para esta capital e matriculou-se na Faculdade de Medicina. Fez exame de um anno só, mas cursou até o quarto.

Difficuldades pecuniarias levaram-n'o a ser successivamente porteiro do Jockey-Club e inspector de alumnos do Asylo de Meninos Desvalidos. Entrou em seguida para a *Gazeta da Tarde* como simples noticiarista; mas em 1887 resolveu-se a abrir caminho na imprensa, e assumio a redacção do jornal *Novidades*, que Moreira Sampaio acabava de fundar. Fez-se ahi jornalista politico.

Redigio depois o *Diario do Commercio* e o *Correio do Povo* (1889) e em 1891 entrou para a redacção do *Jornal do Commercio*, d'onde se retirou o anno passado por divergencias politicas.

Collaborou nas folhas litterarias *Semana* e *Vida Moderna*.

Foi eleito em 1889 deputado ao Congresso Constituinte pelo estado de seu nascimento, e acaba de ser nomeado Superintendente Geral de Immigração na Europa.

*

Eis-ahi, em largos traços, a vida heroica d'esse illustre rapaz, filho de suás obras e do seu extraordinario merecimento.

Está na memoria de todos a geral sorpresa que em 1887 causaram os seus editoriaes politicos das *Novidades*, em cujas columnas elle publicou artigos financeiros, escriptos com tal proficiencia, que muita gente os attribuia á penna ou, pelo menos, á inspiração de Francisco Belisario.

Arvorado, infelizmente, em paladino de uma causa antipathica e odiosa, a causa dos senhores contra os escravisados, da oppressão contra a justiça, do mal contra o bem, das trevas contra a luz, Alcindo soube, pela fulguração do seu talento de jornalista, ficar de pé, sobranceiro e inconcusso, quando a lei de 13 de Maio illuminou impetuosamente a Patria brasileira, e supprimio essa vergonha que nos deshonrava e abatia,—a escravidão.

Tanto assim foi que á Republica entendeu que Alcindo Guanabara nao era homem que uma transformação, fosse qual fosse, podesse relegar para os segundos planos do palco da politica, e fel-o deputado.

Todos sabem que o moço fluminense desempenhou um papel muito distincto no Congresso Nacional, e que o tribuno parlamentar não desmentio o jornalista. Que o diga a sua collaboração na lei fundamental da Republica, que o diga a discussão dos auxilios á lavoura, etc.

*

Alcindo Guanabara, cujas aptidões são numerosas e variadas, seria um bello romancista, um excellente fazedor de contos, criticas, versos e chronicas, se a politica o não houvesse absorvido e sequestrado.

Os seus escriptos litterarios, publicados aqui e alli, são primorosos de graça e elegancia, conceituosos sempre, e de uma fórma irreprehensivelmente portugueza. Elle fez de *Aranha Minor* um pseudonymo illustre, que infelizmente desappareceu.

Nomeado Superintendente Geral de Immigração na Europa, Alcindo Guanabara parte por estes dias para o velho mundo, em companhia da esposa e de dous filhinhos que adora.

Naturalmente vae prestar grandes e inolvidaveis serviços ao seu paiz.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

A' vista das desordens havidas no Sacramento por occasião das eleições municipaes d'esta semana, parece que voltamos aos bellos tempos do entra-juca e da flor da minha gente.

Ha quem attribua o caso ao fechamento da Cabeça de Porco. Ficaram sem domicilio alguns capadocios que, para espairecer o seu infortunio, se entretiveram em «levantar poeira» nas diversas secções eleitoraes d'aquelle districto.

Se assim não foi realmente, força é confessar que Leite Borges, o cidadão mais votado, é homem de decidida influencia.

*

E é. Eu acompanho ha muito tempo a vida publica de Leite Borges. Elle a principio era portuguez e tinha uma pequena loja na rua do Ouvidor. O Sr. Tito de Mattos, quando foi chefe de policia, pedio-lhe que se naturalisasse, e confiou-lhe a subdelegacia do Sacramento. Os inolvidaveis serviços que elle prestou n'esse cargo não se commentam n'uma simples chronica ligeira e frivola.

Leite Borges deixou ao mesmo tempo a vara de subdelegado e o metro de lojista, votando-se de corpo e alma ao beneficio d'este paiz. Não ha individuo que tenha feito tanto por uma patria de emprestimo. E' por isso que o eleitorado do Sacramento suffraga o seu nome para intendente municipal, deixa-se esbordoar por amor d'elle, e é capaz até de levantar-lhe uma estatua em vida.

A nomeação do Sr. Dr. Getulio das Neves, o vice-Portella, para director do Banco da Republica do Brasil causou sorpresa a toda a gente. Se o nomeado fosse Leite Borges, ninguem se sorprenderia, porque Leite Borges é um benemerito da Patria, e os benemeritos da Patria são dignos dos cargos mais elevados e de maior confiança.

*

Chegou da Europa a actriz Leonor Rivero.

O *Paiz*, que é uma das nossas folhas mais bem informadas, assegura que «fez grande sensação em Lisboa essa cantora, que na sua viagem de Pariz a esta capital esteve alli alguns dias». E accrescenta que «a imprensa lisbonense tece-lhe grandes elogios».

Ora, eu perguntei sempre aos meus botões porque motivo Lisboa pateou a Patti, e os meus botões nunca me responderam. O motivo ahi está: Lisboa pateou a Patti, porque reservava todos os seus applausos, toda a sua admiração, todo o seu enthusiasmo para a Leonor Rivero, essa especie de Leite Borges da arte do canto.

Já não me admira que a Fantony; uma pobre rapariga que passou quasi despercebida nos nossos theatros da opereta, agradasse tanto na capital portugueza, e que Ramalho Ortigão escrevesse para a *Gazeta de Noticias*, dizendo que o Brasil estava mais proveitosamente representado no velho mundo pela Cinira Polonio que por todos os seus agentes diplomaticos.

Ah, Leonor, Leonor! se Lisboa te conhecesse no tempo do João Chrysostimo..!

*

A *Cidade do Rio* appareceu-nos no dia 1 com o dobro do tamanho que tinha, e deixou de ser jornal da tarde; podemos aprecial-a agora entre os golos do café matinal, á hora em que o sol ascende no horisonte.

Faço votos pela prosperidade da sympathica folha fluminense, que foi, pode-se dizer, o estandarte mais glorioso da redempção dos captivos.

Amparada por nomes illustres como os de José do Patrocinio, Olavo Bilac, Luiz Murat, Emilio

Nusbaum, Alberto de Carvalho e outros, a *Cidade do Rio* póde contar com o mais brilhante futuro.

*

Na rua do Ouvidor, entre dous bohemios das lettras:

— Então o *Tempo* matou o Juca Reis?

— Foi bem feito!

— ?

— O Juca Reis em toda a sua vida não tem feito outra coisa senão matar o tempo.

A.

FRUCTO PROHIBIDO

Escravo d'essa angelica meiguice,
Por uma lei fatal como um castigo,
Não abrigára tanta dor commigo,
Se este affecto que sinto não sentisse.

Que te não dóa, emtanto, isto que digo.
Nem as magoadas fallas que te disse:
Não t'as dissera nunca se não visse
Que por dizel-as minha dor mitigo.

Longe de ti, sereno e resoluto
Irei morrer, miserrimo, esquecido,
Mas hei de amar-te sempre, anjo impolluto.

Es para mim o fructo prohibido:
Não pousarei meus labios n'esse fructo,
Mas morrerei sem nunca ter vivido.

ADELINO FONTOURA.

ESTALACTITES

O Sr. Julio Cezar da Silva enviou ao *Album* um exemplar das *Estalactites*, o seu primeiro livro de versos, publicado ha mezes na capital de S. Paulo.

Estas noventa paginas são mais que uma esperança: traduzem a realidade mais bella e positiva. Entretanto, passaram completamente despercebidas. Nunca se accentuou com tanta ferocidade a classica e odiosa indifferença do publico.

Dizem-nos que o poeta não tem ainda vinte annos; entretanto, ha muito tempo não havia nas lettras brasileiras estreia tão auspiciosa e brilhante. Póde-se mais uma vez invocar a velha chapa da deusa que nasceu armada. E Julio Cezar da Silva não é poeta que se deixe ficar neste volume de estudante.

O unico senão que o livro me depara é, em certos pontos, uma exagerada melancolia, uma tristeza que nao creio sincera, um desalento sem rasao de ser. O volume abre com esta estrophe:

Supportei, quasi louco, o soffrimento mudo
De quem nas trevas busca uma illusão perdida,
E, descrente de Deus, de todos e de tudo,
Fiz de poeta e chorei para estudar a vida.

Pouco depois o moço exclama n'um assomo de mysantropia digno de Alceste:

Victima da tristeza e do tedio profundo
Olho com tanto nojo este mundo que habito,
Que procuro viver bem distante do mundo,
Abandonado e só, como infeliz precito.

Felizmente esse pessimismo agudo não ensombra todas as paginas do livro. Muitas estão saturadas de philosophia alegre, e do lyrismo risonho que nos encanta e rejuvenesce quando lemos o grande poeta do seculo, o incomparavel Musset. *Barcarola*, por exemplo (pag. 51), é um singelo e pequenino modelo do genero.

Entretanto, o poeta é capaz de grandes vôos. *Averno* (pag. 29) é uma composição elevada. O mesmo diremos da *Aguia* (pag. 59), em que se leem arrojadas e opulentas sextilhas.

O autor das *Estalactites* compraz-se em vencer difficuldades que só apreciam aquelles que se entregam á nobre e honesta occupação dos versos. Haja vista este soneto:

SOBRE UM SEIO

Moida pelo cansaço do passeio,
Molle, meio deitada sobre o banco,
Tu me pediste, n'um sorriso franco,
Que te escrevesse uns versos sobre o seio.

Esse pedido apenas aceitei-o,
Despindo a capa n'um febril arranco,
Toda risonha me mostraste o branco
Macio collo a palpitar de anceio.

Puz o papel sobre elle; aos poucos, ia
Leves signaes a minha mão traçando,
Mas a folha rompia-se aos bocados;

E, á proporção que a folha se rompia,
Sobre o teu collo morno iam ficando
Os caracteres tremulos gravados...

O profano achará muito extravagante esse novo systema de escrevaninha; o iniciado applaudirá o esforço e a habilidade com que a scena foi mettida n'um soneto.

E já agora que transcrevemos um soneto inteiro, não nos furtaremos ao prazer de reproduzir outro, que nos pareceu bellissimo, com um perfume pagão de myrrha e pampano, e vestindo á ultima moda roupa talhada nos tecidos da Arcadia:

DANSA CAMPESTRE

Penetra a selva a deusa. Alguem, distante,
Já lhe acompanha o branco vulto, esquivo.
Exhalam as lezirias esse activo
Cheiro subtil do lathyro fragrante.

Ao ver-lhe os seios brancos, todo amante,
Um capripede satyro lascivo
Baba-se e roja-se-lhe aos pés, captivo...
Das aves rompe o festival descante.

E empunha a flauta a deusa, e vae tocando.
Logo dos montes por sinuosos trilhos
Descem napêas, dryades em bando.

E medios touros, placidos novilhos
Dansam, e vão pelas rechãs dansando,
Da agreste flauta aos módulos tonilhos.

Julio Cezar da Silva é um puritano da fórma, um observador submisso e reverente de todas as regras da boa poesia portugueza. Uma singularidade: em todo o seu livro só ha dous versos agudos.

COSIMO.

A poesia que em seguida publicamos pertence a um livro, *Psalterion*, que o estimado poeta dos *Versos de um simples* actualmente prepara.

NO DIA DOS MORTOS

Ite, rime dolenti, al duro sasso
Che'l mio caro tesoro in terra asconde:

PETRARCA.

Nao penses que as minhas dores
Sepultaram-se comtigo,
Porque hoje, no teu jazigo,
Nao fui levar-te umas flores;

Nem a minha desventura
Jorrou em ondas de pranto
No meio do Campo-Santo
Sobre a tua sepultura;

Nem minha voz triste e calma
Ouvio o marmor sombrio
Sob o qual repousa frio
Teu corpo, ou antes: minha alma;

Nem meus joelhos tombaram
Sobre a cova que te occulta,
Sobre a terra que sepulta
Os sonhos que me arrancaram.

Fiquei só; fiquei pensando
Porque é que tu vieste ao mundo,
Se nasceste — e n'um segundo
Foste ao tumulo baixando.

Morreste sem agonia,
Mas morreste... De maneira,
Que vale uma vida inteira
Tua existencia de um dia.

Approximou-nos a sorte,
Ligou-nos um só desejo,
E o nosso primeiro beijo
Quebrou-o entre nos a morte.

Busquei-te com anciedade,
Foste minha, com effeito,
Senti teu peito em meu peito,
Pensei na felicidade.

Eras minha: eu te adorava;
Era teu: tu me querias...
Que coisas tu me dizias,
Que coisas eu te contava!

Que instante doce e funesto!
Que preludio repentino!
Deus fez o homem — o destino
Encarregou-se do resto.

De que nos vale a esperança?
Buscamol-a tanto, e apenas
E' uma ave que deixa as pennas
Na mão que um minuto a alcança.

A vida é uma eterna niagua;
E' loucura ter juizo;
A lagryma espia o riso,
E o riso enche os olhos d'agua.

E emquanto o peito padece,
A natureza (que ingrata!)
Da mesma sorte nos trata,
Finge que não nos conhece.

Atufa os vales de flores,
Enche as florestas de ninhos,
E os cantos dos passarinhos
São echos das nossas dores.

Erguemos a voz repleta
De angustia ao céo, e elle, em côro,
Canta, alegre, e estrellas de ouro
Brilham na abobada quieta.

A aurora as nuvens descerra,
Surge o sol, e a alma que sonha
Accorda — e vê a medonha
Sombra do corpo na terra.

Oh! que desespero insano!
A luz não nos atravessa
Para que mais transpareça
Quanto é negro o corpo humano.

Que somos? A natureza
Inventou-nos tão somente
Para que o homem, indifferente,
Ria da alheia tristeza.

Sangra-um peito nas raizes?
Affligem-se algumas almas?
Quantos homens batem palmas!
Quantos se julgam felizes!

Desgraçados! Desgraçados
Hão de ser, como nós fomos,
(Obra escripta em tantos tomos
E todos elles errados,)

E eu te sonhei tão gloriosa,
Tu que me eras na existencia
A estrella da Providencia,
Anjo de azas côr de rosa.

Fitava-te o meigo rosto
E á luz dos teus olhos calmos
Ouvia piedosos psalmos,
Adormecia de gosto.

Anno I O ALBUM Num. 6

ALCINDO GUANABARA

Ao teu corpo alvo de neve
Diana pediria venia,
Cheirava como a gardenia,
Como uma pluma era leve.

Tua cabeça eu tomava
Nas mãos, conchegando-a ao seio,
Beijando-a, beijando-a alheio
A tudo que mecercava.

Que pensamentos risonhos
Vinham-te á fronte modesta :
Era uma sala de festa
Onde brincavam mil sonhos.

Muita vez nem dava ensejo
A que tu fallasses, quasi.
Porque eu a tua doce frase
Interrompia com um beijo.

E beijava-te, beijava
Teus olhos de luz tão pura.
Que toda a minha ventura
Do teu olhar emanava.

Como tudo n'um minuto
Desappareceu de todo !
De um homem fez Deus um doudo.
Das galas fez Deus o lucto.

O meu destino foi este...
Vivo na terra de bruços ;
Os meus hymnos são soluços,
O meu loureiro o cypreste.

Porém não penses que chora
Meu coração, que este louco
Foi comtigo a pouco e pouco
Aonde o teu hoje mora.

Chora o cadaver que ainda
Com a morte se diverte,
Que a vida em lagrymas verte,
Miseria ! sem a ver finda.

Chora o atomo mesquinho
Que adora quem não existe ;
Que implora uma sombra triste
Para um posthumo carinho.

Chora o cego que a apagada
Visão busca, e a vista escura
Firma, procura, procura...
E só vê que não vê nada.

Desgraçado prisioneiro,
Cuja maior agonia
E' não ter o sol de um dia,
Não ter na dôr companheiro.

Neste silencio que gelo !
Neste vacuo que tristeza !
Minha fronte, ó natureza,
Marcaste com ignobil selo !

E exhausto prostro-me ; e penso
Que um thurybulo invisivel
Move-se no ar, e imperceptivel
Desprende um tremulo incenso.

E uma luz branca, tenuissima,
Corporisa o fumo leve,
E uma fórma muito breve,
Aérea, vaga, suavissima,

Solemnemente se adianta
Grave, muda, magestosa...
Uma aria mysteriosa,
Longuinqua, no espaço canta.

Chega-se a mim ; na luz calma
Dos seus olhos doloridos
Ha sonhos interrompidos,
Boiam fragmentos de uma alma.

E nas faces transparentes,
Pisadas de magoa, afflictas,
Correm duas longas fitas,
Duas lagrymas trementes.

Olha-me immovel... « Existes ? »
Eu lhe pergunto, e diviso,
Meigo, o ensaio de um sorriso
Fluctuando em seus labios tristes.

Porque vens ao meu retiro ?
Morta ! Morta ! ainda me adoras ?
Se não vives porque choras ?... »
E em prolongado suspiro

A sua sombra esmaece ;
Diffunde-se a luz que a fórma,
E aos poucos, muda, a sua fórma
De todo desapparece...

*

E assim tu vaes me deixando
Na dor que a te amar me exhorta.
Adeus, adorada Morta,
Morta que eu morro adorando !

GUIMARAENS PASSOS.

2—11—92.

ALMEIDA JUNIOR

No *Diario Popular*, de S. Paulo, encontrámos noticias do autor do *Descanço do modelo* e dos *Caipiras negaceando*.

Um collaborador d'aquella folha enviou-lhe as seguintes linhas :

« Em visita ao *atélier* de Almeida Junior, notavel pintor que é uma das mais legitimas glorias paulistas, tivemos occasião de ver, sabbado, o seu ultimo trabalho, a que está dando a ultima demão.

« E' uma téla de 2 metros e 60 centimetros de largura com 1 metro e 80 de altura, contendo, em grupo, na hora do café, a familia do Sr. Dr. Ezequiel Ramos, presidente do Senado. E' um grupo de sete pessoas, ao redor de uma mesa onde se serve o café. O chefe da familia, sentado em uma cadeira de canna da India, lê e commenta um facto do *Correio Paulistano*. A' sua esquerda, sobre o ladrilho (porque o grupo está n'um terraço), vê-se um numero do *Estado de S. Paulo*, cahido meio em pé, com umas dobras admiraveis.

« O numero do *Correio* destaca-se de tal modo que até parece que aquillo não é pintado.

« As figuras são tratadas com aquelle esmero e fidelidade que todos admiram no grande artista. Todo o conjunto guarda as posições de um momento, perfeitas, admiravelmente apanhadas. Emquanto o illustre senador commenta o que lê, at-

tento, mergulhado na leitura, o filho mais moço espera uma brecha para offerecer-lhe o café.

«E' um primor, do outro lado da téla, o pannejamento de um vestido de seda que não chega a tocar o ladrilho. A luz e a sombra são alli tão bem combinadas, que a arte *naturalistica* se impõe naquelle canto da téla, roubando á Natureza a sua mais real manifestação.

«O terraço abre-se sobre os horizontes do Braz, e o pedaço alli contido não é uma *representação*, é uma *vida*, é um trecho que fica, que encanta pela reducção da paizagem, reducção que não desmereceu o natural em uma linha sequer.

«Enfim, n'uma pequena noticia, feita ás pressas, que mais dizer senão o que ahi fica?

«Em resumo: — é um trabalho magnifico esse ultimo trabalho de Almeida Junior».

X.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

III

(Continuação)

O moço queria responder ao aparte, e vio prejudicado o seu intento, porque bem longe ia a imprudente. Carmen fizera-o propositalmente. Esquivara-se da quadrilha, por momentos, e sorprendêndo a conversa entre a mãe e o seu amigo de infancia, não quiz perder occasião de cortar a meio o colloquio, pondo em retirada o argumento do moço.

Dolores conteve-se e disfarçou do melhor modo possivel a commoção que a possuira n'esse instante.

Lucio voltou-se e leu no rosto d'ella a expressão do máo estar.

As faces da esposa do coronel Blanco ostentavam uma pallidez profunda, propria das mulheres que voltam a si depois de um prolongado ataque de nervos.

— E' certo o que diz Carmen?

— O senhor é um pessimista? perguntou ella, dando ao tom da voz certa vibração propria das mulheres commovidas.

— Detesto a escola pessimista como tambem não me aventuro a jurar fidelidade ao optimisimo; entretanto, coisa singular!... prefiro peccar por excesso a peccar por defeito. O termo medio é o melhor. Por isso, como ha pouco lhe ia dizendo, considero a mulher debaixo de muitos aspéctos, segundo a posição que lhe assignala a sua condição social.

— Isto é... como disse: da mulher de salão á esposa, á mãe, á irmã, á amante, vae um abysmo?

— Precisamente, é isso mesmo. Em Montevidéo o sorriso é facil; a amabilidade é um dote das nossas compatriotas. E' necessario que o estrangeiro inexperiente sacrifique a vaidade e descreia de todos esses sorrisos.

— Como assim?...

— E' o que lhe digo: a mulher de salão ri por convenção; tem necessidade de demonstrar a todos que está alegre. Ahi temos o nosso par da esquerda. Veja que sorrisos!... Tudo aquillo é ephemero... Ainda mais... Preste attenção... Vio?

— Vi... o cavalheiro acaba de dar ao par um ramo de violetas...

— E que mais?...

— Ella colloca-o no seio...

— E' vulgar esse acto?

— Vulgarissimo.

— Pois bem, em Pariz tudo isso seria feito ás occultas, se aquelle rapaz amasse... Entretanto... é tão vulgar, como diz!... Declaro-lhe que na minha qualidade de moço solteiro, gósto da mulher de salão em Montevidéo.

— Porque?

— Por simples razão: em Pariz, a mulher em todos os saráos só se lembra que tem competidoras. O espirito da pariziense vive preoccupado por mil nadas. A mulher, lá, entra n'um salão, lança o olhar de aguia, faz a si mesma esta pergunta: «Quem estará mais bem vestida do que eu?» e principia a passar revista. O vestido, o penteado, a pintura das faces, o rasgado dos olhos, o carmim dos labios, os postiços do cabello, o *Luiz XV* que lhe enclausura os pés, o leque, o talho do corpinho, os adornos todos, são detalhadamente inspeccionados. A pariziense divaga, aceita e responde declarações de amor, tem sempre um dito de espirito para repellir as pretenções mal cabidas, illude e contenta a todos, sem perder jamais de vista as *toilettes* das outras mulheres.

— Que horror!...

— Mil vezes horror!... E' o que não se dá nos salões de Montevidéo. A mulher esquece a mulher para dar-se á conversação animada. Desde que principiam as *soirées*, animação, interesse, vida, enthusiasmo febril conservam os espiritos a mais e mais impressionados; não ha selecção dos sexos. Não ha necessidade de mestres de cerimonia, uns individuos ridiculos que andam pelos salões a pedir ás visitas que dansem e aos moços que tirem pares. E as horas? Ninguem as sente passar. Se não houvesse os relogios imprudentes dos velhos, os saráos viriam romper a aurora. Não sei explicar-lhe bem as impressões que recebi, passando da sociedade pariziense para a sociedade montevideana; entretanto, grande disparidade existe entre as duas. Nós, os descendentes dos velhos subditos de Castella, d'esses lendarios heróes de Navas e de Tolosa, criados no meio dia da Europa e nascidos sob a ardentia benefica do sul, devemos coparticipar da consanguinidade e por consequencia dar-nos a estas expansões. O sangue ferve-nos nas arterias; o nosso systema nervoso não é flacido como o dos filhos do norte eu-

ropeu. Depois... bem analysado, outro motivo nos especifica, estabelecendo uma linha divisoria entre hespanhoes e orientaes.

— Qual?

— A condição de ser americano. O americano não se cria como o europeu. As illusões succedem-se diariamente; peccamos por imprudentes, por exaltados, e, em materia de amor, somos impressionistas.

— O que é pessimo...

— Mas... o que é irremediavel, porque é do nosso organismo.

— N'esse caso o amor é farça...

— Não, quando se tem estudado a sociedade em que se vive. Ha homens que vão direito ao amor, porque basta um simples olhar de inspecção para saber onde existe esse dom.

Lucio suspendeu n'este intante a palavra. Terminava a quadrilha, e elle dispunha-se a despedir-se. Dolores, porém, pousou o braço no do moço, e pronunciou com imposição:

— Prosiga, Lucio.

— Mas... que dizia eu?

— Que basta um simples olhar para saber onde encontrar o amor...

— E' verdade.

— Prove.

— E' uma exigencia!.. Entretanto, se me obriga, se m'o exige, estou decidido a passar por cima das conveniencias sociaes para provar a veracidade das minhas convicções.

Dou-lhe a liberdade de discorrer. Se tem bastante coragem e certeza, passeie por sobre os grupos que enfeitam este salão o seu olhar de magico, e diga-me onde está o amor, grande, nobre, enthusiastico!...

Lucio sorrio maliciosamente.

— Não affirmo encontral-o, vivo, palpitante, activo. Affianço que d'esta multidão de convidados, onde a belleza se casa com a elegancia, isola-se uma individualidade, capaz de grandes sentimentos. Lê-se-lhe no rosto o incomprehensivel, mas... adivinha-se-lhe a alma.

O par continuava a passear.

De repente, por habil tactica, o moço postou-se em frente a Carmen, que vinha pelo braço do mesmo cavalheiro.

Houve um minuto de hesitação.

Carmen levantou os olhos e sustentou, sem pestanejar, o olhar energico de Lucio.

Depois, sorrio e corou como que vencida.

Lucio recuou, cedeu o passo, e, voltando-se para Dolores sem deixar de seguir com o olhar a companheira de infancia, pronunciou algumas palavras como conclusão de uma phrase antes interrompida.

— Alli vae...

— E' o coração de Carmen? perguntou Dolores.

— Precisamente, o coração de Carmen.

Dolores convulsionou-se n'um riso estridulo, prolongado e sarcastico que chamou a attenção.

— Que tem? interrogou Lucio.

— Errou! Bem dizia eu que depois de muito inspeccionar, erraria o caminho, e iria dar a um coração de gelo.

— De gelo?

— Sem duvida, porque, embora contra minha filha, devo dizer a verdade.

Lucio sorrio ainda, com certo ar de descrença, admirado de ouvir aquellas palavras tão pouco em harmonia com o sentimento materno.

— Decididamente — disse o moço — ha um grande enigma em tudo isto.

— Um dia... Por hoje só lhe direi que o coração não é esse, ardente, enthusiastico, que o senhor procura. Esse... bem sei onde o encontraria.

— Onde?...

Dolores não respondeu. Pedio desculpa ao parceiro, retirou o braço e desappareceu por entre os grupos que valsavam.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

No Lucinda, primeira representação da *Moura de Silves*, opera-comica em 3 actos e 5 quadros, lettra de Lorjó Tavares, musica de Guerreiro da Costa.

Tão elogiada veio de Lisboa esta peça, que, francamente, esperavamos coisa melhor. O libretto pareceu-nos um d'esses dramalhões sombrios que os hespanhóes transformam em zarzuelas, e a musica... a musica não nos aborreceu, mas deixou-nos frios como se a tivessemos ouvido cem vezes. Não é profundamente original, nem é caracteristica, segundo convinha ao assumpto mourisco do drama.

A peça, que foi a estreia theatral de Lorjó Tavares, não é mal feita, e o dialogo parece escripto por quem sabe do officio; o que lhe falta é ser um libretto de opera-comica, e ter graça.

O desempenho dos papeis não é máo, comquanto não nos imponha como um dever de consciencia destacar A ou B. Póde-se empregar a velha chapa: «Concorreram todos para o bom exito da representação». Pepa, a bella e graciosa Pepa e a moura de Silves.

N'um papel de velho marinheiro reappareceu o estimado actor Joaquim Maia, que ha muito tempo estava sem theatro, e foi agora accrescentar a lista dos Joaquins do Lucinda. Folgamos em vel-o restituido á sua arte.

Na *Moura de Silves* o que se póde louvar sem reservas é a enscenação. Sousa Bastos sabe que o publico fluminense está habituado ao bom e ao bonito, e montou a peça a valer, com grande luxo de scenarios e rouparia.

Pois que o publico lhe pague tantos esforços e attenções.

*

A representação do *Guarany*, no Polytheama, assumio as proporções de um escandalo. A pobre opera brasileira tem sido ultimamente muito infeliz no Rio de Janeiro, mas não nos lembramos de a ter visto e ouvido nunca tão sacrificada como agora pela companhia Sanzone.

Ainda ha espectadores, meigamente resignados, que tudo perdoam a essa empreza em attenção ao preço reduzido dos bilhetes; o grande publico, porém, já principia a convencer-se de que os espectaculos dos Srs. Ducci e Ciacchi não eram caros. Os do Polytheama custam a quarta parte do que custavam os do Lyrico, é certo; mas o que resta saber é se em cantores, orchestra, córos e encenação nós temos na rua do Lavradio «a decima parte» do que tinhamos na Guarda-Velha.

Carlos Gomes foi maltratado; queira Deus que o mesmo não aconteça ao autor da *Moema*, a opera brasileira que se acha em ultimos ensaios.

*

No Recreio voltaram á scena as *Doutoras*, primorosa comedia em 4 actos, de França Junior.

Depois do fallecimento do illustre comediographo brasileiro, é a primeira vez que nos nossos theatros se faz *réprise* de um dos seus trabalhos. E França Junior já morreu ha tres annos...

Apollonia e Ferreira incumbiram-se, como na primitiva, dos papeis de Luiza e Pereira, em que eram e são inimitaveis; mas o do Praxedes, creado pelo pobre Castro, foi agora confiado ao provecto Maggioli, o da bacharela Carlota de Aguiar passou das mãos de Herminia ás de Adelaide Coutinho, e no de Maria Praxedes Leolinda foi substituida por Livia Maggioli.

Esta ultima substituição contrariou-nos. Leolinda interpretou magistralmente aquelle papel, e a empreza do Recreio Dramatico devia esforçar-se para que ella voltasse a desempenhal-o agora. Isto não quer dizer que Livia Maggioli, actriz intelligente e estudiosa, não dê boa conta do recado, mas ha certos papeis em certas peças que, sendo possivel, só devem ser feitos por certos artistas. E' o caso do papel de Maria Praxedes. E nós sabemos que era possivel...

O que poderiamos dizer das *Doutoras*, disse-o, pelo *Diario de Noticias*, Figueiredo Coimbra nas seguintes linhas, que fazemos nossas:

« Que bella e merecida coroação foi a d'esta obra, escripta com tanta graça, tão penetrante observação, tão luminoso criterio e tão profunda sciencia do effeito scenico!

« Foi a penultima composição do pranteado escriptor e foi a sua obra prima. Direi mesmo com rude franqueza: não esperava que subisse tanto o engenho d'esse comediographo privilegiado, que em ninguem aprendêra o segredo de fazer rir o povo com despreoccupação absoluta e immenso prazer. Não esperava tanto, repito, posto que desde muito me habituára a admirar o escriptor em trabalhos de menor folego, mas não destituidos de consideravel valia. Somente, eu acreditava que para a gloria de França Junior bastava o que elle já havia escripto, e não suppuz nunca que chegasse a produzir uma comedia perfeita em que ha rasgos verdadeiramente molierescos.

« Desde a primeira leitura das *Doutoras* (tres actos incompletos, lembro-me bem) a impressão foi extraordinaria. O escriptor popular, que parecia apenas exercitado na reproducção ligeira dos quadros mais comesinhos da vida fluminense, sorprendia o seu auditorio com uma alta comedia, genuinamente artistica, caprichosamente litteraria e profundamente humana, em que apurava admiraveis minucias de observação e de analyse, emittia com bom humor incomparavel pilherias e conceitos de um delicado philosopho que doura benevolamente a pilula das desillusões—sentidas ou adivinhadas—quando a propina ao seu publico, e desenhava caracteres e costumes com a mais escrupulosa fidelidade. Tudo isto era feito em quatro actos cuja fórma theatral estava inaccessivel á critica.

. . . . . .

« França Junior pertenceu ao limitadissimo numero dos escriptores absolutamente originaes, que não se deixam influir por nenhum mestre ou modelo, e têm o culto intransigente da propria individualidade. Escrevendo para fazer representar, soube ser tão brasileiro como Penna, e, buscando os seus assumptos n'um meio tão restricto e monotono como o nosso, soube encontrar nelles variedades pittorescas, que, quando se afastavam do natural, não fugiam muito da realidade. Neste sentido era habilissimo o nosso comediographo, que imaginava com uma discrição rara e observava com uma notavel experiencia.

« Digamos tambem que poucos escriptores alcançaram a unanime consagração que lhe valeram as suas comedias e os seus folhetins. Com estes fez uma especialidade jornalistica em que ainda não teve imitador. Mas o folhetinista era apenas um prolongamento do comediographo, o que significa que França Junior escrevia peças com a habilidade pasmosa de as tornar tão agradaveis na leitura como na exhibição.

« A comedia *Doutoras* deve constantemente apparecer nos theatros de genero. Sempre a verei com prazer, porque para os que amam as lettras patrias, ella é um orgulho e um ensinamento.»

Apoiado!

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 7 FEVEREIRO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todos os semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 23$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Monsenhor Brito	A. A.
Chronica Fluminense	A.
Soares de Sousa Junior	A.
Musa Ales	Soares de Sousa Junior.
Amor nas Catacumbas	Arthur Guimarães.
Capitulação	Padre Corrêa de Almeida.
Evangelhos	Cosimo.
A Bebita	A. A.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. JOAQUIM ABILIO BORGES

MONSENHOR BRITO

Luiz Raymundo da Silva Brito nasceu em 24 de agosto de 1840, na villa de S. Bento dos Perises, na provincia hoje estado do Maranhão. E' filho legitimo de Bernardino da Silva Brito e D. Amalia da Silva Brito.

Terminou em 1861 o seu curso de theologia no seminario de Santo Antonio, que ainda existe na capital d'aquelle estado, mas, não tendo edade para concluir a sua ordenação, só em 1864 foi ordenado pelo bispo D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, de saudosa memoria.

Logo depois de ordenado voltou para a villa em que nascera, e ahi fundou um collegio.

Em 1868 foi nomeado vigario da freguezia de N. S. do Rozario; em 1870 reitor do seminario de N. S. das Mercês, e em seguida professor da primeira cadeira de latim do mesmo seminario e lente de direito canonico no de Santo Antonio.

No anno seguinte foi vigario collado da freguezia de S. Benedicto de Caxias.

Em 1875 elegeram-no deputado á Assembléa Provincial do Maranhão.

Em maio de 1877 veio para o Rio de Janeiro por ter sido no mez anterior nomeado vice-reitor do Internato Pedro II.

Aqui chegado, foi logo admittido a pregar na Capella Imperial, e em 1878 nomeado conego honorario da mesma capella.

Em 1880 pedio exoneração do cargo de vice-reitor.

Em 1882 foi nomeado vigario de Nictheroy, e no anno seguinte Vigario Geral do Bispado do Rio de Janeiro.

Em 1884 Leão XIII concedeu-lhe o titulo de Monsenhor Protonotario Apostolico ad Instar Participantium.

Por esse tempo fundou no morro do Castello o collegio da Natividade, onde muitas criancinhas pobres encontraram educação e asylo.

Em 1885 foi nomeado professor de religião da Escola Normal, em 1888 reitor do Externato Pedro II, e nesse mesmo anno professor de religião do Collegio Militar, cargo que deixou em virtude da separação da Egreja e do Estado.

Em 1891 foi aposentado no cargo de reitor do Externato, já n'esse tempo transformado pela Republica em Gymnazio Nacional.

*

Por esse rapido e fugitivo esboço biographico, ou antes, simples e desguarnecida serie de datas, podem ser avaliados os meritos do preclaro cidadão cujo retrato vem hoje honrar a galeria do *Album*.

Na carreira ecclesiastica as honras e as dignidades conquistam-se com mais esforço que n'outra qualquer; o padre que aos 52 annos tem o passado honroso de monsenhor Brito, não precisa de outro documento para provar que vale muito.

Não cabe nos limites d'esta folha acompanhar o sympathico sacerdote nas rudes batalhas que ferio em defeza da fé; nos triumphos alcançados no pulpito, na tribuna parlamentar e na imprensa, nas suas glorias de sabio educador que foi, austero e paternal; nos innumeros actos de caridade, praticados na sombra mas divulgados pela indiscreta gratidão dos pobres...

Não!—este ligeiro artigo poderá, quando muito salientar o orador sagrado que todos admiram em monsenhor Brito, e apreciaf-o mais detidamente por esse especial talento, que lhe tem valido a grande popularidade que o seu nome goza.

O illustre pregador é o herdeiro legitimo de Montalverne. Os seus sermões são artisticos; primam pela fórma grammatical, e ao mesmo tempo pela elevação da idéa e sobriedade da phrase. A sua palavra é correcta, para que os lettrados a admirem, e singela, para que o povo a entenda. A sua voz é sonora, fluente, vibrante e unctuosa; derrama-se pela egreja como o incenso, languida e penetrante. Parece sahir não de uma bocca, mas de um thurybulo. Ouvindo-o, não ha livre pensador que não se sinta um momento arrebatado para a idéa de Deus e dos santos. Os devotos, esses, quando o ouvem, mergulham-se ainda mais no lago profundo e sereno das suas crenças. Monsenhor Brito é o mais completo dos oradores sagrados.

Na sociedade é um cavalheiro estimabilissimo, o verdadeiro typo do padre moderno, virtuoso e austero, mas despido de toda a hypocrisia, um salvador de almas que não impõe á fé religiosa aos espiritos rebeldes, nem traz, escondido na sotaina, um alfange de mahometano disfarçado em cruz.

Muitos se admiram de monsenhor Brito, que tanto honra o clero brasileiro, não ser ainda bispo effectivo, tendo-o sido tantas vezes interino. Sel-o-ha em breve e... quem sabe? um dia, se Deus lhe conservar a vida, receberá de Roma o chapeu cardinalicio.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Hontem ficou muito espantada a minha colcha de inverno quando á meia noite fui arrancal-a ao fundo de uma gaveta:

— Que é isto? perguntou ella; já estamos em junho?!

— Não; estamos apenas em 8 de fevereiro, mas faz tanto frio, que não tenho remedio senão recorrer aos teus bons serviços.

Estremunhada ainda por um despertar tão brusco e inesperado, a colcha perguntou-me a que eu attribuia semelhante phenomeno meteorologico.

E' natural que sentisse grande necessidade de sciencias naturaes uma pobre colcha que sahia assim das trevas de uma gaveta; mas eu é que a tão adiantada hora da noite não estava para conversas, e respondi-lhe que attribuia o phenomeno ao Carnaval. Respondi-lhe isso como poderia ter respondido outra coisa qualquer.

— Ao Carnaval? répetio a colcha; que diabo quer dizer Carnaval?

Tens razão de não saber; estás sempre guardada na epoca do Carnaval, e o estiveste mesmo em junho, no anno passado, porque fazia um calor carnagalesco.

— Que palavra é essa?

— Uma mistura de senegalesco e carnavalesco. —O Carnaval, minha filha, é uma festa semi-barbara, em que muitos se divertem, outros fingem que se divertem, e outros, esses em maioria absoluta, se enfastiam.

— Tu em que categoria estás? Dos que se divertem?

— Não; dos que se enfastiam.

— Porque?

— Não sei; o prazer e o aborrecimento não são convencionaes.

— Mas ha de haver uma causa...?

— Tens razão: ha, talvez, uma causa para o meu fastio. Uma noite, ha um bom par de annos, fui ao baile de mascaras no S. Pedro. Dansava-se muito, mas sem... como direi?... sem *entrain*. Eu debalde procurava um mascara que me dissesse alguma coisa de espirito, e, desesperançado, já me dispunha a sahir, quando vi, sentado n'uma cadeira, um sujeito vestido de casaca preta com botões de papel dourado, as mãos mettidas n'um par de luvas de algodão, e sujo, sujissimo como por via de regra são todos os mascaras. O vestuario era estupido, mas a carranca, não sei se de papelão ou cera, era uma obra prima de esculptura pandega. Representava um velhote risonho. A bocca, os olhos, as ventas—tudo ria, com um riso communicativo e bonancheirão. A mascara lembrava a figura principal d'aquelles incomparaveis *Borrachos*, de Velasquez.

— Adiante!

— Eu sou um homem triste, como sabes, mas sympathiso muito com a alegria dos outros. Seduzido por aquella physionomia eminentemente comica, approximei-me do mascara, e pedi-lhe que me dissesse uma pilheria. Oh! desgraça! d'aquella cara alegre sahiram estas palavras n'um tom soturno e concavo: «Vá seguindo o seu caminho, e não bula com quem está socegado no seu canto»!

— Ora esta!

— Esse mascara, minha adorada colcha, esse mascara indispoz-me de uma vez por todas com o Carnaval. Não imaginas o effeito que produzio no meu espirito, e ainda persiste, o máo humor d'aquelle pobre diabo de luvas de algodão! Tu perguntas-me o que é o Carnaval; é isso: uma cara alegre encobrindo uma alma triste como a rola afflicta!

— Mas porque dizias que o Carnaval é a causa do phenomeno que me obriga a sahir da doce tranquillidade d'aquelle gavetão?

— O anno passado a Intendencia transferio o Carnaval para junho, por que em fevereiro faz muito calor. A Natureza, para mostrar á Intendencia que é sempre um erro inverter a ordem das coisas ha muito tempo estabelecidas, deu-nos o anno passado

calor em junho e dá-nos este anno frio em fevereiro.

— Fia-te nessa generosidade. Amanhã ou depois fará um calor de rachar!

— Não duvido, mas basta de dar á lingua! Quero dormir. Aquece-me bem.

Homem, não durmas ainda! Conta-me as novidades. Tu sabes que sou uma colcha alegre; dize-me... tem havido muitas coisas engraçadas?

— Ha muito tempo não tinhamos quem nos fizesse rir. A vida fluminense arrastava-se monotona, com a lentidão e a melancolia do boi... Nem um facto comico, nem uma chalaça inedita, nem uma nova invenção do Dr. Castro Lopes!

— Devéras?

— Já estavamos todos resignados a morrer de aborrecimento, como tu no fundo da tua gaveta, quando appareceu o Dr. Abel Parente com a sua famosa descoberta para impedir que as mulheres concebam...

— Eu é que não concebo como a justiça consente...

— Já lá vamos: o Dr. Viveiros de Castro, promotor publico, accusa o homem, mas o Dr. Francisco de Castro, chefe da repartição sanitaria, defende-o; entre os dous Castros, o Dr. Parente póde castrar á vontade!

— Que mais novidades temos?

— Muitas; um encontro de trens na Estrada de Ferro...

— Outro?

— Outro; a exposição do nosso paizagista Parreiras...

— Outra?

— Outra; as manobras da esquadra na Copacabana... Mas... são horas de dormir. Quero despertar cedinho para escrever a chronica do *Album*.

— Pois dorme. Boa noite!

— Boa noite! Aquece-me bem!

A.

SOARES DE SOUSA JUNIOR

Ha muito tempo era esperada a dolorosa noticia do fallecimento do nosso presado collega Antonio José Soares de Sousa Junior.

Vencido pela tuberculose, elle partira para Barbacena já n'um estado quasi desesperador, e de lá mudára-se para a estação de Mendes, onde falleceu a 5 do corrente.

Soares de Sousa Junior pouco mais teria de quarenta annos.

Os seus estudos foram incompletos. Abraçou muito novo a carreira commercial, e chegou a ter casa de negocio na sua terra natal, a cidade da Parahyba do Sul.

Antes d'isso escrevêra para o editor Garnier, sob o pseudonymo de Kock Junior, alguns romancetes humoristicos; mas não gostava que lhe lembrassem esses primeiros fructos da sua vocação litteraria.

Deixou a Parahyba do Sul, e veio despachado 1.º official de uma repartição de fazenda em Nictheroy, cargo que abandonou, declarando-se publicamente desgostoso pela adhesão do Sr. Dr. Portella ao golpe de Estado.

Depois de publicar um livro de versos, *Canções dos tropicos*, entregou-se com denodo á vida litteraria.

Começou collaborando assiduamente na *Vida Moderna*, revista litteraria que inseriu, talvez, os seus melhores escriptos. Entrou depois para o jornal *Novidades*, onde as suas magnificas *Rimas por flauta* lhe valeram um convite para fazer parte da redacção da *Gazeta de Noticias*. Ahi escreveu diariamente as *Fanfreluches*, que já não valiam as *Rimas por flauta*. O *Jornal do Commercio* abriu-lhe por fim as portas, e elle ahi publicou, tambem diariamente, as *Farfalhas*, inferiores ás *Fanfreluches*.

O poeta humoristico entregára-se de corpo e alma ao theatro, que é um genero muito absorvente; assim se explica o seu desmerecimento gradual nos outros generos.

Se bem me lembro, Soares de Sousa Junior estreou-se como autor dramatico no Recreio, com uma pequena comedia em verso, o *Caximbo da vovó*; escreveu depois o *Engraxate*, drama em 1 acto, tambem em verso; tomando, afinal, a direcção do Variedades, sem que todavia o seu nome figurasse como director, teve a habilidade de condimentar ao gosto do publico fluminense algumas peças francezas e hespanholas que fizeram a fortuna daquelle theatro. Foi extraordinario o *successo* da *Dama de ouros*, do *Frei Satanaz*, do *Rei que damnou*, das *Maçans de ouro*, etc.

Deixou outra magica ensaiada e prompta para subir á scena: o *Diabo coxo*.

Não duvido que o Variedades contribuisse para matal-o. Eu tive tambem a desgraça de passar pela direcção de um theatro do Rio de Janeiro, e declaro que não ha vida que aniquille com tanta força a natureza de um individuo intelligente, que não tenha nascido ou não se educasse no meio da *cabotinage*, nem possua caracter que se amolgue ás intrigas dos bastidores.

O poeta das *Canções dos tropicos* tinha muito talento, era um trabalhador infatigavel e honesto, mas trabalhou sempre ás pressas, sobre o joelho, *au jour le jour*, e por isso de sua obra não ficarão, talvez, senão algumas paginas alegres. O mesmo nos ha de acontecer a todos que lavramos o campo ingrato das lettras brasileiras, e não temos quem nos estimule e nos ame, e só recebemos a paga

material do nosso trabalho, quando fazemos obra de fancaria.

A Soares de Sousa Junior toda a saudade do *Album*, que é uma prolongação da *Vida Moderna*.

A.

MUSA ALES

A ALBERTO SILVA

O' casta companheira dos meus dias,
Immaculada pomba que me levas
Ao teu ideal jardim,
Não me abandones, filha, ás ag mias
Das vigilias tristissimas, ás trevas
Das solidões sem fim!

Hei de viver comtigo, e sempre, e emquanto
Viveres a meu lado, e n'este peito
Um coração pulsar;
Quero rir-me se ris; quero o meu pranto,
N'um rosario de perolas desfeito,
Ao teu collo atirar.

Comtigo as longas noites, minha amante,
Quero passar; e, sabes? fallaremos
De ti, de mim, de nós;
Das minhas phantasias, do brilhante
Fulgor dos teus olhares, e veremos
Ir-se a noite veloz.

Não me feches as palpebras: — velando,
Sei que comtigo estou, e que me fujas
Receio, se dormir;
Quando vier o traçoeiro e brando
Somno, querida, tu que o sobrepujas,
Depressa faze-o ir.

Não quero adormecer; inda que os sonhos
Me colham nos seus mais festivos laços,
Não quero assim sonhar;
Pois se desperto os tenho, e mais risonhos,
E tenho mais ainda os teus abraços,
Teus beijos ao luar.

Neste banho de luz que nos inunda,
Minh'alma a fluctuar, n'um claro raio
Comtigo segue além ..
E sobe, e sobe, e quanto mais profunda
A noite vae descendo, eu mais me espraio
Na luz que me sustem.

Nas solidões da noite eu vivo e canto,
E um mundo estranho accorda á phantasia
Que vem do teu olhar;
Hei de viver comtigo, e sempre, e emquanto
Puder em teu regaço — ó Poesia —
Sonhar, sonhar, sonhar.

SOARES DE SOUSA JUNIOR.

Ao livro dos *Cambiantes*, que está no prelo, pertence a phantasia inedita que em seguida publicamos:

AMOR NAS CATACUMBAS

Um dia Amor foi visitar catacumbas, e internou-se por extensas e sombrias galerias, percorrendo esconsos corredores, querendo conhecer a treva, avido de uma impressão, embora falsa, do *além*; entretanto, depois de muito andar, apavorando-se-lhe a alma sensivel, estacou e, quédo, buscou um canto para descansar.

Até alli nada vira, conquanto já a fadiga sentisse, porque, presa d'uma allucinação, caminhára em somnambulismo: serenando, elle foi comprehendendo o horror d'aquelle mundo á parte, pleno de visões e escuridades, e para logo detestou-o.

Como, porém, sahir do tremendo abysmo, se perdêra a rota, se ignorava o paradeiro dos caminhos?

O desalento entrára a dominal-o, a treva cegava-o... Tinha tantas, tantas saudades da claridade, bemdita e anhelada!...

E, mais um instante, tombaria, se uma fada não o amparasse, acariciando-o, a qual sahio d'uma crypta, alçando magica vara.

Ao acercar-se do hospede, disse:

— Bemvindo sejas, Amor.

Amor, sorpreso, correspondeu á saudação, fixando-a demoradamente; depois murmurou docemente:

— Tira-me da treva, dá-me a claridade, bella fada.

— Dar-t'a-ei, Amor. Acompanha-me. Vou ensinar-te o caminho.

E, apressado, Amor collocou-se ao lado da fada generosa.

Seguiram.

Desfilaram por tumulos, cryptas, capellas, ruinas de oratorios, contornando os grandes corredores.

A fada, solicita, ia explicando:

— Vês esses tumulos desolados? Occultam almas myrradas, beijos fenecidos, risos e desejos. Vês estas fundas cryptas? Têm uma humidade perenne, que distilla pela abobada, gotta por gotta, como estalactites... são lagrimas. Vês, pouco adiante, aquellas capellas desornamentadas? São as capellas das virgens, que os máos pensamentos aluem. Vês, mais além, aquellas ruinas de oratorios? São corações partidos, emmurchecidos, que tu deixaste morrer.

Amor, que attento estivera, rompeu o mutismo para interrogar a fada:

— E tu, boa estrella, que representas?

— A Vida; sou o guia das catacumbas, o guarda dos tumulos, das cryptas, das capellas, das ruinas de oratorios. Mas... ahi tens uma bêta de luz; corre ao encalço della antes que fuja...

MONSENHOR BRITO

Amor, galgando a claridade, vestio os prismas da tentação, abandonando a Vida exquisita das catacumbas para abraçar a das douradas Illusões.

E em torno das alegrias, ao rhythmo do goso, elle vive, trefego e sorridente, tangido pela claridade... sempre, sempre...

ARTHUR GUIMARÃES.

CAPITULAÇÃO

SENECTUS EST MORBUS

Que a velhice é doença agora vejo.
Nas vesperas dos languidos oitenta;
Ao velho a modernice descontenta.
Pois vio coisas melhores de sobejo.

Realismo parece-lhe despejo,
Que sans moralidades afugenta;
Atacado de bilis rabugenta,
De vans reprehensões não perde ensejo.

Desembrindo inimigos de emboscada,
Quer, a torto e a direito, dar pancada;
Cambaleia, tropeça e cae no chão.

Sendo asism, e estando eu á dependura,
Nem podendo morder sem dentadura,
I os mancebos imploro a compaixão.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, 27 de janeiro de 1883.

EVANGELHOS

Mais um livro de versos, meus senhores!

D'esta vez não se trata de um estreiante: o poeta é Arthur Lobo, a quem já devemos outra collecção, — *Rhytmos e rimas*, e um poemeto, — *Lei universal*.

N'este livrinho de cem paginas, muito bem manufacturado na Imprensa Popular, da capital da Bahia, algumas coisas lia que applaudir, e outras que... notar.

Tem o poeta visivel propensão para o emprego de termos obsoletos; ao que parece, receia parecer desataviado e singelo aos olhos do publico; teme que a simplicidade, essa grande virtude artistica, lhe seja levada em conta de ignorancia.

Os prosadores e poetas que andam pela floresta dos diccionarios á caça de velhos vocabulos, não se tornam por isso mais estimados, e caceteiam (perdoem-me o verbo, que não entrou ainda na tal floresta) e caceteiam o leitor, obrigando-o a consultar, muitas vezes á toa, o Moraes ou o Domingos Vieira.

E' bom ler os diccionarios, mas não para esse fim. Um poeta conheci eu (poeta é um modo de dizer) que os frequentava asssiduamente, e compunha um soneto de proposito para aproveitar quatro ou cinco palavras que arrecadava em cada visita.

Arthur Lobo não chegou ainda a esse ponto, e espero em Deus que não chegará.

Outra coisa a notar é o abuso do *enjambement*. Isto, por exemplo, não se perdoa:

> Ha risos n'agua, e vozes no silvedo
> Ha. Fremitos da luz e da verdura, etc.

Era tão simples e tão natural escrever:

> Ha risos n'agua e vozes no silvedo,
> Ha fremitos da luz, etc.!

A' parte o senão, que é proposital e por isso mesmo facil de corregir, todo o livrinho me encantou devéras.

Entre outras coisas bonitas, ha lá uns *Versos antigos*, que renovaram ao meu espirito a sensação exacta da primeira leitura do nosso doce Gonzaga. E' uma reconstrucção intelligente e graciosa do que se fazia nos bellos tempos da cabelleira de rabicho.

Composição muito recommendavel tambem me pareceram *Bos* (pag. 19), *Ad agros* (pag. 77), *Após uma estrella* (pag. 89), e muitas outras que não cito para não tornar demasiado longa esta noticia.

Para terminar, transcreverei este soneto que se me afigura um dos mais bellos da collecção:

PROPOSTAS DESHONESTAS

A AURELIO NEVES

Disse-me a Estrella: «A côr mais bella e opima
Dou-te da minha rútila palleta.»
Volve a Harmonia: «E eu dou-te a estranha rima
Mais sonora, mais rica e mais completa.»

«Vê a epiderme que meu collo anima!»
Gemeu a Rosa. «O' venturoso poeta!»
Falla por fim o Aroma, «A essencia-prima
Dentre todas recolhe a mais discreta!»

E eu ri-me, então ouvindo, uma por uma,
As propostas de toda a gente áquella
— Gente invejosa e presumida, em summa.

Ingenuidade alvar! Porque mais bella
Prenda haverá que valha, e em si resuma
A côr, o voz, o aroma e o beijo d'Ella?!

Em resumo, o autor dos *Evangelhos* merece honrosa collocação entre os nossos poetas contemporaneos mais estimados.

COSIMO.

A' BEBITA

NO DIA 1º DO SEU PRIMEIRO ANNIVERSARIO

Bebita, minha afilhada,
Mando-te uma versalhada
Hoje que um anno completas...
Mamãe detesta as sextilhas ?
Pois não procure p'r'as filhas
Padrinhos que sejam poetas !

Tens um anno, um anno apenas ;
Inda te aquecem as pennas
Do teu melindroso ninho,
E a tua terra molleira
Só sonha co a mamadeira
E o *pince-nez* do dindinho !

De crescer não tenhas pressa :
Crescendo, só se tropeça
Na dor e no desengano .
Em tendo maior edade,
Verás que é felicidade
Contar apenas um anno !

*

Dês que a aurora incandescente
Hoje raiou no oriente,
Tenho pensado em que objecto
Hei de mandar-te, ó Bebita,
Como lembrança catita
Do meu entranhado affecto...

Uma boneca ? Inda é cedo;
Na tua edade um brinquedo,
Bebita, não vale nada.
Já tens carrinho e cadeira,
Pipo, chocalho e pulseira...
Mando-te uma versalhada !

Eu quiz — desejo insensato ! —
No *Album* dar o teu retrato
E o teu esboço biographico ;
Faria Dom Juan Gutierrez
Com todos os éfes e érres,
Um *bibelot* photographico...

Mas tenho medo que bramem,
Protestem, gritem, reclamem
Assignantes pouco amaveis,
Se a tua phototypia
Figurar na galeria
Entre pessoas notaveis

« Quem será esta criança ?
Pinta? Escreve? Canta ? Dansa ?
Faz sonetos ? Que faz ella ? »
« Meus senhores, não faz nada...
Só faz ser minha afilhada,
E como os anjos ser bella ! »

Paciencia, Bebita linda,
Não és sequer gente ainda.
Não tens, não podes ter fama.
Pesaroso me constranjo,
Porque o retrato de um anjo
Não está no nosso programma.

*

Mas como eu contára ufano
A tua vida de um anno
N'um estylo dos mais nobres !
O nascimento almejado,
E depois o baptisado
Em Santo Antonio dos Pobres !

Eu dissera a vez primeira
(Foi n'uma segunda-feira)
Em que um sorriso esboçaste,
E aquella manhan ridente
Em que o teu primeiro dente
N'outro sorriso mostraste.

E o dia em que, de sorpresa,
Sentadinha sobre a mesa,
Fazendo cara de choro,
Disseste *maman* ; e o dia...
Mas eu fiz-te a biographia,
Não ha que ver, meu thezouro !

Todo o biographo insuspeito,
Percebendo algum defeito,
O biographado não poupa ;
Direi, pois, que esta afilhada
Me prega muita mijada
De me inundar toda a roupa !

Se faz manha a pequenita,
Esperneia, chora, grita
Manhans ou tardes inteiras,
E, emquanto as queixas exhala,
Não ha, para socegal-a,
Maracás nem mamadeiras !

Minto. Eu deito-a no meu collo,
E, embalando-a, cantarolo
Um canto ultra-somnolento :
A tal *Senhora Sant'Anna*,
Musica wagneriana,
Que a faz dormir n'um momento.

*

Basta. Dei o meu recado...
Já me sinto fatigado...
E é caso dos mais perversos
Mandar a uma menina
Tão mimosa e pequenina
Duas columnas de versos.

A. A.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

III

(Continuação)

N'este instante, Carrero, o amigo de Lucio, acercou-se:

— Que tens, que te vejo pallido?

— Nada! Esta mulher quasi que me endoidece com as suas excentricidades!

— A mãe de Carmen?

— Ella mesma! Dize-me: tens certeza de que esta senhora é mãe de Carmen?

— Essa é boa! E' o que consta na sociedade e provavelmente na certidão de baptismo de Carmen. Porque me fazes essa pergunta extemporanea?...

— Porque... Escuta-me muito em segredo: na minha opinião, Dolores não póde ser mãe de Carmen.

— Estás doido?

— Não, não estou; essa mulher não póde ser mãe, porque não ha mãe que deteste os filhos.

— E ella?...

— Indigna, *coquette*, egoista, ha de perder a filha, porque d'ella vae afastando os rapazes honestos que a possam amar.

— Mas... queres saber de uma coisa?... Tu endoideceste?...

— Tudo quanto quizeres. Repara: estás vendo aquelle individuo, alto, ridiculo, de nariz adunco, que tem dansado com Carmen? — E' um testa de ferro, um par grotesco, antisocial, que Dolores *impinge* á pobre da filha.

— Porque?

— Porque Dolores quer sobresahir a Carmen. E' linda, bem conversada...

— Lá isso é!...

— E antes de se convencer de que é mãe, é *coquette*.

— N'esse caso, inveja a filha...

— Não invéja a filha, inveja os triumphos de Carmen.

— *Caramba!*... A' vista do que affirmas, Dolores não é mãe, nem mulher, é um monstro!

— Adivinhaste: um monstro!

E, travando de braço de Carrero, levou-o para fóra do salão. Approximaram-se do *buffet*, pequena sala modestamente mobiliada com peças de nogueira.

Ao centro estendiam-se por sobre uma mesa oval esses pequeninos artigos de confeitaria, trabalhados com massas e amendoas.

A' bandeja de prata, sobre a qual se erguia a torre da pastelaria, encimada por tres microscopicos pavilhões orientaes, fazia a côrte meia duzia de garrafas, umas de bojo largo como frades licenciados, outras de gargalo magro e alto como inglezes no desempenho de acto de summa gravidade.

Luziam as capsulas metallicas, marcadas em baixo relevo pela *etiquette* das fabricas.

O *chartreuse*, a *forster's bier* e o Porto-velho, religiosamente sujo e pragmaticamente poento, estavam alli, solemnes.

No meio d'esses filhos do fermento, apparecia, modesta, a garrafinha do *guindado*, a bebida caseira e preparada, com as fructas da *guinda*, por mãos das grandes sacerdotisas do *ménage*.

Lucio entrou com o amigo no *buffet*, e, com a rapidez do soffrego, examinou os recantos. A' luz diffusa sumia-se quasi na extremidade da saleta um velho, calvo, meio deitado n'uma poltrona, indolentemente abandonado á temperatura confortavel do damasco, e fumando compassadamente um *londres* aromatico.

O velho distrahia-se a deixar volitar, de par com as espiraes azuladas da fumaça, os seus retrogrados pensamentos politicos. Esse individuo não deu pela presença dos moços.

Então Lucio explicou a Carrero toda a conversa que tivera com Dolores. Depois, descansou a voz n'umas prolongadas reticencias, que o amigo aceitou como se fossem uma interrogativa.

— Bom! — principiou Carrero — sou franco e não me dou bem com meias palavras. *Pan pan y vino vino*. Queres saber a minha opinião sobre essa pequena comedia representada por ti e por Dolores?

— Dize.

— Ou essa mulher é doida, o que não creio, porque as manifestações da loucura não se assemelham ao que me contas, ou... procura um amante.

Lucio deu dous passos, como quem se queria retirar, assustado pelo que acabava de ouvir. Carrero, com gesto de intimidade, bateu-lhe no hombro:

— Queres um conselho? Queres casar com Carmen?

— São os meus desejos.

— Alto lá, meu caro, não falles tão alto. Lembra-te que alli está um velhote que nos póde denunciar. Que diabo! vocês não pódem apaixonar-se sem gritar para o mundo todas as exaltações, que lhes fervem no miolo!...

— Deixemo-nos de graças. Vamos saber: que conselho me dás para alcançar a mão de Carmen?

— Que te deixes conduzir pela de Dolores.

— Mas... se procura um amante, como pretender o amor da filha?

— Conserva-te como amante platonico; e, sem perder de vista Carmen, faze que não comprehendes a *coisa*... Afinal, ella mesma abandona-te, porque dirá comsigo: este homem é um imbecil; offereço-lhe o meu amor, offereço-me com toda a minha belleza... e é um idiota, não me comprehende ou contenta-se com um amor infantil, com o amor de Carmen... Provavelmente é o primeiro amor; tem enlevos; extasia-se, delira, exalta-se, enlouquece,

casa-se, com as mesmas crenças de um padre protestante. Rua com elle...

— Bravo, Carrero! se a divagação que terminaste se realizasse, era capaz de seguir os teus conselhos. Todavia, parecem-me um pouco exaltados?...

— Póde ser, bebi dous calices de *chartreuse* e este illustre representante, que veio ao sarão do coronel Blanco apresentar as suas credenciaes, delegado pela nobre classe dos bons licores, tem uma acção poderosa sobre o meu systema nervoso. Seja como for, abalanço-me a jurar segredo e a proteger-te. Lembra-te da phrase mestra: do sublime ao ridiculo só vae um passo.

— O sublime ..

— E' Carmen...

— O ridiculo..

— Tu me dirás quem é...

— Dolores.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Para as pessoas que se interessam pelo nosso theatro não é estranho o nome de Fernando Pinto de Almeida, autor de um bonito drama brasileiro, a *Lei de 28 de Setembro*, representado no theatro Lucinda por uma companhia dramatica de que foi emprezario o ex-actor Martins, e tambem autor de outro drama interessante, *Azas de Icaro*, que não viu a luz da rampa, mas foi publicado em livro.

Pois bem, Fernando de Almeida acaba de escrever uma grande peça intitulada a *Redempção de Tiradentes*, que não sei nem posso classificar em nenhum dos numerosos generos em que se divide e sub-divide a litteratura dramatica. Não é um melodrama alegorico, nem um drama historico, nem uma peça patriotica, nem uma magica, nem uma comedia politica, mas é tudo isso ao mesmo tempo. Trata-se de uma opulenta phantasia, uma revista não de anno mas de seculo, que começa no Campo de S. Domingos, no momento da execução de Tiradentes, atravessa todos os periodos historicos da nossa vida nacional, e termina com a proclamação da Republica.

O autor quiz demonstrar na sua obra que o novo regimem politico da nossa Patria foi o resultado logico e fatal de factos longamente amontoados, e é um erro dizer que o povo brasileiro assistio bestialisado á revolução de 15 de Novembro.

A peça é bem escripta e está feita com a habilidade que o nosso dramaturgo revelou nos seus dous primeiros trabalhos; presumo, entretanto, que, difficilmente poderá ser representada, á vista do numeroso pessoal que exige para a reproducção scenica de muitos personagens contemporaneos.

Debellada tal difficuldade, que é toda material mas muito importante, essa revista de seculo, pittoresca, original e patriotica, poderá fazer a fortuna da empreza theatral que a pozer em scena. Ha alli copioso regalo para espiritos, corações, olhos e ouvidos.

*

Além de uma *reprise* do sempiterno *Sarilho* no Recreio Dramatico, os nosos theatros nenhuma novidade deram durante a semana. Estão se reservando todos para depois do Carnaval.

X. Y. Z.

O *Album* recebeu as seguintes publicações: *Estudo clinico da placenta previa*, these inaugural, do illustrado Dr. Francisco Sodré, ex-interno de clinica obstetrica e gynecologica, ex-interno da 2ª cadeira de clinica cirurgica, ex-presidente do Gremio dos Internos dos Hospitaes, ex-redactor da *Revista* do mesmo Gremio; o *Barbeirinho de Sevilha*, opereta em tres actos, por Eduardo Garrido, adaptação da comedia de Sardou *Les premières armes de Figaro*, posta em musica por Abdon Milanez, representada com applauso no theatro Apollo, editada pelos Srs. Magalhães & Comp., e impressa n'um elegante volume pela casa Lombaerts; *Lições de historia geral*, escriptas com muito methodo e clareza por Annibal Mascarenhas, de accordo com o ultimo programma approvado pela Inspectoria de Instrucção Publica para os exames de historia, e editadas pelos Srs. Quaresma & Comp. (Livraria do Povo); *Exposição sobre o estado e necessidades do Jardim Botanico*, apresentada, em 12 de Junho de 1890, ao ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, por J. Barbosa Rodrigues, o illustre director d'aquelle estabelecimento.

Agradecemos.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 8 FEVEREIRO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

DR. JOAQUIM ABILIO BORGES	Luiz Murat.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. AD. A.	Osorio Duque Estrada.
ROMANTISMO	Arthur Azevedo.
CELESTE	Adelino Fontoura.
SERPE	Julio Cesar da Silva.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato de
ASSIS PACHECO
autor da opera MOEMA

DR. JOAQUIM ABILIO BORGES

O Dr. Joaquim Abilio Borges nasceu no dia 3 de Junho de 1860.

Desde os primeiros tempos da sua mocidade, a sua applicação ao estudo, a sua admiravel força de vontade indicavam n'elle o futuro educador, o homem illustre que é um dos benemeritos de sua terra e o continuador das glorias immorredouras de seu venerando pae — o Barão de Macahubas.

O Dr. Joaquim Abilio, depois de haver cursado notaveis collegios da Europa, terminou os seus preparatorios no antigo Collegio Abilio e matriculou-se na Academia de Direito de S. Paulo.

Alli não se deixou seduzir pela politica; o seu espirito conservou-se sempre alheio ás lutas das facções, ao attricto das opiniões partidarias, que, não raro, estiolam o caracter e embotam a intelligencia.

O seu espirito, affeiçoado á especialidade de que seu pae foi o mais ardente e o mais illustre dos apostolos no Brasil, desde logo se dirigio para um ideal mais nobre e mais vasto.

Pouco antes de formado, partio com o Barão de Macahubas para as republicas do Prata, por occasião do Congresso Pedagogico de Buenos-Aires, na qualidade de seu secretario.

Nomeado pelo governo para uma commissão nos Estados Unidos da America do Norte, em 1883, partio immediatamente em companhia de seu irmão Dr. Cesar Borges para aquella republica; percorreu as suas principaes cidades: — Whashington, New-York, Philadelphia, Baltimore, Boston e Chicago; estudou e comprou o material completo para o collegio recem-fundado, e a imprensa americana não lhe regateou elogios durante o tempo que lá esteve.

D'ahi para cá a vida do illustre educador tem sido uma serie ininterrompida de serviços prestados á sua patria.

Na Exposição Pedagogica de Paris foi o expositor brasileiro que obteve maior numero de elevadas recompensas: tres medalhas de ouro e duas de prata; com o Barão de Macahubas fundou cursos publicos gratuitos de leitura; por seu unico esforço creou a Associação Civica Nacional, da qual é presidente, distinguindo-se como orador nas magnificas festas populares que promove com o fito de desenvolver o patriotismo brasileiro; com seu irmão Dr. Cesar Borges deu todo o material preciso para a fundação do asylo Santa Isabel, da Associação Protectora da Infancia Desamparada; forneceu á Escola Normal, de que é director, livros, objectos e apparelhos de ensino, de graça; fez uma serie de conferencias pedagogicas e geographicas, e, ultimamente, quando partio para Ouro Preto, a assistir ás festas em honra á memoria do Barão de Macahubas, offereceu ás escolas publicas d'aquella capital para mais de 50.000 exemplares de diversas obras de ensino.

Membro do Conselho Director da Instrucção Publica, lente da Faculdade Livre de Direito, director do Curso annexo á mesma Faculdade, sempre sua palavra foi ouvida com a consideração que impõe o talento e o estudo.

Quando completou um anno de administração e direcção da Escola Normal, seus discipulos, crianças, moços e moças, que, com os do collegio Abilio, formam uma phalange de perto de mil educandos, fizeram-lhe a mais imponente manifestação a que se póde aspirar em vida.

Foi nessa occasião que o orador da Escola Normal, o Sr. Dr. Alfredo Gomes, disse:

« Coração, talento, actividade e zelo — eis o que pallidamente caracterisa a sua ainda curta mas fecunda administração.

....

« Honra ao Dr. Joaquim Abilio Borges, ao grande educador brasileiro, ao director da Escola Normal, que tem no peito de cada alumno um altar de gratidão, no espirito de cada educando um vasto preito de homenagem ás suas muitas luzes e ao seu grande talento ! »

*

Antigo condiscipulo do Dr. Joaquim Abilio Borges, e tendo acompanhado de perto o desenvolvimento progressivo das suas idéas, sou um dos poucos capazes de avaliar quanta somma de sacrificios e de estudos tem custado a sua carreira.

Dotado do mais puro coração, praticando a caridade por principio, quantas criancinhas, coitadas ! quantos orphãosinhos hoje estariam sem protecção e sem tecto, se não fosse a generosidade do moço illustre, duas vezes illustre, porque é raro encontrar n'uma mesma alma, substancialmente ligados, o talento mais fino e os sentimentos mais nobres.

Seu pae foi a bondade em pessoa ; o filho, continuando-lhe as glorias, soube tão bem inspirar-se nos seus exemplos, que hoje as duas naturezas se confundem n'um mesmo estuario de respeito e de veneração.

Um pertence á historia, e talvez as suas cinzas estremeçam de jubilo ao ver que o seu espirito revive nos mais insignificantes actos do seu continuador.

E' esta a unica immortalidade que admittimos.

Felizes os que conseguem perpetuar-se na sua descendencia !

E' exactamente pelas suas acções, isto é, pelo conjuncto das faculdades praticas postas ao serviço de uma idéa que se póde avaliar do merito de cada um.

« Pela historia e pela somma de vida que possuimos, estamos ligados áquelles que viveram ; por nossos actos, aos que nos sobrevivem. E' nisto que consistem a recompensa elevada dos mortos e a consolação suprema dos vivos. »

Eis ahi, pois, n'uma bella synthese, o que pensamos acerca da immortalidade.

Não póde haver nada mais profundo nem mais moral.

Homens como o Dr. Joaquim Abilio não vivem para si, vivem para os outros. A noção intuitiva desse principio, a faculdade de aprehender rapidamente toda a formula pratica desse apophtegma, dá a certos homens um cunho tal de imperecibilidade, que, quanto mais intensos são os golpes da calumnia e da inveja, mais elles crescem na opinião dos contemporaneos, e mais se accentuam na admiração dos posteros.

*

Como todo o homem que excede o nivel commum da humanidade, o Dr. Joaquim Abilio encontrou logo desaffectos e invejosos, que fizeram tudo para desdoirar-lhe o caracter, a honra e a intelligencia.

Ainda agora, com rara habilidade tem vibrado golpes terriveis, pelo *Jornal do Commercio*, contra reformadores mediocres e adversarios sem escrupulos. A principio pretenderam desmoralisal-o, como educador, fazendo do coração mais nobre que conhecemos, um covil de sentimentos baixos e indignos.

Para provar quanto valem as qualidades que exornam o coração do Dr. Joaquim Abilio, como educador, basta dizer que elle tem nos seus discipulos, desde a criança de cinco annos até os moços de desoito, os seus maiores amigos.

E' admiravel vel-o entre as suas crianças, como elle as chama.

Que alegria, que festa, que loucura, quando chega !

Procuram-no com os olhos, solicitam-lhe um olhar e abraçam-no contentes, n'uma algazarra endiabrada !

Os seus inimigos procuram feril-o.

A serpe da inveja, porém, não logra mordel-o.

Se porventura, e não seria esta a primeira vez que neste paiz se menoscabasse o merito e se espesinhasse a justiça, os seus serviços fossem esquecidos, e a calumnia conseguisse os seus fins, não faltariam quem lh'a fizesse, honrando-o com o seu apoio e a sua estima particulares.

Ardua é a sua tarefa, grande a sua responsabilidade, porque não ha nada mais difficil do que formar espiritos.

Porém, estamos certos, o Dr. Joaquim Abilio saberá vencer, vencer como todos que têm consciencia do seu valor, vencer como seu pae venceu. Para isso elle tem o seu exemplo, e a influencia dos seus ensinamentos. E' sob o dominio posthumo dos grandes mortos que se illustram os homens e prosperam os povos.

LUIZ MURAT.

CHRONICA FLUMINENSE

Deixem-me juntar a minha debil e não autorisada voz ao côro de elogios com que foi recebido o acto do Sr. Chefe de Policia, fazendo cessar o escandalo do Jardim Jogologico.

Não esmoreça Sua Exa. e faça guerra de morte a todos esses terriveis agentes de corrupção social, clubs de roleta, book-makers, bellodromos e cos-

moramas. Embirro com a profissão de moralista e não me apraz arvorar-me em tutor senão da minha propria pessoa, mas o jogo tem assumido nesta capital proporções tão assustadoras e tão vergonhosas, que é crime dispor de um periodico, embora obscuro, e não combater com toda a energia esse vicio deprimente e funesto.

Houve tempo em que me parecia que o jogo devia ser tolerado pela Policia, comtanto que o carregassem de pesados tributos, e nesse sentido muitas vezes escrevi; á vista, porém, do desenvolvimento que nestes ultimos tempos tem tido similhante vicio, á vista do impeto com que diariamente penetra em todas as classes, não poupando innocentes crianças analphabetas, penso que já não é caso de reprimil-o, mas de supprimil-o.

*

Bem sei que a suppressão do jogo é um trabalho de Hercules, mas sei tambem que a Policia, com o numerosissimo pessoal de que actualmente dispõe, conseguirá muita coisa, se quizer. O grande caso é deixar se de mal entendidas considerações, e não distinguir, n'um salão dourado ou n'uma espelunca infecta, o homem de posição e o pobre diabo. Somos todos eguaes perante a lei.

Comquanto nesta malfadada terra o jogo a pouco e pouco se tenha tornado uma profissão confessavel, não ha ahi sujeitinho, por mais cynico, por mais despejado, por mais corrompido pelo vicio, que não se envergonhe de ver o seu nome publicado pela Policia, n'uma lista de máos cidadãos, rebeldes aos bons costumes e á lei. Deixe-se a Policia de trapos quentes: sorprenda no officio a todos esses figurões que passam a vida a jogar, multe-os e publique-lhes os nomes todas as vezes que lhes deitar os gadanhos; exerça contra elles uma verdadeira perseguição, perseguição justissima do bem contra o mal, e diabos me levem se o jogo não for supprimido!

*

Infelizmente o povo brasileiro é refractario á verdade.

Para prova ahi têm os senhores a Companhia Frigorifica, benemerita empreza que nos presta tantos e tão reaes serviços.

O fluminense come com muito apettite o pato, a perdiz, o salmão, etc., que vêm da Nova Zelandia conservados em gelo; desde, porém, que lhe dão carne fresca, trazida do Rio da Prata pelo mesmissimo processo, elle revolta-se, grita, protesta, fazendo uma opposição tremenda a meia duzia de homens bem intencionados, que desejam arrancal-o á ganancia dos especuladores!

Porque então não se revolta o fluminense contra a carne secca, da mesma procedencia, e que é tambem conservada em sal? A que vem essa infeliz pilheria de chamar «Maria de Macedo» á carne da Frigorifica? E' isso apenas falta de piedade e respeito contra uma martyr digna de toda a compaixão humana, e injustiça contra uma empreza que só deveria ser hostilisada pelos aventureiros da fome.

*

O Carnaval...
Parce sepultis.

A.

NO ALBUM

DA EXMA. SRA. D. ADELAIDE AMOEDO

Quando eu era criança — inda a tenho lembrada! —
Contaram-me uma vez a phantasia louca
De um anjo que desceu da esphera constellada
Com estrellas no olhar e perolas na boca...
Esse anjo (o protector de todas as crianças)
Era um semeador festivo de esperanças!
E succedeu que um dia, enfastiado da vida,
— Da vida! — A historia vae ficar interrompida,
Porque eu preciso, emfim, fallar d'esta existencia
Com um pouco de rancor. Perdoe vossa exellencia,
Se a destraio um momento...)
A vida é um sorvedouro
Onde deixamos ir, como punhados de ouro,
Os sonhos... mas se acaso a phantasia aquece,
Se o espirito se alenta e a alma rejuvenesce,
Vem a contradicção em seguida: — morremos!

O album, minha senhora, é pouco mais ou menos
Como a vida: é a illusão de um mundo que desaba:
Quando a historia começa a pagina se acaba...

OSORIO DUQUE ESTRADA.

Rio, 11—8—92.

ROMANTISMO

I

— Então, Rodolpho, decididamente não te casas com a viuva Santos?

— Nem com ella, nem com outra qualquer. E peço-lhe, meu pae, que não insista sobre esse ponto, para poupar-me o desgosto de contrarial-o. O casamento assusta-me; é a destruição de todos os sonhos, o aniquilamento de todas as illusões. Deixe-me sonhar ainda. Tenho apenas vinte e cinco annos.

— Tu o que tens é uma carregação de romantismo e preguiça, que me aborrece devéras. O teu prazer, meu mariola, é andar envolvido em aventuras de novela, desencaminhando senhoras casa-

das, procurando amores mysteriosos e nocturnos, paixões de horas mortas, de chapéo desabado e capa. Olha que um dia vem a casa abaixo! Don Juan, quando menos pensava, lá se foi para as profundas do inferno!

— Entretanto, observou Rodolpho a sorrir, Don Juan tambem usava capa, e dizem que quem tem capa sempre escapa.

— Ri-te! ri-te! um dia has de chorar!

E o Dr. Sepulveda poz-se a medir com largos passos nervosos o assoalho do gabinete.

De repente estacou, sentou-se, e voltando-se para o filho:

— Que diabo! disse, a viuva Santos é uma das senhoras mais lindas que eu conheço! Não se diga que te estou mettendo á cara um estupor!

— Fosse a propria Venus!

— E' mais, muito mais, porque Venus não tinha duzentos contos de réis em predios e apolices!

— Ora, sou bastante rico, e o senhor, meu pae, não sabe o que ha de fazer do dinheiro. A sua banca de advogado rende-lhe uma fortuna todos os annos, e eu tenho a satisfacção de lhe lembrar que sou filho unico.

— A minha banca, maluco, ha muito tempo não rende o que rendia no tempo em que os cães andavam com linguiças no pescoço. O que te ficou por morte de tua mãe, e o que te posso dar ou deixar, é pouco para a tua dispendiosa vida de rapaz romantico, anachronico e serodio.

— Tenho ainda meu padrinho, o general.

— Pois sim! Teu padrinho é muito bom, sim senhor, muita festa p'ra festa, meu afilhado p'ra cá, meu afilhado p'ra lá, mas olha que daquella matta não sae coelho!

— E' extraordinario o interesse que o senhor toma por essa viuva Santos!

— Não é por ella, é por ti, pedaço d'asno! Vocês foram feitos um para o outro, acredita, e o que mais lhe agrada na tua pessoa é justamente esse feitio, que tens, de Antony de edição barata.

— Ella nunca me vio.

— Nunca te vio, mas conhece-te. Pois se eu não lhe fallo senão no meu Rodolpho! Levei-lhe a tua photographia, aquella maior... do Pacheco... aquella em que estás tão bonito, que até me pareces tua mãe.

— Que tolice! minha mãe com bigodes!

— Os bigodes não, mas os olhos, a boca, o nariz parecem tirados de uma cara e pregados na outra.

— Mas se o senhor lhe levou o meu retrato, por que não me trouxe o della?

— Disso me lembrei eu. Infelizmente nunca se photographou Se eu lhe apanhasse o retrato, oh! oh! mostrava-t'o, e estou certo que não resistirias!...

— O senhor mette-me medo! Para evitar uma asneira de minha parte, hei de fugir da viuva Santos como o diabo da cruz!

— Disseste que eu me interesso por ella; e quando me interessasse? Não é filha de um bom camarada, o Telles, que morou commigo quando eramos estudantes, e se formou em Olinda no mesmo dia que eu?—Não imaginas o prazer que tive quando recebi uma carta de Rosalina — ella chama-se Rosalina — dizendo-me: « Venha ver-me; quero conhecer um dos melhores amigos de meu pobre pae.»

— O pae é morto?

— Ha muitos annos. Morreu juiz municipal nas Alagoas. Deixou a mulher e os filhos na mais completa pobreza, mas os rapazes arranjaram-se no commercio, e lá estão, em Pernambuco, em companhia da mãe. A Rosalina, essa casou-se com um negociante daqui do Rio, o Santos, que a vio por acaso uma vez em que teve de ir a Pernambuco tratar de negocios.

O Dr. Sepulveda approximou a sua cadeira para mais perto da do filho, e continuou:

— Alguem disse que a viuva é como a casa que está para alugar: ha sempre lá dentro alguma coisa esquecida pelo antigo inquilino. Eu bem vejo, meu filho: o que te desgosta é esse Santos, esse marido, esse inquilino; pois não tens razão. O casamento de Rosalina foi obra dos irmãos — um casamento de conveniencia. A pobre rapariga sacrificou-se á felicidade dos seus. O coração entrou alli como Pilatos no Credo. Oito dias depois de casados, os noivos vieram para o Rio de Janeiro. Seis mezes depois, morreu o marido, mas antes disso teve a boa idéa de chamar um tabelião e fazer testamento em favor della. Offereço-te um coração virgem, meu rapaz; aceita-o, e com isso darás muito prazer a teu pae, e ao general, teu padrinho, que consultei a esse respeito, e é inteiramente da minha opinião.

Rodolpho ergueu-se, espreguiçou-se longamente, e disse, com os braços estendidos, e a bocca aberta n'um horroroso bocejo:

— Ora, meu pae, não fallemos mais nisso.

E não fallaram mais nisso.

O Dr. Sepulveda foi ter com o general, e contou-lhe a reluctancia do afilhado.

— Mas hei de teimar, seu compadre, hei de teimar!

— Não teime. Você não arranja nada. Aquelle que alli está não se casa nem á mão de Deus Padre.

— E' o que havemos de ver, seu compadre, é o que havemos de ver!...

II

Dous dias depois, Rodolpho sentia-se abalado pela insistencia paterna, e estava quasi lisposto a pedir ao Dr. Sepulveda que o apresentasse á viuva Santos, quando o correio urbano lhe trouxe uma carta concebida nos seguintes termos:

Rodolpho—Se não é um covarde, esteja amanhan, quinta-feira, ás 8 horas da noite, no largo da Lapa, junto do chafariz. Ahi encontrará uma senhora edosa, vestida de preto e com o rosto coberto por um véo. Faça o que ella lhe indicar. Trata-se da sua felicidade.»

DR. JOAQUIM ABILIO BORGES

A carta, escripta com lettra de mulher, em papel finissimo, não tinha assignatura, e exhalava um delicioso perfume aristocrata. Rodolpho leu-a, releu-a tres vezes, e guardou-a cuidadosamente. Ocioso é dizer que a viuva Santos varreu-se-lhe inteiramente da imaginação, excitada agora pelo mysterioso da aventura que lhe propunham.

Foi ao largo da Lapa. Por que não havia de ir? Poderia receiar uma cilada? Ora! no Rio de Janeiro não ha torres de Nesle nem Margaridas de Borgonha!

Já lá encontrou a velha, junto do chafariz. Ella, foi ao seu encontro, comprimentou-o, e, dirigindo-se a um *coupé* estacionado a alguns passos de distancia, abrio a portinhola e com um gesto convidou-o a entrar. Rodolpho não hesitou um segundo, entrou, a velha entrou tambem, e o *coupe* rodou em direcção ao Passeio Publico.

— Aonde vamos? perguntou elle.

A velha disse-lhe por gestos que era muda, e abaixou os *stores*.

Rodolpho conheceu que o carro entrou na rua das Marrecas, e dobrou a dos Barbonos; depois não poude saber ao certo se tomou a rua dos Arcos ou a do Riachuelo. As rodas moviam-se vertiginosamente. De vez em quando dobravam uma esquina. Dez minutos depois, o moço ignorava completamente se se achava em caminho de Botafogo ou de Villa-Isabel, da Tijuca ou do Sacco do Alferes. Quiz levantar um *store*. A velha oppoz-se com um gesto precipitado e energico. Elle cahio resignadamente no fundo do carro, e deixou-se levar. Ora adeus!

A viagem durou seguramente uma hora. Quando o *coupé* estacou, a velha ergueu-se, tirou um lenço da algibeira, e tapou os olhos do moço, que se deixou vendar humildemente, sem proferir uma palavra.

Ella ajudou-o a descer, e levou-o pela mão, sempre de olhos tapados, como Raul de Nangis nos *Huguenotes*.

Pelo cascalho que pisava e pelo aroma das flores que sentia, Rodolpho percebeu que estava n'um jardim, caminhando n'uma deliciosa alameda.

Depois de andar cinco minutos, guiado sempre pela mão encarquilhada da velha, esta murmurou baixinho: — Adeus, seja feliz! — e afastou-se. Ao mesmo tempo uma voz argentina, uma voz de mulher, que parecia vir do alto e soou musicalmente aos seus ouvidos, disse-lhe: — Desvenda-se, Rodolpho.

Elle arrancou o lenço dos olhos. Estava, effectivamente, n'um jardim, defronte de uma das partes lateraes de um bello predio moderno. A lua, illuminando suavemente aquelle magnifico scenario, batia de chofre na sacada em que se achava uma mulher vestida de branco e com os cabellos soltos.

— Onde estou eu? perguntou elle, e olhou para o horisonte, a ver se algum morro conhecido o orientava. Nada! — nos fundos da casa erguia-se, é verdade, um morro, mas tão proximo e tão alto, que, do logar em que se achava, o moço não lhe podia notar a configuração.

— Onde estou eu? repetio.

Por unica resposta a mulher de cabellos soltos deixou cahir uma escada de seda cuja extremidade ficou presa á sacada; e Rodolpho subio por ella com mais presteza do que o faria o proprio Romeu.

Ao entrar na alcova, fracamente illuminada pela meia luz de um bico de gaz, ficou deslumbradissimo. Estava diante de um prodigio de formosura! O pasmo embargou-lhe a voz; quiz soluçar um madrigal, e não teve uma palavra, uma syllaba, um som inarticulado!

— Amo-te, disse ella com uma voz que mais parecia um ciciar de brisa; amo-te muito, Rodolpho, e quero que tambem me ames.

— Oh! sim, sim... quem quer que sejas... eu amo-te, e. .

Uma gargalhada interrompeu-o. Era o Dr. Sepulveda que entrava na alcova e dava mais luz ao pico de gaz.

— Meu pae!

— Teu pae, sim, meu romantico. Era este o unico meio de te fazer cá vir. Ora aqui tens a viuva Santos. Agora recúa, se és homem!

O casamento ficou definitivamente tratado naquella mesma noite.

*

No dia seguinte o Dr. Sepulveda, nadando em jubilo, foi ter com o general e contou-lhe tudo.

— Então? não lhe dizia, seu compadre?

— Ora muito obrigado! respondeu o outro com a sua rude franqueza de velho militar; por esse processo você era capaz de casal o até com a Chica Polka!...

ARTHUR AZEVEDO.

CELESTE

E' tão divina a angelica apparencia
E a graça que illumina o rosto d'ella,
Que eu concebêra o typo da innocencia
N'essa criança immaculada e bella.

Peregrina do céo, pallida estrella,
Exilada da etherea transparencia,
Sua origem nem póde ser aquella
Da nossa triste e misera existencia.

Tem a celeste e ingenua formosura
E a luminosa aureola sacrosanta
De uma visão do céo, candida e pura;

E quando os olhos para o céo levanta,
Inundados de mystica doçura,
Nem parece mulher,—parece santa.

ADELINO FONTOURA.

Enviando-nos o soneto que abaixo publicamos, escreve-nos Julio Cesar da Silva : « Não repare nos alexandrinos aqui por S. Paulo já se não segue a rotina do hemistichio. Alexandrinos assim, com continuas variações de rithmo, parecem-me preferiveis a esses que por ahi se fazem. »

Ao joven poeta, que nos deu um livrinho tão formoso e tão promettedor como as *Estalactites*, pedimos com muito empenho que não se deixe levar pelas extravagancias e pela falsa independencia da litteratura das *brasseries* de Pariz. Os alexandrinos fazem-se como sempre se fizeram ou não se fazem. Uma legião inteira de poetas da Paulicéa, por mais argumentos que exponha, não nos convencerá nunca de que isto

Toda a maciez das suas costas de velludo

seja um verso !

Faça Julio Cesar da Silva versos como os das *Estalactites*, melhorando-os ainda, se for possivel, ou não os faça absolutamente. Quem não quer sujeitar-se a regras de metrificação, escreve prosa.

Eis o soneto :

SERPE

Ella me olhava, muda ; e eu, diante della, mudo,
Olhando de alto a baixo o seu corpo gracioso,
Comecei de apalpar, arripiado e baboso,
Toda a maciez das suas costas de velludo.

Sofrego, com volupia, o seu bafo cheiroso
Sorvi; beijei lhe os pés ; beijei-lhe as tranças, tudo :
As nadegas, a boca, o seio alvo e papudo,
Na suave enlevação espasmica do goso.

Mas findo o espasmo, ao separál-a do meu peito,
Ergui os olhos e fitei-a... oh, raiva ! oh, nojo !
Oh, sarcasmo brutal do goso satisfeito !

Eu vi, cheio de horror, quasi morto de abafo,
Em vez della, uma serpe a escabujar de rojo,
Cuja boca exhalava o mais fétido bafo !

JULIO CESAR DA SILVA.

(Dos *Sarcasmos*).

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

IV

N'isto, approximou-se o coronel Blanco, e investigou quem estava no *buffet*.

— A' mesa, amigos ! — disse, convidando, com gesto e palavra, a que Lucio e Carrero passassem para a sala de jantar, já ha muito ornada com aquelle primoroso *bouquet* de moças.

O piano, ainda se deixava ouvir de longe, mas tristemente, como se porventura o pianista maldissesse os pares retardatarios que preferiam dar mais trabalho ás pernas do que ás mandibulas.

Carmen approximou-se por vezes, calculadamente, de Lucio, sem pronunciar uma syllaba.

O moço não ousou dirigir-lhe uma phrase, d'essas que aguçam o espirito e que nos bailes são pronunciadas com o pretexto futil de conversar e com o fim premeditado de aprisionar a mulher querida. Faltaram-lhe voz e animo. Voz, porque o homem que ama, denuncia-se, trae-se involuntariamente; e elle, querendo fallar, sentio como que uma pesada mão de ferro, que lhe cerrava fortemente a larynge; animo, porque ainda lhe echoavam no ouvido as palavras de Carrero : « Para possuir Carmen, é necessario soffrer e supportar Dolores. »

Em todo o caso, depois de muito hesitar, Carrero, que de lado observava os movimentos estrategicos de Carmen e o extase que absorvia a imaginação do amigo, chegou-se a Lucio como quem procedia o mais naturalmente possivel.

— Olha que estás, vae não vae, a cahir do sublime ao ridiculo.

— Porque ?

— Porque estás calado de mais, e um rapaz de espirito e de talento precisa fallar, dizer alguma coisa.

— Se nada me occorre ?

— Mente, com mil demonios, mente ! Não percebeste que Carmen te observa, que já por junto de nós passou tres vezes ?

— Ah ! sim !... Quiz-lhe falar ; não pude.

— Lá vem ella ! Preparemo-nos...

Carmen com effeito passou. Lucio voltou o rosto, deteve-a com um olhar de supplica.

— Felicito-a !... — foi a phrase unica que poude pronunciar.

A moça passou sem responder. Entretanto, a cabeça oscillou-lhe.

Esse gesto era eloquente : equivalia a um *comprehendo*.

Como succede, de ordinario, a *soiree* terminou triste. Os pares estavam fatigados e os paes desesperados por se ver entre lençóes.

Lucio morava na cidade, no *centro*, para usar do termo uruguayo que indica a parte urbana mais dada ao commercio e ao transito.

Carrero despedio-se do amigo com estas palavras :

— A's tres horas na confeitaria Oriental. Preciso falar-te.

— Está dito !... Sabes que Dolores quasi me endoidece ! E' um enigma !

— Está muito longe d'isso ! E' que tu, apezar de quanto estudaste, de todo o teu talento, não tens perspicacia, nem conheces as mulheres, o bicho mulher, ente que te despreza e o amas e que põe o orgulho na primeira fila dos sentimentos.

— E's um despeitado !...

— E um experiente! Sou como o *roastbeef*, posso dizer que tal é o calor do forno.

— Assaram-te?...

— Pelaram-me!...

O coronel Herrera approximou-se com os seus passinhos miudos e bem contados.

— Vamo-nos, Lucio.

— Um momento, coronel!—murmurou Carrero, estendendo a mão, em signal de supplica. Estou a concluir a educação de Lucio.

— Sobre mulheres?...

— Adivinhou, sobre mulheres.

— E' uma lição que se resume em pouquissimas palavras: é um enigma.

— Qual enigma! A mulher é a moda. Veste-se como mandam os figurinos e pensa como lhe ensina a philosophia do seculo.

— E sente...

— Ah!... quanto a sentir... é difficil saber o que sente a mulher...

N'isto, Lucio deu o braço ao coronel Herrera e atirou como despedida esta phrase, que ainda foi ouvida de Carrero:

— Até amanhã, ás tres horas.

. . . . . .

A confeitaria Oriental, em Montevidéo, é o *rendez-vous* da *jeunesse dorée* e das pessoas que se querem dar ares de alto tom. A luva de pellica é, por assim dizer, o bilhete de entrada. Quem quer encontrar um amigo da mesma categoria, passa pelo estabelecimento e pergunta ao criado por tal ou tal pessoa.

— Já veio?

— Ainda não.

— Pois... dê-lhe esta carta.

Este curto dialogo é exhibido diariamente entre os mesmos criados e varios outros interpretes. Tratam-se alli negocios serios como futilidades.

Ao entrar no estabelecimento soffre-se uma decepção.

Busca-se uma confeitaria e encontra-se um verdadeiro restaurante. Propriamente, o que constitue a confeitaria é a peça do edificio, ao rez do chão, que enfrenta á rua e que expõe, n'uma vidraça, meia duzia de objectos da industria assucarina.

Na realidade, a confeitaria é um café e um restaurante.

No primeiro e segundo andar do edificio acha-se estabelecido o Hotel Central, e que dá immediatamente a parecer que o café e o hotel são de propriedade de individuos que nenhuma relação commercial entretêm.

A's tres horas, Carrero foi pontual.

Abrio a porta vidrada, e, sem se dar ao trabalho de entrar, passou a vista por sobre os raros grupos que murmurejavam entre o café e o coguac.

Havia por alli alguns amigos, mas não se trocavam palavras altas; o bom tom não quer nem admitte ruidos. Accionaram uns comprimentos verdadeiramente automaticos.

— Lucio?...

— Ainda não veio.

Esta pergunta, feita ao criado de costume, teve dupla resposta: outro entregou a Carrero um cartão de visita.

Lucio participava faltar ao *rendez-vous* porque fôra chamado ás pressas ao arrabalde *Paso del Molino*. Perigava a vida de uma respeitavel matrona. E o bilhete terminava: *ás sete horas*.

Carrero sahio; e como o ar picava a epiderme com impressão de agulhas feitas de gelo, sumio as mãos nos bolsos do sobretudo, e mordeu, meio contrariado, o *habano* que fumava.

Aonde ir? Onde matar o tempo, elle, um desoccupado?

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Sabe-se, por telegramma, que *Faalstaff*, a nova opera do divino Verdi, agradou extraordinariamente no Scala, de Milão. Toda a imprensa européa tece-lhe enthusiasticos elogios, e alguns criticos affirmam que essa é a melhor opera do grande compositor do *Rigoletto* e do *Othelo*.

Verdi foi agraciado pelo rei da Italia com o titulo de marquez de Busseto. Para a arte, para o mundo, para a immortalidade, elle será sempre Verdi...

*

Melhor fôra que aquella boa gente do Polytheama não se tivesse lembrado de cantar a *Moema*, de Assis Pacheco. A opera foi completamente sacrificada pela pessima execução artistica, e por ter sido «atirada p'r'ahi» em sabbado de Carnaval. Foi uma desgraça!

A *Gazeta de Noticias* analysou a *Moema* n'um bello artigo de um dos jornalistas brasileiros mais competentes em assumptos musicaes. Pedimos a Alfredo Camarati permissão para transcrevel-o nestas columnas:

« Estamos hoje diante de um grande talento musical, mas que assentou arraiaes no campo dos *irregulares*.

Na *Moema*, na *Cleopatra*, em todas as partituras do Dr. Assis Pacheco, vê-se, a todo momento, lampejos de genio e escorregadelas de principiante!

A sua illustração litteraria é desenvolvida e a sua instrucção musical rudimentar é limitadissima.

Começou pelo fim, impellido por esse bafejo occulto, inexplicavel, divino — a inspiração, e, como ella nos visite rapida e mopinadamente, com todos os caprichos de uma diva phantasista, Assis Pacheco não arrumou a sala para a receber; abrio

lhe os braços, lisonjeado por tal visita, sem se lembrar que não estava em trajes apropriados para fazer as honras a tão fidalga dama.

E a inspiração continuou a visital-o, a despejar a munificente cornucopia dos seus dons, e com tal prodigalidade e larguesa, que o nosso maestro malbarata idéas sobre idéas, espalhando-as em demasia pelas suas partituras, despendendo talento, como um nababo, ou antes, como um prodigo despende os bens da fortuna.

Quando Assis Pacheco escreveu as suas primeiras composições, ainda, entre nós, Wagner era quasi que ignorado; soffria da mesma desconsideração que por longos annos soffrêra em França. No Brasil passava por um illustre desconhecido e, entretanto, as primeiras composições de Pacheco, que de Wagner só conhecia o nome, já ostentam o modo de harmonisar do maestro de Bayreuth: o que, para reforçar a doutrina que sempre pregámos, prova, até certo ponto, que a evolução wagneriana não era a resultante de uma individualidade, mas da collaboração, embora inconsciente, dos maestros mais avançados do nosso tempo.

A *Moema* foi cantada pela primeira vez em S. Paulo no anno de 1890, antes de Mascagni apparecer com a sua popular *Cavallaria Rusticana*. Pois bem, na partitura do maestro brasileiro, divisam-se já essas formulas, boas ou más, do festejado compositor italiano, formulas que nem sempre são dignas de elogios, mas que em todo o caso têm o seu valor e prestigio, porque dominaram e impressionaram as mais cultas platéas do mundo. Portanto, Assis Pacheco, como todos os talentos privilegiados, adivinhou as transformações do gosto musical, movido por esse instincto secreto que, a todos os momentos, vemos reproduzir-se nos homens superiores.

Com o seu caracter revolucionario, Assis Pacheco fez uma arte musical absolutamente sua; pondo de lado todos os preceitos de escola, todos os torniquetes da alta sciencia de composição, escreve para as vozes e para os instrumentos, seguindo apenas as lições da propria pratica, porque asseveramos, como testemunhas de vista, que Assis Pacheco imagina, harmonisa e instrumenta as suas composições, sem auxilio de mestres nem de amigos e companheiros de arte.

A *Moema*, que ouvimos hontem, não se analysa pelo valor absoluto da partitura, mas pela prodigalidade de idéas, pela frescura da inspiração, pela maneira estranha e especial por que está harmonisada e, sobretudo, pelas promessas de um maestro futuro de grande folego e que, com um ou dous annos de disciplina artistica, fará fallar de si, não só no Brasil, como em todo o mundo culto.

E' por este lado que devemos apreciar o grande talento de Assis Pacheco, e não pelos erros da sua ortographia musical, nem pela excentricidade das suas modulações. Para a primeira culpa, bastam alguns mezes de penitencia n'uma aula de rudimentos; para a segunda qualidade é deixal-o na sua excentricidade, que é por caminhos novos que actualmente se póde chegar á celebridade.

Não é facil dizer qual foi a impressão sincera que teve o nosso publico diante d'esta partitura; para nós, as primeiras scenas são de extraordinario encanto e toda a opera apresenta-nos effeitos, que são unica e exclusivamente do joven maestro.

A *Moema* não deve ser julgada senão como promettedor prenuncio de um grande compositor, que enceta a sua carreira artistica, possuindo, á farta, a mais rara e apreciada das qualidades e que muitas vezes falta mesmo aos grandes mestres — a individualidade.

Curvemo-nos diante d'este sublime ignorante! »

A esse artigo, tão criterioso e completo, não nos é dado accrescentar mais nada.

*

No Sant'Anna fez-se uma *reprise* da *Rosa de diamantes*, magica arranjada pelo actor Primo da Costa, e que foi o ultimo ou o penultimo *successo* da companhia Heller.

*

Estreiou-se no Recreio Dramatico a companhia de zarzuelas de D. Manoel Ballesteros, representando a *Tempestade*, de Chapi. No proximo numero fallaremos.

X. Y. Z.

Recebemos um exemplar da monographia ha dias publicada pelo distincto e sympathico gynecologista **Dr. Rodrigues dos Santos** sob o seguinte titulo interrogativo *Scientificamente é possivel a esterelisação da mulher?* O autor conclue pela negativa, e nós concordamos com o autor, a despeito de todos os Abeis Parentes passados, presentes e futuros.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

Temos recebido muitas reclamações concernentes á má distribuição do *Album*, e estamos envidando todos os esforços para que cessem taes irregularidades.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 9

FEVEREIRO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 28$000 e 13$000. - Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

ASSIS PACHECO	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
PAIZAGEM	Francisca Julia da Silva.
O INCULCADOR	Lucio de Mendonça.
QUESTÃO DE HONRA	Arthur Azevedo.
MAGDÁ	Luiz Cassiano, junior.
CARTA DE UMA ESTRELLA	Arthur Mendes.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato do
DR. ISIDORO MARTINS JUNIOR

ASSIS PACHECO

Francisco de Assis Pacheco tem vinte e oito annos; nasceu em S. Paulo, na cidade de Itú, aos 8 de Janeiro de 1865.

Filho de uma familia muito distincta, recebeu educação esmerada, e em 1887 formou-se em sciencias juridicas pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

Logo depois de formado, em 1888, estabeleceu-se como advogado na cidade de Santos; mas n'esse mesmo anno foi nomeado procurador fiscal da Fazenda Geral, cargo que deixou em 1890 para exercer o de promotor publico da capital de S. Paulo.

Durante muito pouco tempo vestio Assis Pacheco a beca da Justiça; a sua indole e o seu temperamento deviavam-no da magistratura e levavam-no para o cultivo consolador da musica e das lettras.

Ainda estudante, em 1887, elle publicára um volume de poesias, *Vespertinas*, que lhe valeu alguns encomios.

Antes e depois d'essa obscura tentativa litteraria, collaborára assiduamente no *Jornal da Tarde*, de S. Paulo, no velho *Correio Paulistano*, no *Correio de Santos* e no *Diario de Santos*.

Fundou a *Quinzena Paulista* com Emiliano Perneta, e o *Braz Cubas* com Marinho de Andrade, Severiano de Rezende, Mario de Alencar e outros.

Entretanto, preparava o libretto e a partitura da sua opera em 1 acto, *Moema*, que foi cantada em 1889, no theatro S. José, de S. Paulo, por uma companhia italiana muito regular, de que era emprezaria a Casa Apollo.

Depois de uma viagem ao Rio da Prata, Assis Pacheco veio em 1891 para esta capital, onde durante algum tempo fez parte da redacção da *Cidade do Rio*.

No anno seguinte escreveu a musica saltitante da revista de anno o *Tribofe*, e um poema symphonico, *Romeu e Julieta*, muito gabado pelos entendidos. Escreveu egualmente um bello quartetto para cordas intitulado *Plainte*, muitos romances sem palavras, nocturnos, etc., composições essas que se acham ineditas, porque na capital dos Estados Unidos do Brasil só se editam musicas que façam dansar.

Ultimamente a empreza da companhia lyrica Sanzone, que funccionava no Polytheama, offereceu-se para representar a *Moema*. O nosso *maestrino* aceitou jubiloso o offerecimento, e a opera entrou em ensaios.

Sobrevieram todas as contrariedades possiveis; o regente da orchestra, a prima-dona e o barytono despediram-se da companhia, e foram pessimamente substituidos. Mal ensaiada, mal comprehendida pela orchestra, pelos artistas e pelos proprios coristas, a pobre opera foi muito mal desempenhada, uma unica vez, quasi de sorpresa, no sabbado de carnaval, para um publico de carnavalescos! Ainda assim, houve na platéa quem lhe admirasse as bellezas, e fizesse justiça ao autor. Para prova, ahi está o bello e sincero artigo de Alfredo Camarati, transcripto no ultimo numero do *Album*.

As contrariedades de que foi victima o autor da *Moema* levaram-nos a publicar-lhe o retrato, contribuindo para consolal-o na proporção dos nossos recursos, e com os elementos de que dispomos. Não

se esmaga assim um talento, não se destróe assim uma esperança artistica em paiz de tão raros artistas, não se corta assim o vôo de uma aguia!

O que vale é que Assis Pacheco tem uma alma estoica, e não desanima: elle trabalha actualmente n'outra opera, *Cleopatra*, e fal-o com tanto enthusiasmo como se o engrinaldassem todos os louros da victoria!

O autor da *Moema* espera partir brevemente para Europa, afim de aperfeiçoar-se no estudo da musica; para isso conta, creio eu, com uma subvenção do seu Estado natal. Se assim for, irá pela primeira vez aprender, — sim, porque esse moço, que compoz e instrumentou uma opera representavel, com uma prodigiosa intuição dos processos wagnerianos, nunca teve um mestre de musica! Adivinhou o que sabe!

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

A menos que eu transgrida a primeira clausula do programma do *Album*, que é não metter o bedelho na politica, não me é possivel dar hoje chronica.

Durante a semana inteira só se fallou de politica. O Rio Grande do Sul occupou todas as attenções e todos os espiritos, e a opinião publica esperou anciosa, e em vão, o desfecho da luta entre castilhistas e federalistas.

Entretanto, eu prefiro escrever uma chronica pouco interessante, e mesmo não escrever nenhuma, a violar a clausula mais benemerita e mais salutar do programma do *Album*. Que os rio-grandenses se assassinem todos uns aos outros, e não fique nem um para remedio: o chronista fará de conta que de nada sabe, lamentando apenas que os brasileiros não reservemos as explosões dos nossos odios e das nossas valentias para quando tivermos de ajustar contas com estranhos. Não ha nada mais estupido que uma guerra civil.

Se o Sr. Castilhos fosse verdadeiramente amigo do seu paiz, ha muito tempo ter-se-ia retirado do Rio Grande do Sul, sacrificando á tranquilidade publica os seus caprichos e ambições. O Sr. Castilhos é o causador de tudo. Quando esse cidadão é governador, ha barulho; quando deixa de ser, ha barulho; quando volta a ser, ha barulho. O melhor que elle podia fazer em beneficio geral era deixar de ser, com a declaração formal e categorica de que não queria tornar a ser.

*

Notem os leitores que essa pequena observação nada tem de politica; eu não sei bem o que desejam os castilhistas nem os federalistas; se me perguntassem qual dos dous partidos tem razão, ver-me-ia bastante embaraçado para responder. Não sacrifico ao Rio Grande do Sul a minha deliciosa indifferença pela politica.

Trata-se de uma questão de simples bom senso. Se eu reconhecesse que a minha presença n'uma casa era motivo de perturbação e discordia, immediatamente agarrava o chapéo e punha-me no andar da rua, muito satisfeito por haver com esse acto promovido a tranquilidade alheia.

Grande virtude n'um homem é saber retirar-se a tempo.

Se o Sr. Castilhos dissesse aos rio-grandenses: « Se é para bem de todos... vou-me embora », e sahisse do Rio Grande, seria caso para carregal-o em charola e offerecer-lhe o retrato á oleo.

Accresce que na gloriosa terra de Bento Gonçalves o Sr. Castilhos arrisca-se a que de um momento para outro o mandem para o outro mundo, como a tantos tem lá succedido. E — ora adeus! — a vida é uma bella coisa paga quem é moço e tem talento como o governador do Rio Grande do Sul.

*

Não me faltam motivos para aborrecer a existencia, mas podesse eu viver tanto como aquella Maria dos Gatos, que morreu ha dias em Ouro-Preto, com 136 primaveras!

Diz um telegramma, publicado pelo *Paiz*, que essa interessante macrobia conheceu Tiradentes, e teve até a honra de ser operada pelo boticão do famoso dentista republicano. Quero crer que com Maria dos Gatos desapparecesse a ultima freguezia de Tiradentes.

Essa velhinha faz-me lembrar outra, tambem mineira, que encontrei ha uns oito annos, no Asylo da Conceição, á rua do General Camara, quando um dia me levaram a visitar esse piedoso estabelecimento de que ninguem falla. Ella disse-me que se

lembrava perfeitamente de ter visto a cabeça de Tiradentes n'um páo, exposta ao povo para escarmento dos que sonhassem com a Liberdade.

A.

PAIZAGEM

Dorme sob o silencio o parque. Com descanso
Aos haustos, aspirando o finissimo extracto
Que evapora a verdura e que deleita o olfato,
Pelas alas sem fim das arvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstracto
Em scismas, tristemente, um alvissimo ganço
Escorrega de manso, esc rrega de manso
Pelo claro crystal do limpido regato.

Nenhuma ave siquer, sobre a macia alfombra,
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechan sob a nocturna sombra.

E emquanto o ganço vae, abstracto em scismas, pelas
Selvas a dentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céo camandulas de estrellas.

Francisca Julia da Silva.

O INCULCADOR

Ao corpo de bombeiros, gloria nacional, podemos affoutamente accrescentar as corridas de cavallos, como outra flor de nossa civilisação.

Já as temos mais interessantes do que muita nação estrangeira emproada. Do que Portugal, nem fallemos: quem leu o episodio das corridas do hippodromo de Belem nos *Maias*, fica tendo pena da simplicidade primitiva dos nossos *irmãos d'além-mar* neste genero de *sport*. Vêr o Carlos da Maia apostar com Deus e todo o mundo — até com a legação da Finlandia — e n'uma *tacada* fabulosa, de um *azar* perfeitamente inedito e imprevisto, ganhar, p r junto, doze libras! é para matar de dó! doze libras ganha aqui a brincar qualquer amador mediocre e jogando em favorito.

Mas não venho conversar acerca das nossas corridas de cavallos em geral, senão especialmente de um typo que ellas produzem e que entre nós tem physionomia propria: — o inculcador.

O inculcador é o sujeito que dá palpites a troco de qualquer pecunia; todo preço lhe convem, porque tambem vende de tudo, desde a informação virgem, colhida na fonte pura dos proprios *jockeys* do pareo, ou do proprietario em pessoa, até a inculca mentirosa, inventada de momento, sem inspiração nem bom-senso.

Nas corridas francezas de Longchamps e Chantilly ha o vendedor de palpites, mas ha-o francamente exposto á procura, com o serviço taxado, meia duzia de soldos. Nenhum amador que se prese lhe compra a mercadoria, que a ingenua publicidade desacredita.

Cá o nosso é mais fino. Chega a gente ao ensilhamento e está a ver e a medir as probabilidades do jogo, o peso, o jockey, a distancia, a resistencia e a edade dos animaes, o estado da raia, as predilecções da casa das *poules*, as informações dos cotejos, os vagos palpites dos entendidos e até dos papalvos que tomam ares de entender, quando, d'improviso, ouve ao hombro direito, uma vozinha respeitosa e discreta que lhe murmura:

— *Seu* doutor, todo o jogo no *Médon*!

Volta-se a cabeça e dá-se com uma figura heteroclita de bom rapaz e de gatuno, de olho terno, collarinhos sujos, gravata mirabolante, sapatos cambados, grossa corrente de *plaqué* sobre um collete que foi de fustão e é de diabo; e se, como é inevitavel, se lhe oppõe a minima duvida, uma sombra de hesitação e de receio, então é que é ouvir protéstos:

— Pela felicidade de sua familia, *seu* doutor!

— Homem!...

— 'Posso jurar pelo que ha de mais sagrado: pela salvação de minh'alma!

— Que diabo! isso é o menos! De quem ouvio você essa historia?

Vem então um esboço biographico em duas palavras. O inculcador é, em regra, um antigo empregado de coudelaria, relacionado com todos os jockeys; alguns têm o *chic* de ser inimigos d'este ou d'aquelle proprietario, cujos *tribofes* revelam— para os ensinar!

Se, afinal, um homem lhe dá ouvidos, o inculcador indaga logo solicito:

— Então, quantos cheques?

— Cheques?! não; compro umas duas *poules*.

— Nem diga isso, *seu* doutor! n'um cavallão destes! Jogue tudo! Olhe, espere aqui mesmo um instantinho, que eu vou me affirmar; não saia d'aqui; é um momento!

E esgueira-se por entre os grupos, e d'ahi a nada volta com o olhinho sonso, como quem não quer patentear a mina á curiosidade dos circumstantes, e mais perto do nosso hombro e com a voz ainda mais recatada e convincente:

— Vá tudo no *Médon!* não ha castigo!

— Então acha...

— Tudo que tiver no bolso, senão ha de se arrepender! E, lendo-nos nos olhos a convicção que nos entrou, — Quantos cheques?

— Está bem; dous cheques, compro dous cheques.

— E' pouco, homem! só se não tem mais dinheiro. E' pareo de se jogar a vida!

— Vou comprar tres cheques, está acabado: tambem, nem mais vintem!

— Então, escute, compre em separado duas *poules*: uma para mim, outra para o *jockey*.

E acompanha-nos á ilharga até que lhe mettemos nas unhas as duas *poules*. Ás vezes ainda se ganha.

O curioso é quando, mais esperto que o velhaco, se consegue acompanhal-o sem ser visto e vel-o atracar-se a outro contribuinte. Este agora é um massiço e desabusado burguez, que com certeza não se deixa engodar pelo meliante. Pois sim!

— *Seu* commendador, já jogou?

O homem olha por cima do hombro e nem responde ao valdevinos

— Se ainda não jogou, compre forte em *Melodia*, que é certo! é dinheiro no banco!

— Qual certo, nem qual banco! Este parceo é do *Médon*.

— Quem lhe disse a v. exc., *seu* commendador?! *Médon* não é máo, mas — abaixando muito a voz — o *jockey* está de dentro. O joguinho está feito para *Melodia*. Vá tudo na egua, que não se arrependerá!

— Acha então que é sem perigo?

— Seu *commendador*, v. exc. compre quatro cheques, e me dê duas poules, que uma é para mim e outra para o jockey, a quem prometti. Ou jogue o que quizer; mas quanto mais, melhor!

Pas plus malin que ça. Toda a arte do inculcador cifra-se nisto: raro é o parceo em que a victoria não está para dous ou, quando muito, tres animaes; indica a freguezes differentes cada um dos tres nomes; qualquer delles que ganhe deixa-lhe boa gorgeta; e joga pela certa, sem outro risco além de alguma descompostura, de uma bengalada, na peior hypothese.

Mais custa a outros a ganhar a vida

LUCIO DE MENDONÇA.

QUESTÃO DE HONRA

Eram sete horas da manhã. Braga Lopes, sentado n'uma deliciosa *chaise longue*, brunia as unhas e contemplava, pela janela do gabinete, o Pão de Assucar, que, por um bello effeito de luz, parecia de madreperola.

Angelica entrou no gabinete, e bateu de leve no hombro do marido.

— Preciso de quinhentos mil réis.

— Já?

— Já.

Por unica resposta, Braga Lopes apontou para uma carta aberta sobre a secretária de páo-rosa.

Angelica leu: o senhorio reclamava, em termos violentos, não sei quantos mezes atrazados do aluguel do predio nobre.

A moça encolheu os hombros, sahio arrebatadamente e mandou atrelar.

Fez ligeira mas elegante *toilette* de passeio, e, calçando as luvas de pelle da Suecia; recommendou ao engravatado copeiro que não a esperasse para almoçar.

O marido ouvio rodar o *coupé* e chegou á janela. Acompanhou com a vista o trajecto do carro em quasi toda a curva da praia de Botafogo, até que o vio desapparecer na rua Marquez de Abrantes.

— Aonde irá ella arranjar quinhentos mil réis a estas horas? pensou, e, sentando-se de novo, recomeçou a sua occupação predilecta — brunir as unhas.

*

Ao entrar no *coupé*, Angelica disse ra ao boleeiro:

— Vamos á baroneza.

A baroneza estava ainda no leito. Angelica foi introduzida no dormitorio.

— Preciso de quinhentos mil réis.

— Já?

— Já.

— Impossivel, minha amiga; o barão está em Petropolis.

— Petropolis em junho!

— Foi a negocio e não a passeio. O dinheiro está com elle, bem sabes. Sinto não te poder servir neste momento, como n'outras occasiões o tenho feito. Não é a primeira vez que tu...

— Bem.. desculpe... adeus, baroneza.

Angelica a sahir e o barão a entrar.

— Oh, madame Braga Lopes! a que feliz acaso devemos tão matinal visita?

— Não tinha ido para Petropolis, barão?

— Petropolis em junho! *Jamais de la vie!* Seria ridiculo! Sahi muito cedo por necessidade e só contava estar de volta ao meio-dia. Esteve com a baroneza?

— Sim, Sr. barão; passe bem.

E Angelica, mordendo os beiços de raiva, entrou rapidamente no *coupé*, cuja portinhola o barão abrio pressuroso com a mão esquerda, emquanto a direita fazia o chapéo descrever uma pequena recta, muito graciosa, á ingleza.

O boleeiro voltou-se para receber as ordens da patroa.

— Vamos ás Guedes.

O barão fechou a portinhola, e o carro poz-se em movimento.

*

As Guedes eram tres irmãs solteironas. Moravam na rua do Conde, perto de Catumby.

Angelica esperou por ellas durante quarenta minutos. Empregou todo esse tempo a passeiar de um lado para outro, muito contrariada por se ver alli, n'uma rua tão burgueza, naquella velha sala sem tapeçarias, nem reposteiros, nem *bibelots*, fastidiosa com a sua esmagadora mobilia de jacarandá e os

ASSIS PACHECO

seus venerandos castiçaes de prata resguardados em monstruosas mangas de vidro.

N'uma velhissima tela o pae das Guedes, pintado a oleo, muito serio, inteiramente barbeado, de oculos, o pescoço escondido n'uma abundante gravata de cinco voltas, as mangas da casaca muito apertadas, as mãos a emergirem das rendas dos manguitos, olhava fixamente para Angelica, e parecia dizer-lhe :

— Que vens aqui fazer? Não arranjas nada !

Afinal appareceram as Guedes. Entraram as tres ao mesmo tempo, com pequeninos gritos de sorpresa alegre, fazendo um gasto enorme de beijos, abraços, pancadinhas de amor e phrases candongueiras : Mas que milagre é este ? Por isso é que o dia está tão bonito ! Vou mandar repicar os sinos ! etc.

— Sente-se, Dona Angelica.

— Não; a demora é pequena. Vinha pedir-lhes um grande obsequio. Preciso de quinhentos mil réis.

As Guedes entreolharam-se estupefactas.

A recusa foi categorica e formal. Não podiam naquella occasião dispor nem de quinhentos réis, quanto mais de quinhentos mil réis. A « pouca vergonha » de 13 de Maio deixara-as quasi na miseria. Se não possuissem aquella « humilde choupana » e mais dous sobrados na rua dos Pescadores, estariam reduzidas á miseria.

Angelica sahio despeitadissima ; entretanto, não desanimou. O passivo e solicito cocheiro levou-a ainda á presença de seis amigas ricas, e todas lhe disseram não ! Em toda parte a misera encontrava esse monosyllabo terrivel !

*

Ao meio-dia, humilhada, indisposta, em jejum, com os nervos excitados por aquella violenta caçada, por aquelle perseguir uma quantia miseravel, que lhe fugia das mãos obstinadamente, a pobre Angelica teve um gesto expressivo e supremo de resolução e coragem.

Alguns minutos depois, o *coupé* deixava-a no largo de S. Francisco. Ella tomou a pé a rua do Rosario, atravessou a da Quitanda, entrou na da Alfandega, e, sobresaltada, palpitante, com muito medo de que a vissem, entrou precipitadamente n'um casarão de dous andares.

No corredor hesitou alguns segundos antes de subir; mas, enchendo-se de animo, galgou ligeiramente as escadas até o segundo andar. Abriram-lhe logo a porta, e ella, tremula, offegante, com as mãos muito frias, sem poder proferir uma palavra, cahio nos braços de um homem, que a recebeu com um beijo, e lhe disse :

— Estava escripto que mais dia menos dia a senhora se compadeceria dos meus tormentos...

— O que me traz á sua casa é uma questão de honra ; conto com a sua discrição e o seu cavalheirismo. Preciso de...

Angelica envergonhou-se de se vender por tão pouco, e quadruplicou a quantia :

— Preciso de dous contos de réis.

— Já ?

— Já.

*

O relogio da Candelaria batia duas horas quando madame Braga Lopes, perfeitamente almoçada, desceu as escadas da casa da rua da Alfandega.

Póde ser que o arrependimento apparecesse mais tarde ; naquella occasião ella era toda satisfação e triumpho.

A gentil peccadora entrou radiante na rua do Ouvidor, e foi ter ao Palais-Royal.

— Ainda ahi está ? perguntou a um dos caixeiros da loja, com receio de que mais uma vez lhe dissessem não.

— Ainda, e ás suas ordens.

— Bom, accrescentou ella, depois de um prolongado suspiro ; aqui estão os quinhentos mil réis. Mande-m'o á casa.

*

— Com effeito ! exclamou Braga Lopes quando Angelica lhe appareceu ás tres horas. Com effeito ! passaste o dia inteiro na rua !...

— Sim, vê lá se achas que uma mulher, que só tem brilhantes falsos e joias de pechisbeque, possa facilmente arranjar quinhentos mil réis...

— Mas para que precisavas tu d'esse dinheiro ? perguntou indifferentemente o extraordinario marido.

— Uma questão de honra, meu amigo. Imagina que me apaixonei por um vestido que vi hontem na *vitrine* do Palais-Royal ; imagina que a Laurita Lobo queria por força ficar com elle ; imagina que o dono da loja declarou que o entregaria á primeira das duas que lhe levasse quinhentos mil réis !...

— Ah ! bom ! assim, sim, obtemperou Braga Lopes, que recomeçou fleugmaticamente a sua occupação predilecta — brunir as unhas.

ARTHUR AZEVEDO.

CARTA DE UMA ESTRELLA

« Querida Angelica :

Ah ! se me lembro d'aquellas lagrimas tão claras que saltavam como perolas de dentro dos teus olhos negros e escorriam ligeiramente pelas tuas faces alvas, abatidas das noites de vigilia que passaste ao meu lado, á minha cabeceira, enfiando de quando em quando, n'um afago doce e sincero, esses teus dedos brancos pelos meus cabellos atourados, sorrindo sempre e sempre a me dizeres : Não morrerás,

não morrerás !... Ah ! se me lembro, minha doce irman !

Mas foi baldada toda a dedicação da tua alma ; todas as supplicas do teu coração foram inuteis para que me fosse mister continuar por esse mundo, descuidada e feliz em tua companhia, ouvindo o galanteio dos homens e vendo por entre elles passar todos os dias o meu predilecto, com o olhar muito fito nos sorrisos que os meus labios lhe mandavam, sorrisos que se transformaram todos nesta luz que hoje esparzo cá de cima, de um cantinho azul do firmamento, por sobre sua cabeça, á luz dos olhos seus volvidos, n'um explicavel esquecimento, para outros sorrisos, illudidos talvez como os meus o foram.

Ouve agora o que foi a minha viagem, desde o momento em que os meus olhos se cerraram e tanta gente se acercou de meu leito, todos contristados, ensopando os lenços brancos no pranto que lhes enchia os olhos; em que tu, minha Angelica, de momento a momento encostavas os teus labios tremulos na minha face enregelada e alli os deixavas por longo tempo n'um longo beijo.

Escuta, pois:

Não te recordas, talvez, tal a saudade que n'aquella hora te pungia, das flores de que cobriram o meu vestido branco, do diadema que pregaram em meus cabellos quando me estenderam no caixão cor de neve.

E assim permaneceu por toda a noite o meu fragil corpo, tendo hirtas as minhas mãos erguidas para este cantinho azul do firmamento, de onde eu o fitava nesta fórma luminosa de que fizeram de certo o meu olhar.

Via-te e penalisava-me o teu pranto.

Pela manhan, quando á janella aberta do meu quarto vieram ainda chilrar os passarinhos e vieram batendo as azas azuladas algumas borboletas, que eu ás vezes horas e horas ficava a contemplar, entrou o conego, aspergiu-me com o hyssope o rosto de agua benta e disse umas palavras em latim. Depois quatro mancebos tomaram das alças do caixão e levaram-me para um carro de columnas douradas, puxado por tres parelhas de garbosos ginetes brancos, da cor do meu vestido e da cor do meu caixão.

E fui levada pelas ruas da cidade, onde ás janellas as crianças, as mulheres e os homens se agrupavam para me ver passar. Os transeuntes tiravam tristemente os seus chapéos. Por fim, o meu corpo passou a ser apenas o cuidado dos coveiros.

Lançaram-me á cova e desappareci dentro da terra, emquanto a minha luz surgia no firmamento e enchia de claridade a minha sepultura.

Agora, todas as noites eu venho ver d'aqui o mundo, d'este canto azul do céo, e tantas vezes, minha Angelica, tenho observado que persiste no teu coração uma grande saudade da tua amiga.

Vejo-te rezar quando te deitas e pedes por mim a Deus.

Hoje, que te escrevo pela vez primeira, a minha luz estende-se pelo deserto afóra. Alguem caminha e fita-me de lá. Noto que os seus labios se movem.

E' o poeta, minha amiga.

Só elle, indifferente ao mundo e dos homens afastado, caminha como Job pelo deserto e conversa comnosco e nos entende.

Adeus.

Da tua.— MAGDALENA ».

ARTHUR MENDES.

MAGDA'

A ALUIZIO AZEVEDO

« Dá que eu te oscule os membros, ó Senhor,
O' dono da minh'alma ! já que a prece
Que aos teus ouvidos lanço, me parece,
De ouvil-a foges, ó meu Salvador ! »

« Mais me cresce, miserrimo, este amor,
Mais minha magua incomparavel cresce:
Dá-me o sol que me falta, ao menos esse
Riso, que negas, purificador ! »

« Quebra a mudez de que te orgulhas tanto,
E volve a mim o teu olhar, porquanto
Quero soffrer comtigo nessa cruz... »

E o Christo mudo, emfim, cingindo, louca,
A' bocca delle colla a propria bocca :
— « Homem não és, ó gelido Jesus ! .. »

LUIZ CASSIANO, JUNIOR.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

IV

A's sete horas os dous amigos foram pontuaes. A sala do *Café* apresentava um aspecto verdadeiramente luzido e deslumbrante. As paredes extensas e pintadas a oleo e de cor clara, dariam monotonia ao effeito geral, se uns ligeiros e bem dispostos frisos de ouro não viessem margear os numerosos espelhos que faziam corpo com a parede em toda a direcção longitudinal.

Depois, a luz do gaz quebrava-se de encontro á superficie brilhante e polida d'aquelles reflectores de primeira qualidade, como que recentemente sa-

hidos das grandes fabricas de Bergen. No intervallo de espelho a espelho, levantavam-se estatuetas bem trabalhadas e avultados vasos, guarnecidos de tufados arbustos.

As mesas do café, alinhadas como soldados em fórma, destacavam-se com o seu plano rectangular de marmore jaspeado sustido por tripedes de ferro bronzeado. Ao longo da linha do centro viam-se columnas cylindricas de grande diametro na altura da linha de terra, no circulo da base, como que assemelhando os mastros da mezena que, nos navios, atravessam a camara e a sala de armas para se sumirem no porão. Um pouco ao fundo, sobre um estrado bastante elevado, erguia-se o piano, mostrando aos que entravam um dorso quadrado e vestido de setim *grenade*, como irmão de irmandade figurando com a sua opa.

Lucio e Carrero foram sentar-se quasi ao fundo, depois de trocarem alguns comprimentos e sorrisos banaes com os conhecidos que por alli encontravam.

O pianista, como que a dominar aquelle zumbido de conversação em voz baixa, atacava, com uns *fortissimos* possantes e energicos, os primeiros compassos da brilhante valsa de Waldteufel *Immer oder Niemals*, abrindo exageradamente os braços, n'uma justaposição simultanea de accordes, vibrando nos extremos do teclado; parecia padre officiante em momentos de um *Dominus vobiscum*.

Ao sentarem-se, Lucio chamou a attenção do amigo para a musica que se executava.

— Conheces esta valsa?

— Assim, asiim: não sou forte em musica e a minha memoria não guarda nem sequer dous compasos da *Me gustan todas*.

— E' a valsa da moda nos bailes da Grande Opera de Pariz. O titulo é a minha divisa: *ou sempre ou nunca*.

— Sim, sim; estou percebendo que é a divisa dos *constantes*, dos que se dedicam a uma unica mulher! E' um pouco velha a philosophia; em todo o caso, não é ruim.

— Tal qual m'o dizias ha pouco. Ha coisas, porém, que não sei explicar. O teu caracter é a antithese do que demonstras. Detestas as mulheres... Conta-me lá essas decepções!...

Carrero tinha bom estomago e melhor coração. Forte, athletico, feio, mas d'essa fealdade que respira sympathia, sempre de mãos nos bolsos, cantarolando melodias estranhas, todas composições da sua negação musical, possuia o dom de ter espirito quando queria communicar um riso galhofeiro e bondoso.

— Eh! companheiro!... Tive promettidas. No fim de um mez diziam-me que me não podiam amar, mas que seriam amigas de primeira agua.

— Ah! sim! conheço essa especie.

— A principio reneguei a todas; depois fiz um summario e condemnei-as a serem tias, ao celibato.

E Carrero seria capaz de suffocar as vozes do piano com uma gargalhada, se a mão de Lucio não lhe pousasse no hombro, pedindo silencio.

— Bom! — interrompeu o filho do coronel Herrera, mudando de idéa e de conversa. Dizias que me querias fallar: estou á tua disposição.

— Estamos em logar onde não possamos ser ouvidos?

— Estamos. Falemos a *sotto voce*.

— Muito bem; pois... como sabes, sou franco: quero resolver o enigma que hontem se te apresentou em casa do coronel Blanco, enigma que se póde resumir n'uma palavra: Dolores.

— Sou todo ouvidos.

— Dizias estar bem longe de comprehender aquella mulher. E..., em poucas palavras: o que querias dizer com todas as reticencias de linguagem, bem o comprehendi.

— O que era?

— Que Dolores te fazia a côrte!... Bom, bom! não sorrias... Com effeito, Dolores fazia-te a côrte, e por uma razão muita simples: eras o rapaz mais intruido d'aquelle sarão, apresentavas-te com um nome applaudido, premiado na Academia de Pariz, admirado entre os amigos e.... *par dessus le marché*... bonito, robusto....

— Basta de tolices.

— Regra geral, meu caro: a mulher quer o talento, a mulher quer a instrucção e a illustração, quer o homem que tem um passado applaudido e um futuro a galardoal-o; tudo isto, porém, de nada vale com um physico desprotegido.

— Ha uma excepção á regra...

— E' verdade: as feias.

— N'esse caso, a mulher é um ente detestavel, material, falso; a mulher é um luxo.

— A mulher ama por vaidade duas vezes e reserva a estima calculada e fria para o homem com quem se casa. Dolores é um caso anomalo. Que edade tem ella? Trinta e sete annos? Que importa? E' ainda moça e vigorosa; é mulher que não póde amar o coronel Blanco, homem velho, que vive da sua politica... Pobre!...

— N'esse caso, porque se casou Dolores com elle se o não amava? Não lhe faltariam partidos!...

— Com effeito, não lhe faltavam... e eu mesmo, não sei que te diga, era muito capaz de me deixar aprisionar por ella.

— Mas....

— Mas.... faltava-lhe dinheiro, e o coronel Blanco, comprehendes, é um homem de *pesos*.

— Comprehendo. O que pois se opera em Dolores é a consequencia da lei fatal do organismo.

— Precisamente.

— E' um caso physiologico. Dolores casou se por dinheiro; enriqueceu... mas, em vez de encontrar

um esposo, obteve com o maldito calculo um verdadeiro *pae*. A natureza physica d'essa bella mulher pede amor. Chispam-lhe dos olhos as ardentias da mulher da zona torrida. Applica-se-lhe perfeitamente a lei dos *similhantes*. Darwin ditou a grande lei: a luta pela existencia. E' lei universal. Já reparaste a trepadeira a voltear, a recurvar-se com a sinuosidade do reptil, avançar, avançar até chegar ao tronco de um vegetal mais forte? Pois bem, póde-se dar isso com a natureza da mulher.

—Explica-te.

—A mulher é a natureza forte, embora as apparencias ditem o contrario. Nós obedecemos á lei de Darwin: vamos ao forte pedir o auxilio da vida de que necessitamos.

—N'esse caso, Dolores está em opposição á lei...

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

A companhia de D. Manoel Ballesteros, que actualmente dá espectaculos no Recreio Dramatico, está longe de ser uma companhia de zarzuelas de primeira ordem. Entretanto, proporciona, á falta de coisa melhor, algumas noites bem agradaveis.

N'um facto, pelo menos, já ella se avantajou ás outras companhias hespanholas que ultimamente aqui tem estado: deu-nos uma zarzuela, *Los Aparecidos*, completamente nova para o nosso publico. Já estavamos fartos do *Campanone*, do *Jugar con fuego*, «et reliqua.»

*

De um velho melodrama de Emilio Souvestre arranjou Eduardo Garrido, com o seu talento habitual, o *Filho do Averno*, a peça phantastica de grande espectaculo que neste momento faz as delicias dos frequentadores do Apollo.

Garrido condimentou a peça, que é verdadeiramente litteraria e está escripta em linguagem de sabor antigo, com engenhosas visualidades e transformações muito do especial agrado do nosso publico. Fez um espectaculo para todos os paladares.

Accrescentem que os principaes artistas do Apollo dão boa conta dos seus papeis; que os scenarios, pintados todos na Italia, são magnificos; que a musica, da qual se destacam dous bellos numeros escriptos por Abdon Milanez, é lindissima,—e depois me digam se o *Filho do Averno* é ou não é peça para centenario. E', sim senhores, a menos que continue o eterno caiporismo do Apollo, caiporismo que cessará desde que a empreza se desfaça de certos artistas cujo prestimo é completamente negativo, porque a platéa não os póde tragar.

*

A companhia Sousa Bastos, que prepara as malas para S. Paulo, poz em scena o *Cachimbo da vovó*, comedia em verso, escripta por Soares de Sousa Junior, já representada no Recreio Dramatico, e na qual tem o primeiro papel a estimada actriz Balbina Maia.

Poz egualmente em scena uma comedia franceza em tres actos, *Les rentiers*, que Sousa Bastos engenhosamente accommodou á scena portugueza com o titulo *Os nossos rendimentos*. No desempenho d'essa comedia, que é muito interessante, distingue-se o applaudido actor Joaquim Silva, que nos faz lembrar dous artistas portuguezes de primeira ordem: Ribeiro e Valle.

*

A companhia Dias Braga, desalojada da rua do Espirito-Santo pelas zarzuelas de D. Manoel Ballesteros, está explorando no Polytheama o seu opulento e eclectico repertorio.

X. Y. Z.

Recebemos um exemplar dos *Multicores*, de Heitor Guimarães, e outro dos *Poemas*, de Esequiel Ramos Junior. No proximo numero do *Album* nos occuparemos d'esses dous livros.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:
LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.
LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.
COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 10 MARÇO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 25 numeros.— Para os Estados 28$000 e 13$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

MARTINS JUNIOR	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
AQUARELLA	Martins Junior.
RIMANCE	Annibal Falcão.
SUNT LACRYM.E RERUM	Esequiel Ramos Junior.
LIVROS	Cosmo.
CAIPORISMO	Arthur Azevedo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
SUPREMO GOSO	Alfredo de Magalhães.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato do
DR. ALFREDO BARCELLOS

MARTINS JUNIOR

«José Isidoro Martins Junior nasceu aos 24 de novembro de 1864, na cidade do Recife, e é filho legitimo de José Isidoro Martins e D. Francisca Emilia de Oliveira Martins.

Concluio muito cedo os seus estudos preparatorios, e appareceu na imprensa aos quatorse annos. Já n'essa edade redigia periodicos litterarios de collaboração com Francisco Campello e Leovegildo Samuel.

Matriculou-se em 1879 na Faculdade de Direito, obtendo o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes aos 13 de novembro de 1883.

Por occasião de sua formatura, Martins Junior, com toda a sobranceria e isenção de animo, recusou-se a prestar o juramento religioso adoptado para os bacharelandos, e agradeceu o gráo conferido, não em nome da lei, mas no de seus páes, que com tantos sacrificios lhe haviam proporcionado mais aquelle laurel para a sua vida de homem estudioso.

Esse facto, pouco commum nos annaes academicos, produzio sensação. O presidente do acto quiz suspender o joven bacharelando, e isso determinou, em favor d'este, brilhante manifestação de adhesão e apreço.

Martins Junior foi o primeiro no Norte, e quiçá no Brasil, que, já em folhetos, já em artigos pela imprensa, levantou a ideia do scientificismo na poesia.

Na questão abolicionista prestou importantissimos serviços, collocando-se valentemente ao lado d'essa generosa ideia, cuja propaganda fazia muito antes de apparecer o projecto Dantas.

Desde verdes annos foi fervoroso adepto do regimen republicano. A sua dedicação e serviços a essa causa valeram-lhe a investitura de chefe da politica republicana em Pernambuco, isso muito tempo antes da fundação da Republica no Brasil.

Quando esta chegou, foi elle nomeado chefe de policia, logar que exerceu durante algum tempo.

Tendo-se submettido a varios concursos para o logar de lente da Faculdade de Direito do Recife, e conquistando a melhor classificação, ao ponto de n'um d'elles ser o unico classificado, nunca poude, durante o dominio monarchico, merecer o premio de seus esforços com uma cadeira de lente. Só o conseguio em 30 de novembro de 1889, quinse dias depois de proclamada a Republica. O actual governo galardoou-o, escolhendo-o para director d'aquella Faculdade, cargo que ainda occupa.

Martins Junior fundou e dirigio durante muito tempo a *Folha do Norte*, depois o *Norte*, ao lado do legendario vulto Maciel Pinheiro, e de Annibal Falcão, Sousa Pinto, Alfredo Falcão e outros.

Recusou, durante o governo do Sr. Henrique de Lucena em Pernambuco, a inclusão do seu nome na chapa para deputado ao Congresso Nacional, por se julgar incompativel com outros candidatos da mesma chapa.

Foi eleito ultimamente ao Congresso de seu Estado, e, sendo candidato do partido republicano a uma vaga no Congresso Federal, é o mais votado da lista.

Recusou por tres vezes o cargo de governador de Pernambuco: a primeira logo depois da proclamação da Republica; a segunda por occasião de ser substituido o general Simeão José de Oliveira;

a terceira quando se deu ultimamente a eleição que poz no governo o Sr. Barbosa Lima.

Martins Junior tem publicado os seguintes livros: *Estilhaços*, versos; *Visões de hoje*, poema philosophico; a *Poesia scientifica*, estudo critico; *Retalhos*, versos; o *Stereographo*, estudo critico; *Fragmentos juridico-philosophicos*; *Jesus e os Evangelhos*, de Jules Soury, traducção feita de sociedade com Clovis Bevilaqua e J. Freitas. Tem no prelo *Tela polychroma*, versos, e promptos para o prelo *Evolução*, poema philosophico, e *Brados e golpes*, livro de litteratura e critica.

Como chefe politico tem sabido impor-se pelo seu patriotismo e amor á causa publica. Todos os seus coestadanos, até mesmo os seus adversarios conscienciosos, se habituaram, desde os tempos academicos, a votar-lhe o maior respeito, sympathia e admiração pela sua inteiresa de caracter, talento invejavel, abnegação e firmesa de principios — o que constitue uma tradição em torno de seu nome, tornando-se coisas dogmaticas e proverbiaes.

Taes sentimentos acabam de ter eloquente prova no dia 21 de novembro ultimo, data de seu anniversario natalicio, em que elle foi objecto da mais estrondosa manifestação popular que se póde fazer a um homem politico.

Martins Junior é, afinal, considerado sob diversos aspectos: jornalista, orador, jurisconsulto, poeta, critico, philosopho, professor, politico, etc.; sob essas differentes faces tem elle attestado o seu talento, a sua virtude, o seu caracter e a sua força genial, inventiva e productora.

São estas as simples notas, desalinhavadas, que posso de memoria organisar a respeito de Martins Junior, cuja biographia, comquanto seja elle ainda tão joven, daria materia para volumes.»

O bello artigo que ahi fica entre aspas, foi-nos obsequiosamente remettido a titulo de notas, por um amigo intimo e companheiro de Martins Junior, a quem recorremos para obtenção de elementos com os quaes podessemos traçar o esboço biographico do illustre moço pernambucano.

Como vio o leitor, esse artigo é, pelo menos, tão completo como os demais esboços biographicos publicados pelo *Album*. Resolvemos, portanto, inseril-o tal qual nos foi mandado, supprimindo apenas, para obedecer ao programma d'este periodico, ligeiras mas penetrantes apreciações politicas.

O que mais admiramos em Martins Junior, e o que nos leva a honrar o *Album* com o seu retrato, não é o politico, mas o artista, que brilha como um astro de primeira grandesa na grande constellação litteraria de Pernambuco.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

O incendio do Lyceu de Artes e Officios occupou a semana inteira. A consternação foi geral. D'esta vez o povo comprehendeu perfeitamente que o grande prejudicado foi elle.

O sinistro clarão que illuminou a cidade na noite de 26 de fevereiro, parecia a apotheose de Bethencourt da Silva.

No dia seguinte ao do incendio, esse homem extraordinario, sem casa, sem roupa, profundamente magoado pela perda irreparavel de seus bellos moveis antigos, quadros, objectos de arte, livros queridos e preciosos papeis, — esse homem extraordinario, esse grande brasileiro, em vez de tratar de si e dos seus, egualmente despojados de tudo, dirigia-se ao povo, pedindo a reconstrucção do Lyceu de Artes e Officios!

O direito de viver no Rio de Janeiro custa hoje esforços e sacrificios terriveis, mas o povo acudirá ao doloroso appello do grande amigo do povo, e o Lyceu de Artes e Officios resurgirá d'aquellas cinzas mais bello e mais altivo que nunca!

*

O incendio, que todos amargamente deploram, deu logar a um facto extraordinario e notavel: o commandante do Corpo de Bombeiros foi censurado por parte da nossa imprensa! Isso não acontecia desde os tempos do truculento e retumbante Carvalho, que, coitado! lutou sempre com a má vontade dos jornalistas e a falta de bom material e pessoal adestrado.

Accusam o commandante do Corpo de Bombeiros de ter deixado o fogo propagar-se até a bibliotheca do Lyceu, precioso e inestimavel deposito de quatro mil volumes, impressos e manuscriptos.

Não vi de perto o incendio, não acompanhei o serviço da extincção do fogo, não estive lá; assisti, porém, do morro de Santa Thereza ao espectaculo horrivelmente bello d'aquellas chammas que ameaçavam devorar toda a cidade, e convenci-me de que um quarteirão inteiro desapparecería.

Quando no dia seguinte verifiquei, sorpreso, que todo o quarteirão estava como d'antes, e uma boa parte do proprio edificio do Lyceu havia sido salva, não obstante a falta d'agua, tive impetos de ir abraçar o commandante do Corpo de Bombeiros! Imaginem, pois, com que desgosto o vi accusado em lettra redonda!

*

O sobrado da Guarda Velha (assim se chamou durante muito tempo o edificio ha dias incendiado) tem a sua historia, e vem a pello, cuido, contal-a aos meus leitores.

Quando el-rei nosso senhor D. João VI veio para o Rio de Janeiro, trouxe comsigo, já se sabe, nu-

merosa e brilhante comitiva, da qual fazia parte José Rufino de Sousa Lobato, guarda-joias da casa real

No paço não havia logar para a residencia d'esse funccionario e accomodação das joias e alfaias entregues á sua guarda; por isso, elle foi autorisado a construir o «sobrado da Guarda Velha» por conta do erario regio.

A construcção teve começo em 1815 e ficou prompta no anno seguinte.

Quatro annos depois, achando José Rufino a casa ainda pequena, principiou a edificar outra, contigua, sob o mesmo plano, fazendo esquina com o becco do Cayrú; mas essa construcção parou com a retirada da familia real para Lisboa, em 26 de Abril de 1821.

No predio principal, que naturalmente ficou pertencendo á Nação, estabeleceu-se o Quartel General, e o outro, concluido a trouxe-mouxe, foi utilisado para quartel de cavallaria, e depois habitado por familias de militares e empregados publicos, que não pagavam alugel... Ah! se fosse hoje!...

Um incendio devorou o madeiramento do ex-quartel; só ficaram as paredes, que o ministro Angelo Muniz da Silva Ferraz mandou pôr abaixo, construindo então o famoso edificio em que funccionou por muito tempo a Typographia Nacional, edificio escuro e humido, cujas paredes—lembram-se?—tinham oculos em vez de janellas! Pobre gente que trabalhava alli dentro!

Entretanto, no «sobrado da Guarda Velha» accommodara-se a Secretaria do Imperio, e por ultimo o Lyceu de Artes e Officios.

A.

AQUARELLA

Uma nesga de céo, curva e lavada
Pela chuva de sol que molha o poente,
Cobre ao longe serena, ethereamente,
A linha do horisonte opalejada.

Sobre o segundo plano, uma ondulada
Planicie vê-se E a um canto a virdente
Cabelleira de uma arvore potente
Tinge de verde a vastidão dourada.

Morre a planicie ao pé de uma montanha...
E a montanha parece um obelisco
De terra-cota e de estructura estranha.

Emquanto, em baixo, o caprichoso risco
De uma casa de ogivas lembra a Hespanha
E as linhas nobres de um solar mourisco.

MARTINS JUNIOR.

RIMANCE

Isto foi no tempo em que a palavra — Amor — não tinha plural. D'essa epoca de ouro não resam as chronicas, mas fallam com saudosas recordações os corações puros e férvidos. Demais, não quero insistir na veracidade da historia. Estaes deitados em fofos leitos e os picheis de prata lavrada têm muita vez já hoje chegado aos vossos labios resequidos pela sede de um dia de calma e de uma jornada passada a montear atravez de montes e valles: eu, porém, apenas chego á vossa mesa, e tenho de, logo, continuar a minha perigrinação.

Crede-me, pois, sem mais, porque a trova ouvi-a eu a um velho troveiro, que, ao recontal-a, tinha na voz e na alma lagrimas tão profusas como os prateados fios da barba que lhe descia ao peito harmonioso. Ouvide:

TROVA I

«Nunca nos balcões dos antigos castellos desenhou-se figura mais bella e mais candida debruçada sobre os jardins, ao cahir da tarde estival, ou em noites silentes da primavera; nunca, tão doce e pensativo para o mar mollemente recurvo, alongou-se olhar cheio de mais casta e branda ristesa, de indefinido amor e saudade perenne,

«Todavia, ninguem sabia a causa d'aquella magoa, que era sem par, e não parecia d'este mundo.»

TROVA II

«Como os pretendentes de Itaké, segundo cantam os versos do divino cego e mendigo, os cavalleiros, ou resplandecendo sob a seda da paz, ou debaixo da cota guerreira, lidavam, como em porfiada e cruenta justa, pela obtença d'aquelle coração meigo; mas a cavalleiros e infanções nunca os seus olhos deram aquelle volver suave e delicado, que é a promessa primeira do Amor.»

TROVA III

«Desesperados os pretendentes um dia, certo d'elles, que tinha nome Astrigildo, fallou-lhe assim:

«— Dama! Aqui estamos, os mais esforçados cavalleiros das Hespanhas, heroicos na peleja e nos alcaçares das formosas donzellas donas e amantes mais do que os errabundos troveiros; aqui estamos, desde annos, empenhados na mercê da vossa mão e do vosso amor; e por todo galardão e premio, temos a vossa indifferente e fria tristura. Importa que, para salvar a um, mateis os demais. Sahiremos pelo mundo largo a fazer acções espantosas e grandes;

e, ao maior e mais cavalleiro escolhereis para o vosso esposo e captivo.

« — Ide, murmurou a Dama. »

TROVA IV

« E sahiram os cavalleiros :

« Um fez-se navegador do mar, e desceu ao fundo das ondas encapelladas, esculdrinhou as profundezas temerosas, lutou com os furacões de Deus, os monstros da Natura e o genio das costas inhospitas ; outro votou-se á causa dos pobres abandonados, libertou donzellas que velhos crueis guardavam em castellos sombrios, punio usurpadores de thronos ; outro cobrio-se de gloria batendo os infieis em peleja continuada e durissima ; outro internou-se na Africa adusta, e foi ao reino maravilhoso de Preste João : e todos, triumphadores e grandes, no rosto uma expressão de jubilo e de ledice, volveram passados annos. »

TROVA V

« Mas um delles faltava : o que havia nome Astrigildo, grande na bravura, coração de pagem.

« E, sendo reunidos no salão, sentados em stallos de altos espaldos, dispostos em fileira, illuminados pelo clarão dos brandões ardentes, Ruderico fallou :

« — Dama! Partimos dose e onze volvemos. O que foram as nossas façanhas e combates, como levamos a rota aos esquadrões de serracenos, ou dominamos o furor do pégo férvido, ides ouvil-o, e, depois, de vossa boca fareis cahir a sentença de eleição. »

« E os cavalleiros, um a um, disseram as suas acções. Houve depois um silencio frio e como lugubre, findo o qual disse a Dama, em lagrimas o peito crystalino :

« — Desde o dia em que montastes vossos ginetes de guerra e vos partistes a pelejar e cobrir-vos de gloria, Astrilgido arrebatou-me o coração. Tornastes, e não o vejo aqui : elle é o eleito do meu amor.

« Entao Ruderico tirou do seio um pergaminho, atado em fios de seda, collados com cera cor de rosa; entregou-o á Dama, que o leu, e cahio sem espiritos. »

TROVA VI

« Depois d'esse dia, nunca mais, ao cahir das tardes estivaes, ou por noites silentes e calmas. houve quem visse, debruçada sobre o balcão do alcaçar, a meiga figura da Donzella. »

ANNIBAL FALCÃO.

SUNT LACRYMÆ RERUM

A CANTO E MELLO

Desgraçado quem nutre no espirito uma afficção secreta !

BAYARBOUTI—Kama

Muitas vezes á tarde eu vou sentar-me, longe
Do mundo, n'um rochedo, á borda de um abysmo.
E a Noite vem roçando o seu burel de monge
Na terra, em torno a mim que solitario scismo.

A' sombra dos bambus mexidos pelas aves
Que abafam seu chilido aos ninhos se acolhendo,
Ponho no firmamento azul meus olhos graves
E pela solidão nostalgica os estendo.

Não sei por que rasão me rolam pela face
As lagrimas caudaes de estranhas agonias:
Talvez uma illusão de mais que se apagasse,
Talvez uma lembrança amarga de outros dias

E nada me distrae das funebres ideias
Que me vêm assaltar com hediondez de abutres;
Pois tu só, desespero! erguendo melopeias,
D'este meu coração misserrimo te nutres.

Em vão passeio o olhar pela planicie extensa,
Por valles e alcantis, por campos e florestas:
Envolve todo o globo a mesma nuvem densa,
Palpita o mesmo horror nas solidões funestas.

Aqui, alli, além: viuvez, desterro, vacuo.
Hontem, hoje, amanhan: fumaça, pó, caligem.
Tragicamente me uiva o coração, e aplaco-o
Só quando amarro á estrophe as magoas que me affligem.

Que me importam acaso as mysticas estrellas
E as scismas que o luar derrama pelos montes?
Conforto não me dão; só me aborrece o vel-as
Clareando eternamente os mesmos horisontes.

Monotonia atroz! O' coração afflicto,
Sae da negra prisão, no lodo não te manches!
A aguia dos Alpes quer as steppes do infinito
E o concerto infernal das brutas avalanches.

Indifferente encaro a Natureza escura,
Sem soffrer diante d'ella o minimo transporte;
E digo: Em parte alguma espera-me a ventura;
Porque não vens buscar teu filho triste, ó morte?

Pareço uma caveira esborcellada e tesa,
Meu espirito enxerga o tumulo já perto
Florestas, solidões! a vós, á Naturesa
Falta um unico ser, e tudo está deserto!

Mas eu devo abafar o ardor que me devora...
Meus amigos! quando eu morrer do que succumbo,
Abri-me o peito, e, em vez do coração de outr'ora,
Vereis uma porção de cinsas cor de chumbo.

ESEQUIEL RAMOS JUNIOR.

MARTINS JUNIOR

LIVROS

Esequiel Ramos Junior mimoseou a redacção do *Album* com um exemplar dos seus *Poemas*, publicados em S. Paulo o anno passado.

O volume, nitidamente impresso na typographia King, tem para mais de cento e cincoenta paginas, e divide-se em cinco partes, *Harpa eolia*, *Oasis*, *Caçoulas*, *Nevoas* e *Cyprestes*, e abre com um bonito prefacio de Pedro Moacyr.

Na capa vem gravada uma caveira humana, trazendo nos olhos o nome do autor e na bocca o titulo da obra. Achei a phantasia de máo gosto, e não comprehendi a intenção d'esse emblema funebre.

Entretanto, quem mal impressionado ficou pela caveira, abrindo e lendo o livro verá dissipada a sua má impressão.

A julgar pelo prefacio de Pedro Moacyr, Esequiel Ramos Junior escreveu estes versos entre a 16ª e a 17ª primavera. Permittam os senhores que eu lhes diga : estamos em frente de um caso de precocidade verdadeiramente phenomenal. Ha neste livro paginas que ninguem dirá escriptas por uma criança ; por exemplo, a composição *Lasciate ogni speranza*, e outras, cuja citação me levaria longe.

Esequiel Ramos Junior é um puritano da fórma, sem deixar de ser conceituoso e sentimental. Nos seus versos as rimas raras succedem-se umas ás outras, sem que o leitor dê pelo esforço com que o poeta as utilisou. Aqui o parnazianismo não prejudica absolutamente o artista.

Um grande futuro está sem duvida reservado a este brilhante e sorprendente mancebo.

N'outro logar transcreve o *Album* uns bellos versos dos *Poemas*.

*

Heitor Guimarães, o sympathico poeta dos *Versos e reversos*, acaba de reunir em volume alguns dos seus contos e phantasias ; intitulou-os *Multicores*.

O titulo é bem achado porque realmente a leitura do livro dá uma impressão polychroma, tal é a variedade dos assumptos e das sensações.

Só uma coisa me aborreceu neste volume, aliás muito bem manufacturado na Imprensa Nacional: foi a seguinte declaração :

« Imprimiram-se desta obra 50 exemplares em papel Hollanda (edição especial para a Exposição de Chicago). »

Pelo amor de Deus deixemos em paz a exposição de Chicago, e admiremo-nos aqui mesmo uns aos outros sem sahir de nossa terra!

COSIMO.

CAIPORISMO

I

— Oh ! Secundino !
— Oh ! Borges !
— Tu no Rio de Janeiro !
— Ha oito dias.
— Vieste a passeio ?
— Não, meu amigo ; vim tocado pela desgraça.
— Pela desgraça ?
— «Desgraça» é talvez forte de mais. Pelo caiporismo, se quizeres.
— E és tão caipora assim ?
— Pertenço ao numero dos taes que caem de costas e quebram o nariz !
— Oh, diabo ! entremos neste café, e, emquanto tomamos alguma coisa, conta-me qual tem sido a tua vida nestes dose annos de ausencia.

Isto passava-se na rua do Ouvidor, em frente ao Paschoal. Os dous amigos e comprovincianos entraram no café do Rio, e sentaram-se a uma das mesas.

II

— A minha vida, principiou Secundino, resume-se n'uma palavra: miseria. Quando vieste da Victoria e lá me deixaste, eu era ainda, por bem dizer, uma criança. Vivia em casa de minha familia, onde nada me faltava. Morreu meu pae, morreu minha mãe, minhas irmans casaram-se, e eu fiz-me socio de uma loja de fasendas. Ao fim de seis mezes, abriram-me fallencia. Sahi com uma mão atraz e outra adiante, e fui ser caixeiro de um bruto, um ingrato, que, ao fim de oito annos, em vez de me dar sociedade, passou a casa a um sujeito meu desaffecto. Desgostoso, abandonei o commercio e quiz ser empregado publico. Apresentei-me em quatro concursos, e, apezar de bem classificado, não consegui que me nomeassem. Fundei uma folha, que acabou logo por falta de assignantes. Contractei casamento com a filha de um fasendeiro rico de S. Matheus, e a minha querida noiva, que me estimava muito, morreu um mez antes do dia marcado para o casamento. Afinal, desesperado, baldo inteiramente de recursos, acceitei um logar de continuo na Thezouraria de Fazenda...

— Tu ?! Com as tuas habilitações ?!

— E' para que vejas, respondeu Secundino com lagrimas na voz. Mas isso mesmo foi considerado muito para mim. Demittiram-me accintosamente por não ter votado no candidato official nas ultimas eleições. Resolvi então vir para o Rio de Janeiro, ao Deus dará... Arranjei duzentos e tantos mil réis, vendendo tudo quanto possuia, e aqui estou sem emprego, sem esperanças, sem promessas, sem relações, e com sessenta mil réis no bolso. E' tudo quanto me resta da minha fortuna.

— Pois bem, offereço-te um emprego.

— Devéras?

— Oh! não é coisa para arregalares d'esse modo os olhos. E' um biscato, que te póde servir emquanto não arranjas coisa melhor.

— Tudo me serve, meu amigo: a minha situação é desesperadora.

— Pois bem. Conheces a viuva Salgado?

— Eu não conheço aqui ninguem.

— Tens rasão. A viuva Salgado é uma senhora riquissima. Tem duas filhas. Quer que ellas saibam francez e inglez, e incumbio-me de contractar um professor que lhes dê lições em casa, duas vezes por semana, ganhando cento e vinte mil réis mensaes.

— Mas é uma pechincha!

— Não tens que perder tempo. Aqui está um cartão meu para te apresentares hoje mesmo, agora mesmo, se quizeres, em casa da viuva Salgado.

— Onde é?

— Rua do Cattete.

— Numero?

— Não sei o numero, mas o conductor te indicará a casa. Não ha quem não conheça a viuva Salgado. Olha, toma-se o bonde alli defronte e para-se mesmo na porta. Sabes onde é o ministerio dos Estrangeiros?

— Não.

— Conheces o palacio do Nova Friburgo? Deves conhecer, que diabo! já tens oito dias de Rio de Janeiro!

— Conheço.

— Pois é nessas immediações; quasi defronte.

— Já sei pouco mais ou menos onde deve ser.

— Pois vae tomar o bonde, e sê feliz. Alli tens um dos de tostão.

D'ahi a dous minutos, Secundino partia para a rua do Cattete.

III

O bonde parou no largo da Carioca.

Uma senhora de meia edade, muito gorda, muito feia, mas luxuosamente vestida, approximou-se para entrar no carro. Havia um unico logar desoccupado ao pé de Secundino. Este encolheu-se todo para deixar entrar a senhora, que só a muito custo conseguio abrir caminho entre os joelhos do provinciano e o banco da frente.

Depois de sentada, a senhora gorda encarou o seu visinho com um olhar cheio de odio, e disse bem alto, para que todos ouvissem:

— Com effeito! Sempre ha sujeitinhos muito malcriados!

E repetio, depois de alguns segundos:

— Sujeitinhos muito malcriados!

— Isso é commigo, minha senhora? perguntou Secundino timidamente.

— Pois com quem ha de ser? Se fazia tanto empenho em ficar na ponta do banco, devia levantar-se um instantinho para deixar-me passar sem me magoar as pernas nem me amarrotar o vestido! Ora vejam como ficou esta saia! Patife!...

— Minha senhora, quem não se quer sujeitar a estas contrariedades, não anda de bonde: aluga um carro.

— Cale-se! Não seja insolente! Você responde assim por ver que não tenho um homem a meu lado!

E a senhora gorda percorreu com os olhos todos os passageiros do bonde, na esperança de que algum tomasse as dores por ella.

— O meu caiporismo! reflectio Secundino. E, enfiado, apeiou-se no largo da Mãe do Bispo.

IV

Veio outro bonde. O provinciano entrou nelle, e um quarto de hora depois subia a escada da viuva Salgado.

Calcou o botão de uma campainha electrica. Veio um copeiro encasacado. Secundino entregou o cartão do seu amigo Borges, e esperou.

D'ahi a cinco minutos abriram-lhe a porta da sala, uma sala opulenta, atapetada com luxo, mobiliada sumptuosamente, cheia de quadros e quinquilherias.

Esperou meia hora. Rasgou-se, afinal, um reposteiro de seda, e appareceu a dona da casa.

A viuva, mal encarou Secundino, gritou, cheia de sorpresa e de colera:

— Pois é você, seu malcriado?! E eu que suppunha ser o senhor Borges! Ponha-se já, já no olho da rua! Já!...

Secundino reconhecêra na viuva Salgado a senhora gorda do bonde. Sahio da sala precipitadamente, e desceu a escada aos pulos. Só respirou na rua.

Foi, realmente, muito caiporismo!

ARTHUR AZEVEDO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

IV

(Continuação)

— Pelo contrario, o coronel Blanco amparou os seus sessenta annos de edade na existencia da mulher com quem se casou. Hoje, Dolores soffre a reacção; é casada, mas, sem calcar a moral, busca illudir-se, amparando-se, por sua vez, a um organismo da minha tempera.

— Mas.... esse procedimento é um crime. E é preciso que o evites, com muita habilidade, se não quizeres perder a mão de Carmen.

— Ha um ponto que não sei interpretar.

— Qual ?....

— As sociedades impõem leis que restringem os limites das *exigencias* organicas. Quando a pessoa se deixa levar por paixões, é que o individuo não é escravo da moral e da moralidade. Dolores, por sua posição, deveria calar simillhantes impulsos, deveria lembrar-se de que é mãe, deveria ter conhecido que amo Carmen. Suffocasse impulsos que não são da sua posição; antes de recordar que é mulher, deve saber que é esposa. A senhora que se casa e segue sempre nas aguas da *coquetterie* é futil e despresivel ; falta-lhe educação moral.

— Tens um estylo de pedagogo. Ora, até que afinal adivinhaste. Dissertaste tanto para chegar a uma conclusão que qualquer deduz sem conhecer o Sr. Darwin nem as suas leis fataes.

— A educação, disseste? Precisamente. Dolores não-sabe o que é educação moral. Aos dose annes, uma prematura orphandade levou-a para um asylo de orphans.

— Tão pobre seria o pae....

— Um pintor italiano, honesto e trabalhador, cuja celebridade principiou depois que se foi para melhor vida. Nomearam um tutor para a pequena Dolores. O tutor de pobres recorre aos ricos ou aos asylos. A orphan sumio-se da restricta sociedade que frequentava e reappareceu aos quinse annos, com um medico que era o clinico do estabelecimento. Agora é facil imaginar o que poderia aprender Dolores no asylo em que esteve. Casada, o marido jurou domar aquelle espirito rebelde, alimentado de doutrinas escassas de bom senso, respirando ultramontanismo por todas as syllabas. Se continuasse, morria com cheiro de santidade. O esposo pouco poude conseguir. Nasceu Carmen; as suas attenções foram todas para esse pequenino ente que todos os dias despertava com um sorriso e adormecia com outro, o sorriso da infancia que sauda a natureza e o sorriso da natureza que adormece a infancia.

— Vejo que és homem pratico e poeta ao mesmo tempo. *Un cœur d'acier qui chante le printemps!* Continúa....

— Depois, Dolores participou d'esses enlevos de mãe. Sensibilisou-se. Mostrou-se verdadeiramente mulher; detestou as amas de leite ; teve ciumes ; fez talvez um sacrificio, mas obteve grande exito: amamentou a filhinha....

— Hum, hum !.... gargarejou Lucio, torcendo, meio contrariado, as pontas do bigode sedoso que lhe sombreava o labio.

Carrero deu pela impaciencia do amigo.

— Que queres dizer com esse *hum hum ?*

— Que quero dizer ? .,. homem.... quero dizer que preferia, em caso similhante, que Dolores não tivesse esses enlevos nem ciumes, e, por ultimo, que não amamentasse a filha.

— Ora essa ! não digas absurdos, Lucio...

— Não são absurdos; são conclusões tiradas de grandes e eloquentes premissas scientificas. Póde bem ser que não aceites a theoria da hereditariedade organica; entretanto, nada de mais verdadeiro. Analysa, por exemplo, um idiota ou um louco, cuja existencia anterior foi exemplar, isto é, era um individuo por extremo morigerado, não conhecia os effeitos alcoolicos nem esses fortes agentes que a sociedade offerece com todos os seus attractivos e que actuam poderosamente sobre o cerebro de um pobre mortal. Estuda esse infeliz, e chegarás ao bebedouro da verdade. Ah ! meu caro Carrero, a sciencia é o bisturi enorme, e a medicina é o grande propheta, o legitimo vidente; e com dupla vantagem: lê no futuro e decifra o passado. Toda esta dissertação explicará o que te disse : preferia que Dolores não houvesse amamentado a pequenina Carmen.

— Pois bem, estou ancioso pela explicação; entretanto, se poderes, sê explicito, claro. O grande defeito de vocês, homens do Esculapio, é fallarem tão enigmaticamente, que tudo quanto proferem se parece com um individuo que tivesse ingerido todo o diccionario grego ! Falla-me claro !...

— Tens, por exemplo, um louco nas condições em que t'o apresentei. Indagas, estudas pacientemente a sua arvore genealogica e resolves por fim o problema. A hereditariedade é uma das leis fataes. Um dos avós, ou dos bisavós, se quizeres, dava-se aos prazeres alcoolicos com excesso. Veio-lhe o *delirium tremens*, annos depois de casado e de ver-se pae. Na primeira geração predomina o temperamento nervoso, a irritabilidade e a tendencia a congestões cerebraes. Na segunda, ha augmento d'estas predisposições morbidas; apparecem a epilepsia, o hysterismo e a hypocondria. Na terceira, surgem, como que por milagre, accessos de máos instinctos ou actos de extrema excentricidade. Finalmente, na quarta, a surdi-mudez, a imbecilidade, o idiotismo, a esterilidade e a loucura desabrida.

— Comprehendo. O que me acabas de dizer é como que um phanal. O pae de Dolores, pintor de merito, como já t'o disse, bebia exageradamente; o organismo vivia de ordinario n'um abatimento profundo. Quando o queriam dissuadir d'esse maldito vicio, respondia com esta fantasia de ebrio: deixem-me, que busco a inspiração.

— E a mãe de Dolores?

— Pobre senhora, a quem a sociedade de Montevidéo apontou como martyr da dedicação e do pezar. Morreu de uma hypertrophia, no momento em que contemplava um retrato que o marido concluira e que representava a pequena Dolores com uns traços sublimes de uma fantasia ardente de artista e de poeta. Esse quadro, pagaram-n'o por elevado preço e constituio o pequeno dote com que Dolores entrou para o asylo de orphans. O pintor não se deixára atar pelas cadeias do realismo da arte; bem pelo contrario, creando essa tela, desabrio com todas as convenções de escolas. O pensa-

mento do artista significava o orgulho de pae, a poesia sublime da maternidade e o elogio da criança: imagina duas grandes rosas, semi-pendentes como que a pedir um abraço uma á outra. Uma d'ellas possuia a vividez da flor em toda a sua pujança da natureza vegetal; a outra inclinava-se. As petalas emurrecciam e, por sobre ellas, a pallidez da ultima edade. O sublime, meu caro, é isto: os vultos d'essas duas grandes rosas sombreavam um pequeno botão. Essa vergontea era o retrato de Dolores a desabrochar por um sorriso.

— Ultra-idealismo !....

— Ahi tens a historia dos paes de Dolores. Agora, explica-me o sentido da phrase que ha pouco pronunciaste,. isto é, que para Carmen melhor seria que Dolores não a tivesse amamentado.

— A amamentação, segundo os ultimos estudos do grande Pasteur e outros, não só póde influir directamente sobre o organismo, como indirectamente sobre o caracter individual.

— E' hypothetico.

— Como sempre são hypotheticos os principios scientificos que trilham pela primeira vez o campo dos conhecimentos humanos. Ainda ahi verás a lei da hereditariedade.

— E que conclues de tudo isso?

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

SUPREMO GOSO

Nu como a natureza, a meu olhar triumphante,
Esplenda encantador-teu corpo primoroso,
E minh'alma a teus pés, n'um beijo tempestuoso,
Toque alvorada á Carne, a eterna allucinante.

Linha a linha se ostente a correcção suprema
De tuas fórmas gentis, divinas, tentadoras!
Mulher! sol que á existencia os horisontes douras!
Feliz quem no teu collo ouvir soar a hora extrema!

Não vale a vida inteira o rapido momento
De um beijo apaixonado, um beijo da que amamos;
Que, tal ao romper d'alva os passaros nos ramos,
Canta em nós da ventura o doce estonteamento.

No fulgido rubi de uns seios aromados,
— Beduino da volupia em busca de um carinho,
Na ebriedade do amor, mais quente que a do vinho,
Que a sêde vão matar meus labios abrasados.

E como á viração, gloriosa tremulando
Uma flamula, assim eu vibre de anciedade,
O sangue alvoroçado em rubra alacridade,
As fanfarras do goso estridulas sonand).

ALFREDO DE MAGALHÃES

THEATROS

A companhia de zarzuelas de D. Manoel Ballesteros deixou o Recreio e foi para o Polytheama; em compensação, a companhia Dias Braga, que tinha ido para o Polytheama, voltou para o Recreio, e poz em scena os *Lobos marinhos*, zarzuela em 2 actos e 4 quadros, de Ramon Carrion e Vital Aza, traducção de Azeredo Coutinho, musica de Chapi, já representada em portuguez no theatro Phenix Dramatica.

A companhia Dias Braga tinha já no seu repertorio a alta comedia, a comedia burlesca, o vaudeville, a tragedia, o drama, o melodrama, a oratoria, a revista, a magica, a opereta e até a opera: só lhe faltava a zarzuela... Pois ahi estão os *Lobos marinhos*, bem representados e menos mal cantados.

*

A companhia Sousa Bastos retirou-se para São Paulo.

*

Recebemos um exemplar da comedia em 1 acto, *De madrugada*, original de Americo Azevedo e representada com muita aceitação na capital do Pará. O autor, que é irmão de Arthur e Aluizio Azevedo, já ha mezes fizera representar naquella cidade outra comedia em 1 acto, intitulada o *Malaquias*.

X. Y. Z.

Os editores Magalhães & Comp. obsequiaram-nos com um exemplar do *Missal*, de Cruz e Souza, e outro da *Buenadicha*, de Papus e Borja Reis. No proximo numero nos occuparemos d'esses livros.

Recebemos o primeiro numero da *Revista technica*, publicação niensal e illustrada de architectura, engenharia civil, agronomia e sciencias accessorias, dirigida pelo Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, engenheiro e architecto, ex-director da *Revista dos Constructores*, acreditado e illustre profissional.

Temos recebido tambem a *Semana*, de Coritvba, o *Diario de Manãos*, e outros jornaes e periodicos de varios pontos da Republica.

Agradecemos.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 11 MARÇO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 pc de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Dr. Alfredo Barcellos	J.
Chronica Fluminense	A.
Tua culpa	Guimaraens Passos.
Coisas miudas	Cosme Velho.
Taine	Cosimo.
Sonhando	Bernardo de Oliveira.
A cosinheira	Arthur Azevedo.
Bexigosa	Arthur Mendes.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

ABDON MILANEZ

DR. ALFREDO BARCELLOS

Filho de Paulino Bento Vieira Barcellos e de D. Emilia Carolina de Sousa Barcellos, nasceu o Dr. Alfredo Barcellos na cidade do Rio de Janeiro, no dia 19 de Setembro de 1852.

E' irmão do distincto escriptor Dr. José Bento Vieira Barcellos, o primeiro que, em Cantagallo, n'um centro de lavradores, levantou, em 1882, o estandarte do abolicionismo. Irmão do Dr. Barcellos pelo sangue, pelo coração, assim como pelo temperamento civico e patriotico, José Bento falleceu aos 33 annos de edade, como presidente da provincia das Alagoas, governando então o paiz o legendario ministerio Dantas.

Republicano desde os bancos escolares, foi o Dr. Alfredo Barcellos exercer a sua humanitaria profissão medica, durante dez annos, no municipio de Cantagallo, onde por vezes, obedecendo ao influxo de sua indole altamente democratica, tentou fundar com Baptista Laper, Fonseca Lontra e outros, o partido a que se dedicára. Mudando-se para a cidade do Rio de Janeiro em 1886, congregou com fé em si mesmo e no futuro os republicanos dispersos da parochia da Lagoa, organisando em sua propria casa o celebre Club Republicano da Lagoa, do qual eram membros Werneck, Serzedello, Telles de Menezes, Felippe Meyer e outros cidadãos.

Enthusiasta e amigo de Silva Jardim, afrontou a policia da monarchia ao lado do grande tribuno em quasi todas as suas conferencias.

Tem, como aquelle orador popular, fanatismo pela memoria de Tiradentes, gloriando-se de que um seu antepassado collateral, o conego Luiz Bento Vieira, tenha feito parte dos Inconfidentes.

*

Não se apresentou candidato á Intendencia Municipal; os seus amigos, que lhe admiravam a estatura moral e lhe apreciavam o caracter sem jaça, imposeram a sua candidatura, que elle, por obediencia a impulsos tão nobres e espontaneos, com sacrificio acceitou.

No desempenho de seu mandato tem se conduzido pelo caminho rectilneo do dever e do patriotismo; tem sido propugnador da causa do ensino profissional e de outras que se filiam á verdadeira democracia liberal da instrucção popular. Tem em tal apreço as doutrinas pedagogicas modernas, e em tal valia a rectidão moral, que, collidindo certos actos com o seu modo de pensar, pedio exoneração do logar de presidente do Conselho Municipal, para melhor defender as suas idéas.

*

Na sua these inaugural, sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e approvada com distincção em 21 de Dezembro de 1875, combate a pena de morte, e procura demonstrar que o dever da sociedade é regenerar o criminoso e não martyrisal-o. Evidenciou a necessidade da fundação de asylos, colonias agricolas, etc., como meio de converter os vagabundos em cidadãos uteis.

Por aqui se vê mais ou menos formulado o diagnostico do futuro, reservado ao joven doutorando que deixava a vida academica laureada para

se entegrar aos deveres do cidadão e do medico na esphera social.

*

Defendeu sempre com independencia franca e convicção transparente a autonomia do Conselho Municipal, resolvendo resignar o logar de presidente, quando vio que este deixava margem a attentar se contra ella: preferio isolar-se no seio da corporação, afim de mais livremente e de modo mais conforme ao seu caracter e intuitos, corresponder á confiança do eleitorado que espontaneamente o havia constituido seu representante nos negocios publicos da municipalidade desta capital.

Depois da memoravel sessão em que elle, n'um admiravel repto, resignou o cargo, foi para este reeleito quasi por unanimidade; mostrou-se, porém, inabalavel na sua resolução.

*

Foi, embora interinamente, o primeiro prefeito do Districto Federal, e nesse cargo mereceu geraes applausos pela prudencia e tino administractivo que revelou.

Admirador sincero do governo republicano, que é a expressão mais alta do progresso no governo das sociedades, partidario dedicado da governação actual do paiz, porque a julga a unica apta para manter o Brasil unido, cuja possibilidade de esphacelamento é o seu maior temor, é o notavel cidadão de que nos vamos occupando, capaz dos maiores devotamentos e sacrificios. Reune o distincto patriota a mais invejavel nobreza de sentimentos á mais pujante robustez de cerebração.

*

Quando Moraes e Valle, o sabio chimico, o caracter integerrimo e pouco amigo de tecer encomios, examinou o seu trabalho inaugural, disse-lhe: —O maior elogio que posso fazer á sua these é que o senhor a escreveu com o cerebro e com o coração.

O Dr. Vinelli fez-lhe as seguintes considerações: —Em geral as theses escriptas pelos doutorandos não passam de fastidiosas compilações, por isso nós, examinadores, limitamo-nos a ler d'ellas quatro a seis paginas: a sua, porém, pinta por tal fórma o seu caracter e com côres tão vivas, que a li com o maior prazer do principio até o fim.

*

Tal é o egregio cidadão, que a uma probidade immaculada, a um talento lucido, a uma honestidade scientifica reune mascula eloquencia, porque é esta animada pela pureza de idéas nobres e pelo mais acendrado patriotismo. Tal é, em rapidos traços, a figura moral do Dr. Alfredo Barcellos.

J.

CHRONICA FLUMINENSE

A Constituição da Republica, estrepitosamente festejada ha poucos dias pela polvora das fortalezas e navios de guerra, abolio o recrutamento militar forçado. Mas o Sr. chefe de policia fez como o famoso subdelegado do *Manda quem póde*, e revogou a Constituição! Que diabo! para alguma coisa ha de servir a um homem ser chefe de policia!...

Do alto de sua omnipotencia, o Sr. Bernardino dignou-se declarar que só não seria recrutado quem apresentasse certificado de emprego. Levantemos as mãos para o céo, e não nos descuidemos de trazer comnosco um attestado formal e categorico de que não somos, graças a Deus, malandros nem vagabundos, e, por conseguinte, não podemos ir para as fileiras do exercito...

Sim, porque, a julgar pelo modo porque é feito o recrutamento, e pela sorprendente declaração do chefe, só devem ser soldados os pobres diabos que a sociedade repelle... Como tudo isto seria irrisorio, se não fosse profundamente triste!

*

Estou—quem sabe?—em pessimas disposições de espirito... Noutra occasião teria talvez achado graça nesse escandaloso attentado contra a lei fundamental da Republica. Hoje, a propria *Musa alegre* me parece triste...

Recebi um exemplar d'esse livrinho de Braz Patife, trazendo uma honrosa dedicatoria, que muito me penhorou.

Não ha duvida que o moço, mal escondido n'aquelle pseudonymo, tem graça, sabe rimar uma velha anecdota com certa facilidade, e será um bom fazedor de versos humoristicos desde que se liberte das chamadas *muletas*; mas no seu livrinho — franqueza! — ha paginas que me desgostam pela natureza do assumpto.

Admitte-se perfeitamente que uma obra seja pornographica, mas a propria pornographia tem os seus limites, e o motivo mais escabroso não exclue, tratado em verso, um grão de poesia. A composição que fecha o volume é repugnante, e, talvez por ser a ultima, deixa, mais do que outras, egualmente ignobeis, uma funda impressão de tristeza.

A musa de Braz Patife será tudo, menos alegre. Não póde haver alegria onde ha máo cheiro...

O poeta prestará bons serviços ás nossas lettras desde que renuncie a agradar pelo escandalo, explorando o máo gosto é a toleima de certo publico. Não faça versos obscenos; não os escreva, obscenos ou não, *au jour le jour*; não condescenda com certos jornalistas pouco escrupulosos...

Estes conselhos, não os daria eu, se não reconhecesse que, bem encaminhado, o moço que se

assigna Braz Patife póde chegar um dia a ser alguem.

*

Uma semana sombria, cheia de más noticias de revoluções e conflictos, e, pairando sobre toda esta melancolia, a sombra de um grande morto, a sombra de Taine.

A.

TUA CULPA

Fallo-te em Beatriz, e olhas-me rindo,
Porém do riso estranho que não falla.
Julieta, Virginia, Hero, Magdala...
E nem te moves nomes taes ouvindo.

Tomo-te as mãos. . silencio em toda a sala;
Oh! que silencio, oh! que silencio infindo!
Quero-te, e embaraçada vaes fugindo
Muda... (Consente quem assim se cala).

Sigo-te, corro, alcanço-te, seguro
Teu corpo; tua mão defende—louca!—
Os teus labios, tapando-os ao desejo.

E emquanto a tua mão beijar procuro,
Ella foge evitando. . e canta o beijo,
Rindo de ti, na tua propria bocca.

GUIMARAENS PASSOS.

COISAS MIUDAS

(CARTA A PAULA NEY)

Caro amigo.— Revelei-lhe uma vez que eu era um antiquario ou excentrico, e não um litterato, como a muitos parecia. Permitta, todavia, que, rompendo o meu silencio, lhe apresente o meu amigo Sr. Serapião das Mercês Gordo, rapaz esperançoso e dotado de raro talento artistico e poetico, o qual só espera um pouco de animação para que se torne um dos ornamentos da nossa incipiente litteratura.

Devo explicar-lhe porque o levo á sua presença.

O Sr. Mercês Gordo é um original; artista, philosopho, poeta, mas tudo isto por conta propria. Se escreve, o faz gordo de grandes ideias; se poetisa, arrasta-o o estro de trovador profundamente commovido. Traz nas suas malas uma concepção do mundo, *o seu novo testamento*; e como codicillos, uma politica, uma rhetorica e uma arte industrial de desconhecido molde.

Já vê que não se trata de um João Ninguem.

Nada direi da parte philosophica da obra do Sr. Serapião Gordo; o tempo se encarregará de apresental-a.

E'-me, porém, difficil resistir á tentação de dar-lhe alguns especimens da ductilidade do talento d'esse nosso contemporaneo, no que entende com as boas e avantajadas lettras.

Contemporaneo, sim... porque é novo, e quanto a nós... *heu! Posthume, fugaces labuntur anni!* Não sei se você me comprehende. Não temos forças mais para violentar nem a abbadessa da Musa velha, quanto mais soror Victoria.

Aqui, pois, lhe envio quatro pequenas producções litterarias do Sr. Gordo, pelas quaes poderá avaliar o gráo da sagacidade do seu engenho altiloquo e original.

Verá que elle começa por declarar guerra a todas as escolas, e proclamar, *urbe et orbi*, o mais feroz individualismo na arte.

Segundo sua doutrina, todo *canon*, em poesia, ou em litteratura, produz morte irremissivel. A integralisação social não se fará nunca, accrescenta elle, como a preconisou A. Comte, pela submissão, veneração e outras virtudes correlatas; esta missão está a cargo do *egotismo*, pela insurreição continua do individuo contra o mando, não ao modo do bobo do Mauricio Barrès (é elle quem affirma) que « não entende de tudo isto nem meia missa », mas pelo reconhecimento do baraliptoton e « guanagucha quivi ripitodon quorum agusta chorolapsi tenque dorinava guaita pissis. »

Descendo, portanto, por esse raio lunar até a realidade da vida litteraria, o Sr. Serapião estabelece verdadeiros preceitos d'arte, para os quaes chamo não só a sua attenção, mas tambem a de todos quantos se interessam pelo incremento da arte do estylo.

Eis alguns desses preceitos:

— « Não ha estylo; ha estylos. O estylo não é o homem, mas os homens. »

— « Assim como as plantas se classificam, os estylos se reduzem a regras. »

— « Estylo imprevisto é uma asneira. » (Acho um tanto forte.)

— « O verdadeiro artista tudo prevê. »

— « Do mesmo modo que o pintor tem na respectiva palheta todas as côres, o estylista deve ter na ponta da penna todas as *maneiras*. » (Penso que li isto em mestre Spencer; mas vá, emfim, como uma das originalidades do Sr. Serapião.)

— « Não póde ser considerado perfeito artista senão aquelle que tem a faculdade de dar qualquer estylo por bocca. »

— « E' necessario aqui a emphase hugoana; zás, — põe-se uma emphase, meia emphase, um quarto de emphase. No periodo seguinte, torna-se indispensavel um *sobreagúdo* de Goncourt, fogo, —

ataca-se o *sobreagúdo* na primeira, segunda ou terceira dynamisação. Mais adiante o movimento da ideia exige um requinte symbolico ou decadista, trás,—arruma-se um guizo, dous guizos, tres guizos ou quantos bastem. E assim por diante, *usque ad... vangloriam nostram, nec erubescimus.*»

Por esse modo é facil de notar, e o amigo já o terá feito, que o Sr. Serapião Gordo, não querendo escolas, acaba creando o estylo *kaleidoscopio*.

Em todo caso, esse estylo constitue uma nova modalidade da arte; e, adoptando-o, como m'o demonstrou o Sr. Serapião, poderemos em um artigo de jornal, em um conto, em um folhetim, percorrer todas as escalas, claves e diapasões litterarios, conhecidos e por conhecer.

Li um trabalho seu composto por tal feitio, no qual começando o autor pelo estylo de Viasa e Confucio, depois de um steeple chasse atravez de todos os estylos intermedios, veio esborrachar as pontas da Mallat em... que imagina você que seria?... no estylo *jocotó* da litteratura Guayamú!

Isto depois de ter desmanivado Archiloquo, Pindaro, Aristophanes, Juvenal, S. Agostinho, Dante, Boccacio, Shakespeare, Gil Vicente, Camões, (oh! o Camões!)... patati, patatá... e mais este e mais aquelle, e Chateaubriand, e Musset, e Goncalves Dias, e Castro Alves, e o Lagartixa, e o Sant'Anninha, e o Cae n'agua, e o Madruga, etc. etc.

De theorias, porém, passemos ás obras.

Ahi tem você os quatro curiosos trechos de prosa renovata, na fórma promettida.

Eis os titulos desses trabalhos, todos muito curtos, e syntheticos, de accordo com o preceito de Edgar Poë, isto é, que uma obra d'arte não deve ser maior do que um sorvete.

— *Exangue!* — especimen de symbolismo romanico;

— *Sicut erat in principio*, — idem de decadismo religioso;

— *Moysés a tergo*, — nephelibatismo pé de chumbo;

— *Dou-lhe um banho de fumaça*, — conto em estylo jocotó.

Regale-se! e boa noite.

Viva!

Rio, 6 de março de 1893.

O licenciado,

COSME VELHO.

No proximo numero serão publicadas as quatro peças do Sr. Serapião Gordo.

TAINE

A França tem sido, nestes ultimos tempos, cruelmente experimentada. Agora, mal se fechára o tumulo de Renan, desapparece, levada tambem pela morte, a gloriosa e athletica figura do autor do *Ideal na Arte* e das *Origens da França contemporanea*.

A memoria illustre de Taine, o critico, o historiador, o phisolopho que tão larga parte occupou no movimento litterario d'este seculo e tanta influencia exerceu no espirito moderno, viverá eternamente nos livros que elle deixou, e constituem, póde-se dizer, uma bibliothéca opulenta, de um encyclopedismo assombroso.

COSIMO.

SONHANDO

Hontem, beijando a flor que tu me déste
Como lembrança á tua despedida,
E recordando as phrases que disseste,
Pensando em ti, adormeci, querida.

Sonhei Fui transportado no meu sonho,
N'um palanquim real, feito de estrellas,
A uma ilha de amor —vergel risonho—
Cheia de flores e de nymphas bellas.

Corriam mil regatos crystallinos,
—Veios de prata —pela ignota ilha:
Voavam os aromas peregrinos
Do sassafraz, da cactus, da baunilha.

Da tarde que morria ao calor brando,
Na ramaria em flor, os passarinhos
Suavemente cantavam, preparando
De verde musgo os venturosos ninhos.

Em cada moita, em cada gruta amena
Seu canto festival o amor soltava.
Gemia a brisa languida e serena,
—Parecia cantar: tudo cantava.

As borboletas iam em cardumes
Aos vergeis, como um bando de crianças;
Em tudo as mãos dos invisiveis Numes
Semeavam perfumes e esperanças.

Quando eu cheguei no palanquim doirado,
Cobriram-me de flores as formosas
Nymphas, e com um sorriso enamorado,
Rodearam-me todas pressurosas.

Eu era um deus no meio dellas; tinha
Nesse instante um orgulho sobrehumano;
Não pensava que um sonho me sustinha,
Um sonho de illusões, todo de engano.

Mas, no meio das nymphas, de repente,
Como rainha, appareceste, pura,
E todas com fervór num canto ardente
Celebraram a tua formosura.

Trazias-me na mão, num gesto brando,
Presa nos dedos uma flor, querida:
A mesma flor que adormeci beijando,
Como lembrança á tua despedida.

BERNARDO DE OLIVEIRA.

DR. ALFREDO BARCELLOS

A COSINHEIRA

I

Araujo entrou em casa alegre como um passarinho. Atravessou o corredor cantarolando a *Mascotte*, penetrou na sala de jantar, e atirou para cima do aparador de *vieux-chêne* um grande embrulho quadrado; mas de repente deixou de cantarolar e ficou muito serio: a mesa não estava posta! Consultou o relogio: eram cinco e meia.

— Então que isto? São estas horas e a mesa ainda neste estado! — Maricas!

Maricas entrou, arrastando lentamente um elegante *peignoir* de seda.

Araujo deu-lhe o beijo conjugal, que ha tres annos estalava todos os dias á mesma hora, invariavelmente — e interpelou-a:

— Então o jantar?

— Pois sim, espera por elle!

— Alguma novidade?

— A Josepha tomou um pileque onça, e foi-se embora sem ao menos deitar as panelas no fogo!

Araujo cahio aniquilado na cadeira de balanço. Já tardava! A Josepha servia-os ha dous mezes, e as outras cosinheiras não tinham lá parado nem oito dias!

— Diabo! dizia elle irritadissimo; diabo!...

E lembrava-se da terrivel estopada que o esperava no dia seguinte: agarrar no *Jornal do Commercio*, metter-se n'um tilbury, e subir cincoenta escadas á procura de uma cosinheira!

Ainda da ultima vez tinha sido um verdadeiro inferno! — Papapá! — Quem bate? — Foi aqui que annunciaram uma cosinheira? — Foi, mas já está alugada. — Repetio-se esta scena um ror de vezes!

— Vae a uma agencia, aconselhou Maricas.

— Ora muito obrigado! — bem sabes o que temos soffrido com as taes agencias. Não ha nada peior.

E emquanto Araujo, muito contrariado, tamborilava com os dedos sobre o espaldar da cadeira e dava pequenos estalidos de lingua, Maricas abria o embrulho que elle ao entrar deixára sobre o aparador.

— Oh, como é lindo! exclamou ella, extasiada diante de um magnifico chapéo de palha, com muitas fitas e muitas flores. Ha de me ficar muito bem. Decididamente és um homem de gosto!

E, sentando-se no collo de Araujo, agradecia-lhe com beijos e caricias o inesperado mimo. Elle deixava-se beijar friamente, repetindo sempre:

— Diabo! diabo!...

— Não te amofines assim por causa de uma cosinheira.

— Dizes isso porque não és tu que vaes correr a via sacra á procura de outra.

— Se queres, irei; não me custa.

— Não! Deus me livre de dar-te essa massada. Irei eu mesmo.

E beijou-a.

Ergueram-se ambos. Elle parecia agora mais resignado, e disse:

— Ora adeús! vamos jantar n'um hotel!

— Apoiado! Em qual ha de ser?

— No Daury. E' o que está mais perto. Ir agora até á cidade seria uma grande massada.

— Está dito: vamos ao Daury.

— Vae te vestir.

A's oito horas da noite Araujo e Maricas voltaram do Daury perfeitamente jantados e pozeram-se á fresca.

Ella mandou illuminar a sala, e foi para o piano assassinar miseravelmente a marcha da *Aida;* elle, leitado n'um soberbo divan estofado, saboreando o eu Renducles, contemplava uma finissima gravura de Goupil, que enfeitava a parede fronteira, e lembrava-se do dinheirão que tinha gasto para mobiliar e ornar aquelle bonito chalet da rua do Mattoso.

A's dez horas recolheram-se ambos. Largo e sumptuoso leito de jacarandá e páo-rosa, sob um docel de seda, entre cortinas de renda, offerecia-lhes o ineffavel conchego das suas colchas adamascadas.

A' primeira pancada da meia-noite, Araujo ergueu-se de um salto, obedecendo a um movimento instinctivo. Vestio-se, poz o chapéo, deu um beijo de despedida em Maricas, que dormia profundamente, e sahio de casa com mil cuidados para não despertal-a.

A uns cincoento passos do chalet, dissimulado na sombra, estava um homem que veio se approximando á medida que o dono da casa se afastava...

Quando o som dos passos de Araujo se perdeu de todo no silencio e o seu vulto desappareceu na escuridão da noite, o outro tirou uma chave do bolso, abrio a porta do chalet, e entrou...

Na occasião em que elle se voltava para fechar a porta, a luz do lampeão fronteiro bateu-lhe em cheio no rosto; se alguem houvesse defronte, veria no mysterioso noctivago um formoso rapaz de vinte e tantos annos.

Entretanto, Araujo desceu a rua Mariz e Barros, subio a de São Christovam, e um quarto de hora depois entrava n'uma casinha de apparencia pobre.

II

Dormiam as crianças, mas dona Ernestina de Araujo ainda estava acordada.

O esposo deu-lhe o beijo convencional, um beijo apressado, que tinha uma tradição de quinze annos, e começou a despir-se para deitar-se. Araujo levava grande parte da vida a mudar de roupa.

— Venho achar-te acordada: isto é novidade!

— E' novidade, é. A Jacintha deu-lhe hoje para embebedar-se, e sahio sem apromptar o jantar. Fiquei em casa sosinha com as crianças.

— Oh, senhor! é sina minha andar atraz de cosinheiras!

— Não te affiijas: eu mesma irei amanhan procurar outra.

— Naturalmente, pois se não fores, nem eu, que não estou para massadas!

Depois que o marido se deitou, dona Ernestina, timidamente:

— E o meu chapéo? perguntou; compraste-o?

— Que chapéo?

— O chapéo que te pedi.

— Ah? já me não lembrava... Daqui a uns dias!... Ando muito arrebentado...

— E' que o outro já está tão velho...

— Vae-te arranjando com elle, e tem paciencia... Depois, depois...

— Bom... quando poderes.

E adormeceram.

Logo pela manhan a pobre senhora poz o seu chapéo velho e sahio por um lado, emquanto o marido sahia por outro, ambos á procura de cosinheira.

Os pequenos ficaram na escola.

Os rendimentos de Araujo davam-lhe para sustentar aquellas duas casas. Elle almoçava com a mulher e jantava com a amante. Ficava até a meia-noite em casa desta, e entrava de madrugada para o lar domestico.

A amante vivia n'um bonito chalet; a familia morava n'uma velha casinha arruinada e suja. Na casa da mão esquerda havia o luxo, o conforto, o bem-estar; na casa da mão direita reinava a mais severa economia. Alli os guardanapos eram de linho; aqui os lençóes eram de algodão. Na rua do Mattoso havia sempre o superfluo: na rua de São Christovam muitas vezes faltava o necessario.

Araujo promptamente arranjou cosinheira para a rua do Mattoso, e á meia-noite encontrou a esposa muita satisfeita:

— Queres saber, Araujo?! Dei no vinte! Achei uma excellente cosinheira!

— Serio?

— Que jantar esplendido! Ha muito tempo não comia tão bem! Esta não me sae mais de casa!

Pela manhan, a nova cosinheira veio trazer o café para o patrão, que se achava ainda recolhido, lendo a *Gazeta*. A senhora estava no banho; os meninos tinham ido para a escola.

— Eh! eh! meu amo, é voçumcê que é dono da casa?

Araujo levantou os olhos; era a Josepha, a cosinheira que tinha estado em casa de Maricas.

— Cala-te, diabo! Não digas aqui que me conheces!

— Sim, sinhô.

— Com que então tomaste ante-hontem um pileque onça e nos deixaste sem jantar, heim?

— Mentira só, meu amo; Josepha nunca tomou pileque. Minh'ama foi que me botou p'ra fóra!

— Ora essa! Por que?

— Ella me xingou pru via das compra, e eu ameaçou ella de dizê tudo a voçumcê.

— Tudo que?

— A historia do estudante que entra em casa á meia-noite quando voçumcê sae.

— Cala-te! disse vivamente Araujo, ouvindo os passos de dona Ernestina, que voltava do banho.

O nosso heróe promptamente se convenceu de que a Josepha lhe havia dito a verdade. Em poucos dias desembaraçou-se da amante, deu melhor casa á mulher e aos filhos, começou a jantar em familia, e hoje não sae á noite sem dona Ernestina. Tomou juiso e vergonha.

ARTHUR AZEVEDO.

BEXIGOSA

Olhos que a vissem viam-se captivos
Do niveo rosto que ella possuia.
Astros da noite de fulgores vivos,
Flores que encheis o mundo de ambrosia,

Vistes então olhares mil esquivos,
Que ella só para todos existia.
Quantos não vivem hoje pensativos,
Vendo-a tão cheia de melancolia!

Magoada flor de neve—o rosto d'ella
Eu vejo raras vezes á janella,
Receioso, tristonho, amargurado.

Cortaram-lhe os cabellos, e o seu rosto
Apparece tão cheio de desgosto,
Todo de cicatrizes salpicado.

ARTHUR MENDES.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

I

(Continuação)

— Que o organismo de Dolores é um organismo doentio na realidade e na apparencia bom. O depauperamento de forças de que foi victima o pae,

quando se dava aos excessos alcoolicos, plantou a garra no physico d'essa mulher. E' extremamente nervosa, irritavel, talvez. Quem me diz que a amamentação não inoculou em Carmen um parasitario capaz de minar-lhe o organismo e por consequencia de modificar-lhe o caracter?

— Visionario!... mil vezes visionario!

— Visionario ou não, tudo isto prova o amor que sinto pela filha.

— Em todo o caso, raciocinando, não se poderá tambem affirmar que o casamento de Dolores com um medico de boa organisação physica e de bons costumes, modificou effeitos que, por ventura, resultassem da hereditariedade?

— Bem dito. Concordo.

— E ainda mais: quando mesmo, segundo as tuas illusões scientificas, o caracter de Carmen fosse influenciado por uma amamentação mal cabida, a educação moral operaria a reacção salvadora.

— A educação moral, que scientificamente fallando póde ser intitulada a educação cerebral, obtem verdadeiros triumphos, e verdade é confessar que me uno aos teus raciocinios. O teu bom senso venceu as minhas divagações academicas. Todavia, garantes a educação moral de Carmen?

— Garanto não só a moral, como tambem a intellectual. Eu me explico.

— Muito bem; mas antes de o fazeres, lembra-te de que se approxima a hora digestiva e que já nos vae fazendo falta o nosso classico calice de *chartreuse*.

E acompanhando com o gesto a palavra, Lucio bateu ao de leve com o castão da bengala sobre o marmore da mesa e pedio ao criado o licor e dous calices. E accrescentou, a meia voz, fallando com Carrero:

— Continua, que tudo isso me interessa. Sou homem pratico; sou como o militar em campanha: gosto de conhecer o terreno que piso.

— Dolores, como te disse, deu-se inteira aos cuidados maternos. Fazia projectos; sonhava com pompas e grandezas. O marido não tinha mãos a medir, era medico de grande talento e pratica, a sua clinica estendia-se por todos os bairros. Chamava-se Perez, e a gente já o tratava nesta intimidade sympatica a que sujeitamos todos os individuos de talento, cujo caracter honesto e despretencioso os faz populares. Já se não ouvia dizer o *Dr. Perez:* chamavam-n'o seccamente *o Perez*. Todos comprehendiam. Dolores, por isto, sonhava com um futuro de rosas. Aos cinco annos, Carmen já dizia uma collecção de phrases especiaes que os paes, que são os verdadeiros philologos da infancia, traduziam, sorrindo com orgulho. Desde criança, Carmen denunciava a grande belleza que a edade adulta hoje justifica. Os grandes olhos tinham o feitiço malicioso; e Dolores, mil vezes, abraçando a filhinha, exclamava ao tempo que olhava para os moços presentes: — « Ah! se Carmen tivesse quinze annos, com estes olhos preciosos... nenhum dos senhores se retiraria tão cedo de minha casa. » Depois, como quem se queria applaudir, tomava-se de um movimento convulso e cingia nos braços, fortemente, o corpo da menina. E a criança, sem comprehender o riso dos circumstantes nem os desabafos da mãe, sorria, arregalando os grandes olhos e conchegando-se, mais e mais, ao collo de Dolores. Então, um dos cavalheiros, curvando-se com elegancia e como que para approximar a voz, interrogava a criança: — « E' verdade o que diz Dolores? » A menina oscillava com a cabeça em signal affirmativo. Todos riam. A mãe repetia o abraço e murmurava entre dous suspiros: — Que esperta! ..

— Bom! estes eram os sonhos. Deixemol-os e vamos á realidade.

Carrero ageitou-se na cadeira, debruçou-se sobre a mesa, entrelaçou os dedos e continuou no mesmo tom de voz depois de immergir no *chartreuse* os labios:

— Em verdade que eram os sonhos. O Dr. Perez, porém, foi-se, um bello dia, para o grande valle com escala pelo purgatorio.

— A terra lhe seja leve.

— Dolores enviuvou como poderia enviuvar uma leôa. Rugio de desgosto e desespero; e, durante mezes, a vizinhança queixou-se de ouvir lamentos profundos até altas horas da noite. E' bem possivel que para isso houvese duas razões poderosas: Dolores ficava viuva e pauperrima. A principio, as saudades mortificaram-n'a; depois, a necessidade e o estomago dominaram-lhe o espirito. De modo que todo o meu raciocinio explicava perfeitamente a dupla phase do sentimentalismo e do sentimento da viuvinha: Quando o dinheiro lhe faltava, suspirava... pela clinica do marido; quando se remediava a necessidade de momento, chorava pelo esposo, isto é, de dia suspirava, á noite chorava.

E Lucio, sem interromper o amigo, poliu elegantemente o bigode, como quem queria dissimular um sorriso de malicia e velhacaria.

— Mas... — continuou Carrero, a sorrir e a comprehender o gesto do amigo — essa viuvez não foi longa. No fim de seis mezes, o coronel Blanco havia postado todos os seus esquadrões, á Lovelace *moralisado*, em torno da habitação de Dolores. A principio, como deves comprehender e concordar, a viuvinha esquivou-se. Que diabo! não era para menos! Perez era moço, robusto, garboso, elegante... um bom marido, emfim, e o coronel appareceu-lhe como uma avalanche, rapido na marcha, e nevado, não pelos ultimos annos de edade que contava, que eram quarenta e tantos, mas por uma bulhenta mocidade de libertino.

— Em todo o caso, um excellente coração!

— Enganas-te: dous excellentes corações.

— Não comprehendo...

— Porque não queres: o coração do homem e o coração da *bolsa*. Ora, já é difficil que uma viuva

resista ao coração de um militar vistoso, quanto mais ao da *bolsa*... quando ha pobreza.

Lucio cantarolou a canção de Béranger: *Le voïlà, mon militaire.*

— Precisamente, meu caro: *le voïlà, mon militaire.* Dolores afogou as saudades nos dous *corações* do coronel Blanco, e como um era mais recheiado do que o outro, succedeu que o coração da bolsa sobreviveu ao do homem. O cororel hoje está velho, como vês. E' forte, mas d'essa fortaleza de pinheiro secular; a fronda espalha-se pelo espaço, mas a seiva some-se-lhe. As arvores seculares petrificam-se, os homens quando galgam a barreira e levam de vencida a sombra da morte, não se petrificam, mas ossificam-se.

— E' da sciencia: o encephalo soffre a lei da transformação, os auriculos e ventriculos seguem a mesma marcha. Estou persuadido de que Mathusalem foi encontrado, um bello dia, immovel. Tocaram-lhe com um dedo, cahio, examinaram-n'o, era um cadaver feito por inteiro de uma só peça ossificada. Mathusalém ainda hoje viveria, se os ossos lhe não tivessem expulsado... a *alma*.

— O coronel estava condemnado a desconhecer a *doçura* da paternidade; convenceu-se de que Carmen excederia a qualquer pirlpolho; que o *céo* (o coronel ainda acreditava, talvez, que o céo nos dá filhos) não lhe daria um *baby* mais galante do que a filha que Dolores lhe havia trazido por dote.

— Foi por essa occasião— interrompeu Lucio — que cheguei a conhecer Dolores e Carmen; eu era um creancola, e meu pae, sempre muito do peito do coronel Blanco, levava-me, aos domingos, vestido ou de turco ou de marinheiro, apezar dos meus quatorze annos.

— O que era ridiculo !...

— Archi-ridiculo, porque todos quantos me viam, davam-me vaias, á surdina, e escarneciam das minhas pernas sumidas n'umas calças-espantalhos. Emfim o que eu queria era a companhia de Carmen. Dolores beijava-me, e a filha, se me não beijava, porque era um tanto... não muito timida, deixava-se beijar. Eramos *novios*, como dizemos cá na terra. E tudo isto foi até o tempo em que Carmen completou sete annos, quando então parti para a Europa.

— Pois bem, foi, mais ou menos, d'essa data que principiou a legitima obra do coronel Blanco, a educação de Carmen. A mãe queria esquecel-a, talvez, no collegio; o marido oppoz-se terminantemente; pagou a mestres. A moça foi, a pouco e pouco, tomada de subito enthusiasmo. De natureza physica robusta, entregou-se, methodicamente e a expensas da observancia que lhe impunha o padrasto, ao estudo da lingua patria e das estrangeiras. Para resumir. Carmen falla o hespanhol, mas o legitimo hespanhol, sem esses malditos defeitos de pronunciação, com que orientaes e argentinos, em grande maioria, apunhalam a vernaculidade do idioma; falla o francez, o inglez e o italiano. Accrescenta a tudo isso uma instrucção, se não profunda, ao menos sufficiente para illuminar a intelligencia de uma mulher: conhece os elementos das sciencias naturaes.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Nunca houve no Rio de Janeiro tanta penuria de espectaculos !

A gente, se não se quizer aborrecer ouvindo os hespanhóes do Polytheama, ha de recorrer a duas magicas, a *Rosa de diamantes* e o *Filho do Averno*, ou ao *Conde de Monte Christo*. E mais nada !...

Na capital dos Estados Unidos do Brasil quem não gosta de jogos e de corridas não póde absolutamente divertir-se...

*

No meio d'esta penuria, uma nota triste: o fallecimento do actor Porto, do theatro das Variedades.

X. Y. Z.

Com o titulo a *Buenadicha, ou arte de ler o futuro nas linhas das mãos*, acaba de publicar o nosso distincto collega Borja Reis, do *Figaro*, um interessante folheto extrahido do *Tratado methodico de sciencia occulta*, de Papus, pseudonymo de um medico francez, o Dr. Geraldo Encausse, muito dado a estudos de telepathia, e contimador de Desbarolles, um feiticeiro do *boulevard*, amigo intimo de Dumas Filho, que o tomava a serio, e acreditava que elle realmente lêsse nas linhas das mãos o futuro dos homens.

Mais curioso que o *Resumo synthetico da chiromancia*, que constitue o folheto, nos parece o magnifico prefacio, espirituoso e erudito, de Medeiros e Albuquerque. O poeta dos *Peccados* em poucas paginas espreme o seu assumpto.

Este livrinho é editado pelos Srs. Magalhães & C.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 12 MARÇO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Abdon Milanez	A. A.
Chronica Fluminense	A.
Só	Martins Junior.
Coisas miudas	Cosme Velho.
Lavras frias	Valerio Mendes.
Black	Arthur Azevedo.
O Missal	Amarante.
Antigo thema	A. Peres Junior.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

OLAVO BILAC

ABDON MILANEZ

Filho legitimo do Dr. Abdon Felinto Milanez e de D. Gracinda Cotegipe Milanez, o auctor da *Donzella Theodora* nasceu, aos 10 de Agosto de 1858, na cidade de Areias, provincia da Parahyba.

Desde a mais tenra edade revelou grande vocação para a musica, mas o pae, que desejava fazer d'elle um engenheiro e não um artista, mandeu-o para a Escola Polytechinica.

Quando, em Março de 1881, Abdon recebeu a sua carta de engenheiro-civil, já era um copioso fazedor de polkas e valsas, que a casa Bevilacqua imprimia a troco de qualquer coisa.

A principio os seus amigos suppozeram que, seduzido pela musica, elle abandonasse n'um canudo de lata o seu diploma scientifico, mas a vida tem exigencias terriveis: o engenheiro Abdon Milanez foi nomeado successivamente fiscal da Estrada de Ferro Conde d'Eu, auxiliar technico da Estrada de Ferro D. Pedro II, fiscal da Estrada de Ferro D. Thereza Christina, addido á fiscalisação dos bondes nesta cidade, e, por ultimo, official technico da Inspectoria Geral das Terras e Colonisação, cargo que ainda occupa.

*

De Abdon Milanez posso eu dizer o mesmo que disse, ha dias, neste mesmo periodico, de Assis Pacheco: nunca teve um mestre de musica! Aprendeu a tocar piano assistindo ás lições que um professor da Parahyba dava á sua irman!

Em 19 de Março de 1886 estreiou-se brilhantemente, no theatro Sant'Anna, com a *Donzella Theodora*, opereta em 3 actos, que foi uma revelação e um triumpho. Escreveu depois, e fez representar no mesmo theatro, as seguintes operetas: *Heróe á força*, em 3 actos, *Pintar o padre*, em 1 acto, a *Dama de espadas*, em 3 actos, e, ultimamente, no theatro Apollo, o *Barbeirinho de Sevilha*, em 3 actos.

Para as revistas de anno o *Bilontra*, o *Carioca*, *Mercurio*, *Viagem ao Parnazo*, e outras, bem como para as magicas a *Corça do bosque*, a *Fada Azul*, o *Filho do Averno*, e ainda para outras muitas peças de generos diversos, escreveu Abdon muitos numeros de musica, que concorreram poderosamente para o bom exito de taes espectaculos.

Tomaria columnas do *Album* a simples nomenclatura dos romances, marchas, hymnos, elegias, nocturnos, cançonetas, valsas, polkas, quadrilhas e lundus que elle tem escripto e publicado nestes ultimos dez annos. E releva notar que ainda guarda alguma coisa inedita.

*

E' um grande trabalhador e compõe com uma facilidade inaudita. Eclectico e desorientado, umas vezes atira-se á escola franceza e outras á italiana, mas é, sobretudo, brasileiro, de um brasilerismo encantador e sincero. A sua musica — e d'isso podem dar testemunho todos os meus leitores fluminenses — agrada sempre, quer seja sentimental, quer seja alegre; o seu talento amolda-se egualmente ao comico e ao dramatico.

Os profissionaes mettem-lhe a catana: consideram-no um simples amador incipiente; mas o pu-

blico estima-o devéras, e applaude-o sempre com enthusiasmo. Abdon Milanez tornou-se um nome popular.

O nosso *maestrino* parte hoje ou amanhan para o velho mundo, em companhia de sua esposa e de seus filhos. Foi nomeado para exercer, em commissão, o logar de secretario da Superintendencia Geral de Immigração na Europa. Vae residir em Bruxellas.

Abdon Milanez só sabe, musicalmente fallando, o que não se aprende. Ora, em Bruxellas ha um Conservatorio de Musica de primeira ordem, onde, nas horas vagas, elle poderá, se quizer, aprender o que não sabe.

Não perca o nosso artista essa bella occasião de completar-se, e venha quebrar a castanha na boca dos profissionaes, seus patricios, que lhe mettem a catana.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Continúa um grande movimento de philantropia em favor do Lyceu de Artes e Officios. Organisam-se bandos precatorios, festas, espectaculos, kermesses, etc. Os meus collegas Jovino Ayres, Osorio Duque Estrada e Alvares de Azevedo Sobrinho andam abaixo e acima, desenvolvendo uma enorme actividade nos preparativos do baile e tombola que se realisarão nos salões do club de São Christovam.

Valiosos donativos têm sido feitos para a reconstrucção da grande casa do povo. O almirante Jaceguay teve a boa ideia de fazer reverter para o Lyceu mais de cem contos de réis angariados para uma escola Deodoro, os quaes dormiam tranquillamente n'um Banco, á espera de applicação. Não a podiam achar melhor.

Uma alma generosa offereceu para o mesmo fim cincoenta acções do Banco Mutuo. Não tardam por ahi grandes remessas de *debentures* da Geral... A bondade humana é capaz dos maiores sacrificios!...

*

Interessante, o caso do sr. Pintado!

Leram?

O Sr. Pintado foi a um armarinho da rua do Senador Pompeu comprar um apito. Não ha nada mais innocente.

O Sr. Pintado comprou o apito, e naturalmente quiz experimental-o: levou-o á boca, e apitou...

O dono do armarinho, que é inspector seccional (leia-se «inspector de quarteirão») prendeu-o immediatamente e mandou-o para o xadrez, [illegible] conservou detido quatro ou cinco dias!

Ora sahi está um inspector digno da nossa Policia...

*

Recebi as *Cambiantes*—contos, impressões de viagem, phantasias—, por Arthur Guimarães.

São cento e tantas paginas que se leem quasi de um folego, mas não deixam grandes impressões artisticas. Livrinho de moço, sympathica primicia, *hors d'œuvre*—quem sabe?—de um banquete que virá mais tarde... Pois venha!

*

A Republica do Uruguay perdeu o grande poeta Magarinos Cervantes, ha poucos annos coroado na sua patria como Zorilla em Hespanha.

Nós perdemos o velho Sousa Fontes, professor illustre, clinico de grande reputação, medico do Imperador, honradamente sumido desde o 15 de Novembro.

*

Tive eu tambem o meu luto, luto cruel, inesperado, trazido pelo telegrapho.

O morto chamava-se Victor Lobato. Era meu companheiro de infancia, o mais velho dos meus amigos, e, afinal, meu irmão, porque se casára com minha irman.

Tem direito a uma referencia nesta chronica, não pelos laços que nos prendiam, mas por ter sido o fundador da imprensa popular no Maranhão, por se ter batido valentemente, durante muitos annos, pela Verdade e pela Justiça, por ter representado o povo no congresso constituinte d'aquelle Estado.

Cahio aos trinta e nove annos...

Mas... para que lamentações? Quem poderá comprehender o meu profundo desgosto, assoalhado á ligeira n'um artigo leve e fugitivo?

Conserve o meu coração saudoso e magoado a memoria d'esse irmão querido, alma candida, espirito nobre, caracter recto e impolluto.

A.

Casou-se no dia 11 do corrente o nosso estimavel collaborador e amigo Pedro Rabello, chefe de secção da secretaria da Intendencia Municipal, com a Exma. Sra. D. Edwige Augusta Rodrigues Silva.

O *Album* deseja aos noivos todas as venturas de que são dignos.

Vem a pello noticiar que o noivo, poeta moderno e de fino quilate, vae proximamente publicar os seus bonitos versos n'um volume, que se intitulara *Opera lyrica*, e sahirá dos magnificos prelos da Imprensa Nacional

SÓ

Só, brutalmente só, lugubremente ilhado
Pelo oceano da Dor que brame ao pé de mim,
Eu tenho a sensação asperrima, sem fim,
Do nirvana final, do cahos inanimado!

Quando da inconsciencia onde immergi, consigo
Com esforço arrancar um pensamento vago,
Vejo-me a bracejar — naufrago em desabrigo —
De trevas n'um enorme e tempestuoso lago.

E' então que eu comparo a minha solidão
A' de um vulcão extincto em meio do Deserto:
Sinto aos pés sem calor o areial movel, incerto,
E a cratera do cranco, em cima, sem clarão.

Quanta desolação, quanta ruina, quanta
Sombra, neste meu negro isolamento fundo!
Emquanto em torno a mim o mundo inteiro canta,
Resam-se dentro em mim os funeraes de um mundo!

MARTINS JUNIOR.

COISAS MIUDAS

I

EXANGUE!

Ei-la, deposta do corpo que habitava, errante, perseguida, amortalhada nas dobras da penuria, em planicie infinda derramada, sem que lhe desponte a montanha, ao longe, amiga, promettedora, lylial, de amor fremente.

Vergada ao peso das culpas de seculos inenarraveis, a nova Psyché encara o firmamento, volve os olhos ao barathro profundo e suspira a sua nunca acalmada anciedade.

— Brama! Fakires do Invisivel, auscultae ainda uma vez as palpitações deste incessante cogitar! Acaso os elementos, as forças, as fórmas, o movimento não chegarão um dia a ceder o passo ao Summo Tranquillo que ha tanto espero?

O Azul empalideceu; a planura oscilla, ondeia e se contorce. O callido bafejo da noite sopra sobre a amplidão, onde apenas a luz dos olhos immateriaes fuzila. Os trons dos Coeforos da Eternidade se volatisam em tenues symphonias, que vão, vêm, agitam o espaço, balouçam-se no ether e perdem-se no Orpheon das espheras

A filha dos Fakires contrae-se, então, no supremo esforço; os aditos se abrem; as vociferações succumbem e a combalida mensageira do Ignoto rue na treva e esvae-se no grande Nada. (1)

II

SICUT ERAT...

A Arvore theosophica e transcendental, onde o Unigenito em sua incomprehendida archi-angelitude protrae a secular victoria, réfloresce; e as Harpas vivas desferem as eternaes hegemonias.

Dos hypogeus da historia então, no despertar do sonho virtual das coisas já vividas, a meditaçao ao Intermino de transfigurados gestos ascende e santifica.

Gloria, in excelsis, Deo! Na Terra, aos Sabedores do Divino, paz, luz, celestiaes angustias!

Da sacratissima Ferida a nova agua lustral promana, do entendimento; as caçoulas da castidade renascente os Anjos tomam; suspensos os turibulos, os Seraphins azues balouçam o incenso, suave ao calvarico sacrificio, e focalisam o ecliptico clarão da Raphaelesca Saudade. Illumina-se o Sobresalto do Amor e a sideral languidez do incomparavel Agno invade deliciosamente, lourdescamente, o Coração da Orpho-christandade.

Gloria in excelsis!
In excelsis gloria!
Gloria! gloria! gloria!

III

MOYSÉS A TERGO

O olho do proPHeta immobilisava-se telanescamente rembrandtnescamente, do monte Nebo ao cume, para moRRer, defronte de Jericó. O Senhor lhe aponta a Terra da Promissão, juRAda a Abrahão, a Isaac e a Jacob, e, plutonisando-lhe a vonTade pentateuquina, diz-lhe: — Tu a viste com teus olhos e nÃo passarás a ella, ó invEntor da sarça ardente.

Aquella nota rubra, posta sobre o cume da montanha, de hoMem fulmine-chifrudo, n'uma pose de bronse sonhado, prophetico, archiesculptural, prefaciando o intRoibo da futurosa terra de Judá; aquella nota espectral cresce, avoluma-se, retrae-se, e desmancha-se: e Moysés morre por manDado do Senhor.

E como o sOl se apaga, entardecendo, polvilhado de morcegos, assim o grande pyrotEChnico do Sinai, enxameado da curiosidade de Irael, volve o dorso michelanjesco aos posTEros e... (3)

SERAPIÃO GORDO.

NOTAS INDISPENSAVEIS

(1) Entenderam? Não; nem o Sr. Serapião que o escreveu.
(2) Que diabo de Unigenito é este? Harpas humanas, Arvore theosofica, Hypogeu de Historia, Sacratissima Ferida: não era melhor conservar a estas coisas os nomes proprios que lhe deram aquelles que tinham o direito de fazel-o? Olhe, Sr. Serapião; prefiro o *santo lenho*, o *sagrado coração de Jesus*, *as tres Marias* ao

pé da cruz, a todas estas placas novas que me apresentam decadistas. Digo-lhe mais: nada me convence de que essa prosa torturada valha metade de uns versos como estes:

— « Meu menino esta chorando;
S. Jose, que hei-de fazer?
— « Mande fazer as papinhas
Para ver se quer comer.

— « Uma abane o fogareiro,
Outra lave a panelinha,
Uma va bater os ovos,
Emquanto eu sésso a farinha.

« Senhora, aqui tem a papa,
Mas parece será pouca.
Se elle, porém, não quizer,
Metta-lhe o peito na bocca ».

— « Meu menino está chorando;
Elle não chora de dor.
Veio seu pae putativo
E logo o acalentou.

S. José, que moda é esta?
Largue o prato e a colher.
Homem não vae na cosinha
Onde ha tanta mulher ».

(3) Composição forte. Nephilibatismo portuguez. Quem incha esse estylo, entretanto, é ainda o sopro do poeta Guerra Junqueiro. O Sr. Serapião introduzio uma novidade nessa escriptura: — a lettra maiuscula no centro do substantivo ou do epitheto chamado de reforço. Os vocabulos nestas condições tornam-se mais peripatheticos, attrahem a vista com mais intensidade e governam melhor o periodo sensacional. Exercem uma especie de ditadura lexicologica, em perfeita concordancia com as ideias do canon positivo. E já que fallei neste assumpto, devo aqui declarar aos meus amigos que o supra citado Sr. Serapião conspira no intuito de fazer proximamente uma prelecção publica sobre a syntaxe encarada em suas applicações á politica. Vi as notas que o talentoso moço pretende desenvolver no seu trabalho, e posso affirmar que a parte concernente á crase e á elypse, figuras de syntaxe muito usadas pelos governos, é um primor de analyse e de arrojo philosophico.
Março, 1895.

O licenciado,
Cõsme Velho.

LAVAS FRIAS

Passas hoje por mim, serena e fria,
Frio e sereno, passo hoje por ti...
Nem teu olhar, ao ver-me, se annuvia,
Nem o meu se turbou quando te vi.

Onde a antiga, romantica magia
Que, ao ver-te a vez primeira, em mim senti?
Esse estranho poder que te envolvia
Num encanto de willis e de huri?

Todo eu tremia se te a mão tocava;
Meu coração, precipite, pulsava
Se te ouvia pulsar o coração...

Por ti vivia e tu por mim andavas
Louca, louca de amor... Emtanto, as lavas
Palpamos hoje... e rimos do volcão!

7 — 2 — 93.

Valerio Mendes.

BLACK

Leandrinho, o moço mais elegante e mais peralta do bairro de São Christovam, frequentava a casa do senhor Martins, que era casado com a moça mais bonita da rua do Páo-Ferro.

Mas, por uma singularidade notavel, tão notavel que a visinhança logo notou, Leandrinho só ia á casa do senhor Martins quando o senhor Martins não estava em casa.

Esperava que elle sahisse e tomasse o bonde que o transportava á cidade, quasi á porta da sua repartição; entrava no corredor com petulancia de guerreiro em terreno conquistado, e dona Candinha (assim se chamava a moça mais bonita da rua do Páo-Ferro) introduzia-o na sala de visitas, e de lá passavam ambos para a alcova, onde os esperava o thalamo aviltado por seus amores ignobeis.

A ventura de Leandrinho tinha um unico senão. Havia na casa um cãosinho de raça, um *bull-terrier*, chamado Black, que latia desesperadamente sempre que farejava a presença daquelle estranho.

Dir-se-ia que o intelligente animal comprehendia tudo, e d'aquelle modo exprimia a indignação que tamanha patifaria lhe causava.

Entretanto, o inconveniente foi remediado. A poder de caricias e de pandelós, a pouco e pouco logrou o afortunado Leandrinho captar a sympathia de Black, e este, afinal, vinha aos pulos recebel-o á porta da rua, e acompanhava-o no corredor, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

*

As mulheres viciosas e apaixonadas comprazem-se na approximação do perigo: por isso, dona Candinha desejava ardentemente que Leandrinho travasse relações de amizade com o senhor Martins.

Tudo se combinou, e uma bella noite os dous amantes se encontraram, como por acaso, n'um sarão do Club Familiar da Cancella. Depois de dansar com elle uma valsa e duas polkas, ella teve o desplante de apresental-o ao marido.

Succedeu o que invariavelmente succede. A manifestação da sympathia do senhor Martins não se demorou tanto como a de Black: foi fulminante.

Os maridos são por via de regra menos desconfiados que os *bull-terriers*.

O pobre homem nunca tivera diante de si cavalheiro tão sympathico, tão bem educado, tão insinuante. Ao terminar o sarão, pareciam dous velhos amigos.

A' sahida do club, Leandrinho déu o braço a dona Candinha, e, como « tambem morava para aquelles lados », acompanhou o casal até á rua do Páo-Ferro.

Separaram-se á porta de casa.

ABDON MILANEZ

O marido insistio muito para que o outro apparecesse. Teria o maior prazer em receber a sua visita. Jantavam ás cinco. Aos domingos um pouco mais cedo, pois nesses dias a cosinheira ia passear.

— Hei de apparecer, prometteu Leandrinho

— Olhe, venha quarta-feira, disse o senhor Martins. Minha mulher faz annos nesse dia. Mata-se um perú, e ha mais alguns amigos á mesa, poucos, muito poucos, e de nenhuma cerimonia. Venha. Dar-nos-á muito prazer.

— Não faltarei, protestou Leandrinho.

E despedio-se.

— E' muito sympathico, observou o senhor Martins mettendo a chave no trinco.

— E', murmurou secamente dona Candinha.

Black, que os farejára, esperava-os lá dentro, no corredor, grunhindo, arranhando a porta, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

*

Na quarta-feira aprasada Leandrinho embonecou-se todo e foi para casa do senhor Martins, levando comsigo um soberbo ramo de violetas.

O dono da casa, que estava na sala de visitas com alguns amigos, encaminhou-se para elle de braços abertos, e dispunha-se a apresental-o ás pessoas presentes, quando Black veio a correr lá de dentro, e começou a fazer muitas festas ao recem-chegado, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

*

O senhor Martins, que conhecia o seu cão e sabia-o incapaz de tanta familiaridade com pessoas estranhas, teve uma ideia sinistra, e, como os dous amantes enfiassem, a situação ficou para elle perfeitamente esclarecida.

Não se descreve o escandalo produzido pela innocente indiscrição de Black. Basta dizer que, a despeito da intervenção dos parentes e amigos alli reunidos, dona Candinha e Leandrinho foram postos na rua a pontapés valentemente applicados.

O senhor Martins, que não tinha filhos, a principio soffreu muito, mas afinal habituou-se á solidão.

Nem era esta assim tão grande, pois, todas as vezes que elle entrava em casa, vinha recebel-o o seu bom amigo, o indiscreto Black, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

ARTHUR AZEVEDO.

Agradecemos o amavel convite com que fomos obsequiados para assistir á sympathica manifestação que as corporações artisticas da Imprensa Nacional e do *Diario Official* fizeram ao Sr. senador Amaro Cavalcanti, auctor do projecto da lei que lhes augmentou 40 % aos magros vencimentos que percebiam.

MISSAL

Vem já esta noticia um pouco demorada; entre ella e a promessa que della fizemos distam dous numeros do *Album*.

Mas a culpa não e nossa, e sim do proprio livro do sr. Cruz e Sousa. O *Missal*, apezar de suas pequenas dimensões, é um trabalho de leitura difficil; ninguem a leva ao cabo de uma assentada, ou mesmo de duas. Foi isso, pelo menos, o que aconteceu comnosco, que apenas conseguimos por emquanto vencer-lhe pouco mais de metade. Com tempo e vagar haveinos, porém, de chegar ao fim. Deus é grande!

E' que no *Missal* ha mais nervos que musculos. O *Missal*, mal comparado, é como certos bifes que dão mais a mastigar que a engolir.

Os bifes e os livros desse genero cançam muito e alimentam pouco

Parece incrivel, mas o *Missal* è um livro sem assumpto; é um corpo, já não digo só sem musculos, mas tambem sem esqueleto. Não se póde ter de pé, e affecta no emtanto posições athleticas.

Falta-lhe tudo: falta-lhe alma, que é a ideia, falta-lhe destreza, falta-lhe graça, falta-lhe movimento, o que só se obtem com imaginação e propriedade de estylo; falta-lhe, emfim, o dom de convencer o leitor e conquistar-lhe a sympathia, o que em litteratura é sempre o resultado da sinceridade com que pintamos as nossas paixões e as nossas impressões.

O que lhe não falta são adjectivos de algibeira e phrases torturadas a canivete e retorcidas ao fogo; tão torturadas e tão retorcidas, que deixam de ser arte para ser unicamente caprichos de paciencia.

O peior, porém, é que não é preciso paciencia só para as escrever; é preciso ainda mais para as ler, porque atraz dessas complicadas chinezices não ha ideia, nem pensamento. São charadas sem decifração.

Os Goncourts, Flauberts e outros, torturam a phrase, é exacto, mas depois de ter tido o cuidado de lhe pôr dentro uma ideia.

Mas os caroços do Sr. Cruz e Sousa dão muito trabalho para os quebrar e não se encontra dentro a amendoa. São caroços vasios.

As suas phrases são o que se póde chamar — phrases quebra-queixo.

*

O *Missal* tem as suas flores de rhetorica, não ha duvida, mas são como essas flores de sola, imitando as naturaes. Serão muito trabalhadas, mas nós preferimos as verdadeiras ou que taes pareçam.

Assim como não se supporta um prato feito só de temperos, tambem não se vae ao fim de um livro em que falte a primordial substancia nu-

triente. E' o caso de responder ao Sr. Cruz e Sousa: O molho cá está, recebemos e provámos; póde ser que sirva. Tenha a bondade de mandar agora a carne ou o peixe.

Isto para dizer que o *Missal* é um pretexto para fazer estylo, para fazer fórma Mas, como a fórma é o vestido e a ideia é o corpo, o livro do sr. Cruz e Sousa representa uma collecção de vestuarios enfileirados e expostos como n'uma casa de roupa feita.

E não affirmamos que a roupa seja sempre má ou velha: apenas faltam-lhe por dentro alguns braços, algumas pernas, alguns corpos, emfim, de carne e osso; d'esses que se movem, que gesticulam, que sentem, que fallam, que têm alma e sangue.

A roupa existe, falta agora quem a vista.

Quanto á forma, é preciso que o sr. Cruz e Sousa se convença de que bom estylo não quer dizer estylo difficil e complicado, mas sim precisamente o contrario. Quando, em qualquer phrase litteraria, se percebam o esforço e o trabalho que o artista poz em apromptal-a, essa phrase não presta.

A obra deve sempre parecer simples, natural e espontanea, ainda mesmo que muito trabalho tenha custado ao auctor, pois que nisso consiste a maior difficuldade da arte de descrever.

Em litteratura, creia, sr. Cruz e Sousa, tudo que não for sincero, simples e natural, é affectado e ridiculo. Só a simplicidade é verdadeiramente difficil e verdadeiramente grandiosa.

E' muito mais difficil reproduzir em boa aguarella, fielmente e singelamente, um grupo de rosas, do que fazel-as de couro, como ha pouco dissemos, ou de miolo de pão, ou de pennas, ou de conchas, porque a boa aguarella só póde ser executada por um artista de talento, bem senhor da sua arte, ao passo que as rosas de couro ou do que quer que sejam, são obra de curiosidade, e com paciencia qualquer habilidoso as faz.

O mesmo se dá em litteratura.

*

Toda a obra de arte, seja livro, quadro, partitura ou estatua, deve só e sempre ser a consequencia de um assumpto que impressionou o auctor; isto é: o proprio assumpto é a obra. A arte é o meio de dar-lhe corpo; nisso entra a unidade, urdidura e bom equilibrio de proporções; a fórma, emfim, é o meio esthetico de fazer d'esse corpo uma coisa bella, correcta e seductora.

Imaginem agora que um pintor, por exemplo, recolhesse do seu *atelier* todos os estudos de detalhe que fosse encontrando, feitos por elle para a execução de diversos trabalhos: uma orelha, um nariz, um pedaço de perna, uma ruga de panno, um effeito de céo, o desenho de um tronco d'arvore, e que, reunindo tudo isso, formasse uma collecção a que désse um titulo geral.

Perguntamos: O pintor, mesmo se os seus detalhes fossem muito artisticos, teria feito com isso uma obra de arte?

Quer nos parecer que não. E é o que acontece com o Sr. Cruz e Sousa; tanto assim, que vamos resumir a nossa resposta á graciosa remessa do seu livro, o *Missal*, nas seguintes palavras:

— Vimos, meu caro senhor, a collecção dos seus variados exercicios de estylo e os seus estudos de pequenos detalhes de diversos assumptos. Promettem. Entendemos que V. S., com taes disposições, deve tentar uma obra de arte, que dará ao publico quando estiver concluida.

E cá estaremos nós promptos para applaudil-a. Ficamos á espera.

AMARANTE.

ANTIGO THEMA

Não, não se acaba assim o amor tão simplesmente,
Como a flor que esplandece apenas um só dia...
O amor, festiva aurora, ingenita alegria,
Que vibra dentro em nós, e canta doudamente!

Amas-me ainda e muito, o laço que prendia
Ao meu, teu coração, não se desfez, que o sente
A minh'alma que out'rora andava reverente,
Ligada á tua voz de esplendida magia...

Portanto, é falsa, eu sei, a tua indifferença:
Não pódes esquecer-me: essa affeição immensa,
O amor, deixou em ti a chamma germinante...

E mesmo has de sentir nos labios teus frementes,
O eterno palpitar dos meus beijos ardentes...
Como fatal remorso, acerrimo e constante...

A. PERES JUNIOR.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

V

— E... dize-me, interrompeu Lucio, meio contrariado, a castigar insistentemente o medalhão do relogio — dize-me: Carmen é litterata?

— Não tem nada d'isso. Ama a litteratura sem ser litterata.

— Faço-te esta pergunta, porque posso apreciar a litteratura de uma *litterata* que aborreça. E...

como a minha intenção é amar e casar-me depois com Carmen, quero saber com quem posso contar.

— E's injusto! Ha mulheres n'essas condições e que são exemplares.

— Por exemplo... as que se não casam e ficam para vestir santos. Dedico-me por inteiro ao progresso; alistei-me, de ha muito, sob esse grandiloquo pavilhão do seculo; mas... mas.. não posso perdoar aos norte-americanos que, depoisde abs orverem o melhor de toda a emigração européa, ainda querem desviar o instincto do sexo, fazer, da mulher, homem. Quero a mulher que trabalhe, que calcule, que ordene, que dirija os seus estabelecimentos commerciaes, que aconselhe o marido, que trace planos, que conceba melhoramentos, que crie, que invente. A par de tudo isto, porém, quero que essa mulher se lembre de que a gloria por nenhuma d'essas veredas lhe virá. Quero que a esposa exclame: «o meu orgulho é ser amada; a minha gloria é ser mãe.»

— A *chapa* de sempre. Agora repetirás, sem duvida, a resposta de Bonaparte á pergunta impertinente e vaidosa de Madame de Stael: «Qual a mulher mais celebre da França? inter-rogou a applaudida autora de *Corina;* e o Hercules respondeu-lhe energicamente: «A mulher mais celebre de França será a que der mais filhos á republica.»

— Para fazel-os assassinar em sacrificio da ambição e do egoismo napoleonico; mas deixemo-nos assim de recordações historicas e de logares communs. Carmen é instruida sem ser pedante; agrada-me; deve comprehender melhor o marido que não for um ignorante.

— E os cuidados do padrasto não chegaram somente até ahi; foram além, isto é, a intelligencia de Carmen, propriamente, ultrapassou os limites do previsto. O coronel Blanco entendeu — e entendeu bem — que as bellas artes devem entrar em linha de conta na educação da mulher. Quando mais não seja, é um meio de alimentar-lhe o espirito com um elemento que a todo tempo lhe póde servir de lenitivo. Carmen, porém, não careceu de muito tempo para entrar no segredo da musica e da pintura. Aprendeu piano e canto de modo prodigioso; e, em horas em que a imaginação se lhe toma de vertigens, empunha a palheta. Não ha album em Montevidéo que não aspire á honra de receber a sancção do talento artistico d'essa moça. Tudo isso é um thesouro; Carmen é o verdadeiro diamante lapidado, em cujas facetas vêm reflectir todos os elementos de artes e sciencias que formam, por si, a esphera superior ou o paraiso do talento. A mais, pódes accrescentar o principal, a educação moral, como ha pouco te disse. O coronel Blanco entendeu, para muitos como homem excentrico, para mim como verdadeiro pae, que em face do mundo pratico devéra conduzir o espirito de Carmen de modo diverso ao até então empregado pelas familias. Desde criança, apresentou-se a enteada do militar em plena sociedade. Murmurou-se por algum tempo: «E' imprudencia, — diziam — é muito criança para ir a bailes e a saráos.» O coronel fez ouvidos de mercador, combateu as pieguices de Dolôres e seguio, de ponto em ponto, o plano convictamente traçado de antemão e a cuja elaboração presidira a logica de um raciocinar amadurecido pela experiencia. A entrada de Carmen na sociedade, que a principio déra azo a objecções, mereceu de parte dos rapazes franco applauso. Bandos de imberbes, d'esses que saem dos collegios com a cabeça em vulcão e com o coração idiota, acercaram-se da moça. Principiou Carmen a ouvir a linguagem estranha das declarações. Gostava daquelle chilrear inoffensivo. Os olhos do coronel Blanco não se desviavam da enteada; estavam, como os de aguia que faz guarda ao ninho, suspensos sobre ella. A epoca da meninice, porém, passou, e Carmen, deitando corpo, desenvolveu pronunciadamente as fórmas, fez-se prematuramente mulher. Foi por essa occasião que o methodo de educação, imaginado pelo coronel Blanco, deveu entrar em execução. Assim succedeu. Appareceram os primeiros pretendentes; Blanco não os repellio; bem pelo contrario, fingia não dar por elles.

— E que fazia Dolores?...

— Aceitava por tabella a côrte que esses mesmos pretendentes lhe faziam para com mais probabilidade contarem com a sua protecção.

— Em resumo: *coquette* é não mãe!...

— Ora, ora! está sabido! N'estas coisas de educação não entraram, felizmente, conselhos de Dolores. Mas... continuando: o que o coronel desejava, era encontrar o verdadeiro pretendente á mão de Carmen, e nunca o encontrava.

— Era exigente...

— De modo nenhum! Era previdente. Um dia, explicou-me o seu procedimento. Dizia elle: ha duas classes de pretendentes, o sincero e o falso; e, para que o segundo não leve, como de ordinario se dá, vantagem sobre o primeiro, necessario se faz que os paes observem e guiem o espirito susceptivel e por demais impressionista da mulher recem-formada. O falso pretendente é, por consequencia, de caracter vaidoso, não isola nem a pessoa *querida*, nem a si mesmo da sociedade. Vae a uma reunião; lá o has de ver, rendendo finezas, sorrindo, gesticulando, colhendo, com phrases de antes preparadas, sorrisos que elle bem sabe que hão de cahir em proveito seu no sacco da opinião. E' egoista por natureza e por isso expõe a commentarios e a criticas a infeliz que lhe dá ouvidos. O pretendente sincero procede de outro modo, não prejudica a pessoa desejada, evita-a mesmo; faz o sacrificio de toda a sua vaidade; o que sente é por si e não para receber applausos do mundo fallador e intrigante. Ora, o que se dava com a filha de Dolores era positivamente isto: todos os pretendentes eram falsos. Era por esta subida rasão de alcance, que, dia por dia, Carmen ouvia dos labios do pa-

drasto a desillusão de tudo quanto lhe haviam na vespera segredado os seus galanteadores. O que o coronel esperava veio mais cedo. Carmen substituio o sorriso de ingenua pelo da incredula. Principiou a divertir-se á custa dos adoradores. Blanco procedia como os botanicos: rosas ou urzes que encontrava, a cada passo da enteada, levantava-as, e, aos olhos da moça, explicava a proximidade que existe entre o mundo physico e o moral.

— Faria bem o coronel?...

— Sem duvida, porque preservou da descrença o espirito de Carmen.

— D'ahi... grande modificação no modo de ver a sociedade...

— Como era natural. De então, o espirito da moça distanciou-se a pouco e pouco do de Dolores. N'uma rapida ascensão, o bom senso substituira a frivolidade mulheril; tudo isso, porém, do modo mais natural e sem destoar no grupo das *senoritas* da mesma edade. Por uma procedencia fatal, Carmen passou a ser juiz em todos os actos da mãe. Quantas vezes lhe ha de haver censurado faltas de *coquette*! Quem sabe lá! E, como é de prever, o sentimento filial dirigio-se mais para o coronel Blanco. Carmen ama com enthusiasmo o padrasto e, quando muito, respeita a mãe.

— E é causa d'isso a enorme distancia que vae do espirito de Carmen ao de Dolores.

— E a mais a grande falha que existe na educação moral da mulher de Blanco. Quando entre dous entes ha similhante disparidade, é desnecessario buscar a cohesão entre duas almas experimentadas em meios diversos e meios oppostos.

— Queres dizer, n'esse caso, que essas duas mulheres não se amam!...

— Não affirmo tanto. Em minha opinião Carmen respeita a mãe, e Dolores, sem comprehender o grande valor da filha, estima-a apenas porém d'esse sentimento frio que medeia entre o amor e o indifferentismo, o direito de posse e o direito de abandono.

— E o coronel Blanco não observa, não dá pela negligencia da mulher?

— Sem duvida que sim, mas até no silencio o coronel mostra o bom senso que possue. Se fizesse observações, podia muito bem ser que Dolores se revoltasse e, por capricho ou contradicção, se propozesse a destruir a grande obra do marido. Por isso, a pouca importancia que a mulher dá a todos os desvelos de Blanco entrou no plano da educação como grande elemento. Hoje, para nada teriam influencia as intervenções maternas. Os principios que regulam a vida de Carmen estão baseados em sua experiencia. A esta moça aconteceu o que a poucas succede: aprendeu na sociedade a pratica do que o padrasto, em theoria, lhe ia aconselhando A verificação convenceu-a completamente. Por isso, ama dedicadamente o coronel.

— Em resumo — disse Lucio como quem se dispunha a concluir e mostrando-o no mencio do corpo que acompannou a phrase — Carmen tem, na tua opinião, uma educação e umas theorias capazes de fazer da mulher mais vulgar, um ente exemplar, o ***non plus ultra*** mettido em saias!...

— De accordo, embora perceba que não és da minha opinião.

— Acho-a boa, excellente mesmo em muitos pontos. N'outros, porém, parece-me um tanto puritana. Afinal de contas, meu caro, a nossa Carmen serve para escarnecer de todos os pretendentes, para os desgostar... e, depois... para *tia* ou para freira ou para irman de caridade, que é sempre aonde vão ter as mulheres que não satisfizeram aspirações.

— Exageras! Carmen ha de amar com extremo no dia em em que o homem que for digno d'ella provar que o sentimento excede ás apparencias. Tu, que estás n'essas condições, poderás ser o eleito. O conselho unico que te daria, se o necessitasses, seria este: o amor não se prova com banalidades.

E logo tomando ares de quem desejava terminar alegremente a conversação um tanto prolongada, accrescentou:

— Como dizia um heróe portuguez ao filho que partia para a campanha das Indias: « Filho, eu ponho-te no caminho da honra: em ti está agora o ganhal-a ».

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

O theatro Sant'Anna encheu-se terça-feira despropositadamente. Havia para isso tres poderosos motivos: 1º, era a *reprise* da peça phantastica a *Tentação*, magnifico trabalho de Augusto de Castro; 2º, fazia beneficio o Mattos, um dos nossos actores mais conhecidos e mais estimados; 3º reapparecia a Sra. Leonor Rivero, que gosa nesta terra de uma inexplicavel popularidade.

A representação correu bem, e o beneficiado, que conta numerosos amigos e admiradores, foi, como sempre lhe acontece nestas occasiões, muito obsequiado e applaudido.

A *Tentação*, um dos grandes *successos* do Sant'Anna, tem agora os mesmos attractivos que na primitiva; Mattos, Colás e outros artistas conservaram os seus papeis.

*

A companhia Ismenia dos Santos voltou de Juiz de Fóra, e reinaugurou os seus trabalhos no theatro das Variedades, representando a *Filha de Fanchon*. O papel da protogonista é agora desempenhado pela Sra. Lopicolo.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 13

MARÇO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Olavo Bilac	Guimaraens Passos.
Chronica Fluminense	A. e Fantasio.
Placet	Stéphane Mallarmé.
Rosa Branca	Ignotus.
A Bebita	Pedro Rabello.
A Filha do Patrão	Arthur Azevedo.
Poema da Carne	Placido Junior.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Historia simples	A. de Azevedo Sobrinho.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

HENRIQUE DE MESQUITA

OLAVO BILAC

Para não dar um tom pesado á noticia biographica de um escriptor tão leve, faço aqui neste numero do *Album* uma especie de *portrait documente*, a exemplo dos que publicava *L'Echo de Paris*.

BIOGRAPHIA EXPRESS

Olavo Bilac é carioca da gemma. Estudou no collegio de S. Francisco de Paula. Cursou cinco annos a Faculdade de Medicina e um anno a de Direito de S. Paulo.

Arthur Azevedo apresenta-o com dous bellissimos sonetos no *De palanque* do *Diario de Noticias* (1885). Grande successo. Escreve na *Semana* (1886) com Filinto de Almeida, Luiz Murat, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Aluizio Azevedo, Lucio de Mendonça, Raul Pompeia etc. Parte para S. Paulo. Dirige o *Diario Mercantil* e funda a *Vida Semanaria*, onde publica as celebres *Cartas chinezas*. Reune em volume os seus trabalhos poeticos, e em 1888 os editores Teixeira & Irmãos enchem as livrarias brasileiras e portuguezas do livro *Poesias*, a famosa brochura que abrio de par em par as portas da gloria ao primoroso lyrico da *Via lactea*. Volta ao Rio. Funda com Pardal Mallet, Luiz Murat e Raul Pompeia o jornal litterario a *Rua*. Sob o pseudonymo de *Arlequim* revela-se prosador tão elegante e tão correcto, como é elegante e correcto poeta, e com tal encanto e ironia, com tal finura e leveza serve-se da penna, que funda definitivamente a chronica no Brasil. Collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias*, depois redactor da *Cidade do Rio*, onde hoje é secretario da redacção.

Viagem a Lisboa, Madrid, Pariz, Londres e Haya (1890-91). Artigos impresionistas, para a *Cidade do Rio*. De volta, escreve com Aluizio Azevedo, Mallet e Coelho Netto, sob o pseudonymo commum de Victor Leal, os romances *Paula Mattos* e o *Esqueleto*, no rodapé da *Gazeta de Noticias*.

O mais é a obra que todos os dias veem os leitores fluminenses. Tem promptos alguns livros de verso e de prosa, tem cinco mezes de prisão politica, tem um duello e nunca aprendeu esgrima. Foi funccionario publico *l'espace d'un matin*.

Passaporte: — Edade, 28 annos. Estatura, 1 metro e 80 centimetros. Cabellos, negros, curtos e brilhantes. Olhos, negros, meio estrabiscos, amendoados e salientes; myope grão 5. Fronte, larga. Nariz, fino e cumprido. Boca, rasgada. Mãos, esculpturaes. Orelhas, largas. Pouco bigode.

Signal particular: — Memoria prodigiosa.

Detectiva: — Mora em Botafogo. Deita-se tarde; levanta-se a horas incertas, lê todos os jornaes com um cuidado extraordinario, almoça ao meio-dia no hotel, e a 1 hora está na redacção. 4 horas, *vermouth* no Castellões. 6 horas, jantar. Feito o jornal, vae ao theatro, mas não adora a opera lyrica.

O artista impeccavel da *Delenda Cathargo* não tem grande admiração pela pintura, nem morre de amores pela musica: tem simplesmente a religião do Verso terso e sonoro e do periodo fulgurante e inalteravel, com os quaes brinca sereno e firme, como um japonez emerito nos mais complicados jogos malabares.

Adora os vinhos finos e as mulheres bellas; fuma cigarros turcos, ama os charutos caros e detesta o cachimbo.

Não tem predilecções em arte. Lê Shakespeare, Dante, V. Hugo, Musset, Flaubert, Gauthier, Maupassant, Verlaine, Peladan, etc.

Não é catholico, nem budhista. Não quer ser pae porque é louco por um sobrinho que, diz elle, ha-de substituil-o.

Faz litteratura a qualquer hora; sabe de cór todos os seus versos e a mór parte dos dos poetas contemporaneos.

Escreve no meio do maior ruido. Ultimamente entrega-se ao estudo das sciencias occultas.

GRAPHOLOGIA: — Tem ciume do seu talhe de letra que é muito egual; caracteres redondos e bonitos. Muito sensual.

Franqueia generosamente o que ganha. Pouco orgulhoso. Accessivel a todos que o procuram. Pessimismo dourado. Grande variedade de impressões. Muito sentimento nos versos, porém pouca sensibilidade. Ironico e muito altivo.

LINHAS DA MÃO: — Pouco amigo dos logares solitarios. Affecta muito septicismo, porém no fundo é supersticioso. Promette guardar rancores, mas esquece-os com facilidade. Não tolera receber ordens. Disposição immediata para tudo. Imaginação poderosissima. Muito sangue frio, principalmente nas grandes occasiões. Difficillimo de uma paixão duradoura. Feliz nas suas pretenções. Crise aos 45 annos. Vida longa.

GUIMARAENS PASSOS.

CHRONICA FLUMINENSE

Quando o outro dia li, na *Gazeta de Noticias*, o sorprendente annuncio da mulher que offerecia um menino como quem offerece um papagaio, fiz logo tenção de aproveitar esse magnifico assumpto.

Fantasio, porém, tomou-me a dianteira, e escreveu na *Cidade do Rio* a chronica magistral e coruscante que foi a nota artistica desta semana melancolica e nevoenta.

Ora, como o *Album* dá neste numero o retrato de *Fantasio*, que outro não é senão Olavo Bilac, o melhor que tenho a fazer—roubado como fui—é transcrever aqui a referida chronica. D'esse modo ficará guardado no *Album* um precioso e esplendido modelo da prosa do nosso Olavo, com o seu magnifico retrato, e a sua biographia, espirituosamente escripta por Guimarães... perdão: Guimaraens Passos. O diabo do rapaz faz questão de ser *Guimaraens* sem til.

Agora, deliciem-se os leitores:

« Leio na *Gazeta* um annuncio curioso.

Chronica! No periodo sorna da vida fluminense, tens sido um parenthesis, aberto, como uma boca que se escancara de riso. Mette dentro do teu riso uma lagrima, e trata deste caso cruel, em que se espalha toda a maldade destes tempos amaldiçoados.

A publicidade! oh! a publicidade! a sem cerimonia com que se levanta, nos jornaes, a pontinha do véo que encobre os mysterios! e a facilidade com que as columnas ineditoriaes das folhas acolhem todas essas pequeninas infamias! Meus amigos! já deviamos ter mais cuidado com essas publicações...

O annuncio, simples e secco, diz apenas isto:

UMA senhora que se acha em posição precaria, deseja fazer entrega de um interessante menino muito fallador, de dous annos de edade, a um casal sem filhos, de tratamento, ou viuva nas mesmas condições, para ser considerado como filho; a pessoa que pretender deixe carta no escriptorio d'esta folha com as iniciaes M. T. G.

Esta senhora, que se acha em posição precaria, não contou jamais com a réclame furiosa que lhe vou rufar no tambor da chronica... Regosije-se, humana e generosa senhora!

*

Já nesta mesma columna, a proposito da perversidade de um caso occorrido em S. Paulo, pedi a piedade e a attenção de todos para os casos frequentes de violações de crianças. O annuncio de hontem da-me ensejo de voltar ao assumpto.

Ha uma senhora que se acha em posição precaria. Tem em casa um menino. Não sei se esse menino é ou não seu filho. Pouco importa. Para o coração de uma mulher, quando essa mulher não é uma loba, uma criança é sempre um filho. Mas a loba de que se trata quer ver-se livre da criança que tem em casa. E annuncia-a! E tão generosa a loba M. T. G., que não expõe, alta noite, na calçada, abandonada, a criança que quer engeitar! Não! A loba M. T. G. é uma loba prima-irman da loba que amamentou Romulo e Remo, os fundadores de Roma. E caridosa. Não atira á rua o pequenino engeitado; annuncia-o.

Mas—como a vida não é facil hoje em dia, como a carne secca está pela hora da morte, e como, por conseguinte, ha pouca gente que deseje augmentar a familia acolhendo um engeitado, que faz a Sra. M. T. G.? que faz a piedosa mulher que até hoje aturou as impertinencias do menino? Accrescenta ao annuncio a noticia minuciosa das habilidades e das utilidades do pedaço de gente exposto ao mercado...

Que ha de mais natural? E' o que se costuma fazer com todos os generos que se annunciam,—desde as peças de oxford e de chita até os cães de

raça que sabem saltar arcos e os macacos que dansam ao som do realejo.

*

Annuncia-se um menino. Ninguem quer comprar nabos em sacco, nem meninos em lote. E' preciso saber se os nabos estão maduros e se os meninos têm habilidades. E, por isso, a Sra. annunciante escreve :

« Um interessante menino muito fallador, de dous annos de idade... »

Dous annos de edade, mães ! E falla !

Mães ! sabeis todas o que falla um menino de dous annos !... A boca pequenina póde apenas articular as quatro syllabas sagradas do amor : *mamãe* e *papae*... não cabe mais nada na palavra rudimentar daquelle cerebro em botão :—Ha nada mais barato do que ter de graça um menino de dous annos que já diz *papae* e *mamãe* ?

Quando se põe á venda um papagaio educado, annuncia-se sempre, para engodo do freguez, que o bicho verde sabe fallar como gente... Mas um menino de dous annos, muito fallador !... Isso vale ouro no mercado da deshumanidade ; e a loba M. T. G. é tão caridosa e tão desinteressada, que nem mesmo pede indemnisação pelo leite que o menino mamou e pelas fraldinhas que inutilisou !... Haverá quem recuse similhante offerta ? Haverá quem recue de tão rendoso negocio ? D'aqui a alguns annos, quando a boca do pequenino já se não limitar a gaguejar o syllabario do amor, quando o seu cerebro crescer, quando a vida se lhe desenvolver no sangue e na alma, quando a flor se desabotoar,— quanto não poderá a loba, que agora ficar com elle, cobrar pela sua entrega a explorador mais emprehendedor ?

Quem quer ficar com esta criança ?

Quem quer tomar de graça esta madrugada que já falla ?

*

Se a civilisação está, como dizem os philosophos de alma negra, na razão directa da depravação de costumes, estamos a civilisar-nos a olhos vistos.

Antigamente não havia ninguem que tratasse d'esse modo as crianças .. A humanidade ainda não tinha fugido dos nossos corações. Se não nos tinhamos ainda civilisado, a nossa barbaria tinha alma e piedade.

Quando, ainda no tempo da escravidão, se tratou de fundar aqui uma *Sociedade Protectora dos Animaes*, José do Patrocinio lembrou ás senhoras organisadoras da sociedade que era mais humano e mais urgente que tratassem de promover a protecção dos escravos, que morriam sob o azorrague, das mães que penavam sob o ferro do captiveiro, e dos filhos captivos que a exploração dos senhores arrancava ao seio materno. Lembro-me ainda da repercussão victoriosa e larga desse artigo. Ninguem mais cuidou de proteger animaes com prejuizo da protecção que era devida aos homens.

Nesse tempo ainda a mania imitativa, que nos leva a copiar os usos argenunos, não tinha povoado as nossas ruas de pequenas vendedoras de flores, expostas á sensualidade e á deshumanidade dos noctivagos. Nesse tempo, derramar sangue irmão era ainda para nós o supremo sacrificio e o supremo aviltamento. Nesse tempo, desgraçada criança, ninguem te annunciaria pelos jornaes, como um papagaio bem fallante ou um tico-tico illustrado...

Dous annos apenas... Estás no começo da tua desgraça. Quando tiveres mais vinte, tu, que uma mulher sacrifica ás suas commodidades, ainda terás mais desesperos e mais ingratidões a tragar.

Não faltará quem te ponha á venda, no mercado do odio e da vingança, ingratamente, esquecendo todos os serviços que tiveres prestado á tua patria, —como esta senhora te offerece ao mercado da curiosidade, esquecida da luz e da alegria que derramaste na sua casa, com o teu tagarellar infantil. »

Ora ahi está ! Confessem que foi uma lembrança feliz. Apezar de não se tratar de coisa inedita, os leitores ficaram mais bem servidos do que ficariam se eu lhes fallasse da chuva, ou da chegada do outomno, ou da morte de Jules Ferry, ou da revolução do Rio Grande, ou da estreia da Cifuentes, ou da questão dos fóros da Intendencia Municipal.

A.

PLACET

J'ai longtemps rêvé d'être, ô duchesse, l'Hébé
Qui rit sur votre tasse au baiser de tes lèvres ;
Mais je suis un poète, un peu moins qu'un abbé,
Et n'ai point jusqu'ici figuré sur le Sèvres.

Puisque je ne suis pas ton bichon embarbé,
Ni tes bonbons, ni ton carmin, ni tes jeux mièvres,
Et que sur moi pourtant ton regard est tombé,
Blonde dont les coiffeurs divins sont des orfèvres,

Nommez-nous... vous de qui les souris framboisés
Sont un troupeau poudré d'agneaux apprivoisés
Qui vont broutant les cœurs et bêlant aux délires,

Nommez-nous... et Boucher, sur un rose éventail
Me peindra, flûte au mains, endormant ce bercail.
Duchesse, nommez-moi berger de vos sourires.

STÉPHANE MALLARMÉ.

ROSA BRANCA

Eu nasci na praia de Botafogo, ao doce arfar das viraçôes marinhas. De manhan, muito cedo, quando ainda palpitava no céo azul a branca estrella, mão de donzella, delicada e fina, espargia sobre minhas petalas nascentes a agua que me dava alento e me fazia crescer e desabrochar. Ao meio-dia, ao calor do sol rubro e flamejánte, o dourado colibri, ruflando as pequeninas azas, vinha contar-me os segredos de seus amores com as minhas irmans mais velhas. De noite eu admirava a lua pallida e nua listrar nas aguas mortas da bahia uma fita achamalotada de luz, e adormecia ouvindo um cantor nocturno gemer em sua guitarra serenatas sentidas e languidas. Um dia acordei desabrochada e bella ; não era mais um botão, estava rosa. A donzella que com tanto cuidado me havia tratado, cortou-me da haste com uma tesoura de prata, e durante longas horas repousei serena e placida, em christalina agua, n'um vaso de porcellana chineza, delicado e fragil. Pelas oito horas da noite me appareceu, vestida para um baile, decotado o seio, braços nús, trescalando perfumes. E eu ornei o seu collo, aninhada nos seios que palpitavam ao calor das suas esperanças. Nesse doce conchego, no tepido veludo daquella carne macia como a pennugem de um pecego, eu senti uma enervante e morna sensação de quebranto e bem estar.

E então auscultei o coração da minha senhora, quiz saber o que elle encerrava, se limpidez cristalina de virgem immaculada, se pensamentos máos de ambições, de inveja. E alegrei-me com esse exame. Naquelle coração só esvoaçavam brancas illusões, candidas esperanças. Ella amava um homem na ingenua e poetica innocencia de seus dezoito annos, e pura, meiga, santa, rogava a Deus que abençoasse o eleito da sua alma. E fui ao baile, e ao som da orchestra gemente, voei no rodomoinho da valsa. Mas a minha ingrata senhora esqueceu-se de mim; indifferente, sem piedade, offertou-me a um moço elegante e gentil, de olhar altivo e bigodes retorcidos. E de seu perfumado collo passei para uma casaca negra. Quiz sondar este coração mas não pude. Era profundo, dissimulado, encoberto como o caramujo na sua concha. E horas depois rolava nas almofadas de um *coupé*, ao trote cadenciado de cavallos inglezes. Despertei n'uma alcova côr de rosa, coberta de espesso tapete da Persia, onde pesados reposteiros de damasco occultavam a claridade nascente do dia.

Em um leito de *erable*, baixo e amplo, coberto de uma colcha de séda preta, dormia semi-nua uma mulher moça, de uma alvura de alabastro e de uma belleza perturbadora.

Ella sonhava e murmurava palavras, de que não comprehendia a significação, mas que pareciam fremitos de prazer.

Olhei então para os quadros que ornavam esse ninho, e todos elles traduziam essas scenas amorosas da mythologia grega em um realismo audacioso dos pintores de Pompeia. Corei, alvoroçou-se o meu pudor, e tremi como a rola ao ver ao longe o atrevido gavião.

Mais tarde a moça linda e peccativa despertou de seu somno agitado, e, enfastiada, aborrecida, foi uma a uma desfolhando todas as minhas petalas. A vassoura implacavel da criada atirou no lixo meus miseros restos, e eu de todo estaria morta, se um sopro bemfazejo da aragem não agarrasse esta petala e a fosse levando no vortice de seu turbilhão. Para onde vou eu agora ? qual será o meu destino ? Misera rosa branca, porque tu não foste uma rosa de amor, guardada em caixa de marfim como recordação preciosa e doce ?

IGNOTUS.

A BEBITA

NO DIA DE SEU PRIMEIRO ANNIVERSARIO

Vae para mais de hora e meia,
Que a mim me veio uma ideia,
E eu disse com os meus botões:
«—*Seu* Rabello, olhe a Bebita !
Faça uma coisa bonita,
Mande as felicitações...»

Dispuz-me a fazer poesia.
« – Musa, neste alegre dia.
Dá que me sejas fiel ! —»
E tomei ares de poeta,
E endiretei a caneta,
E preparei o papel...

Boas ! Nem verso, nem prosa!
Minha Bebita formosa,
Fiquei de penna na mão...
E miravam-me, espantados,
Os rostos dos empregados
De toda a repartição...

Tu, Bebita, meu pobre anjo,
Vê se conheces marmanjo
Mais infeliz do que eu...
Sobejam-me versos varios
Para mil anniversarios,
E faltam-me para o teu!

Faltam versos? Pois que faltem!
Pede aos do Arthur que te exaltem
A graça, os modos joviaes...
Pela parte que me toca,
Eu dou-te um beijo na bocca
E comprimento aos teus paes!

PEDRO RABELLO.

11 de Fevereiro de 1893.

OLAVO BILAC

A FILHA DO PATRÃO

A ARTHUR DE MENDONÇA

I

O commendador Ferreira esteve quasi a agarral-o pelas orelhas e atiral-o pela escada abaixo com um pontape bem applicado. Pois não! um biltre, um farroupilha, um pobre diabo sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, atrever-se a pedir-lhe a menina em casamento! Era o que faltava! que elle estivesse durante tantos annos a ajuntar dinheiro para encher os bolsos a um valdevinos d'aquella especie, dando-lhe a filha ainda por cima, a filha, que era a rapariga mais bonita e mais bem educada de toda a rua de S. Clemente! Boas!

O commendador Ferreira limitou-se a dar-lhe uma resposta secca e decisiva; um «Não, meu caro senhor» capaz de dasanimar o namorado mais decidido ao emprego de todas as astucias do amor.

O pobre rapaz sahio atordoado, como se realmente houvesse apanhado o puxão de orelhas e o pontapé, que felizmente não passaram de timido projecto.

Na rua, sentindo-se ao ar livre, cobrou animo e disse aos seus botões:—Pois ha de ser minha, custe o que custar! —Voltou-se, e vio n'uma janella Adosinda, a filha do commendador, que desesperadamente lhe fazia com a cabeça signaes interrogativos. Elle estalou nos dentes a unha do pollegar, o que muito claramente queria dizer —Babão! —e, como eram apenas onze horas, foi d'alli direitinho espairecer no Derby-Club. Era domingo e havia corridas.

O commendador Ferreira, mal o rapaz desceu a escada, foi para o quarto da filha, e sorprendeu-a a fazer os taes signaes interrogativos. Dizer que ella não apanhou o puxão de orelhas destinado ao moço, seria faltar á verdade que devo aos pacientes leitores; apanhou-o, coitadinha! e naturalmente, a julgar pelo grito estridulo que deu, exagerou a dor physica produzida por aquella grosseira manifestação da colera paterna.

Seguio-se um dialogo terrivel:

— Quem é aquelle pelintra?

— Chama-se seu Borges.

— De onde o conhece você?

— Do Club Guanabarense... daquella noite em que papae me levou...

— Elle em que se emprega? que faz elle?...

— Faz versos.

— E você não tem vergonha de gostar de um homem que faz versos?

— Eu não tenho culpa; culpado é o meu coração.

— Esse vagabundo algum dia lhe escreveu?

— Escreveu-me uma carta.

— Quem lh'a trouxe?

— Ninguem. Elle mesmo atirou-a com uma pedra, por esta janella.

— Que lhe dizia elle nessa carta?

— Nada que me offendesse; queria a minha auctorisação para pedir-me em casamento.

— Onde está ella?

— Ella quem?

— A carta?

Adosinda, sem dizer uma palavra, tirou a carta do seio. O commendador abrio-a, leu-a, e guardou-a no bolso. Depois continuou:

— Você respondeu a isto?

A moça gaguejou.

— Não minta!

— Respondi, sim, senhor.

— Em que termos?

— Respondi que sim, que me pedisse.

— Pois olhe: prohibo-lhe, percebe? pro-hi-bo-lhe que de hoje em diante dê trela a esse peralvilho! Se me constar que elle anda a rondar-me a casa, ou que se corresponde com você, mando desancar-lhe os ossos pelo Bemvindo (Bemvindo era o cosinheiro do commendador Ferreira), e a você, minha sirigaita... a você... Não lhe digo nada!...

II

Tres dias depois d'esse dialogo, Adosinda fugio de casa em companhia de seu Borges, e o rapto foi auxiliado pelo proprio Bemvindo, com quem o namorado dividio um dinheiro ganho nas corridas do Derby. Até hoje ignora o commendador que o seu fiel cosinheiro contribuisse para tão lastimoso incidente.

O pae ficou possesso, mas não fez escandalo, não foi á policia, não disse nada aos amigos mais intimos, não se queixou, não desabafou, não deixou transparecer o seu profundo desgosto.

E teve rasão, porque, passados quatro dias, Adosinda e seu Borges vinham, á noite, ajoelhar-se-lhe aos pés a pedir-lhe a bençam, como nos dramalhões e novelas sentimentaes.

III

Para que o conto acabasse a contento da maioria dos meus leitores, o commendador Ferreira deveria perdoar aos dous namorados, e tratar de casal-os sem perda de tempo; mas infelizmente as coisas não se passaram assim, e a moral, como vão ver, foi sacrificada ao egoismo.

O commendador, com a resolução de quem longamente se preparára para o que désse e viesse, tirou do bolso um revólver e apontou-o contra o raptor de sua filha, vociferando

— Seu biltre, ponha-se immediatamente no olho da rua, se não quer que eu lhe faça saltar os miolos!...

A um argumento tão intempestivo e concludente, o namorado, que tinha muito amor á pelle, fugio como se o arrebatassem azas invisiveis.

O pae foi fechar a porta, guardou o revólver, e, approximando-se de Adosinda, que, encostada ao piano, tremia como varas verdes, abraçou-a e beijou-a com um carinho que nunca manifestára em occasiões menos inopportunas.

A moça estava assombrada; esperava, pelo menos, a maldição paterna; era, desde pequenina, orphan de mãe, e habituara-se ás brutalidades do pae; aquelle beijo e aquelle abraço affectuosos encheram-na de confusão e de pasmo.

O commendador foi o primeiro a fallar:

— Vês? disse elle, apontando para a porta; vês? O homem por quem abandonaste teu pae é um covarde, um miseravel, que foge diante do cano de um revólver! Não é um homem!...

— Isso é elle, murmurou Adosinda baixando os olhos, ao mesmo tempo que duas rosas lhe desfaziam a pallidez do rosto.

O pae sentou-se no sophá, chamou a filha para perto de si, fel-a sentar-se nos seus joelhos, e, num tom de voz meigo e unctuoso, pedio-lhe que se esquecesse do homem que a raptára, um trocatintas, um leguelhé que lhe queria o dote, e nada mais; pintou-lhe um futuro de vicissitudes e miserias, longe do pae que a desprezaria se semelhante casamento se realizasse, d'esse pae que tinha exterioridades de bruto, mas no fundo era o melhor, o mais carinhoso dos paes.

No fim d'essa catechese, a moça parecia convencida de que nos braços de seu Borges não encontraria realmente toda a felicidade possivel; mas...

— Mas agora... é tarde, balbuciou ella; e voltaram-lhe á face as purpurinas rosas de ainda ha pouco.

— Não; não é tarde, disse o commendador; conheces o Manoel, o meu primeiro caixeiro do armazem?

— Conheço: é um enjoado.

— Qual enjoado! E' um rapaz de muito futuro no commercio, um homem de conta, peso e medida! Não descobrio a polvora, não faz versos, não é janota, mas tem um tino para o negocio, uma perspicacia que o levará longe, has de ver!

E durante um quarto de hora o commendador Ferreira gabou as excellencias do seu caixeiro Manoel.

Adosinda ficou vencida.

A conferencia terminou por estas palavras:

— Fallo-lhe?

— Falle, papae.

IV

No dia seguinte o commendador chamou o caixeiro ao escriptorio, e disse-lhe:

— Seu Manoel, estou muito contente com os seus serviços.

— Oh! patrão!

— Voce é um empregado zeloso, activo e morigerado; é o modelo dos empregados.

— Oh! patrão!

— Eu não sou ingrato. Do dia primeiro em diante você é interessado na minha casa: dou-lhe cinco por cento além do ordenado.

— Oh! patrão! isso não faz um pae ao filho!...

— Ainda não é tudo. Quero que você se case com minha filha. Doto-a com cincoenta contos.

O pobre diabo sentio-se engasgado pela commoção: não poude articular uma palavra.

— Mas eu sou um homem serio, continuou o patrão; a minha lealdade obriga-me a confessar-lhe que minha filha... não é virgem.

O noivo espalmou as mãos, inclinou a cabeça para a esquerda, baixou as palpebras, ajustou os labios em bico, e respondeu com um sorriso resignado e humilde:

— Oh! patrão! ainda mesmo que fosse, não fazia mal!

ARTHUR AZEVEDO.

POEMA DA CARNE

A PAULA NEY

Ficas confusa quando os meus olhares
Mordem te o corpo, sugam-te a frescura,
E isso, porque mais que formosa és pura
Como a luz argentina dos luares...

No emtanto vê que perfidos pezares
Guardo, escondendo, como uma loucura,
D'esse desejo a febre que murmura
No peito meu, como o estertor dos mares.

Não tenho culpa que o meu sangue cante,
Que o teu olhar me prenda a cada instante
E que ao teu corpo resistir não possa...

Não tenho culpa que o teu labio seja
Uma setinea e lubrica sereja
Posta a florir, na tua carne moça...

PLACIDO IUNIOR.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

VI

Com essas informações de Carrero, Lucio podia vestir a clamyde e por-se em campo. Um pouco de tactica, e a victoria era certa.

As difficuldades, se as houvesse, viriam por parte de Dolores.

E que tinha isto? não estava elle de prevenção? Não havia promettido a si mesmo illudir, aceitando e fazendo decentemente a côrte a Dolores?

Foi assim que o moço entrou em casa, meio abatido, com as insinuações do amigo a vozearem-lhe nos ouvidos de par com as vibrações sonoras d'aquellas valsas allemans com que o pianista, todas as noites, deliciava os *habitués* da Confeitaria Oriental. Foi uma noite mal dormida aquella. E' que a natureza humana está sempre sujeita a tão singulares phenomenos.

Este rapaz, que havia passado bastantes annos em Pariz desenfreando cabeça e coração a todas as paixões mundanas, para depois detestal-as de uma vez, achava-se timido como um simples collegial, que murmura, apenas, a palavra amor com receio de que o echo de sua voz lhe responda como reprehensão.

Assim estava Lucio.

Felizmente, todas essas hesitações não se davam em publico. Ahi a consciencia impunha-lhe, e onde soffria o coração, a alma como que irradiava. Podiam sorprender-lhe o amor, mas não demonstraria o abatimento. O homem que ama é naturalmente triste. O moço bem sabia d'este principio, e por essa razão tratava de illudir.

Em poucas sociedades é tão necessaria a alegria, embora apparente, como na de Montevidéo. N'este ponto é exigente. E' de obrigação ter espirito, e Lucio já se havia antecipado e anteriormente compromettido, ou, para melhor dizer, a tradição dava-o como homem de *verve*, de espontaneidade em tudo quanto fosse provas de intelligencia e cultura.

Apezar, porém, de toda a experiencia, faltava-lhe um axioma para a collecção das maximas que o mundo nos ensina.

Lucio ignorava, talvez, que, nas condições em que se achava, poucas ou mulher nenhuma resistiria a uma declaração. O axioma que elle ignorava e que muitos escriptores affirmam fora pela primeira vez pronunciado por Páris, o roubador de Helena, é: que a mulher não ama por satisfação propria, individual, intima; ama por vaidade e sempre visando a sociedade. Lucio era rapaz de talento provado, elegante lindo sem ser ridiculo, modesto sem ser hypocrita.

A' agitação febril que o dominou, durante a noite, succedeu a placidez do homem que tem uma consciencia de santo e um estomago de avestruz.

Houve mesmo um instante, quando dava o laço á gravata em frente ao pequeno espelho do lavatorio, em que sorrio em tom de motejo.

— E' boa! — pensava — mais um passo e era capaz de subir á *azotéa* e atirar-me á rua. Com que, chegou, chegou a minha vez de pagar o meu tributo á grande asneira do amor! O que vale é que a vaidade de Carmen não me ha de atormentar, e quanto á *coquetterie* de Dolores, essa dar-me-á thema para passar bons momentos. Sim! porque, afinal, se levarmos tudo a serio, terminaremos por nos rir de nós mesmos, e isto de ser palhaço da consciencia é abominavel.

Era a hora em que se dava a visitar doentes, por esse tempo abundantes: principiava o reinado da triplice alliança: da diphteria, da pneumonia e da tisica.

— Ah! — murmurou ainda — se não fosse o frio, as mulheres não tinham o recurso de morrer tuberculosas para as amigas dizerem que se finaram de amor.

E, logo, bateu a porta e partio a cantarolar um *refrain* da Judic.

No instante em que punha o pé na calçada, chamou-o uma voz, cujo timbre não lhe pareceu estranho. Voltou-se. Era uma criadinha, bem vestida, moça, espigada, forte, encouraçada n'umas carnes vistosas e lisas e tufadas pela gordura natural. Vagava-lhe pelos labios um sorriso estupido de timidez e as maçans do rosto brazeavam como a lenha rubra das estufas em tempo de fortes invernadas. Lucio passou-lhe revista do bico dos pés á ponta dos cabellos n'um lesto volver de olhos affeitos a dar opinião sobre mulheres, e griphou toda a observação com um sorriso de malicia: — Uma *soubrette* que Pariz não despresaria! — pensou.

E a rapariga estendeu-lhe uma carta sumida n'um enveloppe perfumado.

— Esta rapariga é imprudente, disse comsigo á medida que lia — vir entregar-me aqui mesmo uma carta, almiscarada de modo a attrahir todas as abelhas do *Paso del Molino*!

A physionomia não seguio com a mesma expressão de alegria e bom humor. O moço dobrou de novo a carta, guardou-a com toda a pacatez; e, como quem se queria orientar no meio do labyrintho em que o acabavam de encerrar:

— Bem!... — principiou, depois de interrogar se á rapariga havia sido entregue a carta na vespera ou n'aquella manhan; bem! dize á senhora que lá estarei d'aqui a dez minutos.

A criada recurvou-se toda n'um comprimento de camponio, e partio n'uns passinhos miudos e apressados.

A leitura a que Lucio acabára de proceder despertou-lhe a attenção. — Dolores manda-me esta carta — disse comsigo, continuando a caminhar — para pedir-me que vá vel-a, porque *passou mal a noite* e receia alguma enfermidade aguda. E' singular! — uma mulher que escreve, á noite, uma carta, que a manda entregar de manhan e que n'ella declara que passou mal a noite! Não comprehendo! Ou antes comprehendo de mais!... Em todo caso, não ha nada a perder; bem pelo contrario ha tudo a ganhar. Um pretexto para ver Carmen. E para castigar a falsa doente, receito-lhe uma dose que ha de abatel-a e aprisional-a no quarto por alguns dias. Cada visita será paga por meia hora de conversação com a filha. Antes, porém, tenhamos em

vista a consciencia de medico. Vejamos aquelles que são verdadeiramente doentes. Para os restantes, temos as horas da noite, os dias de recepção e os saráos. Bom!... estou nomeado medico assistente da familia Blanco. Vou pôr a *coquetterie* de Dolores á prova do *quininum* e de qualquer drastico...

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

HISTORIA SIMPLES

Estas noites de luar
Trazem-me sempre á memoria
Recordações de uma historia
De marinheiros ao mar...

« Foi em setembro, dizia
O marujo, soluçando,
Que deixei Andaluzia,
Mal o sol ia tombando...
Feriu-me o primeiro amor
Estava bem moço, ainda,
Maria,— formosa e linda
Como as giestas em flor... »

No tombadilho ao luar
O marinheiro fallava...
Toda a maruja chorava
Fitando o espelho do mar...
« Tinha tão bellos os olhos
Que nem os quero lembrar:
Eram pharóes entre escolhos,
Ensinando a navegar...

E que paixão e que assombros
Sentia ao ver seus cabellos
Tão perfumados e bellos
Cahindo sobre seus hombros!
Mas, certa noite, Maria
Junto á amurada chorava...
Perguntei-lhe o que sentia,
Que pezar a torturava...

Para alegral-a, cantando,
Disse-lhe quanto soffria:
— Que já de amores morria
Por vel-a triste scismando.
Mas... tive os pés á corrente,
Cheio o coração de magua,
E estes olhos rasos d'agua,
Banhados de pranto ardente...

Tremendo crime infamante
A penas mil condémnado:
Ser murujo... e namorado
Da filha do commandante!
Um anno inteiro passei
Prisioneiro e acorrentado
E, quando fui libertado,
Entre estranhos me encontrei
. . . . . .

Agora por estes mares,
Em noites enluaradas,
Escuto as nossas risadas
E recordo os meus pezares...
Nunca mais tive outro amor...
Estava bem moço, ainda,
Maria,—formosa e linda
Como as giestas em flor! »

Estas noites de luar
Trazem-me sempre á memoria
Recordações d'essa historia
De marinheiros ao mar...

ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO

THEATROS

Mais uma companhia de zarzuelas no Polytheama!

Ainda lá não fui, mas, ao que parece, ha lá uma estrella, uma estrella a valer, a senhorita Cifuentes, de quem dizem maravilhas.

Será possivel, meu Deus?

*

Se não for, consolem-se os leitores com a seguinte noticia, que me dá, em carta escripta da Italia, pessoa que se acha envolvida em negocios de theatro:

« Dou-te a agradavel noticia de que terás ahi este anno a Sarah Bernhardt ou a Judic, não sendo para estranhar que as tenhas ambas, esta de 20 de Maio a 15 de Junho e aquella de 20 de Junho a 15 de Julho. Logo que o negocio esteja definitivamente resolvido, avisar-te-ei. »

E eu por meu turno transmittirei o aviso aos leitores do *Album*, de quem espero boas alviçaras.

*

Os nossos theatros nenhuma novidade nos deram além da companhia de zarzuelas, ou antes, da senhorita Cifuentes. Sim, porque não podemos considerar novidade a *Doida de Montmayour*.

X. Y. Z.

Falleceu no dia 19 o menino Benjamim Galvão, filho unico do nosso illustre collega da *Gazeta de Noticias* Dr. Ramiz Galvão, a quem apresentamos sinceras condolencias.

Era alumno do Gymnasio Nacional, onde soubera conquistar a estima e admiração dos seus mestres e condiscipulos. Considerado por todos como o primeiro da sua classe, o talentoso estudante deixa um nome que será um exemplo e um estimulo para os seus collegas. O Gymnasio perde nelle uma gloria.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 14

ABRIL DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 2$000 por série de 52 numeros, e de 1$000 por se is de 25 numeros.— Para os Estados 2$000 e 1$000.—Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

HENRIQUE DE MESQUITA	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
A UM LENTE	L. de M.
A MÃO DE MARMORE	Ad. Caminha.
SIMILE	Arthur Andrade.
UTIL INDA BRINCANDO	Arthur Azevedo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico da

DOUTORA ERMELINDA VASCONCELLOS DE SÁ

HENRIQUE DE MESQUITA

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 15 de Março de 1848 1856 (v. n.º 17, p. 114)

Desde a mais terna edade revelou pronunciada vocação para a arte a que se dedicou. Aprendeu a tocar piston, e tornou-se eximio nesse instrumento.

Entrou muito criança para o Imperial Conservatorio de Musica. Foi seu professor de harmonia o *maestro* Gianini. Tinha apenas quinze annos quando alcançou a grande medalha de ouro e o premio de viagem á Europa.

Partio.

Matriculou-se no Conservatorio de Pariz, onde se distinguio bastante. Foi discipulo do famoso Bazin.

Na grande cidade começou a revelar-se como compositor. Estreiou-se com uma brilhante *ouverture* intitulada *L'étoile du Brésil*, e executada pela excellente orchestra da *Closerie des Lilas*, que já não existe. Essa composição foi delirantemente applaudida pelos parizienses. Escreveu depois, além de outras coisas, uma bonita quadrilha, *Les soirées brésiliennes*, que se popularisou em França, e depois no Brasil, onde ainda hoje é ouvida.

O velho Dr. De Simoni, sabendo que elle vivia em Pariz a escrever composições ligeiras e tinha desejos de atirar-se a um trabalho de folego, mandou-lhe do Rio de Janeiro um libretto de opera, escripto em portuguez. Mesquita entregou-se de corpo e alma á musica d'esse libretto, e em pouco tempo remetteu para a sua cidade natal a magnifica partitura do *Vagabundo*.

A peça foi immediatamente representada, no theatro Provisorio, pela famosa companhia de opera nacional que então aqui havia, e mais tarde executada, de modo mais satisfatorio, por uma companhia italiana.

A boa impressão produzida por tão sympathica primicia foi duradoura e profunda. Todos os dilettantes do Rio de Janeiro (e n'aquelle tempo os havia mais numerosos e sinceros que hoje) mostraram-se concordes em proclamar o *Vagabundo* uma opera inspirada e bem feita, digna de ser exhibida em qualquer theatro da Europa.

Entretanto, estava escripto que o nosso maestro nunca mais, até hoje, produziria outra obra de tanta importancia artistica. Escreveu muito, escreveu sempre, mas não fez ainda outro *Vagabundo*. Não o culpemos: faltou-lhe tudo, desde a protecção official até o libretto... Ah! se elle se tivesse deixado ficar em França como Carlos Gomes se deixou ficar na Italia...!

Mas... não divaguemos, que o *Album* não tem espaço para divagações:—De volta da Europa, Henrique de Mesquita, que aliás parecia destinado a exercer no seu paiz as mais altas funcções artisticas, foi tocar piston na orchestra do Alcazar.

Para consolar-se, pegou n'um libretto francez de opera-comica em 1 acto, *Une nuit au chateau*, provavelmente aproveitado já por outro compositor, e pol-o em musica. O emprezario Arnaud, que era atilado e entendia do seu officio, não perdeu o ensejo de apresentar ao publico fluminense um novo trabalho do festejado autor do *Vagabundo*

A peça agradou bastante no theatrinho da rua da Valla. Ouvi-a, alguns annos depois, em portuguez (?), na Phenix, onde teve muitas representações consecutivas. E' um mimo, um primor; filia-se

á genuina escola franceza; não envergonharia um Victor Massé ou um Léo Delibes.

Em 1869 deixou Mesquita o Alcazar pelo Jardim de Flora, chrismado pouco depois em Phenix Dramatica pelo emprezario Jacintho Heller, que elle durante longos annos acompanhou como regente de orchestra e «ensaiador de côros e primeiras partes.»

Para a companhia Heller escreveu a musica do *Trunfo ás avessas*, de França Junior, opereta que teve mais de cem representações, e a do *Ali-Babá*, o eterno *Ali-Babá*, em que havia o celebre tango dos pretos (que deu a volta ao mundo) e a melancolica e inolvidavel marcha do elephante, sufficientes para a boa reputação do nosso artista. Escreveu ainda as partituras das mágicas *Princeza Flor de Maio*, a *Coroa de Carlos Magno*, o *Vampiro*, a *Loteria do Diabo*, a *Gata Borralheira*, etc.; em todas ellas notam-se qualidades de primeira ordem, trechos de uma suavidade e frescura admiraveis, e, sobretudo, uma grande originalidade, que é a virtude predominante do mestre.

A proposito, direi que, em 1887, achando-se em Campinas, berço de Carlos Gomes, Mesquita escreveu uma originalissima composição que se popularisou bastante, na qual se nota, engenhosamente encartado n'um motivo de polka, em contra canto, a conhecida phrase *Sento una forza indomita*, do *Guarany*.

N'esse genero o nosso maestro tem composições que encheriam albuns e albuns. São d'elle as mais bonitas quadrilhas que ainda se dansam no Brasil, — sem fallar em valsas, polkas, romanças — romanças que nada ficam a dever ás de Tosti —, etc.

O governo portuguez em 1877 agraciou-o com o habito de Christo. O governo brasileiro nunca o distinguio, nem mesmo quando elle escreveu a esplendida cantata que inaugurou não sei que exposição nacional, na Casa da Moeda.

Accrescentarei apenas que Henrique de Mesquita é professor do Instituto Nacional de Musica e organis a da capella de S. Pedro.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Para mim, Ramiz Galvão foi o Christo d'esta semana santa. Escrevo uma heresia? Deus me perdoe...

Não é a sympathia pessoal que falla: não conheço, nem mesmo de vista, o desgraçado pae.

Mas que Paixão maior do que a sua? Sinto-me cheio de piedade e respeito diante do inqualificavel desgosto que o esmagou.

*

Quando o corpo de Christo despregado
Foi do madeiro infame em que jazia,
Banhada em pranto a misera Maria
Deitou-o ao collo quente e immaculado;

E, beijando-lhe o sangue coagulado
Que uma chaga sacrilega vertia,
A dolorosa mãe assim dizia
N'um tom de voz por lagrimas cortado:

«Querido filho, como padeceste!
Mas ha na minha dor menos conforto
Que em todos os tormentos que soffreste!

Tortura agora inda maior supporto:
Aos teus padecimentos faltou este,
Fundo e cruel, de ver um filho morto!»

Esses máos versos, escriptos ha quatro annos, têm applicação á desgraça que acaba de ferir o meu illustre collega. Mas á Morte não se contentou de levar-lhe um filho: levou-lhe tres, no espaço de quinze dias...

Não sei como se resiste a um infortunio tamanho!

*

O Brasil perdeu tambem um filho, um filho muito distincto, o barão de Aguiar de Andrade, que falleceu em Washington, fulminado por uma apoplexia.

Era uma das figuras mais antigas, mais respeitaveis e mais sympathicas do nosso corpo diplomatico; honrava sempre o Brasil onde quer que o representasse.

*

Mas... deixemo-nos de tristezas! Rompam-se as alleluias da chronica! Fallemos do baile organisado por Jovino Ayres, Osorio Duque-Estrada e Alvares de Azevedo Sobrinho, em favor do Lyceu de Artes e Officios.

Dizem que a festa não esteve grande coisa... Mas tambem que ideia a de dar um baile em São Christovam! O *high-life* brilhou pela ausencia. Botafogo, as Larangeiras e o Cattete não se fizeram representar.

Estava presente o autor dos *Humorismos*. Como esse espirituoso jornalista gosta de contar casos do bairro de São Christovam, é provavel que qualquer dia nos diga alguma coisa a respeito do *cotillon*, que, segundo me consta, deu agua pela barba ao Dr. Fernando Mendes, que o dirigio.

Que diabo! porque não deram o baile no Cassino? Convençam-se: não ha no Rio de Janeiro outra casa para esse genero de festas.

*

Entretanto, é de justiça reconhecer o esforço e a boa vontade dos organisadores do baile, e elogiar a mimosa polyanthéa distribuida como prenda do *cotillon*, collaborada por quinze pennas illustres.

Machado de Assis alli figura com algumas linhas, que transcrevo, para ficarem preciosamente guardadas no *Album*:

«Deixae que a vossa mão esquerda saiba o que faz a direita, para fazer mais que ella; deixae que a vossa mão direita saiba o que faz a esquerda, para fazer mais que ella. Dae com ambas as mãos, e não sahireis do Evangelho».

Bravo!

*

A nota litteraria da semana foi o apparecimento do *Aborto*, romance de Figueiredo Pimentel.

Ainda o não li, e creio que não o hei de ler, porque o Coelho Netto, no proprio *Paiz*, a cuja redacção pertence o autor, me prevenio contra a obra.

Trata-se, ao que parece, de um livro de escandalo. O romancista quiz fazer, no terreno da litteratura, o mesmo que o Dr. Abel Parente quiz fazer no terreno da sciencia. Tanto um como outro me obrigam a tapar o nariz, o que é incommodo.

Figueiredo Pimentel, faça outro livro, mas deixe-se de escandalos.

*

A proposito de escandalos:

Um telegramma de Pariz transmitte-nos a noticia de ter Baïhaut, o ex-ministro que se vendeu á companhia do Panamá por alguns milhares de francos, envelhecido dez annos durante o processo que o levou á cadeia.

Dez annos? Não seriam nove? Não seriam onze? — Não; se o telegramma diz que foram dez, é porque foram dez. Apenas observo que a noticia d'esse phenomeno physiologico podia esperar mais vinte dias... sem envelhecer, deixando em paz o telegrapho, que foi inventado para casos mais importantes embora menos extraordinarios.

Por exemplo: o caso d'aquelle governador do Perú, que assassinou um homem para roubar-lhe uma vacca, segundo outro telegramma.

Ao que parece, as coisas no Perú vão peior que aqui. No Brasil alguns governadores têm pintado a saracura, mas — justiça se lhes faça — nenhum d'elles deu ainda em assassino e ladrão de vaccas.

Vinham a pello algumas palavras sobre os soldados de certa brigada policial, muito boa para... o Perú; mas a chronica já excedeu os limites que lhe estão marcados nestas columnas.

*

Duas linhas, só duas linhas mais, sr. paginador do *Album*, apenas para lamentar o desapparecimento da *Folha Azul*.

A.

A UM LENTE

Eu fallo do villão por excellencia,
Do Judas que trahio a Academia,
Cão leproso que a nossos pés gania
E hoje quer de leão ter apparencia.

Uma infamia das suas mataria
De remorso a mais negra consciencia;
Tomando humanas fórmas, a Impudencia
Só de lhe ouvir o nome coraria.

Os homens se envergonham porque é homem;
Seu cadaver a terra rejeitára...
Embalde, porque os corvos não lh'o comem.

Minha penna de nojo hesita e pára...
Com este nem palavras se consomem;
C raria um escarro nessa cara!

L. DE M.

S. Paulo, 1871.

A MÃO DE MARMORE

A ARTHUR AZEVEDO

Um excentrico, o Luciano, um typo original e bem acabado de artista mysantropo, todo platonismo e sensibilidade, vivendo a seu modo uma vida calma de doente incuravel

Preoccupava-me como um problema difficil aquella simples caixinha de velludo azul claro, sempre no mesmo logar, em cima da secretária, mysteriosamente immovel, n'uma quietação teimosa de sphinge, enchendo, ella só, todo o pequenino gabinete de não sei que boa e communicativa alegria.

Todo o poeta occulta algo absconso e impenetravel que se traduz em melancolias profundas e recolhimentos asceticos.

O meu amigo não escapava a essa lei fatal que muita vez transforma um artista n'um urso... D'ahi, talvez, o seu modo original de ver as coisas, de encarar a vida, e as suas frequentes extravagancias de bohemio incorrigivel.

Em materia de amor, por exemplo, ninguem mais exigente, ninguem mais pueril do que elle. Não admittia, sob pretexto algum, que a amante lhe fallasse com enthusiasmo n'outro homem, fosse elle muito embora o Sr. Armand Duval, o Sr. Conde de Camors ou o Sr. primo Basilio, que, por fim de contas, são meros personagens de romances. Arrufava-se vinte vezes ao dia, sem motivo, por um excesso de amor egoista, e raro entrava em casa que não fosse de cara fechada, ba-

tendo portas, furioso, maldizendo as mulheres sem excepção.

— Umas perfidas! Desde Eva até Magdalena todas a mesmissima coisa, os mesmos artificios, o mesmo processo de commover pelas lagrimas!... Não, elle não se enganaria mais!

E, no dia seguinte, lá ia, rua abaixo, trauteando baixinho, direito como um fuso, á casa da Rosita, como se nada tivesse acontecido.

Adoravel, esse Luciano!

*

Rosita era uma esplendida *muchacha* a quem não faltava espirito nem amor. Fugira aos vinte annos com Luciano e nunca mais o deixára por coisa alguma, assim como tambem nunca mais puzera os pés no palco, trocando todas as suas glorias de dansarina admiravel pelo grande amor de um artista apaixonado. Muito sensivel e franzina, foi definhando, definhando, até que um bello dia (por signal arrulhavam pombos no telhado)—pobre Rosita!...— mandaram-n'a sem dó nem compaixão para debaixo da terra, dentro de um caixão forrado a setim côr do céo, toda de branco (extravagancia de Luciano), em trages de Nossa Senhora de Lourdes, muito alva, duas rosetas de carmim nas faces... Cortava o coração ver aquella creatura que nunca fizera mal a ninguem, tão boa, e cuja vida fôra um rosario de dedicações impagaveis, ir-se deitada n'um esquife, inteiriçada e fria como qualquer bloco de marmore...

Eu por mim, confesso, achei aquillo uma iniquidade.

Luciano, esse, recebeu o golpe de frente, sem uma queixa, com os olhos enxutos de dor!

Mumificara-se diante do cadaver da amante. . .

. . . . . .

Ah!... ia-me esquecendo a caixinha de velludo azul.

Foi justamente sete dias depois do enterro de Rosita que a vi sobre a secretária do meu amigo.

— Que é isso, ó menino?

— Nada... Um presente.

— Segredo?...

— Sim, segredo...

Calei-me para não ser indiscreto, mas Deus sabe a curiosidade que me fustigava o espirito.

Finalmente, tanto pedi, tanto instei, que Luciano condescendeu, entregando-me a chave do *segredo*.

O' manes de Phydias, ó espirito immortal de Praxiteles, ó alma de Benevenuto Celini, se visseis o que eu vi dentro da caixinha azul de Luciano, certo o vosso divino orgulho de artistas se abateria ante a mais perfeita de todas as creações humanas, essa assombrosa mão de marmore, esse primor de esculptura, essa mão fina e aristocratica tão bem feita e tão delicada que dava vontade á gente de beijal-a, mordel-a, adoral-a de joelhos como a um amuleto sagrado!

Fiquei estatelado e quasi acreditei na ressurreição da carne.

— E' a mão de Rosita, disse-me Luciano com um sorriso triste.

— E porque não lhe esculpiste antes o coração em marmore? Seria até mais poetico...

— Fôra preciso rasgar-lhe o peito, e eu amava-a muito, meu amigo. Primeiro o amante, depois o artista.

E duas grossas lagrimas cristalisaram-se nas faces do maior artista que eu já conheci.

AD. CAMINHA.

SIMILE

A EZEQUIEL RAMOS JUNIOR

Numa jaula de ferro, um carcere potente,
O leão, tranquillo, habita. O'seu grandioso vulto
Não gera mais pavor! Elle é apenas valente
Nas florestas sem fim, nas solidões occulto.

Hóje é manso, mas forte. Uma vez, levemente,
Calcaram seu poder: Ultriz, não teve indulto.
Desajoujando á fauce o verbo omnipotente,
Partio grades, matou, gloriosamente exulto!

Eu tenho como a jaula um leão no peito — o ciume.
Basta que o teu olhar ao mundo esplenda um lume,
Dês o pão de teu riso, o riso que me doura,

P'ra elle urrar como a fera immensa, em liberdade;
Mas não mata o rival, não fere a humanidade,
Crava as garras no peito, e o coração estoura!

ARTHUR ANDRADE.

UTIL INDA BRINCANDO

A URBANO DUARTE

I

Uma noite o Leopoldo das Neves encontrou no Passeio Publico o Viriato Lopes, o Viriatinho da Estrada de Ferro, um bom camarada que ha muito tempo não via.

E, como os dous amigos se encaminhassem para o terraço, o Viriatinho chamou a attenção do outro para uma bonita mulher que descia a escada em companhia de um sujeito gordo.

—Oh, diabo! é a Clotilde! exclamou o Leopoldo das Neves.

HENRIQUE DE MESQUITA

E, levando o amigo pelo braço, embarafustou com elle pela sombria alameda que contorna o lago.

— Que é isso? Foges d'aquella mulher?

— Como o djabo da cruz!

— Porque?

— Porque me amola; se ella me visse, amanhan eu seria obrigado a explicar por miudo o que vim fazer ao Passeio Publico!

— Amola-te? Ora essa! Eis ahi o caso de dizer-se que dá Deus nozes...

— Perdão, eu tenho muito bons dentes!

— N'esse caso, és difficil!

— A Clotilde não é o meu typo.

— Pois é bonita como seiscentos diabos!

— Não nego; mas o meu ideal é outro. Eu quizera que a minha amante fosse alta, magra, loura, alva, de olhos azues, e tivesse vinte e quatro annos, quando muito. Quizera tambem que fosse viuva, conhecesse um pouco a Europa, e, sem ser litterata nem artista, gostasse das lettras e das artes.

— Queres muita coisa junta!

— A Clotilde é o contrario de tudo isso: é mais baixa que alta, é mais gorda que magra, é morena, tem olhos castanhos, e já completou a edade exigida para a senatoria...

— Do Imperio?

— Não; da Republica. — E' a digna esposa d'aquelle negociante anafado e suarento que viste passar; adormece no Lyrico ouvindo o *Othelo*; dá o cavaquinho pelos chromos do Guimarães & Ferdinando, e delicia-se com a leitura de Xavier de Montépin, — traduzido, note-se, porque ella nem ao menos sabe francez!...

— E as tuas relações com ella têm tido caracter platonico... ou positivo?

— Ah, meu amigo, eu dei-lhe, infelizmente, amplo direito de perseguir-me...

— Maganão!

— Quem principiou fui eu. Que queres tu?... a curiosidade... o vicio... a poesia do adulterio... Como isso foi? Não sei. Um encontro n'uma *soirée* familiar... um aperto de mão mais forte... uma valsa... durante a valsa uma troca de lenços... no lenço d'ella um perfume capitoso e enervante... uma carta minha que ficou sem resposta... outra... outra ainda... outra, que foi respondida afinal... uma entrevista concedida depois de uma luta homerica entre duas fomes de beijos...

— Bonito!

— Uma entrevista em casa de uma cartomante na rua da Assembleia... Duas horas de prazer, e quatro annos de captiveiro e arrependimento!

— Quatro annos?

— Sim, meu Viriatinho, ha quatro annos que isto dura; ha quatro annos hypothequei a minha liberdade, o meu socego e o meu bom humor; ha quatro annos vivo aguilhoado a essa mulher, que se encontra commigo de oito em oito, de quinze em quinze dias, furtivamente, ás pressas mas que me escreve todos os dias, e me atormenta com protestos, exigencias, lamurias, ameaças...!

E Leopoldo das Neves interrompeu a lista das impertinencias de Clotilde, batendo violentamente com a bengala na relva:

— Quatro annos! Ha quatro annos — calcula! — tenho o coração nas mãos, receioso que de um momento para outro o marido descubra tudo, ponha-a na rua a pontapés, e eu seja obrigado a ficar com aquella trouxa ás costas!...

— Vejo que já não a amas.

— Nem nunca a amei! Foi um capricho... Quinze dias depois da nossa primeira entrevista em casa da cartomante, já eu estava farto e aborrecido!

Os dous amigos encaminharam-se para o terraço.

A noite estava esplendida. Não havia luar, mas os astros brilhavam intensamente na profunda escuridão do céo. As ondas, derramando-se na praia, pareciam alvissimas rendas franjando uma enorme colcha azul.

— Queres um conselho, Viriatinho? Foge das ligações d'essa especie!

— Ah! de que me serve o teu conselho?

— Porque?

— Aqui onde me vês estou ralado de inveja!

— De inveja?

— Sim, confesso-te que sorprendo cá dentro esse sentimento ignobil. Invejo a perseguição de que te dizes victima, e — palavra! — tenho ciumes, ciumes incoherentes, d'essa mulher que não é minha, que não conheço, que apenas entrevi... Eu dava dez annos de vida — vê tu lá! — pelo prazer de entrar com ella, furtivamente, em casa de uma cartomante mysteriosa e hospitaleira!

Leopoldo das Neves encarou fixamente o outro, e, depois de uma grande pausa, perguntou-lhe, segurando-o por um botão do casaco:

— Viriatinho, és meu amigo?

— Certamente.

— Queres prestar-me um grande serviço?

— Qual?

— Um serviço que não te será desagradavel?

— Que ordenas tu?

O amante de Clotilde recuou dous passos, apontou para o lado da rua, e declamou o verso de D. Salustio:

De plaire à cette femme, et d'être son amant!

O Viriatinho soltou uma gargalhada tão cristallina e vibrante, que chamou a attenção das pessoas que passavam.

— Não te rias! estou fallando serio!...

— Mas isso é lá possivel! Tirar-te do lance, eu!... E ella tão apaixonada por ti!..

— Eu conheço-a como as palmas das minhas mãos; dar-te-ei as instrucções necessarias... Desde

que estejas munido de todos os recursos estrategicos, desde que saibas como atacar a praça, a victoria não será difficil.

— Olha que sou um pessimo general!

— Deixa-te de modestias! Vamo-nos embora... Pelo caminho irei te desenvolvendo o plano de ataque.

— Vamos lá!

Os dous amigos tomaram a direcção da escada.

— Não calculas como vaes ser util! disse Leopoldo das Neves, descendo.

— «Util inda brincando», accrescentou Viriatinho, descendo tambem, e apontando para o desgracioso Cupido que desde 1783 dá de beber aos fluminenses.

II

Mez e meio depois d'esse encontro no Passeio Publico, Leopoldo das Neves estava sosinho em casa, e sentia um aborrecimento de morte.

Era uma noite chuvosa e fria.

Elle tentou escrever, e não conseguiu alinhar quatro palavras; quiz ler um livro interessante, que ainda não conhecia, e fechou o volume logo depois da segunda pagina; sentou-se ao piano, e sentio as mãos pesadas como se fossem de chumbo. Accendeu um charuto, e deitou-se na cama a fio comprido, contemplando os bicos dos pés.

Tinham-se já passado quarenta dias depois que Leopoldo apresentára Viriatinho a Clotilde, n'uma *soirée*, em casa de um tal commendador Freixo.

Leopoldo tratara-a com muita indifferença, passando a noite inteira a jogar o voltarete com o marido della, um major de engenheiros e um medico. De vez em quando o Viriatinho lhe apparecia na sala do jogo, e, por gestos, o informava de que tudo corria ás mil maravilhas.

Terminada a *soirée*, sahiram juntos e, na rua, deram cincoenta passos ao lado um do outro, sem se fallar.

Leopoldo quebrou o silencio:

— Então, Cezar? Chegaste, viste e venceste?

Por unica resposta o Viriatinho tirou da algibeira um pequenino lenço e apresentou-o a Leopoldo, dizendo:

— Vê se conheces este perfume.

— Bravo!... as coisas chegaram á cerimonia, meio mahometana, da tróca dos lenços?

— Tal qual como comtigo. Primeiro que tudo, e modestia á parte, não ha duvida que lhe fiz certa impressão. E' que naturalmente me achou parecido com algum heróe de Xavier de Montépin. O resto já tu sabes: uns olhares ardentes e expressivos... uns apertos de mão durante a primeira quadrilha... logo em seguida uma valsa, e a troca dos lenços... Depois d'amanhan lhe escreverei uma carta...

Os dous amigos separaram-se, e, desde essa occasião, Leopoldo não mais esteve com o Viriatinho. A correspondencia de Clotilde cessou completamente.

Durante os primeiros dias Leopoldo sentio-se feliz, alliviado — uf! — d'aquella pesada algema que durante quatro annos penosamente arrastára. Depois vieram-lhe... como direi?... remorsos. Elle recordava-se do passado; saudosas scenas se renovavam no seu cerebro inquieto.

Clotilde apparecia-lhe agora com toda a sua meiguice, com todo o seu ardor da mulher que fecha os olhos e se entrega resolutamente a um homem, como se mergulhasse no oceano.

Depois, elle passou noites consecutivas a sonhar com ella: via-a muito alta, muito magra, muito loura, de olhos azues, a tocar harpa, dizendo-lhe: — Aqui me tens! Agora, sim, agora sou o teu ideal!...

Naquella noite chuvosa e humida, Leopoldo sentia-se mais do que nunca envergonhado do seu procedimento. Por fim de contas, Clotilde era uma bonita mulher, e uma boa rapariga, que só tivera um defeito: amal-o exageradamente. E que fez elle? Uma canalhice: entregou-a ao Viriatinho, ao Viriatinho da Estrada de Ferro, um pulha, uma besta que com certeza não saberia apreciar-a!...

O ingrato monologava esta interrogação terrivel: — Já teriam ido á rua da Assembléa?—, quando ouvio bater á porta.

Foi abrir. Era o Viriatinho, que entrou alegre e radiante.

— Está chovendo: tinha certeza de encontrar-te em casa. Venho trazer-te noticias da minha conquista... Fomos hoje á cartomante!...

Leopoldo estremeceu, teve um sorriso contrafeito, e agarrou-se a um movel para não cahir.

— Apre! Custou! Escrevi-lhe nada menos de seis cartas! As tres primeiras ficaram sem resposta. Afinal, foi ella propria quem me indicou o *buen retiro* da rua da Assembléa... Talvez o mesmo quarto, heim?...

— Talvez...

— Olha: sobem-se duas escadas... abre-se uma grade de páo... entra-se n'um corredor... primeira alcova á direita... com uma janella que dá para uma area... Embaixo uma casa de fumos... E isso?...

As palavras de Viriatinho entravam no coração de Leopoldo das Neves como outras tantas punhaladas. O pobre diabo teve impetos de agarrar n'uma bengala, e pôr pela porta fóra, a pauladas, o seu substituto; mas — que diabo! — o culpado de tudo não tinha sido elle proprio?... elle proprio não lhe indicára os meios de seduzir Clotilde?... não era esse o resultado fatal de uma combinação infame, proposta exclusivamente por elle?...

O Viriatinho observou:

— Mas... valha-me Deus! acho-te assim a modo que contrariado:... Estás arrependido?

— Eu?... que ideia!... murmurou Leopoldo suffocado; que ideia!..

— Olha, se queres que te diga, acho que tinhas muita rasão... A Clotilde é bonita, isso é, mas que mulher vulgarissima! que espirito acanhado!... Não tem por onde se lhe pegue!...

— Não te dizia? accudio vivamente Leopoldo, regosijado por essa opinião; a Clotilde não vale nada!

— Sabes? não estou disposto a aguentar aquillo quatro annos, como tu... Nada! Na primeira occasião desfaço-me d'ella! Quiz apenas prestar-te um serviço, e folgo de ter sido «util inda brincando.»

Alguns minutos depois, o Viriatinho sahio, e Leopoldo das Neves ficou aniquillado pelo desgosto.

Foi para o seu quarto de dormir, abrio um armario, e tirou um vidro de perfumaria, o extracto predilecto de Clotilde, ha tres annos esquecido no fundo d'aquelle movel. Ensopou o lenço, aspirou longamente áquelle perfume «capitoso e enervante» como se quizesse anesthesiar-se; depois, atirou-se á cama, enterrou a cabeça no travesseiro, e, n'uma crise de nervos, começou a chorar desesperadamente, soluçando o nome d'ella...

Passou assim toda a noite.

III

Ella enviuvou ha um anno. Elles casaram-se ha seis mezes.

Quando se encontram com o Viriatinho, fingem que o não conhecem.

ARTHUR AZEVEDO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Quando Lucio entrou em casa do coronel, fel-o com o mesmo respeito com que visitaria um Pantheon. Nem o menor rumor. A criada, que lhe foi ensinando o caminho do salão, calcava cautelosamente o bello tapete de Bruxellas.

No meio d'aquelle doce silencio mysterioso e lugubre, ouvia-se um relogio qualquer, que por alli perto devia estar, syllabando distinctamente o seu *tic-tac*, estas constantes onomatopeias mecanicas, que nos acompanham, do berço á sepultura, em todas as nossas intimas expansões, ou de risos ou de lagrimas.

Era uma habitação silenciosa. Não havia alli crianças, esses inimitaveis garrulos que se esguelam para nos explicarem as proezas dos polichinellos e limparem as mãos ás nossas calças. O moço esperou que a rapariga se retirasse para se dar á observação do campo em que, trinta e tantas horas antes, fizera as primeiras armas do namoro levado ao serio. Lá estava o piano, aberto, e a mostrar como n'um riso de *clown* a dentadura bem provida, alinhada e em certos intervallos marcadas, pelos *sustenidos*, outras teclas d'ebano, alli encravadas como a carie que irrompeu do alveolo. Em plano superior, abria-se o conhecido e avelhantado romance de Palloni *Noi ci amavamo tanto!...*

— Não ha muito tempo que Carmen acabou de estudar — pensou, dando-se á leitura de toda a lettra do romance.

Depois, como que tomado subitamente de uma ideia feliz, tomou do lapis occulto n'um dos berloques do relogio e traçou, ao de leve, na linha inferior á do titulo da musica uma phrase eloquente e que necessariamente deveria ser lida por Carmen. E não havia duvida que adivinharia o autor d'aquella declaração.

— E' singular! — dizia comsigo Lucio, á medida que ia escrevendo a phrase — eu bem reconheço que tudo isto é piegas e que tem aos olhos do mundo, aos olhos dos homens *praticos* uma phase de ridiculo. Bem sei d'isto. E' um acto de criançola; entretanto, em materia de amor, temos de passar por todos estes assumptos comicos.

E nisso retirou o braço para contemplar a obra.

O titulo *Noi ci amavamo tanto* era-como que um brado de recordação e saudade e o que o moço terminára de escrever era um verdadeiro appello ao futuro, uma promessa, um protesto á ingratidão A côr acinzentada da plombagine sombreava a primeira phrase. A segunda que alli acabava de ser gravada dizia assim: *Noi ci amaremo ancora*.

— Decididamente tudo isto faria morrer de riso aquelle turbilhão de rapazes parizienses, com quem passei dias e noites a escrever poesias á Byron e a praticar exemplos de Jacques Rolla.

E déu alguns passos pelo salão, como quem principiava a ser dominado por um ambiente fastidioso.

De repente, n'um momento de abstracção, d'esses que nos levam a curvar a fronte, e a fixar o olhar n'um ponto do assoalho, como se por ventura alli, n'um foco, se reflectissem todos os pensamentos e se resumisse o mundo exterior, a cuja parte determinada dedicamos o nosso ser, appareceu-lhe, morta e ainda com uns tons longinquos da antiga cor, uma rosa, vestigio de adorno mulheril, que por accaso escapára ás funcções domesticas das barbas de uma vassoura.

Lucio levantou-a, e, por associação de ideias, disse. comsigo que aquella flor se parecia com a que Carmen trazia aprisionada nas trancas durante a noite do saráo. Approximou-a do rosto. Aspirou-a.

O perfume transformara-se n'um bafio de bolor.

— Como o amor das mulheres — murmurou atirando a flor sobre um dos moveis proximos — embriaga nos primeiros tempos e perde-se depois.

E, como ponto final daquella philosophia infantil, voltou-se, ao mesmo tempo que a voz da criadinha o convidava a dirigir-se ao quarto da doente.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

Adolpho Caminha, o autor do conto a *Mão de Marmore*, que hoje publicamos, tem no prelo o romance a *Normalista*, que está sendo editado pelos srs. Magalhães & C.

THEATROS

Depois da *Mascotte*, com uma bella Betina, a senhorita Cifuentes, deu-nos a companhia do Polytheama a *Guerra Santa*, um dramalhão-zarzuela, que já me apanhou uma vez n'outra epoca, e não me apanha segunda nem por um decreto.

*

Está annunciada para hoje, no theatro D. Pedro de Alcantara, a estreia de uma companhia dramatica dirigida pelo actor Medeiros. Representa-se a *D. Ignez de Castro*, desempenhando a actriz Isolina Mouclar o papel da misera e mesquinha, o actor Bernardo Lisboa o de Affonso IV e o emprezario o do principe D. Pedro. Este, mais que nunca, merecerá agora o seu cognome de *crú*. Vale a pena assistir a esse espectaculo de 1º de Abril... e de sabbado de alleluia.

*

Nos outros theatros nada de novo.

X. Y. Z.

Encontrámos na *Pacotilha*, do Maranhão (n. 61, de 13 de Março) o seguinte artigo com relação ao fallecimento de Victor Lobato, cunhado do nosso amigo e collega Arthur Azevedo, director do *Album*:

« A' *Pacotilha* não espalha somente um punhado de saudades sobre a sepultura em que descansa Victor Lobato: ella ajoelha-se, curva-se e rega de lagrimas a pedra funeraria que cobre o cadaver do seu fundador.

Creação do espirito potente d'esse moço, que não conhecia as tibiesas da fraqueza, nem o desanimo das almas faltas de energia, ella sente dominal-a a magua pungente de filha, diante da morte d'aquelle a quem deve o seu apparecimento e que lhe foi o guia seguro e solicito na luta tormentosa dos seus primeiros annos.

Se a vida de Victor Lobato não se resume na da *Pacotilha*, é inseparavel da tradição da *Pacotilha* o nome insigne do seu emerito creador.

Desde 1880, quando ella apparecia, em dias incertos, n'um formato pequeno, até ha tres annos atraz, quando elle d'ella se separou, encontra-se palpitante e vivo nas columnas d'este jornal o cunho da admiravel individualidade do seu primeiro redactor, a quem nós, seus companheiros de trabalho, sagravamos a veneração que se tem pelos mestres.

Em todas as campanhas em que a *Pacotilha* tomou parte, desde o combate ao clericalismo, que lhe emoldura os primeiros tempos da existencia, até a guerra á escravidão, e mais tarde o esforço pela pureza do ideal republicano, em todas ellas destacava-se, como um astro de primeira grandesa, o talento fulgurante e altivo do seu chefe de redacção.

E era esse o elemento em que o espirito de Victor Lobato se sentia a vontade. Homem de acção, a pugna, por mais renhida que fosse, tinha para elle attractivos magneticos.

O mar morto da calmaria podre em que se revolve o jornalismo de provincia, reduzido a official de registro do que se passa no centro e annunciador das occurrencias policiaes e contravenções das posturas da edilidade, infundia-lhe tedio invencivel e um mal estar indissumalavel.

O seu talento procurava as raias amplas, em que a intelligencia se afunda no apostolado d'uma ideia generosa que surge ou d'um principio são que entra em liça, arcando com os prejuizos inveterados de uma raça, os preconceitos de uma epoca ou os supostos interesses de uma classe.

Com essa tendencia natural para as grandes campanhas, que a civilisação fere no seu caminho, era a imprensa o campo em que elle devia occupar um logar de combatente.

E Victor Lobato assim entendeu. Depois de fundar o *Jornal para todos*, de publicação quinzenal, ornado algumas vezes de desenhos litographados, e de crear a *Flecha*, com os mesmos companheiros com quem havia levado a effeito aquella folha popular, sentio-se prompto para a carreira jornalistica: deu a sua demissão de empregado na secretaria do governo e devotou-se exclusivamente a imprensa, onde colheu tantos triumphos, quantas foram as batalhas que travou.

Arrastado por ultimo para a vida industrial, que lhe assegurava melhor futuro do que a lide afanosa em que gastava as maiores forças da sua intelligencia superior, deixou a *Pacotilha*, sua creação, retirando-se saudoso para o interior do nosso Estado.

Lá mesmo o foi sorprender o reconhecimento da opinião publica, chamando-o a occupar um logar no Congresso Constituinte de 1891.

Eleito, sem que tivesse formulado o menor pedido, ou demonstrado, de leve que fosse, querer ter um assento na primeira legislatura republicana do Maranhão, veio á capital, tomou posse do cargo, e o seu parecer franco e esclarecido, emittido despretenciosamente nas discussões da revisão do projecto constitucional, foi por vezes a luz que guiou o voto da commissão encarregada desse trabalho.

Os acontecimentos politicos de dezembro d'esse anno privaram o Estado da valiosa cooperação de Victor Lobato no seio do Congresso, onde, nas sessões ordinarias, egualmente haveria de ser de grande proveito publico o seu concurso intelligente e leal.

Morto aos 39 annos de edade, sem que se podesse tornar tão util á industria quanto fora á imprensa, deixou, entretanto, prova segura de sua capacidade n'esse ramo de actividade, não só na pequena fabrica de que estivera á frente como co-proprietario, como na gerencia que fez em alguns mezes, do importante estabelecimento da Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense.

Quanto aos outros prismas, porque pode ser enfrentada a sua sympathica personalidade, quem o conheceu, e não foram poucos, attestarão, como nós, que elle foi um exemplo de honestidade, um filho devotadissimo, irmão extremoso, marido dedicado e pae exemplar.

Esse conjuncto de virtudes, que o faziam estimado por todos, na de rodear a sua memoria da affeição e admiração dos que tiveram a felicidade de gosar da sua intimidade.

Curvada sobre a sepultura que guarda o corpo do seu fundador e amigo, a *Pacotilha* alonga o olhar marcado de lagrimas, e, em voz respeitosa e trânsida pela angustia, apresenta os seus pezames á inconsolavel familia de Victor Lobato. »

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 15

ABRIL DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral. PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 28$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Dra. Ermelinda de Sá	Amarante.
Chronica Fluminense	A.
Vem!	Paulo Augusto.
Voluntario!	A. Inglez de Sousa.
Lyrico	Antonio Lima.
O busto	Placido Junior.
Abdil	Arthur Azevedo.
Morte de amor	C. Bruneto.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Conselho	Padre Correia de Almeida.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

MOREIRA SAMPAIO

DOUTORA ERMELINDA DE SA'

E' filha legitima do major Joaquim Lopes de Vasconcellos e de D. Firmina Lopes de Vasconcellos, já fallecida.

Nasceu a 23 de Setembro de 1866, na capital do Rio Grande do Sul, e veio para a cidade do Rio de Janeiro em Novembro de 1874.

Só poude entrar para a aula de instrucção primaria no anno de 1877, já com a edade, portanto, de onze annos, em virtude de ter vista muito fraca, e isso impossibilital-a de entregar-se a qualquer estudo.

Em 1880 matriculou-se na Escola Normal, de onde sahio no fim do anno seguinte com o diploma de professora, havendo alli obtido a nota de distincção em quasi todos os exames que prestou.

Depois de ter estudado, sempre com aproveitamento, as materias preparatorias, linguas e sciencias, necessarias para a matricula na Faculdade de Medicina, submetteu-se aos respectivos exames e, approvada em todos elles, resolveu conquistar um diploma de doutora n'essa Faculdade.

Não obstante a sua já comprovada aptidão e o seu irresistivel pendor para os mais serios estudos, não faltaram ponderações de parentes e amigos da familia quanto á natureza do seu emprehendimento. Amparada, porém, mais que tudo, pela animação que encontrou em sua virtuosa mãe, depois a quotidiana e nunca fatigada companheira de sua presença em todas as aulas, gabinetes, amphitheatros e laboratorios da Faculdade, poude ver a sua alta aspiração realizada da mais brilhante maneira.

Matriculando-se alli em 1884, fez saliente figura em todos os cursos, quer theoricos, quer praticos, merecendo sempre as mais honrosas e significativas demonstrações do subido apreço em que eram tidas por seus mestres a robustez de sua intelligencia, a constancia de sua efficaz applicação a arduos estudos e a sempre correcta linha de seu proceder. Treze distincções nos exames de todas as series lectivas, de clinicas e de these, justificaram sobejamente o seu arrojado e não commum intento de ser, como em tudo o conseguio, a primeira, entre as do seu sexo, que alcançasse uma carta de doutora em medicina pela mais importante Faculdade do nosso paiz.

Em Dezembro de 1888 foi-lhe conferida essa carta, n'um solemne acto de doutoramento, convindo ainda notar que, estimulada pelo afan de abreviar a terminação de sua carreira academica, propoz-se, com o melhor exito, resultante da elevação de sua mentalidade, a estudar no espaço de um anno todas as difficeis materias que em dous constituem os competentes cursos.

Em 1889 casou-se com o Dr. Alberto de Sá, intelligentissimo e já bem reputado clinico, gynecologista e parteiro, seu contemporaneo na Faculdade, filho do emerito jornalista e medico, Dr. Gustavo de Sá.

Dedicando-se, no exercicio da profissão medica, ás especialidades mais compativeis com o seu sexo, não tardou em ver-se procurada pela confiança das familias, que se felicitam de poder chamar para o intimo de seus lares, em momentos bem criticos para as garantias da existencia e bem melindrosos

para as isenções do pudor, a quem ha sabido corresponder cabalmente a essa confiança. Effectivamente, a nossa notavel compatriota conta em cada cliente uma fervorosa e convicta propagandista da sua pericia profissional, revelada em innumeros e arriscados casos morbidos sujeitos ao seu tratamento, ou medico ou cirurgico.

A' revelia de serem proclamados seus triumphos clinicos por publicações que os tornassem ainda mais conhecidos e exprimissem expansivos protestos de gratidão, para as quaes tem ella recusado consentimento, sua reputação de habil, felicissima e desvelada medica especialista em gynecologia e partos, vae-se alastrando dia a dia por todas as classes da sociedade.

Nossos parabens e reverencias á illustre brasileira, cujo retrato honra hoje a galeria do *Album*.

AMARANTE.

Henrique de Mesquita nasceu em 1856 e não em 1848, como por engano se disse no «esboço biographico» publicado no ultimo numero do *Album*. No mesmo «esboço» não se mencionaram as composições sacras do nosso *maestro*, que são estimadissimas.

CHRONICA FLUMINENSE

Durante a guerra franco-prussiana, um cego vendia jornaes em Pariz, apregoando noticias de tal batalha em que haviam morrido tantos allemães. Alguem que passava perguntou ao cego porque não dizia tambem o numero dos francezes mortos, e elle respondeu que isso competia aos cegos de Berlim.

O conto póde ser applicado ás noticias que chegam do Rio Grande do Sul: os revolucionarios dizem uma coisa e o governo outra; no frigir dos ovos é que se ha de ver a manteiga... Por emquanto nem esperanças temos da terminação d'essa guerra incoherente e estupida, de brasileiros contra brasileiros.

*

Os ultimos echos do Ensilhamento são tiros de revólver .. Vi passar ha tres ou quatro dias o enterro do corretor Manoel Souto, que se suicidou... porque? Ninguem o sabe, ninguem o diz! « Alguma roedela de corda... », disse-me um amigo muito entendido em patifarias da Bolsa, a quem perguntei se sabia o motivo que levou o infeliz a « commetter esse acto de desespero », segundo a fórmula consagrada pelos cosinheiros da imprensa.

Na epoca profundamente dolorosa que atravessamos, entre magoas e sobresaltos, já não nos impresiona um suicida. Quando o pobre diabo cae morto, paramos um momento diante do cadaver, por mera curiosidade, e afastamo-nos d'alli desdenhosamente, com um movimento de hombros: « Ora adeus! morreu porque quiz matar-se, e o que vae por gosto regala a vida! »

*

Manoel Souto era filho de uma victima illustre do ouro, aquelle famoso banqueiro cuja quebra em 1864 — ingenuos tempos em que os banqueiros quebravam! — assumio proporções incommensuraveis, e produzio em todo o paiz o effeito de uma enorme bomba de dynamite. N'esse tempo, o suicida d'esta semana era um menino de sete ou oito annos, más já trazia no sangue a fatalidade que mais tarde havia de arrastal-o a uma desgraça maior ainda que a de seu pae.

*

Outro morto... Esse não se suicidou. Teve paciencia. Esperou serenamente pela morte durante longos invernos. Que edade tinha? Não sei. Ha vinte annos, quando sahi do Maranhão, elle já era bem velho. Devia ter mais de oitenta annos.

Chamava-se Ignacio José Ferreira, e foi o fundador do *Publicador Maranhense*, folha que durou de 1842 até 1886, e cujo primeiro redactor-chefe foi o grande João Francisco Lisboa.

*

Ha muitos annos appareceu no Maranhão um rapaz, que tambem se chamava Ignacio José Ferreira, e, para se não confundir com o proprietario do *Publicador*, accrescentou ao seu nome o appellido *Maranhense*, comquanto fosse filho do Ceará. Esse individuo veio para o Rio de Janeiro, e aqui se tornou famoso. É o celebre *Maranhense*, o legendario *Vate do Bacanga*, de quem se contam as mais engraçadas falcatruas, na maior parte inventadas.

Faço esta declaração para que todos saibam que o Maranhense não era maranhense, mas cearense. O Paula Ney que tenha santa paciencia.

A.

Recebemos os dous primeiros numeros de *Revue medico-chirurgicale du Brésil*, importante publicação fundada e dirigida pelo sympathico Dr. A. Brissay, collaborada pelos Drs. Domingos Freire, Carlos Costa, L. da C. Feijó Junior, e Rodrigues dos Santos.

Recebemos tambem um livro velho de que escusamos fallar, os *Contos de um dilettante*, do sr. Alexandre Gasparoni, e um livro novo de que não fallaremos, o *Aborto*, do sr. Figueiredo Pimentel. Este ultimo é editado pelos srs. Quaresma & C., proprietarios da Livraria do Povo.

Agradecemos.

VEM!

Escrupulos?... Escrupulos!... Tolice...
Corre a meus braços! Vem! Não tenhas pejo!
Traze o teu beijo ao encontro do meu beijo...
E deixa-os lá dizer que isto é doidice!

Não esperes o gelo da velhice,
Não suffoques o lubrico desejo
Que nos teus olhos humidos eu vejo!
Foges de mim?... Farias mal?... Quem disse?...

Ora o dever! — o coração não deve!
Não creias que um sincero amor ultraja
Reputação de arminho, alva de neve.

Vem! Que o teu sangue férvido reaja!
Amemo-nos, meu bem, que a vida é breve,
E outra vida melhor talvez não haja...

PAULO AUGUSTO.

O Sr. Dr. A Inglez de Sousa, mais conhecido na litteratura nacional pelo pseudonymo illustre de *Luiz Dolzani*, tem no prelo os *Contos amazonicos*, livro a que sem duvida está destinado um grande exito artistico.

O autor, cedendo graciosamente ao nosso pedido, consentio que regalassemos os leitores do *Album* com o seguinte fragmento inedito de um dos melhores contos da collecção.

VOLUNTARIO!

(EXCERPTO)

. . . . . .

Começou logo o embarque dos recrutas.

Eram vinte rapazes tapuyos os que a autoridade obrigava a representar a comedia do voluntariado. Vi-os sahir da cadeia, entre duas filas de guardas nacionaes e encaminhar-se para o porto, seguidos dos parentes, dos amigos e de simples curiosos.

Iam cabisbaixos, uns corridos de vergonha, como criminosos obrigados a percorrer as ruas da cidade nas garras da justiça; outros resignados e imbecis como bois caminhando para o matadouro; outros ainda procurando encobrir sob uma jovialidade triste as amarguras intimas; todos marchando machinalmente, alheios ao que se passava e dizia em redor de si, e offerecendo um aspecto de apathia covarde e idiota. Vestiam calça e camisa de algodão riscado, a mesma roupa com que uma semana antes harpeavam pirarucús ou plantavam mandioca nas roças da beira do rio. Alguns, aquelles de quem se desconfiava, por mais valentes e ageis, traziam algemas.

As portas e as janellas das ruas por onde passava a nova leva de recrutas, estavam apinhadas de gente. As mulheres e as crianças corriam a vel-os de perto, conservando-se porêm a uma distancia respeitavel dos guardas nacionaes, que marchavam pesadamente, acanhados, vestidos na sua jaqueta de velho panno azul, quasi vermelho, e vexados com a comprida bayoneta collocada muito atraz, a baterlhes os rins n'um compasso irregular, conforme com os accidentes das ruas mal calçadas. O povo commentava o caso, analysava a physionomia dos novos soldados, d'aquelles heroicos defensores da Patria, carneiros levados em récua para o açougue

As exclamações cruzavam-se, as pilherias atravessavam a rua e cahiam duras como pedras sobre as cabeças impassiveis dos guardas nacionaes, pobres operarios, honrados roceiros, arrancados á officina ou á lavoura para guarnecerem a cidade e fazerem o serviço da policia ausente. Outras vezes eram lamentações e condolencias da sorte d'aquelles pobres diabos que nem sabiam n'aquelle momento se voltariam a ver a terra adorada do Amazonas.

Os coromins annunciavam os recrutas á medida que se approximavam:

— Os voluntarios! Os voluntarios!

— Voluntarios de páo e corda! disse causticamente o vigario padre Pereira, fumando cigarros á porta d'uma loja.

Já mais adiante os coromins repetiam n'uma ironia inconsciente:

— Os voluntarios, olha os voluntarios!

Os recrutas caminhavam sob um sol ardente, seguidos das mães, das irmans e das noivas, que soluçavam alto, n'uma prantina desordenada, chamando a attenção do povo. Os homens iam silenciosos como se acompanhassem um enterro. Ninguem se atrevia a levantar a voz contra a autoridade. Se a fuga fosse possivel, nenhum d'aquelles homens deixaria de facilital-a. Mas como fugir em pleno dia, no meio de tantos guardas nacionaes armados e prevenidos? Nada, mais valia resignar-se e soffrer callado, que sempre se lucrava alguma coisa.

Chegaram ao porto e avistaram o vapor que fumegava, prestes a partir. As canoas que os deviam conduzir para o paquete estavam promptas. Começou o embarque em boa ordem. Nenhum dos recrutas abraçou amigos e parentes; os adeuses trocaram-se com os olhos e com as mãos, de longe.

Quando as canoas largaram da praia, as mulheres romperam n'um clamor; e os tapuyos, acocorados ao fundo da igarité que os separava da ribanceira, seguiam com a vista a terra que recuava, fugindo d'elles. Tinham os olhos seccos, mas amortecidos. Um deixava n'aquella saudosa praia a mãe doente e entrevada, arrastada até alli para soluçar a ultima despedida ao filho que partia para a guerra. E o voluntario, resignado á morte com que contava nos sertões do sul, tinha o coração apertado, pensando na miseria em que deixava a velhinha, obrigada d'alli em diante a viver de esmolas. Outro pensava na sua roça nova, aberta pelo São João, havia seis mezes apenas, com tanto amor e trabalho, e que seria dentro em breve pasto de capivaras dam-

ninhas e de macacos gulosos; ou na montaria de pesca, abandonada no porto, para presa do primeiro ladrão que passasse. Este sonhava com as longas horas de immobilidade anciosa, nas brumas da antemanhan, de pé na canoa, esperando o primeiro respirar do pirarucú possante; aquelle com a gentil namorada, tanto tempo cobicada e quasi noiva, que não teria paciencia para esperar-lhe a volta incerta. E todos pallidos, desesperados, sombrios, sentiam, no momento supremo da separação, que tudo estava perdido, e a morte, uma morte terrivel e mysteriosa, os esperava lá nas terras em que dominava o monstro do Paraguay, devorador de carne humana.

. . . . . .

A. Inglez de Sousa.

LYRICO

Venho cheio de esperança,
Com meus olhos rasos d'agoa,
Teu amor pedir, criança,
Por minorar esta magoa.

O que te peço é tão pouco,
Tão simples p'ra que m'o negues...
Não queiras que eu fique louco!
Meu doce amor, não me cégues!

Teu coração é problema,
E' martyrio o meu affecto;
Teu olhar faz com que eu trema
Do seu mysterio secreto.

Enlevas-me quando fallas,
Quando sorris me seduzes;
Teu corpo é côr das opallas,
Teus olhos são duas luzes.

O meu amor é tão santo,
Tão cheio de dissabores...
E descrês d'este meu pranto,
E descrés das minhas dores!

No emtanto é tão grande a pena,
Tão grande o pezar que sinto,
Ao ver-te olhar-me serena
E a blasphemar que te minto!

E inda mais profunda accendes
Dentro em mim do amor a lava,
Fingindo que não comprehendes
A magoa dest'alma escrava.

Dormirei sem pezadellos,
Que são do somno os abrolhos,
Vendo a noite em teus cabellos,
Vendo o dia nos teus olhos,

Quero amar-te dia a dia,
Ser amado hora por hora,
Chorar depois da alegria,
Rir da tristeza de agora.

E nesses momentos vagos
Em que despontam desejos,
Encher-te o corpo de affagos,
Encher-te os labios de beijos.

Antonio Lima.

O BUSTO

A OSCAR ROSAS

Era estatuario. Velho. Soffria muito.

Todos os dias, ao pôr do sol, quando a penumbra do crepusculo, vaga, indecisa, entrava pelo *atélier*, dando fórmas bizarras, phantasticas aos bustos esparsos, aos blocos informes, o pobre artista chorava.

As janellas, sempre abertas, deixavam á caricia da viração da tarde aquella cabeça branca de martyr, como um floco de neve pura.

Soluçava.

N'aquella hora que nostalgia lhe invadia a alma, que terroroso tedio lhe tomava os pensares!

E isso todas as tardes, por todos os crepusculos, agarrado a um retrato, onde se esboçava, n'um fundo escuro de photographia, a imagem branca de uma criança primaveril e languida.

Era a filha, a sua adorada filha, um pedaço de sua alma.

E perdera-a para sempre .. morta, n'um pequenino tumulo tão branco como a sua saudade, lá, ao longe, no cemiterio, proximo a uns pés melancolicos de casuarinas em flor.

Quinze annos, tão moça, a mais bella das filhas, a mais risonha das crianças, como feliz, contente, arrimava-o pelo trilho da vida, com a ingenuidade santa do seu sorriso, com a transparencia fulgurosa do seu olhar de onix!...

E alli estava elle, o artista, uma grossa lagrima na barba, esmagado por aquella saudade como todos os dias, quando ia buscar o retrato, para o beijo sagrado das recordações eucharisticas.

N'aquelle dia a dor tomara-o mais forte que nunca.

Era o dos annos d'ella.

Que tortura o não vel-a agora!

Atirou o olhar pelo passado; recordações vieram pressurosas.

Sempre era o seu o primeiro presente, logo pela manhan, quando ella vinha tomar-lhe a bençam.

Sempre o primeiro; ás vezes era apenas um beijo, beijo por onde ia a sua alma para a da filha, beijo de todo o seu amor, de toda a sua crença.

DRA. ERMELINDA DE SA'

E aniquilado chorava.

— Que lhe havia de dar hoje?

Uma saudade apenas. E quedou soluçando, sem um gesto, petrificado. Pelo rosto macilento, fios de lagrimas corriam.

Bruscamente, porém, como se lhe chegasse de longe um pensamento, tomou o retrato, disse umas coisas intimas, imperceptiveis, fitou-o perto dos olhos, mais longe, mais para a luz, mais para a sombra, e depois, n'uma resolução inabalavel, tomando a um canto um bloco branco de marmore, o mais branco de veios azulados, firmou-o num pedestal.

Ia gravar em marmore; seria uma tortura, seria; embora: ficaria o seu anjo alli, ao seu lado, eternamente, como uma saudade de pedra.

E murmurou baixinho: Ha de ter o presente de sempre.

*

Talho a talho, n'um trabalhar afanoso de todos os dias, nascia do bloco espesso, por bellissimos contornos irreprehensiveis, o busto angelico, a fórma rara da filha.

Nascia; a pouco e pouco, pelos golpes do cinzel inflammado de amor e de saudade, viviam os traços juvenis do seu perfil singelo sem um defeito, radiante como o de uma deusa.

E quanto mais se animava e coloria, mais soffria o estatuario, mais fundo a garra da saudade se lhe internava no peito, com o estertor de um lento supplicio, de todos os dias, de todas as horas.

Desanimava ás vezes. Sentia-se alquebrado por tamanha luta.

Pousava então as ferramentas, e, num extase, contemplando o renascimento da filha, ficava horas a fio, como se, diante de um altar, religiosamente murmurasse os psalmos salvadores da fé christan.

Ao ultimo esforço, não poude resistir.

Tão sentido vibrára o ultimo golpe, que tombou prostrado, perdida a razão, n'um aniquilamento. Trabalhára o dia inteiro.

Levaram-n'o para o leito. Tinha febre. As feições alteradas, mais cadaverico o rosto, languido o olhar, a boca aberta n'um ritus.

Délirios sobrevieram. Monologava, chamava pela filha, pela sua querida estatua. «Sim, ella estava alli, viva, tão bella, elle bem o sabia, fossem buscal-a já; então, porque não iam?!..»

E tombou n'uma pesada modorra. Mais tarde voltou a si; a commoção passára, e, de olhos fitos no tecto, ficou longamente abstracto como um chinez opiado.

A' meia-noite, porém, ergueu-se de subito. Uma lembrança assaltou-o.

Com a doença d'aquella tarde, ficára o retrato sem o beijo de todos os dias, e isso como um grande peccado, a sua maior culpa, pesou em sua alma como um chumbo.

Tomou a vela, e enveredou para o *atélier*.

Um silencio pavoroso cobria tudo; apenas, cortando-o com um passo cadenciado de ronda com somno, o velho abalava o soalho, pesado, tropego.

A' porta do *atélier* deu volta á chave. Invadio-o a luz mortiça da vela. Tudo emmergio da penumbra, ao beijo da luz.

Avançou.

Chegou ao pé do busto, fitou-o, approximou a vela, e recuou, espavorido, livido: a estatua murmurava.

Tornou depois, vacilando

A mão tremia, a chamma oscilava dando movimento a tudo.

Sentio viva a estatua; ella fallava, movia-se, vinha para elle, o corpo muito branco, o olhar vitreo e sem luz, diaphana, n'uma transparencia de nevoa.

Então, n'uma allucinação desvairada, correu para a filha.

Enlaçou-a; ella vivia ainda, sim, ella estava alli palpavel, sentia-lhe a carne moça, o perfume da boca vermelha, e, como um doido, prendendo-a bem nos braços, a gritar convulsivamente, tropeçando em tudo, beijou-a, mordeu-a, suffocando-a, n'uma ancia sélvagem.

Então sentio que lhe estalavam os ossos, que ella gemia ao peso de suas caricias, agoniadamente arquejante, sem ar, e que, desfalecendo aos poucos, murmurando o seu nome, tombou a cabeça n'um deslocamento... morta.

Arremessou-a então para longe, fria, gelada, e, numa blasphemia, varado de remorso por tel-a assassinado, a sua pobre filha a quem tanto amára, arrancando os cabellos, atirou pelo quarto o soluço de agonia trevosa, num grito metalico de hydra ferida.

E a rolar pelo chão n'um ruido pesado de fardo que tomba, a boca espumando uma baba viscosa e sanguinea, foi cahir beijando os destroços da estatua, pedaços inertes do seu coração carinhoso, farrapos enregalados da sua immensa saudade.

PLACIDO JUNIOR.

ARDIL

A RAUL POMPEIA

— A que devo o prazer de uma visita a estas horas? perguntou a viscondessa ao entrar na sala, onde, havia quinze minutos, a baroneza castigava o tapete com um pé pequenino e admiravelmente calçado.

Ergueu-se a formosa visitante, e suspirou, alliviada pela presença da amiga intima. Depois dos beijinhos consuetudinarios, sentaram-se ambas.

— O visconde ainda dorme?

— Ainda, e não acordará tão cedo: são apenas sete horas.

— Posso fallar sem receio?

— Estamos completamente sosinhas.

Houve uma pequena pausa.

— Temos então algum mysterio? interrogou a dona da casa, concertando as dobras da sua magnifica bata de rendas brancas. Historias do coração, aposto?

— Do coração? Não sei. Ha quem diga que estas coisas nada têm que ver com elle, mas com a cabeça... Em todo o caso, fazem soffrer horrivelmente!

— A quem o dizes!

— Não durmo ha duas noites... ha tres dias não abro o piano... Amor? — sei lá! Despeito, raiva, talvez...

— Conta-me tudo, disse a viscondessa, enxugando com os labios duas lagrimas que tremeluziam nos olhos da amiga; conta-me tudo. Os meus trinta e nove outomnos estão, como sempre, ás ordens das tuas vinte e cinco primaveras. Adivinho que se trata do Bittencourt.

— Falle mais baixo.

— Não tenhas medo.

— Sim, venho ainda uma vez ao encontro dos seus conselhos... Ha oito mezes a senhora ensinou-me a subjugal-o, a escravisal-o aos meus caprichos, aos meus impetos, ao meu amor; hoje, que elle se mostra arredio, farto e insolente, só a senhora, com a sua experiencia, a sua calma, o seu bom senso e, sobretudo, a sua amisade, me indicará os meios de reconquistal-o sem triumpho para elle nem humilhação para mim. A senhora teve quatro amantes...

— Tres, interrompeu serenamente a viscondessa; ao quarto não se póde ainda applicar o preterito mais que perfeito: esse está no pleno goso de sua conquista.

— Pois bem, tres, e nenhum d'elles a desprezou; no momento opportuno a senhora desfez-se habilmente de todos tres, sem deixar a nenhum d'elles o direito de dizer, ao vel-a passar pelo braço do visconde: Fui eu que não quiz mais...

Houve outra pausa.

— Imagine, proseguio a baroneza, imagine que ha mez e meio só tenho estado com elle no Lyrico, durante os espectaculos. Procura, para comprimentar me, justamente as occasiões em que meu marido está no camarote. Escrevi-lhe duas cartas e um bilhete postal; não tive resposta!

— Que horror! murmurou a viscondessa, profundamente impressionada.

— Vamos... diga-me... aconselhe-me! que devo fazer?... Estou irresoluta... a senhora bem sabe... é o meu primeiro amante...

— Deixa-me pensar, filhinha, deixa-me pensar. Estas coisas não se decidem assim, num abrir e fechar de olhos!

E, depois de reflectir alguns segundos, tamborilando com os dedos nos braços da poltrona, a viscondessa inquerio com a seriedade de um velho advogado, compromettido a defender causa importante:

— Vejamos: o Bittencourt, segundo me consta, contrahio ultimamente uma divida de gratidão com teu marido...

— Sim, creio que sim... O barão, ao que parece, interveio com muito empenho para que lhe dessem aquelle bello emprego...

— Uma verdadeira sinecura.

— Mas... que tem isso?

— Tem tudo, filhinha: a moral facil d'esses senhores prohibe-lhes que sejam amantes da mulher, desde que devam favores ao marido.

— Quer isso dizer que taes favores são pagos á custa do nosso amor proprio...

— E do nosso proprio amor: o sacrificio é todo nosso! Podem limpar a mão á parede com a sua moral!

— Mas, por fim de contas, que devo fazer?

— Guerrear e vencer os escrupulos tolos do teu amante! Para isso é indispensavel que elle te escreva. *Verba volant, scripta manent.*

— Não sei latim.

— Quero dizer que nenhum homem, por mais intelligente, soube até hoje redigir uma epistola de amor sem se compromettter. Na sua carta o Bittencourt fatalmente renovará promessas, e o seu cavalheirismo — o seu cavalheirismo pelo menos — o obrigará a cumpril-as E quando o vires de novo rendido a teus pés, manda-o passear; não nos convêm esses amantes que fazem *pose* da sua falsa dignidade.

— Mas, pelo amor de Deus, viscondessa! Não lhe acabo de dizer que as minhas cartas têm ficado sem resposta?

— A que lhe vaes escrever agora não ficará sem ella. Tenho um ardil que ha tempos empreguei com optimo resultado. Vem cá, acompanha-me.

A doutora levantou-se e dirigio-se para um gabinete contiguo. A baroneza acompanhou-a.

— Senta-te, e escreve o que te vou dictar.

*

No dia seguinte o Bittencourt recebia um bilhete concebido nos seguintes termos:

« Tenho-lhe escripto tres cartas, e de nenhuma recebi resposta. Não me queixo, perdôo: o senhor deve andar muito preoccupado com o seu novo emprego, e ha momentos, parece, em que todo o homem honesto é obrigado a sacrificar os seus affectos aos deveres e ás responsabilidades da vida pratica. Paciencia.

« Entretanto, como o senhor agora já deve estar mais folgado, tem por fim esta carta pedir-lhe a resposta das outras. — Sua *quand même*. L.

« *Post-scriptum*. — Ha aqui no meu bairro grande difficuldade em obter sellos do Correio, e, para evitar suspeitas, não quero mandar buscal-os á cidade. Peço-lhe que, com os cinco mil réis que inclusos encontrará, compre cincoenta sellos de tos-

tão e m'os remetta dentro de sua carta quando me responder. — Sua, *L.*»

*

E ahi está como o Bittencourt voltou, forçado por uma nota de cinco mil réis!

ARTHUR AZEVEDO.

MORTE DE AMOR

Morro porque me matas, ser bemvindo
A' terra para seres meu tormento;
Sinto-me a vida aos poucos se delindo
Neste martyrio suave e trucalento.

Morro porque inda vivo, pois fruindo
O doce mal de amor, experimento
A um só tempo a tortura e o goso infindo
Que vive em quanto vive o sentimento.

Porque viver, se essa delicia immensa
Não me allivia a dor empedernida
De desejar-te, que nada ha que vença?

Porque morrer, se, elada e transfundida
Em tua alma a minh'alma vive e pensa
Nessa «morte de amor melhor que a vida»?

C. BRUNETO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Lucio não se fez rogar e seguio a *cicerone*. Ao entrar no quarto de Dolores, não poude a principio orientar-se. Reinavam alli as sombras das madrugadas de inverno. Era necessario esperar que os olhos se habituassem á luz coada pela fresta da janellas cautelosamente occultas por cortinados fortes e espessos.

Depois de alguns segundos, ouvio a voz de alguem que o comprimentava, e approximou-se do leito de Dolores. Nesse instante uma prudente mão entreabrio os cortinados, dando ao tom de luz, que fraco era antes, a intensidade triste que especialisa os dias chuvosos de Montevidéo. Carmen, que fôra contraregra e autora de toda a mutação de scena, sumio-se modestamente na penumbra e comprimentou como quem receiava perturbar o silencio d'aquelle quadro tristonho.

Foi então que no espirito do moço surgiram todos os conselhos de Carrero. Correspondeu ao comprimento de Carmen e acercou-se da doente. Dolores estava artisticamente sentada. O busto vestia um trajo de veludo preto emquanto a coberta azul celeste subia dos pés até vir cruzar-se na altura dos rins.

O leito, no estylo Luiz XV, era espaçoso e elegante, envernisado a cera e a imitar o ebano. Na cabeceira, sobre os cabellos de Dolores, via-se a imagem do Crucificado, trabalhada em marfim, e de quando em quando a balancear, como se por ventura o Christo respondesse negativamente a todos os pensamentos d'aquella bella mulher, todas as vezes que um movimento de Dolores fazia oscilar a cama.

Lucio entregou-se ás funcções do seu sacerdocio; interrogou, auscultou, pedio papel e tinta e prescreveu um medicamento inoffensivo.

— Esta mulher ou é uma feiticeira ou é uma comediante vulgar! — pensou ao tempo que ia formulando o *recipe*. Um defluxo foi o sufficiente para pôr toda a casa em um estado de sitio.

O coronel nem sequer estava presente. E' que de ha muito conhecia a mulher e os seus exageros; por isso, pouco valor deu ao queixume da doente, consentindo mesmo que mandassem chamar o Dr. Lucio, ideia esta apresentada por Dolores e que, com indifferença, merecêra a approvação do coronel.

O medico tem obrigação de ter espirito, e não clinico é aquelle que, depois de formular a dóse mortal ou salvadora, não sacrifica cinco minutos ao *calembour* e aos deveres hygienicos.

Foi por esta razão que Lucio encetou a conversa com a mesma banalidade com que geralmente o fazem todos os medicos:

— Não tenha medo, minha senhora; não é facil morrer nas condições de sua resistencia physica.

Dolores respondeu com um prolongado suspiro, pedindo ao mesmo tempo que Deus o fizesse quanto antes. Já estava satisfeita de viver. Carmen já era moça; não precisava de ninguem; mais dias, menos dias, casava-se; e se ella havia de ficar *para ahi*, abandonada, mais valia morrer.

E accrescentava: Nunca tive medo da morte; não sou cobarde.

Lucio nem sequer pretendeu responder á esta ladainha de todas as mulheres vulgares, que fallam com saudades da morte e encommendam-se n'este mundo aos bons cuidados das *mayonnaises*.

Houve um intervallo de silencio.

Carmen continuava modestamente a ouvir toda a dissertação da doente, e, talvez a rir-se comsigo d'aquellas expansões de poesia avelhantada.

Intrigou-a o abandono que por si manifestava o seu antigo companheiro de infancia.

Com effeito, Lucio poucas vezes lhe dirigira a palavra: entretanto, todas as attenções elle as applicava em Dolores.

Carmen não podia adivinhar o proposito d'essa tactica. Lucio, sem suspender a conversa, deu-se a um estudo de observação, á *pose* artistica de Dolores.

A posição da doente era, em verdade, das mais estudadas. As mãos cruzavam-se-lhe na altura do seio. Os dedos destacavam-se sobre a côr preta do velludo; tinham a pallidez do cadaver, se bem que lhes faltasse a rigidez. Eram cuidados com todo o carinho de mulher que sabe dar importancia e valor ás bellas mãos que possue. Se Lucio pudesse tomal-ás de sorpresa e leval-as á altura do rosto, aspiraria o aroma particular do *coldcream* e dos pós de *Ninon*.

Era um verdadeiro effeito theatral.

Essas bellas mãos, entrelaçadas e como que em postura de quem faz oração, com um requinte de fervor e de conforto, foram alvo dos olhares praticos do joven medico.

Elle tinha indole de artista; não lhe podia passar despercebida aquella minucia de encenação.

Os olhares da seductora, favorecidos pela meia tinta de luz, conservavam-se brilhantes na penumbra. Eram synonimos dos de Carmen, com mais habilidade, malicia e experiencia. Esta particularidade captou do observador um sorriso de approvação. Todos estes effeitos haviam sido anteriormente calculados pela *enferma*.

Como as mãos, os olhos participavam dos retoques mimosos do lapis mysterioso.

Dolores rasgara-os com dous bem calculados traços de um *carvão* apropriado ao effeito, e as sobrancelhas, bem espessas, arqueiavam-se com a maior regularidade geometrica.

Dir-se-ia que a actriz d'essa pequena comedia descrevêra com um compasso magico aquelles invejaveis arcos de circulo que serviam de paraluz á ardentia do olhar.

Foi a perda de Lucio e a estrategia de um anjo máo, fatidico.

O moço em rapido exame acreditou que n'aquella *pose* predominava a naturalidade e *in petto* applaudio.

— Em todo o caso — pensou, fazendo um movimento de pessoa que se revolve entre as azas de uma tenaz em braza — esta mulher é capaz até de seduzir.

Foi a dentada do desvario.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

CONSELHO

Ratio et consilium in senibus est.

Aconselho á valente juventude,
Sadia, vigorosa, intelligente,
Que aceite de lições tarefa urgente:
Estude, estude, estude, estude, estude.

Nos mappas descrimine a latitude,
Saiba o que é raio, saiba o que é tangente;
Dos paizes conheça a varia gente,
As industrias, costumes e virtude.

A memoria do velho se enfraquece,
O successo mais proximo se esquece,
Só se sabe o que cedo se aprendeu.

E eu, se tive qualquer habilidade
Nos escriptos de minha mocidade,
Hoje estou lerdo, estupido, sandeu.

Padre CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, fevereiro de 1893.

THEATROS

No Polytheama tivemos, além das *Duas princezas*, de Caballero, a *Lenda do monge*, pequena zarzuela de Chapi, que fez grande *successo* na Hespanha. A musica é realmente agradabilissima e o *libretto*, de Orniche e Canto, é engraçado e engenhoso. A senhorita Cifuentes e outros artistas foram muito applaudidos. A orchestra portou-se regularmente. Os côros é que estiveram de uma insubordinação que nem na brigada policial.

*

No Apollo fez-se uma *reprise* do *Tribofe*, revista de 1891, de Arthur Azevedo, musica de Assis Pacheco. Alguns papeis, desempenhados agora por outros artistas que não os da primitiva, ganharam com a troca. Preferimos a Frivolina marca Villiot á Frivolina marca Plá. O Sr. Eusebio, sua mulher e seus filhos são perfeitamente representados por Brandão, Clelia, Gabriella Montani e Adelaide Lacerda. Machado e Bahia são impagaveis nos seus papeis episodicos. E' de justiça mencionar Henrique Machado, que desempenhou brilhantemente o papel de Gouveia, e uma estreante, Mlle Lechevalier, a quem estão reservadas muitas glorias nos nossos theatrinhos de trololó. Outra estreante, a Sra. Betina de Oliveira, deve cuidar de outra vida. O Apollo estava cheio e o publico applaudio com enthusiasmo

X. Y. Z

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 16 ABRIL DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26$000 e 13$000.—Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Moreira Sampaio	A. A.
Réproba	Julio Cesar da Silva.
Chronica Fluminense	A.
Marcha funebre	Emilio de Menezes.
A Freira	A. Foscolo.
Poema da ausencia	Americo Moreira.
Mimosa	Moreira Sampaio.
Ao ar livre	Peres Junior.
Vultos e Factos	Amaranto.
Parabola	Padre Correia de Almeida.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do Prefeito do Districto Federal

DR. CANDIDO BARATA RIBEIRO

MOREIRA SAMPAIO

Ninguem se fie naquelle rosto imberbe, naquelle aspecto menineiro: Moreira Sampaio vae fazer quarenta e duas primaveras; nasceu na Bahia aos 9 de Agosto de 1851.

Veio muito criança para esta capital. Metteram-no no collegio Pinheiro, e elle apaixonou-se pelo estudo e por uma das filhas do director do collegio. Casaram-se, e hoje são paes de duas moças.

A' custa de muito sacrificio, Moreira Sampaio formou-se em medicina em Janeiro de 1873; mas trocou a nobre e independente profissão de medico pela de empregado publico, entrando para a Bibliotheca Nacional.

Em Janeiro de 1879, por occasião da reforma da Secretaria do Imperio, nomearam-no official d'essa repartição, onde se conservou até que o Governo Provisorio, logo depois do 15 de Novembro, lhe confiou a direcção do Asylo de Meninos Desvalidos, cargo que ainda occupa e no qual tem prestado muito bons serviços.

Moreira Sampaio teve sempre muito pendor para as lettras. Nos tempos de estudante fundou os periodicos *Minerva* e *Aurora litteraria*. Collaborou depois em diversas folhas; creou, em 1887, o *Novidades*, e ultimamente o *Industrial*, interessante diario que não resistio á má escolha do titulo que lhe deram.

Mas o que elle é, sobretudo, é um comediographo; essa é a feição predominante do seu talento. Tivessemos um theatro, e o autor da *Rosa murcha* figuraria no primeiro plano, como um dos mais legitimos herdeiros de Martins Penna.

A comedia de costumes, a julgar por algumas peças que elle conseguio fazer representar, teria em Moreira Sampaio desvelado cultor, digno de todos os applausos.

A apresentação e o estudo, embora superficial, de typos e caracteres; o desenvolvimento das scenas; o encadeiamento das situações; o dialogo, a phrase incisiva, theatral; essa coisa que agora se chama *naturalismo*, já se chamou *realismo*, e sempre se ha de chamar *verdade*; todos os segredos, emfim, da arte de fazer comedias, elle os possue, felizmente, alguns por admiravel intuição litteraria, outros pela boa leitura dos mestres.

Em Junho de 1882 escrevia eu na *Gazetinha* o seguinte, depois da representação da comedia dos *Botucudos*:

« Ha muito que esperar das aptidões do Sr. Dr. Moreira Sampaio; se ha um Deus para as coisas do theatro, esse Deus que lhe não deixe esmorecer, que o faça resistir heroicamente á indifferença dos tolos e á malevolencia dos pedantes ».

Reproduzo esse trecho, porque em 1882 eu não tinha ainda relações de amisade com o applaudido comediographo.

Além de um sem numero de traducções, a ultima das quaes é o *Rapaz de saias*, ha pouco tempo exhibido no Sant'Anna; além de duas engraçadas parodias, *Rosa da Puresa*, da *Dalila*, e o *Alferes Buscapé*, da *Aida*; além das revistas o *Mandarim*, *Cocota*, o *Carioca*, o *Bilontra* e *Mercurio*, escriptas em collaboração commigo, e *Dona Sebastiana*, que escreveu sosinho, Moreira Sampaio tem feito

representar as seguintes peças originaes: *Entre o Cassino e a Phenix*, 3 actos; *Fagundes & Companhia*, 3 actos; os *Botucudos* (um primor de graça e observação), 3 actos; *O diabo e o sapateiro*, 1 acto; o *Meu amigo Camillo*, 1 acto; o *Carnaval de 1882* 1 acto, e a *Rosa murcha*, 1 acto, em verso.

Resta-me apenas dizer que Moreira Sampaio é um excellente rapaz, dotado de excellentes qualidades, estimadissimo pelas crianças do Asylo, pelo publico dos theatros, e por seus numerosos amigos.

Esquecia-me dizer que elle chama-se Francisco, já foi delegado de policia e membro do Conservatorio Dramatico, e pertence á directoria do Derby-Club

A. A.

RÉPROBA

Quando o somno me vence, a Alma se me desprega
Do corpo, em torno ao qual voam Trasgos enormes.
E parte, trevas fóra, allucinada e cega,
Para velar de perto o leito em que tu dormes.

Pensa que estás dormindo e, trevas fóra, parte...
Parte, mas volta em breve, e outros pezares traz.
Volta, que não te achou onde pensou achar-te;
Volta, que já não sabe em que paiz estás.

Ah! eu bem sei que o teu amor já não existe;
Bem sei que me não vês, bem sei que me não amas;
Bem sei que já não és d'aqui, porque partiste
Para o grande paiz das Trevas e das Chammas.

Bem sei que foste já para o Supplicio-Eterno
E donde se não volta, ó Réproba, jamais!
Bem sei que foste já para esse Mundo-Averno,
Que é o mundo onde se pena e onde se soffre mais!

Vives no Inferno occulta, emquanto eu vivo occulto
Tambem neste outro mundo onde sempre me assombras
Com teu sarcasmo, com teus olhos, com teu vulto
Sempre envolto n'um véo amplissimo de sombras.

Creio ver-te e desperto em sobresalto. A est'hora
Pairam sobre o meu corpo Ephialtas e Avejões.
Singulta o vento, geme a sombra, e o luar que chora
Derrama-se em meu quarto em lividos clarões.

O mal que me fizeste eu contei, uma noite,
A Satan que, ao sentir a uncção da minha prece,
Piedosamente para o Inferno carregou-te,
Talvez pensando que eu sem ti viver pudesse.

Matou-te, e eu exultei. . Pouco exultei! bem pouco!...
Hoje que te não vejo, hoje que estou sem ti,
Desgrenhado e febril, olhos abertos, louco,
Maldigo a averna mão que te levou d'aqui.

*

Em pedir-vol-a eu sei, Satan, que vos constrango;
Mas vol-a peço: dae-m'a! é o que minh'Alma anhela.
Quero-a em meus braços, dae-m'a, ó Poderoso Archanjo,
Que eu vos dou a minh'Alma em troca d'Alma d'ella.

Dae-m'a, peço-vos eu com o coração compresso.
Sem ella a minha vida é tão abjecta e van!
Dae-m'a de novo, dae-m'a, eis tudo que vos peço!
Dae-m'a, peço-vos eu, por piedade, Satan!

JULIO CESAR DA SILVA.

(Dos *Sarcasmos*.)

CHRONICA FLUMINENSE

Lá se foi para o Rio Grande do Sul o Sr. Ministro da Guerra, acompanhado por um grande côro, como o seu collega Rhadamés no final do 2º acto da *Aida*.

Eu tambem faço votos para que o Sr. Ministro volte vencedor, sem ter necessidade de desembainhar a honrada lamina contra os seus compatriotas, e nos dê, de torna viagem, um relatorio menos terrivel que a narração do Cid.

Ficamos todos anciosos pelo feliz resultado d'essa viagem, e esperançados de que o Sr. general Francisco de Moura, o seu estado maior e o 32º de infanteria sejam os mensageiros da paz.

*

A noticia da morte de um revolucionario enche-nos de commiseração e terror; a noticia da morte de um ladrão enche-nos... as medidas.

Não! não esperem que a minha piedade vá ao ponto de me fazer verter uma lagrima sentida sobre o tumulo de Antonio Pereira, vulgo Mangericão. Não doam as mãos ao benemerito agente de policia que para sempre nos livrou de similhante individuo!

Foi pena que o mesmo não acontecesse a Lacurr, o outro ladrão, sorprendido, preso e baleado pela policia no momento em que, com alguns companheiros, tratava de esvasiar o guarda-prata de uma casa em Botafogo.

Para taes malfeitores, que nos sobresaltam e arruinam, peço justiça summaria, e uma bala, mas uma bala no coração ou na cabeça, porque, se for em parte que os não mate, ainda em cima seremos obrigados a medical-os á nossa custa. Morte aos ladrões!...

*

O *Album* envia os seus comprimentos ao chefe militar da revolução republicana do Porto, a quem acaba de ser feita uma grande manifestação pelo Centro Republicano Portuguez, d'esta capital.

A.

MARCHA FUNEBRE

A MAURICIO JUBIM

Baixaste sobre mim teu olhar funerario
N'uma resignação piedosa de hora extrema,
E as palpebras cahindo em alvas de sudario
Velaram-me de todo a luz clara e suprema

E tacteante no mundo hostil, no mundo vário,
Sem outro guia, sem outra alma que o meu poema
Illumine e engrinalde e o faça extraordinario
— Um poema em que minh'alma artista ria ou gema—,

Vou para além ouvindo uma musica nova
Feita de pás de terra a te cahir no peito
Como que para pôr o meu amor á prova.

E essa musica ouvindo estranha em seu effeito,
Sinto a luz a morrer e cantarem-lhe á cova
Um funereo e feral requiem de luares feito.

EMILIO DE MENEZES.

A FREIRA

Não a levára ao convento a vocação monastica. Quando o pae, autoritario e rigido, lhe impoz como noivo um homem a quem não amava, ou a clausura, vendo ficar eternamente no olvido aquelle, cujas cavatinas amorosas, por noites enluaradas, lhe dulcificavam o coração, depois de haver appellado, com supplicas e lagrimas—argumentos da mulher—para o amor paterno, escolheu o convento como uma das partes do dilemma.

Mas, enclausurada embora, a sua paixão, como a agoa comprimida, resaltára com mais força.

As carnes de seus membros, bem contornados e bastos, foram-se depauperando pouco a pouco; tornou-se esqueletica e cadaverica, chlorotica e taciturna. Vivia num dialogo constante com a soledade da cella, alimentava-se com a saudade, sombra querida, que lhe povoava a mente, e, nas noites sombrias, conversava, no seu hysterismo, com as estrellas, pedindo-lhes que fossem as mensageiras de suas magoas ao amante querido.

A abbadessa, matrona de avançada edade, rochunchuda, sadia, phletorica, procurava ablegar aquella paixão incompativel com o viver do claustro. Pondo as mãos brancas e empapuçadas sobre a cabeça da reclusa, aproveitando do seu temor fanatico e hysterico, dizia, apontando para as estrellas:

—São almas de freiras rebeldes, vagando eternamente no espaço infinito; illudiram ao mystico esposo, concebendo no coração affecto a outro homem; para castigál-as, o Senhor condemnou-as á soledade eterna.

E ella ficava, então, transida de horror, fitando os astros, almas de monjas que tiveram outros amores.

Na sua allucinação hysterica, após longas horas passadas na oração, punha-se a escutar a brisa sussurrando entre as arvores, e parecia-lhe a voz das estrellas, freiras condemnadas á solidão eterna, repetindo em côro:

Sê maldito, oh! Christo:

*

Horrorisada por aquellas phrases hereticas, que julgava ouvir, a reclusa encerrava-se na cella, e, postando-se de joelhos, collocando os cilicios, ferindo as proprias carnes, implorava ao Nazareno, pregado alli, na edicula, na tosca cruz de madeira, compaixão e misericordia, o esquecimento d'aquelle amor, perdição de sua alma.

A' proporção que se martyrisava, fallando n'aquella paixão sacrilega, approximava-se o paroxismo hysterico.

O Christo, descarnado, parecia desprender-se da parede, avolumando-se, tomando carnação nova, e nova fórma, transfigurando-se na imagem do homem amado, caminhar, lentamente, para a freira, e apertal-a estreitamente de encontro ao peito, pousando os labios nos d'ella.

Ao influxo d'aquella visão voluptuosa, uma corrente sensual lhe percorria todo o organismo, e ella espojava-se no catre, sentindo todos os éstos de volupia que poderia dar-lhe o homem amado. Um estremecimento convulsivo lhe percorria o corpo; dando um gemido prolongado, ella adormecia, emfim, extenuada e desfallecida.

E no dia seguinte, como nos outros, como sempre, erguendo-se alquebrada, mortificada, com duas enormes olheiras, com o espirito lucido, entregava-se ás suas orações e cilicios, porque só estes a poderiam livrar do castigo a que estão condemnadas as freiras infieis ao esposo divino.

A abbadessa, julgando proficua a sua predica, apontava-lhe, todos as noites, as estrellas, narrando-lhe a causa d'aquella solidão no espaço.

*

Os jejuns e máos tractos, as mortificações e os prazeres solitarios, deturpuram-lhe o organismo, tornando-a louca furiosa.

As outras reclusas recuavam horrorisadas do claustro da louca, julgando ser um castigo pelo reprobio de haver anteposto um amante ao mystico esposo.

Cada vez mais esguia e mais esqueletica, a freira, heril, atravessava a cella de um extremo a outro, como um duende, nas horas mortas da noite; na sua allucinação não se esquecia nunca do amante.

Muitas vezes, parando em frente á grade, como quem escuta, julgando o vento, que zumbia na trança das arvores, a voz das estrellas, acompanhando o echo imaginario dos astros precitos, repetia como um dobre de finados :

Sê maldito, oh! Christo!

E até hoje, nas horas solitarias da noite; as monjas, que passam em frente á cella vasia da louca, ainda ouvem a voz funebre, distincta, repetindo aquella maldição continua.

A. Foscolo.

POEMA DA AUSENCIA

PREFACIO

« Hei de partir, farei o teu desejo... »
Era de todas a suprema ameaça!
E eu dizia: Pois vae-te, e achava graça
N'esse amúo de rapido lampejo.

Outras vezes era eu que tinha ensejo
De dizer-te: Talvez que agora eu faça
Uma viagemzinha, e, por desgraça,
Esse triste momento chegar vejo!

Mas logo arrependia-me da magoa
Que te punha nos olhos rasos d'agoa
Doce expressão de supplica dorida!

E só de novo o riso apparecia
Quando entre beijos eu te repetia:
Tu não vês que é mentira, minha Vida?

CANTO I

Eis a primeira vez que nos deixamos
Depois de tantos annos decorridos!
Mesmo nos dias máos, então vividos,
N'esta separação jamais pensámos!

Hoje, no emtanto, a casa que habitámos,
Onde a tua voz cantava aos meus ouvidos,
Lembra os desertos ninhos esquecidos
Que os passarinhos deixam sobre os ramos.

Tudo espera por ti, ouviste? tudo!
A tua *Tosca*, o teu canario, mudo,
Que cantaria se te ouvisse ainda!

Tudo espera por ti, ó doce amada!
Volta e traze comtigo a turba alada
Dos nossos sonhos de ventura infinda!

CANTO II

Ha tantos dias já que te partiste!
Que te não vejo, que não te ouço a falla!
Se pergunto por ti tudo se cala,
Tudo se cala porque tudo é triste!

No emtanto, ó anjo, n'este casa existe
Tudo que é teu, que teu perfume exhala!
E o teu retrato preso, aqui na sala,
Fita-me e mudo á minha dor assiste!

Vejo o teu piano! Que saudade immensa
Das musicas de Coen, de Tosti e Denza!
Porque é que o riso d'esta casa foge?!

Doce, magoada, volve-me á lembrança
Essa de Coen ternissima romanza,
Que cantavas tão bem — *Allora ed Oggi!*

CANTO III

Quando voltares entre as alegrias
Que aqui desfolha o teu sorriso amigo,
Por entre beijos ralharei comtigo
Por viveres sem mim tão longos dias!

Saberei de teus labios se sorrias
Durante os dias d'este meu castigo.
Se entre os estranhos todos que maldigo
Tinha a tua voz as mesmas melodias.

Saberei de teus olhos se choraste,
Quantas noites de insomnia tu passaste
Na solidão de um quarto estranho e mudo!

Hei de saber, e, então se, como eu penso,
Teu soffrer como o meu foi grande, intenso!
Perdôo-te o abandono, a ausencia, tudo!

Americo Moreira.

Março de 93.

MIMOSA

I

Commo eu a amo!

Amo-a, porque sei que ella tambem me ama, e com tanto mais sincero amor quanto é desinteressado.

Quanto em mim fita seus olhos azues e meigos, azues como o azul profundo do mar, meigos como o olhar de uma criança, seus olhos que supplicam apenas caricias, nelles traduzo todo o amor de Mimosa.

Boa Mimosa!

MOREIRA SAMPAIO

Nada me pede; nada exige de mim; nenhum sacrificio me impõe; nenhum desgosto me causa.

Ame-a eu, e eil-a feliz

Amo-a, sim; e quem dera a muitas mulheres serem amadas de tal modo!

II

Mimosa veio para a minha companhia por morte da mãe.

Orphan, sem apoio no mundo, merecia, por isso mesmo, todo o conchego e carinho.

Se era tão boa!

Com verdadeira infantilidade lançava-se para mim, apenas me via entrar em casa, e não me deixava mais.

Saltava de contente; passava-me as mãosinhas pelo rosto; offerecia-me aos beijos o collo mais branco que o lyrio; prodigalizava-me mil afagos de criança louca.

Se, porém, contrariado por qualquer motivo, eu não lhe retribuia os mimos, como que a velava uma nuvem de pezar, e ficava immovel n'uma cadeira, a fitar-me triste com aqueles olhos azues e meigos, azues como o azul profundo do mar, meigos como o olhar de uma criança.

III

Um dia, comecei a notar nos habitos de Mimosa sensivel mudança.

Não era a mesma, não.

Percebia-se-lhe uma como preoccupação, que eu não sabia explicar-me.

Quando me recolhia á casa não a encontrava, como outr'ora, á minha espera.

Evita-me, fugia de mim.

Dir-se-ia pungir-lhe o espinho agudo de um remorso.

Ou antes: não seria reccio de uma exprobação?

Deitava-se tarde e, quando eu accordava, já não a via a meu lado, como de costume.

Tomava mal as refeições e, se eu instava para que aceitasse uma iguaria qualquer, abanava a cabeça e recusava

Decididamente aquillo não era natural.

Mimosa tinha alguma coisa que a magoava.

Que seria?

Jurei a mim mesmo descobril-o, e, para o conseguir, resolvi-me a espreitar seu procedimento:

Espreitar! Que acção feia! Mas assim era preciso.

IV

Na casa contigua á nossa, morava o João Raymundo, respeitavel pae de duas interessantes meninas e de tres pandegos rapazes estudantes, um da Faculdade de Medicina, outro da Escola Polytechnica e o terceiro da confeitaria do Castellões.

Escusado é dizer que dos tres era este ultimo o que mais progressos revelava nos estudos.

Nossas familias mantinham amistosas relações e visitavam-se frequentemente.

O João Raymundo era um bom velho; as meninas, boas meninas; mas os rapazes não me agradavam lá muito para que digamos.

O velho tinha a mania dos bichos.

Coelhos brancos e malhados, cães de varias castas, gatos, aves domesticas, passaros, duas pacas, uma saracura e até um quati, formavam a, como elle dizia, sua segunda familia.

Uma arca de Noé completa, faltando apenas o quati femea e o macho da saracura.

Cerbero, um bello cão da Terra-Nova, *Mascotte*, uma galga linda, e *Bismark*, um gato enorme, eram os *enfants gatés* da casa. O João Raymundo adorava-os.

Era um gosto vel-o, á tarde, debaixo de uma vetusta mangueira, cercado das duas familias, e, ás vezes, das tres, quando a minha lá estava.

V

Resolvido a observar, quanto pudesse, o procedimento de Mimosa, não a perdia de vista sempre que me achava em casa.

Cada vez me parecia mais scismatica e preoccupada; cada vez mais arisca, permitta-se-me a expressão.

O seu logar predilecto era a varanda em que abria a sala de jantar.

Alli ficava horas esquecidas a olhar para a casa do João Raymundo.

A olhar, a olhar...

Uma occasião estava tão distrahida, que não sentio approximar-me nas pontas dos pés.

Mal, porém, appareci, um vulto que estava á varanda do visinho escondeu-se rapidamente.

Não tive tempo de ver quem era.

Mimosa olhou para traz, deu commigo e fugio para o interior.

Não havia duvidas.

O negocio era na casa do João Raymundo.

Era o amor a causa da mudança de Mimosa.

Tive ciumes.

Tive, sim; para que negal-o?

Sahi, e, como tinha combinado com um amigo, fui ao theatro.

Quando voltei, o luar era magnifico. Um luar esplendido.

Mimosa estava á varanda e... não sei porque, mas ia jurar que não estava só.

Reconhecendo meus passos, entrou precipitadamente.

A occasião era talvez opportuna para demonstrar-lhe o meu desgosto pelo seu procedimento.

Mas... se fosse innocente?

Sim; eu não tinha uma prova...

A duvida, sempre a duvida!
Recolhi-me ao quarto, deitei-me e adormeci.

VI

Tarde, bem tarde (seriam tres horas da madrugada), tive um pesadelo medonho.

A casa ardia em chammas e eu, preso no quarto, sem ter por onde fugir, a ver o incendio augmentar, approximar-se voraz, ameaçando tragar-me!

E, coisa esquisita, das labaredas sahiam cobras e cobras de fogo, mas cobras verdadeiras, vivas, com os olhos incendidos, com as fauces escancaradas, cobras interminaveis!

Aterrado, abria a bocca para gritar, mas uma das cobras entrava-me por ella, entrava, entrava, e á medida que entrava, o meu ventre avolumava-se, tomava proporções assustadoras, até que a cobra começava a sahir, sahir, para ceder o logar a outra que entrava, entrava, entrava...

Emquanto isto se dava, ouvia eu a voz de Mimosa, plangente, dolorosa, agoniada.

Eram gemidos, gritos dilacerantes.

As chammas envolviam-n'a, a mísera debatia-se em contorções terriveis.

Fiz um esforço, consegui arrancar a quinta cobra que entrava, dei um grito estridente, e acordei.

Mimosa não estava no leito.

Chamei por ella; acudio promptamente.

Vinha da varanda da sala de jantar.

VII

Passaram-se alguns mezes.

Mimosa já não fugia de mim; cada vez, porém, parecia mais triste, mais soffredora.

Appetite nenhum.

O que devéras me intrigava era que, longe de emmagrecer, engordava a olhos vistos.

Um dia, faz hoje um mez, depois que eu sahi de casa, Mimosa metteu-se na cama.

Só voltei á noite e, perguntando por ella a minha tia, soube do que se passára.

Corri, assustado, para o quarto.

Mimosa dormia.

Examinei-a.

Não tinha febre, mas o somno era agitado.

Evitei acordal-a; despi-me com cautela e tratei de descansar.

Pela madrugada, senti desusado movimento no leito.

Prestei attenção...

Ouvi uns gemidos, ou antes, um côro de gemidos, fracos, muito fracos, quasi imperceptiveis.

Tirei um phosphoro de sobre a mesa de cabeceira, risquei e acendi a vela.

Olhei e vi...

Quatro gatinhos recem-nascidos!

Comprehendi tudo:

O vulto que fugira da varanda, quando appareci, era o *Bismark* do visinho João Raymundo.

Quanto a Mimosa, estava junto aos filhinhos, toda satisfação e orgulho, a olhar-me com aquelles olhos azues e meigos, azues como o azul profundo do mar, meigos como o olhar de uma criança.

MOREIRA SAMPAIO.

AO AR LIVRE

A UM PINTOR

Tivesse o verso as tintas animadas,
As vivas cores nitidas, divinas,
Com que sabes pintar, com que illuminas
Nuvens e rios, montes, alvoradas...

N'um quadro agora a largas pinceladas,
Eu pintava dos céos as côres finas
E Maio a rir festivo, nas campinas,
Crávos abrindo e rosas perfumadas,

Enfeitado de pampanos; ridente
Como um Sylvano, um satyro contente,
Do sol n'um raio envolto, irradiante...

Depois, lançando o meu olhar em roda,
Tudo pintava, a natureza toda,
N'uma explosão de canticos vibrante!...

A. PERES JUNIOR.

VULTOS E FACTOS

A casa editora Magalhães & C.ª deu ao publico mais um milheiro, o quinto, do triumphante livro de Affonso Celso Junior.

Começa o prologo desta nova edição com as seguintes palavras:

« Em tres semanas e só na cidade do Rio de Janeiro, esgotaram-se as duas primeiras tiragens desta obra — mil exemplares cada uma.

Outra edição, tambem de dous mil exemplares, vendeu-se em um mez. »

E' caso extraordinario nos annaes das nossas lettras, notando-se, para maior victoria do autor, que esse brilhante successo de livraria foi acompanhado pelo mais completo successo litterario.

E foi muito justo e natural que assim acontecesse, porque o livro, sobre trazer como garantia a assignatura de um nome illustre, querido e respeitado, tem actualidade, é bem escripto, feito com fina graça e elegante singeleza de estylo, palpitante de inte-

resse nas suas variadas descripções de scenas e caracteres, e, além de tudo, está nitidamente impresso e artisticamente disposto de principio a fim.

Os Srs. Magalhães & C.ª, pelo esmero e zelo que põem no desempenho da sua difficil missão de editores brasileiros, e pela coragem com que vão dando ao publico obras novas de litteratura nacional, fazem-se dignos daquelle successo e dos nossos melhores elogios.

Até hoje, força é confessar, bem raras occasiões têm tido de ser elogiados os editores do Rio de Janeiro.

AMARANTE.

PARABOLA

Em pomar (que é fructifero arvoredo)
Ao pé de um limoeiro um outro achou-se;
Aquelle eu sei que dá limão azedo,
Mas este deve dar o limão doce.

Inda que não lhes falte essa cultura
De póda e regalia e morno estrume,
Não se transmitte a citrica doçura,
Communica-se o critico azedume.

. . . . . .

Aqui ha carambola por tabella,
Isto é, se der ao filho companheiros,
Saiba o pae empregar toda a cautela,
E sirvam-lhe de exemplo os limoeiros

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, Novembro de 1892.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Quando o homem faz considerações d'esta especie, o plantonismo foi-se. N'esse momento, Lucio esqueceu-se completamente de Carmen. Recostou-se com abandono na poltrona, cruzou as pernas, firmou-se, apoiando o braço sobre a colcha do leito, e discorreu sobre as difficuldades da carreira medica.

A Dolores o que a magnetisava era a sonoridade d'aquella voz energica, em cujos timbre ao mesmo tempo se percebiam o tom musical e a affluencia de vibraçoes sympathicas, d'essas vozes que nos chamam de distancia e emudecem aos que as escutam.

A'quelle quadro, representado por tres personagens de indoles e misteres bem diversos, presidia invisivel o Satanaz das tentações.

A mudez de Carmen era eloquente. O seu espirito vidente assistia ao prologo de uma comedia cujo enredo a inexperiencia não lhe podia por emquanto patentear. O instincto annunciava-lhe a approximação do *simoun* desconhecido.

Dolores era sua mãe, e, se bem lhe mordesse a epiderme o primeiro calafrio do ciume, em todo o caso a consciencia repellio a ideia de um amor criminoso.

— Todavia — pensou — o que significava o apparente enthusiasmo de Lucio? Seria por calculo que todas as suas attenções se dirigiam a Dolores? Amal-a-hia, a ella, Carmen, como constava, como lh'o tinha dado a entender?

E como ponto final, irrisorio, Dolores libertou a mão esquerda e estendeu-a, apresentando o pulso ao medico e interrogando-o se havia chegado a intermittencia febril.

Lucio sorrio e demorou-se a consultar automaticamente o pulso e calculadamente o torneado do braço, que a pouco e pouco augmentava em volume, como as pyramides conicas vistas do vertice á base.

Foi n'esse momento que o perfume esparso por sobre as mãos da doente impressionou-lhe a pituitaria.

Como os raios de luz que auxiliam a vista quando contemplamos um quadro distanciado, os perfumes têm a propriedade de despertar o tacto, de actival-o a ponto de o desvairar.

Lucio não tinha conhecimento d'este facto só por conjectura ou raciocinio proprio; muito bem sabia que, de ha muito, preocupava a attenção de medicos provectos a influencia que exercem os perfumes sobre o organismo humano. Seja como for, esqueceu-se e foi uma das victimas. A principio, o aroma despertou-lhe a sensação agradavel que todos sentem quando a intensidade da fragancia não ataca de subito o systema nervoso. A pouco e pouco, porém, como o oriental que se abandona á embriaguez do opio e adormece indolentemente cerrando entre dentes a boquilha de ambar do seu cachimbo monstro, assim se abandonou a uma ideia que lhe occorreu inesperadamente, sem deixar a posição de medico que conta as pulsações de um doente.

A' distancia, Carmen, sem adivinhar a obra de Satanaz, atemorisou-se ao ver a demora da consulta a que se dava de novo o medico.

— Alguma crise — pensou — pronunciando essa palavra verdadeiramente oca de que se servem os profanos todas as vezes que pretendem explicar a si e aos outros a perturbação physica de um individuo.

Crise ou não, Lucio, a quem não se havia de todo obscurecido a consciencia, abandonou o pulso de Dolores, como se porventura se lhe queimassem os

dedos ao contacto daquella epiderme avelludada, acalorada e tenra ainda.

O que não escapou ao espirito observador de Carmen, foi que á pergunta da mãe o moço não havia respondido.

Se o coronel Blanco, á medida que educava a enteada lhe fosse dando romances, em que os amores, as paixões e os adulterios se accumulam, se repetem e chocam com a frequencia de vagalhões em praias, não era certo que á sua intelligencia perspicaz e lucida teriam escapado a hypocrisia de Dolores e a allucinação do seu companheiro de infancia.

Faltava-lhe, porém, o conhecimento d'essas miserias; essa innocencia relativa de mulher solteira e virgem constituia o seu throno de ideal: a fé no amor.

Interpretou de modo differente o silencio do medico.

— Ha enfermidades — pensou elle, erguendo-se da cadeira e dirigindo-se a passos curtos para fóra do quarto — ha enfermidades que os medicos occultam porque são o resultado de condições physicas impostas pela edade...

O raciocinio suspendeu-se-lhe n'umas reticencias prolongadas, marcadas pelo ruido surdo dos passos sobre o tapete.

— E' indiscrição estar presente — murmurou, depois de passar ao aposento contiguo.

— Até que afinal! — suspirou Dolores, investigando com o olhar alegre todos os recantos, como quem receiava encontrar por alli a sombra de sua filha.

Lucio, ainda immerso n'um sonho de ebrio, abrio desmedidamente as pupillas, ergueu a fronte e fixou a vista sobre o rosto da *doente*, sem comprehender o que queria ella dizer com aquella phrase: até que afinal!...

E logo, como quem resolvesse um problema que o mortificava, procurou Carmen com os olhos.

— Não está! — respondeu-lhe Dolores, que havia adivinhado o gesto do moço. Foi-se...

Lucio sorrio. Uma alegria intima dominou-o por momentos; sim, afinal, Carmen era uma criança, e por uma dessas revoluções do organismo e do espirito, o systema nervoso sentio as vibrações a que se acostumava em Pariz em noites de delirio, em ceias de millionario, em que tudo se pagava, as viandas, o *champagne* e os beijos das *cancanistas*.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

O Recreio poz em scena um dramalhão portuguez intitulado os *Ladrões do mar*, escripto pelo defunto José Romano, autor do famoso *Vinte e Nove ou Honra e Gloria*.

E' uma peça em que ha de tudo, e que promette conservar-se por muito tempo em scena, deliciando os frequentadores do Recreio. Como obra litteraria não vale nada, mas o nosso theatro não vive de litteratura.

Quanto ao desempenho dos papeis, direi que os artistas fazem o que podem, o que não quer dizer que façam pouco e o que não quer dizer tambem que façam muito.

*

A magica o *Diabo coxo*, trabalho posthumo de Soares de Sousa Junior, foi, finalmente, exhibida no Variedades.

Dizem que a emprezaria Ismenia dos Santos gastou quarenta contos de réis com a montagem da peça, e eu acredito, porque os scenarios são suimptuosos, os vestuarios de luxo, e os machinismos e tramoias de muito effeito.

A peça parece-se com todas as peças do seu genero, mais engraçada que umas, menos interessante que outras; a musica poderia ter sido escolhida com mais acerto.

Do desempenho destacarei a graciosa Lopiccolo, um actor portuguez chamado Galvão, que eu não conhecia, e uma estreiante, D. Olympia, que pertence a duas familias de artistas, Amoedo e Montani.

*

O Sant'Anna fez *réprise* da *Garra de Açor*, opereta em 3 actos, cuja primeira representação se realisou em beneficio do sympathico actor Colás. Todos sabem que *Garra de Açor* é *Les braconniers*, de Chivot, Duru e Offenbach, e que a peça foi traduzida por Eduardo Garrido com a graça e a leveza que elle põe na execução d'esses trabalhos. Os artistas do Sant'Anna deram todos muito boa conta do recado, mas é de justiça collocar no primeiro plano Mattos, o incançavel Mattos.

*

Coisa rara! — Tivemos no Polytheama uma zarzuela nova, *Mantos e capas*, libretto de Xavier Santero, musica de Cabellero e Nieto. A peça, baseada numa anedocta politica do tempo de Carlos III, é bem escripta em versos faceis e conceituosos, versos de theatro como só hespanhóes os sabem escrever; a musica é bonita; o desempenho foi muito regular.

*

O Club da Gavea convidou-nos para o seu ultimo espectaculo. Representaram-se as comedias *Meu marido está ministro* e a *Timidez de Cornelio Guerra*. Só temos elogios para os respectivos amadores.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 17 ABRIL DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 25 numeros.—Para os Estados 26$000 e 13$000.—Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Dr. Candido Barata Ribeiro	Paulo Augusto.
Subjectivismo	Alfredo de Magalhães.
Chronica Fluminense	A.
Vita Nuova	Fricinal Vassico.
O Exilado	Ad. Caminha.
Impressões de Theatro	A. A.
A Propósito de um Morto	Cosimo.
Platonico	Arthur Andrade.
O Fiasco	A. Gasparoni.
Voz de Sereia	Alberto Souza.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

CAPITÃO-TENENTE JOSÉ CARLOS DE CARVALHO

CONCURSO POETICO

A redacção do *Album* resolve pôr em concurso a traducção, em versos portuguezes, do celebre soneto de Joséphin Soulary, *Rêves ambitieux*, que abaixo reproduzimos.

Cada traducção deve vir em carta fechada, trazendo como assignatura um pseudonymo desconhecido, e acompanhando uma sobrecarta que contenha o verdadeiro nome do traductor. Essa sobrecarta só será aberta pelos membros do jury, depois do respectivo julgamento.

Não se admittem traducções anonymas.

Cada um dos traductores indicará, ao lado da traducção, o nome de um poeta residente nesta capital; o jury será constituido pelos tres poetas cujos nomes forem indicados o maior numero de vezes.

Todas as traducções recebidas serão insertas no nosso n. 24, que apparecerá em Junho proximo. A decisão do jury, o soneto premiado e o nome do traductor serão publicados no numero seguinte.

Consistirá o premio n'uma assignatura permanente do *Album*. O premiado receberá de uma vez todos os numeros já publicados e periodicamente todos quantos se publicarem d'ahi por diante, seja qual fôr a duração do *Album*.

Eis o soneto:

RÊVES AMBITIEUX

Si j'avais un arpent de sol : mont, val ou plaine,
J'y voudrais un peu d'eau : torrent, source ou ruisseau ;
J'y planterais un arbre : olivier, saule ou frêne ;
J'y construirais un toit : chaume, tuile ou roseau.

Sur cet arbre un doux nid : gramen, duvet ou laine,
Retiendrai un chanteur : pinson, merle ou moineau ;
Sous mon toit un doux lit : hamac, natte ou berceau,
Retiendrait une enfant : blonde, brune ou châtaine.

Je ne veux qu'un arpent ; pour le mesurer mieux,
Je dirais à l'enfant la plus belle à mes yeux :
Tiens toi debout devant le soleil qui se lève ;

Aussi loin que ton ombre ira sur le gazon,
Aussi loin je voudrai borner mon horizon :
Tout bonheur, que la main n'atteint pas, est un rêve !

JOSÉPHIN SOULARY.

Nota importante:

O soneto deve conservar, traduzido, a fórma caprichosa que lhe deu o poeta, apresentando, como no original, tres vocabulos connexos em cada um dos segundos hemistichios dos oito primeiros versos. Essa condição é indeclinavel.

Os traductores podem remetter os seus trabalhos á direcção do *Album*, rua dos Ourives n. 7.

DR. CANDIDO BARATA RIBEIRO

Este notavel cidadão, Prefeito do Districto Federal, naseeu, de paes obscuros e pauperrimos, aos 11 de marco de 1845.

Aos trese annos de edade, tomado sob a protecção de Frei Bento da Trindade Cortez, encetou a sua educação litteraria no mosteiro de São Bento,

onde fez brilhante figura, alcançando medalhas de honra e approvações com louvor em todo o curso de preparatorios. Começou então a viver de leccionar meninos. Os seus mingoados recursos não lhe permittiram realisar o desejo, que o possuia, de estudar direito em Pernambuco ou São Paulo; mas o já citado Frei Bento, seduzido pela intelligencia, pelas aptidões e pela energia do moço, tomou-o de novo sob a sua protecção, e Barata Ribeiro conseguio, ainda assim com muito sacrificio, matricular-se na Faculdade de Medicina, e fazer-se medico.

Logo depois de formado, partio para São Paulo, e foi clinicar em Campinas, onde, em 1868, se alistou nas fileiras do embryonario partido republicano. O celebre manifesto de 1870 já o encontrou militando valorosamente em defesa da Republica.

A extraordinaria actividade do seu espirito não foi completamente absorvida pela sciencia e pela politica; as lettras preocupavam-no tambem; a instrucção publica tinha em Barata Ribeiro um servidor cheio de abnegação e desvelos; elle fundou sosinho a escola Corrêa de Mello, e foi um dos creadores da Sociedade Propagádora da Instrucção, onde, com sacrificio de sua clinica, ensinou durante muito tempo, gratuitamente, ás classes pobres.

Em litteratura a sua paixão é, ou foi, o theatro Todos se lembram do *Segredo do lar*, bonita peça de propaganda abolicionista, que foi ha alguns annos representada no theatro Lucinda por uma das companhias dramaticas organisadas e dirigidas por Furtado Coelho. Além d'esse drama, escreveu o *Soldado brasileiro*, em collaboração com Ubaldino do Amaral, o *Divorcio*, a *Mucama*, o *Anjo do lar* e *Mulheres que morrem*. Este ultimo lhe valeu uma carta elogiosa do grande tragico Giovanni Emmanuel.

Barata Ribeiro separou-se do partido republicano de São Paulo quando este riscou da sua bandeira a ideia da Abolição. Ao lado de Luiz Gama e de Americo de Campos, foi o autor do *Segredo do lar* um dos primeiros que alli se levantaram contra a escravidão.

Transferido para esta capital, Barata Ribeiro continuou aqui a sua gloriosa campanha em prol da Liberdade, escrevendo, fundando clubs, fazendo conferencias publicas, desenvolvendo, emfim, uma actividade de corpo e de espirito verdadeiramente excepcional.

Em 1883 fez concurso, na Faculdade de Medicina, para a cadeira de clinica de molestias de crianças; foi classificado em primeiro logar, e nomeado lente cathedratico.

Medico, deu sempre; quer como professor, quer como clinico, irrecusaveis provas de seu talento e saber. E' elle o autor do famoso relatorio sobre a questão Castro Malta, um primor de litteratura medico-legal. Foi elle o primeiro que no Brasil praticou a difficillima operação da ligação da arteria vertebral.

São proverbiaes os seus sentimentos humanitarios. Durante a primeira epidemia da variola em São Paulo, quando todos os medicos recusavam o logar de director do lazareto, o Dr. Barata Ribeiro aceitou esse cargo sem aceitar os respectivos honorarios, nem a medalha que lhe foi conferida no fim da epidemia. E' um medico de pobres.

Proclamada a Republica, para a qual concorreu Barata Ribeiro com grande somma de trabalhos e sacrificios, elle protestou contra a inclusão do seu nome na chapa de deputados, e quando sem protestos se dissolveu o partido republicano historico, foi ainda elle que, em 17 de Novembro de 1890, levantou na imprensa este brado como «o tributo de uma adoração quasi fetichista pela Republica:»

«O problema da organisação politica da Nação impõe-se hoje aos brasileiros sob o mesmo aspecto pelo qual se apresentou no regimen monarchico: submissão passiva ao poder centralisado, tendo como instrumento a falta de liberdade eleitoral, ou a reacção em favor do regimen federal, como garantias individuaes e sociaes. Campeia, portanto, ainda hoje, desfraldada á luz da rasão, da justiça e da sciencia a mesma bandeira que guiou os revolucionarios de 15 de Novembro, e que deve guiar os patriotas sinceros na orientação do futuro: – Federação ou Revolução!»

Patriota ardente, espirito culto, caracter immaculado, puritano da honra, chefe de familia modelo, cidadão operoso cuja divisa é *Nunca parar*, filho de si mesmo, irrequieto, nervoso, agitado pelo desejo de acertar, energico até parecer violento e arbitrario sem o ser,—o Dr. Candido Barata Ribeiro desempenha dignamente as elevadas e espinhosas funcções que em boa hora lhe foram confiadas pelo Vice-Presidente da Republica.

PAULO AUGUSTO.

SUBJECTIVISMO

Tedio! ultima ambição do espirito cançado,
Como a noite ao bandido esconde-me em teu seio!
Bem unico em que eu creio,
Do naufrago do sonho o ideal és realisado!

Por sobre mim estende o teu pesado manto,
Me esmague o desalento o coração embora!
Miragem tentadora,
Dá-me de uma saudade o doloroso encanto!

Não me venha insultar da lagrima a ironia!
Só chora quem, cobarde, á magoa tendo medo,
Trahe, revela o segredo
Que a dor, a grande louca, incauta lhe confia.

Alheio é sempre ao mundo o alheio soffrimento:
Mar torvo do interesse á flor das vagas, róla
Da compaixão a esmola,
Agindo pelo egoismo, inerme o pensamento.

Do soffrer ruja embora o temporal desfeito,
Impassiveis, de pedra, a frente sempre erguida,
Na luta pela vida
E' fazer para a pena um tumulo no peito.

E nunca o que em nós vae conheça a sociedade.
Sejanos como a esphinge: o olhar duro e vasio,
Tristemente sombrio,
Da Chimera a fitar a insania, a nihilidade!

Desce, pois, na minh'alma a treva pavorosa
De tuas azas de chumbo: envolve-a, e a desolada
Na sensação do Nada
Talvez que ainda julgar se possa venturosa.

ALFREDO DE MAGALHÃES.

CHRONICA FLUMINENSE

No terreno politico a semana offereceria pasto á phantasia inquieta de um fazedor de chronicas. O *Marechal, nós nos encontraremos um dia!* do Sr. Wandenkolk, daria tres columnas de prosa alegre.

E' forçoso convir: o sympathico marinheiro, que eu estimo como um dos nossos mais distinctos generaes, perdeu uma excellente occasião de não pegar na penna. Já lá se foi o tempo em que essas theatrices impressionavam; hoje fazem rir.

O Sr. Wandenkolk é mais respeitavel na solidão e no silencio aonde o relegaram circumstancias que o não aviltam, e onde o abandonaram ingratos, do que entre as «publicações a pedido» do *Jornal do Commercio*, o olhar terrivel, a boca aberta para deixar sahir uma ameaça ridicula, a mão nervosa e tremula nos copos da espada invicta.

*

Com o Sr. Wandenkolk, que ha longos mezes não dava signal de vida, reappareceu tambem o Boato, o famoso Boato, que tão preponderante papel representa na nossa vida politica. Dizem-se as coisas mais absurdas do mundo; falla-se de ministros que conspiram e andam vigiados por agentes de policia, como ha tempos os cidadãos de barba toda e chapéo do Chile; affirma-se que... Mas não quero insistir: as columnas do *Album* estão interdictas á politica; impertinencia é tratar de boatos e conspirações.

*

Tivemos domingo passado um eclipse do sol, cujas peripecias—o termo não é meu— foram relatadas na *Cidade do Rio* pelo Sr. dr. Antão de Vasconcellos.

Este cavalheiro, um dos mais distinctos advogados do nosso fôro, fez-se astronomo na vespera do eclipse expressamente para poder observal-o. O que é ter amor á sciencia!

*

Tambem a mim me parece que a ideia de tapar com um andaime o monumento de Rocio foi uma ideia infeliz.

As estátuas são respeitaveis, como os tumulos, e representam, vamos lá, o sentimento de um povo ou, pelo menos, de uma collectividade. Deitem-nas por terra durante uma revolução, mas não as ridiculisem com ripas, bambinellas e sanefas. Se por politica o fizeram, má politica foi.

Por isso, comprehendo e applaudo as pesssoas do povo que demoliram o andaime, descobrindo o bronze que ha trinta e tantos annos se ostenta na praça publica, erguido pela gratidão nacional, bem ou mal entendida.

A glorificação de Tiradentes não precisa, para ser completa e absoluta, que se lance o ridiculo sobre a estatua de um homem que tão amigo foi dos brasileiros... e das brasileiras.

*

No obituario d'esta semana figuram dous nomes illustres: o do conselheiro Adolpho Paulo de Oliveira Lisboa, distinctissimo funccionario publico, e o do Dr. José Firmino Vellez, clinico de muita fama, que ha poucos dias passára pelo desgosto de perder um filho, o Dr. Eduardo Vellez.

A.

VITA NUOVA

Da loira Chloris no gazil recinto
Ora penetro, cauteloso e tardo,
E a mesma fé, e o mesmo culto guardo,
D'esse que, ás vezes, nas egrejas sinto.

E' que inda alli te vejo e te presinto
Em cada flor: no carmezim do cardo;
No perfume suavissimo do nardo;
No lindo caule do gracil jacintho...

Dizem que es morta, e que uma sepultura
O teu despojo idolatrado véla,
Pela calma das noites silenciosas ..

Não! não morreste, minha noiva pura,
Pois inda vives, como sempre, bella,
No periantho rútilo das rosas!...

FRICINAL VASSICO.

O EXILADO

A J. M. BRIGIDO

I

Havia um anno que Juan Herrera desembarcára na pequena ilha da Sereia, quinze gráos do conti-

nente americano, na costa sul oriental da Patagonia, uma ilhota deserta, inaccessivel quasi, confinando em broncos rochedos ponteagudos, em luta perpetua com os elementos que ameaçavam por vezes sepultal-a para sempre no abysmo tenebroso do oceano.

Vista á distancia, aquella nesga de terra perdida no mar alto fazia o effeito de um grande cetaceo fluctuando á flor d'agoa.

Era alli que Juan Herrera vivia depois que o governo de sua patria o condemnára a exilio perpetuo e solitario por causa de não sei que insurreição politica, levantada contra os poderes publicos do paiz.

E alli estava, e alli arrastava a existencia rudemente, estupidamente, em termos de enlouquecer, mais *Pampero*, soberbo cão de raça; negro como ebano da India, grandes olhos scintillantes e intelligentes. Era o unico amigo que restava ao exilado n'aquella existencia amargurada de Prometheu roido pelo abutre do tedio que não tem cura. Assim mesmo, só, alimentando-se de caça e pesca, roubando os filhos ás aves marinhas que escolhiam para ninho o pincaro das escarpas, e introduzindo-se nas tocas com risco da propria vida, ainda assim tinha forças para lutar contra a cegueira implacavel do destino.

Agoa bebia-a elle crystallina e fresca n'uma piscina proxima.

Pampero amava-o, *Pampero* havia de morrer com elle — eis o seu derradeiro consolo.

II

A' tarde, quando o vento frio de sueste esfusiava com força, gemendo psalmodias lugubres, e o mar sacudia alto a espuma de suas vagas; quando pouco e pouco se cerravam de sombra os horisontes, e o condor marinho descia das alturas para repousar no concavo dos granitos, Juan, em companhia de *Pampero*, alçava-se ao cume dos rochedos como para contemplar melhor a grandeza imponente que os cercava.

Chegados em cima, Juan sentava-se, parava o olhar sobre as agoas, seguindo o vôo das gaivotas, ou interrogava as nuvens que cortavam o azul vertiginosas e negras ás vezes, como rebanhos de buphalos selvagens. Depois volvia para *Pampero* os olhos rasos de lagrimas...

Vinha a noite, o frio intenso, a neve, e ambos desciam ao albergue taciturnos e somnolentos.

III

Desde que alli se achava Juan Herrera, contára apenas duas velinhas brancas que passaram no horisonte, ao largo, muito ao largo, como se temessem approximar-se da ilha.

Com effeito os navegantes receiavam essas regiões.

A proposito da ilha da Sereia, corriam muitas lendas phantasticas, entre as quaes sobresahia, por mais curiosa, a que dera nome á ilha.

Narravam marinheiros do Pacifico, gente ousada mas superstitiosa, que n'aquella latitude tinham submergido muitas embarcações attrahidas por não sei que voz mysteriosa e irresistivel, sahida do fundo do mar; os navios eram arremessados sobre dunas e alcantis.

E accrescentavam que, á noite, via-se distinctamente uma especie de pharol de luz muito branca e scintillante, como luz electrica, illuminando o semblante lindissimo de uma mulher cujo olhar allucinava. — « E' a Sereia, » affirmavam os marinheiros do Pacifico; e a ilha ficou se chamando da Sereia.

IV

Consentiram a Juan Herrera levar para o exilio provisões em abundancia, roupa, utensilios domesticos, e *Pampero*, o bello cão inglez que não e abandonava nunca.

Se ao menos algum navio desnorteado aportasse á ilha... Mas não. Passou um anno inteiro e passaria outro e outro sem que elle visse viv'alma.

A essa lembrança um desconsolo pungente apoderava-se do hespanhol. Vinham-lhe desejos, soffreados a custo, de morrer, de acabar com aquella existencia inutil, fosse como fosse, atirando-se das rochas ou estrangulando-se... Ao mesmo tempo pensava em *Pampero*. Que seria d'elle, do seu unico amigo? Matal-o seria uma injustiça indigna d'elle Juan. Um cão vale mais ás vezes que um homem e mais não se mata brutalmente, a sangue frio, um animal, um bello animal inoffensivo, um amigo como *Pampero*.

O hespanhol monologava com o cão como se este o entendesse.

— Não é assim, *Pampero*? Seria uma ingratidão sem nome...

E affagava o animal que se erguia sobre as patas trazeiras, as outras sobre os joelhos do exilado, n'um expressivo bolir de orelhas, ganindo feliz como se em verdade tambem quizesse fallar.

O outro beijava-o, suspendia-o ao collo, alisava-lhe o pelle, e *Pampero* tinha movimentos de reconhecimento ao contacto das barbas longas e grisalhas do amigo.

— Não é verdade que és meu amigo, continuava Juan, e que nunca te separarás de mim?

Distrahia-se ás vezes e dizia: — Fala!

O cão gania, lambendo-lhe as mãos, aquellas grandes mãos grossas e sulcadas, mãos de operario asperas de labor.

— Vem cá! Upa!

Juan suspendia-o ainda mais rosto a rosto. *Pampero* inchava de goso, lambia, e lambia sempre, acceleradamente, as maos, as orelhas, a venta, os olhos e a testa do outro.

Era assim que as ideias más, aves negras do pensamento, abandonavam em debandada o cerebro d'aquelle gigante que se fazia criança.

DR. CANDIDO BARATA RIBEIRO

V

Juan Herrera, bem que de raça latina, era com effeito um gigante. Alto, muito alto mesmo, espadaúdo como um cafre, braços grossos e musculosos. A camisa, aberta na frente em angulo de vertice para baixo, descobria-lhe o thorax robusto e cabelludo. Os olhos castanho-escuros, meio injectados, exprimiam doçura e bondade; mal se lhe via a boca, occulta pela barba cerrada que lhe subia pescoço acima até ao pé das orelhas. Um verdadeiro gigante asselvajado par trezentos e sessenta e cinco dias de solidão e tedio entre o mar, o céo e colossos de granito.

Era assim Juan Herrera, o exilado hespanhol.

VI

Um dia *Pampero* amanheceu triste, mas de uma tristeza que fazia mal a Juan, tristeza de quem vae morrer.

— Que é isso *Pampero*? Queres porventura deixar-me só aqui no meio do mar, n'este deserto?

A um canto do albergue, cosido ao chão, todo encolhido, o olhar profundo e sombrio como o olhar humano quando está para extinguir-se, o cão deixava-se ficar socegado, immmovel, n'uma quietação que chegava a metter medo.

— Que terá succedido? pensou Juan abaixando-se para acariciar o animal.

Mas este, sem se mover, mostrou-lhe os dentes, espumando ameaçadoramente.

O hespanhol recuou espantado.

— Era o que faltava!

Os homens roubam-me a liberdade; Deus tira-me *Pampero*.

E uma luz estranha fulgurou no olhar melancolico do exilado. Crisparam-se-lhe as feições. Se fosse tigre, teria soltado um rugido medonho...

VII

. . . . . .

Fora-se a ultima esperança: *Pampero* agonisava.

Juan quiz affagal-o ainda uma vez, quiz acariciar o dorso luzidio do cão, do seu animal querido, mas d'esta vez *Pampero* conservou-se quieto, immovel ainda, olhos vidrados, dentes cerrados, uma escuma grossa e visguenta escorrendo-lhe da boca: *Pampero* estava morto.

Pela primeira vez durante um anno de exilio Juan Herrera teve um sorriso, mas que sorriso! d'esses que só se veem nas penitenciarias e nos degredos... Quedou-se a olhar fixamente o cão com um gesto aparvalhado na boca entre aberta, braços em cruz, cabeça para o lado. Olhou muito, e murmurou depois n'um tom pausado e lugubre:

— Adeus, *Pampero*, adeus, meu amigo!...

Em seguida sahio, e as aves do mar viram-no desapparecer em silencio, como uma sombra que se esvae entre as penedias da ilha.

VIII

O sol fazia explosão no alto.

Os menores contornos da ilha destacavam nitidamente á luz vibrante que enchia o espaço. Um dia tropical, sem nuvens no azul, sem sombras nas montanhas.

Branquejava no horisonte a vela de uma embarcação que passava ao largo, muito ao largo, imperceptivel quasi...

AD. CAMINHA.

IMPRESSÕES DE THEATRO

A GUIMARAENS PASSOS

Que dramalhão! Um intrigante ousado,
Vendo chegar da Palestina o conde,
Diz-lhe que a pobre da condessa esconde
No seio o fructo de um amor culpado.

Naturalmente o conde fica irado:
— O pae quem é? — pergunta. — Eu! lhe responde
Um pagem que entra. — Um duello! — Sim! Quando? Onde? —
No encontro morre o amante desgraçado.

Folga o intrigante... Porém surge um mano,
E, vendo morto o irmão, perde a cabeça:
Crava um punhal no peito do tyranno!

E' preso o mano, mata-se a condessa,
Endoidece o marido... e cae o panno
Antes que outra catastrophe aconteça.

A. A.

A PROPOSITO DE UM MORTO

Na sua *Chronica fluminense* do n. 15 do *Album*, o nosso collega A refere-se ao fallecimento, em S. Luiz do Maranhão, do velho Ignacio José Ferreira, decano do typographos brasileiros e fundador do *Publicador Maranhense*, folha que appareceu naquella capital em 9 de Julho de 1842 e desappareceu em 2 de Fevereiro de 1886.

Ignacio José Ferreira era o ultimo representante d'aquelle Maranhão litterario que de muito deixou de existir. Até a ultima hora trabalhou heroicamente para salvar o seu querido jornal. Baldados foram os seus esforços; teve que sacrificar o orgulho, como sacrificára a fortuna.

Nos ultimos annos o *Publicador* vivia apenas de seu passado. Mas que passado! O seu primeiro redactor foi João Francisco Lisboa.

Ignacio José Ferreira fez-se o editor espontaneo de tudo quanto esse grande e luminoso vulto das nossas letras escreveu e deu á luz.

Naquelle tempo, em 1842, o grande prosador que devia, onze annos mais tarde, enriquecer a litteratura brasileira com o seu *Jornal de Timon*, estudo social de primeira ordem, pintura de costumes admiravelmente traçada, profunda lição de historia patria e universal, o grande prosador, — iamos dizendo, em boa hora se divorciára da politica para entregar-se exclusivamente ás lettras

Em 2 de Janeiro de 1838 havia João Lisboa fundado a *Chronica Maranhense*, illrmando, logo nos primeiros numeros, a invejavel reputação que o acompanhou ate o tumulo e o acompanhará na posteridade. Poucos dias depois, os seus inimigos politicos o indigitavam como principal causador da estupida revolução conhecida por *Balaiada*: eloquentes artigos livraram-no dessa calumnia tola e miseravel.

Em 1840 Lisboa fizera-se candidato á deputação geral. Ninguem mais do que elle prestára serviços á causa liberal, a cujo partido se filiára desde criança. Pois essa candidatura illustre foi traiçoeiramente guerreada pelos proprios chefes do partido!

O famoso jornalista, que era um dos mais elevados caracteres do seu tempo, não articulou uma queixa: suspendeu a publicação do seu periodico, e recolheu-se á vida privada...

Eis algumas palavras, transcriptas do artigo de despedida, artigo que é um exemplo edificante de resignação e cordura:

O redactor da *Chronica*, João Francisco Lisboa, julga de seu dever declarar que não só tem desistido da sua candidatura a deputação geral mas tambem que se retira do campo da politica, onde ha tantos annos combate, correndo a mesma fortuna que os seus amigos.

« As mais ponderosas considerações o obrigam a este procedimento; outras considerações porem de não menos força o obrigam a adiar as explicações que a tal respeito lhe cumpria dar. Mas ainda que sem estas explicações desde ja temos fe que os nossos amigos politicos que no espaço d'estes oito annos nunca nos viram afrouxar, mesmo nos dias mais difficeis, na defeza da causa que ha viamos esposado, não se persuadirão por certo que damos baixa do serviço no momento em que provavelmente ia triumphar essa mesma causa, sem que sejamos impellido a essa resolução, não só por motivos de brio e pundonor, como pelos do mais rigoroso dever. Digamos mais, com a nossa resolução fazemos sacrificios de que bem poucos seriam capazes nas nossas circumstancias.

« Desejamos sinceramente que este nosso procedimento em nada altere a posição dos dous partidos; mas, não querendo já agora obter um só voto para emprego algum, desejamos tambem que só por nosso respeito ninguem se comprometta ou tome o menor incommodo. »

Lidas essas palavras, facilmente se comprehende a pungente ironia com que João Francisco Lisboa escreveu o artigo-programma do *Publicador Maranhense*. Felizmente posso eu dal-o aqui por extenso aos leitores do *Album*. Eil-o:

« Convidado a tomar a redacção deste jornal, julgamos indispensavel dizer alguma coisa em feição de prospecto sobre a direcção que pretendemos dar-lhe.

« Não faltam orgams a politica; os seus odios se envenenam cada dia, e, em falta de logar onde se rasguem novas feridas, os campeões que andam travados na luta revolvem os punhaes nas feridas já abertas.

« Imital-os seria nada fazer para romper a monotonia de taes discussões; a sociedade tem outros interesses que cumpre advogar e satisfazer.

Em primeiro logar as noticias politicas e commerciaes, tanto nacionaes como estrangeiras, depois a legislação e os actos do governo; e finalmente variedades que instruem, recreando — eis ahi com que encheremos o quadro d'este jornal.

« A exemplo de todos os jornaes da Europa, extractaremos das columnas dos nossos collegas os artigos que mais interessantes nos parecerem sobre as questões que forem occorrendo, guardando n'isso, como em tudo o mais, uma rigorosa neutralidade entre os diversos partidos. Não só é essa uma das condições da empreza a que nos ligamos, como por outra parte não temos a honra de pertencer-lhes nem pelas nossas convicções, nem pelos nossos interesses. »

Ignacio José Ferreira sobreviveu sete annos ao desapparecimento do seu jornal: sete annos de amarguras, de saudades e de miseria...

COSMO.

Rodrigo Octavio, o poeta dos *Pampanos* e dos *Poemas e idyllios*, o joven Procurador Seccional da Republica, que tem sabido honrar o nome illustre que lhe deixou seu pae, acaba de publicar um bello volume intitulado *Festas nacionaes*, offerecido a mocidade brasileira « para que aprenda a significação dos dias que a Republica manda guardar ». Raul Pompeia escreveu para esta obra um prefacio vibrante de patriotismo. O livro é primorosamente impresso na casa Leusinger, e editado pelos srs. F. Briguiet & C., proprietarios da Livraria Internacional.

No proximo numero do *Album* publicaremos, a proposito do livro de Rodrigo Octavio, um artigo devido a penna fulgurante e autorisada de Lucio de Mendonça.

PLATONICO

Amo esse orgulho... Mas, porque estremeço
De amor, se elle é desdem, se o seu lampeio
No meu peito das magoas é o começo?
Mysterio! Adoro-a mais, que mais o vejo.

No seu porte qual rutilo adereço,
E elle é gozo e supplicio ao meu desejo,
Pois todo é um mimo ao seu pallor de gesso,
Pois todo é a causa de eu não ter seu beijo.

Luz! canta! faz-me verme e fal-a estrella!
Diz me:— « Ella é de outro. Tu não podes tel-a. »
E eu, sem treva, mais quero-a e me consolo.

Porque esse orgulho que m'a rouba é o guante
Que a faz vaidosa e a força, instante a instante,
Mostrar um bloco do marmoreo collo...

ARTHUR ANDRADE.

O FIASCO

— Parece incrivel, meu caro Flavio, que fizesses tamanho fiasco! Emfim, póde ser que fosses com muita sêde ao pote e... Enganei-me? Que foi então? O fiasco está provado: como o explicas?

— E' uma historia que não comprehenderias, se eu me désse ao trabalho de contar-t'a.

— Muito obrigado! Porque?

— Porque havias de chamar-me romantico e piegas. Na vida que levas é impossivel conhecer ou mesmo suppor que se conservem certos sentimentos como reliquias sagradas. O que se passou commigo não está ao alcance do teu espirito, que se gastou num meio onde tudo é falso, desde o sorriso até a lagrima, desde o muchocho até o beijo. Rir-te-ias da minha aventura, porque na realidade faz rir um desejo vehemente, que se deixa dominar por uma simples lembrança, por um...

— Vamos, meu caro Flavio, tem pena de mim. Sabes quanto sou curioso. Satisfaze este meu incorregivel defeito, e, juro-te pelos poucos cabellos que me restam, não zombarei do teu... fiasco!

— Quero crer na seriedade do teu juramento, em signal de respeito pela tua precoce calvice. Ouve, pois, a verdade. Desde que morreu a minha adorada Adriana, ha, como sabes, anno e meio, conservei-me fiel, absolutamente fiel á sua memoria, como o fôra durante todo o tempo que durou a nossa ligação. Nada me tentava; por mais bella que me parecesse uma mulher, os meus sentidos nada lhe pediam.

— Adiante!

— Um dia, porém, rompeu-se este gelo; senti que a natureza exigia os seus direitos.

— Podéra!...

— Confesso-te que fiquei seriamente embaraçado. Eu estava arredio da sociedade onde os prazeres custam apenas dinheiro; não sabia como arranjar-me; decidi recorrer a alguns dos meus conhecimentos antigos. Foi assim que encontrando, por acaso, a Gabriella, convidei-a para ceiar commigo e aceitar a hospitalidade do meu quarto deserto. Aceitou e aqui vivemos, ella um tanto alegre, devido naturalmente ao champagne, e eu entristecido pela sua alegria de mulher vendida.

— Continúa.

— Quando, sentada no leito, ella me beijava, chamando-me a sua « indivisavel paixão », não sei porque nem como, os meus olhos, em vez de pousar sobre os seus hombros nús ou sobre o seu alvissimo collo, fixaram-se no retrato da minha adorada Adriana, pendurado á parede. Não sei o que se passou então dentro de mim; mas affirmo-te que tive vergonha de tocar naquelle corpo diante da imagem d'aquella que me mostrára o paraiso na terra. Adriana parecia censurar-me, não com um olhar de colera ou de desprezo, mas como que humilhada pela affronta que eu lhe fazia. Ergui-me,— arrastei Gabriella para o meu gabinete de trabalho, atirei-a sobre o meu divan, e... O resto já tu sabes... Ella tudo te disse, raivosa, enfurecida, mortificada no seu orgulho de mulher formosa.

— Pobre Flavio!

— Nada conseguio atear de novo as centelha do desejo. Adriana, mesmo morta, não permittio que eu profanasse em labios impuros os beijos que lhe tinham pertencido! Ora ahi tens a historia do meu fiasco.

A. GASPARONI.

VOZ DE SEREIA

A CANDIDO DE CARVALHO

No céo azul — do azul das aquarellas —
Derrama a lua o seu alvor de freira,
Orla as montanhas rigidas e bellas,
Tinge do mar a esbranquiçada esteira.

As ondas crespas sulca passageira
Embarcação de desprendidas velas.
Feminea voz, com graça feiticeira,
Canções descanta, ingenuas e singelas.

Trovas simples de amor onde palpita
A alma de uma saudade soluçante.
Que labios vos esfolham pelos ares?

Labios finos em face mais bonita,
Talvez de uma sereia fascinante,
Lendaria dona d'estes verdes mares...

ALBERTO SOUSA.

S. Paulo, fevereiro, 1893.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

TYPOS DE MULHERES

VI

(Continuação)

Sim! a natureza physica sentio este impulso a que a sujeitára o aroma penetrante dos pós de Ninon, o mesmo com que a Pariz dissoluta se polvilha a toda a hora. Foi a causa do sorriso que lhe assomou nos labios.

— Estou livre! estou a sós com esta mulher incontestavelmente bella!

Foi o pensamento satanico que lhe atravessou o cerebro. Durou, porém, o instante de um lampejo. A reacção foi prompta e decisiva. A' memoria falloulhe a voz sonora e sympathica do coronel Blanco.

Lucio passou pelos olhos a mão, como quem necessitava desviar uma nuvem carregada, electrica, e sentio que lhe echoavam aos ouvidos os ultimos elogios que lhe dirigira em presença do coronel Herrera, seu pae, o marido da mulher que alli estava a sorrir-lhe, talvez criminosa, talvez indigna.

Depois, succederam-se á esta recordação os conselhos de Carrero, seu amigo, homem pratico e por demais conhecedor do coração humano.

— Nunca! — dizia comsigo á medida que se lhe reconstituiam as forças da consciencia honesta. Se Carmen suspeitasse, um instante se quer, de que a esqueci, por minutos, embora não tenha direitos sobre um amor que lhe não confessei, poderia odiar o libertino que sob o mesmo tecto em que se abriga

a sua virgindade, tentasse macular a memoria de seu pae e o nome de seu padrasto.

— Não respondeu á minha pergunta, doutor. Voltará a febre? — interrogou Dolores, como quem desejava reatar o colloquio, indiscreta mas involuntariamente interrompido pela filha.

Lucio hesitou por momentos.

Depois apossou-se d'elle o desespero de se ver alli sacrificado a um papel que lhe repugnava.

— Sejamos francos, Dolores: tudo isto é uma comedia que estamos a representar: eu no meu papel de medico, a senhora no de doente. Afinal nenhum de nós cumpre conscienciosamente a sua missão. Diga-me, supplico-lh'o até: porque razão me expõe a este ridiculo, que maior seria se Carmen o advinhasse ou comprehendesse?

— E que significam as suas palavras?

— Muito, porque significam que o seu incommodo não era bastante para esta encenação apparatosa. Um defluxo não exige tanto.

— Bem! já que o quer, lhe direi tudo: o senhor... ama alguem a quem me ligam os mais intimos laços de parentesco: minha filha.

Lucio fez um gesto como quem desejava responder com alguma consideração negativa. Dolores, sem perder os instantes que a ausencia de Carmen lhe facultava, não deu tempo a que o moço proferisse duas palavras.

— Não me interrompa. Lucio. De que lhe vale esse amor?... Carmen está ainda alheia a todas essas ideias; para casar-se, faltam-lhe criterio e a edade que, em meu parecer, julgo conveniente para dar semelhante passo. Desvaneça esse sentimento.

Foi um momento solemne o que se seguio a esta phrase, pronunciada com fogo por aquella mulher, cortezan entre a honestidade e confiança do marido e a virgindade da filha.

O moço não deixou que se seguisse aquella scena. Ergueu-se e como ultimas palavras que entendia dever pronunciar antes de partir:

— Comprehendo, Dolores! — disse em voz baixa, de modo a prevenir em caso de que Carmen se approximasse. O que diz é uma ordem. Em todo caso, ha pensamento premeditado em tudo que acaba de proferir. O que faz objecto do meu sentimento nunca o murmurei sequer em casa do coronel Blanco. Amo Carmen — diz-me. — Não vejo n'isso nem perigo nem mal que minha consciencia a todo o tempo condemne. Nunca o declarei. Carmen não poderia ter ouvido dos meus labios uma declaração de amor. Seria uma declaração falsa, e, mercê de Deus, renego a hypocrisia que paga a amisade. Ha um grande erro em tudo quanto me disse. Cogitando bem o que me póde ir na alma, chego a uma conclusão: não amo, porque ainda aos ouvidos me resoam as bulhas do *Moulin Rouge* e o riso estrepitoso das cortezans mais celebres! Seria possivel que a senhora, Dolores, aceitasse para esposo da sua filha, candida e innocente, o pariá do *Bairro Latino*, que sepultava o corpo nas enxergas da devassidão, e suffocava illusões n'uma atmosphera quente de vicio, gelada de sentimento? Nunca! Não amo! E' por isso, que me parece absurda, extemporanea essa observação que me dirigio. Mas... agora me apercebo de tudo! Suspeitou que existisse esse amor. Sabia os meus antecedentes; quiz prevenir, afastar do paul damninho as azas do anjo; quiz ouvir a verdade e libertar sua filha! Applaudo-a. Ante o dever de mãe, recuam estranhas pretensões, — as pretensões profanas.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

No Apollo fez-se *réprise* do applaudido *vaudeville* as *Andorinhas*, em que tem um de seus melhores papeis o espirituoso actor Machado.

*

No Sant'Anna voltou á scena o mesgotavel *Surcouf*, fazendo agora o actor Leonardo o papel de Kerbiniou, que até hoje tinha sido desempenhado pelo actor Teixeira. O unico papel do *Surcouf* que conserva ainda a distribuição primitiva é o de *Jacaré*, que, na opinião de muita gente, é o trabalho mais completo do Mattos.

*

Os hespanhóes do Polytheama deram-nos as zarzuelas *La tempestad*, *Marina* e *El salto del Pasiego*. Para a Phenix foram outros hespanhóes, que se estreiaram com *Los comediantes de antano*. E' muito hespanhol.

*

Os artistas que nos sabbados e domingos trabalham no S. Pedro annunciam, uma representação dos *Tres amores ou o governador de Braga*, drama de Burgain, que fez as delicias dos nossos paes.

*

Nos outros theatros nada de novo: os *Ladrões do mar*, no Recreio, e o *Diabo coxo*, no Variedades, pronunciam-se como dous grandes *successos*. Todo o Rio de Janeiro quer ver o Dias Braga mettido na pelle do capitão Diabo, e a Lopiccolo atravessar o Niagara em bicyclette.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 18 ABRIL DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000.—Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

Prevenimos aos srs. assignantes do ALBUM que só devem pagar as suas assignaturas á pessoa que lhes apresentar recibo de talão, impresso, numerado e firmado por H. Lombaerts & Comp.

SUMMARIO

Antonio Azeredo	Amarante.
Chronica Fluminense	A.
Nocturno	Francisca Julia da Silva.
Goso não Corrigido	Luiz Rosa.
Flor Morta	Arthur Mendes.
Festas Nacionaes	L. de M.
Pomba Massa	Adelino Fontoura.
Mal sem Cura	Placido Junior.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

CAPITÃO-TENENTE JOSÉ CARLOS DE CARVALHO

ANTONIO AZEREDO

Nasceu na cidade de Cuyabá, capital de Matto-Grosso, aos 22 de agosto de 1861. É filho legitimo de Francisco Antonio de Azeredo e de D. Blandina Maria de Figueiredo. Veio para o Rio de Janeiro em Dezembro de 1880.

O mais dirá, no artigo que abaixo transcrevemos, um amigo de Antonio Azeredo, e seu collega na imprensa e no Congresso:

« D'entre os politicos da geração nova, que têm feito brilhante carreira, destaca-se, sêm duvida, pelas suas qualidades pessoaes, e já notavel influencia entre os republicanos, o illustre moço, cujo nome encima estas linhas. Poucos, bem poucos, em tão verdes annos, têm logrado occupar mais imminentes posições, manifestando, em todas ellas, o mais decidido amor á ideia republicana e a mais benefica influencia em tornar esse regimen apreciado e bemquisto pelo povo.

Apenas com trinta annos de edade, Antonio Azeredo, no espinhoso cargo de primeiro secretario da Camara dos Deputados, tem revelado tão altas qualidades politicas, um tino tão fóra do vulgar, tanta moderação em seus actos, e tão puras intenções nas luctas em que se tem envolvido, que, se não fosse uma scisão bastante accentuada na Camara, entre governistas e opposicionistas, elle seria o candidato dos dous lados, voltando a occupar o seu posto de primeiro secretario... por unanimidade.

E haveria boas razões para assim proceder, pois nas principaes questões do nosso paiz, como a Abolição e a Republica, em todas desempenhou brilhante papel, creando um nome laureado e sabendo cercar-se da estima e da consideração de todos os seus companheiros de luctas e de victorias.

No periodo mais ardente da propaganda abolicionista, Antonio Azeredo, que então teria as suas 22 primaveras, frequentava a Escola Militar e fazia parte de um Club Abolicionista que alli existia, e que prestou grandes serviços á nobre causa. A *Gazeta da Tarde*, que então dirigia o movimento, tinha-o como um dos seus mais activos collaboradores, e quer lá, quer nos *clubs* e nos *meetings* que frequentemente se realisavam, Antonio Azeredo era um dos mais decididos e enthusiastas companheiros de trabalhos. Realisando-se em 15 de Março de 1884 a abolição no Ceará, e sendo esse facto motivo de grandes festas, aqui, entendeu a Confederação Abolicionista solemnisal-o, com uma grande sessão, á qual compareceriam, com seus estandartes, todas as associações da Capital. Fazendo parte da Escola Militar, Antonio Azeredo e outros companheiros tinham-se compromettido a virem com o estandarte da Escola, abrilhantar a festa. Sabendo d'isto, o governo impedio á Escola, obrigando o nosso amigo e mais dous companheiros, para cumprirem a promessa feita, a pularem

de noite os muros da Escola, trazendo para a festa o estandarte desejado. O facto era de extraordinario arrojo, causando surpresa e jubilo a todos os abolicionistas, porém não consentiram elles que o estandarte apparecesse em publico, pelo compromisso que isso traria aos heroicos moços, que assim sacrificavam o seu futuro em prol de uma grande ideia.

Apesar, todavia, da reserva havida, o facto foi conhecido e a situação dos intrepidos moços tornou-se muito difficil na Escola. Para evitar maiores desgostos, Antonio Azeredo abandonou esse curso, matriculando-se na Escola Polytechnica, que frequentou durante algum tempo.

Mas a imprensa e a magnitude das causas que ahi se debatiam tentavam-n'o sempre, e assim, apoz um curto intervallo, começou elle a collaborar de novo, activamente, na *Gazeta da Tarde*. Como a ideia republicana ganhasse terreno, Antonio Azeredo dedicou-se a ella, prestando-lhe não pequenos serviços.

Pouco depois, circulando o boato de que o *Diario de Noticias* ia ser vendido, Antonio Azeredo tão acertados passos deu, que conseguio adquirir a propriedade d'esse importante orgam, pela quantia de 16 contos de réis, entrando n'essa combinação o seu amigo Luiz de Andrade, que o auxilion bastante. Adquirido o jornal, ou antes mesmo de adquiril-o, foi a redacção do mesmo offerecida ao Dr. Ruy Barbosa, e data d'ahi essa propaganda ingente em favor da Republica e que trouxe o *Diario de Noticias* nas mãos de todos os politicos durante um longo periodo.

Proclamada a Republica, e nomeado o Dr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda, no dia 16 de Novembro, Antonio Azeredo acompanhou-o ás diversas repartições, correndo ao seu lado todos os perigos e incertezas do novo estado de coisas.

Eleito deputado por Matto-Grosso, sua terra natal, tomou parte na discussão da Constituição, e muito contribuio pelos seus esforços e real influencia, no seio d'aquella notavel assembleia, para que ella não se anarchisasse.

Sobrevindo o golpe de estado de 3 de Novembro, Antonio Azeredo foi um dos coripheus da resistencia, e, ao lado de Custodio de Mello e tantos outros, deu impulso vigoroso á ideia da restauração da legalidade.

Intimo amigo do marechal Floriano, que fôra commandante das armas durante quatro annos em Matto-Grosso, e com quem travára as melhores relações, teve a felicidade de ver o seu illustre amigo na presidencia da Republica, e ahi o tem auxiliado com a mais devotada dedicação.

Sabendo conservar as suas amisades, atravez das mais asperas luctas politicas, Antonio Azeredo, que conta dedicados amigos entre a opposição, muito e muito contribuio para o applacamento das paixões, e muitos dos implicados na terrivel questão do estado de sitio, lhe devem benefica intervenção, quer para desfazer intrigas e perseguições, quer para impedir represalias da parte dos que foram victimas d'essas crueldades.

Na vida publica, elle é exemplo do que podem a seriedade unida ás boas intenções, creando-lhe uma grande pleiade de dedicações e amisades; na vida privada, no seu modesto lar, é um encanto vel-o no seio da familia, entre a esposa que o estremece e a gentil Nair, sua filhinha, que lhe amenisam as horas amargas e os desgostos em que a politica é fertil.

Poucos moços se têm elevado a tão alta posição, conservando intactos os dotes de espirito, o amor ás boas causas e a paixão pelo engrandecimento da Republica.

Occupando logar saliente entre os republicanos historicos, todo o seu empenho tem sido empregado em obter uma conciliação entre os bons elementos que sustentam a Republica.

Indicado para a pasta do exterior, pelos seus amigos politicos e mesmo pela opposição, desviou de si, com a mais nobre isenção, essa pesada honra, allegando que na Camara prestava melhores serviços ao governo.

Taes são, em rapidos traços, os principaes factos da vida do illustre e joven politico, a quem a Patria brasileira já deve assignalados serviços.»

AMARANTE.

CHRONICA FLUMINENSE

Foi transferido o espectaculo annunciado para hontem, sexta-feira, no Sant'Anna, em beneficio do barytono Pollero, e no qual deveria ser cantado o 2º acto do *Falstaff*, instrumentado pelo maestro Cavalier.

Espero em Deus que essa transferencia fosse definitiva, e não passemos pelo desgosto de ver o trabalho do divino Verdi tratado como uma reles opereta anonyma.

O que me dóe é que pelos factos d'essa ordem, praticados por individuos inconscientes ou flegmaticos, o estrangeiro responsabilise a nossa terra. Sobre todos os brasileiros recahiria o ridiculo d'esse *Falstaff* mutilado, e penosamente expectorado entre dous actos do *Rapaz de saias* ou da *Rosa de diamantes*.

Por isso, bom é que se saiba lá fóra ter havido no Rio de Janeiro jornalistas que se levantaram contra o annuncio, ou antes, a ameaça de similhante sacrilegio artistico,— jornalistas que tudo farão, mesmo fóra do terreno abstracto da imprensa, para impedir que o nefando attentado se consumma.

*

O Sr. Eduardo de Sá, pintor brasileiro, tão modesto quão talentoso, imaginou um quadro repre-

sentando Tiradentes no momento em que, depois de ouvir a confirmação da sentença que o matou, felicita os seus cumplices e companheiros de cadeia por terem sido commutadas as suas respectivas penas.

D'este quadro fez o artista um interessante esboço, que mandou expor na Galeria Moncada, e em seguida apellou publicamente para os patriotas, solicitando os recursos necessarios á execução do seu trabalho.

O pintor precisa de nove contos de réis, e promette dentro de tres annos concluir o quadro, que terá quatro metros de altura por sete de comprimento.

Receio desanimar a um artista sympathico e honesto como o Sr. Eduardo de Sá; mas creio que elle está profundamente illudido acerca do nosso patriotismo. Se o Sr. Sá espera que o publico lhe leve espontaneamente os nove contos indispensaveis para a execução do seu quadro, é de presumir que a sagrada memoria do Tiradentes jamais receba a consagração do seu pincel.

Tudo se arranjará, se um grupo de cidadãos conspicuos andar de porta em porta, de amigo em amigo, de conhecido em conhecido, angariando esportulas sob a condição de serem no dia seguinte publicados os nomes dos respectivos subscriptores.

O melhor, entretanto, será recorrer ao Governo, que deve auxiliar a *Confirmação da sentença*, de Eduardo de Sá, do mesmo modo por que auxiliou a *Epopéa africana*, de Decio Villares.

A.

NOCTURNO

Peza o silencio sobre a terra. Por extenso
Caminho, passo a passo, o prestito funereo
Se arrasta em direcção ao negro cemiterio.
A' frente, um vulto agita a caçoula de incenso.

E o prestito caminha. Os cantos do psalterio
Se ouvem. O morto vae n'uma rede suspenso.
Uma mulher enxuga as lagrimas ao lenço.
Chora no ar o rumor de um mysticismo aereo.

Uma ave canta. O vento acorda. A ampla mortalha
Da noite se illumina ao resplendor da lua...
Uma estrige soluça. A folhagem farfalha.

E emquanto paira no ar esse rumor das calmas
Noites, acima d'elle, em silencio, fluctua
O Lansperenne mudo e supplice das almas...

Francisca Julia da Silva.

GOSO NÃO COBIÇADO

A ARTHUR AZEVEDO

— Pela extensão das rutilas campinas ninhos não cantam mais nos floreos ramos, e, se alguma ave abre as azas de luz neste silencio, é para fugir da tristeza, é para voar da saudade! Mas porque estão as leiras sem ninhos e as moitas sem rosas? Porque ahi vêm os dias ennevoados e tristes, peneirando tristeza, espalhando saudade... Ah! quando passei, ha pouco, lá em baixo, nos prados ermos, os ninhos abandonados, suspensos dos ramos frageis, appareceram ao meu olhar curioso como um bando de harpas saudosas a que tivessem arrancado uma a uma todas as tenuissimas, tremulas cordas flexiveis de ouro!

Isto dizia eu hontem a Nevoa num delicioso *tête-en-tête*, na sua alcova elegante e azul como um pedaço de céo de verão limpido e sereno, — ella recostada languidamente no divan, — eu ajoelhado no tapete felpudo de pelles de urso onde ella escondêra os microscopicos pés de fidalga chineza.

E, como presentisse a causa do meu pezar, a causa da minha magoa, Nevoa disse:

— Falla.

E, eu repeti, tremulo de goso, pallido de receio:

— As leiras estão sem rosas os ninhos estão sem azas porque a estação do ouro e da luz partio, foi-se a primavera, a noiva eterna do eterno sol. Ouve, pois: peza-me a grande dor de não ver mais risos! E eu não posso viver sem o perfume das moitas, sem o concerto dos ramos... Como um vassallo aos pés de uma princeza, aqui estou eu para implorar-te uma graça!

Nevoa accenou que sim.

E eu disse:

— A primavera, a outra, a tua irman celeste, partio porque sentio saudades do céo donde ella veio... mas, tu, tu és a etherea primavera da graça, a primavera eterna da minha vida. Teu corpo é um pomar rescendente, repleto de pomos virgens, de um perfume subtil; a tua carne, alva como os linhos frescos, floresce como um lyrial, rescende como um pomar... Olha, em falta das rosas das leiras, quero as rosas virgens das tuas faces...

— Concedo.

— Agora, quero a polpa *fraise* da tua boca humida como uma papoula rubra...

— E' tua a popoula da minha boca, como são tuas as rosas da minha face.

— Os lyrios dos teus pés, agora, como dous passaros brancos, como dous pombos gemeos...

— São teus os lyrios dos meus pés.

— ... as tulipas dos teus olhos, as camelias das tuas mãos, o aroma da tua carne, o sandalo da tua pelle...

— Tudo te pertence, até mesmo as flores do coração, os sonhos, as illusões, as flores da minha alma...

—Ora bem, ora ainda bem! disse eu, erguendo-me.

— Mas...

— Mas...

Não sei porque ha sempre um *mas* nas historias de amor!

—... com a condição de que não has de tocar nessas flores e nesses pomos senão no dia em que aprenderes a cantar, como eu também, a doce Canção do Hymineu!

Canção do Hymineu! Sim, a deliciosa canção que se aprende uma vez para não mais se esquecer na vida!

— Prometto, murmurei apenas.

Foi tal a expressão de profunda melancolia que se estampou no meu semblante pallido, que Nevoa, levantando-se por sua vez, veio para mim, abrindo as azas. E disse a meia voz, como um rouxinol amoroso que ensaiasse o canto na meia luz da manhan:

— Vens de commetter um vicio imperdoavel até mesmo no amor: a cobiça. A cobiça que eu detesto e aborreço! Mas vaes pagal-o caro, meu amigo. Ainda uma vez te digo que é teu, todo teu o floreal da minha carne, o pomar rescendente do meu corpo, mas as flores d'esse rosal, os fructos d'esse pomar, não sentirão o fremito dos teus labios, o calor da tua boca, senão...

E, como lhe implorasse com o olhar, e o rosto se me tornasse mais triste.

— Mas d'aqui até lá — e fitava-me risonha, e fallava com uma suavissima entonação na voz de passaro meigo — d'aqui até lá, para mostrar-te o quanto soffro quando estás triste e me alegro quando és feliz, vou dar-te a beijar, pela primeira vez, as duas magnolias mais raras que este formoso céo cobre, e que esse sol de primavera, que se foi, colorio e aromou...

— Duas magnolias!..

— Sim, que trago sempre aqui, sobre o peito, ouvindo o tic-tac apressado do meu coração de virgem.

E desatava o corpete azul; depois, atravez as rendas da camisa branca de linho, divulguei, tumidos, brancos, com uns roseos tons na epiderme fresca, dous pomos como dous fructos de um pomar, certamente mais lindos do que esses que o formoso céo de abril cobre, e o sol de maio, brilhante e tepido, colora e aroma!

— Os teus seios! murmurei tremulo de goso, mas, são dous fructos do mesmo pomar do teu corpo, duas flores do mesmo jardim da tua carne!

— Sim, mas has de convir, amigo, que foram as unicas flores, os unicos pomos que não cobiçaste... E por isso mesmo t'os dou. Vamos lá; beija-os á vontade, e sobretudo aspira-lhes bem o perfume, sente-lhes bem a maciez velutina, para que os tomes para motivo principal da tua *Canção do Hymineu*!

E isto dizendo, abrio por ultimo a camisa alva — e deu-me a beijar pela primeira vez os dous seios virgens, como um gemeo casal de garças pennugentas, ou, como bem dissera Nevoa — duas magnolias gentis, mas duas magnolias de olentes petalas claras, com dous morangos maduros nos roseos bicos.

LUIZ ROSA.

FLOR MORTA

As flores todas jogadas
Sobre a sua sepultura,
Fallam d'ella consternadas,
D'essa doce creatura.

Por sobre a lousa da pobre
Estendeu piedosa mão
Esse epitaphio que a cobre:
— As flores que nella estão.

Se a santa no mundo a vida
De flores teve por sorte,
Agora em sua jazida
De flores lhe surge a morte.

Ha casos que não se sabe
Como os entendem os céos!
Talvez nem tudo se acabe
Num beijo de ultimo adeus.

Na terra que nos consome
Talvez não morra o sorriso
D'essa mulher cujo nome
Feito de flores diviso.

Quem sabe se ella não ouve
Um pequenino rumor
Que a faça sorrir, que louve,
Das folhas de alguma flor?

Foi ella flor para as flores,
Que de rosas escutaram
Phrases e phrases de amores
De que seus labios fallaram!

Agora a triste dormindo
Tem flores — suas irmans —
Sua lapida cobrindo
Por esplendentes manhans.

Quando eu volvo olhos tristonhos
Á' sua nova morada,
Recordo — saudosos sonhos! —
Que ella já foi minha amada.

Mas embalde aquelle nome
Que tantas vezes chamei,
De novo chamo e se some...
No céo? Na terra? Não sei.

Ouço apenas — sorte inversa! —
N'estas paragens, pungente
De flores uma conversa
Que trata d'essa innocente.

ARTHUR MENDES.

ANTONIO AZEREDO

FESTAS NACIONAES

Rodrigo Octavio, um bello talento já realçado por boa cópia de conhecimentos, contribuio para a commemoração do 21 de Abril ultimo com a publicação de um livro intitulado *Festas Nacionaes*, magnificamente impresso nas officinas Leuzinger, com uma introducção de Raul Pompeia, e tendo como editores os Srs. Briguiet & C., da Livraria Internacional.

Presta o joven escriptor republicano bom serviço á causa das instituições democraticas, fundamentando em um livro, escripto com vigor e enthusiasmo, o bem inspirado Decreto, do Governo Provisorio, de 14 de Janeiro de 1890. Acreditamos, como Michelet, que as grandes festas populares são optimo processo de educação do sentimento civico. Tornar-lhes pois, bem conhecida a significação e alcance é trabalho dos mais meritorios.

Simplesmente, preferiamos que na dedicatoria se substituisse a « infancia » á « mocidade brasileira », pois fazemos aos nossos jovens concidadãos a justiça de crer que não ignoram « a significação dos dias que a Republica manda guardar ».

Um ou outro descuido de fórma diminue o valor da composição, mas é amplamente compensado por paginas e paginas de alevantado civismo e de verdadeira eloquencia. E o melhor é que o colorido vigoroso e quente não prejudica a exactidão do desenho, a rigorosa verdade da narração historica, segundo os ultimos documentos.

Brilhante é o prefacio de Raul Pompeia, cuja penna primorosa tem acostumado mal os leitores, mas ainda desta vez não lhes illude a espectativa.

O ardente patriota, a quem na intimidade já alcunhámos o nosso Paul Déroulède, o fundador da Liga dos Patriotas, bem póde ser, entre nós, o creador de similhante partido, a que os veneradores das tradições, quasquer que sejam, poderão chamar jacobino e iconoclasta, mas que temos como necessario á nossa vida nova de povo livre, autonomo, inteiramente senhor de si, de sua terra e de seus destinos.

Comprimentamos os dous distinctos confrades

L. DE M.

POMBA MANSA

Quando meu labio tremulo te oscula
A pequenina mão delgada e fina,
Como uma pomba timida que arrula,
Minha vida, mal sabes! canta e pula
Na rosea palma d'essa mão divina.

ADELINO FONTOURA.

MAL SEM CURA

A ALUIZIO AZEVEDO

A tisica! A tisica! Essa doença symbolicamente dolorosa e triste, que devasta os lares como os constantes invernos devastam as searas.

CRUZ E SOUSA, *Missal.*

O relogio grande badalava onse horas. Noite por toda a parte, agourentas corujas piavam com lugubres concertos, varando o ar de uma tristeza pesada. Corria pelo espaço a nostalgia do medo. A terra, n'um murmurar constante de cicios de floresta, tinha como a nota plangente de uma grande dor, que andasse vadia á procura de quem a acolhesse.

Era a hora mais triste para o Romualdo.

Durante o dia era menor o tormento,—enganava-se com a alegria dos outros, com o latejar scintillante da luz, que soprava alento ; mas áquella hora, áquella hora morta da noite, como que se sentia o mais isolado dos homens,— um enterrado vivo, entre as quatro paredes frias de um quarto de hotel.

Dominava-o a preoccupação constante da morte ; sentia proximo o toque do rebate, a hora fatal do aniquilamento eterno.

Pensava.—Para que tanto cuidado, para que desperdiçar ainda uns contos da herança, se o mal era sem cura, se o medico todos os dias franzia o sobr'olho ao encaral-o mais pallido, mais macerado, se a doença o corroia fibra por fibra, n'um avassalamento indomavel de fera que se não sacia ? Já estava cançado. Já não supportava a vida errante que ha dous annos iniciára para conquistar mais alguns dias de soffrimento.

— Que enfadonhos os hoteis e as casas de saude, para onde atirava a sua carcassa viva, de envolta com o murchar das suas esperanças !... Dormir sob o mesmo tecto de tantos outros que lhe não podiam ter affecto, e cujas relações não passavam de palavras baloufas de conforto, lhe parecia horroroso.

Sentia necessidade urgente de deixar aquella casa ; mas a doença avançava, enfraquecia o, e o medico não consentia que arrastasse para mais longe o seu pesado fardo de soffrimento.

E aquella hora tardia da noite era para o pobre moço tisico de uma tristeza tão grande, de uma melancolia tão avassaladora, que muitas vezes, no seu leito, entre uma hemoptyse e uma recordação de amor, blasphemava irado; os olhos injectados, a boca aberta e espumosa, n'uma contracção horrenda, como se, dominado por uma dor incomprehensivel, endoidecesse de subito.

*

A Consuelo habitava o aposento proximo ao do Romualdo.

Sabia-o doente e rico. Tinha vinte e dous annos como todas as cocottes, e labios vermelhos como todas as mulheres de espirito.

Irreprehensivel. Alterosa como uma palmeira, olhar sensual e negro como um rutilar de onix, boca aromada a sandalo, dentes alvissimos. Um traço dominava-a: — a linha aristrocata do perfil soberbo, de um aspecto alegre de figura de chromo.

Habituara-se a ver o doente. Todos os dias, antes de fazer o passeio pelo parque, a Consuelo fallava ao Romualdo, com a sonancia de sua pronuncia hespanhola, que o encantava como uma seguidilha.

Sempre tinha para elle uma phrase singela: encontrava-o mais bem disposto, mais oûtro. Na vespera achara-o mais abatido; animava-o sempre com meiguice. E por uma manhan, tal foi o seu espanto, taes elogios fez ao seu bom aspecto, que o Romualdo sentio-se bom por meia hora.

Amaram-se.

A Consuelo perdeu-se pelo Romualdo.

Dominava-a aquelle olhar de tisico, por onde sentia a vibração de uma alma cheia ainda das impetuosidades ferozes do amor.

Via n'aquelle scintillar morbido dos olhares do moço todo um mundo novo de volupia e de desejos, que ella não conhecia.

E a pallidez diaphana d'aquelle busto magro e incisivo, as suas maneiras leaes, o sibilar quasi mysterioso das suas palavras, arrastaram a hespanhola á conquista caprichosa de um novo ideal, ao avassalamento de uma organisação pelo goso raro de escrever o epilogo d'aquelle romance de vinte e cinco annos.

Amaram-se como loucos.

Consuelo, com o seu vivo sangue de hespanhola, ardente e explosivo, roubava a largos haustos o soro de vida que ainda germinava no amante.

E elle, como se adivinhasse que em breve se separaria d'ella, gosava-a com a ancia brutal de um insaciado, mordendo-a, sugando-lhe o sangue.

O medico percebia os seus desregramentos.

— Que não continuasse, disse, que tivesse mais cuidado comsigo, para poder prolongar a vida por mais tempo, annos talvez.

Não era possivel. Infructiferos foram esses conselhos. O Romualdo, quanto mais pensava no seu estado, mais estreitava nos braços descarnados o corpo liryal da Consuelo, morno, de uma lascivia estonteante, mais embriagador do que os vinhos espumarosos, aromado da essencia imperceptivel que dorme nos corpos sitinosos das mulheres lindas!

*

De uma vez em que seguidas hemoptyses o prostraram no leito, com os olhos encovados em dous circulos violaceos profundos, febril, pedio que chamassem a Consuelo.

Antes que ella apparecesse, já a estava vendo, já tinham posto seus labios nos d'ella, num delirio de febre, uns beijos quentes de volupia.

Monologava, como se fallasse á amante, a sós no quarto, com estremecimentos nervosos, levantando por vezes os braços brancos e finos, tentando apoderar-se d'aquelle corpo farto, cheio de viço, contornado e sem defeito, ultima reliquia do seu amor, ultimo ninho do seu beijo.

E fallava, blasphemava, tossindo, rouco, as feições desvairadas, o olhar esgazeado, a revolver-se sem ar no leito, como asphixiado.

N'um esforço, gritava pela amante; depois, segredando, dizia-lhe palavras de amor, de muito amor. Balbuciava por vezes, como se lhe fallasse ao ouvido, ternamente, numa postura de namorado poeta, e assim, com blandicias arrastadoras, pedia-lhe a boca, a urna aromada do seu beijo.

Um abatimento prostrou-o. Arquejava. Bagas de suor rolavam-lhe pelo rosto, pelo peito descarnado, como gottas vivas de cristal na brancura de uma estatua.

Fechou os olhos; num estremecimento tossio e uma golphada de sangue manchou o lenço branco.

Consuelo chegou nesse momento.

Tomou-o com carinho, disse umas desculpas pela demora; estava arranjando as malas, ia partir.

Depois, como arrependida, — Sim, a viagem era curta, dous dias apenas; havia de dizer-lhe, era incapaz de sahir sem despedir-se.

Romualdo fitou-a indifferente.

Pelos seus olhos sem luz, sem mais aquelle fogo de outr'ora, passou nesse momento uma irradiação. Cravou-os na mulher, procurando-lhe os pensamentos, até que, cheias por duas grossas lagrimas, as retinas se annuviaram de uma côr de opala branca, de uma scintillação de cristal.

Dentro d'aquellas lagrimas quanta dor latejava: quanto diriam ellas de amargura e de soffrer se fallassem!

Tristes as lagrimas de um moribundo!

Então, o Romualdo affagou-a, indagou quanto se demorava, sim, porque ficava só, e com tanta saudade... tanta...

E depois, num esforço, ao seu ouvido: — Olha, sei que não tornarei a ver-te; quando voltares, no meu labio frio não mais cantará o palpitante amor que te consagro. Ouve, Consuelo, vou morrer. Tu és o meu ultimo amor, a ultima boca que beijo, o ultimo sangue que ouço cantar. Da vida poucas saudades levo para o tumulo, e, se alguma floresce mais do que todas as outras, é de certo a grande saudade do teu beijo. Escuta, vaes matar-me. Vou morrer nos teus braços, envenenado pelo teu labio...

E levantou-se, cadaverico, frio, branco como o jaspe.

A amante afastou-o; que não, que descançasse, estava tão abatido, que loucura, ella ficava mais uns dias; e acalmava-o.

O moribundo não attendia.

Com os dentes rangendo, gritou como um doido, rouco:

— Nua, Consuelo, quero te ver nua!...

E, esbravejando como uma fera, num ultimo esforço, hediondamente cadaverico, arrancou-lhe as vestes, rasgando-as, espatifando-as.

A amante, amedrontada, suppondo-o louco, tal era o seu aspecto, deixou-se levar, tranzida, tiritando.

O tisico tomou-a nos braços gelados, cobrio-a de beijos, arquejando, a tremer, e quasi desfallecendo.

Depois, murmurando umas coisas incomprehensiveis, aprehendeu-a mais, mordendo-a, escabujando, gritando como um allucinado, impotente para vencer a insuperavel barreira de um derradeiro esforço do seu organismo, numa derradeira vibração do seu sangue.

Um pavor pezado andava pelo aposento.

O blasphemar do tisico, as suas risadas nervozas, de louco, no leito, agarrado á Consuelo, lembrava o aspecto desolador de um grande crime em que elle fosse o algoz feroz, insaciavel.

Era horrivel!

Um grito reboou no aposento. A Consuelo, sem sentidos, nua, sobre o leito banhado em sangue, era como um corpo branco de estatua, posto numa enorme caixa de velludo vermelho.

E o Romualdo, no engolphamento de uma enorme hemoptyse, ampla, do seu sangue todo, debruçado á borda do leito, gemia e arquejava; o rosto num esgare medonho de epileptico, vazio o olhar, pallido o corpo, sentindo esvair-se aos poucos de enfraquecimento em enfraquecimento, até que o coração gelado marcou o ultimo instante.

Pelo aposento silencioso pesou então a nostalgica tristeza da morte.

E quando tornou a si a Consuelo, os cabellos revoltos, nua, manchada de sangue, a cabeça pesando, aterrorisada, varada de saudade, fitou aquelle corpo inerte de moço; a bocca aberta como uma chaga, olhos arregalados, e por sobre todo elle a rigidez pavorosa do inanimado.

PLACIDO JUNIOR.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Lucio irrompeu num turbilhão de phrases que Dolores como que sorvia, offegante, erguida a meio, com os punhos apoiados fortemente no leito, e com os olhos desmedidamente rasgados e a girarem-lhe nas orbitas. O todo d'esta mulher denunciava a natureza nervosa dos impressionistas. Pela fronte borrifavam as primeiras gottas de um calor suffocante.

Quando o medico suspendeu a respiração e a phrase, Dolores fez um esforço de energia, alçou a mão direita como a pedir silencio.

— E' falso! Sim, é falso tudo quanto me diz. Se não ama Carmen, ama outra mulher. Diga-me como se chama; quem é; se é formosa; se é moça; se o ama tambem! Sim, porque a mulher é por natureza vaidosa e ingrata. Escute-me, Lucio, interessa-me o que lhe estou dizendo. Tenha-me em conta de sua primeira amiga. Queria vel-o feliz, amado e correspondido. Não posso crer no seu indifferentismo. Lê-se-lhe na physionomia a expansão da alma; prevê-se no seu sorriso o desenfreio de grandes paixões; os seus olhares têm a penetração das luzes vivas, d'essas que cegam os que ousam encaral-as. Não se torture dando-se á representação de uma comedia em que não posso crer. Ouça-me: nunca lhe negaria a mão de minha filha se a amasse, nem posso crer que haja uma só mãe que procedesse de tal modo. Lucio, a mocidade, hoje, já não trata de amar, digere! Antigamente cantava serenatas ás enamoradas.

— Hoje — interrompeu o moço — os Carlos de Monselet cantam estrophes ás *omelettes*! E' a pura verdade, e eu... como medico...

— Em Montevidéo ninguem lhe recusaria uma filha. Entretanto... amo-o... como se fora filho meu. Quero-lhe com extremo! Via-o passar por essas ruas, elegante, altivo e nobre; chamei por vezes a attenção de Carmen; apontava-o, dizendo: alli vae um teu compatriota; a mulher que o tiver por marido, póde gabar-se de um thesouro que encontrou. Carmen foi sempre indifferente. Outro tanto não se deu comsigo, mas... seja como for... preferia vel-o casado com Carmen.

— Nesse caso...

— Não me interrompa! Sim, preferia-o casado com minha filha. Convenci-me, porém, de que não seriam felizes. Repito: não seriam felizes. Carmen, tão cedo, não comprehenderá o que seja amor; depois...

E nisto, Dolores, como que tomada de impulso febril, hysterico, passou ligeiramente as mãos pela fronte, alisou o cabello que lhe corria pelas espaduas e tomou convulsivamente do pulso do interlocutor.

— Ouça-me... e fallemos baixo: o senhor, Lucio, acredita possivel a felicidade de dous entes que se amam, sem se unirem por laços matrimoniaes?...

— E' a aspiração de uma natureza mais nobre do que essas... vulgares. E', como diz Comte, fazer da mulher um exemplo e respeital-o.

Dolores estava bem longe de saber quem era o *caballero* Comte ao qual se referira Lucio, mas, como se diz vulgarmente, não quiz dar o braço a torcer, e limitou-se a obtemperar:

— Bem! De accordo... mas... comprehende a felicidade de uma mulher moça e crente, ligada a uma existencia esteril, como uma flor aprisionada entre rochedos e batida pela respiração mortifera de um mar?

— Em caso semelhante, a virtude da mulher é um tabernaculo. O mundo lhe dirá: és martyr, e a consciencia lhe segredará: és esposa, não és adultera. O applauso da consciencia é a maior das recompensas!...

Foi neste momento que á pallidez de Dolores succedeu um rubor pronunciado. Aquellas palavras, embora proferidas pelo joven medico em tom singelo e de benevolencia, lhe traspassaram, como lamina aguda, o coração em sobresalto.

— E' uma indirecta? pensou comsigo e disfarçando com um gesto a má impressão que recebêra.

Lucio não estava alli para se dar a um estudo psychologico. Passou-lhe, pois, despercebida a perturbação da sua *doente*.

Queria defender-se; queria capacital-a de que não eram fundadas as suspeitas de um amor que verdadeiramente nutria por Carmen, mas cuja conveniencia era tel-o por ignorado d'essa mulher. Não se a achava bem. Presentia em todas as phrases que ouvia um perigo do qual não saberia defender-se senão a muito custo.

Por isso hesitou em dar prompto seguimento á conversa.

Depois, como quem interrompêra a phrase para respirar a grandes sorvos o ar abafado do quarto:

— Sim, Dolores — continuou — amores ha e sublimes! Esses são os capazes de purificar as almas, de ha muito sujeitas a um meio abafadiço e impregnado de um deleterismo que mata. Para sentil-os é necessaria a rehabilitação da consciencia, é preciso que a energia individual tenha forças bastantes para suffocar impulsos da natureza physica. Para tanto, porém, é absoluta a necessidade de ser moço, e que aos olhos se não apresente o mundo sob aspecto hediondo. E preciso encarar a grande luz e evitar as trevas. Em summa, não póde haver aspiração nobre sem amor definitivamente bom e purificado. Além d'estes, ha os amores criminosos. Para o homem, são de modo diverso do que os que sentem as mulheres que renegaram a religião do dever, a religião da honestidade. O amor d'essas mulheres alimenta-se do escandalo e trabalha nas trevas. Não tem a florescencia altiva do primeiro; vegeta ordinariamente nos charcos do adulterio.

— E não ha casos excepcionaes em que a mulher casada possa amar com o mesmo enthusiasmo da solteira?

— Não sem que se lhe siga a impureza. Se á existencia avelhantada de um individuo se prende a mocidade vigorosa de uma mulher, póde dar-se o caso da renascimento de um amor, cujo alvo é um homem na mesma equivalencia de juventude. Sendo assim, a educação moral servirá de freio aos transportes de um individuo. Ante a emoção levanta-se o compromisso sagrado, jurado pela esposa. A cada pulsação d'esse amor corresponde uma cicatriz na familia. A mulher casada não póde respirar no ambiente estranho ao domicilio conjugal. Se essa esposa tivesse uma filha educada sob os principios sãos da honestidade, e se désse á escola das criminosas ridiculas, seria duas vezes indigna: maculava o nome da familia e representava o papel d'esses grandes vegetaes sob os quaes definha a planta melindrosa que junto d'elles brotou.

— E se essa mulher lhe dissesse, um dia, Lucio, que o amava, e com todo o respeito, honrando a familia, se não pudesse furtar a esse amor, que lhe responderia á confissão franca, espontanea, sincera?

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Os hespanhóes do Polytheama e os da Phenix andam a brigar, tratando cada qual de variar os seus espectaculos, embora sem novidades que possam chamar devéras a attenção do publico. Este, que não dá o cavaquinho pelas brigas, deixa-se ficar em casa, e não apparece na rua do Lavradio nem na da Ajuda. Demais, estamos fartos de zarzuelas... Venha outra coisa!...

*

No Apollo voltou á scena a peça phantastica o *Filho do Averno*, e o Sant'Anna fez *reprise* das *Mil e uma noites*.

*

A reputada actriz portugueza Emilia Adelaide, que ha muito tempo vive inteiramente afastada da scena, reapparece esta semana, só por uma noite, no S. Pedro, recitando a *Judia* n'um espectaculo em beneficio do Lyceu de Artes e Officios.

*

O grupo de artistas que trabalha no S. Pedro, annuncia para hoje um drama de Dennery, intitulado o *Pescador de baleias*.

X. Y. Z.

No segundo verso da segunda estrophe da *Parabola*, do Padre Corrêa de Almeida, publicada no n. 16 do *Album*, pag. 127, leia-se *regadia* em vez de *regalia*.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 19 MAIO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 12$000. - Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

O Sr. Castro Soromenho tem autorisação para tratar dos interesses d'este periodico.

SUMMARIO

José Carlos de Carvalho	Pardal Mallet.
Chronica Fluminense	A.
Eterna Historia	Georgina Teixeira.
Rio Abaixo	Cunha Mendes.
Borboletas	João Andréa.
Preambulo	Lucio de Mendonça.
Confronto	Adelino Fontoura.
Poente	Virgilio Varzea.
Requerimento	Padre Corrêa de Almeida.
Despacho	A. A.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

HENRIQUE CHAVES

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO

Foi num d'esses momentos do entardecer, lá muito além, no Amazonas; momentos que a religião faz santos pelo toque de Ave-Maria, e que a natureza faz bellos pela illuminura do claro-escuro; momentos que a Arte synthetisou no *Angelus*, e que o gigante dos rios poetisa na planicie intermina de suas aguas e na vegetação enthusiasta de suas mattas, reverberando um balão de fogo, quente e escarlate, que vae cahindo.

Foi por um d'esses momentos do entardecer. Junto á amura da *Jane*, sentados ambos, vinhamos de ver o roteiro da viagem que rio acima nos devia conduzir a Tabatinga. E mais demoradamente fallámos, e como que nos expandimos coração para coração.

O roteiro não nos chegava. Para adiante de Tabatinga, para adiante de Iquitos, e de tudo quanto elle indicava, havia os Andes, e o Pacifico, e a viagem de circumnavegação pela America do Sul, levando-nos até Montevidéo, onde não nos faltariam typographias para prolongar em pamphletos a luta pelos nossos ideaes.

Buscámos então um atlas; e ahi, depois de traçado a lapis o percurso da viagem provavel, por um d'esses contrastes naturaes da conversação volvemos dos planos futuros para a evocação do passado.

Com a sua bella voz incisiva e o seu bello talento de *causeur*, foi-me elle então contando as peripecias multiplas de suas interminaveis viagens. A carta do Brasil aberta sobre o joelho, eu acompanhava-o. Como que conhecia tudo. Não era somente a zona praeira do Atlantico que se lhe tornára familiar. Subíra o Paraná até quasi as cabeceiras, subíra o S. Francisco, e estava subindo o Amazonas. Embrenhara-se pelos sertões de Minas e pelos da Bahia. Percorrêra todas as campinas do Rio Grande. Parecia-me o brasileiro que mais tinha viajado.

E, nessa conversação em que, por assim dizer, me contou a sua vida inteira, eu vi desenharam-se-me diversos José Carlos de Carvalho: — o estudante, o official da armada, o engenheiro, o administrador, o jornalista, e, por fim, o politico, cada um differente do outro, mas tendo de commum sempre o mesmo traço caracteristico da actividade incansavel.

*

Nascido nesta cidade do Rio de Janeiro a 2 de Setembro de 1847, filho do Tenente-Coronel Dr. José Carlos de Carvalho e de D. Antonia Ferraz de Carvalho, elle matriculara-se no Collegio Pedro II, tão grato em recordações para todos quantos o frequentaram. Passando-se mais arde para a Escola de Marinha, ainda rapaz, em 1865, fez-se condeco-

[1] Publicando este artigo, a direcção do *Album*, completamente estranha á luta dos partidos, deixa a Pardal Mallet toda a responsabilidade de suas apreciações politicas.— A. A.

rar, com a medalha humanitaria de 1ª classe, pelos serviços prestados na extincção de um incendio maritimo.

Mesmo estudante, partio para a campanha do Paraguay ; e, depois do combate da ilha da Redempção, em 10 de Abril de 1866, voltou para o Rio de Janeiro, afim de concluir o curso da Escola de Marinha.

Em 1867 sahio guarda-marinha e de novo partio para a guerra. Foi servir a bordo do encouraçado *Silvado*, e tomou parte em todos os movimentos da 1ª divisão da esquadra.

Na madrugada de 2 de Março de 1858 defendeu a abordagem dos encouraçados, e, como commandante da 2ª divisão de abordagem, saltou no encouraçado *Cabral*, em cujo convez já se havia alojado o inimigo. Nesse dia foi ferido.

A 11 de Abril do mesmo anno foi promovido a 2º tenente graduado, e condecorado com a ordem do Cruzeiro.

A 7 de Setembro de 1868 forçou as baterias de Angostura como ajudante da torre de proa do *Silvado*. Nesse dia ainda foi ferido por um estilhaço de bomba. Em Novembro foi promovido a 2º tenente effectivo, e condecorado com a ordem de Christo.

Depois da passagem de Humaitá, quando se tratava de estabelecer o cerco d'essa fortificação, foi encarregado de explorar a lagoa Amborucué, onde conseguio penetrar com uma lancha a vapor e duas chatas paraguayas tomadas pela nossa esquadra no combate de Riachuelo, as quaes foram guarnecidas com um canhão de 68 e um morteiro de 13 pollegadas. Sustentou durante cinco mezes essa posição até a entrega de Humaitá.

Depois de entrar nessa praça de guerra, deixou as chatas e foi servir como immediato do monitor *Rio Grande*, que fazia parte da divisão avançada, entrou, como navio testa, nos reconhecimentos de Villeta, Santo Antonio e Assumpção, e conduzio a força de pontoneiros, que preparou o desembarque do exercito nacional em Santo Antonio, na vespera do celebre combate de Itororó.

Ao mesmo monitor coube, em 1º de Janeiro de 1869, fazer a vanguarda da força da esquadra que occupou Assumpção. Depois d'essa occupação, o 2º tenente Carvalho passou a immediato do *Colombo*, e n'esse encouraçado seguio para o Rozario, onde se achava o quartel-general.

Terminada a guerra, e promovido a 1º tenente, retirou-se Carvalho para o Rio de Janeiro, vindo praticar nas officinas de machinas do Arsenal de Marinha, até que partio para a Europa.

Em 1873, de volta da Europa, foi nomeado director das officinas de machinas do Arsenal de Marinha do Ladario, d'onde voltou no anno seguinte para responder a conselho de guerra por falta de respeito na correspondencia official trocada com o inspector do mesmo Arsenal.

Condemnado pelo Conselho de Guerra e absolvido pelo Conselho Supremo Militar, pedio passagem para a 2ª classe, afim de reformar-se.

Assim fechando a sua fé-de-officio e a sua carreira militar, tão brilhante como rapida, José Carlos de Carvalho dedicou-se á imprensa, fazendo parte da organisação da *Gazeta de Noticias* em que Ferreira de Araujo devia sagrar-se o Gerardin brasileiro, e em que, conglobando talentos de primeira *elite*, como Ferreira de Menezes, José do Patrocinio, Capistrano de Abreu, Dermeval da Fonseca, Henrique Chaves e Paula Ney, inaugurou a moderna phase brilhante do jornalismo fluminense.

Como correspondente d'essa folha, o meu biographado teve então opportunidade de muito viajar, acompanhando o Imperador em suas excursões e d'elle se fazendo amigo, sempre com uma pilheria, sempre a desenhar caricaturas, amenisando sempre as horas fatigantes de navio ou de wagon.

Foi nessa phase de sua vida de imprensa que encontrou o primeiro ensejo de emprestar á politica toda a sua prodigiosa actividade de organisador e de revolucionario ao mesmo tempo. Estava em discussão o celebre *imposto do vintem*. E com Lopes Trovão e Patrocinio, José Carlos de Carvalho pelejou forte pela abolição da odiosa medida sendo então preso a bordo da corveta *Guanabara*, e reformando-se em seguida.

Como jornalista, já tinha sido tambem redactor dos debates do Senado e posteriormente da Camara dos Deputados onde organisou o historico parlamentar de toda a discussão havida sobre a reforma do elemento servil, e escreveu a critica do processo para a verificação dos poderes dos seus membros.

Fazendo-se então engenheiro, encorporou-se ao escriptorio technico de Hugo Wilson & Son, de Londres, acompanhando os trabalhos de exploração de diversas estradas de ferro, a construcção de fabricas centraes e o estudo de melhoramento de portos.

Ainda como engenheiro, partio em 1888 para o sertão da Bahia, commissionado pela Sociedade Geographica do Rio de Janeiro para dirigir o serviço de remoção do famoso *Bendegó*. Desse trabalho dá minuciosa conta o relatorio que apresentou e lhe valeu não só a commenda da Ordem da Rosa, como uma infinidade de diplomas de membro titular de diversas sociedades scientificas, nacionaes e estrangeiras.

Já o seu espirito organisador tinha sido aproveitado um anno antes pelo Club de Engenharia que, em companhia dos Drs. Ewbank da Camara e Parreiras Horta o encarregára de preparar a primeira exposição dos Caminhos de Ferro no Brasil, destinada a figurar na grande exposição de Pariz para commemorar o centenario das Estradas de Ferro.

O governo agraciara-o então com o officialato da Roza, a elle que já constellava o peito com as insignias do Cruzeiro e de Christo, com as medalhas humanitaria, da campanha e do merito militar e

com as estrangeiras de Carlos III de Hespanha e de Christo de Portugal, bem como com o laço de ouro da *Nova Legião*, pelos relevantes serviços prestados ao lado de Francisco Bittencourt da Silva na rganisação do Lyceu de Artes e Officios.

Definitivamente chamado a prestar o seu valioso concurso á administração publica, José Carlos de Carvalho foi, logo depois da remoção do *Bendegó*, nomeado Inspector Geral da Immigreão na provincia de Minas-Geraes, e mais tarde Engenheiro Fiscal dos Engenhos Centraes nas provincias do Espirito-Santo, Bahia, Sergipe e Alagoas, logar em que o 15 de Novembro o foi encontrar e do qual se demittio então.

Conhecendo-o bem de perto, o raro tafento congregador do Dr. Portella, que sempre capricha em cercar-se dos melhores auxiliares, entregou-lhe a chefia do serviço geral de immigração do Estado do Rio, de onde se passou para a direcção da Companhia das Docas.

Desde então a sua personalidade, muito em evidencia, é conhecida de todos.

Amigo intimo e antigo companheiro do Almirante Custodio de Mello, elle acompanhou-o em sua opposição ao Marechal Deodoro, e fez-se conspirador desde ao vespera da eleição deste ultimo. Com o Almirante Custodio e os Marechaes Floriano e José Simeão preparou, não só a resistencia que devia apoiar o Congresso no caso da eleição de Prudente de Moraes, como conservou e desenvolveu essa latencia de guerra que devia logicamente finalisar pelo golpe de estado de 3 de Novembro e pelo contra-golpe de 23.

Restabelecida a *Legalidade*, elle não a reconheceu, entretanto. Tinha-se dedicado a esta causa porque a pensava boa e santa, porque a suppunha causa de principio e não pescaria de posições. Por ella tinha vivido, não os *vinte dias de conspiração* que elle tão alegremente nos contou quando ao *Combate* me veio trazer o concurso desinteressado e valente de sua penna, mas *um anno de conspiração*.

E repudiou-a. Repudiou-a logo que a politica da intervenção se patenteiou, nefanda e traiçoeira, com a deposição do Dr. Portella.

Bem lhe ouve! Desterraram-n'o, arrancaram-lhe os galões de sua farda de marinheiro. E elle ficou maior, conservando a sua boa alegria communicativa de camarada e a sua inteireza de caracter.

*

Foi pelo menos assim que o vi num d'esses momentos do entardecer, lá muito além, no Amazonas; momentos que a religião faz santos pelo toque de Ave-Maria, e que a natureza faz bellos pela illuminura do claro-escuro.

E é ainda assim que o vejo agora, depois d'essa convivencia forçada em que as amisades se cimentaram, e em que da nossa vida commum elle vae publicar um livro de recordações, grande e puro como o seu talento e como o seu caracter, grande e puro como o Amazonas.

PARDAL MALLET.

CHRONICA FLUMINENSE

Esta foi uma semana essencialmente epistolar. O proprio chefe do Estado quiz dar rasão ao proverbio « não ha carta sem resposta », e respondeu, pelo *Diario Official*, ás que lhe dirigiram os Srs. Serzedello Corrêa e Custodio de Mello, restituindo as pastas que occuparam no ministerio, e explicando os motivos que os constrangeram a dar esse passo, o verdadeiro passo do constrangimento.

Lamento que o Governo fosse privado dos serviços dos dous illustres cidadãos que tão importante papel representavam na nossa actualidade politica, e eram— seja dito sem offender ninguem — as duas figuras mais salientes do ministerio.

Entretanto, não arrancho com os patriotas que enxergam na retirada dos dous ministros uma especie de calamidade publica : o expediente da Secretaria dos Negocios da Marinha será, como até agora, regularmente feito, e, quanto a finanças, o cambio continuará entre as... quero dizer, entre os dez e os onse, até que se amercie de nós aquella famosa Providencia, com tanto pico invocada outr'ora por um conselheiro do Imperio.

*

Abrio-se o Parlamento, mas o Sr. vice-presidente da Republica... não se abrio. Quero dizer que a sua mensagem é n'alguns pontos reservada e noutros ommissa : uma especie de *omelette soufflée*, que mette vista, faz volume, aguça o appetite, mas não enche o estomago nem o satisfaz.

Entretanto, como eu sei perfeitamente o que devia estar, e não está, na mensagem, e presumo que todos os meus concidadãos tambem o saibam, não creio que faça grande falta o que lá falta.

*

Sahindo a passo de carga da seara politica, peço licença para refutar a opinião do jornalista e poeta que no *Paiz* escreveu contra o concurso poetico do *Album*.

Acha o collega que, em vez de dar a traduzir o bello soneto de Soulary, devia o *Album* por em concurso um assumpto certo e determinado, e deixar a obra á phantasia e ao talento dos poetas.

O *Album* responderá que não tem a pretensão de descobrir nem de inventar poetas. Se submetteu a concurso a traducção difficillima de um soneto es-

trangeiro, é porque vio nesse trabalho discreto e innocente uma distracção para os experimentados e um exercicio para os bisonhos.

E' verdade que uma traducção naturalmente peia a phantasia do poeta ; mas, que diabo! a mesmissima coisa succede com um assumpto imposto pela vontade alheia. Accresce que, em taes condições, o concurso assumiria proporções assustadoras. Na nossa terra ha tanta gente que faz versos !

O collega affirma que para traduzir não é preciso talento : basta habilidade. Discordo ; em primeiro logar porque não sei que differença possa haver, nos dominios da litteratura, entre habilidade e talento ; em segundo logar porque conheço traducções geniaes, como, por exemplo, a do «*Amphytrião*», de Plauto, feita por Molière.

Metta o collega a mão na consciencia, e diga se Machado de Assis, quando traduzio o *Corvo*, de Edgard Poe, não empregou nesse trabalho algum talento.

*

O cumulo da curiosidade ingenua :

Lê-se na *Gazeta de Noticias*, sob o titulo *Loteria de S. Paulo* :

« Pergunta-se ao thezoureiro desta loteria a razão porque não sae da urna, nas extracções, ha dous annos, o numero 1358 ».

O misero jogador caipora e molineiro, queres que o teu bilhete apanhe a sorte grande ? Deixa de compral-o.

A.

ETERNA HISTORIA

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Um coração feliz, que indifferente,
Frio, não era e que, em silencio amando,
Vivia, alacres sonhos alentando,
Sincero e docil, dedicado e crente...

Um coração, emfim, que de repente
Do seio as illusões sentio em bando
Irem-se todas, profugas, voando
Como andorinhas - dolorosamente...

E que ficou immerso em soledade,
Entregue á pungentissima saudade
Sem que mais tenha gosos nem prazeres:

Eis o meu coração, eis a mais triste
Historia de quem ama, e que persiste
Em ser a eterna historia das mulheres!...

GEORGINA TEIXEIRA.

RIO ABAIXO

Hão de julgar certamente dolorosa a historia tragica do amor ineffavel do João Luiz, o bom sertanejo que me guiou por invias paragens, com a fidelidade de um cão e a doçura de um cordeiro.

Quando a sua mão callosa apertou a minha, num triste adeus de despedida, os seus grandes olhos velutados de negro rorejaram-se de lagrimas como se elle antolhasse que nunca mais, nunca mais me encontraria pelos vastos sertões e pelas varzeas relvosas de bellos carnahubaes.

Pobre Ophelia a sua noiva !

N'uma silenciosa tarde, o João Luiz dirigia-se á ermida rustica e pobre, acompanhado de alguns parentes e poucos amigos, para contrahir matrimonio com a Maria Amelia.

As torres alvas da silenciosa egrejinha avistavam-se de longe, n'uma alvura purissima, como duas azas abertas de uma garça solitaria.

Entraram o estreito cominho ; a noiva, toda de branco, virginalmente engrinaldada ; o noivo vestido de uma bella calça preta e de uma camisa muito alva, que resumbrava frescura de fonte e olores selvagens de balsa.

Perto, ouvia-se o marulhar estrepitoso do rio, engrossado então pelas chuvas torrenciaes.

E' de uma simplicidade admiravel a construcção de pontes sobre as aguas, nessas longinquas paragens dos sertões remotos : um grosso tronco de arvore, cujas extremidades se apoiam nas margens oppostas do rio. E por sobre essa ponte selvagem, por sobre esse tronco escorregadio, é que elles iam, como sempre, tranquillos, atravessar as turvas aguas do rio cheio...

Descançaram á margem, seguindo depois, um a um, pela passagem rustica, pisando com ligeiros cuidados a madeira resvaladiça, ha tempos exposta ás chuvas hyernaes.

Quando, porém, Maria Amelia atravessava a ponte, agua abaixo descia, arrancada pela violencia extraordinaria da enchente, uma grande moita enverdecida, coberta de flores, de brancas flores perfumosas, descendo veloz, descendo como um ninho vasio sobre as aguas marulhosas de limpido regato.

Mal a graciosa sertaneja déra um pequenino passo, lançára o olhar para as ramagens que passavam sob seus pés, e, desequilibrada, cahira repentinamente, surdamente, sendo amparada pela enverdecida moita, dentro da qual deseeu rio abaixo, cercada das flores perfumosas, vestida virginalmente de noiva...

O João Luiz atirou-se á agua, nadou com esforços de desesperado, e, lasso, exhasto, convulso, desappareceu, emfim, da superficie revolta do rio encapellado...

E, agua abaixo, descia rapidamente, descia velozmente, desapparecendo ao longe, aquelle ninho fu-

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO

gitivo, aquelle fugitivo berço, dentro do qual a noiva soltava gritos dolorosos, cercada de flores, virginalmente engrinaldada.

CUNHA MENDES.

BORBOLETAS

Sobe ao ar, trepida, a balha
Das aves pelos caminhos.
Limpida, a fonte marulha;
Canta a espessura, tumida de ninhos.

Movendo as azas, desliza,
Beija esta flor, esta evita,
Pousa n'aquella, indecisa,
A borboleta toda azul palpita.

Entra a matta. E sobe, e desce,
N'um vôo incerto, onduoso...
Como se uma onda pudesse
Andar solta no espaço luminoso.

E voando, pelo ar macio,
Sobre as rozas e as violetas,
Encontra á margem de um rio,
O bando azul das outras borboletas.

E voando, e turbilhonando
De um raio de sol na aresta
Lá ficam todas, rodando
No sossegado seio da floresta.

E quem as vê, d'essa immensa,
Espessa matta no centro,
Tão azues, tão lindas, pensa
Que é um pedaço do céo que está lá dentro.

JOÃO ANDRÉA.

Graças á amabilidade de Lucio de Mendonça, podemos dar aos nossos leitores, em primeira mão, o magnifico preambulo que elle escreveu para um livro de versos de Julia Cortines, livro que está sendo impresso nas officinas da Companhia Editora Fluminense, e cuja publicação constituirá, dizem-nos, um grande acontecimento litterario.

PREAMBULO

A esta que hoje vem, senhoril e airosa, assumir o logar que lhe pertence em nossas lettras, acolhei-a como da familia, queridos poetas.

Vê, Machado de Assis, summo mestre, com que mão sobria pulsa a divina cithara.

Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, excelsa trindade parnasiana, lêde-me esta *Amphytrite*, imitada de Fénélon, esta *Tarde de inverno*, esta *Dor eterna*; admirae-me esta adoravel *Paizagem*; e confessae que é já uma maravilha de correcção de fórma a poesia d'esta estreiante.

Foram talhados para teu enlevo, nobre pensador Augusto de Lima, os mais vaporis dos seus versos, os que lhe prorompem do altivo coração *Diante de um quadro*, que é o do supplicio de Christo.

Dir-se-ia aprendida de Luiz Delfino a envergadura aquilinea das metaphoras.

Aqui tem Osorio Duque Estrada uma pagina dantesca nas estrophes 3ª a 7ª dos *Versos de um suicida*.

Ao delicado espirito de Volentim Magalhães remetto a *Unica lembrança*, ou a *Indifferente*, ou a lindissima allegoria *O ninho*: ao fino analysta João Ribeiro, a original psychologia do soneto *A um velho*.

Diga o conceituoso Arthur Azevedo se não é primoroso o poema *A vingança de Cambyses*.

E o brilhante Raul Pompeia, poeta e pintor em prosa, contemple estas acabadas miniaturas — *A beira mar*, *Um pedaço de céo*, *A tempestade*.

E todos vós, os mimosos e os fortes, inebriae-vos com a varia musica, ora plangente, ora colerica do poema intimo que fórma a segunda parte do livro.

*

Agora nós, leitor anonymo, quem quer que sejas, obscuro e melhor amigo do poeta; deixa que eu vá comtigo, a passo egual, percorrendo esta alameda embalsamada e harmoniosa, orlada de sombras trenulas e fallantes, sob uma cupola de alta fronde, varada a trechos por um olhar de estrella...

Unica lembrança é tambem, no livro todo, o unico vestigio de amor filial; esse mesmo é uma poetica saudade, mais imaginosa que terna.

E assim esta insigne poetisa, nem ha que levar-lh'o a mal: espirito forte, sem outra religião que a da arte, não espereis d'ella nenhum languido sentimentalismo. Uma vez apenas encontra-se o nome de Deus neste livro de mulher, e essa unica vez é numa traducção; a propria ideia delle, se por acaso apparece, é para a verberação de *Diante de um quadro*, ou para as lástimas desesperadas dos *Fragmentos do livro de Job*. Não verá sobre a natureza, como o torvo Leopardi, senão

il brutto
Poter che, ascoso, a comun danno impera?

Não o diz, nem o diria, porque é uma alma forte, mas não violenta.

No entanto, quando chegarmos á segunda parte do livro, vereis de que profundo amor humano é capaz este coração sem fé religiosa.

Na *Ruina* encontra-se já o seu grande talento descriptivo, e os seus ricos dotes artisticos — propriedade de epithetos, sobriedade de traço, colorido discreto, abundante vocabulario.

O soneto *Indifferente*, bellissimo pela unidade da composição, fecha admiravelmente com estes versos

em que ha uma extraordinaria expressão de tedio e de desalento:

Deixo em descanso os fatigados remos
E que o barco da vida boie á toa

A' beira-mar é uma delicada marinha sobre porcellana.

Lembra os contos em verso de Gonçalves Crespo ou de François Coppée *A vingança de Cambyses*.

E *A estatua* da Venus feroz não é bem a figura da moderna Venus, *Nana* ou *Sapho* a de Daudet, lasciva, enleiante, devoradora?

As tres ultimas estrophes do *Dilurio* são das mais formosas do livro: resumem toda a poesia d'elle, dolorosa e artistica, paizagem amortalhada na melancolia do nevoeiro, precioso cristal enturvado de lagrimas.

No soneto *Um pedaço de céo*, como na *Beira-mar*, na *Tempestade*, na *Tarde de inverno*, na *Paizagem*, ha encantadores effeitos de luz; só aos puros artistas concede a natureza a graça de taes revelações.

Tão bem acabada é a allegoria *O ninho*, que por si só bastaria, como o *Vaso quebrado*, de Sully-Prudhomme, a sagrar uma reputação. Tão formosa, com tantas graças naturaes, bom é que algum feiticeiro das lettras lhe esconjure o máo fado d'estas composições de facil belleza — a vulgarisação excessiva, que tem para a musica a fórma do realejo e do assobio e para os versos o furor da transcripção nos jornaesinhos de aldeia e a recitação melliflua dos trovadores fataes!

Para competir com este primor só se encontra no livro outro soneto — o da *Paizagem*, aquarella rezendense a mais perfeita de tantas paginas artisticas. A imagem do ultimo soneto podia ser assignada por Castro Alves:

Descora a luz, descora... e do Levante
Rolam da noite as ondas luctuosas,
Espumando o brancor das nebulosas

Com as oitavas *A uma casa* fecha melancolicamente a primeira parte do livro, que, ainda com os traços negros que a enlutam, é a mais objectiva, mais vasta e mais alegre.

Penetremos agora, com o discreto passo de quem entra numa camara mortuaria, no angustioso poema sem titulo que fórma a outra metade do volume.

Em vez da epigraphe de Rousseau, mais lhe quadrava est'outra d'aquelle a quem Musset chamou « sombrio amante da Morte », o grande lyrico de Recanati, de cuja « poesia negra » ha tanta sombra nestas paginas:

O giorni orrendi
In cosi verde etate!

Ou ainda:

Incolume il desio, la speme estinta,
Secche le fonti del piacer, le pene
Maggiori sempre, e non piu dato il bene.

Milagroso poder do talento! o que tumultua e se agita nestes versos é o velho drama de cada alma que se arrasta pela terra; amor, saudade, esperança, desalento, odio, desespero; e, no entanto, que ingenua meiguice ha ainda nas caricias d'este amor! ao ouvir-lhe a voz enamorada, tão blandiciosa e tão fresca, tem-se aquella deliciosa sensação de carinho que Théophile Gautier reproduz viva e palpitante:

Tes tempes sentiront près d'elles,
Avec des souffles de fraicheur,
Une palpitation d'ailes
Dans un tourbillon de blancheur.

E que notas originaes desfere ainda a paizão nesta alma virgem! Não é a colera de Medéa, nem o desespero de Sapho; é mais casta e ainda, por isso, mais triste: imagine-se a dor com que gemesse Graziella abandonada, ou Virginia trahida.

O tom geral é de negra amargura, atravessada por um ou outro, raro e frouxo, raio de sol, como os sonetos dos ns. VII e IX, ou suavisada por algum quadro de doce melancolia como os formosos alexandrinos do n. X, o puro e meigo soneto do numero seguinte, os gemidos de rôla viuva do n. XII.

Mais de quatro annos, se as datas são sinceras, dura a intima agonia, e

Passam agora os merencorios dias
Pelos fios das lagrimas ligados

até que vem a maldição dos ultimos cantos e o desprendimento, o impeto glorioso, a assumpção triumphal da derradeira estrophe, em que a nobre alma, ave harmoniosa e malferida,

Rompe os ares, e vae, de sorpresa aturdida,
Semimorta de dor, e arfante de cansaço,
Em demanda de luz, de silencio, e de espaço...

Agora vós, irmans laureadas da poetisa, que antes d'ella penetrastes no radioso templo, vinde recebel-a ao peristyllo sagrado: accorrei todas, Narcisa Amalia, Adelina Vieira, Maria Vilhena, Presciliana Duarte, Zalina Rolim, Ernestina Varella, Amelia de Oliveira, trazei-lhe o beijo fraterno e espargi-lhe sobre a cabeça pensativa as rosas da boa vinda.

LUCIO DE MENDONÇA.

Minas, Março de 1892.

CONFRONTO

Olha esta flor, escuta-lhe os queixumes...
Retrae-se a pobresinha, meu amor!
Menos bella que tu, sente ciumes;
Não tem perfume junto aos teus perfumes...
E' menos flor que tu, mimosa flor!

ADELINO FONTOURA.

POENTE

Dezembro, de tarde

Do alto do fresco varandim do palácio, dominando amplamente a paizagem em redor, vendo ao longe o porto, com as suas aguas serenas e azuladas, manchadas aqui e além pelos cascos dos navios, os altos e finos perfis das mastreações e pequeninas brancuras de velas, como azas, docemente roçando aquella superficie polida — contemplavamos tranquillamente e sorrindo, sobre o poente em chammas, um estranho e singular amontoamento de espessas nuvens pardacentas, que, em lentas movimentações periphericas, se franjavam de repente de ouro vivissimo, produzindo desenhos excentricos, alados, originaes e felposos como trabalhos de lan, em proporções cyclopicas, sobre um fundo de talagarça.

E, á maneira que o monstruoso cumulo se distendia, especado como um cabrestante em faina, por faixas de luz ao alto, similhante aos braços espaçados de um moinho gigantesco, distinguiam-se, fugidiamente, empastados e extravagantes perfis de coisas, objectos e animaes prehistoricos, predominando abundantemente, successivamente, como num apoucado recurso de artista esteril e rude, estampas de ursos descommunaes e adamastores titaneos.

E tu, então, amantissima e carinhosa amada, com os teus bellos olhos embebidos na saudosa illuminação do crepusculo, admirativamente, numa vivacidade alegre, dizias attentamente ao meu lado:

— Olha! Olha! — e apontavas com o teu dedo rosado. Vês aquella nuvem lá, do outro lado, solta no ceo e só!... Parece-se com uma cegonha voando.

E eu olhava-te, e olhava a nuvem, enlevado no encanto e na serenidade d'aquella hora.

— E aquella... esta de cá... meio clara... que está junto áquella outra de um cinzento intenso... assemelha-se tanto ao *Leão*, o nosso bom e velho Terra-Nova... E essa outra... alli... bem no centro, onde ha um pontosinho de luz rubra, é como uma grande aguia de olhar sangrento, aza aberta no espaço, espreitando a presa .. E lá no alto... aquelle filete de algodão, como a torre de um pharol, que esmorece á distancia, perpendicular e só naquelle canto azul aberto... E ainda mais... além, dous immensos flocos de arminho, como dous corações... E movem-se ao mesmo tempo, e ligam-se, e fundem-se na luz radiosa do céo.

Eu murmurei — arrebatado, tomando-lhe as mãos alvas e rosadas:

— Meu amor! São os nossos corações!

E ficamos a olhar longas horas, docemente enlaçados, num embevecimento, aquelle espectaculo admiravel, onde as nuvens, em mutações kaleidoscopicas, punham uma serie infinita de visões na luminosa e opulenta vermelhidão do occaso.

VIRGILIO VARZEA.

REQUERIMENTO

O *Album* sempre nos traz um bom retrato
De heroina ou de heróe de sciencia ou de arte,
E, quando sae á luz e se reparte,
O assignante lhe fica muito grato.

Saibam quantos me lerem que eu não trato
De esmerilhar encarte nem descarte,
Nem pretendo, ó leitor, aconselhar-te
A dizer bem ou mal da effigie ou extracto.

O que reclamo, em fórma de protesto,
E faço por mim só, sem arremedo,
E' fundado em direito manifesto.

Publique-se tambem, e não é cedo,
O retrato fiel, garboso e lesto,
Do melhor dos Arthures, o Azevedo.

Padre CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, 21 de Abril de 1893.

DESPACHO

Dos retratos compete-me a escolha;
Todos sabem que o *Album* é meu;
E, portanto, o retrato na folha
Todo o mundo terá, menos eu.

«Indefiro» é o despacho Eu á lei da
Sensatez não me posso furtar.
Do meu velho Corrêa de Almeida
O retrato, este sim, devo dar.

A. A.

Capital Federal, 29 de Abril de 1893.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

— Responderia: foram-se-me os delirios de que gozei, á redea solta, em Pariz Sou moço hoje; amanhan deverei ser circumspecto, pela edade e pela posição. Para honrar o homem é necessario que a mocidade se agalardoe de hombridade exemplar. De que nos valem as pulsações de um coração que para ser feliz tem de acolher em si, ao lado de um sentimento, embora sincero, a hypocrisia do affecto

conjugal? Se dos labios de mulher casada ouvisse a expressão de similhante amor, não lhe deixaria concluir a confissão: a cada palavra lhe responderia com o talvez respeitavel nome do esposo; e persuadido estou de que, ao pronuncial-o, não haveria a coragem de obspurcal-o.

— E sabe o que diria o mundo, se o estivesse escutando? — interrogou Dolores ao mesmo tempo que illuminava a phrase com a languidez morbida do olhar.

— Sei! A sociedade, na sua esphera de acção dissoluta, exclamaria com risos de cynismo: és um imbecil.

— Ah! comprehende-me!...

— Sim, comprehendo. Como, porém, reconheço que a confissão de um amor só se dá no silencio da intimidade, nem se quer me condemnaria o epitheto mundano nem me alcançaria o desprezo da culpada.

Dolores susteve-se, como quem se compenetrava das palavras incisivas do doutor. Depois, por um esforço de intelligencia, resumio todo o assumpto da conversação. Pareceram-lhe contraditorios os pensamentos de Lucio.

— Se pensa como diz—principiou ella, pausando as palavras, de modo a ser facilmente comprehendida—como explica a nobreza de que se revestem as suas ideias ultimas, quando as primeiras, inteiramente oppostas, o pintavam como um dos libertinos mais declarados?

— Sim, tudo isso póde apparentemente ser contraditorio; todavia, raciocinando, chegaremos a discriminar as duas ideias oppostas, mas precisamente deduzidas de um espirito honesto. Vejamos, Dolores! Referindo-me á mulher casada, conservar-me-ia — assim o declarei — indifferente a todo o amor que me offerecesse. Neste caso, embora me dessem apodo de imbecil, me elevaria ante a minha consciencia. Redimia-me de um passado revolucionado. Se me approximasse de Carmen, se lhe fallasse em amor, não poderia ser feliz, a menos que desprezasse a pureza do seu sentimento e me désse inteiramente a um goso egoista e, por tal modo, criminoso. Não, Dolores! Tenho a alma muito incinerada como a atmosphera social da grande Pariz. Os olhares de Carmen não poderiam, talvez, illuminal-a.

Esta passageira defeza não tinha a força de uma logica *encouraçada*. Dolores, porém, não conhecia a habilidade de sophismar. E, quando isso se désse, não lançaria mão d'esses meios estultos. O que a dominava então, era um pezar profundo.

Comsigo dizia que Lucio ignorava o seu amor. Ella não o havia declarado, nem demonstrado, sequer indirectamente.

Conjecturou. Defendeu-se ante sua propria consciencia. Subitamente, porém, a imaginação, como que recuando até a noite do sarão, accusou-a. Não havia ella mesma declarado a Lucio que conhecia uma mulher que o amaria com todo o enthusiasmo?...

E, quando o moço lhe fallou em Carmen, não deu a filha por criança, incapaz de comprehender o que vale um sentimento forte?...

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Os hespanhóes do Polytheama deram-nos o *Rei que damnou*, a zarzuela que vimos em portuguez, no Variedades, traduzida por Soares de Souza Junior. A musica de Chapi nos pareceu outra... para melhor, mas o desempenho dos papeis deixou muito que desejar.

*

No Sant'Anna voltou á scena a *Gran via*.

Estreiou-se nesse theatro a senhorita Cifuentes, a estrella do Polytheama, representando o *Chateau Margaux*.

*

Representou-se hontem no Apollo, em beneficio do popular e sympathico actor Machado, a famosa parodia do *Trovador*, o *Capadocio*, que ha muitos annos dormia o somno do esquecimento.

*

Para hoje, sabbado, está annunciada, no S. Pedro, a primeira representação do *Pescador de baleias*, drama de Dennery.

*

Consta que para o Apollo foi contratado o actor Lyra, que é muito popular em todo o Norte da Republica, principalmente em Pernambuco.

— Contratei-o, disse Eduardo Garrido, o emprezario, porque não deve haver Apollo sem lyra.

X. Y. Z.

A casa Fouchon & Comp. vae editar a *Mortalha de Alzira*, romance de Victor Leal, que agradou immenso quando publicado na *Gazeta de Noticias*, e as *Festas e tradições populares do Brasil*, de Mello Moraes Filho. Este livro trará um prefacio de Sylvio Romero, e será illustrado por Fulmen Junior, desenhador que foi do *Bazar volante* e da *Semana illustrada*. A *Mortalha de Alzira* trará uma capa de Rodolpho Amoedo.

Os srs. Magalhães & C., editores, acabam de publicar um livro de Affonso Celso, intitulado *Minha filha*, o qual naturalmente ha de alcançar o mesmo exito dos *Vultos e factos*. No seu proximo numero o *Album* se occupará do novo livro.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 20 MAIO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. - Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Henrique Chaves	Machado de Assis.
Chronica Fluminense	A.
Cysnes	João Salusse.
Reminiscencias	Villers de l'Isle Adam.
Gongorismo	Lope de Vega.
Goethe.	J. de Moraes Silva.
Amor que é vario.	Conde de Resseguier.
Minha Filha	A. A.
Intimo.	Arthur Andrade.
O Sandalo.	Virgilio Varzea.
De Rastros	Adelino Fontoura.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

EDUARDO GARRIDO

HENRIQUE CHAVES

Henrique Chaves é um desmentido a duas velhas superstições. Nasceu em dia 13 e sexta-feira. Não podia nascer peor, e, entretanto, é um dos homens felizes d'este mundo. Em vez de ruins fadas, em volta do berço, cantando-lhe o côro melancolico dos caiporas, desceram anjos do céo, que lhe annunciaram muitas coisas futuras. Para os que nunca viram Lisboa, e *têm pena*, como o poeta, Henrique Chaves é ainda um venturoso: nasceu nella. Emfim, conta apenas quarenta e quatro annos, feitos em Janeiro ultimo.

Um dia, tinha apenas vinte annos, transportou-se de Lisboa ao Rio de Janeiro. Para explicar esta viagem, é preciso remontar ao primeiro consulado de Cezár. Este grande homem, assumindo aquella magistratura, teve ideia de fazer publicar os trabalhos do senado romano. Não era ainda a tachygraphia; mas, com boa vontade, boa e muita, podemos achar alli o germen d'este invento moderno. A tachygraphia trouxe Henrique Chaves ao Rio de Janeiro. Foi essa arte magica de pôr no papel, integralmente, as ideias e as fallas de um orador, que o fez atravessar o oceano, pelos annos de 1869.

Refiro-me á tachygraphia politica. Ella o poz em contacto com os nossos parlamentares dos ultimos vinte annos. Ha de haver na vida do tachygrapho parlamentar uma boa parte anecdotica, que merecerá só por si a pena de umas memorias. As emendas, bastam as emendas dos discursos, as posturas novas, o trabalho do toucador, as trunfas desfeitas e refeitas, com os grampos de erudicção, ou os cabellos apenas alisados, basta só isso para caracterisar o modo de cada orador, e dar-nos perfis interessantes. Um velho tachygrapho contou-me, quasi com lagrimas, um caso mui particular. Passou-se ha trinta annos. Um senador, orador mediocre, fizera um discurso mais que mediocre, trinta dias antes de acabar a sessão. Recebeu as notas tachygraphicas no dia immediato, e só as restituio tres mezes depois da sessão acabada. O discurso vinha todo por lettra d'elle, e não havia uma só palavra das proferidas; era outro e peor. Ajuntae a esta parte anecdotica aquella outra de psychologia que deve ser a principal, com uma estatistica das palavras, um estudo dos oradores cansativos, apezar de pausados, ou por isso mesmo, e dos que não cansam, posto que velozes

Mas uma coisa é o ganha-pão, outra e a vocação. Henrique Chaves trazia nas veias o sangue do jornalismo. Tem a facilidade, a naturalidade, o gosto e o tacto precisos a este officio tão arduo e tão duro. Péga de um assumpto, o primeiro á mão, o preciso, o do dia, e compõe o artigo com aquella presteza e lucidez que á folha diaria exige, e com a nota propria da occasião. Não lhe peçam longos periodos de exposição, nem deducções complicadas. Cae logo *in media res*, como a regra classica dos poemas. As primeiras palavras parecem continuar uma conversação. O leitor acaba suppondo ter feito um monologo.

Não esqueçamos que o seu temperamento é o da propria folha em que escreve, a *Gazeta de Noticias*, que trouxe ao jornalismo d'esta cidade outra

nota e diversa feição. Vinte annos antes de encetar a carreira, não sei se o faria, — ao menos, com egual amor. A imprensa de ha trinta annos não tinha este movimento vertiginoso. A noticia era como a rima de Boileau, *une esclave et ne doit qu'obéir*. Teve o seu Trese de Maio, e passou da posição subalterna á sala de recepção.

Os quarenta e quatro annos de Henrique Chaves podem subir a sessenta e seis; nunca passarão dos vinte e dous. Não fallo por causa de illusões; ninguem lh'as peça, que é o mesmo que pedir um santo ao diabo. Uma das feições do seu espirito é a incredulidade a respeito de um sem numero de coisas que se impõem pela apparencia. Outra feição é a alegria: elle ri bem e largo, communicativamente. A conversação é viva e lepida. Considerae que elle é o avesso do medalhão. Considerae tambem que é difficil saber aturar uma narração enfadonha com mais fina arte. Não se impacienta, não suspira, puxa o bigode: o narrador cuida que é um signal de attenção, e elle pensa em outra coisa.

MACHADO DE ASSIS.

CHRONICA FLUMINENSE

Enternecedora figura a d'aquelle frade quasi octogenario, que se suicidou na solidão e no silencio da sua cella!

O pobre velhinho desamparado quantas vezes lamentaria não ter constituido uma familia, em vez de metter-se n'um convento! Uma esposa solicita ou uma filha carinhosa lhe dariam força e resignação para soffrer, e lhe arrancariam do espirito a ideia do suicidio, indigna de um benedictino.

Como se vê, não basta a sagrada e consoladora austeridade do claustro, não basta a companhia incessante de Deus e dos Santos, não bastam as orações e os cilicios, para transformar a natureza de um homem que deixa de ser homem para ser frade. Lá mesmo, no meio das suas meditações piedosas, vae procural-o o desespero que leva até o suicidio!

Se eu ainda soubesse resar, pediria a Deus que se apiedasse da alma d'esse homem que duas vezes se suicidou, a primeira quando se fez frade, e a segunda quando profanou a casa de S. Bento com o espectaculo sacrilego de um enforcado.

*

Estará terminada a revolução do Rio Grande do Sul? Parece, isto é, parece e não parece, porque o *Diario Official* ainda não nos disse nada...

Se acabou a revolução, tratem, pelo amor de Deus, de pôr para fóra do Rio Grande o tal Dr. Castilhos, um brasileiro que tem custado muito sangue e muito dinheiro ao seu paiz...

*

E' preciso averiguar se o Silveira Martins com *J*, que assigna a infamia impressa no numero do *Amigõ del pueblo* exhibido pelo *Paiz*, é o mesmo Silveira Martins com *G*, que figurou na politica do Imperio e foi deportado pela Republica, o tal que se tornou famoso por esta phrase que a imbecilidade indigena achou profundamente philosophica: *O Poder é o Poder*...

*

Registre-se nestas columnas o fallecimento do velho Achilles Arnaud, que durante muitos annos ensinou piano e canto ás meninas do Rio de Janeiro.

Era um cavalheiro sympathico, um bom artista, um mestre conscienciozo e honesto, que deixa de sua pessoa as melhores recordações.

*

O Sr. marechal Floriano Peixoto quiz apreciar ao vivo um quadro da revista *Frotzmac*, e foi uma noite d'estas, em companhia do Sr. Chefe de Policia, ás celebres casas do bairro da Misericordia, que dão dormida por alguns vintens.

E louvavel o procedimento do chefe do Estado: quer conhecer de perto a miseria, naturalmente para estudar os meios de acabar com ella.

*

A *Gazeta de Noticias* tem publicado os retratos de todos ou quasi todos os membros do novo gabinete francez.

Porque não publica tambem os retratos dos nossos ministros? Ha tanta gente desejosa de conhecel-os!

A.

CYSNES

A vida, manso lago azul algumas
Vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós constantemente
Um lago azul sem ondas, sem espumas.

Sobre elle, quando, desfazendo as brumas
Matinaes, rompe um sol vermelho e quente,
Nós dous vagamos indolentemente,
Como dous cysnes de alvacentas plumas.

Um dia um cysne morrerá por certo;
Quando chegar esse momento incerto
No lago, onde talvez a agua se tisne,

Que o cysne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sosinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cysne...

JULIO SALUSSE.

REMINISCENCIAS...

(VILLERS DE L'ISLE ADAM)

Descendo, me disse elle, eu, — o ultimo Gaél, — de uma familia de Celtas, duros como os nossos rochedos. Pertenço a essa raça de marinheiros, flor illustre de Armor, tronco de estranhos guerreiros, cujas acções de ruido figuram entre as primeiras da Historia.

Um d'esses antepassados, fatigado, joven ainda, da vista e do commercio dos seus, exilou-se um dia, para sempre — o coração cheio de um esquecedor desprezo — do castello natal.

Era pelo tempo das expedições da Asia, quando elle se foi a combater ao lado do balio de Suffreno, distinguindo-se logo, nas Indias, por mysteriosas manobras que executou no interior das Cidades Mortas.

Estas cidades, sob céos brancos e desertos, jazem destroçadas entre horriveis florestas. Os baraços, a herva, os ramos seccos juncam e obstroem os caminhos, outr'ora avenidas populosas, de onde o ruido dos carros, das armas e dos cantos desappareceu.

Nem sopro, nem fontes, nem ramagens, no calmo horror d'estas regiões. Os proprios bengalis se afastam, aqui, dos velhos ebaneiros, suas arvores de além.

Entre os entulhos accumulados pelas clareiras, immensas e monstruosas erupções de longuissimas flores — calices funestos onde ardem subtis os espiritos do Sol — rebentam, estriados de azul, nuançados de fogo, veiados de cinabrio, similhantes aos radiosos despojos de uma multidão de pavões desapparecidos.

Um ar quente de mortaes aromas peza sobre as mudas ruinas, e é como um vapor de caçoulas funerarias, um azulado, enervante e torturante suor de perfumes.

O abutre aventureiro que, peregrino dos planaltos do Cabul, se demora n'estas paragens e as contempla do alto de alguma tamareira negra, se imprevidente, se agarra ás lianas, e para ahi se debater n'uma subita agonia.

De uma e d'outra banda, arcas despedaçadas, estatuas informes, pedras com inscripções mais apagadas do que as de Sardo, Palmyra ou do Khorsabad. Sobre algumas que ornaram o frontão, outr'ora perdido nos céos, das portas d'estas cidades, a vista póde decifrar ainda e reconstruir o zend apenas legivel d'esta soberana divisa dos povos livres de então.

« ... e Deus não prevalecerá ! »

O silencio só é perturbado pelo deslisar das cascaveis que ondulam entre os fustes derribados das columnas, ou se encolhem assoviando, sob os lichens arruivados.

Por vezes, nos crepusculos de tempestade, o relincho longinquo do hemiono, alternando desoladamente com o arrebentar da trovoada, inquieta a solidão.

Sob as ruinas se alongam galerias subterraneas de entradas desconhecidas.

Ahi, desde muitos seculos, dormem os primeiros reis d'esses estranhos paizes, d'essas nações mais tarde sem senhores, e de que nem mais o nome existe.

Ora, esses reis, segundo os ritos de algum costume sagrado sem duvida, foram sepultados sob estas abobodas com os seus thezouros.

Nenhuma lampada allumia as suas sepulturas.

Não ha a menor lembrança de que o passo de um captivo das inquietações da vida e dos desejos, tenha jamais importunado o somno de seus echos.

Unicamente, a tocha do brahmina — esse espectro alterado do Nirvana, esse mudo espirito, simples testemunha da universal germinação dos redivivos — tremúla imprevistamente, em certos instantes de penitencia ou de sonhos divinos, ao alto das escadas desconjuntadas, e projecta, de degrão em degrão, a sua chamma fumarenta, até a profundez das cavernas.

Então as reliquias, entremeadas d'esses reflexos, brilham com um brilho de miraculosa opulencia!...

As cadeias preciosas que se entrelaçam ás ossadas, parecem sulcal-as de subtos clarões.

As cinzas reaes, polvihadas de pedraria, scintillam, tal a poeira de uma estrada que avermelha, antes da sombra difinitiva, algum derradeiro raio do Occidente.

Os Maharadjahs fazem guardar por hordas de escolhidos, as orlas das florestas santas, e sobretudo as margens das clareiras, onde começa o confuso d'estes vestigios.

Interdictos tambem, são os rios, as ondas e as pontes derrocadas dos euphrates que as atravessam.

Taciturnas milicias de cipayos de coração de hyena, incorruptiveis e sem piedade, rondam incessantes, de todos os lados, estas paragens assassinas.

Muitas vezes o Heróe frustrou seus planos tenebrosos, evitou seus laços, e confundio sua errante vigilancia.

Fazendo, subitamente, soar a trompa na noite, em pontos diversos, elle os isolava por estes enganadores alarmas, e depois, bruscamente, surgia sob os astros, nas altas flores, destripando rapidamente os seus cavallos.

Os soldados, como ao aspecto de um máo genio, aterroravam-se com esta presença inesperada.

Dotado de um vigor de tigre, o Aventureiro derribava-os então de um salto, um por um, suffocava-os a meio, primeiramente, n'um rapido aperto, e depois, voltando sobre elles, massacrava-os á vontade.

O exilado tornou-se assim o flagello, o espanto e o exterminio dos crueis guardas de faces côr de terra. Expedictamente, era elle que os abandonava, pregados a grossas arvores, com os seus proprios yatagans no coração.

Insinuando-se em seguida no meio d'esse destruido passado, nas alamedas, cruzilhadas e ruas d'essas cidades das eras mortas, elle galgava, apezar dos perfumes, a entrada dos sepulchros inegualaveis, onde jazem os restos d'esses reis hindûs.

As portas só sendo defendidas por colossos de jaspe, especie de monstros ou de idolos de vagas pupillas de perola e esmeralda — fórmas creadas pelo imaginario das theogonias esquecidas — elle ahi penetrava facilmente, se bem que cada degrão descido, fizesse agitar as longas azas d'esses deuses.

Ahi, arrasando tudo inopinadamente em derredor, domando a vertigem suffocante dos seculos negros, cujos espiritos esvoaçavam, chocando-lhe á face suas azas membranosas, elle recolhia, em silencio, mil maravilhas.

Assim, Cortez, no Mexico e Pizarro, no Perú, arrogaram-se os thesouros dos caciques e dos reis com menos intrepidez.

Com os alforges repletos de pedrarias no fundo de sua barca, elle voltava sem ruido, rios acima, furtando-se ás perigosas claridades da lua. Vogava arrieado aos remos, entre os tojaes, sem se enternecer com os chamamentos de crianças chorosas, que, ás margens, lacrimejavam ante os crocodilhos.

Em poucas horas attingia, assim, uma caverna remota, só d'elle conhecida, e em cujos recessos esvasiava os seus despojos.

As suas façanhas divulgaram-se. D'ahi, as legendas psalmodiadas ainda hoje nos festins dos naibabos, ao grande reforço das theorbas, pelos fakirs.

Estes trovadores, não sem um velho prurido de odio ciumento ou de respeitoso pavor, ahi conferem a esse Avó, o titulo de espoliador de sepulcros.

Uma occasião, porém, o intrepido piloto deixou-se seduzir pelos brandos discursos insidiosos do unico amigo que elle jamais se fez, em circumstancia toda especialmente perigosa.

Este, por um singular prodigio, salvou-se.

— Fallo do bem nomeado, do famosissimo Coronel Sômbrio.

Graças a este obliquo irlandez, o bom Aventureiro cahic n'uma emboscada.

Cégo pelo sangue, crivado de ballas, cercado por vinte cimitarras, elle foi assaltado, de imprevisto, e pereceu no meio de horrorosos supplicios.

As hordas hymalayanas, ebrias da sua morte, e em saltos furiosos de uma dansa de triumpho, correram á caverna.

Os thesouros, uma vez recobrados, voltaram ao logar maldito. Os chefes lançaram piedosamente as riquezas ao fundo dos antros funebres, onde jazem os manes d'esses reis da noite do mundo.

E as velhas pedrarias ahi brilham ainda, semelhantes a olhares eternamente abertos sobre as raças.

Herdei — eu, o Gaél — unicamente, os deslumbramentos do soldado sublime, e as suas esperanças.

Habito aqui, no Occidente, esta velha cidade fortificada onde me prende a melancolia. Indifferente ás inquietações politicas d'este seculo e d'esta patria, e aos futeis crimes dos que a representam, permaneço aqui, a ver como as tardes do outomno solemne inflamam os cimos carcomidos das florestas circundantes.

Entre as refulgencias do orvalho, caminho, só, sob as abobadas das negras alamedas, como o Avó caminhava sob as cryptas do fulgurante obituario. Instinctivamente tambem, evito, não sei porque, os nefastos clarões da lua e as malevolas approximações humanas. Evito-os sim, quando caminho assim com os meus sonhos, porque sinto então que tambem trago em minh'alma o reflexo das riquezas estereis, de um grande numero de reis esquecidos.

EMILIO DE MENEZES.

GONGORISMO

(LOPE DE VEGA)

Cedendo ao meu descredito anhelante,
A mesticia que tenho me defrauda;
Bem que o favor laconico me applauda,
Preços indico ao celico turbante.

Obstento ao movel um mentido Atlante,
Furto-me ao Letes na corrente rauda,
E ao sol, montado na cerulea cauda,
Alando vou da vida naufragante.

Affecto applausos do circuito sabio,
E, em meu valor altisono e tremendo,
Afim de intercalar gémino labio...

— Fabio, tu entendes o que estou dizendo?
— Certamente que entendo. — Mentes, Fabio,
Pois eu proprio que o digo não no entendo.

COSIMO.

GŒTHE

Vi Gœthe, vi: o pensador das brumas, qual aquelle celebre vulcão do polo do sul, que vive enterrado no gelo, e o algar em chammas.

Vi Gœthe, tive essa gloria, tenho esse orgulho!

Por tal modo enlevei-me e esqueci-me, que perdi o medo: achegue-me á sombra luminosa extasiei-me, como quando nas tardes da mocidade vemos o Jehovah, as Sphynges, os hyerogliphos do arrebol.

Elle tinha os olhos pensativos e suspensos: no fundo um microcosmo imaginario, o horisonte, o céo azul, estrellado; á boca, um borbotão impetuoso; sentia-se ao longe a tintinação de uma cor-

Anno I O ALBUM Num. 26

HENRIQUE CHAVES

rente de ouro. Fallou-me de Werther, o alvor da sua inspiração, que já trazia o ponto negro que annuncia a tempestade, uma mancha celeste.

Elle contou-me a sua vida intima, secreta, imaginativa, todo o seu poema de si mesmo, onde elle é o heróe e o poeta, o mascara de ferro... Contou-me tudo com a franqueza de um morto; com a voz colica de uma caveira que falla entre as flores e as brisas.

Foi assim:

Eu, como os sonhadores da eternidade de Klopstock, os fantasistas da estetica que se elevam á estrella do amor, e veem o altar de Venus; eu, como os brahmanes da mythologia do gozo, que sentem as modalidades do Protheu da ventura; que voam em chuva d'ouro para envolver a mulher ideal n'um prazer completo, multiplice, e absorvem-na no seio electrisado, crepitante e mordente, prazer simillhante ao da arvore que dá mil flores cheias de pollen e perfume: perdi-me no meu ascetismo, na minha contemplação mystica, idealisei de mais, excedi os limites da cosmogonia, sorprendeu-me o impossivel!...

Ai! foi assim mesmo!

As mulheres passavam em procissão e em cortejo; eu vi: aqui os pomos em primiças; alli beijos em flores estrelladas; acolá a bellomancia dos olhos traspassantes; além a esculptura dos abraços; por fim os relevos formosos das sensações divinas!...

Ai! tudo perdi!

Eu imaginava a minha Pandora: colhia e recolhia as mostras da belleza, de uma a uma, para formar a minha esposa ideal, a Minerva da minha fronte.

E fiquei, e fiquei na passagem, em vez de ir com ellas ao templo da deusa, como quem n'um *atelier* procura um quadro, que lhe está no peito. Pensei que eu tinha parado na mocidade, e o mundo corria por debaixo de meus pés, e já perto vinha o terreno indocil da velhice, e se entreabria o golphão da morte!

Ai! que saudade!

As mulheres voltaram como as andorinhas emigrantes, mais lindas, se não eram outras, trefegas, graciosas, risonhas... mas os olhos, a boca, os seios, o corpo, voltados para o outro lado, como se alli não estivesse ninguem, como se eu fosse a herma do caminho, meio corpo só, cabeça de Mercurio, insensivel e fria.

E por que eu não tinha gozado o mundo, sentia a seiva exhuberante ferver-me dentro, e o coração ainda novo saltar como uma criança impaciente debruçada no peitoril da janella que dá para o jardim.

Ai! que arrependimento!

Remorsos do que não fiz, desejos do crime encantador e prazenteiro! Agora vejo tudo: o enxame dos beijos, a prisão dos abraços, o céo da mulher!

Maldito ideal, penates do meu peito, outra imagem do Tasso infeliz, unica recompensa de um amor egoista e louco!

Eu sou como aquelle poeta epico, Epimenides: dormi toda a minha mocidade, sonhei toda a minha vida. Ao despertar, tinha sede, tinha anhelos, e não havia mais o rio farto de flores e céos. Só encontrei o Sahara do meu amor; ouvia o clamor surdo do silencio, e sentia a estupefacção do deserto!

Ai! que supplicio!

Eu pensei que amavam o meu genio, quando queriam somente a minha mocidade: a cabeça não ama, não vale nada.

O sol ia declinando: eu quiz voltar para atraz, afim de ver a minha ideal Eurydice, e parei diante do jardim da mocidade que atravessei sem sentir: agora estava fechado para sempre, para sempre!

Pedi ao céo; o céo foi surdo ás minhas supplicas.

Pedi ao inferno, e o inferno ouvio-me.

Margarida foi o prototypo do gozo; Helena foi a imagem da formosura; Mephistopheles era o desespero; eu era o Fausto. Mas quando escrevi o meu drama, a carne já estava morta; só gozei a minha immortalidade.

Ai! matou-me o ideal!

J. DE MORAES SILVA.

AMOR QUE É VARIO

(CONDE DE RESSEGUIER)

Diz-se á porfia,
Diz-se, em geral,
Que o amor varia.
Não creias tal.

A eterna chamma,
Ardente e forte,
Por si se inflamma.
Quem que não ama
Até a morte?

E' corollario
Claro em rigor:
O amor que é vario
Não é o amor.

ALBERTO SOUSA.

S. Paulo, Abril.

MINHA FILHA

Em fins de 1873, ha quasi vinte annos, eu havia chegado da minha provincia natal, e, graças á protecção de Joaquim Serra, conseguira empre-

gar-me na *Reforma*, como revisor de provas e traductor do folhetim-romance.

Entre os homens notaveis do partido liberal que todas as noites se reuniam na redacção d'aquella folha, havia o Sr. Conselheiro Affonso Celso, um dos mais novos e não o menos illustre da roda.

A quantas e interessantissimas discussões e palestras assisti, sentado a um canto da sala, fingindo-me profundamente entregue á revisão das minhas provas ou á traducção do meu romance, um romance maritimo, interminavel, sombrio, em tres grossos volumes, um romance cuja publicação talvez durasse ainda, se a *Reforma* não tivesse acabado antes d'elle.

Uma noite estavam alli reunidos Tavares Bastos, Couto de Magalhães, Cesario Alvim, Prado Pimentel, Frederico Rego, Rodrigo Octavio e não sei quem mais. Dominava a conversação a graça exuberante, ruidosa e inexhaurivel de Joaquim Serra, que era a alegria da opposição liberal, o consolo risonho do ostracismo. Affonso Celso entrou na sala; vinha satisfeito e radiante; trazia comsigo, não a noticia da queda do Rio Branco e da chamada do Sinimbú a São Christovam; trazia comsigo — imaginem! — uns manuscriptos, uns versos lyricos, escriptos no collegio pelo seu pequeno, pelo seu Affonso, versos que elle sorprendêra, e vinha, orgulhoso, mostrar aos amigos da *Reforma*.

— Não sei se me illudo... Sou pae, por tanto sou suspeito... Mas estes versos parecem-me bem regulares para a edade do meu pequeno, dizia elle.

— Vejamos! bradou em côro aquella brilhante fracção do partido liberal.

Os versos foram lidos em voz alta pelo pae do poeta. Eu ouvia-os, e intimamente applaudia o esperançoso menino que em tão verdes annos metrificava e rimava os seus sentimentos e impressões. Ouvia-os do meu cantinho, lastimando não ter tambem pae conselheiro, que interrompesse uma palestra politica para fazer leitura dos meus versos.

Pouco tempo depois o futuro Visconde de Ouro Preto mandou imprimir n'um volumesinho as suspirosas endeixas de seu filho.

Desde esse tempo accompanhei com muito interesse a vida litteraria de Affonso Celso Junior; tornei-me seu amigo, e fui testemunha e registrador de todos os seus triumphos.

*

Quem não conhece o poeta das *Telas sonantes*, o seu largo coração, a sua bondade, a sua maneira de amar, forte e discreta; quem não souber das suas tendencias e dos seus escrupulos, e não tiver apreciado a delicadeza com que se manifestam as suas proprias paixões, leia o livro *Minha filha*, que acaba de ser dado á luz, e ficará seu amigo.

Affonso Celso mostra-nos sua filha, que hoje tem apenas sete annos, desde a sua existencia embryonaria; conta-nos o seu nascimento; o terrivel ataque de paralysia que a ferio tres annos depois de nascida; os martyrios que a pobresinha soffreu durante o barbaro tratamento a que foi submettida; a visita, em Pariz, a um principe da sciencia cujo nome começa por quatro lettras que são tambem as primeiras da palavra *charlatão*: uma piedosa e despersuasiva romaria a Lourdes; uma consulta ao famoso Dr. Metzger, de Wiesbaden, especialista em paralysias infantis; o desespero de ver completamente restabelecida a adorada criança, etc.

Esta nenia apaixonada de pae estremoso e magoado serve de pretexto a descripções de viagens mais ou menos interessantes, aqui e alli, com observações conceituosas, phrases incisivas, traços de costumes, lendas do Rheno, figuras bem contornadas, paizagens com muita luz e muito colorido.

Lê-se *Minha filha* de um folego, com o mesmo interesse que nos desperta um bom romance e um bom livro de viagem.

*

O autor, intercalando no volume os seus ultimos versos, declara ter mandado a sua Musa para a necropole das suas illusões. Esperemos que ella não obedecesse, e que o poeta, suavisadas as suas magoas pelo tempo, que é o unico Charcot possivel para as enfermidades moraes, renasça impetuoso, correcto e scintillante como outr'ora.

*

Resta-me accrescentar que o livro de Affonso Celso, manufacturado a primor nas officinas Leusinger, foi editado pelos Srs. Magalhães & C., a quem agradeço a remessa de um exemplar, feita ao *Album*.

A. A.

INTIMO

A CICERO PEÇANHA

Beijos que demos... Que roupagem mera
Dizer que ha tantas lagrimas e dores.
Se o beijo é fome que mais fome gera!
Se mais te beijo, mais te voto amores!

Que astros e rosas fossem bem quizera
Para teus olhos neste quadro pôres:
O céo sem noite, a noite uma chimera,
Pequena a terra para tantas flores ..

Beijos perfumeos como aragem calma,
De bocca em bocca patativas d'alma,
Vibrem meus labios para sempre agora:

Que eu preferira nunca os ter provado,
A, depois de proval-os, ser meu fado,
Interromper a prova por uma hora ..

ARTHUR ANDRADE.

O SANDALO

Olhando, uma vez, no largo mostrador aberto de uma loja, deparei com um bello leque oriental de grandes proporções, astuciosamente facturado, de uma abelhudez de arte encantadora, todo banhado de um colorido intenso, azul, de céo meridional lavado, com desenhos pastoris e cheiro da tonalidade fina e levemente risonha dos chromos.

Esse leque, mandara-o vir, penso, uma aristocrata e caprichosa fidalga de uma elegancia original de quem se diziam extravagancias.

Era de sandalo. Vinha deitado sobre a meiga doçura cariciosa de um forro de velludo escarlate, n'uma caixinha de gorgurão branco chamalotado, tão esguia e comprida que parecia o caixãosinho infantil de uma creancinha abortada, nascida morta.

Ao redor de mim muita gente agglomerava-se, empurrando e fazendo «oh!.. oh!..», a admirar esse precioso objecto de luxo, que me produzia agulhadas de curiosidade e me accendia uma forte vontade de possuil-o, exaltando-me a imaginação e inundando-me de aroma, mas de um aroma tão suave e delicioso que, ao lembral-o, parece-me ainda sentil-o.

*

Assim tambem, morena rapariga dos meus olhos, na tua presença morde-me o coração uma vontade intensa de possuir-te; o meu espirito se constella e se exalta como o de um chinez opiado, e fico então, horas inteiras, penetrado do teu sandalo!

VIRGILIO VARZEA.

DE RASTROS

Por mais que aspire ou queira, anhele ou tente
Esquecer-me de ti, jamais me esqueço,
Oh! bem amado ser por quem padeço,
Por quem tanto soluço inutilmente!

Bem que te eu peça, esvae-se de repente
E só me fica a dor que te não peço!...
E eis tudo, oh! céos! eis tudo o que eu mereço
Em paga deste amor tão puro e crente!

Se te não move, pois, um desaffecto
E se te apraz, ao menos, consolar
A desventura amarga deste affecto.

Illumina com teu divino olhar
Est'alma que os teus pés, anjo dilecto,
Vem, banhada de lagrimas, beijar!

ADELINO FONTOURA.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Este era o ponto culminante de todo o esforço de memoria. Agora, já não duvidava que Lucio a não amasse; tinha d'isso plena convicção. O mal não estava, porém, nessa exclusão do sentimento; provinha da linguagem energica de Lucio, que, de indirecta em directa, a accusava.

— Offende-me este homem! — pensou como conclusão de tudo quanto acabava de ouvir.

A physionomia transformou-se-lhe. Os olhos, desmedidamente abertos, tinham a expressão de um panico exaltado. As maçans do rosto afogueavam. Pelos cantos dos labios espumava o despeito.

— E não se diria—exclamou n'um tom de voz fóra do commum e antipathico, como sóe ser o metal de voz dos scepticos—não se diria que temos conversado ao serio, tomando de outros as dores que não nos competem?... E' singular! As naturezas nervosas são, por certo, dadas ao impressionismo! Se nos ouvissem, achar-nos-iam ridiculos!..

E logo, seguindo n'outra ordem opposta de ideias:

— Escute-me, Lucio—continuou com pausa—aceito a sua renuncia ao amor e ao coração de Carmen...

E n'isto, suspendeu a palavra e fixou um olhar severo no rosto do moço, como quem desejava estudar a impressão da sua inesperada linguagem.

— Não comprehendo!—murmurou o doutor.

— E' facil! Amando-o... como filho, seria para mim demasiado pesarozo que o senhor amasse Carmen. Já está compromettida.

Um sorriso ironico sublinhou nos labios do moço toda a phrase pronunciada por Dolores.

— E adivinho com quem! — accrescentou de subito Lucio em ar de mofa.

— Diga.

— Com aquelle monstro com quem Carmen dansou quasi todo a noite...

— Adivinhou.

— Felicito-a! Uma mulher que se casa com um individuo similhante não soffre, não póde ter ciumes do marido. Oh! como deve ser feliz Carmen!... E de quem foi a escolha?

— Minha.. e d'ella!...

— Naturalmente! As mães de ordinario fazem as boas escolhas; ás filhas compete aceital-as.

— N'esse caso, dá-me os parabens?

— Como não? De todo o coração... E é rico o noivo?

— Riquissimo!

— Comprehende-se. Houve alguem que disse com muito espirito :

Dorez un laid.
Il deviendra parfait !

— Então... — atalhou Dolores, estendendo a mão, e como quem terminava—seremos sinceramente amigos. Carmen amal-o-á como irman ; eu...

— Como mãe – concluio o moço.

Nisto, Lucio tomando a mão de Dolores levou-a á altura dos labios e beijou-a com effusão.

— E' a expressão do meu respeito filial! — pronunciou quasi imperceptivelmente.

Aquelle beijo incendiara-lhe a epiderme.

Seguio todo o gesto do seu interlocutor, e, ao ouvir pronunciar as duas ultimas palavras — *respeito filial* —, voltou-lhe ás faces a pallidez dos resignados. A expressão da physionomia não se demorou assim por muito tempo. Succedeu-lhe a contracção nervosa dos desesperados.

Dolores-frisou os labios com um sorriso amargo e diabolico.

O beijo de Lucio foi eloquente e sonoro.

Naquelle silencio, em que se deixaram ficar por momentos, os dous personagens interessados d'esta scena, essa singella e expressiva manifestação de affecto echoou como nota perdida de um longo *final* de Bellini.

E logo, inesperadamente, quando o corpo de Lucio nem se quer rehouvera a primitiva posição, respondeu da sala immediata um pequenino grito, um *ai!* abafado a grande esforço, mas eloquente como a breve sentença de um tribunal invisivel.

Dolores ergueu repentinamente o rosto; fixou um profundo olhar no espaço rasgado entre os batentes da porta.

Lucio voltou-se tambem. Permaneceram inconscientemente mudos.

— Ouvio ? perguntou então ella, apontando em direcção á porta do quarto.

— Ouvi ! respondeu o moço a meia voz e dando alguns passos até a saleta contigua.

Não foi demorada a observação. Lucio retrocedeu até proximo á cama, que servia de gigantesca poltrona, e murmurou, encolhendo os hombros, como homem que não sabia explicar o facto :

— Ninguem !

— Supposição nossa, respondeu Dolores.

Como é facil de prever, depois das decisivas provas da indifferença de Lucio pelo amor que escandalosamente lhe offerecia aquella mulher, estava terminada a entrevista malcabida e que somente se podia suggerir no espirito inculto de uma *coquette* desesperada, que ia, a pouco e pouco, correndo a todo o vento pelo Asphaltite das illusões.

Lucio despedio-se pela ultima vez, balbuciando meia duzia de palavras sem nexo nem sentido, e caminhando com a indecisão dos allucinados, dos individuos feridos no olhar pela impressão subita e inesperada de um poderoso raio de luz.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Tivemos no Apollo a estreia da companhia dramatica do theatro Principe Real, de Lisboa, com a *Tosca*, de Sardou, peça já aqui representada em outro theatro. As principaes figuras da companhia são Alvaro e Amelia Vieira, dous artistas que o publico fluminense conhece e tem applaudido.

*

A companhia do Sant'Anna representou a comedia em 1 acto, o *Voto feminino*, original de D. Josephina Alvares de Azevedo, e já exhibida ha tempos, com algum exito, no Recreio Dramatico.

*

Pessoa que assistio, no S. Pedro, á representação do *Pescador de baleias*, diz-nos que esse drama é nem mais nem menos que *Jocelyn*, o *marinheiro da Martinica*.

Porque lhe mudariam o titulo ?... Mysterio...

*

Os artistas que, dirigidos pelo actor Medeiros, trabalham nesse theatro, fizeram *reprise* do dramalhão *Roberto Surcouf*, que tem todos os elementos para attrahir o publico.

*

A companhia que trabalhava no Apollo transferio-se para o Polytheama, estreiando-se ahi com o *Capadocio*, parodia do *Trovador*.

*

O outro *Capadocio*, isto é, a scena comica escripta pelo actor Xisto Bahia e por elle magistralmente representada, foi agora impressa em folheto. Agradeço o exemplar que me foi obsequiosamente offerecido pelo actor.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7,

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 21

MAIO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 7$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

Retirando-me hoje para fóra d'esta capital, deixo o meu illustre amigo e confrade Valentim Magalhães por especial obsequio encarregado da direcção litteraria do «Album» durante a minha curta ausencia.

Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1893.

Arthur Azevedo.

SUMMARIO

Eduardo Garrido	A. A.
Chronica Fluminense	A.
Marcha Funebre	Emilio de Menezes.
As moedas de ouro do Sol	Raul Braga.
Suave angustia	Themistocles Machado.
Serpentina	Arthur Guimarães.
Desengano	Castro Soromenho.
A chuva	Virgilio Varzea.
Sonho, Amor, Illusão	Leonidas e Sa.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. DOMINGOS FREIRE

EDUARDO GARRIDO

A biographia d'este meu mestre e collega já foi escripta por Francisco Palha, Mariano Pina, Guiomar Torresão e outros. O *Album* o que devia fazer era transcrever aqui o que disseram esses litteratos notaveis, mas... onde buscar agora e onde encontrar a prosa de suas excellencias? Não ha remedio: executo-me, de cara alegre, depois do imprescindivel *interview*, effectuado alli, no jardim do theatro Apollo, entre dous calices de cognac, —de um lado da meza eu, com a minha carteirinha de notas, o meu lapis e a minha bisbilhotice de biographo, —do outro lado Garrido, puxando o bigode, as palpebras semi-cerradas, abroquelado na sua modestia feroz.

Principio por dizer que elle é o alfacinha mais espirituoso que tenho conhecido; a publicação dos seus bons ditos e repentes occuparia todo este numero do *Album*, e seria preciso, talvez, um supplemento. O diabo tem uma facilidade enorme em achar o lado comico das coisas mais serias; encanta pela despretensão e bonhomia com que solta uma pilheria ou perpetra um *calembour*, puxando eternamente o bigode e amortecendo o olhar.

Já passou dos cincoenta: nasceu em Lisboa, de uma familia nobre —*chapeau bas!*—, aos 20 de Outubro de 1842; mas que tem isto, se conserva o bom humor e, o que é mais, a saude dos vinte annos, e promette ir muito longe com o seu bello typo de militar que protesta contra a compulsoria?

Das faxas infantis despido apenas, Garrido fez-se autor dramatico. *Debutou*, como lá se diz, contando apenas desesseis primaveras, com uma comedia original, em 1 acto, *De noite todos os gatos são pardos*. Essa producção obteve um grands *successo* no Gymnazio, de Lisboa. O autor entrára no theatro com o pé direito.

Em seguida escreveu, tambem para o Gymnazio, outras peças e alguns monologos em verso, que foram recitados pelo famoso Taborda e por José Carlos dos Santos, o extraordinario actor cognominado por seus compatriotas «o Santos Pitorra». Datam d'esse tempo a *Bengala* e o *Meu amigo Banana*.

Como o *successo* continuasse a sorrir-lhe, Eduardo Garrido logo se vio solicitado por todos os outros theatros de Lisboa, e para todos trabalhou com actividade febril, compondo, traduzindo, imitando, modificando ou alterando peças, peças e mais peças.

Em 1867 visitou a Exposição Universal de Pariz em companhia do já citado Santos Pitorra. O acontecimento theatral da grande cidade era a *Gran Duqueza de Gerolsteim*. Santos gostou immenso da peça, e, como tinha empreza em Lisboa, pedio a Garrido que lh'a traduzisse. Este accedeu, e fez um trabalho tão primoroso, que n'alguns pontos excede o original.

A *Gran Duqueza* alcançou em Lisboa um exito relativamente maior que o de Pariz. D'ahi começou a grande popularidade de Eduardo Garrido.

Em 1870, Furtado Coelho, que estava em Lisboa e vinha ser emprezario no Rio de Janeiro, se já o não era, propoz-lhe trazel-o ao Brasil para «montar» aqui a *Pera de Satanaz*.

Garrido aceitou a proposta, e aqui chegou em fins d'aquelle anno. Ao sahir de Lisboa, o rei D. Luiz I mandou chamal-o ao paço e deu-lhe o habito de Santiago. Muitos annos depois pregou-lhe a peça de condecoral-o com a commenda de Christo. Pobre Garrido!

Emquanto se pintavam os scenarios e se apparelhavam os machinismos da *Pera*, o futuro autor dos *Trinta botões* dava ao theatro S.-Luiz o *Joven Telemaco*, traducção que positivamente vale muito mais que o original de Eusebio Blasco, e dava á Phenix a *Princeza Flor de Maio*, a que se seguio o *Ali-Babá*. Todos esses espectaculos fizeram epoca.

Representada a *Pera*, cujo *successo* foi estrondoso e retumbante, Eduardo Garrido tornou-se o fornecedor de todos os theatros do Rio de Janeiro, como tinha sido o fornecedor de todos os theatros de Lisboa. Demorou-se aqui cinco annos.

Em 1876 fixou residencia em Pariz, mas depois d'isso tem vindo a esta capital já cinco vezes, e actualmente aqui se acha: é emprezario da companhia que trabalhava no Apollo e ha dias se transferio para o Polytheama.

Em Pariz escreveu Garrido alguns trabalhos que têm dado fortuna aos theatros do Rio de Janeiro e Lisboa; entre elles as magnificas traducções dos *Sinos de Corneville* e da *Mascotte*.

O seu ultimo grande *successo* foi o *Gato preto*, que enriqueceu o emprezario Guilherme da Silveira.

Para o arranjo de magicas e de operetas nunca houve em lingua portugueza escriptor de tanto engenho.

Tem trabalhado muito; o numero de suas peças sobe a 200, e nenhuma ha, mesmo entre as que cahiram, onde se não encontre alguma coisa que applaudir.

Garrido maneja magistralmente o verso portuguez. E' um rimador chofreiro e fluente. Traduz versos com uma graça e, sobretudo, uma espontaneidade realmente notaveis. E' muito cuidadoso na fórma, muito respeitador das regras e preceitos sem os quaes os versos podem ser tudo menos versos. A sua prosa é theatral e portugueza de lei. E' notavel que um escriptor, residindo ha tantos annos em França, seja tão vernaculo, e guarde na memoria um arsenal tão completo de velhas locuções populares e pittorescos adagios. Nesse ponto parece-se com Filinto Elysio.

Fóra do theatro, Garrido tem produzido pouco, mas, ainda assim, os seus versos, espalhados em albuns e almanacks, dariam um bom volume. Elle projecta um livro de memorias do theatro em Portugal e no Brasil durante os ultimos trinta annos. Ha de ser uma obra muito curiosa, para a qual não lhe faltarão editores nem leitores.

Garrido tem no theatro das Folies-Dramatiques, de Pariz, e conta que será representada durante a proxima estação, uma opera-comica em 3 actos *Le meunier d'Alcalá*, musica de um joven compositor argentino por nome Clerice, que tambem reside em Pariz. Um emprezario de Londres comprou-lhe o direito de reprezentar na capital ingleza a sua magnifica traducção... liberrima da *Dona Juanita*. Nesse trabalho Garrido soube transformar uma coisa informe n'uma agradavel comedia, aproveitando a bella musica de Suppé.

Apraz-me proclamar alto e bom som a minha sympathia e o meu respeito por esse mestre do meu officio, menos apreciado, talvez, do que o devia ser no nosso pequeno meio artistico e litterario, mas devéras estimado pelo publico.

Resta-me apenas registrar aqui que Eduardo Garrido, apezar de ter tido cem *successos* legitimos no theatro, e de ter dado fortunas a ganhar, não tem vintem. E' verdade que nunca possuio aquella qualidade a que os bons burguezes apatacados chamam *juizo*, mas, em compensação, que alma de artista, que coração de ouro!

Fosse francez, e estava a nadar em ouro. Pode-se-lhe applicar a quadra que elle escreveu, como dedicatoria, num exemplar do *Joven Telemaco* offerecido a Cyriaco Cardoso:

Ao meu amigo Cyriaco,
Que, se nascesse estrangeiro,
Naturalmente seria co-
Nhecido no mundo inteiro.

A. A.

A Alfredo Gonçalves, o nosso estimado collega da *Gazeta de Noticias*, enviamos sentidas condolencias pelo fallecimento de sua querida mãi, D. Carolina Gonçalves.

CHRONICA FLUMINENSE

Perdão, o Sr. Serzedello Correia é um homem logico. Sua excellencia disse á *Gazeta de Noticias* que era «candidato ao repouso», e depois declarou ao *Paiz* que dormira durante quatro dias. Sua excellencia repousou devéras!

E como o Sr. Serzedello já não tem que ser zeloso, pois despio (Lá vae chapa!) a tunica de Nesso que se chama pasta da fazenda, d'esta vez dormio as suas noventa e seis horas a fio sem sonhar com o cambio a 11, nem com o papá

Rottschild, nem com o papão Leroy de Beaulieu. Parabens, Sr. Serzedello Correia!

*

A nota comica da semana foram as placas auri-verdes do largo de Sao Francisco. O nome do santo foi substituido pelo do Sr. marechal Floriano Peixoto, que, como todos os homens que se elevam ás culminancias do poder, tem muitos amigos ursos.

Aquelle pobre largo de São Francisco de Paula, o coraçao da cidade, é o ponto aonde convergem todas as maluquices indigenas. Os *meetings* ridiculos, os rolos, os conflictos, as barulhadas são sempre alli mais constantes que em qualquer outro sitio da capital. A tudo assiste na sua serenidade de bronze o velho José Bonifacio, que era homem sensato, e parece dizer-nos: — Então? Que é isto, rapazes? Tenham juiso!...

*

Console-se São Francisco de Paula com Santa Thereza de Jesus. Lendo uma de nossas folhas diarias, vi com assombro que deram a uma egua de corridas o nome d'essa freira sublime, que foi, além de verdadeiramente santa, uma grande escriptora, uma eminente poetisa.

Naturalmente a besta que commetteu esse estupido sacrilegio tem nome de homem.

*

Escrevo esta chronica no momento de embarcar. Vou partir... não para Chicago, *hé.as!* vou partir para Bahia, onde me chamam affectos e saudades.

Valentim Magalhães

(Et ce nom seul me dispense
D'en dire plus long!)

presta-se a substituir-me nesta columna, melhor, muito melhor do que o Sr. vice-presidente da Republica poderá substituir São Francisco.

Infelizmente para os leitores do *Album* a minha ausencia não será longa: alguns dias apenas... E como poderia eu voltar a escrever as minhas chronicas, se os leitores tivessem tempo de se habituar ás de Valentim Magalhães?

A.

Acha-se n'esta capital, vindo do Amazonas, o nosso velho e presado amigo João Affonso do Nascimento, acreditado negociante estabelecido na capital d'aquelle Estado.

Antes de abraçar a carreira commercial, João Affonso foi jornalista no Maranhão, sua provincia natal, onde fundou a *Flecha*, um periodico illustrado, scintillante de espirito, de que elle proprio era ao mesmo tempo o rédactor e o desenhista.

Comprimentamol-o.

MARCHA FUNEBRE

II

Esvasiaram de todo a cova em que dormiste
O somno a que ainda tens a tu'alma sujeita,
E vem d'ella o som cavo, o monotono e triste
Vão queixume da terra em lagrimas desfeita.

Sinto distinctamente, esse queixume existe:
E' a saudade da terra aos teus ossos affeita,
E' o queixume que vem da cova em que dormiste
O somno a que ainda tens a tu'alma sujeita.

Ha por tudo o rumor de um requiem desolado;
Plangem chorosamente as arvores e os fossos;
Nossas almas lá vão, unidas, lado a lado.

Espalharam á noite os teus brancos destroços.
E a noite, na viuvez do teu perfil amado,
Verte funereamente o luar sobre os teus ossos.

EMILIO DE MENEZES.

AS MOEDAS DE OURO DO SOL

(CONTO DO NATAL)

A grande noite chegára, emfim, mas, para Laurinda, ao envez da alegria, chegára somente a tristeza... Seus paes eram pobres, e os anjos do céo não são justos: os brinquedos mais ricos e mais bonitos são apenas, tambem, para as crianças cujos paes não precisam, para as crianças que mais facilmente os podem obter, comprando-os...

Ella, que podia esperar? . . . Nada. D'esta vez, nem sequer o costumado boneco de louça que os anjos lhe deixavam, durante o somno, dentro de um dos seus pobres sapatos de couro. Era melhor, portanto, dormir, não pensar mais nisso; esqueceria tudo: para que lutar com o somno, a sorprender a descida dos anjos sobre o seu leito? !... Elles não viriam: o pae estava agora desempregado, e os anjos são injustos: os presentes eram conforme as posses de cada um: ella nada podia ter, ella nada teria, pois.

Quando bateram as horas de se ir deitar, a mãe chamou-a, abraçou-a muito, beijou-a; o pae, egualmente. Oh! como Laurinda os amava, como lhes queria bem! Isso não obstava, entretanto, a que se sentisse mais satisfeita, que se julgasse mais feliz, se soubesse que, ao acordar, encontraria algum bonito brinquedo a esperal-a... Abraços, beijos... eram os presentes que recebia, essa noite, e de seus paes, mas isso mesmo não eram presentes, que ella os tinha todos os dias, a todas as horas...

Duas vezes apenas, na sua pequena vida de sete annos, Laurinda lembrava-se de ter tido uma ale-

gre sorpresa : fóra pelos seus primeiros annos, ao tempo em que a madrinha existia ainda. Os velhos Pedrosos, desejando amparar a filha, haviam convidado uma visinha, senhora rica, a leval-a á pia, e a boa mulher não se esquecia nunca, então, de comprar-lhe o mais bello boneco, pelos dias de festa... pelo Natal, principalmente. Morrêra, porém, e nunca mais, depois, a pequena se recordava de havel recebido outra coisa, que não o costumado boneco de louça.

Risonhas manhans aquellas ! A primeira vez, fora um apparelho de almoço... Oh ! que rico apparelho ! como contrastava com o de casa ! De porcellana porcellana fina com frisos doirados, passaros e flores pintados á borda ! E havia de tudo : pratos rasos, grandes e pequenos para sobremeza, pratos cobertos, travessos, molheiros... tudo, numa palavra. Esse dia passára depressa : levara-o a apromptar almoços e mais almoços : as flores todas do seu jardim, do seu exiguo jardim, haviam corrido todos os pratos, symbolisando manjares os mais diversos. A seguinda fóra uma boneca do seu tamanho, cabellos louros e anelados, olhos azues, faces vendendo saude, como seu pae dizia ; e com enxoval completo : camisas, calças, meias, saias, vestidos: um enxoval tão completo e tão rico, que ella quasi tivera inveja da boneca. E não se cançava de despil-a, vestil-a, nuns extremos de mãe amorosa que nunca acha que a filha esteja a contento...

Hoje, era dormir, e Laurinda, inquieta, com um nó a magoar-lhe a garganta, não podia dormir, no emtanto.

Portuguezes ambos, os paes davam-se com toda a visinhança, quasi toda composta egualmente de portuguezes... Viviam fóra, num arrabalde novo, pobre, as ruas, por calçar ainda, transformadas em boeiros, pelos dias de chuva, as casas muito simples, de tijolos, a pedra ahi sendo cara, porta e janella, sala, tres quartos, sala de jantar, cosinha, e quintal com um poço de onde bebiam.

A unica pessoa rica era «o commendador», defronte, portuguez tambem, enriquecido num negocio de vinhos que conservava ainda, casado, cheio de filhos ; e a pequena poz-se a pensar nas sorpresas que os esperariam, pela manhan ao se levantarem. Lindas, de certo, lindas; e ricas, muito ricas ! exclamava comsigo. Ella não era invejosa, nem má ; jamais cubiçára coisa alguma de ninguem ; mas, essa noite, imaginando os bellos brinquedos que os pequenos do «commendador» encontrariam, no dia seguinte, ao despertar, Laurinda sentio os olhos humedecerem-se-lhe de lagrimas, e adormeceu com o rosto sobre o travesseiro a abafar os soluços mais fortes do que a sua bondade...

Horas mortas, quando a mãe e o pae entraram para beijal-a, para trazer-lhe a lembrança do seu amor, não lhe podendo, essa vez, trazer outra coisa, Laurinda dormia calma e socegadamente. A roupa ficára exparsa pelo quarto : o vestido sobre uma caixa, as meias cahidas no chão, os sapatos abandonados, atirados á toa, diante da janella, bem ao lado da cama, com os bicos abertos em dous logares, uns buracos redondos por onde lhe passavam os dedos, hiantes para fóra, como que sofregos de âspirar o primeiro bafo purificador da manhan. A velha quiz arrumal-a, mas o marido conteve-a, receiando fizesse barulho. E sahiram os dous, com uma lagrima nas palpebras, depois de a terem beijado.

No outro dia, seriam já nove horas, mas Laurinda não apparecêra ainda. Inquietos, os velhos entraram de novo no quarto... A menina dormia e o seu somno era tão tranquillo como na vespera. Talvez sonhasse — quem sabe ! — que os paes eram ricos e que os anjos tão injustos desciam agora do céo, para trazer-lhe os mais bellos e custosos brinquedos...

Cautelosamente, temendo acordal-a de subito, o velho chegou se á janella e, de manso, abrio as portas, para que a claridade, entrando, a despertasse emfim. O sol, glorioso, num deslumbramento, atravessou as vidraças.

Laurinda despertou, nesse instante, correndo o quarto com a vista, e, no quasi espanto de quem sae de um delicioso sonho, vio, dentro de um dos seus sapatos, duas manchas redondas e fulvas como moedas de ouro, que o sol, penetrando pelos rombos, pintára sobre a palmilha

Foi o seu unico presente nesse Natal.

RAUL BRAGA.

SUAVE ANGUSTIA

A LOPES FILHO

Longo e penoso estende-se o deserto
Da ausencia — atra cicuta que estiola
O coração — o vertice encoberto
Por onde a alma se espedaça e rola.

O pensamento, como um cacto aberto,
Subtil essencia pelo espaço evola...
E nesse doce recordar incerto
O amor mais puramente se acrysola.

E mais augmenta esse delirio, quanto
Mais se prolonga a tortuosa estrada
Que dois amantes corações separa.

Mas essa dor que recrudesce o pranto
E' como a luz de eterna madrugada
Que a noite escura da existencia aclara.

THEMISTOCLES MACHADO.

EDUARDO GARRIDO

SERPENTINA

Miss Fuller, a vaporosa artista da Serpentina, ó bailado ethereo que deslumbrou ultimamente a Europa, transtornou a cabeça ao Carlos, e, a bem dizer, o rapaz vive dia e noite a pensar na extraordinaria fada.

Carlos no entanto nunca a vio, mas com immensa volubilidade descreve-a aos amigos, endeusando-lhe as fórmas e resumindo o que sobre ella assimilou das folhas estrangeiras.

Um dia fez-me ouvir religiosamente o seguinte :

« Que, vestindo, uma sobre outra, differentes tunicas de gaze, ferida de frente por poderosos fócos de luz oxhydrica cujos raios a embebem fantasticamente, Miss Fuller sobresae qual estranha fada a emergir da luz no centro do theatro, que fica em plena escuridão ; em seguida, toma successivamente cada uma das tunicas de seda transparente, imprimindo-lhes movimentos de ondulação, em espiral, em circulo, em helice, tonteando-nos a cabeça.

« Dizem que é admiravel, parece que vale a pena atravessar o oceano para vel-a, a artista celebre, que semelha ora uma maripoza, ora uma ave do paraiso, ora uma aguia, como nol-a pinta um chronista hespanhol.

Em summa—é uma fada disputando primazia ás da legenda, serpenteando em torno da luz, que instantaneamente muda do verde ao rosa, do amarello ao verde.

« Como vês, é um formoso sonho, que proporciona á imaginação alada as melhores impressões, os mais deliciosos e inolvidaveis momentos de felicidade. »

*

São passadas duas semanas.

Encontro o Carlos tristonho, contrariado, sem articular palavra.

Alludo mui propositalmente ao bailado; elle olha-me torvo e diz :

— Maldita Serpentina ! foi a causadora do meu infortunio.

— Como ? porque ? interreguei.

— Como ? porque ?... porque desmanchei um excellente casamento devido ao tal bailado !

— Oh !

— E' o que te digo. Cheguei, vi e venci. A Amelia disse-me que fallasse ao pae, um antigo negociante da rua Theophilo Ottoni ; eu apresentei-me e, graças ao bom nome de minha familia, ganhei o consentimento do Sr. Mourão. Entretanto, depois de tudo contractado e encaminhado, uma noite tive o desazo ou a desgraçada ideia de conversar com o Sr. Mourão, e referir-me a Miss Fuller. Em má hora o fiz ! Meu futuro sogro, desde que lhe fallei em *Serpentina*, não me deixou entrar em materia; gabou as que sahiam da sua officina da rua Theophilo Ottoni, e declarou-me que a tal miss não as podia fazer melhores. Era caldeireiro. Por mais esforços que eu fizesse para explicar-lhe que estava em equivoco, que eu queria referir-me a um bailado, Mourão não me attendia... Desanimei. Vieram-me suores frios quando meu futuro sogro mais calmo quiz ouvir-me. Descrevi-lhe então a Serpentina de Miss Fuller, empregando mais ou menos a mesma linguagem que uzei para contigo o outro dia... Ao terminar, olhou-me ferozmente o Mourão, e disse : — Ponha-se já na rua, seu bilontra ! O dito por não dito : retiro-lhe a mão de minha filha! O senhor fal-a-ia infeliz com similhantes ideias de bailados... Serpentinas só as conheço de cobre, ouvio ? as outras são da sua cabeça ! Case-se com a tal miss !— E imperiosamente apontou-me o corredor. Célere, ganhei a escada, e só soceguei quando me achei na rua. Ahi tens como o bailado de Miss Fuller fez a minha desgraça !

ARTHUR GUIMARÃES.

DESENGAÑO

A JUAN GUTIERREZ

Y no bastó tu célica hermosura
Ni de tus negros ojos el fulgor,
A prolongar un punto tu morada
En este mundo donde gimo yo ?

Para esto vi de lágrimas henchidos
Tus dos vivaces ojos relumbrar,
Cuando á tu alma se rindió la mia
Que no pudo rendirse á tu beldad ?

Y a creer llegué infeliz que acaso el cielo
De mis pesares apiadado al fin
Un porvenir de paz me concedia
Y á conocerte me llevaba allí.

Y embriagado, creyendo en mi fortuna
Tu victoria canté y mi esclavitud,
Y por el mundo se escuchó em voz alta
La pasión que ignorabas solo tu.

. . . . . .

Y era asi ! que esa cruz con que supiste
De un enfermo calmar el ansia cruel,
Anunciaban lo que hoy tu blanca toca
Y tu sayal publican por doquier.

Quisiste ser el angel del que llora ;
Cúmplase, pues, la voluntad de Dios
Más, esa cruz con que de mi triunfaste
Dame, para triunfar de mi dolor.

CASTRO SOROMENHO.

A CHUVA

Ha seguramente tres dias que não vivo, que não vejo o sol, nem fallo. E' sabbado: são dez horas da manhan. E ella, a minha adorada Everalda, não veio, não virá mais de certo. E no entanto, dizia-me na sua carta de uma lettra fina e miuda: «Amanhan, quinta-feira, vou. Estou douda por ver-te... saudades... não imaginas...»

A chuva tem cahido e cae incesssante, desventurosamente. O céo, pardacento, de uma claridade esmaecida e egual, deixa escapar a agua em fios, como se a passasse por uma peneira gigante.

Um frio horrivel de sezões anda-me nas carnes e o negro e fundo *spleen* aristocratico e *my-lord* ataca-me com furia o coração onde o fel rebenta em ondas. Tenho as unhas roxas e a pelle engelhada, como um cadaver. Sentado, o peito atracado á mesa da escripta, o braço direito em angulo, apoiando o queixo, voltado para a janella, os olhos cravados longe, atravez dos vidros acoutados pelas rijas e sonoras bategas, que o vento de léste impelle em rajadas — aqui estou, mudo e tempestuoso, n'uma formidanda excitação de nervos, e penso profundamente na mais amada das mulheres, sentindo, na sofreguidão immensa de a possuir, uma electrica nevrose de ferocidade animal, que me incendeia, delirantemente.

Debalde intento ler. O meu livro mais querido, *O Primo Basilio*, o livro extraordinario, que está aberto diante de mim, não me glorifica, nem me atira para o alto!

E quando, subitamente me aggride o cerebro, como uma desolação, a ideia de que talvez mentisse a mais amada das mulheres, enche-me o peito um furor nefasto e ruge no antro o coração indomado...

Mas não! ouço na escada um passo nervoso e miudo...

E os meus labios por muito tempo ficaram collados aos labios d'ella.

VIRGILIO VARZEA.

Acabam de apparecer os *Contos amazonicos* de Inglez de Sousa, mais conhecido nas lettras nacionaes pelo pseudonymo illustre de *Luiz Dolzani*. Os nossos leitores hão de estar lembrados que d'esse livro demos um interessante excepto no n. 15 do *Album*. Sobre os *Contos amazonicos*, de que foram editores os srs. Laemmert & C., daremos um artigo no nosso proximo numero.

SONHO, AMOR, ILLUSÃO...

(INSPIRAÇÃO DE UMA BALLADA ESCOCEZA)

I

De um bando de pombas mansas
Que eu tinha n'um pombalsinho,
Mais brancas que as Esperanças
Voando num céo de arminho.

Mandei uma, — a mais ligeira,
Uma cartinha levar
A'quella que é companheira
Do meu tormento sem par: —

« Na aldeia em flor, ao domingo,
Ella se touca de flores.
— O mel do aroma num pingo
Lhe tinge o labio de cores...

Mais loira que as loiras bellas,
Mais loira que o milho loiro,
Enchem-lhe a coma as estrellas
De um doce polvilho de oiro...

Mais branca que a branca lua
— A hostia do altar do céo —
E' a alva epiderme sua,
E o lyrio do collo seu...

Canta-lhe doce alvorada
Na bocca rubra em desejos,
E naquella urna encantada
Chove uma chuva de beijos...

Segue-a uma lucida abelha
Beijando de quando em quando
A sua bocca vermelha
No meio de um doce bando

De beija-flores mimosos,
De leves azas curvadas,
Que lhe beijam cuidadosos
As finas tranças doiradas...

Arrulha pomba, de leve,
O leve canto do amor,
E dá-lhe a cartinha breve
Sem lhe corar o pudor... »

II

Partio a ave ligeira
Ferindo o Azul loiro e casto,
Deixando profunda esteira
De plumas do collo basto...

E foi voando... voando...
Além... além... pelo arminho
Poisando de vez em quando
Nas ramagens do caminho...

Chegou emfim pela aldeia
Nas horas tristes, saudosas...
— Era o sol redoma cheia
Do rubro sangue das rosas! —

Abrio o biquinho leve,
Cantou em doce toada:
« O' branca da côr da neve
Que alveja na madrugada,

O' loira da cor da espiga
Ceifada do ceifador,
Vem de perto ouvir amiga
As queixas do teu amor...»

Correu a creança, e logo
Seguida do seu cortejo,
Queimando a relva de fogo
Do casto fogo de um beijo...

Parou então enleiada
Ao pé da ave tão bella,
Beijou-a desalentada
Como se fosse uma estrella.

E a doce pomba em anceio,
Frisando as pennas de leve,
Depositou no seu seio
A minha cartinha breve. .

E veio depois voando
De rama em rama da estrada,
Poisando de vez em quando,
Sempre que estava cançada...

E canta agora, baixinho...
Bem dentro do coração,
Fazendo um sedoso ninho
De Sonho, Amor, Illusão!

LEONIDAS E SÁ.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

— Esta mulher mentio-me! disse em voz imperceptivel o medico, tomando-se ao prumo de um raciocinio criterioso. Sim! esta mulher mentio-me! Carmen não póde pertencer a um *bimano* d'aquella especie! E' impossivel!

Por seu lado, tambem Dolores murmurava, cerrando os punhos, aconchegando-se melhor entre os cobertores e descansando sobre os travesseiros macios e obedientes á pressão do corpo.

— Este homem enganou-me! Não me póde amar, porque ama Carmen. O meu dever de mãe era desejar para minha filha o mesmo homem capaz de me perturbar o espirito e inspirar um sentimento profundo, embora criminoso; era o meu dever; mas Carmen ainda não póde distinguir o bom do máo amor. Está propriamente na edade, em que a mulher não tem necessidade de um amor de homen sincero, enthusiastico, exclusivo. O que Carmen, como as moças de sua edade, almeja, é scintillar, bonita que é, ao applauso de um salão repleto de rapazes elegantes e de mulheres que a marquem e apontem, umas como a rival de todas, e outras como o alvo da mocidade que de dia *troteia* o soalho da Confeitaria Oriental e os passeios da rua Sarandí, e de noite filtra por labios affeitos a beijos de *Chartreuse* o fel das declarações torpes, o veneno que, mais tarde, matará de uma vez as illusões da mulher inexperiente, que imaginou um thesouro ambicionado e não passou de um pretexto, a que se reclinou a libertina vaidade de um dandy! Sim! Carmen não almeja o exclusivismo de um amor, deseja ser o alvo exclusivo de todas as attenções. A mulher é sempre assim: o que a domina, dos dezesete aos vinte annos, é o amor-proprio, depois o coração. Não tenho, por consequencia, de que me accusar; ella cumpre a lei a que nós todas pagamos irremediavelmente o tributo, eu não tenho forças para me não deixar morrer n'este deserto de familia, onde sou obrigada a pagar, com amor, com um amor sagrado—como o exigem os autores dessas convenções conjugaes—todo o indifferentismo de uma filha, que vive para deleite proprio, e o esquecimento e a inutilidade de um homem, que se diz meu marido, e que só representa um Banco, rico de titulos de divida publica, e escasso, até mesmo, de um beijo!...

E n'isto, o despeito cravou-lhe forte e pesada garra; enrugou-lhe a fronte. Os labios vibraram com o frio que lhe percorreu o corpo, e as pupillas dilataram-se, como se por ventura d'ellas quizesse chispar uma scentelha electrica.

— Veremos quem ha de ser o vencedor! disse entre dentes e entendendo a mão em direcção á porta: Se o teu amor por Carmen, se o meu despero e amor proprio commovido!

E como se tivesse, logo depois, a firme resolução de dormitar, cerrou repentinamente as palpebras, e deixou-se cahir n'uma laxidão de pessoa que a pouco e pouco se vae entregando ao somno desejado

Baldado esforço! Sentia calafrios, gelavam-se-lhe os pés e as mãos, ao mesmo tempo que enrubecia a epiderme á forte temperatura do leito.

Gosava sempre Dolores de uma saude de mulher de aldeia, d'essas saudes invejaveis, que são a consequencia de um cerebro desaffeito a escrupulos e a cogitações e de corpo regado pelo ar balsamico e cuidado com uma alimentação poderosa e revalescente.

A bem fallar, a esposa do coronel Alvarez Blanco sabia de segredos culinarios e manuseava, em dias festivos de familia e noutros de capricho mulheril, receitas de Vatel e Savarin.

Ia, ella propria, furtar attribuções á cosinheira, e, num *tour de main* de gente senhora do assumpto, batia umas *omelettes* especiaes, lindas de ver, appetitosas de tomar-lhes o aroma credencial dos meritos da autora.

Entre espirito e materia jogava, como nave em alto mar, a existencia de Dolores. O que succedia era que, quando a materia manifestava os seus phenomenos peculiares, o instincto sobrepujava a alma.

Ora, Dolóres não estava acostumada a conservar-se no leito por tantas horas.

Os rins principiavam a mortifical-a, como agulhas escondidas e revolucionadas dentro do corpo.

O estomago, já de minutos antes, entrava em titillações denunciadoras do costumario appetite.

Pousou, então, a mão sobre o botão electrico que lhe ficava á cabeceira, e esperou pela vinda da criada.

A servente entrou e á queima roupa recebeu esta ordem:

— Ajuda-me a vestir.

Correu á porta do aposento; chamou a si as duas azas do cortinado para evitar correntes de ar; disse comsigo que a senhora não andava, dias havia, com a cabeça no seu logar, e foi automaticamente obedecendo.

— Estes fidalgos — pensou — são sempre tolos! dizem-se doentes e, em vez de se deixarem ficar na cama, levantam-se e supportam um dia frio e humido como o de hoje.

A *toilette* de Dolores era a operação que mais conscienciosamente se effectuava naquella casa. Presidiam a ella escrupulos e meticulosidades perdoaveis numa senhora, que, todos os dias, passava minutos seguidos examinando o progresso das primeiras rugas e disfarçando-as á força de *cold-cream* e pó de arroz.

Quando, d'entre a roupa da cama, energia o pé esquerdo, chegou-lhe aos ouvidos, ainda que vagas e silenciosas, algumas notas da *romanza* de Palloni.

— Carmen está estudando? perguntou, continuando a sahir do leito. N'esse caso, — pensou, — Lucio já se foi.

E nisto, quando o collo se despia, ao mudar de vestuario, sumiram-se, por sob o linho da camisa, as curvas symetricas dos tentadores seios!

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

E' uma chapa dizer que o nosso theatro está perdido. Os bons actores vão envelhecendo ou morrendo, e nem um novo artista apparece que mostre vocação e muito menos habilidade. Só pretendem ser actores individuos que experimentaram todas as outras profissões sem acertar em nenhuma. O theatro no Rio de Janeiro é uma especie de refugio de peccadores.

Os emprezarios fluminenses recebem constantemente cartas como essa, que abaixo transcrevo, e da qual me fizeram presente na bilheteria de um dos nossos theatros. Leiam-na; no genero é um modelo, infelizmente muito commum:

« Tomo a liberdade de escrever-esta a V.ª Ex.cia pela primeira vez.

Servindo de pedire um grande favore em vista da grande enclinação que tenho a carreira theatral desejava muito um logare na sua acreditada companhia.

não fasso quistão de ordenado uma vez que chegue para comere e vestire estou satisfeito.

apenas ha um inconveniente que é eu tere apenas 17 annos de edade mais não Sera isto que dera motivo a V.ª Ex.cia não addemetirme.

desde já fico senseriamente agradecido pelos favores que espero de V.ª Ex.cia etc. »

E' tão tolo o postulante, que considera um inconveniente a sua mocidade.

*

Nos nossos theatros houve algumas novidades de que só fallaremos no proximo numero.

*

A Judic é esperada nesta cidade amanhan, domingo. Deveriam ir recebel-a a bordo todas as flores dos nossos jardins, todos os passarinhos das nossas mattas, todas as harmonias da nossa encantadora natureza! Salve, mam'selle Nitouche!— só bem vinda, espirituosa Niniche! Sem ti, morreriamos de aborrecimento!

X. Y. Z.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 22 MAIO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Dr. Domingos Freire	Paulo Augusto.
Chronica Fluminense	Marques Valente.
Marcha Funebre	Emilio de Menezes.
Um diario de amor	Placido Junior.
O Alphabeto	M. V.
Contos amazonicos	Amarante.
Fatalidade	J. de Moraes Silva.
Theatros	V.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. ANTONIO DIAS FERREIRA

DR. DOMINGOS FREIRE

O illustre brasileiro cujo retrato vem hoje honrar a galeria do *Album*, nasceu em São Christovam, nesta cidade do Rio de Janeiro, aos 5 de Novembro de 1849. E' filho legitimo de Domingos José Freire e de D. Lauriana Rosa Lucinda Freire.

Cursou o collegio D. Pedro II (Gymnasio Nacional), onde tomou o gráo de bacharel em lettras, matriculando-se em seguida na Faculdade de Medecina. Formou-se em 1869, aos vinte annos de edade.

Partio para a guerra do Paraguay como 2º cirurgião, e prestou relevantes serviços nos hospitaes de sangue de Corrientes, Tuyuty, Tuyucué e Paracué. Assistio ao cerco e á tomada de Humaytá. Entrou na expedição do Chaco, fazendo parte da vanguarda sob as ordens do glorioso Tiburcio, e assistio á batalha de Lomas Valentinas.

No hospital de sangue da villa do Rosario, onde tratava dos feridos d'essa batalha, soube que Lopez tinha sido morto em Aquidaban; no mesmo dia requereu permissão para voltar. Voltou com a patente de major.

Poucos mezes depois de chegar, em 1870, entrou em concurso na Faculdade de Medecina para um dos logares vagos de oppositor de sciencias physicas e naturaes: obteve um d'esses logares.

Um anno depois, tendo vagado a cadeira de chimica organica, occupada pelo barão da Villa da Barra, inscreveu-se de novo em concurso, sendo escolhido. Ainda hoje occupa essa cadeira.

Mezes depois de nomeado lente cathedratico, a Faculdade de Medecina escolheu-o para ir á Europa aperfeiçoar-se no estudo da chimica organica e estudar os melhores methodes de medecina; os resultados d'essa commissão constam de seis magnificos relatorios, por elle apresentados.

Havendo tres vagas numa das secções da Escola Polytechnica, e tendo elle sido convidado para preencher interinamente uma d'ellas, inscreveu-se como candidato a essa vaga; foi classificado, mas, contra todas as regras do direito e da justiça, não o nomearam. Esse acto do Governo provocou por parte da mocidade de todas as escolas do Rio de Janeiro uma reacção, traduzida por esplendida manifestação ao Dr. Domingos Freire.

O nosso biographado leccionou, durante muitos annos, no Lyceu de Artes e Officios, chimica organica applicada á industria e ás artes. O seu curso foi sempre muito frequentado.

Desde 1874 é medico do hospital de Nossa Senhora da Saude, logar para o qual foi dispensado das provas de concurso por Zacharias de Góes e Vasconcellos, que era então provedor da Santa Casa de Misericordia, e o tinha em grande conta.

Representou o Brasil no Congresso Medico Internacional de Bruxellas, em 1876, ao qual apresentou um importante trabalho sobre o uso do estanho nos artefactos domesticos. Nesse Congresso occupou a presidencia de honra da secção de pharmacologia.

De 1883 a 1885 foi presidente da Junta de Hygiene Publica.

Em 1887 representou o Brasil no Congresso Medico Internacional de Washington, que o nomeou vice-presidente da sua secção de hygiene. Apresentou ahi um trabalho sobre a febre amarella e a

vaccinação, trabalho que mereceu do Congresso que este o recommendasse á attenção de todos os paizes. Antes d'essa viagem aos Estados-Unidos, o Dr. Domingos Freire tinha ido á Europa, por sua propria conta, afim de apresentar os seus trabalhos ao mundo scientifico.

Sobre a importancia d'esses trabalhos escusamos insistir; elles são universalmente conhecidos, e cercaram o nome de Domingos José Freire da uma aureola cuja irradiação será eterna.

Desde 1880 Domingos Freire se occupou especialmente da febre amarella, sobre a qual tem publicado nada menos de vinte obras. Os seus estudos, apezar da viva opposição que encontraram, o que aliás succede a todas as ideias novas, deram uma nova phase á pathologia, ao tratamento e á prophylaxia d'essa terrivel molestia. Entretanto, desde 1883 que Domingos Freire pratica a vaccinação contra a febre amarella com autorisação do Governo, tendo já inoculado mais de dose mil pessoas com um resultado tão animador, que é para admirar não tenha o governo brasileiro dado o impulso necessario para a generalisação d'este meio preventivo de um flagello que tanto nos afflige, nos aterrorisa... e nos atrasa!

Benjamin Constant, quando membro do Governo Provisorio, deu a Domingos Freire a direcção de um Instituto Bacteriologico, destinado ao preparo da vaccina contra a febre amarella e ao estudo de outras molestias pestilenciaes. Até hoje não recebeu o Instituto a subvenção que lhe destinou aquelle patriota, e que o Congresso Nacional supprimio na sua ultima sessão. Vá o facto sem commentarios.

Entretanto, em 1887, quando Freire voltou da sua victoriosa viagem ao velho mundo, consagrado pelos principes da sciencia, as escolas superiores do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo reuniram-se e fizeram-lhe uma recepção estrondosa, seguida de uma sessão solemne no theatro D. Pedro II, durante a qual elle entregou a oito brasileiros escravisados as suas cartas de liberdade. O grande medico pedira que dessem essa applicação ao dinheiro destinado ás festas. Os briosos e enthusiasmados estudantes libertaram os escravisados, mas não deixaram de fazer a festa, e conferiram ao Mestre uma grande medalha de ouro commemorativa.

Antes d'isso, na passagem do paque e pelo porto da Bahia, os professores e alumnos da Faculdade de Medecina d'essa cidade tinham ido a bordo recebel-o, e, conduzindo-o á terra, dedicaram-lhe uma sessão solemne no edificio da mesma Faculdade, deram-lhe um grande banquete, e offereceram-lhe um riquissimo cartão de ouro, com dedicatoria.

Em 1890 partio Domingos Freire para Berlim, mandado pelo Governo, em companhia de outros collegas, afim de dar parecer sobre o tratamento da tuberculose pelo methodo Koch. N'aquella cidade, durante o tempo de sua commissão, expoz publicamente, diante das autoridades sanitarias da Allemanha, entre as quaes se achava o professor Koch, o seu processo sobre conservação de carnes, tendo obtido grande *successo* as suas experiencias. Tambem aproveitou o ensejo para apresentar á Sociedade de Medecina Interna de Berlim, a convite do celebre professor Leyden, as suas investigações sobre a febre amarella, tendo sido enthusiasticamente applaudida uma confe encia que fez a esse respeito. A' Sociedade de Cremação tambem apresentou uma dissertação sobre as vantagens do systema crematorio, finda a qual offereceram-lhe um banquete, em que foi muito felicitado. A Sociedade de Cremação fel-o seu membro honorario.

Realisou ultimamente uma viagem á Republica Argentina, para o fim de demonstrar o seu processo de conservação de carnes perante a Associação Rural de Buenos-Ayres, que o approvou. A Sociedade Medica Argentina dedicou-lhe uma sessão, a que elle presidio honorificamente.

Actualmente, no impedimento do conselheiro Ladislão Netto, occupa o logar de director geral do Museu Nacional.

Domingos Freire, além dos seus estudos celebres sobre a febre amarella, tem escripto mais de cem obras, comprehendendo theses, relatorios, compendios, monographias, memorias originaes sobre assumptos de chimica e medecina. Durante a guerra publicou interessantes estudos sobre os ferimentos por arma de fogo, e noticias clinicas sobre as molestias que reinam no Paraguay. Tem escripto sobre a natureza do cancer, cujo bacillo isolou; sobre o escorbuto, cuja origem microbiana iniciou; sobre a febre biliosa dos paizes quentes, na qual achou um bacillo causador da molestia; sobre a pereirina, cujo colorydrato introduzio na therapeutica; sobre o bromo, no qual achou um estado allotropico; sobre a jurubeba, na qual encontrou uma resina purgativa; sobre a fermentação das substancias gordurosas que mais tarde Van Fieghen confirmou, sem todavia citar o nome de Domingos Freire como autor da ideia; sobre o chena pentagonal da serie aromatica em chimica organica, hoje o ponto de origem de uma multidão de compostos que têm importancia na medecina e na industria, — e sobre muitas outras materias cuja numeração seria muito longa e enfadonha.

Domingos Freire é agraciado com o officialato da Rosa, o habito de Christo, a medalha geral da campanha de Buenos-Ayres, a medalha da Republica Argentina por serviços prestados na guerra, e a medalha de honra decretada pelo Conselho Geral da Guyana Franceza. Tem as honras de cirurgião-mór de brigada. E' membro da Academia Nacional de Medecina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Sociedade de Hygiene do Brasil, membro honorario da Sociedade de Cremação de Haya e da de Berlim, membro correspondente da Academia Nacional de Lima, do Circulo Medico Argentino, da Sociedade de Medecina do Buenos-Ayres, da Sociedade de Hygiene de Pariz, do Collegio Cirurgico de Philadel-

phia, da Academia Medico-Pharmaceutica de Barcelona, etc. Ultimamente foi nomeado membro do Congresso do Mundo em Chicago e official do governo dos Estados-Unidos.

Em 1890 Domingos Freire, que representava a ideia republicana no seio da Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, apresentou-se candidato á Constituinte. Teve uma bonita votação, mas não foi eleito. Ainda bem: Domingos Freire, o brasileiro illustre entre os mais illustres, não deve ser desviado do campo da Sciencia para o tremedal da Politica.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Velho amigo do Arthur Azevedo, não posso crer que houvesse propositalmente escolhido esta occasião para ir visitar a terra do vatapá para deixar-me a braços com a chronica de uma semana plethorica de factos, palpitante de interesse e de imprevisto.

Mas se de tão longe o não conhecera, palavra que o acreditaria.

Elle possue como ninguem a habilidade suprema, digamos o talento raro de despachar uma semana dessas com duas penadas simples e promptas. E' de pasmar a facilidade com que caricatura num calimburgo os factos comicos, com que com uma phrase autopsia os heroes impantes de importancia e faz a psychologia do momento politico com um grão de bom senso e dois grammos de bom humor.

A mim, me falta esse tranquillo fundo de bonhomia e risonho optimismo, qualidades provindas de um sangue calmo, de nervos disciplinados e de uma boa dose de experiencia da vida.

Deante de um runimol de factos graves, uns de escandalo, outros de magua, alguns de riso, perco logo as estribeiras da calma e da correcta impassibilidade do historiador que deve haver sempre no chronista e desato a bradar, a chorar, a rir, indignado, commovido, desopilado, envolto no tropel dos factos, atravez das tiras de papel, num turbilhão...

Ora isso não serve, maiormente no *Album*, folha ligeira, despretenciosa, sem outro escopo que fixar algumas physionomias graphicamente, physicas e moraes, e borboletear pelo jardim das lettras, que é o de Armida, se o compararmos ao da Politica — que o é das hesperides... ou o Zoologico, ás vezes.

Por isso o melhor é não dar chronica... Mas isto de fazer chronica dizendo não fazel-a, é expediente obsoleto, é chapa ultra-velha e me envergonharia de recorrer-lhe ao prestimo.

Ha um meio de conciliar tudo: narrar sem commentar, referir sem dedusir.

*

A's numerosas variedades jogatinaes com que se diverte habitualmente a população desta capital veio juntar-se durante alguns dias uma outra, novissima:—apostar pela confirmação ou não confirmação do Dr. Barata no cargo de prefeito pelo Senado.

Foi um jogar desenfreado, que diminuio de muito a renda das roletas, publicas e privadas. Ha muito tempo não viamos assumpto que tão viva e geralmente interessasse e entretivesse os espiritos.

Aliás, a causa é facillima de apprehender: a cidade em peso—vidas e propriedades — depende da escolha do cidadão que tem de occupar a Prefeitura.

E o Dr. Barata havia feito uma administração tão ruidosa, tão suggestiva de borrascas e discussões emquanto occupava interinamente o cargo, que o acto do senado de que dependia a effectivação ou annullação da escolha do chefe do Estado não podia deixar de pôr em polvorosa a gregos e troyanos.

O Sr. Dr. Barata, se é vaidoso, póde desvanecer-se de ter sido o seu nome o companheiro constante das refeições, das palestras, dos passeios e até do somno dos municipes. Durante alguns dias, era Barata no café, era Barata no pão com manteiga, era Barata no charuto, era Barata na conversa á porta das casas da moda, era Barata nos jornaes (então nos jornaes é que era Barata a valer!) era Barata no banho, era Barata no fundo do corredor, á esquerda, era Barata... em tudo! Era Barata de mais!

O Senado tanto comprehendeu isso que, misericordioso, *desbaratou*...-nos a todos e por uma vez, negando por 29 votos contra 16, a confirmação pedida pelo Sr. Vice-Presidente da Republica áquella nomeação.

Muito dinheiro se ganhou e, portanto, se perdeu em apostas.

Eu não perdi nem ganhei, porque não apostei e não apostei por haver a policia prohibido o jogo dos bichos.

*

Continúo a cada vez menos entender as cousas do Rio Grande do Sul. A minha opinião e a minha divisa a respeito dellas é curta, simples e italiana—*No capisco*.

Ao cabo de um quarto de hora de conversa com um castilhista, sinto-me tremelicante de horror ante as atrocidades dos federalistas e rubro de indignação contra os seus planos e designios; mas se posso, acto continuo, a confabular com um federalista, o horror e a indignação fazem uma vira-volta completa, assentando-se contra os castilhistas.

Do que dizem os jornaes e os deputados tomei a sabia resolução de não acreditar em nada. Para mim o que estes dizem *não se escreve* e o que escrevem aquelles é como se fosse dito por estes.

E o peior—ou o melhor, talvez—é que não espero chegar a saber a verdade sobre essa apostema que arrebentou na parte meridional da Republica, inundando-a de sangue e pús e *desinundando* o Thesouro de notas.

E não o espero porque não será de certo para os meus dias que se restabelecerá, com a calma completa a verdade inteira dos factos para dar logar ao veredictum da historia.

Outrosim, não espero nada absolutamente das louvaveis tentativas do Congresso para encontrar uma solução digna de ambas as partes belligerantes, que faça ponto nessa epopeia de heroismos, de horrores e de vergonhas.

Tudo será inutil. A solução unica ha de ser dada pela propria força impulsional dos acontecimentos—por desgraça nossa.

*

Neste logar faria o Arthur um trocadilho feliz ou teria um conceito justo e incisivo sobre essa caridade de nova especie—a dos que pedem para os que morrem e são feridos no Rio Grande do Sul... pertencentes ao campo federalista. A Politica tem decididamente cara para tudo. T'arrenégo!

*

Lá se perdeo no Mar Vermelho o *Almirante Barroso*.

Anda sem sorte a nossa Armada. Um anno, quasi dia por dia, após a perda do *Solimões*, a do *Barroso*, o mais brasileiro dos nossos cruzadores. Felizmente desta vez, pelas noticias até agora recebidas, a tripolação foi toda salva. Vão-se os aneis e fiquem os dedos...porque estes farão novos aneis.

*

Ruy Barbosa assumio a chefia da redacção do *Jornal do Brazil*, que se estava afundando tambem no mar morto da indifferença publica, e deu-lhe logo toda a vida que a pujança de seu enorme talento e o prestigio formidavel do seu nome communicam de subito, como por milagre—a tudo quanto toca, no mundo da intelligencia.

No redactor do *Jornal do Brazil* encontrámos e reconhecemos o mesmo grande jornalista do *Diario de Noticias*. Os trabalhos e provanças do governo não lhe tiraram á penna nem a rijesa adamantina do bico nem a levesa da emplumadura. Os seus artigos de reconstrucção não desmerecem dos seus cyclopicos artigos da phase demolidora. Applaudimos com palmas enthusiasticas a volta do grande mestre ás lides gloriosamente exhaustivas da imprensa e a esta, como á patria, felicitamos por esse evento.

MARCOS VALENTE.

MARCHA FUNEBRE

III

Encerraram-te aqui as cinzas veneradas;
Esta urna te contem, eternamente agora.
N'ella tambem existo, e as noites e alvoradas,
Passem, pouco me importa, ululando lá fóra.

Tenho-lhe a adoração das reliquias sagradas,
Pois este relicario onde o meu sonho mora,
Contém para a minh'alma as illusões passadas
E a pulverisação do teu perfil de outr'ora.

E'-me grato sentir, pelas noites sem termo,
Toda a apaziguação do meu tormento vario,
Tendo-te junto a mim a aclarar o meu ermo.

Tendo-te junto a mim, sob este alampadario,
E ver com que saudade e com que esforço enfermo,
Morre a luz em redor do teu incinerario...

EMILIO DE MENEZES.

UM DIARIO DE AMOR

A CICERO PEÇANHA

I

(Sob uma calma transparencia de luar)

Vio-me; vi-a. Era noite. O luar, claro, lactescente punha scintillações frescas de alvorada pelos caminhos.

Perdiam-se os ultimos rumores da vida no silencio aromado da noite, e ao longe o mar gemia acariciante, num murmurio tão leve, num espraiamento tão branco sobre a praia que eu jurei para mim que o mar tambem amava.

Entendeu-nos o céo, entendeu-nos, que eu bem senti nelle o profundo calor dos teus olhares!

E as estrellas? Ai que bellas, as estrellas que nos viam, arregalando o olhar, muito avidas, dessa avidez de olhos que amam... como nos fitavam... como nos seguiam...

E tudo amava em redor de nós, a natureza inteira soletrava o beijo, porque á noite é que o beijo canta, á noite é que gorgeia a alma, é á noite que se ama...

II

(Entre visões de sonho)

...E eu soletrava o teu nome, que ainda não entendia; por elle vinha tua alma para junto da minha e eu te encontrava no meu sonho.

DR. DOMINGOS FREIRE

Não era mais a sombra do teu corpo, a nevoa da tua belleza o que eu via, era uma fórma perfeita de mulher divina, o corpo sem defeito, o olhar languido de uma humidade capitosa de vinho e o labio vermelho de um rubro desabrochar de papoulas.

E mais te adorava, e mais te queria e mais fundo sentia no peito a ancia desse amor que me arrastava n'uma força attrahente de abysmo...

III

(Sob a caricia olorosa de um jasmineiro em flor)

Muito unidos, olhares desfolhando um extase santo, sem fallar, com as almas enlaçadas, pairando muito longe, junto á grade do parque nos achámos. A noite desenrolada tinha segredos imperceptiveis. No alto, estrellas medrosas piscavam sobre nós os olhinhos accesos. Tremiamos.

Affecto por affecto, sonho por sonho trocámos em silencio, como se a minha alma fosse para o teu corpo e a tua viesse para o meu coração. O medo andava perto. As tuas mãos frias, mãos finas de jaspe polido com relevos em coral nas pontas, perdiam-se entre as minhas. O silencio fallava. O desejo gritava dentro de nós. N'um impeto beijámonos...

Fugiste. O jardim, pelas boccas das flores, preludiou sorrisos. Rosas e magnolias, invejosas de tua bocca beijada, fitavam-n'a com avidez. E eu supponho que ouvi do fundo de um canteiro, a vozinha mystica de um myosotis cheio de magua, dizer n'um soluço: « Ah! se eu pudesse beijal-a tambem »...

IV

(Por uma noite fria, de uma nostalgia immensa)

Que triste desabrochou hoje o dia!

O sol não veio alegre como sempre despertar as flores com seus beijos de luz.

Dia humido e pesado. Pelo céo de um azul muito brando morria a *nuance* pallida de uma nuvem tenuissima, de muito alva espuma, como uma illusão que se desfizesse.

E o dia, de nostalgico, me entristeceu...

A tua imagem tambem me apparecia triste. Vinhas pallida, muito pallida mesmo, olhares mortos, gesto indeciso e molle e por sob os olhos negros uns tons de violeta tingiam-te o rosto.

Eu bem sei o que sentias...

Foi o beijo, aquelle beijo da vespera, que andou pelo teu labio toda a noite, como tambem andou queimando a minha bocca. Foi elle que arrancou teu somno... Maldicto... maldicto beijo...!

Como a mim, que me atormentou qual um assassino sequioso de sangue, foi tambem para a borda do teu macio leito, escondeu-se nas tuas pelles de marta e quando te sentio no conchego morno das coberturas alvissimas, sob a aza branca do cortinado, lá foi beijar-te a carne, beijar-te soffrego os cabellos, o collo recatado, as faces de setim, a bocca, a bocca polpuda e rubra.

E d'esse arrastamento do meu beijo pelo teu corpo, nasceu-a pallidez com que me appareceste, esse olhar morto com que me fitaste, humido, de uma transparencia de crystal polido...

V

(N'um boudoir aromado a sandalo)

. . . . . .

O nosso amor não cabe em nossas almas.

Cantamos. Vivemos como loucos num extase flexuoso de delicias.

Não quero mais o teu olhar, farta-me a tua bocca: quero o teu corpo, quero a tua vida.

Sei que minha serás, que cedo ou tarde, num cavatinoso modular de sonhos viveremos a vida feliz dos bons amantes.

Invade-me então, quando assim penso, a saudade do nosso primeiro olhar. Que delicia se voltassemos ao primeiro encontro!... Como é bom reler paginas lidas, como é santo pensar que aos primeiros passos no caminho nos detivemos com medo da jornada.

Agora para longe ao illusão. Tudo canta e sorri. Vamos sorrir tambem.

Pela estrada, onde flores esparsas aromam nossos passos, sigamos com os olhos na Esperança.

Os teus olhos que vejam pelos caminhos a felicidade branca dos sonhos felizes onde a amizade canta, como uma cotovia vibrando pelo céo o argentino frescor dos seus segredos.

E os meus olhos, pobres olhos sem luz de quem te adora muito, que pelos teus encontrem, n'esse calor purissimo que os banha, toda a calma alegria de um prazer eterno, cujas premissas já por elles descem na morna luz que os lava, eucharystica luz que me dá vida, accendendo o fogo da minha crença no sanctuario do meu Amor...

PLACIDO JUNIOR.

O ALPHABETO

(MONÓLOGO RECITADO PELO MENINO T., FILHO DO ESCRIPTOR M. V.)

Senhoras e senhores!
Oh! não se assustem, peço-lhes; porque
sou ainda o menor dos oradores
e só tenho uma carta — a do a, b, c.
E olhem que me custou a conquistal-a!
E' cousa bem difficil — o alphabeto!
Da grammatica, oh! disso nem se falla!
Nem fallarei tampouco: sou discreto.

*

Ora, imaginem Vossas Senhorias,
(ou antes: *Cidadãos, imaginae!*)
que tortura passar dias e dias
a decorar o *ot*, o *ui* e o *ai!*
Que massada metter-se na cachola
tanto rabisco torto e pernilongo!
Chorei mais de uma vez por ir á escola
têmendo os arreganhos do diphtongo!
Aprender a juntar as consoantes
ás vogaes para as syllabas formar;
as syllabas unir, por mais distantes,
e a palavra, por fim, pronunciar,
parece nada e é simplesmente o diabo!
(Peço perdão: retiro o diabo. Cabo
da *carta*, que fazia á gente horror,
deu, emfim, a Cartilha
de João de Deus, toda carinho e amor.
Felizmente na escola o sol já brilha

*

O alphabeto, em resumo, é um cacete.
A taes cousas dizer o que me anima,
assim com ares graves de um Aulete,
é que eu agora... já sei ler... por cima.
Habilitado estou p'ra deputado,
ministro ou senador;
mas tenho, meus senhores, meditado
e quero, simplesmente, ser... pintor.
Já pinto o 7, a manta, a saracura,
por mim, sem professor!
A minha vocação é p'ra pintura.
Não sahi a *papae*, que é litterato.
Vou retratar burguezes bochechudos.
Não ha que ver: atiro-me ao retrato.
Velhos commendadores barbaçudos,
meu pincel vos espera. Vou na tela
perpetuar-vos, rigidos e mudos,
com a *Viçosa* viçando na lapéla.
Treme, treme, oh! Petit!
E mais não disse. Fico por aqui.

M. V.

CONTOS AMAZONICOS

Não é, positivamente, como a Phenix, de mythologica memoria, a pobre litteratura indigena. Mas ha occasiões em que ella parece renascer das proprias cinzas.

O desmoronamento das antigas instituições abalava de alguma fórma a base sobre que a nascente litteratura firmava os primeiros passos, ou, o que é mais plausivel, o novo regimem, os enthusiasmos de momento, as novas idéas politicas, as novas crenças faziam-n'a esquecida ao ponto de se acreditar no seu aniquilamento precoce.

Emquanto entoavam hymnos ás instituições inauguradas, como que se ouvia resar o *Requiescat in pace* á morena virgem embalada, nos primeiros sonhos, ao rythmo das cascatas e á sombra das nossas florestas, robusta e esbelta como as mulheres viçosas das tribús mais fortes.

Fallava-se com saudade das esperanças que fugiam, das illusões que se apagavam. Não se avistava uma geração que pudesse substituir essa que se affastava e que conseguira levantar de alguma forma a litteratura contemporanea, e o seu nome e os seus feitos iam sendo esquecidos, pouco e pouco.

Taes receios, porém, e os máus vaticinios vem de encontro ao facto que se observa e que data de um anno a esta parte. Os novos escriptores apparecem e apparecem os livros novos como um incentivo aos que depunham a penna desanimados e que agora erguem-se de novo para a luta.

Depois das *Festas Nacionaes*, entre outros livros, depois dos *Vultos e Factos*, appareceu-nos o elegante volume edictado pelos Srs. Laemmert & C., *Contos amazonicos*, do Dr. H. Inglez de Souza que usou por muito tempo, illustrando-o, o pseudonymo *Luiz Dolzani*.

Esse bello livrinho de duzentos e tantas paginas, escripto num estylo que agrada principalmente pela simplicidade, constitue mais uma valiosa recommendação para o nome de que muito justamente gosa o illustre litterato.

Contém a obra nove contos de um fino naturalismo, caracterisado pela escolha do vocabulario e que perfeitamente nos identifica com a vida e os costumes, aliás bem conhecidos pelo autor do livro, do extremo norte do Brasil.

O *Album*, noticiando a publicação desse livro, congratula-se com o estimado escriptor por mais esta victoria conquistada por sua penna.

AMARANTE.

FATALIDADE

Por que é que eu vim aqui, porque motivo
Se não que o coração assim queria,
E ella veio tambem; quem lhe diria
Que me chamava a força de attractivo?

Nada estava previsto, este incentivo
Natural, esta facil alegria,
Este ornato, este templo, este almo dia,
Quem creou co'um poder tão sugestivo?

Não parece que eu vim para encontral-a,
Sem p'ra mais nada ver, só para vel-a,
E amor com tanto amor que é adoral-a?

E agora como então hei-de esquecel a,
Se em toda parte a vejo e lhe ouço a falla,
E sinto mais que a mim mesmo querel-a? ..

J. DE MORAES SILVA.

THEATROS

Hurrah pela Judic!

Temol-a na terra, a deliciosa e incomparavel *diseuse*, a deusa do *couplet* malicioso, a rainha do *vaudeville*.

Que mais dizer da Judic?

Ninguem ha que, de outiva ao menos, não saiba que ella é uma das celebridades parizienses mais legitimas e mais... antigas.

Oh! mil perdões! .. *Honny soit...*

A Judic estreiou-se com o vaudeville-opereta *Le brillant Achille*, musica do Varney, na noite de 24 do corrente. No proximo numero diremos mais de espaço sobre a *tournée* da grande comediante e a maneira porque o nosso publico se tem portado para com ella...e ella para com elle.

*

No theatro Apollo, após a *Tosca*, que foi um meio successo, e *Os jesuitas*, que foi um meio fiasco, representou a companhia dramatica portugueza do theatro Principe Real a ultima peça de D. José Echegaray *Mala raza*, traduzida por Affonso Gomes sob o titulo *De má raça*, e desta vez conseguio um successo completo.

O que é o novo drama do eminente, do genial autor de *Gran Galeoto* não temos espaço para dizel-o, infelizmente, com o cuidado e o vagar que demanda obra de tão alto merecimento.

Ensaiaremos, entretanto, esboçar largamente a intriga ou urdidura da peça. *D. Visitação* e seu marido *D. Nicomédes* haviam recolhido e adoptado uma pobre orphã, a quem educaram com algum cuidado. Veio-lhes depois uma filha, que mandaram educar em Paris. Adelina, a orphã (*Amelia Vieira*) tivera por mãe uma *desgraçada* e, se dermos ouvidos ao que affirmam os velhos esposos, tambem a avó e a bisavó haviam tido brado d'armas nos batalhões de Cythéra. Eis ahi a *má raça* de que procedia a orphã. Era preciso impedir que se juntasse á menina, que estava a chegar do collegio pariziense, innocentinha e pura. Por isso resolveram tiral-a da casa, mandando-a para a do sabio Sr. D. Prudencio, velho amigo da casa e grande apologista das doutrinas physiologicas da hereditariedade.

Mas Adelina ama Carlos, filho de D. Anselmo, irmão de D. Visitação.

Carlos declara que ella não partirá e pede-a em casamento.

D. Anselmo reluta a principio, mas, por fim, consente no matrimonio. Assim termina o primeiro acto, que é primoroso, admiravelmente bem feito.

Casam-se e adoram-se. Agora está toda a familia a banhos em uma praia da moda. Alvaro ausenta-se em excursão eleitoral e em sua ausencia um terrivel acontecimento se realisa. Certa madrugada os banhistas madrugadores viram saltar da janella do quarto em que dorme Adelina um homem que foi reconhecido ser D. Victor, marquez de Caracoles, ou cousa que o valha. D. Anselmo, o austerissimo velho, que, com sua mulher, morava na mesma casa em aposento contiguo, *tambem vira*. O escandalo foi enorme. Chega Carlos, alegre, radiante, victorioso: fora eleito deputado! E quando se atira aos braços da esposa, seu pae, cumprindo stoicamente um dever de honra, brada-lhe que Adelina era indigna de seu amor, porque o deshonrara. Conta-lhe tudo. Desespero de Carlos, que luta entre a confiança que tem em sua esposa e a que deposita na palavra e na honradez de seu pae. Interroga a esposa; ella nada sabe, nada vio... e chora... chora... quando reconhece que até seu marido, o seu unico amparo, della duvida e a maltrata e injuria com suspeitas infamantes. Carlos, vendo que ella não se justifica, vae, desvairado, louco, afogal-a entre suas mãos, que o desespero crispa, quando alguem se precipita, bradante. E' Paquita, segunda esposa de D. Anselmo e muito mais moça do que elle. E' Paquita, que declara que a culpada é ella, que o marquez estava occulto em seu quarto e que saltara pela janella do de Adelina porque D. Anselmo entrava naquelle.

Carlos pede perdão á mulher e quando todos esperavam que elle a repudiasse, irado, vêm, pasmados, que elle a abraça e beija, proclamando-a innocente! Innocente, quando o facto delictuoso fora real, presenciado por tantas pessoas! O amor cegava de certo o esposo até fazel-o esquecer a honra.

Mas D. Anselmo é que não podia esquecel-a. Não se conforma á situação. Toda a gente chasqueia de seu filho e até as gazetas fazem *sueltos* e anedoctas em que elle figura como um Dandin qualquer, dos *mansos*. Não, D. Anselmo, que não suspeita, sequer um instante, de sua mulher, não comprehende aquella situação e quer que ella tenha por força uma solução digna, compativel com as tradições de honra da familia. Por seu lado, Carlos debate-se em desespero entre as pûas deste dilema: ou calar a verdade, para poupar seu pae, que a deshonra mataria, e cobrir-se com toda a lama que o crime de sua madrasta atirara ao seu nome e deixar que sua virtuosissima esposa passe por uma adultera impudente, ou revelar tudo e matar seu pae de dor e vergonha!

Comprehendendo que o marquez não devia viver, Carlos desafia-o e fere-o mortalmente.

A situação torna-se intoleravel.

Carlos sente que é uma crueldade, criminosa até, deixar que a calumnia macúle assim o nome de Adelina, mácula que passará ao nome do filho que traz no ventre—ideia essa que horrorisa a pobre mãe, victimada pela tradicção infamante da sua *má raça*. O marquez, sentindo-se proximo da morte, escreve a Paquita confessando-se o unico culpado e declarando-a innocente, e envia-lhe essa carta em sobrecarta endereçada a Adelina.

Mas D. Anselmo vê esta recebendo tal carta, surprehende-a começando a lel-a, exige que lh'a entregue ou que a leia alto, acreditando sempre ser Adelina culpada e exultando por haver, finalmente, achado a prova da sua culpa. Chama o filho e diz-lhe que peça aquella carta á esposa... Com pasmo observa que, havendo esta lhe dito uma phrase (a phrase era esta: *E' de Victor para Paquita.)* Carlos immediatamente muda de aspecto e nada faz. Então o pae desvairado atira á face de Carlos um insulto horrivel perguntando-lhe, quando elle se refere ao nascituro filho, se está bem certo da sua paternidade. Carlos, como um louco, arranca a carta das mãos da esposa, que, preferindo sua deshonra á do pae de seu marido, não lh'a quer dar e entrega-a a D. Anselmo. Este lê, cambaleante, entra Paquita, vae a atirar-se sobre ella, o filho impede-o, declara que matara o marquez em duello e, como este confessava a innocencia de Paquita na carta, não ha motivo para nenhuma outra desgraça e cae o panno.

Eis o *canevas* desta peça extraordinaria. Mal sobe o panno para o primeiro acto, a pujança herculea do dramaturgo empolga a alma do espectador e até que o panno caia sobre a ultima phrase do ultimo acto, não a deixa mais, brinca com ella como um tigre com um coelho, atira-a de emoção em emoção, de mais forte em mais forte, de surpresa em surpresa, qual a mais bella e imprevista. Mas tudo isso dentro de um circulo ferreo de logica e verosimilhança, dando aos caracteres um relevo enorme, fazendo os seus personagens agir impellidos pela corrente dos factos, de modo imprevisto ás vezes mas sempre explicavel pela gravidade das circumstancias ou originalidade dos caracteres.

Qual a these da peça? Não parece tel-a ao primeiro exame; e isso só lhe redunda em elogio, porque as peças de these são geralmente falsas. Mas tem-n'a inclusa, immanente na propria acção e é que a hereditariedade moral, se é um facto, uma verdade que a sciencia determinou, não se revela senão quando o meio lhe facilita a eclosão. Assim, Adelina, que é de indole meiga e boa, poderia vir a ser uma impura como sua mãe, se não amasse a um homem bom e honrado e não fosse amada por elle. Um amor verdadeiro e casto extingue o germen malefico da devassidão, porventura transmittido no sangue. Nada mais verdadeiro.

A peça *De má raça*, feito o desconto da *fougue* excessiva, propria do genio hespanhol, é um primor de pujança dramatica, singelesa de entrecho, logica de acção, desenho de caracteres e bellesa de dialogo.

E', como talvez quasi todas as obras de Echagaray, um corollario do *Gran Galeoto* A mola de *Mala raza* é ainda a calumnia, a horrivel força probante das meras apparencias, a caturreira imbecil da maioria, a imprudencia descuidosa dos bons.

Não tem a genial philosophia de *Gran Galeoto*, mas não lhe é inferior em vigor dramatico e bellesa de situação. Numa palavra — *De má raça* é a peça de um dramaturgo em que ha tres partes de D'Ennery, duas de Shakespeare e uma de Calderon.

Quanto ao desempenho — foi digno da peça. Amelia Vieira revelou-se-nos mais uma vez em papel difficillimo e um pouco fora de suas cordas, — como se diz na gyria dos bastidores, — actriz sem rival na lingúa portugueza para as peças de grande vigor dramatico. Dou por bem empregadas as luvas que rompi applaudindo-a. E' tempo que a nossa critica (?) dê a esta actriz o logar que lhe compete.

Alvaro tem em D. Carlos um de seus primeiros, talvez mesmo o seu primeiro papel. Echegaray abraçal-o-ia se visse a interpretação que lhe deu. Salazar não conseguio dar ao typo de D. Anselmo a altivez senhoril e a fidalga probidade que o papel exige. Costa foi um perfeito D. Prudencio. D. Elvira deu-nos uma Paquita um pouquinho secca de mais, mas correcta. Gil e Margarida Lopes deram boa conta de seus papeis.

Agora só resta ao publico, que tanto applaudio o *Gran Galeoto*, mostrar que ainda é o mesmo, indo applaudir, em massa, o drama *De má raça. Tiens ! ça rime !*

*

Mais duas primeiras: — No Recreio Dramatico *O homem peixe*, comedia de Alexandre Bisson, recente successo pariziense, e no Polytheama pela companhia de que são emprezarios E. Garrido & C. *A volta do mundo em 80 dias.*

Diremos dellas no proximo numero.

*

Nos demais theatros tudo velho.

V.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 23 JUNHO DE 1895

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Dr. Antonio Dias Ferreira	Amarante.
Chronica Fluminense	Marcos Valente.
Noiva morta	Luiz Rosa.
O Chale	Adelina Lopes Vieira.
Marcha Funebre	Emilio de Menezes.
Manhan na roça	Virgilio Varzea.
Marina	Americo Lobo.
Amor de Primavera e amor de Outomno	Alfredo Bastos.
16 de Maio	Placido Junior.
Theatros	V.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO

DR. ANTONIO DIAS FERREIRA

O distincto cidadão cujo retrato hoje figura na galeria do *Album*, é bastante conhecido e estimado pelo seu merecimento scientifico e pelas suas virtudes civicas.

Como homem privado goza egualmente do melhor conceito. Recommenda-se muito pela caridade; os seus serviços medicos estão sempre á disposição da gente pobre. E' um homem de quem se dirá, como do justo da Escriptura: *Transiit benefaciendo.*

*

O Dr. Antonio Dias Ferreira nasceu na provincia hoje estado do Rio de Janeiro, em 1850, e é filho legitimo do coronel Miguel Rodrigues Ferreira e de D. Maria Rosa do Espirito-Santo Ferreira.

Formou-se pela Faculdade de Medecina d'esta capital em 1873.

Exerceu, no antigo regimen, diversos cargos de confiança, entre os quaes o de delegado da Instrucção Publica.

Foi vereador na ultima Camara Municipal do Imperio.

Eleito intendente municipal pela freguezia da Gávea, occupa, com muita competencia e muita dignidade, o cargo de presidente do respectivo Conselho e, neste momento, o de prefeito interino, por força d'aquelle cargo, emquanto não é nomeado substituto ao Sr. Dr. Barata Ribeiro.

AMARANTE.

CHRONICA FLUMINENSE

Póde-se dizer que nesta semana andou o sagrado enrodilhado com o profano.

A demissão pela Santa Sé do venerando Conde de Santo Agostinho de pastor do bispado de Rio de Janeiro emocionou notavelmente esta ex-heroica. (Não empregámos o adverbio *profundamente* para não faltar á verdade: não sei de cousa nenhuma que possa emocionar profundamente a nossa archi-indifferente e ultra-pacifica cidade).

E o caso não era para menos.

O Sr. D. José é um prelado dignissimo a todos os respeitos de occupar o solio episcopal. Virtuoso, intelligente, illustrado, activo, modesto, desveladissimo pelo bem do seu rebanho, os serviços por S. Ex. Reverendissima prestados ao mesmo, deviam ter outra recompensa que não a demissão brusca e injustificada, embora disfarçada em uma falsa renuncia supostamente apresentada por S. Ex. e acceita pela Santa Sé e attenuada com um arcebispado *honorario*.

A imprensa, por um bello movimento, ergueu-se em sua maioria para protestar contra essa clamorosa injustiça e grave erro a que as intrigas levaram a boa fé do Santo Padre.

O Sr. Esberard, nomeado arcebispo do novo arcebispado do Rio de Janeiro, foi co-proprietario do *Brasil*, o orgão de reacção monarchica, e nelle,

consta, fez politica clerical contra as novas instituições. Não é certamente com sympathia e benevola espectativa que as ovelhas vêm chegar o seu novo pastor e que se hão de sujeitar ao seu cajado.

Na Camara o Sr. Dr. Matta Machado fundamentou, com geraes applausos, um requerimento de informações ao Governo sobre esses recentes actos da Santa Sé. Approvando a intenção, não chegamos a bem comprehender neste regimen de separação entre a Egreja e o Estado o que tem este a ver com os negocios de Roma e da sua egreja.

Se não ha mais Padroado nem o *placet* do Governo aos decretos papaes, se o Estado não tem mais religião, como e porque pedir ao Governo explicações a tal respeito e, menos ainda, tentar responsabilisal-o pelos erros do Vaticano?

O que ha muito via e reconheço agora, é que esta separação de Egreja do Estado com legação junto do Vaticano, pagamento de congruas, conservação de capellanias militares, etc., é uma separação *para positivista vêr*, apenas. Mais valéra conservar as cousas no primitivo estado. Teria ao menos o merito da franqueza e da lealdade.

*

Do Rio Grande do Sul vae-se falando cada vez menos. O horror tambem cança. As noticias dos acontecimentos bellicos chegam-nos com a confusão e contradicção de costume, de sorte a deixarem um pobre homem perplexo e incerto, sem saber se a «revolução está estrangulada», como affirmam os castilhistas, ou se as tropas federalistas estão se refazendo e «mostram-se muito animadas.»

A Camara, após haver rejeitado a moção parlamentarista do Sr. Demetrio Ribeiro, rejeitou o projecto do Sr. Serpa, que havia sido acceito para ponto de partida e base de discussão de um meio constitucional de intervenção pacificadora nos negocios do Rio Grande.

Constou que a maioria encarregara o deputado L. B. de descobrir esse meio. Encontrando-me com esse meu velho amigo, perguntei-lhe se já havia achado o tal dito meio. «Pois não, respondeu-me: — mandar mais um batalhão para o Sul.»

E, desgraçadamente, parece que não ha outro, uma vez que a União commetteu o erro e a imprudencia de ter intervindo na luta, a favor de um dos partidos.

*

Estão voltando a estar em moda os incendios, como no tempo da *Crioula* e do seu commandante circumscriptor.

Desta vez foi o grande edificio da Companhia Editora a victima das chammas.

Os prejuizos são enormes, ao que se diz e, ao que se diz tambem, o incendio não foi tão casual quanto fora para desejar.

A *Editora*, coitada, era digna de melhor sorte. Editava pouco e mal, valha a verdade; mas tinha tão boas intenções!

Talvez que, se não a liquidasse o fogo, puzesse em pratica as referidas intenções boas.

*

Temos o frio em casa.

E' pena que haja feito a sua entrada triumphal com acompanhamento de chuva, lama e defluxões.

Como isso, porém, constitue a felicidade dos donos de carroagens, dos medicos, dos pharmaceuticos e do Sr. Conde de Herzberg, por mais enlameado e pneumonisante que seja o inverno, ha de ter muitos corações a abençoal-o.

... menos o de

MARCOS VALENTE.

NOIVA MORTA

A DOMINGOS MAGALHÃES

Morta:... Sim, meu amor! Tenho-te calma
Tenho-te fria, fria no meu peito,
Postas as mãos, o riso já desfeito,
Tenho-te muda dentro da minh'alma.

Teu labio a minha séde não acalma,
Já não gozo a brancura do teu leito:
Morta, o teu corpo lyrico e perfeito
Lembrava um sonho quando o vôo espalma.

Mas, na agonia, no desejo ardente
De ver-te, hão de ir as illusões formosas,
Bem como plumas pelo ar esparsas;

Hão de chorar-te as aguas da corrente
Emquanto o prado florescer em rosas,
Emquanto houver no céo azas de garças!

LUIZ ROSA.

O CHALE

Eram felizes. Tinham, sommadas as edades de ambos, cento e vinte annos, e á força de viverem um ao lado do outro pareciam-se como se fossem irmãos.

João deixara a fabrica para descançar, emfim.

Joanna tomava sosinha conta do *ménage*.

Pouco tinham: dous ou tres livros, moveis polidos e com todos os angulos arredondados e luzidios pelo tempo, e um chale, um rico chale, comprado

com sacrificio e ventura por João para o dia do noivado; chale que ainda parecia tornar Joanna formosa e que no inverno impiedoso, estendido sobre o leito, dava calor aos sonhos desse par de rolinhas ideal.

João, inactivo, sahia a passeio pelo campo e sentia um ingênuo prazer em contemplar a natureza, em aspirar os perfumes, em ouvir os estremecimentos das azas das avesinhas.

Um dia, julgou sentir rangerem-lhe os ossos e ergueu o corpo com força, como um lutador que estivesse por muito tempo subjugado; subia-lhe ao cerebro uma chamma mesclada de ternuras... de desejos... Durante esse relampago, passou por elle uma rapariga formosa, que o olhou de um modo provocante... João seguio-a.

Algum tempo depois, *as bôas linguas*, as amigas officiosas de Joanna, foram dizer-lhe com a consternada voz das circumstancias:

— Joanna, teu marido tem uma paixão, engana-te.

A noticia suffocou de dor a pobre Joanna, mas a santinha velou de castidade o seu triste pensamento e respondeu... sorrindo:

— Quêm quer o encontra por ahi, não é verdade? Pois bem, á noite volta para mim e eu tenho muita alegria em tel-o ao meu lado para poder ralhar-lhe.

— Mas elle ama outra.

— Ama-me a mim muito mais; perdoemos-lhe o erro, até que esse erro cesse, e, como certamente não cessará sem perturbações e dores, eu quero que elle me encontre então como hoje, a mesma sempre!

— Joanna, olha ao menos para as despezas, as economias acabam... quem vos acudirá na miseria?

— Eu trabalharei. Donde tirámos nós esse dinheiro? Dos seus longos suores... Póde pois dispendel-o; pertence-lhe. Agora eu, por meu turno, devo ajudal-o com o meu trabalho; tenho graças a Deus braços e olhos. Tudo se arranjará.

— Cuidado, Joanna. Olha que o teu relogio de ouro já está empenhado.

— Melhor, póde lá ficar. Estou velha, de que me vale saber que hora vae soar? E' talvez, quem o sabe? a hora da partida.

E a velha esposa espreitava nos olhos do marido os progressos da dor que o torturava, e pensava:

— Pobre amigo! As raparigas são quasi sempre crueis para os velhos; querem delles o luxo e a satisfação dos mil nadas em que resumem a sua louca alegria. Como elle pouco já tem, a perversa trata-o mal... E' até capaz de matar-mo.

Nada mais resta.

Já não ha que empenhar, e João não ousa de modo algum apresentar-se em casa da sua bella deshumana; tem medo que ella vendo-o, com as mãos e as algibeiras vazias, o receba com indifferença ou, maior dor ainda! lhe ria em face.

De repente, o seu olhar torna-se fixo, espantado, procura em volta algum objecto de valor; de subito, pára, brilha, que vio?! O chale, o presente do noivado sobre a cama, que torna ainda brilhante com o seu humilde esplendor, sobre a cama que aquece como um ninho, emquanto a terra se cobre de neve.

— O chale! E' bello! Vale muito dinheiro...

Joanna vê, comprehende aquelle olhar; opprime-a uma angustia atroz; estala-lhe o coração...

João hesita... calcula... talvez... sacode com energia a cabeça branca, e afasta das grandes flores amarellas do chale os olhos humedecidos... fita-os no chão... depois sae, lentamente, com as mãos vazias.

Joanna ficando só, chora sobre o leito respeitado...

— Ah! que medo tive! Meu Deus! se elle o tivesse levado! Tudo acabaria! O meu chale! Elle não o levou não, não o levou... Como sahio tremulo... pallido!... Soffria! Ah! o velho amor venceu o outro... mas como o seu pobre coração sangrou!... Não levou o meu chale!! Cruel! estarei eu contente emquanto elle chora? Tem a cabeça tão fraca! Quem sabe qual foi a idéa que a fez sahir agora... Iria á casa da... outra? Parecia desesperado... tenho medo! E se essa mulher o expulsar? Pobre alma! E se a dor o fizer buscar a morte? João, João para que me poupaste? Aqui tens, toma o chale, vae, vende-o ou empenha-o...

E, delirante, a boa Joanna arranca do leito o chale e sae.

Eil-a na rua.

E' elle! Defronte, alli, n'aquella janella illuminada tem João os olhos e a alma presas.

Aquella janella parece uma ardente mancha côr de rosa na fronte negra da noite.

E' a casa da... outra.

Joanna, vae-te embora, elle sobe, vae-te Joanna... que vergonha!... Joanna, vaes gelar ahi... a neve envolve-te!... Que frio intenso!...

Todos os ossos estão transidos... todos os corações afogados...

Os transeuntes semelham sombras que fogem escondendo as cavidades dos olhos cheias de chuva. Que esperas Joanna?

Ella adivinhou. Expulsaram o infortunado velho! Eil o que desce cambaleante, livido, como que insensivel.

— Expulsal-o! Com um tempo destes! pois é possivel? Oh! estas mulheres não tem coração!

Ao peso do inverno e da edade, — outro inverno ainda mais sombrio e amargo, — elle, como um cego, vae arrastando a sua agonia, sinistro, subitamente curvo, castigado! Encosta-se ao muro, tomado do frio e do remorso, e exclama:

— Senhor! piedade! a morte! a morte!

Nisto sente cahir-lhe sobre os hombros regelados um longo e morno manto que uma mãosinha aca-

riciadora lhe prende ao pescoço, cuidadosa... levando-o suavemente até a casa.

E' a esposa, que, com um olhar joven e amante, curva sobre elle a cabecinha branca, não como a neve que traz o frio traidor e subtil, mas como a florida macieira de um Abril eterno.

Ella sorri... encontram-se de novo as suas mãos tremulas e eil-os, como no tempo dos primeiros ardores, envolvidos nas amorosas pregas do chale que elle não ousou vender.

Olham-se; ella é mais bella, ella é mais amada ainda que no tempo da sua plena juventude; elle, sente-se bem! feliz! perdoado!

E ambos mudos e unidos choram longamente.

*

Termina aqui a formosissima historia traduzida do admiravel livro de contos em verso de Paul Delair, intitulado—*Contos d'apresent*— Ha nella um bello exemplo de rara abnegação e amor conjugal.

Quanta vez um olhar cheio de doloroso perdão faz voltar de errado trilho um coração que nos pertence e é toda a nossa ventura! E' amando, amando muito como Joanna, que suavisaremos as agruras da nossa estrada, amenisada muitas vezes por suavissimas compensações.

ADELINA LOPES VIEIRA.

MARCHA FUNEBRE

IV

Resurgiste afinal n'essa gloria suprema
Com que has de eternisar minha vida e a tua;
Pois por ella é que escrevo e trabalho o meu poema,
—O poema em que noss'alma idyllica fluctua.—

Resurgiste afinal! — Não mais minh'alma trema
Ante o frio glacial d'essas noites sem lua
E esses dias sem sol de uma anciedade extrema! —
—Pois vieste e veio a luz que em ti se perpetúa.

Aqui me tens do dia em que venceu-te a doença.
Desde que te partiste aqui me tens clamando
Pela volta da luz, pela tua presença...

Aqui me tens tacteando, aqui me tens luctando!..
E ai!—não viesses tão cedo!—Eu não sei se ha quem vença
A um cortejo de treva, uns funeraes cantando!..,

EMILIO DE MENEZES.

(*Poemas da Morte*).

MANHÃ NA ROÇA

E' plenò inverno. Aqui e alem, gallos acordam, cantando, ás primeiras claridades dc dia. Vapores diaphanos diluem-se aos raios de ouro do sol, que rompe e purpurcia o nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-se da floresta uma orchestração triumphal e alegre. Despertam de subito, ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas. Abrem-se as casas.

Pelos terreiros, humidos da serenada da noite, homens de cócoras, em camisa, de cangirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas tetas das pacientes e mugidoras vaccas que criam, amarradas aos finos páus das parreiras, e que, expellindo fumaça no ar frigido, ruminam ainda restos de grama, n'uma mansidão ingenua de animal digno. Mulheres de chales pela cabeça chamam as gallinhas, com um ruido secco de beiço tremido, fazendo «brurrr...» e sacudindo-lhes mão cheias de milho e pirão esfarellado.

Um carro atopetado de raizes de mandióca, arrancadas de fresco, empoeiradas, tortas, com o aspecto e a cor exquisita das plantas que se avolumam e vegetalisam enterradas — chia monotonamente, em direitura ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho, chilreante e aromatisado por florações vigorosas e germinativas, pelas emanações do gado e pelo cheiro acre das laranjas vermelhas, que cahem de maturidade.

Cantigas rusticas, amorosas, de uma sinceridade ingenua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-se á alacridade do campo. E pela compridão magestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das rézes.

VIRGILIO VARZEA.

MARINA

Ellas brincavam pelo mar em fora,
Cabellos soltos, ao raiar da aurora,
Duas irmans tão gemeas e ideaes,
Duas estrellas que não brilham mais.

Eu as vi sobre as ondas como flores
Em manso lago sob um céo de amores,
Da luz sorrindo aos beijos matinaes,
E ellas, tão cedo! não sorriem mais.

Os seus olhos, uns vivos diamantes,
Esparziam á flor de seus semblantes
Visões mysteriosamente astraes
E os lindos olhos iá não falam mais.

Anno I O ALBUM Num. 23

DR. ANTONIO DIAS FERREIRA

Ellas cantavam doce e tristemente
Um dueto de amor que não se sente
E que se esvae perdido em frouxos ais...
Dulia celeste que não sôa mais.

A espuma que aljofrava seus pesinhos
Na praia, á luz do sol, tinha carinhos
E um não sei que de acreos madrigaes.
E a espuma os seios lhes não lambe mais.

Na vaga, como perolas trementes,
Ondeavam seus corpos innocentes,
Rescendendo esse olor de laranjaes,
Que o mar chorando não aspira mais.

A mão do pescador colher não ha-de
Tanta candura, tanta virgindade
D'esses dois passarinhos que os pombaes
Buscaram, d'onde não se volta mais!

AMERICO LOBO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

VII

Lucio entrara na sala de visitas precisamente no momento em que Carmen principiava a executar ao piano os primeiros compassos do *romance* italiano.

A posição do instrumento favorecia a estrategia; e, pois, o moço deixara-se ficar de pé, immovel, decidido a não se deixar sorprehender nem denunciar, nem mesmo pela respiração.

Agradava-lhe ouvir a execução d'aquelle trecho musical e, ao mesmo tempo, queria ver se Carmen, effectivamente, pronunciava o italiano, como lhe dissera Carrero, com toda a inflexão de um romano e de romano culto.

A's phrases primeiras deu, a executante, interpretação inquestionavelmente correcta.

A' firmeza de pulsação alliava a simplicidade de uma dedilhação elegante, d'esse modo especial de ferir a tecla, com o gesto de um carinho de amante.

Durante este episodio musical, Lucio, sem esquecer o que lhe diziam os dedos da *virtuose*, estudou-lhe pausadamente os movimentos ondulados do corpo, elegantemente sumido n'um vestido de córte apurado em gosto e feitio. Não lhe via os pés, mas de quando em vez, á voz crescida do piano, dizia, comsigo, que, de certo, pousavam nos pedaes, e ao movimento da cabeça adivinhava-se a profundeza de interpretação, não casual, porém meditada como verdadeira traducção de um bello pensamento musical.

E desde logo, a *mezza-voce*, principou Carmen a cantar, receiosa, timida! O medico inclinou o corpo, como receiando perder a pronunciação dos versos. Carmen não fallava; respirava, a um tempo, musica e poesia.

E n'aquelle modesto tom de voz, na surdina do acompanhamento, previa-se o respeito da filha que não deseja prejudicar o repouso da mãe enferma.

Um vago de idealismo, tão proprio da natureza de uma oriental!

A posição de corpo que tomara Lucio favorecera-o para que nova sorpresa, ainda mais, o intrigasse!

A executante ainda não havia dado volta á pagina; por consequencia, devia existir, em linha inferior á do titulo do *romance* a phrase que elle mesmo havia escripto antes: «*Noi ci ameremo ancora!*»

Procurou; não a viu. Devia ser da distancia — pensou. Aproximou-se, como um felino experiente, calcando ao de leve o tapete. A alguns passos, foi manifesta a verdade.

O titulo, que escrevera, tinha desapparecido.

— Comprehendo! — disse comsigo — ou este não é o exemplar da musica, em que escrevi, ou Carmen fez desapparecer esse subtitulo com duas pinceladas de gomma elastica. E' o mais provavel! Mas... ou muito me engano, ou não lhe sou indifferente! A minha experiencia de trato com mulheres segreda-me até que Carmen parece amar-me com mais intensidade que eu mesmo. E' moça; naturalmente timida, e espera que eu lhe declare os meus sentimentos. Dado isto, succeder-lhe-ha o mesmo que a todas de sua especie, que estão impressionadas por um homem: expandem-se n'um enthusiasmo, *deitam* idealismo, respiram-n'o de modo que até será difficil corresponder a elle. Em verdade, fez bem em destruir aquella phrase.

Dolores podia vel-a casualmente. Faria um interrogatorio: quem a escrevera? — quem foi? quem não foi? Decididamente não podia ter sido Carmen a autora. Não era tão ingenua para dar um subtitulo á musica! N'esse caso, havia um autor e um cumplice.

O autor não poderia ser outro se não Lucio ou o *monstro* com quem Carmen dansára, durante quasi todas as horas do sarão. Ora, evidentemente, o *monstro* não se atreveria a tanto, embora—como affirmava Dolores — fosse elle o eleito. Não sabia o italiano! se não sabia mesmo nem o hespanhol, a lingua patria! Sim! Carmen procedera com tino e juizo. Se a mãe tivesse conhecimento d'aquella phrase, teria mathematicamente a denuncia do seu amor; cahiria, então, em contradicção, á vista do que antes declarára a Dolores — isto é, que não amava Carmen.

Foi toda a conjéctura a que se deu. E como homem, satisfeito do seu raciocinio e mais ainda do procedimento bem inspirado da mulher que amava, sorrio, applaudindo-se *in petto* e esperando pelo final do *romance*.

— Se o homem — dizia comsigo — tivesse a agudeza de espirito de que dispõe a mulher, de ha muito teriam os povos evitado grandes males. A mulher é o *electrometro* das previsões!

O acompanhamento da idéa musical seguia em *tremulos* e, pouco a pouco, piano e voz diminuiram o andamento. A ultima nota perdeu-se como o ponto final da peça, emquanto a executante ainda se demorava na mesma posição, attenta, como se por ventura esperasse pelo écho da derradeira expressão musical.

Lucio não se conteve. Fascinava-o aquelle abandono da artista; tinha a languidez dos tristes, dos sonhadores e dos idealistas que buscam no espaço o *oasis* longinquo das suas aspirações, e ao qual parece difficil abordar. Um movimento nervoso tomou-o de sorpreza; e quando, talvez, a razão lhe poderia aconselhar prudencia, obedeceu ao impulso d'essa desconhecida e irresistivel força.

— Bravo! — foi a sua palavra, pronunciada com expansão admirativa.

Carmen podia assustar-se. Não lhe succedeu isso. Voltou-se, com apparencia de sangue frio, raro de ver n'uma mulher, e agradeceu com um movimento de labios, por entre os quaes se escapára, á meia voz, a palavra de agradecimento: — *gracias!*

E, como tivesse adivinhado a presença do doutor e esperasse pelo applauso, revestiu o semblante de ar indifferente e glacial.

Fechou o exemplar do *romance;* atirou-o com desprezo para sobre a estante proxima e ergueu-se, como quem se queria afastar do salão.

Lucio não pretendia retirar-se, tão seccamente despedido. Deu alguns passos; queria fallar e faltou-lhe a voz. Era de ver o antigo *leão do bairro latino* de Pariz, dominado pela rola singela e innocente do lar.

E' que as naturezas fortes acobardam-se ante a franqueza da mulher, que de si respira a frescura da juventude immaculada.

— Que tem, Carmen? — interrogou o moço procurando a razão d'aquella gelidez.

— A saudade profunda que possue a alma, ao sentir a fascinação da arte. Esta musica segreda-me historias risonhas de utopistas! Deviam assim fallar os amores precoces de Paulo e Virginia; deviam assim balbuciar os labios de Romeu e Julieta, n'aquella noite, em que os amantes de Verona, illudindo a vigilancia materna, ás pressas, na precipitação da linguagem, dictavam no silencio da noite adormecida os poemas mais elevados do sentimentalismo, que hoje vive n'alguma região superior, emigrado que está d'este planeta banal. Oh! não supponha que profiro estas palavras, porque me veja saturada de um romanticismo collegial; não, — é que á superioridade do bello artistico, submette-se o coração dos que se não educaram na escola do sarcasmo, nem nas sociedades corrompidas, em que se joga a realidade de um amor condemnado com a riqueza da virgindade inconsciente. Os pais jogam o coração das filhas; compete-lhes assentar o luxo domestico ou salvar as transacções de um commercio que lhes põe em perigo a reputação; os rapazes jogam a reputação das donzellas para ganharem as das senhoras!...

De phrase em phrase, a sonoridade da voz de Carmen ia ganhando de volume, a mais e mais, passando pelo tom do enthusiasmo, até quebrar-se de encontro á exaltação! Poder-se-hia intitular a vertigem da linguagem.

Era o desenvolvimento de uma idéa fixa que, de momentos consumidores, debatia-se por expandir e alliviar o coração.

Onde quereria chegar o raciocinio da moça? a que se poderia referir? não eram problematicas as palavras que acabava de ouvir? Referir-se-hiam a alguma intriga d'essas que circulam repetidamente, de casa em casa, de familia em familia? Não seria o resultado de uma *nevrose*, de um capricho de mulher?

Carmen era intelligente, manejava com facilidade a palavra, sabia burilar a phrase, tinha mesmo a espontaneidade da expressão: por consequencia, quem affirmaria que não fora a vaidade a autora d'aquella dubia loquella?

Foi a idéa, em todo o seu desenvolvimento, que conservou tacito o espectador d'aquella scena.

— Vaidades de mulher! — pensou; — queria desabafar o idealismo e recitou aproximadamente meia duzia de sentenças á maneira de George Sand.

Vendo, porém, que os passos de Carmen dirigiam-se, pausados, para a porta do interior, quiz sustal-os, e por isso perguntou, meio receioso de que a não viesse sorprender a criada:

— Explique-se Carmen! Faça-me comprehender o que lhe vai n'alma! Responda-me! que ha? que houve para proferir *sentenças?* — e o moço frisou a palavra com um sorriso — cujo sentido estou longe de adivinhar!

Então, como devia ser bello e solemne o vulto de Phryné ante o Areopago que a julgava boquiaberto, transido de volupia; como alevantado era o porte de Ristori no desempenho do papel commovedor de Maria Antonieta, o busto da protegida enteada do coronel Alvarez Blanco, cresceu n'uma expansão de formas pronunciadas; a fronte elevou-se rapidamente com o garbo de um cysne que emerge d'entre duas dobras de agua espumante e crystalina, e sem deixar abater a gravidade, atirou ás faces do ouvinte, sem gestos auxiliares, uma nova pergunta, severa, d'essas que levam em todos os termos a renuncia a qualquer resposta:

— Que differença ha entre uma esposa e uma amante?

— A differença da honra! Respondo-lhe sem alcançar o sentido do seu interrogatorio — sim, porque da maneira porque m'o faz, merece essa qualificação.

— Faço-lhe essa pergunta, Lucio, porque ha leituras verdadeiramente más; desillusionam quem a ellas se entrega; pintam-nos tão sombriamente a familia conjugal, que, por vezes me tenho capacitado da igualdade do valor. Esposa e amante!... E' difficil comprehender a differença entre os dois termos, desde que a nós, moças, nos faltam conhecimentos de pessoas idosas. Em todo o caso deve mediar um abysmo A esposa afasta-se d'elle, emquanto, por seu turno, a amante do mesmo se aproxima, a passos agigantados... Mas... que abysmo é esse?... eis o problema! Deve ser qualquer cousa de horroroso!... Seja como fôr... agradeço-lhe o trabalho da explicação. Como disse, a differença entre a esposa e a amante está na honra. Bem!... vou dar-me ao trabalho de interpretar essa palavra. Depois, poderei com mais facilidade deduzir uma verdade que me sirva de benefico phanal. *Caballero...*

Esta ultima expressão foi pronunciada como quem se despedia. Carmen accionou com a fronte, movimentou o corpo com a curva ceremoniosa da cortezia e dirigiu-se com energica decisão para a porta do salão.

Lucio quiz contel-a com o olhar supplicante. Era tarde; ella não déra por esse gesto de physionomia.

Foi então que o moço, não tendo outro auxiliar senão a palavra, declamou um pedido de explicação, pelo qual filtrara uma declaração de amor, habilidosamente entretecida. Era como esses tufados de arvoredo, que aspiram e absorvem a fragancia de uma flor occulta, que accusa por esse modo a sua existencia e da qual debalde se adivinha a soledade.

Carmen ouvio-o ainda, e apercebendo-se de que o enthusiasmo do medico podia leval-o á franqueza de pronunciar a palavra *amor*, revoltando-se-lhe n'alma o sentimento que bem se qualificaria de despeito, interrompeu com energia a dissertação do seu companheiro de infancia:

— Lucio! Ha uma differença entre as nossas almas! Principio a comprehender a sua explicação: entre esposa e amante ha um abysmo!

— E o abysmo?

— E' o senhor, Lucio! sobre elle deve debruçar-se a amante que o espére!...

Carmen desappareceu, meneiando-se de modo a defender-se, com a graça mulheril que fascina, da pequena falta que acabava de commetter, retirando-se da sala, alli deixando o moço ao qual a sociedade não apontava o menor sombreado de descortezia. Uma incorrecção proposital.

Como as naturezas fortes e ao mesmo tempo impressionistas, Lucio sentiu de frente todo o pezo da decepção. Confrangeu-se-lhe a fibra intima do amor-proprio. Sorrio! Nesse sorriso havia a denuncia de um soffrimento profundo e a accusação ao precipitado proceder de Carmen. A posição em que se deixara estar, era verdadeiramente superior ao acto de que fora victima.

Mas... até mesmo o sublime tem o seu limite. Em quanto o pezar dominou-lhe o espirito, o silencio era como que uma interrogação ao que se acabava de dar. De subito, a imaginação volteou e deu de frente com o prosaismo da vida humana e, gemea como é da consciencia, segredou lhe:

— Lucio! até agora eras o victorioso! Não queiras perder essa gloria, retira-te para que não caias nem no vulgar nem no ridiculo.

Evidente como era o caso, só lhe restava, ao doutor, orientar-se e afastar-se d'aquella habitação.

Assim foi! Aprumou-se com toda a naturalidade elegante de quem ha muito vive affeito ás maneiras correctas de um *habitué* da aristocracia, da verdadeira aristocracia a que pertencem os que, á força de nobreza, de indole elevada, de illustração e de pratica de principios indeclinaveis de honra e de dever, se tornam dignos da aceitação social, sejam quaes forem os meios onde se apresentem.

Se Lucio se voltasse, depois que alcançara o passeio, fronteiro á casa de Dolores, veria Carmen, que o seguia com o olhar e com a anciedade attenciosa, commovida, abatida e desesperada.

A cada passo do medico, presentia que elle se ia, que se afastava, talvez, de uma vez para sempre, decidido a não voltar alli.

— Sim! — dizia a sós, meditando as palavras — offendi-o! Lucio é nobre de alma, demasiado bem educado, respeitador das leis da civilidade. Ferido no seu amor-proprio e amor-proprio de homem a quem Montevidéo rende homenagens e compartilha applausos, embora me ame com todo o enthusiasmo, ha de saber vencer impulsos do coração para conservar illesa a altivez do seu caracter. A homens de igual temperamento é necessario respeitar todas as manifestações de orgulho. O meu procedimento foi, talvez, precipitado. Era um amor nobre com que contava! Enganei-me! Mas... e aquelle beijo!...

Lucio não devia fazer excepção á generalidade dos homens!

Carmen ainda seguia com o olhar o seu predilecto de infancia, ao mesmo tempo que se lhe amontoavam as nuvens sombrias da decepção por sobre a fronte, graciosamente pousada e descansada no vidro da janella.

— Podem ver-me! — pensou.

E logo, retirou-se para o interior do aposento; correu o cortinado; e, deixando-se cahir com abandono n'um sofá proximo, deu-se a um trabalho de espirito, aprofundado, como se por ventura tivesse de resolver um problema do qual dependesse a salvação de uma familia, de uma reputação, que e a

legitima égide que protege o grupo constituido em vida matrimonial.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

16 DE MAIO

AO FILHINHO DO NEY

Hoje, pela manhã cedo,
Quando abandonava os linhos,
Pela janella, dos ninhos,
Entrou-me um doce segredo.

Pipilavam beija-flores
Em confidencias secretas,
E havia vozes discretas
Pelos jardins multicores

— «Que será? que nova é esta?
Que assim vos faz tão contentes
Por estes bosques virentes
Como num dia de festa?....»

Salta logo um pirralhete
De colibri cabeçudo,
De grande bico pontudo,
De setinoso topête,

E num tom de gravidade
Todo taful, esmerado,
Diz-me assim: — «Que descuidado,
Não sabe da novidade?

« Não vio, com que intenso ardor
Bosques se abriram e flores
Pr'a receber os odores,
De uma balsamica flor?

« Não sentio? oh! *seu* poeta,
Já não vales tres vintens,
Pois toda a gente, irrequieta,
Já foi levar parabens;

Todos já estão na ante-sala.
O meu cartão já mandei,
Comprimentos, grande gala:
Tem mais um filhinho o Ney... »

. . . . . .

E foi-se o tal pirralhete
De colibri cabeçudo,
Pelo bosque ramalhudo
Alegre, pintando o sete.

E eu lá fui contente, rico
Da mais soberba alegria,
Por esse grandioso dia,
Dar um abraço no *Chico*.

PLACIDO JUNIOR.

THEATROS

Agradou francamente no Polytheama a *Volta do mundo em 80 dias*, a esplendida peça de D'Ennery e Julio Verne, traduzida por Garrido. A *mise-en-scène* é magnifica e o desempenho muito satisfatorio. Bahia é um Philéas Fogg demasiado moreno, mas sufficientemente impassivel e Machado um Passe-partout impagavel. Todos os demais artistas esforçam-se para agradar e conseguem-n'o.

*

O *homem-peixe*, que não vimos, já deixou de nadar no palco do Recreio Dramatico, se tal se póde concluir da sua retirada dos cartazes.

Affogou-se... talvez.

A companhia parte para S. Paulo por estes dias, onde vae dar uma longa serie de escolhidos espectaculos. E' a primeira vez, em quasi dez annos que tem de fundada, que esta empreza leva a sua companhia para fora da capital... exceptuando as viagens á Praia Grande.

Felicidades... em penca.

*

A Judic não tem conseguido encher de admiradores o Lyrico; mas tem conseguido, sem difficuldade, deliciar os não mui numerosos mas escolhidos homens de bom gosto que têm ido admiral-a no *Brillant Achil'e*, na *Lili*, na *Femme á Narcisse*, na *Femme á Papa* e nas cançonetas que ella diz, suspira, murmura, sorri e exhalla com uma graça encantadora e unica.

*

Terminando a noticia da peça *De má raça*, dizíamos em o ultimo numero: «Agora só resta ao publico, que tanto applaudio o *Grão Galeoto*, mostrar que ainda é o mesmo, indo applaudir em massa o drama *De má raça. Tiens, ça rime!*»

Pois, com profundo pezar o reconhecemos, o publico não mostrou que era o mesmo que applaudira o *Grão Galeoto*: deixou criminosamente que a extraordinaria peça de Echegaray fosse retirada de scena após meia dusia de representações, mal concorridas.

Tanto peior para o publico, que perdeu assim uma excellente occasião para desmentir os maldizentes que o pintam como um grande basbaque, sem gosto nem senso artistico.

V.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 24 JUNHO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

Reassumindo a direcção litteraria do « Album », agradeço de todo o coração ao meu illustre amigo e collega Valentim Magalhães o brilhantismo, a solicitude e o desinteresse com que me substituio neste posto durante a minha curta ausencia.

Arthur Azevedo.

SUMMARIO

COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO. . . Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . . A.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO Alfredo Bastos.
THEATROS . . . . . X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. ABEL PARENTE

CONCURSO POETICO

No n. 17 do *Album*, distribuido em Abril proximo passado, publicámos as seguintes linhas :

« A redacção do *Album* resolve pôr em concurso a traducção, em versos portuguezes, do celebre soneto de Joséphin Soulary, *Rêves ambitieux* que abaixo reproduzimos.

Cada traducção deve vir em carta fechada, trazendo como assignatura um pseudonymo desconhecido, e acompanhando uma sobrecarta que contenha o verdadeiro nome do traductor. Essa sobrecarta só será aberta pelos membros do jury depois do respectivo julgamento.

Não se admittem traducções anonymas.

Cada um dos traductores indicará, ao lado da traducção, o nome de um poeta residente nesta capital ; o jury será constituido pelos tres poetas cujos nomes forem indicados o maior numero de vezes.

Todas as traducções recebidas serão insertas no nosso n. 24, que apparecerá em Junho proximo. A decisão do jury, o soneto premiado e o nome do traductor serão publicados no numero seguinte.

Consistirá o premio n'uma assignatura permanente do *Album*. O premiado receberá de uma vez todos os numeros já publicados e periodicamente todos quantos se publicarem d'ahi por diante, seja qual fôr a duração do *Album*.

Eis o soneto :

RÊVES AMBITIEUX

Si j'avais un arpent de sol : mont, val ou plaine,
J'y voudrais un peu d'eau : torrent, source ou ruisseau;
J'y planterais un arbre : olivier, saule ou frêne ;
J'y construirais un toit : chaume, tuile ou roseau.

Sur cet arbre un doux nid : gramen, duvet ou laine,
Retendrait un chanteur : pinson, merle ou moineau ;
Sous mon toit un doux lit : hamac, natte ou berceau,
Retiendrait une enfant : blonde, brune ou châtaine.

Je ne veux qu'un arpent ; pour le mesurer mieux,
Je dirais à l'enfant la plus belle à mes yeux :
Tiens toi debout devant le soleil qui se lève ;

Aussi loin que ton ombre ira sur le gazon,
Aussi loin je voudrais borner mon horizon :
Tout bonheur, que la main n'atteint pas, est un rêve !

JOSÉPHIN SOULARY.

Nota importante :

O soneto deve conservar, traduzido, a fórma caprichosa que lhe deu o poeta, apresentando, como no original, tres vocabulos connexos em cada um dos segundos hemistichios dos oito primeiros versos. Essa condição é indeclinavel.

Os traductores podem remetter os seus trabalhos á direcção do *Album*, rua dos Ourives n. 7. »

Desempenhando-nos do compromisso tomado, publicamos hoje as dezeseis traducções que nos foram remettidas, guardando, em ordem numerica, as datas do recebimento.

N. 1

ALTOS VOTOS

Se eu tivesse algum chão: montanha, valle ou seara,
Quizera um pouco d'agua: arroio, olho ou cachoeira;
Uma arvore plantára: ipê, cedro ou palmeira;
Erguêra um tecto: telha, vão, colmo ou coivara.

Na arvore um ninho bom: frouxel, palha ou taquara,
Reteria um cantor: sabiá, melro ou colleira;
Sob o tecto um bom leito: estrado, rede ou esteira,
Reteria uma huri: parda, morena ou clara.

Basta um pequeno chão: para que o demarcasse,
Pediria á mulher que mais me enamorasse:
—Fica em frente do sol que vem rompendo em gloria;

Até onde na selva a tua sombra avance,
Apenas até lá meu horizonte alcance:
Ventura, que na mão se não colha, é illusoria!

Z. MARCAS.

N. 2

SONHOS AMBICIOSOS

Tendo uns palmos de chão: monte, valle ou campina,
Agua eu quizera ahi: lago, fonte ou ribeiro;
Alli plantára um pão: cedro, freixo ou salgueiro;
Seria o tecto meu: sapé, colmo ou fachina.

Na rama um ninho tal: penugem, paina ou crina,
Conteria um cantor: nhapim, melro ou ferreiro; (1)
Um leito menos mão: berço, rede ou palheiro, (2)
Teria uma bebé: loura, fusca ou albina.

Basta, não quero mais: para medida certa,
Eu diria á sinhá mais bella e mais esperta:
Conserva-te de pé ao sol que vem risonho.

De tua curta sombra o espaço, que se conte, (3)
Nem mais nem menos, seja o do meu horizonte:
Se está longe da mão, toda a ventura é sonho!

TANGEFOLLES.

(1) Tenho ouvido dar o nome de ferreiro á araponga.
(2) Em casa pobre póde ver-se cama de criança sobre palha.
(3 Commummente se diz: medir o espaço, mas tambem se dá o numero de palmos, ou de braças, ou de kilometros, etc.

N. 3

SONHOS AMBICIOSOS

Numa geira de terra em val, planicie ou leira,
Um fio d'agua a correr: fonte, arroio ou torrente;
Uma arvore, a saber: chorão, freixo, oliveira;
Um tecto: telha, colmo, ou burity virente;

Na arvore um ninho: lan, frouxel ou graminheira;
Neste: um melro, pardal, tentilhão (é indif'rente);
No lar: num berço, rede, ou coxim do Oriente,
Uma menina: loura, ou morena, ou trigueira.

—Eis o meu ideal; uma geira é bastante;
P'ra medil-a, eu diria á menina galante:
Colloca-te de pé, diante do sol nascente;

Tanto quanto na relva a tua sombra marcar,
Assim quero o horizonte meu delimitar:
O bem que ás mãos se esquiva é sonho inconsistente.

GRACCHUS.

N. 4

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse uma geira: ou plaino, ou monte, ou val,
Agua quizera ahi ter: veio, arroio ou ribeiro,
Uma arvore plantar: freixo, oljva ou salgueiro,
E uma casa fazer,—de p.os, telha ou rosal;

Nessa arvore prender, de lan, grama ou palheiro,
Um ninho, e um bom cantor: melro, tordo ou pardal,
E quizera inda ter—berço ou rede, um local,
Que guardasse um bebé,—roseo, louro ou trigueiro.

Quero uma geira só; por que bem a medisse,
Eu diria a mulher mais formosa que visse:
Fica em pé diante o sol, que alem surge em fulgor;

O circulo que a sombra em derredor te marca,
Todo o meu horizonte exactamente abarca;
Que o bem, que não se attinge, é sonho enganador!

GARIMPEIRO.

N. 5

SONHOS AMBICIOSOS

Uma geira houvesse eu: valle, alto ou varzea-plena
E um pouco d'agua alli: riacho, fonte ou raudal,
Que uma arvore eu plantára: ornelro, alamo ou alfena,
E erguêra um tecto ao pé: telha, haste ou palhegal;

Na arvore—um ninho bom: vello, graminea ou penna,
Eu teria um cantor: melro, lugre ou pardal;
Sobre um leito—em meu lar: berço, rede ou juncal,
Uma criança gentil. castanha, aurea ou morena.

Quero uma geira só: para eu medil-a bem,
Diria á creança então, mais bella que ninguem:
Conserva-te de pé ante o sol da alvorada;

Tão longe, no gramado, a tua sombra fôr
Tambem meu mundo irá, nem o quero maior:
Gozo—que não se alcança—além de um sonho... é nada!

N. 6

SONHOS AMBICIOSOS

Se uma geira de terra—ou val, monte ou savana,
Tivesse, agua eu quizera: olho, rio ou ribeiro;
Plantára um vegetal: freicho, oliva ou salgueiro;
Um tecto erguêra-lá: casa, albergue ou choupana.

Na arvore um doce ninho—ou lan, frouxel ou canna;
Retivera um cantor, pardal, melro ou lanieiro;
Doce leito em meu lar— berço, rede ou palheiro —
Guardára uma mulher: celta, lusa ou germana.

Quero uma geira só; para melhor medil-a,
A' moça para mim mais formosa eu dissera:
Em frente ao sol que nasce está de pé tranquilla;

Té onde a tua sombra além for projectar-se,
Té lá meu horizonte eu limitar quizera,
Pois sonho é todo o bem, que não póde alcançar-se.

FELICAR.

Observação.—Na traducção puz *lanieiro* em vez de tentilhão (*pinsou*). O lanieiro (*lanius minor*) segundo se lê na *Historia natural popular* de Anstelt (vol. I) « imita perfeitamente a voz de

outros passaros e aprende a cantar como o rouxinol, a cotovia, a codorniz, etc. » Creio estar desculpada assim a liberdade que tomei.

N. 7

SONHOS AMOROSOS

Um terreno eu tivesse : em val', em veiga, em páramo ;
Com agua eu o quizéra : ou fonte, ou rio, ou córrego;
Plantára n'elle só : salgueiro, freixo, acácia ;
Um tecto eu constituira ; ou palha, ou telha, ou cálamo.

Fizera um ninho então com musgos, lans, gramineas,
Para um bello cantor : melro, pardal, *canônigo*; (1)
Na casa um doce leito : esteira, berço ou thálamo ;
Uma criança ahi : morena, ou rosea ou pallida.

So uma geira, so, p'ra o olhar medil-a subito,
Eu diria á criança, essa p'ra mim pulcherrima,
—Diante do sol nascente, em pé queda-te rápida,

E não mais longe, não, que a tua sombra alongue-se,
Não mais longe também meu horizonte edenico.
Longe a ventura estando e sempre um sonho ephemero !

ZECA.

(1) Canônigo (Conejo, em hespanhol), é o nome que no Rio de Janeiro dá-se, como no Rio da Prata e na Allemanha (dompfaffe) aos passaros que os francezes chamam—bouvreuil—e os portuguezes—pisco.

A condição dos tres vocabulos connexos nos segundos hemistichios dos oito primeiros versos, é feroz.

Consegui, entretanto, satisfazel-a, mas, tendo perdido a paciencia em traduzir o soneto no mesmo numero de versos, mesmo rhythmo, com a condição atormentadora de tres vocabulos connexos, (e em segundos hemistichios!) de oito versos, não quebrei mais a cabeça em buscar rima e terminei todos os versos por exdruxulos (proparoxitonos, chamam-n'os agora.)

Fica, bem sei, monotono (outro exdruxulo !) mas será acceitavel ?

Em varias poesias (verdade é que alternando com rimas agudas) o exdruxulo emprega-se sem rima... mas, de cima a baixo, é muito exdruxulo, e !

N. 8

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse um terreno : morro, encosta ou baixada,
Quizera nelle corresse : rio, cascata ou ribeiro ;
Ahi plantára um' arvore : peroba, cedro ou pinheiro,
E ergueria o meu lar : cabana, choça ou malhada.

Na copa do lenho um ninho: seda, paina ou folhada,
Onde habitasse um cantor : melro, xexéo ou colleiro;
Sob o meu tecto uma cama : barra, girão ou palheiro
E ao meu lado uma joven : alva, morena ou queimada.

Somente um canteiro almejo e p'ra bem o demarcar
Eu diria a essa diva que me appraz contemplar :
Põe em pé frente ao sol que se ergue risonho.

Como a tua sombra tão longe se estende no monte,
Assim eu quizera limitar meu horizonte ;
Ventura não attingida não é real, é um sonho.

LIOMENIZ.

N. 9

SONHOS AMBICIOSOS

Quizéra ter um chão—monte, prado ou vallada,
Banhado d'um crystal—lago, fonte ou ribeira,
Uma sombra ahi ter—ipé, cedro ou mangueira,
E um tecto para mim—telha, junco ou ramada.

N'um galho ledo ninho—hera, musgo ou meiada,
Abrigando um cantor—melro, cuco ou rendeira,
N'um leito junto a mim—rede, berço ou esteira,
Uma filha a sorrir—loura, alva ou morenada. (1)

Quizéra um trecho só, e assim o demarcára :
Uma gentil criança apenas collocára
Em frente ao sol rompendo em arrebol risonho,

Bastando o que attingisse a diminuta sombra
De seu corpo gracil na verde e fresca alfombra...
—A ventura que excede ao nosso alcance, é sonho.

LUIZ HORACIO.

(1) Dicc. de Faria: *Morenada*.

N. 10

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse um terreno : ou valle, ou monte, ou prado,
Quizera agua alli ter: rio, fonte ou ribeira; (1)
Nelle plantára algum chorão, freixo ou oliveira; (2)
Um tecto erguêra então : sapé, colmo ou telhado.

N'arvore, em cima, um ninho: ou musgo, ou lan, ou penna,
Guardaria um cantor : pardal, melro, ou capoeira; (3)
Sob o tecto o meu leito : ou berço, ou rede, ou esteira,
Teria uma mulher: creoula, alva, ou morena.

Quero um terreno só : para medil-o, um dia (4)
A' mulher mais formosa aos meus olhos, diria :
Põe-te em face do sol que desponta risonho;

A sombra que fizer teu corpo na verdura
Servirá de limite ao meu mundo... A ventura
Que está longe de nós, não é ventura, é sonho.

(Não trazia assignatura)

(1) *Ribeira* ou *ribeiro*. Encontro no diccionario que qualquer d'estas palavras tem a mesma significação.

(2) Neste verso as tres syllabas grammaticaes *xo*, *ou*, *o*, têm uma só syllaba poetica.

(3) Quiz empregar *colleira*, mas o diccionario não dá esta palavra. Escolhi então *capoeira*, passaro muito conhecido no Brasil. Mas sei que existe um certo *sabiá colleira*. Se os Srs. juizes quizerem, podem mudar.

(4) Outro modo de traduzir este verso :

Um terreno qualquer ; pára medil-o um dia...

isto é, basta-me um terreno qualquer.

Outra traducção dos tercettos :

Um terreno qualquer. Para medil-o, um dia
A' mulher mais formosa aos meus olhos diria
Põe-te em face do sol que o horizonte já tinge;

A sombra que fizer teu corpo na verdura,
Servirá de limite ao meu mundo... A ventura
Só é ventura quando a nossa mão a attinge.

Lembrando-me que talvez não seja aceito o verso

Nelle plantára algum chorão, freixo ou oliveira,

aqui ofereço uma outra traducção para o primeiro quartetto :

Se eu tivesse um terreno: ou valle, ou monte, ou prado
Quizera agua alli ter: rio, fonte ou ribeiro;
Uma arvore plantára: olmo, freixo ou salgueiro:
Um tecto erguêra então: sapé, colmo ou telhado.

Ou ainda:

Se eu tivesse um terreno, em val, monte ou savana,
Quizera agua alli ter: rio, fonte ou ribeiro;
Uma arvore plantára: olmo, freixo ou salgueiro;
Fizera um tecto com telha, sapé, ou canna.

N. 11

SONHOS AMBICIOSOS

Ambiciono uma geira: monte, valle, outeiro,
Nella um pouco d'agua: rio, fonte ou regato;
Uma arvore só: freixo, oliveira, salgueiro,
E um simples colmo de canniça, telha ou matto.

Nessa arvore um ninho: frouxel, penugem, grama,
E uma ave a cantar: tentilhão, melro ou pardal;
Um leito sob o tecto: berço, esteira, cama;
E uma criança, de côr morena, alva ou astral.

Não mais que uma geira: p'ra medir, conhecel-a,
Direi a que é, para mim, a mulher mais bella:
Põe-te em pé ante o sol que surge n'amplidão.

E onde tua sombra se fôr perder no monte,
Ahi quizera restringir meu horizonte:
Mas, ventura que se não palpa é sonho vão!

ANATOLIO GERVAL.

N. 12

SONHOS AMBICIOSOS

Um cantinho de meu: collina, valle ou prado;
D'agua um pouquinho: arroio, ou fonte, ou cachoeira;
Uma arvore eu plantára: olmo, freixo, oliveira;
E um tecto alçara então: sapé, colmo, ou telhado.

Na arvore um ninho: lan, frouxel, relva ligeira;
E um cantor: tentilhão, pardal, melro afinado;
N'um leito: rede, esteira ou berço acolchoado,
Uma criança: loura, ou morena ou trigueira.

Pequenito o meu reino: e por lhe dar medida
Eu dissera a formosa entre mil escolhida:
« Põe-te de pé ao sol, nascente em céo risonho!

« Onde em relvoso chão tua sombra se inclina,
« Meu horizonte ahi, não mais alem, termina... »
Si não n'a attinge a mão, toda a ventura é um sonho!

NADIR.

N. 13

AMBIÇÕES

Se eu tivesse um torrão: monte, valle ou clareira,
Quizera-lhe agua ao pé: fonte, arroio ou caudal,
Uma arvore eu plantára: olmo, freixo ou limeira,
E erguêra um tecto a par: colmo, telha ou palhal;

Na arvore um doce ninho: algodão, musgo ou ceira,
Reteria um cantor: pisco, melro ou pardal,
Na choça um leito a arfar; rede, berço ou tabual,
Guardára uma criança: alva, rosea ou trigueira.

Contenta-me um torrão; por bem traçar-lhe a meta,
Eu diria á criança, a mais bella e dilecta:
Fica em pé contra o sol que além sobe risonho;

Onde te eu vir na selva a sombra produzida,
Ahi limitarei o horizonte da vida:
Ventura além da mão, não é ventura, é sonho.

JOSÉ FINO.

N. 14

SONHOS AMBICIOSOS

Quizera um chão de meu—valle, prado ou montanha,
E nelle um crystal ver—lago, fonte ou banhado;
Para o sol uma sombra—acacia, olmo ou folhado;
E um tecto abrigador—colmo, hera ou guaricanha.

Na rama alegre ninho,—erva, musgo ou maranha,
Com um ledo cantor,—sahy, melro, avinhado;
Num leito, junto a mim,—berço, rede ou estrado,
Uma filha a dormir.—morena, alva ou castanha.

Nada mais que uma nesga, e para bem medil-a
Bastava uma gentil criança, em pé, tranquilla,
Em frente ao sol rompendo em arrebol risonho.

Marcando o meu dominio a projecção de sombra
De seu vulto gracil na verdejante alfombra...
—Ventura é o que se alcança.—o mais na vida é sonho.

SEMILIO.

N. 15

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse um terral: valle, planicie ou monte,
Onde uma arvore ter:—freixo, oliva ou salgueiro,
Agua eu quizera ahi: queda, regato ou fonte,
E um tecto construir: colmo, gigo ou telheiro.

Na arvore um ninho assim: frouxel, grama ou plumeiro,
Conteria um cantor: pardal, melro ou *altimonti*;
E um leito no meu lar: berço, rede ou esteiro,
Com uma criança ideal: loura ou morena a fronte.

Nada mais que um terral; para medil-o a geito,
Eu diria a criança a mais grata ao meu peito:
Põe erecto ante o sol o teu perfil risonho.

E a sombra que na relva houveres projectado,
O limite ser-me-ha do horizonte almejado:
—Toda a felicidade intangivel é um sonho.

ESMERIL.

N. 16

SONHOS AMBICIOSOS

Si eu tivesse um terreno: encosta, monte ou val,
D'agua banhado por: fonte, lago ou ribeira,
Plantara um vegetal: freixio, cedro ou nogueira,
E um tecto erguêra após: choça, albergue ou casal.

Na arv're em ninho ideal: frouxel, paina ou esteira,
Retivera um cantor: melro, pisco ou pardal,
E num leito subtil: berço, rede ou pannal. (1)
Uma bella mulher: alva, rosea ou trigueira.

Apenas um terreno; e, p'ra bem medil-o, um dia,
A' dama mais gentil aos meus olhos, diria:
- Põe-te diante do sol que resurge risonho.

Tanto quanto o gramado a tua sombra imite,
Tambem meu horizonte ahi se delimite:
Gosó longe da mão não é ventura, é sonho!

A. FOITO.

(1) Pannal, panno cheio de palha. — Moraes.

Os autores das traducções ns. 4, 6, 7, 9, 10, 13, 14 e 15 indicaram para juiz do concurso o Sr. Arthur Azevedo; os autores das demais traducções indicaram os Srs. Machado de Assis (n. 1), Barão

COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO

de Paranapiacaba (n. 2), Dr. Luiz Delfino (n. 3), Olavo Bilac (n. 5), Alberto de Oliveira (n. 8), Dr. Luiz Murat (n. 11), Dr. Barata Ribeiro (n. 12), e Dr. Valentim Magalhães (n. 16).

Como só o primeiro d'aquelles nomes obtivesse maioria de votos, procedemos, em presença dos Srs. Henrique Lombaerts, Dr. Valentim Magalhães, Aluizio Azevedo, Francisco Silva e outras pessoas, ao sorteio de mais dous nomes entre os outros oito indicados. Em resultado d'esse sorteio, ficam juizes do concurso os Srs. Dr. Luiz Delfino, Olavo Bilac e Arthur Azevedo.

COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO

Damos hoje o retrato de um benemerito protector de orphans, um protector, porém, que não soccorre com a humilhante esmola, mas com o ennobrecedor trabalho.

José Alves Ribeiro de Carvalho, natural da provincia de Traz-os-Montes, em Portugal, veio para o Brasil ha trinta annos e principiou a vida no commercio, onde foi desde caixeiro até negociante estabelecido.

Mas só em 1880 é que elle fez destacar a sua personalidade. Foi então que esse homem de bem teve a humanitaria ideia de criar um asylo-officina, para abrigo e soccorro honesto de orphans, um estabelecimento de educação, de instrucção e de trabalho, onde as pobresinhas desemparadas podessem preparar-se para a familia, para o lar, ganhando ao mesmo tempo honestamente a sua vida.

E foi assim que nasceu a bemfazeja *Fabrica Orphanologica de Flores*.

A sua primeira tentativa foi á rua Sete de Setembro, prosperou—mudou-se logo para uma casa maior na rua da Candelaria; prosperou ainda mais—passou-se então para o grande predio, hoje demolido, da rua do Passeio n. 28, onde o commendador Carvalho fez grandes reformas para uma installação definitiva.

E desde então a Fabrica Orphanologica começou a prosperar em largo, a trabalhar em grosso; o numero de alumnas subio a 83. Desenvolveu-se a industria, criaram-se novas officinas, de caixas de papelão, de madeira, officinas de tinturaria, de córte, de cestos e objectos de phantasia proprios para delicados depositos de flores artificiaes; e augmentou-se o numero de aulas; e aquelle grande estabelecimento humanitario começou a despejar no mercado, em alto, a industria de flores artificiaes para as variadas applicações, e grinaldas para noivas, e palmas, e coroas funebres.

E ahi, nesse modesto templo de trabalho, nesse tranquillo baluarte da fraqueza orphan e da virgindade desamparada, foram as pobres meninas encontrar professores de primeiras lettras, e aprendizagem de trabalhos domesticos, de costura, de engommagem, de arranjos de casa, e buscar um officio que será no futuro a garantia de sua vida e da sua honestidade.

D'esse ninho abençoado pelo trabalho já sahiram trinta e duas operarias para formar familia; já seis outras se acham estabelecidas fóra com officinas de flores e coroas de finados.

Em 1885 desapropriaram o predio em que tão prosperamente funccionava a benemerita instituição, e a fabrica mudou-se então para o palacete da mesma rua n. 38, depois de fazer no novo edificio as reformas necessarias. Graças ao seu director e fundador, o estabelecimento nada soffreu com a mudança, se é que não ganhou ainda.

Hoje acha-se elle em plena prosperidade.

Mas seria injustiça não notar a grande doze de perseverança, da coragem, de energia e de esforço que o seu fundador tem desenvolvido para alcançar tão bello resultado. O commendador Carvalho não descansa. Homem activo, dedicado de corpo e alma á boa causa qua abraçou, está disposto a dar até a vida pelo seu estabelecimento.

E foi assim que elle conseguio vencer e chegar.

Não é um patrão, é um pae d'aquella grande familia sem mãe.

Com o coração de ouro que possue e com os seus preciosos dotes moraes, é querido e estimado por todos quantos o cercam. As moças que trabalham na fabrica, orphans todas, adoram-no, porque nelle veem o seu dedicado e unico protector, o guia da sua mocidade, a segurança da sua honra, a garantia de seu futuro.

A sua vida é, pois, um bello exemplo de bondade. Depois de fazer todo o bem que póde, elle só aspira a fazer uma coisa ainda—outra vez o bem.

E' por isso que o *Album* tem a satisfação de offerecer hoje aos seus leitores o retrato do honrado e bom commendador José Alves Ribeiro de Carvalho.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Cá estou de volta, meus senhores, e antes de mais nada agradecendo, como me cumpre, a Marcos Valente o haver-me substituido nestas columnas durante a minha estada na capital da Bahia e sobre as ondas do mar.

Como venho de viagem, mais natural seria que d'esta vez a chronica fluminense fosse escripta não por mim, mas para mim, e eu me limitasse a publicar as minhas impressões de viagem...

Mas não é justo que os leitores do *Album* fiquem sem chronica porque o chronista foi passeiar, nem ra minha viagem foi tão longa ou tão interessante que désse para grandes narrativas.

Entretanto, eu poderia resumir as minhas impressões em muito poucas linhas. Era a quarta vez que pisava terras de S. Salvador; a ultima fôra em 1883; mas só lá tinha estado de passagem, apressadamente, com um paquete no porto á minha espera. Não é bom fiar-se a gente nas impressões fugitivas d'essas rapidas visitas, d'essas escapadelas de bordo. Eu fazia uma idéa injusta d'aquella bellissima cidade, dos seus magnificos arrabaldes, de seu extraordinario movimento commercial e industrial, da sua população numerosa, caracteristica, pittoresca, e, sobretudo, nacional, porque a Bahia é inquestionavelmente a terra mais brasileira do Brasil.

A cidade tem ainda o seu perfume colonial; encontram-se ainda alli curiosos vestigios dos tempos de Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatario da Bahia de Todos os Santos, ou do governador Thomé de Sousa. Entretanto, a cidade estende-se, fazem-se todos os dias novas construcções. Em havendo na população um pouco mais de sentimento esthetico, um pouco menos de predilecção pela côr amarella que se nota na maioria das casas, o aspecto geral da cidade melhorará bastante.

Já não é tão suja a Bahia como ha dez annos. A municipalidade não é má. O intendente geral, um homem popularissimo, o Sr. conselheiro Almeida Couto, monta a cavallo todas as manhans, e vae pessoalmente, por todas as praças, ruas, ladeiras, beccos e viellas, desempenhar funcções de simples fiscal.

Muita sociabilidade. Não estive com um bahiano que não fosse um cavalheiro. Nota se em tola a gente um desejo sympathico de obsequiar e servir. Trago as melhores recordações de alguns collegas de imprensa; estou muitissimo grato a Eduardo De-Vecchi, a amabilidade que se fez homem, e a Lellis Piedade, Bisarria, Aloysio de Carvalho, Requião, Neiva, Egas Muniz e outros.

*

Mas aonde me leva esta digressão de viajante? Ainda bem que a semana fluminense foi quasi exclusivamente politica, e portanto escapa á chronica do *Album*.

Fóra da politica tivemos coisas tristes, ainda mais tristes que ella: a dolorosa noticia do fallecimento de Amaral Valente, o nosso ministro na Austria-Hungria, um diplomata conceituado e honesto, e um barbaro assassinato, que veio revelar aos povos d'esta capital a existencia de uma *Maison Moderne da Cidade Nova*.

A.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VII

(Continuação)

A' simples vista, adivinhava-se a preoccupação. As palavras da moça, ha bem pouco, pronunciadas em presença de Lucio, deviam ter sido ditadas por um sentimento até então estranho ao seu coração.

E facil é explicar a verdadeira causa.

Carmen, involuntariamente, fôra espectadora de parte da scena em que, no quarto de sua mãe, Dolores e Lucio se esgrimiram habilidosamente com as agudissimas armas de uma linguagem machiavelica. Na occasião em que o doutor tomára do pulso da doente imaginaria, um escrupulo aconselhou-lhe a que se retirasse d'aquelle recinto. Fel-o com a melhor intenção. Foi até a sala de visitas, passou exame aos seus albums; folheou-os com a paciencia da pessoa que se deleita todas as vezes que admira uma *aquarella;* tomou de sobre a estante de musica a primeira peça; abrio-a e leu a poesia que, ao lado esquerdo do pensamento musical stenographado, se estendia com todos os seus recortes de hexametros e pentametros, formando a linha sinuosa que abrange a ultima palavra de cada verso, a palavra da rima, que é a melodia da phrase, pronunciada com a inflexão propria de quem espera o termo que ha de tambem — melodia por seu turno — constituir a harmonia do trecho poetico. E, como se lhe pezassem nas mãos aquellas poucas paginas, sentou-se no banco do piano, e poz a musica na estante.

Foi neste movimento que a vista se lhe fixou no subtitulo que Lucio dera ao *romance* de Palloni. O primeiro impulso foi um applauso. Carmen accusou na physionomia uma alegria expansiva. Afinal tinha uma prova! Sim! Lucio deixava-lhe, alli, uma declaração do seu amor. Chegára, emfim, o momento que todas as mulheres esperam, como o mais solemne da vida, em que se lhes executa aos ouvidos a symphonia do amor.

Carmen, á vista d'aquella phrase, tão eloquente, tão palpitante, como se por acaso nella pulsasse o coração de Lucio, estudou-a minuciosamente. A principio abrangeu-a na leitura e por inteiro; depois foi de minucia em minucia, com o carinho do olhar que é a ultima expressão da ternura e do affago, examinou palavra por palavra e lettra por lettra.

Desceu até a apreciação da calligraphia.

Era má—calligraphia de medico. E, como não lhe podia dispensar um elogio, accrescentou á tacita observação da consciencia: E'legivel.

Se Lucio a sorprendesse, á sua declaração desde logo corresponderia outra por parte de Carmen.

Não que a tivesse verbalmente, porém por denuncia dos olhares que scintillavam, projectados sobre aquella phrase eloquente !

Occorreu-lhe um dos mais bellos pensamentos poeticos. Não se recordava onde, mas pouco tempo havia que léra algures, esta ideia que o autor punha em labios de donzella :

— Não fui eu ; foram os meus olhos que se atraveram a declarar o meu amor !

Como tudo acaba, até mesmo as leituras dos subtitulos dos *romances* de Palloni, Carmen entendeu que nem se devia privar de admirar o autor do pensamento que léra momentos antes, a ella mesma dedicado, nem evital-o.

— Sim ! — pensou — afinal *elle* tambem tem o direito de vêr-me.

E concluio :

— Deve haver terminado o exame medico ; não será importuna a minha presença.

Juntando o gesto á palavra, ergueu-se e dirigio-se para o quarto de Dolores. Fel-o, porém, com essa maneira particular das pessoas que receiam que a sua presença seja de inconveniencia para os outros. Explica-se, por isso, a razão por que nem Dolores nem Lucio presentiram a approximação de Carmen.

Ha coincidencias que parecem obra de Satanaz. A moça apresentou-se á porta do aposento precisamente no momento em que Lucio beijava affectuosamente a mão de Dolores.

A impressão que d'aquella scena recebeu foi inesperada e forte. Abalou-se-lhe a alma. Um turbilhão de hypotheses levantou-se-lhe, revolucionado, no cerebro; e do conjuncto d'ellas resultou que Carmen, não se podendo conter, deixára escapar um grito rapidamente abafado.

— Ouviriam ?... interrogou ella, dirigindo-se a si mesma e reprovando a manifestação do seu assombro.

E, logo, sem dar tempo a que o physico se deixasse abater, correu, evadindo-se até o salão.

— O que occasionára esse movimento singularmente excentrico ? perguntarão os espiritos fortes.

E bem facil a explicação. Basta observar o monologo *pronunciado* pela physionomia de Carmen.

Apenas chegára á sala de visitas, faltaram-lhe as forças. Um sofá proximo recebeu-a quasi desmaiada. Carmen não poderia contar as pulsações que lhe davam ao collo a apparencia de um respirador mecanico, movido a grande força de vapor. Escutou essa nota precipitada, forte e abatida na caixa thoraxica e propria das grandes commoções.

Nesse instante a razão suspendêra a sua acção, como que esperando pelo repouso do physico impressionado.

Afinal a natureza varonil da mulher não poude lutar com a dor.

Os olhos de Carmen injectaram-se de grandes bagos de lagrimas. Foram as primeiras que ella choreu, motivadas por assumptos de amor, ella que até então entendia que esses devaneios de moços só poderiam despertar alegrias e enthusiasmos. Não fôra tão feliz como outras. Entrára nessa transacção de coração pagando o tributo de lagrimas, a expressão mais eloquente de nobreza, virtude e sinceridade.

Demorou-se por minutos em posição de acabrunhada, sumindo no lenço, ligeiramente perfumado, os olhos vergonhosos de tanto soffrimento. Depois a propria natureza reagio. As palpebras, castigadas pelo aspero contacto do linho, mostraram-se fortemente rosadas, como se por ventura as queimasse a chamma abrasadora que até então não podéra derreter a gelidez apparente e apregoada por todos que conheciam ou julgavam adivinhar-lhe o caracter.

As lagrimas são as valvulas de segurança, por onde a natureza faz escapar parte da dor sufficiente para aniquilar os mais fortes.

Apparentemente tranquillisada, Carmen entregou-se, então, a toda a sorte de conjuncturas.

As primeiras designavam uma forte accusação á sua propria mãe. Dolores era ainda moça, bastante linda para inspirar amor. D'ahi a supposição de que Lucio não lhe podia ter beijado a mão sem premeditar enlevos. Mas... como ser assim, se era casada a mulher a quem o doutor pretendia dar todo o seu sentimento de affecto ?

Foi o que lhe revolucionou o espirito. Amava ; não calculou a intensidade senão ao ver que, de um momento para outro, poderia perder a ventura que ambicionava.

— Terei ciumes ? — pensou, como quem tirava conclusão d'aquelle amontoado de ideias e supposições.

E o raciocinio suspendeu-se na duvida.

De ponto em ponto, deteve-se na verdade.

— Ha beijos que exprimem respeito. O de Lucio podia ser d'esses.

E sorrio. E' o esforço que fazem os afflictos que não querem desapossar-se da esperança. Não durou. A razão volteou e reatou o fio das primeiras ideias.

— Não — murmurou — quando ha mocidade não ha tantas manifestações de respeito.

E accrescentou com decisão :

— E a que vem agora Lucio declarar-se tão respeitador de minha mãe ?...

Não continuou; o espirito demorou-se n'umas reticencias investigadoras.

Não entendia bem o alcance da accusação tacita que fazia a Dolores, mas adivinhou que, em tudo quanto lhe acabava de passar pelo cerebro, havia qualquer coisa de monstruoso e extremamente serio.

O effeito, consequente a esta ideia, foi desfavoravel ao juizo que Carmen até então fazia de Lucio.

— Decididamente — disse comsigo e pezando todas as palavras — *este homem* apparenta amar-me e engana-me com as suas phrases habilidosamente estudadas ; aproveita-se de minha inexpe-

riencia para illudir os estranhos. Que lhe importa que a nossa sociedade montevideana, tão facil em dar-nos pretendentes, me aponte como a escolhida? Convem-lhe, talvez, isso mesmo, para salvar as apparencias!... Mas... onde quer elle chegar, se é verdade que ama Dolores?... Não!... é minha mãe! Ha um grande equivoco em tudo isto!... Não póde ser assim!... tenhamos paciencia e estudemos os actos de Lucio.

Carmen não acceitou este raciocinio, e, como quem se queria afastar delle, como quem receiava ser victima de uma influencia inexplicavel, levantou-se do sofá, deu alguns passos pelo salão.

Passou por junto do piano. Lá estava o romance de Palloni, na estante, ao seu lado. Abrio-o! Leu de novo o subtitulo: *Noi ci ameremo ancora*.

— Que differença de impressão! Cada palavra, cada lettra não tinha o mesmo brilho! Era uma irrisão! Offendia-a!

Tremeram-lhe as mãos. Correu á pequena gaveta de movel proximo; abrio-a; tirou uma gomma-elastica, que servia para o professor de piano fazer as correcções indispensaveis e destruir o que havia de falso no gravado da lithographia. Com phrenesi de desesperado calcou-a sobre a phrase, escripta a lapis, e, com movimento rapido e nervoso, fez desapparecer a obra piegas do enamorado.

— Extinguem-se d'este modo as minhas primeiras illusões!

Um prolongado suspiro acompanhou este gesto energico. Voltou-se então, pousou a musica na estante do piano, sentou-se, e ferio as primeiras notas do romance.

Foi neste momento, que Dolores e Lucio ouviram os primeiros accordes. A musica retemperára os animos.

A pouco e pouco, Carmen foi-se deixando vencer e dominar pela franqueza da melodia. Foi esta a razão por que não foram presentidos os passos do moço, que se approximava cautelosamente.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

A companhia franceza de que faz parte a Judic, deu-nos até hoje, quinta feira, 8, depois da *Femme à papa*, mencionada no ultimo numero do *Album*, as seguintes peças: *La cigale*, de Meilhac e Halévy, *Les charbonniers*, de Philippe Gile, *Le parfum*, de Ernest Blum e Raul Touché, *La Roussotte*, de Meilhac e Millaud,—além de uma infinidade de cançonetas, e de alguns *levers de rideau* em que não apparece a celebre artista.

A pessoa que escreve estas linhas applaudio em Pariz, ha dez annos, na *Cigale*, a não menos celebre Celine Chaumont, e tem o desprazer de notar que, representando essa espirituosa comedia, a Judic não vale o que valia a sua illustre collega: está muito pesada para o papel. O actor Simon, esse imita o melhor que póde o actor Dupuis. Releva dizer que a comedia de Meilhac e Halévy foi desnaturada por mãos profanas, que lhe metteram musica, e que musica!

Nos *Charbonniers* é inimitavel o trabalho da Judic, transformada em carvoeira *auvergnate*; mas o seu *partenaire*, o actor Simon, aliás talentoso, fez-nos saudades do Huguenet.

No *Parfum* não tem a Judic um dos seus melhores papeis, nem ella o fez em Pariz. De resto, a comedia, immoral até o cynismo, não dá margem ao talento de uma actriz excepcional.

Fallem-nos da *Roussotte*, isso sim! Da primeira á ultima scena a Judic é a Judic, a Judic authentica, a Judic do boulevard, e não a Judic das *tournées en Amerique*.

Na cançoneta franceza a *diva* continúa a ser unica: não ha nem haverá quem a exceda nesse genero ligeiro mas difficillimo. Ouvir o *Ne me chatouillez pas* ou *Les noisettes*, para só citar duas cançonetas, é uma das maiores delicias que Deus me concedeu neste mundo. Como actriz, não tem a Judic uma reputação invulneravel; mas como *diseuse* de cançonetas, o seu logar ha muito tempo está assignalado na historia da arte do theatro: o seu nome será eterno.

*

A companhia portugueza que trabalha no Apollo deu-nos a *Consciencia*, drama de Campos Junior, e a *Dama das camelias*. Esta ultima peça subio á scena em beneficio da distincta actriz Amelia Vieira. Não tivimos o prazer de assistir a nenhum d'esses espectaculos.

*

A companhia Sousa Bastos, que voltou de São Paulo, festejou no Lucinda o centenario da revista *Tim tim por tim tim*, e parte para Pernambuco a 20 do corrente.

*

Para S. Paulo partio a companhia Dias Braga, do Recreio Dramatico.

*

Chegou a companhia portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa, cuja estreia já está annunciada.

*

Está em viagem para o Rio de Janeiro a grande Sarah Bernhardt.

Deus a traga!...

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 23

JUNHO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 2$000 por série de 52 numeros, e de 1$000 por série de 25 numeros.— Para os Estados 2$500 e 1$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

A administração do « Album » declara que d'esta data em diante o Sr. Castro Soromenho nada tem de commum com este periodico.

12 de Junho de 1893.

SUMMARIO

Dr. Abel Parente	Pardal Mallet.
Chronica Fluminense	A.
Ambições	Silva Ramos.
Pariz	Cosimo
No Boudoir	Francisca Julia da Silva.
Enterro no sitio	Virgilio Varzea.
Carmen	Pethion de Villar.
Amor de Primavera e amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Adeus á Bahia	Arthur Azevedo.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

LUIZ MURAT

CONCURSO POETICO

O jury, composto pelos Srs. Dr. Luiz Delfino, Olavo Bilac e Arthur Azevedo, resolveu unanimemente conferir o premio do concurso ao autor da traducção do soneto de Soulary publicada no ultimo numero do *Album* em decimo terceiro logar, e assignada por *José Fino*, pseudonymo de *Silva Ramos*.

Ao Sr. Silva Ramos remetteremos, pois, os numeros do *Album* já publicados, e os que se publicarem de hoje em diante.

*

O Sr. Francisco Muniz Freire declarou que nos remettêra pelo Correio duas traducções para o concurso, uma sua e a outra do Sr. Dr. Alves Faria. Não recebemos nem uma nem outra.

*

Os autores das traducções não premiadas poderão exigir do *Album* a publicação de seus nomes.

DR. ABEL PARENTE

Se ainda alguem houvesse com audacia para negar a veracidade dos proloquios, aqui estaria o caso do Dr. Abel Parente para demonstrativa de que *ha males que vêm para bem*.

Tudo fizeram contra elle. Numa verdadeira campanha de exterminio, como só a sabe pelejar official do mesmo officio, foram desde o reclamar a intervenção da Justiça até á ameaça e ao proposito de uma deportação popular. E de tudo isso, d'essa preoccupação e d'esses dissabores de dias infindos, apenas resta um decisivo triumpho para o notavel gynecologista, que mais forte se sente agora, retemperado por essa proclamação de innocencia na devassa que lhe impuzeram, como ouro de lei aquilatado na pedra de toque.

*

Historiemos, porém:

Não póde ser um simples canto de victoria este perfil que me pediram para acompanhar o retrato do illustre clinico. A projecção de luz que atiraram sobre a sua individualidade, destacando-o do commum, como um vulto de sabio e de perseguido, creou exigencias de curiosidade que desejam remontar-se até o berço dos homens em evidencia.

Nascido, a 29 de Julho de 1851, numa pequena aldeia da provincia de Salerno, e filho legitimo de Mathilde e Giuseppe Parente, o Dr. Abel Parente foi educado em Napoles. Ahi, em 1875, formou-se em medecina na Universidade d'essa cidade, tendo frequentado os cursos do grande Cantani, de Tom-

masi, Semmola, Calobarelli e outros não menos notaveis da adiantada escola italiana. E fel-o com tal aproveitamento que, logo depois de diplomado, conseguio os primeiros logares em dous concursos para medico do grande hospital denominado *Incurabile* e para o de *Gesù e Maria*.

Immigrando para o Brasil em Julho do anno seguinte, e submettendo-se em Dezembro ao necessario exame de sufficiencia, para logo conseguio a estima de Torres Homem, e accentuou o seu espirito investigador e doutrinario numa polemica scientifica que então manteve com o fallecido Dr. Pedro Paulo — uma das glorias da nossa corporação medica.

Ainda nesse terreno de estudo fez publicar: no *Brasil Medico* uma monographia sobre o *Diagnostico clinico differencial entre o cancro uterino e a metrite chronica* e nos *Annaes do segundo Congresso Brasileiro de Medecina e Cirurgia* tres memorias sobre *As ulcerações do collo do utero. sua frequencia no Brasil, causas que para isto concorrem, tratamento curativo e prophylatico*, sobre *A ergotina no puerperio* e sobre *Indicações e contra-indicações da hysterotomia nos casos de tumor-fibroso do utero.*

E a esses trabalhos em breve se ajuntará outro de maior folego ainda — *A prevenção da concepção das mulheres que correm perigo durante a gestação e o parto*, em que demorada e scientificamente desenvolverá essa sua descoberta de *prevenir para sempre a concepção*, que lhe foi objecto de profundos estudos e que, por pouco, tão caro lhe ia custando.

*

Foi sobre esta que versou a grande campanha, agora ultimada.

Tendo chegado a resultados precisos e certos na pesquiza a que se entregára, o Dr. Abel Parente, como todo o mundo, annunciou a applicação do seu processo, levando o zelo de consciencia a ponto de descriminar os casos em que o empregaria.

Mal lhe houve. A questão, nova em si, provocou reparo e commentario mais sentimental e impressionista do que estudado e scientifico. E os desaffectos de classe, os inimigos, que o talento nunca deixa de conseguir quando entra em concurrencia com as mediocridades, esposaram esse ponto de vista da chronica ligeira e deram nos o triste espectaculo do academismo, rancoroso e exclusivista, colligado em massa, para o trabalho inquisitorial que condemnára Gallileu e condemnára André Vesallius.

Innumeros foram os pareceres, então publicados, rançosos de sciencia velha, todos a se resumirem nesta argumentação: Como até agora nenhum tratado classico falla num processo de prevenir para sempre a concepção, como nós, academistas! não o sabemos e nunca pensamos nisto, é impossivel que o Dr. Abel Parente o tenha descoberto.

Macaqueação, palingenesis d'aquellas longas dissertações de frades, que na edade media contrapunham um texto da Biblia a qualquer tentativa individual de romper contra a rotina, e negavam a Colombo os meios para descobrir um novo mundo, porque, tendo tres os filhos de Noé, era impossivel na terra mais uma quarta parte, a campanha do academismo brasileiro não se olvidou da guerra insidiosa d'esses outros tempos memoraveis.

Entraram em jogo todas as armas apparelhadas do jesuitismo subterraneo. Cartões impressos e diffamadores foram distribuidos ás centenas Artiguetes anonymos e insultuosos diariamente appareceram. E vozes *autorisadas* aconselharam que nenhuma doente fosse procurar o notavel especialista, porque todas as senhoras que lhe comparecessem no escriptorio seriam chamadas á policia e submettidas a rigoroso interrogatorio, talvez não escapando a uma pronuncia de complicidade.

Para armar a effeito, recorreram até a preconceitos nativistas, aconselhando a deportação popular d'esse italiano que offendia a mulher brasileira, e estancava em sua origem a fonte da vida nacional, mal lembrados de que, brasileiro de coração, o Dr. Abel Parente fez-se notavel logo depois do 15 de Novembro numa polemica em defeza da lei de grande naturalisação, divergindo nesse momento de ex-patricios, e abraçando enthusiasticamente a causa da Republica, de que fôra um sympathico nos tempos difficeis da propaganda.

*

Exacerbados, como então se achavam, os animos, a questão não podia correr á revelia do poder judiciario. E, assim comprehendendo, a escrupulosa inteireza de caracter do Dr. Viveiros de Castro chamou-a ao seo fôro.

Já sobre ella se havia pronunciado a autoridade sanitaria que, a cargo de um homem da estatura intellectual e moral do Dr. Francisco de Castro, melhor respeito devêra merecer de seus collegas. A conspiração academista entendêra, porém, de passar por sobre o despacho d'aquelle que se fez o herdeiro scientifico de Torres Homem E a questão, affecta á Justiça, correu os seus tramites legaes, concluindo-se pelo archivamento de um inquerito em que, entretanto, se deixára aos adversarios do denunciado a mais inteira liberdade de prova, e em que estes foram os proprios a evidenciar o nenhum fundamento de increpações, em sua totalidade filhas de uma paixão exclusivista e perseguidora.

*

Bem houve de tudo isto.

Para nossa litteratura medica este caso forneceu a magistral memoria com que o Dr. Francisco de Castro justificou a justiça rigorosamente scientifica do seu despacho.

Para o Dr. Abel Parente foi a consagração definitiva do seu invento, e a pedra de toque em que

se apurou o valor intrinseco de sua individualidade.

E para nós todos foi a prova de que a evolução dos seculos vae abolindo o particularismo opressor das confrarias.

PARDAL MALLET.

CHRONICA FLUMINENSE

Esta foi a semana das boas actrizes: fez beneficio a Judic, estreiou-se a Rosa Damasceno, o *Paiz* publicou um bello artigo de Pinheiro Chagas a respeito da Amelia Vieira, elogiando-a sobretudo como excellente mãe de familia, e por fim chegou a Sarah Bernhardt.

E' provavel que a grande tragica pergunte pela placa.

Que placa? perguntará tambem o leitor. Pois não se lembram? Para perpetuar a lembrança das representações que Sarah Bernhardt deu no theatro S. Pedro em 1886, cotisaram-se alguns dos seus mais ferventes admiradores, á frente dos quaes se achava o saudoso Sizenando Nabuco, e mandaram fazer uma placa de marmore, na qual foram gravadas algumas palavras commemorativas.

Essa placa devia ser collocada no theatro não sei se interna ou se externamente. Ficou prompta ainda Sarah Bernhardt cá estava, e durante algum tempo foi vista no salão do theatro, melancolicamente abandonada a um canto; depois desappareceu d'alli...

Que fim levou a placa? O nome da maior actriz do mundo não seria por ventura digno de figurar na fachada do theatro S. Pedro?

*

Nunca tivemos um anno theatral tão cheio! Basta dizer que estão actualmente nesta capital sessenta e tantos artistas dos theatros de Lisboa! Vamos assistir a uma verdadeira guerra entre emprezarios! Pois se os tempos andam tão bicudos que a gente, para poupar um phosphoro, pede fogo a quem passa!

*

Mas deixemos a guerra do theatro e fallemos do theatro da guerra.

As noticias que chegam do Rio Grande do Sul são tão contradictorias, que andamos todos ás cegas e não sabemos em quem acreditar. D. Bazilio perguntava: *Qui diable est ce donc qu'on trompe ici?*—; nós perguntamos: Quem diabo nos engana?

Se leio uma noticia — tenho lido tantas! — que me alegra, annunciando a terminação da guerra, posso ter a certeza de que no dia seguinte, ou no mesmo dia, outra noticia me entristece, dizendo justamente o contrario! Assim pois, estou resolvido a nunca mais alegrar-me...

*

Um telegramma houve, do commandante da flotilha do Alto-Uruguay, que me não alegrou, mas convenceu-me de que, infelizmente, naquellas paragens Deus não dá o frio conforme a roupa. Vá lá fiar-se uma pessoa na famosa sabedoria das nações!

« Esta flotilha continúa no seu posto de honra, disse o telegramma; desnecessario é appellar para o nosso patriotismo! » E terminou assim: « Mandenos roupa de inverno! »

Oh, friorento commandante, porque não fizeste dous telegrammas, — um fallando de honra e de patriotismo e outro pedindo roupa? Fazes-me lembrar o velho da parodia do *Dom Jayme:*

Deus, entrego-te meus filhos!
— Christina, vamos jantar.

*

Atravessamos um periodo litterario. Os Srs. Magalhães & Comp. são uns editores que não hesito em classificar de intrepidos.

Ainda agora publicaram elles, num elegante volumesinho, com o retrato da Borghi-Mamo na capa, o que me pareceu bem exquisito, quarenta e tantas poesias de Luiz Rosa, o poeta lyrico e sentimental que d'antes se occultava no pseudonymo de Sylvio Freire. *Imagens e visões* é um livrinho que se lê e relê com muito prazer. O autor tem o bom senso de fazer versos á antiga; não embarafusta por essas extravagancias de decadismos, symbolismos, nephilibatismos e não sei que mais. Deus lhe conserve o juizo.

— Do Pará manda-nos outro livro de versos, *Lyrios d'alma*, uma senhora— *chapeau bas!* — D. Maria Simões, bella, a julgar pelo seu retrato, engenhosa mas inexperiente, a julgar pelas suas producções, e digna de benevolencia e de estimulo, a julgar por estas palavras suspiradas num *Ao leitor* fugitivo: « Nada mais pede a humilde escriptora destas linhas, senão que deixeis cahir de vossos caridosos olhos uma lagrima de compaixão sobre estas tristes paginas, em que deixa impressos todos os obscuros arroubos de sua alma sensivel e impressionavel. »

Um capadocio do Rio de Janeiro responderia: Quero chorar mas não posso. Com certesa no Para não o entenderiam.

Tem só cincoenta e tantas paginas o mais curioso dos livros ultimamente publicados: não é um livro, é um opusculo.

Trata-se de um escripto posthumo de José de Alencar, *Como e porque sou romancista*, publicado por seu filho Mario, o joven poeta das *Lagrimas*.

Para fallar verdade, o livrinho nada contem de verdadeiramente interesssante. Diz Alencar que se tornou romancista por que leu romances na sua meninice. Essa é, por fim de contas, a historia de todos os romancistas, e nada tem de particular nem de notavel. Entretanto, ha nessas paginas revelações e phrases incidentes, que as tornam preciosas.

E quando assim não fosse? Um escripto de José de Alencar tem o direito de ser lido com avidez e interesse, haja as proporções que houver. Eu li assim esse folheto, uma noite, ao deitar-me; e, quando acabei a leitura, atirei-o para cima do velador, apaguei a vela, voltei-me para o outro lado, enterrei a cabeça no travesseiro, e adormeci, pensando: — Prefiro o *Guarany*.

A.

AMBIÇÕES

(JOSÉPHIN SOULARY)

Se eu tivesse um torrão: monte, valle ou clareira,
Quizera-lhe agua ao pé: fonte, arroio ou caudal,
Uma arvore eu plantára: olmo, freixo ou limeira,
E erguéra um tecto a par: colmo, telha ou palhal;

Na arvore um doce ninho: algodão, musgo ou ceira,
Reteria um cantor: pisco, melro ou pardal,
Na choça um leito a arfar; rede, berço ou tabual,
Guardára uma criança: alva, rosea ou trigueira.

Contenta-me um torrão; por bem traçar-lhe a meta,
Eu diria á criança, a mais bella e dilecta:
Fica em pé contra o sol que além sobe risonho;

Onde te eu vir na relva a sombra produzida,
Ahi limitarei o horizonte da vida:
Ventura além da mão, não é ventura, é sonho.

SILVA RAMOS.

(Traducção premiada no concurso do *Album*.)

PARIZ

Graças á indiscrição de um amigo, transcrevo em seguida um trecho de carta escripta de Pariz por um dos mais distinctos e o mais «exquisitão», talvez, dos nossos homens de lettras, contendo idéias que raras vezes têm sido enunciadas, e coisas que nunca foram ditas. Essás novidades e a fórma artistica do trecho farão com que este seja apreciado pelos leitores do *Album*.

Estou em Pariz, meu caro amigo. Que Deus te livre eternamente do supplicio de estar em Pariz! E' um mundo, sem duvida; largos *boulevards*, profusamente iluminados a luz electrica, dous extensos renques de arvores bordando a orla dos passeios uma infinidade de cafés que se succedem, largos espelhos brilhantes, mesas sobre mesas nos passeios, uma multidão compacta amontoada nas calçadas, nos cafés, nas lojas, nas ruas, um borborinho infernal de carros e carros em duas, tres, quatro filas, subindo e descendo, *camelots* que annunciam estentoricamente a *Cocarde, sixième edition!*, *declassés* da arte que te fazem o retrato emquanto tomas um *bock*, largos cartazes bariolados em cima, em baixo, nas paredes, nas mezas, nas calçadas, nos kiosques, no ar, no céo e na terra, gritando em todos os tons de espectro onde encontras o melhor alfaiate, a peça da moda, pastilhas para a tosse, o mais perfeito sapato e o medico de que careces! E tudo isso numa confusão, num ruido de um milhão de diabos!

Mas, ai de ti! essa impressão que te estou dando, que antes de mim recebeste por um milhão de meios, que é a impressão classica, a nota conhecida e aceita de Pariz, é puramente, exclusivamente a impressão de uma hora, de um dia, do primeiro dia. O tempo do deslumbramento de uma apotheose de magica. Acostumas-te ao reverbero da luz, já as palpebras não tremem, olhas fixamente, analysas... Ai de ti, meu velho! Estás mergulhado dentro da mais monotona de todas as cidades. O que viste hontem, o grito do *camelot*, o cartaz do annuncio, a lampada electrica, o café, a multidão que hontem te deslumbraram, lá encontrarás no mesmo logar, á mesma hora, do mesmo feitio, hoje, amanhan, sempre, sempre! Este theatro só tem em scena a mesma peça; felizes os que se divertem em aprendel-a de cor! Eu vejo-a ha mez e meio: estou enfastiado.

Se tiro os olhos do paiz para considerar o povo, devo confessar que tenho por elle a maior, a mais completa admiração. A gente admira sempre aquillo de que é incapaz, e eu sou absolutamente incapaz de pautar a minha vida pelo convencionalismo da d'este povo.

Aqui é tudo regrado, marcado, apontado, como se isto fosse um enorme palco onde um contraregra invisivel recebesse as deixas e indicasse as entradas. Hora e dia para tudo: para ir ao theatro, para ir á egreja, para ir ao *Bois*, para ir aos museus, para ir ás aguas, para ir aos banhos, para ir aos campos, para ir á fava!

E a admiração é tão grande ao encontrar-se um sujeito de posição em qualquer destes logares fóra dos dias e das horas, como não encontral-o no momento convencionado. Quem não é visto no *Bois* nas sextas-feiras, entre as duas e as seis, esteja certo de que recebe um cento de cartões sabendo de sua saude. Não é só tolo, é fatigante, e quasi uma escravidão; esfalfa, aborrece, mata!

. . . . . .

Ai! ai! quem me dera estar a estas horas me aborrecendo na mais monotona de todas as cidades!

COSIMO.

DR. ABEL PARENTE

NO BOUDOIR

Aguarda o joven conde ha quasi uma hora,
Mudo, a agradavel occasião de vel-a.
A um canto do *boudoir*, altiva e bella,
Está sentada a viscondessa Aurora.

Entra e murmura: «Que brilhante estrella!
Vou confessar-lhe o meu amor agora...»
Depois, approximando-se: «Senhora,
Tenho muito prazer em conhecel-a...»

E segreda baixinho: «Viscondessa,
E' por vossa excellencia que deliro...»
E. ella soerguendo, timida, a cabeça,

Fita-o, sorrindo. Nada lhe responde...
Solta apenas um tremulo suspiro
Ao ver os olhos do formoso conde.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

S. Paulo.

ENTERRO NO SITIO

A ISIDORO DE CASTRO

Meio-dia. O sitio conserva aquella tranquilidade alegre e venturosa de todos os dias, aquelle estado planturoso e verde, que transborda de seiva, e de onde se erguem, salubrisando o ambiente, em ondas revigorantes de saude, o aroma delicioso das flores, as frescas e penetrantes exhalações da verdura.

Quatro meninos tristes e silenciosos sahem de uma egrejinha rude e mal acabada, situada num alto, carregando um caixãosinho aberto, de metim azul, dentro do qual vae deitada uma creaturinha loura, desmaiada, de seis mezes, mais ou menos, sorrindo infantilmente da sua frialdade de morto juvenil, bonita, parecendo viva, com os olhinhos semicerrados como pela intensidade da luz que lhe bate de frente.

Mais atraz, caminha um preto, edoso e curvo talvez pelos seus sessenta annos de enchada, que leva a tampinha do caixão.

Pelas margens da estrada, branca e enflorescida, cortada pela agua murmurante e limpida dos corregos, os espinheiros tufados e vigorosos, numa felicidade vegetativa e exhuberante, cantam monotonamente carregados de cigarras, e accenam para o mortinho, n'uma expansibilidade de verdura, como se lhe dessem o ultimo adeus!

Dos terreiros das casas, onde recentes colheitas de café seccam, fumegando, mulheres de lenços vermelhos pela cabeça, assistem piedosamente, com olhos de choro, á passagem do feretro.

Um sol glorioso e resplandecente enche toda a paizagem. O calor abafa. E pelos terrenos alagados e gramosos, pastam satisfeitamente os bois.

VIRGILIO VARZEA.

CARMEN

Como cantar n'um verso este nome opalino,
E na tela de um hymno idear este anjo loiro,
Se eu não possuo o engenho artistico de Urbino,
E não tanjo de Homero o heptacordium de oiro?

Vel-a atravez de um nimbo, olympica, tão pura,
Com um par de azas azues nos seus hombros de neve,
E querer esboçal-a... ai! que enorme loucura!...
Ha perfis que o pincel mais genial não descreve.

Vel-a assim, sempre ideal, e materialisal-a
No *cliché* de um soneto, e pol-a no escabello
Banal de um retratista em vez de dar-lhe o altar,

Ai! que profanação! Depois, como pintal-a,
Se todo o oiro do sol radia em seu cabello,
Se todo o azul do céo baixou no seu olhar?

PETHION DE VILLAR.

Bahia 29 de Maio de 1893

Com muito atrazo, causado pela sua excursão á Bahia, recebeu o director do *Album* a seguinte carta, que só agora póde ser publicada:

« Meu caro Arthur Azevedo: Ao ler, no ultimo numero do seu *Album*, uma traducção dos bellos versos do conde Réseguier acerca da constancia no amor, lembrei-me de já os haver tambem trasladado ao portuguez, no meu tempo de estudante de S. Paulo, a pedido de Martim Francisco Filho. Se bem me recordo, era assim a minha versão:

Dizem, meu anjo,
Oiço dizer,
Que o amor muda.
Não deves crer.

Fogo que inflamma,
Eterno a arder,
Nutre-se, vive
Da propria chama:
Quem ama, ama
Até morrer.

E' claro, filha,
Como o que o fôr:
Amor que muda
Não é amor.

LUCIO DE MENDONÇA

Rio, 17 de Maio de 1893. »

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

VIII

Lucio deixou correr indifferentemente um mez.

Para qualquer que não se vio ainda prisioneiro de uma mulher, trinta dias passam com rapidez, e é fleugmaticamente que se vão contando, aproveitando-os bem e marcando-os com episodios mais ou menos romanescos. O medico fizera o proposito de evitar Dolores durante esse espaço de tempo, com prejuizo do seu interesse amoroso.

Bem comprehendia que, depois d'aquella scena, que participava tanto de estranha quanto de excentrica, e até mesmo com a sua pontinha de ridiculo, o melhor expediente era contemporisar.

Afinal, o que a principio lhe pareceu estranho, enigmatico, apresentou-se á razão lucidamente explicado. Lucio tomou como ponto de partida o grito abafado que ouvira, quando se achava no quarto de Dolores a beijar-lhe a mão avelludada e quente, duas condições para transformar mãos de mulher bonita em pilhas de sensualismo.

A ideia assentou nesta casualidade e coincidencia. Homem de acção, decidio prestar a Carmen todos os meios para que de uma vez para sempre se convencesse de que lhe era completamente indifferente Dolores. E para isso, o primeiro passo devia ser, no seu entender, afastar-se por algum tempo da casa do coronel Blanco.

Contraria a isso foi a deducção que Carmen tirou de tão louvavel procedimento. Seria mentir dizer que Lucio não sentira a privação, a que voluntariamente se entregára, de evitar a presença de qualquer pessoa que fizesse parte da familia Blanco.

Com o padrasto de Carmen encontrára-se amiudadas vezes em sua propria casa. Entrava ás onze da noite e ainda assistia ás ultimas scenas da bisca que os coroneis Herrera e Blanco representavam com uma interessante mimica, em silencio, com os cotovellos cravados no tapete verde da meza e, de quando em vez, acompanhando-se com o chupistar do *chimarrão*, que a criada apresentava de intervallo a intervallo, automaticamente, entrando e sahindo da sala de jantar que, de ordinario, era o campo dos gladiadores, partidarios das monarchias de um *baralho*.

Os dous velhos, embora robustecidos e bem providos de epidermes resistentes e até com a virtude da consistencia de verdadeira sola, não se podiam conservar insensiveis á acção do ar frio do inverno.

O mez de Julho principiára com a symphonia á grande orchestra de pampeiros, e vertiginosos que eram como a correria de um Derby em Hide-Park.

As pessoas edosas são mais sensiveis ás baixas temperaturas. Por isso, o coronel Herrera tinha sempre de prevenção, acceso, o fogão de inverno, a *estufa*, como o designam em Montevidéo. O coronel Blanco vinha, quasi todas as noites, descansar das divagações politicas do dia, entregando-se ao calculo silencioso da bisca. De quando em quando, os dous amigos distrahiam a vista e fixavam um olhar de travez ao brazeiro da *estufa*, que accionava com uns gestos chammejantes, e cantarolava uns estalidos, monotonos, mas agradaveis, de lenha verde.

Blanco dera, havia dias, pela ausencia que Lucio fazia á sua casa. Tivera a vêleidade de imaginar que o rapaz poderia enamorar-se da enteada.

— Enganei-me ! — dizia comsigo.— Coisas de moço. Gosta mais de correr ó mundo duvidoso, do que frequentar casas de familia.

E já lhe não dispensava o sorriso de protecção e bondadoso que antes chamava a attenção dos adoradores de Carmen, nem repetia os elogios que sempre tinha nos labios e proferia á queima roupa, pouco se importando se ia ou não ferir o amor proprio dos que, longe de terem o merito, tinham as mesmas pretenções de seu jovem amigo. Estas caricias, se não engodos, diminuiram a pouco e pouco; e, quando se passou o mez, durante o qual Lucio não visitou a casa do coronel Blanco, já o velho militar lhe respondia aos comprimentos com um—*Salud, caballero*—secco, e sem levantar os olhos do leque, armado na mão esquerda com as cartas de jogar.

O padrasto de Carmen proferia do modo o mais indifferente essas duas palavras, e continuava, de intervallo a intervallo, a bater com os naipes no panno da meza, acompanhando-se com um gesto de esgrimista e golpeando biscas e azes com o trunfo victorioso. E então os dous amigos gargarejavam uns risos especiaes, de bonhomia e prazer. Recordavam-se do tempo de barraca, no Paraguay e na guerra de Rosas.

Era, em circumstancias mais melindrosas, aquillo mesmo,—uma bisca á luz da fogueira e ao som da *bandurria* de algum trovador do batalhão.

Lucio pouco deduzia das informações do coronel sobre Carmen. Comprehendêra o motivo da indifferença do velho, e regosijava-se.

Blanco queria-o, e arrufava-se com o seu procedimento. E, quando menos, um meio excellente de conhecer se os paes aceitam ou não os pretendentes. Demais sabia muito bem o annexim francez : *pour se faire aimer, il faut se faire désirer*.

A velha amisade dos militares, inabalavel, inspirava aos dous uma confiança extrema, e o pensamento de um era de subito suggerido ao outro, sem premeditação.

Discutiam ideias e mettiam a ridiculo, de continuo, os desconchavos da politica do governo. Para elles tal ou tal emprendimento dos homens da situação, que, em verdade, era digno da reprovação geral, condimentava os ultimos dez minutos que

medeiavam entre a ultima partida e a retirada de Blanco.

Esse curto espaço de tempo contrastava de modo singular com o silencioso batalhar do jogo. A *situação* era, em bom portuguez, o cão de lata ao rabo, á custa do qual os dous intimos se riam, sem deixarem de manifestar a pontinha malevola do despeito partidario, que é para os homens politicos o que o ciume é para o amor de moços.

Apezar, porem, desta confiança mutua, assumpto houve de que o coronel Blanco se abstrahio de tratar na presença do amigo. O marido de Dolores pensou que bom partido seria estabelecer um ajuste de casamento entre Carmen e Lucio. Os moços pareciam criados um para o outro.

— E' verdade — murmurou Blanco um dia — é verdade tudo isto, mas, não é a mim que compete dar impulso : é ao Herrera como pae de Lucio.

No fim de um mez fel citava-se por ter seguido á risca o pensamento : o rapaz não tinha a menor inclinação pela enteada. Equivoco ainda mais corroborado pela ausencia prolongada de Lucio.

Assim estavam as coisas, quanto á opinião que os personagens faziam dos sentimentos dos dous moços.

Viviam enganados ; enganavam-se involuntariamente uns e outros. Em taes circumstancias, não ha para que appellar senão para o tempo, se é que o tempo póde fazer o milagre de absolver *criminosos*, que nenhum delicto commetteram.

Lucio lutava entre o amor que dedicava a Carmen e a tentação de Dolores. Esta entendia dever levantar a barreira de um falso noivo, monstruoso e ridiculo, entre os dous moços, cuja natureza de um e outro sentia a attração de profundo affecto. Carmen presentia o perigo ; em sua opinião a ausencia de Lucio tinha por alvo salvar as apparencias ; não era a ella que se dirigia a attenção do medico.

— Que importa que se hajam passado trinta dias sem que elle venha visitar-nos ? Não sabem as senhoras quando bem lhes parece, sosinhas ? não voltam ás horas que lhes appraz ? não se podem encontrar *por ahi*... por essas ruas ?... para que se inventaram os *rendez-vous* ?

Foi má a interpretação que deu ao procedimento de Lucio. O seu respeito filial accusava-a do juizo que dispensava ao procedimento de sua mãe. E, nestas occasiões, Carmen empallidecia medrosa da sua propria ideia ; o sentimento, porém, o amor proprio ferido, o quasi ciume que a consumia alentavam-n'a a conservar essa opinião.

Lucio evitava Dolores e Carmen fantasiava *rendez-vous*.

Destas situações deduzem se, por vezes, consequencias perigosas. A precipitação dos raciocinios, presidida por uma logica falsa de enamorado, dá sempre resultados funestos. Ao sentimento que Carmen nutria por Lucio devia fatalmente succeder o despeito. Quando uma individualidade se acha presa d'esse veneno que a sociedade filtra, segue-se a offensa. Ha mulheres que têm por methodo e norma uma singular theoria: antepõem sempre ao amor de um homem a fatuidade de uma soberba perigosa. Sahem victoriosos se o homem, pretendente que seja, tem tambem a pretensão da victoria e luta por vaidade, não para ganhar o coração mas para abater o orgulho dessas improvisadas rainhas de salão.

Carmen, mulher de natureza privilegiada, educada á luz dos conselhos de Blanco, havia de ter tambem o seu calcanhar de Achilles ; exemplar em tudo, fez excepção num ponto: offendeu.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

ADEUS A' BAHIA

Patria gentil da Patria brasileira,
Com pena de deixar-te vou deixarte...
Não espera o vapor... fuméga e parte ..
Adeus, ó doce terra hospitaleira!

Dentro do coração te levo inteira,
Embora o longo mar de ti me aparte,
E commigo serás em toda a parte
Aonde o fado regeitar-me queira.

Adeus, ó formosissima cidade,
Da Divindade alegre maravilha,
Que maravilha a propria Divindade!

Terra que o fero Oceano prende e humilha,
Eu deixo-te, penhor d'esta saudade,
A minh'alma, o meu tudo, a minha filha.

ARTHUR AZEVEDO.

Bahia, 28 de Maio de 1893.

THEATROS

Não! não é um sonho, não é uma illusão dos sentidos : Sarah Bernhardt está no Rio de Janeiro, Sarah Bernhardt representou hontem, Sarah Bernhardt representa hoje, alli, no Theatro Lyrico, a alguns metros de minha casa, cinco minutos longe da rua do Ouvidor !...

Que peça representou ella ? A *Tosca*, julgo... não sei... Que actores a acompanham ? Ignoro... não reparei... não ouvi... não vi... Só tive olhos e

ouvidos, intelligencia e alma para ella, a divina, a incomparavel artista! Póde ser que mais tarde eu consiga ver e ouvir no Lyrico outro vulto que não seja o seu, outro som que não seja o de sua voz... Póde ser que na proxima semana eu tenha readquirido a calma do espirito, e possa dar aos leitores do *Album* a chronica calculada e fria dos espectaculos de Sarah Bernhardt; neste momento sinto-me contundido e esmagado pelo seu talento phenomenal e illustre.

*

Mam'selle por *Mam'selle*, antes *Nitouche* que *Crénon*; pelo menos foi essa a opinião de todos os *habitués* dos espectaculos da Judic. A diva é ainda uma incomparavel artista no papel de Nitouche, e o actor Simon, no de Celestin-Floridor, parece-se extraordinariamente com Baron, o creador do papel: é esse o maior elogio que lhe posso fazer. Os demais papeis foram sacrificados, mas a interessante peça de Meilhac, Millaud e Hervé a tudo resiste com uma protogonista assim.

A Judic fechou a serie dos seus espectaculos com a *Niniche*—um de seus melhores papeis— lá foi deliciar os povos da Paulicéa, que vão, pela primeira vez, póde-se dizer, ouvir a cançoneta franceza. S. Paulo ha de fartar-se de applaudir a diva.

*

A companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, estreiou-se no S. Pedro com o *Kean*. No papel do protogonista reappareceu o insigne actor Brazão, nosso velho conhecido, e no de Anna Damby estreiou-se a actriz Lucinda do Carmo, que tem reputação de talentosa.

Ao *Kean* succeden logo o *Tio Milhões*, comedia alleman, traduzida por Acacio Antunes. Não diz o cartaz qual seja o nome do autor. A peça não é um primor de technica dramatica, mas é muito espirituosa e muito divertida. O Tio Milhões é Augusto Rosa, um actor de quem o publico fluminense devia ter saudades. O papel do conde Karaskol, o patife da peça, foi bem desempenhado por um artista que a nossa plateia não conhecia ainda,—Augusto de Mello. Mas a *great attration* do espectaculo era a apparição de Rosa Damasceno, uma verdadeira actriz de comedia, muito observadora, muito minuciosa, muito natural, e unica no seu genero em lingua portugueza. O publico fez-lhe uma ovação merecida.

*

No Apollo tivemos, pela outra companhia dramatica portugueza que já cá estava, *as Duas Orphans*, de D'Ennery, e o *Voluntario de Cuba*, de Caño. Qualquer d'esses dramas é bastante conhecido no Rio de Janeiro; em ambos têm magnificos papeis os artistas Amelia Vieira e Alvaro, a quem a nossa plateia não regateia applausos.

*

Estreia-se hoje, sabbado, no Polytheama, a companhia Tomba, — companhia italiana de opera, opera-comica, opereta e magica. A peça escolhida para esta estreia é a opera-comica em 3 actos, *Raphael e a Fornarina*, do *maestro* Maggi.

*

A companhia Garrido, desalojada do Polytheama pela companhia Tomba, vae dar a *Volta do mundo* no Recreio Dramatico.

X. Y. Z.

Recebemos um exemplar do *Tartufo*, a immortal comedia de Moliere, traduzida em versos alexandrinos por Americo Lobo. Sobre tão importante trabalho litterario daremos opportunamente a nossa opinião.

Do Sr. J. Barbosa Rodrigues, o illustre director do Jardim Botanico, recebemos um exemplar do catalogo dos vegetaes cultivados naquelle estabelecimento, outro da descripção scientifica de um novo individuo do genero Caryodendron e de uma Sebasnia nova, e outro ainda do relatorio sobre trabalhos do Jardim Botanico, apresentado pelo mesmo funccionario, em 18 de Janeiro ultimo, ao Ministerio da Industria

Do Sr. José Pinto de A. Ferraz, recebemos um exemplar do seu poemeto a *Volta do recruta*, publicado em Piracicaba, e pelo Sr. Julio Reis, conhecido compositor brasileiro, nos foi offerecido um exemplar da sua bella valsa *Appolinea*.

Agradecemos, bem como a remessa do tomo 4º (ns. 19, 20 e 21) da *Revista pedagogica*, utilissima publicação dirigida pelo Sr. Dr. Menezes Vieira, e numeros de *El mundo del arte*, de Buenos Aires, da *Gazeta quinzenal* e da *Etoile du Sud*, d'esta capital, do *Diario de Manáos*, da *Gazeta Postal*, de Belem, do *Baixo Amazonas*, de Santarem, da *Republica* e do *Commercio*, de Fortaleza, do *Gutenberg*, de Maceio, da *Ordem*, de Cachoeira, do *Contemporaneo*, de Sabará, da *Gazeta do Jahú*, etc.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O Album, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7.

Livraria Encyclopedica de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

Livraria Internacional, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 26 JUNHO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

Com este numero finda o primeiro semestre da publicação do «Album». Julgamos ter observado fielmente o programma que nos impozemos no nosso primeiro numero.

Restando-nos apenas um pequeno numero de collecções completas do primeiro semestre, devido á extraordinaria e lisongeira procura que tem tido o «Album», de hoje em diante só aceitaremos assignaturas do n. 27 em diante, isto é, a começar do segundo semestre.

As collecções que ainda nos restam do n. 1 ao 26 serão, até o fim do anno, vendidas a 30$000, preço que augmentaremos se até 31 de Dezembro proximo não se venderem todas.

SUMMARIO

Chronica Fluminense	A.
O desterrado	Alexandre Fernandes.
Carta a uma burgueza	Odorico Gloria.
A Sarah Bernhardt	Cosimo.
Uma noite em Petropolis	Arthur Azevedo.
Tantalo	J. de A.
Ultima	Themistocles Machado.
Amor de Primavera e amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Aurora	Celso de Menezes.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do actor

XISTO BAHIA

CHRONICA FLUMINENSE

Antes de mais nada, permittam os leitores que lhes de um ligeiro cavaco em nome da redacção do *Album*. O retrato de Luiz Murat está desacompanhado; eu digo-lhes porque: Olavo Bilac, que promettêra escrever o «esboço biographico» (poetas por poetas sejam... biographados), foi á ultima hora obrigado, por motivo de molestia, a faltar ao cumprimento de sua promessa. Ahi têm os leitores porque o retrato do bello poeta das *Ondas* está desacompanhado. Só no proximo numero do *Album* será publicada a magnifica prosa de Bilac.

Dado este cavaco, tratemos da semana...

*

Temos Prefeito novo, um militar, o Sr. coronel Henrique Valladares. Deus queira que este valha metade — metade apenas — do que valia o outro, que não era militar.

Não sei se sua excellencia o Sr. Prefeito tem o bom gosto de ler o *Album*. Espero que o tenha, e tanto espero, que vou contar uma das bellezas da nossa municipalidade afim de que sua excellencia veja com quem se metteu.

O escriptor d'estas linhas recebeu ha dias, em sua casa, um aviso encabeçado por estas palavras: «Intendencia Municipal da Capital Federal», e concebido nos seguintes termos:

«Previne-se que o seu predio numero 49 da rua Chefe de Divisão Salgado passa a ter o numero 49.

«Para inteiro conhecimento dos Srs. proprietarios, ou quem suas vezes fizer, previne-se que, na fórma do contracto que com a Intendencia Municipal celebraram Claudio Fretz & C., são obrigados (Quem?) ao pagamento de 1$500 no acto da collocação da placa, ou em seu escriptorio á travéssa do Ouvidor numero 9, e não o fazendo *fica sujeito* (O grypho é meu) ás penas do art. 7 *in fine* do Reg. de 11 de Fevereiro de 1871.

«O numero será designado pela Intendencia, e não poderá ser alterado, sob pena de 30 000 de multa, na fórma do citado Regulamento. Nas mesmas penas incorrerão os que não consentirem na collocação da placa ou conservarem a antiga.

«Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1893.—O encarregado da rectificação da numeração, *Carlos Cardoso.*»

Paguei ao encarregado da rectificação da numeração os meus ricos 1$500, e esse illustre funccionario escreveu a lapis nas costas do aviso: «Recebi. *Carlos Cardoso.*»

Chamo a attenção do Sr. Prefeito para a insigne toleima d'esse documento sem grammatica, no qual me previnem que a minha casa deixou de ter o numero 49, para ter o numero... 49.

Saiba o Sr. Prefeito que a placa da minha porta era de ferro fundido, com os algarismos em relevo; *levaram-m'a*, depois de substituil-a por outra de zinco esmaltado, com os algarismos pintados, a qual não cabe no logar occupado pela outra, o que naturalmente desfeia a minha porta.

Veja o Sr. Prefeito que me obrigam a dar quinse tostões, sob pena de pagar uma multa de tresentos, para satisfação de um contracto, celebrado não commigo mas com uma firma (uma boa firma, quero crer) da travéssa do Ouvidor.

Leia e releia, Sr. Prefeito, esse extraordinario aviso, que me forneceria tres ou quatro columnas de commentarios, se eu tivesse espaço e quizesse gastar cera com ruim defunto... e veja vossa excellencia com quem está mettido!

*

Sarah Bernhardt foi mais infeliz do que eu: a mim levaram-me 18500 e mais uma placa velha: á grande artista roubaram 250,000 francos em joias e dinheiro.

Decididamente Sarah Bernhardt não tem *chance* no Rio de Janeiro. Em 1886 — lembram-se?— succederam-lhe umas tantas coisas desagradaveis, inclusive o incendio das calças de meia com que devia representar *Le passant*, de François Coppee. Agora, mal põe o pé em terra, briga com a senhoria, e alguns dias depois é victima de um roubo tão consideravel! Pobre Sarah!...

*

Sabem? Está salva a patria. Quem o diz não sou eu, é o *Diario de Noticias*:

« Acreditamos que com as boas noticias do Sul e a de importantes operações, que vão dar ao Thesouro um forte *stock* de ouro em Londres, este mercado (o do cambio) melhorará sensivelmente, desapparecendo a carestia de tudo, que tanto contribue para amargurar a vida do povo. »

No dia em que o *Diario* escreveu essa panglossada, o cambio estava a 11 1/8; d'ahi a tres dias baixava a 10 7/8... Qual! a vida do povo continuará por muito tempo amargurada, e os 250,000 francos roubados a Sarah Bernhardt tão cedo não deixarão de valer 200 contos.

*

Mas que diabo, meu povo! A tua vida está amargurada? — atira-te ao jogo! Ahi tens outra vez os bichos do Jardim Zoologico, disfarçados com o nome de *Loteria de Sergipe*, o que não quer dizer—note-se bem — loteria do Estado de Sergipe. Sergipe está alli como poderia estar Piauhy, Espirito-Santo, ou Pinhal d'Azambuja.

Recommendo-te o macaco, meu povo; esse interessante quadrumano corresponde, estou informado, ao numero 17. Se preferes o burro, compra o numero 3.

*

Raul Pompeia, o illustre romancista do *Atheneu*, deixou o *Diario Official* e vae dirigir a Repartição Geral de Estatistica.

O logar é bom e eu dou sinceros parabens ao nomeado; mas não será um desaver feito ás lettras nacionaes enfronhar o nosso Raul Pompeia n'um serviço tão arduo, tão positivo, tão cheio de algarismos, tão feito para matar á imaginação do primoroso phantasista das *Canções sem metro*?

Em fim...

*

Chicago, a enorme e admirabilissima cidade americana onde actualmente se realisa a *World's Fair*, como lá dizem, é uma bella cidade, não ha duvida, mas é mortifera. O marechal José Simeão, um dos mais illustrados officiaes do exercito brasileiro, um verdadeiro patriota, foi victima do clima de Chicago. Fugio para New-York, mas era tarde: morreu. Inclino-me respeitosamente diante do seu cadaver illustre.

*

Deixo tambem registrado nestas columnas ligeiras o nome de outro morto, João Caldas Vianna, visconde de Pirapetinga, cavalheiro de fina educcação, chefe de uma familia muito distincta. Dissipou alegremente o seu patrimonio, e acabou, cheio de philosophia, empregado no Banco de Credito Movel. Ahi mesmo não perdeu o prumo da sua alta correcção fidalga.

A.

O DESTERRADO

A ARTHUR AZEVEDO

Como está longe a terra! lentamente.
Vae de todo nas brumas se occultando!
Deixa o vapor um sulco na corrente,
Monstro de ferro, o espaço atravessando!

E desce a noite... o céo calmo, silente...
O mar arqueja, os astros vêm brilhando;
E o desterrado triste, inquieto, sente
Que o coração lhe estala palpitando!

Longe da patria, em vão deseja vel-a;
Mas nessa immensidade adormecida
Nem fluctua, sequer, ligeira vela!

Sente a alma estremecer-lhe dolorida...
E o seu olhar procura em cada estrella
A crença, a paz, o amor, a gloria e a vida!

ALEXANDRE FERNANDES.

Bahia, 30 de Maio de 1893

CARTA A UMA BURGUEZA

— Tu que tens o aspecto matinal e doce das camponezas sevilhanas, com tuas ideias exquisitas de amores ingenuos e bucolicos, na infinita paz dos campos, na profunda adoração dos lares socegados, em companhia de louras criancinhas, de honesta visinhança e de tremulos avós ;—tu que ficas com os olhos molhados d'agua após a representação commovente e theatral de um dramalhão romantico, cheio de suicidios, de duellos e de fataes desenganos ;—tu que, por essas humidas noites hybernaes, costumas recitar versos tristes ás pallidas convidadas, em torno do piano, num grande silencio profundamente comico, emquanto na sala de jantar teu venerando e nedio pae conclue o voltarete e se prepara para ingerir o chá com torradas, na absoluta e invejavel intimidade com os banqueiros e tabelliães ;—tu que és uma gorducha e rica burguezita, possuidora de chalets afestoados de heras e trepadeiras floridas, em cujas minusculas janellas, esfumadas por stores côr de perola, nos vasos de Sèvres se baloiçam a rir-se as perfumadas ramas de heliotropo e rosas-chá ;—tu, minha graciosa e meiga mocetona, deves bem saber que, fóra, se ouve o rumor da chuva a pingar timidamente das verdes parras sobre o sólo juncado de gravetos, e que é tal o frio que faz neste meu quarto, que, ás vezes, me parece ter no cerebro um inverno polar ; pois tu, minha bella flor azul da trapoiraba, nostalgica e bonita como a cantiga longinqua de um caipira enamorado, fica sabendo que ás tuas galantes e amorosas cartas, palpitantes de emoção, que diariamente me escreves, que aos teus dizeres e declarações ardentes feitas junto ás roseiras, que aos teus olhares lubricos e ternamente voluptuosos, que, afinal, aos teus beijos saborosamente cheios de brazas, eu prefiro que me dês um bom e quente sobretudo inglez!

Oporico Gloria.

A SARAH BERNHARDT

Um jornalista hoje disse,
Divina Sarah, que tens
A « apathia da velhice »...
E eu dei os meus tres vintens
Para ler essa tolice!

Quantos annos tens? Talvez
Quarenta e nove ou cincoenta...
Pois bem: eu peço-te — vês? — :
Quando tiveres sessenta,
Volta ao Brasil outra vez.

Cosimo.

21 de Junho de 93.

UMA NOITE EM PETROPOLIS

O Gustavo era litterato e quasi jornalista. Casou-se muito novo, aos vinte e tres annos, e fez-se guarda-livros, porque decididamente a litteratura não lhe dava com que manter a familia.

O casamento havia sido muito contrariado por uma dona Pulcheria, tia da noiva, senhora já bastante edosa, que morava na Cascadura. Depois de casado, o Gustavo guardou um profundo resentimento contra essa velha: não a podia ver nem pintada.

*

Ora, uma bella manhan, seis annos depois do casamento, a mulher de Gustavo foi despertal-o mais cedo que de costume.

— Gustavo!

— Heim? Que queres tu? Para que me acordas tão cedo? Bem sabes que com este calor infernal só posso pegar no somno pela madrugada! Deixa-me dormir!

— Ouve; trata-se de uma coisa grave.

O Gustavo deu um pulo da cama.

— Heim?

— Tia Pucheria...

— Morreu?

— Não; mas está mórre não morre. Mandou-me pedir que fosse lá com os pequenos; quer despedir-se de nós.

— Responde-lhe que morra quantas vezes quizer, e nos deixe em paz!

—Gustavo, lembra-te que ella é irman de meu pae...

— Lembro-me que esse diabo inventou contra mim as maiores calumnias, para impedir o nosso casamento!

— Pois sim, perdoa-lhe... aquillo foi rabugice de velha.

— Vae tu, se quizeres, com os meninos e a Maxima. Eu tenho mais que fazer; não os acompanho.

Uma hora depois, a sobrinha de dona Pulcheria, em companhia dos quatro pequenos e da Maxima—a ama secca de todos quatro—tomava o trem para a Cascadura.

*

O Gustavo tentou dormir ainda, mas não o conseguio. Ergueu-se de máo humor, tomou um banho frio, vestio-se, e foi para o escriptorio. Almoçava em casa do patrão.

Ao meio dia recebeu um bilhete de sua mulher, dizendo-lhe que tia Pulcheria tinha expirado ás dez horas da manhan e que ella ficaria lá todo o dia e toda a noite com os meninos e a Maxima, «fazendo quarto» ; só iria para casa no dia seguinte, depois do enterro.

O marido ficou bastante contrariado. Era a primeira vez, depois de seis annos de casado, que ia passar a noite longe da familia.

*

Um dos seus companheiros de escriptorio, homem já maduro e tambem pae de familia, disse-lhe :

— Eu, no seu caso, Gustavo, tratava de aproveitar esta noite de liberdade...

— Aproveitar como ? Não sou pandego nem tenho recursos para metter-me em cavallarias altas . Já sei que esta noite vae ser peior que a passada, em que não preguei olho... Fazia um calor terrivel.

— Pois aproveite a noite dormindo bem.

— Onde ?

— Em Petropolis. Você vae hoje na barca das quatro ; chega lá ás seis ; janta no Bragança ; depois do jantar vae dar um gyro pela cidade ; volta ao hotel ; pede um quarto ; passa uma noite deliciosa, e amanhan embarca para cá ás sete horas da manhan.

A ideia sorrio ao Gustavo. Que bom seria passar a noite em Petropolis, gozando a agradavel temperatura da serra! Com que prazer elle se estenderia n'uma caminha fresca, para no dia seguinte, ao primeiro raio do sol, despertar alegre como um passaro e leve como uma flor!

Demais a mais, o Gustavo nunca fôra a Petropolis, e Petropolis era um dos seus sonhos. Uns desejam ir á Europa, outros á America do Norte, outros ao Oriente; elle desejava ir a Petropolis, embora para alli passar apenas uma noite.

*

O Gustavo foi á casa, acondicionou a roupa indispensavel n'uma maleta de mão, e ás quatro horas partio para o ex-Corrego Secco, munido de bilhete de ida e volta.

O programma traçado começou por ser fielmente cumprido. No hotel Bragança deram ao Gustavo um bom quarto, e serviram-lhe um bom jantar, que elle não apreciou bastante porque estava a cahir de somno e na sala o thermometro marcava trinta gráos.

Acabado o jantar, o nosso viajante sahio para dar um gyro pela cidade: mas, como entrasse a chuviscar, voltou para o hotel, dizendo aos seus botões :

— Ora adeus ! vou deitar-me... Ha de ser um somno só até pela manha !

*

Quiz, porém, a fatalidade que, ao entrar no hotel, o Gustavo encontrasse o Miranda, que fôra, sete annos atraz, um dos seus companheiros de «lutas» litterarias, um bom rapaz que tinha apenas um defeito, mas um grande defeito : bebia. Um pobre diabo, um maluco d'esses de quem se diz :— Coitado! é máo só para si.

— Olha quem elle é! o Gustavo !...

— Oh, Miranda !

— Que fazes tu em Petropolis ?

— Vim dormir; e tu?

— Eu resido aqui.

— Ah! E em que te empregas ?

— Em coisa nenhuma. Dissipo os resto do meu patrimonio.

O Gustavo notou que o Miranda tinha a lingua um pouco presa, e, como não ha companhia mais desagradavel que a de um bebedo, tratou de despedir-se.

— Não !... já te não deixo!... protestou o Miranda. Anda d'ahi tomar commigo um copo de cerveja.

— Não... desculpa-me...

— Não admitto desculpas !

— Pois sim, mas ha de ser aqui mesmo no hotel.

— Nada ! nada! Cerveja em hotel não tem bom sabor. Vamos a uma *brasserie* que alli ha... atravessemos aquella ponte...

— Isso é uma extravagancia : está chovendo!

— Ora! um chuvisquinho á toa ! Vamos!

— Perdão, Miranda, eu vim a Petropolis para dormir e não para tomar cerveja ! Não preguei olho toda a noite passada, estou a cahir de somno!

— Oh, desgraçado! pois tu queres dormir ás oito horas da noite ? Bem se vê que és um poeta lyrico degenerado, um trovador que se encheu de filhos e se fez guarda-livros ! Anda d'ahi!...

E o Gustavo deixou-se levar, quasi de rastros, á cervejaria.

*

Os dous amigos sentaram-se a uma meza, diante de dous copos de cerveja alleman. O Miranda esvasiou immediatamente um d'elles, e pedio reforço.

— Era o que faltava ! Dormir ás oito horas da noite ! Nada ; temos muito que conversar, meu velho : quero expor-te um plano, um grande plano, e saber se o approvas.

— Falla, disse Gustavo contrariadissimo, arrependido, mas resignado.

— Pretendo fundar uma folha diaria aqui, nesta cidade vermelha !

O Miranda esperava que o Gustavo perguntasse: —Vermelha porque? —; o Gustavo calou-se ; elle, porém, accrescentou, como se o outro lhouvesse feito a pregunta :

— Pois não reparaste ainda que tudo aqui em Petropolis é vermelho? As pontes, as grades, as montanhas, as casas, os criados de servir, e até os cabellos dos respectivos indigenas ? Olha!

E apontou para o moço que trazia novo reforço de cerveja, um petropolitano ruivo, verdadeiro typo teutonico.

— Em Petropolis ha um jornal, mas imagina, meu velho, que esse jornal se intitula o *Mercantil*! Vê que tolice! um *Mercantil* nesta cidadesinha de *villegiatura*, neste oasis de verão, residencia de diplomatas, capitalistas e mulheres elegantes! O *Mercantil*, ora bolas !

LUIZ MURAT

E o Miranda expoz longamente o plano do seu jornal, com grandes gestos, os olhos muito abertos e injectados, as narinas dilatadas, os bigodes cheios de espuma. Seria uma folha artistica, pariziense, catita, e, sobretudo, escandalosa... não escandalosa como o *Corsario*, mas como o *Gil Blas* ou o *Echo de Paris*... levantando a pontinha, só a pontinha do véo que esconde um mysterio de amor... intrigando a sociedade inteira com uma inicial ou duas linhas de reticencias...

Inflammado, o Miranda indicava os lucros provaveis da empreza, os capitalistas com quem contava para lançal-a, os redactores e collaboradores que contractaria, e mais isto, e mais aquillo, e mais aquillo outro.

O Gustavo, que por diversas vezes tentára erguer-se, e era subjugado pelo Miranda, ouvia-o com as palpebras semi-cerradas pela fadiga, embrutecido, sem dizer uma phrase, nem mesmo uma palavra, porque o futuro redactor do *Petropolis* —era esse o titulo do projectado jornal—, com a lingua perra, dando murros na meza, quebrando copos, expectorava abundantes periodos, sem uma virgula, sem uma pausa. Só se calava de vez em quando para beber, ensopando os bigodes em cerveja e lambendo-os em seguida.

*

A chuva cahia agora a cantaros.

Na cervejaria só estavam os dous amigos, e o petropolitano teutonico, este encostado ao balcão, de braços cruzados, cabeceando. E o Miranda continuava com mais enthusiasmo a exposição do plano de sua futura empreza, quando o dono da casa, um allemão robusto, irrompeu dos fundos do estabelecimento:

— Endão que é isdo, meus zenhores? Já bassa tas tuas horas... não bosso der a minha casa aperda adé alda noide!. .

O Miranda tentou recalcitrar, mas o cervejeiro não lhe deu ouvidos. O Gustavo pagou a despeza, e puxou pelo braço o beberrão, que parecia pregado ao banco em que se sentára. Afinal, conseguio arrastal-o até a rua. O allemão fechou immediatamente a porta.

O Miranda, mal deu dous passos, perdeu o equilibrio e cahio redondamente na lama. O Gustavo abaixou-se para erguel-o, mas o outro deixou-se estar, não fez o minimo esforço para levantar-se, e resmungou quasi ininteligivelmente: —Estou muito bebedo?

Imaginem a situação do guarda-livros: tonto de somno, de madrugada, á chuva, numa rua deserta, numa cidade que elle absolutamente não conhecia, ás escuras, porque Petropolis não tinha illuminação, e vendo a seus pés um amigo embriagado, um companheiro de «lutas», que elle não podia abandonar alli!

Imaginem os trabalhos porque passou o ex-poeta lyrico para remover a pesada massa de carne e osso que jazia inerme no chão, e encontrar a casa em que habitava o Miranda. Felizmente este, mesmo bebedo, conseguio oriental-o. Mas que trabalho....

*

Era perto de quatro horas quando o Gustavo bateu á porta do hotel Bragança. O criado que lh'a veio abrir, de vella accesa na mão, teve um sorriso malicioso, e disse:

— Ai! ai! Estes moços felizes que vêm passar uma noite em Petropolis e se recolhem ao hotel de madrugada... Ai! ai!

*

O Gustavo ás sete horas da manhan desceu a serra, aborrecido, doente, com uma enxaqueca terrivel, aniquillado pelo somno e attribuindo todas as suas desgraças á tia Pulcheria.

Felizmente a velha deixou-lhe uns cobres que até certo ponto o consolaram d'aquella malfadada noite em Petropolis.

ARTHUR AZEVEDO.

TANTALO

Ai! que sorte cruel!—seguir sempre e sem tino
Da inconstante fortuna o rapido corcel,
Lutando sempre em vão, joguete do destino,
Dos tristes sem ventura envolto no tropel!

Ai! que sorte cruel! Que negra desventura!
Viver sempre a sonhar, porém sonhar em vão!
Santelmo salvador pedir á noite escura,
E de esperanças ter vasio o coração!...

Sedento e pertinaz correr atraz do goso
E o goso sempre esquivo a se escapar sem dó;
Em vão desejos mil sentir desventuroso;
De desejos morrer... viver no mundo só!...

Só teve sorte egual o rei desventurado,
Sem termo em seu penar qual teve Prometheu,
Tantalo, á fome e á sêde eterno comdemnado!
. . . . . .
Ai! tenho a mesma sina! Ai! Tantalo sou eu!

J. DE A

O nosso distincto collaborador Emilio de Menezes reunio num elegante folheto, impresso nas officinas Lombaerts, os bonitos sonetos de sua lavra, que appareceram no *Album*, subordinados ao titulo de *Marcha Funebre*. A edição é apenas de duzentos exemplares, dos quaes nos foi obsequiosamente offerecido um pelo poeta.

ULTIMA

«Das minhas grandes magoas,
faço pequenas canções.»

Saudade! amavel companheira dos meus penosos dias de infortunios, tu que outr'ora foste a inseparavel amiga de minha solidão; tu que sempre estiveste a meu lado, carinhosa e meiga, quando me afastei, singrando mares por longas noites silenciosas, desolado e triste, deixando, talvez para sempre, banhada em lagrimas no carcere sepulchralmente lugubre da separação, — minha Mãe, — a doce velhinha de cabellos nevados e faces rugosas pelos gelos da tremula velhice, — minha Noiva — a santa creaturinha de olhar meigo e bondosamente ingenuo, que suspira, tristonha e descrente, do outro lado do oceano, ferida magoadamente pelo aspide fatal e venenoso da ausencia, que estiola o coração e asphyxia a alma; tu que me acariciaste na infancia e na mocidade, por que hoje me abandonas assim?

Para onde fugiste, oh! ave forasteira da Saudade?

A que regiões incognitas alçaste o vôo, alado passaro do Azul, e em que paragens mysticas foste habitar, longe de mim, que em vão te busca meu dorido pensamento?

Filha da noite, como a noite acolhe no teu immenso e carinhoso seio, todas as minhas afflicções, todas as minhas magoas, todos os meus ais, todos os meus lamentos!

Volve, ave erradia, ao casto ninho abandonado de meu coração ermo de affectos, para que eu possa ter esperanças de voltar á minha Terra!

Que mal te fiz para que fujas, ingrata irman de minh'alma, deixando-me perdido e cançado nesta longa travessia sombriamente lugubre da Vida?

Fiel mensageira dos meus primeiros amores infantis, que farei sem ti, longe de tudo que venero e adoro?

Como poderei viver sem os teus carinhos, em terra estranha, forasteiro e disilludido, a vagar como um cego na eterna escuridão da Duvida?

Que me resta, se me não é dado borrifar o tumulosinho branco do Passado com as tuas lagrimas, que são o sangue da minha propria alma?

Porque me sorriste á borda do meu berço, se me havias de abandonar á borda do meu tumulo, quando o scepticismo — a velhice do espirito — me subjuga ameaçadora e tetrica?

Saudade! filha da noite, ave immigrada dos sidereos azues, volve a meu peito abandonado e frio, para que eu possa inda uma vez afagar essas tres imagens luminosas — minha Mãe, minha Noiva, minha Terra!

THEMISTOCLES MACHADO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

IX

Lucio continuava a evitar a casa do coronel Blanco. Durante esse tempo aproveitou as horas vagas e deu-se á litteratura dramatica, uma das suas mais declaradas sympathias.

Embora homem de sciencia, não se esquecêra do seu tempo de estudante, quando em Pariz se entregava com enthusiasmo á leitura do theatro de Dumas, Augier, Sardou, Meilhac, Labiche, e tantos outros Em pouco tempo escreveu uma comedia em tres actos, de costumes da sociedade de Montevidéo, na qual ditos havia allusivos á situação em que se achava para com a familia Blanco.

Em mais de um dialogo transpareciam, entre phrases habilidosamente escriptas, essas meias tintas da indirecta, capazes de patentear a um publico o typo de qualquer pessoa sobre quem se fixe a attenção de certa roda da sociedade.

Carrero chegára de Buenos-Aires onde o chamaram assumptos de interesse particular.

A primeira visita que fez foi a Lucio.

Era um domingo. O vapor fundeára cedo; por consequencia havia certeza de encontrar o medico em casa.

Carrero bateu á porta do quarto do amigo, depois de instruido pelo criado. Foi com um brado de alegria que Lucio abrio os braços para receber o seu *Epaminondas*, como lhe chamava, todas as vezes que gracejava em roda de rapazes.

Lucio vestia uma *robe de chambre* de Astrakan, presente com que lhe haviam mimoseado alguns collegas no dia em que recebéra o gráo de doutor em medecina. Essa dadiva tinha o seu chiste, porque o filho do Pratz era o maior *friorento* da academia.

Carrero, depois de desaffogado das expansões amistosas, passou, num rapido volver de olhos, exame ao aposento. Chamou-lhe a attenção o desalinho em que estavam jornaes e papeis sobre a meza de trabalho.

Adivinhava-se que o morador d'aquelle covil de estudante, içado num segundo andar, havia passado a mór parte da noite a escrever, e, para melhor denuncia d'esse facto, lá estava, ao lado do tinteiro de crystal, o cinzeiro, sobre o qual descançava, meio deitado, o charuto, com a cinza quasi a quebrar-se.

—Trabalhaste, já vejo, exclamou Carrero designando o morro de papeis.

—E' uma historia interessante que te vou contar, *sub conditione*.

—Vejamos qual.

—Sepultarás na memoria o que te disser em confidencia.

—Homem, para bem confessar é preciso dizer-te que sou o peior guardador de segredos; admitto mesmo aquelle gracejo que diz: o *cumulo* do segredo é nao repetir o que se nos confiar, nem mesmo ao que nos aceitou por confidente.

—Nesse caso aceito-te para o meu, porque os que blasonam são sempre relapsos.

—*Gracias!* E que vem a ser?

—Sabes que me dou de vez em quando á litteratura...

— Dramatica!... —concluio Carrero, sorrindo, como quem queria provar que estava ao par das aptidões do amigo.

—Adivinhaste... Agora quiz tentar uma experiencia, e escrevi uma comedia em tres actos, que terminei ás duas horas da manhan de hoje.

—Bravo! e intitula-se...

—Não te rias, porque o titulo pesca, por extenso.

—O que prova que, sendo o erro do conhecimento do autor, foi commettido propositalmente.

—Muito bem. Ouve.

E, dando alguns passos, Lucio levantou de sobre a pasta um caderno de papel almaço.

E leu compassadamente:

—*Um amor fossil, encontrado por um geologo no centro terciario do coração de uma matrona.*

— Caspite! bradou Carrero, dando meia volta á direita e girando sobre os tacões dos botins. Sabes que esse titulo é quasi um terremoto?

— Terremoto ou não, é um titulo, e, como não pretendo dar a conhecer o nome do autor, se a comedia fôr representada, o publico e a critica não terão a quem censurar pessoalmente; flecharão quando muito um incognito. Muito bem! até aqui, li, para ouvires, o titulo da minha comedia. Agora, *abanquemo-nos*... Ahi tens charutos! São legitimos *regalias britanicos coloraos claros*, droga de cinza clara, um presente de meu pae, homem de bom senso que nunca desejou que os filhos escondessem o vicio innocente de fumar e que abomina os *havanas* de Hamburgo e da Bahia.

O gallhofeiro Carrero aproveitou o exemplo e abrio o larynge a uma gargalhada homerica, sem razão de ser, prolongada e gostosamente vibrada.

Puxou de uma cadeira, accendeu um *regalia*. Neste momento rutaram na porta do quarto. Lucio conhecia o signal de convenção e mandou entrar. Era o criado que servira de mentor á visita e vinha com duas chicaras de café, fumegante e aromatico.

— Vem a matar! disse Carrero.

Lucio fez um breve accionado. O servente comprehendeu e desappareceu, cerrando cautelosamente a porta.

Então, com uns ademanes mysteriosos, como se por ventura desenrolasse os pergaminhos dos *Filhos de Judas*, encontrados por Ponson du Terrail para regalo dos amadores dos romances de capa e espada, abrio a primeira pagina da comedia, espalmou largamente a mão e correu ao longo da charneira do caderno almaço para que se sustivessem bem, e de uma vez, as folhas.

— Aqui me tens! vou ler-te este desvario; salva todas as allusões que nossas, por ventura, encontrar nestes dialogos.

— Sou todo ouvidos.

Lucio tossio como o pregador que se desfaz de um pigarro impertinente e teimoso, e principiou a leitura, medida e pausada

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

AURORA

Esconde-se no fundo vacuo infindo,
A pavorosa e horrenda escuridão;
A natureza toda está dormindo
E pulsa-lhe de leve o coração.

Depois, como que tudo vem surgindo
Diamantizando os céos, e n'amplidão
Os horizontes como que sorrindo,
Vêm agitando toda a Creação.

Engasta-se no céo radiante e bella,
A clara Vesper, a primeira estrella
Da quadra matinal e do arrebol,

E, no meio de plumeas cantillenas,
Vestem o espaço vividas, serenas
Fulgurações esplendidas do sol.

CELSO DE MENEZES.

THEATROS

Depois da representação da *Tosca*, de Sardou, infelizmente deformada com uma desastrada fusão dos dous ultimos quadros, tivemos occasião de applaudir a grande Sarah Bernhardt na *Dama das camelias*, de Dumas filho, na estopante *Cleopatra*, de Sardou e Moreau, e na *Frou-Frou*, de Meilhac e Halévy.

Não fallaremos de Margarida Gautier nem de Gilberta, porque o publico fluminense já sabe o inexcedivel primor com que ella interpreta esses personagens; fallaremos da *Tosca* e de *Cleopatra*.

Collegas pouco amaveis trouxeram á baila a edade da eminente artista, como se o meio seculo que ella tem vivido não fosse o attributo maior de sua gloria. No 1º acto da *Tosca* achámol-a, pelo contrario, moça de mais; a *Tosca* e uma pomba que se transforma em leôa; seria necessario não se fazer tão infantil, e predispor a plateia para aceitar a transformação. O trabalho de Sarah no 3º acto vale um curso de arte dramatica.

Cleopatra não nos parece uma peça de Sardou, não nos parece mesmo uma peça franceza; é mal feita, não tem interesse. Entretanto, o papel da protagonista, de um exotismo encantador, foi profundamente estudado. E' pena que Sarah o represente quasi todo deitada, e não lhe possa destruir nem mesmo suavisar a monotonia.

O actor Darmond foi um bom Marco Antonio, e a actriz Jeanne Mea uma Octavia muito aceitavel.

*

A companhia portugueza do theatro D. Maria, de Lisboa, continúa brilhantemente a serie de suas representações no S. Pedro. Depois do *Intimo*, comedia em 3 actos, de Eduardo Schwalback, tivemos o *D. Affonso VI*, de João da Camara, drama que o nosso publico já conhecia.

O *Intimo* não é o que se póde chamar uma peça bem feita; achámol-a um pouco desarticulada; mas é bem escripta e está primorosamente dialogada. Nessa comedia reappareceu João Rosa, o eximio artista; os demais papeis estão confiados a Rosa Damasceno, Falco, Lucinda do Carmo, Augusto Rosa, Brasão, Mello, etc.; o desempenho é o melhor que se póde exigir.

Rosa Damasceno, Brasão, João e Augusto Rosa disseram a primor os esplendidos alexandrinos de *D. Affonso VI*.

*

Amelia Vieira, Alvaro, Maria das Dores, Margarida Lopes, Elvira, etc., deram-nos, no Apollo, uma boa representação do *Romance de um moço pobre*, de Feuillet; mas o papel de Bevellan não foi feito para o actor Gil, ou por outra, o actor Gil não foi feito para o papel de Bevellan.

*

A companhia Tomba, de opera, opera-comica e opereta, estreiou-se com muita felicidade exhibindo *Raphael e a Fornarina*, de Maggi, agradou muito com *Giroflé-Giroflá*, de Lecocq, e conseguio um verdadeiro triumpho com a celebre opera *Chrispim e a comadre*, dos irmãos Ricci. A soprano ligeiro Tetrazzini, que desempenhou sorprendentemente o papel de Anneta, causou á plateia um enthusiasmo indescriptivel, e foi acclamada como cantora, como actriz e como mulher. São bons todos ou quasi todos os artistas da companhia Tomba, em seu genero a melhor que cá tem vindo.

*

Annuncia-se no Sant'Anna a primeira representação da *Conquista dos Talismans*, magica tirada dos *Bibelots du diable* pelo actor Primo da Costa, e a companhia Garrido, desalojada do Polytheama pela companhia Tomba, reatou no Recreio a serie interrompida das representações da *Viagem á volta do mundo em 80 dias*.

*

Um telegramma publicado no *Paiz* de hontem, 23:

«No trem nocturno chegaram o presidente do Senado e a actriz Bellegrandi, que vem fazer parte da companhia Dias Braga.»

Em que peça se estreiarão os dous artistas?

X. Y. Z.

Recebemos dous excellentes trabalhos: o *Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro*, feito em 30 de Agosto de 1892, por ordem do presidente Dr. José Thomaz de Porciuncula, autorisado pela Assembléa Legislativa, e os *Estudos de demographia sanitaria* da capital do mesmo Estado durante trinta e quatro annos, obra egualmente publicada por autorisação legislativa.

E' autor do primeiro d'esses trabalhos o Sr. J. P. Favilla Nunes, cujo elogio não está por fazer em se tratando de estatistica, e do segundo o illustrado Sr. Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva, organisador do Policlinica de Nictheroy, medico de grande reputação.

Recebemos tambem um elegante volumesinho, *Cantando e rindo*, versos humoristicos de *Lulú Parola*, publicados com muita aceitação, *au jour le jour*, no *Jornal de Noticias*, da Bahia. No pseudonymo de Lulú Parola occulta-se um jornalista de merito, o Sr. Aloysio de Carvalho, redactor proprietario d'aquella folha.

Fomos obsequiados com os tres primeiros numeros do *Telegrapho*, publicação quinzenal, orgam scientifico, noticioso, industrial e litterario, fundado por empregados da Repartição Geral dos Telegraphos, tendo como chefe de redacção o Sr. Raymundo Chaves; recebemos tambem o primeiro numero da *Critica*, orgam artistico e litterario de que são redactores os Srs. José Gonzaga e Hermann Fleuiss, e cujo titulo nos parece muito pretencioso, e alguns numeros do *Tymbira*, periodico litterario e recreativo, de que é director o Sr. Rocha Pinto Junior.

A administração do «Album» declara que d'esta data em diante o Sr. Castro Soromenho nada tem de commum com este periodico.

12 de Junho de 1893.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 27 SEGUNDA SÉRIE. JULHO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

XISTO BAHIA	A. A.
LUIZ MURAT	Olavo Bilac.
INTIMA LUZ	Zalina Rolim.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
A ESTATUA	Maria C. da Cunha Santos.
MINOTAURO	Ad. Caminha.
AGRADECENDO E COMPRIMENTANDO	Arthur Azevedo.
A PROPOSITO DO CONCURSO	Um dos concurrentes.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

AFFONSO CELSO

XISTO BAHIA

Tinha eu apenas oito annos quando o vi pela primeira vez, no Maranhão. Conhecemo-nos desde esse tempo. Sou seu amigo ha trinta annos. Elle fôra alli levado em 1863 pela empreza Colás & Couto Rocha. Iniciava a sua carreira artistica.

Nasceu na capital da Bahia. Por morte de seu pae, velho e honrado militar, abandonou os estudos em 1857, e empregou-se no commercio. Mas o theatro attrahia-o. Fez-se corista numa companhia lyrica italiana, e mais tarde actor.

Durante dose annos exhibio-se, em todos os generos, nas principaes provincias do Norte, e a pouco e pouco adquirio grande reputação. Em 1875 veio ao Rio de Janeiro, fazendo parte da companhia dramatica de Vicente Pontes de Oliveira. Trazia um nome feito. O publico fluminense confirmou o juiso das plateias do Norte.

No mesmo anno regressou aos « seus dominios », de onde voltou ao Rio de Janeiro em 1881, contractado por Furtado Coelho. Reappareceu no theatro Lucinda aos 29 de Janeiro, representando o papel do velho Fourchambault na peça de Emilio Augier; mas a sua verdadeira estreia foi a 2 de Fevereiro, na *Vespera de Reis*, por elle representada pela primeira vez, no theatro São João, da Bahia, em 15 de Julho de 1875.

D'aquelle anno, 1881, para cá, Xisto Bahia tem percorrido todos os nossos theatros. E' hoje, sem contestação, um dos nossos actores mais queridos e festejados.

Muito bohemio. De vez em quando desapparece. Vae por ahi, S. Paulo, Rio de Janeiro ou Minas, pôr em acção o *Romance comico* de Scarron, vagabundeando de logarejo em logarejo, improvisando theatros; mas, sempre que volta, o publico fluminense faz-lhe muita festa, recebe-o de braços abertos.

Em 1891 abandonou a sua arte, e fez-se empregado publico, graças á protecção do Sr. Dr. Francisco Portella; mas, com a deposição do primeiro governador do Rio de Janeiro, perdeu em 1892 o modesto emprego que exercia na penitenciaria de Nictheroy, e voltou para o theatro. Faz parte da companhia Garrido.

*

Xisto Bahia é o actor nacional por excellencia. Tem dado, dá e dará boa conta de certos papeis do repertorio estrangeiro, mostrando aptidão em variados generos; mas o seu forte é a comedia brasileira; ahi é verdadeiramente inexcedivel. Que o digam as producções de Martins Penna, principalmente o *Irmão das almas* e o *Noviço*; a *Torre em concurso*, de Macedo; *Direito por linhas tortas* e *Como se fazia um deputado*, de França Junior; a *Mascotte na roça*, o *Capadocio*, as revistas de anno, e, sobretudo, a sua esplendida creação do papel de Bermudes na *Vespera de Reis*, creação notavel, completa, sufficiente para fazer a reputação de um artista.

Se tivessemos um theatro nacional, Xisto Bahia seria o seu mais prestimoso auxiliar. E' um artista nosso, completamente sacrificado á invasão da litteratura dramatica dos outros paizes. Quem o vê tão mal á vontade no Phileas Fogg da *Volta do mundo*, não adivinha nem calcula o que elle vale

nos seus papeis brasileiros, papeis que ninguem ate hoje desempenhou com tanta perfeição.

*

Xisto Bahia é tambem comediographo, poeta e musico. Entre outras, escreveu a comedia *Duas paginas de um livro*, em 3 actos, que foi representada com muito exito no Norte.

Direi tambem que elle foi um dos mais valorosos soldados da campanha abolicionista, e accrescentarei que tem um grande coração, aberto aos bons sentimentos. Sabe ser amigo, e é um excellente chefe de familia, o que é raro no theatro.

*

Li ha dias a noticia de que Sousa Bastos, que é um emprezario sagaz, pretende leval-o a Lisbôa, para alli representar a *Vespera de Reis*, *Como se fazia um deputado* e o monologo o *Capadocio*. Essa excursão, se for levada a effeito, será um triumpho para o nosso artista; a plateia de Lisbôa não lhe ha de regatear applausos.

*

Hoje que os fluminenses só têm palmas, bravos e acclamações para a divina Sarah, para a Tetrazzini, para a Rosa Damasceno, para a Amelia Vieira, para o Brasão e os irmãos Rosa, hoje que se acham nesta capital tantos artistas estrangeiros de primeira ordem, sente-se o *Album* feliz por ter occasião de publicar o retrato do mais brasileiro de todos os actores.

A. A.

LUIZ MURAT

Meu caro Arthur Azevedo. — Que hei eu de escrever sobre Luiz Murat? Publicando o seu retrato, devias apenas transcrever uma das suas estrophes de fogo; isso diria mais que a minha prosa pallida e fria.

Quando o Brazil tiver uma litteratura, quando o homem de lettras d'esta terra não escrever mais para um povo de analphabetos, — os que vierem depois de nós hão de agradecer-nos este sacrificio nobre, este trabalho ingrato de estar fazendo o desbravamento do caminho entre as assuadas dos imbecis. Nem ninguem nos paga, nem ninguem nos le. Fazendo arte neste meio de mercantilismo inconfessavel e de politica baixa, provocamos um escandalo tão grande como o dos anjos, que baixaram a Sodoma e tiveram de fugir horrorisados...

Ha dias, estava exposto á vitrine de uma livraria o ultimo numero do *Album*, com o retrato de Luiz Murat. Parou um grupo:

— Quem é?

— Luiz Murat.

— Ah! sim, o deputado... Tem feito bons discursos na Camara...

Olhei com attenção para o grupo. Sujeitos bem vestidos, de physionomia intelligente. Não eram bugres, de olhar idiota, e ancas enfeitadas de plumas. Eram homens civilisados. Sabiam ler. E este nome de Luiz Murat lembrava-lhes apenas um deputado que tem feito discursos na Camara. Quer dizer isto que os olhos d'esses senhores têm passado indifferentemente, pelos jornaes, sobre os versos que o nome glorioso do poeta assigna. Os proprios animaes inferiores, de ouvido bronco, são sensiveis á arte. Mas, na escala dos animaes, nao ha nenhum collocado abaixo do homem imbecil.

*

Luiz Murat, cujo retrato publicou o *Album*, não é apenas um grande poeta: é o poeta, cuja obra ficará na litteratura brasileira, fixando uma epoca e definindo uma nacionalidade. Porque essa obra, producto definitivo do lyrismo brasileiro, é o remate do trabalho de tres gerações litterarias. Toda a poesia, que fluctuou nos versos brasileiros, veio florecer na alma divina d'este poeta, em torno do qual todos os outros gravitam hoje, astros de pequena grandeza, vivendo quasi exclusivamente da luz do cantor das *Ondas*.

Não cabe nesta columna a critica da sua obra. Gautier, para analysar o Museu do Louvre, teve necessidade de encher um volume de 100 paginas. E cada pagina da obra de Luiz Murat é como a galeria de um museu, onde o visitante é obrigado a demorar-se meia hora pelo menos diante de cada tela, attrahido pelo encanto entontecedor, pela seducção irresistivel da alma do artista, desdobrada pelos productos do seu genio.

Ser poeta, no Brasil, é facil. Ser poeta como Luiz Murat é difficil porque os seus versos fazem sentir e pensar, transformando-se no seio largo de um mar, em que vêm desaguar todos os rios do sentimento humano. O que lhe dá um valor excepcional e um logar de honra na litteratura brasileira, não é apenas o vigor de colorido e de harmonia com que elle soube fixar nos seus versos a natureza americana; não é apenas esse esplendor do céo que ha nas suas imagens, nem esse barulho e esse perfume vivos de floresta ao pôr do sol, que enchem as suas rimas. O que lhe dá o bastão de marechal da poesia brasileira, é esse poder de fechar dentro da sua poesia toda a alma do homem moderno, todas as suas duvidas, todas as suas esperanças, todos os seus amores, todos os seus desesperos. D'ahi a sua influencia sobre os poetas de hoje. Raro o poeta novo em cujos versos não apparece, adulterada por uma imitação quasi sempre mal feita, a poesia de Luiz Murat.

A sua obra não está ainda completa. Agora é que, amadurecido pela edade e pelo estudo, o seu ta-

lento deve produzir o grande trabalho definitivo. Está por escrever o poema da America. E' preciso que á nossa geracão, a quem já cabe a honra de haver fixado a caracteristica da litteratura brasileira, caiba a gloria de ter dado á America o seu cantor immortal. Essa tarefa deve ser entregue a Luiz Murat. Só a sua Musa, entre nós, tem envergadura para arcar com a responsabilidade d'esse trabalho glorioso.

Nestas poucas linhas, meu caro Arthur Azevedo, se não fica estudado o poeta das *Ondas*, ficam, ao menos, expressa a admiração que sinto por elle, e manifestada a esperança que tenho de ver o seu nome eternamente ligado á historia da raça americana. Luiz Murat bem sabe que não vive em epoca que o comprehenda e lhe possa pagar, com o applauso e a veneração de todo um povo, o muito que elle tem feito para injectar um pouco de ideal e de arte na vida mercantil e politica d'este paiz. Mas a sua recompensa já está no amor com que escrevem o seu nome os seus companheiros de lettras, e estará na justiça das gerações que vierem depois da nossa.

OLAVO BILAC.

Completando o bello artigo de Olavo, diremos que Luiz Murat nasceu aos 1 de Maio de 1862, na provincia do Rio de Janeiro; é filho do Dr. Thomaz Norton Murat, já fallecido, e de D. Antonia Barreto Murat; é formado em direito pela faculdade de S. Paulo; foi secretario do Rio de Janeiro logo ao iniciar-se o regimen republicano, e um anno depois eleito deputado pelo mesmo Estado.

INTIMA LUZ

A MIMOSA SANTOS

Nem sei como isto foi: sonho? magia?
— Doce clarão, suavissimo lampejo,
Sereno e bom como o materno beijo
Meu coração veio acordar um dia.

Depois, nesse clarão veio a alegria
— Seu luminoso, esplendido cortejo —
E hoje o divino raio bemfazejo
Toda a minha alma, fulgido, alumia.

Não acreditas? Olha me de frente,
E o teu intimo olhar, profundamente
Póde varar-me — lucido, indiscreto.

Deixa-o que o seio meu abra e reviste:
Nem um recanto na minh'alma existe
Que não aclare este entranhado affecto.

ZALINA ROLIM.

CHRONICA FLUMINENSE

Se as Camaras approvassem esse leonino tratado litterario celebrado entre a França e o Brasil, com certeza deixariamos de ser para os nossos bons amigos parizienses os selvagens que temos sido até hoje; é mesmo possivel que nunca mais lhes fornecessemos, como até agora, uma soberba galeria de *rastaquouères* para os seus engraçados *vaudevilles*.

Vamos lá! é preferivel ter fama de selvagem, sem o ser, a ser na realidade imbecil. A França quer muito, sem dar absolutamente nada...

Em principio, a propriedade litteraria deve ser reconhecida, e interessa até certo ponto o desenvolvimento das lettras nacionaes, mas *êst modus in rebus*: nos termos em que se fez o tratado, a sua approvação seria um erro de politica commercial.

Felizmente o deputado Montenegro deitou os pontos nos is, e as Camaras, ao que parece, não se deixarão levar por sophismas sentimentaes.

*

A proposito de França:

Acha-se ha muitos dias no Rio de Janeiro o celebre geographo francez Elysée Reclus, em volta do qual se tem feito um silencio tumular, que destoa da costumada palrice da nossa imprensa.

Já deixou de existir uma secção, que ahi houve, da Sociedade de Geographia de Lisboa? Que fim levou o Instituto Historico e *Geographico*? Pois não ha quem faça as honras da casa a esse hospede illustre? Elysée Reclus passará despercebido no Rio de Janeiro? Que desgraça!...

*

Agradeço aos editores Magalhães & Comp. o estar lendo, publicados em nitido volume, os primeiros capitulos do *Doutor Pascal*, o ultimo romance de Zola. Esses livros devem ser lidos no original, mas felizmente é bem regular a traducção do Sr. Cancio de Albuquerque.

Aborreceu-me bastante o sinuoso discurso pronunciado em Pariz pelo grande romancista, por occasião de um banquete de estudantes a que elle presidio. Zola mostra-se arrependido de haver tomado a luminosa estrada que percorreu com tanta sobranceria, e parece renunciar á gloria do seu passado! Quem não descobre ahi uma barretada á Academia?

O engraçado é que, d'antes, o autor de *Germinal* justificava-se, dizendo que a sua candidatura não era pessoal: considerava a sua recepção no Instituto de França um triumpho para a sua escola, — e agora renega essa mesma escola, para ter assento onde alias nao se assentaram Molière, nem Balzac, nem Georges Sand, nem Alexandre Dumas, e nunca se assentarão Goncourt, Daudet e outros!

*

Entretanto, acabo de ler numa folha de Buenos-Aires que um padre ia pregar, na egreja de São Miguel, d'aquella cidade, alguns « sermões para homens ». A entrada no templo estaria vedada ás senhoras; os cavalheiros entrariam pela sachristia. O assumpto d'esses sermões seriam as obras de Zola. Se o Sr. Serafim José Alves o apanhasse, editava-os, e com estampas !

*

A Morte concedeu *habeas-corpus* a Timotheo Freire, o assassino indigitado de Maria de Macedo. O desgraçado compareceu diante da justiça divina, o que foi um allivio para a humana, que andava seriamente desnorteada pelas inauditas e inesperadas peripecias do espalhatatoso processo

A Morte — eis ahi uma grande solução. Estou convencido de que outra não deseja Cornelius Herz, um dos heróes do Panamá, que ha mezes agonisa em Londres, com dous agentes da policia franceza de guarda aos pés da cama.

*

Estou saboreando um bello charuto do Rio Grande do Sul.

Sim, meus senhores, do Rio Grande do Sul ! Pensaes acaso que na terra de Bento Gonçalves só ha carne de xarque e guerra civil ? No Rio Grande do Sul ha tambem charutos, magnificos charutos da fabrica Boock & Comp., que atira ao mercado nada menos de duzentos mil diariamente, manipulados com tabacos de Havana, da Bahia e do proprio Rio Grande, por tresentos operarios, que naturalmente tem o bom senso honra lhes seja ! de não pertencer ao partido castilhista nem ao partido federalista.

Os excellentes charutos da fabrica Boock vêm acondicionados em elegantes caixinhas, cujos letreiros, impressos em idioma hespanhol, não dizem que elles sejam de Havana, mas tambem não affirmam que sejam feitos no Brasil. Porque ? Pois a nossa pobre industria está eternamente condemnada ao rotulo estrangeiro ? Por ventura não nos é dado ganhar dinheiro sem alienar a nossa nacionalidade ? Peço que leiam as considerações que fiz, a esse respeito, num artigo inserto no *Diario de Noticias*, da Bahia, o qual vem transcripto precisamente neste numero do *Album*.

Dos milhares de charutos despejados no mercado pela fabrica Boock, os representantes d'esta, Srs. Emilio de Barros & Comp., mandaram me cincoenta (só cincoenta !), que tenho apreciado devéras, evitando, com uma estrategia digna do general Silva Tavares, a approximação dos « filantes ». Agradéço, reconhecendo que, se o Rio Grande do Sul nos manda constantemente desagradaveis noticias, envia-nos, em compensação, magnificos charutos. Em ambos os casos faz-nos fumar.

A.

A ESTATUA

Aquella estatua esplendida e formosa,
Magistral, imponente e deslumbrante,
De uma heroina antiga e triumphante
Tem a forma divina e graciosa !

Mas essa estatua bella e fascinante,
Que arrebata e se ostenta magestosa,
Foi talhada na phase venturosa
Em que o artista, a sorrir, se fez amante.

Por isso é que essa estatua enregelada,
Que não tem alma e que não tem calor,
Sendo incapaz de amar ou ser amada,

Nos parece sentir com louco ardor,
Pois cuido vel-a e ouvil-a, apaixonada,
Arfante o seio, suspirar de amor.

Maria Clara da Cunha Santos.

MINOTAURO

A'quellas horas, cinco da tarde, reinava, como de costume, santa paz no pequeno e silencioso jardim de Cypriano Gouveia, no Engenho Novo.

As plantas dormitavam immoveis, pendidas as folhas numa como indolencia morbida. O ar estava parado, não bolia uma folha, e o céo tinha o turvo aspecto precursor das trovoadas.

As bellas roseiras, podadas na vespera, lá estavam esquecidas ao pé do muro, quasi mortas, sem a opulencia triumphal das rosas no mez de Maio. As timidas violetas, de um roxo tenro e melancolico no seu ascetico recolhimento de monjas ideaes e microscopicas ; os jasmins do Cabo, de uma brancura immaculada, engrinaldando trechos de gradil ; os rezedás, os bogarys, as begonias, todas as flores segredavam tristeza na sua mysteriosa linguagem muda.

Gouveia dera-se ao luxo confortavel de habitar um pittoresco chalesinho, em S. Francisco Xavier, claro e alegre como um viveiro de passaros, abrindo para as montanhas friorentas da Tijuca, pintadinho de fresco, sem visinhança, com jardim e repuxo.

Havia exactamente um mez que elle morava alli, « naquelle ninho de beija-flor », mais a sua Nicota.

Poucas pessoas se lembravam de os procurar naquelle remoto cremiterio, calmo e socegado, aonde mal chegavam as acclamações dos sportistas em dia de *grand-prix* no Jockey-Club.

Cypriano não gostava de ruidos, detestava os centros populosos, nascera para o silencio, para o amor discreto extramuros, para a quietação estagnada dos suburbios. Embirrava solemnemente

XISTO BAHIA

com a rua do Ouvidor, por onde nem sequer passava ao voltar da repartição ; preferia viver mais a Nicota em qualquer logarejo fóra da cidade, lendo systhematicamente o seu romance nas horas vadias, ouvindo tocar piano. O seu ideal era precisamente este : ter uma esposa honesta e uma vida sem cuidados domesticos, possuir o menor numero possivel de amigos, e, sobretudo, não facilitar á Nicota, « esse anjo de candura », o ruidoso convivio social, tão arriscado para a honestidade feminina nos tempos que correm.

— Não é assim, Nicotinha ? dizia elle com meiguices de marido feliz. Antes evitar que curar...

E atirava-se com attitudes nababescas na cadeira de vime, saboreando seu rico charutinho *Regalia de la reina*...

Ultimamente, depois de sua nomeação de official de secretaria, pode-se dizer que entaova o *hymno triumphal do amor* !

Vivia feliz, extremamente feliz, economisando o pouco que lhe rendia o emprego, sem avareza...

Uma vida quieta, monotona, esquecido do passado e do futuro, bem humorado sempre, babando-se pela Nicota, que elle, coitado, na sua myopia de homem inexperiente, adorava de toda a alma.

Tinha um amigo intimo, apenas um, o Luiz Bandeira, um rapagão que enriquecêra na Bolsa, á força de transacções vergonhosas, sujeito mettido a amador de cavallos, com fumaças de fidalgo e fama de intelligente.

Nicota a principio aborrecia o Bandeira, mas pouco a pouco foi gostando de lhe ouvir as lerias, e por fim até começou a estimal-o como se fosse um parente chegado. E tantas voltas deu, tanto acreditou nas palavras do Lulú, que este, o grande amigo do Gouveia, um bello dia ousou pedir-lhe um beijo... um só...Nicota, porém, honra lhe seja, recusou formalmente, dando as costas ao bilontra.

Todavia, nada communicou ao Cypriano, com medo talvez de um escandalo, e as coisas continuaram como d'antes.

— Gosto do Bandeira, porque é franco e sincero, dizia Cypriano á mulher.

Nicota confirmava :

— Muito franco e muito sincero. E' o teu melhor amigo. Lembra-te, no dia de meus annos, as magnificas pulseiras que elle me deu ?...

— Não...

— O' homem, aquellas de ouro, cravejadas de brilhantes...

— Ah ! sei, sei...

E accrescentou convicto :

— E' um excellente amigo.

*

Nessa tarde, os dous, Bandeira e Gouveia, conversavam, como de costume, ao redor de uma mezinha de ferro, no jardim, depois do jantar.

As plantas dormitavam immoveis...

Nicota escutava-os na cadeira de balanco, arriscando por vezes um aparte indiscreto.

— Então pensas que se deve matar a mulher adultera, heim !?... exclamou com voz firme o Bandeira.

— Mas sem duvida !

Nicota disfarçou uma commoçãosinha, cantarolando o celebre *addio* do *Trovador*...

— E's muito rigoroso, Cypriano ! Que diabo ! A mulher é fraca...

— Sou justo, sou digno, e assim deve proceder todo o homem de bem.

— Qual, homem ! A raça humana é fatálmente polygama, por força mesmo de sua constituição physiologica. O instincto sexual chega a ser mais forte na especie humana que nos animaes.

— Queres á fina força justificar a mulher adultera, meu Jesus Christo...

— Perdão, eu não quero coisa alguma, o que eu quero é provar-te que Othelo, esse personagem medonho, não existe, é uma ficção shakespeareana, é quasi uma excepção na vida conjugal. Lê Balzac *(Physiologia do matrimonio)* e convencer-te-ás de que a humanidade, desde o primeiro pae, tem sido e será sempre um eterno e colossal minotauro, por isso mesmo que é instinctivamente polygama.

— Ha excepções, atalhou seccamente o Gouveia, quasi convencido, com um rubor nas faces.

— Não direi o contrario, mas o certo é que todos querem ser excepções e o rebanho cresce, a legião augmenta prodigiosamente.

*

Começou a chuviscar.

Bandeira, deu o braço á Nicota, e o Gouveia seguio na frente, resignado como um martyr, segurando o lenço em pontas na cabeça para se não constipar.

ADOLPHO CAMINHA.

AGRADECENDO E COMPRIMENTANDO

O director do *Album*, ao retirar-se da capital da Bahia, inseriu no *Diario de Noticias*, d'aquella cidade, o pequeno artigo que em seguida reproduzimos :

Não quero retirar-me d'esta bella cidade sem agradecer ao meu amigo e illustré confrade Eduardo De-Vecchi o prazer, que me proporcionou, de visitar as fabricas da Companhia Progresso Industrial da Bahia.

Cem annos que eu viva, não me esquecerei d'aquella encantadora travessia, em lancha a vapor, desde o caes das Amarras até a Plataforma, risonha e formosa povoação, fadada para ser, no futuro, uma das maiores cidades industriaes da America do Sul.

De muito espaço precisaria aqui para dizer as impressões que me ficaram das tres grandes fabricas que visitei, — de fiação e tecidos, camisas e calçado. Limito-me a registrar a minha admiração por tudo quanto vi, desde os machinismos (os mais modernos e aperfeiçoados), até aquelle enxame alegre de raparigas robustas e rechunchudas creancas, arrancadas pelo trabalho á prostituição e ao vicio.

Apenas uma coisa me desgostou: foi ver com marca estrangeira calçado feito na Plataforma. Bem sei que, graças á nossa toleima, todos os productos da industria estrangeira gozam de uma aceitação excepcional nos nossos mercados, e não ha para elles competencia possivel; mas — que diabo! — a Companhia Progresso Industrial que, com ser uma grande empreza, não chega para as encommendas, deveria reagir seriamente contra essa toleima.

Comprehendo que se preguem rotulos estrangeiros em tisanas ignobeis e rançosas perfumarias, como se pratica na paciente e longanimosa capital da Republica, mas fazer calçado brasileiro na terra mais brasileira do Brasil, calçado que nada, absolutamente nada fica a dever aos dos mais afamados fabricantes, e pôr-lhe marca estrangeira, é uma coisa inexplicavel e absurda, — pelo menos tão absurda como o caso do pintor ou poeta que, para os seus trabalhos serem apreciados, os assignasse com um nome de emprestimo.

O mesmo aqui se dá com os charutos. Para que esses rotulos de Havana, que, aliás, a ninguem illudem? O charuto da Bahia, meus senhores, hoje se impõe, não á Bahia, não ao Brasil, não á America do Sul, mas ao mundo inteiro, sem precisar recorrer a esse embuste de productores insignes que parecem envergonhados do seu producto.

E' o costume, dir-me-ão; um máo costume, direi, e os máos costumes corrigem-se.

No Rio de Janeiro havia um grande consumo de charutos de Havana e de Hamburgo. A baixa do cambio *(A' quelque chose malheur est bon...)* reabilitou os charutos bahianos, que têm hoje grande extracção no mercado fluminense. Entretanto, releva notar que ninguem os compra julgando comprar havanos ou mesmo hamburguezes, pois nesse ponto — diga-se a verdade — correm parelhas o entendimento do fumante e a lealdade do charuteiro. Não quer isto dizer que não sejem caros, — oh! não! — acabo de comprar aqui na Bahia charutos a 4$000 o cento, pelos quaes tenho pago no Rio de Janeiro 12$000 e mais, sem comtudo deixar-me embair por falsos lettreiros em idioma hespanhol. Não me faltava mais nada!

Com que patriotica indignação neste momento saboreio um delicioso charuto comprado alli na casa Danemann, e que se diz «de la fábrica de tabacos de hojas escogidas de Vuelta Abajo, calle del Egido, núm. 6, Habana»! Como isto é ridiculo!...

E a graça é que os proprios rotulos tambem são feitos na Bahia! Que o digam os meus amigos Liguori, proprietarios da importantissima lytographia do largo das Princezas, que eu tive egualmente o prazer de visitar.

Imponha a Companhia Progresso Industrial os seus magnificos productos como productos nacionaes que são, e a sympathia que lhe consagro será maior ainda, se for possivel.

Não ponho aqui o ponto final, sem comprimentar os cavalheiros que me acompanharam nessa inolvidavel excursão á Plataforma:—o portuguez-bahiano José Alves Ferreira, talentoso e incansavel director da Companhia Industrial, continuador das glorias do benemerito Brandão; os referidos irmãos Liguori, um dos quaes, o Hermenegildo, conheci em saudosos tempos artista, e grande artista; o cavalheiro Americo Silvestre Alvares, personificação da amabilidade bahiana; e, finalmente, Eduardo De-Vecchi, a quem peço um cantinho no *Diario de Noticias* para a inserção d'este artigo. Podesse eu incluir nelle todas as impressões que me ficaram d'esta rapida viagem á terra de Castro Alves.

ARTHUR AZEVEDO.

Bahia, 29 de maio de 1893.

A PROPOSITO DO CONCURSO

Se eu tivesse jamais sorte, geito ou sabença,
De, em portuguez de lei, verter, rimar, compor
O soneto que fez, com arte, zelo, e crença,
Joséphin Soulary, mestre, heróe, sonhador;

Uma satisfação profunda, estuante, immensa.
Viéra me banhar em fé e luz e ardor!
Mas tudo foi em vão... Vela, porfia e pensa
Debalde, quem não for talento, aguia, condor.

Z. Marcas, Felicar, Liomenil Tange-folles,
Gracchus, Nadir, Gerval (*sem nome*, não te amoles!
Perdemos o chinez trabalho que empregamos...

Zéca, Semilio, A. Foito, Horacio, Garimpeiro,
Esmeril, e outros mais, do fundo do tinteiro,
Vamos preito render ao guapo Silva Ramos!

UM DOS CONCURRENTES.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

IX

(Continuação)

Escrevêra esta comedia por desfastio, como, porém, todos os desfastios são consequencias de um máo estar anterior, e como ainda este estado

do mesmo organismo póde ser motivado por causas puramente moraes, o que succede é que o que se faz por desfastio basca-se nos elementos que nos fornecem as causas do nosso máo estar. Foi o que se deu com o medico. O simples facto de Lucio não visitar, havia trinta dias, a familia Blanco, fez com que sobre elle se abatesse um *spleen* profundo, um *spleen* verdadeiramente britanico, londrino; e como a culpada de tudo isso era Dolores, eis que o seu procedimento deu assumpto para a feitura da comedia.

O que o autor fez, para deixar um tanto na penumbra o typo de Dolores, foi carregar as tintas e exagerar o quadro.

O enredo da comedia era, em poucas palavras, este:

« Uma tal Pepa, mãe de seis rapazolas bem nutridos, era ainda sufficientemente fresca para dar á patria outros seis servidores, e isso mesmo em tres annos, se os gemeos lhe fossem *sympathicos*. Mas este phenomeno não se podia dar, porque Pepa enviuvára e, de momento, estava recasada com um senador da Republica que via muito os máos negocios do paiz e era *cego* para *ver* o diabolico procedimento d'essa Byron de saias. Aos sabbados, o senador tinha por companheiro de jantar, de *mate*, de voltarete e de chá, um pelintra Tenorio.

O senador lia-lhe pesadamente os discursos; o rapaz ouvia-os silenciosamente, porque tambem *silenciosamente* se deliciava em admirar o corpo recheado de Pepa, a tentadora. Quando o senador suspendia a leitura para tomar respiro, o Adonis, baptisado na comedia com o cognome de Brisard, francez, para maior caracteristico—e tambem Pepa applaudiam, ao mesmo tempo, com uns *apoiados* cocegueutos, que acariciavam a vaidade obesa do senador anemico.

Os pequenos de Pepa iam dormir ao anoitecer: O homem de estado cansava-se afinal de ler as suas más obras; vinha-lhe o *remorso* transformado em somno.

Adormecia precisamente no momento em que Pepa e Brisard sentiam que os despertava a voz profunda do amor, planta que se alteia sempre entre dous corações fortes, cheios de muita vida e mocidade. Este amor, porém, era criminoso, podia perder e fazer com que os dous rolassem pelo plano inclinado do adulterio. Brisard, porém, um bello dia, ou melhor, uma bella noite, susteve-se na premeditação de um crime e da trahição; lembrou-se de que o seu nascimento era o resultado de um adulterio; sua mãe morrêra assassinada ás mãos do esposo, e elle fôra atirado para a roda dos expostos. Cresceu, indagou e soube a historia da familia, que nem sua podia chamar. Brisard era geologo. Evitou para sempre os discursos do senador e os olhares de Pepa.

Fôra d'este modo o encontro que tivera com *um amor fossil no centro terciario do coração de uma mulher*. »

Lucio leu toda a comedia quasi de um folego. Carrero, de quando em quando, applaudia com uns accionados longos de cabeça e *bravos* pronunciados a *mezza voce* para não interromper a leitura.

Ao terminar, o doutor fez como todos os autores, quando leem as suas obras para outros ouvirem: precipitou-se na leitura das ultimas phrases, colheu de uma vez as folhas do caderno e deixou cahir sobre o rosto do amigo um olhar investigador e pesado.

Houve um momento de silencio. Carrero quebrava no crystal a cinza do seu *regalia*.

— Bom! — principiou Lucio, como quem receiava uma desapprovação do seu conselheiro Epaminondas— vejo pela tua augusta e solemne reserva que te não agradou o meu trabalho. Vamos; dize-o claramente...

— Elogios — dispensar-me-ás de t'os dirigir. E's demasiado modesto para te convenceres com elles e fortemente consciencioso para saberes que á tua comedia não faltam condições para entrar no palco de qualquer cidade do mundo civilisado... Entretanto, é tal o conhecimento que revelas n'este teu trabalho, que bem póde ser que fosse escripto por homem do officio.

— Lisongeiro!...

— Ainda mais; dou-me com o emprezario da companhia que ora trabalha no theatro *Solis*. Dá-me, confia-me essa comedia; dirijo-me d'aqui ao *Hotel de Paris*, onde elle mora, e vou ler-lh'a... e protegel-o, dando lhe essa peça para que a faça representar quanto antes O diabo é... se...

E n'isto Carrero tomou das mãos do amigo o vulto de papel almaço, abrio-o, approximou-o do rosto e percorreu-o de alto a baixo com a vista.

— Bem! a lettra não se poderá dizer que houvesse sido traçada por um calligrapho, mas póde ser facilmente comprehendida pór um pobre diabo como eu, que, ao par de alguns meritos, tem o de saber ler corrido e sem solettrar...

— Bem — atalhou o doutor — pódes levar a comedia. Exijo-te, porém, o maior sigillo sobre o nome do autor. Bem deves comprehender que a minha profissão é outra que não a de escrever para o theatro. A sociedade de Montevidéo ainda concentra muito as suas opiniões e está revestida de preconceitos antiquados. Imagina que o medico veio ao mundo para receitar drasticos e ventosas e amputar á humanidade o que o tempo — como elles dizem — se encarregaria de conservar em perfeito estado.

— Uma vez que assim desejas, facil é cumprir. Nada direi. Antes, porém, de me retirar, preciso que me allivies de certas ideias, que me occorreram durante a leitura que acabaste de fazer.

— Dize lá! Interroga.

— Ha duas pessoas (eu e Dolores) que adivinharão todas as indirectas d'esta comedia, se por acaso for representada. E, com mil demonios! Dolores vae nomear o autor, embora os cartazes não

o indiquem. Agora, dize-me com franqueza; durante a minha ausencia houve algum facto de importancia occorrido sobre os *amores* da mãe de Carmen?

— Infelizmente houve, e mais serio do que pensarás é o assumpto que servio de thema para a minha comedia. Dolores hoje não me poderá amar, e sim odiar.

Lucio explicou então ao seu amigo toda a conversa que entretivera com a mãe de Carmen; foi minucioso em todos os pontos escabrosos.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Depois da *Frou-Frou*, de Meilhac e Halévy, deu-nos Sarah Bernhardt: a *Jeanne d'Arc*, de J. Barbier, em que tem duas scenas realmente sublimes; a *Francillon*, de Dumas Filho, que foi até hoje a peça mais bem representada pelo conjuncto da companhia franceza; *La dame de Challant*, dramalhão soporifero do escriptor italiano Giocosa, autor de outro dramalhão *Il conte rosso*, com que o actor Maggi nos fez dormir uma noite naquelle mesmo theatro; a *Fédora*, de Sardou, um dos trabalhos mais brilhantes de Sarah, e, finalmente, a *Phedra*, de Racine, tragedia em que a eminente artista se mostra digna do immortal poeta do grande seculo.

Em todos esses espectaculos, naturalmente uns mais e outros menos, Sarah Bernhardt enthusiasmou-nos. O heroismo de Jeanne d'Arc, os caprichos de Francillon e o desespero de Phedra deixaram-nos uma impressão indelevel e profunda. Sentimos não poder communicar todo este enthusiasmo ao publico reservado e frio que concorre aos espectaculos d'essa extraordinaria mulher, que é, no nosso tempo, a expressão mais pura e mais admiravel da arte de representar.

*

O *Amigo Fritz*, de Erckmann e Chatrian, agradou immenso no S. Pedro. O papel do rabino David foi muito bem representado por Brasão, e Rosa Damasceno interpretou brilhantemente o da ingenua Suzel, se bem que não nos fizesse esquecer a actriz Kerwisch, que desempenhou esse papel quando aqui esteve com o grande Coquelin. Augusto Rosa deu nos um bom Fritz Kobus.

No mesmo theatro tivemos o *Defunto*, de Felinto de Almeida, interessante comedia já representada no Recreio Dramatico

*

A *Taverna* (L'Assommoir), de Zola e Busnach, foi o ultimo espectaculo da companhia portugueza que trabalha no Apollo. Copeau é incontestavelmente, um dos melhores papeis do actor Alvaro, que conseguio impressionar terrivelmente a plateia na grande scena do delirium-tremens. Amelia Vieira é perfeita no papel de Gervasia.

*

No Polytheama continuam os triumphos da companhia Tomba e especialmente da Tetrazzini. As ultimas peças exhibidas foram o *Duquezinho*, de Lecocq; a *Filha do regimento*, de Donizetti, a *Bella Helena*, de Offenback, as *Mulheres guerreiras* e *A' procura da felicidade*, de Suppé. Esta ultima peça não agradou tanto como as outras.

*

No Sant'Anna subio, afinal, á scena a annunciadissima *Conquista dos Talismans*, magica tirada pelo actor Primo da Costa dos famosos *Bibelots du diable*. Ha de tudo na nova peça; de tudo, entenda-se, quanto nesse genero concorre sempre para uma longa série de representações: scenarios e vestuarios espaventosos, visualidades, transformações, machinismos, alçapões, muitas pilherias, muita musica, e um bom desempenho dos principaes papeis.

*

No Variedades e no Recreio continuam em scena o *Diabo Coxo* e a *Volta do mundo em 80 dias*.

X. Y. Z.

Os Srs. Magalhães & Comp., editores, acabam de publicar em volume o interessante romancete *Rose-Castle*, do joven prosador Virgilio Varzea, um dos mais sympathicos e prestimosos collaboradores do *Album*. O unico defeito d'este livrinho é ter apenas oitenta paginas: não lhe podemos fazer maior elogio. *Rose-Castle* é um promettedor ensaio de arrojadissimos vôos.

Os mesmos editores annunciam para hoje, sabbado, 1º de Julho, o apparecimento do novo livro de Affonso Celso, intitulado o *Imperador no exilio*, livro a que sem duvida está reservado exito egual ao que obtiveram os *Vultos e factos* e *Minha filha*, do mesmo autor.

— *Orvalhos* é o titulo de um volumesinho de versos do Sr. Brito Mendes. O poeta revela certa disposição para o genero lyrico, mas foi infeliz na escolha da typographia que se encarregou da impressão do seu trabalho. E' extraordinario que em 1893 ainda se imprima assim. Entre as composições do Sr. Brito Mendes algumas ha que se leem com prazer, mas, repetimos, a typographia estragou metade do effeito que o livro poderia produzir.

—Dos Srs. Fontes & Comp., os novos editores de musica, recebemos um exemplar da bella valsa *Andaluza*, composição do Sr. J. T. Torres, que vae ter, se já não tem, a satisfação de a ouvir executada em todos os pianos d'esta capital.

A impressão da valsa, feita no proprio estabelecimento dos Srs. Fontes & Comp., é realmente primorosa; a capa, com os seus desenhos e os seus caracteres dourados, é a melhor tentativa que aqui se tem feito nesse genero.

Imprensa H. Lombaerts & C.

RAFAELA STOPA

AS CRÔNICAS DE ARTUR AZEVEDO NA REVISTA LITERÁRIA *O ÁLBUM* (1893-1895)

Volume 3

ASSIS
2010

NOTA EXPLICATIVA

Optou-se por reproduzir os cinquenta e cinco números da revista *O Álbum* (1893-1895) em dois volumes devido ao número de páginas. Assim, a divisão constante entre os volumes 2 e 3 não é cronológica ou relativa a algum episódio importante para a revista e, sim, tem a preocupação de facilitar o manuseio dos exemplares.

Neste volume, encontram-se as revistas de número 28 a 55. Deu-se continuidade à paginação do volume 2.

Na coleção original, pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e que serviu de matriz para o microfilme utilizado na digitalização do periódico, há falhas em três números da revista, a saber:

Na revista número 33, de agosto de 1893, faltam as páginas 259, 260, 261, 262 e o retrato de Valentim Magalhães.

Na revista número 39, de setembro de 1893, falta o retrato de Epitácio Pessoa.

Na revista número 52, de outubro de 1854, faltam as páginas 413, 414, 415 e 416.

Importa mencionar que o processo de digitalização, limpeza e impressão do material reduz consideravelmente a qualidade das fototipias.

ANNO I — N. 28 SEGUNDA SÉRIE JULHO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Affonso Celso	Urbano Duarte.
Poema da Ausencia	Americo Moreira.
Chronica Fluminense	A.
Rastro de amor	Adelino Fontoura.
A noiva do Bernardo	Cunha Mendes.
Visão moderna	Leonidas e Sá.
Parodia do «Hamleto»	Fantasio.
Duas paizagens	Fontoura Xavier.
Amor de Primavera e amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

CARDOSO DE MENEZES

AFFONSO CELSO

O moço illustre de quem o *Album* dá hoje o retrato é, como todos sabem, filho dos viscondes de Ouro-Preto e natural da capital de Minas Geraes, onde veio ao mundo a 31 de Março de 1860. Conta, portanto, 33 annos feitos.

O Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo pertence a essa raça de seres privilegiados, nos quaes a Natureza como que se comprouve em congregar os dotes pessoaes mais raros e preciosos.

Gentil no porte, formoso de semblante, de olhar simultaneamente claro, franco e fascinador, tudo isso ainda é realçado pelo encanto de uma apurada educação e de uma affabilidade que a todos captiva e enleva.

Porém todas essas prendas exteriores ficam muitissimo aquem do valor intrinseco e immanente do seu espirito e do seu coração. O conteúdo, por assim dizer, offusca o continente. E não se veja no que dizemos recurso de rethorica nem lisonja de amisade.

De seu eminente pae, o Sr. visconde de Ouro-Preto, elle herdou a capacidade para os estudos solidos, a rija fibra de lutador, a ardente combatividade dos que disputam a palma da victoria e a admiração das turbas; de sua mãe, pertencente á illustre familia dos Toledos, provém-lhe o talento artistico, o sentimento poetico, a fina flor azul que brota nos refolhos do coração e que só com elle morre.

As suas predisposições nativas, que parecem antagonicas e exclusivistas, fundiram-se harmoniosamente na sua pessoa, dando origem ao phenomeno raro de um espirito ao mesmo tempo pensador e artista, grave e gracioso, circumspecto e ligeiro, tomando a vida a serio, mas amenisando-a e ornando-a de tudo quanto a imaginação e o gosto suggerem a um homem de escol.

Precocemente se revelou a notavel ductilidade da sua intelligencia.

Veio para o Rio de Janeiro em 1866, e aqui estudou primeiras lettras e fez os preparatorios, sendo em todos approvado com distincção; em seguida pedio ao Parlamento licença para matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, sem ter a edade legal.

Obtendo-a, iniciou o curso juridico e continuou-o com brilhantismo até 4 de Novembro de 1880, em que recebeu o gráo de bacharel; a 7 de Abril de 1881, após defesa de these, foi consagrado doutor de borla e capello.

Em Outubro do mesmo anno teve o desvanecimento de se ver eleito deputado geral pela sua provincia, na primeira eleição que então se realizou pelo systema directo, sob o ministerio Saraiva. D'ahi em diante nunca mais deixou de ser deputado sendo reeleito em todas as legislaturas até a extincção do antigo regimen.

*

Como representante da Nação, apezar do verdor dos annos, Affonso Celso rapidamente conquistou assignalado posto entre os proceres da Assembleia; e alguns velhos parlamentares, que sorriam ao principio em presença do seu ardor juvenil dos vinte annos, mais tarde viram-se forçados a curvar os cabellos brancos perante a eloquencia vibrante, a estupenda actividade, os recursos de politico de raça, o prestigio pessoal do moço deputado.

Fez parte das commissões mais importantes e discutio os assumptos de mais relevancia que se agitaram na Camara, sempre no ponto de vista mais liberal e democratico. Na sessão de 1887 occupou a tribuna *todos os dias*, como *leader* da opposição ao gabinete Cotegipe. Deve-se á sua iniciativa e esforços o comparecimento do Brasil á Exposição Universal de 1889, serviço este que foi galardoado pelo governo francez com o grão de official da Legião de Honra.

O Dr. Affonso Celso nunca aceitou cargo algum de nomeação do governo; em 1883 o conselheiro Lafayette convidou-o para presidir uma provincia, em 1885 o conselheiro Dantas offereceu-lhe a pasta de estrangeiros, em substituição ao Sr. Matta Machado, e em 1889 o Imperador empenhou-se muito para que elle fosse nomeado ministro plenipotenciario nos Estados-Unidos, por occasião do Congresso Pan-Americano.

O nosso distincto compatriota recusou-se sempre, sendo que para a ultima das indicações supra-mencionadas allegou nobremente não lhe ficar bem uma distincção d'aquella ordem, sendo filho do presidente do conselho.

*

Deixemos o politico e voltemo-nos para o homem de lettras.

Além de conferencias e discursos, o Dr. Affonso Celso tem publicado as seguintes obras: *Preludios* (1875), *Devaneios* (1877), *Telas Sonantes* (1879), *Poemetos* (1880), *Camões* (1880), *Vultos e Factos* (1892) e *Minha filha* (1893).

Nos dous ultimos livros, que tão brilhante exito obtiveram, Affonso Celso mostrou-se escriptor de primeira plana, fluente, natural, imaginoso, escoimado de adjectivações parasitas e fatigantes, moderado nos conceitos, correcto na linguagem, e sincero na emissão dos sentimentos. Interessa e commove,— eis quanto basta para assegurar o valor da sua litteratura.

Poetou muito em S. Paulo, durante a phase do romantismo academico, e compoz lindos versos, alguns dos quaes se tornaram populares.

Ama e admira apaixonadamente o que neste mundo merece ser amado e admirado; o movimento do seu espirito é prodigioso, nada escapa á sua attenção e perspicuidade.

Lê, ou antes, devora as novidades que vão sahindo á luz, assigna diversas revistas estrangeiras litterarias e scientificas, e não lhe escapa um unico artiguete de qualquer jornal fluminense!

De sorte que a sua conversação é a mais instructiva, animada e pittoresca que se póde desejar. Além d'isso, viajou pelas duas Americas, pela Europa e por parte do Brasil, colhendo nessas perigrinações farta messe de ideias e factos, que conserva vividos e nitidos na memoria, sendo capaz de descrever coisas passadas ha annos com a exactidão de uma placa photographica e o colorido de um impressionista. A fidelidade de sua retentiva é extraordinaria; de nada se esquece, ou antes, só sabe esquecer-se dos innumeros favores e serviços que prestou aos outros, quando militava na politica.

*

Parecerá superfetação ou exagero accrescentar que, sobre este conjuncto de qualidades que o exalcam, o Dr. Affonso Celso é ainda o typo ideal do bom filho e do bom pae. Ideal, digo-o bem, porque não ha outro qualificativo que possa traduzir aquelle amor cego e aquella devotação sem limites.

Quem ler as suas duas obras ultimas, sente transmittir-se-lhe o fremito mysterioso e sagrado que vibra nas paginas dedicadas a seu pae e á sua filha...

Tudo que dissessemos aqui a tal respeito seria descorado e tibio: por isso, remettemos aquelles, que ainda a não fizeram, á leitura dos supracitados livros.

*

O Dr. Affonso Celso manifesta muito gosto e vocação para a medicina, e até tentou formar-se em Pariz. A sua *marotte* é dizer que só nasceu para medico e que errou a profissão.

A verdade é que tem tratado de alguns doentes, pessoas de casa, com singular pericia para um leigo no assumpto; dous cunhados seus, enfermos de febre amarella, o tiveram por enfermeiro. Um falleceu, pelo ataque fulminante, o outro salvou-se, apezar de ter chegado a um estado quasi desesperador. O moço foi d'este modo se habituando com a terrivel molestia, a qual sympathisa, ou antes, antipathisa mortalmente com os filhos de Minas-Geraes. Um dia adoece e morre um amigo; Affonso Celso assiste aos seus ultimos suspiros, lava o corpo e veste-o, e passa a noite inteira diante d'aquella atmosphera microbiana. Quando volve á casa, no dia seguinte, arde em febre de 41 gráos!

Esteve ás portas da morte, e alguns medicos já não davam nada pela sua vida. Um dia fui visital-o, achando-se na sala proxima o visconde de Ouro Preto, mergulhado n'uma afflicção impossivel de descrever. Pois bem, o doente quasi *desenganado*, já tocado pelos terriveis symptomas do vomito negro e da constricção epigastrica, rio-se, conversou, contou historias de viagens, perguntou por todos, com a absoluta clareza intellectual de um homem são. Notei apenas que pedia agua a miudo e que balouçava inquietante o corpo de um para o outro lado.

Sahi convencido de que não se achava tão mal, apezar de ter um proyecto facultativo affirmado, momentos antes, que havia apenas uma pequenina nesga de esperança no restabelecimento.

Que força de espirito e que elasticidade nervosa!

*

Para concluir:

O Dr. Affonso Celso é official da Legião de Honra e de S. Thiago de Portugal, socio effectivo do Ins-

tituto Historico e de outras associações scientificas e litterarias, lente cathedratico da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes.

E' casado desde 1884 com uma senhora distinctissima, cuja companhia é bastante para tornar um homem feliz, tem quatro interessantes filhos, a um dos quaes appellidou de *general*, por tel-o destinado á carreira militar, resolução que posteriormente abandonou.

Não fuma, só bebe agua, e só vae a divertimentos levando a esposa.

Possue força magnetica no olhar, e hypnotisa com facilidade.

Só tem um defeito : Não gosta de fructas.

URBANO DUARTE.

POEMA DA AUSENCIA

EPILOGO

Como da aurora a matutina estrella
Vae n s ninhos os cantos despertando,
Assim tambem minh'alma vae cantando
Só á lembrança de tornar a vel-a.

Bandos de risos, vinde recebel-a,
Pelos caminhos flores dispersando,
Flores que eu beije e que ella vá pisando
Porque beijar-lhe os pés fóra detel-a.

Fallo a vós que sentis, almas amantes,
Que o gozo conheceis d'estes instantes
Em que se choram da anciedade os prantos.

Quando de longe torna o bem amado
E as alegrias voltam do passado!...
Dá-se um beijo á partida e á volta... quantos!...

AMERICO MOREIRA.

Abril de 93.

CHRONICA FLUMINENSE

Inveja-me, leitor: estive, durante tres dias, a uns cento e cincoenta kilometros de distancia da rua do Ouvidor, na fazenda de Sant'Anna, estação do Esteves, municipio de Valença, estado do Rio de Janeiro! Fui e voltei em companhia dos meus collegas Valentim Magalhães e Urbano Duarte, e do sympathico engenheiro e architecto Dr. Araujo Vianna. Inveja-nos, leitor!

Inveja-nos, porque não imaginas que felizes, que mimosos fomos durante esses tres dias, agasalhados pelo dono da fazenda, o Sr. Lucio Martins Esteves, um agricultor intelligentissimo, que tem o bom gosto e a rara virtude de não se privar de nenhum dos confortos da civilisação e da hygiene, e que possue uma escolhida bibliotheca, na qual se encontra tudo quanto de bom se publicou e se publica, — livros, folhetos, opusculos, monographias, jornaes, revistas, periodicos, illustrações, o diabo!

Com que saudade nos separámos d'esse obsequioso e illustrado cavalheiro, e com que abundancia de coração lhe peço que receba aqui, publicamente, o nosso agradecimento collectivo.

*

Foi lá, entre as verdes colinas de Valença e ao marulhar do ribeirão Sant'Anna, que cahio sob os meus olhos a noticia de ter sido nomeado ministro das relações exteriores um moço cujo nome não me occorre neste momento.

O Sr. Floriano gosta do imprevisto. Não lhe quero mal por isso, pois na nossa boa terra o previsto offerece, por via de regra, resultados absolutamente negativos. Quando a opinião publica tem levado muitos annos a indigitar para ministro o cidadão Fulano dos Anzóes, e este afinal consegue abiscoitar uma pasta, fiquem certos de que sua excellencia vae dar por páos e por pedras, e ficará mais dia menos dia completamente inutilisado para a vida publica.

Quem sabe se ha um grande estadista dentro d'esse moço de trinta annos, cujo nome continúa a escapar-me?

*

O brasileiro tem muitas manias. Uma d'ellas, talvez, a mais innocente, é descobrir a direcção dos balões. De vez em quando surge um senhor que suppõe ter resolvido o problema da navegação aerea. Quantos bradaram *Eureka!* antes e depois d'aquelle pobre Julio Cezar, que afinal morreu como um João Fernandes! O penultimo foi o Sr. deputado Augusto Severo; o ultimo é o Sr. capitão Affonso Barrouin. Dizem que tanto um como outro chegaram a resultados assás positivos. Se assim é, o Brasil vae a ter a gloria de resolver duas vezes, por differentes meios, um problema que tem preoccupado os homens da sciencia nos paizes mais adiantados do mundo, e mettido muita gente nos hospitaes dos malucos.

Ninguem mais do que eu estima que a obra de Bartholomeu de Gusmão seja completada por outro brasileiro; mas quizera—digamol-o francamente—que, antes de descobrirmos a direcção dos balões, descobrissemos a direcção de nós mesmos. O Brasil não encontrou ainda o seu ponto de apoio...

*

Entretanto, o homem do dia não é o Sr. capitão Affonso Barrouin, apezar do seu balão: não é tambem o Sr. senador Christiano Ottoni, apezar da biographia, que escreveu e publicou, de D. Pedro de Alcantara, e tanta celeuma tem levantado; não é tão pouco Mr. Elysée Reclus, o celebre geographo e

socialista francez, nosso illustre hospede : o homem do dia é o Sr. senador Cunha Junior, o parlamentario mandado pelo governo ao Rio Grande do Sul.

O povo espera soffrego e ancioso os resultados da intervenção de sua excellencia ; segue-o por toda a parte, avido e palpitante, os olhos arregalados e os ouvidos alerta...

Vamos, Sr. senador, diga-nos francamente o que ha, e quanto tempo ainda póde durar a guerra..

*

Aqui na Capital Federal as coisas tambem se entroviscaram, graças ao animo bellicoso dos rapazes da Escola Militar, que têm sangue na guelra, e a um discurso do Sr. deputado Benedicto Valladares, discurso que eu não li, mas elles leram...

Serio foi o caso, e teria, talvez, funestas consequencias, se o referido Sr. deputado não fizesse na quarta-feria boa romaria... deixando-se ficar em casa. Pretendiam os estudantes vaial-o no proprio «seio da representação nacional», e começaram por invadir o edificio da Camara, vulgo Cadeia Velha. Felizmente o Sr. João Lopes, que é homem para as occasiões difficeis, defendeu e salvou a soberania do povo.

Em nome da tranquilidade publica, pede-se ao ameaçado representante da Nação que tão cedo não vá á Camara, sob pena de passar a chamar-se Vaiadares.

*

No dia anterior a Camara fizera jús ao agradecimento publico, desapprovando, por 65 votos contra 57, o tratado litterario do Leão e do Burro.

*

Obituario :

Um telegramma da Europa noticia o fallecimento do pintor brasileiro Rocha Fragoso.

Nesta capital falleceram : o conselheiro Carlos Frederico, medico virtuoso e sympathico, e o bom e alegre commendador Raphael Ascoly, que no seu tempo foi terrivel. De uma feita o vi, de bengala em punho, « armar um rolo » incrivel no Alcazar, e ficar na plateia, a rir-se dos que fugiam, victorioso e sosinho. Bom tempo!

*

Um telegramma da Agencia Havas diz o seguinte : «Pariz, 6. Falleceu hoje o Sr. Guy de Maupassant, litterato e membro da Academia Franceza.»

Perdão. O celebre autor de ***Boule de Suif*** num dia de bom humor declarou que nunca seria tres coisas: casado, condecorado e academico. Só a Agencia Havas, useira e vezeira nessas ***bévues***, se lembraria de mettel-o no Instituto... depois de morto.

Guy de Maupassant perdêra o uso da rasão, e se achava ha muitos mezes internado num hospital. Por bem dizer havia morrido. Hoje só temos que lamentar o seu desapparecimento definitivo.

Discipulo de Flaubert, que lhe consagrava um affecto paternal, Maupassant tornou-se, na flor da edade, uma das figuras mais salientes da litteratura franceza contemporanea. Era um romancista vigoroso e um inexcedivel fazedor de contos. A sua memoria virerá eternamente nos seus livros.

A.

RASTRO DE AMOR

Vasos de oiro, tapetes, luzes, flores,
Porcellanas, espelhos de Veneza,
Essencias, pedrarias de mil côres,
— Tudo resplende aos brilhos da riqueza ;

Mas de repente, archanjo de pureza,
Ao som da festa, em meio dos fulgores,
Tu surges no salão, e a singeleza
Do teu vulto é maior que os esplendores!

Passas sorrindo, timida, innocente,
E eu te acompanho o passo enamorado
Com longo olhar, apaixonadamente.

Depois desappareces ; mas, calado,
Meu espirito segue, inconsciente,
O teu sonoro rastro perfumado...

Adelino Fontoura.

A NOIVA DO BERNARDO

Meio dia acabavam de tocar os sinos das velhas e silenciosas egrejas.

Causticos raios de sol esparrinhavam-se amplamente sobre a cidade, enchendo-a de um calor brutal, dando á carne estafada dos que trabalhavam a languidez morbosa de cançaço e fadiga.

O Bernardo, com os olhos ignificados de um fulgor estranho, sentou-se em frente da viscosa e empoeirada mesa da tasca.

Elle abandonára a mulher desde a noite passada; maldizia, com trêgeitos e esgares sordidos, o haver se casado, ha tres dias; e, com a voz arrastada, com o abrir de labios pesados de bebedo, salivava de nojo, de asco de ter a seu lado, durante toda a vida, uma rapariga formosa, que mal despoSára e já lançava da bocca mimosa, quantas vezes beijada! o corpo hediondo e sinistro de uma serpente!

*

A encantadora Maria, casada com o Bernardo, cêdo buscára o thalamo; fatigada, como se sentem

Anno I O ALBUM Num. 28

AFFONSO CELSO

as mulheres nos primeiros dias de noivado, fechou as suaves palpebras, cercadas de uns tons profundos de violeta, e, pensando talvez em seu querido noivo, adormeceu mansamente.

Cercava-a um silencio religioso, e a claridade tenue da vela banhava-a de um luar doce e macio.

Minutos antes de entrar o marido, ella, desperta ás brutas, paralysada de horror, assistio ao combate que o seu nedio e felpudo gato sustentava com uma pequena e horrivel cobra.

O bichano, com os arredondados olhos phosphorejantes, vio á serpente subir o leito, dobrando, em voltas sinuosas, o corpo escorregadio pelas torneadas pernas da cama.

Saltou sobre os claros e perfumados lençóes e a esperou bellicamente...

Ah! que podia fazer a graciosa Maria, quando sobre a pelle alva e setinea do seu collo delicado sentio o peso do audacioso gato e da immunda serpente, e os vio mediudo-se, apertando-se, mordendo-se?!

Era-lhe p ssivel gritar; porem a lingua tornára-se-lhe pezada; os labios seccos abriram-se e se conservaram immoveis; em sua alma houve um gelar de morte; e, quando, assombrada, tentou erguer-se, soffreu um choque tragico, insensibilisando-se toda num ataque mortal.

Immovel, sem acção, ella não poude seguir os belluinos movimentos e os estrategicos saltos com que o atrevido gato ferio luta com o sordido inimigo.

O bichano, batendo repetidas vezes, com as mãos delicadas, o setim alvissimo do seu collo formoso, elevando o dorso flexivel, pondo á sovela o macio pello, atirava-se ao monstrengo que, todo em curvas sobre si mesmo, arrojava para a frente a cabeça achatada, com a lingua de fóra, sibilando veloz; elle, porém, retrahia-se; o bote, em falso, era atirado e, livre do perigo, saltava sobre o adversario, cravando-lhe dentes e garras.

Mas, num ataque rapido e imprevisto, sentiu-se ferido; sobre a chaga, num movimento de segundos, esfregou a lingua, humida de saliva; usára do seu contra-veneno e, mais cortado de coleras, mais possuido de furor bellico, podia agora continuar o combate.

A serpente, levada de vencida, tentou, medrosa e covarde, fugir ás pressas do terrivel e audaz inimigo; quando, porém, se arrastava, os claros dentes fortes do victorioso gato rasgaram-lhe as carnes e as garras aguçadas prenderam-lhe a cabeça escorrogadia e asquerosa.

Ferida e exhausta, ella vagarosamente enroscou a hedionda cauda no unico baluarte que lhe podia servir de inevitavel defeza: no gracioso peito da suave Maria!

D'alli, segura e audaciosa, atirou outro bote, nodoando, com vermelhas gottas sanguineas, o alvor eburneo do collo da rapariga, e repousando a cabeça esqualida no mamillo gracioso e delicado.

Como o bichano podia então feril-a?

Elle comprehendia que, offendendo o inimigo, offendia a sua senhora...

Com branduras geitosas, começou a arranhar a cobra que, ao levantar a cabeça, sentio-se mordida e presa ás felinas garras.

N'um movimento brutal de dor, dependurada dos agudos dentes do gato, ella poude evitar ainda as maguas impudicas da derrota e as duras agonias da morte; fugio...

O bichano perseguia-a, quando o Bernardo entrou na camara nupcial.

Com extasis abeberados nos impetos do vinho, baixou a fronte e, num luminoso beijo apaixonado, unio aos labios da esposa os seus grossos labios que logo se separaram, trazendo suspenso o corpo sinistro da cobra, como uma flammula guerreira attrahindo o gato ao combate...

A misera serpente, perseguida e cançada, encontrára emfim um abrigo: a delicada e graciosa boquinha da suave Maria.

CUNHA MENDES.

VISÃO MODERNA

FINAL DE UM POEMETO

. . . . . .

« Bem, meu poeta, agora eu vou dizer-te adeus,
Já esmoirece a luz pela amplidão dos céos...
Quando um dia talvez eu me encontrar comtigo,
Quero chamar-te ainda o meu primeiro amigo!
Adora a Arte, adora, assim como um Rajah
Nos sonhos seus adora as tentações de Allah! »

. . . . . .

Sumio-se a Musa casta envolta n'um sudario,
Como pingo de luz cahido n'um hostiario!
Vinha rompendo o sol em fulminações de aço
Como uma chuva de oiro a assoberbar o espaço!
E pelo anil do céo — umbella colossal —
Anda a passarinhar este sol — o IDEAL!

LEONIDAS E SÁ.

PARODIA DO « HAMLETO »

O grande humorista, o brilhante poeta *Fantasio*, que opulenta as columnas da *Cidade do Rio* com as suas esplendidas chronicas, acaba de publicar naquella folha uma engraçadissima parodia da scena 1ª do 3º acto da tragedia de Shakespeare.

Não resistindo-ao desejo de archivar nas columnas do *Album* esse magnifico trecho de poesia humoristica, pedimos venia para transcrevel-o, declarando, entretanto, que o nosso intuito é exclusivamente litterario, e nada temos que ver com a opinião politica do poeta, manifestada nesses versos de um modo aliás inoffensivo e risonho.

ACTO III—Scena I

(Uma sala no palacio de Itamaraty. Hamleto entra vagarosamente e pára no meio da sala. Apoia o queixo na palma da mão direita, fica com a mão esquerda mettida na abotoadura da sobrecasaca, e balanca uma perna, meditabundamente.)

HAMLETO *monologando.*

Ser ou não ser... Minh'alma, eis o fatal problema!...
Que deves tu fazer, nesta angustia suprema,
Alma forte? Cahir, degringolar no abysmo?
Ou Lramir, ou lutar contra o federalismo?
Morrer, dormir... dormir... ser deposto... mais nada!
Oh! a deposição é o patamar da escada...
Ser deposto!... Rolar por este abysmo, ás tontas...
(Depois de longa meditação)
E o cambio? E o Victorino? E o Tribunal de Contas?
(Outra meditação)
Morrer, dormir... dormir? sonhar talvez! Que sonho?
Que sonho? a recleição!
(Nova meditação)
Se os batalhões disponho
Com geito, e os afficcôo ás ambições que sinto,
Venço... E esta opinião é a do Moreira Pinto!
(Cae n'uma reflexão profunda)
Mas, emfim, para que ser novamente eleito?
Se não fosse o terror... Se não fosse o respeito
Que a morte inspira, e o horror d'esse somno profundo...
Ah! quem supportaria os flagellos do mundo;
O odio de Juca Tigre; o armamento estragado:
A petulancia atroz do tenente Machado;
O commercio que morre; a industria que adormece;
A lavoura que mingua; o deficit que cresce
Horrivelmente, como a esteril tiririca;
A bravura do Moura; o genio do Oiticica...
— Oh! quem resistiria a tanto, de alma forte,
Se não fosse o terror do ostracismo e da morte?
(Pausa)
O ostracismo... região triste e desconhecida,
D'onde nenhum viajor volton jamais á vida...
Ah! eis o que perturba... Ah! eis o que entibia
A coragem maior e a maior energia!...
(Entra Ophelia)
Ahi vem a bella Ophelia...
(Voltando-se para ella)
Anjo! quando rezares,
Nunca peças a Deus pelo Silva Tavares...

OPHELIA.

Meu senhor, como está?

HAMLETO.

Bem, obrigado, filha!
Viste se estava á porta o nosso Quintanilha?

OPHELIA.

Não vi, não, meu senhor. Tenho de Vossa Alteza
Doces prendas de amor que me enchem de tristeza...
Ah! não quero avivar, guardando-as, a saudade...

HAMLETO.

Não te dei nada!

OPHELIA.

Deu! Deu-me elasticidade,
Com que me transformei n'uma lei de borracha!
Meu senhor! A que mais devo eu este prodigio,
Senão ao seu amor, senão ao seu prestigio?

HAMLETO.

Dize, Constituição, tu és republicana?

OPHELIA.

Meu senhor...

HAMLETO.

Dize mais! E's norte americana?

OPHELIA.

Principe...

HAMLETO.

Meu amor, parte para Chicago...
Olha! eu nunca te amei! Se um sonho idiota e vago,
Um dia te incutio tal coisa na cabeça,
Que te deixe esse sonho, e essa illusão te esqueça!
— Varre o sonho, criança... Homem nenhum merece
Um juramento, um beijo, um suspiro, uma prece...
Parte para Chicago...

OPHELIA.

Illuminae-lhe a mente,
Poderes celestiaes!

HAMLETO.

Sou vice-presidente?
Sou presidente? Sou dictador? Sou cacique?
Oh! que paralysada a minha lingua fique,
Se te minto! Não sou mais do que um homem. Parte!
Que é de teu pae?

OPHELIA.

Não sei.

HAMLETO.

Devia acompanhar-te.
A lei, neste paiz, não póde andar sosinha...
Parte para Chicago! A tua dor é a minha:
E' a dor que anda a chiar em toda a vida humana!
Parte para a immortal nação americana!
Parte para Chicago!
(Olha fixamente para Ophelia)
Ah! entendo o teu susto:
Não tens dinheiro? Toma esta ajuda de custo!
São cem contos de réis... Prostituo, mas pago.
(Vae sahindo)
E adeus, Ophelia... Vae. Parte para Chicago!...

FANTASIO.

DUAS PAIZAGENS

A BABY MEE

Como a tua lembrança neste instante
Me punge n'alma funda e amargurada!
E' a hora em que a terra, em luz banhada,
Estreita ao seio o sol agonisante.

E' tudo o mesmo: a casa na esplanada...
O céo azul... o morro verdejante..
Mas, sem teu vulto negro e deslumbrante,
Como esta scena é triste e desolada!...

Tambem, noutro paiz, bem longe, um dia,
Vi dominando uma paizagem fria
Um cysne preto, sob um céo tristonho...

Não mais te vi que o não sonhei e vendo,
E agora — só agora — comprehendo
Porque essa ave me povôa o sonho!...

FOXTOURA XAVIER.

Santa Theresa, 12—4—92.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

IX

(Continuação)

— Bem —atalhou Carrero, logo que o medico finalisou — nesse caso está explicada toda a scena

que se passou entre a tua pessoa e Carmen na sála de visitas. Dizes que ao dares um beijo respeitoso na mão de Dolores... — não sei se deva acreditar que lh'o désses na mão — ouviste um *ai* abafado, um *ai* de agonia...

— Perfeitamente...

— Explica-se: Carmen presenciou tudo; ama-te; teve ciumes; é moça; não tem a nossa experiencia. Em todo o caso, já deve comprehender que, sendo a mãe uma d'essas mulheres a quem chamamos *esplendidas*; sendo tu, por tua vez, um rapagão de truz, não deve ser lá muito para crer que esse diabolico e inconveniente beijo fosse um beijo de filho. Depois... queres que t'o declare? Vocês, homens de espirito, fantasistas, podem dizer quantas vezes quizerem que os homens de tua edade podem amar, como a uma verdadeira mãe, qualquer mulher que conte a existencia pelo numero de annos que tem Dolores. E' baldado. Onde ha mocidade é contar com a presença de Satanaz, e tu bem sabes que Satanaz não costuma fazer boa obra. O que succede, pois, é que Carmen está, de hoje em diante, capacitada de que tu e Dolores vos amaes; e que nesses amores ha qualquer coisa de escandaloso. E queres saber?... antes Carmen tivesse assistido á *cavatina* do beijo, agora que tem dezoito annos, do que presenciar tudo isso na edade dos quatorze. Hoje, ella debater-se-á como a serpente que não póde abrir os aneis com que se enlaçou a um tronco de arvore, mas ha de calar-se. Antes não o faria: correria ao coronel Blanco e, com a inconveniente ingenuidade das crianças, diria ao padrasto...

— O que?...

— O que?... ora, ora!... Por exemplo: que eras tão bom e tão amigo da *maman*, que lhe davas beijos, tal como a ella o coronel Blanco.

— Bem! as coisas, pois, estão n'este pé. Aconselha-me, porque, como deves saber, sou homem que leva o dia a receitar e a noite a pensar em diagnosticos e symptomas. O amor é grande coisa, porém rouba-nos muito tempo...

— Comprehendo... e como a mim m'o sobra, dás-me o encargo de pensar por ti... *Capisco!*

— Apoiado. Nisso vae o elogio de tua pessoa.

— Obrigado!... Pois bem, o que ha a fazer é o que te vou dictar em pouquissimas palavras: A' vista do que me acabas de contar, já não são duas as pessoas que comprehenderão a comedia. Carmen dirá tambem comsigo: — Que coincidencia! aquella, aquel'outra, esta, est'outra phrase parece-me terem sido escriptas para qualificar a situação em que nos achamos, eu, minha mãe e Lucio. Depois, pensará muito e concluirá: — Os jornaes dizem que a comedia foi escripta em Montevidéo; e, com effeito, é de costumes nacionaes; aqui poucos se dão ao trabalho de escrever para o theatro... não seria Lucio?...

— Tens razão! Bem póde ser que Carmen raciocine d'esse modo, tanto mais quanto ainda me recordo de que no saráo a que assistimos, em casa do coronel Blanco, fallando em litteratura dramatica, eu disse-lhe haver escripto em Pariz uma comedia, que fez as delicias dos frequentadores do *Ambigu*.

— Tanto melhor. A ti convirá que tudo seja francamente sabido de Dolores e da filha. Nessa comedia dás bem a perceber que ha moças que excedem em valor ás mães, uma vez superiormente educadas. Carmen se convencerá de que a amas, repudiando, de logo, a ideia de que attendes á *coquetterie* de Dolores.

— E se esta resiste, decidida, que deve estar, a não consentir no meu amor?

— Se tal succeder, então a situação estará positivamente decidida.

— Como assim?

— Carmen sentirá, embora filha, que ha um desproposito no procedimento de Dolores. O amor é um sentimento tyrannico; ella ha de lutar e lutar muito entre as exigencias de um dever de filha e de um impulso de coração. Afinal, porém, a falta da filha será compensada com a pouca ou nenhuma generosidade materna. Se a não amasses, ainda bem... não lutaria; desde o momento, porém, em que tenha a convicção do contrario, a natureza lhe segredará um brado...

— Aceita a luta!...

— Sim! Carmen aceitará essa luta singular entre dous entes que a natureza physica filiou um ao outro e que o coração separa.

— Que queres dizer?

— Que Carmen e Dolores serão rivaes.

Carrero terminou com emphase, erguendo-se de um pulo, como se por ventura o tivessem tocado os reophoros de uma pilha electrica. E, sem dar tempo a que o seu amigo o interrompesse, acondicionou ás pressas o volume da comedia numa larga folha de papel, prensou-o no sovaco esquerdo, como um tabellião de notas que se retira, grave e sisudo, do seu cartorio.

Lucio não insistiu, e acceitou o aperto de mão que lhe estendeu Carrero.

Este abriu um passo decidido, e finalisou a entrevista com algumas phrases, pronunciadas de modo incisivo e convicto.

— Agora, mais do que nunca, me interessarei por estes amores *sui generis*. Sempre quero ver em que vão parar as modas. E para isso, meu caro Lucio, o primeiro passo que temos a dar é este — tratar de fazer representar esta comedia.

E, batendo ao de leve com os dedos sobre o rolo de papel, foi-se a passos largos.

Lucio deixou-se ficar na mesma posição, indifferentemente, a prestar ouvidos ao ruido compassado que faziam os taeões dos botins de Carrero sobre o marmore da escada. Depois, volvendo-se, como que chamado á realidade, passou á ligeira a mão pela fronte, e aconchegou-se mais á *robe de chambre*, molestado por um frio que não saberia explicar se

era proveniente de causas atmospherica ou se da impressão moral.

Demorou-se nessa attitude contemplativa de homem sonhador, que passeia pelo interior do seu cerebro.

E logo murmurou a medo palavras intercortadas: — Carmen !... Dolores !... rivaes !..

Dão-se d'estes problemas na vida de cada um. Resolvel-os é tão facil, que assignala-se-lhes promptamente um fim, sem ter o menor receio de commetter faltas. Dir-nos-ão: Porque não evitar o mal? — E' facil responder: Porque a vaidade humana não quer sacrificar-se em proveito da placidez e da paz de espirito.

Carmen e Dolores seriam rivaes. Eliminado Lucio — e a ausencia elimina as pessoas — a familia Blanco voltaria ao antigo prosaismo da vida domestica.

Ao contrario, porém, a experiencia de Carrero peccou. A luta ia principiar no dia em que no *Solis* se ouvisse declamar a comedia de Lucio. E assim foi.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

ELLA partio para São Paulo... Ditosos paulistas!...

Os seus ultimos espectaculos foram *Theodora*, de Sardou, *Adrienne Lecouvreur*, de Scribe e Legouvé, e... Que inexplicavel capricho o de Sarah Bernhardt, introduzindo no seu repertorio o *Maitre de forges* ! Ahi está uma honra com que não contava o doce Georges Ohnet...

Não ha duvida que os papeis de Theodora e Adriana são irreprehensivelmente interpretados; mas quem admirou a grande artista na *Phedra*, póde apenas applaudil-a noutros papeis.

Agradecendo a Sarah Bernhardt, como parte, embora insignificante, do publico fluminense, a enorme satisfacão, que nos proporcionou, de vel-a e ouvil-a pela segunda vez, fazemos votos para que um dia os accasos da existencia de novo a tragam ao Rio de Janeiro.

*

A companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, deu-nos *Hamlet*, a tragedia immortal de Shakespeare, o *Abbade Constantino*, bonita peça, extrahida do romance de Ludovic Halévy por Hector Cremieux e Pièrre Decourcelles, e a *Madrugada*, finissima comedia, escripta, em sonorosos versos, por Fernando Caldeira, o illustre poeta da *Mantilha de renda* e das *Nadadoras*. Só temos elogios para os artistas, dando sempre o primeiro plano a Rosa Damasceno Brasão, João e Augusto Rosa.

*

A outra companhia portugueza, que trabalha no Apollo, representou um velho e commovente melodrama de A. Bourgeois e Dennery, a *Mendiga*, cujo principal papel foi magnificamente representado por Amelia Vieira. Nesse difficil personagem fazia-nos chorar, ha vinte e tantos annos, Manoela Lucci, que era, naquelle tempo, a Sarah Bernhardt, a Amelia Vieira e a Rosa Damasceno do Norte do Brasil.

*

No Lucinda inaugurou os seus trabalhos uma companhia de comedia e opereta, de que são emprezarios o popular actor Peixoto e a estimada actriz Clementina dos Santos. A peça de estreia foi uma comedia de Gervasio Lobato, intitulada as *Noivas do Sr. Enéas*. Sobre a peça e o desempenho dos respectivos papeis daremos a nossa opinião no proximo numero do *Album*.

*

Continúa a agradar a companhia Tomba, do Polytheama. Os seus ultimos triumphos foram os eternos *Sinos de Corneville*, de Planquette, a *Lucia*, de Donizetti, e os *Mosqueteiros no convento*, de Varney.

*

O Variedades, o Sant'Anna e o Recreio enchem-se todas as noites com o *Diabo coxo*, a *Conquista dos tali mans* e a *Viagem á volta do mundo em 80 dias*.

X. Y. Z.

AO SR. DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

Redactor-chefe do *Jornal do Commercio*

Envia pezames

5 - - - 93. O ALBUM.

Recebemos:

— *Aquarelas*, contos de Olympio de Araujo, com um prefacio de Silva Tavares.

— O n. 3 de *El Heraldo Español*, periodico illustrado que se publica nesta cidade, e do qual é director o Sr. F. Gonzalez; o n. 77 da *Gazeta Postal*; o n. 375 de *L'Étoile du Sud*.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 20 SEGUNDA SERIE JULHO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHU AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Cardoso de Menezes	A. A.
Nevrose azul	Osorio Duque-Estrada.
Chronica Fluminense	A.
Num leque	A. Peres Junior.
In extremis	Raul Braga.
Album de retratos	Frederico Rhossard.
Noites brancas	Leonidas de Sá.
Sombra	Julio Cezar da Silva.
No Caminho da Fonte	Virgilio Varzea.
Magnetismos	Moreira de Vasconcellos.
Amor de Primavera e amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato do
CAPITÃO-TENENTE LUIZ GOMES PEREIRA

CARDOSO DE MENEZES

Cardoso de Menezes Antonio Frederico nasceu em Taubaté, S. Paulo, aos 11 de Julho de 1849. E' filho legitimo do illustre conselheiro João Cardoso de Menezes e Sousa, barão de Paranapiacaba.

Formou-se em sciencias sociaes e juridicas, concluindo o respectivo curso em 1871. Por occasião da revolução dos estudantes em S. Paulo, nesse mesmo anno, compoz a *Marselheza Academica*, o que lhe motivou a demora de dous annos para receber o seu diploma scientifico, indo conquistal-o na Faculdade de Direito do Recife, mediante exame vago das materias do 5º anno.

Em viagem para Pernambuco, naufragou no paquete *Gambie*, da companhia Messageries Maritimes.

Em 1873 foi official de gabinete do Ministro da Justiça do gabinete Rio Branco. Fez-se depois advogado, e mais tarde, em 1879, foi nomeado official da Directoria Geral do Contencioso do Thesouro Nacional, cargo que ainda occupa, e cujo exercicio tem muitas vezes interrompido para desempenhar diversas commissões importantes do Ministro da Fazenda.

Nenhum livro publicou ainda, mas tem escripto bastante, collaborando activamente em innumeros jornaes. A sua especialidade é o folhetim de costumes. E' tambem estimado como critico musical, apezar de ser muito condescendente.

Para o theatro tem produzido, como escriptor, entre outros trabalhos, o *Primo Bazilio*, peça extrahida do romance de Eça de Queiroz, a *Eleição directa*, comedia original em 4 actos, escripta a proposito da comedia de França Junior *Como se fazia um deputado*, os *Amores de um sachristão*, comedia em 1 acto, e *Notas recolhidas*, revista. Todos esses trabalhos foram representados nesta capital.

Mas a feição predominante do seu talento é a musica. Cardoso de Menezes é um grande pianista, applaudido e disputado em todos os salões fluminenses. Toca desde a edade de noye annos, e, como estuda sempre, e systematicamente, tornou-se um *virtuose* incomparavel. Conhece todos os segredos do seu instrumento. Gottschalk gabava-o muito, e ja é alguma coisa ter sido, ainda criança, gabado por um artista da ordem de Gottschalk.

Tinha dose annos apenas quando escreveu a primeira das suas composições, cuja lista completa não caberia neste periodico. Entre ellas avultam: *Marselheza dos escravos*, grande marcha symphonica para orchestra e banda militar, composta em 1884, para commemorar a libertação do Ceará; *Primeira serenata*, para canto, popularissima em todo o Brasil; os *Canarios*, grande polka de concerto e caracteristica, a quatro mãos; *Pensa*, *Lacrymosa*, romances sem palavras, *Manon Lescaut*, romance, — valsas de concerto, fantasias e innumeras composições ligeiras, que sempre tiveram caloroso acolhimento entre artistas e amadores.

Para o theatro escreveu as partituras da *Pera de Satanaz*, da *Cabeça que falla*, da *Moura encantada*, dos *Martyres da Germania*, das *Donzellas de Belleville*, das *Notas recolhidas*, etc. Tem na pasta uma parodia da *Aïda*, em

3 actos, as *Cebolas do Egypto*,—uma opereta em 1 acto, de Garrido, *Dous cadis*. — e outra em 3 actos, cujo libreto elle mesmo escreveu, os *Gabarolas*.

E' um improvisador admiravel. Bocage pedia o motte: elle pede tres notas, batidas ao acaso no teclado. Senta-se ao piano e improvisa o que quizerem: uma valsa, um polka, um romance, um nocturno, uma marcha, uma melodia, um tango, etc., obrigando sempre o principal motivo ás tres notas iniciaes que lhe deram. Acontece muitas vezes que taes improvisos são verdadeiros primores de inspiração e talento. O emerito improvisador costuma então a attribuil-os aos mortos. Espiritismo e modestia.

Que mais direi de Cardoso de Menezes? E' um cavalheiro extremamente sympathico, espirituosissimo, instruido, cavaqueador insigne, pae de nove filhos, avô de dose netos, e amigo do seu amigo.

Não ha retrato mais digno de figurar na galeria do *Album*.

A. A

NEVROSE AZUL

A LUIZ MURAT

Tudo então era azul: sonhos e dias:
Azul o céo, azul aqui e adiante...
Azul o fio d'agua rutilante
Como um raro collar de pedrarias!

Bosque verde, repleto de harmonias,
Varado pelo azul de um céo distante,
Inda aqui te relembro neste instante,
Bosque verde, que azul me parecias!

Céos quentes de verão, lisas campinas,
Eram todos azues, como as cortinas
Dos sumptuosos leitos de Stambul;

E tremulo, a cantar, o teu sorriso
Bordava, todo a azul, um paraizo
Inda maior que o céo, e mais azul!

OSORIO DUQUE ESTRADA.

CHRONICA FLUMINENSE

Passemos de largo pelo valente almirante que pretende salvar a Patria a bordo de um paquête frigorifico, em risco de ficar *gelado;* passemos de largo por todos os incidentes politicos da semana, se se póde chamar politica a essa choldra em que ha tantos mezes vivemos, engulhados e aborrecidos. Procuremos nos ultimos dias uma nota alegre, que destóe d'essas tristezas e vergonhas, e escrevamos uma chronica leve como uma flor e risonha como uma aurora...

Mas... é isso possivel? Póde alguem sorrir tendo o cerebro azoinado por um côro de imprecações e soluços?

*

Não! nada nos póde alegrar; nem mesmo esse enxame de moças bonitas que enfeitava a *kermesse* do Cassino, nem mesmo a estreia da companhia lyrica, a musica suggestiva e consoladora de Wagner...

*

Entretanto, um homem houve que ha dias me fez sorrir. Esse homem foi o Sr. Dr Aarão Reis, engenheiro illustre, chefe da commissão incumbida de escolher e indicar a localidade em que deve ser estabelecida a futura capital de Minas.

O distincto profissional indicou a Varsea de Marçal, que lhe parece o « centro de gravidade do Estado », e affirmou que dentro de tres annos a cidade ahi construida seria a primeira da America do Sul.

Eu considero o optimismo uma virtude, e, sempre que posso, trato de estimulal-o; mas confesso que o optimismo do Sr. Dr. Aarão Reis me desconcerta... Pois que! nos sertões d'este paiz, onde não se consegue arrazar o morro do Castello, é lá possivel fazer em tres annos uma cidade melhor que Valparaizo, melhor que Santiago, melhor que Buenos-Aires, melhor que Montevidéo, melhor que o Rio de Janeiro!

Não! decididamente o Sr. Dr. Aarão Reis teve um sonho e se julgou nos Estados Unidos, onde as cidades brotam como cogumelos.

Tres annos!

*

Annuncia-se o proximo reapparecimento da *Semana* sob a direcção litteraria de um dos seus fundadores, o nosso querido amigo Valentim Magalhaes, e sob a gerencia do Sr. Max Fleuiss, moço distinctissimo, filho e sobrinho dos saudosos Fleuiss da *Semana Illustrada*.

Essa noticia tem sido recebida com enthusiasmo por todos quantos se interessam pelo engrandecimento das lettras nacionaes, pois não ha duvida que a *Semana* prestou muito bons serviços á litteratura e deixou profundas e inextinguiveis recordações.

A primeira phase da *Semana* custou a Valentim Magalhães grandes sacrificios de tempo, dinheiro e trabalho. Faço votos para que esta nova e sympathica tentativa lhe traga as compensações de que é digno.

*

Acabo de percorrer o exemplar, que os editores Magalhães & C. offereceram ao *Album*, do novo

livro de Affonso Celso, intitulado o *Imperador no exilio*.

« Novo livro » digo mal, por que boa parte do volume é occupada pelo capitulo *D. Pedro II*, dos *Vultos e factos*, e no prefacio e annexos ineditos nada encontrei que por si só pudesse constituir um livro.

Os Srs. Magalhães & C., como editores activos e intelligentes que são, fizeram bem imprimindo esse volume, mas Affonso Celso, esse é que não fez bem emprestando o seu nome honrado, puro e respeitavel a uma especulação de livraria.

Ninguem mais do que eu preza e admira o autor dos *Vultos e factos*; por isso mesmo dóe-me vel-o agarrado á manivella do realejo sebastianista, lisongeando a pieguice d'este bom povo que nunca sabe o que quer, e tratando por *vossa magestade* a ex-princeza D. Isabel, que eu, aliás, estimo e respeito como uma digna filha, que sempre foi, de Thereza Christina, a Mãe dos Brasileiros.

A.

NUM LEQUE

Eu sei tudo que diz este teu leque,
De tu'alma sincera e feiticeira
Confidente gentil. Mas, que meiguice
Quando ha pouco, em segredo, elle me disse
Que sonháras commigo a noite inteira!

Os segredos se guardam, não se dizem,
Mas, perdão por quem és! Quando tal soube,
Tão alegre fiquei, tão orgulhoso,
Que aos sentimentos intimos do gozo
O coração no peito mal me coube.

Inconsequente foi e leviano;
P'ra que outra vez, emtanto, elle não peque,
Aqui me tens, confia em mim somente:
Prometto ser discreto confidente,
Se acaso crês que valho mais que o leque!

A. Peres Junior.

IN EXTREMIS

(UMA RECORDAÇÃO)

I

...O medico approximara-se da janella para consultar o tempo. Na escuridão da noite não brilhava sequer uma estrella; relampagos lambiam, ao longe, a orla negra do horizonte, dos lados da cidade; na atmosphera enervante, uma aragem tepida soprava, num prenuncio de borrasca.

D. Maria foi ter com elle: «Como tinha achado o Eugenio?... haveria ainda alguma esperança?...»

O doutor tirou os oculos e, vagarosamente, poz-se a limpar com o lenço os vidros escuros embaciados. Contrariava-o aquella pergunta: sempre evitára desenganar alguem ..

D'esta vez, porém, não restava a menor duvida: «o seu doente estava nas ultimas horas de vida: nem mesmo chegaria á madrugada... Que lhe valia animal-a, se a sorpresa lhe pesaria, mais dura?!...»

A senhora escutava-o, com o olhar brilhante de admiração. Não fôra isso que ella esperára ouvir; procurára sempre illudir-se, pensando que a morte não o levaria tão cedo; quizera crer sempre que, de um momento para outro, vel-o-iam erguer-se, de todo restabelecido... Ainda aquella manhan, elle sorrira para todos; numa alegria de quasi saude.

E as lagrimas corriam-lhe pelas faces, emquanto o peito lhe arfava, sacudido pelos soluços que, embalde, buscava conter.

II

Havia perto de trez mezes que Eugenio chegára da Europa.

Em procura de outros climas que o curassem, partira, cheio de esperanças. A molestia, porém, tinha chegado ao seu auge; nem os ares do velho mundo puderem restituir-lhe a saude perdida.

Quando, de volta, o carregaram do carro que o levára á casa do irmão, D. Maria havia desmaiado: não o reconhecêra quasi. Para suster-se, foi preciso que dous criados a amparassem.

Vinha elle com as faces encovadas; a pelle grudava-se-lhe aos ossos, numa côr macilenta de cadaver; trazia as mãos constantemente frias; os pés inchados mettiam compaixão

Por isso, duas coisas a sorprendiam, animando-a de um certo modo; era a preseverança que o doente guardava em seus habitos, a tranquillidade com que, a cada passo, fallava da molestia.

Via-se em seus actos como um esforço por não incommodar ninguem. Esse medo da morte, que percebia em torno, talvez elle proprio tentasse afastar de si, buscando mostrar-se o mesmo.

A certas horas, não admittia que lhe entrassem no quarto. Um criado fiel era a unica pessoa que o servia; era quem lhe levava o banho, quem o ajudava a vestir-se, agora que a doença lhe roubára as forças.

Demais, a boa senhora não podia esquecer-se dos bellos tempos em que o cunhado lhe enchêra a casa com as alegres expansões do seu temperamento de moço, d'esses annos felizes de sua vida, em que, sem filhos ainda, os dias lhe corriam serenos, sem um desgosto... E o passado todo lhe parecia desmoronar-se agora, com a noticia d'essa morte proxima.

III

Apenas o doutor sahio, D. Maria dirigio-se para o quarto do enfermo. As lagrimas tinham-se-lhe seccado nos olhos, mas, no rosto pallido, uma tristeza amarga crescia. «Já não havia esperanças: estava perdido,» dissera-lhe o medico. «Antes da manhan, morreria. Nada faltava fazer.»

Ao transpor a porta, um calafrio tomou-a toda. Alli estava, mesmo em frente, o leito do moribundo. Havia uma claridade frouxa na alcova; a tremula chamma da lamparina espalhava sombras lugubres em derredor. Um cheiro de morte enregelava o ambiente.

Eugenio mexia fracamente os braços magros por sobre o cobertor que o envolvia n'uma côr de sangue, como numa ironia. Na fronha alva do travesseiro percebiam-se apenas, naquella penumbra, os seus cabellos negros.

E a cunhada, em pé, olhava-o, prestes a romper em soluços.

Ideias sinistras cruzavam-se-lhe no cerebro. Cada objecto ante si tomava agora uma significação. A propria noite, com sua borrasca imminente, —o dia da semana, uma sexta-feira, provocavam-lhe scismas. E parecia-lhe escutar a todo instante o piar agoirento de uma coruja que ouvira havia dias. Os morcegos, esses, não deixavam o sotam.

Um silencio enorme reinava em toda a casa. Tinha-se dito ás crianças que não fizessem barulho. Na sala de jantar, junto ao sofá, estavam ellas grupadas em roda da mucama que lhes contava historias. As suas cabecinhas louras, cançadas d'aquelle socego, iam fechando as palpebras roseas, num sonho phantastico.

IV

A noite ia em meio; o relogio da casa acabava de bater duas horas.

Na alcova ouviam se agora soluços como que abafados. A boa senhora chorava ainda, inconsolavel, na exaltação da sua sensibilidade de mulher nervosa. Fugia com os olhos á scena muda e lenta que alli se dava, lutando embalde com uma força estranha que lhe dirigia os olhos para o leito.

Aos pés da cama, os irmãos do moribundo fitavam-n'o, numa dor silenciosa. Sentiam-se fracos, miseraveis, e deixavam se ficar immoveis, num desgosto da vida, no scepticismo da magua...

Nisto, Eugenio deixou cahir a cabeça para o lado: parecia modorrar; um leve sopro desprendeu-se-lhe dos labios... O dono da casa correu, então, a ver uma vela; o outro irmão fechava-lhe as palpebras... Depois, os soluços encheram o quarto, numa grande expansão: havia nelles como um allivio, como um consolo...

A chuva, estalando nas calçadas, juntava o seu rumor triste áquelles gritos de angustia; descargas electricas sacudiam as vidraças, atirando pelas frestas clarões avermelhados.

Somente, na sala, como um contraste, o resonar brando das crianças lançava uma nota alegre de vida em meio da tristeza funebre que cercava tudo...

RAUL BRAGA.

ALBUM DE RETRATOS

— Este é o retrato da priminha Estella...
Aquella primasinha
Que o senhor conheceu...
— Lembro-me bem; mas o que é feito d'ella?
— A Estella? coitadinha!
Pois não sabe? morreu...

Olhe a maman quando era moça ainda;
Que rosto delicado!
Meu Deus! como a belleza se evapora!
— Tem razão, tem razão: era bem linda...
Não se perdeu a formosura infinda...
— Por que?
— Por tel-a herdado
A filha encantadora.

— Agradecida; pois acaso pensa
Que eu creio no que diz?
— Não é lisonja: a formosura immensa
Que espalha no seu rosto esse matiz,
De candura louçan,
E' a mesma belleza deslumbrante,
A altivez elegante
Do rosto da maman.

— Ora!... Vamos adiante. Estes retratos...
— Que typos caricatos!...
— Não diga tal! são de dous bons amigos,
Conhecidos antigos
Do papá;
Agora, vou mostrar-lhe uma menina
A quem um poeta já chamou divina;
Eis aqui: a Sinhá.

— Realmente! que graça .. que sorriso...
Mas ah! minha senhora!
Entendo que não ha no paraizo
Graça mais seductora,
Com certeza não ha,
Mais divinal essencia...
— Que o riso da Sinhá?
— Que o de vossa excellencia.

— Que lisongeiro o senhor é! conhece
Esta menina feia?
— Feia, minha senhora? não parece...
E' muito linda, creia
Julgo-a mesmo lindissima!
Se vossencia permitte o julgamento,
Que innocente recato!
Que bellas tranças! que expressão feliz
Pois este é o meu retrato,
Inda tirado em tempos infantis

Que faz? beija-o? é muito atrevimento
— Perdão; toquei as tranças...
E... para ser-lhe franco, excellentissima:
Eu gosto muito de beijar crianças!

FREDERICO RHOSSARD.

Anno I O ALBUM Num. 29

CARDOSO DE MENEZES

NOITES BRANCAS

I

Era o balcão em flor. Manhans claras surgiram limpidas e boas. Auroras da côr das rosas despertaram alegres, festivaes, naquella primavera angelica em que as flores, tepidas de aromas, deixam o espaço impregnado de perfumes, e o pipilo dos passaros, esvoaçando, concerta a musica suavissima do amor.

Foi assim que eu nasci. Criança loura e casta, cercada de visões risonhas; e a luz, que feria a minha retina azul, dava um toque esplendoroso a todas as coisas. . .

A vida só tem noites. Foi essa a minha primeira noite, mas noite branca, em que as estrellas de ouro pendiam do pallio azul do céo como cachos de flores dos ramos verdes dos arbustos. Era a minha infancia que cantava, naquella Primavera esplendorosa, em que cantava o rio sacudindo a espuma crystalina das suas aguas, e borboletas voavam, espanejando as azas da côr da musselina, donde esvoaçava um pó tenue e sadoso que polvilhava o mel capitoso dos calices rubros das flores. Flores fallavam segredos com as brisas mansas que passavam, fecundando-as em conubio gracil, e em um só beijo a natureza inteira redemoinhava em uma orchestra insinuantemente bella.

Rasgando o pallio azul do céo, mostrava o rosto amarello, côr de ouro velho, fundido, o sol, o sol altivo e magestoso, mandando seus raios, que se escoavam atraz dos ninhos como fios de um collar soberbo. . .

Era o pharol da minha primeira noite, noite cheia de auroras e de nebulosas cheia; noite branca, arminada da argamassa branca das estrellas desconhecidas. . .

II

Ponho-me a pensar em mim, revendo o quadrante espaçoso e largo d'essa lua que me apparece lá muito ao longe como uma peneira branca, de onde saltem todas as nevoas das manhans ridentes em que acordei na infancia. Ponho-me a pensar em mim, indagando do meu *ser* as particulas de que é formado, e da juncção da materia amalgamada como um barro de olaria, que o trabalhador manual amassa cuidadosamente para fazer o ladrilho em que hão de pisar o Homem, o Cão os Reptis, e ser coberto de nodoas do sangue dos innocentes e dos culpados, e depois lavados pelas aguas pluveas de um chuveiro de inverno ou pelas neblinas que descem rarifeitas na primavera quando tudo é flor, e os ninhos são orchestras cheias de cantores que embalam os ramos adormecendo as pequeninas aves, sem azas para voar, e sem cantos para entoar o grande hymno alacridado e bom da madrugada rosea. . .

Ponho-me a pensar em mim mesmo: neste *ser* que se movimenta graças ao Oxigenio, ao Hydrogenio e ao Azoto, como qualquer balão que se abalanceia no espaço e perfura as camadas azuladas do ether até o instante em que o ar fallece e a força se torna inactiva. . . E vou revolvendo, camada a camada, os departamentos da Archeologia, até encontrar um Atomo perdido e até encontrar uma Caveira que me fallem do Principio e da Formação, com a linguagem ministrada pela sciencia positiva, sciencia que põe em contacto o dia de hoje com os milenios distantes. . .

E vejo passar nebulosas aos milheiros, quebradas, de photosphieras rasgadas — massas esbranquiçadas cujo calor não faz luz, — em gyro constante, emquanto no pó, soterradamente, branquejam ossadas poidas e craneos partidos de todos os animaes. Alimentam-se flores naquelle segmento estarrecido, flores que não veem a luz do sol, que vicejam na frialdade das covas, sempre embuçadas nos atomos negros da Treva circulante!

III

Azul! Plen› Azul! La fóra rondam estrellas luminosas como crivos doirados. O meu Espirito vaga sosinho á procura do desconhecido, perdido nos sulcos mal distinctos de seculos distantes, a revolver o talhe silencioso das Sphinges e os corpos mumificados dos guerreiros, dos philosophos e dos sabios que dormem abeirados do pó do chão; emigra depois mais adiante e vae soletrando os versiculos da Ramayana, mysticamente, como um fakir cançado ou como rajah dormindo ao múrmuro som dos salgueiraes em flor á margem do Ganges, e sonha Buddha, e sonha no eterno repouso da beatitude, da quietitude da paz consoladora e feliz. . . E rompe e passa pelas camadas do tempo, revolvendo na ossa commum as caveiras esbranquiçadas dos avós, de orbitas cavadas, de parietaes carcomidos, e soltos os elos da alongada espinha dorsal a chocalhar como um crotalo movimentado pelo vento, que vem de muito longe tangendo os hymnos pagãos e os cantos das bayadeiras indolentemente apaixonadas e selvagens, de toadas enervantes. . . E em cada departamento dos craneos vegetam simples arbustos enfesados, e a terra ajusta se aos bordos como a caliça aos muros arruinados e velhos. . .

E o meu espirito passa e repassa, em breve revista, erguendo, linha a linha, o esqueleto de gerações inteiras, valorosas, opulentas, riquissimas e muito superiores a esta humanidade actual, morta de syphilis e adoidada de ambições crueis. E nesse instante passa um luar opalino allumiando o vasto campo de uma necropole immensa, luar que vem de uma lua gigante, branca como o sendal do Ganges, fria como as geleiras do Norte, pallida como uma noiva magoada e morta, boiante, solta no espaço, e se balanceia tropegamente como ebria

que é d'esse banquete descommunal em que ainda se servem os ultimos convivas, que são essas estrellas que rondam lá fóra, luminosas, como crivos dourados, no azul, no grande azul...

IV

« Porque pensar na vida? Só ha bellezas na morte. O tumulo é a reverencia de todos que reflectem e o Espirito anda de renovação em renovação, de sepultura em sepultura, como ave errante que emigra de clima em clima, sem pouso para as azas fatigadas de voar.

A Morte não tem galas: a Morte não tem exterioridades... O simples é a fórma apurada dos espiritos esclarecidos, e o simples só pode ser encontrado na Morte.

Para que pensar na vida?

Assim canta dentro em mim esse espirito que vôa de região em região, golpeando rosarios de seculos, para perder-se no emmaranhado distante do Desconhecido...

A Morte é a renovação constante, emquanto a Vida é a phase transitoria da materia em elaboração continua, o eclipse da Realidade.

V

O coveiro da Eternidade repousa fatigado, emquanto se approxima a procissão immensa de milhões de seres de cabelleiras brancas, que vêm descançar das intemperies dos dias...

Na theorba collossal da Materia nadam atarefadamente, como bilhões de vagas revolucionarias, em noite de tempestade, no vasto seio do vastissimo Oceano... Movimenta-os a Força, a Suprema Vontade que rege todas as coisas...

Perdem-se os prantos pouco a pouco da Velhice na planicie sombria da Saudade, emquanto alacridadamente já se ouve a musica dos risos, entoada por um formigueiro de Crianças que renascem. E' a Morte produzindo a Vida.

E' então quando eu vejo de novo o balcão em flor, e as manhans claras surgem limpidas nessas noites brancas, arminadas da argamassa das nebulosas e de pó dourado do Sol e da Lua, moidos na mesma mó das Auroras e dos Iris.

VI

O meu espirito volve ao meu *ser*, e continúa a pensar dentro do involucro estreito que o subjuga, como dentro do casúlo variegado borboletas que hão de voar toda a extensão do Espaço Azul e perder-se nas dobras do pallio anilado do céo crivado de estrellas.

LEONIDAS E SÁ.

SOMBRA

Sombra negra, a minh'alma, ao sentir-te, se apouca.
Vae-te! Porque mostrar as coleras e sanhas
Que te rilham, á noite, as lividas entranhas,
Fazendo-te lançar a blasphemia da boca?

Debalde fujo ao teu olhar: tu me acompanhas
Por toda a parte, assim, com teu olhar de louca.
Some-te, negra Sombra! a noite vem, e touca
De trevas o alto cume ás ingremes montanhas.

Succubo atroz, Ephialta hedionda, horrida Sombra,
Vae-te, deixa-me em paz, não me embargues o passo!
Assombra-me o teu vulto e o teu olhar me assombra!

E corro, e fujo, mas não sei onde me acoite.
Blasphema a escuridão .. e, em camouços, no espaço
Debatem-se, ululando, os incubos da noite. .

JULIO CESAR DA SILVA.

NO CAMINHO DA FONTE

Luiza deixára o bando alegre e chilreante das amigas. E, de cangirão na mão, tomava para a fonte pelo estreito e branco caminho que sahe do lado direito da habitação e atravessa o verde e pittoresco declive do terreno, como um risco tremido e claro, ás vezes interrompido pela obesidade tranquilla de alguma pedra cinzenta, ou pelo vigoroso tamanho da grama.

E então, o José, o filho da Albina, um rapaz robusto e louro como um allemão, alma rude e atrevida, mas amantissima e generosa, vendo-a deixar as outras, foi atacal-a ás escondidas, debaixo de uma velha figueira que sombreava o caminho, e, com uma brejeirice franca e suavissima de namorado, pespegou-lhe um beijo tão demorado e intenso, que chegou a manchar de roxo o rosto rosado e fresco da rapariga, deixando-a atrapalhada, attonita, numa estonteação voluptuosa.

Era ao entardecer. O sol esbrazeava o poente e arrastava ainda pedaços do seu vastissimo manto de ouro pelas grimpas atalaiantes das serras.

Rapazes gritadores e sãos, de peito aberto e chapéo de palha, corriam e cambalhotavam pela planura relvosa dos pastos, na expansão venturosa e alegre dos seus corações infantis, na irrequietação esplendida e brincalhona dos animaes livres.

E a toada longinqua e sonorosissima de um lavrador recolhendo o gado, punha na tarde azul e silenciosa uma melancolia immensa.

VIRGILIO VARZEA.

MAGNETISMOS

Meu coração, de jubilos tomado,
Por ter de uns lindos olhos merecido
Mais do que nunca houvera desejado,
No seu profundo carcere escondido,

Ruidoso e alegre sobe illuminado,
Na doce luz d'esse luar querido,
A ver, dos olhos meus, o delicado
Encanto d'esse bem desconhecido...

Admira a graça e a angelica pureza
D'esse olhar ideal, cuja doçura
Mais lhe completa a olympica belleza!

E tão captivo está d'essa ventura,
Qual mariposa pela chamma accesa,
Que, doido, a morte nesse olhar procura.

MOREIRA DE VASCONCELLOS.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

X

O inverno principiára a declinar do seu rigor, o que tudo vinha em proveito da companhia dramatica que trabalhava no *Solis*. Montevidéo estava n'uma epoca lisongeira para as emprezas theatraes. A população viva, alegre, cheia de animação, participa da natureza do povo madrileno, a quem se póde com justiça chamar o andarilho do prazer.

A estação corrêra sem *pamperos* para a companhia hespanhola, e, pelo que constava dos jornaes, parecia que na capital algum phenomeno singular se ia dar. Nas esquinas das praças e nas ruas principaes grandes cartazes *declamaram*, como prègadores de antigas procissões de aldeia, um annuncio pomposo de um espectaculo, que se effectuaria nessa mesma noite no theatro *Solis*.

A Confeitaria Oriental como que palpitava de goso e de... *absintho*. Ha muito que se não via tanta concurrencia no local, acclamado pela *fashion* montevideana para *rendez-vous* do *dandysmo* da capital. O theatro da praça Independencia erguia-se vistoso, com a sua fachada altiva e com os seus dous torreões talhados em estylo de zimborio, que vêm mais á frente da linha vertical do frontal do edificio, como dous braços abertos e convidativos. No tope do mastareo, erguido na *azotéa* do theatro, debatia-se em convulsões um pequeno pavilhão pintado de côr viva, encarnada. Era o signal de convenção para avisar ao publico o espectaculo d'essa noite.

Deixemos, porem, em toda gala o edificio e sigamos pela rua de Sarandi até a praça da Constituição ou, como o exige o habito do povo, a praça da Matriz. Desçamos pela rua Ituzaingo; estamos na de 25 de Mayo. Continuemos. A curiosidade detem-nos á porta da Confeitaria Oriental. Acaba de lá entrar um nosso conhecido. E' Carrero.

Com effeito, como rapaz da roda elegante, e, o que é o mais, rapaz de prestigio, apenas se aproximára da porta, vio a columna cerrada dos desoccupados que d'elle se acercou, invadindo o salão, onde já se ouvia o borborinho zombeteiro de galhofa e de futilidades da conversação.

— Carrero! Ora até que afinal o vemos! bradou um dos moços, que talvez anciasse por novidades. Que novas nos dás, libertino?

Carrero franzio o sobr'olho ao ouvir pronunciar aquelle termo pouco lisongeiro, e percorreu, com olhar pesado, todos os recantos do salão.

— Bem!... tudo é de paz!... por isso consinto que me chames libertino. Olha, porém, que tenho uma reputação a zelar; pretendo casar-me com a filha...

— Já sabemos — atalhou ás pressas e frenetico o que primeiro fallára — não ponhas mais na carta; pretendes casar-te com a filha do coronel Blanco!

Ergueu-se então um *oh!* admirativo.

— Não é possivel — dizia outro — e onde deixam o Lucio?

— Amigos, amigos, negocios á parte.

— Silencio, companheiros — impoz Carrero com voz e ar de grande e solemne sinceridade — vocês estão a perder tempo e espirito, o que prova que podem dispor de um e outro; não é com a filha do coronel Blanco que pretendo casar-me, é com a filha do bey de Tunis.

Esta galhofa inesperada foi acolhida com uns sonoros *muy-bien*.

— Sim!... porque afinal não mereço perder a reputação com o chamar-me libertino, isto é, homem que perde a noite em paragens suspeitosas, esbanjador de dinheiro, e *tutti quanti* preceitos da devassidão.

A conversa sobre este ponto decahio e passou a outro assumpto.

Estava na ordem do dia a comedia de Lucio. Carrero viera expressamente á Confeitaria Oriental para se occupar de determinar o plano de uma estrategia. Depois de curto silencio:

— Perderam vocês hontem uma noite excellente — principiou um rapaz da roda, mais enthusiasta e parlador. Assisti ao ensaio geral da comedia em tres actos que se representa no *Solis*. Não vos digo nada...

— E então? — perguntaram outros, curiosamente. E' um dramalhão com visos de comedia, não vale nada!

— Pelo contrario!... Em minha opinião aquella comedia não foi escripta por nenhum dos nossos compatriotas.

— Ora, ora !. . . Porque ?. . .

— Porque está demasiado espirituosa para ser obra de um oriental.

— Protesto—interrompeu Carrero, com um movimento nervoso. Não queiramos passar pelo povo mais espirituoso, de accordo; não depreciemos, todavia, o que é nosso, o que puramente nos pertence. Essa comedia foi escripta por um oriental...

— Bem — retiro a expressão; adivinho que a peça é vegetada na penna de algum litterato... profundo. Entretanto, é necessario que me expliques: se duvidei da paternidade oriental, é que todos os nossos homens de lettras — e são tão poucos — estão absorvidos pela politica partidaria, apaixonada.

— E affirmas que é um trabalho de folego?

— De longo folego. Ao entrecho, habilidosamente tecido, animado, vivo e saltitante, ao condimento picante de phrases vasadas em molde de espirito pariziense, ao animado movimento dos personagens que se grupam, durante diversas scenas, sem prejudicar nem destoar o effeito geral, á naturalidade da acção, junta-se um pensamento profundamente moral, e ahi têm voces uma obra notavel.

— Apoiado — atalhou Carrero — tudo isso é certo. Muito embora não assistisse ao ensaio geral sentado na platéa, não perdi uma syllaba da comedia. Estavamos, eu e o autor, entre bastidores. Bem que ouvimos os bravos pronunciados por alguns ouvintes. Posso dizel-o com orgulho: se a litteratura nacional se enriqueceu com essa joia, é devido a um compatriota, tão modesto quanto intelligente; se, porém, o publico de Montevidéo vae conhecel-a, desempenhada no palco de *Solis*, a mim o deve...

— A ti? — interrogaram alguns dos rapazes, que cada vez menos comprehendiam.

— A mim ! Se me acho hoje em horas de muito *trabalho* entre amigos, é que quero, a despeito de todas as promessas que contrahi com o autor, não formar *claque* mas recommendar-lhes esse trabalho, na certeza de que, se o applaudirmos, poderemos contar com um autor que levante o theatro nacional

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Adiada por motivo imprevisto, só hoje, sabbado, 15, se realisará a estreia da companhia lyrica italiana, de que é emprezario o Sr. Luiz Ducci.

Será cantado o *Tannhaüser*, de Wagner, encarregando-se dos principaes papeis a prima-dona Gabbi, o barytono Camera e o tenor Gabrielesco, tres artistas que deixaram saudades ao nosso publico.

Na cadeira de regente da orchestra reapparecerá Marino Mancinelli.

*

Parece ter sido feliz a estreia da companhia organisada pelo actor Peixoto e pela actriz Clementina para dar espectaculos no Lucinda. A comedia as *Noivas do Sr. Enéas*, que tem todas as qualidades e todos os defeitos das demais peças de Gervazio Lobato — dialogo espirituoso, actos longos e descosidos — agrada francamente ao publico e provoca a hilaridade. Balbina, Clementina, Peixoto, Maia, Flavio e os outros artistas dão boa conta do recado. E de esperar que as *Noivas do Sr. Enéas* deem um bom numero de representações.

*

A companhia portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa, deu, no S. Pedro, o *Dom Cesar de Bazan*, de Dennery, bonito drama em que o actor Augusto Rosa tem um dos seus melhores papeis; o *Desquite*, de Paul Ferrier, traduzido a primor por Jayme de Séguier, e magnificamente representado por Augusto Rosa e Rosa Damasceno, e a *Condessa Heloisa*, comedia em 1 acto, de Gervazio Lobato.

*

No Appollo tivemos a eterna e sempre applaudida *Morgadinha de Val-flor*, de Pinheiro Chagas, e *Uma causa celebre*, de Dennery — pela excellente companhia portugueza de que fazem parte os artistas Amelia Vieira e Alvaro.

*

A companhia Tomba, que continúa a attrahir todo o Rio de Janeiro ao Polytheama, deu-nos o *Orpheu no inferno*, a immortal *bouffonerie* de Cremieux e Offenback, e a *Mascotte*, de Audran.

*

No Recreio proseguem as representações da *Volta do mundo*. Do papel de Passepartout, que era feito pelo actor Machado, foi agora incumbido o actor Colás. No Variedades e no Sant'Anna continuam as representações do *Diabo coxo* e da *Conquista dos talismans*.

X. Y. Z.

Apparecerá brevemente nesta capital a *Revista do Brasil*, orgam scientifico e litterario, publicação mensal, com 52 paginas, em grande formato, dirigida pelo Sr. Samuel de Oliveira, alumno da Escola Militar, e collaborada por escriptores illustres.

Recebemos o n. 2 (anno IV) do *Binoculo*, folha semanal — sportiva, litteraria e theatral — que se publica nesta cidade, e da qual é redactor o Sr. Alfredo Calainho.

Recebemos tambem a *Morgadinha de Valle de Pereiro*, comedia em 3 actos, parodia, em verso, á *Morgadinha de Val-flor*, escripta pelo distincto actor Julio Vieira, do Apollo, e representada com exito em Lisboa.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 30 SEGUNDA SERIE JULHO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

LUIZ GOMES	J. P.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
ADORAÇÃO UNIVERSAL	Cunha Mendes.
VINGANÇA	Arthur Azevedo.
LUTAS	Themistocles Machado.
ASHAVERUS	A. Foscolo.
RECONCILIAÇÃO	Alfredo de Magalhães.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
A GUARDA DE HONRA	J. de Moraes Silva.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

FERREIRA DE ARAUJO

LUIZ GOMES

Luiz Gomes é um d'esses espiritos que se impõem á admiração e á estima de quem tem a fortuna de privá-los.

E' como um horizonte onde se associam e se completam, num quadro harmonico e deslumbrante, todas as côres. Tem viajado toda a vida e visto desde os pontos das Valenciennes até as mais altas concepções industriaes.

E' tão distincto e correcto num salão como num severo gabinete de trabalho, em que se meditem os mais serios problemas da Patria.

Rimos com elle a nossa mocidade, como pensamos com elle a solução social do engrandecimento brasileiro. E conserva a mesma linha, quer sorrindo como um *gentleman*, quer desferindo largos vôos industriaes.

De todos os seus projectos, um acaba de corporificar-se, e pelos seus contornos e pela sua musculatura genial impoz-se desde logo ao apoio da imprensa e vae abrindo caminho na Camara dos Deputados.

E' a estrada de ferro ligando o Rio de Janeiro a Pernambuco.

Comprehende-se, pelo simples enunciado do projecto, a grande revolução economica e financeira que elle vem fazer, multiplicando as nossas forças commerciaes.

Pelo projecto o Brasil fica a *sete dias* da Europa, estreitando assim cada vez mais os laços da nossa civilisação e dos nossos interesses com os grandes centros scientificos e os grandes mercados do mundo.

Todos sabem que a frequencia de communicações com os meios mais adiantados são o mais poderoso factor de progresso. Noël demonstra, com uma precisão geometrica, a influencia do commercio, sobre a civilisação universal. E' assim que o nosso seculo, pela facilidade das communicações, filhas do vapor e do commercio, realisou muito maior somma de civilisação do que os tres seculos que decorreram após o descobrimento dos novos continentes.

Vimos accentuar, crescer e florescer a civilisação do Cabo da Boa Esperança, da costa occidental da Africa, e sobre tudo tomar proporções collossaes a Australia e a Nova Bretanha, correndo relativamente parelhas com o vertiginoso progresso dos Estados-Unidos.

Nós mesmos que, pela nossa indole apathica, esperdiçamos o tempo com a mesma inconsciencia com que prodigalisamos dinheiro, temos, depois do desenvolvimento dos meios de communicação, realisado progresso notavel, attenta a extensão do nosso territorio, e a tradicional indifferença dos nossos governos por tudo quanto é melhoramento real e empresa de alta concepção.

Não preciso demonstrar a conveniencia e utilidade da estrada de ferro do Rio a Pernambuco; ellas são evidentes!

Resta apenas, como difficuldade de monta, a obtenção dos capitaes para a realisação do emprehendimento.

O illustre auctor do projecto conta com o apoio de capitaes estrangeiros, por que, não tendo opiniões politicas, nem partido, quer apenas segurança de collocação, que lhe garanta a reproducção d'elles pelos juros ou dividendos certos.

Centro de convergencia para a rede de caminhos de ferro, que deve, dentro em pouco, ligar toda a

America meridional entre si, problema este de que o Brasil devia tomar a iniciativa na exposição de Chicago, convocando um congresso para este fim, a estrada de ferro do Rio a Pernambuco está fadada não só a perpetuar o nome do seu auctor, como tambem a rasgar novos horizontes ao desdobramento da fortuna publica

Nós que conhecemos de perto o espirito de Luiz Gomes, que sabemos de que tenacidade e decisão elle é dotado, esperamos que o Congresso e o governo o honrem com a sua confiança, para que o Brasil transforme em instrumento de progresso a concepção de um de seus mais illustres filhos.

J. P.

CHRONICA FLUMINENSE

Permittam os leitores que eu ponha de parte o almirante Wandenkolk, e o *Jupiter*, e o *Republica*, e o Gumercindo Faz-Raiva, e a falta de communicações telegraphicas, e toda essa choldra politica, para começar esta ligeira chronica dando a boa estada a Ferreira de Araujo, um nome querido e respeitado pelo publico em geral e em particular por todos nós que laboramos a ingrata seara da imprensa fluminense.

O illustre redactor-chefe da *Gazeta de Noticias* acaba de fazer uma longa estação na Europa ; vem retemperado para a luta ; traz no espirito uma panoplia das mais bellas armas de combate, novas e reluzentes. Apérto cordialmente a mão ao grande jornalista, credor insoluvel da minha sympathia e do meu reconhecimento.

*

O facto mais importante da semana foi a estreia, ou antes, a semi estreia da companhia lyrica do Sr. Ducci, com acto e meio do *Tannhaüser*, e uma quéda do Sr. Gabrielesco Representando, este não a daria tão artisticamente. Alguns espectadores, que não conheciam a opera de Wagner, suppuzeram muito naturalmente que o trambolhão era da peça.

Depois do *Tannhaüser* cantou-se a *Gioconda*, que passou sem protesto, mas no espectaculo seguinte, cantando-se a *Aïda*, o camarote do Torres praticou a injustiça de fazer troça ao tenor Metelio, um artista cujo unico defeito é cantar e não berrar.

Veremos que sorpresas nos reserva o famoso camarote durante a actual temporada...

O que me admira é ser o Sr. Ducci um gato escaldado e não ter absolutamente medo de agua fria.

*

O outro dia parei um momento — só um momento—na *Glace Elégante*, para ver o Tiradentes esquartejado por Pedro Americo.

Serei franco: essa pintura, em vez de me inspirar sentimentos de piedade e patriotismo, causou-me a mesma sensação desagradavel que me causaria, creio, um amphitheatro anatomico : fez-me salivar, e não sei se me tiron o apettite.

Não nego que aquillo esteja bem pintado, e que o pintor copiasse com muita fidelidade excellentes modelos de « natureza morta » (O termo nunca me pareceu tão bem applicado) ; mas o assumpto nada tem de esthetico nem de grandioso. Como considero Pedro Americo o mais talentoso dos nossos pintores — e essa é a opinião corrente —, preferia que elle não tivesse pintado aquelle açougue de carne humana.

Se qualquer dia se lembram de despojar n'uma tela o sacco de Maria de Macedo... que horror!...

A.

ADORAÇÃO UNIVERSAL

A ALVARO DA CUNHA MENDES

Este meu coração lacerado e partido
De desgostos fataes, de magoas sobranceiras,
Nem uma vez sequer sentio as verdadeiras
Tempestades do amor profundo e indefinido...

Nunca a imagem radial d'um corpo estremecido
Fel o amar, enlevado, as illusões fagueiras !
Horas de goso ethereo encanto, passageiras
Juras de amor venal o trazem carcomido...

Quando, porém, pulsar e, entre lavas ardentes,
Soffrer, bramir, amar, os meus versos frementes
Hão de espalhar na terra a adoração d'um Astro!

Ella será meu sol, a vida do meu verso !
E eu, de joelhos, cantando-a e adorando a, de rastro,
Em seu vulto radial terei todo o universo !

CUNHA MENDES.

S. Paulo.

VINGANÇA

A LUCIO ESTEVES

Quando madame d'Arbois chegou ao Rio de Janeiro, escripturada numa *troupe parisienne* que fez as delicias dos frequentadores do Cassino Franco-Brésilien, muitos rapazes se apaixonaram por ella Dizia-se que madame d'Arbois resistia heroicamente a todas as seducções, guardando absoluta fidelidade ao marido, um *cabotin* qualquer, que ficara em França, esperando philosopnicamente que ella voltasse da America, endinheirada e feliz.

O joven commendador Cardoso, que não acreditava em Penelopes de bastidores, e era, em questões eroticas, de uma diplomacia insigne, com tanta habilidade soube levar agua ao seu moinho, que, ao cabo de dous mezes, vivia maritalmente com madame d'Arbois.

Por esse tempo dissolveu-se a *troupe*, e o joven commendador Cardoso aproveitou o ensejo para pedir á amiga que abandonasse o theatro. Nada lhe faltaria em casa d'elle, que era negociante e rico. Ella acceitou depois de muito hesitar, impondo, como condição, que elle estabeleceria ao marido, em Pariz, uma pequena mezada de quinhentos francos.

Durante um anno as delicias d'essa mancebia não foram perturbadas pela mais leve contrariedade. O joven commendador Cardoso e madame d'Arbois pareciam tallhados um para o outro. Elle era um homem sympathico, de trinta annos, pouco instruido, é verdade, mas senhor d'esse traquejo social que até certo ponto dispensa a educação litteraria. Ella era uma mulher bonita, alegre, quasi espirituosa, e uma senhora dona de casa, economica e aceiada como todas as francezas. Que mais poderiam ambos desejar?...

*

Tudo cança. Ao cabo de um anno, madame d'Arbois começou a sentir a nostalgia dos bastidores. Demais a mais, aconteceu que o emprezario da melhor companhia brasileira de operetas, magicas e revistas offereceu-lhe um vantajoso contracto, propondo-lhe, nada mais nem menos, que substituisse a *estrella* de maior grandeza que então brilhava no firmamento do theatro fluminense, *estrella* que se retirava temporariamente para a Europa.

O joven commendador Cardoso poz os pés á parede. Que não, que não, que não! A Lolotte—madame d'Arbois chamava-se Charlotte—não precisava trabalhar para viver! Que não o aborrecessem!...

— Mais non, mais non! Il ne s'agit point d'argent, mon pauvre chéri, obtemperava Lolotte; je sens que je ferais une grosse maladie si je ne retourne pas au théâtre! Eh bien... voyons... sois gentil... Il faut que tu consentes...

Um negociante, compadre do emprezario, foi ter com o joven commendador Cardoso, de quem era amigo intimo, e interveio com muito empenho:

— Que diabo! consente, Cardoso, consente! Se lhe não fazes a vontade, ella contraria-se, e não ha nada peior que uma mulher contrariada. Depois, vê lá: não é nada, não é nada, mas sempre são seiscentos bagarotes que a pequena mette no Banco todos os mezes! Não vás tu privar a d'esse peculio!

Este ultimo argumento foi irresistivel. Mez e meio depois, madame d'Arbois estreiava-se no papel da protogonista de uma opereta.

Foi completo o seu triumpho. Ella fallava um portuguez fantastico, e na cantoria desafinava que era um horror, mas o publico, o magnanimo publico fluminense fechou os olhos a esses defeitos, e applaudio a freneticamente. Madame d'Arbois teve que repetir tres vezes certas coplas cuja lettra ninguem percebia, mas eram cantadas com um movimento de quadris capaz de entontecer um santo.

*

Razão tinha o joven commendador Cardoso em não querer que a amiga voltasse para o theatro. Dentro de pouco tempo notou nas suas maneiras uma differença enorme. A *diva* contrariava-se visivelmente quando elle, cançado de esperal-a no saguão do theatro, penetrava até o seu camarim.

Uma vez encontrou lá dentro, familiarmente sentado, o Lopes, o primeiro actor comico da companhia, que logo se retirou, dizendo:

— Adeusinho, commendador; vim cá restituir á collega o *rouge* que lhe pedira emprestado.

Elle não podia desconfiar do Lopes. Era este um artista de talento, e o publico estimava-o devéras, mas a Lolotte nunca poderia gostar de um homem tão feio, tão desdentado e tão pouco cuidadoso da sua roupa.

Entretanto, uma carta anonyma, escripta com lettra de mulher, disse-lhe tudo. A primeira actriz cantora e o primeiro actor comico encontravam-se, quasi todos os dias, depois do ensaio, em casa de uma corista, perto do theatro.

Um dia, o joven commendador Cardoso, depois de se haver posto em observação n'uma casa que ficava em frente á da hospitaleira corista, sahio, atravessou a rua e entrou na sala das entrevistas. Lolotte estava sentada, de pernas cruzadas, a fumar um cigarro turco; o Lopes de pé, em seroulas.

O primeiro actor comico, ao ver o joven commendador Cardoso, não perdeu o sangue frio, e começou a fingir que estava a ensaiar:

— E' como vos digo, princeza Briolanja; o rei, vosso pae, não acredita nas palavras da Fada das Saphiras, e quer absolutamente encontrar nos seus reinos um mancebo, fidalgo ou vilão, que vença o Dragão Vermelho, e vos despose!...

Mas o joven commendador Cardoso não engolio a pilula, e disse, dirigindo-se á princeza Briolanja, que continuava a fumar o seu cigarro turco:

— Bem; estou satisfeito; vi o que queria ver. Fique-se com o senhor Lopes, que realmente é digno da senhora!

E sahio arrebatadamente.

— E agora? perguntou o com

— Oh! elle voltarrá! affirmou ella carregando os erres, entre uma baforada de fumo.

E foram deitar-se.

*

O joven commendador Cardoso não voltou, e madame d'Arbois ficou bastante contrariada, por que o actor Lopes tinha numerosa familia—mulher

e filhos—e não lhe dava um vintem. Demais, ella bem depressa fartou-se d'esses amores reles. Que doidice a sua : trocar por aquelle typo um rapaz rico, intelligente, sympathico e generoso !

Accresce que a opereta, recebida com grande enthusiasmo durante as primeiras trinta represetações, já não attrahia o publico ; o theatro ficava agora todas as noites vasio, e o emprezario já devia um mez de ordenados á companhia.

*

A primeira representação da peça que estava em ensaios, a tal em que entravam a Fada das Saphiras e o Dragão Vermelho, devia ser dada em beneficio do Lopes, e esse espectaculo era anciosamente esperado. O beneficiado via-se zonzo para attender aos numerosos pedidos de bilhetes. Nos jornaes appareciam todos os dias grandes *reclames* á « festa artistica », annunciada tambem pelas esquinas em vistosos cartazes, onde este nome — Lopes — se destacava em enormes caracteres vermelhos.

Chegou a noite do espectaculo. A's sete horas e meia as torrinhas, os corredores e jardim do theatro já se achavam apinhados. Uma hora depois, a sala estava a trasbordar, e toda aquella gente abanava-se com leques, ventarolas, lenços e programmas, bufando de calor. Os espectadores das torrinhas batiam com os pés e as bengalas, e dirigiam chufas aos da plateia e dos camarotes, talvez com a ideia de se vingarem de os ver em logares menos incommodos. Os criticos theatraes estavam a postos. Os musicos afinavam os instrumentos ; um garoto apregoava o retrato e a biographia do glorioso Lopes; as conversações cruzavam-se ; e todos esses ruidos juntos produziam um barulho ensurdecedor e terrivel.

De repente ouvio-se o som agudo de uma sineta, ao mesmo tempo que uma campainha electrica tintilava longamente, e a sala, até então quasi escura, apparecia n'uma intensidade de luz, arrancando um prolongado *O... o... oh !...* das torrinhas. Eram nove horas.

Restabelecido o silencio, o regente da orchestra subio vagarosamente para o seu logar, abrio a partitura, fallou em voz baixa a alguns musicos, bateu tres pancadas na estante, levantou a batuta, e fez executar a *ouverture*.

Terminada esta, naturalmente esperavam todos que subisse o panno, mas não subio.

Passaram se alguns minutos.

Começou o publico a impacientar-se, batendo com os pés. A pateada cresceu. Uma ordenança foi destacada do camarote da policia para o palco. O beneficiado, vestido de escudeiro de magica, surdio no proscenio e foi recebido com uma salva de palmas. Mas de todos os lados fizeram *Pscio ! pscio !* — e o barulho cessou.

— Respeitavel publico, disse o primeiro actor comico,— o espectaculo não póde ter começo, por que a actriz madame d'Arbois, incumbida de um dos principaes papeis, até agora não appareceu no theatro. Rogo-vos humildemente que espereis alguns minutos mais, e me perdoeis esta falta, inteiramente alheia á minha vontade.

Esse cavaco foi acolhido com outra salva de palmas. O Lopes retirou-se, comprimentando e agradecendo para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, e os commentarios, os risos, as imprecações e os gracejos começaram n'uma vozeria atroadora.

De vez em quando sahiam da caixa do theatro, ou para lá entravam, correndo pelo corredor, pessoas azafamadas, espavoridas, — empregados da contraregra, costureiras, etc — mandadas á procura de madame d'Arbois.

Passava das nove e meia quando o Lopes, coagido pela policia, veio de novo ao proscenio declarar que, não se achando madame d'Arbois no theatro nem na casa de sua residencia, ficava o espectaculo transferido para quando se annunciasse.

D'esta vez não houve palmas que saudassem o primeiro actor comico.

A sahida dos espectadores fez-se no meio de uma confusão indescriptivel. Muitos exigiram que lhes fosse restituido o dinheiro, e promoveram desordem na bilheteria. Foi necessaria a intervenção da policia. Só ás onze horas poude ser restabelecida a ordem e fechado o theatro.

*

Onde estava madame d'Arbois ?

No dia do espectaculo ella acabára de jantar, e, reclinada na sua preguiceria, relia mais uma vez o interessante papel de princeza Briolonja, que devia representar essa noite, quando lhe trouxeram uma carta do joven commendador Cardoso.

— Ah ! ah ! pensou a franceza com um sorriso de triumpho, voltou ou não voltou ?

E abrio a carta :

« Lolotte — Escreveste-me, pedindo que te perdoasse. Perdoo-te, mas com uma condição : deixarás de representar hoje no beneficio do homem que foi o causador da nossa separação, ou por outra, nunca mais representarás. Só assim serei para ti o mesmo que já fui. Se aceitas, mette-te no *coupé* que ahi te irá buscar ás sete horas da noite, e vae ter commigo no Hotel Laroche, no alto da Tijuca onde estou passando uns dias, e onde ficarás em minha companhia. Se não, não.—Cardoso. »

A princeza Briolonja leu e releu esse bilhete. Era o perdão, era o descanço, era a fortuna, que lhe traziam aquellas lettras. Deixando de comparecer ao theatro, ella praticava uma acção feia, provocava um escandalo inaudito, mas isso que lhe importava, se sahia do theatro e ia outra vez estar de casa e pucarinha com aquelle homem distincto a quem tantos favores e tanto affecto devia ?

Pouco depois da hora aprasada, Lolotte entrou no discreto *coupé* que a esperava á porta de casa, e chegou ao Hotel Laroche precisamente na occasião

LUIZ GOMES

em que o Lopes, desesperado, appellava para a paciencia do publico.

*

Ao entrar no hotel, madame d'Arbois perguntou a um criado :

— O commendador Cardoso ?

— Não está, mas deixou um bilhete para madame d'Arbois. E' a senhora ?

— Sim, sou eu.

E a desgraçada leu o seguinte :

« Cahiste como um patinho, minha toleirona. Estou vingado de ti e do teu Lopes. Volta-te para elle; é tão pulha, que talvez te aceite ainda. — Cardoso. »

ARTHUR AZEVEDO.

LUTAS

Oh ! mar profundo, oh ! mar mysterioso,
Que no teu seio indomito conservas
Força, o eterno motor prodigioso
Que gera as tuas coleras protervas,

Todos os homens curvam-se admirados,
Ouvindo os teus rugidos sobrehumanos,
E os teus roncos lamentos inflammados
Enchem de horror o peito dos tyrannos !

Ao som das tuas musicas secretas
Choram as tristes almas foragidas,
Une-se a tua voz á voz dos poetas
N'uma mesma plangencia confundidas !

Quando te açoita o dorso alvo de brumas
O vento bom de placidas bonanças,
O teu sorriso, feito das espumas,
Tem a meiga doçura das crianças !

E se em teu seio impavido estremece
O clangor pavoroso das tormentas,
Essa batalha lugubre parece
A grande luta das paixões sangrentas.

Por isso eu te amo, oh ! tenebroso Oceano,
Formidavel colosso aterrador ;
Ha no teu coração profundo e insano
A mesma luta intermina do Amor !

Viver eternamente aguilhoado
A soluçar o lerico e medonho !
Prometheu do infinito acorrentado,
A quem procuras nesse eterno sonho ?

Os teus longos gemidos dolorosos
Nasceram d'essa amarga nostalgia
D'Alma que sente os cardos venenosos
Do Amor — o louro filho da Utopia !

Esse profundo arcano que não sondas,
Essa força que move as tuas entranhas
Esse prodigio com que as tuas ondas
Fazem-se abysmos, formam-se montanhas

E' o mesmo Sol que move o mundo inteiro,
— O Amor — o rei dispotico e tyrano !
Eu não te admiro, oh ! velho prisioneiro,
Eu te lamento, oh ! tenebroso Oceano !

THEMISTOCLES MACHADO.

ASHAVERUS

Vaga... vaga sempre no eterno itinerario que lhe marcou a lenda.

O riacho que passa sussurante atravez do nemoroso bosque, recusa-lhe a lympha crystallina ; a floresta nega-lhe a sombra ; o deserto dá-lhe como refrigerio a areia ardente ; o sol dardeja-lhe nos ançados hombros a espada de fogo dos seus raios, e misero prosegue avante á voz que lhe brada terna... eternamente : — Caminha !

Forasteiro, batendo de tenda em tenda, de cidade em cidade, em busca de um affecto, em busca de um sorriso. Ashaverus recebe por toda a parte o anathema, á voz da multidão, que o persegue, chamando-o — maldito !

Para as dores de suas chagas perennes procura um balsamo refrigerante, e quando uns olhos meigos o fitam, quando um sorriso de esperança se abre nuns labios de mulher, quando para o reprobo viceja um affecto em algum peito piedoso, que se atreve a acolhel-o, quando se quer banhar nas aguas lustraes do amor, a voz que o persegue sempre lhe brada — Caminha ! — e o misero parte, sentindo cavar-se no seu rosto mais uma ruga em cada esperança fanada, em cada affecto perdido.

E o povo, que não comprehende o inferno que lhe vae na alma, murmura : — « E' feliz o maldito ; não morre ! »

Entretanto elle sente-se m ada passo que perde uma illusão sonhada.

*

Como o Ashaverus da lenda, percorro perennemente os poisios do amor, deixando hoje o que ambicionei hontem, caminhando sempre... sempre, na estrada do gozo, quebrando os affectos passados e adquirindo novos... e cada paixão que deixo atraz, é mais um abysmo e mais uma ruga que se cava em meu coração, sempre vivo, sempre ardente, mas morrendo a cada flor de esperança que se desfolha.

A. FOSCOLO.

RECONCILIAÇÃO

Nem sempre é impenetravel o futuro,
Nem sempre uma chimera um sonho vão.
Que passe a luz póde impedir um muro,
Porem nunca uma illusão.

Levado por não sei que fantasia
Por tua casa á tardinha hontem passei,
Sentindo, se me partia,
A alma, da sorte, á inexoravel lei.

Desde a scena final do rompimento
Que jamais pude olvidar,
Sempre me dominava o pensamento,
De não te ver o intermino pesar.

E por mais que o proposito fizesse
De te esquecer - que o faça quem puder —
Sempre aos labios me vinha como prece
Teu nome; é tudo a mulher.

Qual naufrago á mercê do mar sanhudo
Ainda a morrer na salvação tem fé,
— Era o acaso o meu escudo—
Tal eu da tua porta quando ao pé.

E como d'entre as nuvens da procella,
Tranquillamente a fulgir,
Uma estrella se vê que a paz revela,
A nevoa se rasgou de meu porvir.

Era um presentimento, embora vago,
Que me tomava então, na ancia do bem...
E a teu olhar de tudo me dou pago,
Tanta meiguice elle tem.

ALFREDO DE MAGALHÃES.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

X

(Continuação)

— E' desconhecido o nome do autor; parece-me — lembrou um dos da roda — que a melhor manifestação que se poderia fazer era exigir a presença d'elle.

— Muito bem, mas se lhe desconhecemos o nome?

— Nada mais facil. Carrero nol-o dirá agora mesmo.

— Não o direi. Entretanto, se o publico applaudir com enthusiasmo; se, em verdade, valer a pena que o autor conheça o publico que o applaude, como eu desejo, terá este de conhecer aquelle; então o que poderemos é usar do systema do Theatro Francez. Quando a plateia pede o nome do autor, vem um dos artistas á boca da scena e pronuncia-o em alta voz.

— Bem lembrado! estamos aqui... quantos?...

O moço ergueu um pouco a fronte e principiou a contar o numero dos rapazes presentes, marcando o compasso da contagem com um movimento de cabeça e batendo o ar com o indicador, todas as vezes que se voltava para cada qual dos assistentes.

— Máo numero! Somos tantos quantos os personagens da ceia do Senhor.

— Mas... sem judas! ...

— Todos a pedir o nome do autor... e eu lhes declaro que ensurdecemos desde a plateia até o *paraiso*.

Carrero, então, consultando ás pressas o relogio, fez um gesto de quem se queria retirar.

Assim foi; repetio as condições do plano. Dispoz que fosse, logo depois do ultimo acto, a grande chamada, independente dos applausos dispensados aos artistas durante o curso da representação.

E d'este modo, cahio o grupo na monotonia d'esse trabalho, a que se entregam os desoccupados a certas horas do dia, qual o de preparar o appetite á força de ingerir *vermouth* e *bitter*.

Carrero, bateu com os tacões dos botins o passeio da rua 25 de Maio, com força e peso, como homem que pisa firme e se move sem empecilhos nem perturbações na consciencia.

— Afinal — murmurou entre dentes — todos estes rapazes são de boa indole, embora mais amigos da alfaiataria que do trabalho. O que esperavam era ouvir pronunciar o nome de Lucio. Se lhes não disse, é que tenho bastante experiencia para saber que, d'esta hora até a meia noite, ha muito tempo para transformar sympathias em invejas. Ignorando que Lucio é o autor da comedia, desejarão conhecer o litterato que deu ao *Solis* uma obra de verdadeiro merito; em caso contrario, haveria mais de um a dizer: Para que havemos de contribuir para o levantamento de um nome? Um nome, que se ergue do nivel das mediocridades, é tyrannia para os invejosos, e luz para os homens de boa tempera, que encaram o talento, não como inimigo, senão como um auxiliar de valor.

— Em todo o caso — concluio Carrero — tenho-os na mão; a um simples signal, abrem a boca e exigem o nome do autor da comedia.

E' necessario trazer a campo os nossos compatriotas de valor. Os que se deixam asphixiar com a politica, são profugos, que abandonam as artes em troca d'essa miragem de ambição e poder; é bom que para o theatro não nos roubem os politicos um talento que póde ser o constituidor da nossa litteratura dramatica.

E, fazendo ponto á phrase que o pensamento como que lhe ia desenhando no cerebro, entrou no hotel de Pariz. Era ahi que residia o emprezario da companhia hespanhola.

Ia dar conta do seu plano e explicar as vantajens d'esse procedimento.

XI

Lucio, durante mais de um mez, evitou a presença de Carmen, com o intento de destruir a má impressão que ella guardára da entrevista que o moço tivera com Dolores.

Entendeu que seria um bom plano e enganou-se.

Durante esse tempo, principiou a frequentar a casa do coronel Blanco um dos rapazes de Montevidéo, apontado como um verdadeiro *leão*. Chamava-se Guilhermo Tosti ; era filho de uma familia italiana, de ha muito residente na capital da Republica. Os paes deram-se, em tempo, ao commercio de consignações e enriqueceram em poucos annos. Boa gente, honesta e trabalhadora, entrou para a roda melhor da sociedade montevideana. Quando Guilherme appareceu nos salões da capital, vinha precedido de duas classes de fama.

Uns o apontavam como rapaz elegante, a bem dizer, lindo, esbelto, vivo, electrico até, tal era a actividade que denunciava em todas as *tertulias* em que se apresentava. Ao demais d'estas qualidades physicas, diziam-n'o muito rico, economico e emprehendedor.

Pelo menos, era herdeiro de paes abastados, que, de ha muito, se haviam retirado do commercio, pondo o seu dinheiro em Banco inglez e vivendo de rendas do capital e dos productos de uma grande *estancia*, collocada num dos departamentos da Republica.

Outros não o encaravam atravez do prisma da fortuna. Reconheciam nelle um homem da *fashion*, correcto em toda a extensão da palavra, porém com uma grande falha, a da intelligencia.

Com effeito, Guilherme Tosti, desde criança, víra cortadas as suas infantis inspirações. Com esse natural impulso de inexperiente, deu-lhe para querer ser padre.

Insistio. Riram-se d'elle.

Quem é que quererá ser padre n'esta epoca de escarneo ?—Comprehendeu que havia alguma coisa de ridiculo nos seus desejos. Abandonou-os ; voltou-se para um medico de quem se fallava muito, e com insistencia propoz á familia ser doutor em medicina. E então de quanta faca, de quanta colher ou garfo lhe cahia entre mãos, fazia bisturi e operava no *King-Charles* da casa. Os paes não lhe contrariaram a pretenção ; pelo contrario, d'ella se aproveitaram para o levarem para o collegio, por cuja retorta de estudos devia passar antes de entrar para qualquer academia.

E assim cresceu. Quando chegou aos dezesseis annos, houve na familia uma divergencia O pae propoz para o pequeno Guilherme a vida commercial, como a carreira, hoje em dia, unica para se levantarem lucros e beneficios em pouco tempo.

A esposa, ao ouvir pronunciar similhante sentença – e sentenças eram sempre as condições do marido , não desmaiou por força de animo, mas, sem poder calar o que lhe ia revoltosamente na alma, observou, a principio, que para o *seu* Guilherme a vida commercial era forte demais, além de muito pesada e trabalhosa.

O rei domestico insistio ; ella [illegible]e, já frenetico, volveu um olhar duro e [illegible] e gargarejou um tremendo *hum-hum*, expressão particular dos individuos dados a faceis accessos colericos.

Foi nesse momento que se desencadeou a tormenta. A mãe de Guilherme ergueu-se nervosa e suffocada pela eloquencia da raiva, empurrou, para maior effeito dramatico e, talvez, para atemorisar o marido, a cadeira em que estava sentada, e declarou que seu filho não podia ser commerciante. Era muito delicado de constituição para o trabalho.

— E... queres saber ? ... interrogou ella, acercando-se corajosamente do esposo e guinando o corpo com um gesto de audacia—queres saber ?... quando não prevalecessem estas minhas razões, basta uma, a ultima que te apresentarei : meu filho... é lindo de mais para caixeiro ! Antes o quero vadio !

O tyranno domestico voltou-se para a porta do aposento, poz-se em marcha e desappareceu, sem responder. O que se vio, de annos a esta parte, do tempo em que entrou Guilherme em relações com a familia Blanco, foi que o moço se occupava, não em dizer missas nem clinicar, mas em transações commerciaes, o que, como prova real, é a expressão franca de que prevalecêra a imposição paterna.

No *saráo* a que assistio á primeira vez Lucio, em casa de Dolores, Guilherme se havia apresentado por intermedio de um amigo da famiiia. O que succedeu foi que nem Lucio, nem Carmen, nem a maioria das pessoas que lá se achavam, deram pela presença do *dandy*. Explica-se.

E' que Tosti tinha a prudencia dos felinos. Era, como o appelidavam, um *leão*; mas não se aventurava em qualquer tentativa arriscada.

Deu pela insistencia com que se olhavam Carmen e Lucio.

— São noivos ! murmurou ; e, sem reflectir no caso, entregou-se ao trabalho de polkar e mentir a meia duzia de *señoritas*, futeis nas maneiras e no pensar.

— E' um rapaz bonito — diziam umas para as outras, dando-se á observação.

— Mas é frio como um inglez... gelado.

Precisamente no dia em que Lucio se retirou da casa do coronel Blanco, com o firme proposito de não voltar tão cedo, Guilherme Tosti entendeu que devia — como costume que é do paiz — ir pagar o convite, que teve, para assistir á festa caseira, com uma visita de agradecimento.

Assim foi. A familia Blanco recebeu o com agasalho franco e amistoso, como se por ventura fossem conhecidos de ha muito.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

A GUARDA DE HONRA

Quando o sol vem nascendo no horizonte,
Mostrando apenas no incendido monte
O disco alegre e louro ;
E a luz radiante a immensidade corta,
Firmes, de pé, guardando a sua porta,
Ha dous Gigantes de ouro.

Durante os dias ungem-se de odores,
Espalhando ao redor festivas flores,
Que á terra vão cahindo,
E descantam suavissimas bucolicas ;
Ou estrugem canções marciaes, eolicas,
As lanças reluzindo.

Se nubla todo o espaço a noite escura,
E o silencio não quebram da planura
Os trinados *allegros*,
Na solidão azul, erguendo a fronte,
Do ninho da innocencia bem defronte,
Ha dous gigantes negros.

Se a chuva desce, e fecham-se as janellas
D'essa mansão de amor, as sentinellas
Que a guardam, e que a adoram,
Baixam as frontes, languidos e lassos;
Esmerecidos pendem-lhes os braços,
E os dous gigantes choram.

Mas desde que, no céo desabroxando,
A lua vae ao ar galvanisando
A' ermida, ao campo, á mata,
Como a azylo de fada a cada flanco
Velam, em guarda d'esse templo branco,
Dous Gigantes de prata.

J. DE MORAES SILVA.

THEATROS

LYRICO.— Tendo sido, como foi, interrompido o espectaculo de estreia, representando-se apenas acto e meio do bello *Tannhaüser*, de Wagner, diremos apenas que nessa noite infeliz trouxemos do theatro uma deliciosa e profunda impressão, causada pela proficiencia e brilhantismo com que a orchestra executou a immortal symphonia da opera alleman. Foi merecedissima a ovação feita a Mancinelli. Alguns dos meus collegas de imprensa lamentam que elle d'esta vez não tenha ao seu lado o *violino di spala* do anno passado, o Sr. Tatti, mas, que diabo ! mesmo sem este saudoso auxiliar, a orchestra Mancinelli é uma orchestra que se póde ouvir em qualquer parte do mundo.

— A representação da *Gioconda* satisfez geralmente. As honras da noite couberam á Gabbi e a Camera, que já no anno passado admiráramos nos papeis de Gioconda e de Barnaba. Gabrielesco foi substituido no personagem de Enzo pelo Sr. Colli, um estreiante que não tem grande voz mas sabe cantar. As cantoras Fabbri e Zawner e o baixo De Grazzia, todos estreiantes, muito aceitaveis nos papeis de Laura, da Cega e do Duque. Orchestra, córos e *mise-en-scène* irreprehensiveis.

— Infelizmente a representação da *Aïda* não correu tão bem. O publico — pelo menos o publico das torrinhas — não recebeu muito bem tres artistas. Nós fazemos algumas reservas sobre o tenor Metelio, que nos pareceu um bom artista e esperamos ouvir noutra opera. A marcha do 2º acto, executada com o andamento que lhe deu Mancinelli, perdeu o melhor de sua imponencia.

— Cantou-se hontem o *Rigoletto*.

*

S. PEDRO.— Deu-nos a companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, o *Segredo de confissão*, original de Lorjó Tavares, a melhor, talvez, das peças portuguezas ultimamente representadas naquelle theatro Optimo desempenho.

Em beneficio de Brazão representou-se *D. Leonor Telles*, drama historico, em verso, de Marcellino de Mesquita, que soube amainar e aproveitar soberbas situações. Brazão é magnifico no papel do rei Fernando.

*

APOLLO.— A companhia dramatica portugueza que trabalhava neste theatro deu o seu derradeiro espectaculo com a *Dama das Camelias*, e partio para S. Paulo, onde grandes triumphos lhe estão reservados.

A ultima novidade que nos offereceu foi a *Morgadinha de Valle de Pereiro*, parodia á *Morgadinha de Val-Flor*, escripta pelo distincto autor-actor Julio Vieira, que teve a amabilidade de convidar a redacção do *Album* para assistir á representação da sua peça. Infelizmente não nos foi possivel acquiecer ao delicado convite.

*

POLYTHEAMA.— Depois da *Mascotte*, cuja representação desagradou, deu-nos a companhia Tomba *Papá Martin*, de Cagnoni, e a *Somnambula*, de Bellini, sendo ambas as operas muito bem interpretadas pelos principaes artistas.

*

PHENIX.— Estreiou-se hontem, com o *Fantasma branco*, de Macedo, uma companhia de que é emprezario o popular actor Machado, e da qual fazem parte alguns artistas conhecidos.

*

No Variedades festejou-se o centenario do *Diabo Coxo* ; no Sant'Anna proseguem as representações da *Conquista dos Talismans*.

*

Inesperada e agradabilissima sorpresa : Sarah Bernhardt voltou de S. Paulo e reapparece hoje no Apollo, representando a *Phedra*.

Viva Sarah Bernhardt !...

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 31 SEGUNDA SERIE JULHO DE 1895

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Ferreira de Araujo	A. A.
Chronica Fluminense	A.
Poema da Carne	Cunha Mendes.
Cartas	Placido Junior.
Num Album	A. Peres Junior.
O Avô	J. de Moraes Silva.
Good Night	Magalhães de Azeredo.
Amor de Primavera e amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do doutor

FRANCISCO PORTELLA

FERREIRA DE ARAUJO

O *Album* prometteu publicar o esboço biographico de Ferreira de Araujo. Para que? Ha por ventura quem o não conheça?

Ha ahi quem ignore que elle nasceu no anno revolucionario de 1848, nesta boa cidade, num sobrado da rua do Cano, hoje Sete de Setembro, o mesmo em que actualmente se acham as officinas da *Gazeta de Noticias*?

Ha ahi quem ignore que, tendo se formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, abandonou a profissão de medico depois de exercel-a com brilhantismo durante alguns annos?

Ha ahi quem ignore que foi elle um dos fundadores e é o redactor-chefe da referida *Gazeta de Noticias*, o jornal que mais influencia tem tido no desenvolvimento da nossa civilisação intellectual?

Ha ahi quem ignore que Ferreira de Araujo é o *Lulú Senior* do *Mosquito* e das *Balas de estalo*, o *José Telha* dos *Macaquinhos no sotam*, o *A.* do *Jornal do ausente*, o espirituoso escriptor de tantas chronicas elegantes, de tantas novellas engraçadas e conceituosas, e o autor d'aquelle a-proposito comico, o *Primo Basilio*, que fez as delicias das nossas platéias e escandalisou as de Campos dos Goytacazes?

Ha ahi quem ignore que, a par d'esses ligeiros e graciosos desabafos do espirito, elle não só tem produzido artigos politicos e financeiros de primeira ordem, como tambem discutido, com singular criterio, as mais complexas e momentosas questões sociaes?

Defendendo-o um dia no Tribunal do Jury, aonde o levára não sei que artigo anonymo cuja responsabilidade nobremente assumio como director da *Gazeta*, disse Quintino Bocayuva que Ferreira de Araujo era ao mesmo tempo o Armand Carrel e o Jules Janin da nossa imprensa: o jornalista das *Coisas politicas* e das *Chroniquetas* jamais desmentio esse honroso conceito.

*

Que mais direi? E' um cavalheiro de alta distincção, pae de familia modelo, bom amigo, homem de gosto, collecionador de objectos de arte e protector de artistas pobres.

Teve um duello, o famoso duello da ilha d'Agua, em, que, por questões de imprensa, escapou de ser morto por um negociante.

*

No momento em que Ferreira de Araujo volta de sua segunda viagem á Europa e reassume o logar de honra que por direito de conquista lhe compete na nossa imprensa, o *Album* cumpre um dever publicando o retrato de tão illustre brasileiro.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Todas as vezes que pégo na penna para escrever estas chronicas, parece-me que não ha neste mundo nada tão difficil como ter espirito. Entretanto, o escriptor da secção theatral da *Cidade do Rio* quasi me convenceu do contrario.

Dando noticia da *matinée* que domingo passado se realiisou « em honra e beneficio do José Luiz, o decano dos gazistas do theatro brasileiro », o meu amavel collega apresenta-nos esse modesto operario como um homem espirituoso, e, para provar o que diz, conta-nos que ha uns oito ou dez annos encontrou-o mascarado num baile do Lucinda, e...

Não! — prefiro transcrever :

« Ninguem imagina o que era a vestimenta d'esse mascara, de quem todos fugiam com horror e ao mesmo tempo rindo ás escancaras, depois que elle se dava a conhecer.

« Um vestido muito velho, roto e immundo, que lhe não chegava a cobrir as pernas, deixava estas á mostra, com uma cabelladura arripiada. No busto via-se camisa, tambem de mulher, mas tão velha, rota e suja como o vestido. Sobre a camisa um chale de egual qualidade. Sobre a cabeça uma especie de trunfa á bahiana, e no rosto uma mascara de arame, de expressão estupida.

« Nada d'isso, porém, afugentava os circumstantes. O que os afugentava eram as luvas que o patife havia calçado nas mãos :— um par de meias de algodão, grossas, um tanto trigueiras (para fingir que não estavam lavadas) e untadas... untadas de queijo (Roquefort ou outro qualquer), cujo cheiro nauseabundo e horripilante causava nauseas...»

E o collega accrescenta : « Foi um caso commentado como um dos mais engraçados d'aquelle Carnaval. »

*

Não tinha o espirito atheniense do José Luiz, mas era tambem um homem de espirito aquelle pobre Rego Macedo, que ha sete dias lá está, coberto de terra, no cemiterio de S. João Baptista.

Não possuia qualidades de escriptor, mas possuia-as de jornalista, e era um archivo animado de todos os acontecimentos politicos da nossa terra.

Observador profundo e commentador insigne, auxiliado por uma memoria realmente prodigiosa, Rego Macedo seria, com algum estylo, o primeiro chronista da nossa terra. Todos se lembram do exito extraordinario que obtiveram as *Cartas de um diplomata*, interessantes memorias em que elle fez a autopsia dos tempos aureos do segundo imperio.

O logar de Rego Macedo não era o de director da *Gazeta da Tarde*. Se, mesmo depois de ferido pela molestia, se mettesse em casa, dictando as suas memorias a um secretario habil e conscencioso que as podasse e enfeitasse convenientemente, teria deixado preciosas paginas. Não deixou nada.

*

A semana tambem não deixou nada além de alguma politica e de um duello,— o duello Ducci-Ferrari.

A.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

I

Não cantarei de certo os graciosos brocados,
As rendilhas subtis, as madeixas setineas,
O suave olhar piedoso, as sensações virgineas
De louros cherubins romanticos, magoados.

Para que os versos, flor, tenham gritos cortados
De blandicias pagans, de doçuras femineas,
As volupias teu labio a meu labio propine-as,
Dando vida e calor aos versos delicados.

Chalre em delirio o verso, arda em volupia a phrase!
Inspira-me, Venuta, os vicios deliciosos!
Que em teu corpo triumphal o meu furor se abrase!

Entremos o *boudoir :* é o templo calmo e langue
— Sanctuario cheiroso em que vamos, piedosos,
Erguer-te a prece, ó carne! erguer-te o culto, ó sangue! —

II

Noite, abrigo dos máos! Trevas, doces assombros
Do livido ladrão, do bandido alquebrado,
Enche da alma arruinada os sordidos escombros
Com a nudez espectral de tumulo trancado.

Ha muito tempo eu trago exhausto sobre os hombros
O madeiro fatal, horrivel de pesado:
Sem ser crucificado, eu sinto esses assombros
Que erram na alma infeliz de hirto crucificado!

Noite sem branco luar; noite sem leve estrella,
Sobre mim teu lençol de trevas repellentes
Caia, abafando da alma a turbida procella.

Abriga-me em teu seio, em tuas trevas soturnas,
Para que eu solte anciado os meus vicios frementes:
— Os animaes, á noite, é que fogem das furnas .. —

Cunha Mendes.

CARTAS

I

Escuta ; hontem, pelo trinar festivo dos canarios na crystallina concha da manhan, sem que me visses, longo tempo te seguiam meus olhos, minha loura Dulce, e ainda guardo na retina o teu airoso busto correcto e sem defeito, do esguio nostalgico das inglezas.

Ias alegre e triste. Alegre, por que esses teus olhos vivos e brilhantes do brilho fino das laminas polidas, pela paizagem se alongavam indagadores

e trefegos como um par de colibris esvoaçantes. Triste, por que sahia a tua linda cabeça de ouro do contorno sereno de um vestido negro, da côr nostalgica das amargas tristezas.

E emtanto eu te daria mais do que meu beijo : a minha vida, se tua já não fosse, para que sempre me apparecesses envolta na treva mystica d'esse vestido.

Certo, levavas a alma cantando ; a *toilette*, em antagonismo com o teu espirito, fazia-te uma pensativa amante que perdêra o noivo, ah ! mas eu lá estava bem perto a fitar ancioso o teu airoso busto correcto e sem defeito, do esguio nostalgico das inglezas.

Gósto de ver-te assim ; sonho como sorrirá, dentro d'essa treva, a tua carne, fresça e alva, de nuanças rosadas ; sonho todo o poema que ella canta presa pela noite em que a enredaste, para soluçar, para chorar somente.

E cuido que sob as rendas brancas e as festividades vibrantes das *toilettes* claras, ella, a tua linda, a tua moça, a tua velludosa carne, ha de cantar muito mais, com muito mais sonoridades do que nesse claustro escuro em que a prendeste hontem.

E ahi está por que de novo eu te daria a minha vida, para que a prendesses sempre nesse carcere, por que — perdoa, minha Dulce — penso que sem a vibração clamorosa das *toilettes* festivas, ella canta só para mim, só para o meu beijo, nessa clausura adoravel do teu vestido negro, que destaca a brancura lactescente do teu rosto, e a scintillação deliciosa dos teus cabellos de ouro...

PLACIDO JUNIOR.

Recebemos do Sr. Julio Salusse a carta que em seguida transcrevemos :

« Em Março d'este anno escrevi de Friburgo ao Sr. Osorio Duque-Estrada que publicaria breve um livro de versos intitulado *Nevrose Azul*, mandando-lhe nessa occasião uns versos destinados a explicar a extravagancia do titulo. Pedia-lhe que publicasse esses versos no *Paiz*.

O Sr. Osorio Duque-Estrada não os publicou por julgal-os imprestaveis, conforme me disseram alguns amigos que o tinham ouvido formular essa opinião. Algum tempo depois a *Gazeta de Noticias* e o *Diario* noticiaram o proximo apparecimento do meu livro...

Ora, no ultimo numero do *Album* veio publicado um soneto intitulado *Nevrose Azul*, soneto que parece destinado a abrir um livro de versos portador do mesmo titulo. Sendo assim, creio que tenho todo o direito de chamar plagiario ao Sr. Osorio Duque-Estrada.

Se entender que me assiste o direito de protesto, peço-lhe que dê publicidade a estas linhas, que talvez ellas cheguem ainda a tempo de impedir que me seja tirado um titulo que não é vulgar, que não se parece nada com esses titulos que por ahi correm e que não têm dono, como *Preludios*, *Aljofares* ou *Raios de Ouro*.

Juntamente envio-lhe os versos de introducção que o Sr. Osorio Duque-Estrada não quiz publicar. Se tiver sobre elles uma opinião mais favoravel, peço lhe que os faça apparecer no *Album*.— *Julio Salusse*.

Rio, 20 de Julho de 1883. »

Escusado é dizer que o nosso amigo e collaborador Osorio Duque-Estrada tem ao seu dispor as columnas do *Album* para defender-se d'essa accusação.

NUM ALBUM

O' primavera, giuvenût del anno!

São outras na primavera
As flores, têm mais frescura ;
Os troncos vestem-se de hera...
A natureza é mais pura,

Mais sadia. As barboletas,
Em bandos, alegremente,
Doudejam, — flores inquietas
E que têm azas — Ridente,

Brilha o sol. A passarada
Trefega, canta, gloriosa ..
— E a nossa alma enamorada
Quantos prazeres não gosa !

A muita luz me extasia
E faz-me bem ; quem me dera
Sentir sempre essa alegria
Opima da primavera,

Essa alegria que estala,
Revigorante, festiva,
Cheia de amor e de gala,
De brilho e sons explosiva !

Ver o céo, o campo em festa...
Escutar, por entre os ramos
Da rumorosa floresta
Trinarem os gaturamos.

Sentir, emfim, que me inspiro,
Pois, ás canções mais suaves
Dos grandes poetas, prefiro
As simples canções das aves !

A. PERES JUNIOR.

O AVÔ

I

A filha lá se ia embora e levava-lhe o netinho, que de manhan bem cedo o chamava e vinha puxar-lhe o braço até acordal-o. E elle não lhes prestou attenção : estava conversando, ainda á porta, com um correligionario sobre a ultima eleição.

A filha, de longe, mostrava-o ao filhinho, e olhava para o pae e avô com cara de riso e choro ao mesmo tempo : riso de amor e choro de resentimento

O carro partio sem elle ver ; lembrou-se mais tarde apenas que tinha visto um — adeus — no meio daquelle alvoroto de recriminações ; a mãosinha de um anjo voava com os dedos abertos ; voltada para cima dizia-lhe adeus, e voltada para baixo o chamava.

Depois foi que reparou que estava só : faltava-lhe uma coisa no seio ; uma voz doce, um riso innocente : o seu anjo. Ficou scismatico n'um canto :

— Mil raios partam a politica !

Teve remorsos : parecia que o céo o recriminava.

Começou a fallar sosinho :

— Que me dá a maldita politica ? Desgostos unicamente ! E em politica e religião, como bem disse o marquez de Maricá, não ha fé sem esperança. Todos me aconselham que deixe esta viperina politica, que tem tantas côres. Basta de sacrificios. Tratem os moços da politica, por que elles podem brigar e têm aspirações ; eu preciso descanço ; deixem-me viver ou morrer com os meus netinhos.

A solidão crescia ; ninguem o chamava, nem acordava ; elle, porém, estava acordado á espera que o chamassem.

— Heim ? —disse como quem interroga a quem não lhe falla.—Sim ! — como quem responde antes da pergunta.

A' noite foi peorando, enfesou-se ; a politica apparecia-lhe como as cartas de jogo ao jogador quando em vão tenta dormir.

— Se escrevesse ao compadre Mathias e lhe recommendasse que levasse os seus dous filhos, e fallasse ao visinho... ? Nem o compadre, nem os filhos nem o visinho lá foram ! A politica está assim mesmo; o compadre é capaz de dizer que nem sabia que havia eleições... *O' tempora !...*

O Antunes embora não tivesse obtido o logar, podia-se-lhe prometter outro, e outro... até o fim. O Antunes dá sete votos ! Arre ! tambem hoje todos querem emprego. E' verdade que eu já ouvi a um deputado dizer, notem bem que foi a um deputado : « Outr'ora podia se fazer politica sem interesse, por que a vida era facil, e na politica entrava o patriotismo ; tudo, porém, está mudado, caro e difficil. Quem fizer politica sem dinheiro, de sua miseria dará de comer aos outros. Ora, ahi está o que é a politica que nasce de cima ; não quero mais saber d'ella ! Quero somente pensar nos meus netinhos.

E elle começou a dizer adeus no ar e a chamar, como se aquella mãosinha lhe ensinasse a ser bom : — Adeus ! E as lagrimas em fio lhe começaram a correr pelas faces vermelhas de raiva e de vergonha.

No outro dia veio-lhe uma carta dizendo que se poderia annullar a eleição.

— Brejeirada ! Não quero !

Chegou o correligionario :

— A eleição estava nulla por que a mesa foi organisada depois do meio dia ! Elles dizem que sabem tudo. Boa lição agora ; não acha ?

— A politica só me tem dado desgostos ; não posso mais !

— Oh ! mas o seu nome ? ! Você nada tem querido...

— Já servi muito.

— Mas agora não fique no meio ; somente por esta vez.

— Depois vem outra : o politico é como o marinheiro, embarca sempre depois da tempestade.

— Não, não ; resista.

— Então você julga... ?

Bateram ; chegou uma carta ; o netinho havia peorado.

— Bem digo eu que não posso mais com esta politica dos diabos !

E foi-se embora atropelladamente, — resmungando, ou talvez soluçando.

II

Dahi a dias voltou : trazia o netinho ao collo, risonho, falador, a mostrar-lhe o céo e os passarinhos.

— Oh ! oh !...

Puxava-lhe as barbas.

— Como é formosa e boa esta terra !

Entrou, sentou-se, almoçou bem. Deixou o netinho entretido a brincar com uns soldadinhos de chumbo, e foi escrever ao seu amigo e correligionario, dizendo-lhe que viesse, pois que elle estava disposto a tudo.

Fechando a carta continuou o seu soliloquio :

— E' preciso tratar da familia e da patria : a familia é o principio da patria. E' preciso decorar Rousseau. Quero deixar ao meu netinho esta terra livre, e este céo puro.

Nesse instante na sala rufava um tambor de boca, e gritava um generalsinho.

O velho sorrio ; e, depois de passar a lingua, como lingueta, na fechadura do envelope, fez um *birrio* ao netinho, que o comprimentou tirando o seu chapéo armado de *Jornal do Commercio*.

J. DE MORAES SILVA.

FERREIRA DE ARAUJO

GOOD NIGHT

A COELHO NETTO

Pelo chalet, que, a resguardar na sombra
O leve estylo e os nitidos lavores,
Assenta do jardim na verde alfombra,
Como flor grande entre pequenas flores,

Passei á tarde ; da floresta obscura
Voltava ; ainda dos passaros o canto,
Da atmosphera salvatica a frescura
Me inebriavam de subtil encanto.

Vinha eu, acaso, entoando uma ballada
Da Escossia — lenda de innocente affecto,
Mesto idyllio de dor apaixonada,
E pastores ingenuos predilecto.

Divisei, á janella, um branco vulto,
Ondeante, flexivel e ligeiro,
Entre espessas cortinas semi-occulto,
Como um lyrio entre as ramas de um salgueiro.

E aquelle branco vulto, com voz leve,
Tenue, submissa, timida e fugace
Qual se em um nenuphar, alvo de neve,
A meio tom um sabiá cantasse),

Good night ! quando eu passei murmurou. Todo
Perturbado em meu ser pela harmonia
Do idioma estranho, que de estranho modo
Ao que eu vinha scismando respondia,

Cuidei que de algum anjo a bençam casta
Baixára sobre a minha triste fronte
— Como scintillação do sol que afasta
As procellas e os nimbos do horizonte.

E pareceu-me que a primeva lyra
Do bardo Ossian trouxera a meus ouvidos,
Das endeixas que a Colma o amante inspira
Uns echos virginaes e indefinidos.

Boa noite? oh ! de certo ! um só momento,
Sobre mim não desceu tepido somno ;
Nem cessou de adejar meu pensamento
Pelo espaço, vagando ao abandono.

Melhor, porém, melhor (coisa tão rara
Esta é na vida !) eu me senti desperto,
Do que se corpo e espirito entregára
A um torpor, de ideaes sonhos deserto.

Então, prouve-me mais que a inconsciencia,
Em que a mente se extingue e a dor se amansa,
A inopinada e turbida violencia,
Com que em nós luta a febre da esperança.

Horas e horas, esquecido d'ellas,
O céo immovel distrahidamente
Fitei, a conversar com as estrellas
Sobre a estrella, entre todas, mais fulgente.

E assim me veio sorprender a aurora,
Humedecendo com o frescor do orvalho
Meus olhos, turvos de fadiga, na hora
Em que a luz chama os homens ao trabalho.

Sim, boa noite! e abençoada sejas,
O filha de Albion, ó virgem loura,
Que hoje, astro puro e imanaculado, alvejas
Numa constellação immorredoura !

*

Era uma ingleza joven, simples alma
De criança — quinze annos tinha apenas ;
Viera do seu paiz mais fria e calma
Que os patrios lagos nas manhans serenas.

Mas o clima dos tropicos fecundo
Lhe dissipára os gelos primitivos,
Creando-lhe no sangue um novo mundo
De anceios, de paixões, de affectos vivos.

Aureolavam-na rutilas madeixas,
Com vagas refulgencias de ouro antigo ;
Lavrador, no teu campo não enfeixas
Mais louras hasteas de maduro trigo.

Tanto uma vez, num baile, deslumbrou-me
Seu porte esbelto e airoso de princeza,
Que julguei — a pedir se-lhe o seu nome —
Ella dissesse : Eu chamo-me Belleza !

Poucas palavras, poucas e vulgares,
Trocámos, lá nos gyros de uma valsa
Entre indolentes, distrahidos pares,
Nessa atmosphera duvidosa e falsa.

Nada me revelou ; só, porventura,
Mais rapido senti, junto a meu braço,
Bater-lhe o coração — vaga conjectura
Talvez, talvez calor, talvez cansaço.

Eu deixei, no outro dia, a alpestre villa .
E alguem (ó triste natureza escrava !)
Naquelle adeus de ephemera e tranquilla
Cortezia, em silencio agonizava...

Soube, depois, que ella morrêra ; e disse
O velho pae, que no supremo instante,
Como os arrancos ultimos sentisse,
Meu nome proferira, balbuciante.

Elisabeth ! ó pobre amiga ! ainda
Banham-me a face lagrimas copiosas,
Quando relembro o teu *Good night*, e a linda
Casa, e a matta, e o jardim cheio de rosas !

Se foi amor? inda hoje — e quantos annos
Passaram sobre as ondas, em que vogo
Sem norte ! — a alma gentil nua de enganos,
De fingimentos nua, eu te interrogo !

E eis que a mim mesmo ora o pergunto, em summa,
Analysando a nossa vida extincta,
De que não ha recordação nenhuma,
Cuja saudade intermina eu não sinta.

Mas ai ! a pobre moça não acorda,
Quando a evoco em meus sonhos de poeta ;
Não vem sentar-se do meu leito á borda,
Para acalmar esta vigilia inquieta !

Se foi amor, não pude conhecel-o...
Pois era mudo o seu affecto honesto,
Que se vedava, com pudico zelo,
Uma palavra, uma allusão, um gesto.

Se foi amor, eternamente o encobre
Inviolavel e funebre mysterio
— Não ha poder humano que recobre
Os thesouros que guarda um cemiterio.

Ella, a desconhecida, além repousa,
Só por mim, só por mim talvez chorada ;
E eu leio sobre a sua humilde lousa :
Graça, belleza, juventude e nada !

MAGALHAES DE AZEREDO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XI

(Continuação)

Dolores nesse mesmo dia se esquecêra do seu defluxo.

Durante as horas em que o moço gosou do trato de Carmen, leu na physionomia de Guilherme uma expresão vaga de amor ou sympathia.

— Bem — disse então comsigo — este... é um rapaz que serve para rival de Lucio. E' lindo, de boas maneiras e... sobretudo... rico...

E, sem dar tempo a que se expandisse a ideia, principiou habilidosamente a estudar-lhe os modos.

O primeiro passo foi marcado no terreno de gracejo.

— Pensei que se tinha perdido, cavalheiro.

Guilherme agradeceu a amabilidade, dando a entender que ninguem lhe merecia mais attenção de que a familia do coronel Blanco. Foi além.., declarou que era homem que denunciava nos gestos e na linguagem todos os pensamentos.

— E' um pouco velho esse estribilho — pensou Carmen, sorrindo. E' o recurso dos tolos pretenciosos e bonitos.

— Quando se tem *noiva*... — arriscou Dolores, sem desviar os olhos da physionomia do *leão*, hypocritamente dominado e humilde

— Não a conheço — protestou elle.

D'ahi originou-se a *intriga*. Cruzaram-se os ditos. Dolores realçou, em cada palavra e phrase, meritos que ella não poderia saber se tinha ou se não tinha Guilherme Tosti.

Assim cresceu a sympathia do moço pela esposa do coronel.

Foi então que ella, erguendo-se da cadeira, pedio licença e retirou-se da sala de visitas.

Bem que comprehendia a necessidade d'este passo.

A sós, Guilherme e Carmen podiam trocar algumas phrases que serviriam talvez de pedra para o pedestal de sua obra machiavelica.

Assim foi. Guilherme encetou a conversa, fallando de assumptos amorosos e, de vez em quando, fazendo allusões á insistencia — á *temporada*, como dizia — que tivera Carmen e Lucio durante a *soirée*.

— Estou admirado de o não ver por aqui... concluio, procurando com a vista se, por acaso, estaria alli Lucio.

Carmen não o quiz interromper.

Guilherme insistio no gracejo.

Foi depois de alguns momentos que ella se decidio a interrogal-o, como quem se não dava por alludida.

— Que quer dizer ?

— Muito: que ainda me recordo da sua distracção durante aquella feliz noite, em que tive o prazer e a honra de entrar pela primeira vez nesta habitação, por assim dizer feita para ninho de fadas. Recorda-se que me havia promettido uma quadrilha e que injustamente me substituio pelo doutor Lucio ? Não queira negar, Carmen : — *elle* — o frisou a palavra com um sorriso — ama-a declaradamente.

— Quem o affirma ?

— Todos. Pelos cafés, pelas diversas casas que visito, pelos corredores dos theatros, pelos passeios, pelas ruas, dá-se o filho do coronel Herrera como seu noivo.

— E' falso !... E quando assim fosse ?... Para que repetir-me a linguagem d'esse mundo que só se occupa da vida privada dos que o desprezam ? Por ventura ignora que em Montevidéo talham se *noivos* a capricho dos bisbilhoteiros? Hoje mesmo, se a vizinhança o vir sahir de minha casa, apontal-o-á como um dos pretendentes á minha mão...

— Não o fará, porque sabe quem é o preferido...

— Ainda?... Sempre tive aspirações á liberdade e não será facilmente que me deixarei vencer por qualquer homem. Mente-se tanto, que em coisa alguma se póde hoje acreditar.

— E' livre ?

— Liberrima !

— Nesse caso, se mais um pretendente se apresentasse, entraria em campo com eguaes direitos aos de que gosa o doutor Lucio ?

— Com os mesmos que são os da amizade.

— E' questão pois de saber vencer. Aceita mais um ?

Carmen demorou-se na resposta. Neste curto intervallo de silencio estudou as vantagens de ter um adorador da força de Guilherme Tosti. A primeira ideia foi a de aproveital-o para apparentar desprezo pela pretensão de Lucio e despertar o ciume.

— E' um tolo — pensou, referindo-se a Guilherme — mas é ousado, tem fama de *leão*. Os tolos são ás vezes, autores de grandes emprezas. Não convem desprezal-o.

Faltava-lhe certa experiencia, mas os conselhos do padrasto e a intuição de mulher fizeram-lhe constar a conveniencia de não desenganar o pretendente.

O moço repetio a pregunta: «aceita mais um ? »

Carmen fez um movimento de impaciencia como quem buscava uma evasiva.

— E não percebe o senhor que me offende com essa phrase? Mais um? Por ventura faço collecção de pretendentes para se me dirigir similhante pergunta ?

— Não seja essa a causa de um desengano, Carmen. Dir-lhe-ei apenas : aceita um ?

Correu um intervallo de mudez. O collo arqueava todas as vezes que ella respirava; e o fazia com

tanta frequencia, que bem se poderá comprehender a commoção que a dominava.

— O silencio é a negativa explicita que os labios se acobardam de pronunciar — concluio com entonação emphatica o *leão*, dando-se ares de autor do pensamento, com mais probalidade lido em algum volume de romance ou colhido dos labios de algum conselheiro Acacio.

Carmen era impressionista. Estava bastante zelosa de Lucio para involuntariamente não se precipitar, como succede sempre aos impacientes.

Se o primeiro momento de silencio lhe deu azo para um pensamento feliz, a ultima expressão de que se servira Guilherme era bastante sonora e burilada para enthusiasmal-a. Carmen pagou-a de subito.

— Não lhe posso prometter nem tão pouco recusar. Entre um e outro acto medeia a duvida. Bem deve comprehender a minha posição. Vimo-nos algumas vezes apenas, e logo á primeira visita declara amar-me. Não haverá precipitação?

— A' primeira vista assim parecerá; entretanto sempre é melhor haver precipitação do que atrazo na chegada; e com a senhora, Carmen, dá-se um facto: contam-se os pretendentes pelo numero dos seus conhecimentos na roda dos moços de Montevidéo.

— Nenhum se poderá gabar de lhe eu haver correspondido.

— Creio. Elles assim o confessam; por isso tambem se mostram despeitados. Isso é para não prometter, como disse; e para não recusar?

—São indispensaveis tempo e constancia. A' mulher é o unico direito que se lhe deve conceder: o direito de exigir provas. Quem me affirma que o senhor não pronunciou a sua declaração para mais tarde, amanhan ou hoje mesmo, vangloriar-se?

— De accordo!... Nesse casso...

— N'esse caso...? — interrogou Carmen, ás pressas, meio receiosa de que o moço renunciasse á pretenção, deixando-lhe d'esse modo escapar das mãos uma arma, a do desprezo, com que contava ferir directamente Lucio e indirectamente sua mãe. Nesse caso...? repetio.

— Tenho a promessa em vez da negativa. Se não ha recusa, ha duvida. Dissipada esta, ser-me-á dado o seu conhecimento Posso esperar?

A supremacia do orgulho contrastou de logo com o receio de momentos antes.

— Não desespere, Guilherme! — respondeu batendo moderadamente cada syllaba, e dando á pronunciação do nome do pretendente um tom de voz doce e inebriante.

Guilherme sentio correr-lhe ao longo do dorso o calafrio dos felizes, e orlou-lhe os cantos dos labios a tenue nuvem espumante da volupia. E' o grande perigo dos encontros e dos *duettos*... mesmo fallados, todas as vezes que se acham, a sós, dous jovens, que pouco a pouco se enthusiasmam, deixando como que reflectir no cerebro o esplendor das sedas, dos damascos, dos crystaes, das flores e das obras de arte, que são os incentivos e os revolucionarios do amor.

Ao ouvir pronunciar aquella phrase — não desespere — e ao mesmo tempo que os labios lhe trememam sem encontrar o verdadeiro tom de resposta, nem mesmo o do balbuciar infantil, luziram por entre o cortinado da porta do salão os olhos surprendedores de Dolores.

Carmen bemdisse a intervenção. E, como as suspeitas lhe principiavam a crescer no espirito, sorrio amargamente.

— Quem sabe se não ouviria a nossa conversa na saleta contigua? — pensou.

Guillherme cerrou os punhos e fez estalar alguns pontos da luva. Para elle restavam agora a duvida e a esperança; para Carmen, a certeza de possuir um adorador, se não sincero, ao menos vaidoso; homem que não sente, mas tem orgulho em fallar dos seus amores.

O acaso favoreceu, um dia, a offensa que de ha muito o ciume de Carmen preparava.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

SARAH BERNHARDT

ELLA despedio-se do publico fluminense com a *Phedra*, sabbado passado, no Apollo.

A representação foi uma delicia. Quem ha seis annos ouvio essa tragedia no S. Pedro e ultimamente no Lyrico, não calcula a multidão de effeitos perdidos naquelles vastos theatros. Nunca os versos immortaes de Racine nos pareceram tão bellos, nunca o talento de Sarah nos impressionou tão profundamente como nessa memoravel noite de — 22 de Julho de 1893—. Depois de ouvir a 2ª scena do 1º acto, o final do 2º acto e todo o 4º acto da *Phedra*, representados por essa mulher-phenomeno, tão cedo não poriamos os pés num theatro de declamação, se o nosso officio não nos obrigasse ao contrario.

E' de justiça dizer que Sarah foi bem seccundada pelo joven actor Darmont, que é, incontestavelmente, um artista de grande futuro, e apresenta, no difficillimo papel de Hypolito, uma prova irrecusavel e brilhante do seu talento. Mencionemos tambem Jeanne Méa, uma Aricia apaixonada e vibrante, e Piron, um Theramenio discreto e commovedor.

Durante o espectaculo, os estudantes do Rio de Janeiro, imitando o exemplo dos de S. Paulo, fize-

ram a Sarah Bernhardt grandes ovações com flores e discursos.

No intervallo do 2º para o 3º acto, um poeta do meu conhecimento, admirador enthusiasta da grande tragica, escreveu na bilheteria do theatro os versos que em seguida reproduzimos. Contava recital-os de um camarote, mas a rapasiada não lhe deu occasião para isso. Eil-os :

ADEUS !

Eu vejo, eu ouço a *Phedra*, e vendo, e ouvindo
A sublime Sarah divina e bella,
Arranco o electro meu ao somno infindo...
Que Musa póde haver maior do que ella ?

Umas vezes fascina, outras espanta
Aquella voz que em todo o mundo estruge !
Que passaro cantou como ella canta,
E que fera rugio como ella ruge ?

Adeus ! Parte ! ... Mas volta-nos de novo
Quando as saudades nossas te reclamem,
E has de sempre encontrar neste bom povo
Mãos que te applaudam, corações que te amem !...

X.

Consta-nos que a Companhia Theatral do Brasil, proprietaria do Apollo, vae mandar collocar no seu theatro uma placa commemorativa da ultima representação de Sarah Bernhardt no Brasil.

A ultima ! ... Terminamos esta noticia fazendo votos para que assim não seja, e ainda um dia possamos admirar e applaudir a grande, a unica, a incomparavel Sarah Bernhardt.— A.

—

TELEGRAMMAS

Lyrico.— Sexta-feira, 21. O *Rigoletto*. Estreia da prima-dona ligeira Baronat, que, além de ser uma artista insigne, é uma bella mulher. O Sr. Colli tem uma bonita voz ; faria, porém, melhor figura de casaca, num salão, ao piano. Camera-Rigoletto muito applaudido. De Grazzia e Zawner não prejudicam o conjuncto. Orchestra, córos, bailados, etc., magnificos.

Segunda-feira, 24. Segunda representação da *Gioconda*. A Gabbi maravilhosa no 4º acto.

Hontem, sexta-feira, 28. *Falstaff*. Fallaremos no proximo numero.

*

S. Pedro — A companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, partio para S. Paulo, e foi substituida neste theatro pela companhia lyrica italiana do Sr. Ferrari, que se estreiou com a *Aida*, cantou depois *Manon Lescaut*, opera nova de um novo compositor, Puccini, e annuncia para hoje, sabbado, o *Otello*, de Verdi. O *Album* não foi convidado para assistir aos espectaculos da companhia Ferrari.

*

Variedades.— O *Diabo Coxo* descançou finalmente. Estreia do distincto actor portuguez Joaquim Silva com as operetas o *Gafanhoto* e a *Herança do 103*, já conhecidas do publico. Muitos applausos.

*

Polytheama. — Continúa a agradar a companhia Tomba, que acaba de dar-nos as operetas *Sataniel*, de Varney, e o *Guitarreiro*, de Millocher, já aqui representadas em portuguez com os titulos de *Lusbelim* e *Principe Topasio*.

*

Recreio. — Voltou de S. Paulo a companhia Dias Braga, que reappareceu ante-hontem com a engraçada comedia o *Commissario de Policia*. Hontem as *Doutoras ;* hoje o *Conde de Monte-Christo*.

*

Apollo.— Voltou hontem para este theatro a companhia Garrido, e representou a *Viagem á volta do mundo*.

X. Y. Z.

Recebemos as seguintes publicações :

Esboço historico dos costumes do povo espirito-santense desde os tempos coloniaes até os nossos dias, pelo padre Antunes de Siqueira, professor de humanidades e secretario das escolas normaes do Espirito-Santo. E' um livro incompleto mas muito curioso. O padre Siqueira é uma das figuras mais salientes d'aquelle Estado, onde goza da reputação de um dos primeiros oradores sagrados do Brasil.

Relatorio parcial, apresentado ao Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, pelo illustre Sr. Dr. Luiz Cruls, chefe da importante commissão exploradora do planalto central do Brasil. Neste livro, que é o prodromo de um trabalho mais completo, encontram-se exactas e autorisadas informações sobre a riquissima area destinada á futura Capital da Republica.

O Album, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda :

Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7.

Livraria Encyclopedica de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

Livraria Internacional, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 32 SEGUNDA SERIE AGOSTO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Dr. Francisco Portella	Aluizio Azevedo.
Chronica Fluminense	A.
Consolação	Georgina Teixeira.
A Hectica	Virgilio Varzea.
Poema da Carne	Cunha Mendes.
Vivendo	Raul Braga.
Vida	A. Peres Junior.
Miniatura	Arthur Andrade.
Amor de Primavera e amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Rollo, Prince de Norvège	Vicomte de Borelli.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

VALENTIM MAGALHÃES

DR. FRANCISCO PORTELLA

Não comportam as acanhadas dimensões do *Album* o esboço da estatura moral de Francisco Portella. O seu grande espirito de philosopho, a sua grande alma de patriota e o seu grande coração de justo dariam corpo para um livro, que seria o mais salutar e consolador exemplo do que vale o esforço moral e intellectual de um homem, quando posto em acção pela causa do bem e da justiça. A sua clara vida de lutas, sem domingos de repouso, sem crepusculos de desanimo, nem orgias nas multiplas victorias, é um codigo de honra civica e particular. Nella o cidadão, o homem e o philosopho disputam entre si a primazia e equilibram-se no mesmo plano de grandeza.

Ha, por conseguinte, no Dr. Francisco Portella a dupla individualidade de um contemplativo e de um homem de acção.

Qual das duas faces é a melhor? Qual das duas nos leva a amal-o e admiral-o de preferencia? O leitor que julgue por si mesmo, e decida pelo seu proprio julgamento.

*

O chefe do partido autonomista nasceu em 1834 na capital do Piauhy, de uma familia tão honesta quão desprovida de riqueza. Ainda criança lançou-se para o Rio de Janeiro, tendo de dar lições para poder realisar o curso de medicina. Foi muito moço professor de philosophia no collegio Marinho. O seu bom caracter e a rectidão de sua conducta conquistaram em Manoel Moreira de Castro, então redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, um amigo e um protector, a cujo esclarecido espirito deve em parte o nosso biographado a boa orientação moral e intellectual que tão beneficamente lhe illuminou a vida inteira.

Formou-se em 1857, aos 23 annos, distinguindo-se na Escola ao lado do Visconde de Alvarenga, Sousa Costa, Saboia e João Silva, a cujo brilhante grupo pertencia. Desde essa epoca começou a bater-se logo pela liberdade e a pôr a sua sciencia profissional ao serviço de todos os desgraçados que soffriam ao alcance da sua caridade, como punha a sua alma de revolucionario prompta a accudir aos gemidos da Patria, tambem enferma e prostrada.

Em 1859 atirou-se para Campos, solicitado pela amisade do Dr. Miranda Pinto. D'ahi começa a sua gloriosa phase de jornalista e politico de acção. Abrio-se então para o Dr. Portella um largo periodo de lutas incessantes, tendo elle por baluarte o *Monitor Campista*. Imagine-se um medico, sobrecarregado de clinica, sem querer faltar ao appello gratuito dos infelizes que só com elle contavam; e julgue-se que esse medico era ao mesmo tempo nesse logar a alma revolucionaria de todas as avançadas aspirações do momento e tinha de oppor com frequencia a sua palavra na Camara aos embates da forte maioria sustentada pelo partido dominante; e que esse medico-politico era ainda o redactor chefe de uma folha diaria, que elle muitas vezes precisava fazer sosinho do artigo de fundo ao folhetim, transformando-se e multiplicando-se prodigiosamente, e tereis uma fraca ideia da actividade intellectual e physica desse homem extraordinario.

A sua proposta, quando vereador, apresentada em 1869 á Camara Municipal de Campos e por esta publicada, diz claro o zelo e seriedade com que elle

tratou dos interesses e das reformas agricolas do Estado. A elle deve Campos o estabelecimento da sua illuminação publica, e depois, ainda por sua iniciativa, a substituição do gaz pela luz electrica; a elle deve o projecto da estrada de ferro de Carangola, deve a ponte de ferro sobre o rio Parahyba, e muitos outros melhoramentos e progressos. Combateu sempre com denodo a escravidão, e na Assembleia, como deputado, o seu verbo invencivel foi sempre um grito de revolta a favor de todas as liberdades, como o attesta uma sessão de 1864, em que elle peremptoriamente se declarou republicano.

E do *Monitor Campista* o seguinte periodo, em que o Dr. Portella prevê a revolução, a «independencia politica», segundo a sua phrase:

«...Cumpre sahir da hesitação e da duvida e entrar determinadamente na acção; importa banir do animo as apprehensões, desterrar os temores, e, inspirando-se no sentimento da sua força, urge querer, porque seja de ora em diante a nossa divisa—Querer é poder!»

E com effeito, assim o provou o revolucionario golpe decisivo de 15 de Novembro. O querer foi poder.

*

Em 1876 escreveu um precioso compendio philosophico, que até hoje ainda se acha em manuscripto, intitulado *Epitome de philosophia racional e moral*. E' um livro destinado a revolucionar scientificamente a parte da nossa instrucção publica que se refere áquella disciplina Basea-se todo nas sciencias positivas.

O capitulo sobre as paixões é muito original e obra de mestre; só por si dá ao trabalho inapreciavel valor.

Sobre o famoso livro do Dr. A. Culerre *As fronteiras da loucura*, do qual traduzio e annotou grande parte, escreveu um estudo digno de admiração, em que, com mira na medicina legal, prova brilhantemente o papel da responsabilidade, dando scientifica definição de todos os generos de loucura.

Das fadigas da clinica activa e da imprensa diaria e das lutas politicas descansou o Dr. Portella o seu espirito na litteratura amena, escrevendo, com o pseudonymo de *Radymyra*, ligeiras e encantadoras producções de fino lavor. *A Visão da eternidade*, — *A Caridade*, — *O lago dos sonhos*, — *Sexta feira santa*, — *Saudades e esperanças*, e outros e outros mimos de prosa litteraria, dão boa cópia de mais essa bella face do seu talento. Escreveu tambem trabalhos de critica litteraria e artistica, como sejam *Os poetas campistas*, e variados artigos sobre exposição de pintura, onde se revelam largos conhecimentos de estetica.

Amigo intimo de Charles Ribeyrolles, que o tinha em grande apreço, pedio, numa eloquente phrase, em 2 de Dezembro de 1865, á Assembleia Provincial, de que era membro, alguns palmos de terra em que para sempre descansassem os restos mortaes do illustre proscripto francez. A Assembleia concedeu unanimemente a sepultura pedida, para a qual Victor Hugo, tambem amigo do morto, compoz o epitaphio. Mais tarde, quando já governador do estado do Rio de Janeiro, fez o Dr. Portella com que os ossos de Ribeyrolles fosssem solemnemente transladados da modesta cova em que jaziam para um mausoleu perpetuo no cemiterio de Maruhy, honrando condignamente d'esse modo a memoria d'aquelle seu desventuroso e desterrado confrade.

*

Chamado, logo em seguida á proclamação da Republica, para governador do estado do Rio de Janeiro, o Dr. Portella, apezar dos escolhos antevistos, assumio sem hesitar a difficil direcção que lhe era designada e conseguio estabelecer e manter a ordem e remover os perigos e sobressaltos de tão grande commoção social, sem empregar o menor acto de violencia.

A situação economica do Rio de Janeiro encontrou-a elle nas peiores condições; o erario exhausto, o exercicio financeiro tocando o seu termo, e a administração, no fim da arrecadação das rendas, achando-se balda de recursos para occorrer ás despezas publicas e ainda diante de terrivel paralysação dos negocios; as terras não tinham valor; a agricultura morria por falta absoluta de braços e de capitaes; o commercio e a industria desfalleciam desesperados. O desanimo era geral e completo; a situação perigosa e acabrunhadora.

Mas o Dr. Portella, com a energia, actividade e talento administrativo de que dispõe, metteu hombros á empreza, e em breve o Rio de Janeiro era um Estado florescente e rico. As suas terras começaram a subir de preço de um modo assombroso, a lavoura e o commercio reanimaram-se, adquirindo forças que nunca tinham tido, e a iniciativa particular começou a explorar riquezas até ahi desconhecidas pelo proprio Estado que as possuia.

A constituição promulgada por elle, em virtude do decreto do governo provisorio, foi a mais completa, a mais harmoniosa e mais democratica que é possivel imaginar. O seu plano geral de viação, concebido e criado rapidamente, é um padrão de gloria administrativa e de calculo financeiro; com esse plano estabelece-se uma facil circulação em todo o vasto Estado, dando prompta sahida á producção, não só do proprio Estado como dos visinhos e limitrophes, para os paizes estrangeiros.

E não parou ahi: Reformou radicalmente a instrucção publica, desenvolvendo-a com criterio, povoando o Rio de Janeiro de escolas e arrancando do analphabetismo milhares de infelizes, condemnados á ignorancia. Sob a acção energica e fecunda do seu governo, aquelle Estado transformou-se e vio de repente alargarem-se os seus horizontes; se a contra-revolução de 23 não o tivesse privado do seu governador, elle seria hoje talvez o mais importante do Brasil

O Dr. Portella sahio do governo do Rio de Janeiro mais pobre de que entrou, e deixou o Estado em pé de riqueza que até ahi nunca desfructára.

Mas a grande parte da população fluminense continúa a ver n'elle o seu governador moral, porque comprehende que, se ainda alguma coisa lhe resta que não seja de todo má, é reflexo do benefico impulso que recebeu de suas mãos. Apezar de apeiado do poder, a gratidão e a justiça d'esse hoje infeliz povo formaram em torno do honrado governador deposto, um enorme partido, que é para o Estado a preoccupação do presente e a sua garantia do futuro.

*

Não! Definitivamente não cabe em tão pequeno espaço a sombra de tão grande vulto!

ALUIZIO AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

E venham cá dizer-me que não ha dinheiro nesta boa terra!

Olhem as acções do Banco Nacional do Brasil, disputadas como se fossem bilhetes para as primeiras representações do *Falstaff*!...

Olhem os bilhetes para as primeiras representações do *Falstaff*, disputados como se fossem acções do Banco Nacional do Brasil!...

*

Oh! o *Falstaff*!...

Ha no mundo uma capital, uma só, que se dá ao luxo de manter ao mesmo tempo duas companhias lyricas de primeira ordem, e de assistir a duas primeiras representações do *Falstaff*, na mesma noite, em dous theatros diversos. Essa capital é o Rio de Janeiro.

E' verdade que nessa mesma capital se ouve, desde pela manhan até a noite, um côro unisono e terrivel contra a baixa do cambio, a depreciação do dinheiro, a carestia geral, a difficuldade, ou antes, a quasi impossibilidade de viver; mas ninguem creia na sinceridade d'essas queixas... A carne está a dez tostões? Pois esteja! Em compensação os Srs. Ducci e Ferrari não pedem duzentos mil réis por um camarote...

*

Os leitores foram mais felizes do que eu: tiveram dous *Falstaffs* á sua escolha, e eu não tive nenhum. Cahi doente. Escrevo esta chronica sabe Deus como!

Apenas me foi dado assistir a dous dos ultimos ensaios do *Falstaff* do Lyrico...

*

Alice e Meg, as alegres comadres do velho Will, e o exuberante sir John inspiraram a Boito um *libretto* cheio de bons versos, com exquisitas e sonoras rimas; mas... francamente: acham-lhe muita graça?

Prestei a maior attenção ao misero Falstaff, que me foi exhibido, qual outro cavalheiro da triste figura, nas situações mais ridiculas, obrigado a esconder pelos cantos os seus fracassos de namorado sem ventura, levado até o fundo de um cesto de roupa suja pela implacavel estrategia das comadres, e atirado ao Tamisa; e vi-o depois, naquelle mesmo delicioso parque do *Sonho de uma noite de verão*, impiedosamente matraqueado por suppostas almas do outro mundo.

Todas essas coisas se passaram ao som de uma musica muito bem feita, e alegre, mas de uma alegria tão violenta, que apenas conseguio atordoar-me; — uma alegria... dramatica!

Se eu affirmar, leitor benevolo, que a peça me fez rir, ficarei com o remorso de haver faltado á verdade...

Dizem que o divino Verdi, durante todo o tempo em que escreveu esta partitura, levou a rir-se da sua propria obra...

Eu confesso que debalde procurei o phenomeno que me prometteram. Verdi é no *Falstaff*, como no *Othelo*, o musico genial dos grandes dramas romanticos. Este opulento ensaio de lyrismo buffo não o transformou, como me tinham dito.

Aquelle grito, por exemplo, que solta a orchestra inteira quando o cesto de sir John é atirado ao rio, poderia da mesma fórma indicar uma situação dramatica. O effeito comico ahi é produzido pelo que se vê e não pelo que se ouve...

Não! decididamente *Falstaff* não me faz rir. Rabugice do enfermo, dirão. Talvez. O *Barbeiro de Sevilha* continúa a ser, para mim, o modelo das operas buffas.

A.

CONSOLAÇÃO

A VALENTIM MAGALHÃES

Ninguem alheias afflições censure,
Nem menosprese o sentimento alheio,
Pois que a ventura é louco devaneio
E não conheço bem que eterno dure.

Por mais que só delicias se procure,
Sempre, ominoso espectro de permeio!
Paira a desdita atroz! paira o receio,
Como funesta estrella que fulgure!

Em tudo punge a dor, em tudo existe
Desespero cruel, que em vão blasphema
E ruge e grita em vão! Apenas, triste,

Vae, na saudade meiga e dolorida,
Achar o coração, bella e suprema
Consolação dulcissima e querida!

GEORGINA TEIXEIRA.

A HECTICA

A MARTINS JUNIOR

Ella costumava tomar leite todas as manhans e fazer um passeio curto. Eu via-a passar muito pallida, de uma fragilidade de lyrio, vagarosa e offegante, com aquelle ar indifferente e desolado das molestias chronicas, que sugam pausadamente, sorrateiramente a vida. Tinha o olhar languido, frio e saudoso das pessoas exhaustas, perdidas, que se sentem desmoronar aos poucos.

Trazia sempre um *water-proof* azul, de laço atraz, que deixava apenas a barra do vestido de fóra, pondo grandes pregas de largura pela estreiteza ossuda e deformada das costas.

O pae, um velho magro, de physionomia agradavel e respeitosa, ainda erecto de robustez, os cabellos algodoados pelos annos, o ar gentleman, dava-lhe com segurança o braço, e envolvia-a, muito carinhoso, numas animações tão consoladoras, verbalisadas a voz forte, que ella chegava a sentir, por momentos, alargar-lhe o coração ondas de saude, de envolta com aquellas palavras!

Achava-se até melhor, mais rija, naquella grande esperança que acompanha intimamente os tisicos, e vinham-lhe sorrisos rapidos, que lhe faziam contrahir levemente os labios desmaiados, deixando a descoberto a claridade alinhada dos dentes sãos; fitava o velho com alegria, com ternura: era a sua saude.

Mas logo depois, o nervosismo, o hysterismo faziam-na cahir numa nostalgia funda, de todas as horas, num presentimento vago e fatal de tumulo proximo; e então, chorava perdidamente, apparecendo-lhe, com mais violencia, uma tosse secca e tilintante, acompanhada de ruidos soturnos na caverna do peito e borbotões quentes de sangue vivo.

Uma manhan, deixou de dar o seu passeio costumado. O Azul estava fresco e scintillante, alastrado de luz, cheio de aromas e cantos, cortado da alegria da terra. O sol surgia claro e magnifico, confortador e bom.

Passei todo o dia com a imaginação cheia da lembrança d'ella, preoccupado, temeroso, na incerteza do que lhe teria acontecido.

A' tarde, um tropel de gente, no rumor discreto e pacato de uma rua provinciana, fez-me chegar precipitadamente á janella.

Era ella, a triste e desventurosa creatura, que eu via passar todas as manhans, que partia agora para além, no seu estreito caixãosinho azul, e que nunca mais, nunca mais voltaria!...

VIRGILIO VARZEA.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

III

Teus olhos têm fulgor de encandecido asphalto.
A' luz d'elles, eu sinto as delicias frementes
Com que em versos sensuaes e lagrimas ardentes,
Amor sem fim, ventura em extaxis, exalto..

Quando longe de mim, como soluço, falto
Das forças varonis, dos impetos latentes!
Elles são que, em furor e em lutas renitentes,
Lançam-me os gosos crueis em teterrino assalto ..

Nas retinas iriaes como que existem mares,
Ora em calma serena, ora em brutas procellas,
Banhados de desejo ou languidos scismares.

E nos nossos joviaes, nocturnos sacrificios.
Ellas são, ó formosa, as duas lampadas bellas
Que aclaram nosso leito – o branco altar dos vicios.—

IV

Que delicado olor vae se espalhando em torno!
É o acre aroma gostoso, esse aroma de carne
Dá-me o impeto brutal porque louco descarne
Teu bello corpo ideal, assetinado e morno...

Sangue! Bello seria em cada leve adorno
Uma gota sanguinea! Ah! o delirio se encarne
N'essas veias azues mais que os jardins de Marne
Cheirosas . Patenteia o nitido contorno,

A plastica serena, os assombrosos traços
Da belleza triumphal: dá-me a grandiosa cruz,
Para eu morrer feliz em teus formosos braços!

Deixa o beijo picar-te os labios de roman:
Que eu sinta o casto amor do mystico Jesus
Com as delicias brutaes do tragico Satan!

CUNHA MENDES.

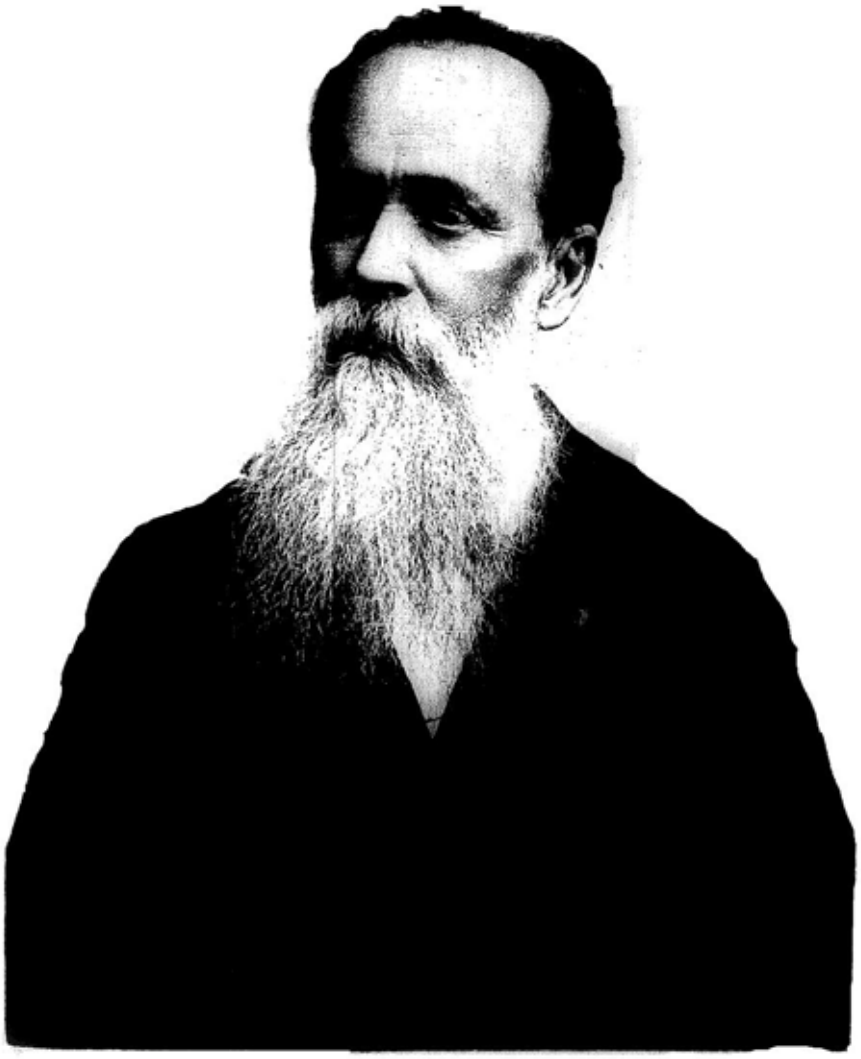
VIVENDO...

NOTAS INTIMAS

1ª Nota

Rua do Ouvidor!... O bonde transpõe a ultima rua silenciosa; lojas começam a apparecer; cores de reclame ferem a vista, gritando á luz intensa do sol; — vehiculos cruzam-se, atordoando os ouvidos; ha gente pelas portas, gente pelas calçadas, gente ainda pelos bondes... Rua do Ouvidor, em breve! sente-se como a palpitação de um outro mundo proximo; estas vozes que ouvimos são o echo de outras, mais longe: o movimento que já se nos faz

Anno I O ALBUM Num. 32



DR FRANCISCO PORTELLA

em torno é a vibração de um outro, louco, irrequieto, confuso, — mais longe...

Dentro do peito, salta o nosso coração ; os nossos nervos sacodem-se como tocados por uma pilha electrica ; o nosso espirito divaga, allucina-se, não quer pensar ; uma attracção de prazer o toma, uma attracção forte, de prazer que se deseja, porque seduz, mas que se teme, porque mata, porque póde matar...

O bonde, ao termo da viagem, tem mais pressa dobra sc'a ultima curva ; vertiginoso, num arranco elle atira-se, galga o ponto, arrogante.

Aqui, de certo, é que está, é que pulsa a fonte da nossa vida... Rua do Ouvidor! Ha calor, ha tumulto, ha loucura; como que todos os corações se uniram ; ha o fremito de mil existencias diversas mescladas, —a convulsão do soluço, a nota sonora do riso.

Côres baralham-se : o roseo da felicidade, do amor ; o perola da melancolia ; o sangue, o côr de fogo da victoria ; o negro da magua...

Aonde vae esse mundo ? que quer esse mundo ? que faz esse mundo ?

Viver! occupar esses annos de vida que nos cãibam, de qualquer modo, como o temperamento nos exija, como o espirito nos peça... Rir ! que coisa melhor que o riso, o riso argentino da alegria, o riso mesmo perverso, o riso que fere, que se delicia com a dor ?... Chorar ! chorar, embora ! que consolo o da lagrima, a lagrima silenciosa e intima, mas a lagrima franca, tambem, a lagrima que é um requinte, a lagrima que satisfaz, que purifica a alma, da magua, consumindo a tristeza, até a ultima gotta... Que allivio o do soluço, o soluço que é um protesto contra a alegria dos outros !...

Ser máo, ser bom ; amar, odiar... tudo, tudo : o que nos peça o nosso temperamento, o que o nosso espirito exija. . Viver ! como é bom viver !...

*

4ª Nota

Por estes dias de sol, rutilantes, a minh'alma não soffre, esquece todas as suas dores ; como que lhe parece impossivel que, na verdade, ella soffra, que se possa, mesmo, soffrer. Um desejo, uma necessidade de sahir, me vem, de sahir, deixar tudo ; — livros, livros que preciso ler, já e já ; trabalhos, trabalhos que tenho pressa de corrigir, que me alvoroto por tel-os correctos, emfim, para passar a outros, escrever outros; uma necessidade, um desejo, me enchem de sahir, mas para o campo, para a natureza, para o silencio das grandes estradas onde a vida é escassa ainda...

Saio. Pelo caminho, que alegria ! Sinto em mim a alma de uma criança ; dão-me vontades de correr, gritar... e prosigo, e vou quasi saltando, quasi cantando, ligeiro e feliz...

Nada existe do que me tortura ; só, a felicidade, a bondade, a alegria !... A vida, deve-se leval-a assim, nestes dias : não se pensando... fóra, por uma bella paizagem onde haja muito arvoredo... sem destino... á toa...

Imagino venturas. Sonho-me num *cabaret*, a um angulo da estrada, sob uma varanda coberta de trepadeiras, bebendo, a largos intervallos, por grosseiros canecos de barro vinho fino,—em um extase, a ouvir uma doce musica sentimental, longe, sem ver, sem saber quem a está cantando ou tocando... Vejo-me ainda, ahi, mas com uma rapariga fresca e bonita, cheirando a campo, sobre os joelhos, contando-me a sua historia, por entre beijos e goles de vinho...

Melhor, porém, sósinho Manchas de sol tremem sobre o tijolo da varanda, na sombra das trepadeiras agitadas de um fremito ; uma borboleta approxima-se... foge; ouve-se um passaro gorgeiar, distante, —outro vem saltitar em uma mesa visinha ; uma carroça de bois passa, vagarosa e pesada ; uma voz desconhecida faz-se ouvir, não se sabe onde... E os olhos turvam-se, como que syncopes sacodem-nos o cerebro, em sonhos vagos,— diante da luz intensa, faiscante... da poeira, da nevoa de luz ouro e pallido do dia !... Parece-me que não existo : sinto-me nada ; quem existe é a natureza, é o Todo... Sinto-me apenas um atomo dançando no ar como esses atomos que se veem tremer na luz:.. num raio de sol que entra por uma fresta...

RAUL BRAGA.

VIDA

Tuto scintilla e ri, tudo floresce!
Das arvores na verde ramaria
Gorgeiam aves doudas de alegria...
— A Primavera os campos reverdece...

Manhan loura e fragante ! Alto apparece,
De luz enchendo o espaço e de ardentia
O velho sol ; renasce a pradaria ..
A Natureza um cantico parece !..

Na embriaguez do aroma, as borboletas
Voam por entre as flores, irrequietas,
Pandiculando as azas multicores...

Ha pelas moitas vozes amorosas...
— Se eu percebesse as fallas mysteriosas
Das leves borboletas e das flores!...

A. PERES JUNIOR.

Publicações recebidas :

— *Naufragios célebres en el Cabo Polonio, Banco Ingles y Océano Atlantico*, um bello livro do conhecido escriptor oriental Dom Antonio D. Lussich, editado por Dom A. Barreiro y Ramos e nitidamente manufacturado na Imprensa Nacional de Montevidéo. O maior elogio que podemos fazer d'esta obra, já em segunda edição, é transcrever as seguintes palavras de Samuel Blixen, um dos homens de lettras mais bem preparados da republica visinha : « Antonio Lussich acaba de publicar un livro que, por varios con-

ceptos, merece llamar la atención. Pertenece, por de pronto, á la *aristocracia* de las obras que se hacen leer, aprisionando al lector con los poderosos tentáculos de un interés sostenido y persistente; y es, por otra parte, de los pocos que dejan en el espíritu una huella durable y profunda, estimulando la fermentación de la santa levadura de instintos buenos que cada cual conserva en el fondo de su alma, con el ejemplo de los grandes actos de valor, de abnegación ó de generosidad. » Entre os naufragios de que trata este livro commovedor, está comprehendido o do nosso pobre *Solimões*.

— Os primeiros numeros da *Chronica*, folha politica e litteraria, de que são directores os apreciados jornalistas João José Cezar e Eugenio Pinto, e que se publica, aos sabbados, nesta capital.

MINIATURA

Do seu palacio de flores,
Do seu throno de escarlate,
A rainha dos amores,
Que os coracões torce e abate,

Vendo minh'alma deserta,
Sem crenças, toda tristeza,
Trouxe-me a luz, fez-me a offerta
De uma celeste riqueza...

Não foi buscar meu thesouro
No seio immenso dos mares,
Nem nas floreas ilhas de ouro
Das lendas, nem nos luares.

Com seu condão simplesmente,
Mudou-me a sorte impiedosa,
E abrio me o céo de repente,
Pondo-me perto de Rosa...

E como ter mais abrolhos,
Como ter no mundo prantos,
Se eu vejo o mundo n s olhos
Da moça de mais encantos?..

Vêde-a... Que graça ondulante,
Nessa esculptura se esbate!
Tenho certeza: é um diamante
De inestimavel quilate ..

Seus olhos? Porém, como ha-de
A musa... Emfim, comparae-os
A's noites de tempestade,
Relampagueantes de raios.

E os labios que, de tão bellos,
As flores deixam patetas
De inveja, quantos Othelos
Farão, dizei, quantos poetas?

Seu talhe esvelto, espumoso,
O garbo das fórmas cheias,
Têm o encanto vaporoso
Das vaporosas sereias.

Galante como as orchideas,
Seu corpo, de parte a parte,
Guarda prodigios de Phydias,
Esconde assombros de arte...

Os olympicos lampejos
Do collo, e o mármor dos braços,
Pedem corymbos de beijos,
Pedem collares de abraços.

Ha opio de mil perfumes
Nas suas tranças tão puras,
Tão negras como os negrumes
Das negras uvas maduras.

Niveos flocos! Graças magas!
Escondei-vos ante o arminho
De seus seios que são vagas,
De seus seios que são ninhos.

Que mãos! Vejo-as tão pequenas
Que, n'uma gotta de orvalho,
Ou nas tenras açucenas
Presumo que as agasalho...

Microscopicos, são gazas
Seus leves pés crystalinos.
Penso, ao miral-os, nas azas
Dos mais lindos vicelinos.

Em summa, p'ra descrevel-a,
Basta dizer que, em passando.
Deixa o clarão de uma estrella,
Deixa uma essencia boiando...

ARTHUR ANDRADE.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XI

(Continuação)

Quando Dolores entrou no salão, a conversa mudou, como succede sempre que uma terceira pessoa intervem num assumpto, que aos interlocutores não convem divulgar.

— Que nos conta, Guilherme?

— A novidade do dia, o apparecimento de uma obra dramatica escripta por um oriental.

— Por um oriental? — interrogou Carmen, demonstrando na physonomia assombro inesperado, tal era o milagre de um compatriota escrever uma comedia, em vez de se ~~occupar de um livro sobre~~ politica.

— Com que... escripta por um oriental? E como soube?

— Pelos cartazes.

— O nome do autor?

— Ignorado; provavelmente algum cavalheiro de industria da literatura.

— Ou algum modesto do seculo desoito.

Guilherme applaudio com uma risada de pouca vibração.

—Em todo o caso...

E não continuou. A um ruido de passos bem marcados succedeu a presença imponente do coronel Blanco.

O velho militar correspondeu ao comprimento de Guilherme e fixou um olhar investigador, como

homem acostumado a ler á primeira vista na physionomia dos individuos.

Este movimento foi rapido. E logo, sem querer interromper o que ia a pronunciar á entrada:

— Em todo o caso... como dizias... — exclamou, como que interrogando, o coronel.

— Em todo o caso, é necessario que em tempo encommendes um camarote.

Carmen explicou ao padrastro do que se tratava, e manifestou toda a sua admiração, ella que até aos 18 annos ignorava o que fosse uma peça dramatica, escripta por um oriental. E accrescentou maliciosamente:

— Aposto que a peça ha de ser uma comedia politica.

O coronel baixou a fronte como quem se queria recordar de algum facto.

— Em que pensas? perguntou a moça.

— Quem será o autor?

— Mediocridade! atalhou Guilherme.

— Recommascido! arriscou Carmen em tom esarninho.

Ha de ser plagio! aventurou Dolores.

O coronel pensava, respondendo com um movimento oscillatorio do index, como gesto negativo e duvidoso.

De repente, bateu fortemente na testa com as pontas dos dedos e pronunciou o nome de Lucio.

— Lucio? — interrogaram todos.

Carmen e Guilherme voltaram-se e olharam-se transidos de admiração.

XII

A's oito horas principiava a corrente de curiosos a estabelecer-se na rua e no interior do theatro *Solis*.

O espectaculo estava annunciado para as oito e meia.

No *saguão* do theatro passeavam os pares. A pouco e pouco subiam as fumaradas. Do tecto pouco se distinguia já; uma nuvem carregada estendia-se por sobre os concurrentes. Os charutos e cigarros fumegavam a toda força como chaminés de um leviathan *steamer*.

Dos lados, ouvia-se o trinado dos copos nos botequins.

Principiavam as salvas da cerveja Robillard. De quando em quando abriam-se alas para que passassem as familias que se dirigiam aos camarotes. Os mais ousados estendiam a cabeça para apreciar de mais proximo o effeito dos adornos dos vestuarios. Se viam conhecidas ou amigas, *trinavam*, entre um sorriso e um mencio faceiro de corpo, um comprimento delambido.

E logo voltavam-se para os amigos a dizer quem era, quem não era e a sublinhar umas considerações maliciosas, que faziam rir.

E como sempre, á vista de tal exemplo, um indifferente de baixa tempera arriscava opiniões, mil vezes repetidas em eguaes casos.

— Que luxo! — exclamava... Os demais approvavam com um arregallar de olhos.

O *philosopho* á vista do exito, concluia:

— Vão ver... ainda o não pagou. As mulheres são assim...

A orchestra dava signaes de vida. Vibrava o *lá* da afinação. O *piston* brilhava com a sua energica voz de *tenor* instrumental.

As rabecas arrastavam a monotonia da sua maneira de afinar.

O flautista, homem de consciencia tranquilla e capacitado de que possue um instrumento sempre em tom, contentava-se de descer e subir umas escalas, intermediadas de phrases poeticas de tal ou tal opera. Ao *charivari* orchestral correspondiam o vozerio da sala e a sineta do palco, chamando artistas e espectadores.

A animação crescia. O theatro sentia a palpitação nervosa da curiosidade. Em frente a um cartaz, um grupo commentava o sigillo do autor, de não querer publicar o nome, em seguida ao titulo da comedia.

Sobremodo, o que fazia especie a todos os assistentes, era a exentricidade em intitulal-a de similhante maneira.

E todos confessavam que alli haviam comparecido para assistir a mais um *fiasco*.

Não esperavam bom exito.

— Emfim... — accrescentavam — é para rir; sempre se ha de passar o tempo.

— Sempre desconfiei d'estes comediographos que estreiam!

— E eu... arriscou um rapaz, dado a ditos de espirito, cá estou para que se não diga que não costumo auxiliar a *industria* nacional.

E logo, sem se voltar, para receber o applauso da gargalhada, seguio altivo e perfilado, de fronte alçada e queixo sustentado nas pontas de um collarinho á *lord* Palmerston, e mãos nas costas, sumidas em luvas côr de canario baio, e brincando com a *badine* de ebano, encastoada a ouro.

A' porta central da sala do espetaculo, esperava, com anciedade patente, um moço que á primeira vista respirava o grande tom. Mordia a ponta do bigode vistoso e projectava um olhar curioso em direcção á porta do saguão.

Era Guilherme Tosti á espera da familia Blanco.

Que Carmen viria, sabia-o elle desde o dia em que visitára pela primeira vez a esposa e a enteada do coronel.

Entretanto, a perturbação do rapaz tinha outra causa mais digna de reparo.

E assim era. Instantes havia, que por junto d'elle passaram Lucio e Carrero, deixando-lhe no espirito, em adiantado desenvolvimento, o germen da inveja.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

ROLLO, PRINCE DE NORVEGE

Hella, fille du roi de Danemark, est blonde
Comme l'ambre et le miel, et Juillet dans les blés.
Blonde comme les brocs de bière qu'à la ronde
Se passent, chaque soir, ses frères attablés.

Et Rollo, fils du roi de Norvège, est robuste
Comme les demi-dieux qu'on chante, et les héros.
A voir sa nuque large et l'ampleur de son buste,
On sent qu'il porte en lui la force des taureaux.

Et la frêle Princesse aime le chasseur mâle
Qui n'a point peur des ours, des hommes, ni des loups;
Et le Prince terrible aime la fille pâle
Pour ses cheveux d'or fin, moins blonds qu'ils ne sont doux.

*

Les pères sont rivaux. — Ils ne savent plus guère
Pourquoi, vieil héritage, une haine est entre eux;
N'importe! Les aïeux, jadis, furent en guerre,
Et leurs petits-enfants ne pourront être heureux!

Ils se revoient, pourtant, en secret, aux étoiles...
Mais des traîtres sont là, car il en est toujours:
Et comme l'araignée ils ont tendu les toiles
Où viendra s'engluer l'aile de ces amours!

*

L'embûche a réussi. — Vers la forêt prochaine
On entraîne Rollo, maté sans coup férir;
Dans un ravin tragique, au tronc d'un jeune chêne
On l'attache. On lui dit comment il va mourir.

Des fers à chaque bras, des fers à la ceinture,
Il ne doit plus voir l'aube et le soleil levant;
Les bêtes de la nuit en quête de pâture
Trouveront le chasseur et l'auront tout vivant.

Les Danois sont joyeux: leur querelle de race
A son compte, et, ce soir, gai sera le repas;
Etendus pêle-mêle, ôtant casque et cuirasse,
Ils raillent. — Lui, rêveur, ne les voit même pas.

*

Deux cris: — « Hella! » — « Rollo! » — l'arbre tremble, l'écorce
Se coupe, et les chaînons s'enfoncent jusqu'au bois:
Sous une tension d'irrésistible force
Tous les maillons, rompus, éclatent à la fois;

Et le héros bondit; il ramasse une hache:
D'abord, le sang du Roi rougit le gazon vert;
Et puis, sept fois encore, un sang royal le tache
Quand les fils, à leur tour, tombent, le crâne ouvert!

*

Rollo soutient Hella défaillante; il caresse
Son adorable tête et ses cheveux soyeux:
Et voilà que, tandis qu'il soulève une tresse,
Un clair et bon sourire a passé dans ses yeux.

*

— « Rollo, je t'appartiens, dût le Ciel me maudire;
« Je n'ai point fait de mal et n'ai pas de remords;
« Mais, — toi qui les tuas! — comment peux-tu sourire,
« Quand, à peine, mon père et mes frères sont morts! »

— « Hella! je me disais qu'en me liant au chêne,
« A s'y prendre un peu mieux, on devrait aviser:
« Si l'un de tes cheveux avait été ma chaîne,
« Jamais je n'aurais eu le cœur de la briser! »

VICOMTE DE BORELLI.

THEATROS

LYRICO E S. PEDRO.—Duas companhias italianas de primeira ordem realisaram, na mesma noite de 29 de Julho de 1893, as primeiras representações do *Falstaff* no Rio de Janeiro. Este facto, um dos mais notaveis que se têm dado nos nossos theatros, naturalmente repercutirá no mundo inteiro.

A opera de Verdi está julgada; não teremos a pretensão de analysal-a nestas fugitivas columnas. O desempenho, por parte dos cantores, dos côros e das orchestras, nos pareceu magnifico em ambos os theatros. E' difficil dizer qual dos dous Falstaffs mais nos agradou, se Falstaff-Camera ou se Falstaff-Scotti. O emprezario Ducci e o empresaeio Ferrari .. empataram.

—No S. Pedro cantou-se outra opera nova, *Pagliacci*, de Leoncavallo, o *Mephistofeles*, de Boito, e a popularissima *Caralleria rusticana*, de Mascagni; no Lyrico, os *Puritanos*, de Bellini.

*

LUCINDA.—A companhia de que são emprezarios os artistas Peixoto e Clementina, representou a opereta em 3 actos, de Ordonneau e Kéroul, traducção do Gervasio Lobato e Eça Leal, musica de Andran, o *Tio Celestino*. O libretto é engraçadissimo e a musica digna do autor da *Mascotte*. O desempenho está confiado a artistas da ordem de Christina Massart, Balbina, Peixoto, Maia, Flavio, etc. O *Tio Celestino* tem agradado a valer.

*

RECREIO.—Voltou á scena neste theatro o famoso *Bendegó*.

*

PHENIX —A companhia Machado poz em scena o *Capadocio*.

*

A companhia Tomba têm variado os seus espectaculos do Polytheama com operas e operetas já representadas; no Apollo annunciam-se as ultimas representações da *Volta do mundo;* o Variedades continúa a explorar o *Gafanhoto* e o Sant'Anna a *Conquista dos Talismans*.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:
LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.
LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 33 SEGUNDA SÉRIE AGOSTO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26$000 e 13$000.—Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

VALENTIM MAGALHÃES	Lucio de Mendonça.
A LOPES TROVÃO	Arthur Azevedo.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
POEMA DA CARNE	Cunha Mendes.
FALSTAFF	A. Camarate.
O ARTISTA	Francisco Lins.
MÃE	A. Foscolo.
AVE-MARIA	Virgilio Varzea.
ATE A MORTE	Joaquim Sarmanho.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONO	Alfredo Bastos.
BEATRIZ	Adelino Fontoura.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

ANTONIO JANNUZZI

VALENTIM MAGALHÃES

Ha de haver quinze annos, começou a apparecer na imprensa, e desde então nunca mais se ausentou d'ella, este nome. Em pouco tempo, entrou a destacar-se do crepusculo matutino do jornalismo de estudantes para surgir na grande publicidade. Com cinco annos de tirocinio na imprensa academica de S. Paulo, e logo que d'alli veio com a carta de bacharel em direito, foi para a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, convidado por honrosa carta collectiva de toda a redacção da excellente folha de Ferreira de Araujo. Tendo fixado residencia na capital, consagrou-se difinitivamente á imprensa, e na *Gazeta de Noticias*, na *Semana*, no *Paiz*, na *Tribuna Liberal*, no *Novidades*, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, no *Diario Mercantil* e no *Estado de S. Paulo*, da capital paulista, no *Diario da Manhan*, de Santos, no *Diario de Minas* e no *Pharol*, de Juiz de Fóra, nos mais notaveis jornaes brasileiros, e em alguns d'elles simultaneamente, tem espalhado, sem descanço e sem desfallecimento, uma vasta producção, desegual sem duvida, mas constante, nutrida, pródiga e vária, com que se formariam dezenas de volumes.

Além do que tem disperso pela imprensa periodica, possue livros: as *Ideias de moço* e o *General Osorio*, opusculos de estreia, feitos em collaboração com Silva Jardim; *Cantos e Luctas*, collecção de versos; a *Vida de seu Juca*, parodia á *Morte de D. João*, escripta com seu irmão Henrique de Magalhães; os *Quadros e Contos*; os *Vinte contos*; as *Notas á margem*, critica; o *Escandalo*, critica, em collaboração com o autor d'estes apontamentos; as *Historias alegres*; os *Escriptores e escriptos*; as *Notas á margem dos « Ultimos harpejos »*.

Para o theatro tem escripto varias revistas de anno, algumas com successo, como a *Mulher-homem*, sua e de Filinto d'Almeida, com quem egualmente traduzio de Echegaray o *Gran Galeoto*, que foi um triumpho, e *No seio da morte*; além d'isso, tem algumas comedias originaes, não representadas, como o *Casamento nullo* e os *Doutores*.

Tem a publicar nada menos de quatro volumes: *No lar*, prosa e verso; *Bric-à-brac*, prosa, contos, phantasia, critica, humorismo; *Na brecha*, critica e polemica; e *Paginas de hoje*, diario de um nevrosthenico.

A sua actividade intellectual é das mais notaveis e desmente a accusação de indolencia que pesa sobre os brasileiros: simultaneamente com esta exhuberante producção litteraria, Valentim Magalhães foi, durante quatro annos, lente de pedagogia na Escola Normal, regeu a cadeira de Direito Militar e Constitucional da Escola Militar, e ainda ensina Economia Politica na 2ª escola primaria do 2º gráu, da capital; trabalha diariamente como presidente da directoria da *Educadora*, companhia de seguros por elle fundada; advoga; estuda; lê; e ainda acha tempo para ser um dos mais alegres conversadores da rua do Ouvidor.

No jornalismo, o mais notavel de sua obra foi a secção *Notas á margem*, que, durante quasi dous annos, manteve diariamente na *Gazeta de Noticias* (1885-1886), e a *Semana*, magnifica revista litteraria, a melhor que temos tido, e na qual durante cerca de tres annos, prestou ás lettras nacionaes inestimaveis serviços, á custa do seu talento,

da sua mocidade, da sua saude, do seu dinheiro, tão laboriosamente ganho, do seu magnanimo esforço, tão despremiado.

Eil-o a dirigir outra vez a *Semana*, em boa hora rediviva, com auspicios e esperanças taes que, sendo o destino medianamente justo, hão de tornar-se em bella colheita de gloria e de pecunia.

Em quinze annos de publicidade, ás vezes diaria, sendo o ultimo decennio no jornalismo da capital, desajudado, peior do que isso — guerreado, e duas vezes, pelo menos, por verdadeiras potencias da imprensa fluminense — os redactores principaes do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Noticias*, Valentim Magalhães resistio e persistio. Não precisa mais para se aferir o seu real merecimento.

Tem hoje trinta e quatro annos, pois nasceu aos 16 de Janeiro de 1859, na capital; é casado e pae de tres filhos; está em pleno outomno do espirito; póde dar ainda ás lettras de sua patria muitas e bellas obras, se lhe permittirem dous mortaes inimigos — a dyspepsia e o *dilettantismo*.

LUCIO DE MENDONÇA.

A LOPES TROVÃO

Não é somente aos máos que o céo castiga:
Tu és tão bom, e entrou-te em casa a Morte!
— Perdoa: não ha phrase que conforte
O misero, bem sei, que perde a amiga.

Haverá muita gente que te diga:
« Tem paciencia... conforma-te co'a sorte...
Não chores mais... resigna-te... sê forte... »
Mas isso a alma consola e a dor mitiga?

Não deixes de carpil-a um só momento,
Pois só piedosa lagrima dorida
Suavisará teu longo soffrimento...

Chora a lembrança da mulher querida,
Da companheira que te deu alento
Contra as negras miserias d'esta vida.

ARTHUR AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

Corre pela bocca pequena que por estes dias estará terminada a guerra do Rio Grande do Sul.

Fazendo-me echo d'esse boato meigo e tranquillisador, espero em breve cangratular-me com os meus leitores pela celebração definitiva da paz, e reconhecer que a certo embaixador brasileiro assenta como uma luva o sonoroso nome de Victorino.

*

Emquanto não vê pairar no luminoso espaço a pomba da alliança, trazendo no canoro biquinho o classico ramo de oliveira, o fluminense vae dando largas ás duas paixões que o dominam: corridas de cavallos e theatro lyrico.

*

O grande premio Rio de Janeiro, realizado no Derby Club, foi uma festa esplendida. Levantou o premio o famoso *Aventureiro*, que já no anno passado praticára a mesma façanha e está hoje elevado com justiça á categoria de celebridade sportiva.

Aventureiro tem um nome de predestinado, um nome que, estou convencido, concorre para a sua fortuna. Na nossa terra todos os aventureiros são felizes...

*

A proposito de theatro lyrico, peço venia para archivar no presente numero do *Album* o bello e corajoso artigo que Alfredo Camarate escreveu e a *Gazeta de Noticias* publicou sobre o *Falstaff*.

Camarate pensa da opera de Verdi exactamente como eu, e diz no seu artigo o que eu diria se tivesse a sua autoridade e a sua competencia. Ainda assim, na minha ultima chronica esbocei ligeiramente um juiso que se approxima do d'elle. *Falstaff* será tudo quanto quizerem, menos uma opera-buffa. Aquella musica solemne e grave não se compadece com o libretto de Boito, uma farça onde Shakespeare entrou como Pilatos no Credo, — escripta em bonitos versos, e com umas coisas que seriam abominaveis indecencias, se fossem escriptas pelo Eduardo Garrido, pelo Moreira Sampaio, ou por mim.

*

Tivemos na rua do Ouvidor um incendio a que foram applicados os adjectivos *pavoroso* e *violento* que ultimamente têm sido desengavetados muito a miudo.

O predio incendiado acha-se a poucas braças de distancia da Editora Fluminense, que ha dous mezes foi reduzida a cinzas. O mal será contagioso?

Deus queira que não voltemos aos terriveis tempos da *Sinhasinha* e da *Creoula*, em que os pacificos habitantes d'esta então heroica e leal cidade perguntavam todos os dias uns aos outros:

— Onde será hoje o fogo?

Valha-nos o Corpo de Bombeiros, a nossa gloria, o nosso desvanecimento, o nosso ai-jesus!...

*

Reappareceu a *Semana*, o legendario e saudoso periodico de Valentim Magalhães.

Já se exhibiram neste primeiro numero alguns dos collaboradores da primitiva; todos as outros irão apparecendo a pouco e pouco.

Salve!

*

O discurso com que Ruy Barbosa pedio ao Supremo Tribunal Federal o *habeas-corpus* que foi

Lucio, um máo estar lhe sobrevinha, todas as vezes que pensava nessa noite de espectaculo.

— Primeiramente — cogitava elle— é imprudente annuir ao pedido de Carrero ; se bem que só tenhamos de applaudir no caso da comedia valer alguma coisa, não menos certo é que os outros farão o possivel para exalçar o pouco merito da peça. Depois, em caso de grande exito, perigoso será para a minha pretenção, porque Carmen se enthusiasmará com a victoria de Lucio. A vaidade demovel-a-ha do seu proposito de não attender a nenhum moço. Estou em falsa posição. Se me nego, ahi virá a justificação de que, no grupo dos que formaram o pacto, havia, como o disseram, um Judas ; sea elle me uno, vou por minhas proprias mãos cavar o sepulchro á minha pretenção.

O raciocinio sustou-se n'esse ponto. Guilherme ergueu ao de leve a ponta da luva e fixou no soalho da plateia um olhar obliquo e pezado, como se por ventura quizesse exprimir por simillhante modo as reticencias do cogitar dubio e vacillante.

— O melhor — pensou, depois de alguns momentos — o melhor é prevenir Carmen e machinar um enredo, de maneira a destruir toda a sympathia e amor que podesse brotar do triumpho que, provavelmente, espera *esse homem*. — No intervallo do primeiro para o segundo acto procurarei fallar-lhe.

Foi então que a enteada do coronel Blanco appareceu.

Luxuosamente vestida, acompanhava-a desde a porta do theatro um vozerio de admiração. Carmen pisava com a firmeza de mulher que tem consciencia de sua belleza e certeza de que a ficam applaudindo a *mezza voce*.

O coronel acompanhava a esposa e formava a retaguarda do grupo da familia. Guilherme sahio-lhe á frente e saudou, trasvasando no olhar a expressão de um sentimentalismo de rapaz propenso a aventuras amorosas. Carmen, a quem se formára a convicção de que os imbecis podem, por vezes, ter a sua utilidade, correspondeu ao comprimento com um mencio gracioso e com um sorriso, se não sincero, pelo menos capaz de se deixar tomar por tal.

Quando appareceu á boca do camarote, já Guilherme Tosti se achava commodamente quasi deitado na sua cadeira da terceira fila, e manejando, como general em posto de observação, o binoculo, assestado em pontaria sobre o rosto da feiticeira oriental.

Ao mesmo tempo, como navio emballado por vagas batidas de estibordo, a plateia voltou-se para a esquerda e fusilou a familia Blanco com um tiroteio demorado de olhares admirativos.

A' segunda intimação da sineta, vibrada por mãos de contraregra impaciente, respondeu a orchestra com os primeiros compassos estrepitosos de uma quadrilha de Arban, não só acompanhada pelos trombones e contrabaixos, como assobiada nos corredores pelos retardatarios que entravam ao festivo da musica, de ha muito do repertorio d'essas mediocres orchestras de theatros dramaticos.

Os theatros de Montevidéo, ao primeiro aspecto, nada offerecem de particular.

O seu todo é, apparentemente, o dos theatros europeos. A não ser a designação da *cazuela*, outra coisa não encontrará o estrangeiro que o impressione.

A *cazuela* é a ordem immediatamente superior á terceira de camarotes e, por assim dizer, a que serve de pedestal ao *paraizo* dos pobres, o setimo céo dos que pouco podem ouvir do que se profere no palco, mais propriamente o lógar de onde o poviléo se apraz a observar gestos de actores e a commentar os das familias que o esmagam sob o peso das suas sedas e fatuidades da sua indifferença.

A *cazuela* tem, ao longo da linha da balaustrada, cadeiras numeradas, seguindo-se outras filas de bancos em fórma de amphitheatro.

Alli só é permittida a entrada ao sexo feminino. E' independente e commodo de preço. A principio baralhavam-se as classes e só foi dado aos experientes e amestrados discernir as mulheres honestas das de vida airada que subiam ao *paraizo* do bello sexo.

O amor proprio das bem intencionadas tratou de salvar esta obiqua posição. Estabeleceu-se um pacto convencional : a parte da balaustrada á esquerda ficou sendo considerada como o *rendez-vous* das senhoras de boa tempera moral, deixando-se o demais espaço para o acampamento do mulherio, apodrecido na devassidão e disfarçado á força de pó de arroz.

Má coisa foram sempre as convenções.

D'isso resultou que, em menos tempo do que era de suppor, principiaram a mesclar-se ao baralho escolhido das *senoritas* de boas familias uns vultos suspeitos, embiocados em mantéos, negros como a escuridão nocturna, ou adornados com trajes especiaes, vistosos, mirabolantes, cosidos das sete côres do arco-iris e respirando a frangipana da *cocotte*.

Por outro lado, esta classe de gente que se aproveita de todas as opportunidades para estabelecer commercio ou quando menos ajustes, ainda mesmo tacitos, entendeu-se offendida no amor proprio, e por isso quiz confundir-se com as senhoras decentes da sociedade honesta, observou que seria prejudicada. E, com effeito, os gamenhos e os cynicos voltaram-se da plateia e dos camarotes de preferencia para as bandas suspeitosas da *cazuela*.

D'ahi a convicção de que ás más creaturas não convinha a companhia da gente recatada. E volveram ao campo que antes lhes fôra insensivelmente demarcado.

Em todo o caso, porém, os ricos, mormente as senhoras de maridos ricos, resolveram abandonar, de uma vez para sempre, a *cazuela*, e occupar unicamente camarotes.

Então, por associação de ideias, as pobres pretenciosas, as meninas que dormem mal, que se alimentam peior, que não se abrigam com flanellas, para tudo poupar em beneficio do velludo e da seda, as que pintam a alma com hypotheses e illusões, essas acompanharam o parecer das matronas capitalistas e decidiram votar ao ostracismo a *cazuela*.

De certo tempo, aureolou-se a segunda vistosa ordem de camarotes com a cinta graciosa e tentadora de mulheres, luxosamente vestidas, e *coquettement* bellas e interessantes. Um zodiaco cingido á sala de um theatro !

O mulherio, porém, prejudicou simillhante ideia. Capacitou-se das vantagens dos camarotes sobre a *cazuela*, e de quando em quando hombreou com as transfugas.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

BEATRIZ

Beatriz ! Beatriz ! Sombra querida,
Branca visão que em toda parte vejo,
E's a ventura unica que almejo,
Que outra egual me não fôra concedida !

Meu amor, minha crença e minha vida :
Todo o bem com que sonho e que antevejo,
Tudo que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, oh ! alma commovida !

Do meu amor não saibas todavia,
Pois que se egual amor te não mereço
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbiret á dor de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço !

ADELINO FONTOURA.

THEATROS

Os artistas do S. Pedro deram-nos a *Favorita*, de Donizetti, e o *Othelo*, de Verdi ; os do Lyrico o *Amigo Fritz*, de Mascagni. Foram todos muito applaudidos, sobresahindo naquelle theatro a prima-dona Judice da Costa, os tenores Cremonini e Mariacher e o barytono Scotti, e neste a soprano ligeira Baronat, o tenor Colli e o barytono Sottolani.

Para o Lyrico chegou o tenor De Marchi, contractado por telegramma para substituir o seu collega Gabrielesco. A sua estreia será hoje, no *Mephistofeles*, de Boito.

A companhia Ferrari despediu-se hontem com o *Falstaff*, de Verdi, e os *Palhaços*, de Leoncavallos.

*

A companhia Tomba deu-nos, no Polytheama, o *Fra Diavolo*, de Auber, uma boa edição da *Dona Juanita*, de Suppé, e, hontem, o *Velho da montanha*, opereta phantastica italiana.

*

No Recreio fizeram-se *reprises* das peças *Dom Sebastião, rei de Portugal*, a *Doida de Montmayour* e *Mulheres em penca*. O theatro tem estado sempre cheio

*

Os outros theatros nada nos deram de novo.

O Sant'Anna prepara-se para substituir a *Conquista dos talismans* pelo indefectivel *Surcouf*, e o Variedades prepara-se para substituir o *Gafanhoto* e a *Herança do 103* pelos *Talismans de Perlimpimpim*.

O Lucinda continúa a explorar o *Tio Celestino*, e a Phenix o *Periquito* e o *Capadocio*.

Promettem-nos dous *Lobishomens*, um no Lucinda e outro na Phenix, e no Apollo uma revista, *Abacaxi*, original de Moreira Sampaio e Vicente Reis.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 34 SEGUNDA SÉRIE AGOSTO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

Foi com o mais profundo pezar que recebemos a tristissima noticia do fallecimento da Exma. Sra. D. Celestina Lombaerts, esposa do Sr. Henrique Lombaerts, co-proprietario e editor do «Album».

Conheciamos o inestimavel thesouro que o nosso honrado e querido amigo acaba de perder, e avaliamos a intensidade do seu desgosto pelas virtudes da morta, — portanto, não podem ser mais sentidos nem mais sinceros os pezames que lhe enviamos nestas pallidas linhas, escriptas ainda sob a impressão de tão doloroso acontecimento.

A. A.

14—8—93.

SUMMARIO

ANTONIO JANNUZZI . . . . . Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . . A.
POEMA DA CARNE. . . . . Cunha Mendes.
ALMA VELHA . . . . . Raul Braga.
O AFRICANO. . . . . Mario Alencar.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO Alfredo Bastos.
Á NOITE. . . . . Julio Cesar da Silva.
MOONLIGT, IN THE CHANNEL. . . . . Virgilio Varzea.
THEATROS. . . . . X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

FONTOURA XAVIER

ANTONIO JANNUZZI

Este habillissimo constructor é filho da formosa Italia. Nasceu na Calabria em 1854.

Aos dezeseis annos immigrou para Montividéo, de onde veio para esta capital em 1874, contando apenas vinte primaveras.

A primeira construcção importante de que aqui se encarregou foi a do Plano Inclinado de Santa Thereza.

D'ahi em diante não teve mãos a medir. Tornou-se o terror dos « mestres de obra » e melhorou, digamol-o em honra sua, o systema de construcções do Rio de Janeiro, dando novas fórmas estheticas e uma elegancia sobria e despretenciosa ás edificações que lhe foram confiadas.

Entre estas, que são innumeras, citemos o elevador de Paula Mattos, o Moinho Fluminense, os Bancos do Commercio, Italia-Brasil e Nova Era Rural do Brasil, a Egreja Evangelhica Methodista, as casas bancarias dos Srs. Sebastião Pinho e Raul de Carvalho & Comp., os palacetes dos viscondes de Urugnay e de Guahy, do Dr. Arthur Murinelli, o do barão do Rio Negro, em Petropolis etc. Noventa por cento das edificações modernas do Rio de Janeiro são obra de Antonio Jannuzzi, ou antes dos irmãos Jannuzzi, porque o nosso biographado (injustiça fôra esquecel-o nesta occasião) é auxiliado em todos os trabalhos de sua profissão por seu irmão e socio José Jannuzzi.

*

No facto de ser presidente da Sociedade de Beneficencia Italiana e de o ter sido do Circulo Victorio Emmanuel, tem Antonio Jannuzzi a prova real da influencia, da sympathia e da popularidade de que goza entre os os seus compatriotas residentes no Rio de Janeiro. Escusado é dizer que é tambem muito estimado pelos fluminenses, que o consideram um bemfeitor artistico da Capital Federal.

Antonio Jannuzzi é cavalheiro da Côrôa de Italia, socio do Club de Engenharia, negociante matriculado, membro da Associação Commercial, influencia maçonica, etc.

O *Album* honra-se publicando o seu retrato.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Deixemo-nos de historias: jogar por jogar, tanto faz jogar no Cercle Federal como no Frontão Fluminense, tanto faz perder dinheiro em casa do Juca Rocha como no Derby-Club, tanto faz ganhal-o em casa do Maxixe como no Bellodromo. Dous deputados pediram a palavra no Congresso, para dizer ao paiz que o jogo da péla não é um jogo de azar... Pelo amor de Deus! todos os jogos são jogos de azar! Ha dias, divertindo-me em casa de um amigo, perdi perto de vinte mil réis á manilha, e as fichas eram de tostão. Imaginem se fossem caras! — Perdi porque jogava mal? Não, senhores: perdi porque a manilha, a manilha innocentinha e burgueza, é, como todos os jogos, um jogo de azar.

Que jogo ha mais incerto do que as corridas de cavallos, tão apreciadas pelo nosso publico? Que maior azar que o do cavallo Bee-Keeber dando uma pule de setecentos e tantos mil réis nas ultimas corridas do Derby?

Tudo é jogo. Não distingo entre o voltarete e a roleta, nem entre o solo e o vira-vira, nem entre o bilhar e o vispora. Tolerar o Turf-Club e perseguir o Frontão é uma anomalia; e, apezar do que se acha longamente estabelecido, é outra anomalia prohibir o baccará e permittir a bisca. Tanto se perde e se ganha aqui como alli.

O jogo não se supprime; reprime-se, quando muito. O jogadar viciado é capaz de subir todos os dias ao Pão de Assucar, se lá no Pão de Assucar houver jogo e não o houver noutra parte.

*

O que os poderes publicos devem fazer é promulgar a liberdade do jogo, e taxal-o com um grande imposto. Todo o cidadão tenha o direito de abrir e manter um estabelecimento qualquer onde se jogue, e de tirar o barato; mas pague cincoenta ou cem contos de réis annualmente aos cofres publicos, e escreva na porta de sua casa este lettreiro: «Aqui joga-se», mais terrivel que a taboleta pregada por Dante á porta do Inferno.

E quando algum cidadão tiver casa de jogo ou jogo em casa sem pagar o imposto, persigam-no, multem-no, mettam-no na cadeia.

Ora não querem ver a innocencia dos clubs dos *sport*! Se eu fosse jogador, não arriscava um vintem nas patas de um cavallo, nem nas rodas de um byciclette, nem na raqueta de um pelotaris; atirava-me á bella da roleta!

*

Não é muito que os jornaes franccezes digam que em Santos morrem diariamente duzentas pessoas de febre amarella, e centenas de corpos em decomposição, levados pela correnteza do rio (que rio?), infestam a cidade e os seus arredores; não é muito que Sarah Bernhardt seja obrigada a defender-se de lhe attribuirem palavras calumniosas a respeito da nossa terra; no porto do Rio de Janeiro está uma corveta portugueza, a corveta *Mindello*, que o Sr. visconde de Paço d'Arcos, ministro de Portugal, mandou buscar para proteger os seus compatriotas aqui residentes!

Toda a gente tomou por uma *blague* de máo gosto a noticia de que esse enviado extraordinario, ou antes, extraordinario enviado, mandára dizer ao seu governo que no Brasil estava tudo perdido, e era aqui necessaria a presença de um *Pimpão*. E não havia *blague*: a *Mindello* ahi está, e o governo brasileiro já fez despeza de polvora para comprimental-a!

*

Hontem percorreu esta cidade, com a rapidez telegraphica das más noticias, a infausta nova do fallecimento do illustre marechal visconde de Pelotas, um benemerito da Patria, um dos bravos que mais concorreram para a victoria das armas brasileiras nos campos do Paraguay.

Curvo-me respeitoso diante d'esse cadaver, que pertence á Historia.

*

Registre-se tambem nestas columnas o fallecimento do ex-deputado do Imperio e senador da Republica, Dr. Theodureto Souto, o libertador do Amazonas, se bem que abolicionista *sur le tard*, pois votára contra o famoso projecto de Joaquim Nabuco.

Foi um habil jornalista politico e um advogado de talento. Metteu-se tambem nas finanças, e, como banqueiro, dizem todos que o conheciam, tinha muito geito para arranjar a vida. Morreu subitamente, viajando em caminho de ferro, como Odorico Mendes. Boa morte!

*

Para não fchar a chronica de hoje com essa palavra —morte—, procuro uma chave alegre, recommendando aos leitores macambuzios a nova revista *Abacaxi*, que se representa no Apollo, original do meu velho camarada Moreira Sampaio e de Vicente Reis. Verão que aquillo é realmente um abacaxi e não um simples ananaz.

A.

Entre muitos jornaes e periodicos, recebemos os ns. 22, 23 e 24, formando o 4º tomo da *Revista pedagogica*, importante publicação dirigida pelo Dr. Menezes Vieira, o n. 8 (anno 3º) da *Gazeta Musical*, interessante periodico de que é director e proprietario o Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

VII

Treguas! Porque não jaz estrangulada a insana
Ideia! Douda, a carne esbrazêe-me os sentidos!
Doudo, o sangue estremeça em tetricos rugidos,
Sendo inutil a voz da consciencia humana!

E no suave prazer que os sentidos engana,
Entre os suspiros, entre os beijos, mal contidos,
Quero a febre, o delirio, a abjecção revolvidos
Em minh'alma infeliz que á tua alma se irmana.

E por sobre o rugir das fortes sensações,
Sim, que tombe o silencio! assim como nossa alma
Não expande convulsa as febris tentações...

Que em teu *boudoir* azul, ó cofre do meu mal,
Exista o crime, exista o inferno. . exista a calma
Que ha na muda bainha inerme de um punhal!

VIII

O teu corpo lyrial já não move e deslumbra
O sordido chacal vencido no meu peito.
Só a dor que me traz o labio contrafeito.
A grande dor sem termo é que me espanta e obumbra!

Muito brando, de leve, a saudade resumbra
Um pezar que me lembra o valle do teu leito;
Mas eu vejo-te assim como em rara penumbra,
No livido expirar de um sonho azul desfeito...

A loucura fatal que lançou-me a teus braços,
Um cadaver tornou-me e transformou-te em lagem,
Para matar a fome aos animaes devassos.

E é por isto que sinto horrivelmente calma,
Forte, de seiva nova, invencivel, selvagem,
A dor, num cruel festim, sobre o cadaver d'alma!

CUNHA MENDES

ALMA VELHA

Assim que deram quatro horas no relogio da sala, Paulo Garcia não poude mais esperar: fechou a escrevaninha, pegou no chapéo e sahio. Desceu a rua, a pé; iria a pé, até a casa, vagaroso e sombrio... Precisava andar, precisava reflectir, ver o que devia fazer, o que havia de fazer. Desde pela manhan que elle ahi tinha no bolso essa carta indiscreta, intrusa, que ninguem pedira; mas nenhuma resolução tomára ainda, indeciso, timido ante um escandalo, egoista da relativa paz em que vivia, — muito sem sangue e energia tambem, a tudo indifferente, a alma cançada e gasta.

Entrava em casa mais cedo, esta vez, no emtanto. — Sim, não mais pudéra, mesmo, deixar-se calmo, de penna entre os dedos, até finda a tarefa que a si marcava, todas as manhans. Sim, toda a honra da familia, dos accendentes, como que lhe acordava as poucas gottas de sangue nas veias; os velhos habitos, os velhos preconceitos, guardados longos tempos, como que lhe aqueciam as faces, á memoria d'aquella noticia torpe, que lhe cahíra, subito, em cima. Dizia-lhe uma voz, que dir-se-ia a da sua consciencia, —uma herança apenas, que lhe chegára, a elle, ainda, e que elle não desperdiçára, ainda, no depauperamento lento e constante do seu organismo, — dizia-lhe uma voz, sim, que elle devia fazer alguma coisa, que elle ia, mesmo, fazer alguma coisa... Que, porém? que é que elle faria?—elle não sabia, elle queria sabel-o; que lh'o dissessem!...

Sua mulher tinha um amante, contava-lhe essa carta!... Outr'ora, lendo uma noticia de além-mar, em que se fallava de amores culpados, de tragicos dramas intimos de amor, achava graça naquillo, como uma particularidade singular de povo, de raça... No seu lar, parecia-lhe isto impossivel, e, olhando em roda, vendo os alheios atravez do seu, afigurava-se-lhe que, ahi, na sua terra, essas coisas não se davam, esses proprios amores adulteros não tinham logar, do lado das mulheres ao menos...

Fôra este sempre um dos defeitos do seu caracter: a boa fé, a illusão, a ingenuidade. Como, tambem, suppor em outrem paixões, febres de sangue e de imaginação, anarchia de sentidos, que lhe eram desconhecidos, á sua natureza; que elle não tinha, e não podia, pois, comprehender? Aquella vida de casados, por exemplo, calma, sempre egual, uma ligação de tres annos, que dir-se-ia de trinta, elle não suspeitára nunca pudesse, no fundo, aborrecer muito a mulher, de outro temperamento, talvez...

E, vae, essa carta anonyma diz-lhe o contrario: Rosa tinha um amante...

Não era a primeira carta d'esse genero que lhe chegava ás mãos: outras muitas já havia recebido, mais encobertas, porém, dando só a entender o que se lhe declarava cruamente agora, ferindo-lhe a curiosidade somente, com essas meias palavras que são toda uma confidencia, ás vezes aconselhando-lhe que a observasse; assignadas todas por um amigo sincero e verdadeiro.

Sincero e verdadeiro! todos os homens se dizem taes! Mas porque esse amigo leal não se declarava, para que elle soubesse com quem podia contar?... Receiava que elle o odiasse por isso? Tinha razão, elle queria-lhe mal, com effeito, a esse desconhecido... Não podiam deixal-o em paz?! que mal fazia aos outros a sua tranquillidade de espirito?! Acaso elle não seria capaz de descobrir o que houvesse, se, de facto, houvesse qualquer coisa?!...

Essas revoltas vinham-lhe, por vezes. O seu organismo era fraco, era doente; porque o apoquentavam assim? deixassem-n'o com a sua illusão,

deixassem-n'o viver escarnecido : elle não comprehendia esses sorrisos de escarneo!... Para que cançal-o com uma pesquiza? e se fosse falso tudo quanto diziam essas cartas? e não eram ellas uma abjecção? porque o seu autor, ou os seus autores, não se apresentavam então de rosto descoberto?...

Paulo observou, porém; como o enfarava, como o enojava aquillo! Dir-se-ia que era apenas por consideração para com os outros, receioso dos outros, da sociedade, que elle tomava isso ao serio; não era elle quem agia, dir-se-ia, era toda a sua classe... toda a sua familia, revoltada, nas suas pobres gottas de sangue, pela sua fraqueza e pela sua miseria!

Elles recebiam pouco... Procurou entre os homens que lhe frequentavam a casa. Havia entre estes, Francisco Soares, um amigo de antes do casamento; era o que mais apparecia. Relação velha, quasi um parente, pela intimidade que os ligava, lembrou-se d'elle, comtudo. Quem sabe? não é tudo traição, a cada passo? quem sabe se aquelle proprio que era considerado o mais leal, o mais digno da sua estima, não era o primeiro a rir-se d'elle, a trahil-o, a cuspir-lhe na honra?...

Observou, mas observou debalde. Nada!... Talvez elle não tivesse sido bem atilado; talvez elle não tivesse investigado com bastante interesse... Não, nada havia... nada!... Oh! elle julgou-se feliz... Podia viver, continuar a viver tranquillo; nada existia, deixavam-n'o em paz... Mas logo na manhan seguinte chegou a outra carta, a clara, a sem evasivas, a rude...

Com o passo calmo de sempre, elle entrou em casa. Perguntou á criada pela mulher.

— A senhora estava no quarto... Passára todo o dia em casa...

Viera alguem, ao menos? esteve para perguntar; conteve-se a tempo. Para que? poderia dar a perceber que desconfiava de alguma coisa; para que provocar as mesmas suspeitas em outrem, em um criado então?... Não, não era verdade ainda! Elle não precisava investigar, não carecia espiar... — uma calumnia aquella noticia! Podia seguir a sua vida em paz, tranquillo, mornamente, o almoço, oito horas de penna entre os dedos, o jantar, dous cigarros fumados á varanda, o chá e o leite! Na necessidade de illudir-se, de phantasiar tudo bom, o melhor possivel, de esquecer o que o pungia, para poder viver socegado, procurou convencer-se de que mesmo essa carta não existia. Fóra uma allucinação, ninguem jamais lhe escrevêra coisa alguma a respeito da mulher. Para que mesmo saber se, com effeito, a carta existia, se alli estava no bolso de dentro do *frack?* para que? elle não precisava certificar-se, ella não existia, era outra a que alli estava, sobre assumpto muito differente; elle não queria certificar-se! ..

Mas... se fosse verdade?... Que tinha o facto de ella haver passado aquelle dia em casa? que teria mesmo que não houvesse recebido homem algum, esse dia?... Um frio correu-lhe pelo corpo, a ideia da obrigação de fazer alguma coisa, a idéia de dever zangar-se, offender-se, castigar, talvez!...

Oh! elle perdoaria! oh! elle, por si, não sentia grande dor, á lembrança de que outro possuira a mulher! essa affronta encontrava-o impassivel, o rubor não lhe coloria as faces! e appellava para todas as velhas tiradas sobre a honra dos maridos illudidos... Mas o preconceito alli estava, a procurar insuflar-lhe o animo, a soprar-lhe no coração, tentando aquecel-o, o respeito, o medo quasi inconsciente, um instincto quasi, o terror de um escandalo, o temor da opinião, da vozeria levantada sobre o seu nome, o terror da publicidade!... Que importava? seria sempre tempo: elle veria; para que assim alarmar-se antecipadamente?...

— Podiam trazer o jantar.

Foi ao gabinete de trabalho mudar de roupa. Era onde se despia, á tarde; na frieza de sua vida, só á noite penetrava, de ha muito, nos aposentos communs.

Voltou á sala, parou em frente ao viveiro dos canarios.

Simulava interessar-se pelo vôo dos passaros, de poleiro em poleiro; um d'elles approximara-se da vasilha de agua e banhava-se; outro bicava uma folha murcha de alface, que lhe restava da ração do dia... Entretanto, a sua attenção estava toda na porta dos fundos da sala, a que dava para os seus aposentos e que elle via por um espelho fronteiro... Rosa ouvira-o entrar; d'alli a pouco appareceria.

Aborreceu-se logo, porém. Foi então á escada mandar a criada ao quarto chamar a ama. E como o copeiro entrou com o ultimo prato, chegou elle proprio as cadeiras á mesa.

Rosa appareceu nesse instante: calma se nada houvera de mais em sua vida!... Nada havia, pois?!...

— Vieste hoje mais cedo, disse-lhe apenas, estendendo-lhe a fronte para o beijo.

— Não andava bom... do estomago, foi a explicação d'elle.

E, para comproval-o, tocou apenas num ou dous pratos.

A conversação era banal, intercalada de largos silencios, cheios de bocejos contidos... As noticias de sensação do dia, uma peça nova, uma critica ligeira a qualquer pessoa de suas relações....

— Quem virá, hoje?

— Hoje não sei... E ella sorrio se, um sorriso de etiqueta, de pezar talvez, talvez de misericordia: pobre! diria comsigo.

Eram os acontecimentos do dia: visitas, mais para Rosa, porém, que para elle. Amigas da mulher que lhe alegravam um pouco os dias, que sahiam com ella, o marido sempre alli, sem animo para nada; dous ou tres companheiros de Paulo, mais habitos do que amigos... Entre estes, Francisco Soares.

Ainda naquelle dia lá estivera.

ANTONIO JANNUZZI

— Logo que sahiste... vinha procurar-te... Foi ao escriptorio ?...

Respondeu-lhe negativamente.

Ainda aquelle dia, na sua ausencia! pensou. Que se daria nessas visitas, santo Deus ? Não receiavam que os criados pudessem notar ; que elle viesse a desconfiar, por fim?!... Não, nada; se, effectivamente, Rosa tinha um amante, fosse Soares ou outro, ella devia achal-o, a elle, seu marido, bem parvo, bem fraco, bem incapaz de um acto de energia, bastante amigo do seu bem estar material para que fosse o primeiro a perturbal-o, houvesse ou não causa, desde que podia fingir ignoral-a, desde que essa causa podia viver occulta !...

Olhou-a. Abaixando a cabeça para o prato, Rosa pareceu-lhe sorrir ligeiramente; levantando logo a cabeça, pareceu-lhe ler no seu olhar como uma interrogação... Não, elle enganára-se. Como ella estava serena! Quem a visse, como a diria resignada a essa vida tão pouco festiva?... Elle proprio chegára a admiral-a já, em certos dias, por essa resignação; chegára a querer-se mal por esse viver a que a sujeitava e que ella soffria,—a santa! dizia então, — com tamanha doçura!... Como poderia ella suspeitar do seu silencio, da sua tristeza, se já se acostumára a vel-o sempre assim?!... Ai! qual seria a conclusão de tudo isso? que seria obrigado a fazer ?...

O café tirou-o d'essas cogitações. Bebeu um calice de *chartreuse*, estirou-se na cadeira de balanço. Podia descançar agora um pouco o espirito ; elle concedia-se um momento de repouso. Depois, veria.

As horas assim escoaram-se. Ninguem appareceu. Por entre as fumaças do cigarro e o vago de suas scismas, Paulo ouvio a mulher andar pela casa, dar as ultimas ordens, o almoço do dia seguinte, as compras a fazerem-se; sentar-se á mesa, virar as folhas de um livro. As horas assim escoaram-se... Tão breve esse tempo ! Dez e meia ! Deitar-se ! a tortura d'aquella mulher que já o enervava, que elle cançava talvez (só então o pensava)!...

No quarto nada havia de novo. As mesmas bugigangas pelas paredes, os tapetes felpudos abafando-lhes os passos, alguns quadros, photographias esparsas, em leque... Qual d'aquelles homens seria? alli devia haver, por força, a prova de tudo ; procurando-se bem, em alguma coisa devia-se encontral-a... Uma pergunta saltou-lhe no espirito, a essa ideia: teria elle a coragem de vingar-se? que faria, se alguma prova lhe cahisse sob os olhos ?

Rosa passára á alcova; nada suspeitava, estava tranquilla ! Paulo começou a despir-se... Casualmente, os seus olhos cahiram para um canto da esteira : alguma coisa havia ahi; uma curiosidade, quasi instinctiva, fel-o abaixar-se... Era uma ponta de charuto! Elle não fumava charuto (nem ella !); o charuto era muito forte para elle!... Cheirou-a ! era um « havana dos que... Soares fumava!...

Pareceu-lhe que o tomava uma vertigem; apoiou-se a um movel... Serenou-se logo, porém... Que valia isso? Soares não devia entrar alli, era exacto; mas que importava ? podia ser que assim mesmo, nada tivesse havido... Os criados não mostravam desconfiar de nada, ninguem de nada sabia... Aquella carta ?... Mas como o seu autor teria a certeza? ! Oh ! elle queria viver em paz! deixassem-n'o em paz, não o obrigassem ao que lhe repugnava !... Rosa seria discreta, Soares tambem, — tinham interesse nisso ; perceberiam, mesmo, que elle soubera de tudo e não continuariam... Que os máos fallassem! que dissessem o que lhes approvesse dizer! não ha tanta calumnia no mundo ?! como poderiam provar que sua mulher tinha um amante?!... como ?!...

Matar ? !... Não, elle não mataria; e o que se diria? e o escandalo, o seu nome arrastado pelos jornaes, os inqueritos de policia, toda a sua vida... todo o seu socego perdido!... Nada diria, mesmo : não saberiam? não haveria escandalo, da mesma fórma ? !... Que fazer?... O seu coração recusava-se a ter odio, o seu braço não tinha forças, não tinha energia para se erguer! Que culpa tinha elle d'isto?!... Deixassem-n'o em paz! nada mais desejava dos outros...

Quanto ao charuto, — elle o faria desapparecer : tudo continuaria como antes... Uma ponta de charuto! pol-a-ia fóra, na rua... E foi ao paletó, em uma cadeira, escondel-a num bolço. Sua mulher, mesmo, de nada saberia: ella já se deitára de certo.

Na alcova, com effeito, já se não ouvia rumor algum. Adiantou-se para ella, Sereno, como se nada houvera, afastou o reposteiro e entrou. Rosa deitada, de olhos cerrados, parecia dormir, tranquilla e branca, sem um cuidado...

RAUL BRAGA.

O AFRICANO

Costuma estar de pé, ao sol, junto á porteira.
E' negro e velho: tem um seculo de vida ;
Em seu corpo alquebrado a pelle ressequida,
Em rugas, deixa ver a sua ossada inteira.

Está cego de um olho, e do outro a atroz cegueira
Vae-lhe grudando á face a palpebra cahida:
E elle é tão feio assim, que a qualquer intemida,
Como se fosse errante e esqualida caveira...

Vendo-o ás vezes mover a figura medonha
E soltar um grunhido, eu penso que elle sonha,
E sua patria, seu lar, seu passado reve;

Porque elle então a rir, canta uma geringonça,
E a cabeça, os quadris, as pernas desengonça,
E entra a bater os pés como em catereté.

MARIO ALENCAR.

Tijuca, 1891.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

Nessa noite, o aspecto da sala era verdadeiramente festivo.

A temperatura convidava ao conchego, como as grandes pelles traçadas a tiracollo em horas de grande frio. Os trajos e joias das mulheres luziam como pyrilampos romeiros em amplidões nocturnas.

Crepitava á meia voz a risada das mulheres da *cazuela*, como vozear eternamente insistente de abelhas mestras. Viam-se as cabeças louras das crianças accomodadas entre duas amigas e batendo sobre a madeira da balaustrada o compasso, ao som do estrepito orchestral, e as cabeças approximadas de *señoritas* que segredavam confidencias e apontavam para tal ou tal individuo da plateia, estendendo o leque e sorrindo gostosamente do gracejo lisongeiro que dirigiam, umas ás outras, as amigas, as conhecidas ou mesmo as desconhecidas.

Todas as vezes que um theatro palpita assim, é bom significado para os autores que fazem a sua estreia. A animação, a vida, a desordem, a intervenção da policia são elementos todos favoraveis ao exito de uma peça.

Desconfie-se, porém, de um publico moralmente abatido, apathico, e ignorante, cynico, sceptico e indifferente. Se o espectaculo é irreprehensivel, tanto pela classe dos artistas como pela excellencia da peça representada, o espectador não applaude, adormece, enfada-se; e a consideração, que ajunta ao indifferentismo que o domina, é para affirmar que o drama ou a comedia é boa... mas não enthusiasma. Envelheceu.

Um publico d'estes patearia Victor Hugo, se os cartazes não tivessem a previdencia de escudar a peça com o proprio nome do autor.

Ao ultimo compasso da orchestra, subia, ao contrario do usado em quasi todas as comedias e dramas hespanhóes, o panno rapidamente, devassando aos olhos dos espectadores um salão de visitas esplendidamente acondicionado e artisticamente disposto.

A impressão do scenario predispoz o publico á sympathia; dous actores apresentavam-se em scena: o senador e a esposa. A plateia engolfou-se num silencio de reserva, como se por ventura tivesse de representar o papel de jurado severo.

Estava na consciencia de todos que a comedia era obra de um compatriota, e por apparencia adivinhava-se que o julgamento seria terrivel. Os proprios artistas pareciam desanimados. Nem sequer haviam sido recebidos com os applausos que o publico de Montevidéo dispensa a todos os actores conhecidos que apparecem no palco, antes mesmo que pronunciem a primeira syllaba.

A pouco e pouco, porém, principiou a operar-se um movimento estranho na plateia.

Aos poucos momentos que se succederam as primeiras palavras do dialago, borbulharam os ditos, scintillantes de espirito e de *verve*.

Como succede sempre, o applauso rompeu no *paraizo*, da larynge de um gordo burguez, que deu a primeira nota da gargalhada expansiva e franca. A plateia correspondeu e vibrou a risada enthusiastica.

E logo, como um mar que se levanta, oscillando ao sopro dos primeiros ventos, o publico convulsionava-se e batia palmas; todas as vezes que o actor que representava o papel de senador se expandia, elogiando os seus primeiros discursos e se inebriava com os apartes da esposa, que nada tinham que ver com o pensamento do estadista, mas que elle—surdo—tomava como apoiados.

—E' de espirito! diziam uns para os outros, a meia voz.

—Chistosa!

—Scintillante!

—Estou-me entretendo! arriscou um incredulo.

—Queres saber? atalhou um novo espectador, voltando-se para o amigo da esquerda—na minha opinião tudo isto que estamos ouvindo é um plagio!...

—De alguma comedia franceza?

—Ou de muitas... para disfarçar o estellionato.

Estas confidencias, ao principio feitas numa ala da plateia, foram devéras communicativas, e um borburinho de vozes ergueu-se por toda a sala, como um echo abafado das palavras dos actores, que tambem trocavam elogios sobre o merito dos discursos do senador.

A legião do *paraizo* vibrou um *scio*, imponente de sonoridade. Mas era baldado. A emoção havia se apoderado do systema nervoso de todos os espectadores: ao *scio* respondeu ainda mais forte uma salva de palmas que mais assemelhava um tiroteio prolongado e resistente.

E logo, como appendice a esta manifestação, juntou-se a gargalhada que é a scentelha do espirito burlesco ou do humorismo de fina tempera. Era o final do primeiro acto. Muitos dos assistentes ergueram-se das cadeiras, outros continuaram a marcar a insistencia do applauso, descançando as palmas das luvas e batendo fortemente com as bengalas sobre o soalho.

O panno subia de novo para que os artistas fossem victoriados.

E a *cazuela* foi então o alvo de todos os olhares.

E' a distracção nos intervallos.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

A' NOITE...

A OLAVO BILAC

Elle partio ! Era esse o meu maior desejo !
Vou vel a, essa mulher, embora á noite chova.
Mulher, nome subtil que sôa como um beijo
Longo, que amorna e alegra o ambiente de uma alcova...

Fóra, que importa a chuva, o rechino do raio
E o vento, em dobre assanho, uivando pelas franças,
Se, tomado de um longo e amoroso desmaio,
Vou dormir sob o céo das suas negras tranças ?

A estas horas, talvez, sob esta paz ênorme,
Seu esposo, chorando a breve ausencia, vela,
Ou, talvez, esquecendo a amada esposa, dorme,
Sem ao menos pensar que eu vou dormir com ella !

*

Boa noite ! Eis-me aqui. Um momento opportuno
Este é para vir ver uma mulher bonita.
E' tarde, bem o sei ; mais julgo, por meu turno,
Sempre azada a occasião de se fazer visita...

Mormente agora em que, nas humidas alfombras
Do parque, o vento, arfando em queixas e reçolhos,
Faz bailar a legião dos luares e das sombras,
E o céo é todo claro e azul como os teus olhos.

Hoje dous annos faz que, o olhar banhado em pranto,
Num brando tom de voz que inda me encanta e ensalma,
Tu me disseste : « Vou casar-me ; mas, emquanto
Tiver vida, hei de ser a esposa de tu'alma... »

Ah ! nem pódes saber o bem que me fizeste !
Quando pensava em ti, num melodico accento,
Vibravam na minh'alma as phrases que disseste,
Como arpejos subtis de um magico instrumento.

E casaste com outro.. E eu, ao pensar no instante
Em que ias ser entregue á lascivia de um macho,
Quiz desprender-me então das grades do mirante
Em que estava, e morrer despedaçado em baixo !

Quiz matar vos depois, quando estivesseis juntos,
Tu e *elle !*.. Mas, perdão... A ventura acabou-se...
Não vim para tratar de tetricos assumptos...
Sabes que é bem diverso o fim que aqui me trouxe...

Emfim, amo-te ainda ! E tu propria me fazes
Crer que em tua paixão a mesma te revelas ;
Mas, se queres que eu creia em tuas doces phrases,
Dá-me aqui mesmo a prova incontestavel dellas...

JULIO CESAR DA SILVA.

S Paulo.

MOONLIGT, IN THE CHANNEL

Á MISS LILLIAS CALLANDER

Noite alta. Um silencio profundo, sob o céo ennevoado e cheio de cumulus, um céo saxão, no Norte.

Por uma aberta, em fundo azul-ferrete, a lua cheia estende, ao longo do canal, no fim da corrente, uma larga faixa de leite. Em redor, no alto, veios escuros, manchas, listrões brancos desdobram-se, similhantes a crateras de astros, em gravuras, nos livros de Flammarion. Em baixo, na linha do horizonte, cercando tudo, uma vasta muralha a crayon : vapores espessos, retintos, com cristas altas de marmore, rendadas, muito vivas, na caiação do luar.

Ao longe, á direita e á esquerda, bolinam, com o panno todo fóra, diminuidas na distancia e na noite, embarcações que retêm e levam saudosamente o luar, na ponta dos mastaréos, nas vergas, nas amuras das velas e no friso das amuradas.

E, cobrindo o primeiro plano, o grande quadrado negro de uma vela, deitado a um bordo, destacando no céo, como um guião phantastico, entre os cabos e os moitões nickelados pela lua.

Um enorme lanchão desce, á popa, o canal, na aragem fresca, abrindo os *plissés* prateados das aguas.

VIRGILIO VARZEA.

THEATROS

LYRICO. — Sabbado passado assistimos neste theatro a um bello espectaculo, um dos melhores da actual temporada lyrica. O *Mephistofeles*, de Boito, nunca foi tão bem executado no Rio de Janeiro. O tenor De Marchi, estreiante, é um tenor, e está dito tudo. A Gabbi, no duplo papel de Margarida e Helena, esteve acima de todo o elogio ; poz em contribuição todos os seus grandes recursos de cantora dramatica.

Repetio-se segunda-feira o *Rigoletto*, de Verdi ; o tenor Colli foi victima de uma grosseira e injusta manifestação das torrinhas ; e quarta-feira tivemos a *Cavalleria rusticana*, de Mascagni. A Gabbi estava num dos seus momentos felizes : cantou, representou e *chorou* divinamente o difficil papel de Santuzza. De Marchi foi um magnifico Turiddu e Zawner uma formosa Lola.

*

S. PEDRO. — Voltou de S. Paulo a excellente companhia portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa ; reappareceu hontem, representando o *Amigo Fritz*, de Erckmann e Chatrian. Hoje, o *Hamleto*.

*

APOLLO. — A grande novidade do dia é *Abacaxi!* revista em 3 actos e 12 quadros, original de Moreira Sampaio, comediographo experimentado no genero, e Vicente Reis, autor de outra revista, representada ha annos na Phenix Dramatica, e intitulada *Cresça e appareça*.

Parece que a empreza do Apollo não terá que se arrepender de ter apresentado ao publico o *Abacaxi!* com tanto cuidado do *mise-en-scène*. A peça está escripta ao paladar do nosso publico; é um *Bendegó* mais engraçado e mais litterario. A musica é bem escolhida: toda composta de trechos populares ou popularisaveis. O scenario é magnifico, sobresahindo a apotheose, de uma phantasia sorprendente, pintada pelo Coliva, e a vista do incendio na ilha dos Melões, por Eduardo Reis.

Os acontecimentos, velhos e novos, desfilam diante da plateia numa profusão de scenas comicas e burlescas. Os compadres da revista são Rosa Villiot e Brandão, o originalissimo Brandão. Os demais papeis estão bem confiados, sobresahindo no desempenho Bahia, Colás, Clelia, Lisboa, Zeferino, Araújo, etc.

E' provavel que *Abacaxi!* faça uma grande e victoriosa carreira.

*

VARIEDADES. — Foi exhibida neste theatro a magica os *Talismans de Perlimpimpim*, arranjada da peça franceza *Les bibelots du diable*, e de outras, por Joaquim de Oliveira, Costa Braga e Guilherme da Silveira. A mesma origem teve a *Conquista dos talismans*, que ultimamente fez as dilicias dos frequentadores do Sant'Anna.

A nova magica do Variedades tem todos os condimentos indispensaveis ao genero. Melhor seria que a musica tivesse sido escolhida com mais acerto, mas, á falta de bom tralalá, ha alli muita pilheria, esplendidos scenarios de Carrancini, Coliva e Eduardo dos Reis; machinismos engenhosos, vestuarios deslumbrantes, grande variedade de aspectos, bailados interessantes, etc. O desempenho dos papeis é excellente por parte de todos os artistas, devendo Joaquim Silva ser citado á parte e de cambulhada Lopiccolo, Galvão e os demais.

O Variedades tem outra vez peça para centenario.

*

SANT'ANNA. — Voltou á scena o *Surcouf*, com uma interessante novidade: a actriz-cantora Cifuentes desempenhou muito bem o interessante papel de Arabella, a tal que canta:

Um dia me deu na vineta
Um banho no rio tomar...

*

POLYTHEAMA. — A ultima novidade da companhia Tomba foi o *Chapéo de palha de Italia*, de Labiche, reduzido a tres actos, transformado em opereta por A. Milzi, e posto em musica — musica alegre — pelo maestro Luiz Ricci Filho. *Por causa de um chapéo* (assim se intitula a opereta) agradou muito.

*

RECREIO DRAMATICO. — Mais duas *reprises*: os *Estranguladores de Pariz* e a *Martyr*, cuja primeira representação foi dada hontem em beneficio de Eugenio de Magalhães.

A *Martyr* é um dos dramas mais bem feito de Dennery.

*

LUCINDA. — Annuncia para segunda-feira a primeira representação do *Primeiro marido de França*, comedia em 3 actos, de A. Vallabrègue, traducção de Guilherme da Silveira.

Esta peça agradou muito em Pariz.

Hoje e amanhan, as ultimas do *Tio Celestino*.

*

PHENIX DRAMATICA. — A empreza Machado lá vae vivendo com o *Periquito* e o *Capadocio*. Venha o *Lobishomem!...*

*

Antonio Ghislanzoni, fecundo escriptor italiano, autor de muitos romances, poesias e librettos de opera, falleceu no mez passado em Caprino Bergamasso, cidadesinha lombarda aonde ha muitos annos se retirára.

Ghislanzoni nasceu em Lecco, em 1824. Foi barytono e cantou em muitas cidades de Italia e em Pariz até 1851. Tendo perdido a voz em consequencia de uma bronchite, fez-se jornalista republicano, e foi levado pelos seus artigos violentos á prisão de Santa Margarida, em Milão. Depois de obter grandes successos como romancista e poeta, entregou-se de novo ao theatro, d'esta vez como autor, e escreveu uns sessenta librettos de opera. E' d'elle o da *Aida*, no qual teve como collaborador o illustre egyptologo francez Mariette Bey.

Ghislanzoni era um grande amigo do nosso Carlos Gomes; foi elle quem extrahio do bello romance de José de Alencar o libretto do *Guarany*.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 35 SEGUNDA SÉRIE AGOSTO DE 1895

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. - Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

FONTOURA XAVIER	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
POEMA DA CARNE	Cunha Mendes.
HISTORIA COMMUM	Machado de Assis.
TEMPERAMENTO	Alfredo de Magalhães.
A VISITA	R.
BILHETE AZUL	Pethion de Villar.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO	Alfredo Bastos.
NA ENTREVISTA	Antonio Lima.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

JOÃO ROSA

FONTOURA XAVIER

Antonio da Foutoura Xavier nasceu na cidade de Cachoeira, no Rio Grande do Sul, aos 7 de Junho de 1856. E' filho legitimo de Gaspar Xavier da Silva e de D. Clarinda da Fontoura Xavier.

Tem «sangue azul» por parte de sua mãe, cuja arvore genealogica está registrada, com as respectivas armas, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob n. 377, num manuscripto da collecção pombalina.

Em 1870, Fontoura Xavier veio para esta capital fazer os seus estudos secundarios no collegio do illustre barão de Tautphœus, ex-collegio Marinho. Concluio-os em 1874, anno em que se matriculou na Escola Central, hoje Polytechnica. Em 1876 resolveu abandonar esse curso, para seguir o de Direito, em S. Paulo, aonde se dirigio naquelle mesmo anno.

Mas como o clima de S. Paulo fosse prejudicial á sua saude, interrompeu os estudos e voltou em 1877, trazendo fama de máo estudante e bom poeta. Aqui, entregou-se de corpo e alma ás lettras, collaborando no *Reporter*, na *Gazeta de Noticias*, no *Jornal do Commercio*, no *Diario do Rio de Janeiro*, na *Revista do Rio de Janeiro*, na *Comedia Popular*, no *Mequetrefe*, na *Revista Illustrada*, no *Bezouro* e no *Figaro*, fundando depois, em companhia de Annibal Falcão e Arthur Azevedo, a famosa *Gazetinha*.

Em 1881 voltou de novo a S. Paulo, para recomeçar o seu curso de Direito, mas de novo regressou com a saude alterada. Tentou formar-se em Pernambuco, e para lá partio, mas ahi o clima não lhe foi mais favoravel que em S. Paulo.

Voltou então, definitivamente, para a sua provincia natal em 1882. Um bacharel de menos...

*

Em Porto-Alegre, ligado a Assis Brasil, Barros Cassal, Venancio Ayres, Ramiro Barcellos, Julio de Castilhos, Demetrio Ribeiro, Antão de Faria e outros, Fontoura Xavier ridigio a *Federação*, o melhor jornal de propaganda republicana do Brasil; quer na imprensa, quer na tribuna das conferencias, o seu nome era encontrado entre os primeiros.

Mas em politica, o nosso biographado, digamol-o, nunca passou do terreno do dilettantismo; fazia a propaganda republicana como fazia as suas *estudantadas*, uma das quaes se tornou celebre e foi, annos depois, lembrada pela propria victima em plena Camara dos Deputados.

Machado de Assis escreveu que elle abraçára uma ideia politica para ter pretexto para os seus versos socialistas, e Urbano Duarte, que não toma a serio a politica em verso, disse que, no actual regimen, Fontoura, em vez de escrever o *Regio saltimbanco*, teria escripto os *Saltimbancos da Republica*.

Esse poemeto do *Regio Saltimbanco* foi publicado em 1877, com uma carta de Lopes Trovão, e fez escandalo. A edição está completamente esgotada.

Esgotou-se tambem a edição das *Opalas*, volume em que os editores Carlos Pinto & C^{a}, de Porto-Alegre, reuniram, em 1884, algumas das melhores poesias de Fontoura Xavier.

Os seus versos são correctos, masculos, vibrantes, sem nenhum sensualismo, sem nenhuma pieguice erotica, porque, diz elle,

o cantar e collo nú da amante
Não diz co'a evolução de um seculo gigante.

O apparecimento das *Opalas* foi saudado por Luiz Delphino com este bello soneto:

Poeta, és como Encelado cahido
Do céo, sob as montanhas fulminado !...
Retine o ferro ás mãos do condemnado;
Ouve-se o canto do metal batido.

Movem-se os montes; o Titan, ferido,
E' sobre a terra e sobre o mar lançado...
Na sombra, esse phantasma do passado
Entalha o pé de sangue humedecido !...

E' uma velha esqualida e devassa
A geração que a nossos olhos passa,
Amamentada aos seios de uma escrava ;

Para levar essa carcassa á cova,
Quer-se que beba a geração mais nova
Em vulcões, como tu, nadando em lava !...

E' pena que no volume das *Opalas* não figurassem os *triolets* que o nosso poeta compoz ás centenas. Essa fórma phantasiosa do verso, muito em voga em França no seculo XVI e resuscitada por Theodoro de Banville, foi acclimada na nossa lingua por Fontoura Xavier, e tão grande effeito produziram os seus *triolets*, que por muitos annos o genero foi adoptado nas satyras brasileiras, inclusive pelos terriveis e inqualificaveis versejadores dos apedidos.

Os *triolets* de Fontoura Xavier foram pelo proprio autor condemnados, por serem, na sua maioria, satyras pessoaes. Talvez algum dia reappareçam.

Reproduzo aqui um dos *triolets* predilectos do nosso poeta :

IXORA

Depois de cheiral-o bem,
Um fabricante opinou :
Não ha no mundo ninguem,
Depois de cheiral-o bem,
Que creia existir alguem
Que vença nisto o Pinaud;
Depois de cheirar Lubin,
Um fabricante, o Pinaud.

*

Depois que se atirou á carreira consular, Fontoura Xavier pouco tem apparecido na imprensa.

Sei, entretanto, que os incansaveis editores Magalhães & C^{a}. estão reunindo em volume os seus versos ineditos, sob este titulo : *Estrophes*.

*

Fontoura Xavier foi em 1885 nomeado consul privativo do Brasil em Baltimore; em 1891 removido, com a mesma categoria, para o Porto; no anno seguinte promovido a consul geral de 2ª classe na Suissa, e ultimamente a consul geral de primeira classe na Republica Argentina. Essas rapidas promoções fallam bem alto em favor dos seus meritos como funccionario.

*

Que mais direi? E' um rapaz elegante, que viajou e não suppoz apenas que viajasse, como certo personagem de Dumas filho, e é casado com uma gentilissima brasileira, muito instruida, verdadeira esposa de diplomata.

Quanto aos dotes moraes, nada digo, porque sou suspeito : Fontoura Xavier é um dos meus melhores amigos desde os felizes tempos em que eramos *bohemios* e não tomavamos a serio esta vida... no que talvez tivessemos rasão.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Correu ha dias com muita insistencia que certo empregado do Correio, abrindo uma mala de São Paulo, sentio logo os symptomas do cholera-morbus, e foi, com a presteza possivel, remettido para o hospital da Jurujuba.

A noticia espalhou-se com uma rapidez incrivel; os fluminenses, que são muito impressionaveis, deixaram-se apoderar de verdadeiro panico, e todos se pozeram de pé atraz com as epistolas de S. Paulo (sem *calembour*).

Felizmente não foi cholera-morbus o que teve o empregado do Correio, nem consta que até agora esteja provada a existencia d'essa terrivel molestia no Rio de Janeiro.

Em todo caso, se o flagello apparecer por ahi, o que Deus não permitta, não percamos a cabeça, não nos desorientemos ! Lembremo-nos todos de que, na maior parte dos casos, o cholera não passa de um *ca ... ço*, palavra que é synonima de medo e que eu não posso escrever aqui com todas as lettras.

*

Agora, ahi vae um pequenissimo conto arabe, que eu recommendo á meditação dos meus leitores:

«Um dia a Peste vinha da India, e encontrou no caminho um pobre derviche que lhe perguntou:

— Aonde vaes ?

— Ao Occidente.

— Que vaes lá fazer ?

— Matar.

— Matar porque ?... que mal te fez essa gente ?...

— Nenhum; eu mato porque o meu destino é matar.

— De quantas pessoas pretendes dar cabo durante esta viagem ?

— De um milhão.

— Pois bem, eu supplico-te que te contentes com a metade, e ja terás cumprido a tua missão.

— Derviche, pedes com tão bom modo, que eu prometto fazer-te a vontade.

E a Peste veio para o Occidente.

Na volta, o derviche foi ao seu encontro, e disse-lhe cheio de desgosto:

— Ora muito obrigado! Prometteste matar quinhentas mil pessoas, e eu soube que mataste um milhão e duzentas mil!

— Enganas-te; eu só matei as que prometti matar. As outras morreram... de medo.»

*

Emquanto não apparece o cholera — e não apparecerá, Deus me ouça e o Diabo seja surdo—, deliciemo-nos com as *Chronicas livres* cuja publicação Olavo Bilac encetou na *Gazeta de Noticias*.

O illustre poeta trocou a *Cidade do Rio* pela visinha da esquerda, e eu não tive pena porque — francamente — a politica e elle não foram feitos um para o outro. Prefiro-o alli, porque alli o acho mais á vontade, mais alegre, mais espontaneo, embora escrevendo terriveis e engraçados paradoxos como aquelle de que são tão respeitaveis os nossos vicios como as nossas virtudes.

Emfim, como La Rochefoucauld já disse que as nossas virtudes muitas vezes são vicios disfarçados...

*

Entre as nossas virtudes — quando aqui digo *nossas*, fallo como povo — devia estar um pouco mais de consideração e respeito pela liberdade... dos outros.

O Jury esteve um ror de dias em sessões preparatorias, sem conseguir reunir-se.

E' verdade que o local não convida, e é um verdadeiro sacrificio exercer alli as funcções de juiz de facto, — mas os cidadãos sorteados deveriam collocar o seu dever acima do seu conforto, e lembrar-se dos infelizes que se acham privados da liberdade, á espera de julgamento.

Essa questão do Jury é uma questão muito grave, para a qual os poderes publicos não olham com a devida attenção.

*

E a Paz?

Dão-me noticias d'ella?

Homem, o melhor é deixal-a... em paz.

A.

O *Album* acaba de receber dous livros de versos, um do Norte e outro do Sul.

O do Norte veio do Ceará, intitula-se *Phantos* e está assignado pelo Sr. Lopes Filho; o do Sul veio de Minas, intitula-se *Pallidas* e está assignado pelo Sr. Dr. Fernando de Alencar.

No proximo numero um dos nossos collaboradores dirá alguma coisa a respeito d'esses deus livros.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

IX

Quando só, triste e só, que sinistros francelhos
De dor e de amargura o coração carcomem!
Sinto que vão por terra os meus esforços de homem
E dobro em magua e dobro em desalento os joelhos!

Como fragmentos, flor, de brunidos espelhos
Essas tristezas más que o espirito consomem,
Retratam meu passado e porque mais me domem
Trazem recordações dos teus labios vermelhos.

Eu recordo amoroso as paginas d'outr'ora. .
O' magoa infinda, ó magoa eterna, ó magoa intensa.
Esta que me tortura e bruta me devora...

Cadaveres de sonho, utopia e illusão...
Esqueletos fataes. . mumias, em paz immensa,
Bambaleiam no horror do enfermo coração...

X

Amor! Escarneo atroz ás doces e magoadas,
Vivas aspirações de minh'alma em delirio:
Ah, se houvesse na terra um dedicado lyrio,
Uma visão radial de carnes não manchadas,

Que me sondasse o peito e as lutas provocadas
Por um suave ideal que é meu lento martyrio:
Ideal de amar o amor santissimo no empyreo
Corpo, sereno e angil, de fórmas delicadas .

Esta partilharia o meu sinistro luto
Que me parece immenso e aos outros ser tão pouco,
Emquanto sinto, mais feroz, o tedio bruto!

Esta partilharia a dor de que blasphemo:
E jamais eu vagára, infeliz como um louco,
D'esta extrema descrença ao desespero extremo!

CUNHA MENDES.

S. Paulo.

HISTORIA COMMUM

... Cahi na copa do chapéo de um homem que passava... Perdoem-me este começo; é um modo de ser épico. Entro em plena acção. Já o leitor sabe que cahi, e cahi na copa do chapéo de um hamem que passava; resta dizer donde cahí e porque cahï.

Quanto á minha qualidade de alfinete, não é preciso insistir nella. Sou um simples alfinete villão, modesto, não alfinete de adorno, mas de uzo, d'esses com que as mulheres do povo pregam os lenços de chita, e as damas de sociedade os *fichús*, ou as flores, ou isto, ou aquillo. Apparentemente vale pouco um alfinete; mas, na realidade, póde exceder ao

proprio vestido. Não exemplifico; o papel é pouco, não ha senão o espaço de contar a minha aventura.

Tinha-me comprado uma triste mucama. O dono do armarinho vendeu-me, com mais onze irmãos, uma duzia, por não sei quantos réis; coisa de nada. Que destino! Uma triste mucama! Felicidade, — este é o seu nome, — pegou no papel em que estavamos pregados, e metteu-o no bahu. Não sei quanto tempo alli estive; sahi um dia de manhan para pregar o lenço de chita que a mucama trazia ao pescoço. Como o lenço era novo, não fiquei grandemente desconsolado. E depois a mucama era asseiada e estimada, vivia nos quartos das moças, era confidente dos seus namoros e arrufos; emfim, não era um destino principesco, mas tambem não era um destino ignobil.

Entre o peito da Felicidade e o recanto de uma mesa velha, que ella tinha na alcova, gastei uns cinco ou seis dias. De noite, era despregado e mettido numa caixinha de papelão, ao canto da mesa; de manhan ia da caixinha ao lenço. Monotono, é verdade; mas a vida dos alfinetes não é outra. Na vespera do dia em que se deu a minha aventura, ouvi fallar de um baile no dia seguinte, em casa de um desembargador que fazia annos. As senhoras preparavam-se com esmero e affinco, cuidavam das rendas, sedas, luvas, flores, brilhantes, leques, sapatos; não se pensava em outra coisa se não no baile do desembargador. Bem quizera eu saber o que era um baile, e ir a elle; mas uma tal ambição podia nascer na cabeça de um alfinete, que não sahia do lenço de uma triste mucama? — Certamente que não. O remedio era ficar em casa.

— Felicidade, diziam as moças, á noite, no quarto, dá cá o vestido. Felicidade, aperta o vestido. Felicidade, onde estão as outras meias?

— Que meias, nhanhan?

— As que estavam na cadeira...

— Vê! nhanhan! Estão aqui mesmo.

E a Felicidade ia de um lado para outro, solicita, obediente, meiga, sorrindo a todas, abotoando uma, puxando as saias de outra, compondo a cauda d'esta, concertando o diadema d'aquella, tudo com um amor de mãe, tão feliz como se fossem suas filhas. E eu vendo tudo. O que me mettia inveja eram os outros alfinetes. Quando os via ir da bocca da mucama, que os tirava da *toilette*, para o corpo das moças, dizia commigo que era bom ser alfinete de damas, e damas bonitas que iam a festas.

— Meninas, são horas!

— Lá vou, mamãe! disseram todas.

E foram, uma a uma, primeiro a mais velha, depois a mais moça, depois a do meio. Esta, por nome Clarinha, ficou arranjando uma rosa no peito, uma linda rosa; pregou-a e sorrio para a mucama.

— Hum! hum! resmungou esta. Seu Florencio hoje fica de queixo cahido...

Clarinha olhou para o espelho, e repetio comsigo a prophecia da mucama. Digo isto, não só porque me pareceu vel-o no sorriso da moça, como porque ella voltou-se pouco depois para a mucama, e respondeu sorrindo: — Póde ser.

— Póde ser? Vae ficar mesmo.

— Clarinha, só se espera por você.

— Prompta, mamãe!

Tinha prendido a rosa, ás pressas, e sahio. Na sala estava a familia, dous carros á porta; desceram emfim, e a Felicidade com ellas, até a porta da rua. Clarinha foi com a mãe no segundo carro; no primeiro foi o pae com as outras duas filhas. Clarinha calçava as luvas, a mãe dizia que era tarde; entraram; mas, ao entrar, cahio a rosa do peito da moça. Consternação d'esta; teima da mãe que era tarde, que não valia a pena gastar tempo em pregar a rosa outra vez. Mas Clarinha pedia que se demorasse um instante, um instante só, e diria á mucama que fosse buscar um alfinete.

— Não é preciso, sinhá; aqui está um.

Um era eu. Que alegria a de Clarinha! Com que alvoroço me tomou entre os dedinhos, e me metteu entre os dentes, emquanto descalçava as luvas. Descalçou-as; pregou commigo a rosa, e o carro partio. Lá me vou no peito de uma linda moça, prendendo uma bella rosa, com destino ao baile de um desembargador! Façam-me o favor de dizer se Bonaparte teve mais rapida ascensão. Não ha dous minutos toda a minha prosperidade era o lenço pobre de uma pobre mucama. Agora, peito de moça bonita, vestido de seda, carro, baile, lacaio que abre a portinhola, cavalheiro que dá o braço á moça, que a leva escada acima, uma escada forrada de tapetes, lavada de luzes, aromada de flores... Ah! emfim! eis-me no meu logar.

Estamos na terceira valsa. O par de Clarinha é o Dr. Florencio, um rapaz bonito, bigode negro, que a aperta muito e anda á roda como um louco. Acabada a valsa, fomos passear os tres, elle murmurando-lhe coisas meigas, ella arfando de cansaço e commoção, e eu fixo, teso, orgulhoso. Seguimos para a janella. O Dr. Florencio declarou que era tempo de autorisal-o a pedil-a.

— Não se vexe; não é preciso que me diga nada; basta que me aperte a mão.

Clarinha apertou-lhe a mão; elle levou-a á bocca e beijou-a; ella olhou assustada para dentro.

— Ninguem vê, continuou o Dr. Florencio; amanhan mesmo escreverei a seu pae.

Conversaram ainda uns dez minutos, suspirando coisas deliciosas, com as mãos presas. O coração d'ella batia! Eu, que lhe ficava em cima, é que sentia as pancadas do pobre coração. Pudera! Noiva entre duas valsas! Afinal, como era mister voltar á sala, elle pedio-lhe um penhor, a rosa que trazia ao peito.

— Tome...

E despregando a rosa, deu-a ao namorado, atirando-me, com a maior a indifferença, á rua... Cahi na copa do chapéo de um homem que passava e...

MACHADO DE ASSIS.

Phototypia J. Gutierrez.

FONTOURA XAVIER

TEMPERAMENTOS

Ainda me sangra n'alma a ardente chaga
Que teu amor me fez, — futil capricho —
Voluvel e traiçoeiro como a vaga
Que por sob a alva espuma esconde o lixo.

E eu, cego, nelle a maxima confiança
Do sonho o tabernaculo erigira
Na suprema hysteria da esperança,
E prostrei-me á Mentira.

Ditoso, d'esse amor que me alentava,
Minha unica ambição, louco, fizera,
Sinistro o olhar assim no arabe crava
D'entre a matta a famelica panthera.

Era uma verdadeira idolatria;
Fatal adoração indefinida
Em que estatico todo me absorvia:
Minha luz, minha vida.

E impudente, buscando novos laços,
Da infamia a gargantilha encantadora
A outro estendes, sorrindo, os niveos braços,
Nem que um facto vulgar isso não fóra.

A gamma da volupia requintada,
Do que Pan, mais lascivos, percorremos,
Eu, paixão, nervos, tu, carne excitada:
Tocavam-se os extremos.

E a saciedade veio de mansinho
E toda te invadio, te foi vencendo,
Assim o incauto o capitoso vinho
Que aos poucos vae bebendo, vae bebendo

De então, o inevitavel rompimento;
Livro lido, puzeste-me de lado,
Que te impelle o sensual temperamento
A buscar o ignorado.

E eu que sempre te quiz, e eu que, sincero,
A alma a teus pés depuz, embevecido,
A esta magoa, e esquecel-a é em vão que o quero,
Como que sinto o coração partido.

Mas, soubesse eu embora o desenlace
Que me aguardava, estranha creatura,
Soubesse-o, e ainda talvez mais te adorasse
Na ob essão da ventura

ALFREDO DE MAGALHÃES.

A VISITA

O POETA, *despertando ao primeiro rumor do dia.*— A aurora canta pela voz dos primeiros passaros e dos primeiros ninhos despertos. O sol vibra uma cantiga de ouro e perolas na minha alcova... *(Deixando o leito.)* Levanto-me... *(Sentando-se á mesa de trabalho.)* Faço versos, burilo phrases para occultar aos que me rodeiam a grande alegria de que estou possuido. *(Deixando de escrever.)* Parece que tenho um céo dentro d'alma; parece que tenho aves e ninhos a cantar estranhas musicas dentro do meu coração!... *(Curvando-se sobre a escripta.)* Trabalho, não para esquecel-a, o que não poderei fazer jamais, mas para esperar sereno o seu riso, como quem espera a luz de uma alvorada depois de uma noite profundamente negra e sem astros... *(Detendo-se de novo.)* E ella vem ver-me esta tarde; vem trazer um pouco de luz á minha saudade dorida, um pouco de sol á minha tristeza infinita... *(Olhando para o relogio.)* E a hora approxima-se... *(Ouvindo.)* Soam duas horas... *(Erguendo-se e indo escutar á porta.)* Alguem sobe a escada. *(Rindo.)* E' ella, conheço a musica dos seus leves passos! *(Vendo-a entrar.)* Entra!

Olhamo-nos. Que mundo de promessas naquelle olhar, que alegria a palpitar-lhe no labio tremulo!... Traja de branco... parece-me assim uma pomba fugida de um pombal celeste. *(Ouvindo-lhe a voz.)* Falla!... a sua voz parece afinada pelo canto dos violinos doces, pelas cytharas encantadas de um paraizo estranho e invisivel! *(Continuando a ouvil-a.)* Falla, sempre, falla com certo receio... A sua voz agora trae o som produzido por um punhado de moedas de ouro atiradas n'um prato de crystal finissimo... *(Com um sorriso.)* De vez em quando fita-me... Os seus olhares encontram sempre os meus, ousados, insaciaveis do seu riso. *(Pensando.)* Bella?... *(Com arroubo.)* Para os outros não sei, mas para mim infinitamente bella e infinitamente graciosa, vestida assim de branco, como as santas de um altar de egreja, como as commungantes purrissimas num domingo de Ressurreição. festivo e alegre. *(Acompanhando-a com o olhar, seguindo-lhe os gestos.)* Ergueu-se agora; dá uns passos na sala, agitando os braços alvos e roliços, onde tilintam uns braceletes de ouro, certamente menos preciosos que o metal do seu riso, que o ouro da sua phrase!...

Magoa que me dilaceraste o peito durante o dia de hontem!... Pezar que me subjugaste um mez inteiro, desafio-vos a que me subjugueis de novo!... *(Como dentro de um sonho.)* A minh'alma está aberta para o seu riso como uma janella de par em par para os risos da alvorada!... *(Passeiando o olhar em volta.)* Mas, olham-me curiosos... Murmuram de mim, talvez... d'ella tambem, quem sabe?... *(Approximando-se.)* Approximo-me, fallo-lhe em versos... *(Satisfeito.)* Ella adora os versos... E eu que os faço tãobem, que procuro burilal-os como um ourives de gosto burila joias de valor... *(Recitando.)* E insensivelmente vem-me aos labios este sublime tercetto do Bilac:

E emquanto eu ardo em sua luz, emquanto
Em seu fulgor me abrazo, uma sereia
Soluce e cante nessa voz tranquilla!

(Dando-lhe uma flor.) Ah! como são ousados os que amam, como são ousados!... Offereço-lhe o

meu primeiro pensamento, o meu primeiro protesto na corolla humida de uma flor... E' a primeira que lhe entrego... *(Reparando.)* Sorrindo, colloca-a do lado esquerdo do peito, sobre o coração infantil... Agradeço com um sorriso que diz um mundo de promettimentos... *(A' flor.)* Pallida flor, que feliz destino o teu! Morrer, estiolar-se sobre um seio virgem após sorprehender-lhe todas as doces palpitações de amor, é um bem que não é dado a todas as flores da terra!... Como és feliz, pallida flor gentil, tantas vezes aspirada por mim!... *(Fallando-lhe, olhando-a de perto, emquanto a visita fita-o e sorprehende-o a rir para ella.)* E tremulo, tremulo, fitando-a – *branca e leve*—sinto que sou o mais feliz dos homens, o mais adorado dos poetas! *(Indo até a janella e fallando á paizagem.)* Primavera! traze-me as rosas mais rubras dos prados e os cravos mais brancos dos jardins vistosos!... *(Ao sol.)* E tu, sol radiante e feliz, que tens o halito das flores e as doces canções das leiras, dá-me a tua luz clara e sonora! *(Sentando-se a escrever.)* Quero tecer-lhe agora um poema de luxo... *(Mas fitando-a ainda uma vez.)* Como ella me olha! *(Com amor, com exaltação.)* Mas, como eu a adoro!

R.

BILHETE AZUL

TO ELLEN

Ai! no teu labio morno, esse labio tão doce,
Onde o meu verso vae, ruflando azas, poisar,
Se, em vez da aza de um verso, a aza de um labio fosse,
Que epopeias de amor lhe ensinára a cantar!

Das linhas virginaes de teu busto que poema
Não faria saltar! Que limpido gorgeio
Do bico de teu pé! Que inspiração suprema
Haurira, borbulhando á tona do teu seio!

Era num collo assim, puro e alvo como o teu,
Que eu sonhára aninhar a fronte e adormecer...
Fitando uma mulher como se fita o céo!

Feliz do homem que um dia abroquelar-te o pejo,
E, no altar de teu labio, extatico, puder
Commungar a hostia exul do teu primeiro beijo!

PETHION DE VILLAR

Bahia.

Recebemos da Exma. Sra. D. Ernestina de Almeida um exemplar de sua linda valsa as *Operarias*, editada pelos Srs. Buschmann & Guimarães.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

Guilherme Tosti foi dos que não quizeram esperar, e sahio da plateia.

Um máo estar crescente apoderava-se d'elle. Frequentes abalos nervosos conservaram-n'o durante todo o acto numa excitação, como se lhe contrahisse a fronte uma corôa electrisada.

Ainda se ouviam os ruidos freneticos do applauso, quando alcançou o corredor. Precisamente, porém, nesse momento Carrero sahio-lhe ao encontro.

Guilherme guinou, disfarçando com o corpo, com a intenção de não fallar ao promotor da ovação que se preparava a Lucio Herrera.

Carrero deu pelo movimento do conhecido, e, sem attribuir outro intento senão a casualidade ou distracção, tomou do corpo do moço, pousou-lhe as mãos sobre o hombro e, por assim dizer, soldou-o ao corredor.

Tosti disfarçou a perturbação com um gesto incomprehensivel e um sorriso de Machiavel.

Amigo, bem previa eu — esta comedia é para fazer carreira em todos os theatros de Montevidéo!

Foram as primeiras palavras de Carrero.

Guilherme sentio-se como que mordido no coração. O despeito carregava-lhe a garra aguda e lancinante. Um tremor de labios accusava a indignação em que se revolvia o espirito do rival de Lucio.

— E' a primeira obra de valor escripta por um compatriota! A primeira e a unica — ainda sustentou o apologista, ignorando que apunhalava o pobre rapaz.

— Não é bom prever de mais! disse então Guilherme sem se poder conter. Quantas vezes no primeiro e no segundo acto ergue-se a grandes alturas uma comedia para em seguida morrer no ultimo?

Carrero mordeu o bigode. Acabava de ler nos intervallos das palavras que ouvíra pronunciar, os primeiros symptomas da inveja.

— Em todo o caso posso afiançar que esta comedia terminará por um triumpho. E' uma ideia que tenho. Na minha opinião o primeiro acto é precisamente o que menos vale.

O amigo de Lucio disse intencionalmente esta ultima phrase, cravando no rosto do seu interlocutor um olhar de investigação.

Guilherme empallideceu de subito. Esperava que o valor da comedia decrescesse em cada acto e eis que, ao contrario do seu desejo, augmentava!

O pretendente não se tinha visto, em toda a sua vida, em identica circumstancia, e por isso fraquejou.

Denunciou-se. Apto, destemido e temido em todas as tentativas amorosas, não receiava a rivalidade de Lucio. Tinha bastantes estrategias e sortilegios para ficar senhor do campo.

Ao menos, eram essas as ideias pretenciosas que lhe alimentavam a vaidade O que, porém, o acobardava, sobremodo, era o exito da peça. Sabia tratar com os homens, mas ignorava o modo de combater o talento. A' vista de tal exame a que o sujeitára, voltou-lhe Carrero as costas, atirando-lhe um gesto de despedida, que bem se poderia tomar por um gesto de desprezo.

— Veremos quem ha de ser o vencedor! — murmurou Tosti, pondo-se a caminho em direcção ao camarote da familia Blanco.

Carmen recebeu-o como nunca.

— Lucio, provavelmente, estará no theatro. Ha de ver-me. E' quanto basta para ferir-lhe, não o coração — pensou ella — porque me não ama, mas o amor proprio.

— Trago-lhes uma novidade! — principiou Guilherme, aproveitando-se da ausencia de Blanco, que se fôra encontrar com o coronel Herrera.

— Uma novidade? — interrogou Dolores sem desviar a vista da plateia, onde esperava ver o seu novo medico de partido.

— Ou para melhor dizer, trago-lhes duas novidades. Que digo?... tres!

Carmen rio da progressão em que ia a numeração das noticias.

— Ouçamos a primeira — disse sorrindo, de modo a enlevar o seu denodado pretendente.

— Esta comedia que se dizia trabalho de autor anonymo, como pelo menos apparentaram os cartazes e annuncios, já é conhecida como obra...

— De quem?

— Do doutor Lucio Herrera.

Guilherme deu um passo atraz e estudou o effeito das palavras. Dolores volveu o busto repentinamente, passou a mão pela fronte e acariciou o pavilhão do ouvido, como se por ventura lhe chegasse o nome de Lucio pronunciado por uma melodia angelica. Carmen, pelo contrario, apoiou-se á balaustrada do camarote. Entorpeceu-lhe o cerebro a expansiva manifestação de sua mãe ao ouvir o nome do doutor.

— E' Lucio o autor? interrogou de novo a moça.

— E' uma boa noticia que lhe dou, não é verdade? — murmurou Gulherme tristemente.

— Engana-se — respondeu Carmen, de modo a não ser ouvida por Dolores; engana-se, essa revelação importuna-me apenas. Preferia que o autor fosse o senhor.

Sem comprehender o verdadeiro sentido d'aquellas palavras, Guilherme Tosti tomou-as como retribuição de amor. A verdade, porém, era que á alegria de Dolores torturava o coração de Carmen como um ferro em braza.

— E se é Lucio o autor, porque não nol-o disse o coronel Herrera?

— Porque o coronel tambem ignora o nome do autor da comedia.

— Como assim?

— Ora, ora, perfeitamente, por hypocrisia. O nome não appareceu nos cartazes; em compensação, repetiram-no por toda a parte, desde o porto até o bairro extremo da União, desde o Cerro até a praia dos Pocitos.

— Esta é a primeira novidade. Podemos ouvir a segunda?

— A segunda é que o Dr. Lucio arvora-se em flagellador da sociedade para descarnar os defeitos das familias. Segundo ouvi dizer a Carrero e a outros que assistiram ao ensaio geral, esta comedia é, no final de contas, uma indirecta tremenda contra habitos da nossa sociedade; é uma allusão mordaz á liberdade demasiada nos usos e costumes das familias de Montevidéo.

— E nisso faz elle muito bem! — atalhou Dolores, sem poder prever que o intento de Lucio fôra precisamente o de tomar a familia Blanco para typo da sua comedia.

Guilherme não combateu esta opinião. A pratica havia-lhe suggerido uma verdade: a primeira condição para se fazer querer das matronas é concordar, até mesmo com os absurdos que ellas pronunciem.

— E a terceira? — perguntou por sua vez Carmen para disfarçar a commoção. E a terceira?

— Que para esta peça está preparada uma ovação na plateia, paga a *pezo* de copos de *absintho* e por influencia de Carrero. No *paraizo* estão dispostos vinte e tantos homens para concluir o fogo de artificio dos applausos.

— Expansões de patriotismo.

— Patriotismo ou não, o que lhes posso garantir é que tudo isto me parece um modo singular de ser applaudido.

— Defeitos do nosso povo.

— Esses defeitos não os censurará por certo o doutor Lucio.

— Victoria! — pensou, jubilosa, Dolores. — Guilherme principia a ter ciumes de Lucio e Carmen a corresponder-lhe.

Expansivo sorriso illuminara-lhe o semblante que o moço admirava, mas cujo sentido de expressão não podia bem comprehender.

Depois de curta pausa, e quando já preludiavam os instrumentistas na orchestra, Carmen sentio morder-lhe a bossa principal dos cerebros femininos, a da curiosidade mais incisiva.

— Diga-me, Guilherme perguntou, em tom de voz soberana e como quem não abmittia hesitação na resposta: Como veio a saber de todas essas particularidades que nos communicou?

— Se me promettem segredo...

O amor proprio da oriental revoltou-se. Não respondeu; contentou-se em sustentar, impassivel, o olhar interrogativo que lhe dirigia Guilherme.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

NA ENTREVISTA

Choras. Teu pranto é como o orvalho brando
Sobre o calix alvissimo de um lyrio;
As lagrimas são pingos quaes de um cyrio
Que dos teus olhos tristes vão tombando.

Sorris. Teu riso é como o sol brilhando
A devassar a terra, o mar e o Empyrio;
Cada risada espanca esse martyrio
Que quando ausente vou por ti penando.

Cantas. Tua voz em céleres adejos
Pela amplidão immensa dos espaços
Sonora espalha olympicos harpejos.

Sorris mal chego e lanço-me em teus braços;
Cantas commigo a musica dos beijos
E choras entre os ultimos abraços.

ANTONIO LIMA.

THEATROS

LYRICO. — Os horizontes da Guarda-Velha andaram, ao que parece, muito entroviscadados; dizia-se que a bella representação do *Falstaff*, realisada na quarta-feira, seria o ultimo espectaculo da companhia Ducci. Felizmente o tempo serenou, hontem houve espectaculo com os *Puritanos* e a *Cavalleria rusticana*, e segunda-feira apparecerá, radiante, o *Lohengrin*, de Wagner, uma opera illustre, que naturalmente ouviremos em 1893 com mais satisfação do que o fizemos em 1883.

*

S. PEDRO. — A companhia portugueza do theatro D. Maria, que tem dado algumas das peças já exhibidas antes da sua estada em S. Paulo, representou hontem, em beneficio de João Rosa, o *Alfageme de Santarem*, de Almeida Garrett. Sobre tão importante acontecimento artistico e litterario fallaremos no proximo numero do *Album*.

*

LUCINDA. — Uma comedia nova, o *Primeiro marido de França*, escripta por Albin Vallabrègue, o autor das *Tres mulheres para um marido* e de tantas outras peças engraçadas, e traduzida, muitó mal traduzida, pelo actor Guilherme da Silveira, que se metteu agora o tocar rabecão.

O *Primeiro marido de França* pertence á escola do quiproquó, fundada por Hannequin.

As peças d'essa escola têm o defeito de se parecerem muito umas com as outras. Esta, porém, tem uma scena, uma scena só, que vale uma peça inteira:

Dous sujeitos maduros *protegem* a mesma *cocotte*, e cada qual imagina ser o unico... Por accaso encontram-se ambos, na casa d'ella, em presença um do outro. Ella, que a sabe toda, não se desconcerta e, com um gesto vago, sem olhar para nennum, apresenta-os, dizendo: — Meu pae. E cada um dos *protectores* suppõe estar diante do seu sogro... torto.

A situação é nova e não póde ser mais comica. Infelizmente o actor Fonseca estragou-a completamente, caracterisando-se de maneira a não poder passar por pae da actriz Clementina, que fazia a *cocotte*.

Maia, um dos nossos actores mais conscienciosos, estava deslocado no seu papel de rapaz, e Balbina representou com demasiada exuberancia um interesante papel de sogra.

As honras da noite couberam ao emprezario, ao Peixoto, que é sempre o Peixoto, e desenhou com muita habilidade o papel de um velho hypocrita, marido infiel, que passa aos olhos de sua mulher — a Balbina — pelo primeiro marido de França.

Se querem assistir á representação de uma comedia engenhosa, e ás engraçadas attribulações de um marido patusco, vão ao Lucinda.

*

POLYTHEAMA. — A companhia Tomba é infatigavel. Que bello exemplo para as companhias indigenas, de ordinario tão preguiçosas!

Depois da *Linda de Chamounix*, de Donizetti, que foi mais um triumpho para a Tettrazzini, tivemos a *Gran-via*, de Chueca e Valverde, representada e cantada em hespanhol, e ante-hontem o *Boccacio*, de Suppé.

*

Nos outros theatros nada de novo: no Apollo parece firmar-se o *successo* de *Abacaxi!*; o Recreio explora o seu velho, opulento e eclectico repertorio; a Phenix insiste com o *Periquito* e o *Capadocio*, esquecendo-se das *Furias de amor*; o Sant'Anna prepara-se para dar a *Mascotte*; o Variedades vae se dando ás mil maravilhas com os *Talismans de Perlimpimpim*.

Esta magica deu logar a uma questão muito engraçada e muito caracteristica: quatro ou cinco individuos disputam-se a autoria da peça, e os nomes dos verdadeiros autores — Cogniard e Clairville — não appareceram na contenda!

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:
LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.
LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 36 SEGUNDA SÉRIE SETEMBRO DE 1893

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26$000 e 13$000.—Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

JOÃO ROSA	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
A TUA VOZ	Adelina A. Lopes Vieira.
MARIO UCHARD	Amarante.
GRÃO SENHOR	Arthur Guimarães.
«PALLIDAS» E «PHANTOS»	Cosimo.
NINHO DESPEDAÇADO	Leonidas e Sá.
BIOGRAPHIA DE UMA PENNA	Maria C. da Cunha Santos.
SONETO	Padre Corrêa de Almeida.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
VACUO	Adelino Foutoura.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. HENRIQUE DE SÁ

JOÃO ROSA

Filho legitimo do actor João Anasthacio Rosa, que tanto nome deixou, e de D. Adelaide Vidocira Rosa, nasceu o estimadissimo artista em Lisboa, aos 18 de Abril de 1844.

Nunca foi amador, nunca representou em «theatrinhos particulares»; enfrentou desde logo com o verdadeiro publico, no Porto, aos 12 de Novembro de 1864, em companhia de seu pae, na comedia as *Joias de familia*, de Cezar de Lacerda.

No anno seguinte ao d'essa auspiciosa estreia, apresentou-se ao publico da capital portugueza, no theatro D. Maria II—que havia de ser o seu treatro—, desempenhando com exito um papel no drama *Sabina Maupin*.

Estudando sempre sob a direcção de seu pae, tornou-se em pouco tempo um actor notavel, e conseguio verdadeiros *successos* em muitos dramas, de entre os quaes destacaremos os *Fidalgos de Bois Doré*, os *Amores de Condé*, *Nobres e plebeus* e a *Vida infernal*.

Pouco depois baixava á sepultura o grande Tasso, uma das glorias do palco portuguez, e coube a João Rosa a missão difficillima de substituil-o. Qual foi o resultado de tão honrosa incumbencia? Que o diga o enthusiasmo, o delirio que o joven artista causou, representando o papel de Gennaro, da *Lucrecia Borgia*, de V. Hugo, o de Karlow, da *Patria*, de Sardou, o do marquez Gastão de Presle, do *Genro do Sr. Poirier*, de Augier, e outros.

Em 1872 sahio João Rosa do theatro D. Maria II e entrou para o Gymnasio, onde se conservou dous annos, passando em 1874 para a Trindade. Neste ultimo theatro estava deslocado; ainda assim, é celebre a interpretação que elle ahi deu a um papel de farça, o do criado, na *Boule*, de Meilhac e Halévy.

Depois de passar um anno na Trindade, voltou João Rosa para o seu theatro, para o D. Maria, de onde só tem sahido para realisar pequenas viagens de instrucção e recreio pela Europa, raras excursões artisticas pela provincia, e as tres grandes *tournées* do Brasil, que tem feito com os seus companheiros de palco.

*

A segunda phase da vida artistica de João Rosa, que começou da data em que elle voltou para o D. Maria II, tem sido até hoje uma serie não interrompidas de triumphos. Longa e fastidiosa seria a enumeração de todos os seus papeis: basta citar o marquez, do *Fidalgo pobre*, o Carlos V, do *Hernani*, o Iago, do *Othelo*, o Bellac, da *Sociedade onde a gente se aborrece*, o Gian-Battista, do *Severo Torelli*, os seus grandes e gloriosos papeis de Richelieu e Luiz XI, e, no repertorio moderno portuguez, o D. João II, do *Duque de Viseu*, e o D. Pedro I, da *Morta*, de Lopes de Mendonça, o prior, dos *Velhos*, de D. João da Camara, e esse magnifico Froilão Dias, do *Alfageme de Santarem*, de Almeida Garrett, a sua ultima creação.

*

Em 1876 João Rosa casou-se com uma senhora distinctissima, da primeira sociedade de Lisboa,

sobrinha dos marquezes de Penafiel, descendente de paes e avós brasileiros.

Entre outras distincções honorificas, recebeu do governo do seu paiz o habito da Ordem de São Thiago

*

Fechará este ligeiro artigo a transcripção, em parte, das palavras que o director do *Album* ha dias escreveu para a polyanthéa distribuida em honra de João Rosa, na noite de seu beneficio:

« Ahi está um dos actores que eu mais aprecio.

Estudioso, sobrio, correcto, despreoccupado d'esses effeitos extravagantes que certos artistas conseguem diante de certas plateias, respeitador da prosodia portugueza, laboriosamente mettido na pelle de seus personagens e incapaz de trazel-os á luz da rampa sem um trabalho completo de interpretação, João Rosa é hoje o rebentão mais illustre, talvez, d'aquella gloriosa geração de artistas portuguezes que se chamaram Tasso, Emilia das Neves, Theodorico, Rosa pae, José Carlos dos Santos e outros.

Fóra do theatro, na rua como na sala, tanto pela *lenne* como pela *retenue*, João Rosa é ainda um artista cioso da dignidade de sua arte, porque — e ninguem me diga o contrario — na profissão do actor o homem da sociedade reflecte fatalmente sobre o homem do palco, e um completa o outro.

Quem não conhecesse João Rosa e tratasse dez minutos com elle, tomal-o-ia por um d'esses fidalgos de sangue — ainda as ha em Portugal — empenhados em respeitar e prolongar a fama de seus avós »

Essa é a opinião geral, esse é o juiso que todos fazem de João Rosa.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Permittam os leitores do *Album* que eu deixe de parte o Rio Grande do Sul, o Senado, o Wandenkolk, o Ruy Barbosa, mesmo o assassinato da rua de Santo Antonio, para dizer-lhes que assisti, terça-feira passada, ao jantar do Centro Artistico, — o jantar de Agosto, do qual se encarregou o Assis Pacheco.

Sim, porque o Centro Artistico, associação nascida no Instituto de Musica e na Escola de Bellas-Artes, dá um jantar todos os mezes, e de cada *menu* se encarrega um dos socios, previamente designado para esse fim.

Parece-me que esses agapes têm caracter reservado, mas... — que querem? — fui honrado com um convite especial, e não se convida impunemente um escrevinhador de chronicas para um banquete de artistas...

A festa, presidida por Leopoldo Miguez, correu alegremente, num tiroteiro de ditos espirituosos e sonoras gargalhadas. Não se fallou em politica, nem se disse mal dos ausentes. Em compensação, conversámos bastante sobre coisas de arte, e assim se passaram quatro horas agradabilissimas.

Estavam presentes: Assis Pacheco, o encarregado do *menu*, que distribuio á meza alguns exemplares, magnificamente impressos pelo editor Bevilacqua, da sua romanza *Decembre*, poesia do erudito professor Parlagreco, tambem presente; Frederico do Nascimento, o grande poeta do violoncello, questionando sempre, e muito contrariado porque o seu visinho de meza, Medeiros e Albuquerque, era de sua opinião; Rodolpho Amoedo; Rodrigues Barbosa; Modesto Brocos, muito satisfeito com o retrato de Annibal Falcão, que elle acaba de pintar; Raul Pompeia, que propoz calorosamente aos seus consocios, e foi aceita, uma grande manifestação do Centro á estatua de José Bonifacio no dia 7 de Setembro; Rodrigues Cortes; Fertin de Vasconcellos, director e proprietario da *Gazeta Musical*; o *maestro* Porto-Alegre, o architecto Buccarelli; e... Mas pelo amor de Deus! é impossivel citai-os a todos!

Faço votos para que o Centro Artistico, adiantando-se além do terreno, aliás muito civilisador, da culinaria e da gastronomia, se torne um verdadeiro centro... de operações pela Arte.

*

Audaces fortuna juvat, eis ahi a divisa que deviam adoptar os Srs. Magalhães & C., proprietarios da Livraria Moderna, Assembleia, 23. A uns homens assim não me importa fazer escandalass *reclames*.

Esses editores litterarios — litterarios por excellencia — são de uma intrepidez até hoje desconhecida em terras de Santa-Cruz.

Esta semana atiraram ao mercado nada menos de tres obras de certo valor: *Celeste*, romance de Delia, — *Blocos*, contos e phantasias de Isaias de Oliveira, — e *Broqueis*, versos de Cruz e Sousa!

Têm a sahir do prelo a *Normalista*, de Adolpho Caminha, e no prelo a *Sogra*, de Aluizio Azevedo, as *Estrophes*, de Fontoura Xavier, e as *Rimas de outr'ora*, de Affonso Celso!

Além d'essas obras, todas brasileiras, irão successivamente publicando outras muitas, para o que têm contracto firmado com os respectivos autores!

Enforca-te, B. L. Garnier!

*

A proposito:

Está publicado em livro o romance de costumes fluminenses, a *Capital Federal*, de Anselmo Ribas, que, todos o sabem, é um dos pseudonymos do nosso Coelho Netto.

Os *Demonios* e a *Mortalha de Alzira*, de Aluizio Azevedo, não tardam tambem por ahi.

*

Ainda outra novidade litteraria:

Appareceu em livro o romance *Encarnação*, de José de Alencar, publicado ha muitos annos em fo-

lhetins pelo *Diario Popular*, e não pela *Folha Nova*, como disseram hontem os meus collegas da *Gazeta de Noticias*.

A edição foi feita pelo poeta Mario de Alencar, filho do grande escriptor brasileiro.

*

Sob o risco de escrever hoje uma coisa mais parecida com um annuncio que com uma chronica, direi que um dos acontecimentos da semana foi a inauguração da *Casa Colombo*, que hontem se realisou. Trata-se de mais um grande estabelecimento de artigos destinados ao bello sexo masculino, no mesmo genero do *Preço Fixo* e da *Torre Eiffel*. A loja é uma das mais bonitas da rua do Ouvidor, e é, incontestavelmente, a de feitio mais moderno.

*

E sou obrigado a fazer de uma lagrima o ponto final d'este artigo !

Acaba de fallecer, em pleno vigor da edade e do talento, o illustre cearense barão de Sobral, José Julio de Albuquerque Barros, jurisconsulto eminente.

José Julio prestou relevantissimos serviços á Patria, batendo-se, como jornalista, por todas as ideias liberaes, — administrando sabiamente as provincias do Ceará e do Rio Grande do Sul, aquella durante o terrivel periodo da secca, — dirigindo, com inexcedivel zelo e criterio, as secretarias da Agricultura e da Justiça — e, finalmente, occupando com brilhantismo o cargo de Procurador Geral da Republica.

E' mais um grande brasileiro que desapparece no tumulo !

*

Tem a semana ainda outro cadaver, um cadaver anonymo arrojado á praia da Copacabana, e que se suppõe ser de algum cholerico do *Carlo R.*, o navio Ahsverus, — mas basta de coisas tristes !

A.

A TUA VOZ

NO ALBUM DE ZALINA ROLIM

Mais que de uma harpa o soluçar plangente,
Mais que da flauta a nota crystallina,
Da tua voz a musica divina
Attrae e encanta deliciosamente.

Tão flebil e tão meiga, brandamente
Em minh'alma penetra a peregrina,
Como por fresta occulta e pequenina
Entra um raio de sol na treva algente.

Canta, poetisa, uns poemas delirantes,
E ás mãos cheias esparge, caridosa,
Do teu thesouro os fulgidos diamantes!

Canta! dedilha a lyra sonorosa!
Quero, em extasi, ouvir os sons tocantes
Da tua voz dolente e harmoniosa.

ADELINA AMELIA LOPES VIEIRA.

MARIO UCHARD

Falleceu em Pariz, com 69 annos, este escriptor, que teve a sua hora de celebridade.

Succumbio a uma laryngite ; não se suicidou, como disse uma folha d'esta capital.

Mario Uchard casara-se com a famosa actriz Madeleine Brohan, mas separou-se d'ella logo depois do casamento.

Escreveu muitas peças de theatro e alguns romances ; d'aquelles foi *Fiammina* a que obteve mais *successo*, e é considerada com um autobiographia ; d'estes o que mais agradou foi *Mon oncle Barbassou*, publicado na *Revista dos dous mundos*.

Ao enterro de Mario Uchard compareceram quinse pessoas, e entre estas apenas dous, litteratos conhecidos : Aurelien Scholl e Philippe Gille.

AMARANTE.

GRÃO SENHOR

Já o viste algum dia ?

Tem a attracção do iman, possue o seductor sorriso das mulheres formosas e, numa palavra, é Grão Senhor bajulado por meio mundo, sequestrado por todos e principalmente adorado por muitos até a idolatria.

Suave creação do genio commercial, tem, no meio onde governa, absoluto imperio, e tão depressa o encontras meigo como arrufado, sincero como mentiroso, predisposto ao bem como ao mal.

E' multiforme no sentir, hermaphrodita no ser, blindado de precauções no fallar, e tardo e instantaneo a um tempo no agir.

Ha alguma coisa de nebuloso e de indeciso no seu olhar impossivel de traduzir, e basta que cerre levemente as palpebras, para que ninguem possa devassar-lhe as intenções, as vontades, os designios.

E', portanto, nas arcadas orbiculares que elle concentra a maior somma de forças, as quaes o habilitam a proceder quasi sempre com segurança.

Pobre ou rico, pratica sempre do mesmo modo. discretamente, egoisticamente.

Facto digno de menção: é victima de callos e, se alguem lh'os piza, protesta logo e com vehemencia.

Nem serve de attenuante o descuido ou a distracção de quem incorre nas iras do Grão Senhor, porque elle guarda rancor e promette vingar-se.

Póde expellir fogo ou verter divina ambrosia, ha sempre quem dispute seu labio da côr do ouro, o que, de resto, é natural em se tratando de um soberano.

Tem o dom da ubiquidade, veste com e sem asseio, é douto e indouto, civil e incivil, conforme a occasião e o logar.

Por amor d'elle ha quem commetta villanias e— o que é mais extraordinario — ha quem minta a cada hora, a cada minuto, a cada segundo.

Uma vez encarnado no macaco aperfeiçoado da civilisação — o homem —, funde-se nelle, sente com elle e, depois de bem exploral-o, remette-o para a fascinadora consorte D. Ambição, que está atraz da cortina e espia de longe os escravos que o esposo vae fazendo.

— Quem é, afinal, o typo convencional acima esboçado, casado com a Ambição?

E', leitor, o peior dos inimigos da tua alma, é o preposto da vida sonante, que se chama universalmente o Interesse!

ARTHUR GUIMARÃES.

NINHO DESPEDAÇADO

A MINHA MÃE

Oiseaux,
Nichez loin de nous dans l'azur.

Sully Prudhomme (LE PRISME).

Dentro de um ninho, atropeladamente,
Corpos pequenos jazem machucados,
Azas inertes, confundidamente,
Remiges soltas, bicos arrancados!...

Pendido ha pouco á margem do caminho
Forte rajada ao longe o arremessou!
Quantos amores nesse pobre ninho!
Quanta esperança não se lacerou!

A mãe dos filhos nem sequer suspeita!
O alimento procura azafamada,
E, quando volta ao ninho, satisfeita,
Ai! como é triste a volta desgraçada!

Antes um raio lhe partisse ao meio
Que ver a scena que ella vira agora...
Chuva de espinhos lhe cravára o seio ..
— Quem não tem lagrimas como é que chora?...

Os pobresinhos nem chamar puderam
A mãe que andava a procurar o pão,
Tristes, trementes, timidos, bem leram
No azul do céo a aza do tufão!

Num desespero lascinante, ó dor?
Egual ás magoas de Maria em pranto,
Ella em arranco de esplendente amor,
Geme e soluça num funereo canto.

Depois distende sobre o roto ninho
As curvas azas dolorosamente,
E triste morre á margem do caminho...
— Mãe, sempre és bella e nunca indifferente!

LEONIDAS E SÁ.

Rio, 1893.

BIOGRAPHIA DE UMA PENNA

Declinava a tarde melancolicamente. O oceano, espelho do céo, estava pallidamente azul.

Eu, partilhando da melancolia que acommette a natureza ao pôr do sol, fui sentar-me á beira mar, para ver se as vagas me traziam algum lenitivo.

Olhei ao acaso para o chão, e vi uma penna velha que, ao ver-me fital-a, cortezmente me saudou, cheia de reverencia, deixando perceber em seus modos que era penna illustrada ou, pelo menos, acostumada a grande tratamento.

Correspondendo ao seu gentil comprimento, manifestei-lhe a minha satisfação por encontrar naquellas paragens uma companheira tão interessante.

Passados alguns minutos, a penna conversava commigo, tão amigavelmente, como se ha annos fossemos conhecidas e tivessemos já dado sobejas provas de nossa reciproca lealdade. E' que o isolamento tem o singular poder de dar um encanto particular ás expansivas expressões da alma.

Eu, que começava vivamente a interessar-me pela penna, pedi-lhe que me contasse a causa de suas magoas, pois ella deixava transparecer a tristeza no accento de suas palavras e no tristonho som de sua voz. Disse-me que procurava a solidão, para occultar-se do bulicio do mundo, que muito a incommodava.

Começou, pois, a narrar-me a sua vida, dando á sua voz aquella expressão de sinceridade, que jamais póde ser imitada.

Disse-me: Eu fui fabricada em Londres, onde as minhas mais respeitaveis companheiras têm visto a luz do dia. Passei por innumeros processos até tornar-me uma verdadeira penna, isto é, polida e acabada.

Comecei, pois, a viver no dia em que fui collocada numa luxuosa caixinha de papelão.

O meu senhor, ou o dono da fabrica a que eu pertencia, satisfazendo a um pedido, que tivera de uma casa commercial do Rio de Janeiro, de um grande sortimento de papeis e objectos de escriptorio, fez-me embarcar num grande vapor com destino á capital do Brasil.

No vapor, occupando os compartimentos menos importantes, fui alojada no porão, de sorte que fiquei alheia a todas os aventuras de viagem.

Soube, e isso mesmo por um abelhudo tinteiro, que estavamos quasi a ter um tragico fim, isto é, a sermos lançados no oceano, porque o piloto, temendo uma grande borrasca, aconselhava que puzessem cargas ao mar. Isso, porém, não se realisou, porque o accidente, temido pelo piloto, terminára, dando logar a uma excellente viagem.

Chegada que fui ao Rio de Janeiro, tive um vistoso logar numa magnifica *vitrine* da rua do Ouvidor. Ahi, ao pé de rico album de autographos, de lindas caixas de papel phantasia, de bellos

Phototypia J. Gutierrez.

JOÃO ROSA

cartões e de uma grande variedades de tinteiros e canetas, fui collocada.

Já conhecia alguns objectos estrangeiros, como, por exemplo, um areieiro chinez, que me contava maravilhosos casos de seu paiz.

Confesso-vos que senti grande pezar quando fui vendida a um transeunte, e me despedi de minha familia, isto é, das outras pennas, que ficavam na caixinha. Chorei muito.

Nesse mesmo dia o meu novo possuidor fazia-me mergulhar num oceano horrivel, tempestuoso e negro. Estava dentro de um grande tinteiro feio e antigo, suspensa numa caneta de páo, grosseira e roliça. Eu sahia de dentro do tinteiro, nervosa, temendo que o banhista, isto é, a caneta, me deixasse a mão e eu morresse afogada.

Comecei, então, machinalmente, a correr sobre o papel, impulsionada pela forte mão de um robusto estudante de medicina. Era esse o transeunte que me havia comprado.

Tracei grandes trechos de medicina, cheios de termos apropriados. O estudante escrevia a sua these, para apresental-a d'ahi a dias á Faculdade.

Immediatamente senti grande differença, não só sobre o papel em que corria, como tambem sobre a diversidade das expressões.

Os termos medicos foram substituidos por termos amorosos, doces como o nectar celeste de que tanto fallam os poetas.

D'ahi a pouco, nova desillusão: eu fazia o rol da roupa servida e escrevia frios algarismos.

Depois, rabisquei uma feia correspondencia anonyma contra um visinho, fiz um soneto mal metrificado, copiei umas notas importantes, até que... já velha, quando precisava de carinho, de consolo, fui atirada á rua.

Hontem embarquei numa pequena enxurrada e vim ter aqui. Quero ver se no meio das vagas encontro o agasalho que os homens me negaram.

Ha pouco, meditando, tinha dito commigo mesma: Quem sabe se teria sido mais feliz se tivesse sido lançada no oceano, na occasião em que o tinteiro e eu rezavamos, supplicando e pedindo pela vida?

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

«PALLIDAS» E «PHANTOS»

As *Pallidas*, poesias do Sr. Dr. Fernando de Alencar, reunidas num volume bem manufacturado na Imprensa Official de Minas Geraes, têm o defeito — gravissimo no genero — de ser um tanto serodias não só na fórma como no fundo.

O poeta explora o explorado: faz versos a Christo, a Mirabeau, a Napoleão etc, mas tão momentosos assumptos nada lhe inspiram que já não se tenha dito... com mais talento.

Ha trinta annos este ivro produziria o seu effeito; hoje passará despercebido, como tantos outros, apezar de ser mais correcto e mais sincero que a maior parte dos versos que por ahi se publicam todos os dias.

Não quer isto dizer que o Sr. Dr. Fernando de Alencar seja um puritano da fórma, pois nenhum homem de gosto lhe perdoará, por exemplo, o verso inicial da composição intitulada a *Batalha*:

Se approximando vão os dous exercitos...

Num prefacio, escripto em prosa metrificada, o poeta declara que não se prende a nenhuma escola. Eu não lhe peço que tenha uma escola; peço-lhe apenas que seja mais moderno, e não nos dê nesta epoca *pallidos* arremedos de Casemiro Delavigne.

Conto que um novo livro de versos do Dr. Fernando de Alencar me disponha em seu favor. E' o que desejo, se não pelo poeta, que não tenho a honra de conhecer pessoalmente, ao menos pelo seu pesado e glorioso appellido.

*

Na capital do Ceará existe uma sympathica associação de moços litteratos, espanta-burguezes, que se denomina Padaria Espiritual, e mantém — ou mantinha — uma revista muito interessante intitulada o *Pão*.

A Padaria Espiritual tem uma bibliotheca sua, quero dizer, composta exclusivamente de producções dos respectivos *padeiros*. Essa bibliotheca foi agora accrescentada com um volumesinho de sessenta e tantas paginas, intitulado *Phantos*, contendo versos que muitas vezes deixam de ser versos, e assignado por Lopes Filho.

Uma carta-prefacio, escripta por Antonio Salles, um *padeiro* de talento, que ha tres ou quatro annos presenteou as lettras com bom volume de *Versos diversos*, predispõe-me em favor do poeta e faz-me de ante mão desculpar os seus defeitos.

*

Os *Simples*, de Guerra Junqueiro, não podiam deixar de exercer uma influencia funesta na poesia brasileira. Este livrinho dos *Phantos* já não é o primeiro symtoma d'essa influencia.

A patacoada do decadismo não se compadece com a nossa lingua nem com o nosso temperamento. Deixem-se essas extravagancias para uma litteratura velha, septica e *blasée* como a franceza, que diz:

Il nous faut du nouveau, ne fût il plus au monde,

e vae respigar no espolio dos *fabliaux* deixados pelos jograes e menestreis da edade media. Verlaine é um Villon redivivo.

Demais — vamos e vennamos! — para seguir as pegadas dos Mallarmés e dos Moreas, e embarafustar por aquelle mysticimo a dentro, é indispensavel um preparo muito especial, que nós não

temos nem podemos ter no nosso meio e com o nosso systema de educação litteraria.

Decadismo ou snobismo á parte, o Sr. Lopes Filho tem os requesitos indispensaveis a um bom poeta, e será lido com muito prazer e com agrado até, desde que se resolva simplesmente a metrificar as suas composições poeticas. Se não se quizer submetter aos «moldes convencionaes do verso», para empregar aqui uma expressão do seu prefaciador, escreva prosa, como Michelet, que foi um grande poeta e nunca fez um verso.

Mas não! — trata-se apenas de ter um pouco mais de paciencia, e a paciencia — já disse alguem — é meio genio. Quem escreve este soneto, só por preguiça ou por pirraça póde metrificar á moda de um poeta nephelibesta que aqui tivemos, chamado Barreto Bastos:

NUNCA!

Nunca poder contar-to este segredo
Que traz a minha vida angustiada!
Tento ás vezes... vacillo... tenho medo
De trahir-me e trahir-te, minha amada...

E vou vivendo assim neste degredo
Como uma sombra triste, amargurada,
A quem a Dor é quasi que um briquedo,
E a morte uma esperança desejada.

E o que mais doe e mais minh'Alma enluta,
Não é o triste amargor do soffrimento
E o desespero insano d'esta luta:

E' não poder dizer-te o isolamento
Em que vivo por ti, alma impolluta!
O' vida de minh'Alma! ó meu tormento!

Dir-se-ia um soneto de Adelino Fontoura.

*

Dando noticia d'esse livro, o *Paiz*, folha preponderante e de grande circulação, escreve que o decadismo do Sr. Lopes Flho é um motivo para a sua sympathia. Accrescenta que, insurgindo-se contra as regras existentes, os novos poetas arriscam-se por vezes a não fazer versos (*Arriscam-se* tem graça!), mas em compensação readiquirem uma liberdade de que por vezes resultam innovações e renovações sonoras e rythmicas, adaptando-se com arte á expressão da ideia.

Para que o leitor veja quanto essas palavras têm de paradoxaes, ahi lhes apresento uns versos que o *Paiz* cita como modelo de taes innovações e renovações:

A rubra flor das trepadeiras,
—Que o vento beija e acaricia—
Quando ellas passam tão ligeiras,
A flor contente balbucia:
—Moças trigueiras,
Que ides ligeiras,
Adeus! Adeus! olá! bom dia!

Mas pelo amor de Deus! isso tem metro, isso são versos, isso é o que faz quem não é decadente!

Aquelle é o metro corrente dos *couplets* das operetas francezas. Quantas vezes tenho escripto d'aquillo!

Entretanto, concordo com o *Paiz* quando affirma que a estreia do poeta é auspiciosa. Isso é. O *padeiro* Lopes Filho fabricará, espero, muito bons biscoitos, superiores a estas bolachinhas de agua e sal.

*

E o titulo: *Phantos*? Que quer dizer *Phantos*? Decadismo e mysterio...

Como o Sr. Lopes Filho não *brunio* os seus versos, a principio suppuz que *Phantos* fosse uma abreviatura de *Phantasticos*, supprimidas cinco lettras formando a palavra franceza *astic*, que significa *brunidor*.... Mas como isso era levar muito longe a supposição, logo me pareceu que *phantos* fosse o mesmo que *galharufas*.

Mas o que são *galharufas*? perguntará o leitor. Eu lhes digo... ou não lhes digo:

D'antes, nos nossos theatros, quando nos bastidores apparecia, durante os ensaios, algum indiscreto, com cara de tolo, um dos actores chamava-o de parte e dizia-lhe:

— O Sr., que está ahi desoccupado, faz-me um obsequio?

— Pois não!

— E' ir ao theatro Tal, e dizer ao actor Fulano que me mande as *galharufas*

— Oh, diabo! exclamava o actor Fulano. As *galharufas*! E eu que as emprestei ao meu collega Beltrano! O Sr., que não tem que fazer, dê um pulo até lá, é um obsequio...

E o pobre diabo andava assim de theatro em theatro, durante longas horas, á procura das *galharufas*, isto é, de uma coisa que não existia.

Phanto deve ser, pois, o mesmo que *galharufa*, ou coisa parecida.

Il nous faut du nouveau, ne fût il plus au monde!

COZIMO.

SONETO

Fornecendo ao leitor amenidades,
O *Album* do Arthur, sympathica revista,
Em retratos fieis expõe á vista
Antitheticas e humanas entidades.

As nossas mais notaveis summidades
Retratadas já formam boa lista,
E a gran pericia do habil retratista
As velhices respeita e as mocidades.

Do bom velho Portella a barba sobra
E sobre o rijo peito se desdobra
Em fios, que parecem de alfenim!

Por contraste gentil e sem rebuço,
Apenas ha subtil ponta de buço
No labio superior do Valentim!

PADRE CORREA DE ALMEIDA.

Barbacena.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

— Conto com elle! — principiou este, que afinal de contas era o proprio que soffreria em perder occasião de desprestigiar Lucio. O modo como vim a participar do conhecimento d'essas tres novidades, tem o seu *que* de interessante. Imagine que nos achavamos, eu e varios amigos, na Confeitaria Oriental, ás horas do *vermouth*.

— E d'ahi ?

— Pois bem, a sala da confeitaria tinha aspecto de subterraneo de conspiradores. Carrero sorprendera-nos, e, postos á prova da sua amizade — sim, porque ha individuos que se capacitam de que todos lhes querem do fundo d'alma, que os amam, que deliram por elles — promettemos-lhe ser do numero dos *claqueurs*. Não nos quiz dar o direito de julgar, independentemente, do valor da comedia ; exigio da nossa *amizade* que fariamos d'este espectaculo pretexto para uma ovação, de modo que toda a litteratura do doutor Lucio, excellente, *divina*, *sublime*, que sei eu... todo esse talento que a sociedade de Montevidéo applaude sem saber como nem porque, esse genio das Americas, mas ignorado da Europa, carece do applauso dos ignorantes, como eu, applauso esse angariado como dezenas de *pesos* para viuvas pobres.

— O senhor era dos da roda?

— Como não?... Se a minha desgraça é precisamente essa : ha tres dias que não ia á Confeitaria Oriental ; appareço hoje e commigo o Sr. Carrero e toda a sua lista de subscriptores para a collecta de palmas.

— E... naturalmente accedeu ás exigencias...

— Apparentemente accedi, na realidade não, porque sempre fui amante de conservar a independencia de acção. Para que comprometter-me? A julgar por este primeiro acto, a comedia não valerá os dous *pesos*, que paguei pela cadeira. Depois, não me consta que ao Sr. Carrero sobrem conhecimentos de litteratura para qualificar valores de comedias e *comediantes*...

— Comediographos — corrigio Carmen.

— Isto — continuou, disfarçando a decepção que lhe viera dar a moça interropendo-o — isto quanto á comedia ; a demais ha a antipathia natural que voto ao doutor Lucio.

— Antipathia ? — disse, em voz baixa, Carmen, de modo a não ser ouvida de Dolores. Só antipathia?

— Antipathia e ciumes.

— Segredam — pensou a esposa do coronel Blanco — tanto melhor ; mal sabe este moço que me delicia com o seu odio declarado por Lucio, e vae imprimindo movimento ao plano que concebi.

E, para gosar ainda do desamor exagerado que o moço dedicava á comedia de Lucio, arriscou defendel-a.

— Creio em tudo quê nos diz, Guilherme, — entretanto, parece-me que o doutor Lucio é o menos culpado. Não foi Carrero o autor d'esta ovação planeada ?

— Foi.

— Não foi ainda Carrero quem divulgou o nome do autor da peça ?

— Sem duvida.

— Nesse caso, Lucio ignora o que se passa.

— Assim póde parecer. A diplomacia tem recursos. Quanto a mim, Carrero e Lucio foram, neste assumpto, dous verdadeiros diplomatas. Carrero trabalha, apparentemente, ás occultas do amigo ; na realidade, porém, estão de accordo. Bem facil é de comprehender que o doutor não poderia andar, por ahi, a fazer papel de mendigo. Em compensação, apparenta modestia.

— E' uma excellente qualidade...

— Ou uma refinada hypocrisia.

— E Carrero disse-lhe o nome do autor da comedia?

— Não quiz dizel-o. — E' uma sorpresa que vos quero fazer, disse-nos elle na Confeitaria Oriental ; todavia, o seu favorito é o doutor, o seu amigo de todas as horas, de quem é o verdadeiro *factotum*. Não pronunciou o nome de Lucio, lá isso é verdade ; entretanto, meia hora depois, a cidade — não sei por que milagre — sabia-o por inteiro.

— E é tudo?... — continuou ainda Dolores, sem ver a revolução de alma, denunciada no rosto de sua filha — afinal, o que nos diz são meras hypotheses. Pois a minha opinião é outra: nem Lucio nem Carrero procederam hypocritamente ; Carrero bem devia saber que o doutor não consenteria na representação de um papel de similhante baixeza.

— Defende o... ? perguntou Guilherme, supplicando com o olhar.

— Não accuso, nem defendo; procuro apenas ser justa.

— Accresce mais ; segundo me communicou um amigo que assistio hontem ao ensaio geral, esta comedia é copia, se não traducção, de outra, franceza. Já vê que me não devo prestar aos caprichos do Sr. Carrero, applaudindo um trabalho que nenhum *trabalho* deu.

O dialogo foi de subito interrompido pela entrada inesperada do coronel Blanco, que apertou na sua a mão franzina de Guilherme.

ALFREDO BASTOS

(Continúa.)

VACUO

A HUGO LEAL

Não sei se póde haver padecimento
Mais profundo, mais intimo, e que tanto
Nos ponha n'alma a dor que gera o pranto
Do que um longo e tristonho isolamento.

Não ter um bem sequer no pensamento,
Nem o calor de um lar, nem o encanto
De um amor de mulher, suave e santo,
E' viver sem nenhum contentamento.

Bem sei que é bom soffrer, e me parece
Que esta vida sem dor nada seria
E que é por isso até que se padece ;

Mas esta solidão continua e fria,
Chega a ser tão cruel, que a não merece
Um coração que a dor mereceria.

ADELINO FONTOURA.

THEATROS

LYRICO.— Não nos illudamos, meus senhores ; o nosso publico ainda não comprehende nem aceita Wagner. O *Lohengrin* foi recebido com um enthusiasmo frio e discreto, um enthusiasmo de *noblesse oblige*. Notava-se no publico a preoccupação de bater nos peitos e pedir perdão pela reserva com que ha dez acolheu, naquelle mesmo theatro, a partitura sublime.

No fundo, o que mais lhe agradou foi a *mise-en-scène*, que é, realmente, de primeira ordem, não só pela riqueza como pela propriedade dos scenarios, vestuarios e accessorios.

Entretanto, o *Lohengrin* foi irreprehensivelmente executado, não só pela orchestra, debaixo da portentosa batuta do grande Mancinelli, como pelos cantores. De Marchi (Lohengrin) e Gabbi (Elza) estiveram arrebatadores, principalmente no duetto do 2º acto. Emma Leonardi foi uma excellente Ortrudes ; Camera (Frederico) cantou como de costume: primorosamente ; De Grazzia fez valer a sua bella voz de baixo no pequeno mas difficil papel do arauto; Rossi satisfez no do rei.

Queremos crer que houvesse no theatro cincoenta espectadores deliciados pela musica do *Lohengrin*, mas o publico, o grosso publico, esse não jura ainda por São Wagner. Tanto peior para elle.

—Repetio-se ante-hontem, e hoje repete-se o *Lohengrin*. Hontem cantou-se a *Lucia*, de Donizetti.

*

S. PEDRO.— Realisou-se neste theatro o beneficio de João Rosa com a primeira representação do *Alfageme de Santarem*, drama em 5 actos, de Almeida Garrett.

Como todas as peças deixadas pelo autor de *Frei Luiz de Sousa*, o *Alfageme de Santarem* é um verdadeiro primor, e por si só vale mais, talvez, que todos os dramas que em Portugal se têm escripto depois que se sumio tão luminoso espirito.

Rigor inexcedivel na exactidão historica, pintura fiel dos costumes de um passado remoto, preoccupação artistica do pittoresco, estudo de caracteres, amaino engenhoso de scenas e situações, e, sobretudo, boa e san linguagem portugueza, taes são as qualidades que Almeida Garrett revelou nesta e em outras obras com que enriqueceu o theatro portuguez.

No meu entender é esse o espectaculo mais bello que nos tem dado até hoje a companhia lisbonense ; pena é que ella não trouxesse tambem no repertorio, não o *Frei Luiz de Sousa* (faltava-lhe uma actriz), mas o *Auto de Gil Vicente*, a mais encantadora comedia que se tem escripto em Portugal, inclusive as do proprio Gil Vicente e a *Herança do chanceller*, essa joia de Mendes Leal.

O desempenho dos papeis do *Alfageme de Santarem* foi muito regular, merecendo ser especialmente mencionado João Rosa, um Froilão Dias completo.

*

LUCINDA.— Um dos *Lobishomens* annunciados já subio á scena, e foi o do Lucinda. E' uma zarzuela em 1 acto, musica de Caballero, *Los Apparecidos*, já exhibida no Polytheama por uma companhia hespanhola. A acção está transportada para Portugal. Faz rir e enche o espectaculo, acompanhando o *Primeiro marido de França*, que continúa a agradar.

*

SANT'ANNA.— *Reprise* da *Mascotte*, de Audran, com a actriz Cifuentes no papel da protogonista, o Mattos no de Simão XL, o barytono Pollero no de André e o actor Nazareth no de Chrispim. Por ahi se vê que o desempenho não póde ser máo. Encenação magnifica. Muitos applausos.

*

POLYTHEAMA.— A companhia Tomba deu-nos o *Dia e a noite*, a bella opereta de Lecocq, já aqui conhecida em portuguez e francez.

*

RECREIO.— Reappareceram neste theatro a *Cavalleria rusticana* (drama) e os *Lobos marinhos*, zarzuela.

*

Os outros theatros não deram nada novo.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 37 SEGUNDA SÉRIE SETEMBRO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, P

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 21$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

Dr. Henrique de Sá.	Valentim Magalhães.
Chronica Fluminense	A.
Borboleta	Georgina Teixeira.
Como eu me diverti!.	Arthur Azevedo.
Futuro, Presente e Passado.	Frederico Rhossard.
O Lopes	A. Fóscolo.
Requiem.	Figueiredo Pimentel
Amor de Primavera e amor de Outomno.	Alfredo Bastos.
Consolação.	Adelino Fontoura
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. LUIZ CRULS

DR. HENRIQUE DE SA'

Com grande prazer recebi e vou desempenhar a incumbencia, que me deu o director do *Album*, de traçar o esboço biographico do Dr. Henrique de Sá.

Somos amigos ha cerca de dez annos e cada vez que com elle trato — o que, felizmente, me acontece a miude — mais me felicito de havel-o conhecido.

Neste fervedouro de invejas, intrigas e maledicencias que é a capital do Brasil, nunca ouvi ninguem se referir ao homem cujo retrato hoje adorna uma das paginas d'este album, que não fosse para elogiar-lhe o caracter ou o talento — ou ambas as coisas, o que tem sido frequente.

Ha entre elle e o seu obscuro biographo varios pontos de affinidade, de que, naturalmente, provem a amisade que os liga.

Ponho de parte a magresa, o nervosismo, alguma parecença physica, para só me referir ás similhanças moraes. O Henrique de Sá fez-se por si, devido ao seu proprio esforço, sem pae nem padrinho alcaide ; é um trabalhador, um activo ; tem um espirito curioso, adiantado, inquieto, sempre cheio de coragem para a luta e de esperança na victoria, independente, feito d'esse estofo moral que não dá *tapetes* mas somente mantos de protecção aos que soffrem e bandeiras de batalha.

Nascido em Magé, na ex-provincia do Rio de Janeiro, aos 25 de Abril de 1855, foi por seu pae mandado para Portugal em 1863, lá esteve durante seis annos e lá fez as primeiras lettras.

De volta, queria seu pae destinal-o á carreira commercial. Sentindo-se sem nenhuma vocação para ella, e tendo a protecção dos Srs. A. L. Ferreira de Carvalho & C., fez os seus preparatorios e matriculou-se na Faculdade de Medicina d'esta capital.

Auxiliado sempre por aquelles amigos, e com o producto das lições particulares que dava, foi continuando o curso, juntando-se, quando no terceiro anno, um novo subsidio áquelles — o ordenado de interno do Hospital da Misericordia.

Durante o tirocinio academico, em que foi dos estudantes mais applicados, fundou varios gremios scientificos e redigio diversas revistas academicas, ao lado de talentos como José Thomaz da Porciuncula, Belisario Augusto, Julio Diniz, Vicente de Sousa, Pedro Paulo e outros.

Além dos artigos com que enriquecia os periodicos academicos, escrevia prosa e verso para a imprensa diaria — o *Diario do Rio de Janeiro*, o *Globo*, a *Gazeta de Noticias* etc.

No sexto anno entrou em concurso para o logar de interno de clinica medica da Faculdade, e obteve uma *menção honrosa* proposta pelo grande Torres Homem.

Lembram-se todos de certo ainda da famosa revolução academica de 1879, que originou o exodo dos sextanistas para a Bahia — revolução sympathica e grandiosa pela nobresa de seus moveis e intuitos como pela firmesa e harmonia de sua execução. Nessa turma de insubmissos briosos estavam Francisco de Castro, Belisario Augusto, Pedro Paulo, Dermeval da Fonseca, Vicente de Sousa, Henrique Monat, Julio Diniz e outros muitos, egualmente notaveis, e d'essa turma foi eleito presidente Henrique de Sá.

Na Bahia conquistou ogo sympathias e dedicações. Collaborou no *Jornal de Noticias*, em

cujas paginas brilhava o bello talento do mallogrado Aquino da Fonseca.

A these que defendeu (*Diagnostico e tratamento da syphilis visceral*) foi approvada com distincção.

Voltando ao Rio de Janeiro e aqui fixando residencia e consultorio, dispunha em breve de vasta clientella.

Não obstante o grande numero de chamados e consultas, de visitas diarias, ainda achava tempo para publicar observações clinicas e estudos nas gazetas medicas, presidir associações de beneficencia, servir como membro da directoria de sociedades medicas, como a de *Medicina e Cirurgia*, a que prestou relevantes serviços, collaborar na *Semana*, sob o pseudonymo de *Dr. Saheu* (que ainda hoje conserva na mesma folha), leccionar no Lyceu Litterario Portuguez (o que lhe valeu o habito da Rosa e a commenda de Christo — de que nunca se servio, nem mesmo do botão symbolico), servir como medico examinador da *Educadora* companhia nacional de seguros de vida, que tenho a honra de presidir, e, finalmente, para ser um marido exemplar e um pae extremosissimo. Infelizmente essa carreira de trabalhos bemditos e de glorias obscuras — que taes são as do medico — foi empanada pela densa treva de um luto irreparavel — a viuvez.

Conheci a companheira do meu amigo e, por isso, tremi por elle, quando o vi perdel-a. Felizmente ella ficou-lhe reproduzida e repartida em tres filhinhos, e para educal-os continúa elle a trabalhar como d'antes.

O Dr. Henrique de Sá é um ornamento da sua classe. Se tivesse um grão de pedanteria e um pouquinho de geito para a clarlatanice, seria uma celebridade e estaria rico. Lamento isso; não pela celebridade, que é van fumaça, mas pela riqueza, que é coisa muito real e... apreciavel.

E ahi fica, esboçado a correr, o sympathico perfil do Dr. Henrique de Sá — o medico das crianças.

VALENTIM MAGALHÃES.

CHRONICA FLUMINENSE

Os leitores conhecem naturalmente a historia d'aquelle sujeito a quem estava promettida, havia muito tempo, uma sova de páo, e dia e noite andava escondido e atormentado pela ideia de que de um momento para outro lhe chegariam a roupa ao pello.

O pobre diabo, para recuperar a liberdade, encheu-se de animo, foi ao encontro do individuo que o ameaçára, offereceu humildemente o lombo á promettida sova, e voltou para casa derreado mas satisfeito, dizendo aos seus botões :— Ao menos tiro d'ahi o sentido.

*

O nosso pobre paiz está numa situação um pouco parecida com a d'esse... philosopho : prometteram-lhe uma tunda mestra, e elle vive sob a pressão constante d'essa ameaça.

Melhor seria, para tirar d'ahi o sentido, que de uma vez por todas o derreassem, em vez de aniquilal-o aos bocadinhos com revoltas, deposições, pronunciamentos e outras patacoadas politicas.

Bombardeiem as nossas cidades, esphacelem-nos, matem-nos, e de um montão de ruinas e cadaveres sahirá talvez a salvação do Brasil !

*

No meio d'estas apoquentações, chega-nos do Rio da Prata a noticia do fallecimento de Mauricio Dangremont, violinista muito distincto, filho d'esta capital.

O Brasil nada perdeu, porque Dangremont — Deus lhe perdoe ! — não se considerava brasileiro, mas não será isso rasão para que eu não diga um sentido adeus ao artista que desapparece, e foi — quando criança — um idolo dos fluminenses.

*

Deviamos ter hoje, 7 de Setembro, duas exposições, uma de bellas-artes, organisada por Aurelio de Figueiredo no intuito de fundar uma galeria livre de pintura e esculptura, e outra de trabalhos juridicos, organisada pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros para commemorar o 50º anniversario de sua fundação. Infelizmente a revolta não deixou que essas bonitas festas se realizassem.

*

Foi tambem desannunciada a récita de gala do Theatro Lyrico. O Sr. Floriano escapou de ouvir os *Huguenotes*. Isto não o contrariou absolutamente, não porque na opera de Meyerbeer appareçam conspiradores politicos, mas porque o maior dos sacrificios que póde ser imposto ao nosso vice-presidente é ir ao espectaculo. Agradam-lhe mais as corridas : sua exa. assistio a duas victorias seguidas do *Aventureiro*.

Quando me lembro que o Sr. Floriano não foi a um unico espectaculo da Sarah Bernhardt !... E podendo ir de graça !...

Depois de uma ausencia de muitas horas, reapparecu hoje o Sol, em attenção, creio, ao 71º anniversario da nossa independencia politica, e illuminou suavemente a estatua de José Bonifacio de Andrada e Silva, aos pes da qual o Centro Artistico depoz uma corôa digna do « grande precursor e primeiro guia do Patriotismo Brasileiro ».

Mas o Sol appareceu tão enfiado e timido, que, pelos modos, lhe mettiam medo os canhões do *Aquidaban*, realmente mais terriveis que os do *Abacaxi*.

Tivesse eu relações com o rei dos astros, e pedia-lhe com muito empenho que se recolhesse de novo, para não allumiar as nossas desgraças.

*

Terminemos registrando nesta columna o fallecimento de Joaquim de Siqueira, bom amigo, excellente collega, cavalheiro distincto, muito distincto.

\.

BORBOLETA

Se eu percebesse as fallas mysteriosas
Das leves borboletas...

A. Peres Junior.

Não só para em meus versos relatal-as,
Como para saber dos seus amores,
Tambem quizera ouvir as suas fallas
Ditas baixinho ás delicadas flores.

E que prazer sentil-as, escutal-as,
Saber se tambem nellas cruas dores
Vão nos seus corações apunhalal-as
Ou turbar-lhes dos céos as lindas côres...

Mas, só isto saber não desejava,
Pois que melhor seria o meu desejo;
O que de certo mais me interessava,

Nos colloquios de amor que d'ellas vejo,
Era a certeza ter se lhes morava
N'alma inclemencia atroz, traição no beijo!

GEORGINA TEIXEIRA.

Recebemos:

Dos Srs. Quaresma & C., livreiros-editores, proprietarios da *Livraria do povo*, um exemplar da *Historia e a legenda* (2ª serie), importantissima obra do illustre e provecto escriptor fluminense Sr. conselheiro J. M. Pereira da Silva.

— Dos Srs. Magalhães & C., editores, proprietarios da Livraria Moderna, um exemplar das *Aguadas* (carteira de um impressionista), de Ortigão Sampaio, joven escriptor portuguez, sobrinho, dizem-nos, de Ramalho Ortigão. O livro é interessante, mas o que ha nelle de mais apreciavel é a elegancia, o capricho *lemerreano* com que foi manufacturado na Typographia Occidental, do Porto. Mais nos impressionou o impressor que o impressionista.

Dos mesmos editores recebemos: a *Normalista*, romance de Adolpho Caminha, *Celeste*, romance de Delia, e *Broquéis*, versos de Cruz e Sousa. D'estes livros trataremos no nosso proximo numero, e na mesma occasião fallaremos de *Encarnação*, romance de José de Alencar, e da *Capital Federal*, notas de um sertanejo, por Anselmo Ribas, que tambem recebemos.

— Recebemos tambem, entre outros jornaes e periodicos, a *Semana*, a *Gazeta Musical* a *Etoile du Sud* e o *Binoculo*, d'esta capital, a *Gazeta postal*, de Belem, a *Republica* e o *Commercio*, da Fortaleza, o *Cosmopolita*, de Batataes, o *Correio de Petropolis*, a *Gazeta da Christina*, a *Gazeta de Jahú*, o *Popular*, de São Carlos do Pinhal, o *Astro do seculo*, cuja publicação começou agora em São João d'Elrey, a *Revista moderna*, publicação mensal, de S. Paulo, que, como o *Album*, publica retratos em phototypias, etc.

COMO EU ME DIVERTI!

CONTO-COMEDIA

PERSONAGENS

JORGE, empregado no commercio.
O COMMENDADOR ANDRADE, negociante, socio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia.
UM MEDICO.
DONA MARIA, excellente senhora de meia edade, estabelecida com casa de alugar commodos a moços solteiros.

A acção passa-se no Rio de Janeiro, em quarta-feira de cinzas. Actualidade.

ACTO UNICO

A scena representa a sala e a alcova que Jorge occupa em casa de Dona Maria. Atirado sobre um velho canapé, um habito de frade, enxarcado de suor e sujo de lama. No chão, um par de luvas, egualmente sujas, e um nariz de papelão quasi a desfazer-se, preso a uns grandes bigodes e a um par de oculos.

SCENA PRIMEIRA

DONA MARIA, O MEDICO.

O MEDICO.

Que tem elle?

DONA MARIA.

Não sei, doutor, não sei. O senhor Jorge tem muito bom coração, mas tem muito má cabeça: é doido pelo Carnaval.

O MEDICO.

Gabo-lhe o gosto.

DONA MARIA.

Hontem vestio-se de frade, poz aquelle nariz postiço, e andou, num carro todo enfeitado de flores, ao lado de uma sujeita que mora no hotel Ravot, acompanhando um prestito. Só o vestuario da pelintra lhe custou perto de oitocentos mil réis!

O MEDICO.

Quem lhe disse?

DONA MARIA.

Os meus hospedes não têm segredos para mim.

O MEDICO.

Adiante.

DONA MARIA.

Para se não constipar, o pobre moço levou comsigo, por baixo do habito, uma garrafa de cognac, e de vez em quando atiçava-lhe que era um gosto! Quando o prestito passou pela primeira vez na rua do Ouvidor (eu estava lá...), já ia o frade que não se podia lamber! Depois, na rua da Constituição — isto sei eu por um amigo d'elle, que tudo vio — outro moço, tambem phantasiado, bifou-lhe a pelintra, e isso deu logar....

O MEDICO.

... a um rolo! Podéra!...

DONA MARIA.

Racharam-lhe a cabeça!

O MEDICO.

Naturalmente.

DONA MARIA.

E o demonio do rapaz andou toda a noite, de cabeça rachada, á procura da tal mulher, dos Fenianos para os Tenentes e dos Tenentes para os Democraticos, bebendo sempre, até cahir na rua do Fogo, ás tres horas da madrugada!...

O MEDICO.

Com effeito!

DONA MARIA.

A policia levou-o para a estação da travéssa do Rosario, e pela manhan uns amigos, que tinham sido avisados, trouxeram-no para casa.

O MEDICO.

Onde está elle?

DONA MARIA.

Naquella alcova. Ha cinco horas que alli está deitado, sem dar accordo de si. Por isso, mandei chamal-o, doutor.

O MEDICO.

Fez bem. Vamos vel-o.

Entram na alcova.

SCENA II

JORGE, O MEDICO, DONA MARIA.

Na alcova. Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços cahidos. O medico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a Dona Maria.

O MEDICO, tomando o pulso ao doente.

Não tem febre. (Depois de examinar-lhe a cabeça.) O ferimento nada vale... Já lhe pozeram uns pontos falsos; é quanto basta... O seu hospede tem apenas o que os estudantes chamam uma «ressaca»; precisa de descanço e mais nada. Quando voltar a si, se quizer tomar alguma coisa, dê-lhe uma canja; dous dedos de vinho do Porto misturado com agua de Vichy, um pouco de marmelada, e disse. Se amanhan continuar incommodado, que tome um laxante.

SCENA III

O MEDICO, DONA MARIA.

Na sala.

O MEDICO, tomando o chapéo.

A senhora não imagina como estimei ter sido chamado para ver este senhor Jorge! Foi uma providencia!...

DONA MARIA.

Porque, doutor?

O MEDICO.

Conheço-o, mas não sabia que se tratava d'elle. E' o namorado, o quasi noivo de minha afilhada, filha do meu velho amigo Raposo. A menina gosta d'elle, e o pae já estava meio inclinado a consentir no casamento: tinham-lhe dado boas informações sobre este pandego. Agora, porém, vou prevenir o compadre, e dissuadir minha afilhada, que é muito docil e me ouve com acatamento.

DONA MARIA.

Valha-me Deus! e sou eu a culpada de tudo isto!

O MEDICO.

Culpada porque?

DONA MARIA.

Por ter mandado chamar o padrinho! Pobre rapaz!...

O MEDICO.

A senhora deve estar, pelo contrario, satisfeita, por ter indirectamente contribuido para este resultado. (Voltando-se para a alcova.) Que grande patife! namorar uma menina pura como uma flor, e andar de carro, publicamente, embriagado, na companhia de uma prostituta!

DONA MARIA.

No Carnaval tudo se desculpa.

O MEDICO.

Nada! — eu sou o padrinho, o segundo pae d'aquelle anjo!

Vae sahindo.

DONA MARIA, tomando-o pelo braço.

Doutor, doutor, não vá assim zangado com o senhor Jorge... não diga nada á familia da menina... Ah! se eu soubesse... Mas que quer?... Vejo que este hospéde tem segredos para mim... (O doutor tenta safar-se.) Ouça, doutor... elle tem um bom emprego... é muito estimado pelos patrões...

O MEDICO.

E a minha afilhada tem um dote de cento e cincoenta contos!

DONA MARIA, aterrada, largando o braço do medico.

Cento e cincoenta contos!

O MEDICO, sahindo.

Fóra o que lhe ha de caber por morte do pae! (Chegando á porta, pára, volta-se e diz:) Canja... vinho do Porto... agua de Vichy... marmelada... e disse!

Sae.

SCENA IV

DONA MARIA, depois ANDRADE.

Dona Maria fica perplexa, de olhos baixos, na attitude de Phedra, quando diz:

Juste ciel! qu'ai je fait aujourd'hui?

E' despertada bruscamente pelo commendador Andrade, que entra com grande espalhafato.

O COMMENDADOR, gritando.

Onde está o senhor Jorge?

DONA MARIA, comsigo.

Um homem zangado! E' elle, é o pae da menina!...

Phototypia J. Gutierrez.

DR. HENRIQUE DE SA'

O COMMENDADOR.

Senhora, pergunto-lhe pelo senhor Jorge!

DONA MARIA.

Está doente... naquella alcova... dorme...

O COMMENDADOR.

Já me contaram as façanhas que elle praticou esta noite! (Apanhando o nariz postiço.) Cá está uma prova!

Atira-o longe.

DONA MARIA.

Desculpe-lhe essa rapaziada e não lhe negue a mão da menina.

O COMMENDADOR.

A mão da menina! Que menina?

DONA MARIA.

Sua filha.

O COMMENDADOR.

Minha filha? Qual d'ellas? Pois este mariola ainda em cima se atreve a erguer os olhos para uma das filhas do seu patrão!

DONA MARIA.

Do seu patrão? Ah! então não é o senhor Raposo?

O COMMENDADOR.

Que Raposo nem meio Raposo! Eu sou o commendador Andrade, socio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia! — O senhor Jorge está dormindo, disse a senhora...

DONA MARIA.

Sim, senhor.

O COMMENDADOR.

Pois bem; quando elle acordar, diga-lhe que eu aqui estive, e o ponho no olho da rua! Que appareça para fazermos contas!

DONA MARIA.

Attenda, senhor commendador...

O COMMENDADOR.

A nada attendo! A casa Andrade, Gomes & Companhia não póde ter empregados que se embriagam e passam a noite no xadrez! Era o que faltava!

Sae arrebatadamente.

SCENA V

JORGE, DONA MARIA.

Na alcova.

JORGE.

Abre um olho, depois o outro, olha em volta de si, certifica-se de que está em sua casa, dirige a Dona Maria um sorriso de agradecimento, solta um longo suspiro, e exclama com voz rouca e humida:

Como eu me diverti!

Cae o panno.

ARTHUR AZEVEDO.

FUTURO, PRESENTE E PASSADO

Dae um'alma do orvalho á argentea gotta;
Dae um sorriso á flor; á borboleta
Que nos rosaes adeja irriquieta
Emprestae por momentos o sentir,
E nem do orvalho a gotta cristallina
Alma terá tão pura como a d'ella,
Nem a flor sorrirá tão meiga e bella
Como a vestal que amei sabe sorrir.

A borboleta não terá mais mimos
Que mimos ella tem nas doces falas;
Pompas não tem a aurora, não tem galas
Quantas pompas e festas ella tem
No olhar, cheio de raios e meiguices,
No olhar, que da alvorada se não teme,
Olhar que canta, que soluça e geme,
Suspira, arqueja, e chora, e ri tambem.

Dar-lhe a saber o nome... fôra crime;
Profanação dizer que vestes traja;
Alguem a vio? Pois esse alguem bem haja,
Que gosou da ventura que eu gosei;
Fitando-a, como a serpe ás andorinhas,
Senti n'alma esta ardencia que a consome;
Estrella, ou Lyrio era talvez seu nome, —
FUTURO foi o nome que lhe dei.

Mais tarde, o tempo approximou-nos ambos...
Estrella, deslumbraram-me os seus lumes;
Lyrio, aspirei-lhe os timidos perfumes,
Sem tocar-lhe das petalas no setim;
Menos ingenua um pouco e mais mimosa
Do que ingenua e mimosa d'antes fôra,
Formou-se de gentil em tentadora
E foi PRESENTE, ao tel-a junto a mim.

Depois, baixou na encosta do horisonte
O pharol que guiava o pegureiro;
Entre as madidas relvas do canteiro
O murcho lyrio não viceja mais...
Que sonhos não brotaram-me na mente!
Quanta illusão doirou-me a phantasia!
Eu nem sei se sonhava ou se vivia,
Pois, qual ditoso fui, serei jamais!

Ella sumio-se pela azul; e, quando
Tornou de novo ao vacuo constellado,
Se era estrella, chamava-se PASSADO,
Um passado que nunca esquecerei!
Mas se o rócio tem alma e a flor tem risos,
Ess'alma não será qual foi a d'ella,
Nem a flor sorrirá tão meiga e bella,
Como sorri o archanjo que adorei!

FREDERICO RHOSSARD.

Fomos honrados com un convite para a sessão solemne commemorativa do 50º anniversario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, e primeira exposição de trabalhos juridicos, organisada pelo mesmo Instituto.

O LOPES

A ARTHUR AZEVEDO

O pobre Lopes era um santo homem.

Aquelles olhinhos pretos e movediços, o rosto quadrado, adornado com uma bocca desmesuradamente rasgada, similhante a um abysmo, onde a falta de apoio dos dentes deixava os beiços se precipitarem; o nariz pyramidal, enorme — impossivel —, recurvado sobre os labios; todos aquelles signaes, emfim, com que os physiologistas caracterisam os grandes velhacos, não eram mais que uma burla á sciencia de Gall e de Lavater.

Se havia algum ponto em que o nosso homem poderia ser acoimado de bilontra, era em politica.

Porém elle definia-se bem: conservador de familia, liberal de convicção, e republicano, porque gostava de andar sempre a par do movimento progressista do seculo.

Sendo tudo isto, o Lopes era, todavia, mais amigo de si mesmo: votava no credo que lhe offerecia mais vantagens.

Apezar de casado e já pendido para os cincoenta invernos, tinha uma mania.... mania unica na sua vida — o galanteio.

Namorava, ria, chasqueava, e estava sempre em charola com as mulheres jovens e bonitas.

Dava-lhes pancadinhas leves nas faces, apertava-lhes o queixo com meiguice e concluia estes agrados com uma formidavel gargalhada, em que abria desmesuradamente a bocca, e um aperto de mão, no qual transluziam saudades e desejos de um tempo de volupia que já não existia para elle.

Isto fazia com que o Lopes fosse estimado por uns e enojado por outros, que o julgavam um máo *cloeta*.

*

Chegára, havia pouco, para a villa um portuguez que trazia uma mulher nedia, joven, rechunchuda e não de todo desprovida de gentileza.

O capitão Lopes (o nosso heróe era official da guarda nacional) começou logo nos primeiros dias da chegada do portuguez com os costumados galanteios; mas consistiam, então, simplesmente, num comprimento de chapéo, acompanhado de uma grande cortezia e de um sorriso boçal.

Foi pouco e pouco ganhando terreno, sempre amavel, sempre sorridente, trazendo ora uma flor, uma fructa, um d'aquelles pequenos nadas, emfim, com que elle, o innocente, o simples, o casto Lopes, julgava fazer as altas conquistas.

Um dia o pobre velho animou-se a mais.

A mulher do portuguez estava á janella.

O seu rosto, ruborisado pela ardentia do verão, desfolhava em aureo sorriso por entre os labios coralinos.

A fronte, aureolada por uma resiea de sol poente, tinha o purpureado crepuscular dos ultimos raios de luz, que a tornavam esplendidamente bella com uns toques d'aquelle *quid* que etherisa, divinisa e exalça o ser ás regiões ideaes da theogonia mvsthica.

O Lopes ficou deslumbrado, extasiado, e disse comsigo:

— Quem nunca se arriscou nunca perdeu nem ganhou.

Encheu-se de coragem, e, tomando a resolução dos grandes conquistadores e... dos grandes parvos tambem, passou bem junto á janella onde estava a moça, deu-lhe uma pancadinha leve nas faces, apertou-lhe, com mão tremula, o queixo, e riu com aquelle riso que lhe era peculiar.

Ella ficou perturbada.

O portuguez, que assomára á porta nesse momento, e vira o desaforo do Lopes, murmurou entre dentes:

— Ah, meu borrabotas, tu m'as pagarás!

Elle percebeu no olhar a ira do marido e eclipsou-se cabisbaixo, similhante a um cachorro ladrão que, apanhado em flagrante, foge sorrateiramente.

*

Passaram-se dous mezes.

Uma noite o Lopes voltava a deshoras da casa do coronel Fagundes, onde passára uma *soirée* esplendida entre o bello sexo, que se divertira bastante á custa d'elle.

Ao passar defronte de um becco, perto da rua solitaria onde habitava, o Lopes vio sahir um vulto que, sem mais preambulo, passou-lhe uma grande sova.

O misero sahio a gritar, a correr, a voar com as pesadas azas de páo que levava nas costas.

Chegou á casa esbaforido, cansado, moido e com as lagrimas a correrem-lhe a fio pelo rosto.

A mulher do nosso heróe, assim que soube do motivo das pauladas, exclamou victoriosa:

— Eu logo vi que essas suas conquistas, *seu* Lopes, mais dias menos dias haviam de dar nisto.

O velho recordou-se, então, do olhar e da promessa do portuguez ciumento.

Fóra, pois, escovado, simplesmente porque o julgaram um seductor.

Seductor, elle?! Elle de quem a mulher já se teria divorciado se tal lei existisse no Brasil!

Elle que a respeito de mulheres estava tão adiantado como Newton!

O Lopes tornou-se, desde então, macambusio: não rio nem brincou mais.

As mulheres lamentavam a falta d'aquelle fantoche que as fazia rir a bom rir.

A. Foscolo.

REQUIEM...

Perde-se, além... na Madrugada branca
Da minha Vida o meu Passado morto...
(Recordando-o, a Dor o meu Pranto estanca,
Tanta é a minha Dor, meu Desconforto,
Porque estou morto !)

A minha historia lagrimas arranca...
(Historia miseravel..) Chego ao *Porto*
Da Morte, entrando pela barra franca,
No fim da Vida, sem nenhum Conforto !
Porque estou morto !

Lá vem a Noite... A Claridade branca
Da Lua escoa um Plenilunio morto,
Como os tocheiros da Eça d'algum Morto.
Porque estou morto !

... Ah ! que a Onda do teu Pranto corra franca !
(Pranto que minha Dor á tua arranca...)
Dê-me tu'Alma um pouco de Conforto,
Porque estou morto !

FIGUEIREDO PIMENTEL.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

— Que se diz? interrogou o velho militar, dirigindo-se a Tosti.

— Pouco.

— Nesse caso, estou autorisado a confirmar o meu presentimento ; o autor d'esta comedia, a cuja representação assistimos, é...

— E' pagão... interrompeu o moço sarcasticamente.

— Engano ; é duplamente baptisado, na egreja pelo sacerdote e no mundo scientifico e das lettras pelo proprio talento.

— Chama-se...

— Ignora-o?

— Ignoro.

— Permitta-me não crer nas suas palavras. Disse-m'o em particular Carrero...

— Pois bem... a mim não m'o communicou. Não teve, talvez, confiança.

— Chama-se Lucio Herrera, a primeira cabeça d'entre tantas que formam a vanguarda da nossa mocidade intelligente.

— Sei-o n'este momento...

— E ainda mais : estou autorisado pelo proprio Carrero a perguntar, ao amigo, a sua opinião sobre a peça, a qual, disse elle, o senhor conhece bem.

— Eu ?...

— Precisamente. Não é verdade que ha pouco se encontraram no corredor ?

— Sim, é verdade.

— Que trocaram pareceres sobre o valor da comedia, do que resultou a declaração de seu enthusiasmo pelo trabalho do doutor Lucio ?

As palavras do coronel, como impressão forte de manopla que lhe flagellasse o rosto, despertaram-lhe na alma a revolução surda do desespero. As faces tomaram a côr viva do carmim, ao tempo que o estupor lhe transformava a expressão do rosto.

— E' falso, coronel ! — exclamou com difficul- e cerrando entre os dentes as pontas do bigode. E' falso ! Se convencionámos applaudir esta comedia, foi que o Sr. Carrero supplicou dos conhecidos e dos indifferentes esse obsequio. Quanto ao mais, é demasiada irrisão anticipar-se, declarando, por mim, opiniões que não são minhas e que, pelo contrario, não podem ser favoraveis ao trabalho do doutor Lucio.

— Não lhe agrada ?...

— Francamente, não ! Em todo caso, prometti applaudir por deferencia. Uma vez, porém, que o pedido de Carrero se transformou em ousadia, é justiça declarar que não aluguei a minha consciencia de espectador, nem a minha independencia de homem.

A cada phrase, exaltadamente pronunciada por Guilherme, voltavam-se a pouco e pouco as pessoas que occupavam os camarotes contiguos.

Carmen revolvia-se, prevendo algum escandalo.

Fazia accionados, impondo moderação ao enthusiasmo, ou melhor ao delirio do seu pretendente. Era baldado. Tosti não dava por elles. A vista turbara-se-lhe de ciume.

— Eh ! Eh ! meu caro Sr. Guilherme ! O que vejo é que o amigo se vae tornando suspeito e apaixonado no seu parecer. Diga-me : não anda entre o senhor e Lucio alguma estrella errante ?... interrogou o coronel, gargalhando em surdina ao terminar a pergunta.

Guilherme não respondeu. Fez que não ouvio.

E, como que dominado por uma força estranha, abateu o olhar, demorando-se na posição dos humildes.

Dolores então, aproveitando-se do momento em que a victima não poderia vel-a, fez um gesto, que o coronel Blanco comprehendeu, aconselhando-o a que não proseguisse no seu gracejo. Carmen compadeceu-se, admirando-se ao mesmo tempo da presteza com que se desenvolvêra o amor de Guilherme.

Esta scena foi rapida.

O moço sahio repentinamente d'aquelle lethargo apparente, como se lhe houvessem tocado na mola principal do amor proprio e do orgulho.

Estendeu a mão ao coronel Blanco e foi-se despedindo de Dolores e de Carmen. A mãe gosava

de sua victoria ; e a filha, cerrando fortemente a mão de Guilherme, fel-o curvar-se. Tosti comprehendeu a ordem ; disfarçou um comprimento cordial e prestou ouvidos ao que se lhe queria dizer.

— Espero-o no outro intervallo.

E nisto, como quem não queria ouvir resposta, deixou-o em liberdade.

O pretendente não insistio, e retirou-se do camarote. Era-lhe necessario mais ar.

— Suffoco! — pensou — não posso explicar o enthusiasmo que sinto por esta mulher; o que é verdade, é que tenho ciumes de Lucio. Se não houvesse entre nós a sombra de um rival, hoje mesmo levantava acampamento. Esperemos...

E dando ao corpo um movimento de *balancé* de quadrilha, seguio até a plateia.

ALFREDO BÁSTOS.

(Continúa.)

CONSOLAÇÃO

Basta fitar teu rosto pensativo,
Basta pensar em ti, ou basta ver-te,
Esta tristeza horrivel se converte
Logo em doirado cantico festivo.

Longe de ti, ó meu amor, não vivo!
Morro de tanto amar-te e de querer-te,
E mal sabes as lagrimas que verte
Meu triste coração contemplativo!

Mas quando em meu olhar brinca e scintilla
O teu piedoso olhar, todo alegria,
Minh'alma, — alado passaro, — pipilla.

E não me punge então esta agonia,
Esta duvida atroz que me aniquilla,
Este correr atraz de uma utopia.

ADELINO FONTOURA.

THEATROS

LYRICO. — A representação da *Lucia*, de Donizetti, valeu um verdadeiro triumpho á Boronat. A gentillissima cantora foi alvo, depois da famosa scena da loucura, de uma d'essas inesperadas ovações que se gravam eternamente na memoria do publico e no coração do artista. Nunca o papel de Lucia foi tão bem cantado no Rio de Janeiro. E' pena que a Boronat não o represente como o canta.

Os outros interpretes não se mostraram na altura da protogonista. O tenor Colli esteve de uma infelicidade commovedora. Foi um Edgard feroz!...

— Os *Huguenotes*, de Meyerbeer, a opera que mais votos obteria no Rio de Janeiro se aqui se fizesse um plebiscito para eleger a melhor, foi muito bem cantada por Adalgisa Gabbi e De Marchi, valentemente secundados por De Grazie, Rossi, Sottolana, Zawner, etc. Orchestra e córos quasi irreprehensiveis. Enscenação caprichosa.

*

S. PEDRO. — A companhia portugueza deu-nos *Alcacer Kibir*, drama de D. João da Camara.

Bonitos versos, cheios, sonoros, fluentissimos, com rimas raras e pequeninas sorpresas de fórma, —personagens bem contornados, — bonitas situações, etc., — mas uma ausencia absoluta do drama que aquelle titulo — um magnifico titulo — invoca, — tal é a peça do applaudido autor de *D. Affonso VI*.

Brazão e os irmãos Rosa tornam a peça interessante pela interpretação dada aos papeis de D. Fuas, de Beltrão e do cardeal Henrique, o tal que entregou

Portugal aos castelhanos,

segundo uma vingadora trova popular.

Rosa Damasceno encarregou-se de um papel inferior ás suas forças. O contrario succedeu a Lucinda do Carmo. Merecem mencionados Amelia Garraio, Antunes, Joaquim Costa e Valle.

— No mesmo theatro realizou-se domingo passado, com muito exito, o terceiro dos concertos symphonicos organisados este anno pelo professor Cernicchiaro.

No programma figuravam Beethoven, Mendelssohn, Berlioz, Schumann, Verdi, Pierné e outros.

*

POLYTHEAMA. — Os artistas da companhia Tomba deram-nos a *Traviata*, de Verdi, e os *Pescadores de Napoles*, de Saria.

Na *Traviata* foi ainda Tettrazini quem teve as honras do desempenho ; mas é de justiça não esquecer o *maestro* Bernardi, regente da orchestra, artista muito distincto.

*

Nada novo nos outros theatros : no Lucinda voltaram á scena as *Noivas do Enéas* e no Recreio o *Anjo da meia noite*, o Sant'Anna, o Apollo e o Variedades continuam a explorar a *Mascotte*, o *Abacaxi* e os *Talismans de Perlimpimpim*.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 38 SEGUNDA SERIE SETEMBRO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

LUIZ CRULS	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
SÓ	Julio Cesar da Silva.
COMO SÃO OS ANJOS	J. de Moraes Silva.
EPHEMERAS (INTRODUCÇÃO)	Raymundo Correia.
VISÃO SINISTRA	Cunha Mendes.
LIVROS NOVOS	Cosimo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

EPITACIO PESSOA

LUIZ CRULS

Filho legitimo do Dr. Augusto Cruls, engenheiro civil que no seu paiz levou a cabo varios trabalhos de subida importancia, nasceu Luiz Cruls em Diest, provincia de Brabante, na Belgica, aos 21 de Janeiro de 1848.

De 1863 a 1868 cursou a escola de engenharia civil da Universidade de Gand, e foi admittido como aspirante de engenharia militar, obtendo nesta ultima carreira, cujo curso seguio durante um anno, os postos de 2° e 1° tenente.

Em 1874 pedio demissão, e em boa hora trasladou-se para o nosso paiz, que elegeu por Patria, e cujo progresso scientifico adquiria nelle um dos seus mais bellos ornamentos e uma das suas mais legitimas glorias.

Depois de haver servido na commissão da carta geral do Imperio, foi o Dr. L. Cruls admittido, em 1876, commo addido do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, então dirigido pelo sabio Emmanuel Liais.

Graças ao seu perseverante esforço, á sua indomavel energia e applicação decidida, foi, por indicação do director, em quem para logo se lhe deparou um amigo e um admirador, promovido successivamente a adjunto e a primeiro astronomo.

Ao Dr. Cruls coube a fortuna de collaborar com Emmanuel Liais no estudo da distribuição dos planetoides que gyram entre Marte e Jupiter, e, afóra grande numero de trabalhos scientificos, citam-se a sua noticia da observação da passagem de Mercurio em 1878, a dos methodos geodesicos da reiteração e da repetição, a descriptiva do Observatorio Astronomico e, finalmente, uma memoria sobre Marte na sua opposição de 1877.

Tem escripto varias memorias sobre assumptos de astronomia e grande numero de noticias scientificas, que estão publicadas nos *comptes-rendus* da Academia de Sciencias de Pariz.

Ainda ha pouco tempo trouxeram elles uma nota do Dr. Luiz Cruls sobre um methodo novo de determinação das longitudes geographicas, para o qual imaginou uma modificação do sextante, que se está construindo agora nas officinas do Observatorio.

Outra publicação recente do nosso illustre patricio é uma monographia sobre um apparelho novo, o « barometro defferencial », que elle inventou e mandou agora construir na Europa.

Tambem recentemente expoz o Dr. Cruls na *Revista do Observatorio*, publicação que elle fundou e dirige com admiravel criterio, um processo graphico novo para o calculo das occultações e eclipses, a respeito do qual organisa actualmente um trabalho mais desenvolvido, que será publicado no correr d'este anno.

Em 1882 o Dr. Cruls planejou a expedição das commissões que observaram a passagem de Venus pelo disco solar, a 6 de Dezembro d'aquelle anno, nas Antilhas, em Pernambuco e em Punta-Arenas, ficando a ultima sob sua immediata direcção.

Entre as diversas publicações do Observatorio Astronomico, destaca-se, pela sua importancia, o tomo III dos *Annaes*, volume de cerca de 600 paginas, que traz os resultados, excepcionalmente completos, d'aquella observação, que deu para valor da parallaxe do sol 8",808, concordando admiravelmente com a media dos valores obtidos e publi-

cados *posteriormente* por diversas commissões estrangeiras.

O nosso biographado foi o primeiro astronomo que observou scientificamente o grande cometa de Setembro de 1882, ao qual deram na Europa o nome de Cometa Cruls.

Na ausencia do Dr. Emmanuel Liais, director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, foi nomeado para occupar esse cargo, a principio interina e depois effectivamente, o Dr. Cruls. Todos os que entre nós se preoccupam com o movimento scientifico, podem dar testemunho de quanto tem elle feito em prol do desenvolvimento e melhoria d'esse notavel estabelecimento. O nosso Observatorio, graças aos innumeros e utilissimos trabalhos de seu director, e principalmente aos *Annaes*, cuja publicação começou em 1883 e tem continuado regularmente até hoje, é conhecido no mundo scientifico como um dos mais notaveis do hemispherio austral.

Em Março de 1883 foi o Dr. Cruls agraciado pelo governo imperial com a commenda da Rôsa, e, na sessão annual da Academia de Sciencias de Pariz, celebrada no começo do mesmo anno, obteve o premio Valz, pelos seus trabalhos de astronomia. Releva notar que esse premio foi instituido para recompensar os trabalhos mais importantes de astronomia realisados em toda a superficie do globo, sendo que muita vez a Academia de Sciencias de Pariz o não tem conferido por ausencia de merecimento dos candidatos.

Em 1884 o Dr. Cruls representou o governo do Brasil no congresso celebrado em Washington para o fim de adoptar-se um unico meridiano.

Em 1887 e 1889 tomou parte nos congressos havidos em Pariz para confecção da carta do céo pelos processos photographicos. Nessa occasião foi agraciado pelo governo francez com o officialato da Legião de Honra.

Por occasião da reorganisação das escolas militares em 1889, foi nomeado lente cathedratico de astronomia pratica e geodesia da Escola Superior de Guerra.

Em 1892 foi nomeado chefe da commissão incumbida de demarcar no planalto central do Brasil uma area de 14,400 kilometros quadrados, reservada, em virtude do art. 3º da Constituição da Republica, para o futuro districto federal em que deve ser construida a nova capital da União. De volta d'essa commissão, depois de organisar um relatorio parcial dos seus trabalhos, que foi remettido ao Governo e ao Congresso, está preparando o relatorio geral, que será accompanhado de um atlas, contendo os itinerarios percorridos e levantados numa extensão superior a 4,000 kilometros, e desenhados numa escala de 1,100,000. O governo da Republica não poderia acertar melhor quando o escolheu para chefe d'essa commissão.

Em 1884, Joaquim Nabuco dizia do Dr. Luiz Cruls, num folhetim do *Jornal do Commercio*: « Valente e decidido, casou com uma brasileira, o que é sempre bom signal, e, acolhido por nós, impressionado pela nossa natureza e pelo agasalho que encontrou, foi pouco a pouco tornando-se brasileiro, até que não poude mais deixar de o ser. » Realmente, Luiz Cruls, até mesmo pelo seu aspecto physico, é o europeu mais brasileiro que conhecemos. Falla e escreve correctamente a nossa lingua.

« O Dr. Cruls (escrevia ha nove annos o saudoso Arthur Barreiros) é um brasileiro notavel, pertence á legião heroica dos nossos representantes ante a civilisação; e d'elle se póde dizer sem hyperbole que tem sabido elevar até os astros o nome brasileiro. » Que melhor phrase poderiamos encontrar para fecho d'este «esboço biographico» ?

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

. . . . . .

Essa linha de pontos ahi fica supprindo as considerações que ao chronista provocariam necessariamente os dolorosos successos que ha dias enlutam a nossa querida Patria, e nos quaes o povo representa o irrisorio papel de Simão Quarenta, quando no 2º acto da *Mascotte* o pobre principe apanha, por tabella, uns tantos murros que não eram seus.

O outro dia, assistindo de Santa Thereza ao bombardeio do Arsenal de Guerra, ouvi a um homem do povo esta phrase que me pareceu topica :— Quando o Mar briga com a Terra, quem soffre são os mariscos.— Os mariscos somos nós, que não temos a honra de vestir uma farda ou de cingir uma espada...

*

Ao som d'esses tiros absurdos, disparados por brasileiros contra brasileiros, soltou o ultimo suspiro o bravo Portocarrero, o heróe do Forte de Coimbra, que se orgulhava de haver recebido de Moltke uma carta comparando aquelle feito d'armas ao das Thermopylas.

O illustre octogenario morreu, levando comsigo a ineffavel satisfação de não ter sido jamais obrigado, por circumstancias tristissimas, a desembainhar o seu ferro glorioso contra os filhos de sua Patria.

*

Registre-se tambem nesta chronica lutuosa o fallecimento do capitão-tenente Malveiro da Motta, official estimadissimo na sua classe, e o facto, profundamente doloroso, de se haver suicidado um brasileiro distincto, o deputado e senador do Imperio Manoel José Soares.

O suicida era agora presidente de um banco, mas o acto de desespero que o matou nenhuma

relação tem com a sua situação commercial. Rico, respeitado, apparentemente feliz, o misero não resistio á dor de ter perdido um filho. Deus lhe perdoe.

*

Terminando, faço votos para que acabe a guerra civil que nos desgraça, guerra maldita, cuja primeira victima quiz a fatalidade que fosse uma pobre mãe, balcada em presença dos filhinhos.

A.

SO'

A ARTHUR AZEVEDO

Só, porque soffra só, no ermo encerrei me. A grossa
Chuva despenha enchendo as gandaras ; a juba
Das corpulentas arvores acossa ;
Remuge ; engrossa ; e, á proporção que engrossa,
Galhos e galhos de arvores derruba.

Correm para os marneis e borraçaes enxurros
Grossos. O vento a copa ás arvores repella ;
Parte, gandaras fóra, em queixosos sussurros
E volta após em açamados urros,
Forçando a porta e os vidros da janella.

Tudo me causa horror : meu proprio cão que dorme
Esticado a meus pés, tranquillo e molle, arfando ;
De uma arvore ja velha um galho enorme
Que se desprende ; e, ao longe, um sapo informe
Pelos pedrouços asperos pulando...

E eu fico ermando aqui, longe do Mundo Longo
Tempo, recluso, a ouvir o baque d'agoa que ora
Em nobre assanho augmenta, a n rtada, o prolongo
Que desce e corre para o campo, alongo
O triste olhar por esse Mundo fóra ..

E sinto, emquanto escuto a horrivel tempestade
E o regougo infernal das nortadas furiosas,
Que o amollecido espirito me invade
Ora uma frouxa e languida saudade,
Ora a legião das coisas dolorosas.

Aqui, onde ninguem as coleras me irrita,
Onde o rumor da chuva apenas se percebe,
Aqui, sob este tecto, em que a alma se me agita
Longe do Mundo em que a Mulher habita,
Longe dos olhos da escarninha plebe,

Aqui mesmo, aqui mesmo, o negro Tedio, á laia
De um espectro feroz que os dentes arreganha,
Encara-me de frente, o golpe ensaia,
E ladra após uma estrondosa vaia
Que as mais occultas coleras me assanha !

*

E a chuva continúa a cahir .. Os enxurros
Correm. O vento a copa ás arvores repella ;
Parte, gandaras fóra, em queixosos sussurros
E volta após em açamados urros,
Forçando a porta e os vidros da janella

JULIO CESAR DA SILVA.

COMO SÃO OS ANJOS

Elle entrou na sala : tinha os olhos muito abertos para ver muito; assentou-se na beirinha da cadeira. Acanhamento ? Receio de machucar o estofo? Não sei. E olhava para os quadros de moldura dourada ; via o espelho de bocca aberta, e tão sorpreso como elle, ou sorpreso por vel-o alli.

Que cadeiras tão bonitas, com camisas de renda ! O piano ! O lustre ! Pensou que era uma candeia grande !

A moça passou ; elle encarou-a, quiz comprimental-a, arredou as pernas para não tocarem no vestido d'ella, estremeceu : a sensação de uma nuvem.

Ella olhou e sorrio ; com ambas as mãos bateu e juntou o vestido ; passou. Se elle soubesse a historia de Phrynea, diria que tinha visto...

D'ahi a pouco chegou o dono da casa : era um figurão. Elle levantou-se logo. O homem estava bem vestido : tinha, como as mulheres faceiras, brilhantes por toda a parte : no peito, nos punhos, nos dedos. A corrente do relogio cheia de brinquedinhos, a tintinar.

O moço estava parado, perfilado, queria coçar a cabeça...

O homem não lhe estendeu a mão ; elle ficou assim... era muita confiança !

Ia anoitecendo : accenderam o gaz. De sopetão elle espantou-se e apertou os olhos. Uma menina rio-se.

Veio o café, o assucareirosinho de prata, as chicaras muito bonitas, com flores douradas, a bandeja de uma lustrosa madeira, e cheia de figuras ; o criado mais bem vestido do que elle. Teve medo de tomar café... Se a chicara cahisse?...

O homem offereceu-lh'a.

Segurou-a muito, quasi a fechou na mão. Beijou apenas o café. Tremia, e a chicara tambem tremia...

A moça voltou do jardim ; trazia uma rosa no peito ; vinha a rir-se; em vez de uma borboleta numa rosa, era uma rosa numa borboleta. Ella foi para o piano, e começou a tocar uma valsa.

Ah ! antes fosse um fadinho !

O dono da casa recebeu uma carta e foi ler ; e a menina conversava com a boneca ; elle ficou só : levantou-se, suspendeu as calças e sahio sorrateiramente para o jardim.

A moça cantou : que voz divina !

Quando acabou a aria, olhou para fóra, como fazem os canarios, para ver se alguem a ouvia. Ao longe vio uma pessoa parada ; dava-lhe de chapa a luz do combustor de gaz sobre o rosto, brilhava... uns brilhantes que corriam : lagrimas ?... Reparou muito : lagrimas.

Era elle, o hospede, o pobre moço, que vinha da roça para empregar-se ; filho do compadre Mathias, pobre é honrado. Não sei se é pleonasmo.

Porque é que elle chorava ?

Ella tocou uma peça triste ; cantou uma coisa triste, muito triste.... As reticencias são lagrimas.

Os anjos são assim mesmo: choram, não por si, mas pelos outros: para pagar as lagrimas só lagrimas ; os brilhantes brilham, mas não são lagrimas.

Quando o moço entrou, ella reparou : que olhos bonitos ! que bocca sincera ! Foi conversar com elle ; grecejou ; elle quiz responder, não poude, corou...

— Bem bonito !

E os olhos d'ella brilharam.

O senhor homemzarrão lá foi responder á carta ; a menina pegou no somno; a moça foi para dentro, e a rosa cahio-lhe do seio, perto d'elle ; elle vio, e ella vio que elle vio.

Elle apanhou a rosa ; tremia como se apanhasse uma bolsa cheia de ouro ; olhou em redor, empallideceu; depois, sorrindo, escondeu a flor dentro do peito : parecia que lhe dava um abraço. Cahio uma petala; apanhou-a, cheirou-a, beijou-a: o perfume d'ella, o beijo d'ella ..

Ella espiava-o por detraz da porta; elle, porém, não a vio; quem está preoccupado não vê a aurora.

A moça voltou, fingindo que procurava ; as moças sabem fingir.

— Vio uma rosa que me cahio do peito?

Elle foi dizer que—sim—e emendou um—não—com a cabeça : uma cruz como quem se benze.

Ella achou-lhe tanta graça !...

O amor é assim mesmo.

Foi ao theatro com elle ; foi á festa com elle ; foi ao baile com elle.

Quanta gente a adora ! — E volta-lhe aquella tristeza e receio...

D'uma vez a moça lhe perguntou:

— Em que scisma?

— Em nada.

— O senhor ama ?

— Amor ? !...

— O amor é tristonho ?

— Não sei, minha senhora, mas sei que os infelizes são tristes.

Ella achou não sei o que nessas palavras :

— E' muito intelligente ! — O amor é perspicaz.

Passou tempo :

— Era de mais ; nem lhe podia dizer mais ; amava o, já lh'o dissera, com a rosa, com os olhos, com o riso, com o coração !...

O pae chegou muito satisfeito ; chamou a filha, declarou-lhe que o conde tinha-a pedido em casamento.

Eila corou, abaixou os olhos, não respondeu.

— O conde é muito rico !

— Nós tambem somos ricos.

— Mas um pão com um pedaço...

— E por que não dous pães logo de uma vez ? Para quem deixam o outro pedaço ?...

— Ha de se fazer o casamento. O conde é uma perola !...

—Todos elles são perolas ; mas não indaguemos de onde sahiram.

Ella disse ao moço que o pae queria casal-a com o conde.

Elle ouvio, e ficou de pedra.

— Não sei o que hei de fazer...

Elle responde :

— Eu tambem acho pouco...

Ella encarou-o assombrada ; elle sorrio e empallideceu ; entretanto quem sorri cora : o sorriso era superficial : galões de um feretro.

Ella retirou-se, foi esconder as lagrimas. Quando voltou ao salão, achou-o vasio ; o jardim, vasio ; olhou para o horisonte : o vasio da saudade !...

Desgraçado ! fel-a tambem desgraçada.

— Por que o amei tanto ? dizia ella.

Os anjos são assim mesmo.

J. DE MORAES SILVA.

EPHEMERAS

E' esse o titulo de um livro de versos que recebemos de S. Paulo. Chama-se o poeta Silvio de Almeida. O volume foi muito mal impresso, em papel de duas qualidades, e isso predispõe naturalmente o leitor contra a obra.

Quanto ao merito das *Ephemeras*, remettemos o leitor á bella introducção que para o livro escreveu o grande poeta Raymundo Correia, e em seguida transcrevemos.

INTRODUCÇÃO

Prefacios em obras d'este genero, quando não servem de ensejo aos respectivos prefaciadores para exporem emphaticamente sobre lettras e artes, com ostentativa e empolada erudição, tão pomposas quão inconsistentes theorias, não sei para o que servem mais.

Creio que por labias d'essas o leitor não se deixa enganar facilmente, como creio que não ficaria impune quem lograsse enganal-o ; e tenho por certo que não surte effeito nunca a pretenção fatua daquelle que se arroga o poder de inculcar ao publico um autor qualquer, quando este por seu turno não esteja em condições de recommendar-se a si mesmo, unicamente pelo seu real merito. Segue-se d'ahi, a meu ver, que, se o livro prefaciado faz successo, o autor do livro nada fica a dever por isso ao autor do prefacio ; segue-se, em summa, a inutilidade dos prefacios, acerca da qual, se eu nada hei dito de novo, tambem nada mais tenho a dizer.

Enectando com algumas palavras minhas este primeiro livro do nosso poeta Silvio de Almeida, não faço mais do que acceder ao convite com que o amigo me quiz distinguir. E' uma incumbencia que considero irrecusavel para mim. Mas estas poucas linhas, quero que signifiquem apenas a

Phototypia J. Gutierrez.

LUIZ CRULS

sympathia que mutuamente nos liga, a mim e ao joven autor do livro.

Leiam-se os bellos versos de Silvio. Lendo-os, nenhum outro sentimento melhor se casa e se enlaça á admiração, que em nós despertam pelo autor, do que — a sympathia.

Não duvido e chego mesmo a affirmar que este delicado sentimento brotará espontaneo em quem quer que os leia, sem ser de mister para isso conhecer o amavel poeta e tratar com elle directa e pessoalmente.

Na epoca tormentosa que atravessamos, quem sabe se os livros d'esta natureza podem abrir ao menos um refugio de paz ás almas descrentes e attribuladas? O coração dos poetas está sempre aberto para receber os que soffrem, e são estes justamente os que procuram nelle um refugio. A epoca actual é com effeito dura e penosa por demais para a vida do espirito. Que vemos nós em torno?

O patriotismo, a abnegação heroica e as mais nobres virtudes deixam de ser uma realidade, evaporando-se em phrases ôcas; afrouxam-se os laços da familia; os protestos da verdade e da justiça são abafados pelo rude choque das paixões mesquinhas; a agiotagem campeia por toda a parte e vae tomando as proporções de um verdadeiro saque; o vicio deixou cahir a mascara e já se não dá mais ao luxo de a afivelar de novo ao rosto; e a hypocrisia já então vae achando melhor transformar-se em cynismo para assim viver vida mais commoda e folgada.

O aspecto sob o qual todas as coisas são encaradas presentemente por uma litteratura doentia e *fin de siècle* traduz com triste exactidão esse máo estar que nos opprime e asphyxia, num meio ambiente irrespiravel.

Aqui e além, dentro e fóra da Patria, os horisontes se mostram cheios de negros presagios; e, sob o temporal imminente e prestes a estalar, ninguem sabe para onde fugir. Sentimo-nos nas vesperas, senão já em face, de um imprevisto que nos apavora, e só esperamos ouvir a todo instante o tremendo — *Salve-se quem puder!*

No meio de tão mestas e dolorosas aprehensões que nos carregam a alma, um livro como este de Silvio de Almeida me parece agradavel sorpresa.

Refiro-me ao que ahi se contém mais em contraste com o máo gosto da epoca, ás poesias extremes d'esse amarujento pessimismo que se extravasa em quasi todos os livros modernos. No fundo d'essas obras perversas da decadencia descobre-se sempre uma lia nauseante, como o sedimento de um máo vinho. Na maior parte das poesias de Silvio descobre-se ao contrario uma boa intenção que alenta e conforta o espirito.

Se me é dado mencionar aqui, d'entre essas poesias, algumas a que dou a preferencia por mais me haverem agradado, eu mencionarei as que o autor intitula — *O melhor premio, Escrevendo, Væ poetæ!, Porque sou triste?, A' Stella, Defronte de um templo, O diluvio, Decepção* e *Antes de partir*.

Na leitura d'esses bellos versos encontrarão talvez algum lenitivo os corações sensiveis atormentados pelo tedio e enojo da vida actual. Ha nelles algum fermento vivo do bem que nos foge, capaz de levedar esse ideal sadio que com os olhos da alma vemos decrescer e mingoar em todos os corações. Respiram elles uma ineffavel paz, uma branda ventura e um casto amor que se occulta modesto no doce conchego da familia — tecto extremo dos deuses lares e derradeiro asylo da fé.

No meio da universal *débâcle*, assistindo ao descambar das nossas, mais risonhas chimeras e esperanças, parece que não temos a quem recorrer em nossa fraqueza, senão a um pouco d'essa fé, que ainda nos reste. Lutando e combatendo, não temos mais segura arma defensiva, para escaparmos ao enorme naufragio ou total desbarato, do que essa valida crença — ancora para o nauta e broquel para o soldado. E porque o poeta é um crente e um forte, sua alma viril, livre e independente, embraçando o escudo crystalino da fé, atravessa sem medo, cantando e rindo, as cruas batalhas da vida, e voa e paira incolume acima da ira vermelha dos combatentes.

« Não vê perigos a que não se affoite;
E fica sem dormir por toda a noite
E sae cantando pela madrugada. »

Assim se exprime o poeta. Assim vive elle, forte e feliz, *flartando* com as suas doces musas, eternas companheiras da juventude eterna, que lhe vêm dissipar pela manhan, com effluvios balsamicos, com um beijo, com uma simples corolla, com um pequeno mimo de luz ou de flor, todo o cansaço das lucubrações a que se entregára e toda o abatimento das passadas vigilias.

Recommendo ao leitor... Mas que ia eu dizendo? Eu não venho recommendar coisa alguma ao leitor, como disse a principio. O livro de Silvio é dos que se recommendam a si mesmos, sem dependencia de paranymphos litterarios, não só pelo fundo, como pela fórma com que as ideias e imagens se nos offerecem nelle, trajadas naturalmente e em geral com uma graciosa simplicidade que me não parece muito commum. E não é somente um bom livro, é um livro bom. Eu pelo menos devo á sua leitura algumas horas de doce satisfação, durante as quaes me senti intimamente reconciliado com as minhas tristezas e assentei em fazer as pazes commigo mesmo e com todo o mundo.

RAYMUNDO CORREIA.

S. Gonçalo do Sapucahy, 20 de Março de 1892.

VISÃO SINISTRA

No estranho pesadelo em que me debatia,
Vi um claustro feral, sinistro, tenebroso,
E, por sob a rachada e sordida arcaria,
Scismava triste, triste, um vulto silencioso...

De pé, fitei-o anciado: as suas vestes traposas
Eram cheias de ichor, eram cheias de lama:
As crostas de ferida, as carnes horrorosas
Tinham phosphorecencia e se abr am em chamma!

A carne podre; os pés esguios; os cabellos
Humidos se enrolando ás espadas nogentas:
Na bocca ensanguentada, em moncosos novellos,
Vermes em procissões lascivas, macilentas...

As narinas sobrando eram vermelhas chagas
Escancaradas, rindo e repletas de pus:
Podre misto de sangue e de ranho, entre vagas,
Rubras scintillações de enfraquecida luz.

A lampada bronzeada enchia mais de horror
O seu corpo corrupto, aberto em podridões.
— Negra estatua tumbal enchendo de terror
As carnes ainda sans, os bellos corações!

Da bocca infecta vinha um filete alvadio
Derramar-se na barba encanudada e escura:
Molle sorosidade humectava o sombrio
Corpo immundo, fecal, de horrivel formosura!

O fetido exhalar de suas roixas narinas
Nauseas, vomitos, peste e doênças derramava:
Rastros negros de sangue e nodoas purpurina
Maculavam a terra em que elle se arrastava...

Era uma arvore má o seu corpo nogento:
Arvore aberta em flor de asquerosas feridas,
Vertendo soro, enchendo a carne de ascorento
Brotar de podridões nas pelles carcomidas.

Os seus olhos febris vomitavam immundos
Prantos, nodoados como as aguas pantanosas;
E os olhares feraes, nostalgicos, profundos,
Perdiam-se talvez em magoas dolorosas...

E essa abjecção rubra, esse cancro horroroso,
Transformado num ser esqualido e nogento,
Lançou-me o olhar sombrio, estranho, pavoroso,
Estacando ante mim... Como um triste lamento,

Escutei a sua voz, vi as suas convulsões,
E se no pesadelo horrivel me concentro.
Ouço o ainda brajar: tu tens mais podridões,
E's mais podre do que eu... Sim! Olha-te por dentro!

CUNHA MENDES.

Sob o titulo *Ensino Agricola*, o Dr. Arlindo Fragoso, engenheiro civil, professor de mecanica e engenharia rural na Escola Agricola da Bahia, reunio em livro uma serie de bons artigos publicados no *Jornal de Noticias*, d'aquelle Estado, sobre a urgencia e bases da reforma do mesmo estabelecimento. Agradecemos o exemplar com que nos obsequiou o autor.

LIVROS NOVOS

— *Encarnação* (Rio de Janeiro, typ., de G. Leusinger & Filhos).

Este romance, ou antes, esta novella de José de Alencar, é a historia de um maluco interessante e sympathico, um viuvo *sui generis*, ridiculamente apaixonado pela mulher que enterrou.

Sente-se nestas paginas ultra-romanticas a mesma penna primorosa e leve que escreveu os *Cinco minutos*, a *Pata de gazella*, e principalmente a *Viuvinha*.

E' pena que o illustre romancista (por pirraça, pois por ignorancia não podia ser) collocasse tão mal os seus pronomes.

*

— A *Normalista* (Rio de Janeiro, Magalhães & Comp., editores).

Adolpho Caminha, o talentoso autor d'este romance, tem publicado no *Album* alguns bonitos contos: a *Mão de marmore*, o *Exilado*, *Minotauro* e outros. Não é, pois, um nome desconhecido que apresentamos aos nossos leitores.

A *Normalista* filia-se á escola de Emilio Zola.

As armas do naturalismo *à outrance* são perigosas em mãos bisonhas, que não saibam apparelhal-as convenientemente. O autor da *Normalista* tem uma perfeita intuição da arte de contar, mas faltam-lhe forças para arcar com o pezo da responsabilidade de suas audacias.

Fazemos justiça ao Ceará, pondo de quarentena a pintura que o romancista faz da sociedade cearense, e ficamos á espera de que elle nos dê um livro mais convicto, mais observado, mais reflectido, mais seu.

O *Paiz* aconselha-o a que se liberte da influencia de certas leituras, e o conselho é bom.

Entretanto, a *Normalista* deve ser lida por quantos prezem as lettras nacionaes. Tem logar conquistado em todas as bibliothecas aonde não vão meninas.

*

— *Celeste*, scenas da vida fluminense (Rio de Janeiro, Magalhães & Comp., editores).

Délia é o pseudonymo de uma romancista brasileira muito intelligente, que escreve com simplicidade e elegancia, despreoccupada — em boa hora o diga! — da *pompe fleurie* de que fallava Molière no tempo de Mlle. de Scudéry, e ainda fallaria, com mais razão, se hoje vivesse.

Dito isto, permittam os leitores do *Album* que não insistamos sobre o romance *fin de siècle* que a distincta escriptora acaba de atirar aos ventos da publicidade.

Lemol-o de uma assentada, e confessamos que, até certa medida, a leitura nos interessou e divertio; mas — para que occultal-o? — foi com

um sentimento de magoa que vimos uma senhora ser tão injusta para com o seu proprio sexo.

*

— *Broquéis* (Rio de Janeiro, Magalhães & Comp., editores).

Cruz e Souza, dizem-me, e eu acredito, é um dos nossos poetas vivos mais apreciados pela novissima geração litteraria. Não serei eu quem tente derribar o seu pedestal.

Embora se repita algumas vezes, Cruz e Sousa verseja com admiravel facilidade, é sonoro, tem opulentas sorprezas no seu deposito de rimas, e possue uma correcção de fórma muito para louvar nesta epoca de nephilibatismos. No seu bello volume só encontrei um verso errado; este:

Teu coração lembra a orgia dos triclinios...

e não sei a que attribuir tão inexplicavel descuido.

Mas... maldito *mas!*... escreve o poeta coisas que eu não entendo, não sei se por um defeito da minha intelligencia, o que é provavel, ou por uma enunciação muito subjectiva das suas impressões, o que é possivel. Em todo o caso, ignóro o que seja um « sonho branco de kermesse » e outras coisas que não cito para não alongar esta noticia.

Os versos de Cruz e Sousa fizeram-me o effeito de uma musica estranha cujos sons passaram ligeiramente pelos meus ouvidos e se perderam ao longe, sem deixar nelles a reminiscencia, não digo de uma phrase melodica, mas de um simples accorde.

Reunidos em livro e lidos de uma assentada, como eu os li, os *Broquéis* são incontestavelmente monotonos, porque só ferem uma corda e têm todos a mesma fórma endecassylaba; lidos isoladamente, estou certo, produzirão outro e melhor effeito. Julgue o leitor por si: escolho um soneto ao accaso:

PRIMEIRA COMMUNHÃO

Grinaldas e veos brancos, véos de neve,
Véos e grinaldas purificadores,
Vão ás Flores carnaes, as alvas Flores
Do sentimento delicado e leve.

Um luar de pudor, sereno e leve,
De ignotos e de prónubos pudores,
Erra nos pulchros, virginaes brancores
Por onde o Amor parabolas descreve...

Luzes claras e augustas, luzes claras
Douram dos templos as sagrados aras,
Na communhão dos niveas hostias frias...

Quando seios pubentes estremecem,
Sylphos de sonhos de volupia crescem,
Ondulantes, em fórmas alvadias...

Não entenderam? Nem eu. Mas faz bem ao ouvido, não acham? Comtanto que não se leia outro do mesmo genero logo em seguida.

— *A Capital Federal*, impressões de um sertanejo (Rio de Janeiro, edição especial do *Paiz*).

Anselmo Ribas é um dos pseudonymos de Coelho Netto. A *Capital Federal* colloca-o no primeiro plano entre os escriptores brasileiros. Ha muito tempo eu não lia uma obra, escripta na nossa terra, que me agradasse de um modo tão absoluto e completo. Declaro-me enthusiasmado. Guimarães Passos prometteu ao *Album* um artigo sobre a *Capital Federal*; por isso, limito-me áquellas palavras.

COSIMO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

XIII

Ergueu-se o panno. Principiava o segundo acto. E como bem o dissera Lucio a Carrero, na manhan em que lêra a comedia, este era o ponto capital de toda a peça.

Nesse acto as allusões saltavam a cada momento.

A bem dizer estampavam-se ante o publico os instinctos de Dolores. Lá estava, bem representada, a familia do coronel Blanco.

O pariziense, que era um dos personagens da comedia, cortejava a esposa do senador com certa timidez, em quanto ella o accusava, chamando-o de fraco, de cobarde, de ingrato, que a não comprehendia, que, podendo ser feliz, tremia ao som da voz *d'aquelle* velho—e apontava para o senador—que nem um vime seria capaz de vergar.

Pelos espectadores corria a admiração. Aquelle quadro era a photographia da vida real. Os actores faziam-no ao vivo, e com tanta naturalidade, que communicavam á plateia o sentimento moral, que, aos poucos, fugia d'aquella familia para dar entrada ao adulterio. Houve um momento de hesitação.

Puxada ao realismo, a peça repugnára nessa prolongada scena. A cegueira do senador indignava; o cynismo da esposa revoltava. A scena impressionava, porque levava um caminhar pausado e calculadamente feito para dominar a consciencia dos espectadores.

A principio ouvio-se um rumor surdo.

— E' verdadeiro! diziam algumas pessoas entre si, sem desviar o olhar do palco.

— Já se passou commigo uma scena similhante.

— Que observador! Um rapaz que escreve uma comedia d'esta ordem acabará por ser uma notabilidade!

Esta ultima phrase foi pronunciada quasi aos ouvidos de Guilherme Tosti.

— E uma immoralidade! dizia este comsigo, esperando o momento em que se indignasse o publico.

— Vês?— dizia em scena a esposa do senador, dirigindo-se ao pariziense, em quanto o politico se deliciava com os *apoiados* que os amantes pronunciavam... — Vês este homem debil, que me mortifica a existencia? pódes de um instante para outro inutilisal-o. Corresponderás ao meu amor. Desprezal-o-ei, embora, para satisfazer á sociedade, tenha de o supportar ao meu lado!

A commoção havia attingido o ponto culminante. Sentio-se por toda a sala um grande rumor.

— E' um escandalo !... murmuravam algumas familias.

Lucio, porém, trabalhára na architectura da sua comedia com o escopro de mestre.

Apenas a actriz terminára essa phrase, que era a expressão do maior cynismo, e perdição, dera ao papel do pariziense uma feição sympathica.

Pela plateia correu um *oh!* surdo. Foi neste momento que o actor, desprendendo-se do abraço seductor da esposa infiel, veio á rampa e proferio, em aparte, uma phrase repassada de exemplo de nobreza e moralidade :

— Esta mulher — dizia elle — endoidece-me, extasia-me, mata-me com as suas seducções! Ah!... mas não me ha de vencer! Nunca! Minha mãe foi uma pobre mulher, seduzida por um fidalgo! E' dever do plebeu conservar illesa a honra de um senador!

— Responde-me! atalhou de novo a actriz — a tua ultima palavra! Disseste-me, um dia, que me amarias eternamente. Queres o ultimo sacrificio?

— Nunca!

— Fujamos!

— Jamais! Abençoarei esta *cobardia* que os imbecis não conhecem, e que outra coisa não é senão o respeito, que o homem moralisado vota á mulher que se perde e á familia que ella sacrificaria.

— Bravo! rugio o *paraizo*, acompanhando-se de um estrondoso applauso. Bravo!

— *Schio...!* interveio a plateia.

A commoção crescia. A scena precipitava-se. O senador sentira soltar-se-lhe das mãos o *infolio* dos seus discursos e deixara-se adormecer.

— A tua ultima palavra? perguntava na maior agitação a actriz.

— Não! não te quero a preço da deshonra!

A esposa do estadista, então, a grandes passos, encaminhando-se para a porta do fundo, estendeu o braço num gesto imponente :

— Saia, imbecil!...

— Obedeço! Antes, porém, de transpor o umbral d'esta porta, quero deixar cahir sobre a fronte d'esse velho infeliz as palavras que muitas vezes ouvi pronunciar pelos labios de minha mãe : o homem, que deshonra uma familia e seduz uma esposa, é, por si mesmo, nodoa que a sociedade não lavará jamais!

E de logo, como que desprendendo-se do alto, cahio repentinamente o panno.

Estava acclamado o trabalho de Lucio.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

A revolta fez com que todos os nossos theatros suspendessem os seus espectaculos ; o Apollo, com o *Abacaxi*, e o Recreio, com os *Milagres de Santo Antonio* e outras peças, resistiram heroicamente até terça-feira, mas no dia seguinte fecharam tambem as suas portas.

*

Da companhia lyrica do Sr. Luiz Ducci não ha noticia. Os assignantes ficaram a ver navios... de guerra, e os infelizes, que compraram bilhetes para a representação do *Tannhäuser*, interrompida pelo chilique do tenor Gabrielesco, esperarão debalde que a empreza lhes restitua o seu rico dinheiro.

*

De volta do Rio da Prata, passou ha dias por esta capital a grande Sarah Bernhardt que, da coberta do *Equateur*, teve o prazer de assistir a diversas manobras dos navios revoltosos. A eminente tragica almoçou a bordo da fragata franceza *Arethuse*, que se acha ancorada no nosso porto, veio para a terra, jantou e pernoitou no hotel White, da Tijuca. No dia seguinte deixou para sempre, *hélas!* este paiz que agora, mais do que nunca, lhe pareceu *féériqûe*.

*

Falleceu o actor Barbosa, um dos ultimos da velha guarda, companheiro de João Caetano, Arcias, Gusmão, Florindo, Martinho, Galvão e outros que já se tem recolhido aos bastidores da Eternidade.

O Barbosa nunca foi um grande artista, mas era um homem de bem. Ha muito tempo abandonára o theatro e fizera-se guarda-livros, o que, aliás, não o impedia, até ha pouco tempo, de tomar parte nalgumas d'essas representações esporadicas a que os actores chamam *tiros*. Nesses espectaculos o seu forte era o *Vinte e nove ou honra e gloria*.

O honrado artista, em quanto as forças lh'o permittiram, dedicou-se de corpo e alma á Sociedade Protectora dos Artistas Dramaticos, e prestou-lhe relevantes e inolvidaveis serviços.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 39 SEGUNDA SÉRIE SETEMBRO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

EPITACIO PESSOA	Amaranto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
PAIZAGEM	Isaias de Oliveira.
O DESTINADO	Machado de Assis.
CANTILENA	A. A.
BLOCOS	Cosimo.
RÊVERIE	Victor Hugo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO	Alfredo Bastos.
DESPEDIDA	Adelino Fontoura.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do actor

AUGUSTO ROSA

EPITACIO PESSOA

Nasceu na ex-provincia da Parahyba aos 23 de Maio de 1865; é filho legitimo do tenente-coronel José da Silva Pessoa e de D. Henriqueta Barbara de Lucena Pessoa.

Em 1873, com oito annos apenas, ficou orpham de pae e mãe, e em fins do anno seguinte foi admittido no Gymnazio Pernambucano, como pensionista pago pela provincia. A Assembléa consignava annualmente uma verba no orçamento para a educação de vinte orphãos naquelle estabelecimento.

Em 1878 difficuldades financeiras determinaram a suppressão d'essa verba, e os orphãos foram assim forçados a deixar o collegio. Mas Epitacio tanto se distinguio, tal fôra o seu aproveitamento nos estudos, que o governo da provincia resolveu que elle alli continuasse como alumno gratuito, abrindo-se assim uma excepção honrosissima para o laureado estudante.

No Gymnazio estudou as primeiras lettras e todos os preparatorios, reputado sempre o primeiro alumno do collegio, de onde sahio em 1880.

Em 1882 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, fazendo um curso brilhantissimo, em que deu as mais solidas e irrecusaveis provas de seu talento superior, sendo approvado com distincção em todos os annos, elogiado pelos mestres e consultado pelos condiscipulos, que o reputavam francamente o mais notavel de entre si, quer pela applicação aos estudos, quer pela proficiencia — admiravel num estudante — com que tratava as questões juridicas sujeitas a seu exame.

Lutou com as maiores difficuldades para formar-se, conseguindo-o com os recursos que lhe proporcionaram o ensino particular e a confecção de trabalhos de direito para os collegas.

Obtendo o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes em 1886, foi nomeado promotor publico da comarca do Cabo, em Pernambuco.

No exercicio d'esse cargo confirmou os fóros de orador, de que já gozava em diversas comarcas de Pernambuco e da Parahyba, onde o patrocinio de importantes causas crimes lhe fôra confiado.

Revelou-se alli um espirito altivo e independente; desavindo-se com o Juiz de Direito, sustentou com este, pela imprensa do Recife, luminosa polemica juridica, que o tornou muito vantajosamente conhecido naquella capital, principalmente entre as pessoas do fôro e competentes no assumpto.

Demittido da promotoria em 1889, por motivos politicos, veio para esta cidade, de onde seguio, logo depois da proclamação da Republica, como secretario do governo da Parahyba, em cuja Assembleia recusára anteriormente uma cadeira.

No seu Estado tornou-se alvo da mais viva sympathia e estima de amigos e adversarios, pelo tino administrativo e qualidades de politico que revelou.

Candidato a um logar no Congresso Constituinte, foi o mais votado entre todos os representantes da Parahyba, onde hoje goza do mais lisongeiro conceito e do mais extenso prestigio.

A sua gloriosa carreira parlamentar é bastante conhecida. O seu nome, enaltecido pelos extraordinarios triumphos obtidos na tribuna da Camara de que é um dos luminares e o orador mais applau-

dido, é hoje repetido em todo o Brasil com admiração e respeito.

Nenhum outro parlamentar brasileiro foi ainda festejado pelo povo como o tem sido esse deputado de vinte e oito annos.

O Dr. Epitacio Pessoa é lente cathedratico da Faculdade do Recife desde 1891.

O seu retrato impunha-se á galeria eclectica do *Album*. Estou certo de que os leitores d'este periodico guardarão com prazer a imagem do joven e illustre parahybano.

AMARANTE.

CHRONICA FLUMINENSE

Foi-se embora o *Republica*. Pintou-se de preto, como o Passe-Partout da *Volta do mundo*, e, graças á escuridão da noite, passou despercebido pela fortaleza de Santa Cruz. Não no viram tambem da Praia Vermelha, nem da Vigia do Leme, nem da Copacabana, nem do morro de Cantagallo, nem da ilha de Cotunduba, nem da do Páo Torto... Foi-se !

Aonde irá esse navio negro ?.. que intentará fazer ?...

Quando e como acabará tudo isto, Virgem Santissima ?

Ahi está uma pergunta a que nenhum politico, por mais avisado, poderá responder. A propria Virgem Santissima, invocada pela pieguice do chronista, não daria uma resposta satisfatoria, se por ventura interviesse nestes assumptos.

Fóra de duvida é que o nosso pobre paiz está sendo grandemente prejudicado por similhante estado de coisas, e terá que soffrer inevitavelmente as amargas consequencias da luta fratricida a que assistimos, sejam ellas quaes forem.

Emtretanto, lá diz a philosophia das nações: ha males que vêm para bem; talvez tudo isto determine beneficios futuros; talvez o Brasil precise experimentar as provações por que está passando; talvez seja indispensavel demolir para construir, segundo o axioma positivista.

O peior é que ha por ahi muito proletario que não ganha vintem desde o começo d'essa maldita revolta; muito pobre diabo que não vê a côr de um nickel, nem mesmo d'aquelles que Paulo Garrofé ha dias fabricava n'uma casa que não era a Casa da Moeda, apezar de estar situada na praça da Republica...

*

A não ser a revolta e lá um ou outro assassinato nas ruas, não deu a semana materia para a chronica. Os factos fazem como as familias medrosas: não saem á rua,—e as horas passam-se em largos bocejos de tedio. A' noite a cidade fica deserta, e o actor Pedro Nunes representa o *Abacaxi* melancolicamente, para uma plateia de melancolicos, fazendo os papeis do Bahia, que se acha em Nictheroy, isto é, tão longe como se estivesse na China.

*

O director do *Album*, que é o meu melhor amigo, tem sido ha dias interrogado por pessoas curiosas que se admiram de que elle fosse alferes da Guarda Nacional e ninguem o soubesse.

Effectivamente, no *Tempo*, de quarta-feira, appareceu a seguinte noticia: «Está de serviço de piquete no 5º batalhão o alferes Arthur de Azevedo.»

Trata-se de outro cidadão de egual nome, e ainda assim com a particula *de* a mais. O director do *Album* tem a honra de pertencer á Guarda Nacional, mas não é alferes, nem nunca esteve de serviço de piquete: é soldado raso d'aquelle mesmo 5º batalhão, e está dispensado do serviço emquanto exercer o cargo de chefe de secção numa das nossas Secretarias de Estado.

A.

PAIZAGEM

A A. PERES JUNIOR

Na floresta chilreava a passarada,
Saudando alegre o sol resplandecente;
A luz exhuberante enchia a estrada
De uma poeira de ouro refulgente.

Mais além, da montanha na quebrada,
Surge, entre a calidez do sol ardente,
Uma brilhante e extensa cavalgada
Ruidosa, a galopar confusamente. .

E a floresta immergia luminosa
— Como da tarde a estrella grandiosa —
Do claro resplendor da natureza.

E o céo por cima, concavo e azulado,
Completava solemne, almo, sagrado,
D'este painel a divinal grandeza.

ISAIAS DE OLIVEIRA.

Recebemos um exemplar do quarto relatorio (1891-e 1892) apresentado ao governador do Parana pelo Sr. A. Mariano de Lima, director e professor de desenho, perspectiva e pintura, da Escola de Artes e Industrias de Coritiba.

Ao relatorio acompanham tres photographias das aulas e demais dependencias do estabelecimento, que nos parece relativamente importante.

Essa escola tem lutado com a indifferença dos poderes publicos; se ainda existe, deve-o á tenacidade e ao zelo do seu director.

que, depois de muito lutar, conseguio do Congresso paranaense uma subvenção de 8:000 000 annuaes. A despeza do estabelecimento sobe a pouco menos do dobro d'essa quantia.

O DESTINADO

Ao entrar no carro, cerca das quatro horas da manhan, Delfina trazia comsigo uma preoccupação grave, que eram ao mesmo tempo duas. Isto pede alguma explicação. Voltemos á primeira valsa.

A primeira valsa que Delfina executou no salão do coronel foi um puro acto de complacencia. O irmão d'ella apresentou-lhe um amigo, o bacharel Soares, seu companheiro de casa no ultimo anno da academia, uma perola, um talento, etc. Só não accrescentou que era dono de um rico par de bigodes, e aliás podia dizel-o sem mentir nem exagerar nada. Curvo, gracioso, com os bigodes espetados no ar, o bacharel Soares pedio á moça uma roda de valsa; e esta, depois de tres segundos de hesitação, respondeu que sim. Porque hesitação? porque complacencia? Voltemos á primeira quadrilha.

Na primeira quadrilha o par de Delfina fôra outro bacharel, o bacharel Antunes, tão elegante como o valsista, embora não tivesse o rico par de bigodes, que elle substituia por um par de olhos mansos. Delfina gostou dos olhos mansos; e, como se elles não bastassem a dominar o espirito da moça, o bacharel Antunes juntava a esse merito o de uma linguagem doce, camora, todas as seducções da conversação. Em poucas palavras, acabada a quadrilha, Delfina achou no bacharel Antunes os caracteristicos de um namorado.

— Agora vou sentar-me um pouco, disse-lhe ella depois de passeiar alguns minutos.

O Antunes acudio com uma phrase tão piegas, que não a ponho aqui para não desconcertar o estylo; mas, realmente, foi coisa que deu á moça uma ideia avantajada do rapaz. Verdade é que Delfina não tinha o espirito muito exigente; era um bom coração, excellente indole, educada a primor, amiga de bailar, mas sem largos horisontes intellectuaes; — quando muito, um pedaço de azul visto da janella de um sotam. Contentou-se, portanto, com a phrase do bacharel Antunes, e sentou-se pensativa. Quanto ao bacharel, ao longe, defronte, conversando aqui e alli, não tirava os olhos da bella Delfina. Gostava dos olhos d'ella, dos seus modos, elegancia, graça...

— E' a flor do baile, dizia elle a um parente da familia.

— A rainha, emendou este.

— Não, a flor, teimou o primeiro; e, com um tom adocicado: — Rainha dá ideia de dominio e imposição, ao passo que flor traz a sensação de uma celeste embriaguez de aromas.

Delfina, logo que teve noticia d'esta phrase, declarou de si para si que o bacharel Antunes era um moço de grande merecimento, e um dignissimo marido. Note-se que ella partilhava a mesma opinião acerca da distincção entre rainha e flor; e, posto acceitasse qualquer das duas definições, todavia achou que a escolha da flor e a sua explicação eram obra acertada e profundamente subtil.

Ora, em taes circumstancias é que o bacharel Soares pedio-lhe uma valsa. A primeira valsa era sua intenção dal-a ao bacharel Antunes; mas elle não appareceu então, ou porque estivesse no buffet, ou porque realmente não gostava de valsar. Que remedio senão dal-a ao outro? Levantou-se, acceitou o braço do par, elle cingio-lhe delicadamente a cintura, e eil-os no turbilhão. Pararam d'ahi a pouco; o bacharel Soares teve a delicada audacia de lhe chamar sylphide.

— Na verdade, accrescentou elle, é valsista de primeira ordem.

Delfina sorrio com os olhos baixos, não espantada do comprimento, mas satisfeita de o ouvir. Deram outra volta, e o bacharel Soares, com muita delicadeza, repetio o elogio. Não é preciso dizer que elle a conchegava ao corpo com certa pressão respeitosa e amorosa ao mesmo tempo. Valsaram mais, valsaram muito, elle dizendo-lhe coisas amaveis ao ouvido, ella escutando-o corada e delirante...

Ahi está explicada a preoccupação de Delfina, aliás duas, porque tanto os bigodes de um como os olhos mansos do outro iam com ella dentro do carro, ás quatro horas da manhan. A mãe achou que ella estava com somno; e Delfina explorou o erro, deixando cahir a cabeça para traz, cerrando os olhos e pensando nos dous namorados. Sim, *dous* namorados. A moça tentava sinceramente escolher um d'elles, mas o preterido sorria lhe com tanta graça que era pena deixal-o; elegia então esse, mas o outro dizia-lhe coisas tão doces, que não mereciam tal desprezo. O melhor seria fundil os ambos, unir os bigodes de um aos olhos de outro, e metter esse conjuncto divino no coração; mas como? Um era um, outro era outro. Ou um, ou outro.

Assim entrou ella em casa; assim recolheu-se aos aposentos. Antes de se despir, deixou-se cahir em uma cadeira, com os olhos no ar; tinha a alma longe, dividida em duas partes, uma parte nas mãos do Antunes, outra nas do Soares. Cinco horas! era tempo de repousar. Delfina começou a despir-se e despentear-se, lentamente, ouvindo as palavras do Antunes, sentindo a pressão do Soares, encantada, cheia de uma sensação extraordinaria. No espelho, pareceu-lhe ver os dous rapazes, e involuntariamente voltou a cabeça; era illusão! Emfim, resou, deitou-se, e dormio.

Que a primeira ideia da donzella, ao accordar, fosse para os dous pares da vespera, nada ha que admirar, desde que na noite anterior, ou velando

ou sonhando, não pensou em outra coisa. Assim ao vestir, assim ao almoçar.

— Fifina hontem conversou muito com um moço de bigodes grandes, disse uma das irmansinhas.

— Boas ! foi com aquelle que dansou a primeira quadrilha, emendou o outra irmã.

Delfina zangou-se ; mas vê-se que as pequenas acertaram. Os dous cavalheiros tinham tomado conta d'ella, do seu espirito, do seu coração ; — a tal ponto que as pequenas deram por isso. O que se pergunta é se o facto de um amor assim duplo é possivel ; talvez que sim, desde que não haja sahido da phase preparatoria, inicial ; e esse era o caso de Delfina. Mas, emfim, cumpria escolher um delles.

Dévine, si tu peux, et choisis, si tu l'oses.

Delfina achou que a eleição não era urgente, e fez um calculo que prova da parte d'ella certa sagacidade e observação ; disse comsigo que o proprio tempo excluiria o condemnado, em proveito do destinado. Quando ella menos pensar, disse ella, estou amando devéras ao escolhido.

Escusado é accrescentar que não disse nada ao irmão, em primeiro logar porque não são coisas que se digam aos irmãos, e em segundo logar porque elle conhecia um dos concurrentes. Demais, o irmão, que era advogado novo, e trabalhava muito, estava nessa manhan tão occupado no gabinete, que nem veio almoçar.

— Está com gente de fóra, disse-lhe uma das pequenas.

— Quem é ?

— Um moço.

Delfina sentio bater-lhe o coração. Se fosse o Antunes ? Era cedo, é verdade, nove horas apenas; mas podia ser elle que viesse buscar o outro para almoçar. Imaginou logo um accordo feito na vespera, entre duas quadrilhas, e attribuio ao Antunes o plano luminoso de ter assim entrada na familia...

E foi, foi, devagarinho, até a porta do gabinete do irmão. Não via de fóra ; as cortinas ficavam naturalmente por dentro. Não ouvia fallar, mas um ou outro rumor de pés ou de cadeira. Que diabo ! Teve uma ideia audaciosa : empurrar devagarinho a porta e espiar pela fresta. Fel-o ; e que desillusão ! vio ao lado do irmão um rapaz secco, murcho, acanhado, sem bigodes nem olhos mansos, com o chapéo nos joelhos, e um ar modesto, quasi pedinte. Era um cliente do joven advogado. Delfina recuou lentamente, comparando a figura do pobre diabo com a dos dous concurrentes da vespera, e rindo da illusão. Porque rir ? Coisas de moça. A verdade é que ella casou d'ahi a um anno justamente com o pobre diabo. Leiam os jornaes do tempo ; lá está a noticia do consorcio, da egreja, dos padrinhos, etc. Não digo o anno, porque elles querem guardar o incognito, mas procurem que hão de achar.

MACHADO DE ASSIS.

CANTILENA

A OLAVO BILAC

Fazem hoje vinte annos
Que eu sahi da minha terra...
Fazem hoje vinte annos
Que eu deixei o Maranhão.
Os destinos inhumanos
Desde então me fazem guerra .
Os destinos inhumanos
Me maltratam desde então !
Fazem hoje vinte annos
Que eu deixei o Maranhão !

No instante da despedida
Meu pae chorava devéras ..
No instante da despedida
Minha mãe quasi morreu !
A minha gente querida
Verteu lagrimas sinceras...
A minha gente querida
Mais de mil beijos me deu !
No instante da despedida
Minha mãe quasi morreu !

Pobre mãe ! vociferando,
Não deixava que eu partisse...
Pobre mãe ! vociferando,
Não me queria soltar !
Meu pae disse-lhe, chorando :
Deixe o rapaz ! que tolice !
Meu pae disse-lhe, chorando :
Socegue, que ha de voltar !
Pobre mãe ! vociferando,
Não me queria soltar !

Elles ambos lá se foram ..
Perdi-os, infelizmente !
Elles ambos lá se foram
Já não tenho mãe nem pae !
Os meus olhos inda choram,
Porque o meu peito inda sente !
Os meus olhos inda choram...
Vêde : uma lagrima cae !
Elles ambos lá se foram...
Já não tenho mãe nem pae.

A. A

21 - 8 — 93.

BLOCOS

Mais um livro editado pelos Srs. Magalhães & Comp., proprietarios da Livraria Moderna. Este intitula-se *Blocos*, e está assignado por Isaias de Oliveira.

São cento e sessenta paginas d'aquillo a que outr'ora se chamava litteratura amena, — phantasias, impressões, divagações sentimentaes, etc. A leitura não edifica mas tambem não enfada. A gente lê toda esta prosa de um folego, e, ao fechar o livro, não sente cansaço nem aborreci-

mento, — deseja apenas alguma coisa mais forte, mais vigorosa, mais de mestre, para dar ao espirito a indispensavel ração. E' um *hors-d'œuvre* litterario.

Os escriptos d'este genero não se compadecem com as exigencias implacaveis de um livro ; ficam bem numa revista como o *Album*, isolados, entre uma poesia e um conto, de outros autores,—coisinhas interessantes, mas ephemeras, que se atiram para o lado e se releem mais tarde, com muito prazer, depois de encadernada a revista. Litteratura amena.

O autor dos *Blocos* é imaginoso e tem uma nota original, que transparece no *Palhaço* e noutras producções ligeiras disseminadas no livro.

Para dar uma amostra do merito do escriptor e do espirito da obra, transcreverei uma de suas phantasias, não por ser a melhor, mas por ser a mais curta :

MANHANS

Manhans de sol, manhans douradas !

O céo resplendente parece cantar uma aleluia, e o sol, olympico, jorra de cima um largo rio de luz sonorisante, esmaltando todos os cimos e o vasto formigueiro de casas, destacando-as da penumbra que as envolvéra como um sudario.

Manhans fulgurantes, epicas ! A luz tem gorgeios de patativa e a folhagem sussurra, numa crepitação de versos sonoros.

E a cidade dorme...

Os ninhos já despertaram ao beijo do sol, mas a grande cidade, como cortezan cançada de prazer, espreguiça-se no leito, recebendo no dorso crispado as primeiras caricias do dia rutilante.

Essa hora augusta tem uma deliciosa frescura de leite ainda quente do ubre, lembra coxins de seda e velludo, fofos e voluptuosos, por onde subimos a escada dos prazeres convulsionantes. A luz acalenta como mãe desvelada; nos ares resoam beijos de genios alados...

Agora é o despertar phantastico da cidade.

Cada um se apodera do papel que representa no grande tablado. Os operarios correm ás officinas ; abrem-se as lojas e os antros. A colmeiá humana esparrama-se nas ruas e a vida recomeça, agitada e febril, nesse continuo marulhar de oceano...

... O' grande luz eternal, que aclaras as espheras e os cimos douras ; abandona, por um momento, luz sagrada, o luxuoso colorido do Iris e a refulgencia da aza dos collibris ; desce, luz gloriosa, da apotheose deslumbrante das auroras ; desce dos paramos infinitos e vem, luz divina, purificar esses pantanos da terra, a cuja flor sobrenadam os vermes da cubiça e do orgulho, da vaidade e da hypocrisia.

Jorra diluvianamente, luz purissima, para matares do lodo humano o germen de todos os vicios e de todas as paixões, que se multiplicam, se perpetuam indefinidamente.

Desce, luz bemdita ; illumina os negros corações malditos, os sombrios corações perversos !

E' bonito, é bem feito, é bem escripto ; mas reunam vinte ou trinta producções d'esse feitio, e digam-me se ha ahi materia para um livro que seja livro.

Isaias de Oliveira, com o talento e a phantasia que tem, póde dar-nos um volume perfeitamente articulado.

Catule Mendès, que é o mestre por excellencia d'essas ninharias da imaginação e do estylo, só as produz para descançar a mão de trabalhos de folego como as *Mães inimigas*, *Mephistofela*, e outros. E abandona-as sobranceiramente nas columnas do *Gil Blas* ou do *Echo de Paris*.

Entretanto, louvado seja o autor dos *Blocos* pelo seu esforço, e mais louvados ainda sejam os intrepidos editores que, ao som da artilheria de fortalezas e navios assanhados uns contra os outros, publicam um livro de litteratura amena (como se dizia outr'ora) nesta infeliz capital, que é a menos litteraria do mundo, mesmo quando não se acha em estado de sitio.

COSMO.

O *Figaro Illustrado* obteve uma poesia inedita de Victor Hugo, escripta pelo grande poeta, no album de uma senhora, em 6 de Setembro de 1872.

Eil-a :

RÊVERIE

Vous demandez à quoi je rêve ?
Je me souviens qu'un jour, jadis.
A l'heure où l'aube qui se lève
Ouvre ses yeux de paradis,

Je passais parmi des colombes,
Dans un cemitière, jardin
Qui, couvrant de roses les tombes,
Cache un enfer sous un éden.

J'errais dans cette ombre insalubre
Où les croix noires sont debout...
Une grande pierre lugubre
Se mit à vivre tout à coup.

C'était, dans l'herbe et les pervenches,
Un sépulcre morne et hautain
Qu'effleura soudain sous les branches
Le furtif éclair du matin.

Il était là sons une yeuse,
Triste, et comme pour l'apaiser
La jeune aube mysterieuse
Donnait à ce spectre un baiser.

Et cela rendit, ô merveille,
La vie au sépulcre hagard ;
Ce sourd-muet ouvrit l'oreille,
Et cet aveugle eut un regard.

Voyant venir à lui la flamme,
Comme au désert le noir Sina,
Ce linceuil de marbre, ô une âme,
Plein de ténèbres, rayonna.

Et je le vis, dans le bois sombre,
Dans le champ pestilentiel,
Comme transfiguré dans l'ombre
Par cette dorure du ciel.

Noble femme aux vaincus fidèle,
Votre sourire frais et beau,
Quant il lui sur moi, me rappelle
Cette aurore sur ce tombeau.

VICTOR HUGO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Como trovão que rola nos espaços, assim foi o applauso geral e enthusiastico. Guilherme Tosti baixou a cerviz, reconhecidamente tranzido do frio do despeito.

O seu recurso nesse instante era Carmen.

Mordia-o, de quando em quando, o ciume. Por isso, ao terminar o acto, e nessa hora solemne em que se debatiam os espectadores num delirio e impulsados pelo orgulho nacional, quando muitos, invejosos, não venciam em numero os enthusiastas, o rival de Lucio volveu o olhar para o camarote da familia Blanco.

— Não vá modificar-se a opinião de Carmen! Nada ha tão de exito como as acclamações para vencer o coração indifferente de uma mulher soberba.

Assim pensou. E, como nesse momento tambem a enteada do coronel Blanco procurava com a vista, armada de excellente binoculo, o proprio Tosti, foi de jubilo para o moço ver-se objecto da attenção da creatura mais admirada do sexo feminino.

Carmen baixou o seu telescopio em miniatura.

Foi então que a Guilherme não passou indifferente a expresssão de physionomia a que a moça dava, por intermedio do rosto, o significado de um desespero enorme, e que ainda assim não dizia de todo a revolução que abateria até almas mais denodadas.

Carmen fez um gesto.

Poderiam tomal-o por casual.

Não era. Guilherme, com a intuição dos enamorados, adivinhou nelle uma ordem, e primeiro do que todos os espectadores da plateia sahio da sala.

Nesse acto de retirada e quando passava proximo de um camarote da ordem que em Montevidéo é designada pela de *palcos bajos*, deu com Carrero e Lucio, que se deliciavam com os exaltados louvores e galanteios de uma interessante senhora, aos quaes faziam côro os sorrisos cubiçosos de tres elegantes solteiras, rivaes de Carmen em fama e em formosura.

Guilherme sentio que se lhe afoguearam as faces.

Uma dor aguda e fina atravessou-lhe o coração ao ver que se levantava, nobre e imponente, o vulto d'esse moço, autor da comedia applaudida, que acabava de ganhar parte do triumpho mais legitimo que é dado a um homem, e que nada mais é senão a recompensa do talento.

Lucio vio-o e não lhe deu importancia.

O amor proprio exigio a reparação, o que era absurdo, uma vez que o doutor só o conhecia de vista.

— De mais a mais soberbo!— pensou Guilherme Tosti, curvando a fronte e passando ás pressas para que Carrero não chegasse a descobril-o.

Foi então que aos ouvidos do pretendente segredou-lhe como uma voz de ventriloquo: E's um Judas!

Não fôra esta tambem a pergunta que fizera um dos moços da roda dos conspiradores, que tramaram applaudir a comedia de Lucio, nessa mesma tarde em que Carrero os viera informar do merito do trabalho?

Como homem que é sorprendido pela neve que vae, aos poucos, lacrimejando do espaço por sobre o ousado que a ella se expõe; como quem num movimento rapido do corpo a sacode de sobre os hombros, assim o invejoso tentou desembaraçar-se d'essa phrase, que se lhe levantára, como algoz, no cerebro encandescido.

Carmen anciava pela chegada de Guilherme.

— Não me comprehenderia o ignorante? —pensava, voltada para a porta do camarote e indefferente aos olhares apaixonados que lhe dirigia Lucio. Afinal, satisfeita a impaciencia, Tosti abrio rapidamente a porta.

Dolores foi premiada por uma ideia diabolica.

— Ainda bem! Vou deixal-os — disse —. Preciso fallar com uma amiga que ha muito não vejo e que se acha no camarote proximo.

E, juntando á palavra a acção, sahio, sem dar tempo a que Carmen se oppozesse; porquanto tão humilhante lhe pareceu aquelle *tête-a-tête* com Guilherme Tosti, que só um próposito de maior monta dominára o primeiro impulso.

O plano de Dolores era mais ou menos este: deixal-os a sós para que a sociedade désse a Carmen e Guilherme como dous *promessi sposi*.

Era uma infamia que só poderia nascer no coração indifferente de uma senhora, que, antes de ser mãe, tinha os instinctos do adulterio.

Ha naturezas humanas que representam no mundo moral o polypo e a desconformidade das almas.

Era a infamia feita mulher e mãe, disfarçada por fallazes adornos apparentes, que a sociedade compra e vende, empresta, ou mesmo aluga.

Carmen não poude conter um sorriso ironico e amargo a um tempo.

Borbulharam-lhe nos grandes olhos negros duas lagrimas pesadas.

— Chora?— perguntou-lhe tristemente o moço em voz baixa.

— Deixemo-nos de meias palavras, agora que nos achamos a sós! — principiou ella dando á voz um tom severo e firme. Choro de desespero! Quer salvar-me?

— Eu?.... Que poderei fazer para merecer essa gloria?

— Tudo ! Um homem destemido póde vingar, num momento, uma familia ultrajada !

— Explique-se, Carmen !

— Promette jamais revelar o que lhe vou confiar?

— Prometto ! juro, se tanto for necessario !

— Nesse caso, ouça-me Guilherme !

Carmen accommodou-se na cadeira. Passou um olhar de martyr por toda a sala.

Vio que muitos dos espectadores, homens e mulheres, faziam de ambos, d'ella e Tosti, ponto de mira e thema de bisbilhotices.

Houve até mesmo uma antiga companheira, que da *cazuela* accionou, como quem lhe queria dizer: *muy bien, la felicito*, a phrase que em Montevidéo mais se ouve pronunciar. Depois, sorprendeu tambem Lucio e Carrero, que a observavam com sympathia, o que aos olhos de Carmen traduzia-se por soberba e cynismo.

O primeiro passo para a offensa, que de ha muito preparava para atirar aos olhos de Lucio, estava dado ; ergueu-se da cadeira em que antes se havia sentado e foi occupar outra fronteira.

D'este modo dava as costas ao seu verdadeiro pretendente

Esta acção foi observada de diversas posições.

Com effeito, já se dava como infallivel o casamento de Carmen com o filho do coronel Herrera.

Principiaram os commentarios, e de todos elles concluio-se, geralmente, que a moça abandonára completamente Lucio em favor de Guilherme Tosti. E, como em côro, uma ideia ferio a opinião unanime :

— E' necessario não ter gosto para desprezar o Lucio em troca de um vulgarissimo Tosti !

— E' rico !

— O que não fará admirar que seja esse o motivo pelo qual Carmen o queira...

— E' digna filha de Dolores, arriscaram as invejas.

— Deixem lá, minhas filhas — atalhou uma senhora edosa, entendida em assumptos de amor e casamento — ella que não quiz o doutor Lucio, é que elle não a merece : alguma lhe fez elle.

Carmen previo que aquelle apparente quadro de amor, exposto no seu camarote, daria margem a grandes e largos commentarios. Nesse instante, porém, outras ideias a dominavam.

— Que importa ! — disse comsigo, e deixando-se cahir na cadeira, de modo a approximar a voz dos ouvidos de Guilherme.

— Posso saber a causa d'esta forte commoção ? —perguntou elle.

— Ouvio attentamente todo este segundo acto ?

— Mentiria se lhe dissesse que prestei toda a attenção ; sacrifiquei-me apenas a assistir a uma successão de scenas absurdas.

— Tão somente absurdas ?

— E entretecidas com a somma mais avultada de immoralidades que tenho ouvido em theatro, e podem tão somente ser toleradas por um publico desnorteado e gasto de sentimentos.

Carmen approvou com um gesto.

— E depois — continuou o moço, animado por esse elogio tacito — é necessario confessar : se não fossem as sedas, o luxo deslumbrante das *toilettes* e por demais as physionomias das pessoas com quem lidamos diariamente ou temos em tracto intimo e familiar, dir-se-ia que a sociedade mais distincta de Montevidéo deprava-se a olhos vistos, rindo durante este desencadeamento de ousadias theatraes...

— E applaudindo-as !

— Tem razão : e applaudindo-as !

— E que me dirá, Guilherme, se souber que esta comedia tem um alvo ?

— Um motivo de ser ?

— Quando menos, um pretexto de *ser* !

— Explique-se, Carmen.

— Esta peça tem um fim : offender indirectamente uma familia, em cujo seio o doutor Lucio pretendeu entrar, amparado que vinha de elogios estrondosos e apresentações encomiasticas, sem que a tantos louvores correspondesse a importancia, que em pouco e diminuto grão lhe tributou a moça a quem elle cortejou.

— E' uma... infamia ! E essa familia esta aqui ? conhece-a ?

— Está, e é do meu conhecimento !

— Nesse caso, a senhora, mãe d'essa pretendida, tem precedentes censuraveis, a ponto de que facil foi ao doutor photographal-os para os exhibir num tablado de theatro ?

— Não ! A senhora a quem indirectamente fere a comedia é para mim duplamente respeitavel... E' senhora...

— E é...?

Carmen abafava a pouco e pouco as palavras, como se receiasse que dos camarotes proximos a estivessem ouvindo.

Guilherme não podia attribuir a tanta perturbação causa verdadeira.

Os labios, que pronunciavam a confidencia, tinham o tremor das pessoas que se debatem num extertor prolongado ; e a pallidez, que é a mais significativa expressão das grandes dores, como dos grandes odios, dava-lhe ao rosto a apparencia d'essas figuras de cera, talhadas em moldes do natural e immoveis em salas de exposição.

— Poupe a minha curiosidade — continuou Guilherme com receio de que viesse Dolores interromper o fim d'aquella intimidade appellidada *escandalosa* pela roda dos espectadores que presenciavam todos os gestos dos interlocutores. — Quem é a infeliz que, ludibriada pelo doutor Lucio, assiste a este supplicio ?

— Minha mãe !...

Guilherme tinha, em verdade, sobejos motivos para duvidar da seriedade da resposta. O choque, embatendo de frente na sua razão, parecia a chamada de uma voz interior que lhe quizesse dizer :

— Não creias nessa mulher ; está louca.

Carregou o olhar, agitou-se, esbogalhando os olhos desmedidamente, como um idiota ferido, de subito, pela impressão de um raio de luz electrica.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

DESPEDIDA

Pois que é chegada finalmente a hora
Do triste afastamento e da provança,
Venho dizer-te adeus, gentil criança,
Venho dizer-te adeus, pois vou-me embora.

Morreu em mim a ultima esperança,
Bem como um sonho bom que se evapora;
Não sei que dor maior me resta agora
Soffrer, nem que maior desesperança.

Não sei, oh! sorte misera e nefasta,
Que assim me arrancas do seu lar querido,
Que assim me roubas sua imagem casta!

Bem vês que eu tenho o coração partido,
E teu peito, inda assim, não desengasta
Um soluço, uma lagrima, um gemido!

ADELINO FONTOURA.

O Sr. Lafayette de Toledo organisou e publicou em S. Paulo um *Indice synoptico, chronologico e analytico* das decições, leis, regulamentos, etc., publicados no *Diario Official* d'aquelle Estado, de 1 de Maio de 1891 a 31 de Dezembro de 1892. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

THEATROS

Os nossos theatros proporcionam meios de subsistencia a centenas de familias pobres. D'elles vivem innumeros empregados, que a inexplicavel revolta do Sr. Custodio Mello tem posto na miseria. Toda ou quasi toda essa gente — uma legião — está ha muitos dias sem ter com que mandar á venda e ao açougue...

*

O Recreio teve coragem para pôr em scena o drama *Diogo Alves* (o salteador dos Arcos das Aguas Livres de Lisboa) e o Apollo exhibe imperturbavelmente o seu *Abacaxi* a espectadores homens. As senhoras, essas ficam em casa, tranzidas de medo, e correm para os oratorios mal ouvem qualquer rumor que se assemelhea um tiro. O Variedades annuncia para hoje uma comedia nova: a *Senhora sargenta*, e no S. Pedro reapparece a companhia portugueza do theatro D. Maria II com a *Sociedade onde a gente se aborrece*.

*

A companhia Tomba, que não dava signal de si, reappareceu ante-hontem, no Polytheama, com um espectaculo variado em beneficio dos professores da orchestra da companhia Ducci, que ficaram, dizia o annuncio, « sem recursos para voltar á Patria ». Pobre gente !

*

A companhia do Sant'Anna abalou para São Paulo, e já lá se estreiou com a *Mascotte*.

X. Y. Z.

Recebemos os primeiros numeros do *Autonomista*, jornal de Itaperuna (Rio de Janeiro), redigido pelo Sr. Dr. José Christiano Stockler de Lima ; do *Jornal do Domingo*, de Recife (Pernambuco), interessante revista de que são directores os Drs. Olympio de A. Galvão, A. Venancio Filho e Manoel Arão ; do *Cosmopolita*, de Batataes (S. Paulo), que tem como redactor principal o Sr. Pedro Tavares Lopes da Silva ; da *Revista Azul*, de Coritiba (Paraná), que, sob a redacção do Sr. Dario Velloso e direcção do Sr. Julio Pernetta, se apresenta como « uma sincera tentativa em prol da sacrosanta cruzada das lettras ».

Desejamos prosperidade a todos esses novos collegas.

Recebemos tambem o *Seculo*, de Macahé, o *Pharol*, de Juiz de Fóra, a *Cidade de Jahú*, o *Diario de Campinas*, o *Popular*, de S. Carlos do Pinhal, a *Gazeta Mineira*, de S. João d'El-Rey, a *Semana* e *L'Etoile du Sud*, d'esta capital, etc.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 40 SEGUNDA SÉRIE SETEMBRO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeror, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. - Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Augusto Rosa	Paulo Augusto.
Chronica Fluminense	A.
O Ninho	Adelino Fontoura.
Palingenesia	Sylvio Romero.
Recordação	A. A.
De Palanque	Eloy, o heróe.
Actualidades	Gavroche.
Um Plebiscito Litterario	Cosimo.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. JOÃO BAPTISTA CAPELLI

AUGUSTO ROSA

Jayme Victor, no seu livrinho o *Theatro portuguez no Brasil*, publicado em Lisboa, em 1887, e destinado a apresentar ao publico fluminense os artistas do theatro D. Maria II, d'aquella capital, faz um interessante estudo sobre Augusto Rosa, estudo que cabe perfeitamente nestas columnas, substituindo o costumado «esboço biographico».

Diz o elegante escriptor portuguez:

«E' o mais novo da familia, d'essa familia gloriosa de artistas. Foi dos Rosas o ultimo a apparecer, o que não quer dizer que fosse dos artistas o ultimo a chegar.

Ao contrario, poucos têm como elle chegado tão cedo. Lembro-me que, não ha muito ainda, uns oito annos, se tanto, Jayme de Séguier, divagando em torno d'este nome, sobre o qual se não reflectiam ainda os fulgores da gloria, dizia convicto: « Augusto Rosa não é nem podia ser ainda um actor consummado.»

E tinha razão. Tanta, que foi desde esse momento, tem sido no periodo decorrido até hoje, que no estudo, na observação, no desejo sempre crescente de progredir, se têm avigorado e fortalecido as aptidões brilhantes do artista, cuja individualidade muito ao de leve tento fixar aqui.

Augusto Rosa chegou e chegou cedo á altura que, depois de um caminhar incessante e longo, cortado de todas as fadigas, rasgado por todos os espinhos, raras vezes chegam a attingir muitos em quem o talento sobra e a vontade não fallece.

Parece que a força providencial e invisivel que fez de seu pae um grande artista, depois de se ter hereditariamente transmittido ao filho, veio ainda impulsar Augusto Rosa e quasi de subito fixal-o n'aquella região que só é attingivel aos eleitos, aos consagrados.

São tão assignalados os progressos que n'estes ultimos annos Augusto Rosa tem feito, que elle póde gloriar-se de não ter hoje, no theatro portuguez, competidor no seu genero.

No seu genero! Mas qual é o seu genero?

Aqui estava eu a incorrer no vicio antigo que, seguindo uma classificação archaica, aprisiona cada artista n'um genero restricto.

Começou por se dizer com relação ao Augusto que elle era um *diseur*.

Este adjectivo significava alguma coisa, mas não era bastante.

Nas comedias em que entrava, nos monologos que dizia, Augusto Rosa tinha effectivamente levado a sua arte a uma tão aprimorada correcção, que, se lhe não competia aquelle qualificativo moderno, nenhum outro artista poderia julgar-se com direito a elle.

Comprehendendo as exigencias do publico que quer ver hoje no theatro a maxima naturalidade possivel, e a quem um gesto largo de mais e uma declamação exageradamente emphatica já não despertam o mesmo enthusiasmo que tantas palmas arrancava aos nossos paes, Augusto Rosa, tão á vontade na investidura do actor moderno, sabia traduzir com uma feição especial e caracteristica todas as subtilezas do papel, sublinhando com rara intelligencia as phrases intencionaes, percorrendo toda a gamma da mais vibrante e aprimorada dicção, e, sobretudo, mantendo tão firme, tão distincta a sua

linha, a linha de *gentleman*, que elle creára para si e que cercára de tanto estudo e de tantos cuidados, que ella bastou para accentuar-lhe a physionomia artistica e marcar-lhe no theatro portuguez uma individualidade caracteristica e incontestada.

*

Não cito aqui as peças numerosas em que entrou, desde a sua estreia no *Morgado de Fafe*, no theatro Baquet, do Porto, a 31 de Janeiro de 1872, tendo vinte annos.

Notarei apenas de passagem que estão ainda impressas no espirito de todos as primeiras figuras da sua galeria artistica, e que na *Côrte na aldeia*, na *Filha de Madame Angot*, *Filho de Giboyer*, *Um murro e um lenço*, *Meia azul*, *Castro & Filho*, *Campinos*, *Cunhado*, *Mantilha de renda*, *Conspiração na aldeia*, *Sociedade onde a gente se aborrece*, *Nadadoras*, *Illusões perdidas*, *Que sogra*, *Estrangeira*, e n'um sem numero de peças, emfim, se recorta na memoria a *silhouette* da sua figura distincta, e o relevo das suas interpretações primorosas.

No Gymnasio, na Trindade em D. Maria consagrou o publico d'estes ultimos quinze annos com os seus applausos o modernissimo artista, que tem dado á sua arte uma feição tão distincta e ao theatro um brilho tão puro.

*

Muito de proposito reservei para o fim o nome das ultimas peças em que tem papeis importantes Augusto Rosa: o *Principe Zilah*, *D. Cezar de Bazan*, o *Parisiense*, *Severo Torelli*.

Se no principio disse que elle chegára cedo aonde muitos não chegam nunca, que elle attingira o ponto culminante, é que me reservava para citar os titulos d'essas comedias. E nem mais uma palavra precisava accrescentar a quem uma vez tivesse visto o artista no desempenho dos principaes papeis que n'ellas lhe cabiam.

Aqui sim, aqui era estreito, limitadissimo, deficiente o tal adjectivo francez que era inseparavel do seu nome. Aqui o artista, encarnado nas suas personagens, despido da sua individualidade propria, traduz no *D. Cezar* todas as alternativas do seu espirito cavalleiroso e bohemio, é aventureiro e fidalgo, percorre na individualisação do seu heróe toda a escala dos sentimentos; no Barnabo Spinola, do *Severo Torelli*, passa do riso infame, de cynico, da ironia caustica á grandeza tragica do ultimo acto; no velho conde do *Principe Zilah*, que elle caracterisa soberbamente, consegue transmittir ao espectador uma profunda vibração dramatica; no *Pariziense*, de Gondinet, que é a corôa do seu repertorio tão vasto, Augusto Rosa sobe á altura dos grandes actores do theatro moderno, tão intelligentemente elle detalha e recorta os mais finos traços da personagem, com tão subido primor interpreta e reproduz na scena esta creação contemporanea, para a comprehensão da qual é necessario um grande talento de observador e um grande poder de artista.

*

O actor ahi o tendes, e nem tanto precisava dizer-vos, a vós que o conhecestes e considerastes dos primeiros entre os que ahi tendes applaudido. Do homem posso apenas asseverar-vos que por nenhum será excedido na delicadeza do tracto, n'uma faculdade especial de se tornar sympathico e attrahente, e sobretudo n'uma alta distincção elegante, que lhe dá em a nossa sociedade um tom de pariziense... a sua grande creação.»

Accrescentaremos que, depois de publicado esse artigo, escripto ha seis annos, Augusto Rosa tem cada vez mais affirmado a alta situação artistica de que goza no seu paiz, creando novos e importantissimos papeis, como no *Alcacerquibir*, de D. João da Camara, para só citar uma peça.

O seu retrato impunha se á galeria do *Album*, como um *pendant* ao de seu irmão, o illustre João Rosa, publicado com o n. 37 d'este periodico.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

A capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil está sendo bombardeada aos poucos, e as *glorias* d'essa façanha cabem a um brasileiro, a um official superior da Armada Nacional, ao Sr. Custodio José de Mello,—nome que foi pronunciado sempre com certa sympathia, e hoje é execrado por todos os brasileiros que se prezam de ser brasileiros.

*

Em 1711 o Rio de Janeiro foi bombardeado por Duguay-Trouin. O almirante francez, todos o sabem, quiz vingar a morte do seu compatriota Duclerc, e quiz mais seiscentos mil cruzados, cem barricas de assucar e duzentos bois; — que quer o almirante brasileiro?

Ninguem o sabe, nem elle proprio, talvez, pois que não o declarou no ridiculo manifesto que fez distribuir, e no qual o Sr. vice-presidente da Republica é accusado por actos praticados de collaboração com elle, Custodio, quando ministro, e ministro militar!

O heróe do Carrilhão da Lapa dos Mercadores foi para bordo do invulneravel *Aquidaban* ingenuamente persuadido de que as coisas se passariam como em 23 de Novembro, quando se tratava apenas de derribar um velho enfermo, investido de um poder ficticio, e completamente impopularisado pela dissolução do Congresso...

Encontrou homem pela proa, e começou então a despejar balazios contra esta população inoffensiva que, nos ultimos paroxismos do Imperio, tomava a si, generosa e sollicita, o pagamento das despezas feitas no Chile pelo commandante do *Almirante Barroso* e não approvadas pelo governo, — dando d'esse modo ao Sr. Custodio de Mello uma prova inolvidavel de sympathia, e vingando-o da desconsideração com que, n'um momento de máo humor, o tratára o illustre Sr. barão do Ladario.

Ahi tens tu, ó povo fluminense, como te paga esse homem: bombardeando-te!

*

Francamente: não mereciamos ser assim tratados. Não ha no mundo inteiro população mais ordeira nem mais sensata que a nossa. Mesmo ameaçada pela metralha fratricida dos revoltosos, ella tem ido para as suas occupações ordinarias. Fecham-se as casas onde a gente se diverte, mas não se fecham aquellas em que se trabalha. E bombardeia-se uma população assim!

*

Não sei quando nem como acabará esta pendencia estupida, mas, tenha ella o fim que tiver, reflicta o Sr. Custodio de Mello que, se nos não trucidar a todos, se não transformar esta bella cidade em uma vasta e pestifera necropole — o que lhe será facillimo —, talvez lhe saia caro pizar algum dia na terra que ensanguentou...

A

O NINHO

E's como a doce jurity da matta,
Ligeira, esquiva, timida e medrosa:
Foges de mim tremente e suspirosa,
Como quem de um perigo se recata.

Mas não sei, afinal, criança ingrata,
Porque foges; não sei porque, amorosa,
Tua alma casta, angelica e bondosa,
Com tão dura esquivança me maltrata.

Abre as azas á luz serenamente
E vem, fugindo aos gelos do deserto,
Buscar o sol do meu amor ardente;

Dirige para mim teu vôo incerto,
Pois tens meu coração, pomba innocente,
Como um tepido ninho sempre aberto!

ADELINO FONTOURA.

PALINGENESIA

Sob esse titulo o nosso estimavel collaborador Leonidas de Sá vae entregar ao prelo um livro de critica, para o qual escreveu Sylvio Romero o brilhante prefacio que em seguida publicamos.

Os leitores do *Album* agradecer-nos-ão certamente essa pagina inedita do mestre que tanto honra as lettras nacionaes, e apreciarão a independencia, a sobranceria e a elevação com que elle faz a autopsia moral do seculo XIX.

Tem a palavra o illustre prefaciador.

Leonidas e Sá não tem hoje o nome de um desconhecido. Varios e muito interessantes escriptos seus nos dominios da poesia e da critica hão merecido a attenção do publico legente. Apreciados nomeadamente na imprensa do Norte, os trabalhos do joven autor despertam a sympathia a que têm direito o seu talento cultivado, o seu espirito de analyse, a indole enthusiasta de seu temperamento.

Acha-se actualmente de residencia n'esta opulenta e distrahida capital. Incumbio-me o papel de o apresentar a este publico illustrado, talvez, mas, por certo, não hoje muito preccupado em coisas de lettras.

Aceitei a missão de paranymphal-o, com a condição, porém, de não exigir muito, senão da minha incompetencia, ao menos da especie de cansaço em que ora me acho, entregue ás afanosas lides do magisterio. Annuio, e teve a bondade, por me poupar o tempo, de fazer-me a leitura do mimoso livrinho que atira agora á curiosidade geral.

Ouvi com a maxima attenção a rapida leitura dos poucos capitulos da *Palingenesia*: *Juvenal Galeno*, *A escola de Verlaine*, *Thaïs*, *Pierre Loti*, *Litteratura chineza*, *A obra de Balzac*, *Anthero do Quental*, *Notas litterarias*, *Notas sobre a Parahyba*, *No dominio da belletristica*, *Imagens e visões* e *Chrysophilas*.

E' uma ligeira serie de leves *silhouettes*, escriptas com estylo, com emoção, com essa graça especifica dos artistas despretenciosos.

O autor é ainda muito moço; terá certamente de reforçar seus processos de analyse, seus methodos de interpretação, e modificar, talvez, muitas de suas ideias actuaes. Merece, porém, desde já, todos os preitos desinteressados que os amantes do pensamento gostam de tributar ás sinceras manifestações do talento.

Durante a leitura, a que assisti, no recolhimento exigido em circumstancias taes, a impressão mais viva que se me apoderou do espirito foi a de que o moço autor nos varios capitulos da *Palingenesia* toca por vezes no genesis e na evolução das diversas escolas litterarias em nosso seculo, n'este famoso *seculo das luzes* que está a findar.

Puz-me então naturalmente, e quasi fatalmente, a meditar sobre a evolução espiritual d'esta notavel phase da historia, e formulei irresistivel-

mente esta pergunta: de tantas agitações, de tantas lutas, que vae este seculo legar como definitivamente feito ao seculo que o vem substituir?

Tal o problema que me impuz a mim mesmo, e em cuja solução, inexacta talvez, incompleta certamente, venho palestrar com o publico, apresentando-lhe o esperançoso moço nortista.

O seculo se me apresenta como uma immensa ruina, um amontoado de destroços na ordem politica, social, litteraria, scientifica, philosophica, religiosa, montão informe e desconnexo, onde apenas uma doutrina sobrenada e brilha sobre uma porção de factos observados com o fulgor das conquistas immorredouras.

Essa doutrina e essa porção de factos é que constituem o verdadeiro, o grande, o glorioso presente que o nosso tempo vae fazer ás edades do porvir.

Passeiemos atravez d'esses destroços.

Na ordem politica, quer na parte pratica da acção dos governos, quer na parte doutrinaria e scientifica, o seculo não fundou nada de definitivo e radicalmente estavel. Succedendo ao terrivel fracasso da Revolução, não achou logo, nem achou mais tarde, um caminho certo para trilhar. Attrahido em direcções oppostas, ora sonhava com o *velho regimen* absolutista e enveredava pela senda das *reacções*; ora atirava-se aos azares do *liberalismo* e tentava o systema *parlamentar*, sempre incomprehendido pelas gentes do continente europeu e pelos povos da America; ora jogava-se ás experiencias insensatas nas mãos de phantasiosos reformadores e creadores de novos regimens e novas politicas.

Por isso agora, por isso hoje, que lhe faltam apenas seis annos para retirar-se da scena, que tem elle, que constituição definitiva organisou para dar ao seu successor?

Na America um *presidencialismo* despotico e manco, que nada resolve; na Europa o despotismo russo, o grosseiro realismo politico allemão, além de um parlamentarismo desgeitoso, por mal comprehendido, como disse.

Fóra d'ahi, existem apenas nos livros de reformadores obsecados as terriveis *dictaduras do patriato do dinheiro*, esperando sahir do limbo da theoria e ganhar o terreno da pratica, n'uma ameaça de captiveiro.

Na ordem social a luta é ainda mais collossal, a incerteza mais vasta e o legado do seculo menos valido.

As immensas esperanças de Saint-Simon, de Babouf, de Owen, de Fourrier, de Lerroux, de Enfentin, de Lasalle, naufragaram; a *Internacional* de Marx vacilla entre a utopia e o despotismo; o capital accumula-se na proporção de um pauperismo assombroso, que victima de alto a baixo o proletariado hodierno.

Na litteratura, ou na sua parte que se poderia chamar dynamica e productiva, ou na parte apreciativa e reguladora, quer na poesia, no theatro e no romance, quer na critica, — houve mais de uma desillusão; o seculo caminhou sobre sarrafos, nada creou de immorredouro, de imperecivelmente fundamental.

Sobre o solo da rachitica litteratura da epóca napoleonica brotou um romantismo quasi sempre desiquilibrado, doentio, hysterico, monomaniaco, cheio de nevoas, de insania e poeira. Litteratura sem força, sem observação, sem verdade, litteratura de phrazes vagas, de rhetoricas retumbantes, simples jogo verbal revestindo pieguices falsas, sentimentos de convenção. Tal a regra geral. E todavia, a phrase romantica, com todos os seus desmantelos, teve muito mais seiva do que os aridos e desageitados systemas que os substituiram.

Que dizer de um celebre, de um tristemente celebre *satanismo* de almanack que teve ahi alguns mezes de voga? Que ficará de um fabuloso *scientificismo* poetico, que viveu tambem algumas semanas, e foi abysmar-se n'umas theogonias buddhicas, n'uns genesis de contrabando, n'uns theorismos metrificados, mornos, vasios como uma cabeça de idiota?

Que ha de restar do decantado *parnazianismo* com suas rendinhas de cabello, seus lacinhos de fita, suas florinhas de miolo de pão, suas filigranas de sonhos e scismas, de vago, de nada, seus *bibelots* de vaporosidade e tolice?

Litteratura sem pensamento, sem nervo, sem paixão, sem alma, sem vida, bolor de um seculo que envelhecia, será no futuro um dos mais authenticos attestados da sua decadencia.

E o clamado *naturalismo*, com uma ou outra pagina sensata e vigorosa, porém cheio de grosserias, de declamações, de arremedos falhos dos processos da sciencia, em desrespeito á divina arte; com suas theses de encommenda, suas ideias preconcebidas, o culto mago do bello transformado n'um laboratorio de physiologia, ou de pathologia, porejando sangue e pus por toda a parte, photographia de um seculo grosseiro nos instinctos, rico de crimes, luxuoso, malbaratcado e pedante.

E essa reacção ultra-idealista, esse fakirismo do pensamento e do affecto, litteratura de fumadores de opio, poesia da morfinomania, etherisação da vida, nirvanisação da realidade, intitulada *symbolismo*, ou *decadentismo*, que vale elle, que valerá elle diante das grandes obras da Hellade classica, do Renascimento, do seculo XVIII, ou em face da poesia eterna de um Goethe, de um Byron, ou de um Heine?

Não sei que possa haver vacillação na resposta.

O seculo sente-se mal; é o velho aborrecido e decrepito, atordoando os sentidos, fumando o *narghileh* da illusão n'um delicioso retiro oriental, ao som das canções das bayadeiras... Já não é o soldado valoroso, que foi por pouco tempo, quando saudava as pyramides com o grande general, ou passeiava a ousadia e a coragem por todos os climas, em todas

Phototypia J. Cutierrez.

AUGUSTO ROSA

as zonas, enthusiasta e crente, destemido e audaz.

Sua obra litteraria é volumosa, porém desequilibrada, superficial, falha. N'essa immensa montanha de papel, grande porção poderia ir para o fogo.

Se deixardes a litteratura creadora e olhardes para a critica, é egual o espectaculo.

Na critica da historia, na critica da arte, na critica das lettras houve mais presumpção, mais affirmação caprichosa do que verdades definitivamente firmadas. A pretenção de fazer a mechanica do pensamento, de proceder á chimica do affecto, de desmontar um caracter, como se desmonta um apparelho de physica, tal pretenção não realisou, não teve verificação. Muito bonita na theoria, muito engenhosa como plano, muito captivante como promessa, muito agradavel para ler-se na decantada introducção á *Historia da litteratura ingleza* de Hyppolito Taine; muito enganadora na pratica, muito falha na realidade para quem se não paga de phrazes, quando se passa da these para a applicação, quando se passa dos preliminares para o corpo do livro. Isto com o grande mestre. Que não será com os outros, com os epigonos de toda a parte?

Na esphera da religião o seculo só ha de legar ao vindouro algumas moedas de ouro falso. Não se verificou a erradicação completa das fórmas compressoras do christianismo, nem sequer da fórmula catholica, como a critica chegou a affirmar nos primeiros decenios de nosso tempo. Não se realisou tambem a victoria dos novos credos da familia dos terriveis reformadores que tiveram em Saint-Simon o seu prototypo. Assaz conhecido é esse microbio devastador que d'esta epoca irá passar á vindoura para flagello da humanidade.

Não quero ainda mais uma vez estigmatisal-o n'estas paginas.

Na philosophia e na sciencia, por entre muito disparate, ao clamor da bancarrota de cincoenta systemas erroneos, ou incompletos, ou desarrazoados, ou obstrusos, ou retrogados, avulta apenas a concepção *evolucionista*, como a expressão magna da intelligencia humana n'esta phase da historia, como a dadiva suprema de nosso seculo aos tempos por vir.

Timidamente presentida no seculo passado, foi em nosso tempo que a fulgente theoria, estribando-se n'uma multidão enorme de factos, espalhou-se por toda a area do pensamento, por todas as sciencias, por todas as creações da humanidade, desde a astronomia até a sciencia social, desde a physica até o direito, a moral, a politica, a linguagem, a arte.

Tudo se move, tudo se transforma, tudo se desenvolve, e ás leis capitaes d'essa evolução estão descobertas, estão demonstradas.

Essa concepção, que na physica se chama o monismo, na biologia o transformismo, na philosophia geral o evolucionismo, penetrando cada vez mais intensamente por todos os recessos do pensamento, ha de originar um estado emocional correspondente, e este ha de dar o tom, a nota predominante na arte, na litteratura do futuro.

O meu joven amigo, que, por muito moço ainda, ha de entrar certamente por muitos annos no seculo que está a chegar, terá de assistir talvez aos primeiros lampejos de uma arte, de uma poesia, de uma litteratura novas, tanto quanto n'este mundo estas velhas coisas podem ainda renovar-se.

Away!

SYLVIO ROMERO.

Rio, Julho de 1893.

RECORDAÇÃO

Quando eu vim da nossa terra
Murmurava toda a gente
Que estavas para casar.
A voz do povo não erra...
A causa, precisamente,
Que mais me fez emigrar,
Foi ouvir na nossa terra
Que estavas para casar.

Eu pedi-te as minhas cartas
(Segundo o systema antigo)
E me disseste a tremer:
« Não! eu não posso entregar-t'as;
Ficarão todas commigo;
Com ellas quero viver!
Mas vem cá... porque te apartas?
Tua, só tua hei de ser! »

Quando eu ia para bordo
Passei pelo teu sobrado
E te vi mais uma vez...
Com que prazer me recordo
Do teu sorriso magoado,
Da impressão que elle me fez
Quando eu ia para bordo
E te vi mais uma vez!

Parti. Dentro em poucos mezes,
Soube que tinhas casado,
Que morrêras para mim...
E eu, doido, que tantas vezes
Me imaginava a teu lado
Trocando beijos sem fim!
Quem padeceu mais revezes?
Quem tanto soffreu assim?

Eras o sonho doirado,
A visão formosa e doce
Dos meus annos juvenis;
Se me houvesses esperado,
Ditoso talvez eu fosse,
Talvez tu fosses feliz,
O' bello sonho doirado
Dos meus annos juvenis!

A. A.

DE PALANQUE

Não julgue o leitor que venho trazer para o *Album* a secção que, sob o titulo que serve de epigraphe a este artigo, mantive durante muito tempo no *Diario de Noticias* e no defunto *Novidades*, — não: este é um *De palanque* esporadico, e pelo seguimento do artigo verá o leitor porque o intitulei assim.

Aproveito o ensejo para declarar — como já o fizeram diversos collegas da imprensa — que não sou o *A. A.* que assignou outro *De palanque*, esporadico tambem, que appareceu ha dias no *Correio da Tarde*. A Cezar o que é de Cezar.

*

Um amigo meu, que tem o bom gosto e a infelicidade — infelicidade transitoria — de morar na Tijuca, em logar aonde não vão as balas da esquadra revoltada, vio a sua casa invadida por mais de cem pessoas que, amedrontadas pela eminencia de um bombardeamento, lhe foram pedir abrigo.

O meu amigo, que é um cavalheiro muito distincto e conhece as leis da hospitalidade, não poude offerecer refugio a tanta gente, mas está com trinta e tantos individuos de portas a dentro, sem contar a familia, que é numerosa.

Ha gente em todas as divisões da casa, inclusive no banheiro, transformado em quarto de dormir. Naturalmente não bastam as camas: uns dormem sobre canapés, outros sobre quatro cadeiras, outros no chão, em esteiras; a mesa da sala de jantar durante a noite serve de leito a oito pessoas; um dos hospedes, sujeito pequenino, accommoda-se perfeitamente dentro de um bahu de couro que encontrou n'um quarto destinado á arrecadação de coisas velhas.

*

Eu moro em Santa Thereza, n'uma casa muito exposta, mas não me mudo, não por fanfarronada, mas porque penso que na guerra é como na epidemia: a morte vae a quem toca. Olhem aquella pobre senhora portugueza: desceu do morro do Castello com medo ás balas, que têm manifestado singular predilecção pelas senhoras portuguezas, e foi morrer baleada na rua Sete de Setembro!

No famoso dia 13 uma granada do *Republica* passou a insignificante distancia de minha casa, cortou uma arvore na chacara do meu illustre visinho Carlos de Laet, entortou o gradil do hotel Lisboa, e entrou na casa n. 29 da rua do Curvello, fazendo um grande rombo n'uma parede lateral.

Tenho offerecido a minha residencia aos amigos que desejem abrigar-se; nenhum se tem utilisado do meu offerecimento.

E' pena, porque ha cá um palanque, um delicioso palanque de onde avisto toda a bahia, e do qual tenho estes ultimos dias assistido aos interessantes exercicios de tiro ao alvo com que a esquadra e as fortalezas regalam constantemente a nossa população.

*

Apezar de não ser similhante espectaculo dos menos divertidos, faço votos para que cessem completamente as causas que o determinam, e venha a paz, a santa paz a que outr'ora se referiam as fallas do throno. E' tempo que o povinho deixe os morros e as praias pelos theatros, que actualmente não fazem para a despeza do gaz.

*

Tanto assim é, que a companhia do D. Maria II, de Lisboa, resolveu fazer as malas e partir, sem dar-nos o annunciado *Drama no fundo do mar*.

Os excellentes artistas pensaram, e pensaram muito bem, que o unico drama que agora nos interessa é esse que se está passando não no fundo mas na superficie do mar.

*

Faço votos para que venha a paz, disse eu; entretanto ha quem pense que a revolução vae durar ainda muito tempo. Para prova, ahi está um annuncio que a minha boa fortuna me deparou na *Gazeta de Noticias* de 22 do corrente:

« Alugam-se bons aposentos de frente, a pessoa de tratamento, com ou sem pensão, emquanto durar a revolução; para tratar, na rua de D. Affonso n. 26, Andarahy Grande. »

Esse annuncio suggerio-me a ideia de que, n'esta epoca de quebradeira, eu poderia talvez alugar tambem o meu palanque, não a medrosos, mas a curiosos, como certos moradores da rua do Ouvidor alugam as suas janellas pelo Carnaval.

*

Não vão agora pensar que foi maliciosa essa referencia ao Carnaval, referencia que aliás viria a pico, depois que o *Republica* se pintou de preto para confundir-se com as densas trevas da noite e passar incolume pela fortaleza de Santa Cruz.

A proposito d'esse acto de coragem do commandante Lara, dizia na rua do Ouvidor um incorregivel bohemio:

— Como invejo o *Republica!*

— Porque?

— Imagina que não tenho coragem de passar por casa do meu alfaiate!

ELOY, O HERÓE.

ACTUALIDADES

I

Paes e filhos se juntaram,
Cheios de susto e de anceio,
Porque lhes annunciaram
N'essa noite um bombardeio.

Uma cadeira arrastada...
Qualquer rumor, parecia
Áquella gente assustada
Barulho de artilheria.

Com o fim de tranquillisal-a,
Exclama da casa o dono:
«Qual! hoje não mandam bala...
Vamos dormir... temos somno...»

Mal isto o velho tem dito,
Um grande tiro reboa:
Cada qual solta o seu grito,
E todos correm á toa!

Mas o molecote Alfredo,
Que é da casa o mais afoito,
Surge e diz: «Não tenham medo;
Aquelle é o tiro das oito!»

GAVROCHE.

UM PLEBISCITO LITTERARIO

Os nossos collegas da *Semana* fizeram mal em perguntar aos seus leitores — quaes são os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza. Deviam ter perguntado quaes são os seis melhores romances brasileiros. Para que misturar a litteratura dos dous paizes? Que nos importam a nós os romances de Portugal?

O resultado foi esse que se vio: os caixeirinhos tomaram a coisa a peito, cabalaram, e abarrotaram a urna eleitoral da *Semana* com o nome de Eça de Queiroz. A litteratura d'essa gente começa do *Primo Basilio* para cá; da *sensação nova* para lá não conhecem elles nada, absolutamente nada. Nem mesmo Camillo Castello Branco.

*

Analysemos, entretanto, o plebiscito:

Na opinião dos votantes, os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza são: em primeiro logar os *Maias*, e depois o *Primo Basilio*, as *Memorias posthumas de Braz Cubas*, a *Reliquia*, a *Mão e a luva* e o *Atheneu*. Admiram-me os votos dados a Raul Pompeia, o prefaciador das *Festas nacionaes*. O autor do *Cortiço*, a esse não perdoaram.

Convenham que esse resultado é simplesmente ridiculo. Deram o primeiro logar a um romance defeituoso, longo, penosamente escripto. O melhor romance de Eça de Queiroz, o *Crime do padre Amaro*, foi esquecido, ao passo que o *Primo Basilio*, um livro de escandalo, e a *Reliquia*, um primor, sim, mas que não é precisamente um romance, figuram com muitos votos.

Entre os romancistas portuguezes só acharam Eça de Queiroz. Os classicos foram desprezados. Não entrou na meia duzia *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro. Não fallo do *Descuidado*, de João de Barros, nem de outras velharias illustres.

Por ventura os Maias têm mais valor que o *Eurico* ou o *Monge de Cister*, ou mesmo o *Bobo*, de Alexandre Herculano? Valem mais o *Primo Basilio* e a *Reliquia* que as *Pupillas do sr. reitor* e os *Fidalgos da Casa Mourisca*, de Julio Diniz? E a *Mocidade de D. João V*, de Rebello da Silva?... e a *Adosinda*, de Almeida Garrett?... e a *Queda de um anjo*, o *Amor de perdição* e outros romances de Camillo Castello Branco?... e o *Prato de arroz doce* e a *Ermida de Castromino*, de Teixeira de Vasconcellos?... e o *Sargento-mór de Villar*, de Arnaldo Gama?... e tantos outros?...

Machado de Assis figura em terceiro logar com o seu immortal *Braz Cubas*, — está direito; mas a *Mão e a luva*, que apparece em quinto logar e o proprio mestre lamenta ter sido um romance escripto *au jour le jour*, prefiro *Helena*, do mesmo autor, os *Noivos*, de Teixeira de Queiroz, e não sei se diga o *Sello da roda*, de Pedro Ivo.

Alencar e Macedo não figuram na lista sextupla!

O Guarany e a *Moreninha* não valem nada.

Foram tambem esquecidas as *Memorias de um sargento de milicias*, de Manoel Almeida, e outros romances brasileiros justamente apreciados, como *Innocencia*, de Escragnolle Taunay, o *Ermitão de Muquem*, de Bernardo Guimarães, o *Matuto*, de Franklin Tavora, etc.

*

Mas a injustiça mais flagrante, mais clamorosa, mais tola, soffreu-a Aluizio Azevedo, o victorioso romancista brasileiro, que escreveu o *Mulato*, uma obra-prima, aos vinte e dous annos, sem nunca ter lido Balzac nem Zola, e presenteou depois a litteratura do seu paiz com a *Casa de pensão* e o *Cortiço*, para não fallar de outros romances.

Não se comprehende que nessa eleição, organisada por uma folha litteraria, não figure o nome d'esse renovador, d'esse revolucionario do romance brasileiro, d'esse lutador, que apresenta á nossa mocidade o exemplo mais raro, mais edificante e mais glorioso do esforço intellectual.

COSIMO.

No *Pharol*, de Juiz de Fóra, encontrámos estas duas quadrinhas, offerecidas a uma menina por occasião do seu baptisado:

No alvo berço o anjo desperta,
No botão desperta a rosa;
Despertam ambos sorrindo
A' bençam da luz radiosa.

Anjo e rosa — no baptismo
Da alvorada os céos dispensam:
A' rosa — a bençam do orvalho,
Ao anjo — o orvalho da bençam.

RAYMUNDO CORREIA.

THEATROS

A *Sociedade onde a gente se aborrece*, de Pailleron, foi muito bem representada, sabbado passado, no S. Pedro, pela companhia portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa.

João Rosa, Augusto Rosa e Brazão encarregaram-se dos mesmos papeis em que os applaudimos ha cinco annos, e cada qual se sahio melhor. Carolina Falco fez-nos lembrar, no personagem da velha viscondessa, a fallecida actriz Ge[illegible] era perfeita nesse papel. Vimol-a em onze annos, e na mesma occasião apreciamos Damasceno no papel de Suzana de Villiers.

N'aquelle tempo a distincta actriz dava perfeitamente a illusão da juventude; mas hoje... Que diabo! onze annos... quasi a edade de Suzana de Villiers!...

A Dejazet foi um phenomeno, a Reichemberg é outro... mas os phenomenos são raros, como diria Mr. de La Palice.

*

Se não fossem as circumstancias do momento, o drama *Diogo Alves*, de Eça Leal, alcançaria no Recreio um prolongado *successo*. Tem todos os matadores, inclusive um bom desempenho de papeis, e magnificos scenarios, sobresahindo o do 2º acto, que representa os Arcos das Aguas Livres, de Lisboa, trabalho do scenographo Eduardo Reis.

*

A *Senhora sargenta*, interessante comedia de quiproquós, representada no Variedades, intitula-se em francez *Ragobert*, é de Paul Burani e Hyppolite Raymond, os felizes autores do *Piperlin*, e foi traduzida por Eugenio Marcondes, o nosso estimavel collega do *Tempo*, que nos perdoará a indiscrição.

A comedia foi bem representada, e servio de estreia a quatro artistas: Cardoso, Fernando Maia, Pereira de Almeida e Laura Brasão. Joaquim Silva teve as honras da noite, mas é de justiça não esquecer a endiabrada Lopicolo, que no 2º acto cantou com tanta graça uns *couplets*, que o publico obrigou-a a repetil-os.

*

Hoje, sabbado, os theatros estão fechados, e é natural que tão cedo não se abram.

Ninguem se anima a sahir de casa á noite. Depois das oito horas, o Rio de Janeiro toma o melancolico aspecto de uma cidade dezerta.

Já o outro dia dissemos que centenas de familias ha, que vivem exclusivamente dos nossos theatros. Imaginem os leitores a miseria em que toda essa gente é atirada pela revolta!

O Sr. Custodio de Mello é perseguido por um côro de maldições, entoado pelos actores, actrizes, coristas, musicos, machinistas, pontos, contra-regras, comparsas, bilheteiros, porteiros, fiscaes, alfaiates, costureiras, cabellereiros, aderecistas, carpinteiros, camaroteiras, puxa-vistas, etc. Não ha duvida: o *brav'amiral* está popularisado!

X. Y. Z.

Entre os jornaes e periodicos de costume, recebemos esta semana: o *Rio Grande do Norte*, de Natal; a *Actualidade*, de Valença; o *Colombo*, do Rio Novo (Minas); o *Oeste de S. Paulo*, de Casa Branca; a *Vida*, de Taboleiro-Grande (Minas), do qual é redactor o nosso distincto collaborador A. Foscolo; o *Amigo do povo*, de Tatuhy; a *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba; o *Diario do Rio Grande*; o *Jornal do Commercio*, de Porto-Alegre, etc.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:
LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.
LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 41 SEGUNDA SÉRIE OUTUBRO DE 1895

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por s de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARI

Dr. João Baptista Capelli	Amarante.
Chronica Fluminense	A.
Myrrha	Adelino Fontoura.
A «Dona Branca»	Arthur Azevedo.
Actualidades	Gavroche.
Nostalgia de Satanaz	Cunha Mendes.
Le Brav'Amiral	Fantasio.
De Palanque	Eloy, o heróe.
Marinha	Ortigão Sampaio.
Tributos e Crenças	X.
Um Plebiscito Litterario	Cosimo.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

ARTHUR NAPOLEÃO

DR. JOÃO BAPTISTA CAPELLI

O Dr. Miguel Archanjo Capelli, pae do nosso biographado, é um italiano que, tendo-se envolvido na revolução garibaldina, foi obrigado a expatriar-se em 1858. Veio para o Brasil com toda a sua familia, e fixou residencia na localidade denominada Carmo do Rio-Verde, no municipio de Baependy, em Minas Geraes. Ahi nasceu João Baptista Capelli aos 2 de Agosto de 1860.

Fez os seus primeiros estudos no famoso Collegio do Caraça, e, depois de prestar brilhantes exames de todos os preparatorios, matriculou-se, em 1878, na Faculdade de Medicina d'esta capital, formando-se em 1884, á custa de muito esforço e muito sacrificio. Não tinha mezada; para subsistir, leccionava historia no Atheneu Fluminense, collegio de que fôra alumno e onde deixára nome.

Por occasião da collacção do gráo, nomearam-no «orador do anno», o que prova a estima e consideração em que era tido por todos os seus collegas. A sua these inaugural foi approvada com distincção.

Durante o curso collaborára assiduamente em diversos periodicos academicos, quer litterarios, quer scientificos: *Revista dos hospitaes*, *Revista academica*, *Tribuna academica*, a *Nebulosa*, etc. Foi muitas vezes applaudido como orador do Gymnasio Academico, associação que n'aquelle tempo reunia as primeiras intelligencias da Escola. Distinguio-se egualmente em muitas conferencias abolicionistas. A grande causa da redempção dos captivos teve n'elle um valoroso soldado.

Saudoso do seu torrão natal, o Dr. Capelli, logo depois de formado, partio para Minas, e estabeleceu-se na cidade de Pouso-Alto, onde desde logo grangeou a reputação de bom medico e medico bom.

Sem decurar os deveres de sua profissão, fundou e dirigio alli uma folha, o *XI Districto*, que foi um dos jornaes mais bem feitos da grande zona mineira.

Mas o Dr. Capelli não era homem que se deixasse asphixiar n'uma cidadesinha de provincia: voltou a esta capital, e bem lhe houve, porque em pouco tempo se tornou um dos nossos medicos mais populares. A freguezia de Sant'Anna, onde reside e na qual é considerado o medico da pobreza, elegeu-o intendente municipal.

No conselho da Intendencia têm o Dr. Capelli revelado grandes conhecimentos e acurado estudo das materias sujeitas ao seu exame. Na grande questão do ensino municipal, foi um dos que mais brilhantemente glozaram o assumpto, apresentando um projecto que era uma prova eloquente da sua competencia pedagogica.

Democrata sincero, o nosso biographado mostra que lhe ferve nas veias o sangue de um garibaldino. E' um verdadeiro representante do povo.

Dotado de grande vocação litteraria, naturalmente contrariada pela profissão que abraçou, o Dr. Capelli inserio na imprensa d'esta capital e nas de Minas e S. Paulo apreciadas poesias e magnificos artigos, de entre os quaes destacaremos uma serie intitulada *Estudo sobre a litteratura contemporanea*. Tem na pasta varios trabalhos ineditos que o poeta produz e o medico esconde: um *Poema intimo*, uma collecção de *Settas*, poesias satyricas, e uma enfiada de sonetos lyricos.

Levaremos mais longe a nossa indiscrição, revelando que o Dr. Capelli collaborou na *Princeza Estrella d'Alva*, magica representada na Phenix em 1878. Figuraram como co-autores d'esse trabalho apenas o dentista Monteiro de Noronha e o popular actor Vasques, ambos já fallecidos. O collaborador de desoito annos deixou-se ficar na sombra.

O medico vingou-se do poeta escrevendo e publicando um importante *Estudo critico sobre a alimentação nas primeiras edades*, e tem quasi prompta uma obra de folego, *Therapeutica positiva*, que está destinada a um grande *successo* entre os profissionaes.

Terminaremos dizendo que o sympathico Dr. João Baptista Capelli, além de ser um talento de primeira agua e um espirito bem orientado, é a delicadeza que se fez homem. Da sua caridade já fallámos, embora muito por alto, e não insistimos; mas este artigo seria incompleto sem uma referencia á sua modestia, uma modestia feroz, terrivel, que o leva para a sombra como no tempo em que collaborou na magica da Phenix.

AMARANTE.

CHRONICA FLUMINENSE

Hoje, sabbado, 7 de Outubro, estamos na mesma com relação á revolta.

Cruzam-se em todos os sentidos os mais inquietadores boatos... Dizem que se preparam grandes sorpresas... Que mais nos reservará essa nefanda aventura do Sr. Custodio de Mello ?

*

Uma grande novidade é a presença do Sr. Ruy Barbosa a bordo do *Aquidaban*.

Se isso é verdade, palpita-nos que algum dia perguntaremos como Geronte : *Que diable allait il faire dans cette galère?*

Esperemos os acontecimentos...

*

Morreu B. L. Garnier, o velho editor do Instituto Historico, o famoso livreiro da rua do Ouvidor, um judeu trabalhador e honrado, que tinha todos os defeitos e todas as virtudes de sua raça, e era uma das physionomias mais curiosas e mais caracteristicas do nosso meio.

Estabelecera-se n'esta cidade ha uns cincoenta annos. Era millionario, dizem, e não consta que jamais désse uma esmola. O seu nome nunca figurou n'uma obra de philantropia. Mas é de justiça dizer que não gastava comsigo o dinheiro que negava aos pobres. Não gozou. Os seus herdeiros talvez tenham outra opinião sobre a utilidade dos contos de réis...

Editava tudo, a torto e a direito, e n'esse eclectismo está talvez o segredo de sua fortuna. Julio Verne, mais que nenhum outro escriptor, contribuio para enriquecel-o... sem o saber.

Diz a imprensa que elle prestou relevantes serviços á nossa litteratura. Effectivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catalogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas lettras. Mas a verdade é que elle só acolhia de braços abertos os escriptores que lhe entravam em casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia : « Cresça e appareça ». Se o pobre diabo realmente crescesse e apparecesse, poderia contar com o editor.

*

Trabalhador e honrado foi tambem o pobre Laurent De Wilde, pintor belga, que era ha muitos annos estabelecido com loja de objectos para pintura e desenho á rua Sete de Setembro, na mesma casa que hoje conserva n'uma das portas o vestigio da celebre granada que ha dias matou o Dr. Lomelino Drumond e uma senhora.

De Wilde era um grande amigo de alguns dos nossos pintores, a quem facilitava os meios de acquisição dos petrechos necessarios ao exercicio de sua arte. Em sua casa, n'uma sala convenientemente preparada para esse fim, muitos artistas expozeram os seus trabalhos... e os venderam.

Como pintor, deixa De Wilde, que eu saiba, a decoração do tecto do theatro S. Pedro, trabalho feito de collaboração com Thomaz Driendl, pintor de muito merito, que infelizmente abandonou a sua arte para se fazer empreiteiro das obras da Cathedral. Não creio que esse tecto leve nenhum dos dous artistas á posteridade.

A.

A' numerosa lista dos jornaes e periodicos offerecidos quotidianamente á redacção do *Album*, temos que accrescentar a *Cidade de Jahú*, folha popular, dirigida pelo Srs. João F. Teixeira; o *Lutador*, do Descalvado, propriedade de uma associação; o *Contemporaneo*, orgam republicano, que reappareceu agora em Sabará (Minas), e do qual são redactores os Srs. Luiz Cassiano Junior e Candido de Araujo ; a *Patria Mineira*, de S. João d'Elrey, e o *Friburguense*, folha litteraria, recreativa e noticiosa de Nova Friburgo, redigida pelo Sr. J. A. de Sousa Cardoso.

MYRRHA

A LUIZ MURAT

Nossa vida ao meu intimo suggere
O episodio da pagina dantesca ;
E's a dolente e pallida Francesca
Que os seus cantos de amor, triste, desfere.

Possues, como a heroina de Alighiere,
Uma altiva belleza principesca ;
E's nervosa, vibrante e romanesca,
E só te falta um pouco o *savoir faire*...

Por isso, ao ver-te a sós, contemplativa,
O Dante aberto ao collo, scismativa,
Nos profundos crepusculos da tarde,

Eu sinto que me enlaça este dilemma :
— Ou plagiar o magico poema,
Ou morrer a teus pés como um cobarde !

ADELINO FONTOURA.

A «DONA BRANCA»

A DELGADO DE CARVALHO JUNIOR

No dia 6 de Outubro de 1891, quando o senhor Vieira, ás sete horas da manhan, poz o chapéo para sahir, dona Catharina, sua esposa, disse, concertando-lhe o laço da gravata :

— Sabes de uma coisa ? Mana Adelaide mandou convidar-me para ir hoje com ella ao Lyrico.

— Que ideia !

— Ahi vens tu ! Vae-se embora a companhia e eu não assisto a um unico espectaculo, podendo ouvir a *Dona Branca* de graça !

— Mas, filha, não te lembras que dia é hoje ?

— E' terça-feira.

— E então ?

— E então ?

— Pois não sabes que ás terças-feiras eu não dispenso o meu voltaretesinho em casa do compadre?

— Quem te diz que não vás ao teu voltaretesinho? Mana Adelaide conhece os teus habitos e as tuas impertinencias ; foi a mim e não a ti que ella convidou.

— Mas...

— Olha, eu vou jantar com ella nas Larangeiras e de lá vamos juntas para o theatro ; acabado o espectaculo, ella traz-me no seu carro, e deixa-me ficar em casa. Não gastas um vintem, nem te incommódas.

— Bem sei, mas não é bonito uma senhora casada ir ao theatro sem seu marido.

— Mas com sua irman... e com o marido de sua irman...

— Bom, bom, vae ; não quero que me chamem desmancha-prazeres. Jantarei sosinho.

*

O senhor Vieira sahio, foi tratar da vida, e quando, ás quatro horas, voltou á casa, já dona Catharina tinha ido ter com a irman.

O pobre homem ficou muito aborrecido n'aquella solidão. Toda a sua familia era essa bella senhora com quem se casára em 1885 e era dez annos mais nova que elle.

Tinha quarenta e quatro annos o senhor Vieira, e intelligencia bastante para perceber que dona Catharina não o amava ; entretanto, elle contentava-se da respeitosa amisade com que ella se impunha serenamente á sua estima, e preferia mesmo esse discreto sentimento ao amor desordenado e doentio, que produz ciumes e dyspepsias, máos humores e lesões cardiacas. Depositava uma confiança cega em sua mulher e estimava-a devéras. Sentia-se feliz.

Mais feliz seria, entretanto, se houvesse uma criança n'aquella casa. Dona Catharina soffria por vezes longos accessos de melancolia ; algumas noites deixava o esposo sosinho na larga cama de casados, e ia revolver-se n'um sofá, suspirando, irrequieta, nervosa, sem poder dormir. Mas esses phenomenos eram passageiros, e o marido attribuia-os á ausencia da prole.

— Decididamente, falta uma criança n'esta casa.

*

Depois d'aquelle jantar de solteirão, o senhor Vieira dormio a sesta, e ás sete horas foi para casa do compadre, em São Christovam. O senhor Vieira morava no Cattete.

— Bravos ! cá está o homem ! exclamou o compadre e exclamaram mais dous amigos da visinhança, que se achavam á espera do parceiro. Vamos ao vicio!

Os quatros companheiros sentaram-se ás oito horas, e jogaram até perto da meia noite. O senhor Vieira ganhou desenove mil e quinhentos. Nunca estivera com tanta sorte.

*

A' meia noite, depois do chá com torradas, o nosso homem sahio, e foi esperar o bonde na esquina. Passados uns vinte minutos, appareceu um bonde, mas em sentido contrario, e parou para fazer saltar o Lamenha, que era visinho paredes meias do compadre.

— Olá ! a estas horas, seu Lamenha ? perguntou o senhor Vieira. Já sei que vem do Lyrico ; foi ouvir a *Dona Branca*.

— Ora deixe-me com a *Dona Branca* ! Se soubesse...

— Então não é boa a opera ?

— Não sei ; o espectaculo não passou do começo !

— Ora essa ! Porque ?

— No fim do primeiro acto o publico das torrinhas chamou á scena o emprezario para ferrar-lhe uma pateada, não sei porque motivo. O emprezario não quiz vir. O publico zangou-se. A policia interveio, e agora é que são ellas ! Ah, seu Vieira, que rolo !...

— Devéras ? perguntou o outro empallidecendo.

— Os soldados de policia acutilavam a torto e a direito, os bancos voavam, os globos dos candieiros partiam-se, as familias separavam-se n'uma confusão medonha, as senhoras tinham chiliques e soltavam gritos...

— As senhoras ?... Meu Deus !... e a minha !...

— Ha muita gente ferida, e não será para admirar que houvesse mortes ! Eu escapei por milagre !...

— E minha mulher que foi a esse espectaculo !...

— Sua senhora ? Não a vi. Só vi sua cunhada, a dona Adelaide, no corredor, sosinha, correndo e gritando que parecia uma louca !

— Pois estavam juntas !... Felizmente ahi vem o bonde... Quem sabe se não vou encontral-a morta ? Eu bem não queria que ella fosse á tal *Dona Branca* ! Ora esta !...

E o senhor Vieira tomou o bonde, sem mesmo se despedir do Lamenha.

*

Imaginem o desasocego com que o pobre diabo fez a viagem de São Christovam ao largo de São Francisco. Ahi tomou um tilbury. O cocheiro confirmou a informação do Lamenha, accrescentando que tinham morrido duas senhoras, sendo uma de susto.

Ao passar pela Guarda Velha, o senhor Vieira notou que o Lyrico estava immerso nas trevas e no silencio. Chegou á casa, e expectorou um grande suspiro de allivio ao entrar na alcova : dona Catharina dormia tranquillamente, envolvida no seu lençol.

O marido despio-se em silencio e deitou-se ao lado da senhora.

Ella despertou :

— Ah ! és tu ?

Elle, completamente serenado, resolveu gracejar, e perguntou-lhe, sorrindo :

— Então, minha senhora, que me diz da *Dona Branca* ?

— E' uma opera muito bonita.

— Heim ?

— O ultimo acto principalmente, accrescentou dona Catharina com muita convicção.

O senhor Vieira sentio o sangue subir-lhe á cabeça, mas conseguio dissimular, e perguntou se a opera tinha sido bem cantada.

— Perfeitamente cantada, respondeu ella, mentindo como só certas mulheres sabem mentir.

— E não houve novidade durante o espectaculo ?

— Nenhuma. O Gabrielesco esteve sublime !

— O Gabrielesco ? No ultimo acto ?

— Em todos os actos. E' um tenorão !

— Está bem.

O senhor Vieira apagou a vela e fingio que se aninhava para dormir.

— Ahi está você amuado ! Eu por seu gosto não sahia de casa, não me divertia, vivia mettida entre quatro paredes ! Que homem !...

Elle resmungou uns sons inarticulados ; não respondeu.

*

— Será possivel que o Lamenha me enganasse ? pensava o marido. Não ; — e o cocheiro do tilbury ?...

O senhor Vieira passou, talvez pela primeira vez em sua vida, uma noite completamente em claro. Ergueu-se logo ao amanhecer, sahio, convenceu-se de uma verdade terrivel, e n'esse mesmo dia separou-se para sempre de dona Catharina.

*

Na terça-feira seguinte, o senhor Vieira não fallou ao voltaretesinho do compadre.

Quando este lhe perguntou : — Então ?... que foi isto ?... a comadre...? —, elle respondeu melancolicamente :

— A comadre ouvia-me dizer que em nossa casa faltava uma criança, e quiz arranjal-a fóra... Deixal-a ! — Vamos ao vicio !

N'essa noite perdeu quinze mil e oitocentos.

ARTHUR AZEVEDO.

ACTUALIDADES

II

Depois do dia 6 do mez passado,
Nunca mais pude ver a minha bella,
E a furto, á noite, conversar com ella,
Prazer a que já estava acostumado !

Ha quasi um mez, em furias abrasado,
Não vejo porta aberta nem janella
Na casinhola em que morava aquella
Que hoje dirige as redeas ao meu fado !

Ella, a mãe e as irmans foram fugindo
Para a roça, com medo ao bombardeio,
Que põe no povo inteiro um susto infindo...

Soffre o meu peito, expande-se o meu odio !
Que transtorno, ai, Jesus, causar-me veio
A maluquice do senhor Custodio !..

GAVROCHE

Phototypia J. Gutierrez.

DR. JOÃO BAPTISTA CAPEL

NOSTALGIA DE SATANAZ

Tardes tristes, crepuscularmente desmaiadas de intimas saudades, essas em que a melancolia adormece na doce paz serena dos céos silenciosos.

Tarde mais triste ainda esta em que uma plumbea felpa de pesada nuvem, desgarrada na abobada infinita, arrastada para a linha do horisonte, fazia pensar n'um proximo bramir de rabidos temporaes, n'um rugir procelloso de tempestades furiosas.

E, n'esta endolorida tarde, emquanto me perdia nos mysteriosos mundos da phantasia, fóra dos mais leves bulicios terreos, completamente aljojado ás intimas sensações, é que me apparece o angelico Satanaz, trazendo nos labios o tristissimo dos seus piedosos sorrisos, a amarissima das contracções dolorosas de sua delicada bocca!

Que era saudoso o seu olhar dolente!

Nas pupillas desmaiadas como que se esbatia a infindavel desventura que ha nos olhares de uma tuberculosa: era um olhar amargo como o suspiro de um expatriado; triste como um abraço de despedida e communicativo como um ai de soccorro.

E Satanaz entregou-se ás scismas dolorosas: recordava-se agora das visões diaphanas, translucidas, de mimosos cherubins; dos singellos e puros archanjos; dos louros anjos delicados; de tantas suavissimas visões...

Recordava-se dos bellos dias passados na mystica bemaventurança das paragens celestes; tinha saudades do céo; lembrava-se das ineffaveis delicias que ha no paraiso; almejava voltar para as eternas regiões de que fóra expulso, para a moradia santificada em que elle tantas vezes se expandira n'uma felicidade ampla, vasta, indizivel!

Scismava...

Vinham-lhe ao coração as grandes nostalgias, as grandes saudades dos céos...

Não! Elle jamais se revoltaria contra o Creador: ambicionava escutar as lyras celestiaes, os louvores divinos, tão magicos em sua religiosa simplicidade e tão expressivos em seus votos de eterna submissão...

Scismava...

Já uma luminosa lagrima brilhava em seus olhos amargurados, já o pranto rebentava impetuoso, quando o tristissimo Satanaz, lançando ao céo um supremo olhar de escarneo e despreso, sahio arrastado por uns olores raros, exclamando em extasis:

— Ha anjos na terra!

*

E' que n'esse momento, ó bella, passavas, patenteando um pedaço de tua perna gloriosa!

CUNHA MENDES.

Readquiriram certa actualidade os seguintes *couplets*, escriptos por um dos nossos primeiros poetas e publicados ha tempo no *Combate*:

LE BRAV'AMIRAL

(Musica: *En r'venant de la r'vue*)

I

Antes do 15 de Novembro
Era Custodio um capitão
Que andava lá, se bem me lembro,
A passear pelo Japão.
Mas de repente, um bello dia,
Se desmorona a monarchia,
Vem nova gente e nova grey,
Manda-se á fava o reino e o rei!
E o Custodinho vem,
Vem adherir tambem;
Mas o maior dos generaes
Do capitão caso não faz;
E *le brav'amiral*
Pela causa legal
Arma a revolução
Encouraçado em papelão!
Conspirador
Começa com temor
E acaba com furor
Valente e bello!
E foi assim
Que, tim tim por tim tim,
Subio ao trampolim
Custodio Mello!

II

Foi para o Hospicio fazer ninho,
Entre os malucos se occultar;
Onde é que o bravo Custodinho
Logar melhor podia achar?
Quando rebentou o levante,
Com voz de Jupiter Tonante
A 23 pela manhan
Clamou no Hospicio: Aqui... daban!
Logo a reboque vem,
Vem batalhar tambem,
Mas o navio o capitão
Mette encalhado na Armação!
Puxa de cá, de lá,
Preso o navio está,
Graças a *l'amiral*
De uma bravura sem egual!
E o *Aquidaban*
Logo pela manhan
Dispara um tiro... pan!
Que tiro bello!
Vence afinal
A revolta legal!
Viv' le brav'amiral
Custodio Mello!

III

Lucrou com isso a lavadeira
Pelas ceroulas que lavou...
Batalhar não é brincadeira
Como o Custodio batalhou!
A Candelaria foi ferida,
Porém o heróe sahio com vida,
E diz-lhe o irmão a soluçar:
— Ai, mano, vamos almoçar.
E o Custodinho vem,
Vem almoçar tambem;

Muda as ceroulas com afan,
Abençoando o *Aquidaban*.
E viva o Vinte e Tres
Que o Custodinho fez,
E viva o seu irmão
Chronista da revolução!
E viva o heróe
Que as egrejas destróe
E sae sem um dodóe,
Valente e bello!
Heroe ideal
Que é Boulanger naval,
Viv' le brav'amiral
Custodio Mello!

FANTASIO.

DE PALANQUE

Desculpem os leitores: eu disse-lhes que o *De palanque* publicado no ultimo numero do *Album* era esporadico, e no emtanto cá está outro...

Que querem? subi de novo ao meu palanque na tarde de sabbado 30 de Setembro, e só aquella rubrica deve encimar a narração e o commentario do que vi lá de cima.

*

Assisti ao renhido tiroteio que principiou ás duas horas pouco mais ou menos, entre as fortalezas da Lage, de Santa Cruz e de S. João de um lado, e o *Aquidaban*, a *Trajano*, o *Javary* e a *Guanabara* do outro.

Foram disparados uns quatrocentos tiros, que naturalmente custaram ao Thezouro meia duzia de contos de réis. Felizmente as balas cahiam no mar, levantando niveas columnas d'agua e produzindo d'esse modo um effeito agradavel á vista... e ao coração. Não creio que morressem outras creaturas a não ser alguns innocentes peixinhos.

O *Javary* e a *Guanabara* deram poucos tiros — cinco ou seis, — mas o diabo do *Aquidaban* e o demonio da *Trajano* fartaram-se de fazer fogo. A artilharia era boa, mas os artilheiros podiam limpar a mão á parede.

Os melhores tiros — justiça é confessar — foram os da Lage. Um d'elles conseguio molhar o convez do *Aquidaban* com a columna d'agua que ergueu.

*

Se não fosse o receio de me parecer com « o meu amigo Banana », eu notaria que é muito mais difficil atirar das fortalezas para os navios que dos navios para as fortalezas. Aquelles movem-se e estas não.

E a *Trajano* então saracoteava que nem uma serigaita na rua do Ouvidor. Mechia-se em todos os sentidos. O *Javary*, esse não sahia do logar aonde o rebocaram. E' um velho paralytico, um estafermo que aonde vae lá fica. Mas dá cada tiro!

Durante todo o combate, que durou muito tempo, duas pequenas embarcações estrangeiras conservaram-se ao alcance das balas.

Malevolos disseram que esses dous humildes calhambeques desejavam arranjar um *pequeno* rombo para reclamar depois uma *grande* indemnisação. Não sei. O caso é que estiveram durante mais de duas horas entre dous fogos. Dous fogos?... que digo eu!.. entre sete fogos!...

*

No melhor da festa — se é que áquillo se póde chamar festa — cessou o combate, não á falta de combatentes, como o do Cid, mas á falta de luz, pois cahio um espesso nevoeiro que encobrio completamente navios e fortalezas. Entretanto, passava apenas de quatro horas.

Dir-se-ia que a natureza, escandalisada por uma guerra entre irmãos, quiz passar um véo sobre aquella vergonha.

ELOY, O HERÓE.

MARINHA

Com o preamar começaram a entrar as lanchas, as velas arreadas e os homens aos remos, gemendo n'um côro unido, para o compasso das braçadas; as proas empinavam-se na corvova de uma onda, como grandes baleias a espreitar, e vinham direitas á praia n'um desafio de regata. Eh! Arriba agora! Rangiam os toletes, e os remadores, de pés fincados, atiravam com os barcos na areia com uma ultima remada.

Lá nos longes, ainda branqueavam alguns pannos, n'um atrazo de bordo para o vento. O mar azulava como o céo, aquelle franjado de espuma e e este ennodoado de nuvens; o ar salgado pela maresia enchia-se de luz, pando como a latina de chalupa, e vibrava de sons claros, rumorejados pelo mundo que esperava alli na costa, pescadeiras de voz cantante e fina, vendedeiras no ensaio de apregoar, com uma frescura de gritos limpidos. E as gaivotas cabriolavam os vôos em arcos de curvas, formando inflexões para a presa, desdobrando as azas n'uma fugida para o largo.

Eh! Arriba agora! arriba agora! Ellas lá vinham entrando com o preamar, aquellas lanchas de pescadores, as velas arreadas e os homens aos remos, gemendo n'um côro unido, para o compasso das braçadas, Os barcos bojudos, como odres, repletos da pescaria de dous dias, traziam a sardi-

nha, muito peixe miudo, apanhado nas malhas da rede, bandos apprehendidos na sua carreira de migração. E o cavername desapparecia com o montão de escamas de prata, brilhando e rebrilhando ao sol, como um banho de metal derretido, movediço e espelhante.

Desde que se descortinaram as catraias na curva do mar, a nordeste, com uma multidão de azas brancas a esvoaçar, uma mulher de olhar fito para esse lado, a saia curta, dançante sobre as ancas, mãos no quadril e de lenço fluctuando por debaixo da canastra equilibrada, uma mulher morena de sol, estava alli, olhando para os barcos que abordavam. E lá chegava elle, ainda de costas, a remar, virando-se uma vez e outra para terra. Eh! arriba agora, arriba agora!

O rumor na praia ia n'um crescendo de ruidos; exclamações, risadas, chamamentos, tudo se misturava em torvelinhos pelo ar, e a maré-cheia, n'um frege-frege pela areia, harmoniava um acompanhamento, na viveza d'aquelle dia, abrindo os sons n'um clamor de immensa luz.

Elle veio ter com ella, e ficou-se defronte, carregando o cachimbo e a fallar-lhe de amor. Ella olhava-o nos olhos d'elle.

— Ouve, Maria, não se me dava que tu ficasses com o peixe fino, do escolhido para a Senhora dos Navegantes!

. . . . . .

E as ondas alli a fabricar a renda do enxoval, por entre os seixos, por entre as conchas, por entre as algas. . .

ORTIGÃO SAMPAIO.

Novembro de 92.

TRIBUTOS E CRENÇAS

Bernardelli, meu velho, tem paciencia, vae tratando de apromptar a *maquette* da estatua do Rozendo Moniz.

Pois não é que um dos jornaes mais acreditados do mundo e o menos *blagueur* de Pariz, deitou artigo encomiastico sobre os *Tributos e crenças*, e disse que o Rozendo tem alguma coisa de Victor Hugo?

Duvidam? Pois vão alli ao Ferdinand, na travessa do Ouvidor, e procurem o numero do *Temps* de 7 de Setembro ultimo, 3ª pagina, 6ª columna, secção *Lectures étrangères*.

Mas não! não se deem a esse incommodo: o artigo é pequeno, — podemos transcrevel-o integralmente. Eil-o:

L'influence remarquable qu'a exercée et que continue à exercer l'œuvre de Hugo sur la littérature des Sud-Américains n'est point ignorée du petit nombre de ceux qui suivent avec quelque attention le mouvement littéraire des jeunes peuples latins d'outre-mer.

On pourrait presque dire que la poésie latino-américaine de cette dernière moitié de siècle procède surtout de notre grand poète et que les lettres françaises ont joué, dans l'évolution littéraire de ce monde nouveau, un rôle aussi grand que la littérature des anciennes meres-patries dont il a conservé la langue.

L'esprit qui inspire la généralité des productions des meilleurs auteurs hispano et luso-américains, les gallicismes dont elles fourmillent, la construction de la phrase souvent littéralement semblable à notre phraséologie, disent jusqu'à quel point ils sont imprégnés et saturés des œuvres de nos classiques et de nos modernes et combien l'évolution de leur langue est intimement liée à celle de la nôtre.

C'est là une raison, ce me semble, pour que l'œuvre intellectuel des Latins d'Amérique ait droit à toute notre attention et à notre intérêt. Sans doute leur bagage littéraire est encore bien modeste comme volume, mais il est de valeur, et les productions remarquables que nos bons écrivains ne désavoueraient ni au point de vue de la pensée ni à celui de la forme n'y sont point rares.

Un poète que les Brésiliens ont placé parmi ceux qui leur font le plus honneur, M. Rozendo Moniz Barretto, nous en a apporté lui-même un nouveau témoignage, sous la forme d'un joli volume de vers portugais intitulé: *Tributos e Crenças*. (Tributs et Croyances), qu'il dédiait en 1891 à l'empereur dom Pedro en exil, et qui est un recueil de compositions détachées, d'une inspiration élevée et d'une belle facture.

M. Rozendo Moniz est le fils d'un brillant improvisateur, Moniz Barretto, dont l'Etat de Bahia révère la mémoire. C'est un hugolâtre. Le lyrisme puissant et superbe de Victor Hugo l'a séduit et fasciné lui aussi, et il est l'un des plus fervents disciples qu'ait eus le grand poète de l'autre côté de l'océan.

L'admiration qu'a éveillée Hugo chez les Latins d'Amérique a quelque chose d'approchant au fanatisme. C'est un sentiment explicable chez ces écrivains, pleins de l'exubérance méridionale, amis de la pompeuse métaphore, enclins à cet enthousiasme juvénile qui est le propre des peuples neufs, et sur lesquels enfin Hugo devait, par l'essence même de son génie, exercer une réelle fascination. Ils ont vu, en effet, dans ce chantre de la liberté, l'adversaire le plus puissamment éloquent, le plus véhémentement indigné qu'ait eu ce césarisme contre lequel ils luttent dans leurs incessantes révolutions. Son génie avait avec eux d'autres affinités encore. N'a-t-il pas cherché et trouvé ses plus riches et ses plus admirables inspirations dans les fastes de l'Espagne et des pays du soleil?

M. Rozendo Moniz est l'un de ces admirateurs enthousiastes. Sa première visite en arrivant parmi nous a été un pélerinage au Panthéon, pour y saluer le tombeau de Victor Hugo, qu'il a, du reste, célébré dans ses *Tributos et Crenças*, entre autres, par un sonnet dont la traduction littérale que voici, à défaut de la forme, peut, en rendant exactement la pensée et l'expression, donner quelque idée de son talent:

L'imagination l'emportait vers les hauteurs prodigieuses.
Mais avant de les escalader pour atteindre la lumière immortelle,
Le nouveau Prométhée lutta, côte à côte avec l'humanité,
Contre la trahison et l'astuce couronnée.

Sa plume fut son arme; invincible, il l'opposa
A l'usurpateur triomphant.
Vrai apôtre de l'art et maitre incomparable,
Il grandit, titan sublime, aux yeux de l'Europe éblouie.

De verre pour le faible et d'acier pour le fort!
Quel oracle du bien! Il rayonna
Comme un fanal divin, éclairant le chemin de la liberté.

« Quelle ascension triomphale! » dit la posterité.
Et il montait toujours, si bien que la mort
Lui fut le dernier échelon pour atteindre l'immortalité.

Un autre sonnet, non moins remarquable, est consacré à Thiers, libérateur du territoire français. En voici une version aussi littérale que possible :

Quand, engagée dans une lutte fatale,
La patrie de Bonaparte succombait,
Malgré tout un siècle de gloire,
Dans une heure de défaite, heure terrible :

Quand Paris, la victime admirable,
Se raidissait dans le cercle de fer du siège
Et que, pour comble de maux, l'anarchie,
L'horrible Commune, s'agitait en son sein!

Quand, par Bismarck et Moltke, la Prusse exaltée
Pesait dans la balance de l'arrogante victoire
L'or et le sol de la France envahie,

Seul un vaillant vieillard suffit à triompher
D'une semblable épreuve. Par la valeur de Thiers
La France fut défendue et sauvée.

Ces traductions ne donnent évidemment qu'une idée fort imparfaite de l'original. Elles suffisent du moins à montrer que l'auteur a quelque chose du souffle et de l'inspiration de celui qu'il s'est donné pour maître et pour modèle, et qu'il y a, de l'autre côté de l'Océan, des écrivains dont le cœur vibre à l'unisson de celui de notre pays, qu'ils appellent si volontiers leur patrie intellectuelle.

Vamos ver agora o que diz a *Revista dos dous mundos*.

X.

UM PLEBISCITO LITTERARIO

Acabo de receber a seguinte communicação :

« Ao provecto escriptor que se occulta modestamente no pseudonymo *Cosimo* comprimenta o abaixo assignado, e tem a honra de declarar o seguinte :

Li em o n. 39 do periodico o *Album* o interessante artigo intitulado *Um plebiscito litterario*, e a mim quer me parecer que nem Cosimo nem o distincto eleitorado do periodico a *Semana* trilharam a senda luminosa da consciencia e da justiça.

Concordando com Cosimo na parte em que opina que a eleição deveria recahir exclusivamente sobre os romances brasileiros, pois nada temos que ver com a litteratura dos outros paizes, submetto á sua consideração a seguinte lista, formulada segundo os dictames sagrados da minha consciencia :

Os seis primeiros romances brasileiros são :

1º a *Baroneza do Amor*, do fallecido Dr. Joaquim Manoel de Macedo, luminar illustre das lettras patrias.

2º *Ouro sobre azul*, do esclarecido Sr. Visconde de Taunay.

3º *Gabriella*, do meu distincto amigo Sr. Dr. J. M. Velho da Silva.

4º o *Doutor Benignus*, do fallecido poeta Augusto Emilio Zaluar.

5º a *Má estrella*, do Sr. Commendador Felix Ferreira.

6º a *Virgem da Tapera*, do Sr. Dr. João Climaco Lobato.

Este é o juiso do abaixo assignado. — *Antonio Martins da Camara.*»

Está conforme.

COSIMO.

THEATROS

O Apollo e o Recreio tentaram reagir contra o actual estado de coisas, que afasta o publico dos theatros, e deram durante a semana, aquelle o *Abacaxi* e este os *Milagres de Santo Antonio*, o *Drama do povo*, *Mulheres em penca*, as *Guardas do rei do Sião*, etc.

Estão annunciados para hoje, sabbado, no Recreio o *Conde de Monte Christo*, e no Variedades o *Diabo coxo*, que sobe á scena, diz o programma, « com todo o esplendor da sua primitiva. »

*

Os artistas do Lucinda foram dar espectaculos em Petropolis, e a companhia portugueza do theatro D. Maria II regressou para Lisboa.

*

Dizem-nos que se acha de quarentena na lazareto da Ilha Grande uma companhia lyrica italiana — a companhia Sonzone, — que vem para o Polytheama. Está bem arranjada.

X. Y. Z.

Não temos recebido do nosso querido amigo e illustre collaborador Alfredo Bastos, que reside em Montevidéo, a continuação do *Amor de primavera e amor de outomno*; por isso, os leitores do *Album* estão ha dous numeros privados da leitura d'esse interessante romance, que tanto lhes tem agradado. Contamos que não se demore muito a remessa dos respectivos autographos.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 42 SEGUNDA SÉRIE OUTUBRO DE 1893

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

ARTHUR NAPOLEÃO	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
LUZ DE AMOR	Adelino Fontoura.
CANTIGA DE ESPONSAES	Machado de Assis.
ACTUALIDADES	Gavroche.
A MORPHETICA	A. Foscolo.
NO ALBUM DE ADELINA VIEIRA	Zalina Rolim.
NUM ALBUM	Fricinal Vassico.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

JOÃO CLAPP

ARTHUR NAPOLEÃO

Foi e ainda é um dos primeiros pianistas do mundo. Tem apenas cincoenta annos: nasceu em Portugal, na cidade do Porto, aos 6 de Março de 1843.

Seu pae, Alexandre Napoleão, foi o seu primeiro professor de musica.

Tinha o fodelho apenas seis annos de edade quando tocou pela primeira vez em publico. Foi em Dezembro de 1849, na Philarmonica Portuense.

No anno seguinte deu os seus primeiros concertos, e foi a Lisboa, onde tocou em presença de D. Maria II, no Paço das Necessidades.

Não se calcula o enthusiasmo que o menino prodigio despertou em todo o reino.

Em 1852 partio para a Inglaterra, e os frios inglezes fartaram-se de applaudir o maravilhoso artista de nove annos.

No anno seguinte recebia Arthur Napoleão a consagração de Pariz, onde deu varios concertos. Chamado ás Tulherias, exhibio-se diante de Napoleão III e da imperatriz Eugenia. Foi disputado pelos primeiros salões do Imperio.

Até 1857 percorreu todos os paizes da Europa, e teve a honra de ser apresentado por Meyerbeer á côrte do rei da Prussia. Era já uma celebridade europeia.

Ao mesmo tempo tomava licções com diversos professores illustres, entre os quaes citam-se Thalberg, Henri Herz, Charles Hallé e Carl Reineck, director do Conservatorio de Leipsig.

Antes de recolher-se á patria, onde o aguardava uma recepção triumphal, Arthur Napoleão foi visitar Liszt, em Weimar, e o grande artista em tanta estima o teve, com tanto agrado o recebeu, que durante dous dias o reteve em sua casa.

N'aquelle anno de 1857 veio Arthur pela primeira vez ao Brasil, onde o precedêra a fama do seu extraordinario talento. Existe ainda n'esta capital muita gente que se recorda das enthusiasticas ovações que aqui se fizeram áquelle formoso rapaz de dezesete annos.

O joven artista percorreu, de ovação em ovação, todo o littoral do Brasil, e foi até Montevidéo e Buenos-Aires.

De 1858 a 1861 viajou, sempre coberto de applausos, os Estados-Unidos e as Antilhas. Em Cuba encontrou-se pela primeira vez com Gottschalk e o violinista White.

Em 1862 recolheu-se de novo á patria, mas logo depois emprehendeu nova excursão pela Inglaterra, Escossia e Irlanda, em companhia de Vieuxtemps, o celebre violinista belga.

Depois d'essa victoriosa excursão, que durou bastante tempo, veio pela segunda vez ao Brasil, onde se demorou até 1864.

N'esse anno voltou a Portugal; deu concertos ahi, e logo depois em Hespanha, sendo muito festejado por D. Luiz I e D. Isabel II.

Em 1865 dirigio as festas musicaes da Esposição Internacional do Porto.

No anno seguinte veio pela terceira vez ao Brasil; foi, porém, em 1868 que se estabeleceu definitivamente no Rio de Janeiro, abrindo uma casa commercial de pianos e musicas.

*

Começa d'ahi em diante uma nova phase na vida gloriosa do nosso biographado. O commercio e o

amor durante oito annos o afastaram da arte... Oito annos perdidos!

Em fevereiro de 1886 Arthur Napoleão reappareceu em publico, dirigindo, a pedido do Imperador, a execução da missa de *Requiem*, de Verdi, no Cassino Fluminense. Parece que ainda me soa nos ouvidos o echo das acclamações com que a sala inteira o recebeu quando, de batuta em punho, elle surgio no estrado da regencia!

Pouco depois partio Arthur Napoleão para a Europa, e foi a Bayreuth assistir á primeira representação do *Anel de Niebelung*, a estupenda tetralogia de Ricardo Wagner. Alli, foi apresentado ao grande reformador, e esteve pela ultima vez com o velho Liszt, que tão honrosa acolhida lhe déra, vinte annos antes, em Weimar.

Arthur Napoleão contou, em folhetins escriptos para a *Gazeta de Noticias*, as impressões que lhe deixou no espirito a musica de Wagner, que n'aquelle tempo se chamava a musica do futuro.

Em 1878 foi a Pariz assistir á Exposição Universal; a imprensa parisiense recebeu-o com todas as honras devidas ao seu alto merecimento artistico.

De volta de Pariz, veio Arthur Napoleão tomar conta da nova casa de musicas e pianos que abrio na rua do Ouvidor n. 89, de sociedade com o Sr. Narciso Braga e o illustre compositor brasileiro Leopoldo Miguez, actual director do Instituto Nacional de Musica.

Recomeçou n'esse tempo, com muito enthusiasmo, os seus estudos de piano e composição, tocando de então para cá em innumeras festas de caridade e nos inolvidaveis concertos classicos da Escola da Gloria, promovidos por White, sob os auspicios da ex-princeza imperial D. Isabel.

Está na memoria de todos o grande festival do tricentenario de Camões, em 1880, promovido pelo Gabinete Portuguez de Leitura e realisado no theatro D. Pedro II, hoje Theatro Lyrico. Arthur Napoleão dirigio a parte musical d'essa grande festa, que reunio quinhentos musicos no palco.

Em 1889, passando por Lisboa na sua ida á Exposição de Pariz, deu, com enorme successo, alguns concertos no theatro S. Carlos. Seguio para Pariz na intenção de fazer-se ouvir na grande capital, mas teve que voltar subitamente ao Rio de Janeiro, por ter recibido noticia do fallecimento do Sr. Narciso Braga, que era então o seu unico socio na casa commercial da rua do Ouvidor.

Actualmente essa casa está transformada em companhia anonyma, da qual o meu biographado é director-gerente.

*

Desnecessario é dizer aqui o que vale Arthur Napoleão como pianista; poucos leitores terei que não o conheçam, e quem nunca o ouvio não poderá, por uma simples noticia, fazer ideia da perfeição com que elle fez fallar o mais insupportavel e o mais sublime dos instrumentos. Diz tudo a simples enumeração dos seus triumphos artisticos nas primeiras capitaes do mundo.

Interpretação conscienciosa e correctissima dos mais inacessiveis autores; agilidade demoniaca, servida por duas mãos que tornou enormes o exercicio continuo a que elle se entregou

Das faixas infantis despido apenas;

execução impeccavel dos trechos escriptos para tormento de pianistas consummados; posse absoluta de todos os segredos do teclado, e, a par d'essas admiraveis qualidades technicas, uma expressão, um sentimento, uma poesia que se não definem, capazes de dar alma a um páo e arrancar lagrimas a uma bala do *Aquidaban*.

Ahi têm o pianista, que occupa tambem um logar distinctissimo como compositor. Longa e fastidiosa seria a lista das suas producções impressas, embora só me referisse ás mais notaveis. Algumas d'ellas gozaram e gozam de grande popularidade não só entre os amadores, mas tambem, e principalmente, entre os artistas d'este e de outros paizes.

*

Tambem occuparia um longo espaço a lista das commendas, officialatos, habitos, medalhas, diplomas, titulos honorificos, etc., com que Arthur Napoleão foi agraciado em todas ou quasi todas as terras que percorreu, deliciando os povos. Poucos artistas ha condecorados assim.

*

Rematarei este esboço biographico, dizendo que o grande pianista é um *causeur* de primeira ordem, discreto (*discreto* na acepção classica da nossa lingua), elegante, cavalheiro, jogador emerito de xadrez. Tem dous defeitos: é muito distrahido (quando não toca piano, entenda-se), e gosta de fazer *calembours* a proposito de tudo.

*

E nada mais tenho que dizer do pianista celebre que trocou o mundo por esta grande aldeia chamada Rio de Janeiro.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Eu já disse n'estas columnas (e não me desdigo) que Ruy Barbosa é « um ornamento insigne das lettras brasileiras, um factor preponderante da nossa civilisação intellectual ».

Mas, meu Deus! como um homem de tanto talento escreveu e assignou aquelle manifesto de Buenos-Aires, em que qualquer criança encontrará contradicções e anomalias?

O grande caso é que li e reli esse documento, e não sei se Ruy Barbosa está ou não está do lado dos revoltosos. A posição do illustre brasileiro não se acha bem definida. O instante é tão melindroso, que nós, os seus compatriotas, temos o direito de pedir-lhe que faça como a fortaleza de Villegaignon: declare-se. As brumas do estylo em que está escripto o manifesto não nos deixam ver se alli ha bandeira branca.

No momento que atravessamos todos os brasileiros têm a obrigação irrefragavel de se pronunciar pelo governo constituido ou pela revolta. Não se admittem neutralidades. O *Album* é um jornalsinho de litteratura amena e tem no seu programma uma clausula que lhe interdiz a politica. Mas aqui não se trata precisamente de politica; trata-se de salvar o decoro da Patria e a dignidade da lei fundamental da Republica.

*

Quanto á revolta, nada sei, nem me quero fazer echo de boatos e dicterios. As coisas continuam na mesma; nada tenho que accrescentar á minha ultima chronica. Esta é escripta em sexta-feira, 13 de Outubro.

*

Foi dado hontem á sepultura o cadaver de D. Henriqueta Amaral, virtuosa matrona, viuva d'aquelle sympathico e alegre general Antonio José do Amaral, que morreu ha um anno, e será sempre lembrado com saudade e respeito por quantos o conheciam.

Essa senhora foi, pode-se dizer, um interessante phenomeno physiologico: esteve tisica durante trinta e tantos annos; soffria com intervallos terriveis crises a que parecia succumbir; mas aos poucos readquiria a vitalidade, e dizia com um sorriso de resuscitada: — Ainda não fui d'esta vez. — Continuava a viver.

Enterrou assim muitos parentes, e afinal o esposo. Este, que tinha espirito, um dia disse-lhe: — Minha mulher, tu com certeza não és immortal, mas és immorrivel.

*

As palavras que na minha ultima chronica escrevi com relação ao fallecimento do Garnier, valeram-me uma carta anonyma, rediqida, aliás, em termos inoffensivos, o que é muito raro em cartas anonymas.

O autor d'essa epistola não me quer mal pelas referencias que fiz á proverbial avareza do famoso editor; é de opinião que nós, os chronistas, temos o direito de dizer o que sabemos e o que sentimos relativamente aos individuos que morrem depois de haver exercido uma influencia directa sobre o organismo social. O que elle não me perdoa é ter dito que o Garnier pagava mal aos autores cujas obras editava.

Fere o meu correspondente um ponto tão incontroverso e notorio, que não me dou ao trabalho de uma contestação; limito-me a contar-lhe um caso:

Quando Luiz Murat e eu publicavamos a *Vida Moderna*, o Sr. Henrique Lombaerts, que era o nosso editor, sugerio-me a ideia de fazer um livro dos meus contos, aproveitando, por economia, a composição typographica d'aquelle periodico e a da *Estação*.

Acceitei o alvitre e, feito o livro, que intitulei *Contos possiveis*, o mesmo Sr. Lombaerts aconselhou-me que procurasse passar a edição ao Garnier, cuja casa tinha a especialidade das obras d'esse genero. A mim não me convinha, effectivamente, vender os volumes por minha conta, um a um, pondo-os nas livrarias á consignação («A' consignação» é como se diz), e sujeitando-os assim á sorte das obras editadas pelos proprios autores e abandonadas não só á indifferença ou á má vontade dos livreiros, como á voracidade das traças.

— Bem lembrado; vou ter com o Garnier; mas quanto lhe hei de pedir?

— Não sei, veja lá, respondeu-me o Sr. Lombaerts; os mil exemplares custam-lhe quatrocentos mil réis, inclusive capa e brochura.

O Sr. Lombaerts dava-me a fazenda pelo custo; os *Contos possiveis* têm duzentas paginas, e são nitidamente impressos, com typo miudo, em muito bom papel.

Eu não conhecia o Garnier. Machado de Assis, meu mestre e amigo, obsequiou-me com um bilhete de apresentação.

Encontrei o livreiro no seu escriptorio, ao fundo da loja, de pé, encostado a uma carteira, manuseando um grande livro de escripturação mercantil e fumando um pessimo charuto.

Com quanto estivessemos no verão, o velhote vestia um pesado sobretudo, tinha o pescoço envolvido n'um lenço de seda e a cabeça mettida n'um bonnet. Atravez dos oculos faiscavam-lhe uns olhos vivos e penetrantes.

Elle recebeu-me, devo confessal-o, com uma cortezia verdadeiramente franceza. Durante a nossa entrevista sempre me tratou por *monsieur le docteur*.

Eu disse-lhe o motivo que me levava á sua presença:

— Imprimi por minha conta, aproveitando (accrescentei com toda a lealdade) a composição typographica da *Vida Moderna*, mil exemplares d'este volume de contos... Queira examinal-o: tem duzentas paginas e está perfeitamente manufacturado; só lhe faltam o frontespicio e a capa. Venho propor-lhe ficar com a edição: dou-lhe os mil exemplares promptos, brochados, e com o seu nome.

O Garnier abrio e reabrio o exemplar *avant la lettre*, gemeu, abanou a cabeça, mordeu o charuto, expectorou longas e dolorosas considerações sobre o indifferentismo do publico brasileiro no tocante á litteratura do seu paiz, queixou-se amargamente

dos prejuisos que lhe causaram quasi todas as suas edições de escriptores nacionaes, fez-me ver que o conto era o genero litterario que menos se vendia (*Ah ! si c'était un roman !* repetio duas ou tres vezes), e afinal me perguntou quanto eu queria pelos mil exemplares.

— Faça preço, respondi. Não desejo ganhar mundos e fundos com o meu livro. Contento-me com salvar a despeza, e ficar com alguma coisa para cigarros.

— Quanto lhe custou isto ?

— Um preço de amigo : quatrocentos mil réis.

O Garnier tornou a folhear o volume, tornou a gemer, tornou a abanar a cabeça, mordeu com mais força o charuto, e finalmente disse, entregando-me o livro :

— *Monsieur le docteur*, não posso dar pelos mil exemplares mais de .. quatrocentos mil réis.

— Que diabo! pensei. Adivinhasse eu, e ahi estava um caso em que a mentira teria disculpa. Se eu dissesse a este homem que a despeza tinha sido de quinhentos mil réis, ganharia o que o meu generoso amigo Lombaerts não quiz ganhar...

Como eu estava morto por me ver livre d'aquella massada, e tinha certo desvanecimento, confesso, em ser editado pelo editor de tantos escriptores illustres, fechei o negocio pelos quatrocentos mil réis.

Poucos dias depois, mandei levar-lhe toda a edição. O milheiro não estava completo : faltavam, não sei como, vinte e tantos exemplares. O millionario descontou-os no pagamento, á razão de quatrocentos réis cada um...

Um mez depois de realisado o negocio, disse-me o sympathico Sr. Valladão (n'aquelle tempo empregado da livraria Garnier) que já o editor dos *Contos possiveis* tirára o custo da edição. Eu bem o presumia, pois para isso bastava que elle vendesse duzentos exemplares ; mais ainda assim soltei um suspiro de allivio: não fosse eu causar a ruina d'aquelle velho protector das lettras patrias !

A

LUZ DE AMOR

A luz do teu olhar suave e doce
Illuminou-me inteiramente a vida ;
Foi um raio de sol que a vida trouxe
A esta minha alma quasi amortecida
Como se d'este mundo já não fosse.

Já não me enluta agora a sombra escura
De um tormentoso e intimo desgosto ;
A luz do teu amor radiante e pura
Foi como um sol esplendido de Agosto
Que resplandece e limpido fulgura !

ADELINO FONTOURA.

CANTIGA DE ESPONSAES

Imagine a leitora que está em 1813, na egreja do Carmo, ouvindo uma d'aquellas boas festas antigas, que eram todo o recreio publico e toda a arte musical. Sabe o que é uma missa cantada ; póde imaginar o que seria uma missa cantada d'aquelles annos remotos. Não lhe chamo a attenção para os padres e os sacristães, nem para o sermão, nem para os olhos das moças cariocas, que já eram bonitos n'esse tempo, nem para as mantilhas das senhoras graves, os calções, as cabelleiras, as sanefas, as luzes, os incensos, nada. Não fallo sequer da orchestra, que é excellente: limito-me a mostrar-lhe uma cabeça branca, a cabeça d'esse velho que rege a orchestra, com alma e devoção.

Chama-se Romão Pires; terá sessenta annos, não menos, e nasceu no Vallongo, ou por esses lados. E' bom musico e bom homem; todos os musicos gostam d'elle. Mestre Romão é o nome familiar; e dizer familiar e publico era a mesma coisa em tal materia e n'aquelle tempo. « Quem rege a missa é mestre Romão, » — equivalia a esta outra fórma de annuncio, annos depois : « Entra em scena o actor João Caetano » ; — ou então : « O actor Martinho cantará uma de suas melhores arias ». Era o tempero certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa ! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste e passo demorado ? Tudo isso desapparecia á frente da orchestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar accendia-se, o riso illuminava-se; era outro. Não que a missa fosse d'elle; esta, por exemplo, que elle rege agora no Carmo é de José Mauricio; mas elle rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua.

Acabou a festa; é como se acabasse um clarão intenso, e deixasse o rosto apenas allumiado da luz ordinaria. Eil-o que desce do côro, apoiado na bengala; vae á sacristia beijar a mão aos padres, e aceita um logar á mesa do jantar. Tudo isso indifferente e calado. Jantou, sahio, caminhou para a rua da Mãe dos Homens, onde reside, com um preto velho, pae José, que é a sua verdadeira mãe, e que n'este momento conversa com uma visinha.

— Mestre Romão lá vem, pae José, disse a visinha.

— Eh! eh! adeus, sinhá, até logo.

Pae José deu um salto, entrou em casa, e esperou o senhor, que d'ahi a pouco entrava com o mesmo ar de costume. A casa não era rica, naturalmente; nem alegre. Não tinha o menor vestigio de mulher, velha ou moça, nem passarinhos que cantassem, nem flores, nem cores vivas ou jocundas. Casa sombria e nua. O mais alegre era um cravo, onde mestre Romão tocava algumas vezes, estudando. Sobre uma cadeira, ao pé, alguns papeis de musica; nenhuma d'elle. .

Anno I O ALBUM Num. 42

Phototypia J. Gutierrez.

ARTHUR NAPOLEAO

Ah ! se mestre Romão podesse, seria um grande compositor. Parece que ha duas sortes de vocação, as que têm lingua e as que a não têm. As primeiras realisam-se; as ultimas representam uma luta constante e esteril entre o impulso interior e a ausencia de um modo de communicação com os homens. Romão era d'estas. Tinha a vocação intima da musica; trazia dentro de si muitas operas e missas, um mundo de harmonias novas e originaes, que não alcançava exprimir e pôr no papel. Esta era a causa unica da tristeza de mestre Romão. Naturalmente o vulgo não atinava com ella; uns diziam isto, outros aquillo; doença, falta de dinheiro, algum desgosto antigo; mas a verdade é esta: — a causa da melancolia de mestre Romão era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia. Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas; mas tudo lhe sahía informe, sem ideia nem harmonia. Nos ultimos tempos tinha até vergonha da visinhança, e não tentava mais nada.

E, entretanto, se podesse, acabaria ao menos uma certa peça, um canto esponsalicio, começado tres dias depois de casado, em 1779. A mulher, que tinha então vinte e um annos, e morreu com vinte e tres, não era muito bonita, nem pouco, mas extremamente sympathica, e amava-o tanto como elle a ella. Tres dias depois de casado, mestre Romão sentio em si alguma coisa parecida com inspiração. Ideiou então o canto esponsalicio, e quiz compol-o; mas a inspiração não poude sahir. Como um passaro que acaba de ser preso, e forceja por transpor as paredes da gaiola, abaixo, acima, impaciente, aterrado, assim batia a inspiração do nosso musico, encerrada n'elle sem poder sahir, sem achar uma porta, nada. Algumas notas chegaram a ligar-se; elle escreveu-as; obra de uma folha de papel, não mais. Teimou no dia seguinte, dez dias depois, vinte vezes durante o tempo de casado. Quando a mulher morreu, elle releu essas primeiras notas conjugaes, e ficou ainda mais triste, por não ter podido fixar no papel a sensação da felicidade extincta.

— Pae José, disse elle ao entrar, sinto-me hoje adoentado.

— Sinhô comeu alguma coisa que fez mal. . .

— Não; já de manhan não estava bom. Vae á botica. . .

O boticario mandou alguma coisa, que elle tomou á noite; no dia seguinte mestre Romão não se sentia melhor. E' preciso dizer que elle padecia do coração : — molestia grave e chronica. Pae José ficou aterrado, quando vio que o incommodo não cedêra ao remedio, nem ao repouso, e quiz chamar o medico.

— Para que? disse o mestre. Isto passa.

O dia não acabou peor; e a noite supportou-a elle bem, não assim o preto, que mal poude dormir duas horas. A visinhança, apenas soube do incommodo, não quiz outro motivo de palestra; os que entretinham relações com o mestre foram visital-o. E diziam-lhe que não era nada, que eram macacoas do tempo; um accrescentava graciosamente que era manha para fugir aos capotes que o boticario lhe dava no gamão,—outro que eram amores. Mestre Romão sorria, mas comsigo mesmo dizia que era o final.

—Está acabado, pensava elle.

Um dia de manhan, cinco depois da festa, o medico achou-o realmente mal; e foi isso oque elle lhe vio na physionomia por traz das palavras enganadoras: — Isto não é nada; é preciso não pensar em musicas. . .

Em musicas! justamente esta palavra do medico deu ao mestre um pensamento. Logo que ficou só, com o escravo, abrio a gaveta onde guardava desde 1779 o canto esponsalicio começado. Releu essas notas arrancadas a custo, e não concluidas. E então teve uma ideia singular: — rematar a obra agora, fosse como fosse; qualquer coisa servia, uma vez que deixasse um pouco de alma na terra.

— Quem sabe ? Em 1880 talvez se toque isto, e se conte que um mestre Romão. . .

O principio do canto rematava em um certo *lá*; este *lá*, que lhe cahia bem no logar, era a nota derradeiramente escripta. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal: era-lhe preciso ar. Pela janella vio na janella dos fundos de outra casa dous casadinhos de oito dias, debruçados, com os braços por cima dos hombros, e duas mãos presas. Mestre Romão sorrio com tristeza.

— Aquelles chegam, disse elle, eu saio. Comporei ao menos este canto que elles poderão tocar . .

Sentou-se ao cravo; reproduzio as notas e chegou ao *lá*. . .

— *Lá, lá, lá* . . .

Nada! não passava adiante. E contudo, elle sabia musica como gente.

— *Lá, dó... lá, mi... lá, si, dó, ré .. ré... ré* . . .

Impossivel! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas emfim alguma coisa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado. Voltando ao principio, repetio as notas, buscava rehaver um retalho da sensação estincta, lembrava-se da mulher dos primeiros tempos... Para completar a illusão, deitava os olhos pela janella, para o lado dos casadinhos. Estes continuavam alli, com as mãos presas e os braços passados nos hombros um do outro; a differença é que se miravam agora em vez de olhar para baixo. Mestre Romão, offegante da molestia e de impaciencia, tornava ao cravo; mas a vista do casal não lhe suppriria a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

— *Lá... lá... lá...*

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escripto e rasgou-o. N'esse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar á

toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo *lá* trazia apoz si uma linda phrase musical, justamente a que mestre Romão procurára durante annos sem achar nunca. O mestre ouviu a com tristeza; abanou a cabeça, e á noite expirou.

MACHADO DE ASSIS.

ACTUALIDADES

III

COPLAS

(Musica: *Eu r'venant de la r'vue*)

I

Custodio estava na Marinha,
Mas deixou logo esse logar:
A pasta já lhe não convinha
Por incompatibilisar...
Mas, vendo agora o grande veto,
Que de desgosto o poz repleto,
Todo abrasado em furia van,
P'ra bordo foi do *Aquidaban*.
E ahi virou, mexeu,
Os fogos accendeu,
Convencidissimo talvez
De que faria um Vinte-e-Tres...
E ao Itamaraty
Mandou dizer d'alli
Deixassem-lhe o Poder,
Pois outro qu'ria lá metter...
O Marechal,
Como era natural,
Foi rispido e formal...
Que desengano!...
E o valentão
Comsigo disse então:
Não é nenhum poltrão
Este Floriano!

II

Custodio capturou navios,
Arranjou polvora a fartar,
E, se lá tem tantos vadios,
Nenhum se arrisca a jejuar.
Fez fogo contra as fortalezas,
Matou senhoras portuguezas,
Deitou abaixo um carrilhão
E apoderou-se da Armação...
Elle o simão pintou,
Com um pimpão se armou;
Póde mais gente esquartejar,
Mais carrilhões espatifar;
Mas, pelo que se vê,
Eu cá sustento que
Não mais aqui põe pé,
E uma apostasinha faço até!
A gente san
Não teme que amanhan
Regougue o *Aquidaban*,
Uive a *Trajano!*
E' não tremer
Emquanto no Poder
Deus nos consinta ver
Mestre Floriano!

III

Custodio sente-se mais forte
Que o *Aquidaban* e o *Javary*,
Porque ligada á sua sorte
Vê toda a flor do Cucuhy...
Teve, confesso, algum juiso
Em ter levado o grande Anfriso,
Que o Eldorado aqui fundou
E com canhões se habituou.
Com elle a bordo está
Um ministerio já,
Que, toda a gente á uma o diz,
Poria em talas o paiz;
Mas não receie ninguem,
Pois nada apanha quem
A bordo vejo estar
Em aguas turvas a pescar...
O Marechal
E' chefe nacional
E constitucional
Por mais um anno!
Queira o Senhor
Que, quando este se fôr,
Alli possamos pôr
Outro Floriano![1]

GAVROCHE.

[1] Póde o côro accrescentar com a mesma musica:
Porém paizano.

A MORPHETICA

Aurora, uma bella criança, assaltada pela morphea aos quinze annos, vivia retirada do mundo.

Ficára completamente orphan em companhia da velha tia: guardião do passado, rebento unico da familia paterna.

No silencio tumular da vetusta casa, no meio da immensa fortuna herdada, a moça não podia encontrar a felicidade, nem o bem estar sequer.

O coração, completamente condemnado ao ostracismo do amor, não ousava sonhar ventura alguma; as inspirações seriam abafadas pela hediondez da doença que lhe contaminava o corpo.

As festas profanas e ruidosas do mundo, o espectaculo esplendente da natureza, as devoções mysticas e pomposas dos templos, os gosos inebriantes da volupia, tudo lhe era vedado; como Tantalo, sentia nos labios o pomo da ventura, mas não lhe podia tocar: o destino tolhera-a, cravando-lhe aquellas cicatrizes no rosto.

De tudo que a rodeava, de todas as scenas ruidosas, dos panoramas varios, só lhe agradava o cemiterio... a velha necropole, negra e tetrica, que contemplava, do balcão de sua janella, com prazer melancolico. E os seus olhos, como os do peregrino a divina Mecca, fitavam com alegria o jasigo final, onde se depuram as maculas humanas, d'onde a alma, purificada n'um banho de luz, evola para o seio do Almo, emquanto o corpo, no ventre da grande mãe, se transforma em embrião de plantas, dando-nos flores e fructas.

E essa crença viva na immortalidade da alma, a confiança na prestabilidade eterna do corpo, que léra, não sabia onde, davam-lhe o bem estar no meio das agonias de precita condemnada a dores perennes.

*

Mas, nem a placidez apathica do *eu* em face do mundo, de que se divorciára, nem a soledade e a melancolia do seu peito foram duradouras. A alma, até ahi virgem de qualquer paixão, robustecera-se para erguer-se bradando contra os direitos postergados.

Aurora amou aos 25 annos... Amou com a ardentia e o enthusiasmo de um coração em toda plenitude de forças.

O objecto de seu amor, um rapaz elegante, passava todas as tardes em frente de sua janella, sahindo de uma casa visinha para onde se mudára havia pouco.

Julgando-se completamente incompativel com o mundo, a moça procurou abafar no peito aquella paixão, alma da vida, mas, para ella, nas condições physiologicas do seu ser, mais cruel, mais terrivel e dolorosa que a propria morte.

Da louca chamma que lhe incendiava o coração, pensava, não deixaria sentir uma scentelha sequer; pois uma só seria bastante para atear no amante o despreso... peior mil vezes que a condemnação de não poder amar, mais horrivel que o inferno de não ser amada.

*

Aurora, rica bastante para comprar um noivo, não achava o amante dilecto com caracter de vender-se; nem ao seu espirito, intelligente e nobre, agradava a ideia de comprar o objecto sonhado em suas illusões de virgem.

E, com tudo, o amor proprio, base do orgulho humano, fizera nascer a esperança em seu coração.

Ella víra o querido sonho de sua vida andar em torno da casa, miral-a, examinal-a e, pela velha criada, soubera que elle indagára se a moça era rica, quem habitava com ella.

Quasi doida de jubilo murmurava comsigo:

— Amar-me-á, meu Deus, amar-me-á?

Quando o mancebo passou á tarde, olhando para a janella, Aurora bemdisse-o por aquella esmola de um raio de esperança, pelo esquecimento momentaneo que lhe dera da vida infernal em que vivia.

E á noite, nas suas orações pedindo á Virgem a sanidade do corpo, a salvação do espirito, envolvia o nome do idolo de seu coração, implorando de Deus venturas mil para o homem que lhe dera mil venturas.

*

A noite era escura e pelo lado do oriente ameaçava borrasca.

A morphetica deitou-se almejando o somno, conductor de bellos sonhos, unico prazer de sua vida.

Sonhou... Era uma visão esplendida em que as suas esperanças de donzella estavam realisadas.

Preparava-se para o proprio consorcio. Desconhecia-se: olhára para um grande espelho fronteiro, e — coisa incrivel — o rosto, completamente coberto de tuberculos, estava agora liso e assetinado; as manchas rubras da morphea transformaram-se em duas rosas desmaiadas que lhe ornavam as faces... As mãos, o corpo, tudo estava em perfeito estado. Apalpou o semblante para se convencer da realidade do que via, e a sua mão tocou a maciez avelludada de sua bella cutis. Correu os olhos em torno para que a vissem em toda a plenitude de belleza, e deparou com uma metamorphose estranha — dir-se-ia obra de fada.

O velho casarão de seus avós transformára-se n'um rico palacete; a alcova negra, unctuosa, onde as mãos do pintor não tocavam havia muito, mudára-se n'uma camara sumptuosa, onde o ouro, o velludo, a purpura, tudo o que a phantasia asiatica havia inventado, se via profusamente, artisticamente posto com harmonia e belleza.

E tudo estava prompto: os convidados, os paes; só faltava o noivo e não poderia tardar.

Annunciaram-no afinal.

Aurora ia sahir, radiante de goso e de belleza...

Um trovão repercute de subito e ella acorda.

Pela luz do relampago, entrando pela janella, vio um vulto tentando arrombar o movel onde guardava a sua fortuna.

Ergueu-se amedrontada, gritando soccorro.

O malvado voltou-se e, segurando-a pelo braço, ordenou silencio.

Ella gritou ainda.

A lamina de um punhal luzio na claridade dubia do quarto e a moça tombou ferida no peito.

A luz de um relampago bateu de chapa sobre o rosto do assassino, e Aurora reconheceu o sonhado noivo de suas illusões.

— Que pesadelo horrivel, meu Deus! exclamou, e morreu.

De todas as esperanças, de todas as illusões de sua vida, só uma ficára de pé: — era a crença de que não passára de um sonho a acção feroz do homem amado, o ladrão que a matára para roubar.

A. Foscolo.

Recebemos os primeiros numeros do *Trabalho*, publicação semanal do Centro de Immigração e Trabalho, de S. Paulo. Este interessante periodico, escripto nos idiomas italiano e portuguez e redigido pelo Sr. Domenico Rangoni, propõe-se a ser « o conselheiro, o guia do immigrante e do lavrador» .

Recebemos, tambem de S. Paulo, *Fanfula*, folha tri-semanal de que é director-proprietario o Sr. Vitaliano Rotellino, e que publica a seguinte declaração: « *Fanfula è l'unico giornale indepentente italiano nel Brasile* ».

Tambem nos visitaram a *União*, da Villa de S. Manoel (Minas), a *Folha* de Barbacena, e o *Noticiarista*, de Taubaté, do qual é redactor principal o Sr. Alvaro Guerra.

NO ALBUM DE ADELINA VIEIRA

Dizem lendas de outr'ora que Sakhyra,
O indiano Christo legendario e santo,
De estranho e raro e mysterioso encanto
Uma jarra finissima possuia.

N'ella flores lançando noite e dia
Nobres e ricos, viam com espanto
Vasia sempre a jarra, a qual, no emtanto,
Uma só flor, das mãos de um pobre, enchia

Assim teu coração; — o ideal thesouro
Dos nababos do verso, estrophes de ouro
D'elle não chegam a alcançar a altura.

Mas, para vel-o transbordar de affecto,
Bastam somente um meigo olhar discreto
E uma palavra meiga de ternura.

ZALINA ROLIM.

26—9—93.

N'UM ALBUM

A DEMOSTHENES CORREIA NETTO

Do teu album as laudas devolutas,
Que a negra tinta vae manchando agora,
Do que seja esta vida enganadora
Fazem pensar n'umas ideias brutas...

Lembram-me que ás candúras impollutas
Que moram na alma d'uma infancia loura,
Succedem a calumnia que desdoura,
E o tredo desengano e as duras lutas.

O papel dá-me a ideia da candura,
E a tinta a da calumnia torva, escura,
Que a alma enodòa de quem vae tocando!

...Senhora minha, este teu album fecha,
Mas paginas em branco algumas deixa
Que a tua vida fiquem memorando!...

FRICINAL VASSICO.

THEATROS

No dia 8 do corrente mez de Outubro fez um anno que falleceu Guilherme de Aguiar.

Ninguem se lembrou de commemorar, ao menos com duas linhas na imprensa, o primeiro anniversario da morte do nosso grande artista! Decididamente *les morts vont vite*...

*

Ha dias, na vespera de embarcar para a Europa, o festejado *maestro* Marino Mancinelli disse-me que se associára ao sr. Bartholomeu Correia da Silva, proprietario do Theatro Lyrico, para trazer ao Rio de Janeiro uma companhia lyrica digna do publico fluminense.

Emquanto não nos regalamos com esse presente, contentemo-nos com o Polytheama, onde acaba de se estreiar, representando a *Aida*, de Verdi, a companhia Sonzoni.

Na noite da estreia ouviam-se tiros ao longe e chovia a cantaros; deixei-me ficar em casa, mesmo porque o *Album* não foi convidado para o espectaculo.

Dizem-me que a companhia é a melhor que se póde exigir em tempo de revolta, e que, apezar dos pezares, o publico foi ao Polytheama.

Embora; quer me parecer que os artistas do sr. Sonzoni fariam mais negocio n'um theatro improvisado a bordo do *Aquidaban* ou na fortaleza de Villegaignon. No Rio de Janeiro, actualmente, só elles, os revoltosos, têm alma para divertir-se.

*

No Sant'Anna trabalha agora uma companhia portugueza sob a direcção do actor Joaquim Silva, e da qual fazem parte as actrizes Amelia Garraio e Palmyra, e os actores Julio Vieira, Cardoso e outros.

Essa companhia tem representado pequeninas comedias, monologos, etc. Como peça de resistencia deu as *Intrigas no bairro*, de Luiz de Araujo, *pochade* que seria um primor se tivesse sido escripta com mais paciencia. Joaquim Silva é impagavel no papel do mestre sapateiro. A concurrencia tem sido a melhor que se póde desejar nos tempos calamitosos que atravessamos.

*

No Recreio fez-se uma *reprise* do *Poder do ouro*, e o Apollo festeja a 50ª representação do *Abacaxi*.

*

Os outros theatros conservaram-se fechados durante a semana.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 43 SEGUNDA SÉRIE OUTUBRO DE 1895

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

João Clapp	Amarante.
Chronica Fluminense	A.
Mundo Interior	Machado de Assis.
O Contrabando	Arthur Azevedo.
Actualidades	Gavroche.
Guilherme de Aguiar	A. A.
Tarde	A. Peres Junior.
A mortalha de Alzira	Cosimo.
Chanson	E. Le Mouel.
A' « Semana »	Cosimo.
O sorriso	A. J. Teixeira Lopes.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

VISCONDE DE ALVARENGA

JOÃO CLAPP

O cidadão benemerito, cujo retrato honra hoje a galeria do *Album*, nasceu na heroica provincia do Rio Grande do Sul, em 1º de Março de 1840. E' filho legitimo do norte-americano Agostinho Clapp e de D. Anna de Jesus Clapp.

Tendo completado os seus estudos n'esta capital, aonde se tranferio com toda a sua familia em 1851, dedicou-se á carreira commercial.

Deve-se-lhe a fundação da Caixa Economica Perseverança Brasileira, instituição de credito que prosperou a ponto de fazer emprestimos ao governo, sendo mais tarde forçada a liquidar pela pressão de um gabinete escravocrata, em virtude das ideias abolicionistas do seu fundador e director, que tinha ainda contra si o ser republicano exaltado, ter sido, ao lado de José Maria do Amaral, Limpo de Abreu e outros, fundador do primeiro club de propaganda republicana que aqui houve, e ter feito parte do directorio geral do partido.

João Clapp logrou, entretanto, a grande satisfação, o violento prazer de assistir, ao lado de Deodoro da Fonseca e de Benjamim Constant, á proclamação da Republica em 15 de Novembro de 1889, e foi um dos signatarios do auto de compromisso do Governo Provisorio, firmado no dia seguinte perante a Camara Municipal, reunida para sanccionar o memoravel acto politico da vespera.

No periodo da organisação republicana do Estado do Rio de Janeiro, occupou o cargo de presidente da Intendencia Municipal de Nictheroy.

Depois, desenvolvendo a actividade febril que é a sua virtude mais caracteristica, foi um dos fundadores do Banco do Povo e da Companhia Cidade da Gavea, empreza de muito futuro, a que se tem dedicado com perseverança e patriotismo.

E' estabelecido nesta praça com uma casa commercial, em que se associou a dous dos sete filhos nascidos do seu feliz casamento com D. Joanna Jardim, realisado em 9 de Agosto de 1862.

*

Mas onde o vulto de João Clapp se destaca é na gloriosa campanha abolicionista. A historia do Brasil reserva-lhe sem duvida uma pagina de honra, em que elle figurará ao lado de José do Patrocinio, Joaquim Nabuco, Ferreira de Menezes e outros valorosos soldados da grande ideia.

Desde os primeiros momentos, na imprensa sem ser jornalista, na tribuna sem ser orador, na praça publica sem ser tribuno, nos tribunaes sem ser advogado, João Clapp lutou, lutou, lutou, offerecendo o peito descoberto a todos os perigos, a todos os rancores, a todas as vinganças, a todas as calumnias! Nunca houve agitador politico ou religioso mais convencido da sua causa nem mais escravisado aos seus sentimentos!

Fundou a Escola e o Club de Libertos de Nictheroy, creou... Mas aonde me levaria a enumeração de todos os serviços que elle prestou á liberdade?... de todas as pedras que elle carregou para os alicerces do fulgurante edificio cuja cumieira foi posta pela condessa d'Eu em 13 de Maio de 1888?

Para assegurar a João Clapp um logar de honra na chronica da liberdade, basta lembrar que, em

assembleia geral de todas as sociedades abolicionistas do Rio de Janeiro, elle foi eleito presidente da legendaria Confederação Abolicionista, instituição que formava o laço de união da propaganda libertadora no Brasil e na Europa. Exerceu o honrosissimo cargo em todo o periodo da existencia d'essa formidavel agremiação.

Finalisamos, repetindo o que dissemos ao começar este artigo : João Clapp é um cidadão benemerito. Honra lhe seja.

AMARANTE

CHRONICA FLUMINENSE

21 de Outubro.

Ferreira de Araujo lavrou dous... Dous ?... lavrou uma infinidade de tentos com o seu bellissimo artigo concitando o eleitorado a não abandonar as urnas para as eleições que se deviam realisar de hoje a nove dias, foram agora sabiamente adiadas para dezembro, e das quaes dependem o restabelecimento da paz e o futuro da Republica.

Esse artigo, que produzio magnifico effeito, devia ser impresso em avulso aos milhares, e distribuido pelo paiz inteiro : é convincente, é logico, é patriotico, d'esse patriotismo frio e desapaixonado, que eu quizera ver dominando toda a nossa imprensa diaria.

No momento angustioso que atravessamos, a abstenção do voto é mais que um erro, é um crime de lesa-Patria. Maldito seja o brasileiro que, sob o protexto do estado anormal em que nos achamos, renunciar ao direito de escolher entre os seus compatriotas aquelles a quem lhe parece que devam ser confiados os destinos da Nação ! Maldito seja o brasileiro que sacrificar aos seus commodos, aos seus receios e á sua inercia, esse direito que as actuaes circumstancias transformam em dever de honra, indeclinavel e sagrado !

A's urnas, cidadãos !

*

Emquanto nas aguas da formosa Guanabara um almirante brasileiro dá ao mundo o vergonhoso espectaculo a que assistimos vae para dous mezes, a velha França recebe com ruidosas e brilhantes festas a esquadra russa ancorada em Toulon.

*

Infelizmente esses festejos de paz e alliança foram nublados por dous tremendos lutos : a França acaba de perder Mac-Mahon e Gounod. Morreu o glorioso heróe de Magenta ; morreu o glorioso autor do *Fausto*, a musica mais inspirada, mais bella, mais suggestiva que ainda se escreveu.

*

Nós tambem por cá tivemos os nossos mortos : o velho professor James Hewitt, que deixou uma traducção (boa, dizem) dos *Luziadas*, e o ex-senador Silveira da Motta, parlamentar da tempera antiga, grande abolicionista, liberal do velho regimen, e que, depois do 15 de Novembro, teve o bom senso de se metter em casa e não figurar no carnaval politico, disfarçado em republicano.

A.

MUNDO INTERIOR

Ouço que a natureza é uma lauda eterna
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,
Uma escala de luz, uma escala de vida
Do sol á ultima luzerna.

Ouço que a natureza — a natureza externa —
Tem o olhar que seduz e o gesto que intimida,
Feiticeira que ceva uma hydra de Lerna
Entre as flores da bella Armida.

E comtudo, se fecho os olhos e mergulho
Dentro em mim, vejo á luz de outro sol outro abysmo,
Em que um mundo mais vasto, armado de outro orgulho,

Róla a vida immortal e o eterno cataclysmo,
E, como o outro, guarda em seu ambito enorme
Um segredo que atráe, que desafia e dorme.

MACHADO DE ASSIS.

O CONTRABANDO

A VALENTIM MAGALHÃES

I

Geraldo casou-se muito novo, em 1871, aos vinte annos, e enviuvou aos trinta. Solteiro, foi um menino turbulento ; casado, era um moço alegre ; viuvo, tornara-se um macambuzio.

Foi para o pobre rapaz um golpe terrivel e esmagador a morte da esposa querida, excellente senhora, bonita e bem educada, mais nova dous annos que o marido. Elle morreria tambem, se em 1874 não lhes houvesse nascido uma filhinha.

Orpham e sem parentes, Geraldo vive hoje apenas para essa criança, que vae fazer dezesete annos e é linda como os amores. Não a tem comsigo, mas no proprio collegio, em que a mandou educar e de onde não a tirou ainda por não ter a quem confial-a.

Aos domingos almoça e janta com ella ; vae pela manhan buscal-a ás Larangeiras, e tral-a para casa, em S. Christovam, depois de ouvirem ambos a missa das dez na matriz da Gloria. A' noite leva-a para o collegio.

N'esses dias a casa do viuvo — o convento, como lhe chamam os visinhos — transforma-se ; as janellas abrem-se, o piano desperta os echos adormecidos da sala, e ha flores por toda a parte. Depois que a menina sae, a casa readquire o seu aspecto sombrio e monastico.

Nos outros dias Geraldo consola-se da ausencia de Margarida — é este o nome d'ella — esquecendo os olhos na contemplação do seu retrato, uma grande photographia recente, emoldurada, que enfeita e alegra a parede da sala, por cima do piano.

Infelizmente o viuvo não possue o retrato da morta, mas a filha parece-se tanto com a mãe, que a imagem de uma é bastante para aproximal-o mentalmente de ambas, e confundil-as no mesmo carinho e na mesma saudade.

Geraldo é funccionario publico. Ergue-se muito cedo, toma o seu banho frio, lê os jornaes e almoça. Depois do almoço vae para a sua repartição, de onde sae ás tres horas. Atravessa vagarosamente a rua do Ouvidor, parando defronte das *vitrines*, sem fallar a ninguem, comprimentando apenas os raros conhecidos que encontra. A's cinco horas está em casa ; janta, accende um charuto — fumar é o seu unico vicio —, e vae passar duas horas sentado n'uma poltrona, contemplando o retrato da filha. A's oito horas recolhe-se ao gabinete e lê até as onze. Deita-se então, e péga immediatamente no somno. A's vezes vae buscar Margarida, leva-a ao theatro lyrico, e acompanha-a ao collegio depois do espectaculo, — mas isso é raro.

Além d'elle, ha em casa uma cosinheira que dorme fóra, e um famulo portuguez, o José, homem de confiança, que accumula as funcções de criado de quarto, copeiro e jardineiro. Geraldo faz questão do jardim por causa dos domingos : Margarida gosta de flores.

II

Estamos n'uma tarde de Março de 1891. Geraldo dá um dos seus passeios habituaes pela rua do Ouvidor ; pára defronte da *vitrine* do Preço Fixo, e sente alguem pousar-lhe as mãos nos hombros. Volta-se, e reconhece o Tavares, que fôra seu condiscipulo no collegio Marinho, — um grande estroina que se ensaiou sem resultado em tres ou quatro profissões diversas, e tem agora muito dinheiro, ganho na rua da Alfandega em transacções da Bolsa.

— Oh, Geraldo, andava morto por encontrar-te! Ia escrever-te amanhan...

— Estou ás tuas ordens.

— E's ainda muito urso ?

— Sou e serei. Bem sabes que ha dez annos desde que perdi minha mulher, perdi tambem toda a alegria, e só me comprazo na solidão e no silencio. Se me encontras na rua do Ouvidor, é porque, depois de azoinado por este bullicio, acho ainda mais deliciosa a paz do meu tugurio.

— Bem, mas vaes sacrificar-me um dia, um dia só, d'esse isolamento em que te comprazes : has de jantar commigo quinta-feira !

— Eu ? !

— Tu, sim ; n'esse dia faço quarenta annos, e quero reunir á mesa alguns amigos da minha edade.

— Sabes lá o que dizes, desgraçado ! Os meus quarenta annos iriam ensombrar os seus ! Pois queres á tua mesa um contemplativo, um urso, como tu mesmo me classificas ?

— Faço questão de tua presença !

— Não ! não vou ! não contes commigo ! Ha dez annos que janto sosinho, ou, quando muito, em companhia de minha filha !

— Ha dez annos que não jantas...

— Gósto de ti, sou teu amigo, considero-te muito, mas não terei o menor prazer n'esse jantar de annos.

— Oh, grande typo, sê mysantropo, mas — que diabo ! — não sejas d'esse modo egoista ! Não se trata do teu prazer mas do meu, entendes tu ? Exijo um sacrificio de tua parte, bem sei ; mas, como te declaras meu amigo, tens o dever de te submetteres á minha vontade ! Vens a contra gosto ?... que bem me importa !... o essencial é que venhas ! Quem te mandou ter quarenta annos ? Agora aguenta-te !

III

Na quinta-feira aprazada Geraldo sahio da repartição ás horas do costume e foi direito para casa. Não se calcula o espanto da cosinheira e do José quando o patrão lhes disse : Janto hoje fóra.

O macambuzio foi para o seu quarto, mudou de roupa, lançou um olhar saudoso ao retrato da filha, e sahio.

Uma hora depois entrava em casa do Tavares, em Botafogo, e cahia-lhe a alma aos pés : na sala, sentados aqui e alli, fazendo roda ao dono da casa, estavam quatro sujeitos e cinco mulheres elegantemente vestidas, empoadas, pintadas e cheias de joias e brilhantes.

Geraldo estacou entre os umbraes da porta e teve um movimento retroactivo em presença de tantas *cocottes* ; mas o Tavares desprendeu-se dos braços de uma d'ellas, a mais bonita, e foi buscal-o com um abraço.

— Bravo ! Cá está o homem ! Agora não falta mais nenhum ! Estão reunidos seis amigos de quarenta annos. Nascemos todos em 1851. — Conhecem-se ?

Dos quatro sujeitos, Geraldo apenas conhecia um, o Eduardo Tavora, doutor em medicina, que fôra tambem seu condiscipulo no collegio Marinho. O Tavares apresentou-lhe os outros: o visconde do Sabugal, opulento banqueiro que ha seis annos ainda era moço de padaria, — o doutor Bandeira, advogado, — e o Motta, um rapaz portuguez muito activo mas muito pandego, que tinha deitado fóra duas fortunas, e desfructava agora a terceira, que era a maior.

Seguio-se a apresentação das *cocottes*. O Tavares principiou pela mais bonita: — Mademoiselle Georgina, madame Tavares até amanhan alli pelas onze horas o mais tardar; uma pariziense que nunca poz os pés em Pariz; nasceu e cresceu em Bordeaux, e de lá veio o anno passado, contractada para as Folies-Bergère do beco do Imperio. Não falla uma palavra de portuguez e não tem medo da febre amarella.

Geraldo comprimentou mademoiselle Georgina com muito acanhamento.

— Conchita e Mercedes, ambas hespanholas de Buenos-Aires, como a outra é pariziense de Bordeaux, — duas moscas varejeiras, attrahidas pelo mel do Encilhamento dos *macaquitos*. — A Sinhá, uma paulista que deu volta a todas as cabeças em S. Paulo e está conquistando todos os corações na Capital Federal. — Angelina — *chapeau bas!* —, a italiana mais bonita que tem pisado terras de Santa Cruz!

E baixinho, ao ouvido de Geraldo:

— E' das nossas. Nasceu tambem antes do Golpe de Estado...

O viuvo estava atordoado. Elle apertára a mão ás cinco mulheres, e cada uma d'ellas lhe impregnára um perfume diverso.

Chamou o Tavares ao vão de uma janella, e disse-lhe:

— Armaste-me uma cilada. Vou fazer triste figura entre essas typas. Não sirvo para isto.

— Ora deixa-te de luxos! Que mal podem ellas fazer-te?

— Nenhum.

— Mandei buscal-as para enfeitarem a meza. Faze de conta que são flores...

— Que flores!...

— Ellas são cinco e nos somos seis. Sobra um, que és tu. Uma vez que o genero não te agrada, fica isolado. Tu'alma tua palma.

A's sete horas passaram todos á sala de jantar. Os cavalheros deram o braço ás damas. Geraldo ia sosinho, no couce d'esse batalhão de Cythera.

A meza, uma meza circular, de doze talheres, resplandecia entre flores e fructos, n'uma profusão de luzes que se reflectiam nos christaes multicores.

O Tavares sentou-se entre a franceza e a italiana; o visconde ficou entre esta e a Conchita, e junto da Conchita o Motta, e ao pé do Motta o nosso Geraldo, que deixou entre si e a Mercedes uma cadeira vasia; junto da Mercedes ficou o doutor Bandeira, tendo á sua direita a Sinhá, e entre esta e mademoiselle Georgina tomou logar o doutor Tavora.

O Motta protestou contra a cadeira vasia:

— Isto não está direito: somos seis homens e cinco senhoras!

— Estamos no Paraguay! exclamou o doutor Tavora.

— Uma semsaboria, obtemperou o Tavares; madame Bertin ficou de trazer seis raparigas e só trouxe cinco. Eu pul-a immediatamente a andar, e disse-lhe que não voltasse aqui sem a sexta. Conto que a traga. Se vier, ha de sentar-se alli, entre o Motta e o Geraldo.

Acabada a sopa, discretamente regada por um delicioso Madeira secco, abrio-se uma porta e appareceu na sala a figura encarquilhada da tal madame Bertin, uma franceza que brilhou entre o mulherio galante do Rio de Janeiro de 1855 a 1860, e exerce agora a ignobil profissão de medianeira de amores faceis.

A entrada da velha foi ruidosamente acolhida com palmas batidas por vinte mãos, que vinte e duas seriam se Geraldo não se abstivesse d'essa manifestação.

— Mas que é isto?... a senhora veio só?!... perguntou o Tavares, arregalando uns olhos furibundos.

— Não; ella está na saleta; é ainda muito acanhada.

O Tavares ergueu-se e foi á saleta. Voltou, conduzindo pela mão uma rapariga morena, muito envergonhada, com os olhos postos no chão, e tão nova, tão nova, que certamente não tinha ainda vinte annos.

— Foi o que pude encontrar, ponderou madame Bertin durante a curta ausencia do Tavares.

— Passe para a outra cadeira, disse logo o Motta a Geraldo; a pequena deve ficar sentada entre nós dous. Entretenha-se o amigo com ella, porque eu cá estou muito occupado com a Conchita.

Geraldo obedeceu enfiado, e o Tavares conduzio a recemchegada até a cadeira que ficou vasia.

— Quanto á senhora, disse o Tavares retomando o seu logar e dirigindo-se a madame Bertin, vá lá para a copa; coma e beba á vontade!

— Sim, adduzio o visconde; aqui não ha logar para mais ninguem... não queremos ser treze á meza...

— E demais, accrescentou o Motta, não podem tomar parte n'este jantar pessoas que tenham mais de quarenta annos!

Todos se riram e madame Bertin desappareceu.

ARTHUR AZEVEDO.

(Continúa.)

Phototypia J. Gutierrez.

JOÀO CLAPP

ACTUALIDADES

IV

GOUNOD

Morreste, ó velho passaro canoro,
Mas o teu *Fausto* nunca morrerá:
Nota por nota, almo e sonoro,
Nos corações gravado está.

Só se do mundo a machina parar
E a propria Morte entrar na sepultura,
Se deixará de ouvir cantar:
Salve, dimora casta e pura!

GAVROCHE.

GUILHERME DE AGUIAR

No ultimo numero do *Album* houve quem lamentasse ter passado despercebido o primeiro anniversario do fallecimento de Guilherme de Aguiar.

Na verdade, não ha terra onde os homens notaveis morram mais completamente, mais definitivamente que no Rio de Janeiro.

*

O enterro sahio do hospital de Santo Antonio em 9 de Outubro de 1892. Sentindo-se mal, o pobre actor, que desde criança era irmão da respectiva Ordem Terceira, poucos dias antes se recolhêra áquella casa de caridade e lá soltára o ultimo suspiro.

O cadaver estava depositado n'uma pequena capella. Fui vel-o. Ninguem reconheceria o grande artista: estava magro, entanguido, e tinha uns bigodes como os que elle punha quando representava o *Dia e a noite*.

Acompanhámos o coche funebre a pé até a rua do Lavradio, e ahi tomámos os carros. Eramos cincoenta ou sessenta pessoas. Alguns artistas dramaticos. Ninguem da imprensa.

Fazia parte do prestito um artista popularissimo que d'ahi a dous mezes era tambem enterrado: o Vasques. Dir-se-ia que interrompêra a sua agonia para ir prestar aquella ultima homenagem ao collega. Estava desfigurado, cadaverico, tinha a barba crescida e o rosto entumecido pelo cancro que o assassinou. Não sei qual dos dous causava mais dó, — se o morto, se o moribundo.

No cemiterio assistimos a uma scena que nos impressionou profundamente. O Vasques approximou-se do feretro e pronunciou algumas palavras que terminaram por esta nota commovedora: « Adeus, Guilherme. Está terminado o teu espectaculo; eu ainda estou representando o meu ultimo acto. » Effectivamente, dentro em pouco tempo cahia o panno.

Cardoso de Menezes proferio um eloquente discurso, e eu li o seguinte *adeus*, que reproduzo n'estas columnas, não pelo que vale, mas pelo simples desejo de deixar archivado, n'uma folha que me pertence, um documento em que puz todo o meu affecto e toda a minha sinceridade:

« Permitti, meus senhores, que eu não deixe desapparecer para sempre o nosso querido Guilherme de Aguiar sem lhe dizer duas palavras de adeus. Outros o fariam melhor, bem sei; mas eu não me quero furtar a um piedoso dever, imposto pela minha admiração, pela minha amisade, e, sobretudo, pelo meu reconhecimento.

Guilherme de Aguiar desapparece em plena florescencia do seu talento, acclamado pelo publico e ao som dos ultimos echos d'essas acclamações. Deus não quiz que elle se sobrevivesse, como tantos outros, e que nós ainda uma vez assistissimos ao doloroso espectaculo da decadencia de um grande artista. Todavia a perda é irremediavel: Guilherme de Aguiar, depois de João Caetano, não teve quem o excedesse no palco brazileiro, nem tem quem o substitua. Esta é uma verdade que não póde ferir a nenhum dos nossos artistas, porque de todos elles isso mesmo tenho muitas vezes ouvido.

A prova mais positiva e brilhante do alto valor de Guilherme de Aguiar, foi que nunca procurou impor-se, humilhando ou deprimindo collegas. Ao contrario de certas mediocridades que se tornam aceitas á força de charlatanismo e de audacia, elle comprazia-se na solidão e no silencio, « escondia a sua vida », para empregar aqui uma expressão de Victor Hugo, e levava a sua aversão pelos tambores e atabales da *reclame* ao ponto de systematicamente não passar pela rua do Ouvidor, e não concorrer com a sua pessoa para essa exposição permanente de notabilidades.

Está na memoria de todos o ruidoso, o inesperado, o inolvidavel triumpho que o nosso artista alcançou ao lado de Antonio Pedro, no *Drama do Povo*, de Pinheiro Chagas.

O eximio actor portuguez trazia n'essa obra um papel expressamente escripto para elle; vinha do seu paiz consagrado pelas plateias, pisava o glorioso palco do legendario theatro S. Pedro com a sombraceria heroica de um conquistador, e o publico fluminense esperava-o fremente de enthusiasmo.

N'essa noite memoravel, Guilherme devia representar um pequenino papel de velho fidalgo. Figurava apenas n'um acto, só n'uma scena, e esta scena bastou para que elle se tornasse a figura culminante da representação. Antonio Pedro, Pinheiro Chagas, o *Drama do Povo*, — tudo desappareceu diante do personagem corneliano, sereno e olympico, do velho fidalgo, — e todos os applausos, todas as acclamações, todos os enthusiasmos voltaram-se para Guilherme de Aguiar. Que bem faz, no meio da nossa dor, lembrar essa noite de gloria diante d'estes despojos!

Demasiado longo seria o meu discurso, se eu pretendesse lembrar-vos todas as victorias d'este general da arte, que nas batalhas do theatro não conta uma unica derrota. A sua memoria, como a de João Caetano, viverá eternamente no espirito e no coração do povo.

Adeus, meu pobre Guilherme, adeus! O teu corpo ainda aqui está, hirto e gelado, mais já o teu espirito paira nas regiões luminosas do Incognoscivel. Que elle inspire aos governadores da nossa Patria para nos darem a esmola de um theatro, onde se gravará em lettras de ouro o teu nome honrado e illustre, onde a saudade do teu grande talento animará a todos nós, tristes operarios da arte dramatica. »

A. A.

Fomos obsequiados pelo Sr. Oscar de Araujo com um exemplar do seu livro *L'idée républicaine au Brésil*, publicado ultimamente em Pariz pelos editores Perrin & Gomp.

E' um ligeiro apanhado da historia do Brasil republicano, desde a tentativa de Felippe dos Santos em 1720 até o golpe de Estado de 3 de Novembro. Em cento e cincoenta paginas de typo graudo e entrelinhado não póde deixar de haver lamentaveis omissões de nomes e de factos; mas o livro, escripto com exactidão, simplicidade e clareza, preenche perfeitamente o patriotico fim a que se propoz: destruir a opinião, corrente no velho mundo, de que a Republica apanhou de sorpresa o povo brasileiro, opinião que o autor attribue ao facto de só se saber na Europa, dos homens e das coisas do Brasil, o nome de D. Pedro II.

Realmente este monarcha era tão mal conhecido fóra do seu paiz, que em França ainda hoje se diz que com a revolução de 15 de Novembro desappareceu a unica republica sul-americana.

Mas, no final das contas, que nos importam os paradoxos francezes?

TARDE

(DO HESPANHOL)

Ao mundo vim, e ao volver
Os meus olhos em redor,
Não vi pedra, nem vi flor,
Que minhas pudessem ser.
E disse: — Por mais que aguarde
Que a esperança a mim se una,
Não terei nunca fortuna...
Cheguei tarde.

Quando depois, em te vendo,
Fiquei de ti namorado,
Com aceno desgarrado
Foste-me logo dizendo:
— Desditoso! Deus te guarde,
Um outro jurei amar;
P'ra me levar ao altar
Chegas tarde.

Cantar quiz... van phantasia!
Homero, Milton e Dante,
Já no Parnazo, triumphante
Logar têm que eu preferia.
Em vão se instiga, em vão arde
A mente em flamma tão pura;
Para attingir tal altura
Chego tarde.

Mas, Deus meu! se evaporadas
Vão-me assim as illusões,
E se as minhas ambições
Hei de ver sempre frustradas,
Corta-me o sopro cobarde
Desta vida transitoria,
Porque eu temo á tua gloria
Chegar tarde.

A. PERES JUNIOR.

A MORTALHA DE ALZIRA

Os Srs. Fauchon & C., livreiros-editores, já receberam de França os exemplares da *Mortalha de Alzira*, de Aluizio Azevedo, primorosamente impressos na typographia de Garnier Frères, de Pariz, com uma lindissima capa polychroma, desenhada pelo nosso Rodolpho Amoedo, representando uma das scenas capitaes do romance.

A *Mortalha de Alzira* não é um livro novo; foi publicada na *Gazeta de Noticias* com o pseudonymo de Victor Leal, tambem usado, n'outros trabalhos, por Pardal Mallet, Olavo Bilac e Coelho Netto. E' o desenvolvimento audacioso de um ligeiro conto phantastico de Théophile Gauthier, intitulado *La morte amoureuse*, com exclusão da parte maravilhosa, invenção de novos personagens e ampliação de episodios apenas indicados. D'esse conto, que se lê em dez minutos, fez Aluizio um interessante romance de trezentas e tantas paginas, romance que não cança nem aborrece, e ha de agradar em livro como agradou na *Gazeta*.

A obra, cuja indole obedece ao rumo indicado pela primeira tentativa litteraria do nosso romancista — uma novella sentimental que ninguem hoje conhece e se intitula *Uma lagrima de mulher*—, não se compadece com a tendencia scientifica revelada no *Mulato*, no *Coruja*, no *Homem*, no *Cortiço* e n'outros trabalhos do mesmo autor; este, porém, explica, n'um prefacio, os motivos d'essa digressão phantasiosa do seu espirito.

Em primeiro logar, o genero da obra fôra imposto pela *Gazeta* e a encommenda era bem paga; em segundo logar... Ouçamos o romancista:

« Ora, eu, que precisava repousar um pouco o espirito n'um romance de phantasia, e que, de muito tempo a essa parte, sentia falta de um adversario litterario, cujas obras, francamente romanticas, servissem de activa e fogosa opposição aos meus tranquillos, pacientes e cansativos estudos do natural, obtidos a frio esforço de observação e analyse, lembrei-me de fazer guerra a mim mesmo, e aceitei a proposta da *Gazeta de Noticias*, com a condição unica de substituir o meu nome pelo pseudonymo de Victor Leal. »

Isto justifica a bonita *Dedicatoria* com que abre o livro, e não nos furtamos ao desejo de transcrever:

« Aqui entre nós, leitor idealista, dou-te este livro assim com o ar de quem faz um obsequio, quando o verdadeiro obsequiado sou eu, pois que achei esta occasião de desabafar os sentidos suspiros da minha velha alma romantica.

O livro que se abre agora defronte dos teus olhos tem para mim os effeitos de uma valvula de segugurança. Recebe-o de bom coração e não supponhas que recolhes em teu regaço carinhoso alguma impura fancaria de especulador. Não! A obra que te dedico é sincera sob o ponto de vista da commoção, posto não seja honestamente e logicamente irman das outras minhas filhas litterarias, que constituem a honradissima familia de que sou chefe.

E' um filho que não reconheci logo, nem baptisei com o meu nome, mas que, a despeito d'isso, não foi produzido com menos amor, ou desejo. E' o

filho de uma illusão fugitiva, de uma loucura de amor bohemio ; é um filho bastardo, mas é meu filho.

Nasceu fóra do meu casal, em noites de amor e phantasia ; pobres beijos trocados á luz de velhas estrellas que nunca mais se apagaram ; sonhos embalsamados de passageiras flores que para sempre se extinguiram ; mas eu o amo.

Segue, pois, o teu destino, meu querido peccado! Já não és um simples capricho de teu pae ; és uma obra atirada ao publico.

Não te envergonhes de abraçal-o, leitor, que tambem o amas. Beija-o, mas sem rumor ; beija-o, mas cuidado que as irmans não ouçam nem venham a sabel-o nunca ! Não imaginas, meu bom amigo, os zelos, os ciumes que ellas têm dos teus carinhos ! Ahi o tens. Cuidado ! »

Recommendamos insistentemente a leitura da *Mortalha de Alzira* não só aos lettrados, que acharão n'aquellas paginas um grande esforço artistico, mas principalmente ás pessoas sensiveis, despreocupadas de questões de escola, e procurando nos livros um excitante nervoso Essas hão de chorar lendo a *Mortalha de Alzira*.

COSIMO.

CHANSON

Je crois que l'écume est la fleur du flot ;
Je voudrais vaguer très loin dans la brume
Comme un matelot,
Pour te rapporter un bouquet d'écume.

Je crois que la nue est la fleur du vent ;
Je voudrais monter dans l'aube inconnue
Vers le jour levant,
Pour te rapporter un bouquet de nue...

E. LE MOUEL.

A' « SEMANA »

(A PROPOSITO DO SEU PLEBISCITO LITTERARIO)

Os meus illustres collegas da *Semana* não tinham de que se defender, porque eu não os ataquei nem havia motivo para isso.

Não me revoltei absolutamente contra os collegas, de cuja boa fé não duvidei nem duvido ; revoltei-me, sim, contra os eleitores, ou antes, contra o resultado final da eleição.

E tanta rasão me assistia, que os collegas tambem declaram que tal resultado não lhes agrada, como não póde agradar a nenhum homem de lettras.

*

Quanto ao exclusivismo que eu lamentei não tivesse havido no plebiscito, continúo na minha : interessa-nos muito saber quaes são os seis melhores romances brasileiros, mas tanto nos interessa conhecer os seis primeiros romances escriptos em lingua portugueza como os seis primeiros escriptos em japonez ou catalão.

Dizem os collegas que a influencia dos romances portuguezes sobre nós tem sido decisiva, real, indiscutivel. E accrescenta : « Basta rapido estudo das principaes producções dos nossos primeiros litteratos para se sentir immediatamente a influencia da litteratura portugueza. Este ponto é incontroverso. »

E' controverso, collegas : quando, não me dirão, a litteratura portugueza influio na obra de Alencar, Macedo, Teixeira e Sousa, Manoel Almeida, Bernardo Guimarães, Taunay, Franklin Tavora, Aluizio, etc ? O proprio Machado de Assis, que é o melhor escriptor vivo da lingua portugueza e por brincadeira já escreveu até um capitulo inedito de Fernão Mendes Pinto, que não parecia apocripho, Machado de Assis nada tem de portuguez. A sua obra-prima, o *Braz Cubas*, tem um sabor pronunciado de litteratura ingleza, á Stern.

Se os collegas me disserem que os francezes têm exercido muita influencia nas nossas lettras como nos nossos usos e costumes, ahi sim, diriam uma grande verdade ; escriptores brasileiros conheço que não escrevem senão uma especie de francez com vocabulos portuguezes.

A influencia do velho Portugal na litteratura brasileira é ideia muito controversa. Infelizmente, talvez.

COSIMO.

Entre as publicações recebidas esta semana pelo ***Album*** notam-se o ***Archivo litterario palmarense***, publicação mensal de Palmares (Pernambuco), dirigida pelos Srs. Fernando Gris e Fabio Silva; o ***Diario***, de Therezina (Piauhy); o ***Campinense***, de Campina-Grande (Parahyba); o ***Paraguassú***, de S. Felix (Bahia); o ***Povo***, de Valença (Bahia); o ***Parahybano***, da Parahyba do Sul ; o ***Setimo Districto***, de Ribeirão Preto (S. Paulo); o ***Bem Publico***, de Casa Branca (S. Paulo) o ***Amigo do Povo***, de Tatuhy (S. Paulo), ***Colombo***, do Rio Novo (Minas), o ***Estado de Minas***, a ***Gazeta Semanal***, de Pindamonhangaba, a ***Gazeta de Ubá*** (Minas), e o ***Trabalho*** e o ***Democrata***, ambos de Penedo (Alagoas).

O SORRISO

AO DR. J. F. CURSINO DE MOURA

Diz o sorriso – venturas,
Traduz muitas amarguras
Occultas no coração;
Diz — amor, diz – amisade,
Diz tambem — felicidade
E cruel desillusão.

Diz — ironia o sorriso,
Mostra-nos o paraizo
Por uns labios virginaes;
Occulta o remorso d'alma,
E, ás vezes, fingindo a calma,
Odios esconde fataes.

A. J. TEIXEIRA LOPES.

1893.

THEATROS

POLYTHEAMA. — Depois da *Aida* de Verdi, a companhia Sanzone deu-nos o *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, e annuncia para hoje a *Força do destino*, de Verdi.

O primoroso *spartito* de Rossini ha muitos annos não era cantado no Rio de Janeiro; entretanto, havia no theatro muitos logares vasios, e os espectadores que lá se achavam tinham ainda nos ouvidos o echo da artilheria das fortalezas.

A opera não foi sacrificada pelos cantores nem pela orchestra.

As honras da noite couberam á soprano ligeiro Fons, uma das melhores Rosinas que temos ouvido. Esta cantora, além de saber vencer difficuldades de vocalisação, representa com muita naturalidade aquelle interessante papel.

O barytono Giannini (Figaro) possue as tres qualidades que o autor do *Barbeiro* exigia no cantor: voz, voz e voz; faltam-lhe as outras; será um bom artista quando souber modular. O tenor Percopo deu um Almaviva muito afinadinho, mas pouco elegante. O baixo Ferraioli, que aliás é um artista intelligente, exagerou quanto poude o papel de D. Basilio, e o baixo Cervi não andou mal no de D. Bartholo.

O *Barbeiro* foi representado conforme a tradicção italiana: como uma parodia de feira; entretanto, o *Barbeiro* é, não uma farça, mas uma comedia finissima, e como tal é exhibida pelos artistas da Opera-Comique de Pariz. Quando os italianos se resolverão a reprezental-a como os francezes? Afianço-lhes que a peça ganhará com isso.

Não ha duvida que a companhia Sanzoni é uma excellente companhia lyrica de segunda ordem, e os preços dos bilhetes são convidativos.

*

SANT'ANNA. — A companhia de artistas portuguezes que trabalha neste theatro poz em scena uma peça de costumes militares, o *Baralho de cartas*, escripta pelo actor Julio Vieira, e tem dado outros espectaculos variados e interessantes. Não me foi possivel assistir á representação do *Baralho de cartas*.

*

RECREIO. — Tem agora em scena os *Seis degráos do crime*, melodrama que attrae ao fim da rua do Espirito-Santo os velhotes desejosos de matar saudades de João Caetano.

*

APOLLO. — Festejou a 50 representação do *Abacaxi*, que tem feito frente á revolta com um denodo nictheroyesco. Comprimentamos aos autores, nossos amigos Moreira Sampaio e Vicente Reis.

*

VARIEDADES. — Reapparece hoje a *Mimi Bilontra*, com o primeiro actor comico Machado no papel de Choufleury, creado pelo primeiro actor comico Peixoto.

*

S. PEDRO. — Estreia-se hoje uma companhia de magicaturas, dirigida por um dos numerosos filhos do defunto Hermann.

*

EDEN CONCERT FLUMINENSE. — Sabem onde é? Na rua Silva Jardim (antiga travessa da Barreira), no predio em que outr'ora funccionou a Sociadade de Gymnastica Franceza. Cançonetas, bailados, etc. Ainda lá não fui. Decididamente deixo-me ficar em casa n'estas noites revolucionarias, a menos que me attraia um grande motivo artistico, o *Barbeiro de Sevilha* por exemplo.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 44 SEGUNDA SÉRIE OUTUBRO DE 1895

ALBUM

Redactor, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26$000 e 13$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

Visconde de Alvarenga	J. R. B.
Chronica Fluminense	A.
Olhar	Julio Cesar da Silva.
O Contrabando	Arthur Azevedo.
Missa Falsa	Arthur Guimarães.
Memento	Adelino Fontoura.
Ophelia	Ortigão Sampaio.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

FRANCISCO VALLE

VISCONDE DE ALVARENGA

Quando elle passa, com a sobrecasaca preta sempre abotoada, cabeça erguida, olhar investigador, physionomia de moço, contrastando com a brancura dos bigodes e da barba aparada, todos têm para elle um comprimento prazenteiro, cheio de amabilidade e de verdadeira sympathia.

A conhecida expressão — sacerdote da sciencia — deixa de ser uma banalidade rhetorica para corporificar-se, quando se trata do visconde de Alvarenga, caracter purissimo, dedicado exclusivamente á carreira que abraçou e que trilha com tanto amor.

A sua biographia póde ser feita syntheticamente n'estas duas palavras: trabalho e coração.

Effectivamente, entregue, desde muito cedo, aos seus proprios recursos, que eram os do seu trabalho, elle soube lutar como um forte, e conseguio fazer para si uma posição invejavel, honrando o nome que herdou de um dos heróes da Inconfidencia Mineira, seu antepassado.

Nem um só momento fraqueou na luta ingente para a realisação de suas aspirações; nem um só instante se desviou da linha recta da honra e do cumprimento do dever. Prodigalisou no longo trajecto os thesouros da sua bondade, semeou no coração do povo a gratidão pelos seus beneficios, e só no remanso do lar e no affecto da familia procurou a recompensa dos seus sentimentos generosos e bons.

*

Passemos em revista algumas datas de sua existencia, tão cara a todos aquelles que têm a ventura de conhecel-o:

Albino Rodrigues de Alvarenga nasceu em Campos dos Goytacazes, a 10 de maio de 1833. Fez os seus estudos de humanidades no antigo collegio Victorio, matriculou-se na Faculdade de Medicina desta cidade em 1852 e formou-se a 30 de Novembro de 1857.

Clinicou até 1867 em sua terra natal, onde foi medico effectivo do Hospital da Misericordia.

Em 1868 foi nomeado interinamente chefe de clinica medica da Faculdade, e exerceu esse logar até 1870.

Em Janeiro de 1871 concorreu para o logar de oppositor da sessão de sciencias medicas, foi classificado em primeiro logar e nomeado por decreto de 25 de Fevereiro.

De 1872 a 1874 regeu como oppositor a cadeira de pathologia medica.

Concorreu em 1875 para a cadeira de materia medica e therapeutica, foi julgado unanimemente habilitado e nomeado por decreto de 13 de Setembro do mesmo anno.

Em 1855, quando era ainda estudante, foi a Campos em commissão do governo, por occasião da epidemia de cholera morbus; prestou, então, tantos e tão bons serviços, que o governo o agraciou com o habito da Rosa.

Em 1880, quando já tinha feito a sua reputação na clinica civil, e que esperava, depois de ter conquistado um nome, conquistar tambem uma fortuna que lhe permitisse descançar na velhice, foi nomeado medico da imperial camara. E' inutil dizer que essa graça privou-o de fazer pelo trabalho a sua independencia.

Em 1882 foi-lhe dado o titulo de conselho pelos relevantes serviços prestados á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1884 foi nomeado vice-director da mesma Faculdade e medico effectivo do Hospital da Misericordia, onde ainda hoje dirige a enfermaria de medicina de estrangeiros.

Em 1887 foi-lhe dado o titulo de barão de S. Salvador de Compos por serviços medicos prestados ao Imperador na grande molestia de que fora acommettido em Fevereiro d'esse anno.

Em 1889, no dia em que, a esforços seus e do conselheiro A. Ferreira Vianna, então ministro do Imperio, foi assentada a primeira pedra do edificio da Maternidade, foi agraciado com o titulo de visconde de Alvarenga.

Em Janeiro de 1891 foi nomeado director da Faculdade de Medicina. No dia da posse a Faculdade vestio-se de galas, e os seus collegas, na sessão de congregação, que foi uma verdadeira festa, manifestaram o seu rigosijo pela acertada nomeação do Governo Provisorio da Republica.

Desde moço dedicado exclusivamente ao estudo da medicina, conquistou no exercicio de sua profissão as honras e posições que tem tido.

Nunca militou em politica, e, aceitando as instituições vigentes, ninguem serve a Republica com mais lealdade.

A Patria tem no visconde de Alvarenga um dos seus filhos mais illustres.

J. R. B.

CHRONICA FLUMINENSE

Escrevo este artigo em dia de finados.

A natureza, como para attenuar a melancolia d'estas horas, que o calendario exige sejam de luto, mandou-nos hoje um esplendido sol, uma orgia de luz extasiadora e benefica.

Os navios revoltados não têm querido que os mortos sejam visitados pelos vivos ao troar do canhão assassino. Será crivel que no coração do Sr. Custodio Mello e dos seus dignos sequazes ainda se encontrem resquicios de religião e piedade ?

*

Ouço tiros ao longe, é verdade, mas não me parecem tiros de bala Os meus ouvidos, n'estes dous mezes de guerra civil, já se habituaram a distinguir o tiro de bala do de polvora secca. Nunca imaginei chegar a esse resultado auricular sem sahir do meu querido Rio de Janeiro...

*

Ha presumpções para crer que o fim da revolução esteja imminente, e que a victoria caiba, louvado seja Deus, ao governo legalmente constituido.

Apezar da má vontade dos estrangeiros, voltados contra as leis do Brasil com uma quasi unanimidade odiosa e parva; apezar de todos os ignobeis carapetões a que a imprensa européa tem dado curso; apezar da falta de patriotismo n'alguns brazileiros indignos do favor que o céo lhes concedeu fazendo-os nascer n'este formoso pedaço do mundo; apezar de tudo isso, e mais dos possuidores de *debentures*, e mais do *Aquidaban*, etc., o governo vencerá, e esse resultado devemol-o á calma, ao sangue frio, á discrição do Sr Floriano Peixoto, e ao heroismo dos cidadãos armados contra esses aventureiros, que pretendem pôr em leilão a honra nacional.

Conto que o proximo numero do *Album* encontre os leitores no gozo de uma paz serena e prospera.

*

Não esperou pelo fim da revolução o pobre José Pinto Serqueira, e lá se foi marchando n'um d'estes ultimos dias para as regiões da verdadeira paz.

Serqueira começou por ser homem de imprensa; entregou-se depois de corpo e alma ao funccionalismo, e era um dos melhores senão o melhor empregado da secretaria da Industria. Ultimamente fizera-se *sportsman* e acabou presidente do Turf-Club, associação que, segundo me consta, elle conguio salvar da ruina.

A sua ultima apparição como escriptor publico, fel-a J. P. Serqueira no *Album*, mandando para os primeiros numeros d'este periodico, sob o diabolico pseudonymo de *Belsebut*, a secção do *Sport*, que pouco durou.

Era um cavalheiro distinctissimo, um companheiro excellente, de quem terei sempre muitas saudades. Rogo á Exma. Sra. D. Julia Serqueira, viuva do meu bom amigo, senhora que muito considero e estimo, receba n'estas palavras uma pallida expressão do meu profundo pezar, e do respeito que me inspira a sua magua terrivel.

A.

Recebemos o primeiro numero da *Revista Industrial de Minas Geraes*, publicação mensal, auxiliada pelo governo d'aquelle Estado, e da qual é director o nosso illustre amigo Dr. Alcides Medrado, bibliothecario da Escola de Minas de Ouro Preto.

E' uma publicação importantissima, destinada a concorrer efficazmente para o progresso do florescente e opulento estado mineiro. O nome de Alcides Medrado é bastante para assegurar-lhe um logar de honra na imprensa brazileira.

— Recebemos tambem o primeiro numero da *Revista do Gremio Evolução*, que se publica na capital da Bahia, e da qual é redactor-chefe o Dr. Manoel Britto e são redactores os Srs. Filgueiras Sampaio, Raphael Pinheiro e Gahagem Champloni. A nova revista promette, no seu programma, « concorrer com o que estiver ao seu alcance para o engrandecimento das sciencias e lettras brasileiras. » Este primeiro numero é interessante e prima pela escolha dos artigos.

— Do Maranhão foram-nos remettidos alguns numeros da *Revista Elegante*, publicação mensal, distribuição gratuita, propriedade da Alfaiataria Teixeira.

OLHAR

A VALENTIM MAGALHÃES

Olha me assim .. No teu olhar boia uma prece,
Boia um fluido de luz que me encanta e me ensalma...
Olha-me assim... A luz do teu olhar parece
Penetrar o mysterio infindo da minh'alma.

Olha-me assim.. Que olhar tão mystico e tão santo!
De certo não existe uma mulher na Terra
Que tenha olhar assim, que resplandeça tanto,
Que encerre a suave luz que o teu olhar encerra.

Olha-me assim. . O teu olhar é comó um templo
Que á compuncção da prece e ao extase convida,
É onde, semi cerrando as palpebras, contemplo
Os mysterios do Céo e os sonhos d'Outra Vida ..

Olha-me assim... O teu olhar doce e tristonho,
Quando, ungido de magoa e encanto, ao Céo se eleva,
Parece dirigir-se á habitação do Sonho,
Ou, mais longe talvez, á habitação da Terra .

Trazes no olhar os sóes, as nuvens e os luares,
N'uma expressão de magoa e angelica apparencia,
Do patrio céo, do patrio amor, dos patrios lares
Que te choram, de longe, a demorada ausencia...

Não me olhes mais assim... Torna ao Céo onde moras...
Esquece que te amei .. E, pelo espaço, á tôa,
Entre raios de sóes, entre chammas de auroras,
Como uma ave, espalmando as brancas azas, vôa...

JULIO CESAR DA SILVA.

S. Paulo.

O CONTRABANDO

(Conclusão)

IV

Depois dos dous primeiros pratos, acompanhados, o primeiro por um rico Sauternes e o segundo por um riquissimo Pommard, notou Geraldo que cada um dos commensaes se occupava muito particularmente de uma de suas visinhas. O Tavares bebia pelo copo de mademoiselle Georgina. O doutor Tavora passára o braço em volta da cintura da Sinhá. O advogado segredava não sei o que ao ouvido da Mercedes, que revirava languidamente os olhos. O Motta cantarolava um trecho de zarzuela, tamborilando nas costas da Conchita. O visconde, que se queixava do calor, entrelaçava os dedos nos de Angelina. Só Geraldo e a ultima chegada se conservavam sisudos, como se assistissem a um banquete de muita cerimonia.

— Então que é isso, Geraldo? vociferou o Tavares. Não dizes palavra a essa pobre moça?... não lhe fazes a côrte?.. Sê romano em Roma, meu velho! Esquece-te dos teus velhos desgostos! Transforma-te!...

Geraldo, effectivamente, começava a sentir a necessidade de transformar-se, para não ser ridiculo.

— Como se chama? perguntou á sua visinha n'um tom de voz brando e carinhoso.

— Laura.

— E' filha mesmo d'aqui?

— Sou de Vassouras.

— Já não tem pae nem mãe?

— Animo, Geraldo! vociferou o Tavares.

— Tenho mãe; meu pae morreu quando eu era pequenina.

— Vive em companhia de sua mãe?

A moça estranhou a pergunta, e volveu para o seu interlocutor uns olhos muito espantados. Depois cahio em si, reflectio que a curiosidade do outro era uma coisa muito natural, e respondeu:

— Não, senhor.

— Com quem vive então?

— Vivo sosinha. Eu era casada, mas deixei meu marido.

— Porque?

— Porque não gostava d'elle. Mamãe obrigou-me a casar contra a vontade. Eu gostava de um moço que me tirou de meu marido, me trouxe para o Rio de Janeiro, e me abandonou no hotel. Não conheço ninguem n'esta terra, e se não fosse madame Bertin...

. . . . . .

A conversação continuou por algum tempo n'esse terreno simples e innocente; continuaria ainda, se o *punch à la romaine* que no *menu*, delicadamente impresso em ventarolas de seda, figurava como *coup du milieu*, não se combinasse com o Madeira, o Sauternes e o Pommard para a transformação de Geraldo. Porque, digamol-o, o nosso viuvo, como todos os homens melancolicos, gostava de fazer honra aos bons vinhos.

A's nove horas, quando estoirou o champagne, todos os convivas, inclusive a bisonha Laura, fumavam magnificos cigarros egypcios, — « dos que fuma o kediva », observava o Tavares, que não perdia ensejo de encarecer o seu regabofe. A sala enchia-se de fumo. O doutor Bandeira e a Mercedes beijavam-se descaradamente. A Sinhá, para ficar mais á vontade, pedia ao doutor Tavora que lhe desabotoasse o corpinho. O Tavares ia buscar com os labios as uvas que mademoselle Georgina prendia entre os dentes, e dizia-lhe umas coisas n'um francez capaz de fazer tremer de indignação a sombra de Bossuet. O Motta, embriagado, rescostava-se no collo da Conchita, que o penteava com os dedos. O visconde, que se pozera em mangas de camisa, abraçava voluptuosamente a italiana, e gaguejava um brinde « ao nosso Amphytrião », brinde a que ninguem prestava ouvidos. Geraldo e Laura, de mãos dadas,

faziam protestos de se não separarem aquella noite.

V

A's onze horas, quando os convivas se levantaram da meza, Geraldo, ebrio de vinho e de volupia, apoiou-se á cadeira para não cahir. Foi para a saleta, e Laura acompanhou-o até um divan, onde se sentaram ambos, de mãos dadas, elle saboreando um havana, ella fumando, por obrigação, desageitadamente, outro cigarro dos que fuma o kediva.

O visconde e os doutores desappareceram com as suas visinhas respectivas. Só ficaram Geraldo e o Motta, — este tão bebado, que o Tavares mandou preparar-lhe o quarto de hospedes. Conchita, affectuosa e sollicita, offereceu-se para fazer-lhe companhia durante a noite.

O Tavares aproximou-se de Geraldo, a rir-se :

— Deitaste as manguinhas de fóra, heim, meu santarrão ?

Geraldo limitou-se a sorrir, lançando uma baforada de fumo.

— Olha, eu quiz ser gentil para comtigo, continuou o Tavares ; mandei apparelhar a victoria, para acompanhares a pequena á casa d'ella... ou á tua...

— A' minha, redarguio Geraldo ; ella já me disse que ainda não tem casa...

VI

Quando a victoria do Tavares se poz em movimento, conduzindo Laura e Geraldo, este, bafejado pelo ar fresco da noite, foi a pouco e pouco recuperando a consciencia nitida dos seus actos, e medindo toda a extensão dos excessos a que se entregára.

Sinceramente arrependido de ter acceitado o convite do Tavares, comparecendo a um jantar que degenerára em orgia, achava agora um incommodo trambolho a infeliz rapariga que alli ia atirada no fundo d'aquelle carro, com as palpebras cerradas, ignobilmente vendida á sua concupiscencia.

Perdéra agora aquelle desejo que á meza lhe despertaram os sentidos ; achava-se paternal junto d'essa mulher, e velho de mais para ella, que era quasi uma criança.

E lembrava-se das historias que Laura lhe contára durante o jantar : o seu casamento, a sua fuga, a sua desgraça ; e o coração enchia se-lhe de piedade e azedume. Tudo aquillo devia ser verdade; ella não tinha ainda o feitio da *cocotte*, era ainda noviça na profissão : não devia saber mentir.

E Geraldo perguntava aos seus botões :

— Que vou eu agora fazer d'esta pequena ?

Depois, lembrou-se da ultima vez em que andára de carro. Havia já muitos mezes. Foi uma noite em que levára a filha aos *Huguenotes*, e teve que restituil-a ao collegio depois do espectaculo. Como ameaçasse chover, tomaram um carro no largo da Carioca. Margarida ia assim, como Laura, atirada para o fundo do carro, com as palpebras cerradas...

—Valha-me Deus ! que vou eu agora fazer d'esta pequena ?...

VII

A uma hora, Geraldo apeiava-se do carro e batia á porta de casa. Veio abrir-lh'a o José, que o esperava de pé firme, e notou, sorpreso, que o patrão viéra acompanhado por uma mulher. A principio suppoz fosse a menina, que tivesse ido com o pae ao theatro e uma circumstancia qualquer impedisse de voltar n'aquella mesma noite para o collegio,— mas qual não foi o seu espanto ao ver que se tratava de um *cantrubando*, o primeiro que entrava n'aquella casa!

— Póde recólher-se, disse-lhe Geraldo.

O criado sumio-se, e o patrão abrio a porta da sala, convidando Laura a entrar.

Entraram, e elle immediatamente accendeu o gaz.

A rapariga olhou com curiosidade em volta de si, e o retrato de Margarida chamou-lhe logo a attenção.

— Que moça tão bonita e sympathica! exclamou ella. Parece uma santa! — Quem é ?

— Minha filha.

— Sua filha ? Que edade tem ?

— Dezesete annos

— Tem a minha edade.

Geraldo estremeceu.

— Tem tambem dezesete annos ?

— Nasci em 1874.

— Sim ?... e em que mez ?...

— Em Abril... no dia 27 de Abril.

O viuvo empallideceu e ficou a olhar para a rapariga com uma expressão singular. Depois sorrio, pareceu reflectir, foi ao seu quarto, abrio um guarda-roupa, e tirou do gavetão uma camisa de mulher que alli estava religiosamente guardada havia dez annos, com outras roupas que eram o espolio sagrado da morta.

— Aqui tem uma camisa de dormir. Dispa-se e deite-se.

Laura ficou sosinha no quarto. Elle esperou que ella se despisse e se deitasse, trouxe para a sala as suas roupas humidas e estendeu-as nas cadeiras para seccarem, apanhando o ar que entrava timidamente pelas venezianas.

Tornou á alcova. Laura estava deitada. Tinha vestido a camisa. Bocejava. Parecia morta de somno. Geraldo cobrio-a com um lençol, e perguntou-lhe:

— Gosta de dormir com luz ?

— Gósto.

Elle accendeu uma lamparina e apagou o gaz. Depois, approximou-se da cama, abaixou-se, beijou a sua hospede na fronte, e disse-lhe :

Phototypia J. Gutierrez.

VISCONDE DE ALVARENGA

— Boa noite, Laura ; durma bem.

— Oh !... então o senhor não se deita commigo ? . . .

— Não.

— Porque ?

— Porque você nasceu no mesmo dia em que nasceu minha filha.

Ella comprehendeu, ficou muito triste e murmurou:

— Boa noite.

Geraldo foi para a sala, despio-se e deitou-se no canapé. Reflectio que Laura iria talvez fazer máo juizo da sua virilidade, e espalhar por ahi que elle não era um homem. Um instante quiz erguer-se para justificar-se positivamente... Mas não; separava-os aquella data: 27 de Abril de 1874; seria quasi um incesto! Adormeceu, e passou toda a noite no canapé

Levantou-se pela manhna, foi á alcova, e encontrou Laura accordada Indicou-lhe a *toilette* n'um quarto adjacente, e levou-lhe as roupas que ficaram na sala a seccar. Depois, servio-lhe uma chicara de café com leite e biscoitos.

Ás oito horas e meia, Laura estava vestida. Geraldo chamou o José, e deu-lhe ordem para acompanhal-a até a casa. Quando ella ia a sahir, elle metteu-lhe nas mãos um *enveloppe* contendo uma nota de cem mil réis, beijou a na fronte, e disse-lhe :

— Adeus, minha filha.

E poz-se á janella, e acompanhou a com a vista até vel-a dobrar a esquina, com muita pena de não poder tiral-a para sempre d'aquella vida.

Depois, foi contemplar o retrato de Margarida.

ARTHUR AZEVEDO.

MISSA FALSA

I

Catão Augusto, rapaz do commercio e de bom nome, filho de familia distincta, ia pedir a mão de sua prima Laura, certo da aquiescencia dos paes e da joven ; mas um receio fundado interpunha-se-lhe, vestindo as fórmas positivas de medo.

Coralia, *horizontal* intelligente e vaidosa a quem se ligára na vida airada de solteiro, havia de, por conveniencia, querer impedir o casamento, pondo em campo meios de seducção, o que seria para elle serio embaraço a remover.

Resolveu, no emtanto, pedir a mão da prima, depois de ligeira luta de espirito, e procurou em seguida a cortezan, que lhe captára a constancia á custa de fortes deleites e calculadas meiguices.

Coralia enfureceu-se, atirou-lhe baldões, exprobrou-lhe o procedimento, teve uma lagrima e uma resignação, mas Catão Augusto objectou que a resolução era definitiva, inabalavel, e sahio, deixando-a em pranto.

Não verificou se este era produzido pela sinceridade ou motivado pela raiva, e d'est'arte se explica o ter elle n'um sabbado, voltado á casa de Coralia; levava-lhe as despedidas, nas vesperas do casamento, algum tanto commovido, carinhoso e melancolico.

Conhecendo os impetos aggressivos da *horizontal*, queria quebrar-lh'os para tranquilidade futura, separando-se amigavelmente.

E ao sahir da alcova de Coralia, onde jamais voltaria se aqui quizermos dar credito ao projecto certamente fallivel que momentos antes fizera o risonho noivo — estava convencido de que a *horizontal* se conformára, não havendo mais motivo para receio de escandalo.

II

Raiou, afinal, o dia 30 de Agosto, aprazado para se receberem em matrimonio os dous primos, e a manhan esplendorosa veio contribuir para a alegria do noivado rico de alacre suavidade.

Catão Augusto accordou prazenteiro, vendo diante de sua phantazia o arrebol da felicidade, de côr verde, ferido por luminosos raios — os negros olhos de Laura.

E a voz da prima entrava-lhe pelo coração como o som de um sino de ouro tangido por archanjos

Sahio, embalado por sonhos, entregue á prelibação da intensa felicidade a fruir.

Levava o amor no coração, e o primor no trajo cerimonioso.

Contra habitos inveterados, não havia lido as folhas matutinas ; não queria conhecer noticias triviaes n'aquelle magno dia.

Uma vez chegado á casa do noivo, pouco se fez demorar o acto civil.

Ao ser comprimentado pelas testemunhas, Catão notou que o Mendonça, um amigo, que estava no vão d'uma das janellas, chamava-o, e logo que poude foi ao encalço d'elle.

Mendonça perguntou-lhe mysteriosamente :

— Leste a *Gazeta* ?

— Não, porque ?

— Porque refere-se a ti funebremente...

— Como ?

— Na columna das missas, quarta pagina, o ultimo annuncio.

— Estás a gracejar, Mendonça.

— Não estou tal, Catão ; provo-t'o já... Se quizeres, pede a *Gazeta*.

— Bem, acredito. Não quero ler, prefiro que me digas o que é, mas baixo, para que Laura não nos ouça.

Mendonça collou a bocca ao ouvido de Catão Augusto o tempo necessario para repetir-lhe *ipsis-verbis* o que lèra, aliás o seguinte :

— Reza-se uma missa hoje, ás 9 horas, na egreja S. Francisco de Paula por alma do inditoso Catão Augusto da Silva, e agradece-se a todos que comparecerem ao acto de piedoso acatamento á memoria do morto »

— E que diabo tenho eu com esse annuncio? Não estou vivo ?... Certamente é outro de egual nome.

— Olha que não é, Catão ; anda n'este annuncio o dedo intelligente e sarcastico de... de...

— Basta. Mendonça, comprehendo tudo— disse em voz cava o recemcasado.

E instantaneamente passou da alegria cantante á mais funda tristeza.

Coralia, a perfida, era autora anonyma do annuncio ; armara-lhe a ultima cilada, desfechára-lhe certeiro golpe, agachada nas trevas.

Empallidecu e remetteu-se a estranho meditar.

E se Laura lesse por acaso o annuncio e levantasse o véo de malicia e sarcasmo n'elle contido?...

Um frio correu-lhe pela medulla.

Foi, porém, chamado á realidade pelo sogro : era chegada a hora de partirem em busca da consagração religiosa ante o altar de Deus.

A curiosidade de Laura, contida até então, explodio quando, installados no *coupé*, queria á fina força saber o que Mendonça dissera mysteriosamente ao ouvido de Catão.

Este ladeou, Laura insistio, o afinal amuaram.

Ante o padre, na egreja, Laura recusou-se a dar o sim da praxe... e não casaram religiosamente, sendo desagradabilissima a impressão causada nos assistentes...

Comprehende-se tambem a afflicção dos paes de Laura, que não podiam atinar com o motivo de tão singular e brusca resolução da filha, tanto mais que perante as leis do paiz Laura estava bem casada...

III

Foram feitas as pazes á noite, quando Catão Augusto mostrou a *Gazeta* á noiva, dizendo que fôra um máo gracejo de um amigo...

A familia rejubilou, mormente quando Mendonça veio em apoio de Catão, declinando até o nome do autor da missa : devia ser o Carolino.

No thalamo conjugal foi mais tarde consagrada a felicidade do par gentil, atravez do hymno triumphal do amor...

ARTHUR GUIMARÃES.

O nosso distincto amigo Augusto Britto tem o bom gosto de cultivar a litteratura dramatica durante os curtos lazeres que lhe deixa o seu operoso logar de administrador dos correios do Maranhão. No anno passado publicou elle o primeiro volume do seu theatro, contendo o drama *Deshonra e crime* e as comedias *Uma moça astuciosa*, o *Bigamo* e *Mudar de sexo*. O segundo volume appareceu agora; contém: a *Heroina preta*, drama, *Amor burlesco* e *Criticos momentos!* comedias. Em todos esses trabalhos Augusto Britto revela um engenho que seria aproveitado se houvesse theatro na nossa terra. Mas... nem é bom fallar n'isso!

MEMENTO

A RAYMUNDO CORREIA

Era um piano de Erard que as languidas volatas
Chorava tristemente, em tom sentimental,
A velha inspiração e as musicas baratas
Vertiam-lhe ao teclado a lagrima ideal.

E vivia a tossir de um modo gutural
Romanzas e canções, duettos e balatas,
Arias... e *tutti quanti* existe de banal
Nas *Lucias*, nos *Romeus*, nas doces *Traviatas*.

A' noite, nos saráos, estropriava schottischs
E valsas de Metrá, e molles habaneras.
Não tocava Mozart, nem tocava *Huguenotes*.

Este velho piano, este traste vetusto,
Ao ouvir de Boito, um dia, as pulsações austeras,
Morreu pallidamente e creio que de — susto!

ADELINO FONTOURA.

OPHELIA

Na Dinamarca, um dia, uma virgem harmoniosa como as balladas e loura como as searas, amou e amou muito.

As harpas dos ventos entoavam funebres canções de morte, narrando-lhe as tempestades de um coração de principe, e as aves e as nuvens faziam passar as suas sombras por sobre as superficies dos lagos, como o presagio de uma noite na limpidez de um cerebro. Comtudo amou.

Mas, nos paços dos reis, havia os magnificos jardins por onde passeiavam, ás tardes, os tedios da côrte. E aquella cabeça aureolada vinha reviver alli o seu amor, nas agonias de luz de um sol cahido. Não tardava muito que os montes se tornassem phantasmas baços, deitados a doamir, e os arvoredos ciciavam orações que ella repetia ao Christo, a prol das angustias do seu principe.

Ora, desencadeou-se a trovoada de um cerebro, e o coração, como um animal com medo, acolheu-se no fundo do peito sem ruido. O principe negava-lhe que a amava e, n'um turbilhão de ideias, aconselhava a reclusão dos claustros. — E's pura ? E's bella ?... Vae para um convento — E a virgem, com a admiração nos olhos, soltou a voz n'uma dor, que vibrou por longo tempo, como um finissimo crystal. Desde então, aquella crianca ingenua e candida, perdendo o fogo de um sentimento extincto pelo gelo de uma philosophia, foi buscar allivio ás flores com a sua frescura de orvalho e as suas caricias de perfume. A noite, cercada de pyrilampos, vagueava pelos jardins da realeza, cantando o seu luto n'uma nevrose de louca. De

dia, cortava as rosas, ia beijar as açucenas, sacudindo com rancor a flor vermelha e forte do cactus de uma estufa. E no regaço, trazia as flores entre sorrisos e pranto. Estava doida.

Uma vez, ao pé do rio, sentio a attracção do azul como uma bella flor de lotus. E, ao ver em baixo a imagem de um grande céo, lançou-se n'aquelle extase de paixão aristocrata. Ficava morta.

Foram-na encontrar, depois, boiando, como um lyrio na placidez de um lago.

ORTIGÃO SAMPAIO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

— Sua mãe ?

— Ella mesma — principiou em voz baixa e narrando, em contrario da verdade, um trama, que momentos antes urdíra habilidosamente para se vingar de Lucio. — Quando o doutor frequentava, amiudadas vezes, a casa da minha familia, foram instantes e continuados os galanteios de que me acercou. Percebi que me fazia a côrte. E, em que peze confessal-o, não lhe fui indifferente.

Carmen observou o rosto de Tosti, emquanto elle se estorcia de ciume.

— Bem ! — continuou — Poderia mesmo amal-o, se, ao par das seducções de que dispõe sempre um homem de talento, houvesse o credito de um comportamento digno e exemplar. Assim não foi. D'ahi... succederam-se a indifferença e o retrahimento, a que nunca se poderá furtar toda a mulher honesta, quando sabe que o homem, que lhe segreda protestos de amor, dá como successora para estes momentos de poesia e sentimentalismo horas de loucuras lascivas, em cujo desencadear se ouvem ainda as mesmas expressões de amor, não murmuradas ao ouvido de uma moça e sim ao de uma simples . . .

— Comprehendo !

— Por consequencia, esse homem, embora visitado por um talento notavel, esse moço a quem Montevidéo eleva um culto e applaude, abrindo-se, como por encanto, não tanto a intimidade das familias, como o coração das minhas compatriotas, não poderia completar meus sonhos. Quando me confidenciaram o proceder desairado de Lucio, todas as minhas illusões cahiram de chofre e sepultaram-se na profundeza do indifferentismo. O que faz da mulher casada um ente invejavelmente feliz não é o talento, não são as irradiações da mentalidade fulgente e vivida, é o coração terno e amante, é a dedicação na unidade do sentimento, é o exclusivismo no amor. Lucio não me poderia encantar a existencia, seria um crime o querer-me, e mais loucura o aceital-o !

— Repellio-o ?

— Não tanto ! Esquivei-me.

— E então ? . . .

— Chegado a este ponto, minha mãe, que se interessava pela minha felicidade . . .

— Naturalmente . . .

Carmen sorrio e fingio não ter ouvido.

— . . . receiou que o meu procedimento para com o doutor Lucio désse um resultado negativo. Tratou de reconciliar a minha desillusão com a pretenção do doutor. Expuz então os motivos de minha recusa. N'isto, minha mãe aconselhou-me, dizendo que não devia ser ingenua, — que as amigas tramam d'estas comedias e intrigas para que se abandone o pretendente que, por sua vez, lhes póde ser de proveito, Depois — ainda accrescentava — todos os moços têm a sua epoca de loucura. Lucio não fazia mais do que pagar tributo a essa exigencia da edade. Succedeu, pois, o que nunca merecerá a minha approvação: á medida que me afastava de Lucio, minha mãe d'elle se acercava, amando-o como a um filho, com todo o enthusiasmo e idolatria. O doctor creu que se modificára a minha opinião. O amor proprio exerce-lhe no systema nervoso acção poderosa ; exaltou-o a dedicação maternal. Interrogou-me. Queria saber a ultima palavra decisiva sobre os meus sentimentos. Fui concludente.

— Que lhe disse, Carmen ? — atalhou Guilherme com anciedade.

— A phrase que devia ultimar as pretenções de Lucio e servir de base para esta obra de miseria, a que hoje assistimos n'este theatro: declarei que não o poderia amar, porque entre o meu coração e o d'elle existia um abysmo : o seu procedimento indecoroso e libertino.

— Obrigado — exclamou a sorrir Guilherme Tosti, sem perceber que todas as palavras da narradora eram obra de outra comedia imaginada para servir de punhal vingador.

— D'ahi nasceram o odio e a infamia. O doutor Lucio deixou-se arrebatar pelo delirio da sua vaidade, do orgulho desmedido e do amor proprio ferido. Retirou-se de uma vez para sempre da casa de meus paes; e, quando lhe era de dever esquecer-nos, rebaixou-se; interpretou a dedicação de minha mãe como a expressão de um amor condemnavel. Orgulhoso — entendeu que a esposa do coronel Blanco o poderia encarar com outros olhares que não fossem de sympathia; anão de caracter, interpreta a amizade de um modo diverso e opposto. Fez da protectora alvo da baixeza. Ah !... devia, afinal, eu mesma comprehender onde deveria tocar todo este degradante enredo da comedia. Esse senador, é o meu padrasto, é o respeitavel coronel Blanco; essa esposa infiel e repugnante, de instinc-

tos devassos é... Carmen n'este momento sentia a sinceridade das palavas. Calou-se, emquanto uma lagrima descia-lhe silenciosa pela face.

— Comprehendo tudo. E esse francez, um livro de moralidade feito homem, é o proprio doutor?... Miseravel! — rugio Guilherme sinceramente impresionado.

O dialogo serenou. Dir-se-ia que o desgosto profundo dava aos interlocutores um problema intimo a resolver.

— E que me diz, Carmen, se eu soubesse, hoje mesmo, vingal a e á sua familia?

Um raio furtivo de alegria luzio então entre as pupilas de Carmen.

— Como assim? interrogou.

— Pateando solemnemente a comedia?

— Pateando! E como, se o publico se enthusiasmou de ha muito?

— Facilmente! Mas...

— Ah! um *mas*...?

— Sim, porque a amo, porque me quero expor, com uma condição: ouvir de seus labios o consentimento e acceitação de meu amor.

— Como sahir d'esta cilada? pensou ella; eu não o amo...

Depois de um momento:

— Seria adiantar um pagamento — disse. Depois... não seria muito justo...

— Seja! Aceito, porque tenho a certeza do triumpho.

Guilherme terminava apenas a phrase, quando a porta do camarote se abrio. Appareceram o coronel Blanco e Dolores.

A orchestra atacava os primeiros compassos de uma valsa de Strauss.

A' plateia voltavam os espectadores.

Tosti comprehendeu que não tinha tempo a perder. Despedio-se.

— Agrada-lhe a comedia? — perguntou o coronel que bem sabia a opinião do moço.

— E' uma delicia — respondeu-lhe seccamente e dando-se ares de juiz.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Não ha duvida que a companhia Sanzone está prestando á população do Rio de Janeiro um consideravel serviço, e é pena, realmente, que a população do Rio de Janeiro não se aproveite d'elle.

A representação da *Força do destino*, de Verdi, foi bem regular, e melhor seria se o tenor Vilalta não estivesse doente e se a contralto Orsini não se lembrasse de rufar tambor a valer durante o famoso rataplan, que foi um desastre. A soprano Vita, os barytonos Pozzi e Giannini, e o baixo Bardossi deram boa conta do recado.

A *Traviata*, de Verdi, representada em seguida, desagradou mais por culpa da orchestra que dos cantores. O tenor Percopo cantou com muito brio, e a soprano ligeiro Fons não desmereceu dos applausos que obtove quando cantou o *Barbeiro*. O barytono Pozzi é que não esteve tão feliz como na *Aïda* e na *Força do destino*.

O *Ballo in maschera*, de Verdi (sempre Verdi!), foi, relativamente, um triumpho para a companhia. Uma estreiante, a soprano dramatico Bianca Montesini, *ainda* tem voz, e cantou agradavelmente a parte de Amelia. O tenor Vilalta foi muito applaudido e o barytono Giannini mostrou-se mais digno da Guarda Velha que do Lavradio. A soprano ligeiro Fons estava muito á vontade no seu *travesti*: foi um delicioso pagem Oscar e cantou com muita correcção todo o seu papel. Os demais artistas fizeram-se applaudir, e a orchestra, dirigida pelo joven maestro Maffezzoli, esteve melhor que das outras vezes, e deu certo relevo ás innumeras bellezas da peregrina partitura do *Ballo in maschera*.

Tambem agradou muito a execução do *Trovador*, de Verdi (E então?). Vilalta deu quatro dós de peito na *Madre infelice*; o theatro parecia vir abaixo com a ovação que lhe fez o publico. Orsini (Assucena), Montesini (Leonora) e Pozzi (conde de Luna) foram tambem muito applaudidos. A concurrencia foi mais numerosa que nas outras noites. Podéra! — o *Trovador*...

*

Confesso que não tenho ido aos outros espectaculos, e peço desculpa aos leitores por ter d'esse modo faltado ao meu dever profissional; entretanto, sei pelos jornaes:

Que a companhia do Recreio Dramatico poz em scena o velho melodrama a *Graça de Deus*, uma das peças mais populares do illustre D'Ennery;

Que os artistas portuguezes actualmente aboletados no Sant'Anna, representaram um drama em 5 actos, o *Degredado*, original do incansavel autor-actor Julio Vieira;

Que no Apollo o *Abacaxi* cedeu o palco a uma *réprise* do *Gato Preto*;

Que a companhia do Variedades partio para S. Paulo, onde se estreiou com a *Mimi Bilontra*, deixando o theatro a uns actores hespanhoes de quinta ordem, que assassinaram barbaramente o *Don Juan Tenorio*, de Zorrilla.

X. Y. Z.

Além dos jornaes e periodicos do costume, recebemos ultimamente o *Estandarte*, de S. Paulo, e a *Tribuna do povo*, de Uberaba (Minas), que chama a actriz Helena Balsemão de «lau eada emula de *Saharat*». Pobre Helena!...

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 43 SEGUNDA SÉRIE ABRIL DE 1894

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 25 numeros. Para os Estados 25$000 e 13$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

Costa Senna	L.
Chronica Fluminense	A. A.
A Camões	Magalhães de Azeredo.
Vivendo	Raul Braga.
Sonho oriental	Damasceno Vieira.
Um ideal	Ortigão Sampaio.
Vinho invisivel	Bento Ernesto Junior.
O Dom Abbade	A. Foscolo.
Adagio	Miguel Barros.
Vingança	Antonio Salles.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Miss	A. Peres Junior.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

FRANCISCO VALLE

CAVACO

Reapparece o *Album*, cuja publicação resolveramos interromper emquanto durasse a malfadada e estupida revolta que durante tantos mezes perturbou o nosso mechanismo social.

Este periodico vivia, como vive, exclusivamente da protecção do publico, e o publico, distrahido pela guerra civil, preoccupado absolutamente de tiroteios e bombardeios, não ligava a minima attenção a uma revista litteraria e artistica, sem nenhuma filiação politica, apezar de se ter posto immediatamente, não por espirito partidario, mas por patriotismo, do lado do governo legalmente constituido. N'essas condições, e vendo imminente um sacrificio que (perdoem-nos a franqueza!) ninguem nos merecia, resolvemos esperar que cessasse tão lamentavel estado de coisas.

Accrescentaremos que o nosso desejo era que o *Album* só reapparecesse quando o paiz estivesse de todo tranquillisado, os criminosos julgados, os vencedores inteiramente curados da febre ardente do triumpho, e o estado de sitio levantado; mas a realisação d'esse desejo tanto se demorava, que entendemos desobrigar-nos desde já dos compromissos que temos para com os nossos assignantes.

COSTA SENA

D'entre os filhos de rico e prospero estado de Minas-Geraes, proeminentes na politica, na sciencia e nas lettras, destaca-se o senador Dr. Joaquim Candido da Costa Sena.

Publicando o retrato de tão illustre cidadão, o *Album* fal-o acompanhar pela seguinte noticia, com que foi obsequiado por um amigo:

« Dedicando duas palavras a J. C. da Costa Sena, um dos primeiros discipulos do sabio Gorceix, fundador da Escola de Minas de Ouro-Preto, fazemol-o para render homenagem a um espirito culto nas sciencias mineralogicas, puras e applicadas.

Apenas concluido o seu tirocinio escolar, Costa Sena foi, em 1880, um brilhante concurso para alcançar o logar de repetidor e preparador de geologia e mineralogia na mesma Escola que lhe foi berço.

No anno seguinte, os *Annaes da Escola de Minas de Ouro-Preto* publicaram os seus importantes « estudos metallurgicos no centro da provincia de Minas-Geraes », indicando as jazidas de ouro e ferro, e criticando sensatamente o velho processo usado na maior parte das forjas existentes n'aquelles logares.

Não ha negar: esses estudos merecem o elogio que se lê no boletim da Sociedade Real de Geographia de Antuerpia: *Le récit de ce voyage denote chez l'auteur des vastes connaissances théoriques et pratiques en mineralogie.*

Essa erudição e esse espirito de observação se manifestam em todos os trabalhos de Costa Sena, principalmente nos que fornecem orientação pratica para a exploração das riquezas mineraes, como a « Noticia sobre a mineralogia e geologia de uma parte do norte e nordeste da provincia de Minas-

Geraes », publicada em 1883, em que assignala as jazidas primitivas das pedras coradas, das cymophanas, triphanas e andalusitas nos veieiros de quartzo que cortam as rochas gneissicas e graniticas, das aguas marinhas e beryllos nos veieiros de pegmatite e quartzo, das staurotidas nos schistos uricaceos, nos gneiss e granitos, das turmalinas nestas ultimas rochas e nos veieiros de quartzo, reconhecendo como exploraveis as massas de graphito nas rochas gneissicas do Emparedado, e que os depositos de cascalhos ricos em pedras coradas e staurotidas se formaram, como a canga, na era quartenaria.

Um caracter puramente scientifico têm as seguintes publicações de Costa Sena : « Noticia sobre a scorodita existente nas visinhanças do arraial de Antonio Pereira e sobre a hydrargillita dos arredores de Ouro-Preto (1884) », e « Sur un gisement de staurotides des environs d'Ouro-Preto », publicação feita em 1890 no boletim da Sociedade Franceza de Mineralogia.

Consta-nos que foi Costa Sena quem tornou a descobrir o veieiro da Barytina, perdido desde os tempos de Eschweges, reconhecendo simultaneamente a existencia de veieiros com minerios de manganez nas visinhanças de Ouro-Preto. Assignalou, nos calcareos da mesma localidade, a presença do actinote, e nas minas do morro de S. Vicente, Catta-Branca e outros logares a da stibina.

Quasi todos os seus trabalhos têm sido transcriptos no boletim da Sociedade de Mineralogia da Sorbonne, da qual é membro perpetuo.

Para acustica tem Costa Sena predilecção especial. Quasi todos os apparelhos acusticos do gabinete de physica da Escola de Minas foram por elle construidos ou modificados.

Apaixonado pela botanica, tem sido o discipulo incansavel e dedicado dos distinctos naturalistas Glaziou, Sewacke e Ule, e os conhecimentos que de dia para dia vae adquirindo nessa especialidade são por elle transmittidos a moços, amigos seus, que, cheios de talento, com elle constituem o sacrario em que se abriga essa bella e util sciencia, mediocremente cultivada em nosso paiz.

O illustre professor Taubert, de Berlim, acaba de dedicar-lhe diversas plantas, justa recompensa de sua inexcedivel applicação aos estudos botanicos.

As ultimas observações de Costa Sena sobre a epigenia nas pyntes, têm merecido dos sabios europeus os maiores encomios, e as collecções por elle remettidas ás escolas de Pariz têm sido alvo de admiração de diversos membros de Academia de Sciencias. O governo francez já o distinguio, condecorando-o com o officialato da Academia.

Não fallámos no poeta que foi, nem no parlamentar que é Costa Sena; mas os seus trabalhos scientificos são taes e tão consideraveis, que bastam para o seu louvor. — L. »

CHRONICA FLUMINENSE

Era nosso desejo não apparecer aos leitores do *Album* senão quando os chronistas dos acontecimentos d'esta boa terra não fossem mais obrigados a tratar de assumptos bellicos ; mas as ferias impostas ao nosso periodico já se prolongaram bastante, e é forçoso dar signal de vida. Cá estamos.

Felizmente a revolta agonisa, e, se são exactas as noticias que nos chegam do sul fragmentadas e incompletas, pode-se mesmo dizer que já não ha revolta. O paiz vae entrar em convalescença.

Desde o primeiro dia a nossa obscura penna condemnou o inexplicavel e antipatriotico movimento, que aniquilaria a Patria brasileira, se a nossa velha amiga Providencia Divina, a mesma que nos tempos do imperio invocavamos a miudo, não collocasse um Floriano Peixoto na direcção do paiz.

A esse homem, que é o maior dos brasileiros, e á mocidade, que poz ao serviço da causa nacional toda a sua força invencivel, toda a sua energia inquebrantavel, todo o seu impeto, toda a sua intelligencia, todo o seu patriotismo, todo o seu sangue, — devemos a deliciosa ventura de não ver o nosso amado Brasil reduzido ás proporções do Egypto, convertido em protectorado, coberto de males e de vergonhas.

E' bem expressiva essa carta extraordinaria, que o *Tempo* e o *Diario de Noticias* assoalharam, dirigida ao chefe da revolta por seu digno irmão Lycurgo : « Posso dizer sem medo de errar, escreveu esse brasileiro indigno, que todos os estrangeiros são custodistas. » Pudéra !...

*

Em 1870, lord Rosebery, o successor de Gladstone no gabinete inglez, dizia alimentar tres desejos : casar-se com a filha de Rothschild, chegar a primeiro ministro e ganhar o premio do Derby.

Lord Rosebery já satisfez os dous primeiros e provavelmente satisfará o terceiro desejo, porque é o proprietario do animal favorito das proximas corridas do Derby. E' um ambicioso feliz.

O mesmo não acontece ao Sr. Custodio de Mello, que desejou ser tanta coisa, e afinal deixará de si a triste memoria de um caipora inepto.

*

Um dos grandes males causados pela revolta é a actual carestia dos generos de primeira necessidade, que obriga os pobres a verdadeiros prodigios de equilibrio financeiro para não morrerem á fome.

A Intendencia Municipal convocou uma reunião de negociantes, para o fim de conhecer e debelar as causas do mal, e o resultado d'essa providencia foi completamente negativo. D'esta vez falhou o ditado: Da discussão nasce a luz. As batatas e as cebolas continuam pela hora da morte.

Eu não sou isso a que por ahi chamam jacobino, nem sympathiso com as exagerações do Sr. Deocleciano Martyr, mas parece-me que os poderes municipaes devem deixar os trapos quentes das discussões, e tomar por si, sem audiencia de quaesquer commendadores, as energicas providencias que o caso exige. Não ha razão plausivel para similhante carestia, que é — digam o que disserem — um systema odioso da opposição politica.

A menos que os nossos edis queiram deixar ao proprio povo a iniciativa de taes providencias... Pelo que tenho visto e ouvido, as coisas estão um pouco preparadas para esse effeito... Mais vale prevenir que remediar.

*

Em tempos tão calamitosos, é para admirar a coragem do editor Domingos de Magalhães. Ainda mais audaz que o rebocador d'esse nome, elle acaba de mudar para a rua do Ouvidor a *Livraria Moderna*, que se achava modestamente estabelecida entre os açougues da rua da Assembléa, e agora se ostenta, garbosa e luzidia, na «grande arteria».

E' ocioso repetir aqui a enumeração dos serviços que o Sr. Magalhães tem prestado á litteratura brasileira. Pode-se dizer que aos seus esforços deve-se esse movimento que tão accentuado se tornou ultimamente nas columnas da *Gazeta de Noticias*, nas da *Semana*, e, em menor escala, nas do proprio *Album*, que tambem se ufana de ser um periodico dos moços e para os moços.

Fazemos votos para que a *Livraria Moderna* progrida, a despeito dos obices que naturalmente encontrará no caminho.

A. A.

A CAMÕES

Como Orpheu desce ao imo dos infernos,
A procurar na região sombria
A immaculada Eurydice, que, um dia,
Para sempre o algemou com braços ternos;

Assim tu, na conquista dos supernos
Dons da immortal Eurydice, a Poesia,
Com pé firme em abysmos de agonia
Entraste, a modular cantos eternos.

Teu genio foi a Dor e foi a Vida:
Amor, ciume, exilio, fome, peste,
Guerra—tudo affrontaste, alma escolhida!

Inteira a vida do homem concebeste,
E, não contente, em ancia desmedida,
De um povo inteiro a vida ainda viveste!

MAGALHÃES DE AZEREDO

VIVENDO...

(Notas intimas)

A ARTHUR AZEVEDO

Como esse livro eu não comprehendesse bem, ahi estirado, ao sofá, na sala das refeições, desci ao jardim e fui sentar-me a um banco, sob uma arvore que mal o resguardava do sol.

E tudo se mudou: paginas de luz eram essas, de certo, que a penumbra de um aposento abafasse na sombra concentrada e triste das suas paredes. Comecei a comprehender: o papel branco e setinoso principiou a luzir como uma grande placa de musica batida pela luz; os caracteres negros, de azeviche, começaram a me fallar ao espirito, vivendo todos as sensações que exprimiam: a côr, o som, o perfume... Tudo comprehendi: os largos paineis da vida do campo, da natureza, que o autor me desenrolava aos olhos; as esquesitas sensações que o haviam ferido ante ellas; os caprichos do seu estylo novo, quente como um raio de sol, de um perfume ora suave como o dos jasmins, ora activo como o das violetas... Tudo comprehendi!

Uma harmonia deve existir, de facto, entre o logar em que nos achamos e aquillo que lemos; é preciso que o meio nos ajude a reconstruir a descripção que nos fazem, a scena, o episodio que nos narram, para que possamos exactamente experimentar a impressão que procuram despertar em nós. Como comprehender, por exemplo, como ter a impressão d'essa paizagem, aspirando o aroma burguez de um bife ou de um prato de arroz? Como comprehender, sentir a impressão fiel da tristeza, ao sol, diante de um céo azul, entre flores? e como a alegria, a felicidade, ante uma cova ou á borda de um esquife?

Oh! se este sol, se este dia, não acabasse mais! Noite, como te detesto!... Que se fossem desdobrando em mim, pelo tempo afóra, as deliciosas impressões d'este livro; que se fossem alargando, accentuando mais e mais, depois mesmo de eu o ter lido todo, tel-o fechado emfim; que ellas se fossem alargando em mim, até que eu nada mais pudesse sentir, tão sacudido de sensação o meu corpo, que a minha vida, como uma corda que houvessem destendido demasiado, rebentasse, explodisse, em um ultimo grito de victoria e de amor, esvaindo-se em sangue, — ante o poder da ideia e o poder da palavra!...

*

Hoje, acordei velho... velho e corpo e de alma! Eu já vivi muito; eu devo ter, pelo menos, o triplo da edade que dizem que tenho... Que importa não se me hajam embranquecido ainda os cabellos, e o meu rosto não se cave ainda de profundas rugas? velho, eu o sou, de certo: uma prostração ador-

merce-me os musculos, um cançaço, um tedio, um medonho tedio de quem já viveu cem annos, atiram-me para uma cadeira, o cerebro sem uma ideia, o coração sem um desejo...

Eu não quero saber de coisa alguma!... deixem-me! para mim, hoje ninguem existe; para mim, hoje, a vida que vivo não é a mesma que vós outros viveis; o mundo a que pertenço é outro; sou um estranho; deixem-me tranquillo na minha decrepitude, deixem-me dormir o meu triste marasmo de antepassado!...

Se ninguem fallasse commigo!... eu já não vos comprehendo! já não ha sangue no meu coração, nem no meu cerebro! quero o descanço, o descanço! O repouso do leito, o repouso d'esta cadeira, não me bastam: um seculo: já não tenho mais forças para pensar, amar e agir... Os meus olhos, os meus ouvidos, as minhas narinas... o meu espirito, já não acham prazer na vida: morreram.

Hoje, eu tenho um seculo de edade. Oh! eu devo ser, de facto, bem velho, para que não encontre repouso nem n'esta cadeira em que arrasto estas horas, os braços cahidos, o corpo quebrado de cansaço, um cansaço de longas leguas a pé, a alma embotada e fria...

Cem annos! como vivi!

*

A minha visinha abre a janella, apparece... Côr de rosa — o *peignoir*! côr de rosa... Pela primeira vez eu a vejo, e não a vejo bem ainda, e, ainda não lhe distingo bem as feições; bella! deve ser bella, no emtanto; envoltas em certas côres, com certas côres, todas as mulheres são bellas, todas o devem ser... Como! pois ás flores não basta a côr, para que as achemos bellas? Qualquer que lhes seja o recorte, o formato das petalas, não são sempre bellas, desde que nos agradem aos olhos, desde que nos delicie a pupilla a côr que as tinge?!...

Ha frescura, tambem, n'esse *peignoir*; ha frescura, de certo, e um doce perfume, agradavel, de rosas: essa cor de nada mais carece para que o tenha: o simples facto de as cobrir, de lhes envolver o vellado das petalas...

A minha visinha despertou feliz: cantarola, afaga os seus cães, vae ao piano, toca uma valsa. Feliz! ouço-lhe as risadas, a conversar com alguem; féliz! e a sua alegria communica-se-me logo e eu tambem me creio feliz; a dor já não vive em meu peito, como um lobo faminto dentro de um pinhal...

Ah! porque eu dizia que a minha alma se me afigurava um longo corredor sombrio e estreito, ao fundo do qual havia somente, em um nimbo de ouro, o vulto d'essa mulher que eu amei e que me despresou por outro!... Ah! se eu a pudesse amar, a minha visinha, e se ella me amasse!... Eu teria de novo, então, *manhans triumphantes*, na expressão do poeta: bastar-me-ia olhal-a; bastar-me-ia olhal-a como uma estrella cujo brilho fosse tão grande, tão intenso, que ella pudesse ser vista, em pleno dia embora!...

. . . . . .

Desgraçado! nem á tua dor te pertences todo; que sorriam em roda de ti, que cantem, que sejam felizes em torno de ti, e já o quererás ser tambem, e já te julgarás feliz, egualmente; apenas, logo, comtigo, calados esses risos, essa alegria, tu proprio irás accordar as tuas dores; os pontos falsos que o esquecimento cola sobre os profundos golpes de tua alma, tu proprio os irás arrancar, sem te lembrares de que, fuscos ainda, com elles arrancarás pedaços de carne do teu coração, os bocados mais doloridos da tua alma, da tua desventurada alma de fraco!...

RAUL BRAGA.

SONHO ORIENTAL

Rósea morena de inspirada mente,
Seio de esphynge, coração de artista,
Sei que tu'alma anciosa, phantasista,
Sonha a ventura sob o céo do Oriente!

Como dous sylphos, n'um voar fremente,
Pelo ar, côr de pallida amethysta,
Rósea morena, magica utopista,
Vibremos nossas azas febrilmente!

A' luz da ideia que deslumbra o craneo,
— Como Paulo e Francesca enternecidos —
Voemos sobre o azul Mediterraneo!

Quero comtigo ouvir maviosa copla
Cantada sobre o mar — ambos unidos
Sobre um terraço de Constantinopla!

DAMASCENO VIEIRA.

Santos, 19 de Dezembro de 1893.

UM IDEAL

. . . . . .

E elle continuou:

« Alli estaria uma casinha branca, branca como uma camisa lavada e fresca como uma folha de alface.

N'um socego de abbade viveria feliz, lendo os meus livros. Quando recebesse cartas d'esses, que se dizem meus amigos, eu me riria de toda aquella cortezia palavrosa de que fazem sempre uso. Havia

Phototypia J. Gutierrez.

DR. JOAQUIM CANDIDO DA COSTA SENA

Engenheiro de Minas, Lente de Mineralogia e Geologia, ex-Lente de Physica e Chimica, Official da Academia Franceza, Membro perpetuo da Sociedade de Mineralogia de França, Socio Correspondente do Museu Nacional.

de conversar bastante com o mestre-escola, sobre os milhos e sobre os vinhos. Lavaria o meu cerebro cheio das immundicias palacianas, com o alvaiade purificador dos simples. E á tarde, quando o sol morresse na sua apotheose, iria ouvir as raparigas do sitio, alegres como as cotovias. Cultivaria flores na minha varanda, e trataria de uma horta com uns carinhos paternaes. No adro, quando sahisse da escola do padre cura a passarada de crianças, sentir-me-ia satisfeito de ver todo aquelle mundo de pequenos alegres e buliçosos. De manhan, sorveria em grandes golos o ar purissimo do campo. De noite, ficaria horas e horas a contemplar o céo todo estrellado, e quando a lua apparecesse, lactea, por detraz dos montes... »

E deixando pender a cabeça sobre o peito, scismava n'uns amores mal correspondidos.

ORTIGÃO SAMPAIO.

VINHO INVISIVEL

Em fins de Agosto, ao beijo das primeiras
Chuvas, lavando o céo enfumaçado,
O campo perde o aspecto desolado,
Um tapete viçoso occulta as leiras.

Dos ramos entrançados das videiras
Brotam gommos de um verde delicado;
Toucam-se para o mystico noivado
As folhudas, umbrosas larangeiras.

Frescos corymbos de uma alvura casta
Desabotoam dentre a fronde basta
Das goiabeiras, attrahindo insectos.

E os redivivos vegetaes, repletos
De nova seiva exhalam rescendente
Aroma forte que embriaga a gente.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará, 1893.

O DOM ABBADE

A ALUIZIO AZEVEDO

Fôra n'uma tarde pelo Natal.

Assentado, pensativo e solitario, em sua cella, o D. Abbade lia, philosphando, S. Thomaz, emquanto architectava no cerebro, vagarosamente, as bases da obra philosophica com que sonhava revolucionar as escolas.

E ella, descuidosa, passava com suas companheiras de folguedo, em visita ao mosteiro, pisando com os sapatinhos minusculos as campas humildes dos pobres frades, abafando com suas risadas joviaes a tristeza tumular d'aquella casa onde se enterram vivos.

Arrancado, subitamente, de suas meditações, por aquellas vozes prazenteiras, o D. Abbade, pelas grades da cella, fitára os olhos de asceta na moça.

E a sua alma, até então virgem de affectos, orphanada de paixões, sentio um embate tão forte, como se uma bateria electrica actuasse sobre ella. Obrumbrado por tamanha belleza, o frade tentou, com o livro, apagar aquella imagem de mulher tentadora; mas os seus olhos, mão grado seu, procuravam-n'a com a avidez do faminto, condemnado a dores eternas.

E ella, sem notar sequer que era alvo de tão alta attenção, proseguio no passeio, dando explicações ás amigas, condemnando os labyrinthos subterraneos inquisitoriaes, onde se suppliciavam os incredulos, lastimando aquelle viver solitario e, ao mesmo tempo, como para contrastar, chasqueando dos frades — bons bebedores e grandes comilões.

O Abbade desdobrava-se em duas personalidades, n'aquelle momento: uma prescrutando S. Thomaz, outra seguindo com ancia a figura seductora da mulher.

Galgando um pequeno topo, arregaçando as vestes, ella deixou apparecer uma perna grossa, bem torneada e bem feita, coberta por meia de seda *perle*, de ondulações brilhantes.

A vista d'aquellas bellezas desconhecidas, o monge sentio um estremecimento sensual percorrer-lhe a espinha, emquanto os olhos, em chispas ardentes, pareciam devorar aquellas voluptuosas fórmas.

Quando a moça sahiu, elle acompanhou-a ainda, com o olhar desejoso, e, quando a perdeu completamente de vista, voltou-se para os livros; mas, nem Boaventura, nem Thomaz, conseguiram aplacar aquelle chammejante sentimento que lhe revolucionava o coração. Leu capitulos e capitulos sem que uma só palavra conseguisse micrographar-se no cerebro, occupado por uma imagem unica — o amor!

*

Viu-a, mais tarde, ao lado do esposo, sahindo do templo, com o mesmo sorriso encantador, d'aquelle dia fatal, a bailar-lhe nos labios; e invejou a felicidade d'aquelle homem que, victoriosamente, encarando o povo com ar triumphal, parecia dizer — é minha!...

E tal posse a elle volada, pela religião, pelo dever, o preconceito... uma porção de coisas absurdas, que defendêra em suas prelecções philosophicas, mas que não comprehendia, constituia ainda maior inferno ao seu viver de precito.

Dominado completamente pelo amor, olvidára as aspirações de outr'ora: — um nome illustre entre os philosophos... uma vida illibada de máculas.

A organisação, narcotisada até então, despertara-se com toda a potencia das forças concentradas:

assim o vulcão extincto ergue-se um dia, arremessando columnas de lavas sobre a descuidosa victima.

As suas noites... noites silenciosas e pacificas de outr'ora, eram povoadas de visões : ora sonhos sensuaes, ora pesadelos horriveis.

A imagem seductora d'aquella mulher não o abandonava nunca : ora a via em sonho, bella, adornada com todas as phantasias de nababesco luxo ; ora envolta em gaze tenue, invisivel quasi, deixando transparecer, em toda plenitude da belleza, aquellas fórmas esthetieamente encantadoras.

Sentia, então, fugir como um fogo fatuo, a sua timidez pudorosa, e ao vel-a, encaminhando-se para elle sempre, com os membros bem fornidos, transcendendo uma essencia de volupia, o misero deixava-se cahir nos braços d'aquella tentadora visão, fundindo se completamente no gozo até então não gozado.

E beijando-a, nos seios, nos labios, nas faces, n'uma avidez ugolinica, ia ameigando com blandicias amorosas, o rosto, os cabellos, o corpo...

Sentia então o contacto de um chavelho, e, recuando, via os pés minusculos, divinaes, transformados em duas patas caprineas, como as do genio máo da lenda.

Tentando desprender-se d'aquelles braços, cadeias de ferro, soltava um brado medonho, e, em suor, offegante, cansado, saltava de pé sobre a lage fria da cella.

A' luz mortuaria da lampada, surdia a imagem metallica do Christo, no amiculo, encarando-o com olhar severo. E o pobre frade cahia de joelhos, sem murmurar uma prece, sem implorar um perdão, deixando tresvasar as lagrimas que lhe afogavam o peito.

*

Quasi sempre, á noite, sahia procurando, ao ar livre, o refrigerio para aquella chamma que lhe calcinava o coração.

Galgando o pico dos montes, corria como um louco, ferindo-se entre as fragoas, escalavrando-se, matando-se, como querendo fugir áquella paixão fatal, que lhe atormentava a existencia.

Nas noites enluaradas e melancolicas, o espirito obumbrado por preoccupações constantes o conduzia até ás praias do mar.

Fitava o oceano a bater, a recuar, perennemente, com tenacidade de louco, na barbacan... E elle, o rei da creação, invejava o oceano, que existe desde o começo de todas as coisas, mas sem pensar e sem sentir.

Os olhos, divagando no espaço, fitavam uma nuvem semelhando, ora uma náo com pandas velas, ao vento, ora um castello de neve, uma ave, um véo tenue dissipando-se, pouco e pouco, em vapores invisiveis ! E elle, o rei da creação, invejava a nuvem, que vive um instante, sem pensar e sem sentir, desapparecendo logo no espaço infinito.

Murmurava então com desalento :

— Alma immortal ! alma immortal ! de que te vale a eternidade da existencia, se o soffrimento, teu consocio constante, existe eternamente comtigo ?

*

No mosteiro todos temiam aquella taciturnidade.

Não era conhecida a causa, mas agouravam um desfecho funesto á desorganisação mental de que o frade parecia possesso.

Uma tarde, após grande excursão pelo campo, viram-n'o entrar na cella. Estava mais calmo que nos outros dias, porém silencioso como sempre ; os olhos, enrubecidos pelo pranto, tinham uma fixidez de louco.

Fechou-se. Ouviram-se, de fóra, preces lastimosas, murmuradas em voz alta ; e pouco depois um gemido suffocado seguido de silencio tumular.

No dia seguinte, ao entardecer, não havendo apparecido ainda, os outros frades bateram na porta, chamaram-n'o e, não obtendo resposta alguma, arrombaram-n'a.

Aos seus olhos desvendou-se um espectaculo horrendo : pendido do tecto estava o cadaver do frade, completamete estrangulado, baloiçando-se no ar, e, em baixo, junto ao leito, um retrato de mulher, a crayon, diabolicamente bella.

A. Foscolo.

ADAGIO

Começa : fere a corda adormecida
Do Violino. Tremula e plangente,
Suave e doce a Nota dolorida
Geme, soluça e foge tristemente.

Depois mais triste ainda e redolente
Volta : prende e extasia a enternecida
Alma do artista, emballa-a docemente
No *spartito* da Musica sentida.

Cresce mais, inda mais, lenta e pausada.
Enche-lhe os olhos uma luz magoada
Que parece do céo.. e o Maestrino.

Emquanto o acorde morre languoroso,
Vacilla-e pára e erguendo-se nervoso,
De pranto ensopa as cordas do Violino!

Miguel Barros

Recife, Outubro de 1893.

VINGANÇA

Oh, Natureza! o desespero ás vezes
O coração laceia-me, inclemente;
A sorte me propina agros revezes;
Vertem meus olhos largo chôro ardente.

Brumas pesadas — formidavel muro —
Vedam-me a senda azul da mocidade;
E a *columna de fogo* do futuro
Tento em vão lobrigar da escuridade.

Um desanimo atroz tolhe-me os passos;
Caio de rojo sobre o pó da estrada;
E ouço da morte a voz cava e pausada
Cantar funereamente nos espaços ...

Ajoelho-me então humildemente,
No peito a chamma da Esperança acceza —
E brado: »Natureza omnipotente,
Dá-me um pouco de amor, oh, Natureza!»

Mas tu... sorris ironica da altura
Do céo... sorris do calice das flores...
Sorris da espuma na nitente alvura
E dos bicos de aligeros cantores...

Sorris em tudo, emfim, porque não baste
A tua costumada indifferença:
Queres marcar bem fundo esse contraste
Entre o meu riso e a minha dor immensa...

Hoje, porém, succede que surgiste
Aos meus olhos envolta em pesadumbre;
Amanheceste pesarosa e triste,
Sem ter de riso um pallido vislumbre.

E até choraste, que teu frio pranto
Ensopou as areias da deveza,
E eu perguntei n'um doloroso espanto:
— Que tem, e porque chora a Natureza?

Mas depois puz-me a rir gostosamente
Um riso franco, triumphal, radioso,
— Riso de quem guarda no peito ardente
Um thesouro de amor fino e custoso.

Sim: no meu peito, fulgido, scintilla
Um olhar de mulher puro e sagrado,
E uma face sorri casta e tranquilla
Dentre brancuras doces de noivado...

E é esse amor de angelica pureza,
— Amor feito de cantos e de auroras —
Que me vinga de ti, oh, Natureza,
Que me faz rir no dia em que tu chôras!

ANTONIO SALLES.

Ceará, 1893.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(*Continuação*)

Carmen cahio então n'uma lethargia profunda, que muitos, que a observavam, tomaram por tristeza de ver que o supposto noivo se retirára do camarote.

Quanto a Dolores, é de justiça confessar que não chegára a entender a indirecta da comedia. Era mulher como certas, que vulgarmente nos dão o direito de não tomal-as por ingenuas e sim como dotadas de obtusidade intellectual. Para que lhe fosse decifrada a intenção de Lucio, era necessario que os personagens da peça se chamassem Blanco, Dolores e Lucio.

Entretanto, não lhe faltaria ensejo para applicar á sua pessoa, por inducção, a moralidade que respirava d'aquella atmosphera de adulterio; por isso, não podia attribuir motivos para a melancolia com que Carmen observava a ponta do leque, sem vel-o, vedado que lhe era pela interposição de um espaço povoado de complicados enredos, que ella mesma não comprehendia.

Carmen tratava de explicar qual poderia ser o meio de que se serviria Guilherme para vingar sua familia ou melhor Dolores.

Subio finalmente o panno para o terceiro acto.

O drama estava jogado; havia attingido o apice.

O terceiro acto era a conclusão a tirar das premissas. Não tinha o interesse do enredo; em compensação, era um trabalho de fino valor, porque era de uma profusão de phrases buriladas e como que filtradas a travez do espirito scintillante de Dumas.

O procedimento de Carmen era apparentemente antipathico, e na realidade de alto valor moral.

A prevenção, que todos murmuram ser a peior conselheira, já lhe occupava o maior espaço no espirito, de modo que facil foi interpretar o sentido da peça. E, como verdadeiramente ignorasse que Dolores era quem amava Lucio, quando, pelo contrario, ao doutor attribuia toda a ousadia, facil lhe foi crer que, para se vingar, para saldar a divida contrahida pelo seu amor-proprio com o seu supposto desprezo, daria aos factos contraposição de verdade. Revoltaram-se-lhe coração e alma. Lucio appareceu-lhe em memoria como um homem indigno e miseravel.

Então, d'ella se apoderou um longo soffrimento, que principiou desde o primeiro acto da comedia, que foi augmentando no segundo e que se completou no momento em que vio Lucio fital-a de um modo orgulhoso, sarcastico e impertinente.

Estava jogada a carta. Amava-o sinceramente. Os trinta e tantos dias de ausencia, durante os quaes o doutor não pisou o solar da casa do coronel Blanco, foram uma epoca espaçada para a dor que a tinha, de continuo, em sobresalto, entre o ciume e o amor. A's vezes, bemdizia a ausencia de Lucio.

— Ao menos assim não ha de *vel-a*... pensava.

Attribuia a retirada a um acto de pundonor e honra por parte de Dolores.

— Mucio declarou-se... e, infeliz, teve de ausentar-se. Esta hypothese foi a que, durante o espectaculo, reteve insistentemente o espirito de Carmen.

— Este *homem* quer vingar-se de minha mãe, invertendo os papeis. E' um miseravel que não merece perdão.

E indignou-se com tal ideia, tão promptamente, quanto dias antes receiava que Dolores correspondesse aos amores do doutor.

N'esta hora, porém, em que lhe pareceu em perigo a reputação de sua mãe, o seu amor, grande e profundo, foi pequeno ante o seu respeito filial, ante a recordação do nome illeso de seu padrasto.

— Sim, porque Lucio — pensava — assim como escreveu uma comedia d'esta ordem, póde amanhan dizer aos seus amigos quaes foram as pessoas que em Montevidéo lhe serviram de typo. Em taes casos, o coração expandio-se-lhe n'um soffrimento horrivel. Abalava se-lhe o sentimento de honra, palavra muitas vezes abstracta para uma moça ingenua, mas bem explicada pelos conselhos do coronel Blanco. Imaginou o perigo a que havia o doutor exposto a honra de sua familia. A sociedade, no dia immediato, trataria de indagar da razão pela qual parecia commovida, depois que se retirára do camarote o seu supposto noivo, Guilherme Tosti. E Dolores ou despresava por soberba ou ignor a r falta de esclarecimento intellectual, a culpa revertia sobre Lucio Herrera. Era uma vingança por demais torpe e indigna de um homem de bem. Ahi estava provado o engano, em que por vezes incorre a sociedade, emprestando qualidades, que pela generosidade precipitada com que são dispensadas se transformam em pouco tempo em realidade cruel. Lucio appareceu-lhe como a imagem formidavel de um Satanaz.

— Que fará Guilherme para vingança nossa e interesse seu?

E de subito:

— Não seria melhor despresar a offensa? Não é verdade que a prudencia é a maior expressão do valor?... Passaria incolume por sobre a fronte de minha mãe. Amanhan está esquecida a comedia... Ninguem attribuirá intenções propositaes a taes actos representados n'uma capital de segunda ordem!... E Guilherme? Será homem de valor?.. Quererá bater se para merecer o meu amor?

E o raciocinio susteve-se n'esta ultima palavra.

Um movimento de convulsão imprimio rapida oscillação no leque que tinha na mão.

— Pateal-o, a Lucio?... Não, não!...

Ao coronel Blanco não foram despercebidas a agitação nem as duas ultimas palavras.

— Que se passa? — interrogou elle, procurando ler na pallidez, que amortecia o olhar e a expressão do rosto da enteada.

Carmen luzio um olhar extraordinariamente expressivo.

— Lucio! querem pateal-o!... murmurou com voz suffocaute.

E n'um movimento convulso fez estalar o leque com que momentos antes brincava, applaudindo a ideia que lhe fôra exposta por Guilherme Tosti, a de patear a comedia.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa)

MISS

Azues, da côr azul dos céos e mares...
Miss, dourada Flor, teus olhos bellos
Meigos, serenos, mysticos, singelos
Nadam em luz de lyricos luares...

Não ha mais loura estrella n'estes áres!...
Em turbilhões ou soltos, em novellos,
São mais louros que o Sol os teus cabellos
Louros do louro ideal dos meus sonhares...

E com que graça rindo se illumina
A delicada pétala mimosa
De tua rosea bocca pequenina!

— Eu não conheço artistica pintura,
Obra d'Arte tão rara e primorosa
Que como tu mereça uma moldura!.

A. PERES JUNIOR.

Do proximo numero em diante recomeçaremos a publicação das chronicas theatraes de *X. Y. Z.*

Em quanto esteve interrompida a publicação do *Album*, fomos obsequiados com a remessa de muitos livros, folhetos, revistas, jornaes, periodicos, etc. cuja enumeração seria hoje inopportuna, e nos tomaria muito espaço. Mencionaremos, entretanto, escrupulosamente as publicações que de ora em diante nos forem remettidas.

Recebemos egualmente alguns autographos, que iremos publicando successivamente.

Pedimos encarecidamente aos nossos collaboradores que continuem a honrar-nos com os seus escriptos. O *Album* é uma folha aberta a todas as intelligencias e aptidões.

Os numeros do *Album* só se encontrão á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

ANNO I — N. 46 SEGUNDA SÉRIE MAIO DE 1894

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26$000 e 13$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

FRANCISCO VALLE	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
ANTES DE PARTIR PARA PARIS	Adelino Fontoura.
IMMIGRADA	A. Foscolo.
O PASSADO	Raul Braga.
BAISER VENGEUR	Magalhães de Azeredo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. CASSIANO DO NASCIMENTO

FRANCISCO VALLE

Um dos nossos primeiros criticos musicaes já lhe chamou, na *Gazeta de Noticias*, « o maior genio musical que por emquanto tem produzido o Brasil ». Não sei se essa opinião é verdadeira, mas sei que é a opinião de muita gente.

Francisco Valle tem vinte e cinco annos : nasceu em 20 de Março de 1869, no Porto das Flores, em Minas-Geraes. E' filho legitimo do Sr. Manoel Marcellino do Valle e de D. Emilia Magalhães do Valle.

Falle agora por nós a *Gazetilha* do *Jornal do Commercio* de 26 de Setembro de 1892 :

« Com decidida vocação para a musica desde a sua mais tenra edade, foi discipulo de piano n'esta capital, de Alfredo Bevilacqua; estudou harmonia com Miguel Cardoso, e as suas primeiras tentativas como compositor foram felizes; n'ellas exhibia o nosso joven patricio duas boas qualidades para um compositor: sciencia e originalidade.

Seu pae, dotado de bom temperamento artistico, não poupou sacrificios para a sua educação musical, e mandou-o para a Europa, onde estudou, em Pariz, sob as lições de um bom mestre da Arte : o maestro Cesar Frank.

Francisco Valle escreveu na capital franceza varios trechos, entre os quaes um bello sextetto para instrumentos de arco, e alguns preludios para piano e outros trechos entre os quaes uma *fuga*, que hontem mereceu calorosos applausos. Chamado ao Brasil, no anno passado, por necessidades de familia, organisou, não sem difficuldade, um concerto no theatro S. Pedro de Alcantara, em que exhibio varias composições suas, pelas quaes avaliaram logo os mestres de musica d'esta capital os grandes progressos que o nosso patricio tinha feito e seu merecimento como compositor.

As suas peças mais apreciadas então foram : uma *rêverie*, o *Telemaco*, uma *pastoral* e um *scherzo*, em fórma de valsa. Em todos esses trechos manifestou o joven artista fórmas novas e originaes, bons conhecimentos technicos, a par de um defeito facil de evitar, qual o do abuso do desenvolvimento de uma phrase ou motivo principal do trecho executado. Depois d'esse concerto para cá, o joven maestro não tem perdido o seu tempo ; compoz muitos trabalhos novos, entre os quaes um *octetto* para dous violinos, alto, violoncello, contrabaixo, flauta, clarineta e fagote, que muito agradou, e foi bem executado no concerto de hontem por musicos da excellente orchestra do maestro Mancinelli.

Tanto no *octetto*, escripto no rhythmo de *menuetto*, como em outros trechos, o nosso patricio denuncia progressos sensiveis na arte difficil de escrever boa musica, resultantes de talento e imaginação espontanea, alliada a acurado trabalho. Pela audição de seus novos trechos parece-nos que o maestro Valle, ainda que com sacrificios, deve trabalhar algum tempo na Allemanha ; ao lado de compositores modernos, muito lucraria de certo na sua viagem artistica. »

Sobre o concerto alludido escreveu Alfredo Camarati, cuja competencia ninguem póde pôr em duvida :

« O *Preludio* tem umas expansões wagnerianas, que encantam ; a *Fuga*, rigorosa na absoluta expressão da palavra até certo ponto, emaranha-se depois, n'umas combinações novas, por assim dizer exoticas, e que promettem ao Brasil um compositor

da mais absoluta individualidade. E n'esta escapada aos rigores da *Fuga*, vêmos com prazer que, se Francisco Valle tem *á desgraça* de saber contraponto, como deve saber um discipulo predilecto de Cesar Franck, tem a facilidade de saber atirar com as cilhas da sabedoria para os quintos do inferno, quando realmente se sente accommettido pela inspiração, visitado pela commoção artistica, que, infelizmente, é mais esquiva para a humanidade, do que os flatos e ataques de nervos!

Um *octetto*, escripto ultimamente na roça e que é o encanto de Mancinelli, revela Francisco Valle como compositor mais livre, se bem que ainda alli se sintam proveitosos moldes de Haydn e de Mozart, mas, na peça em que o nosso compositor se mostra de talento assustador, é na *Sonata em dó menor*, para piano, uma peça com grandes e scintilantes rajadas modernas, e na qual apparece uma melodia de grandeza fulminadora, de um vigor dramatico espantoso, e que nos faria prever um mestre de opera, se nós, esteiados na auctorisada opinião e pratica de Mancinelli, não considerassemos Francisco Valle um symphonista, que symphonista já veio da roça e symphonista ha de acabar, em Carlsruhe, Munich, Leipzig ou Berlim, se os governos e os brasileiros comprehenderem o seu dever, ou, desprotegido, em S. José do Rio Preto, apodrecendo o talento e o saber, entre tulhas de café ou entre sócas e resócas de canna de assucar! »

A isso temos a accrescentar que Francisco Valle, comquanto não recebesse a protecção do governo, lá foi aperfeiçoar os seus estudos na Europa, e não tem feito outra coisa senão progredir e crescer.

E' um talento que honra o Brasil, um nome que virá á tona, honrado e glorioso, quando a politica deixar de ser a preoccupação exclusiva dos brasileiros.

A galeria artistica do *Album* não estaria completa sem o retrato de Francisco Valle.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Já não é indignação nem rancor que os revoltosos inspiram; é piedade.

Como aquillo acabou, santo Deus! Custodio, o hepatico, o sem-sangue, dizendo n'um manifesto que fugio... porque não foi atacado, e accusando Salgado do insuccesso do Rio Grande! Salgado atirando as culpas sobre Custodio! Saldanha da Gama carpindo o seu caiporismo n'um manifesto pulha, escripto contra os portuguezes que lhe salvaram a a vida! Gumercindo Sarabia declarando-se oriental! Ruy Barbosa pregando carapetões em Lisboa! Piragibe, o Falstaff do Federalismo, tentando ridiculamente recomeçar a luta com um troço de bandidos e vagabundos estrangeiros! Menezes Doria, o Dom Juan bisborria, *azulando* do Paraná com o famoso « cofre dos emprestimos », como no dia em que, sendo sorprendido com sua amante pelo marido d'ella, fugio, deixando que a infeliz senhora fosse barbaramente morta a facadas!...

Ahi está em que deu tanta arrogancia estupida!...

Desgraçados! — sabiam matar, mas não souberam morrer!

*

Felizmente a população fluminense, quasi esquecida dos calamitosos tempos em que as balas a todos os instantes sibilavam sobre as suas cabeças, vae a pouco e pouco se reanimando, e voltando ás preoccupações e aos prazeres de outr'ora. Não temos agora outra *Revolução* a não ser a do Polytheama, em que Furtado Coelho nos apresenta o typo de um almirante incapaz de fugir.

Esse e outros theatros enchem-se todas as noites. O publico vae ao Apollo, ao Recreio, ao Sant'Anna e ao S. Pedro de Alcantara.

Este ultimo theatro, respeitavel por tantas e tão gloriosas tradicções artisticas, foi agora transformado em circo, onde todas as noites se exhibe uma companhia equestre de terceira ordem.

O Variedades enfeita-se para esperar os seus artistas, que mourejam em Minas, e o Lucinda prepara-se para receber uma companhia lyrica modesta e baratinha, com a qual os nossos dilettantes se irão contentando, emquanto não vêm para o Lyriço os cantores de *primo cartelo* contractados pelo Mancinelli, que teve a coragem heroica de se fazer emprezario de opera no Rio de Janeiro.

*

As comedias de Fernando Caldeira foram tão representadas no Rio de Janeiro, que dislate não será referir-se a *Chronica fluminense* ao fallecimento do poeta, occorrido em Lisboa.

Entretanto, Fernando Caldeira era menos conhecido por toda a sua bagagem de theatro que pelo seu madrigal intitulado *Uns pésinhos*, do qual Camillo Castello Branco dizia:

« A' cerca de pés, poesia tão imbrincada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindins, ninguem a urdio como este poeta. Fazer de um composto do tarso, metartaso, phalanges, musculos, nervos e cartilagens um tecido de phrases tão ternas e languidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais ideal e esthetica, mais perrexil e atavios que os dous pés reaes da dona do pé cantado. »

Quem não conhece esses versos?

Olha, a dizer-te a verdade,
Eu acho que é crueldade
Deixal-os ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
Levo-te a ti n'um dos braços
E elles ambos n'outra mão!

Pobre Fernando Caldeira!

A.

ANTES DE PARTIR PARA PARIS

Venho ensopar de lagrimas o lenço
No tristissimo adeus da despedida;
Em breve a Patria vou deixar, perdida
Além... na curva do horisonte immenso.

Em breve sobre o mar, profundo e extenso,
Adejará minh'alma dolorida,
Como a gaivota errante e foragida
Sem ter um ninho onde pousar, suspenso.

Então, senhora, hei de pensar tristonho,
Revendo a vossa angelica bondade,
N'este ninho de amor, calmo e risonho.

E triste, sobre a triste immensidade,
Como quem despertou de um ledo sonho,
Hei de chorar o pranto da Saudade!

ADELINO FONTOURA

Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1883.

IMMIGRADA

Assentada a sós sobre o caes, ella via o oceano bater, recuar, tornar a bater com a tenacidade de fera escalando a jaula, e seguia, até desapparecerem de vista, as ondas que se succediam... ondas d'aquelle mar donde vira, do tombadilho do navio, sumir-se a patria... a Italia, a terra das canções melodicas, das primaveras eternas, onde as brisas murmuram na França dos alamos frondosos, dos videiraes em fructo, dos caramanchões em flor, as saudades tristonhas de uma coisa que amamos muito, mas que já lá vae tão longe!

*

Nascéra nos arrabaldes de Napoles, ao pé da collina que borda a base do Vesuvio. Viviam parcamente, o pae e ella, de um pequeno videiral: davalhes saboroso vinho e a sufficiente renda para se sustentarem no labor continuo.

Veio um dia a lava homicida, que nada respeita, e arrasou-lhes as parras cobertas de roxos e dourados cachos com a pequena vivenda onde habitavam.

Na impotencia de lutar pela vida alli onde escasseia o solo, onde superabundam braços, resolveram immigrar em busca do trabalho e das commodidades que lhes roubára o fero[illegible]

*

No Brasil, terra do ouro e das riquezas, paiz das fadas onde tudo brota espontaneamente, encontraram a fome e a miseria, a epidemia e a morte, ceifando em pouco tempo a vida do pobre velho.

Completamente só na grande cidade, hospedada com seus compatriotas no largo do Paço, dormindo sobre as pedras frias das calçadas, exposta ás intemperies, n'uma promiscuidade de costumes desconhecidos até então, a virgem erguera-se do seio d'aquella multidão de homens de todas as nações, trazendo no ventre o fructo do seu viver commum.

Era bella, poderia enriquecer-se talvez, arruinar muitos homens, queimar, em seus braços de fogo, muita dignidade balofa; mas a quéda precipitára-a tão baixo, que o principio da carreira mundana, d'ella, era o epilogo das desgraçadas de sua especie.

Amantes... tinha-os aos centos: eram os soldados, os carroceiros, os carregadores, os miseraveis dormindo, como ella, sob os alpendres das casas.

Era vagabunda e fez-se bebada.

Fôra de natural doce e meigo e tornara-se bulhenta e insultadora para dormir na estação de policia e ter o pão do dia seguinte. Pedia, descaradamente, esmolas, esperando que a levassem para algum asylo e, afinal, cansada de explorar a caridade publica, estirava-se á noite, placidamente, sobre as calçadas — antigo e constante leito de suas agonias de immigrada.

O filho, fructo da desgraça, nascéra um monstro deformado pelo máo trato e a vida debochada da mãe.

Era um animal repellente, e horrorisante, julgado, pela imaginação fanatisada, um castigo do crime... Crime de haver cedido, por ignorancia, innocentemente, aos caprichos de um vagabundo que explorou a ingenuidade da virgem! Crime de ter succumbido naquelle meio pestifero de toda sorte de putrefacção moral e physica, ao jugo ferrenho da sorte que a atirára tão longe da patria!

A miseria com o seu cortejo de males: — a embriaguez, a fome, o desalento, trouxe-lhe em pouco a enfermidade syphilitica e a tuberculose que a fizeram cahir nas mãos da caridade publica, n'um hospital.

*

Completamente entregue ao soffrimento, vendo o pequeno monstro, coberto de chagas, a expirar, sem ter mais o esquecimento proporcionado pela vida ardega, debochada, viciosa das ruas, d'aquelles bairros immundos onde se estirava depois de completamente estafada pela crápula; sem o alcool, que lhe estragou o organismo, mas dava-lhe, em compensação o embotamento dos sentidos, a hyposthenisação do seu viver desregrado; sem nenhuma daquellas luctas, daquelles vicios extenuantes tornando-a inconsciente do padecer, o seu martyrio era mais profundo, mais forte, mais terrivel do que d'antes.

Das scenas hypnotisantes da dor nostalgica só lhe restava o oceano, o velho gigante que, lá em

baixo, ella via, da janella da enfermaria, escalando a praia sempre e sempre com a tenacidade de um louco !

Lagrimas... Se lagrimas tivessem a propriedade de minorar o soffrimento, cicatrisar as chagas, ha muito estaria curada, porque os seus olhos eram um manancial continuo donde o pranto jorrava sem cessar.

As boas irmans julgavam o arrependimento ter tocado a alma da peccadora; mas em verdade a angustiavam. saudades da infancia, do pae, da patria, de todos os castellos perdidos, dissipados no meio de sua vida como um sonho agradavel de que nos queremos recordar, mas que nos foge da mente.

Arrependimento ? Não, não se arrependia por que nunca fizera mal a ninguem e, se crimes havia em sua existencia, ella representava sempre a victima.

Pouco e pouco veio-lhe a apathia... uma especie de paralysia dos sentidos : não se queixava, não gemia, não se incommodava com as agitações de redor. Sentia-se desorganisar, apodrecer, decompor-se, e resignava-se áquella ideia de anniquilamento, representando o descanso, a paz eterna de sua entidade psychologica. O passado pouco lhe importava agora — nenhum elo tinha que a prendesse. O filho, monstro condemnado desde o berço, conhecia-se ainda viver pela respiração offegante.

Foi definhando gradativamente; vio expirar nos seus braços a criança, sentia-se já prestes a tocar os aditos do nirvana, e a imagem da morte apparecia-lhe linda, como o sonhado noivo de suas esperanças de donzella.

Tocou afinal a meta extrema — morreu sem agonia, como um passaro ferido no coração, fitando, pelas janellas de sua fantasia, o oceano... aquelle mar donde víra, do tombadilho do navio, sumir-se a patria... a Italia, a terra das canções melodicas, das primaveras eternas, onde as brisas murmuram nas franças dos alamos frondosos, das videiras em fructo, dos caramanchões em flor, as saudades tristonhas de uma coisa que amamos muito, mas que já la vae tão longe !

A. Foscolo.

CONCURSO DE SONETOS

A Gazeta Postal, interessante folha litteraria que se publica na capital do Pará, abrio um certamen de sonetos a que concorreram trese poetas, e teve a dilicadeza de convidar a redacção do *Album* para ser a julgadora d'esse concurso, e escolher os tres melhores sonetos, classificando-os em ordem de merecimento.

O redactor do *Album* desobrigou-se d'essa honrosa incumbencia remettendo á *Gazeta Postal* o seguinte laudo :

Do Pará recebi trese sonetos
Para os tres escolher da melhor nota...
Cincoenta e dous quartettos e tercettos !
Como hei de descalçar tamanha bota ?

Eu todos li com attenção devota
E em todos encontrei alguns gravetos;
Mas juro, ó Muza, por teus olhos pretos,
Que o melhor d'elles é o da *Deusa ignota*.

Segue-se, em ordem de merecimento,
A carta, mas o autor (que M. A. se chama)
Poz nos tercettos quatro vezes *cnto* !

De longe, emfim, o outro logar reclama.
Meu juizo ahi está; os dez que descontento
Tenham paciencia: vão chorar na cama.

Em seguida publicamos o soneto classificado em primeiro logar :

DEUSA IGNOTA

Surges cantando : para mim, contricta
Abres os braços de crystal rosado;
Cobrem-te o corpo alvuras de Noivado,
Rosa serena que no espaço habita !

Pela escada de marmore infinita
Que eu vejo no meu sonho illuminado,
Vens descendo do páramo estrellado
Pelas Graças e Sylphides bemdita !

Cerca-te a fronte virgem, coroando,
A luz dos olhos fúlgidos das Santas,
E toda a côrte de anjos esvoaçando...

Beijas-me; e a lyra nos teus pés deponho.
Flor do Ideial que no meu seio cantas,
Sonho envolto nas nuvens de outro Sonho !

Demosthenes de Olinda.

O PASSADO

... — « Banal isso, talvez... Não importa !... Quero, tambem, notar essa sensação da minha vida... »

E, chegando-se mais ao canto do sofá, como fugindo á luz branda da lampada sobre um consolo distante, Cesario Gonçalves calou-se, n'uma concentração de quem reconstróe impressões desapparecidas ha muito...

Fazia frio... os tapetes felpudos da saleta, as grossas cortinas de lan cobrindo as janellas e a porta, não conseguiam aquecer sufficientemente a temperatura do aposento... Embrulhados em grandes mantas, um gorro á cabeça, quedavamo-nos, mudos e tristes, de longe em longe apenas abrindo esse pesado silencio indolente com uma ou outra

Phototypia J. Gutierrez.

FRANCISCO VALLE

vaga palavra sem importancia, mais bocejada do que fallada...

Durante o dia, jogáramos, discorreramos sobre a vida alheia; varios de nós, os mais felizes, os que tinham a existencia menos vasia, haviam desvendado segredos... amores, scenas intimas que a sua honra lhes mandava, entretanto, conservar no mais completo mysterio... Passáramos em revista os divertimentos, os prazeres, que nos podiamos conceder por aquelles dias proximos...

Uma companhia lyrica italiana, em cujo repertorio liam-se apenas velhas operas romanticas que já nos achavamos cançados e enervados de ouvir; algumas *soirées* de *parvenus*, que, em plena Republica, sonhavam ainda, vagamente, com brazões de nobreza, affectavam ainda velhos habitos de luxo e elegancia fidalgá... As distracções de sempre, a alegria de costume, o que se estabeleceu dever chamar-se um divertimento... Nada de novo! a monotonia do prazer-programma...

E, no abandono com que nos entregavamos ás doçuras do almofadado das poltronas em que nos sentáramos, transparecia um vago desejo de apodrecer alli, nada mais fazer, desejar, — n'uma estagnação de pantano...

Cesario succudira a somnolencia geral que nos entorpecia, com essas palavras, ditas como um sonho... abstractamente... como em um monologo de labios a dentro, só para si...

O tempo prestava-se a isso; o aborrecimento, o cansaço, que nos pesavam, na serie ininterrupta dos mesmos gozos que se nos apresentavam, outro prazer não permittiam que o da analyse minuciosa, cruel embora — tantas vezes, de todo o nosso mundo intimo, de toda a nossa vida psychica, — longe dos olhos estupidos da multidão...

Banal, pois, isso?... Não, de certo!... Não podemos... não devemos até — parar, de quando em vez, em meio d'essa vertigem que se chama *viver*, afim de tambem nos observarmos um pouco, indifferentes e calmos, como espectadores imparciaes a quem incumbe um estudo, um exame, dos motivos que nos fazem agir d'esse ou d'este outro modo, sentir esse ou este outro sentimento, pensar d'essa ou d'esta outra maneira; explicar, observar, emfim, o proprio exercicio das nossas faculdades, — como seres superiores que não vivemos inconscientemente apenas, á nossa natureza, e que, se não o conseguimos, ao menos tentamos nos comprehender?!...

Banal, pois, isso?... Não, de certo!..

Alguns se esquecem de que vivem, é exacto; vivem esquecidos de que se acham sujeitos a alguma coisa eternamente superior a nós, esquecidos de que nasceram e morrerão, um dia; alguns jámais pensaram sequer um instante em voltar, por um momento ao menos, todos os seus sentidos para dentro de si mesmos, a escutar, a ver ou a sentir, n'uma palavra, esse trabalho continuo e lento de vida a que chamamos alma... Não é, porém, a prova mais irrecusavel da nossa superioridade esse espirito de analyse que hoje nos ganha, essa febre por nos conhecermos tambem, por nos explicarmos, por nos comprehendermos?!... a convicção final embora da nossa subordinação ás leis eternas que presidem a todo o mundo, não são isso e a revolta que nos saccode por vezes contra essa mesma subordinação e a nossa pequenez ante a ambição que nos domina — aos mais nobres, as provas mais bellas da nossa superioridade sobre todos os outros seres?!...

Dirão, talvez: quem não encontra argumentos em favor do que mais ame, dos seus mais simples prazeres?... Não sei; eu assim penso: nada tanto me encanta como a confidencia d'essas impressões intimas que temos, a um facto, a um objecto, minimo ás vezes... nada tanto me encanta como ouvir a analyse de uma d'essas sensações muito finas que nos despertam, por vezes, coisas insignificantes, acontecimentos banaes de sempre, de todas as horas, — tão communs e banaes que já ninguem os nota, dir-se-á, — que ninguem... nós mesmos, até ahi, jámais lhes prestámos a mais leve attenção...

Cesario ia contar-nos uma, de certo. Por meu lado, reergui, pois, a cabeça, ouvidos sofregos, — fitos os olhos até então, distrahidamente, para as flores do tapete, — á espera do que os seus labios notar-nos-iam, quebrando o silencio, emfim...

— « Foi ha muitos annos já, proseguio... nem podia deixar de ser... — E sorrio-se. — Na minha primeira mocidade... A viver eu começava: não era de estranhar, portanto, a minha inexperiencia, por essa época, das menores sensações da vida...

Não mentiria quem me dissesse leviano e pouco reflectido... Coisas frivolas mesmo que todos os cerebros veem, jámais haviam passado ainda pelo meu... Vivia como em um atordoamento, como que agindo apenas, arrebatado pelos impulsos da minha natureza, naturalmente na reacção consequente dos tempos de actividade contida pelo regimen do internato de que sahia...

Havia, de certo, uma falta do habito da acção, da iniciativa, mas era deliciosa, não obstante, essa liberdade que se exercia emfim, sem que nunca me houvessem ensinado, no emtanto, o que ella fosse!... Era feliz. Os theatros, os primeiros amores comprados, algumas orgias... Fatigado ou não, só voltava á casa alta noite. Já não era um collegial: a minha vida devia ser, de então em diante, completamente o contrario do que até ahi fôra!...

Meu pae determinára que eu fizesse uma viagem á Europa, de descanço e recreio, antes de me matricular na Universidade de Bruxellas, em que me devia formar em engenharia. Desejava, comtudo, que, primeiro, eu fosse conhecendo, por meus olhos, os principaes pontos do nosso paiz.

Não parava, pois, em parte alguma. Porto-Alegre, S. Paulo, Bahia, Recife, S. Luiz, Belém.

Ouro-Preto, — n'essa peregrinação constante, assim me corria o tempo...

Talvez por mais livre do que elles viver, dos meus companheiros de estudos, raros encontrava, simplesmente nos cumprimentando, muitas vezes, — trocando uma ou outra palavra, quando muito.

Eu tivera amigos, todavia, entre elles. Exactamente esses, porém, não os víra ainda.

Amigos !... N'estes primeiros laços de amizade é que se póde, na verdade, reconhecer a necessidade intima, egoistica, portanto, — que todos sentimos de alguem mais simillhante a nós, mais condescendente em ouvir-nos, ou que melhor nos comprehenda, com quem desabafemos os nossos segredos, a quem confiemos os mysterios mais subtis desvendados ao nosso espirito e ao nosso coração, as descobertas que vamos fazendo, cada dia, em nós mesmos... N'essa quadra da vida, tudo isso é bem pouco ainda, bem confuso... que importa ! os mais rebeldes não se esquivam a isso...

Na despreoccupada e alegre existencia que eu levava, não tivera occasião, entretanto, de me recordar, saudoso, d'esses meus amigos. Eis, porém, que, um dia, ao passar, a pé, pelo jardim do Passeio, alguem me chama do portão, pelo meu nome.

Doce sorpreza ! Era, nada mais, nada menos, do que um dos meus antigos amigos, mesmo o mais amigo de entre elles, o meu primeiro amigo, como me exprimia nas minhas expansões de criança sentimental... Jayme Sequeira.

Após tantos mezes que nos não viamos, os nossos transportes não podiam ser outros... Abraçámo-nos, rimo-nos de já nos ver com o antigo buço quasi bigode ; puzemo-nos a passeiar, de braço dado, indagando um do outro o que faziamos então, lançando-nos em seguida, insensivelmente, a rememorar esses alegres tempos da infancia, para matar saudades...

Felizes conversas ! esquecemos todos os rancores, não temos orgulho, somos justos emfim : as coisas deram-se como se deram ; pensámos outr'ora que tinhamos razão... criancice ! nós não a tinhamos... E haverá, commummente, n'esse passado, offensa que se não possa perdoar ?!... Felizes conversas ! comprehendi-o, pela primeira vez.

Nunca, de facto, o meu pensamento se deixára ir a essa epoca, tão pouco remota, no emtanto, mesmo por isso, quem sabe ! Agitando-me muito para que tivesse a calma de recordal-a, quérendo esquecer esses tempos que me envergonhariam, talvez, agora que eu vivia, — não tendo occasião nem com quem rememoral-os, — por qualquer dos motivos, por todos mesmo, só então eu parecia lembrar-me de que, na verdade, houvesse um passado na minha vida.

— « E que é feito do Eduardo Mendes ?... Não o vi mais... »

— « Nem eu... E o Cabral ?... Morto, não ?... »

E vieram os episodios mais alegres d'essa quadra feliz. Fugas para a chacara de um visinho, o conhecido commendador Vallim de Castro... O Cabral fôra sorprendido, uma vez, pelo chacareiro e, por elle seguido, apresentado ao director que o entregára á familia, não podendo mais supportal-o... Um appetite famoso, um estomago invejavel, — o Cabral ! Fructas verdes, pecegos ainda cobertos de pello, brancos, inteiramente brancos ainda, por dentro ; laranjas do tamanho de um limão pequeno... tudo devorava. E os *roubos !* as metades de pão fisgadas por pontas finas de flecha em que se enterrava um prego, uma penna ; desapparecimentos até á dispensa proxima do refeitorio, na lufa-lufa em que se sahia d'este para o recreio...

Os inspectores — incriveis ! um, por exemplo, alto, longas suissas, dentes enormes, — prodigo de queixas por escripto, sofrego de occasião em que pudesse *fazer estylo*, empregando os ultimos termos ouvidos ; outro, celebre por um tic nervoso dos musculos da fronte, e que nos levava a suppor, muitas vezes, que nos fazia signal, para que lhe fossemos fallar á mesa.

O director, emfim, defeituoso de uma perna, defeito que excitava todas as imaginações no collegio, cada qual lhe attribuindo a explicação mais grotesca... Irascivel, á menor queixa accudia logo á sala de estudo. Gritava, reprehendia, ameaçava, mas volvia logo ás pressas, o que lhe tirava toda a força moral, dando-lhe o ar de fugir a alguma reacção porventura possivel...

Jayme fallava mais do que eu. Dirigia-me perguntas ; respondia-lhes geralmente... A trechos apenas, em regra, eu o interrompia, tomado de subita recordação, lembrando-lhe outros factos, minudencias de que parecia esquecido.

Elle mostrava-se sempre, no emtanto, mais senhor de tudo ; era, mesmo, quem me despertava a memoria para episodios a que dir-se-ia eu não ter dado a devida attenção, que dir-se-ia terem-me passado ante os olhos sem m'a provocarem... — Ai de mim ! — a sensação que me davam esses pequeninos incidentes de uma vida que ainda não era uma vida, que seria quando muito, que poderia... deveria ser, quando muito, um preparo para a vida, — eu não sei se saberei explicar-lhes, tal como a senti...

Um espanto, ao principio... um espanto ; eu notava emfim que dias tinham havido que já não existiam... eu notava, e uma admiração, um pasmo, me enchia : de como isso passára assim, tão depressa, de que tivessem havido coisas que já não existiam... Como ?! eu fizera isso, e já não o fazia ; eu fizera isso e isso já se me afigurava um facto estranho á minha actividade, tanto que era preciso lembrarem-m'o, para que n'esse facto pensasse, reflectisse, e me convencesse então de que o executára com effeito ?!...

Um terror, em seguida... o terror instinctivo da velhice e da morte cada vez mais perto... o terror de uma mesma corrente impetuosa e invencivel le-

vando-me ao mesmo tempo para a velhice e a morte... o terror de alguma coisa indefinivel e despotica, me arrebatando comsigo, — arrastando-me por scenarios diversos, por alegrias e dores, — n'uma vertigem, — de modo que eu não soubesse, um dia, se soffrêra ou gozára, se isso se dera commigo ou com outro eu, e me fizesse á vida uma allucinação, e me turbasse o espirito, me désse a sensação de que a propria vida não me era uma realidade, mas nada mais do que um sonho... mas nada mais do que um sonho, agradavel agora, pungente em seguida.

O silencio se fez, de novo, entre nós. E, na abstracção em que nos encontrámos, como que parecia procurarmos, dentro de nós mesmos, essa sensação, dolorosa sensação, de certo, das primeiras rugas que se approximam, dos primeiros cabellos brancos, da morte, emfim, cada vez mais perto, sofrega e hiante, aos nossos pés...

RAUL BRAGA.

BAISER VENGEUR

De toi, qu'un autre—époux odieux!—va presser
Sur son coeur, t'enivrant d'un amour que je blâme
Je ne voudrais qu'un seul baiser, maudite femme,
Dût le ciel m'en punir, dût l'enfer m'écraser!

Dans ce plaisir de mort, cet horrible baiser,
Dont l'âpre désespoir serait l'unique flamme,
Je saurais mettre tous les transports de mon âme.
Et, flétrissant ma vie entière, l'épuiser!

Il serait, plutôt qu'un baiser, une morsure,
Qui te ferait souffrir la fièvre lente et sûre,
Dont nous ronge un désir toujours inassouvi!

Et je serais en toi, dans tes yeux, dans ton rêve,
Vivant, toujours vivant, sans relâche et sans trêve...
Et je ne craindrais plus ce que je crains: l'Oubli!

MAGALHÃES DE AZEREDO.

Recebemos os dous primeiros numeros do *Ceará Illustrado*, revista artistica, litteraria e scientifica, que vê a luz na capital d'aquelle Estado de quinze em quinze dias. E' uma publicação muito interessante. Traz os retratos de dous cearenses illustres, José de Alencar e Thomaz Pompeu.

Temos sobre a mesa o primeiro numero do *Equador*, revista pernambucana, dirigida com talento por Thaumaturgo Vaz, trazendo o retrato de Clovis Bevilaqua.

Recebemos ainda: a *Gazeta Postal*, do Pará; *O Diario*, de Therezina, Piauhy; o *Rio Grande do Norte*; o *Archivo litterario*, de Palmares, Pernambuco; o *Diario de Noticias*, o *Paraguassú*, de S. Felix, Bahia; a *Semana*, da Capital Federal; a *Gazeta de Petropolis*, a *Actualidade*, de Valença, o *Seculo*, de Macahé, Rio de Janeiro; o *Diario de Campinas*, o *Lutador*, do Descalvado, o *Popular*, de S. Carlos, o *Cosmopolita*, de Batataes, S. Paulo; a *Revista Industrial*, de Ouro Preto, a *Folha*, de Barbacena, o *Pharol*, de Juiz de Fóra, a *Gazeta de Ubá*, a *Folha de Minas*, de Cataguazes, o *Caracter*, de Lavras, Minas Geraes.

Tambem recebemos os *Contos do meu tempo*, de Oscar Leal, a *Revolta brasileira*, um folheto em prosa e verso, de Olympio de A. Galvão, e dous numeros da *Reacção*, revista litteraria que se publica em Coimbra, Portugal, sob a direcção de Gustavo Santiago.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(*Continuação*)

A rapida mudança de opinião era como que um resto de misericordia, que o seu amor concedia a demais do seu respeito filial profundamente offendido.

— Estará proximo esse momento terrivel? — dizia comsigo, á medida que via proseguir a representação.

O coronel era ás vezes apprehensivo. Impressionou-o aquelle ar da enteada.

— Querem pateal-o? — interrogou.

— Sim! N'este instante é possivel que se prepare uma manifestação contraria!

— Quem t'o disse?

— Guilherme communicou-me essa intenção...

— D'elle? — atalhou commovido o coronel, a quem lhe pezava a voz vibrante e forte.

— Não creio — respondeu Carmen, querendo livrar o seu pretendente de qualquer opinião desfavoravel.

— Provavelmente para estudar a impressão que em teu animo poderia causar essa falsa noticia.

— Não! affirmou-me que havia uma trama decidido a desprestigiar o trabalho de Lucio!

— E como, se o applaudem?...

Carmen não respondeu. Baixou a fronte com ares de resignada e arrependida.

— Que pateassem a acção... mas o escriptor!... — fazendo na mente a selecção do homem e da obra. E consenti!... auctorisei!...

E de logo, como reposta prompta e decisiva, desceu o panno entre applausos.

— Um triumpho! exclamou o coronel.

— Um triumpho! repetio Dolores, orgulhosa e enxugando uma lagrima, que lhe nascêra de alegria entre ás pupillas e que não tinha a força necessaria para descer furtivamente pelas faces.

Carmen abstrahio-se de tudo quanto se passava entre actores e espectadores.

O coração humano tem d'essas contradicções instantaneas.

Aquella expansão de jubilo, que vibrava, quando Dolores exclamou, como que em echo ás palavras do esposo — um triumpho — transformara-se em lamina ideal de um punhal.

— Será possivel?—disse comsigo; amal-o-ha?...

O pensamento volteou ; até então em defeza de Lucio, fez-se de momento accusador.

Carmen teve impetos de segredar a Dolores todo o proposito que reflectia da comedia, que ella n'esse instante, victima, applaudia :

— E' ridiculo esse enthusiasmo ! — quizera dizer. — Esse homem a quem os seus labios acabam de sorrir com a pronunciação de uma palavra sonora e enthusiastica, esse homem por quem o seu olhar brilha com a luz de um orgulho maternal, esse Lucio dramatisou a offensa para, em publico, no ruido festivo do applauso, ao som estrondoso de uma orchestra, atiral-a ás faces de uma esposa fiel, beijadas pelo coronel Blanco, o mesmo de quem a sociedade se occupa, por vezes, com elogios e phrases de admiração.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa)

THEATROS

Chegou da Italia o insigne *maestro* Marino Mancinelli, emprezario da estação lyrica de 1894 no Rio de Janeiro.

Já se acha aberta uma assignatura de 24 recitas, com *Lohengrin* e *Tannhauser*, de Wagner, a *Africana* e os *Huguenotes*, de Meyerbeer, *Falstaff*, *Ottello*, *Aida*, as *Vesperas sicilianas*, *Hernani*, o *Baile de mascaras* e *Rigolletto*, de Verdi, o *Escravo*, de Carlos Gomes, *Mephistopheles*, de Boito, a *Gioconda*, de Ponchieli, *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, a *Favorita*, de Donizetti, *Manon Lescaut*, de Pucini, e os *Medices*, de Leoncavallo, opera inteiramente nova para esta capital.

O elenco da companhia é o seguinte :

Primeira dama soprano dramatico lyrico absoluta Adalgisa Gabbi, primeira dama soprano dramatico Augusta Cruz, primeira dama soprano lyrico Annita Occhi dini, primeira dama soprano ligeiro Marcellina Rastelli, primeira dama meio soprano absoluto Virginia Guerrini, primeira dama meio soprano contralto Tilde Carotini Zonghi, primeiro tenor dramatico lyrico absoluto Emilio de Marchi, primeiros tenores dramaticos Giuseppe Russitano e Ferdinando Avelano, primeiro barytono dramatico absoluto Eduardo Camera, primeiro barytono Rodolpho Angelini Fornari, primeiro baixo absoluto Giulio Rossi, primeiro baixo Giuseppe Tisci Rubini, maestro substituto Amilcare Zanella, maestro de córos Cesare Bonafous, maestro ponto Vittorio Rolando, maestro da banda Domenico Delle Donne, coreographo Giuseppe Conti, director de scena Cesare Pastini, comprimarios Federica Casali, Gaetano Mazzanti, Dante Zucchi, Rocco Franzini, Luigi Francalancia, primeiro violino solista Erminio Bovi, harpista Virginia Cerrutti.

60 professores de orchestra, 60 coristas, 24 musicos da banda, 8 trombeteiros e 24 bailarinas.

Como se vê, Mancinelli trouxe-nos uma companhia lyrica de primeira ordem. Ainda bem.

*

No Recreio Dramatico deram-nos uma engraçada *pochade* em 3 actos, o *Rei Korikôkô*, de Alexandre Bisson, traducção de Figueiredo Coimbra.

E' uma d'essas extravagancias de theatro que não se contam nem se commentam; fazem rir, e, em boa consciencia, é tudo quanto se póde exigir de similhante genero.

O desempenho dos papeis podia ser melhor. Tanto assim é, que as honras da representação couberam ao actor Bragança. *Chimene, qui l'eut cru?*

O publico applaudio. Ainda bem.

*

No Sant'Anna a companhia de opereta dirigida pelo velho Heller parece não querer sahir do terreno das *reprises*.

Depois da *Filha de Maria Angú*, dá-nos agora o *Amor molhado*, e annuncia *Abel*, *Helena* e *Boccacio*.

O grande caso é que não lhe tem faltado publico. Ainda bem.

*

Furtado Coelho está de novo no Rio de Janeiro, á testa de uma companhia que dá espectaculos no Polytheama.

A peça de estreia foi a *Tomada da Bastilha*, de D'Ennery, que se intitulou em tempo *Fidalgos e operarios* e agora se intitula a *Revolução*.

Os espectadores não se zangaram com a embaçadela e applaudiram os artistas Furtado Coelho, Cardoso da Motta e Clementina dos Santos. Ainda bem.

*

O glorioso palco do theatro S. Pedro foi transformado em circo de cavallinhos, onde actualmente brilham Rosita de la Plata, e outros saltimbancos de merecimento.

O publico poderia ter protestado contra similhante profanação, mas não protestou; applaudio. Ainda bem.

*

Conservam-se por emquanto fechados o Apollo, o Lucinda e o Variedades. Ainda bem.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imp. H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 47 SEGUNDA SÉRIE MAIO DE 1894

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros Para os Estados 26$000 e 13$000 — Numero avulso 500 reis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

Cassiano do Nascimento	Antonio Azeredo.
Chronica Fluminense	A.
Gloria!	Cunha Mendes.
O banho	Antonio Pinto.
Noctivagos	Joaquim Lamanho.
Pagina amorosa	Cunha Mendes.
Musique au bord de la mer	Auguste Dorchain.
Atravez de um livro	Raul Braga.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. SILVA ARAUJO

CASSIANO DO NASCIMENTO

Alexandre Cassiano do Nascimento, filho do coronel Manoel Lourenço do Nascimento, nasceu na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, a 13 de Agosto de 1859. Fez seus estudos propedeuticos no Rio de Janeiro, matriculando-se em 1876 na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde lhe foi conferido o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes a 4 de novembro de 1880, tendo tido como collegas, entre outros moços distinctos por seus talentos, Santos Werneck, Celso Junior e Bulhões Jardim.

Depois de formado, exerceu por um anno o cargo de promotor publico da comarca do Rio Grande, uma das mais importantes cidades do seu estado, deixando esse cargo para praticar a advocacia na campanha, onde permaneceu dous annos, voltando depois para a sua cidade natal na qual fixou residencia, começando então, com o saudosissimo Alvaro Chaves, a organisação do partido republicano n'aquella região.

Durante o tempo decorrido entre 1884 e 1889, consagrou se exclusivamente á propaganda em favor da Republica, fazendo diversas excursões pela campanha, em cujas cidades e villas organisava conferencias e pronunciava innumeros discursos.

Tornou-se dentro em pouco a alma do seu partido no sul do estado, merecendo ser escolhido, em 1884, para candidato republicano a um logar na assembleia de sua terra, não conseguindo, entretanto, ser eleito.

Proclamada a Republica, com tanta habilidade dirigio as coisas politicas do seu municipio, que tornou o partido republicano invencivel n'essa circumscripção, exactamente onde os partidos monarchicos eram mais poderosos. Naturalmente indicado para fazer parte dos representantes que o Rio Grande devia enviar ao Congresso Constituinte, foi eleito por trinta e cinco mil votos.

Passou quasi despercebido durante a Constituinte, na qual a bancada rio-grandense era dirigida pelo glorioso chefe Julio de Castilhos, e na primeira sessão da legislatura ordinaria, quando dissolvido o Congresso a 3 de novembro, foi do numero dos protestantes contra o acto dictatorial do golpe de estado.

Restaurado o Congresso pela revolução de 23 e convocado extraordinariamente, deram-se as deposições de governadores e, apparecendo o celebre projecto dos 21, rompeu o debate, proferindo então um excellente discurso em que principalmente verberava o procedimento da politica dominante em sua terra e declarava-se solidario com o seu partido fóra das posições officiaes no Rio Grande do Sul.

Durante as férias parlamentares deixou-se ficar no Rio de Janeiro e aqui tratou de organizar a opposição parlamentar ao governo do marechal Floriano Peixoto, fazendo reuniões politicas em casa de sua residencia e preparando os elementos de combate.

Activo, habil e intelligente, tendo um partido forte que o apoiava no Sul, confiante na força dos seus amigos e na restauração, portanto, do governo republicano deposto em seu estado, o Dr. Cassiano do Nascimento foi escolhido pelos collegas para seu *leader* na Camara dos Deputados, em cuja posição se conduzio inquestionavelmente com habilidade,

até á votação da amnistia em que a opposição se desgovernou completamente.

Tendo se dado já no Sul a elevação do partido republicano ao poder pela reposição do seu illustre presidente, com o qual o Sr. Cassiano do Nascimento foi sempre incondicionalmente solidario, e a cuja politica o governo do honrado marechal Floriano Peixoto estava prestando franco e decidido apoio, o *leader* da opposição parlamentar, sentindo-se impotente diante dos seus companheiros de combate que não podiam em seus estados agir como houvera feito o partido republicano do Sul, vio-se na contingencia de abandonal-os e ir tomar assento na bancada governamental, principalmente depois do dia em que o amor e a dedicação á causa do seu partido lhe fizeram tomar a palavra para defender o chefe do Estado, a quem havia por vezes atacado, contra as aggressões dos partidarios da politica adversa do Rio Grande.

A revolta de 6 de Setembro encontrou-o francamente ao lado do governo do marechal Floriano Peixoto, do qual mais tarde teve de fazer parte e em momento bem difficil e critico da nossa vida politica, pois a revolução estava em seu periodo mais agudo e aceitar então uma pasta não era serviço de pouca monta á Republica, tanto mais a das relações exteriores, por onde passavam então mil reclamações de toda ordem e mil difficuldades havia que resolver.

Como se houve naquella epoca e se tem havido n'estes ultimos dias, em que as questões diplomaticas têm sido realmente melindrosas—nós o sabemos em parte, cabendo ao futuro dizer-nos a respeito do todo.

Como se não fosse bastante a pasta das relações exteriores n'uma situação como esta, o marechal accumulou-o com a pasta da justiça e negocios interiores, e elle desenvolveu a maior actividade possivel para dar conta dos seus affazeres administrativos e politicos.

O Dr. Cassiano do Nascimento é uma esperança da Republica e um elemento de força do partido republicano no Rio Grande do Sul.

ANTONIO AZEREDO

CHRONICA FLUMINENSE

Os revoltosos de 6 de Setembro, que se acham abrigados á sombra da bandeira argentina, vão caminhando de ridiculo em ridiculo, até um dia desapparecerem de todo no sorvedouro voraz da indifferença publica.

Tem graça a declaração do Sr. Custodio Mello de que não deporia as armas se a Republica Argentina lhe podesse emprestar não sei quantos encouraçados e torpedeiras!

Ignoro se o famigerado heroe dos torres do *Aquidaban* chegou a fazer alguma tentativa para conseguir esse emprestimo... Capaz d'isso era elle!

O outro, o Sr. Saldanha da Gama, declara que vae para Portugal trabalhar pela restauração do imperio do Brasil, e naturalmente conta para isso com o auxilio dos nossos irmãos de além-mar.

O sinistro aventureiro da ilha das Cobras só pretende voltar ao Rio de Janeiro trazendo comsigo a princeza D. Izabel, o conde d'Eu, os principes D. Pedro, D. Augusto, D. Antonio, D. José, etc.

Desembarcarão todos alegremente alli no Pharoux, e se encaminharão para o velho palacio de D. João VI, maxixando ao som da *Zamacueca*, executada no violino pelo *maestro* José White, que naturalmente fará parte da imperial comitiva.

N'esse tempo uma commissão de mergulhadores será mandada ao fundo da bahia procurar a famosa espada que o Sr. Saldanha da Gama atirou aos peixinhos, e que, como a taça do rei de Thule, encontrará talvez um Goethe, que lhe dê as honras de uma balada.

Como é divertida toda essa gente!...

*

Escrevo esta chronica ao som das festas que se fazem para commemorar o sexto anniversario da expiadora lei que abolio a escravidão no Brasil, e foi o glorioso inicio d'esta Republica serena e forte, defendida heroicamente pelo braço musculoso de Floriano Peixoto e consolidada pelo sangue generoso de tantos bravos que tiveram a invejavel fortuna de morrer pela Patria Brasileira.

Emquanto a população se enthusiasma e se diverte, eu, morto por me achar tambem nas ruas e tomar parte no rigosijo geral, percorro apressadamente as notas dos ultimos acontecimentos, e alinhavo esta chronica fugitiva.

Infelizmente essas notas não me deparam assumptos interessantes...

E' verdade que n'estes ultimos dias tem havido de tudo, inclusive a morte de um *clown*, e não ha para um chronista assumpto mais suggestivo e que mais se preste a um pouco de philosophia amavel, do que a morte de um *clown*. Mas... para que tristezas?

*

Esse pobre *clown* trabalhava n'um theatro transformado em circo de cavallinhos, emquanto Furtado Coelho, o legendario artista, reapparecia ao publico fluminense n'um circo de cavallinhos transformado em theatro!

D'essa barraca sahio o insigne artista, a quem a nossa platéia deve tão deliciosas noites, e veio queixar-se pela imprensa de que a empreza do Polytheama lhe ficára a dever uns cobres...

Hoje está aboletado no Lucinda — um theatrinho que lhe deve trazer doces e ao mesmo tempo amargas recordações —, e figura n'uma peça de especulação, que se intitula a *Victoria do marechal*.

Não sei o que seja mais triste, se a morte de Bozan, *o'clown*, se as condescendencias de Furtado Coelho, o artista dramatico.

*

N'um periodico litterario como o *Album* imperdoavel seria a falta de uma referencia qualquer ao contracto que acaba de ser celebrado entre o insigne escriptor Coelho Netto e o editor Domingos de Magalhães.

O autor da *Capital Federal* obrigou-se a ceder ao editor, durante cinco annos, o direito de publicar os seus livros, mediante um ordenado mensal.

Esse contracto é, como se vê, a inauguração de novos costumes no nosso meio litterario, e um grande passo dado para o reconhecimento da litteratura como profissão estabelecida e sujeita a impostos administrativos.

Não é tudo, mas é alguma coisa. O Sr. Domingos de Magalhães tem o grande merito de comprehender e tomar a sério a sua missão de editor. *Il faut commencer pour finir*.

Alencar ou Macedo que propuzessem um contracto d'esses ao Garnier! O velho editor seria capaz de agarrar-se á burra, gritando:

— Aqui d'el-rei, que me querem roubar!...

A.

GLORIA!

Toda cheia de amor, minh'alma canta e exalça
A belleza immortal que em teu corpo realça
N'um eterno esplendor de fulvo sol de Outubro
E na gloria eternal d'um estandarte rubro!

Gloria á Materia! Gloria á tua belleza! Alça
Tua fronte e a rosea carne, aromada de balsa,
Chalre um hymno triumphal como o estandarte rubro
N'um eterno esplendor de fulvo sol de Outubro!

Crava-me o teu olhar que estas veias escalda!
Sobre o marmore da espadoa os cabellos desfralda,
Na irradiação febril de uma volupia etherea. .

E átomo, germen, pó, individuo, astro, mundo,
— O Universo assombrado entôe o hymno profundo
Gloria ao Bello immortal, gloria á immortal Materia

CUNHA MENDE

Rio, Maio, 1894.

O BANHO

A ARTHUR AZEVEDO

Plena manhan de Abril.

No oriente, o sol apparecia lento e vagaroso.

Pela floresta afóra, os passarinhos em festa e toavam estridulos madrigaes.

A campina em flor, varrida pela brisa matinal, impregnava o ar de perfumes inebriantes.

Das folhas das ramalhudas figueiras desprendiam-se pequeninas gottas de orvalho, com scintillações de brilhante, que o areal argenteo ia sorvendo sem pena.

Por sobre macio leito cercado de bellas orchidéas, tocado pelos raios vibrantes do sol, o Parahyba deslisava sereno, imperturbavel, como uma enorme serpente de topasio.

A natureza sorria. De pé, envolta em longo roupão de flanella clara que lhe escondia os divinaes encantos, Olga sorria tambem.

Perto, um canario da terra espanejou as azas e soltou um gorgeio alegre.

A moça estremeceu.

Subito, na curva do caminho, o vulto gracioso de Aïda se mostrou sorrindo; Olga divisou-o, e de seus labios purpureos rolou então um sorriso de alegria.

Momentos depois, uma suave cavatina de beijos interrompia o pipilar das aves e a musica monotona das aguas.

No firmamento azul, limpo de nuvens, o sol se mostrava inteiro, acalentando as tremulas searas.

Uma atmosphera tepida envolvia o espaço.

A natureza sorria.

Nuas, inteiramente nuas, como duas estatuas de alabastro, tranças ao vento, mãos estrelaçadas, Olga e Aïda sorriam tambem.

Além, duas jurity faceiras, como um casal de noivos, arrulavam amores, debicando areia.

As moças contemplaram o quadro, coraram e saltaram n'agua...

Um raio de sol indiscreto, coado pela folhagem espessa, bateu em cheio no rosto de Olga, escaldando-lhe as retinas; a moça cerrou as palpebras, entreabrio os labios e n'um amollecimento dengoso cahio nos braços de Aïda.

Depois, unidas, muito unidas n'um estreito abraço, labios collados n'um eterno beijo, ebrias de gozo, as duas moças lá foram, rolando, rolando, até desapparecer na curva gloriosa do rio.

ANTONIO PINTO.

Minas, Abril de 1894.

NOCTIVAGOS

Aves nocturnas, cantae!
A vossa triste toada,
E' como a canção magoada
Da filha que não tem pae . . .

Pela terra e pelo espaço,
Branqueia a luz do luar . . .
Céde á fadiga, ao cansaço,
O rouco bramir do mar . . .

Somente, — orchestra incessante,
Fica o concerto que é vosso,
Trilando de instante a instante,
Echoando de fosso em fosso.

Hoje, que por fado tendes
Cantar da noite os horrores,
E os brancos, tredos duendes
Das nevoas entre os vapores,

Talvez, quem sabe se outr'ora,
— Insontes, ledos cantores
Em vez de cantar negrores
Não cantastes para a aurora? . . .

Aproveitae este ensejo
Do luar entre os palmares,
E a cavatina do beijo
Da brisa que affaga os mares,

Para inspirardes a nota,
A volata mais sentida,
Da nossa magoa ignota,
Tão triste e tão mal contida . . .

— Vêde o conluio do amor
Que vae pelo valle abrupto,
Do germem que gera a flor,
Da flor de que nasce o fructo...

E a lascivia dos insectos
Nos entreabertos botões,
E sobre os paúes infectos
Das larvas os turbilhões...

Alheias á festa innata
No coração dos viventes,
Só vós cantaes a volata,
A nenia dos descontentes!

E quando a aurora se esboça
Por entre as galas do dia,
Ai! que triste sina a vossa:
— Fugis, de horror e agonia...

Então nas palmas frondosas
Do coqueiral que balança
Perpassa o aroma das rosas
Nas azas da brisa mansa.

E fogem de vós, ruflando
As pandas plumas gazis,
Das pombas o grato bando
E um grupo de colibris...

Ai! que triste sina a vossa,
Aves que á noite cantaes!
— Cantando de choça em choça
As nenias dos funeraes.

JOAQUIM LAMANHO.

PAGINA AMOROSA

Ao fitar a luz suave e divina de seus olhos apaixonados—ó Vesper! que o teu fulgor celebrado em versos d'oiro pareceu-me sem attractivos!—ao vel-a approximar-se, n'um jogar leve e onduloso de quadris—frageis bellezas que me pareceram as outras mulheres!—ao sorver os raros perfumes de seus cabellos assetinados—expirae, desapparecci da terra, ó jasmins graciosos, ó flores delicadas!—choques de pilhas electricas, choques sem energia, que o vosso contacto seria irrisorio, se eu o comparasse ao de sua mãosinha rosea e adoravel!—seccae, emmurchecci, cahi das arvores, ó fructos, que não tendes o sabor dos seus beijos febris e mortaes!

Para que lembrar os trinados das aves e comparal-os á voz de minha adorada, se mais que fartos de harmonias são estes fugitivos trinados?!

Nuvens avermelhadas do sol, nuvens coradas de luz crepuscular, occaso em sangue, inutilmente vos vejo, que nem de leve recordaes os tons erradios de pejo, esbatidos nas radiosas faces de meu amor, n'esta hora ideal de fugitivas illusões!

Talvez, fragil botão de rosa que estaes a scismar defronte de mim, talvez eu podesse comparar-vos aos setineos e delicados botões de seus formosos e tentadores seios—ah! mas a comparação seria tão falsa, tão enganosa, quanto o nosso olhar admirar o azul claro e tranquillo das aguas de um lago, sem nos lembrarmos do retratado—o azul sereno e claro do céo...

Não vos approximeis de minha penna, d'este aço delgado a correr sobre a azulina estrada de successivas linhas rectas, ó recordações de auroras saturadas de cheiros selvagens, não vos approximeis! que jamais ella repetiria esta trivialidade horrorosa de assemelhar-vos ao sorriso da unica mulher adoravel—sim! tão adoravel quanto infeliz, a errar sobre o miseravel mundo!

E tentareis, embalde, deixar em vosso logar—essa evocação tristissima de um nenuphar branco abandonado á margem de um lago para ser comparado ao isolamento d'essa consagrada ao meu supremo culto—á latria!—tental-o-eis, embalde, que a hu-

Phototypia J. Gutierrez

DR. CASSIANO DO NASCIMENTO

mildade afflictiva de um nenuphar ultrajaria a altivez dolorosa de minha amada !

— Para consolal-a ? Inuteis que sois vós, fugitivas sombras de mulheres cujos sorrisos doem mais que punhaladas...

Para que vos approximaes ? Inuteis esforços, os de consolar os martyrios d'esta delicada enferma, trancada em seus vastos mysterios, separada do mundo, bella na altivez de sua magua, a unica mulher fiel que ha sobre a terra, a unica adorada,—a unica, ouvi ! que por mim se sacrifica...

*

O', immortal Psyché, ó compassiva, immaculada e incomprehendida Psyché !

CUNHA MENDES.

Rio, Abril, 1894.

MUSIQUE AU BORD DE LA MER

Un soir, un soir d'été calme et propice au rêve,
Nous nous étions ensemble assis près de la grève.
Une ineffable paix tombait des cieux en nous,
Et, nous tenant les mains, unissant nos genoux,
Nous écoutions la plainte à peine saisissable
Des vagues qui là-bas se mouraient sur le sable.
— Tout à coup, dans la nuit, un violon lointain
Chanta. Ce chant vers nous flottait, comme incertain,
Mais si mélancolique et si beau qu'à l'entendre
On s'étreignait plus fort, on se sentait plus tendre.
On eût cru des baisers, des soupirs, des adieux...
Et nos rêves suivaient l'archet mélodieux.

« Ah! tristes, chantait-il, sont les roses fanées!
Tristes, les jours perdus et les nuits profanées,
Les amours qu'un matin suffit à défleurir!
Tristes, la source impure et qu'on ne peut tarir,
La beauté que le temps inexorable emporte
Et la virginité du cœur flétrie et morte!...
— Mais douces sont les fleurs et douces les amours
Qui naissent dès l'aurore et qui durent toujours!
Beaux, les nobles amants qui,sans crainte ni doute,
Vers le même sommet ont pris la même route,
Dont le fier idéal n'est jamais abattu,
Qui sentent leur amour pareil à la vertu,
Et dont le cœur d'enfant peut se montrer sans voiles,
Profond comme la mer, pur comme les étoiles! »

Ainsi le violon, sous le clair firmament,
Auprès des flots chantait harmonieusement;
Puis s'assombrit le ciel et se tut la musique...
Et nous pleurions d'avoir, en cet instant magique,
Goûté, dans un accord grave et délicieux,
L'infini de l'amour, de la mer et des cieux.

AUGUSTE DORCHAIN.

ATRAVEZ DE UM LIVRO

. . . . . .

« Chovia ! como eu me senti feliz! poderia ficar em casa, emfim! . . . Chovia ! a semana, mesmo, se estenderia assim, quem sabe !... eu não seria obrigado a sahir, a fallar, a rir... Todo meu, todo meu ! a um canto, as vidraças descidas, um livro ás mãos, sosinho !...

Uma alegria immensa me encheu o coração, ao abrir as largas portas da janella. O céo, ennevoado, não mostrava uma nesga azul, sequer; sobre a terra encharcada, coberta de poças, uma chuva finissima cahia, continua; de certo, duraria o dia inteiro,— toda a semana, talvez...

Na cama ainda, o lençol e a grossa coberta de lan puxados até ao queixo, eu ouvira o temporal desabar, no despertar brusco de um sonho. E dissera commigo: até que emfim!... Eu já estava cansado d'esses dias de sol que nos põem para fóra de casa, n'uma necessidade de andar,correr, tagarellar horas inteiras, rir largamente, fazer todas as loucuras!... Um dia sombrio, emfim! o conchego do quarto cerrado á humidade e ao frio, o conchego de um aposento quente, quasi quente; a alma como que mais concentrada, como que mais reflectida, desdenhosa de todos e de tudo, tranquilla e triste; pensar, sonhar... não ver ninguem, não ouvir ninguem...

Não sei se outros... se alguem, ao menos, o sente... Que importa! essa melancolia mesmo que dir-se-á nos empresta a atmosphera tristonha, é para mim, então, uma felicidade. Sinto uma vontade de ser infeliz, de ter que lamentar alguma coisa... A alegria, a ambição, o amor... tudo o que, nos dias cantantes de luz, me embriaga, como me parece agora estupido e indigno!... Ler! sim, parece que comprehendo melhor o que leio, se é a historia de uma angustia, ainda mais, a que esse livro me conta!... a felicidade, o que vulgarmente se chama a felicidade, como eu a acho falsa! como eu tenho piedade d'esses que se dizem, que se julgam felizes, assim!...

Pela manhan,quando chego á janella, apenas me ergo do leito, e vejo todo o céo azul e o sol que apparece, glorioso, — afigura-se-me que o mundo é povoado somente de bons e de santos, que não existe a maldade, que ninguem soffre, que não existe a dor e a infamia; esqueço tudo o que me abate o espirito e me confrange o coração: essa dor que me pungia,—eu não sei!... eu não me lembro d'ella!... E' tão puro o ar que respiro; a viração que me afaga é tão doce!... Como crer no mal, como comprehender que elle existe?...

N'estes dias, porém, outra sensação me toma: ser infeliz é que é felicidade; como é bom chorar! chorar, sem motivo, mesmo,— sem se saber porque, mas certos de que ha uma razão para a lagrima... Eu devo ter um grande desgosto!

é porque não me lembro; eu devo ter qualquer coisa que me amargure muito: só existe a magoa no mundo... como é que sou tão infeliz assim que não deva chorar tambem!...

Chovia! eu podia ficar em casa, emfim! ler, pensar, não fallar, estar só, todo meu!...

O criado entrou, a trazer-me o café. — «Eu não sahiria, disse-lhe; emquanto almoçasse, queria tudo arrumado». Esse dia, eu consagrava-o ao meu espirito, ás minhas recordações, ao meu coração, aos meus nervos; não queria saber de mais nada: pensar, ler, sonhar, tão somente!...

Ler!... mas que eu leria?!... Um romance, eu preferia um romance. Um romance, porém, em que houvesse um soffrimento muito grande, raro... em que o auctor analysasse uma dôr muito fina, muito occulta, — que nem todos veem, que nem todos podem ver; magoas que o orgulho manda calar, o desespero de um amor trahido, de um amor ignorado, de um amor a que a morte roubou um coração; de um amor que se não satisfaz com aquelle que lhe dão em troca, porque o acha pequeno, inferior ao seu; de um amor que não tem confiança em outro...

Maupassant escreveu alguns tão verdadeiros e tristes!... «Fort comme la mort...» Notre coeur»... Olivier Bertin... André Mariolle...

Ainda uma vez eu os leria... Não, agora... Antes, eu leria esse outro que ahi estava, ainda á espera de que eu o abrisse, de que eu o percorresse todo com os olhos...

Tão velho, entretanto! o dorso espedaçado; a capa manchada do calor de muitas mãos, umas hoje desapparecidas ou mortas, outras já enrugadas e tremulas; as paginas cheias de nodoas escuras, nodoas côr de ferrugem... do tempo...

Tomei-o do sobre a mesa, folheei-o: um cheiro exquisito desprendeu-se das folhas; um cheiro de velhice, de calor morto, do calor dos dedos que o tocaram: um cheiro de carinho, de um carinho que o guardou longos tempos ao fundo de uma gaveta, para, um dia, tiral-o, a recordar uma pagina, um episodio, que ficou agradavelmente no espirito e que a memoria, perfida, quer já esquecer. Fallou-se n'elle a todos os amigos, emprestou-se lo a todos que pediram um livro para ler. Quando voltava de alguem, mais velho, mais usado, dobrada a ponta de uma folha, solta outra folha, com uma nodoa, roto — zangámo-nos, protestámos não emprestal o mais, nem outros livros; mas, uma tarde, salta-nos a conversação para os romances, ha alguem que não conhece esse que tantas delicias nos deu, e nós lh'o citamos, acabamos por emprestal-o de novo...

Vem, em seguida, o interesse pelas impressões que esse alguem sentirá ao lel-o; como que outra vez as gosamos, as nossas, — essas, sabendo-as, agradaveis, sem duvida...

Era um romance antigo; o auctor naturalmente modesto, não se atrevera a assignar o seu nome. Emprestara-m'o a velha senhora que, já havia tempos, m'o promettera... Oh! que delicias elle não deve ter dado á sua alma simples de mulher de outras epocas!... Entre uma folha e outra, lendo trechos ao acaso, flores seccas vou encontrando: amores perfeitos, jasmins... Bem ternas, bem doces, devem ter sido as impressões que este livro causou, para que o enchessem assim de perfumes, para que d'estes o buscassem impregnar, para que lhe dessem a aspirar esse inebriante halito de flores... Dir-se-ão as notas que lhe foram lançando á margem, notas bem finas: perfumes, as que melhor explicassem as sensações, os sentimentos, as ideias, que accordou, que inspirou... Foi o perfume que essas paginas, os seus episodios, as suas meigas palavras, desprendem, dir-se-á, que quizeram notar...

Todo o dia, eu não saio... Junto á janella, olhando fóra de quando em quando, a chuva que cae como uma poeira, dando uma tristeza á paizagem, sob o nublado inclemente do céo, todo o dia, eu não saio... Como é simples essa historia, no emtanto: velha historia de amores!

Ella seduz-me, porém, ella conquista-me, não obstante, por essa doce simplicidade, mesmo... Volto, parece-me, ao paiz amigo e bom de que me apartei, um dia, para viver; á doce aldeia de que sahi, um dia, para seguir para o mundo, eu volto, emfim... Velho, gasto o coração, a alma cansada nas amarguras e miserias da vida, volto (parece-me) á infancia, á edade, gazil em que se sonha e se ama apenas; ao alegre lar campesino em que as horas correm suaves, alegres e simples, — em que, para ser feliz, basta tão pouco, — em que não ha a temer inimigos, nem traições; — ao doce canto da terra que outr'ora julgámos possivel e em que dir-se-á vivemos uma hora...

A heroina, Beatriz (chamava-se Beatriz! que de noites não sonhei este nome para o meu amor!)... a heroina, a mais bella moça do logar em que se passa o romance, a mais nobre e a mais rica tambem, ama um joven tão formoso como ella, mas pobre e de origem plebeia...

Os paes, velhos fidalgos de provincia, anchos de seus pergaminhos, esse casamento com bons olhos não veem, attenta a condição modesta do mancebo. Ha uma lucta tremenda de amor e sacrificios; outro alvitre não havia; fogem, vão para longe, bem longe; a dor, a miseria, os perseguem — que vale isto? elles se amam, elles se julgam felizes...

Fechei o livro e puz-me a pensar. D. Margarida... este nome acudio-me ao espirito... D. Margarida, a velha senhora que me emprestára esse livro... D. Margarida, quando eu a conhecera, já passara, ha muito, da mocidade; eu sabia, comtudo, de toda a sua vida, atravez das longas palestras em derredor da mesa, ou a um canto da sala, em casa de meus paes. E havia um contraste entre a sua historia de moça e aquelle romance...

Ella nunca fôra bonita; a sua familia era uma

familia obscura. Duas irmans haviam-se casado, apenas pelos seus encantos.

A Margarida ficaria para tia, dizia-lhe o pae, zombando... Oh! como esse coração de mulher devera soffrer com essas palavras!... Ninguem a quereria; nunca ouviria de labios de homem as phrases ternas e ardentes da paixão; só, toda a vida sem quem a estreitasse ao peito, aquecendo-a, cobrindo-lhe as faces de beijos! Solteira! deve ser esta a maior dor que uma mulher possa soffrer; solteira! — não é bella, não tem attractivos, ninguem a quer... não equivale isto a um despreso?!... As outras passam, amadas: olhos as seguem, quentes de desejo; palavras murmuram-lhes aos ouvidos, palavras meigas, de certo...

Ella, a pobre, nunca será seguida por esses olhares, nunca ouvirá essas palavras!... Para que foi, então, que nasceu?!...

Amar, ser amada, ser esposa, ser mãe .. nunca o será... Para que foi, então, que nasceu?! para que é, então, que vive?!...

Um momento, entretanto, pareceu-lhe que o seu sonho se realisaria, emfim. Um homem a pedira em casamento: o pae, por essa época, possuia alguma fortuna; comprehenderia ella o motivo porque alguem apparecia, emfim, que a desejasse para esposa?!... Que importa! ella ia casar-se, ella ia casar-se tambem!... Começou-se o enxoval; marcou-se o dia da ceremonia...

Pobre! o pae fallio, por essa occasião: o noivo desappareceu...

Ah! era o seu dinheiro! devia confessal-o agora. Marido, ella só o podia ter assim: comprando-o; não tinha belleza, não era rica — ao menos... como se casaria?... Que loucura fôra essa de julgar que um conquistaria, tambem, por si mesma, como outras!... a Margarida ficaria para tia, dizia-lhe o pae, zombando, mas dissera uma verdade; ella ficaria para tia...

Com que magoa não leria, pois, essas paginas!... A felicidade que de certo sonhára, episodio por episodio desenrolava-se-lhe ante os olhos, e ella não a teria, não a teria nunca!... Oh! como devêra ter tido odio a essa mulher tão feliz na sua lucta, como ella jamais o seria!... Amava, era amada, que importava o resto! — com que coragem, com que immensa esperança, não luctaria, amparada por esse peito amigo, sabendo ser amada como amava!...

Mas tambem, refleeti, essa historia devia ser um consolo para sua alma, hoje então que a velhice lhe acalmára o sangue. Ella não teria, ella não tinha, ella não conhecia, essa ventura, por havel-a fruido, mas via-a, mas assistia a ella, aprendia uma por uma as delicias todas que se experimentam quando a paixão nos subjuga, os sentimentos que se desdobram n'esse delicioso capitulo da vida, e poderia imaginal-a, como se se tivessem dado, como se se dessem ainda comsigo—um consolo isto—ao menos...

A's vezes, lagrimas lhe rolariam das palpebras, mas que mal nisso havia; se esse proprio pranto era um goso!... E, ante uma pagina aberta a esmo, a minha imaginação devaneiava, queria ver signaes d'esse pranto nas manchas escuras, côr de ferrugem de que o tempo havia enchido todo o volume, e como que n'esse perfume morto de flores seccas, eu aspirava um doce aroma de lagrimas... »

. . . . . .

RAUL BRAGA.

Recebemos os primeiros numeros do *Diario da tarde*, excellente folha cuja publicação começou em Juiz de Fóra.

Recebemos tambem a *Gazeta postal*, a *Folha*, d'esta capital, e a *Folha*, de Barbacena, o *Diario de Campinas*, *Minas Geraes*, o *Oeste de S. Paulo*, a *Gazeta de Ubá*, *Monitor Campista*, o *Guarany*, o *Cosmopolita*, a *Gazeta de Petropolis*, a *Revista de educação e ensino*, do Pará, etc.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(*Continuação*)

Havia uma grande duvida no espirito da moça, desde que se expandira o sentimento de Dolores, por demais significativo para qualquer pessoa, que se houvesse dado ao trabalho de estudar o procedimento da esposa do coronel.

Lucio, que, a alguns camarotes de distancia, assistia ao seu triumpho, volvia, de quando em quando, olhares interrogativos para o grupo da familia Blanco.

— Indifferente! — dizia comsigo, observando a indifferença com que Carmen voltava a espadua para o palco.

Já o mesmo se não passava com o coronel nem com Dolores.

N'um d'esses momentos, Blanco deu pela presença de Lucio e saudou-o significativamente.

E, sem interromper a manifestação, chamou Dolores.

— Alli se acha o doutor! — disse para a esposa.

Não se fez esperar; orientou o olhar e repetio o mesmo signal de applauso. Lucio agradeceu friamente, retirando-se logo do camarote, tal fôra o abalo que soffrera o seu amor proprio de escriptor.

— Ignorante! — murmurou. Esta mulher ainda ousa agradecer-me um trabalho que foi todo uma

profunda lição de moral. Não me comprehendeu. Escrevi para que lhe servisse de exemplo, e retribue-me com um sorriso. Podia vencer, desde o momento em que me odiasse! E assim não foi, assim não ha de ser; querer-me-á ainda mais. O seu enthusiasmo é a opposição; é a continuação do equivoco, em que se deixou ficar essa outra mulher, por quem verdadeiramente senti abalar-se-me a alma.

Lucio passeava pelo corredor, ouvindo ás ultimas salvas do applauso.

— Irei amanhan á casa do coronel Blanco. — disse, sem deter os passos. Irei até lá e farei Carmen sabedora de tudo quanto se passa, embora tenha de accusar Dolores, perante sua propria filha: — Falla-se nos amores de Guilherme...

O doutor sorrio com ares de despreso e murmurou entre dentes, de modo sarcastico:

— Formidavel rival!...

Deu ainda alguns passos.

— Amanhan, — pensou — é um dia de conveniencia para um autor visitar a pretendida. Os dias consecutivos ao do triumpho são os de admiração. Eu despresarei a *publica*, por que sou um auctor... *anonymo*; aceitarei o applauso de um sorriso de Carmen! Amanhan!

E n'isto, chegaram aos ouvidos do doutor algumas palavras que o impressionaram.

— O auctor!... bradava a plateia, como que em delirio.

— O auctor! repetiam do *paraizo*, ao mesmo tempo que acompanhavam com o rufo exigente dos tacões dos botins sobre o soalho.

— O auctor! — pediam sempre.

A curiosidade impellio-o até o camarote.

Carmen procurava alguem que não poderia ser senão Lucio. Não era entretanto assim. A pessoa que seu olhar buscava era Guilherme Tosti.

Passava por tantas cambiantes de sentimento, que cahia-lhe o corpo como que em torpor e cansaço de ebrio.

E' que em verdade o amor de filha e o amor profundo de mulher embriagavam-n'a, deixando-lhe em vacillação o espirito.

Ella bem víra o gesto de Dolores, applaudindo o doutor, e ainda mais se lhe revoltára o amor proprio.

Lucio dissera comsigo — Ignorante.

Carmen pensava com certa hesitação, ora acreditando no grande despreso que sua mãe dispensava ao procedimento de Lucio, ora suppondo-a simplesmente ingenua.

Esta palavra *ingenua* correspondia á *ignorante* pronunciada por Lucio.

— E Guilherme? — interrogava ella, passeando a vista por sobre a cabeça dos espectadores.

— O auctor! — bradava a plateia com toda a exigencia.

Foi um quarto de hora verdadeiramente solemne. A revolução do enthusiasmo assemelha-se a do odio. Tem exhalações e gritos. Ha, todavia, entre as duas, uma enorme distancia. Uma tem a exigencia da morte, e a outra a da vida.

— Morre! — diz aquella.

— Vive! — diz esta.

A' ultima das manifestações da plateia, e, como antes fôra convencionado, appareceu no palco e adiantando-se para a rampa um d'esses vulgares mesires de ceremonia, que nos theatros se encarregam de vir fazer curvaturas de dorso, pedir clemencia e participar o nascimento extemporaneo dos *pigarros* dos cantores.

— O auctor! — repetiam os espectadores.

A um gesto do mestre de ceremonia serenaram os animos.

Houve o que se póde chamar verdadeiramente *profundo silencio*.

— Um dos orientaes illustres — disse em alta voz — o doutor Lucio Herrera!

A confusão foi geral.

A. Bastos.

(Continúa.)

THEATROS

Estreiou-se no Lucinda uma companhia dramatica dirigida por Furtado Coelho, que nos agradecerá, certamente, não insistirmos sobre o seu drama de estreia, a *Victoria do Marechal*. Esperamos que o illustre actor-emprezario emende a mão.

*

A empreza do Apollo conseguio, *post tantos tantosque labores*, organisar uma excellente companhia, que inaugurou os seus trabalhos com a *reprise* da revista *Abacaxi!*,— cuja centesima representação acaba de ser enthusiasticamente festejada.

*

Nos outros theatros nada de novo.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imp. H. Lombaerts & C.ª

ANNO I — N. 48 SEGUNDA SÉRIE MAIO DE 1894

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26$000 e 13$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

Dr. Silva Araujo	Aluizio Azevedo.
Chronica Fluminense	A.
Ante um obelisco	Damasceno Vieira.
Mater Dolorosa	Bento Ernesto Junior.
Chronica livre	Olavo Bilac.
Flor do mal	Alfredo de Magalhães.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
A Clotilde de Roquemaure	Raymundo Correia.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. JOSÉ DE MELLO CARVALHO MUNIZ FREIRE

DR. SILVA ARAUJO

Só depois de insistentes solicitações, conseguimos do nosso biographado de hoje o seu assentimento para lhe rendermos esta justissima homenagem. Comtudo, para bem julgar o Dr. Silva Araujo, são por demais estreitas as proporções d'esta folha, porque, para dar ideia do seu alto valor, preciso fóra mostrar n'elle, nem só o profundo homem de sciencia, como o exemplar cidadão, e o philantropo, e o orador, e o escriptor, e até o artista, quanto á direcção e execução de trabalhos photographicos e lithographicos.

De todas essas variadas faces do seu talento, da sua fecunda actividade e do seu grande coração, é que se fórma a admiravel e completa harmonia de que é feita a sua individualidade, onde se casam em perfeito e raro equilibrio os mais vivos dotes intellectuaes com a mais singella honestidade e com o mais tranquillo bom senso.

Nasceu na capital da Bahia em 18 de setembro de 1853, e foi baptisado com o mesmo nome de seu pae, Antonio José Pereira da Silva Araujo, fallecido negociante portuguez que residia n'aquella cidade. Sua virtuosa mãe, Sra. D. Maria Gertrudes Muniz de Araujo, brasileira, ainda vive, o que constitue uma das mais doces venturas para o seu filho illustre.

Fez os preparatorios no Lyceu de sua provincia natal, de 1863 a 1868; matriculou-se na Faculdade de Medicina do mesmo estado, com deseseis annos incompletos, e formou-se em 1874, tendo obtido em todos os annos do curso a nota superior de approvação.

Logo em 1873, ainda estudante, foi nomeado interno de clinica cirurgica daquella Faculdade, revelando já no cumprimento d'esse primeiro cargo o zelo intelligente e inquebrantavel com que d'ahi em diante desempenhou sempre os seus multiplos deveres. Em 1875 foi nomeado medico adjunto do hospital da Santa Casa da Misericordia do mesmo estado. Em 1876 foi nomeado membro correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa. Em 1877 foi eleito membro correspondente da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, hoje Academia Nacional. Em 1878 foi nomeado membro effectivo da Sociedade Belga de Microscopia, e no mesmo anno membro correspondente da Sociedade de Climatologia Algeriana.

Como se vê, a Bahia não podia offerecer campo bastante vasto para a sua larga actividade e para as justas aspirações do seu talento. A principio dedicou-se n'essa cidade á clinica geral, estudando, porém, logo desde o começo da sua carreira scientifica, a especialidade em que mais tarde havia de distinguir-se a ponto de figurar nas obras do sabio Fournier *.

Preoccupando-o já desde então as reformadoras ideias de trabalho medico, que depois realisou aqui brilhantemente, correu ao Rio de Janeiro e, já pela imprensa, já pela tribuna, lançou ao publico e aos homens de sciencia o programma das suas novas ideias. Numa conferencia na Gloria expoz a importancia da microscopia em medicina, e noutras depois o seu novo processo de tratamento da elephancia por meio da electricidade. O legitimo sucesso obtido nesta propaganda decidio-o a fixar-se

* Pr. A. Fournier. Traitement de la syphilis. Pags. 318 e 356.

no Rio de Janeiro, e desde esse anno, 1879, que, sem tregoas, sem descanço, dia a dia, instante a instante, o Dr. Silva Araujo trabalha e lucta pela sciencia, enriquecendo-a com as suas interminaveis investigações, derramando-a por todas as classes, exercendo-a com fanatismo, com enthusiasmo, sempre alerta no seu posto de sacrificio e de honra, tão prompto a accudir a um millionario doente, como a um miseravel que soffra.

Em 1880 foi nomeado medico adjunto do Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, e em 1882 foi premiado com o diploma de honra na exposição da Industria Nacional do Rio de Janeiro, pelos seus valiosos escriptos expostos.

Foi n'esse anno, anno abençoado pela pobreza d'esta cidade, que o Dr. Silva Araujo, a convite do Dr. Moncorvo, em collaboração com este, e com o Dr. Moura Brasil, e mais nove condignos confrades, dedicou-se de corpo e alma á nobre e piedosa ideia da fundação da Policlinica Geral do Rio de Janeiro. Essa inestimavel ideia devemol-a ao bom e illustre Dr. João Pizarro Gabizo, que a trouxera para o Brasil das suas impressões recebidas n'uma viagem a Vienna.

Hoje a Policlinica do Rio de Janeiro é um magnifico estabelecimento de ensino e de caridade, que póde desassombradamente hombrea. com os seus melhores congeneres da Europa e dos Estados Unidos. Sem esquecer os muitos e muitos medicos que valiosamente trabalharam e trabalham para a prosperidade d'ella, força é confessar que á dedicação sem limites, aos desvelos incalculaveis, ao enthusiasmo, d'esta gloriosa triade — Moncorvo, Silva Araujo e Moura Brasil — é que principalmente deve nossa Patria a honra de possuir uma instituição d'aquella ordem, e deve a pobreza d'esta cidade, a dos suburbios e até a dos estados visinhos, a suprema felicidade de ter ao seu alcance e á sua disposição um nucleo de esclarecidos especialistas de todas as enfermidades, promptos a lhes prestarem, gratuita e opportunamente, os socorros e recursos do seu talento, da sua competencia e da sua applicação.

Quer o leitor saber o que vale a Policlinica em relação á caridade? Saiba que, por um calculo muito abaixo da tabella ordinaria dos honorarios medicos (computando as consultas a 5$) verifica-se que essa philantropica instituição presta annualmente serviços medicos á pobreza no valor de duzentos contos de réis!

Não exageramos. Quem escreve estas linhas examinou o que acaba de dizer e observou minuciosamente esse incomparavel estabelecimento, ao lado do Dr. Silva Araujo, do chefe de clinica Dr. Werneck Machado, e do adjunto Dr. Alfredo Porto, e sente não poder, por falta absoluta de espaço, descrever aqui o que vio e as impressões que recebeu, reservando-se para fazel-o n'um futuro livro de costumes brasileiros.

Depois da fundação da Policlinica, a individualidade do Dr. Silva Araujo foi ganhando proporções cada vez maiores e mais brilhantes. Nunca se nos apagará do espirito a bella impressão que recebemos ao ouvir as suas encantadoras conferencias medicas, realisadas n'uma das vastas salas d'aquelle estabelecimento.

Poucos oradores dispõem como elle de tanto methodo na exposição, de tanta clareza de imagens e de tanta lucidez de ideias; tudo isso enriquecido pela correcção e elegancia da phrase e por uma memoria privilegiada, que lhe permitte citar sem vacillar nomes antigos e modernos, datas de todos os tempos e phrazes em todas as linguas.

Foi d'essa gloriosa epoca que, por bem dizer, principiou a sua grande popularidade, até attingir as proporções em que a vemos hoje. A sala de espera do seu consultorio lembra uma ante-camara de chefe de Estado em dias de audiencia, e do fundo de longinquas cidades do norte e do sul do Brasil accodem doentes á procura da sua sciencia.

E nunca até hoje deixou o Dr. Silva Araujo de crescer e cobrir-se de honras. Em 1883 foi nomeado pelo presidente da Republica do Chile, Domingo Santa Maria, membro honorario da Faculdade de Medicina e Pharmacia do Chile. Em 1884 membro correspondente do Circulo Medico Argentino, e no mesmo anno membro adjunto da então Academia Imperial do Rio de Janeiro (secção cirurgica). Em 1885 foi nomeado membro titular da mesma Academia. Em 1889 foi eleito vice-director da Policlinica Geral, tendo sido depois reeleito annualmente até a presente data. Em 1889 foi nomeado socio correspondente do Instituto de Coimbra, e foi eleito, pelo *comité* de organisação do 1º Congresso Internacional de Dermatologia de Pariz, secretario para a secção do Brasil; e foi agraciado com a commenda da Ordem de Christo pelos relevantes serviços prestados ao Estado; e foi eleito 1º secretario da Academia Nacional de Medicina no anno academico de 1889 a 1890, e reeleito no de 1890 a 1891. Em 1892 foi eleito membro correspondente da Sociedade de Dermatologia de Vienna e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa; e ainda n'esse mesmo anno, pelo *comité* de organisação do 2º Congresso Internacional de Dermatologia reunido em Vienna, foi eleito secretario para a secção do Brasil, collaborando para elle e remettendo d'aqui uma memoria sobre o tratamento electrico da elephancia, com grande cópia de photographias. Em 1893 foi nomeado presidente da secção de molestias da pelle e syphilis do Congresso Medico Pan-Americano, que se realisou por occasião da exposição de Chicago. Ainda n'esse anno foi premiado na exposição colombiana, de Chicago, pelo seu *Atlas des maladies de la peau*, importante publicação, escripta em francez, com artisticas estampas chromo-lithographadas e photogra-

phadas. E agora, por ultimo, acaba de receber, com data de 19 do mez passado, e assignada pelo sabio H. Hallopeaux, a nomeação de membro correspondente da *Société de Dermatologie et de Siphiligraphie*.

Durante esses annos de lucta scientifica, escreveu o Dr. Silva Araujo trinta e tantos trabalhos medicos de grande valor, entre os quaes ha tratados de varias molestias, discursos, estudos bibliographicos, memorias medicas, monographias, relatorios e revistas, destacando-se o famoso *Atlas des maladies de la peau*, que tem merecido applausos dos principaes centros scientificos de todo o mundo.

São paginas escriptas com a maxima correcção e clareza, e com tal valimento de fórma, que podemos dizer d'ellas, dadas certas proporções, o que o proprio auctor avançou a respeito do celebre Fournier, no seguinte periodo de um dos seus livros:

« O professor Fournier escreveu então sobre o assumpto uma d'essas peças monumentaes que só elle sabe produzir, com aquella profundeza de vistas, aquella eloquencia, aquelle estylo didactico e persuasivo que o têm popularisado no mundo inteiro, e que o tornariam um escriptor perigoso se um dia elle se lembrasse de advogar uma ideia erronea, como muito bem o disse, ha annos, Amedée Lateur, e como sem duvida terão tambem imaginado todos aquelles que tiverem experimentado o poderoso influxo dos inexcediveis dotes do preclaro estylista ».

Que este bello periodo sirva de valioso fecho a este insuficiente artigo, á maneira de castão de prata posto em bengala de madeira ordinaria.

ALUIZIO AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

A nota litteraria d'estes ultimos dias foi o apparecimento de mais um livro de Affonso Celso—*Notas e ficções*—, editado pelo infatigavel Sr. Domingos de Magalhães, da Livraria Moderna.

O novo livro do illustre escriptor—um elegante volume de tresentas paginas—não desmerece dos seus predecessores. É uma collecção de narrativas litterarias, escriptas n'aquelle estylo simples, correntio e fluente que é o encanto das obras de Affonso Celso.

Essas deliciosas phantasias, em que não se encontra, felizmente, o menor vislumbre de politica, têm tido um brilhante successo de livraria.

Decididamente o Sr. Domingos de Magalhães é um editor feliz: mas convenhamos que d'essa fortuna se tornou elle merecedor pelos bons desejos, que manifesta, de estimular e animar a nossa litteratura.

O *Album* n'um de seus proximos numeros dará o retrato d'esse benemerito das lettras nacionaes, a quem por nossa vez nós, os escriptores brasileiros, devemos fortalecer com a nossa estima e a nossa gratidão.

O Sr. Domingos de Magalhães é o primeiro exemplo, que apparece no Rio de Janeiro, do editor moderno, que não se limita a acolher em sua casa os escriptores de nomeada: estende a mão generosa aos ignorados para ajudal-os a sahir da obscuridade em que vegetam; e, o que mais é, vae muitas vezes ao seu encontro, sem esperar que elles o procurem.

Faço votos para que o proprietario da Livraria Moderna seja tão feliz com todas as suas edições futuras como o tem sido com as *Notas e ficções*, de Affonso Celso.

*

Quando apparecer esta chronica já deverá estar encerrada, ou quasi, a exposição dos ultimos quadros de Castagnetto, na Escola Nacional de Bellas-Artes.

Essa exposição teria sido um grande acontecimento artistico, se a attenção publica não estivesse voltada ainda para a politica, a maldita que ha tempo absorve o espirito nacional.

Ainda assim, Castagnetto conseguio vender a alguns distinctos amadores grande parte das suas admiraveis marinhas, e é de crer que a Escola adquira duas ou tres que têm o seu logar assignalado nas respectivas galerias.

Sobre o merito de Castagnetto não sei mais que dizer, tanto me tenho occupado d'elle aqui e alli, onde quer que me deem espaço para escrever meia duzia de linhas.

Não sei se elle é o nosso pintor mais correcto, mais senhor da technica da sua arte; mas o que não soffre duvida na minha opinião é que elle é o nosso pintor de mais individualidade, o mais original, o mais sincero.

Nas suas marinhas—que digo eu?—nos seus esboços, na mais despretenciosa das suas *manchas*, ha sempre uma poesia indefinivel, um vago perfume de alguma coisa abstracta e divina.

Em todos os seus quadros ha um reflexo profundo da sua alma ingenua e primitiva, do seu coração de bohemio, fechado ao egoismo e ao desinteresse, escancarado a todos os sentimentos honestos.

E—ahi têm os senhores!—quando eu escrevo assim a proposito de um artista como Castagnetto, sinto a necessidade de não escrever sobre mais nada.

*

Por isso, fiquem em paz os revoltosos, e o Congresso, e a carne verde, e o *Holophote* da Sra. Clementina dos Santos.

A.

ANTE UM OBELISCO

A A. PERES JUNIOR

I

E' bello perscrutar nos fastos de granito
O que a Historia nos diz do magestoso Egypto,

Da terra de Ramsés, na qual a mão do homem
Fez obras colossaes que os tempos não consomem.

Leiamos esta *Agulha* : a rispida grandeza
Memora-nos a esbelta, a esplendida princeza,

Formosa e sem pudor, melhor que Messalina,
Mais culta que Phryné, que a russa Catharina ;

Aquella que a nadar do Nilo á correnteza
Fazia relembrar a Deusa da Belleza

Ao nascer d'entre a espuma, airosamente nua,
Exposta á luz do sol—á claridade crua ;

Aquella que envolveu nos seus ardentes planos
Dous famosos heróes, dous celebres romanos.

A um deveu o throno e ainda, por mais brilho,
A gloria de beijar uma reliquia—um filho!

Ao outro subjugou com intimo transporte
E o fez repudiar a misera consorte.

Em aureas bacchanaes comsigo o teve preso,
Expondo-o muito embora ao publico desprezo.

II

Orgulho de mulher e de rainha ! Tenta
Prostrar aos pés Octavio e seducções inventa ;

Mas não céde o romano : evita o falso amor,
Compenetrado só de que é conquistador.

Quer á Roma levar a feminina gloria,
Presa, como um trophéo, ao carro da victoria!

Porém ella percebe a degradante sorte
E prefere á deshonra o calmo horror da morte.

Altiva, entrega o seio—o palpitante altar
Que vio tantos heróes, submissos, ajoelhar,—

Entrega o seio á bocca hiante d'um reptil !
Morre, como rainha, heroica e senhoril,

Comsigo sepultando a gloria de uma raça !
Eis a grave inscripção singela que se traça

No monolitho branco, exposto ás multidões,
A ver tombar no pó instaveis gerações...

DAMASCENO VIEIRA.

MATER DOLOROSA

A ANSELMO RIBAS

A pesca no ribeirão das Almas,—o claro fio d'agua que rola chorosamente atravez do povoado suas aguas mansas por um leito tortuoso, rasgado no relvedo humido que rebuça a terra arenosa das praias,—era a diversão mais querida dos pequenos da aldeia, nas tardes seccas de verão, quando as chuvas tinham fugido de todo, fazendo desapparecer as vasantes e os pantanaes que impediam o transito nas margens, corrente abaixo.

A hora em que o sol cahia agonisante, sob um montão de palhetas de oiro e enormes petalas de rosa, por detraz do verde forte dos serros do poente, já nos encontrava a todos n'um bando alegre e ruidoso, a beirar o ribeirão uns, outros dentro da agua resfriada, todos de calças apanhadas acima dos joelhos, em camisa, arrastando, aguas abaixo, tirado por cipós, um feixe de ramos verdes, amarrado fortemente com cordas de palha de bananeira.

N'uma praia arenosa do corrego aportava-se o molho: alguns, mãos espalmadas, de cocaras, tapavam os cantos, e quando a agua aprisionada acabava de escoar-se por entre as ramas encharcadas, voltava-se o feixe e n'uma alacridade colhiamos o peixe que ficava na areia da margem, levado na onda volumosa que as ramas tinham impellido para aquelle ponto.

Depois, atirava-se de novo o peixe ás aguas somnolentas do rio, de novo iamos corrente abaixo, á doce serenidade da hora crepuscular, por sob os salgueiraes espinhentos e os moitaes floridos das margens, arrastando o fardo ramoso sem uma nevoa de tristeza na claridade do olhar, sem uma preoccupação angustiosa no espirito innocente.

Uma tarde de Março—lembro-me como se hontem fosse—entretidos na faina costumada chegámos, margeando o ribeirão, áquelle ponto onde, á pequena distancia da praia, alguns casebres pobres se alinham n'uma fileira desolada, apregoando a miseria que se abriga sob seus tectos de colmo amarellado.

Acabavamos de colher de sob o feixe encharcado os peixes prisioneiros, quando, no silencio reinante alli, quebrado apenas pelos gritos agudos e alegres dos pequenos pescadores, soaram vozes fortes, exclamações doridas, cortadas por soluços, pregoeiros de uma magoa grande, acabrunhadora :

—Meu filho !... meu filho !...

O clamor afflictivo vinha de uma das mansardas e corria pelo campo afóra, indo esvair-se contristadoramente sobre as copas verdes dos moitaes das margens.

—Meu filho !... meu filho !...

Olhámos espantados para aquelle ponto, enfiando o olhar inquiridor pela porta aberta da misera habitação.

Anno I O ALBUM Num. 48

J. Gutierrez

DR. SILVA ARAUJO

Os gritos continuavam cada vez mais fortes, cada vez mais contristadores.

Abandonámos a pesca e, n'um grupo curioso e contristado, acercámo-nos do pardieiro.

Dentro, aquelles olhares, ainda sem a nevoa trevosa das amarguras, viram uma pobre mulher, de joelhos, beirando um catre, onde repousava estirado o cadaver de um menino já grande, semi-nú, roxos os labios, cabello intenso e sujo, como macega secca, sobre a face descorada. Ao lado, descansava apagado um coto de vela benta, sem duvida a luzerna que allumiára a agonia do pequeno morto.

Arrepellando-se, a chorar copiosamente, n'uma lastima, a infeliz abraçava-se ao cadaver em exclamações dorida-, cobrindo de beijos o rosto esmaecido do filho, que na sua indifferença de morto, diante d'aquella explosão de um coração amargurado, olhava tranquillamente para o colmo enfumaçado que resguardava o misero casebre.

Duas outras mulheres quedavam-se, consternadas, ao lado, lacrimejando silencio-amente.

Os pequenos pescadores olhavam espantados aquella amargura, aconchegados n'um grupo contristado e respeitoso, semelhando aves medrosas diante de um cataclysmo.

Fóra, pelas margens humidas do ribeiro, desdobrava-se a doçura enlevadora da paz crespuscular.

Uma hora, a desgraçada mãe, com as faces colladas ao rosto do morto, calou-se, numa atonia, afogada no borbotão dos soluços, as longas tranças, negras e descuidadas, desdobrando-se pelas espaduas n'um basto feixe emmaranhado. Entristecidos, iamo-nos em retirada, demandando o rio, onde a ultima luz punha lampejos pallidos, quando a pobre mulher, despertando, retornou á jeremiada plangente, chamando pelo filho amado, beijando-o ardorosamente, como se quizesse, ao calor d'aquellas caricias, trazel-o de novo á vida.

Vibrava, longe, n'um campanario, a voz dolente do *Angelus*.

E pelas margens do corrego, casando-se ao deslisar gemebundo das aguas, arrastando-se sobre os seixos do leito tortuoso, errava o grito compungente d'aquella mãe desolada.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Tamanduá, Minas, 1893.

CHRONICA LIVRE

J'estime plus cela que la pompe fleurie
De tous ces faux brillans où chacun se récrie...

Que bella, que justa epigraphe para o livro do mais sobrio, do mais espontaneo, do menos artificial dos nossos prosadores! De facto, é com esses dous versos do divino Molière que abre o volume dos *Contos fóra da moda*, de Arthur Azevedo, agora editado por Domingos de Magalhães, o infatigavel.

Este livro fica, de par com os *Contos possiveis*, marcando definitivamente a physionomia litteraria do auctor. Arthur possue a felicidade de poder dar um cunho proprio a quanto escreve. Chronista, cabriolando desordenadamente de assumpto em assumpto, mas com uma rara mistura de fulgor de paradoxo e de bom senso, pelas columnas do jornal; comediographo, fixando em scena com uma precisão e uma verdade de machina photographica a vida que o cérca; poeta lyrico de primeira plana, pegando de uma ideia velha, de um sentimento commum, de uma commoção já cem vezes por outros sentida, e vestindo-a de novo, dando-lhe roupagens não sonhadas, fazendo d'ella uma commoção nova—como de seis metros de fazenda incolor faz sahir a pariziense uma *toilette* rutillante, cheia de mocidade, de frescura e de graça; — em tudo Arthur Azevedo põe a assignatura invisivel da sua *maneira*, do seu geito, de sentir e de escrever. Nos arranjos de revistas e de libretos, mesmo, sabe elle entrar, sem perder a sua originalidade e o seu talento. E' um grande poeta que entra pela vulgaridade, um grande artista que entra pela fancaria, sem deixar lá dentro o seu lyrismo e a sua arte.

E' que a sua simplicidade é esta rarissima e fulgurante simplicidade, que consiste em pôr uma obra de arte ao alcance de todas as comprehensões,—fazendo-a humana; e ser simples assim é mais difficil do que descobrir a America ou a polvora sem fumaça. Nada mais facil do que architectar uma pagina complicada, das que embasbacam o nephelibatismo indigena, e que parecem mostradores de bazar turco, cheios de lentejoulas de malacachetas, de bugigangas, *de tous ces faux brillans où chacun se récrie.* Nada mais facil: cinco duzias de vocabulos desencontrados bastam a construir uma d'essa obras primas. E como n'ellas o principal intuito do escriptor parece ser esconder o mais possivel o pensamento, claro está que nem é preciso pôr um pensamento lá dentro...

O estylo de Arthur Azevedo tem a limpidez e a serenidade de brilho d'esses admiraveis diamantes mineiros do Tijuco, cuja transparencia todos os Lère-Chatelains do mundo não conseguirão nunca imitar nas suas gemmas artificiaes. E cada vez admiro mais a propriedade da epigraphe tão bem cabida, que Molière forneceu aos *Contos fóra da moda*. Creio que foi Valentim Magalhães quem, ultimamente, referindo-se ao conto *Sabina*, de Arthur, dado á estampa n'*O Paiz*, disse: « Com o assumpto d'este conto, Bourget escreveria um largo romance de analyse psychologica. » Escreveria, sim. Mas o nosso Arthur, que odeia as ostentações espalhafatosas de erudição,—fechando esse assumpto n'uma columna de jornal, conseguio talvez mais do que conseguiria Bourget, alastrando-o pelas quatro centenas de paginas de um volume Charpentier.

O conto, com que abre o volume que tenho presente, o *Viuvo*, é o estudo completo de uma alma, apanhada em flagrante pelo auctor, e impressa em sete paginas de uma naturalidade encantadora. E o estudo é feito disfarçadamente. Ninguem percebe o escalpello ás mãos do anatomista: Arthur disseca um espirito como quem conta uma anecdota, simplesmente, despreoccupadamente.

Comprehendem bem que não posso citar aqui todos os contos do livro. Nem eu sou critico, nem quero desvirginar este encantador volume, privando o leitor das sorpresas que elle lhe dará.

Mas deixem-me ao menos citar *Questão de honra* e *Marcellina*.

No primeiro, Braga Lopes, o marido condescendente cuja mulher se vende por um vestido de seda, é primorosamente descripto n'uma só phrase. A's sete da manhan Braga Lopes nega 500$000 á mulher, e « brune as unhas ». A's 3, Braga Lopes ouve um rodar de carro. Levanta-se, vae á janella.

E' Angelica que vae á cidade arranjar os 500$000 de que carece. Braga Lopes resmunga: « Aonde irá ella arranjar 500$000 a estas horas? » e continúa a brunir as unhas. Oh! a dolorosa jornada

de Angelica, de casa em casa de amiga á procura d'esse dinheiro que todas lhe recusam !... Tres horas da tarde. Entra Angelica em casa, cansada, mas alegre. Vendeu-se por dous contos de réis a um bolsista. Braga Lopes está brunindo as unhas.—« Mas para que precisavas tu d'esse dinheiro ? » — « Uma questão de honra, meu amigo... Imagina que me apaixonei por um vestido que vi hontem na vitrine do Palais-Royal... » E Braga Lopes « recomeçou fleugmaticamente a sua occupação predilecta—brunir as unhas... »

Esse assumpto cruel é tratado com uma rapidez, com uma precisão, com uma verdade espantosa. Assim *Marcellina*, a velha actriz, reduzida a costureira, que, em casa de uma actriz moça que começa, ouve a sua propria historia contada á nova *estrella* por um antigo amante... E a *Dona Branca*, e o *Contrabando*, e a *Cozinheira*, e... todo o livro.

Porque o livro todo é bom, e, como já escrevi mais acima, vem marcar definitivamente a physionomia litteraria de Arthur Azevedo, a quem envio publicamente, pelo seu radiante triumpho, uma braçada d'estas rosas de maio que começam a desabrochar.

E, impertinentemente, aproveito a occasião para perguntar a Arthur quando se decidirá a dar-nos, colleccionados em volume, os seus esplendidos sonetos lyricos...

OLAVO BILAC.

(Da *Gazeta de Noticias*)

FLOR DO MAL

Quem fôr cego que idiota o anathema te lance,
O' melindrosa flôr da estonteadora Carne !
Alvo lyrio emballado ao murmurar do Marne!
Heroina de Bourget na autopsia de um romance!

Condemnam-te o impudor fantoches moralistas,
E, um por um, te buscar vão todos, açodados,
Na sombra do mysterio envoltos, embiocados,
Que por elles, ó Treva, é bom que sempre existas.

Da ruidosa alegria em que indolente vives,
Do escandalo o phantasma a seus olhares se ergue.
Do Dever feitichista, a culto inglorio entregue
Justo é, sempre á Apparencia, ó mundo, te captives,

Porque nú como o dia, a quem te busca, esplende
Teu corpo esculptural te dizem prostituta
Na insania do desdem, e a taça da cicuta,
Qual mais sôffrego,a mão,por que lh'a dês,te estende.

E porque, do Deboche, encantadora filha,
No ar todo esse esgrimir se de um acaso á vida,
Lançar póde inconsciente o ventre dá perdida
Para a Arte, o summo bem, mais uma maravilha ?

Tão santa é a mãe, mulher honesta e recatada,
Como aquella que o foi por simples accidente.
Feliz quem, conscienciosa, o quanto vale, sente,
De todo o preconceito a alma que é emancipada.

Vasios como a sombra, audazes como a Idéa,
O' clowns da Virtude, á pedra, eia, é correl-a!
Reflecte-se no mar como no charco a estrella...
Vale mais que Lucrecia o accio de Phrynéa!

ALFREDO DE MAGALHÃES.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Carmen sentio pulsar-lhe o coração mais fortemente ainda. Desde logo, porém, como só se esperasse a pronunciação do nome do auctor, rompeu do *paraizo* o assobio reprovador acompanhado de um gargarejo sonoro, que bem explicava o intento sarcastico de parte dos espectadores.

E esta manifestação, fatal para o exito completamente lisonjeiro da comedia, precedeu a outra, sympathica. O grupo dos amigos de Carrero foi heroico n'esse momento em que perigava a reputação de um escriptor distincto, que superior estava á intelligencia obtusa dos pateadores.

O applauso foi então geral e communicou-se com o mesmo enthusiasmo e ardor a todos os presentes. Ainda se ouviam distinctamente os assobios. Felizmente, porém, para Lucio e Carrero, a policia interveio no *paraizo*, pois principiava a dar-se n'aquellas alturas uma reacção prompta e significativa. Os manifestantes de má sorte tiveram de bater em retirada. A agitação foi apercebida de Carrero, que, dirigindo o seu pequeno exercito, delegou a um amigo o direito do mando e retirou-se de prompto da sala, para pessoalmente convencer-se do que houvera e quaes poderiam ter sido os desgostosos.

Sentia-se feliz, porquanto á manifestação de sympathia sincera e franca associaram-se até mesmo as senhoras, que dos camarotes agitavam leques e lenços com uns gestos serenos e elegantes. Dolores era do numero.

Apenas Carmen, sinceramente alegre pela victoria alcançada por Lucio, tinha de quando em quando uns abalos nervosos ao lembrar-se que sua mãe gosava da gloria alheia, obtida a custo de sua reputação de esposa.

Ao mesmo tempo levantava-se-lhe na memoria, como que perante um espelho fiel, a figura correcta de Guilherme Tosti, o vencido.

— Ridiculo ! — pensou ella, recordando que differença havia entre a promessa de patear a comedia e o effeito insignificante que produzio semelhante intento, uma vez posto em pratica.

A verdade, porém, era que Tosti devêra ser plenamente perdoado, pois pouco tempo lhe ficára em disponibilidade para dar os passos necessarios, de modo a regimentar alguns individuos, que por acaso quizessem vender a opinião.

Entretanto, Carmen não lhe perdoava a derrota.

Parecerá inexplicavel e até contradictorio. Todavia, poderia significar-se de dous modos ; a

enteada do coronel Blanco approvava a manifestação de applauso ao auctor da comedia; não deixaria, comtudo, de alegral-a um castigo exemplar para o barateador das reputações alheias.

Quem não se conservava ainda bastante em si, era o coronel Herrera, pois longe estava de saber o nome do auctor dramatico e muito menos que o seu filho dilecto tivesse essa aptidão. O coronel Blanco abraçou-o, orgulhoso, e o bom militar, suffocado de alegria, dizia para o amigo entre dous sorrisos :

— Decididamente, Lucio é o primeiro rapaz disposto a guardar segredo ! Nem sequer me communicou a autoria de sua obra !

E Lucio, não menos sorprendido, chegára afinal a reconhecer a exactidão de tudo quanto se acabava de dar.

— Isto é obra de Carrero !... o empresario nem sequer me conhece !...

E reprovava o amigo. Bem lhe podia haver poupado o pequeno desgosto que o assaltou de ver que o seu nome, uma vez pronunciado, fôra coberto de assobios.

Haviam-n'o exposto ao ridiculo.

— Assim é o publico ! pensava. Antes de conhecer o auctor, applausos, e depois...

E susteve o raciocinio. As reticencias diziam tudo.

Era verdade, continuamente comprovada em theatros, mas que não tinha de momento a mesma explicação.

— Onde estará Carrero ? — dizia, procurando o amigo.

O publico pedia insistentemente o auctor.

Foi então que Carrero, agitadissimo e offegante, lhe appareceu.

— Vamos d'ahi ! — dizia elle, estendendo-lhe os os braços para o levar consigo.

— Explica-me !

— Impossivel ! Não vês que exigem a tua presença ?

— E um absurdo ! foste o promotor de tudo !

— O que quizeres ! Ouve ! chamam-te !... E sabes o que vale negar-se um auctor a comparecer perante o publico que o quer ver ?

— O que? perguntou Lucio:

— Uma pateada para desafogo da impaciencia !

— Entretanto, não vês que é uma imprudencia ?...

— O que queiras... e vamo-nos !

— E explicas-me ?...

— Depois !... não faltará tempo de participar o que houve e dizer-te quem promoveu aquella ridicula manifestação de desagrado.

— Quem ?...

— Insistes ?

— Insisto !... Ou dizes o nome d'essa pessoa, ou francamente... não me retirarei d'este logar, seja qual fôr a consequencia.

— Teimoso ! E não vês que é um favor que te dispensa o publico, deixando-se ficar na sala, depois de terminado o espectaculo, e applaudindo com todo o enthusiasmo ?

— O nome d'essa pessoa

— Se és homem de brio e de dignidade, ouvil-o-has pronunciado e te conservarás impassivel !

— O auctor! — repetiam os espectadores.

— O nome ?

— Carmen.

— Carmen ? — exclamou precipitadamente, levando a mão á fronte, como se por ventura fosse demasiado pezada aquella palavra, que lhe feria os ouvidos.

A physionomia de Lucio abrio-se na expressão do horror. A força de animo, porém, era sufficientemente energica para dominar o effeito da grande decepção.

A pouco e pouco abateu-se-lhe o desanimo. Um esforço de gigante, e estava restabelecido o estado normal de sua natureza psychologica.

— Vamos, meu amigo !... Não desprezemos os applausos ! Agora mais do que nunca convem-me a gloria ! A minha vingança é comparecer ante essa mulher, ou depravada, ou ignorante, que retribue o amor com a peior das offensas, aquella que busca o desprestigio.

E, sem accrescentar palavra, travou do braço amigo que lhe offerecia Carrero, e seguio ao longo do corredor, profundamente impressionado por tudo quanto acabára de ouvir.

Quando chegaram ao interior do edificio, disposto propriamente para os artistas, já os esperava ancioso o emprezario.

A presença de Lucio na altura da rampa do theatro foi de effeito magico. Todo e todos davam-se as mãos para com mais brilhantismo applaudir.

E não bastava já o merito litterario da comedia que se acabava de representar, senão tambem que o publico sentira-se como que fascinado com a nobre e elegante figura do auctor. Poder-se-ia com boa somma de razão aventurar uma proposição : a plateia, cançada de applaudir a peça e os actores, passava agora a admirar o physico d'aquelle rapaz, que até na sua modestia conservava a franqueza dos gestos, só proprios de pessoas de caracter independente e altivo, mas d'essa altivez que não inspira escusa, e bem pelo contrario nos communica parte d'esse influxo de dignidade.

Lucio agradecia mais com o sorriso do que com o gesto.

N'esse momento, os seus compatriotas lhe teciam, ao som estrepitoso da ovação, a verdadeira coroa de gloria, fazendo nascer em todos os corações o culto que mais se póde ambicionar, o da admiração.

E de feito, a admiração é o renome, é a consagração do merito, é a lapida em que mais tarde se ha de inscrever não o nome do individuo, esse qua-

lificativo de baptismo que serve para salvar a confusão dos homens e dos objectos, mas o nome do talento comprovado. Esse tumulo que recebe a memoria dos eleitos chama-se posteridade.

Era todo o trabalho d'aquelle crescido grupo de espectadores, accentuar o valor do talento creador de Lucio Herrera. Já não seguia tão só o applauso; a sympathia fallava-lhe de momento com mais eloquencia.

Lucio volveu um olhar para o camarote da familia Blanco. Carmen não lhe podia corresponder; dava-se a um trabalho de hypocrita.

Era o indifferentismo passando revista ao enthusiasmo.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa).

A CLOTILDE DE ROQUEMAURE

PELO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

Clotilde, por um dos sonhos
Que embalam teu coração,
Que berços d'harpas, Clotilde,
Te embalarão!

Clotilde, por um só lyrio
D'essa florente sazão,
Que mãos de fada, Clotilde,
Te enfeitarão!

Clotilde, somente em cambio
De um beijo infantil e são,
Que boccas de anjos, Clotilde,
Te beijarão!

Clotilde, empresta uma nota
A meu sistro escasso, e então,
Que lindos cantos, Clotilde,
Te encantarão!

RAYMUNDO CORRÊA.

Ouro Preto, 8 de Maio de 1894.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

POLYTHEAMA. — A revista o *Holophote* teve apenas uma representação. Não devia ter tido nenhuma.

*

APOLLO.—Reappareceu o *Pum!* opereta em 3 actos e 6 quadros, de Eduardo Garrido e Arthur Azevedo. Bom desempenho de papeis. Publico satisfeito. Enchentes consecutivas.

*

RECREIO.—*Reprise* dos *Ladrões do mar*, dramalhão de José Romano. Nova edição do *Sganarello*, de Molière, traducção em verso de Arthur Azevedo.

*

LUCINDA.—Estreia de uma companhia dramatica de provincia com *Tiradentes, o martyr da Republica*, drama historico de Moreira de Vasconcellos. Peça um pouco emphatica, mas feita com habilidade. Luiza Leonardo, distincta pianista, arvorada em actriz de primeira ordem.

— Antes do *Tiradentes*, os dramas *Justiça*, de Castello Branco, e *Odio de raça*, de Gomes de Amorim, representados pela companhia Furtado Coelho, que pelos modos foi dissolvida. Estreia de uma Sra. Lina Roy, ingleza. Não pegou.

*

SANT'ANNA.— Resurreição do *Trunfo ás avessas*, opereta brasileira em 2 actos, lettra de França Junior, musica de Henrique de Mesquita. Bom desempenho de papeis, excepção feita de um tenor-barytono que afinava no canto, mas desafinava na declamação.

Reappareceu tambem a *Gran via*.

*

VARIEDADES.—Re-inauguração dos trabalhos da companhia Ismenia, de torna viagem de S. Paulo e Minas, com o *Periquito*, a opereta de Alvarenga. Machado é sempre um magnifico Liborio.

*

S. PEDRO.—Cabriolas, palhaçadas, pantomimas e Rozita de La Plata. A companhia equestre vae vivendo, vae.

*

LYRICO.—Continúa aberta a assignatura para os espectaculos da companhia Mancinelli.

No repertorio figurará uma opera brasileira em 1 acto, *Moema*, lettra de Assis Pacheco e Marino Mancinelli, musica de Delgado de Carvalho.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imp. H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 49 SEGUNDA SÉRIE JUNHO DE 1894

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 25$000 e 13$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

MONIZ FREIRE	Rodrigo Octavio.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
CONVALESCENTE	Emiliano Perneta.
VIVENDO	Raul Braga.
INDIFFERENÇA	Celso de Menezes.
O DEFUNTO	Cosimo.
ENCORE	Edmé Paze.
PALAVRAS A AMELIA	Cunha Mendes.
VINHO INVISIVEL	Bento Ernesto Junior.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO	Alfredo Bastos.
SERPE	Julio Cesar da Silva.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. ALFREDO MADUREIRA

MONIZ FREIRE

De entre os nomes que n'esta Patria republicana se vão impondo á consideração de todos e ao respeito publico, por certo avulta o do illustre espirito-santense cuja figura sympathica vem hoje honrar a galeria do *Album*. Ao passo que em alguns estados da Republica os corações patriotas se confrangem ante o deploravel espectaculo da degladiação partidaria que, descendo para o terreno mesquinho das ambições pessoaes, esterelisa o que tem de salutar para o equilibrio administrativo a luta necessaria dos partidos, no pequeno Estado do Espirito-Santo observam-se os resultados beneficos da federação pelo aproveitamento consciente e systematico dos inextinguiveis elementos de riqueza natural que se desenvolvem e se accentuam n'um ambiente saudavel de paz, de trabalho e de respeito á lei.

E esse phenomeno cuja apreciação satisfaz o espirito e reconforta o animo dos que tudo esperam alcançar para esta Patria com o regular funccionamento do organismo institucional republicano que está apparelhado, é nada mais que a consequencia immediata da ciscumpecção e da justiça no governo do Estado.

E' este o maior elogio que se póde fazer ao Dr. Moniz Freire, escolhido pelo povo de Espirito-Santo para presidir aos destinos da terra natal n'esta phase de reconstrucção administrativa.

A actual situação economica da antiga provincia, que vegetava parasitariamente á sombra dos orçamentos imperiaes; as condições prosperas e promissoras que se lhe devem assignalar presentemente no conjuncto das parcellas que compõem a União brasileira; a sabedoria com que o desenvolvimento do Estado tem sido aproveitado, collocam por certo o governo do presidente do Espirito-Santo como o mais directo e accentuado elemento determinativo do engrandecimento da Patria.

Nem outra coisa era de esperar de quem em todas as circunstancias da vida tem sabido sempre dar as mais satisfactorias contas de si.

O Dr. José de Mello Carvalho Moniz Freire nasceu aos 13 de Julho de 1861, na cidade da Victoria, velha capital de seu Estado. Em 1877, iniciou nas bancadas do Recife os seus estudos academicos, passando-se no anno seguinte para S. Paulo, onde pelo anno da 1881 com brilhantismo os terminou, sob as arcadas do secular convento franciscano.

Feito bacharel, como toda a gente, partio-se para sua terra a conquistar com o trabalho a notoriedade a que tinha direito pelo seu talento e pelo seu caracter. Na Victoria, fundou com o distincto jornalista Cleto Nunes, actual ornamento da representação espirito-santense no Congresso Nacional, o primeiro jornal diario que teve publicidade n'aquella circunscripção do territorio brasileiro.

Na *Provincia do Espirito-Santo*, hoje *Estado do Espirito-Santo*, desenvolveram-se e accentuaram-se as qualidades de publicista do antigo redactor chefe do *Liberal Academico*. E d'essa lucta de todos os dias pelo progresso de sua terra veio tiral-o o eleitorado, elevando-o á difficil posição de presidente da Camara Municipal da Victoria, onde as suas qualidades de administrador se reve-

laram nos reaes e assignalados serviços que prestou ao municipio e posteriormente dando-lhe assento entre os legisladores provinciaes.

Filiado ao partido liberal, cujas ideias mais radicaes sempre abraçou com fervor, desde os bancos de estudante, veio representar sua terra no Congresso convocado n'esta capital, em 1888, pelos seus chefes mais eminentes. Ahi Moniz Freire se destacou da attitude conciliadora e timida da maioria, pugnando abertamente pela federação e assignando o celebre voto em separado de Ruy Barboza. Em 1889 foi mandado á Camara dos Deputados, tendo deixado de desempenhar o seu mandato por força da revolução de 15 de Novembro que, proclamando a Republica, dissolveu o Parlamento.

Voltando ao Espirito-Santo, Moniz Freire lançou-se abertamente nos intuitos da revolução e publicou um notavel manifesto politico, no qual concitou os seus amigos e conterraneos a servirem leal e francamente á Republica, de cuja realisação decorreriam por certo os mais solidos elementos de progresso e prosperidade da Patria.

Tendo conquistado a confiança dos seus concidadãos, foi posteriormente encarregado, juntamente com o douto advogado Manoel Augusto da Silveira, de confeccionar o projecto da Constituição, que, aceito pela Constituinte, é hoje o codigo fundamental do Espirito-Santo, talvez o Estado da União brasileira cuja constituição represente a adaptação mais criteriosa e perfeita dos principios geraes do direito publico moderno ás condições peculiares e especiaes da indole e costumes de nosso povo.

No Congresso Constituinte, onde teve assento, o illustre moço espirito-santense conquistou desde o inicio das sessões um logar saliente pela elevação de vistas com que collaborou na confecção do pacto fundamental da Republica, empenhando-se com ardor em varias discussões importantes.

Deputado, em seguida á terminação dos trabalhos constituintes, Moniz Freire collocou-se resolutamente do lado da Nação, contra o governo do ministro que conseguio, dominando o espirito do heroico presidente da Republica, lançal-o na lucta desoladora que terminou na disolução criminosa do Congresso e na consequente reacção de 23 de Novembro.

Então, apoz o cataclysma que convulsionou o paiz por toda a parte em que a organisação dos governos locaes se resentia da influencia perniciosa da dictadura deposta, Moniz Freire foi elevado á suprema magistratura do seu Estado, organisado sob um regimem verdadeiramente democratico e popular.

O que tem sido o seu governo já foi assignalado nas primeiras linhas d'este artigo. A prova mais eloquente da alta competencia e do seguro criterio administrativo do actual presidente do Espirito-Santo fornece-nos a prospera situação economica do Estado, fecunda em promessas do mais brilhante futuro.

*

O *Album*, offerecendo o retrato do illustre brasileiro, felicita calorosamente o Estado do Espirito-Santo.

RODRIGO OCTAVIO.

CHRONICA FLUMINENSE

Continúa a accentuar-se o movimento litterario.

Decididamente as lettras brasileiras vão entrando n'um periodo de prosperidade e grandeza. Salve!...

*

O editor Domingos de Magalhães acaba de publicar as *Baladilhas*, de Coelho Netto, uma nova edição dos *Escriptores e escriptos*, de Valentim Magalhães, as *Rimas de outr'ora*, de Affonso Celso, e não sei que mais.

As *Baladilhas* são um livro notavel, que muita gente leu aos pedaços nas columnas do *Paiz*, e ha de ser agora apreciado *en bloc* por quantos se interessem pelo engrandecimento das nossas lettras.

Escriptores e escriptos contém muitas paginas de critica san, criteriosa e sincera.

Alguns versos das *Rimas de outr'ora*, publicados já nos *Preludios*, nos *Devaneios*, nas *Telas Sonantes* e nos *Poemetos*, apparecem agora refundidos; outros são inteiramente ineditos.

O livro, arrancado ao poeta por uma doce violencia do editor, vem provar que Affonso Celso não tem o direito de pendurar a lyra no salgueiro classico.

Cá fico á espera das *Rimas de hoje*, que serão o *pendant* das de outr'ora.

*

Alguns dias antes de apparecerem as *Baladilhas*, os editores J. Cunha & C. publicaram *Praga*, interessante novella de Coelho Netto, estudo psychologico do remorso, contendo descripções encantadoras de algumas paizagens quentes lá do Norte.

A acção do romance desliza entre negros escravos, e é de um nacionalismo absoluto.

Praga, disse-me Coelho Netto, é o ensaio de uma grande obra, que elle medita, sobre os escravisados de outr'ora. N'estas magnificas paginas elle apenas quiz affazer a mão e o espirito.

Feliz o escriptor que produz primores quando experimenta a penna!

*

Um livrinho delicioso é tambem *Lotus*, collecção de versos de Luiz Rosa.

E' o primeiro volume da « Bibliotheca da *Semana* ».

O poeta merece o carinho com que a typographia Aldina manufacturou o seu livro. Luiz Rosa é um dos nossos lyricos mais harmoniosos e fluentes.

No *Lotus* ha versos tão bonitos, tão musicaes, que de bom grado perdôo a preoccupação de exotismo chinez e japonez que transparece em toda a obra.

O que não perdôo são impropriedades d'esta ordem :

Vendo-lhe o pé branco e estulto...

Pés estultos só os póde haver pela força, não das circumstancias, mas das rimas.

*

Braz Patife reunio n'um volume (tresentas e tantas paginas, se me fazem favor !) as *Historietas* com que desopilou durante mezes os leitores do *Tempo*, aliviando-os dos assumptos politicos.

E' um livro cuja leitura não se póde recommendar ás senhoras, nem mesmo ás sogras, em que peze á opinião da *Gazeta*, mas não ha duvida que pelos rapazes será lido e relido com prazer.

Braz Patife é engenhoso e tem graça.

*

Tambem têm graça os versos que, sob o titulo *Cantando e rindo*, Lulú Parola escreve todos os dias no *Jornal de Noticias*, da Bahia, e ao cabo de algum tempo reune em livro.

O anno passado publicou elle um volume, agora outro, e me remetteu ambos. Agradeço-lhe muito o presente, pois os seus versos fizeram-me passar momentos bem alegres.

*

Não porei o ponto final n'esta chronica, ou antes, n'este boletim bibliographico, sem agradecer ao eminente professor Dr. Domingos Freire o exemplar, que me offereceu, da memoria por elle apresentada ao Congresso do Mundo, reunido em Chicago por occasião da Exposição Colombiana, sobre a *Natureza, tratamento e prophylaxia da febre amarella*.

Todos sabem que Domingos Freire ha muitos annos se occupa na demonstração do caracter microbiano da febre amarella; pois bem : n'esta memoria o illustre investigador synthetisou as suas ideias sobre o assumpto, espalhadas, desde 1880, em mais de vinte livros e brochuras. E' inutil, pois, insistir sobre o valor scientifico d'estas paginas, que recommendo aos meus leitores.

A.

CONVALESCENTE

Choveu durante largo tempo; dia
Sobre dia choveu, e ella, doente,
E ella, pallida e triste, em febre, via
Brumoso e feio o céo continuamente

E nem uma esperança mais! Chovia
Mas, melhora, e, olhando o céo em frente,
Vê que o céo fulge e se enche de alegria,
De uma alegria de convalescente!

E, debil, de mansinho abre a janella ..
O sol casquilha, em ouro se derrama,
Fóra, na balsa como uma risada.

E ella: Que doce por aquella estrada
Pizar agora em luz! Feliz quem ama
Como eu amo esta vida, que é tão bella!

EMILIANO PERNETTA.

VIVENDO...

(Notas intimas)

A ARTHUR AZEVEDO

47ª Nota.

Essa criança que ahi vae, cerrada para sempre á luz, n'esse esquife coberto de flores, por uma ironia atroz e inconsciente, agora que ella já não as póde aspirar, nem ver, enche-me os olhos d'agua, sem que eu possa conter o meu pranto.

Não é o commum sentimentalismo da morte de um coração ainda não desabrochado á vida; outra ideia... outro sentimento, vago embora, me domina.

Candida alma em que a vida não era ainda uma flor e que a madrugada das tuas pupillas fechaste tão cedo, como se acaso o sol que te iria queimar em breve a carne fosse demasiado forte para a tua natureza e a crestasse logo, ao seu primeiro raio, — quem sabe ! eras para o meu amor, talvez...

Ah ! a crueldade da morte ! ah ! a sombra negra d'esse corvo pelo triste luar dos meus dias !... Noite clara da minha vida, nunca terás a alvorada do affecto que destinado te estava! O coração que ahi dormia n'esse corpo franzino onde a mulher não se accordára ainda, era teu, quem sabe ! Só elle te aqueceria o peito, só elle se afinaria pelo teu, alma romantica de retardado para a vida!

Viuvo sem ter amado, viuvo sem que outra alma, irman da minha, n'ella se me haja fructificado! Esta ideia enlouquece-me, faz-me saltar como um *cloun* em cabriolas de dor...

Perdido para sempre! — essa noite, esse luar, dos meus dias, será como a madrugada, o crepusculo, d'essa pequenina existencia cerrada tão cedo á luz: — toda a minha vida, toda a minha vida, — até que o momento chegue da eterna noite sem lua ...

Tu viverás como um somnambulo, pelas trevas do teu proprio espirito; serás o duende das tuas proprias horas de sombra: phantasma illusorio do silencio e da treva, de que as almas timidas fugirão com horror, até que o teu desapparecimento que poderá ser a tua manhan, entretanto, — te apague de ante os seus olhos . . .

Morta criança que eu não conheci e que eras a alma talvez por quem eu esperava para viver, — a quem o meu coração aguardava talvez para irromper na sua primeira alvorada: — por que te vaes assim, sem que eu te visse ao menos, sem que eu soubesse ao menos que eras a alma que destinada me estava?! . . .

Ergue-te! levanta essa pesada tampa do teu esquife! surge de entre as flores que te cobrem, como outra flor, um pouco pallida apenas, por falta de sol, e mostra-te a mim, e responde á agonia, ao estertor da minha duvida, — criança! . . .

*

48ª nota.

Eu divertia-me com a minha sombra. Homens que passavam riam-se: — "Quem sabe, um doido!... — Não! de certo, o vinho"...

E eu continuava a rir-me a falar, com ella... a seguil-a. — "Eu não me espanto com as suas loucuras; façam outro tanto com as minhas..." — E eu seguia, e eu continuava a divertir-me, a falar, a rir-me, com a minha sombra...

Gesticulava, dava-me posições grotescas, a ver o effeito sobre as pedras e sobre as paredes, — e gargalhava n'um prazer infindo... Tirava o chapéo, arrepelava o cabello com as mãos, tornava a pôr o chapéo, — e uma hilaridade feliz, de unico homem venturoso, echoava, de mens labios, por toda a rua . . .

Homens que passavam riam-se. Meu Deus! porque?... Respeitem a minha alegria!... eu outra coisa não posso ser que um alegre. E' que a minha dor, o drama doloroso e latente da minha vida, ha alguem que o comprehenda ou respeite?!... Deixem-me rir, pois: respeitem, ao menos, a minha alegria!...

A minha dor bem que merecia o vosso respeito, e a despresaveis e vos rieis d'ella; a vossa alegria outr'ora me revoltava, e eu calava-me, no entanto... "Como! dizia-me eu: a minha dor deve se calar e a vossa alegria não?!.. Não é a minha dor mais elevada, mais justa que a vossa alegria?! — não haverá, pois, mais razão para que eu me expanda que vós?!... — Calae-vos, pobres! vêde que eu soffro, embora não chore, não soluce, a unica maneira, talvez, porque o comprehenderieis; respeitae a minha dor, não a enxovalheis com a imbecilidade, com a miseria da vossa alegria!...

Debalde! Eu só... eu apenas, que soffria, não me devia expandir... Que eu me ria, então! respeitem ao menos a minha alegria!...

Gwinplaine da tortura do teu escarneo e da tua impiedade, mundo, — que eu exhiba eternamente a mascara do riso... Oh! o Quasimodo moral que eu me sinto, diante da *bondade* e da *justiça* do teu coração e do teu espirito, ó mundo!...

*

49ª nota.

Do meu extase, do extase em que eu ia, — subito, um perfume muito intenso de essencia me arrebatou, accusando-me logo a entrada de uma mulher...

Olhei... Duas senhoras de preto, véos pelo rosto, d'esses véos borrifados de pequenos pontos negros dando ás que os trazem a apparencia de que moscas lhes cobrem as faces...

Não examinei se eram bellas; do azul do meu extase e do meu devaneio ainda tinha eu os olhos cegos para as coisas de em roda: não o notei, pois. Além disto, o perfume que me envolvia era o bastante para que não me desagradasse a sua proximidade — tres bancos apenas adiante. Que mais desejaria eu?...

E voltei ao meu sonho, e fugi para o meu sonho, embalado agora por essa musica do cheiro, musica forte que me atordoava o preciso para não ouvir as rudes conversas de em torno, os rudes sons dos longos caminhos por onde me ia arrastando o vehiculo...

Mas como cança até o sonhar!... Demais, esse perfume intenso de essencia fina entontecia-me alfim, fazia doer-me a cabeça... Latejavam-me as fontes.

Desci de novo do azul, do azul do meu sonho e do meu devaneio: — a olhar, porém, d'esta vez, a vel-as bem, essas mulheres que se impregnavam assim de um cheiro tão forte... olfatos *blasés*, quem sabe! — que só assim podiam sentir; machiavelicas almas de La-Glus, quem sabe! — buscando entontecer aquelles que d'ellas se approximassem, para mais completamente os prenderem.

Olhei-as... olhei-as bem, d'esta vez, n'um esforço de toda a minha vontade contra essa embriaguez invasora... como quem encara um inimigo irreconciliavel e perfido ..

Ah! se mulher eu fosse, Deus meu! e um rosto eu tivesse assim!... Suicidava-me, suicidava-me, de certo...

Perfidas, perfidas, sem duvida, ainda mais que eu julgava; perfidas e loucas!

Perfume para illudir, para me entontecer e não me chamar os olhos sobre o seu rosto, fazendo-me julgal-as bellas! para me embriagar, ao ponto de

Phototypia J. Gutierrez.

DR. J. M. C. MONIZ FREIRE

vel-as como não são... Mas ainda bem que a minha vontade venceu... mas ainda bem que a minha vontade venceu!...

RAUL BRAGA.

INDIFFERENÇA

A JOÃO DE DEUS DO REGO

Na camara em que a lampada azulada
Entorna uma apparencia principesca,
Com a voz maguada e harmoniosa e fresca
Ella estridula a ultima ballada;

Finge expressão sentida e torturada;
Uma *pose* soberba e romanesca;
Uns longes imitados de Francesca
A um veludesco nicho recostada.

Um velho almiscarado, *aza cahida*,
Cuja mania é requestar fidalgas
Casos insulsos a narrar se entrega,

Em quanto ella, impassivel, distrahida,
Fria, mais fria que as geladas algas,
Contempla um busto de esculptura grega.

CELSO DE MENEZES.

Rio, 1894.

O DEFUNTO

A redacção do *Album* foi obsequiada por Filinto de Almeida com um exemplar da sua espirituosa comedia o *Defunto*, representada em Lisboa, no theatro D. Maria II, em 1891, e n'esta capital, no Recreio Dramatico, em 1892.

O *Defunto* é um delicado *lever de rideau* jogado entre tres personagens, e escripto em versos alexandrinos dignos do fulgurante poeta da *Lyrica*. Trata-se de uma viuva moça e bonita que, para certificar-se de que é realmente amada por um primo que a pretende, se finge apaixonada pela memoria de seu marido. Cede, afinal, porque vê que o rapaz está disposto a matar-se como Catão, Marco Antonio e Séneca.

E' um interessante trabalho litterario, cujo exito, no palco, depende exclusivamente dos actores. Lido, é delicioso.

O *Defunto* foi primorosamente impresso em Lisboa, na typographia da Companhia Nacional Editora.

COSIMO.

ENCORE

Sur les satins frôleurs mollement étendue,
Dans l'adorable nu de nos premiers parents,
La pointe de ses seins rigidement tendue,
ELLE geint de plaisir en spasmes effarants.

Les flancs gonflés d'ivresse, au désir qui la tue
Elle immole sa chair avec des mots troublants;
Ses nerfs surexcités tordent ses deux bras blancs,
La volupté l'étreint; elle est morte, rendue!

Des cris plaintifs, tels ceux d'un enfant qui vagit,
S'échappent de sa bouche, ou la pourpre rougit
Sous la cinglante ardeur du feu qui la dévore,

Et, tandis qu'elle allume, au fond de ses yeux clairs,
Dans un dernier plaisir, d'hystériques éclairs,
D'une voix presque éteinte elle murmure: «Encore».

EDME PAZE.

PALAVRAS A AMELIA

A saudade, Amelia, é uma offerta deliciosa do passado: e esta offerta, guardo-a em minh'alma abatida de uma tristeza de mar em praia despovoada, guardo-a em meu coração vasio como um ninho contendo os frios cadaveres de duas aves implumes.

Quando nos despedimos, disseste que tudo poderias esquecer, porém jamais fugiria de tua memoria esse luar tranquillo e ineffavel do meu amor, esse amor de alma embalada em vagas mansas de scismas occultas aos olhares perfidos e a salvo dos furiosos sarcasmos d'um temporal: — disseste mais que a minh'alma se habituasse a sentir a saudade profunda e commovedora d'essas horas bemditas e rapidas como o clarão d'um meteoro . . .

Ah! n'este expirar de luz em espaltos dolorosos de arrancar lagrimas, scismo em teus olhos azues e rodeados suavemente de uns tons violaceos: ouve, Amelia, jamais tão endolorida saudade me amargurou os infinitos minutos da existencia solitaria, jamais tão insanavel e secreto desespero me arrastou a desanimos sem limites e sem balsamos fugazes, como na tarde de hoje, n'este expirar de horas n'um continuado e inexprimivel esvaecer de côres suaves e embebidas de uma nostalgia melancolisada pelo rumor de beira-mar e pelo tremulo som de um sino que põe no céo a indecisa tristeza das Ave-Marias . . .

E sabias, mais do que eu, ser-me impossivel acalentar, divino em sua essencia e mortal em seus resultados deliciosos, esse amor decantado em versos memoraveis, regenerado em Magdala, san-

tificado em Thereza de Jesus, barateado nas Elviras e desvalorisado na permutação conscienciosa do recebe-se e do paga-se: sim, Amelia, tudo isto sabias, porque as mulheres conhecem profundamente as faces mais subtis d'esse sentimento perpetuado na humanidade.

Por isto descerraram-se os teus labios formosos e me disseram que a saudade subsistisse em minh'alma: ella subsiste, Amelia, e continuará a subsistir, pois o coração que se alimenta da saudade é um coração morto, sem mais vida para gosar uma esperança, sem a esperança no dia seguinte!

E d'esta saudade é que o meu se alimenta . . .

CUNHA MENDES.

Rio, 24 Maio 94.

VINHO INVISIVEL

Em fins de Agosto, ao beijo das primeiras
Chuvas, lavando o céo enfumaçado,
O campo perde o aspecto desolado,
Um tapiz novo e claro occulta as leiras.

Do tronco escuro, forte, das mangueiras,
Brotam gommos de um verde delicado
E enfeitam-se p'ra o mystico noivado
As folhudas, umbrosas larangeiras.

Frescos corymbos de uma alvura casta
Desabotoam de entre a fronde basta
Das golabeiras, attrahindo insectos.

E os redivivos vegetaes, repletos
De nova seiva, exhalam rescendente
Aroma forte que embriaga a gente.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará—1894—Minas.

Recebemos n'estes ultimos dias: o *Diario do Maranhão*, a *Republica*, da Fortaleza, Ceará; a *Verdade*, de Pão de Assucar, Alagoas; a *Gazeta de Petropolis*, a *Actualidade*, de Valença, o *Monitor Campista*, Rio de Janeiro; o *Estado de Minas*, de Ouro-Preto, o *Diario da Tarde* e o *Pharol*, de Juiz de Fóra, a *Patria Mineira*, de S. João d'Elrey, o *Caracter*, de Lavras, a *Vida*, de Taboleiro Grande, a *Folha*, de Barbacena, *Colombo*, do Rio-Novo, Minas-Geraes; o *Diario de Campinas*, o *Popular*, de S. Carlos, o *Oeste de S. Paulo* e o *Bem Publico*, de Casa Branca, a *Ordem*, de Mogy-Mirim, S. Paulo; o *Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Semana*, o *Archivo do Districto Federal*, d'esta capital, etc.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

A pouco e pouco o delirio descresceu e as familias principiaram a abrigar-se com essas enormes capas de inverno que transformam o aspecto franzino e faceiro da mulher em gravidade pezada e assustadora de um guardião cossaco.

Das primeiras, Carmen dispunha-se a partir, em quanto Dolores e o coronel Blanco ainda juntavam os seus francos accionados á manifestação geral.

E n'esta apparente phase do amor, que era a do despeito, dava-se um caso singular.

Lucio e Carmen diziam, em consciencia, que tinham sobejas razões para se detestarem, para transformarem toda a enthusiastica expressão do seu amor em outra de repulsão, e até de odio.

Todavia, um e outro calavam a voz da confiança para deixar em plena liberdade a grita da soberba.

— Ama-o, apezar da sua baixeza! — dizia ella, convencida de que o proposito do moço fôra apregoar a diffamação do nome de sua mãe, fazendo suppor Dolores culpada aos olhos do respeitavel coronel Blanco.

— Amo-te, apezar da machinação infernal, obra tua, para deprimir a obra de minha intelligencia, que não comprehendeste, que seria, para uma creatura verdadeiramente amante, razão para crescer, se possivel fosse, em sentimento e carinho, mas que tu, demonio, ludibriaste com o teu indifferentismo sarcastico, com o teu sorriso satanico e com o teu feito de morte! Sim, porque a quizeste suffocar, a essa pobre comedia, escripta para moralidade social, para exemplo que tua mãe não chegou a entender e para que á força de provas Dolores conservasse illeso o nome de teu padrasto.

Era o contraste d'esses dous sentimentos, no fundo o mesmo, e unisono todas as vezes que lhe batia no coração a nota profundamente sonora do amor.

Aos poucos, porém, a sala de espectaculo descarnava-se, como um cadaver sobre o qual opera um grupo de anatomistas em amphitheatro de uma escola medica. O povo caminhava apinhado nas immediações das portas, como onda que vem de longe n'um movimento sereno, perseguida por outras que lhe hão de succeder.

E as cadeiras e os camarotes, com os seus longos e fundos intervallos, similhavam um esqueleto polido. No recinto da orchestra ainda se viam alguns musicos, vestindo uns longos *sobretodos* aos violinos, e a sobraçarem-n'os com a doce caricia da paternidade.

Os contrabaixos e os trombones recostavam-se ao madeiro da rampa, como guardioes d'aquella

sala, esperando que se apagasse a luz do gaz para cahirem no silencio da escuridão.

A famila Blanco partira, emquanto Lucio e Carrero ainda se encontravam aos abraços com o emprezario, mais orgulhoso de seu triumpho financeiro, do que do achado que acabava de ter na pessoa de um auctor dramatico applaudido.

Os actores e actrizes felicitavam-n'o, a Lucio; queriam respirar ao lado de quem lhes proporcionára uma noite de victoria.

E diziam, com ademanes de pessoas modestias. que haviam feito o que poderam.

Lucio achava-os admiraveis; tinha visto muitos artistas, assistido a centenares de estreias, e não invejava a de nenhum auctor.

— Fui feliz! — dizia modestamente.

— Qual feliz! é que tem merito e o que tem merito ha de sempre vencer! — affirmava o emprezario.

— Que rapagão! diziam entre si duas actrizes, duas raparigas que trocariam todos os seus triumphos de artistas pelo coração de Lucio.

De subito, a conversa foi sorprendida. Um novo personagem appareceu; altivo de porte, elegante de maneiras. Tocou ao de leve com as pontas dos dedos no hombro de Lucio. Este voltou-se e deparou com o coronel Herrera.

Brilhava-lhe nos olhos a luz da sympathia e do orgulho; nos labios brincava um sorriso que se transformou n'um beijo sonoro, beijo que bateu a fronte do doutor de parceria com um abraço franco, largo e herculeo, um abraço de militar que alcança prisioneiro um amigo perdido, um abraço de pae que vem a partilhar do triumpho legitimo do filho. Lucio deixou-se enlaçar por aquelles dous braços affectuosos. O silencio era eloquente.

Carrero afastou com um gesto os artistas e foi dizer-lhes em distancia a que especie de sentimento correspondia a expansão d'aquellas duas almas.

— Respeitem-n'os; é um pae que abraça um filho triumphante.

— Sabes — murmurou o coronel depois de dar largas á effusão em que trazia a alma — sabes que tenho a condemnar a modestia do teu silencio?

— Se não fui eu que me trahi! Carrero sabia-o e denunciou-me. Fez mal; assim como foi um triumpho, podia dar-se um descalabro ou uma derrota. Ainda assim... não ouviste o pequeno ruido de desagrado?...

— Sim!... recordo-me d'esse pequeno rumor, no *paraizo*, em seguida á pronunciação de teu nome. A quem attribues esse proposito?...

— Ao ente a quem unicamente consagrei uma affeição intensa e enthusiastica.

— De amor?

— De amor.

— N'esse caso foi ella?...

— Bem! — atalhou Lucio, sem suster a phrase que lhe subio, em fezes, do coração aos labios...

— Comprehendeste tudo! adivinhaste o meu amor..

— Não adivinhei!... li nos teus olhos...

— E ella!...

— Vendeu o seu amor... e fez-se pagar por essa pateada ridicula e cobarde!...

— Carmen!...

— Sim, Carmen! E' incrivel!... eu mesmo não posso explicar... Felizmente, porém, aqui chega Carrero. Foi elle o denunciante, compete-lhe a explicação

Quando terminou esta affirmativa, já Carrero estava ao alcance das palavras e tudo poude comprehender e decifrar.

— Entendo e confirmo! Como, porém, esta noite é de festa e de gloria, é necessario que a terminemos bem, como rapazes alegres e triumphantes. Na *Confeitaria Oriental* esperam-nos alguns moços, teus admiradores. Auctorisaram-me a convidar-te, e por consequencia ao coronel para uma ceia de *rapazes*, modesta, ceia mais para palestrar e rir e menos para comer.

— Aceito e orgulho-me! agradeceu o coronel Blanco.

— Uma palavra antes da alegria! Como explicas o procedimento de Carmen?...

— Perfeitamente... lá na *Confeitaria*; lá, para que afoguemos a ingratidão de uma mulher em dous dedos de vinho de Bordeus; lá... para que ao triumpho litterario te succeda o triumpho do coração.

— E' dar a publico...

— E que te póde importar, quando é a morte que vamos dar, moralmente, a um ente desprezivel, machina dos caprichos de uma mulher?...

Carrero convidou-os com um gesto. O coronel Blanco tomou a iniciativa e abrio o passo.

D'ahi a momentos o *Solis* tinha o aspecto de uma gigantesca mole, abandonada á neblina de uma noite de inverno.

E bateram a calçada com esse passo particular dos individuos, que deixam a todo o peso do corpo e a toda expansão e elasticidade dos nervos o direito de comprovar que estão apressados e que lhes ancia fortemente o coração.

— Já nos devem esperar com impaciencia! — dizia Carrero.

Lucio caminhava automaticamente, immerso n'um pelago de considerações, acerca do enredo romantico em que, não ha muito, se víra envolvido.

— E' estranho! — dizia em consciencia e pesando todas as phrases de raciocinio — é verdadeiramente singular o que me occorre: um homem que levanta um degrão para dar-se a luzir aos olhos da mulher adorada, empunhando um trabalho applaudido... e eis que na esperança de grande e feliz exito, tudo se convolve, apresentando o reverso da medalha. E... para que ainda não fosse sufficiente toda a difficuldade em decifrar este

diabolico logogrypho, que me anda antepondo a intelligencia o inexplicavel procedimento de Carmen, ajunta-lhe Carrero a personalidade de um imbecil! — como diz elle — que servio de machina aos satanicos projectos da mulher ingrata!...

A fé que não sei fugir do labyrinto; ou tudo isto é extremamente ridiculo, — porque um homem serio não se deve occupar com estas nonadas, — ou é singularmente romantico, e n'esse caso estou envolvido no *embroglio* e por consequencia na obrigação, voluntaria ou involuntariamente, de representar o papel de galan, um *Mario* dos *Miseraveis*, um *Maximiano* do *Monte-Christo* ou um *Armando* da *Dama das Camelias*.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

SERPE

A CUNHA MENDES

O demonio uma vez me disse do seu fojo:
«Quero dar-te, homem não, para que d'hoje em diante
Possas tentar o amor sem provocar o nojo.
De uma serpe lustrosa a fórma extravagante.»

Disse, e logo, com pasmo, eu vi minguar o bojo
Do meu corpo, e alongar-se... E fui n'aquelle instante,
Uma serpe, mostrando a camisinha de rojo,
Uma coloração de escamulas brilhantes.

Esgueirei-me de rasto e escondi-me na treva,
Para melhor tentar, como a serpe traidora
Da Biblia, o coração e o casto amor de uma Eva.

Ella, porém, ao ver-me, adiantou-se travéssa,
E, com o mesmo furor da antiga Peccadora,
Achatou-me, com força, a pérfida cabeça.

JULIO CESAR DA SILVA.

S. Paulo.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

POLYTHEAMA. — Estreia da companhia lyrica Sansone com o *Trovador*, de Verdi. Camarotes de 1ª ordem, 25$000; de 2ª, 15$000; cadeiras de 1ª classe, 4$000; de 2ª, 2$000; entradas, 1$000. E está feita a critica.

*

LUCINDA. — Depois do *Tiradentes*, a companhia Moreira de Vasconcellos deu-nos um *Guarany* estrahido, pelo emprezario, do romance de Alencar, e agora poz em scena *Itararé*, revista em 3 actos e 12 quadros, lettra e musica de Assis Pacheco. A peça tem algumas scenas engraçadas, mas o desempenho dos papeis e a enscenação deixam muito a desejar. A musica é interessante, mas os melhores numeros figuraram já no *Pum!* e no *Tribofe*. A revista é paulistana durante os dous primeiros actos; no 3.º o auctor leva-nos ao hotel Ravot e ao largo da Carioca. O actor Castilho deu um magnifico typo de caipira, e o actor Senna imitou com muita graça o Brandão no *Abacaxi*! Foi o *clou* da representação.

*

SANT'ANNA. — N'este theatro reappareceu uma opereta que o nosso collega Arthur Azevedo considera um *peché de jeunesse*, o que aliás não a impedio de levar dinheiro á bilheteria. Intitula-se *Abel, Helena*, é uma adaptação á scena brasileira da *Bella Helena*, de Meilhac, Halévy e Offenbach. Uma serie de infantilidades, que se salva pela musica saltitante e inspirada do celebre compositor franco-allemão. Colás, Peixoto, Bahia, Mme. Massart, Clelia e os demais artistas da popular companhia organisada pelo Heller dão á opereta um desempenho muito regular.

*

VARIEDADES. — *Reprise* da magica as *Maçans de ouro*, o penultimo trabalho de Soares de Souza. Deslumbramento de enscenação e enthusiasmo do publico. Reapparição de Leonor Rivero, sempre bonita, applaudida sempre.

*

APOLLO. — Revesa os seus espectaculos com *Pum!* e *Abacaxi!* emquanto não nos dá a primeira representação de *Nem a tiro*! comedia traduzida pelo Dr. Augusto de Castro.

*

RECREIO. — Hoje uma, amanhan outra peça velha do repertorio. Estão em scena os *Milagres de Santo Antonio* e preparam-se os *Filhos do capitão Grant*.

*

LYRICO. — E tá em viagem a companhia Mancinelli, soffregamente esperada pelo publico.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imp. H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 50 SEGUNDA SÉRIE SETEMBRO DE 1894

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26$000 e 13$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

CAVACO	Arthur azevedo.
MARINO MANCINELLI	A. A.
SANTA THERESA	Raymundo Souza.
COINCIDENCIA	Raul Braga.
ABYSSUS	Bento Ernesto Junior.
LIVROS NOVOS	Cosimo.
A CARTA	Lilasia.
VELANDO	Georgina Teixeira.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO	Alfredo Bastos.
DUELLO	Gavroche.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. ALFREDO MADUREIRA

CAVACO

Se houve um espaço tão grande entre o n. 49 e n. 50 do *Album*, não se queixem os leitores senão de mim, porque só eu tive culpa d'essa demora.

Não tentarei defender-me, porque, por mais imaginação que tivesse, difficilmente inventaria os necessarios argumentos. Attribuam a minha falta á preguiça — molestia nacional de que todos nós mais ou menos soffremos —, e, se não me quizerem perdoar, não me perdoem, no que farão muito bem, porque, invertidos os papeis, eu não me perdoaria.

Esforçar-me-ei para que de hoje em diante o *Album* seja distribuido com a regularidade possivel; note-se, porém, que é isto uma simples promessa e não um juramento.

ARTHUR AZEVEDO.

MARINO MANCINELLI

Mal sabiamos, quando preparavamos a phototypia do illustre musico italiano para o presente numero do *Album*, que offereceriamos aos nossos assignantes o retrato de um morto.

Ha poucos dias, conversando com Mancinelli, prevenimol-o de que esta semana o procurariamos em sua residencia, afim do que elle nos proporcionasse algumas notas para escrevermos o esboço biographico que devia acompanhar o seu retrato.

O *maestro* disse-nos, com a sua costumada amabilidade, que em qualquer dia e a qualquer hora com muito prazer receberia a nossa visita, mas no primeiro dia da semana aprasada — quem o diria? — sorprendeu-nos dolorosamente a noticia de que elle se suicidára n'um terrivel momento de allucinação.

Na impossibilidade de escrever o esboço biographico do grande e desventurado artista que todo o Rio de Janeiro admirou e applaudio, limitamo-nos a transcrever do *Paiz* — com a devida venia — a seguinte noticia:

«Filho de um musico consciencioso, Raphael Mancinelli, fallecido a 10 de Abril de 1892, que soube educar tres filhos que são hoje bellos ornamentos da historia da arte musical na Italia, nasceu Marino en Orvietto a 16 de Junho de 1842.

Habil pianista, concluio os seus estu os com o sabio contrapontista Mabellini, autor da opera *Balssadar*, de innumeras cantatas, do *Hymno de Toscana* e de esplendidas partituras de musica sacra.

Os jornaes estrangeiros estão cheios de attestados valiossimos da illustração e merecimento artisticos de Marino Mancinelli, indigitado digno successor de Faccio, figurando já ao lado de Mascheroni

Nesses documentos vê-se que Mancinelli foi regente de companhias lyricas em Roma, Florença, Veneza e Bologna, onde dirigio operas de Ricardo Wagner

Em Pariz dirigio a orchestra do theatro Italiano, tendo sob sua batuta a celebre Adelina Patti; em

Madrid, Barcellona, Lisboa e Buenos-Aires não é menor o respeito que lhe consagram, e em muitos concertos se impoz como intreprete dos mais severos compositores, figurando em primeiro plano o concerto no palacio do Trocadero, em Pariz, em beneficio das victimas do incendio do theatro de Nice.

Entre as suas composições para piano figuram as recommendaveis peças *Revêrie*, *Chanson de Mignon*, uma collecção de *Estudos* e *Bluette printannière*.

Para orchestra é attestado do seu valor a *Ouverture*, peça descriptiva, com um programma baseado na poesia de Victor Hugo *L'aigle de la casque*.

E' autor da grande opera inedita *I Ribeli*, que já esteve no programma do theatro S. Carlos, em Lisboa, e tinha quasi concluida outra, em 4 actos, encommendada pelo editor Sonzogno.»

A.

SANTA THEREZA

A ARTHUR AZEVEDO

Movido pela tristeza,
Cheio de dor infinita,
Levei a Santa Thereza
» de visita.

O ar suave, excellente
D'aquelle morro elevado,
Cura logo de repente
O coração mais chagado.

A bella estancia ditosa
Cheia de viço e frescor,
Diz a todos amorosa:
— Suba, estou a seu dispor.

Genio bondoso, inspirado
Teceu o ninho sem par,
Depois ficou tão babado
Que fez alli seu solar.

Quem quizer tomar um dia
Immenso e grato fartão
De perfumes, de poesia,
Procure aquella mansão.

E para empreza tamanha
Consulte dona Alvorada,
Suba no cabo á montanha
A's tantas da madrugada.

Espichada como um frade
Pelos valles e collinas,
Sob o lençol de neblinas
Dormia ainda a cidade.

O Pão de Assucar negreja
Com seu capuz de algodão,
Como espuma de cerveja
Na bocca de um cangirão.

Ha movimentos de festa...
Presentem o sol, sultão.
Vae-lhe fazer a floresta
Uma estrondosa ovação.

Tambem rompe agora o bico
Uma alegre passarola,
A' frente de um tico-tico
Todo gamenho e pachola.

Filhas de um mundo pagão,
As flores, por entre filas,
Abrindo as doces pupillas
Tomam parte na funcção.

Ao som de meigos cantares,
Trepando pelas encostas,
Surgem do fundo das grotas
Sombras .. palacios .. pomares.

As casas n'essas bibocas
Agarradinhas no chão,
Parecem alvas pipocas
No fundo de um caldeirão

Céo e mar! — uma só peça...
Mas, que coisa singular!
Não sei onde o céo começa
Nem onde termina o mar!

Corcovado inda madruga...
Desapontado, infeliz...
— Se lhe puzeram verruga
Na pontinha do nariz!

Vivia alli descuidado
Entregue á meditação...
Veio o Passos e o alvião
Rasgar-lhe o lombo, o costado.

Fluctuam na immensa téla
Nuvens pequenas e grandes,
Move-se uma caravella
Pela carcaça dos Andes.

Correm outras apressadas
Em hora tão matinal!
Foram talvez convidadas
Para um samba colossal.

Aquelle rochedo erguido
Parece um monge a scismar,
Este — leão atrevido
Escachando um jaguar.

Tronco magro e penitente
Ergue os braços para o ar;
E' um devoto demente
Que não cança de resar!

De seu ninho de argamassa
Um joão de barro tratante
Faz grande troça alarmante
Ao transeunte que passa.

Muito pertinho da matta,
Por entre blocos enormes,
Cahiram sempre uniformes
Uns pingozinhos de prata.

Suave como um harpejo
Meiga, queixosa, dormente
Inda mais doce que um beijo
Deslisava uma torrente.

Surge o sol ! força e valor !
A terra que andava fria,
Mette-se em banho-maria
Toma um fartão de calor.

Eu vi alli de luneta
Allucinado e com somno,
Um sincero pinta-monо
Calcar aos pés a palheta.

Terra, ó mãe da humanidade,
Um dos teus muitos fedelhos,
Ante tanta magestade
Se descobre de joelhos !

1893.

Raymundo Souza.

COINCIDENCIA

A MAX FLEIUSS

. . . . . .

...«Durante todo o dia seguinte uma inquietação extraordinaria se apossou de mim, sob o influxo d'essa ideia terrivel... Da mesa para a janella, d'esta para a porta, aguardei a chegada do carteiro, certo, como se m'o tivessem affirmado, de que alguma noticia me viria.

O almoço... eu mal tocára nelle; dos jornaes, eu percorrêra apenas a secção dos fallecimentos e a do noticiario, as unicas que me interessavam, que me poderiam trazer a noticia porque eu esperava...

A pouco e pouco, pelo caminhar do dia, essa ideia gravava-se-me no espirito, como realisada já, como uma verdade, mas de cuja participação somente dependesse a minha attitude. Eu não sahira até, por me parecer isto uma irreverencia, logo no dia seguinte, quando devia começar justamente a semana de noio...

Nos resultados das scenas da vespera, nas circumstancias a que me lançava a minha má sorte, eu não pensava, eu não queria mesmo pensar. Só aquillo me obsecava, torturando-me a consciencia, como se porventura fosse devido á minha vontade ou eu fosse a causa.

Para irritar-me mais do que me achava, a linha telegraphica fôra, havia dias, interrompida entre a cidade e o logar donde devia partir a noticia, e só por uma carta, portanto, eu poderia saber do acontecimento que presentira. Contrariedades não são raras na minha vida ; não corri, pois, o que seria mais natural da minha parte e o que me pedia o meu coração alvoraçado, ao encontro do carteiro, ao ouvir-lhe os passos na areia do jardim ; calmo, o rosto de certo pallido, mas calmo, limitei-me a abrir a porta, assim que elle puxou a campainha ; desoccupado a essa hora, tendo-me elle visto, ao entrar, junto á janella, não era caso para fazel-o admirar-se... Qualquer eventualidade constituia o meu receio, bem que podia, no ultimo instante—manifesta a minha agitação, surprender-me com outra noticia. Attendendo-se ás relações existentes entre mim e o meu «protector», tal circumstancia devia me ser agradavel ; entretanto, na certeza, ou quasi certeza, em que repousava o meu espirito, isso me contrariaria tambem, destruindo uma quasi convicção...

Victoria ! victoria ! cantaram os meus olhos ; o meu cerebro irradiou-se em um orgulho ; dentro do meu peito, porém, o meu coração suffocava-se n'uma contracção que dir-se-ia um soluço... A minha honra estava salva, comtudo : eu poderia erguer. . continuar a erguer a cebeça diante dos outros; a vergonha e a miseria não se abateriam sobre mim, imminentes, ha pouco ainda... Eu herdava com que comprar o socego da minha alma, e o respeito, e os elogios dos homens : eu era millionario! .. Custava-me um crime esta fortuna ?... o mundo não o iria perguntar. Se o perguntasse, seria apenas por curiosidade e para maldizer somente, pois que nenhuma prova encontraria contra a minha omnipotencia. Vencia o meu cerebro, ufano, que se não enganára ; rejubilava-se a minha bolsa que podia agora gastar como quizesse, prodigamente, sem precisar fazer um calculo seguer... Vencia... rejubilava-se...

Voltada emfim a calma que me fugira, logo após a noticia da morte do meu protector, confirmando o terrivel e inexplicavel presentimento que me obsecára, posso hoje recordar os factos que o precederam e durante os quaes me nasceu.

O jogo, qualquer que elle seja, nunca me fascinou, por si, pelo prazer de permutar cartas, ou de arriscar dinheiro. A's vezes eu me atirava a elle, ás cégas, perdendo horas e horas, noites mesmo, a uma mesa, mas era quando, escassa a minha bolsa, a minha repugnancia por todo o trabalho forçava-me a procurar n'elle com que satisfazer á minha quéda incontestavel para os outros vicios... N'essa noite, no emtanto, como tivessemos de passal-a acordados, por deliberação unanime, afim de realizarmos, pela

madrugada, essa visita que projectaramos a um castello visinho, onde phantasmas appareciam, segundo os habitantes do logar, e como todos se houvessem reunido em derredor da mesa, para um quente lansqueñet, levantei-me da cadeira em que me assentára e dispuz-me a arriscar tudo quanto possuia. Attrahia-me, antes do mais, o aspecto satanico que a scena devia tomar e já tomava, áquella hora,—noite opaca.—em uma sala escura, esclarecida por sinistros lampeões, entre homens todos de negro, com a physionomia cançada por todas as loucuras.

Eramos treze ; seis de cada lado, eu á cabeceira. O relogio, justamente defronte de mim, marcava esse instante em que o ponteiro, quasi-a desprender-se da meia noite (XII), vae marcar treze e volta ao principio, marca uma hora .. Chamem embora superstições a estas coisas, riam-se d'ellas e dos que n'ellas acreditem, eu confessarei sempre que, apoiado em innumeros exemplos e em raciocinios muito particulares que não refiro, porque pouco me importa pensem o contrario, e que acho — incontestaveis, seguros, pareçam, todavia, á primeira vista, ridiculos, — eu creio n'ellescomo no mais evidente axioma. Não quiz, entretanto, estragar o prazer dos meus companheiros que a isso não haviam prestado attenção, e calei-me; seduzia-me, tambem, n'esse momento, uma ponta de satanismo; deixei começar o jogo, sem fazer notarem o que eu apenas casualmente observára.

Logo ao começo, a sorte pareceu querer favorecer-me de uma maneira espantosa : admirados, os meus companheiros olhavam-me, a cada carta, como temendo alguma fascinação das minhas pupillas sobre o baralho... Interessante, porém ! todas aquellas que se franqueavam para mim pertenciam ao mesmo naipe : páos... A persistencia já me incommodava; presagios, por momentos, parecia se levantarem no meu cerebro ; esta côr sempre : negro, o desenho : quasi uma cruz, já me desconsolavam de todo o prazer do lucro que se avolumava ao meu lado ..

O jantar fôra copioso ; talvez por isto, a minha imaginação, mesmo de natureza impressionavel e phantasista, desdobrou-me, tão claros, preciosos, esses caprichos de visão que tanto eu temo. Beberamos muito ; á sobremesa, por exemplo, occorrêra a um de nós misturar o absintho com o rhum da Jamaica, e todo o conteúdo de não sei quantas garrafas desapparecêra em breve por nossas boccas. A isto attribuo, de certo, a profundeza de visão que ganharam então os meus olhos.. Falei na circumstancia de serem de um só naipe as cartas sahidas em meu favor ; de subito, por um despertar intenso da minha retina, notei que uma singular mancha vermelha se formava sobre o meu monte. Coubera-me ser banqueiro. Collocado de certa maneira, perto de mim, um dos lampeões que nos illuminavam, essa mancha não podia vir de outra parte senão d'elle .. da sua chamma: todavia, a sua côr que me não engano em dizer rubra e bem rubra, não era a de luz alguma, por mais carregada que seja. Ainda mais: percebia fragmentar-se, tomando determinadas fórmas, com uma apparencia bem accentuada de sangue secco, e, immediatamente, a sorte mudou, sorvendo-me todo o ganho, em naipe ora de ouros, ora de copas. Quanto á disposição das cartas, eu me não admirei, ou não me quiz admirar talvez, attento o estado de agitação nervosa em que me devia achar ; era exquisito, entretanto, que, empregando eu os maiores esforços por superpol-as regularmente, ellas cahissem em anarchia, uma sobre outras, como pancadas vibradas a torto e a direito.

Se até ahi a fortuna me favorecêra sem se cansar, d'ahi por diante não deixei tambem de perder, sem interrupção .. A principio, a mudança de sorte não me contrariou : havia em mim um tal ou qual prazer, mesmo, de variar de situação ; uma hora depois, porém, o terror começou a se me apoderar do espirito Fui perdendo, perdendo sempre. Já não era o que a minha felicidade subtrahira aos outros que eu via desapparecer de diante dos meus olhos : a cada passo, era a minha carteira que se abria, para uma aposta sobre um valete infernal que só surgia para me extorquir dinheiro ..

Frio com o meu «protector», esse millionario que todo o mundo conhece, eu não vivia mediocremente, pois que não abandonára a maior parte dos meus velhos habitos, — mas tambem não tinha, para perder loucamente ao jogo, sommas fabulosas; e isto afigurava se-me agora inevitavel. Empenhado na febre do jogo, animado pelos companheiros, quente de agitação, sequioso de novos lucros, sem com que me occupar até a hora que esperavamos, continuei no emtanto Eu previa já, comtudo, o que se realisou. Vencido por uma sorte impiedosa, eu ia ficar em condições miserrimas, a menos... que uma morte imprevista não me pozesse de posse da fortuna do meu «protector». O bom homem conservava ainda o testamento feito, havia annos, em meu favor: sem parentes, nem amigos, mantinha-se-me apenas indifferente, confiado, quem sabe? em que eu me emendaria, ou saboreando, antecipadamente, o goso unico de me ver aniquilar no charco infame de vicios em que eu me atascava.

O meu coração, então,que não morrêra ainda, cerrava-se a essa ideia ; o pensamento horroroso que me passára pelo espirito ao ver o dinheiro coar-se-me pelos dedos, me revoltava tanto que me parecia eu contribuiria, de algum modo, para essa solução afflictiva, se ella outra vez me viesse.

Com effeito, em toda a minha vida, por uma obstinação de desventura, acontecia-me realisarem-se, infallivelmente, sempre, todos os pensamentos máos que me accudissem.

O meu cerebro era tão cruel que bastava uma ideia negra desenhar-se-me, embora vaga, para realisar-se em seguida, á mesma hora ás vezes, como se uma influencia magnetica o ligasse a todas as dores que o podiam angustiar. Bani-a... tentei banil-a, portanto: ella resistia, não me abandonava... O ul-

Phototypia J. Gutierrez.

MARINO MANCINELLI

timo dinheiro, todo o meu credito, tudo quanto reduzivel a dinheiro, escapava-me das mãos. A minha situação era evidente, a mais miseravel das situações; meu nome despresado pelos poucos mesmo que ainda me procuravam; pauperrimo, herdeiro de um millionario; miseravel... a menos... que essa ideia não se realisasse... Ella tornava-se um presentimento... ella tornava-se uma certeza... Passaramos a hora da visita ao castello... que me importava isto! ..

Sim, que me importava isto!... Eu estava salvo... salvo! e de que modo! A carta que me chegava confirmava-me tudo. Em plena saude, forte, capaz de viver ainda cem annos, a morte o surprehendêra, ao entrar em casa, sob cacetadas de um inimigo rancoroso. Eu herdava com que comprar o socego da minh'alma, e o respeito, e os elogios dos homens; elle fallecêra e justamente, de certo (eu calculava), n'esse instante maldito em que me tomára o sombrio presentimento: duas a tres horas, após havermo-nos sentado á mesa, duas a tres horas, de certo, após esse instante em que o ponteiro, quasi a desprender-se da meia noite (XII), vae marcar treze, e volta ao principio, marca uma hora.. »

.....

RAUL BRAGA.

ABYSSUS

De teu viver no céo estrellejado,
Jamais verás, ó meu formoso encanto,
Quem tanto amor, quem mais affecto santo
Offerte a ti como eu hei te offertado.

Jamais verás quem mais apaixonado
Fique por ti como eu fiquei; no emtanto,
A mim, em troca de carinho tanto,
Tanto martyrio, tanta dor tens dado!

Julguei achar consolador baptismo
No aureo Jordão de teu olhar formoso
E misero immergi-me em negro abysmo!

E, agora, eu vivo, nesse inferno preso,
Só vendo, á treva, o rutilar furioso
Da pupilla feroz do teu desprezo!

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará-Minas.

LIVROS NOVOS

— *Demonios*, collecção de contos de Aluizio Azevedo. Um livro curioso, como todos os livros do nosso illustre romancista. A edição era dos Srs. Teixeira & Irmão, de S. Paulo, mas estes cederam-na ao Sr. Domingos de Magalhães. Uma bella impressão feita pela Empreza Litteraria e Typographica, do Porto.

— *Gregorio de Mattos*, magnifica monographia litteraria de T. A. Araripe Junior, que estuda, por meio dos processos modernos da critica, a originalissima figura do grande poeta bahiano, o meio caracteristico e a pittoresca época em que elle viveu. Editores, Fauchon & C.

— *Nevrose Azul*, bonitos versos de Julio Sulusse, alguns dos quaes figuraram nas columnas do *Album*. Edição da *Gazeta de Noticias*. Impressão primosamente feita na Typographia Aldina

— *Contos do Ceará*, de Eduardo Saboya, e *Versos*, de Antonio de Castro. Estes dous livrinhos pertencem á Bibliotheca da Padaria Espiritual, do Ceará, e vêm ambos prefaciados por Antonio Salles que, pelos modos, é o forneiro-mór d'aquella Padaria. Primicias de dous talentos promettedores, — sympathicas esperanças, que o tempo se encarregará de converter em bellas realidades.

— *Pallidos*, versos de Theodoro Rodrigues, do Pará Não nos enthusiasmaram.

— *Traços biographicos de Benjamin Constant*, por Herculano J. Rodrigues, de Ipú, Ceará. Um folheto de quatro paginas. Benjamin Constant é muito grande: não cabe n'um espaço tão pequeno .. O Sr. Herculano começa assim: «Traçar a biographia do illustre cearense, de quem tanto tem se occupado a imprensa, é sem duvida um dos maiores acontecimentos, etc.» Preferimos a biographia escripta por Teixeira Mendes.

— *Poema da dor*, por Francisco de Paula Monteiro de Barros. Trinta paginas de alexandrinos, alguns bem bons; mas... muita philosophia impenetravel.

— *A legalidade*, comedia em 1 acto, original de Augusto Brito, do Maranhão, autor de muitos outros trabalhos do mesmo genero, alguns dos quaes representados com applauso. Esta é uma comedia despretenciosa e engraçada..

COSIMO.

A CARTA

Chego de fóra neste instante; venho extenuado, de uma festa onde aturdi o espirito e os olhos a architectar phrases bonitas e a ver luzes e i
Venho d'essa festa agora, cansado, suarento, com o collarinho que foi alvo e duro, com a camisa de peitilho branco e espelhento sujos de pó e molles de suor, e a casaca, correcta e escorreita, agora amarrotada como um trapo, tendo nos hombros, descendo para o peito, brancas como azas de pombas alvas,

duas manchas de pó de arroz que faces de setim lavado em leite n'elles deixaram, n'um languido abandono, quando a walsa ia em meio e os meus labios, volvidos para as conchas roseas das suas orelhas, iam deixando n'ellas cahir phrases e madrigaes.

Venho de lá, do meio do borborinho confuso dos pares serpenteiando pelo salão cheio de luz e de phalenas ingenuas, garrulas como aves em dia de sol! E só agora me lembro que tenho ainda de escrever, antes de me ir deitar, antes de ir rever em sonho esses rostos, que eu vi no baile, de judias e de chinezas, de olhos grandes e negros como abysmos a estontearem-nos, a lançarem-nos no pégo inevitavel dos gosos e das loucuras.

E' certo. Tenho de escrever uma carta, missiva de amor anciosamente esperada, ha quanto tempo? Não sei... Ha um anno que não a vejo, a minha Amada; ha tres mezes, pelo menos, que lhe não escrevo. Algumas vezes, nestes mezes que lhe não mando noticias, tenho revisto as suas cartas saudosas.

N'ellas me falla do meu silencio inexplicavel e me pergunta se estou morto (!) ou se vivo, já sem amal-a... E eu, precipite, n'um momento sentindo em mim aquella saudade que Ella sente, pego da penna e tento passar para o papel, uma alva folha, lisa e espelhenta como um crystal, a nova, tranquillisadora para ella, de que eu vivo e a amo ainda...

Mas retem-me na penna a phrase mimosa e ungida de amor e saudade, uma consideração impertinente. Que lhe hei de eu dizer para justificar o meu silencio? Mentir-lhe? enganal-a?... Dizer-lhe a verdade, que eu a olvido no arruido das festas? Não; Ella se sentiria e morreria talvez, de dor. Ella que me ama idolatricamente!

E a carta que Ella anciosamente espera não parte e eu volto a esquecer-me d'Ella, aturdido pelo bulicio deste mundo que me cerca e, como um polvo de cem mil tentaculos, me prende aqui, galanteador, amavel, a convidar-me para passeios e mil festas onde eu, junto de mulheres que conduzo, que cortejo, olvido por completo a Amada predilecta, essa que me espera além e me escreve todos os dias, inquieta pelo meu silencio, que não sabe se lhe occulta a minha morte ou o seu abandono por mim.

Pois bem, Amada que me não ouves porque longe estás de mim, vae hoje a carta. Venho de um baile, extenuado, tonto de somno, mas não importa; hei de ter forças ainda para escrever... Parece que o meu maior prazer neste momento seria deitar-me no meu leito macio e dar repouso ao meu corpo cansado. Pois não; será esse prazer, depois de escripta a minha carta, sahir, ir ao correio e depol-a na caixa, dentro d'um enveloppe alvo em que vae escripto o teu doce nome, para que essa missiva parta amanhan.. d'aqui a pouco, sem demora de um minuto, sem perda de um segundo, a socegar o teu espirito inquieto por mim, a dar-te novas minhas n'essas phrases caprichosas que a minha mão vae traçar, e te dizer que eu vivo e te amo ainda!

Vamos, Querida, começo por pedir-te perdões ao forasteiro, que hoje o sou n'esta cidade aonde nunca vim, o seu longo silencio de tres mezes. E' certo que tenho vivido contente, embora longe de ti; mas a nostalgia d'esse pedaço de terra em que vives e em que eu nasci, punge-me sempre o coração. Depois tu, minha Amada... Tu e a nossa terra; ahi tens as duas lembranças que me fazem encarar com tedio esta sociedade em que vivo contente!

Contam-me as tuas cartas que vives triste, ahi nesse canto isolado do mundo, verde e aromado, cheio das harmonias do ar, onde andam sempre, pela luz do dia e pela claridade da lua, azas brancas e nuvens roseas. Tens razão para assim viver: ha um anno que os teus labios não sorvem a doçura de um beijo.

Tens razão... emquanto eu... triste que vivo contente n'esta cidade ruidosa!... tenho sempre... no coração... a lembrança tua... a furtar-me... ar tedio e.. ao somno... este somno... que agora vem... pesado... irresistivel... arrancar-me á tua doce evocação... Amada que estás... além... entre verduras... e flores... triste... inquieta... saudosa... de mim!...

LILAZIA.

VELANDO...

Abro as janellas alta noite; fóra,
Ouço apenas o vento que murmura
Pelas folhas das arvores, — escura,
Inescrutavel noite que apavora!

Nem outro som se escuta, aterradora,
Reina a nudez em tudo o mais, na altura
Nenhuma estrella timida fulgura...
— E o meu olhar affeito se demora

O negro céo infindo interrogando.
E quanto mais o vento despencando
Vae as folhas e troncos na passagem,

E mais ulula e brame... e a escuridade
Funda se torna em toda a immensidade,
Mais eu me sinto cheia de coragem!!

GEORGINA TEIXEIRA.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

E quando, talvez, ia a interrogar: quem era esse individuo — machina —, Carrero bateu-lhe no hombro.

— Deixa para os sonhos as meditações. O estomago reclama, e o estomago é uma fornalha do cerebro.

O moço alçou a fronte e deu como anteparo de luz, que serve de vidro á porta da *Confeitaria Oriental*, perfeitamente illuminado e destacando no espaço o seu grande rectangulo amarelado e como que abalado por estremecimentos de pouca oscillação, mas precipitados, como succede aos grandes effeitos dos reflexos, que accusam o palpitar das luzes. Ouviam se uns accordes prolongados, batidos por mãos provectas e traquejadas n'esses processos pretenciosos de pianistas-menestreis, e intermediados por umas singulares *volatas* do riso argentino, que da parte externa do edificio se ouvia, como que a servir de nota melodica ao acompanhamento do piano.

— Ouves ?... tudo isto significa duas coisas: impaciencia e appetite ! — foi a phrase explicativa de Carrero.

— Para ambas ha remedio — respondeu o coronel Blanco — para a impaciencia agua fria, para o appetite... *puchero*.

Um grande grupo de rapazes sumia o vulto, vestido, preparado e adornado de uma mesa espaçada. Cada qual occupava o seu logar.

Havia ainda tres, a cuja frente lhes sahia outras tantas cadeiras de braços, que estavam desamparadas e com aspecto graves de avós que esperam, na pachorra da velhice, a chegada dos netinhos ! A mocidade discutia, de chofre, com a repentinidade dos fogos de artificio e com a rectidão do prumo, os meritos physicos e moral das noivas.

Os mais desfavorecidos enrubeciam, não por effeito do amor-proprio ferido, porém por exame de consciencia.

D'ahi, esse vozear chilreador da alegria, e o murmurio lamentoso dos infelizes, esses queixumes de moços, que se afogam em dous goles de Xerez ou Malaga.

A presença dos tres recem-chegados foi saudada por um protesto vivissimo, nervoso, electrico, a que se juntaram a furiosa voz do piano, sempre a martellar uma valsa de Métra, e o carrilhão improvisado á força de copos e garfos, para chamar toda a aristocracia da criadagem da *Confeitaria*.

O aspecto elegante de Lucio, de apparencia franca e jovial, captou a sympathia da roda. O bigode encanecido do coronel Herrera fez grande e prodigioso effeito. A recepção dispensada ao militar foi de caracter solemne.

O nome de Herrera occupava, desde a infancia, a memoria dos rapazes, e o todo do coronel fez realçar os toques imaginativos do quadro, que, em mente, se haviam formado do vulto sympathico do velho Herrera.

Houve um momento de concentração. Parecia que todos queriam ouvir a voz de ordem, dada pelos labios do coronel. Era a timidez da juventude, quando se acha em presença de um individuo que vem, *desde longe*, do passado, trazer a memoria applaudida dos seus feitos e a riqueza opulenta das cans immaculadas.

O logar de honra, que de antemão fôra respeitado para servir a Lucio, foi unanimamente designado para posto de hospitalidade ao não esperado coronel.

— Agora que estão feitas as respectivas e mutuas apresentações — principiou o pae de Lucio n'um tom de voz profundamente sonoro, explicito e franco, n'esse tom de voz acostumado a ostentar a severidade da disciplina militar e ao mesmo tempo vibrado, de modo a attrahir a sympathia e a obediencia dos que ouvem — cumpre fazer a confissão da minha inconveniencia. N'este grupo de juventude destôa o effeito dos meus cabellos brancos.

— Protesto — bradou em tom de enthusiasmo um rapaz louro como um allemão do norte e ardente de sangue como um inglez que acaba de jantar — protesto, coronel !... A sua presença é de necessidade. Recordemo-nos dos grandes quadros de Rembrandt. O effeito de luz é tudo. Coronel !... o seu bigode encanecido é o magico tom n'este quadro de juventude.

Um applauso frenetico rompeu, como symphonia da ceia. O velho militar recebêra finalmente a *consagração*. Em realidade, talvez fosse o mais moço de alma, o que mais a tivesse entregue aos sonhos dos bons ideaes, d'esses que nascem ainda mesmo em cerebros de oitenta invernos coloridos pela fantasia dos vinte annos !

Uma ceia alegre de rapazes enthusiastas ! Os ditos chocaram-se como laminas agudas, manejadas por duellistas provectos. Ouvia-se o estallido dos gumes; vibravam-n'os com a valentia de mestres de esgrima.

A malicia, filtrada pelas cans do coronel Herrera, surgia do grupo, acompanhada das notas executadas pelos convivas, quando tocavam com os copos de uns nos de outros, na expansão dos brindes calorosos.

E' inutil tachigraphar a ceia. Lucio ganhou nova batalha.

Exigiram muito ! Comprometeram-n'o !

— Não havia de ficar só n'isso — diziam todos — quem escrevêra uma comedia de tal ordem, estava obrigado a *continuar*. Já era por demais vergo-

nhoso passarem-se tantos annos, sem que um trabalho dramatico viesse luzir nas rampas de um theatro de Montevidéo!

— E o que é verdade — dizia no auge do furor o mesmo moço de ha pouco — o que é verdade é que temos mais theatros do que autores dramaticos.

A esta ousada affirmativa respondeu um silencio lugubre. Só se ouviam os passos bem marcados dos criados que iam e vinham na precipitação de quem se queria desembaraçar d'aquella sociedade para dar-se á altura do colchão e fugir ao ruido chocante da louça.

A pouco e pouco, porém a ceia retomou o mesmo nivel de alegria.

Lucio anciava pela historia que lhe havia promettido contar o amigo. E Carrero, contra os seus habitos, aproveitava-se do goso, a que se entregavam todos os companheiros, para carregar o sobrecenho, como quem soffresse de um mal e que por mera cortesia houvesse de calar.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

DUELLO

Vem a Cecropia Palmata
Ao Jatahy fazer guerra;
Se algum dos dous morre ou mata,
Contaremos um charlata
De menos na nossa terra.

GAVROCHE.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

A chronica theatral está enlutada pelo suicidio de Mancinelli e pela morte de Maggioli: não póde deixar de ser triste...

*

As ultimas operas executadas pela companhia lyrica italiana foram a *Africana* e a *Aida*. Qualquer d'ellas acaba por um suicidio...

*

A *Africana* foi primorosamente cantada. Pode-se mesmo dizer, sem receio de mentir, que a bella opera de Meyerbeer ainda não tinha sido interpretada no Rio de Janeiro com tanta perfeição no conjuncto dos cantores e da orchestra. O barytono Camera — para só fallar de um artista — é notavel no papel de Nelusko.

Os artistas da infeliz companhia Mancinelli já deram um e vão dar mais quatro espectaculos em beneficio.

Que coisa triste é olhar para a cadeira do regente da orchestra!

*

A companhia dramatica italiana deixou o S. Pedro pelo Recreio, e partirá para Juiz de Fóra, cidade que, theatralmente fallando, foi descoberta pelo Novelli.

Apezar de no S. Pedro não ter feito para as despezas dos annuncios, o que aliás não levou o emprezario a suicidar-se, conta essa companhia alguns artistas de verdadeiro merito, entre os quaes brilham Zaira Tiozzo e Enrico Cuneo como astros de primeira grandeza.

*

O S. Pedro, abandonado por esses distinctos artistas que debalde pretenderam attrahir o publico fluminense com Shakespeare, Alexandre Dumas, Sardou, Giacometti, etc., vae ser de novo transformado em circo, e occupado por uma companhia de cavallinhos, dirigida pelo famoso palhaço Frank Brown.

Não serei eu que chore, como já fiz, sobre a profanação do S. Pedro...

*

Os hespanhoes do Lucinda annunciam os seus ultimos espectaculos. Vão para S. Paulo, e cedem o theatro á Pepa. A Pepa organisou uma companhia de operetas que se estreiará, dizem-me, com o *Tim tim por tim tim*, de Sousa Bastos.

*

O Sant'Anna e o Variedades variam os seus espectaculos com peças velhas que vão, entretanto, attrahindo certa concurrencia.

*

O Apollo enche-se todas as noites com *Vovó*, a nova revista de Moreira Sampaio e Vicente Reis, em nada inferior ao *Abacaxi*, dos mesmos auctores.

O que na representação da *Vovó* mais me impressionou foi ver que os autores não distribuiram á actriz Mathilde Nunes um papel em que ella podesse mais uma vez manifestar as suas grandes aptidões artisticas. Não comprehendo que se deixe ficar no panno do fundo, como se diz em gyria theatral, um talento d'aquelles!...

*

Certamente os leitores me dispensam de lhes fallar do ex-Eldorado, que hoje se chama Tivoli, e do circo levantado sobre as ruinas do Polytheama, e do grande Pavilhão Americano...

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* so se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imp. H. Lombaerts & C.

ANNO I — N. 51 SEGUNDA SERIE SETEMBRO DE 1894

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26$000 e 13$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

A empreza do ALBUM declara que não autorisou ninguem a vender numeros avulsos d'este periodico por mais de 500 rs. cada um, e, protestando contra quaesquer abusos que se deram ou se derem n'esse sentido, reserva-se o direito de usar contra elles dos mais energicos meios de repressão.

SUMMARIO

DR. ALFREDO MADUREIRA..... Arthur Azevedo.
CHRONICA FLUMINENSE..... A.
O DELICTO DO PADRE..... Arinos Pimentel.
ACCORDE FINAL..... Bento Ernesto Junior.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO. Alfredo Bastos.
O JACOBINO..... Gavroche.
THEATROS..... X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

CORONEL JOAQUIM LACERDA

ALFREDO MADUREIRA

Este é um dos mais sinceros e leaes servidores da Republica Brasileira, um republicano que o é desde que chegou á edade da rasão.

Nasceu Alfredo de Barros Madureira na cidade de Nictheroy, capital da então provincia do Rio de Janeiro, aos 10 de Julho de 1861. E' filho legitimo do honrado dezembargador Justiniano Baptista Madureira, hoje aposentado.

Fez os seus estudos preparatorios nos conceituados collegios Abilio e Aquino, d'esta capital, e em 1882 matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo. Formou-se em 1886.

No anno seguinte casou-se com D. Maria Ferreira Pinto, que ultimamente falleceu sem descendencia.

Logo depois de formado, Alfredo Madureira abrio escriptorio de advocacia n'esta cidade, e durante o periodo de 1887 a 1888 quasi exclusivamente se occupou, como advogado, da libertação de captivos. Já na Academia havia pertencido ao grupo dos estudantes abolicionistas, esforçando-se valentemente pela grande causa libertadora.

Parente chegado e amigo intimo do coronel Senna Madureira, de saudosa memoria, acompanhou de perto a questão militar, e n'ella se envolveu, porque — espirito sagaz e avisado — vio ahi uma brecha aberta ao successo do seu ideal politico.

O seu escriptorio de advogado, estabelecido na rua do Carmo n. 38, foi sempre o ponto de reunião dos militares durante aquelle periodo de effervescencia.

Embora trabalhando na sombra, tomou parte activa na celebre questão Leite Lobo e na do 17° batalhão.

Em Julho de 1889, ligado a Sampaio Ferraz e a Chagas Lobato, fundou o *Correio do Povo*, folha em que empregou de muito bom grado toda a sua [illegible] ficando, ao mesmo tempo, uma boa parte de sua fortuna pessoal.

N'essa honrosa tribuna popular foi encontral-o o movimento decisivo, que poz por terra o throno imperial. Escusado é lembrar que Alfredo Madureira foi um dos cabeças da revolução.

Proclamada a Republica, o nosso biographado recusou diversos cargos importantes que lhe foram offerecidos por Deodoro da Fonseca — entre elles o de chefe de policia do Rio Grande do Sul, — porque entendia que o seu posto de honra continuava a ser na redacção do *Correio do Povo*, onde tinha ainda muito que fazer

Tornando-se, como todos o verdadeiros republicanos, adversario intransigente do governo de Deodoro, trabalhou abertamente contra a eleição do honesto mas illudido marechal, e no Congresso — aonde se dirigio de alcateia com alguns correligionarios para a luta — deu

Pouco depois, por occasião do famoso assalto á *Tribuna Liberal*, achando-se ainda na redacção do *Correio do Povo* e sabendo que o seu jornal ia ser tambem atacado, forneceu armas a todo o pessoal da folha, e esperou o ataque, recusando a protecção que lhe offerecia a policia, sabe Deus com que intenções.

Por occasião do golpe de estado de 3 de Novembro, tão franca foi a sua opposição e tanto e tão imprudentemente se expoz, que o seu nome figurou na lista dos cidadãos que deviam ser presos. Só escapou graças a uma communicação amistosa que recebeu.

Ainda assim, continuou a trabalhar contra a odiosa dictadura que opprimia a nossa Patria, e foi um dos cooperadores da revolução de 23 de Novembro.

Dias depois, em 10 de Dezembro de 1891, acclamaram-no chefe de policia do Estado do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até Março do anno seguinte.

Assistio pessoalmente á tomada das fortalezas do Pico e de Santa Cruz ao sargento Silvino, em 19 de Janeiro de 1892, e foi quem primeiro, e apenas com oitenta homens, guarneceu as entradas da cidade, o que lhe valeu ser citado em ordem do dia do general Enéas Galvão, commandante em chefe das forças legaes.

Além de outras diligencias importantes, fez a de Santa Rita da Floresta, onde trabalhou cinco dias sem descanço e conseguio prender desenove criminosos.

Deixou o cargo de chefe de policia do Rio de Janeiro por solicitar a dissolução do regimento policial, e não ser attendido. O tempo deu-lhe rasão. Mezes depois, o regimento revoltava-se contra o governo do Estado, e era então dissolvido!

Logo que teve noticia da revolta do regimento, e quando as forças federaes se achavam ainda em S. Domingos, Alfredo Madureira, que desde a sua demissão se conservava inteiramente alheio á politica do Rio de Janeiro, partio para Nictheroy em companhia de Tranquedo Soares de Sousa, Manoel Banicio e Ricardo Barbosa, e effectuou alli a prisão de muitos dos soldados rebeldes.

Em Maio seguinte, o Dr Alberto Torres entregou-lhe, em reunião publica, a chefia de Nictheroy, — e as eleições do anno passado fizeram-no deputado ao Congresso do Rio de Janeiro

Quando rebentou a revolta de 6 de Setembro, Alfredo Madureira immediatamente se offereceu para defender a legalidade, e acompanhou as primeiras forças que marcharam para Nicthroy, levando comsigo armamentos e munições que foram confiados á sua guarda pelo vice-presidente da Republica.

Não sahio da sua cidade natal durante todo o longo tempo em que a vio dia e noite bombardeada pelos revoltosos; andava por toda a parte, animando uns, consolando outros, e, por occasião de muitos combates, foi visto nas fortificações, cheio de enthuseasmo e denodo.

O governo federal agradeceu tão valiosos serviços dando-lhe honras de coronel do exercito.

Alfredo Madureira teria hoje o logar que lhe compete no Congresso Nacional, se, organisada a ultima chapa de deputados pelo Rio de Janeiro, elle proprio, contando com a sua eleição na Capital Federal, não pedisse a suppressão do seu nome em favor de correligionarios que no seu entender não deviam deixar de ser eleitos. Foi um sacrificio a que o arrastaram deslealmente...

Não posso terminar o esboço biographico de Alfredo Madureira sem me referir á sua inexcedivel bondade. Não conheço nenhum homem que mais do que elle se compraza na pratica do bem.

Eu sou um attestado vivo da excellencia do seu coração: devo-lhe um favor, espontaneamente prestado, que nunca lhe pagarei por não haver moeda que o pague. Este escripto não me sahio talvez bastante encomiastico, porque me considero suspeito.

ARTHUR AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

Isto não é precisamente uma chronica: são tres apertos de mão.

Vão ver:

*

O Belmiro de Almeida, um dos nossos mais apreciados pintores, expoz, durante alguns dias, n'uma sala da Escola Nacional de Bellas-Artes, vinte e sete quadros e estudos, seus ultimos trabalhos, feitos ainda na Italia, em 1892 e 1893.

A exposição foi extraordinariamente visitada, e ao nosso artista não faltaram congratulações e applausos.

Entre as télas expostas algumas denotam singular talento, e nenhuma deixa de interessar, quer pelo assumpto, sempre bem observado, quer pela execução. O Belmiro, que está senhor da technica de sua arte, com esta exposição ficou definitivamente consagrado no nosso pequenino meio artistico.

Eu, que o acompanho desde os seus primeiros ensaios na pintura, e fui um dos primeiros que o saudaram depois d'aquella brilhante revelação dos *Arrufos*, aperto-lhe a mão que ainda nos dará, sem duvida, muitos primores.

*

Esse é o primeiro aperto de mão.

O segundo é para o venerando e illustre padre Corrêa de Almeida, prestimoso collaborador do *Album*, pela publicação, feita ha dias, do seu decimo terceiro livro de versos.

Decrepitude metromaniaca intitulou-o a excessiva modestia do poeta. O padre Corrêa é um septuagenario; entretanto, a musa brincalhona e faceta dos primeiros annos ainda o não abandonou. Sente-se apenas um pouco de rabugice nos seus versos quando lh'os inspira a politica. Durante a revolta a sua musa, que, apezar de travêssa, tem o máo gosto de ser sebastianista, só uma coisa enxergou digna de louvor: o silencio do *Jornal do Commercio*!

Os versos d'este volume, como os dos outros dose do mesmo autor, primam, além de tudo, não só pela excellente metrificação como pela vernaculidade. Vê-se que o velho poeta mineiro já lia Horacio quando começou a escrever em lingua portugueza.

*

O terceiro aperto de mão é para Manoel da Rocha, —o Rochinha—, que acaba de dar-nos uma agradavel *Noticia*,—folha vespertina, interessante, moderna, sympathica, leve, bem feita, com um feitio especial, uma physionomia sua, o que é extraordinario nesta terra onde tudo se imita, inclusive o *Eu era assim* do pharmaceutico Prado.

*

E já a ora a propria *Noticia* me fornecerá o *mot de la fin*:

A scena passa-se n'um bondinho do Carceller.

Sentado no banco da frente vae um sujeito lendo o primeiro numero da folha do Rochinha. Leva entre as pernas um menino

Este, que não está um segundo quieto, faz um gesto com o braço e rasga a folha.

— Oh! meu filhinho! que fizeste! Rasgaste um jornal interessante que papai estava lendo com tanto prazer!

Acode um passageiro do banco immediato:

— Que boa *Noticia* para o pae da criança!

A.

O DELICTO DO PADRE

A ARTHUR AZEVEDO

Parecia que a natureza dava exemplo ao mundo do dia da Paixão, sumindo o sol e garoando o espaço.

As ruas cobriam-se de uma lama visgosa e negra, reflectindo nas poças frequentes a sombra das elevadas casas que marginavam a via, placidas e enfumaçadas.

Em romaria penosa passavam alas de ficis sob guarda-chuvas abertos: os homens com sapatos de solas de madeira, toc-tocando no lagedo, e as mulheres de botins finos, agazalhadas em mantilhas pretas, aos pulinhos de pedra em pedra, evitando os enxurros.

Reinava na cidade um silencio quasi absoluto, quebrado subtil e monotonamente pelo cahir do chuvisco e o falar cauteloso do povo; lá de vez em quando ouvia-se um riso mais ou menos forte, contido a tempo, pois que no dia do padecer de Christo não é dado á gente mostrar-se alegre.

Os cucos das lojas, melancolicos como aquelle dia, annunciavam as tres horas, e os devotos, descendo dos carris sujos e ronceiros, dividiam-se pelas egrejas suas predilectas para o lavapés e as ceremonias sacras da occasião.

N'essa hora, quando os templos regorgitavam de povo contricto, de olhos perdidos na meia-treva, sem uma harmonia para alegrar a alma, nem uma luz para alumiar a vista; quando os sacerdotes de vestes alvas e douradas moviam-se confusamente no altar mór, psalmodiando umas orações ainda mais confusas, que os ficis não comprehendiam, mas respeitavam por sabel-as dirigidas a Deus, para a sua gloria e perpetuação da lenda; quando, na sacristia da egreja do Sacramento, o mestre de ceremonias ordenava a um dos seus ajudantes que despisse a sobrepeliz e fosse a Catumby saber do Sr. padre Góes porque se demorava, visto como o pregador devia já se achar para o sermão de lagrimas a pronunciar-se ás Ave-Maria—n'essa hora, o Sr. padre Góes na sala de jantar de sua casa, em trages quasi menores, meditava profundamente com os cotovellos fincados na mesa e a cabeça immergida nas mãos.

Esse meditar durava já longo tempo; prestes, porém, o sacerdote levantou-se e, de mãos cruzadas ás costas, poz-se a andar de um lado para o outro, nervoso, pronunciando palavras incoherentes:

— Ah! Ignez! Ignez! foges-me? pois bem, matar-te-ei!...

E, largando as mãos, parava para amarrar as fitas da ceroula ainda soltas, suspendia as meias de seda roxa, compondo as fivellas de prata dos seus sapatos de polimento.

E com a voz suffocada por soluços repetia:

— Ah! Ignez! como me fazes soffrer!

E um gesto de desanimo completava a phrase.

Devia ser um bello homem o padre Góes quando o pezar não transfigurasse as linhas do seu rosto alvo, escanhoado de fresco, com ligeira vermelhidão nas maçans. A sua fronte, se não se apresentasse tão franzida, deixaria ver como era espaçosa, de entradas visiveis e grandes, parecendo topar com a corôa lusidia e cuidadosamente modelada.

Fazia dó vel-o ranger, com risco de quebral-a, a fileira alvissima e sem falha dos seus dentes, e os olhos rasgados, de um negro tinto, azulavam-se nas chispações de um desespero atroz.

Continuava elle o passeio agitado, movendo sem calculo as pernas nervosas e bem feitas, a destacar na pequena sala a sua elevada estatura, sem a obesidade proverbial dos ecclesiasticos.

Todo o sobrado estremecia ao pisar forte do padre Góes que afinal parou, e pela decima vez, abrindo uma carta sobre a mesa, leu em voz alta :

« Meu paé. Perdoa-me, sim ? Não posso mais supportar a existencia dolorosa que me foi imposta pela fatalidade. Amas-me, bem o sinto, e tambem eu te amo; horrorisa-me, comtudo, a condição de concubina de padre. A visinhança já diz que somos amantes, que sacrilegio ! Não conhecem o teu caracter e comprehensão de deveres ! Culpemos a lei da egreja que tão desgraçados nos faz. Como eu seria a desvellada companheira de um virtuoso pastor, se isto fosse legal... Concubina, nunca ! Antes morrer... Perdoa-me, sim ? — Tua filha grata, *Ignez*. »

—Valeu bem a pena, monologou amargamente o padre, ter te acolhido miseravel criança engeitada e enferma ; valeu bem a pena affeiçoar-me por ti, amar-te, para agora vibrares este golpe doloroso para um coração de pae e... apaixonado, ajuntou elle com voz abafada.

Soluços entrecortados acudiram, e aquelle homem, que todos julgariam um estoico, dobrou a cerviz á á dor.

Assim se passaram alguns minutos ; após, bateram tres argoladas na porta da rua, e Góes, levantando a cabeça, interrogou em torno o que viera arrancal-o do seu espasmo doloroso.

Novas argoladas orientaram-n'o, e o padre Góes, entrando na alcova proxima, tirou do cabide a sua batina, envergou-a sobre uma camisa finissima de cambraia, ajustando ao pescoço o collarinho fechado. Compoz a physionomia, e sério, grave, de olhos vermelhos pelo pranto, guardou a carta de sua pupilla no bolso da batina, desceu as escadas, abrindo a porta da rua ainda fechada, apezar da hora :

— Que é ? perguntou, com a mão no trinco.

O sachristão, apparecendo na porta entre aberta, respondeu :

— Sr. padre Góes, eu venho a mandado do mestre de ceremonias saber de V. Revm. se não vae pregar, conforme foi annunciado.

— Já vou, radarguio elle; n'este momento dirigia-me para a egreja.

— Se V. Revm. quizer, poderá utilisar-se do carro que lhe trouxe.

— Accito, disse o padre ; espere um pouco por mim...

E, subindo, tirou de sobre a commoda, na alcova, o seu chapéo de ecclesiastico, cerrou as janellas, desceu de novo, e, entrando na carruagem mandou tocar para a egreja do Sacramento.

Agora, emquanto o nosso heróe entra para a sachristia, encontrando toda a gente anciosa por elle, pois que se approximava a hora do sermão, vamos contar o que conhecemos da vida d'esse homem, que acaba de ser recolhido ao Hospicio de Alienados, depois de uma tentativa de assassinato.

José de Azevedo Góes era oriundo de familia pobre, estabelecida ha muito tempo na cidade de Lorena. Desde os seus primeiros annos manifestára uma rara intelligencia, e no collegio onde foi instruir-se, dirigido por um sacerdote, distinguira-se dos seus companheiros pelo talento e applicação ao estudo. O professor, homem illustrado vio no seu discipulo um rapaz aproveitavel, e procurou fazer d'elle alguma coisa.

O caso é que o nosso heróe, depois de ter concluido os estudos preliminares, á despeito da repugnancia sua e de seus parentes, matriculou-se no seminario de S. José para seguir a carreira de padre. O seu protector assim desejava, e dividas de gratidão sobrecarregavam extraórdinariamente toda a familia para contrarial-o.

Foi aqui, na capital, que o padre Góes — n'esse tempo um seminarista de vinte annos de edade — vio, ao entrar para o seminario, sobre as lages humidas e esverdeadas do adro, uma criança, chorando, envolvida frouxamente em baetas.

Góes não se esquecia do *Venite, parvulos, venite ad me*, e, levantando a criança, que quasi roxa se desfazia em suas mãos, subio ao Castello e ahi, na primeira estalagem, entregou a recem-nascida a uma ama, para ser criada á custa d'elle.

Desde então todas as semanas subia até o alto da ladeira, afim de ver a sua filha adoptiva, que se aformoseava n'um meio repleto de saude e honestidade.

Da ama, a menina, que recebêra na pia o nome de Ignez, passou interna para uma casa de instrucção, e ahi, sob as vistas de habilitada educadora, fez os mais proveitosos estudos. Aos quinze annos, quando Góes retirou-a do collegio para fazer-lhe companhia, tinha ella, além de ser formosa e elegante, todos os dotes para uma excellente mãe de familia.

Góes no seu tirocinio de sacerdote tinha conquistado a sympathia dos superiores e a confiança dos amigos pela linha correcta de um procedimento copiado da mais austera virtude e lhaneza de trato. Não era conhecida injustiça alguma, feita a elle, que podesse justificar a amargura acentuada da sua physionomia extremamente sympathica ; querido por todos, não lhe faltavam proventos do seu sacerdocio ; todavia, nunca fôra visto entregar-se, de fórma a tornar-se notavel, aos gosos da mesa nem fazer-se ruidosamente alegre ; o seu temperamento resentia-se de um caracter mystico e fidalgo.

Góes, tendo perdido os paes, julgando-se só no mundo, chamou para junto de si a filha adoptiva, afim de alegrar os seus velhos dias, como elle affirmava, e desmentia esse dito a robustez e formosura de rosto que nem denunciavam os trinta e sete annos tidos por elle na epoca presente.

Ignez era a alegria, o encanto da pequena casa de Catumby ; linda e espirituosa em extremo, ora fazia zangar, com as suas diabruras, Thomazia, a velha governante de Góes, ora alegrava a este com os

Anno I O ALBUM Num. 51

Phototypia J. Gutierrez.

DR. ALFREDO MADUREIRA

seus carinhos e seu riso argentino, ouvido a todo instante.

Havia dous annos que Ignez viera para casa, e desde esse tempo o padre parecia rejuvenescer, vivificado por um amor desgraçadamente louco e sem esperanças.

Debalde tentava elle nullificar a acção da carne, bradando em si despoticamente; quando o seu rosto se tornava feroz de cupidez, cerrava os olhos e compunha mentalmente uma expressão casta, mas d'ahi a pouco se allucinava de novo, e chispavam-lhe o desejo e o delirio nas orbitas accesas... Isto fazia com que ás vezes lhe dissesse Ignez:

—Meu pae, não me olhes assim que me fazes mal,—e baixava a vista medrosa, corada, arfando o peito, presa tambem de um impeto estranho, soffreado unicamente pelo seu pudor de donzella.

Tornava-se impossivel aquella convivencia, pois quando o seu pae adoptivo a osculava, não o fazia só na testa como outr'ora; phrenetico, dava-lhe muitos beijos nos cabellos, nas faces, nos labios... Empurrava-a depois, tremulo, nervoso, envergonhado...

Ella sentia-se oppressa n'esses momentos, sem forças, nem desejos sequer para fugir... Percebêra que amava Góes não como seu pae, não sabia como; coisa mysteriosa; fugia d'elle, mas, quando se achavam juntos, exultava, e extatica ouvia-o fallar em assumptos de egreja, echoando-lhe agradavelmente aquella voz sonora e bem timbrada...

Como era bello seu pae!...

Uma noite, na vespera do dia em que o padre Góes tinha de pregar no Sacramento, emquanto no gabinete de trabalho escrevia o sermão, Ignez, triste, acercou-se de Thomazia que era muito sua amiga, apezar dos gracejos, e expoz-lhe o facto.

A velha, experimentada pela edade e mesmo pela boa instrucção, conhecendo o perigo que corriam ambos, planeou logo a fuga.

Repugnava muito a Ignez tal solução; era, porém, forçoso acceital-a; assim lhe declarou a governante: que ella não quizera ouvir os seus conselhos, procurando um marido... Era lá muito bonito uma rapariga de dezesete annos viver sob o mesmo tecto com um homem em toda a força da edade! A visinhança não via aquillo com bons olhos; era arranjar a trouxa, que ella a levaria para casa de uma sua filha, moradora para os lados da Tijuca...

Ignez reflectio: podia ver quando quizesse o pae sem elle vel-a; era quanto lhe bastava; isto posto, entrando para o seu quarto, arranjou uma pequena trouxa para sahir de casa na madrugada proxima.

Antes de Góes sentar-se á mesa do chá e dar-lhe a bençam, ella escreveu o bilhete que nós já vimos em mão do prelado.

N'essa noite Ignez não dormio, sobresaltada, chorosa, orando continuamente; logo que principiou a amanhecer, Thomazia entrou em seu quarto e, achando-a acordada, ajudou-a a vestir-se, e ambas pé ante pé sahiram de casa, correndo o trinco da porta da rua.

Ao levantar-se, Góes, depois do banho e primeiros aprestos para a sua *toilette*, deu pela falta da filha adoptiva e da governante.

Surprehendido correu toda a casa em busca das mulheres; afinal, vendo sobre a mesa de jantar o bilhete que o inteirava da resolução de Ignez, ficou allucinado e entregou-se ao desespero e á magua.

Interrompido pelo sachristão, encaminhou-se para a egreja onde vamos encontral-o ao pulpito, bello como sempre, a timbrar a sua voz em modulações sympathicas, commovendo a multidão em uma predica ungida de fé e de lagrimas.

Dissertava elle sobre os passos de Christo, sua paixão e o seu padecer na cruz, no meio dos relapsos, mergulhando o seu longo olhar de philosophia nos vermelhos olhos de sua mãe e de Magdalena, ainda com o resaibro amargo do fel nos seus labios sem queixa.

Photographava a peccadora genuflexa, sorvendo o sangue gottejante das feridas do Redemptor nos seus louros cabellos, que scintillavam fulvos e doirados ao morno clarão do dia moribundo...

E orava: – Perdoae-lhes, Senhor, elles não sabem o que fazem! E o Nazareno clemente, resignado, a ouvir as chufas do populacho, sorria para os bons que pranteavam aos seus pés!

Góes, em busca de refrigerio ás maguas que lhe respadanavam no coração, soltava o espirito ao vôo do mystico... e, extactico, a gesticular largo e manso, pregava para o nicho sombriamente cerrado da Senhora da Conceição, elevando a vista para fital-a nos vidros multicores do tecto do templo, de onde coava a frouxa claridade da noite nascente...

O auditorio, lacrimejante, possuido da mais doce vibratibilidade, não suppunha o padre Góes heretico, agora que elle enveredava para os amores de Jesus e Magdalena...

Toda a gente, até, achava naturalissima a citação:

—Christo fôra tão magnanimo, d'alma tão cheia de carinhos para as crianças, tão desvelado para os enfermos e piedoso para os peccadores,—como não havia de amar!... Só não ama o máo, porque o seu coração é arido, e o amor é planta sensivel: só brota em terra bem cuidada...

Góes pregava ainda:

— Castas amantes de espinhosos amores, o Redemptor morreu para salvar a humanidade, assim como ainda hoje os sacerdotes suffocam o que dentro de si se alevanta de bello e de puro, para dar á humanidade o apparente exemplo de estoicismo; obrigados, porém, pela carne, vão clandestinamente entregar-se aos seus impetos, como criado medroso, devorando ao fundo da copa as iguarias do amo...

De novo se commoveu o pregador na sua predica repassada de amargura, e, quando elle desenrolou a veronica ao povo oppresso, ouvio-se, de envolta com o rumor das faces sopapadas pelas proprias mãos

dos fieis, gritos estridentes percursores de ataques fortissimos de hystericas....

Terminára o sermão. O pregador, com a corôa coberta e aconchegado na sobrepeliz alvissima, desceu do pulpito e atravessou a nave por entre alas de fieis, abertas custosamente pelos irmãos de tocha em punho.

Depois de reverente inclinar-se ante o altar-mór — onde de novo psalmodeavam os padres confusamente — Góes, ao chegar á sacristia, teve o passo embargado por uma mulher sem véo, que em desalinho e em pranto se rojava aos seus pés, bradando:

— Meu pae! meu pae! perdoe-me...

Góes reconheceu Ignez, a sua pupilla, e, estreitando-a com força nos seus braços, beijou-a apaixonadamente...

Na multidão que acompanhára o pregador correu um murmurio de espanto e desagrado, e as devotas não tardaram a informar a toda a gente que aquella rapariga era amante do padre... Libertino!... Fazia pena, porque afinal elle era um pregador de mão cheia!...

Góes, sem odio, ouvindo o rumor provocado pelo incidente, sem largar Ignez, debulhada de pranto em seu peito, ergueu a voz tremula pela emoção:

— Que importa, se nos amamos! Deus já me perdoou pelo muito soffrimento!... Meus irmãos, pela derradeira vez ouvistes o padre Góes; o pregador e o homem da egreja será d'ora em diante o esposo e o homem do mundo! O Eterno se amercie d'elle...

Góes allucinara-se, e, apezar dos esforços feitos por Ignez para libertar-se dos seus braços, elle a asphixiava, estreitando-a cada vez mais em um amplexo apaixonado e assassino...

Ignez, com as unhas roseas de suas mãos finas e aristocraticas, esgarçava as rendas das vestes do padre, procurando desvencilhar-se; tudo debalde; Góes, immovel, com um tom de desvairamento na physionomia transformada, virilmente formoso, continuava a apertar nos braços, entumecidos pelos musculos, o objecto de seu louco amor!

Parecia incrivel; os curiosos, atropellando-se na sacristia, não intervinham n'aquelle incidente d'outra fórma, senão com os seus commentarios ruidosos, sem perceber que Góes, delirante, suffocava nos braços o corpo esbelto da rapariga.

Ignez, roxa, sem ar, quasi morta, juntando um pouco de forças que lhe restára d'aquella lucta titanica, soltou lascinante grito e pendeu desemparadamente para traz a cabeça congestionada.

Foi quando o povo comprehendeu o desatino de Góes, e furioso lançou-se sobre elle, arrebatando-lhe a victima fria e inanimada.

Góes, aggredido, arrastado na onda que queria linchal-o, com escoriações na face e no corpo, bradava com a voz entrecortada pelas pancadas:

— O amor é um balsamo suavissimo para o coração do martyr!

E como Santo Estevam, era agora apedrejado na rua pelo rapazio...

A justiça, intervindo, arrancando das garras do povo o padre Góes, não poude condemnal-o porque elle manifestava todos os symptomas de alienação mental.

Ha pouco, quando visitámos o hospicio, vimol-o em uma roda de companheiros de desgraça, trepado em um banco, discursando com gesto sobriamente largo, voz sonora e de modulações sympathicas:

— Meus amados irmãos, amae-vos uns aos outros! O amor é o prisma da paz e da bemaventurança, pharol em mar largo, estrella em noite cerrada! Christo amou, e muito, por isso padeceu... Sabeis dos amores do Nazareno?...

A turba de allucinados, applaudindo alvarmente o orador, atirava-lhe punhados de areia, e elle, calmo, com um sorriso indefinivel nos labios seccos, espraiava a vista pelo auditorio, sem perceber os apodos...

ARINOS PIMENTEL.

94, Julho.

ACCORDE FINAL

Foi mesmo ao pé d'aquella encruzilhada,
A' sombra doce dos folhudos ramos,
Que pela ultima vez te vi, amada,
E pela ultima vez beijos trocámos.

As mãos nas mãos um do outro descançámos
E a face de um de nós ficou pousada
Sobre a face do outro e, flor, passámos
Muitas horas assim sob a ramada.

Fugio o sol; a procurar o ninho
Foram-se as aves, e a noite, que entrando
Vinha, veio inda achar-nos no caminho.

E astros e luar e até mesmo o rubor
Da aurora andaram do alto azul olhando
Nosso derradeiro extasi de amor.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Parà-Minas — 1894.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Aproveitando-se de um intervallo em que não era fóra de proposito intervir, Lucio observou que Carrero não parecia o mesmo.

— Carrero ! Carrero !... —interrompeu lá de um extremo um individuo, que até o momento se havia dedicado a fazer uma côrte insistente, ingrata e escandalosa a uma perna de pato e uma garrafa de Bordéos.

Era um moço que inspirava confiança e sympathia, d'esses que delegam á physionomia todos os altos poderes de sua personalidade.

Vel-o era alegrar-se. Picara-lhe o rosto a variola negra, desenhando-lhe sem piedade nem clemencia, em alto relevo, um mappa geral de um dos hemispherios da lua, com os seus profundos valles e montanhas.

Este rapaz tinha a particularidade de acrescentar á sua fealdade um *monoculo*, o symbolo da impertinencia imbecil, a *virgula sceptica*, que assestava no concavo do olho direito, franzindo em rugas da face um sorriso soberbo e diabolico.

Foi o que succedeu, no momento em que Lucio observava e fazia notar aos amigos o silencio de Carrero.

O moço — o Quasimodo em quarta dynamisação — fincou o monoculo na posição habitual e voltou-se para verificar Os punhos cerravam o madeiro da meza.

— Sim ! Sim ! — bem diz o Lucio : Carrero está triste! Sim !... — e gargarejou um riso frenetico — e, se não me engano, sou capaz de adivinhar a razão de semelhante melancolia!... não ha de ser por effeitos da lua nova : estamos em quarto minguante. .

E, desde logo — o Rozzo (de origem italiana) — assim se chamava - ergueu-se e principiou a dar-se a uns movimentos de quem procurava alguma coisa.

— Que buscas ? — interrogou um dos presentes, emquanto o coronel Herrera fazia côro com a gargalhada franca que despertava a representação d'aquella scena comica.

— Que procuras, ó Rozzo? — bradavam outros...

— Não ha de ser a mim! dizia por sua vez Carrero Se confessas a minha melancolia, ha de confessar a minha existencia!

— *Cogito, ergo sum!...* concluio Rozzo, sem se impacientar e continuando nas mesmas pesquizas.

— Finalmente ! Explica-nos este logogripho de uma só syllaba, que é o teu eterno monoculo.

— Um momento. — A causa da melancolia de Carrero tambem não foi o quarto minguante ; foi simplesmente um eclypse ! E total! Eclypsou-se o Guilherme Tosti.

Rozzo deixou-se cahir na cadeira com toda a gravidade, em meio de novo silencio.

Com effeito, o logar, que occupava o coronel Herrera, era o que de antemão havia sido designado para Lucio, e o que fôra depois servir de abrigo ao autor da comedia, era o mesmo que daria occasião a Guilherme Tosti de alistar-se ao grupo dos convivas.

Isto é, Lucio estava no mesmo logar que occuparia o seu inimigo, o promotor da ridicula pateada, se houvesse comparecido.

Então, Carrero fez um gesto que todos comprehenderam. Queria fallar. O piano deixava ainda ouvir um *romance* sem palavras.

— Não me recordo quem foi — principiou Carrero — mas um de nós, no dia de hontem, aqui mesmo na *Confeitaria*, á hora em que tratamos ser justos com o trabalho de Lucio, dizia, contando o numero das pessoas presentes: O numero é fatidico!... Não haverá por aqui nenhum Judas?

— E' verdade ! — atalhou um, reclamando a autoria da phrase.

— Pois bem ! — continuou Carrero — esse Judas existe, e chama-se Guilherme Tosti.

— Está recommendado aos amigos !

— Tosti foi duplamente miseravel, porque abusou da confiança e do nosso segredo, e porque vendeu a sua consciencia aos caprichos de uma mulher !

— Isto é que é logogripho ! — protestou Rozzo.

— Respeitemos o nome da ingrata e vamos á narrativa : Quando rompeu no *paraizo* aquella manifestação de desagrado, retirei-me da platéa. Comprei ás pressas um bilhete e subi. Um marinheiro inglez já lá estava no corredor a applicar a corrigenda a dous napolitanos. Deixei-lhe um e exigi a entrega do outro. — Vamos a saber, — lhe disse — quem te pagou este serviço ? — O senhor Guilherme Tosti — Conheces esse individuo ? — perguntei ainda. — Perfeitamente, — respondeu — porque desempenhei tarefas de conducção de cargas. por muito tempo, na casa commercial do velho Tosti. — Pagou-te ? — — Pagou, mas ainda assim miseravelmente. — O que prova que és ainda mais miseravel do que o preço pelo qual te vendeste. E deixei-o em paz. Sabia o que queria. Desci. Ao chegar ao atrio do theatro, dou com um individuo que se estorcia n'um desesperado movimento de quem quer vestir um *sobretodo*. E quem havia de ser? — Guilherme. Não desci, voei! Sorprendi-o ! Cortei-lhe a palavra com um abalo formidavel que lhe imprimi ao corpo. Estes dous pulsos fizeram o resto, — e Carrero mostrou uns pulsos musculosos e magros, e nos quaes parecia adivinharem-se as palpitações da força — chamei-o para o corredor da esquerda, que todos conhecemos, e ao tremor que o agitava, respondi ameaçando-o com a eloquencia do meu *Benedicto* !

Carrero sorriu e apresentou á sociedade o seu inseparavel *Benedicto*, um revólver norte-americano, um *tira-teimas* yankée.

A apresentação foi bem recebida. O *Benedicto* desappareceu entre acclamações sympathicas.

— O teu *Benedicto!* — dizia Rozzo — ainda ha de ser um *dictador!*

Devéras! — continuou. E, como todos os cobardes, Guilherme Tosti empallideceu. Tomou a coisa ao sério, não se capacitou de que já se foram esses tempos de romance, em que *por dá cá aquella palha* exibia a gente todo o seu arsenal de armas. Garanto-lhes que o *Benedicto* é o objecto mais inoffensivo deste planeta sublunar.

Ainda bem não lhe tinha ferido a vista a eloquencia *muda* do meu inseparavel, e já Tosti me cuspia—sim, porque esse é o verdadeiro termo—ás faces o nome de Carmen

— Carmen? — interrogaram varias vezes, em tom admirativo.

Cariero fitou em Lucio um olhar supplicante. Havia-lhe passado indiscretamente pela imaginação o nome d'essa moça, e recitara-o, esquecendo que podia ferir o amor proprio de Lucio, ao mesmo tempo que denunciava o nome de um ente que, na opinião do amigo, devia evitar pronuncial-o, em meio de uma roda de rapazes, pouco generosa para não dar titulo de ridiculo a tudo quanto vem do lado sentimental da existencia.

Lucio sentio afoguearem-se-lhe as faces. Foi a primeira vez que a ponta aguda do desespero estocou-lhe o amor proprio. Guilherme Tosti teria a recompensa do seu trabalho? Não seria esta o amor de Carmen?

Sentia-se forte para não se humilhar. Pouco se lhe daria a velleidade da moça.

Desesperava-o, porém, a lembrança de que todos aquelles convivas, que ignoravam os antecedentes do caso, não o dessem, a elle, intelligente, applaudido, por vencido — e, demais, vencido por um individuo de pouca tempera, ou, para melhor dizer, de nenhuma. Quando por vezes vinha a proposito fallar-se de Guilherme, a alcunha que tinham mais em labios era deprimente e irrisoria:

— Ora o Guilherme!— diziam uns com ares de escarneo!...

— E' um *turco*! diziam ainda outros, ás gargalhadas desabridas.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

O JACOBINO

Appareceu, e ganhou fama!
Abre-o, leitor, e logo vês
Que elle é fiel ao seu programma
De fazer guerra ao portuguez!

GAVROCHE.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

O ultimo espectaculo da companhia lyrica terminou por uma tremenda pateada á orchestra e ao tenor De Marchi.

A' orchestra, porque, sendo o espectaculo em beneficio da prima-dona Gabbi, os Srs. musicos—excepção feita do regente Podesti—exigiram 2:500$ adiantados; ao tenor De Marchi por ser accusado como o promotor ostensivo d'esse inqualificavel procedimento da orchestra. O insigne artista defendeu-se dessa accusação.

Valha-os Deus! porque não foram correctos até o fim?

*

Estreiou-se no Lucinda uma nova companhia de operetas, com o *Tim tim por tim tim*, de Sousa Bastos.

*

Reappareceram os *Sinos de Corneville*, tanto no Sant'Anna como no Variedades... Não lhes parece muitos *Sinos de Corneville*?

*

Continúa a fazer *successo* no Apollo a revista *Vovó*, de Moreira Sampaio e Vicente Reis

*

A companhia Modena despedio-se do publico fluminense com o *Mestre de Forjas*, de Ohnet, e lá se foi para Juiz de Fóra.

*

Estreiou-se no S. Pedro a grande companhia equestre dirigida pelo famoso Frank Brown. E' uma das melhores que cá têm vindo.

*

Em ensaios:

Recreio: o *Mundo da lua*; Apollo: o *Rapaz de saias*; Sant'Anna: *Surcouf*; Variedades: o *Diabo coxo*.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imp. H. Lombaerts & C. —1406

ANNO I — N. 52 SEGUNDA SÉRIE OUTUBRO DE 1894

O ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26$000 e 13$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

Com o presente numero termina o ALBUM o seu primeiro anno de publicação.

A empreza deste periodico julga ter cumprido as obrigações que contrahio com os seus assignantes e com o publico, e cordialmente agradece a todos quantos lhe trouxeram a sua sympathia e o seu auxilio.

SUMMARIO

Coronel Lacerda	E. Magnus.
Chronica Fluminense	A. A.
O Primeiro Memento	Bento Ernesto Junior.
Pelo Divorcio !	Augusto Britto.
Feliz	Alfredo de Magalhães.
Vivendo	Raul Braga.
Um Prefacio	Machado de Assis.
Mocidade	Ferreira de Campos
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do

DR. A. A. LAMOUNIER GODOFREDO

CORONEL LACERDA

O estado do Paraná deve ao coronel Joaquim Rezende Correia de Lacerda mais do que a cooperação da sua actividade para o desenvolvimento commercial e industrial e mais do que o concurso do seu espirito para o desenvolvimento intellectual : — deve-lhe a sua historia.

Estado novo, sem tradições e sem lutas, vivendo, nos tempos monarchicos, da vida vegetativa das pequenas provincias, o Paraná era n'aquelle tempo uma especie de escola para a aprendizagem das presidencias de provincia e servia apenas para o inicio da carreira politica dos afilhados aspirantes a estadistas.

Com a Republica, que trouxe como consequencia a quéda de prestigio das duas familias politicas que alli dominavam pela tradição partidaria, o pequeno estado tão assombrosamente dotado pela natureza, não melhorou muito de condição, e continuou a ser dirigido por aquella mesma aprendizagem politica que, no periodo de transição por que passa a Patria brazileira, não lhe soube dar uma organisação racional e pratica.

A politica republicana do Paraná, formada sob a direcção de pessoas estranhas ao estado, tornou-se por isso uma aggremiação irresistente e agitada pela heterogeneidade dos elementos de que se constituio.

Assim é que, pela força unica das combinações officiaes, assumiram alli a chefia de duas facções inimigas duas individualidades que, pessoalmente, nada representam como prestigio ou como tradição politica local.

Felizmente parece que os ultimos acontecimentos anullaram completamente essas duas individualidades, pois uma d'ellas acaba de deixar o estado com o vexame da covardia diante da invasão e a outra por ter se constituido um dos mais ferozes sicarios d'essa invasão que atravessou o Paraná n'um sopro allucinado de degola e de saque.

Eis rapidamente o que foi e o que é o Paraná debaixo do ponto de vista politico : um estado quasi sem autonomia e sem nenhuma historia.

Paginas de sangue, se as teve, foram tristes historias de eleições conquistadas á faca á porta das egrejas.

E' de agora, portanto, do baptismo de sangue da Lapa, que o Paraná começa de entrar na communhão historica dos grandes homens e das grandes heroicidades.

Esse baptismo, que talvez tenha sido, — depois da energia e tenacidade do actual chefe de estado do Brasil, o grande recluso de Itamaraty, tão mal julgado pela inepcia partidaria, — o elemento mais

poderoso para a salvação da Republica, trouxe incontestavelmente o Paraná para a frente d'essa marcha épica de heroismo e sangue que atravessa a historia do Brasil actual.

N'essa pequena pagina do cerco de uma cidade e da resistencia offerecida por um de seus filhos, ha como que o renascimento da antiga fibra guerreira, esquecida no tumulto d'este seculo de industrialismo e de covardia.

Estas simples linhas que ahi ficam, justificam plena e absolutamente o procedimento do *Album*, em dar o retrato glorioso do heróe da Lapa: — factor unico da historia de um estado, cooperador efficaz da historia de um paiz.

*

Nascido na cidade da Lapa, a antiga villa do Principe, no estado do Paraná, o coronel Joaquim Rezende Correia de Lacerda esteve na sua meninice sob a direcção mental do venerando padre Miguel Teixeira Guimarães.

Aos 11 annos de edade iniciou os seus estudos preparatorios, tendo, com o mais sensivel aproveitamento, estudado portuguez, historia, arithmetica francez e latim, com o notavel homem de lettras e sabio professor Emilio Nunes Correia de Menezes, a cujos ensinamentos muito deve hoje a mentalidade do Paraná.

Espirito irrequieto, com um poder extraordinario de assimilação, não se contentava o nosso biographado com a restricção da educação com que podia contar na sua terra natal, e, após os estudos de allemão e desenho sob a severa direcção do illustre professor Frederico Guilherme Wirmond, veio para o Rio de Janeiro aperfeiçoar-se na musica para que tinha manifesta vocação, e cujos estudos iniciára na cidade da Lapa com o professor G. Helmod.

No Rio de Janeiro teve como professor o notavel maestro Oscar Pfeifer que, desenvolvendo as naturaes tendencias de seu discipulo, chegou a fazer d'elle o delicado *virtuose* que todos conhecemos.

Durante toda a campanha do Paraguay esteve aquartellado no posto de tenente, recusando-se sempre ás promoções a que fizera jus pelos bons serviços então prestados.

Por esses e outros serviços, foi, por duas vezes, condecorado pelo governo da monarchia, sob as distincções da commenda e officialato da Rosa e Christo, distincções essas tambem rejeitadas sempre com a obstinação dos espiritos verdadeiramente democraticos.

Quando rebentou a revolução no estado do Rio Grande, o digno paranaense com admiravel previsão tratou de organisar forças que n'um momento dado podessem evitar que o Paraná fosse invadido pela estupida leva de bandidos que com tanta ferocidade procuram sacrificar a felicidade da Republica.

O que foram essas forças, o que fizeram esses legendarios mil e cem homens da brigada patriotica organisada pelo coronel Lacerda, sabem-n'o todos os bons patriotas, e sabe o Brazil inteiro de cuja salvação foi poderoso elemento a memoravel resistencia da cidade da Lapa.

Dando, pois, o retrato do heroico cidadão-soldado, que n'aquelle cerco sacrificou tudo, affectos e commodidades, saude e fortuna, deve o *Album* sentir-se orgulhoso de cumprir assim um dever de alto patriotismo e de reconhecimento pelos inolvidaveis serviços por elle prestados á Patria e á Republica.

S. MAGNUS.

CHRONICA FLUMINENSE

Inaugurou-se a exposição geral de bellas-artes, que é, sem duvida, o mais curioso dos certamens artisticos até hoje realisados n'esta capital.

Figuram n'essa exposição, que tem sido extraordinariamente visitada, mestres e discipulos, veteranos e recrutas, nomes feitos e nomes por fazer, revelando todos a mais pronunciada tendencia para o modernismo, para a verdade, para a reproducção intelligente e fiel da vida actual.

Na impossibilidade de fazer, n'esta chronica fugitiva, uma apreciação, embora ligeira, dos trabalhos expostos, e não querendo transformar o meu artigo n'uma enfadonha nomenclatura, limito-me a cumprimentar a brilhante pleiade dos nossos pintores na pessoa do meu illustre amigo Rodolpho Bernardelli, director da Escola Nacional de Bellas-Artes, a quem se deve principalmente o bom exito da exposição.

*

E' pena que o edificio da Escola de Bellas-Artes não se preste absolutamente a uma exposição de pintura. Muitos quadros, para não dizer todos, estão grandemente prejudicados pelas pessimas condições de luz, e o espaço destinado á exposição—encontrado sabe Deus com que trabalho—é ridiculamente exiguo.

Quem for á Escola assistir a uma lição de pintura, ha de ver na aula os alumnos por bem dizer amontoados uns sobre os outros; o professor Brocos tem feito prodigios de arrumação, mas o espaço continúa naturalmente a faltar-lhe.

E' provavel que o bom exito da exposição determine em 1895 a matricula de um numero elevado de alumnos; e, sendo assim, a direcção da Escola talvez seja obrigada, de accordo com o governo, a

dizer aos candidatos a phrase sacramental dos conductores de bonds: Não ha mais logar.

*

Urge que governo dê á Escola Nacional de Bellas-Artes uma casa digna de tão importante estabelecimento de educação popular.

E' preciso tirar d'alli a Escola. O edificio actual, situado á ilharga do Thesouro, está a calhar para a Caixa da Amortisação, que, segundo me consta, anda á procura de casa.

A ideia, que Rodolpho Bernardelli ha muito tempo alimenta, de aproveitar para a Escola o edificio da praça do Mercado da Gloria, não merece o desprezo a que parece estar condemnada. Tudo depende de uma simples troca de officios entre a municipalidade e o governo. A economia será consideravel, porque o plano do Bernardelli é aproveitar alicerces e paredes, transformando, todavia, aquillo n'um verdadeiro monumento architectonico.

Com uma casa apropriada, poderemos ter no Rio de Janeiro todos os annos um *petit-salon*, em que figurem os nossos talentosos pintores sem se queixar da má collocação dos seus quadros, e para o qual se convidem bons artistas estrangeiros, que não perderão, certamente, o ensejo de se exhibir. E os fructos provaveis dessa exposição annual, realisada em taes condições, valem bem o sacrificio da mudança.

A. A.

O PRIMEIRO MEMENTO

Sobre o vivo esplendor das floracões primeiras,
Linda abelha esvoaça, anhelante, sonora,
N'um zumbar similhante ás endeixas que chora
O ribeiro tombando, ao longe, em cachoeiras.

Ora, inquieta, a voar, longas horas inteiras,
Alli fica entre a fronde a buscar o mel, ora
Parte doida a zumbar pelas quintas afora,
Depois pousa fechando as azinhas ligeiras.

Mão infantil e má, na furia dos brinquedos,
Vibrou uma pedrada e o projectil certeiro
Prostrou o insecto morto em cima de uns rochedos.

Chorando a irman finada, abelhas mil em torno
Revoam, entoando o *memento* primeiro
Ao cadaver gentil, mal ferido, inda morno.

BENTO ERNESTO JUNIOR

Pará (Minas) 1893.

PELO DIVORCIO !

Com o titulo que serve de epigraphe a estas linhas acaba de ser publicado aqui, no Rio de Janeiro, onde temporariamente me acho, — sendo editora a casa Fauchon & C., — um livro de valimento litterario, escripto pelo Sr. Pardal Mallet.

Acabo de ler esse livro opportunamente apparecido.

E' muito possivel que haja um partido vigoroso que o condemne, pois que a reforma que elle applaude entende com preconceitos inveterados, firmados no intuito de acatar a moral social.

Nós bem sabemos que isto que appellidam de moral social não passa de mera convenção estabelecida pela humanidade ; mas tambem sabemos que toda e qualquer convenção, quando logra a ventura de atravessar longa existencia, estende muito longe e por toda a parte as suas raizes, que, assim, se tornam difficeis de ser extirpadas, — ao menos á primeira vista, ás primeiras tentativas. No entretanto, é, de outro lado, necessario convir que nem todas as raizes, por se tornarem longas e numerosas, são, por natureza, resistentes.

Basta o caso de já estarem apodrecidas. E, direi melhor — applicado este mesmo pensamento á hypothese de terem taes raizes solidez por boa conformação e consistencia. Se ao contrario acontecer, ainda mais facil será a sua extirpação.

No caso vertente eu entendo que, em homenagem á propria moral, deveremos render preito ao divorcio.

Em termos precisos — haverá grande immoralidade na ideia de sua repulsão. Pois haverá por ahi coisa que mais contrarie aos sabios principios em que estão estabelecidas as leis da natureza do que o aresto estatuindo indissoluveis os laços matrimoniaes ?

Um absurdo tão repuguante quanto damnoso !

Se o casamento nada mais faz que solemnisar o amor ; se o amor tantas vezes morre quantas vezes renasce, — como imaginar sempre sua eternidade, com a irrevogabilidade d'aquelle contracto ?

E eu fallo debaixo do ponto de vista da ideia que legitimamente dá rasão de ser ao casamento ; não me occupo do que motiva a sua generalidade. O sacerdote e o juiz limitam-se a perguntar aos nubentes se é por — sua vontade — que desejam contrahir matrimonio. Se respondem — sim — é o quanto basta. Não indagam se entre elles ha affinidade electiva, coisa em todo o ponto conveniente, já para sua paz e socego, já para o lucro da humanidade com a conservação e o desenvolvimento de sua especie.

Houve convenção para que o inicio da cohabitação de um homem e uma mulher fosse solemnisado por um contracto, que tomou o nome de casamento.

Vá que seja. Effectue-se o contracto. Mas, com a breca ! concedam ao menos que a clausula da eternidade estabelecida, torna-se uma coisa toda incongruente. Se os nubentes effectuaram casamento

por que isso — queriam — por que não se hão de descasar quando tambem o quizerem ?

Talvez alguem me responda : Se aceitaram a clausula (a do convenio eterno) está claro que o seu — sim — alludio a essa clausula.

Mas, dizei: o que elles, pobresinhos, haviam de fazer sinão dar aquella resposta ? Se a dessem por outro modo, adeus casamento! Simplesmente—obrigados a mentir, elles mentiram, formando talvez o plano immoral de romper, a seu modo, os laços matrimoniaes, logo que lei superior a isto lhes ordene.

Ahi está, pois, o casamento actual auctorisando o calculo vil, a mentira e a immoralidade.

E, depois, a evolução dos seculos nos está determinando a obedecer ao grandioso principio do altruismo, que se nos revela no sentimento do amor, — referindo-me, bem entendido, ao amor genuino. Uma cadeia mais bella que a de outr'ora, já attesta a intuição para a solidariedade humana, solidariedade que não deve somente comprehender a nossa vida contemporanea, mas a dos nossos posteros. Não se nos acorrentem os affectos, que estes se hão de irromper serenos e doces — cheios de sinceridade e de sentimentos os mais generosos e salutares.

De momento acudiram-me estas considerações a proposito da leitura que, como disse, acabei de fazer do novo livro do Sr. Pardal Mallet.

AUGUSTO BRITTO.

FELIZ

Feliz que deve ser o louco. Na inconsciencia
Absoluta de quanto o envolve, alheio á vida,
Do multiplo e fatal problema da existencia
Esquece a solução jamais obtida.

Sem guia, ainda que o instincto, a gargalhar ou sério,
Sombra errante elle passa ao mundo indifferente,
De sonhos, talvez, n'alma um vasto cemiterio,
Do Ideial, quem sabe, outr'ora grande crente.

Honesto, sem que ao rosto a mascara afivele
Do torpe fingimento, a impar de austeridade,
A ventura concentra e o exemplo que vem d'elle
Nos mostra pelo avesso a sociedade.

E, emtanto, ella sorri se o vê, como se visse
Em furioro saltar reles jogral de feira,
Da evidencia a esconder-se, inutil, que a doudice
E' a sua unica face verdadeira.

E livre como a Ideia o espirito anullado
Embora, de amanhan sem se lembrar, ditoso,
Tranquillo é seu viver, tranquillo e descuidado
Como o da ave que vae de pouso em pouso.

ALFREDO DE MAGALHÃES.

VIVENDO

(Notas intimas)

A ARTHUR AZEVEDO

97ª nota.

Com que pesados grilhões eu me contive ! Precisos foram ! Ai a loucura em que eu me ia lançar !

Tambem, para que bella assim como és ? que necessidade tens disso, se és a mais formosa de todas ?

Grilhões, fortes grilhões, foram os da minha *vontade*, para o meu instincto vencerem, tão louco elle era !

Como me pude conter ! admiro-me ainda ; como esse instincto não foi tão forte que tudo venceu !...

Ai as bellas mulheres que por mim passam ! Mal imaginam o risco que correm ! Um dia, não haverá *vontade* que me contenha... Esta nota é um aviso : que aquellas que não o desejam, me evitem !

Tu, por exemplo. Descuidosa, certo, desconhecendo-o, não sabendo quem eu fosse, — passaste por mim: o teu vestido quasi roçou-me... Ah ! nem o sonhas ! o cannibal que em mim vive sentio-se tocado: teve impetos de se lançar a ti, de morder-te, de devorar-te .. A minha *vontade* de civilisado conteve-o...

A minha *vontade ?!*... havia *vontade ?!*. . Eu não reflecti ! Ao mesmo tempo que em mim se agitava o monstro, o selvagem, alguma coisa me prendia os musculos ..alguma coisa que não sei o que foi...

Resisti ! Arrependo-me. Escrevendo estas linhas, o barbaro desperta-se-me... desperta-se-me...desperta-se-me, e eu me arrependo de lhe haver resistido...

Esse aviso que vos dirijo, bellas mulheres ! — de que por mim não passeis, — não póde deixar de ser uma imbecilidade. Que me importa o mais, além do meu *goso !* E — quem sabe ! — talvez as mulheres gostem de ser amadas assim !... O sabor da tua carne, o sabor do teu sangue, como deliciosos serão, bella desconhecida ! ..

Que remorso, meu Deus ! que remorso !...

98ª nota.

Como aquelles que um orgulhoso me julgam se enganam !

Orgulhoso eu ? ! E as horas, os dias, em que, enclausurado n'um silencio soturno de peccador que rememora peccados, eu me maldigo, eu me cuspo todas as imprecações, as mais odientas, n'uma piedade e em um nojo por mim proprio !...

Veem-me a face apenas quando em publico ; veem-m'a quando a minha covardia de anemico e esse sarcasmo de que me faço o objectivo primeiro, arreganham-me os musculos da bocca em um sorriso eterno de mendigo a implorar a benevolencia de um acolhimento ; veem-m'a, n'esses momentos apenas, e duros que são, impiedosos, sem a concessão sequer de ouvirem o que o entendimento lhes diz, simulam

Phototypia J. Gutierrez.

CORONEL JOAQUIM LACERDA

ANNO II — N. 53 NOVEMBRO DE 1894

ALBUM

DIRECTOR, ARTHUR AZEVEDO. SECRETARIO DA REDACÇÃO, EMILIO DE MENEZES.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26$000 e 13$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7 Rio de Janeiro

Com o presente numero entra o «Album» no seu segundo anno, sem modificar nem alterar o programma que se traçou e fielmente cumprio durante a publicação de cincoenta e dous numeros.

Os seus proprietarios, abaixo assignados, compromettem-se a dotal-o paulatinamente com todos os melhoramentos possiveis, animados, como se acham, pelo generoso acolhimento que o publico e a imprensa lhe dispensaram sempre.

Como até hoje, ficarão incumbidos:

Da administração financeira e do trabalho typographico H. Lombaerts & Companhia; do trabalho photographico João Gutierrez; da direcção litteraria Arthur Azevedo.

De hoje em diante é secretario da redacção do «Album» o distincto escriptor Emilio de Menezes, que se acha egualmente autorisado a tratar dos interesses do nosso periodico.

Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1893.

LOMBAERTS & COMPANHIA.
JOÃO GUTIERREZ.
ARTHUR AZEVEDO.

SUMMARIO

Lamounier Godofredo	Affonso Celso.
Chronica Fluminense	A. A.
Virgem morta	Bento Ernesto Junior.
A filha do Caboclo	Manoel Benicio.
O Jacaré	Raymundo Sousa.
Pavor da morte	Claudio de Sousa Junior.
Safa!	Gavroche.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico de

ALUIZIO AZEVEDO

LAMOUNIER GODOFREDO

Este distincto moço nasceu na cidade de Itapecerica, Minas Geraes, a 9 de Maio de 1859.

E' filho de José Affonso Lamounier Godofredo e de D. Marianna Innocencia de Figueiredo.

Privado dos carinhos maternos em tenra edade, Antonio Affonso (são os seus nomes baptismaes) foi educado por seu digno pae, que nenhum sacrificio poupou para dar-lhe a melhor cultura intellectual e moral.

Estudou as primeiras lettras em Itapecerica.

Frequentou depois as aulas do celebre seminario do Caraça.

Em 1877 partio para S. Paulo, onde prestou exame de todas as materias exigidas para a matricula no curso superior, obtendo excellentes notas de approvação.

A 3 de Novembro de 1883 recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Durante o tirocinio academico distinguio-se sempre pela correcção de seu procedimento, intelligencia, applicação ao estudo e affabilidade para com os collegas, que o consideravam um dos primeiros alumnos de seu anno

Salientou-se na tribuna e na imprensa academicas.

A *Beneficente Mineira*, philantropica associação, destinada a auxiliar os estudantes pobres, filhos de Minas Geraes, elegeu-o seu orador official, quando elle cursava o 5º anno, — o que importou consagração solemne de seu incontestavel valor.

Em Julho de 1884 o Dr. Lamounier Godofredo contrahio casamento com uma formosa e virtuosissima senhora, a Exma. Sra. D. Anna Francisca da Silva Marques, filha unica do provecto e honrado advogado Dr. José Candido de Azevedo Marques, o qual falleceu em 1890 legando á sua familia, além de um nome immaculado, bens de fortuna adquiridos por meio de honesto e indefesso trabalho.

Depois de casado, abrio escriptorio de advocacia em S. Paulo.

Colheu grandes applausos na tribuna judiciaria.

A sua actividade e dedicação ás causas de que se incumbia lhe angariaram ampla clientella.

Em 1888 abrio-se uma vaga de deputado geral no antigo 14º districto de Minas, em consequencia da escolha para senador do commendador Manoel José Soares.

Esse districto era o do nascimento de Lamounier Godofredo.

Apresentou-se elle candidato, e, a despeito de havel-o feito como francamente republicano, conseguio triumphar em segundo escrutinio, entrando para a Camara, logo após dissolvida.

Fôi um dos republicanos que tomaram assento no parlamento da monarchia, graças á liberdade eleitoral de que n'aquelles ominosos tempos se g. sava *

A sua victoria nas urnas causou geral sorpreza, principalmente ao partido conservador, que contava consideravel maioria na referida circumscripção.

Assiste ao Dr. Lamounier Godofredo o direito de considerar esse pleito como uma gloria politica.

Sustentou lucta ingente contra poderosos elementos.

Graças a diligente e enthusiastica propaganda, converteu ás suas ideias o corpo eleitoral do 11º districto, transformando em baluarte revolucionario um forte bastião de crenças diametralmente oppostas.

As armas de que usou consistiram em conferencias publicas, arregimentação de proselytos, fundação de clubs, alguns dos quaes tomaram o seu nome, como justa homenagem, quaes os de Bambuhy e Espirito-Santo dos Coqueiros.

Os seus co-religionarios mineiros devem-lhe muito.

Proclamada a republica, o governo de Minas o nomeou para, em companhia de outros, elaborar o projecto de constituição mineira.

Contemplado na chapa de deputado á Constituinte, obteve, quer em escrutinio previo, quer na lista definitiva, um dos logares de primazia.

No Congresso proferio varios discursos, cumprindo assignalar o em que combateu, com sensato e patriotico ardor, as odiosas excepções do projecto constitucional, decretado pelo governo provisorio, projecto que trancava as portas da assembléa legislativa á classe sacerdotal.

Terminados os seus poderes, reapresentou-se candidato no antigo districto.

Venceu novamente, não obstante guerra desabrida que lhe moveu a administração federal.

Conseguio tambem fazer eleger o seu companheiro de chapa Dr. Ribeiro de Almeida.

Isto prova a influencia de que dispõe.

Na camara actual combateu, com energico civismo, a funesta intervenção da força armada na politica do paiz.

Occupa a miudo a tribuna, manifestando firmeza, independencia e sinceridade.

O seu nobre discurso contra o estado de sitio bastaria para evidenciar a elevação de seus principios e de seu caracter.

Cumpridor escrupuloso de seus deveres, coherente e leal em todos os actos, moderado e tolerante, avesso a cortejar os poderosos do dia, serviçal, modesto, trabalhador, genuino mineiro, em summa,—o Dr. Lamounier Godofredo está no caso de desempenhar os mais altos cargos publicos, com lustre para seu nome e proveito para a nação.

Hoje um abysmo politico o separa do rabiscador das presentes singelissimas linhas.

Deseja este, entretanto, todas as prosperidades ao Dr. Lamounier Godofredo, pois lhe dedica velha e boa amizade, oriunda do muito que lhe aprecia os raros predicados de espirito e coração.

AFFONSO CELSO.

* A direcção do *Album* deixa aos seus illustres collaboradores toda a liberdade de opinião.

CHRONICA FLUMINENSE

Depois que foi publicado o ultimo numero do *Album*, os acontecimentos fôram tantos, e tão consideraveis, que dariam, não para uma chronica ligeira, como as que escrevo n'este periodico, mas para um verdadeiro capitulo de historia patria.

*

O facto mais importante foi sem duvida a entrega da presidencia da Republica pelo Sr. marechal Floriano Peixoto ao Sr. Dr. Prudente de Moraes.

Desvaneceram-se os trinta mil boatos de dictadura que por ahi corriam, boatos estupidos, que só a espiritos ingenuos atemorisavam. O victorioso marechal, que durante a revolta deu as provas mais irrecusaveis de ser um homem superior, um estadista de primeira ordem, não havia de desmanchar com os pés o que fez com as mãos

Elle entrou na historia atravessando altaneiro um portico luminoso, e não pretenderia, de certo, sahir cabisbaixo pela portinha dos fundos. Elle salvou a Patria como um heróe ; não iria opprimil-a como um inepto.

Não ! Floriano Peixoto não perderá uma folha dos seus louros, e a gratidão dos brasileiros dignos de ser brasileiros acompanhal-o-ha eternamente. O mesmo que nós hoje sentimos por esse homem extraordinario sentirão pela sua memoria os filhos de nossos filhos.

*

O Dr. Prudente de Moraes inicia o seu governo sob os melhores auspicios : tem a confiança do povo, e isso é o principal.

As acclamações populares de que o illustre paulista foi alvo na occasião em que tomou posse do poder, devem fortalecel-o e encaminhal-o para bem governar. Mostre o novo chefe do Estado que o seu nome não é um paradoxo baptismal, e a sua passagem pelo palacio de Itamaraty será proficua e benefica.

*

Outro facto consideravel foi a inauguração da estatua equestre de Osorio na praça Quinze de Novembro.

O esculptor foi digno do soldado, e o futuro os confundirá na mesma gloria. Nas batalhas da arte não ha menos heroismo que nas batalhas da guerra. A estatua de Osorio é a 24 de Maio de Rodolpho Bernardelli. A sua victoria foi completa, e isso mesmo lhe disseram os nossos mais illustres concidadãos no sumptuoso banquete que commemorou brilhantemente a erecção da bella estatua.

Tudo merece Rodolpho Bernardelli, que, além de ser um grande artista, é um dos caracteres mais puros que conheço, e tão modesto, que parece muito admirado das festas que lhe fazem, e tem o ar de quem está constantemente a pedir que lhe perdoem ter muito talento.

*

Chego tarde para fallar aqui de Xisto Bahia. Já no *Paiz*, na *Noticia* e na *Estação* lhe paguei, como pude, o tributo da minha admiração e da minha saudade.

Entretanto, fique mais uma vez registrado o profundo e indelevel pezar que me causou o desapparecimento do mais brasileiro dos nossos actores.

O retrato e o esboço biographico de Xisto Bahia estão publicados no n. 27 do *Album*.

*

O pequeno espaço de que disponho não permitte occupar-me de outros factos.

Suppram os leitores com um pouco de imaginação o que eu lhes poderia dizer, e consolem-se com a ideia de que as melhores chronicas são justamente aquellas que se não escrevem.

A. A.

VIRGEM MORTA

Deveis chorar, deveis sentir immenso
A immensa falta que ella faz, ó aves;
Deveis chorar não vendo seus suaves
Olhos luzindo num fulgor intenso.

Deveis sentir, deveis chorar agora,
Flores, a flor que a morte impiedosa
Veio roubar-nos na estação radiosa
Em que toda alma de illusões se enflora.

Não mais veremos seu sorriso lindo!
E hoje que ella, sob uma lousa algente,
Dorme,—sem sonhos a embalar-lhe a mente
O grande somno, o negro somno infindo,

Aves, cantae-lhe as doces cavatinas,
Que lhe cantaveis junto da janella!
Rosas, sumi a sepultura d'ella
Sob um tapiz de pet'las purpurinas!

Bento Ernesto Junior.

A FILHA DO CABOCLO

Como o frio começasse a nos irritar a pelle, deixámos a barraca e nos acocorámos em roda da coivara que o major mandára fazer pelo ordenança.

De vez em quando baforava um sopro do minuano, que nos provocava estremeções de frio pelas carnes e avivava as labaredas que davam um tom amarelento ás nossas figuras illuminadas e coloridas.

Porque tinhamos deixado uma carreta em meio caminho, devido á morte dos animaes que a conduziam; a conversação versou a principio sobre a marcha d'esse dia, enveredou depois para outros assumptos, rematando afinal sobre mulheres.

Foi n'esse ponto que o major pedio ao tenente Rufino, um official muito falante, parahybano de Cabaceirão, dado a escrever e a seduzir criadas estrangeiras, que alegrasse a roda, narrando uma historia de abocainhar a attenção de todos.

O tenente atiçou um pouco a coivara, e começou com uma solemnidade que nos dominou completamente.

Demais, elle era um bom declamador e um exagerado, qualidades que servem para os contadores de aventuras.

« — Meus amigos, perante Deus e em face a lealdade que deve caracterisar os homens honestos, juro e dou minha palavra de honra em como a historia que lhes vou contar é verdadeira. Bem que hoje esteja eu distante dezeseis annos d'esse acontecimento, ainda elle revive nas minhas faculdades imaginativas de modo tão vivo como o do dia em que o testemunhei.

Ha factos que deixam um saivo tão amargo ou doce no paladar de nosso espirito, que nunca mais nos esquecemos d'elles.

O que lhes vou contar entra na lista das aventuras sorprendentes.

Eu e meu pae voltavamos de Piauhy, onde elle ia sempre comprar boiada para vender na grande feira de Campina Grande, no meu estado natal.

São viagens de seis mezes, por travessias perigosas e abandonadas, e esta era a primeira que eu fazia.

Ou porque já tinha chegado a epoca de meu desenvolvimento, ou porque os novos ares e os rudes exercicios de boiadeiro tinham influenciado em meu organismo, o caso é que fui rapazote para o Piauhy e voltava já rapaz, com a voz mudada e cheio de desejos viris e aspirações vagas de quem sabe o que quer mas tem vexame e medo de pedir.

Em seis mezes passei da primeira para a segunda quadra da vida. Voltava um joven duro, affoito e tostado pelo sol do verão do norte.

Nos ultimos dias da volta, a saudade da familia apertou o coração do velho, e elle, entregando a boiada aos vaqueiros e tangerinos, arrochou a cilha

ao animal, riscou-o de espora e apressou a marcha, levando-me comsigo.

Nós estavamos habituados a viajar a passo de boi, — tres, quatro leguas por dia...

Basta que lhes diga que na tarde d'este haviamos corrido dez leguas, ora no chouto ora no meio galope dos cavallos.

Pela tardinha eu sentia-me moido e tinha tal expressão de fadiga e acabrunhamento no rosto, que o meu velho, rindo, me disse :

— Que é isto, ó Rufino ? Não pódes mais ? Ora vê lá tu, rapaz, os homens do meu tempo ainda são, até agora, mais fortes que os rapazes de tua geração !

— Oh ! mas vosmecê está acostumado a estas viagens que eu é a primeira vez que faço.

— Pois bem mollerão, consola-te. Apressa a marcha e vamos nos arranchar alli adiante, na casa de um compadre meu. O Mendes, conheces ?

— Não é aquelle caboclo com quem o pae gostava de caçar ?

— Esse mesmo. Mora n'estas brenhas com a minha afilhada depois da morte da mulher.

Pelo escurecer lobriguei lá no fundo de um descampado um curral de páo a pique por cima do qual, enguiçando-se a vista, descobria-se a casa do Mendes, a branquejar por entre a ramaria de emburanas e gameleiras que sombreavam o pateo.

Havia um alpendre sob o qual tinham armada uma rede.

Eu estava moido, exhausto, cançado e tropego.

Deitei-me para ella e dormi, com as pernas dependuradas, pois que nem as botas tirára, até que me vieram chamar para a merenda.

Tinha fome ; ergui-me.

Queria comer depressa para vir dormir outra vez.

Ceei, porém, mais ronceiramente do que queria, por causa de uma cabocla soberba, a filha do Mendes, que estava na mesa.

Era uma mocetona forte, carnuda, com os olhos grandes, quasi phantasticos, a cabelleira de uma negrura luzidia, as espaduas e as cadeiras cheias de carne. Aquella belleza selvagem fez-me especie.

E, demais, algumas vezes bispei o seu olhar fascinador cahido com uma persistencia voraz sobre mim. Quasi que me fazia mal aquillo !

Levantei-me e deitei me de novo para a rede. Nem vi mais quando a gente se foi deitar.

Lá para fóra de horas despertei.

Não sei porque, mas sentia-me com um medo vago, desconhecido !

Não havia razão para aquillo, porque eu nem sonhára. No emtanto, o meu espirito acordava cheio de impressões agoureiras e sinistras, que mais se avolumavam devido á isolação em que me achava, alta noite, a dormir no alpendre da casa fechada. Fazia um grande luar que lambia o ladrilho do alpendre aberto por todos os lados.

Pelo pateo, a lua derramava-se alvejando os vultos das arvores e dos bois a ruminarem monotonamente.

Aquelle luar, que n'outra occasião me espantaria da mente os phantasmas e a limparia dos pensamentos lugubres, maior somma de ideias sombrias me provocava.

Um animal levantou-se no terreiro, e a sua sombra projectou-se formidavelmente pelo chão afóra, do tamanho de dez camellos.

Foi então que eu reparei, nas sombras das arvores, umas nodoas phantasticas que se moviam na terra.

Levantou-se mais outro animal e mais outro e todo o terreiro se encheu de vultos que a lua illuminava com ares de mysterio, dando-lhes proporções phantasticas e descommunaes.

Um rosnar de cachorro chamou-me a attenção.

Para justificar-me do extraordinario medo que me devorava, tentei raciocinar :

— De certo o cão rosnou porque o gado se levanta. Mas porque se levanta o gado ?

Oh ! pavor pelo desconhecido, como és absurdo, mas como esmagas e dominas o espirito mais forte alta noite !

Todo eu tremia a ranger dentes ; tinha sesões n'alma e não fazia frio.

No emtanto, essa allucinação não se justificava dentro em mim proprio, porque todavia eu estava lucido e raciocinava bem. Tanto que pensei em gritar e dissuadi-me disto porque, no caso do apparecimento de meu pae ou de alguem que accudisse para me soccorrer, como explicar eu a causa do chamado se não havia causa senão dentro em meu espirito aterrado ?

Era tão natural um cão rosnar dormindo e as rezes se levantarem de noite...

D'onde provinha aquelle pavor inopinado, aquelle assombro desconhecido que me faziam tiritar de frio nervoso e ter calafrios violentos ?

No emtanto, eu não podia dominar a impressão do pesadelo, a angustia pavorosa que me tinham agarrado a vontade como um salteador nocturno.

Estava tremendo, tremendo, com o pensamento cheio de phantasmas.

E n'esse tempo acreditava em caiporas e almas do outro mundo.

Houve uma hora em que senti minha alma dilacerada de pavor.

O trémor cresceu, augmentou, saculejou-me todo.

Eu estava vendo avançar pelo oitão da casa, avançar surrateiramente um vulto branco que a lua aclarava de um geito phantastico.

Então n'essa hora eu tentei pedir soccorro.

O grito, porém, não sahio, morreu na travessia da garganta, contrahido pelo medo.

O vulto approximava-se decididamente.

Para que fui dormir n'aquella rede, n'aquella varanda aberta, quando podia tel-o feito dentro da casa ?

Phototypia J. Gutierrez.

LAMOUNIER GODOFREDO

Entreguei minha alma a Deus, rezando baixinho e chorando ao mesmo tempo, com pena de morrer tão moço e tão perto de casa que não via ha seis mezes.

Fechei os olhos, e n'esse curto momento de angustia, um minuto, talvez nem tanto, foi tal a tensão de meu pavor, que meus nervos foram se afrouxando, meus membros espreguiçaram-se, bambos e frios, como o de um cadaver fresco, pela rede afóra e restei-me n'uma molledão de mamas chupadas.

Mais tarde (quantos segundos depois ?) senti como que um calor ao pé do ouvido e cochichos animadores e ternos.

Semi-abri as palpebras. O vulto branco, debruçado sobre a rede, tinha quasi a bocca collada á minha orelha e murmurava commovida e receiosamente :

— Accorde. Não se assuste.

Abri de todo os olhos, e, animado, larguei um grande suspiro de allivio.

Era a cabocla, a filha do Mendes, com o seu olhar immenso e a cabelleira, de uma negrura luzidia, desenvolta e solta pelos hombros.

Estava mettida n'um cabeção branco como a lua, a magestosa rapariga...

Que horas podiam ser da madrugada ? »

..... N'esse ponto todos nós, que ouviamos o tenente Rufino, respirámos, fartos, como quem tem acabado de atirar ao chão pesado volume que trazia no cogote.

Tinham se chegado algumas praças, durante a narração, sem que reparassemos e, de pé, ouviam com extraordinaria attenção a historia.

Alguns officiaes se enlangueceram, tangidos de volupia e desejos que nos despertára a pintura da cabocla vestida de cabeção branco de dormir.

O major então, mais curioso, interrogou ao tenente :

— Então ? Depois ?

Começava n'esse momento a tocar silencio. Uma centena de cornetas, clarins e tambores, que faziam parte da brigada, estalava pelas campinas sem fim a nota vibrante das nove horas.

O acampamento bulio-se todo e se recolheu.

Sómente nós restavamos em roda da coivara em brasa viva, silenciosos, sensualisados e avidos de ouvir o resultado da historia interrompida pelo toque de silencio.

— E então, Rufino ? Depois ? perguntou segunda vez o soffrego major.

O tenente levantou-se e nós tambem.

« — Então, recomeçou elle, ás 7 horas da manhan eu e meu pae montavamos a cavallo e seguiamos viagem. Na curva do caminho olhei para traz.

E depois vi o vulto esplendoroso e robusto da filha do Mendes, afilhada de meu pae, de joelhos, no oitão da casa, com as mãos postas e os olhos em branco, como que arrependida, a supplicar que eu não dissesse nada a ninguem. .»

— Diabo ! resmungou o major, espreguiçando-se como um gato voluptuoso.

Depois de uma pausa, elle chamou o camarada e interrogou :

— Oh ! cabo, o sargento Romão está de ronda ?

— Está sim senhor.

Nós entrámos todos para a barraca, rindo-nos.

A companheira do sargento Romão era uma rapariga nova e bonita.

MANOEL BENICIO.

O JACARÉ

Cheio de amor e carinhos
Como todo pae babão,
Vejo d'aqui meus filhinhos
Pintando o sete e o simão.

E' sempre alli, ás tardinhas,
Quando o sol vae se esconder,
Que o meu bando de andorinhas
Toca a saltar e a correr.

E como pintam ! Pudéra !...
Vae tudo raso no chão !
Brinca e folga a primavera
Na quentura do verão.

A's vezes, por alto dia,
Quando mais bate o calor,
Vem um pé de ventania
Trazer-nos sombra e frescor.

Augmenta, cresce o folguedo...
Porém Deus sabe que a festa
Termina, mais tarde ou cedo,
Com algum gallo na testa.

Mettem-me ás vezes na dança...
Cede o bocó, cede e vae. .
Sabem lá quem mais criança,
Se os filhos ou se o papae !

Mas esse brinco irradia,
Atravessa-me, fulgura
Pela grande noite escura
D'esta existencia sombria.

Tenho este peito tão frio !
Estremeço a cada instante !
Trême assim o pombo errante
Quando vae beber no rio.

Passei a vida penando...
O mundo, a luta, a paixão
Foram alli amontoando
A mais negra escuridão.

Eu aqui estou, aqui vivo,
Pobre pae sempre a scismar !
Pareço um balão captivo
Que não sae de seu logar...

Que sobe ao céo... erra.. erra...
Que attinge certa extensão ;
Mas sempre preso na terra,
Sempre amarrado no chão !

Assim, pois, quando, á tardinha,
O meu bando salta e cae,
Dizendo as doces boquinhas
Coisas tão doces ao pae,

Elle, que é todo cuidado,
Elle, que é todo doçuras,
E' mesmo alli assaltado
Por um mundo de amarguras !

Assim nas invias estradas,
Levando o susto e o terror,
Cae um bando de queixadas
Sobre o nobre caçador

Eu resgato erros e faltas
Pelo muito que me doe,
Se me diz um dos peraltas :
— Papae, eu tenho dodoe...

Caem tardes hilariantes,
Toma o céo a distincção
D'essas noites fascinantes
Que se arrastam no verão.

A tudo alheio, afastado,
Pobre sombra que se esvae...
Aqui vivo enclausurado
No grande dever de pae.

Abraço então, todo calma,
A flor que vive nos collos,
Sentindo bem fundo na alma
O frio mortal dos polos.

O Deus que fez a hyena
A pulga, a sogra, o leão,
Fez a criança pequena,
Fez o pae tolo e babão.

RAYMUNDO DE SOUZA.

1893, Outubro.

O *Album* tem recebido os seguintes livros:

— *O ouro em Minas Geraes*, por Paul Ferrand (1° vol.) Estudo publicado pela commissão da exposição preparatoria de Ouro-Preto, por occasião da Exposição Mineralogica e Metallurgica de Santiago (Chile) em 1894.

— *Monographias brasileiras*, editadas por Alves & C.; I *As aves do Brasil;* II *Os mammiferos do Brasil*, por E. Goeldi, o illustre director do Museu Paraense.

— *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, a contar de 30 de Maio de 1892 (data de sua fundação) a 28 de Setembro de 1894.

—Recebemos tambem os seguintes jornaes e periodicos: *Gazeta Postal*, do Pará, o *Elegante*, do Maranhão, *Diario*, do Piauhy, o *Ceará illustrado*, o *Commercio* e a *Republica*, do Ceará, o *Rio Grande do Norte*, *Gutemberg* e *Gazeta de Alagoas*, de Alagoas, a *Revista contemporanea* (1° numero), de Pernambuco, o *Diario de Noticias*, a *Renascença* e o *Triumvirato* (1° numero) da Bahia, o *Commercio do Espirito-Santo*, o *Monitor Campista*, a *Gazeta do povo*, a *Gazeta de Petropolis*, o *Povo*, do Rio de Janeiro, o *Pharol*, a *Revista Industrial*, o *Cysne*, (1° numero), a *Folha*, o *Monitor sul-mineiro*, o *Contemporaneo*, de Minas-Geraes, o *Setimo Districto*, o *Ensaio* e o *Diario de Campinas*, de S. Paulo, o *Artista*, do Rio Grande do Sul, o *Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Semana*, *L'étoile du Sud*, o *Mundo galante*, a *Tetéa* e outros, d'esta capital.

PAVOR DA MORTE

A ALBERTO CUNHA

Que fosse uma nevrose, um degrão a transpor para a loucura de amanhan, o Julio começou a sentir um terror da morte e uma certeza de sua approximação.

Via em cada canto uma cova com a bocca escancarada a pedir um cadaver; em cada recanto uma mortalha toda cheia de desenhos tetricos de caveiras e esqueletos; pelas paredes parecia-lhe ver crepes soltos, desenrolados como grandes pavilhões negros de morte.

O menor arruido parecia-lhe o echo choroso de pás de terra atiradas sobre o seu corpo; uma orchestra que executava polkas parecia-lhe uma orchestra a executar nenias.

Sahia doido pelas ruas, com o medo da morte a avassalar-lhe a alma; sahia para procurar distracções; mas os homens todos que transitavam pelas ruas tinham a pallidez e horribilidade de traços de cadaveres fugidos alta noite dos tumulos.

Olhava para o mar onde uma ou outra não vogava de velas prenhes de vento; oh, mas o mar tambem lhe parecia um cemiterio por sobre cujo chão uma luz verde se houvesse espalhado !

Mas aquellas náos, aquellas velas? Não, aquillo que elle via não podia ser um cemiterio. Mas quem sabe se aquelles vultos não eram tumulos e aquellas velas brancas vestes de virgens que sobre os tumulos rezassem com voz soturna um requiem choroso, aspergindo a pedra mortuaria com lagrimas ardentes?

E os vagalhões com o seu ruido pareciam-lhe esqueletos de ossos semi-corroidos a saltitar em uma infernal, terrivel dansa macabra que estonteava o cerebro, apavorava o espirito.

Voltava para casa o nevrotico e recolhia-se ao seu quarto.

Punha-se então a pensar, a meditar; quem sabe se elle já não estava morto, se elle já não vagava numa cidade de mortos?

Olhava então para os ares e convencia-se de que estava habitando uma necropole. Pois não viam os esqueletos que atravessavam o quarto um a um, demoradamente?

Que olhassem; alli estava a Laura, que fôra sua amante; era a segunda da fila; mas como estava feia ! E elle fallava em voz alta:

— Laura, onde estão os teus cabellos loiros que eu tanto beijei? Onde o brilho dos teus olhos, onde a carnadura arrozeada do teu rosto?

A Laura ia passando sem responder e elle via outra; a Joanninha, flor alva de innocencia que elle maculára em uma noite de lua, por baixo das gallarias esverdeadas de uma arvore frondosa.

— Joanninha, meu anjo, minha bella pagina de amor, vem aos meus braços que eu quero aspirar outra vez o perfume de rosas machucadas que ha

em tua bocca, quero beber luz em teus olhos, perder-me na treva dos teus cabellos!

E elle via a Joaninha affastar-se, emquanto outros iam succedendo, e continuava a fila de esqueletos a atravessar o quarto em passos demorados, até que elle, com o espirito fatigado, ficava p'r'ahi prostrado n'uma somnolencia morbida.

Repetiam-se estas scenas diariamente e a nevrose ia subindo a escala da loucura.

Uma noite, a nevrose já chegára ao extremo; o Julio entrou em seu quarto com a cabelleira arrepiada, os olhos esbugalhados n'um esforço de apprehensão de uma scena terrivel que se devia estar desenrolando no espaço, o semblante bestialisado, á espera talvez de um desfecho, um cordão de frio gelido a percorrer-lhe a espinha toda, um tremor convulso a bambear-lhe os membros, uma dor intensa a querer espedaçar-lhe o cérebro.

Atirou-se ao leito; poz as mãos sobre o peito e ficou a escutar o coração; oh, elle ia morrer, o coração gradualmente ia deixando de pulsar!

Um terror, uma convulsão horrivel de medo fez-lhe emittir um grito estridulo, vibrante, ao qual acudiram paes e irmãos.

O Julio julgou ver a figura da morte que se approximava, a foice derreada sobre o hombro, os dentes arreganhados em gargalhar sarcastico, uma mortalha pendurada na mão.

E o coração que parava?

Era preciso luctar contra a morte, e elle, erguendo se do leito, começou a debater-se como que a luctar com alguem.

Sua mãe approximou-se para o conter, e elle, julgando que era a morte que se approximava, atirou-se á sua mãe, estrangulou-a e poz-se a mordel-a emquanto a pobre mulher, quasi asphyxiada, banhada em sangue, gritava:

— Meu filho, meu filho!

Os assistentes agarraram-n'o então, e elle, chegado á loucura, completamente doido, gargalhava em alegria franca, como que livre de uma oppressão, e gritava:

— Jamais a morte me perseguirá; eil-a a meus pés!

E rindo-se, rindo-se muito, apontava para sua mãe, já cadaver, que estava alli p'r'o chão, o corpo estirado, duas lagrimas rutilas humedecendo o canto dos olhos.

CLAUDIO DE SOUSA JUNIOR.

SAFA!

Quanto festejo official!
Quanta solemne massada!
A commissão oriental.
Deve estar desorientada!

GAVROCHE.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

Quem d'ahi a uma hora passasse pela rua 25 de Maio daria com um contraste. A' alegria das luzes da confeitaria respondia a escuridão.

Foi noite mal dormida a que passou Lucio Herrera. Ainda lhe volitavam, em meio de pensamentos que se succediam, — uns espheroides, que subiam e desciam pelo espaço do seu quarto de rapaz solteiro, como succede de continuo aos pensadores que fincam o olhar n'um recanto e dão se a divagações illimitadas.

Devia ser n'essa attitude de gato adormecido que Kepler deduzira as leis da gravitação.

E até mesmo os tremendos frades, que Satanaz atarrachou a este planeta de *mayonaises*, quando se criam e engordam como suinos appetecidos, fazem o mesmo que Lucio: bestificam-se em apparencia e na realidade não gastam o phosphoro do encephalo, nem morrerão doudos de pensar; em compensação, digerem com a pacatez e pachorra dos reptis, que — assim dizem — são capazes de comer um boi desde a cauda até as pontas e não podem tragar um frade.

E o que é verdade é que a ordem de considerações a que se dava Lucio Herrera era indigna de sua intelligencia; era futil, infantil; amava ainda á mulher que o mandaria, talvez, patear, se Guilherme se não tivesse lembrado primeiro d'esse luminoso plano.

Eram umas divagações infinitas, que pareciam perpassar por sobre a grande escala dos seres terrenos.

De deducção em deducção, não haveria duvida que o moço chegaria a estudar a paridade entre o boi e o frade; e se fosse consciencioso, diria lá com os seus botões: homem, o boi é ruminante por obrigação, mas o frade rumina por devoção.

O que é facto, é que Lucio passou uma noite escura perfeitamente ás claras.

Se tudo via elle, em meio d'aquelle quarto negro, sem luz, como se por ventura o diabo o houvesse pintado á força de alcatrão!... cogitava, com o olhar desterrado para sobre um grupo de *biscuit*, — assim marcava a bussola da visão — e com a ideia feita aguia, a voar por uns infinitos imaginarios!...

O homem que medita, faz do olhar ancora; lárga-a n'este valle de lagrimas e solta as bujarronas do pensamento ao vendaval das meditações profundas.

E o rapaz estava n'este caso. Havia combinado encontrar-se com Carrero, de manhan — que já principiava a despontar.

Quem o attribulava devéras era Carmen — simplesmente — não humanisada, mas com a vulgaridade das coisas, descida do tabernaculo da adoração para a sargeta da intriga. Verdadeiramente qualquer coisa!

Infelizmente não durou.

Os enamorados são assim: tem muita bilis, mas, depois que a expellem em desafogos ridiculos, dão-se de mãos e acariciam-se como dous gatos que se lambem depois de se lancetarem mutuamente com as virgulas das unhas.

— Decididamente não tenho razão de me atormentar! Como nunca, estou plenamente convencido de que Carmen me ama com enthusiasmo!

E susteve-se n'esse preludio, como quem, fallando com outra pessoa, carecesse de estudar argumentações fortes e irresistiveis.

— E não ha duvida — continuou — que me não engano! Sejamos consequentes e razoaveis. Escrevi uma comedia em que pintei a largos traços a biographia da alma de Dolores. Carmen é mulher intelligente e perspicaz. O seu espirito foi atifadamente ao alvo da minha intenção. Vio as scenas succederem-se — sabia, provavelmente de antemão, quem era o auctor da comedia — traduzio-as e desesperou-se com o sarcasmo. E' filha! O desespero sobreveio-lhe; diria lá comsigo: « — Não!... Lucio que escreveu similhante coisa, não me póde amar! offende-me indirectamente! » E então, — ahi o verás — saltou a campo a senhora represalia! Pois não seria extremamente ridiculo que ella, moça, a cujos pés se atiravam, como tapete de Bruxellas, ou bifes bem batidos, á ingleza, dezenas de corações; que ella, a quem a sociedade applaudia, se deixasse no consentimento da ousadia? E, depois — convem ainda meditar — não era Dolores sua mãe?... Com mil demonios, elle, Lucio, devia de ter sido prudente!

Não podia amar Guilherme Tosti! A mulher que entrega o seu espirito, ornado com as galas do amor, a um homem, nunca exige d'elle uma acção de villão, nem a miseria de ser injusto.

Carmen servio-se de Tosti, para lembrar a pateada. Nem isso! O que me parece — continuava Lucio a dizer comsigo — é que a pobre filha de Dolores, na expansão do desespero, disse entredentes: O autor d'esta comedia merecia uma corrigenda formidavel. Ora, que coisa mais natural do que Tosti lembrar-se de pateada? — era mathematico!

E n'isto, Lucio deu volta ao corpo estendido, na indolencia de rapaz que entrou em casa com os ossos quebrados por uma ceia. Enfrentou com a parede, que não podia ver, e concluio muito orgulhoso da sua logica; — E' tão certo o que penso, como dous e dous são quatro!...

E é preciso notar que Lucio, n'esta emergencia, afastava-se de uma anecdota ferina, que corria na actualidade, e que importava em affirmar-se que o poder executivo da Republica do Uruguay, para mostrar a sua omnipotencia — digamos, a sua omnisciencia — havia decretado que dous e dous fossem cinco, crú, decidida e mathematicamente! A politica...

O dia amanheceu. A' aurora correspondia um crepusculo *vespertino* descendo por sobre as palpebras do moço.

Podia-se agora affirmar que o autor da comedia adormecia sobre os louros.

ALFREDO BASTOS.

Continúa)

THEATROS

NOTAS A LAPIS

APOLLO.—Companhia lyrica Verdini. Bilhetes baratissimos. Os espectadores convencem-se de que o barato sae caro.

*

RECREIO.—Estão em scena o *Mundo da lua*, espirituosa revista de Figueiredo Coimbra, e *Quem casa quer casa*, o velho e delicioso entremez de Martins Penna.

*

LUCINDA.—A empreza trata de substituir o *Brazileiro Pancracio*, borracheira insigne.

*

SANT'ANNA.—Peças velhas para enganar o estomago ao publico emquanto não lhe dão a *Cornucopia do amor*, que me dizem ser prato muito succulento.

*

VARIEDADES.—Uma peça hoje outra amanhã...

*

PHENIX.—Uma nova companhia dramatica. Peça de estreia, a *Estatua de carne*. O papel do conde Paulo de Santa Rosa é desempenhado pelo Eugenio de Magalhães.

*

S. PEDRO.—Pelotiqueiros americanos.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria H. Lombaerts, rua dos Ourives n. 7 e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imprensa H. Lombaerts & C.

ANNO II — N. 54 JANEIRO DE 1895

O ALBUM

DIRECTOR, ARTHUR AZEVEDO. SECRETARIO DA REDACÇÃO, EMILIO DE MENEZES.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26$000 e 13$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7. Rio de Janeiro

SUMMARIO

Aluizio Azevedo	Olavo Bilac.
Magestade	Cunha Mendes.
Chronica Fluminense	A. A.
Festas	C. Védrine.
Dor de Dentes	Lilasia.
Amor de Primavera e Amor de Outomno	Alfredo Bastos.
Cartas do Campo	Bento Ernesto Junior.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico da actriz

LEONOR RIVERO

ALUIZIO AZEVEDO

Ainda ha dois ou trez mezes, o meu querido, o meu pobre Pardal Mallet, em um artigo da *Noticia*,—(ai de nós! foi o seu ultimo artigo!) salientava, a proposito do apparecimento da *Mortalha de Alzira*, a excepcional coragem, a exemplar pertinacia com que Aluizio Azevedo, cujo retrato insere hoje o *Album*, vive ha vinte annos a atirar livros sobre livros a este espantosamente pifio *meio* litterario. A sua vida tem sido uma longa e tremenda batalha, cheia de triumphos que lhe deixam a cabeça coberta de louros, deixando-lhe as algibeiras vasias. Nunca o viram esmorecer na lucta : nas mesmas amargas decepções que o ferem tem elle haurido a força precisa para arremetter de novo contra a ingratidão d'esta terra.

Quem o não conhece? Bello e forte, com uma grande cabeça poderosa em que dous olhos admiraveis fulguram, a sua figura é a de um luctador sereno e bom. Ha na sua physionomia um não sei que de grave e triste, esse ar que Balsac dizia achar-se sempre na physionomia dos grandes trabalhadores.

Maranhense, Aluizio Azevedo tem a imaginação fecunda, a inexgotavel actividade, a inabalavel coragem tão communs no Norte do Brazil, que é a nossa Provença.

Muito criança, já o glorioso romancista de *Mulato* revelava uma inclinação irresistivel para as coisas de Arte.

Seu pae, o commendador David Gonçalves de Azevedo, antigo vice-consul de Portugal no Maranhão, era um velho rigido, de uma tempera de aço, de inabalaveis principios em materia de honra e de trabalho. Aluizio, feitos seus exames preparatorios no Lyceu da cidade natal, teve logo de procurar meios de ganhar a vida. Era um dos principios de educação do seu severo, mas amoroso progenitor. Destinado desde logo a uma profissão que se não compadecia com as tendencias do seu espirito, o moço maranhense teve cedo de pagar o seu tributo de desgostos e de contrariedades. Entrou como despachante para um armazem... Como despachante! Naturalmente, fez uma tristissima figura n'esse officio, porque, em vez de aviar os despachos, caricaturava os empregados da Alfandega em pedacinhos de papel que corriam a cidade. Com as caricaturas, appareciam satyras em verso: é facil calcular quantos odios se accumularam desde logo sobre a cabeça do atrevido despachante. Um dia, uma nausea mais forte lhe subio da alma á garganta, e o futuro romancista atirou ás ortigas o emprego e entregou-se á Arte de corpo e alma, com uma bravura de criança e uma confiança de predestinado.

Já antes de ir bocejar de tedio nos escuros armazens aduaneiros, Aluizio mostrára tanta vocação para a pintura, que um velho professor italiano, que por esse tempo vegetava na provincia, Domingos Tribuzzi, enthusiasmado, quiz que o rapazelho partisse para a Italia. Bastava para isso que o pae do pequeno lhe fornecesse uma pensão modica. Mas, ai de nós! os nossos paes pertenceram a uma geração, em cujo espirito a ideia de Arte se confundia com a ideia de devassidão e de vagabundagem... E o menino, que tinha então 12 annos, e que n'essa edade já fóra substituto do seu professor na aula de desenho, teve de ir despachar generos.

Abandonando o emprego, foi ser professor de portuguez e dezenho no collegio do padre Teillon. Mas, o ordenado era pequeno, e Aluizio abalançou-

se a tomar quantas encommendas de retratos a oleo lhe appareceram. Começou a transportar para a tela todas as oleosas faces da burguezia maranhense: chegou a dedicar-se especialmente a retratar defuntos.

N'esse tempo já o dominava a ardente preoccupação da verdade na Arte. Os outros retratistas pintavam os seus mortos como *cocottes*,—labios tinctos a vermelhão, olhos cuidadosamente cerrados, faces barbeadas de fresco, indo para o fundo da cova como para um salão de baile. Nas telas de Aluizio, o pavor e a feialdade da morte se mostravam sem disfarce: um olho mal fechado, a côr terrosa da face decomposta, um dente cariado entre os labios do morto,—tudo apparecia fielmente reproduzido no quadro.

Imagine-se o escandalo produzido na provincia por essas espantosas telas! Um dia, contando-me isso, dizia-me Aluizio: «Ah! meu caro! imagine você que um d'esses retratos era tão feio, na sua crua verdade, na sua horripilante representação viva do horror da morte, que servio muito tempo, em S. Luiz de Maranhão, para intimidar as crianças manhosas... Não ria! digo-lhe a verdade! O retrato era emprestado de casa em casa, entre familias. Assim que as crianças começavam a fazer manha, as mães intervinham: —Olha que vou buscar o tabellião!—Oh! ainda hoje ha no Maranhão muita gente que deve a boa-creação, que tem, á sinistra influencia do retrato do tabellião»!

Mas não só a pintura lhe enchia as horas; o escriptor começava a acordar tambem dentro da alma do moço. Aos 17 annos Aluizio escreveu o romance *Lagrima de mulher*, publicado em 1879, e um livro illustrado, *Minhas memorias*, ainda hoje inedito.

Foi então que o Rio de Janeiro começou a attrahil-o, com a sua fama de cidade civilisada. O pintor arrumou as tintas e a roupa, e abalou para esta gloriosa Sebastianopolis.

Ao chegar, rasgou as cartas de recommendação que trazia para varias casas de negocio de café, e procurou ser admittido na aula de modelo vivo da Academia de Bellas Artes.

Porque ainda era esse o seu maior desejo: ser pintor. E hoje mesmo, o romancista do *Cortiço* não se consola de haver sido forçado a contrariar a sua primitiva vocação. Para comer, pintou varios scenarios de theatro, e illustrou durante annos, successivamente, o *Figaro*, a *Comedia Papular* e o *Mequetrefe*. Na *Comedia* estreiou como poeta, e no *Mequetrefe*, então dirigido por José do Patrocinio, publicou os seus primeiros contos.

Depois de 3 annos de estudo e trabalho, applaudido e encorajado por Victor Meirelles, Almeida Reis, Bordallo Pinheiro, Bittencourt,—Aluizio Azevedo suppoz (illusões dos 20 annos!) que a sua pátria lhe devia alguma animação. E requereu do governo da provincia do Maranhão o auxilio de uma mesada com que pudesse ir estudar pintura na Europa. A provincia do Maranhão fez ouvidos de mercador...

O moço pintor, depois de uns dias de tristeza negra, resignou-se. Aos vinte annos, as ingratidões não dóem. Quem tem vinte annos perdoa e esquece facilmente. E eil-o restituido ao trabalho sem tregoas.

N'essa epoca florescia no Rio a bohemia dourada, o cenaculo radiante em que a palestra de Arthur de Oliveira esplendia como um maravilhoso fogo de artificio; em que Fontoura Xavier, em alexandrinos de fogo e sangue, pedia gulosamente cabeças de monarchas; em que o *baudelaireanismo* de Theophilo Dias cantava, perturbador e sensual, nas rimas de ouro das *Fanfarras*. Aluizio, admittido no cenaculo, dominou-o logo. E quando, d'ahi a pouco, teve, por interesses de familia, de voltar ao Maranhão, já, no seu temperamento artistico, o escriptor tinha vencido o pintor.

Na provincia, fundou um hebdomadario de propaganda anti-clerical, o *Pensador*; os seus artigos, em que a violencia da mocidade explodia em coleras e ironias, fizeram epoca; já n'elles havia esse amor de analyse conscienciosa, que fez de Aluizio o mais profundo observador da nossa litteratura.

Perseguido pelos padres, insultado pela burguezia que a sua audacia escandalisava, o redactor do *Pensador* teve mesmo de ser submettido a processo, por crime de abuso de imprensa.

Até 1880 redigio essa folha, e a *Pacotilha*, e publicou a *Lagrima de mulher*, obra romantica, vasada nos moldes de Lamartine e Hugo.

Em 1880, o escriptor affirmou-se, e affirmou-se por uma verdadeira revolução nas lettras brazileiras, publicando o *Mulato*.

Esse romance admiravel, primeira conquista do naturalismo no Brazil, provocou um clamor longo de applausos e de injurias. No Maranhão, o escandalo assumio proporções extraordinarias. Em pleno horror de escravidão, a obra, francamente abolicionista, soava como um grito de guerra. O processo novo, em que o amor intransigente e fervoroso da verdade apparecia com a vehemencia de uma religião, levantou contra si todos os grammaticos, todos os rhetoricos, todos os delambidos do tempo. Depois, o romance era brazileiro, profundamente brazileiro: os seus personagens fallavam a lingua do Norte, essa lingua mascula já rica de brazileirismos; não usavam o duro portuguez de lei, nem a alambicada doçura dos dialogos de Alencar. A edição esgotou-se em breve tempo. E o auctor, com o magro dinheiro que ella lhe rendera, veio de novo para o Rio, onde Urbano Duarte chamára para o livro as attenções de todos, soltando o seu celebre grito de vigia: *Romancista ao Norte*.

No Rio, Aluizio Azevedo, abandonando pinceis e telas, dedicou-se de todo ao romance. D'ahi por diante, não descansou.

A sua bagagem litteraria é a mais rica, a mais abundante do Brazil. Vinte e cinco trabalhos for-

mam essa bagagem. E o mesmo sopro vasto de talento, de observação e de nacionalismo anima essa brilhante serie de volumes, desde o *Mulato* até os *Demonios* e esse mal fadado *Livro de uma sogra* que um editor tem em mãos ha tanto tempo,—deliciosas paginas de ironia e de moral conjugal, que já tenho a fortuna de conhecer por leituras feitas na intimidade do gabinete de trabalho do auctor.

Não cabe no estreito limite d'esta noticia analysar Aluizio Azevedo e a sua obra. De resto, a critica d'essa obra está feita. Citarei apenas os titulos dos vinte e cinco trabalhos. Temos primeiro a serie dos livros de phantasia: *Lagrima de Mulher*, *Philomena Borges*, *Mortalha de Alzira*, *Demonios*, *Mysterio da Tijuca*, *Memorias de um Condemnado*. A obra puramente naturalista compõe-se de: *O Mulato*, *Casa de Pensão*, *O Coruja*, *O Homem*, *O Cortiço*, *Livro de uma Sogra*. Obras theatraes: *O Mulato*, drama em 3 actos; *Philomena Borges*, comedia em 1 acto; *Os Sonhadores*, comedia em 3 actos. De collaboração com Emilio Rouede—*Venenos que curam*, comedia em 4 actos; *O Caboclo*, comedia em 3 actos; *Um caso de adulterio*, comedia em 3 actos; *Em flagrante delicto*, comedia em 1 acto. Com Arthur Azevedo—*Casa de Orates*, comedia em 3 actos; *Flor de Liz*, opereta em 3 actos; *Fritzmack* e *Republica*, revistas de anno. Com Olavo Bilac—*Triboulet*, traducção em alexandrinos rimados do drama *Le Roi s'amuse*, de Victor Hugo. Não fallo de uma comedia em 1 acto, *Os massantes*, encommendada a Aluizio por um empresario, que, alem de lhe não pagar o trabalho, ainda lh'o surripiou, mudando-lhe o titulo e fazendo-o representar por conta propria na provincia,—façanha que em qualquer outro paiz seria um passaporte para o banco dos reus, mas que no Brazil é antes um passaporte para os bancos de credito.

Tambem não faço menção da copiosissima collaboração litteraria de Aluizio Azevedo, fartamente espalhada por toda a imprensa do Brazil.

*

Ahi fica, rapidamente contada, a vida do prodigioso trabalhador cujo retrato faltava á galeria do *Album*. Se me perguntardes agora o que tem elle lucrado com esse esforço, com essa vida terrivel, que quebra os nervos, espatifa o estomago, fulmina a alma e o corpo,—não vos direi nada. Ha coisas em que não é bom tocar.

Paro aqui, porque a minha penna poderia escrever duras linhas, duras e inuteis, em que viesse palpitar a profunda indignação que me sacode, ás vezes, quando vejo que o Brazil esquece aquelles que mais têm trabalhado para a sua gloria.

OLAVO BILAC

MAGESTADE

A BELLARMINO CARNEIRO

Bella! que o teu cabello agora se desfralde
A' maneira triumphal de victoria e de pompa:
E, em clangor de clarim, em bramido de trompa,
De aureos florões reaes o povo te engrinalde!

Alta, a fronte atufada em rosas de côr jalde,
De tua carne aromal toda a volupia rompa
E escandalise a terra e as virtudes corrompa.
Chore embalde o pudor, o pudor grite embalde!

Porque a belleza é sempre a gloria immorredoira
Que ha de eterna assombrar, emquanto a mocidade
Sentir que a carne ruge e, em febre, o sangue estoira!

Gloria a ti que és formosa! Alta e triumphante, exempla
E mostra heroicamente a tua magestade
Que, assombrada e ajoelhada, a multidão contempla!

CUNHA MENDES.

Rio, Maio, 94.

CHRONICA FLUMINENSE

Medeou tão grande espaço de tempo entre este e o ultimo numero do *Album*, que me seriam precisas muitas paginas para escrever a chronica dos acontecimentos havidos durante esse interregno. Reflicto, porém, que tão longe vão taes acontecimentos, que já não encontram cabida n'estas columnas.

*

Entretanto, não posso deixar em silencio a morte de Pardal Mallet, que foi um dos mais illustres collaboradores do *Album*.

Peza-me que o desapparecimento do grande pamphletista fosse tão ligeiramente commentado pela imprensa brazileira. Pardal Mallet merecia alguma coisa mais que os rapidos necrologios que o acompanharam á sepultura; não lhe foram prestadas as honras a que elle tinha incontestavel direito e que a sua illustre memoria ainda reclama lá do outro mundo.

De uma philosophia um tanto paradoxal, de uma politica um tanto desorientada, era Mallet um escriptor vibrante e caloroso, cujas producções hão de ser lidas e relidas quando mais tarde os nossos filhos ou os nossos netos fizerem o inventario do espolio artistico d'esta epoca em que todas as preoccupações se acham completamente entregues a dous absorventes implacaveis,—o commercio e a politica.

Folgo de ver que as condições penosas da nossa existencia litteraria e o exemplo, dolorosamente caracteristico, do desapparecimento da *Semana* — cujas collecções os posteros hão de comprar a peso de ouro, — não desanimassem os valentes operarios da litteratura que acabam de lançar aos ventos da publicidade o primeiro numero da *Revista brasileira*.

Honra a José Verissimo, o director, e a Paulo Tavares, o gerente d'essa empreza arrojada e consoladora, que promette enriquecer as nossas lettras com um volume de quinze em quinze dias!

*

Todavia não nos podemos queixar do movimento litterario do anno que findou, pois em verdade não temos absolutamente o direito de exigir muito.

O de 1895 apresenta-se com boa cara. Tenho sobre a meza algumas publicações recentissimas, e todas me parecen dignas de attenção e sympathia. De entre ellas destacarei as *Gammas e palhetas*, de J. Paixão, um poeta realmente apaixonado, as *Caricias*, de Garcia Redondo, e as *Chronicas e novellas*, de Olavo Bilac, o fulgurante e estimadissimo poeta que opulenta este numero do *Album* com cinco palmos da sua prosa illustre.

*

Que dizer da medonha catastrophe produzida pelo incendio da barca *Terceira?* Onde irei eu desencantar phrases que exprimam, embora pallidamente, a tremenda impressão que me causou tão clamorosa desgraça? Que extraordinaria palheta me forneceria as tintas com que eu pintasse ao vivo todo o azedume de que minh'alma se encheu diante d'aquella embarcação em chammas?

Ha fatalidades diante das quaes o espirito mais estoico deixa-se subjugar e opprimir. Para escrever sobre esse incendio e esse naufragio que tantas vidas custaram, seria preciso que eu enchesse o meu tinteiro de lagrimas e sangue!

A. A.

FESTAS

MINHA FILHA

Sabes d'aquelle inglez, nosso visinho, — de barbas ruivas e compridas pernas, — cuja esguia figura-te amedronta e ja te fez chorar lagrimas ternas?

Pois elle mesmo, ha pouco, vi passando pelo nosso jardim e com dous filhos, alegres, vivos, trefegos e garrulos, — olhos brilhando com estranhos brilhos. — E' que ambos sobraçavam taes embrulhos de brinquedos de festas, que, em verdade, julguei que o pae trouxera só para elles toda a quinquilharia da cidade...

Filha, somente tu n'estes bons dias, em que os lares felices são em flóres, só no teu berço sem adornos ficas, tu, a consolação dos meus agrores! Nem sequer um ruidoso Pulcinello, pratos batendo, prende os teus olhares, nem multicor esphera de borracha para te divertir salta nos ares... Nada... E o Natal as *arvores* enflora das casas ricas dos que são felizes, plantas que um dia vivem, e entretanto, deixam no coração tantas raizes!

Nada, filha, te dou... E como outr'ora ficaria o teu berço alegre ninho, se eu o enfeitasse com as chimeras loiras que voavam nas curvas do caminho. Tanto explendor de luz em minha estrada quanto sonho altaneiro no meu craneo! — e hoje em redor de mim a treva, e dentro de minh'alma um escuro subterraneo ..

Inda assim, que ventura, se algum dia, quando o Natal bater á nossa pòrta, e tu, da vida em plena florescencia, inda fores a luz que me conforta; se eu puder, junto a ti, muito em segredo, dar-te o presente que reservo ha tanto, e que recordarás saudosa e triste, — filha do meu amor e do meu pranto. Quero é mostrar a ti, lá n'essa quadra, como lição á tua primaveira, como é que a um coração, que a nada aspira, doce lembrança anima e dilacera...

C. VÉDRINI.

DOR DE DENTES

A ARTHUR AZEVEDO

Eu não podia acreditar que aquelles alvos dentes engastados no rubro da sua bocca como perolas caras guardadas em purpuras, pudessem causar-lhe um só momento de magoa, elles que só momentos de prazer e de orgulho lhe deviam ter proporcionado e lhe deveriam sempre proporcionar, até que a *mão destruidora do tempo* viesse arrancal-os d'aquella bocca adoravel em que brincavam sorrisos e rouxinolavam beijos!

E não era uma duvida que eu tinha, era quasi uma certeza. Ainda no dia anterior vira Eduarda com a escova, empoada de um polvilho roseo e mettida na bocca pequenina, esfregar delicadamente os finos dentes claros, a fazel-os mais claros como se mais claros elles se pudessem tornar. E não notára no seu rosto o menor vislumbre de dor. Parecera-me, ao contrario, que os seus olhos estavam mais luminosos e alegres por verem no rutilo crystal do espelho que a alvura d'aquellas perolas era ainda a mesma alvura immaculada de sempre.

Phototypia I. Gutierrez.

ALUIZIO AZEVEDO

Como, pois, pela noite, pudéra surgir aquella dorzinha fina de que ella se queixava agora e que, segundo dizia, não a deixava dormir ?

Pedi a Eduarda que me mostrasse o dente dolorido. Ella arqueou n'um sorriso magoado os labios frescos e negou-se a mostrar-me o maldoso dente, dizendo :

— Dóe tanto, meu amor !..,

E quasi duas lagrimas lhe borbulharam nos olhos embaciados pela magoa, e a sua mão cheirosa e tepida foi aquecer, n'um affago, a face dolorida. Tive pena de Eduarda. Não sei, felizmente, o que é uma dor de dentes, mas aquella que estava magoando a minha amiga e que não a deixára dormir durante uma longa noite, comprehendi que devia ser atroz. Coitada de Eduarda ! A sua face, por effeito da dor, estava mais rosada e brilhante.

— O caso é grave, pensei, e os bons serviços de um dentista são indispensaveis. Pois bem, conclui, dirigindo-me a Eduarda, vae ao dentista, vae ao dentista !

Ella, como se já esperasse o meu conselho, tinha começado a fazer a sua *toilette*. Ficou assim mais bonita, tão certo é que o vestuario constitue uma segunda belleza da mulher. Envergou um vestido leve de cassa branca, enfeitado com rendas crême, um bello vestido que descia sobre o seu corpo como um manto de espumas, revelando os contornos, as linhas suaves e graciosas do seu busto, fina idealisação de poeta ou deslumbrante sonho de amante.

Por sobre a cabelleira farta, arrepanhada no alto da cabeça por grampos e fitas, desnudando a nuca setinosa, poz um chapéo de palha clara, onde um laço rubro fluctuava, como um lábaro — lábaro da graça dominando corações ! E para que lhe não vissem o afogueado do rosto — esse rubro de febre que a dor de dentes imprimira á sua face — derramou por sobre ella uma farta nuvem de pó de arroz, que deu alvura e perfume a esse rosto macio, a essa face formosa que eu beijava sempre e que n'aquelle dia perdéra a minha mais ardente caricia por causa da insidiosa dor de dentes.

E ainda não foi tudo. Como se a graça não estivesse ainda sufficientemente ataviada de atractivos, ella poz nas finas conchas das orelhas roseas uns pingentes rutilantes, em volta do pescoço appetitoso enrolou um collar de perolas e nos pulsos roliços prendeu umas cadeias de ouro mosqueadas de saphyras.

Tanto luxo para ir consultar um dentista ! Ah ! mas é que a sua dor era uma dor tão fina !... Depois convinha-lhe, talvez, ir vestida com esse luxo de mulher *chic* e elegante. Diante da sua belleza e da sua pompa o dentista se curvaria respeitoso e subjugado pelas duas magestades reunidas — a da moda e a da mulher ! E então com um cuidado meticuloso faria o exame do dente dorido e a applicação do remedio suavisador.

Emquanto Eduarda preparava a sua *toilette*, eu retirara-me para o vão de uma janella e d'ahi olhava para a rua. Fazia um dia maravilhoso. Isso predispunha-me para o passeio. Eduarda, de certo, não me negaria o favor de me deixar acompanhal-a. Havia já duas semanas que nos installaramos n'aquella casa e, seguramente, não haviamos tido ainda duas occasiões como aquella para espairecermos o nosso amor.

De facto, Eduarda aceitou a minha companhia. Somente me recommendou muito que, na casa do dentista, eu me afastasse d'ella. Tinha vergonha de mostrar a sua fraqueza. A operação podia ser dolorosa, obrigal-a a soltar gritos que, certamente, me constrangiriam o coração. Queria poupar-se um vexame e furtar-me a uma dor. Submetti-me passivamente á sua vontade soberana.

A sala do dentista estava vasia. Completa auzencia de consultantes, por causa da hora ou por outra qualquer. Isso foi uma felicidade para Eduarda, porque com a viagem de casa até a cidade, a dor de dentes tinha-se tornado insupportavel e a pobre rapariga, mal se vio na elegante sala, correu açodadamente para o gabinete cirurgico onde o dentista, um louro rapaz de bigodes sedosos e olhos azues, se achava, limpando petrechos de seu officio. Fiel á recommendação de Eduarda, deixei-me ficar na sala, passeiando de um lado para outro, a olhar para os quadros de largas molduras douradas, suspensos das paredes. O dentista, homem amavel e polido, mas tambem, e naturalmente, muito solicito em prestar seus serviços profissionaes, veio á sala cumprimentar-me rapidamente e convidar-me para me sentar. Depois correu para o gabinete.

O meu coração batia com celeridade. Previdente fôra Eduarda, recommendando-me que não ficasse proximo do tabique para evitar a magoa de ouvir qualquer gemido que soltasse por effeito de alguma dor produzida durante a operação. Ah ! se eu a ouvisse gritar, gemer que fosse, creio bem que, irado, correria ao gabinete e, aos soccos, despedaçaria o misero dentista ! Ora, as operações dentarias muitas vezes são bem dolorosas, mas não justificam essa intervenção violenta de segundos que, quando muito, apenas poderão sentir uma dor toda moral. Seria o meu caso, se a operação tivesse de ser penosa para Eduarda. Felizmente, eu estava longe do gabinete e, pois, a minha amiga poderia gemer á vontade que nem eu sentiria o abalo moral, nem interviria na operação. Deixava-a inteiramente entregue ao dentista — o elegante rapaz louro, de bigodes sedosos e olhos azues...

Passou-se um quarto de hora, um longo quarto de hora que, ancioso, afflicto, gastei em olhar os insipidos quadros das paredes, distrahindo-me para que não chegasse aos meus ouvidos nem o echo, sequer, da voz de Eduarda.

Mas, apoz aquelle quarto de hora, um outro quarto de hora escoou-se vagarosamente, sem que nenhum ruido, sem que nenhum som se ouvisse. Essa demora inquietou-me ainda mais, por me parecer motivada pela gravidade da operação. Com-

tudo, como eu nada via, nem ouvia, tranquillizei-me e continuei a olhar para os quadros. Era uma distracção pequena, mas uma distracção que amenisava a minha anciedade. Passou-se ainda outro quarto de hora. Subio de ponto a minha angustia. Então uma ideia terrivel me assaltou o espirito :

— Querem ver ? pensei eu de mim para mim, como se em mim houvesse mais de uma pessoa. Querem ver que o dentista adormeceu-a ?

Approximei-me do tabique. Meu primeiro impeto foi de embarafustar pela porta do gabinete ; mas conteve-me uma consideração sensata : talvez que, em vez de estar dormindo sob a acção d'algum narcotico, Eduarda estivesse apenas esperando o effeito de algum remedio. Isso e vozes que ouvi ao approximar-me do gabinete, fizeram-me desviar do trajecto que levava e ir postar-me junto do tabique. Eduarda fallava.

Desopprimio-se-me o coração ! Estava curada, livre da dor e agora ouvia, talvez, os conselhos do cirurgião. Este fallava pouco, ella fallava mais, porém ambos em voz baixa, apenas perceptivel atravez do tabique. Collei o ouvido a este. A palavra *beijos* veio de dentro, n'uma modulação tão doce e harmoniosa, que me pareceu ter sido vibrada nos labios roseos de Eduarda pelos labios atrevidos do dentista ! Mas, ora adeus ! Isso era lá possivel ! Comtudo, senti um irrefreiavel desejo de ver o que se passava lá dentro. Por felicidade deparei com um pequeno orificio no ponto de junecção de duas taboas, provavelmente produzido por alguma criança ardilosa que se divertira em cravar os dedos no papel, furando-o. Olhei.

Desvaneceram-se minhas suspeitas. Minha formosa amiga estava em pé, prompta a sahir e tendo nos labios um sorriso bom. Já não a molestava o dente.

Afastei-me do tabique, alegre ! Lembrei-me que já n'aquella tarde poderia beijal-a na face curada ! Tive apenas tempo de sentar-me de novo na cadeira para simular que alli esperára pacientemente o termo da operação. Eduarda appareceu, sorrindo, seguida pelo dentista.

— Ah ! disse ella n'um suspiro, já estou boa ! O Sr. Z... é, realmente, um habil cirurgião.

— E' verdade, confirmei eu abrindo a carteira e entregando-lhe a importancia da consulta.

Sahimos. Quando chegámos á casa eu quiz beijar Eduarda. Ella, porém, repellio-me docemente, dizendo :

— Ai ! ahi não ! Dóe-me ainda muito...

— Como ? retorqui eu surprezo. Pois não te passou a dor ?

— Não inteiramente. Em fazendo pressão sobre a face, por muito branda que seja, volta logo a dor.

— Ora essa ! Eu pensei que a cura tinha sido completa !...

— Ah ! isso não, *meu senhor !* Tenho de voltar ao dentista mais algumas vezes.

— Pois, minha querida, eu não podia acreditar que esses alvos dentes pudessem dar-te tantos pezares !

— Pois assim é, meu amigo.

E mudando de tom :

— Dize-me : tu estiveste sempre afastado do gabinete ?

— Sempre ! respondi, mentindo. Bem sabes que cumpro escrupulosamente as tuas ordens.

— Ah ! Fizeste bem. Houve um momento em que senti uma dor atroz e creio que cheguei a gritar.

— E' verdade ? inqueri afflicto, como se estivesse a ouvir o lamento e a ver Eduarda contorcendo-se com a dor.

— Não acreditas ?

— Ah ! minha querida, eu nunca pensei que os teus lindos dentes te causassem tantos pezares !

Sorrio-se Eduarda, vendo a minha admiração.

LILAZIA.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XVI

(*Continuação*)

Ora, como quem adormece, o que de menos lhe póde succeder é despertar, não admira que ás onze horas Lucio entre-abrisse o cortinado das palpebras e os labios tropegos para ver e perguntar quem era o importuno, que o içava do colchão com uma força de carregador de trastes.

Quem podia ser?

— *Caramba!*— carregou na palavra o doutor, ao mesmo tempo que a physionomia se lhe tornára exotica com o desalinho do bigode e do cabello. Onde dormiste, Carrero ?

— Santamente, em casa honesta!

— *Ya lo creo*! Depois de uma noite de ceia, onde se poderia dormir ? Não é isto que te pergunto. Onde dormiste — como quem diz — onde obtens um criado honesto, que te viria acordar a boas horas, se fosses medico, consciencioso, amigo de cumprir deveres? Imagina que tenho serios doentes, o que não é o mesmo que ter doentes serios, e que já se foram as horas de estudar a marcha de uma tisica em estado *galopante*, de uma pneumonia, de uma febre typhoide, da anemia de uma senhora casada, da chlorose de uma rapariga, ainda solteira, mas que tem um noivo de mil demonios, que a ama com desespero e a quem ella retribue, sacrificando-se e rezando á Virgem Santissima para que chegue o dia de seu casamento ;

a pobre já está cansada de ouvir o noivo dizer-lhe, sem tregua nem piedade: «quando serás minha?»

— Pois, carissimo Lucio, tem paciencia; d'esta vez, porém, guarda a tua consciencia porque não podes ir tão cedo ver os teus doentes. E, demais, deixa-os que peiorem; com certeza esperas salval-os; por consequencia, tanto mais gloria para o medico e tanto mais *pesos* para as algibeiras.

— Explica-te.

— E sem preambulos. Sabes que pensei toda a noite no que tens a fazer, depois do procedimento de Carmen? — principiou Carrero, dando ás pernas a abertura de um angulo agudo, balouçando-se e enterrando nos bolsos da calça as mãos, sumidas n'umas *jouvin* côr de palha secca.

— *Idem!...* — respondeu Lucio.

— E sabes mais que estou com cinco horas de atrazo no somno para te vir emprestar a minha ideia?

— Ouçamos!...

— E previno-te que Carmen é nossa,... quero dizer, tua; para isso, porém, é necessario passar o Rubicão. Nada de temores, muitissimo de temeridade; e lembra-te da emphase de Cezar, quando deu a ultima phrase á decisão do seu plano. *Alea jacta est!...*

— *Está jogada a carta.*

— Precisamente! Traduziste como o padre Emerencio. E, tão analogo é o teu caso ao de Cezar, que tambem se trata de jogar uma carta, e ainda assim levas superioridade sobre o vencedor da Gallia; elle fallou em jogar carta e nenhuma jogou, emquanto que tu é o que vaes fazer sem perder nem sequer dous minutos.

— Uma carta? e para quem?

— E' boa... para Carmen!...

— Para Carmen?—interrogou Lucio, dando um pulo entre os lençoes e fincando um cotovello no travesseiro.

Os olhos se lhe esbogalharam enormemente.

— Escrever uma carta a Carmen! Eu?

— Sim! Sim! Sim! Tu!... Vaes escrever uma carta á tua infiel Carmen, *Carmissima*, se permittes que diga uma asneira grammatical para ver se com superlativos te deixas mais facilmente convencer.

— Emfim! vamos ouvir; bem sabes que sou homem de raciocino. Vamos lá!... tira-me d'esse charuto toda a tua logica.

E Carrero, como quem obedecia á ordem do amigo, soltou uma fumarada, que se desenrolou dos labios até ao tecto n'uma helice graciosa e irregular.

Depois, deixando pender a fronte e fincando a ponta do queixo no collarinho á Wallace:

— Ouve-me!—disse, dando tambem aos braços a posição dos de um padre ao pronunciar o *Dominus robiscum*—careces de escrever essa carta, porque d'ella provirá, talvez, uma reacção favoravel ao teu amor, e por consequencia de effeito desesperador para esse pobre diabo de Guilherme Tosti.

— Quero crer, meu amigo! Mas para ser deveras franco — nao percebo o manejo da tua diplomacia.

— Entretanto é facilima a trama; Carmen offendeu-te seriamente; nao pódes ter a menor duvida sobre esse ponto. Se não te mandou patear, foi cumplice do plano posto em pratica por Guilherme.

— Ahi estão as minhas sérias duvidas, meu amigo. Não sejamos precipitados.

E então Lucio, como se envelhecesse de cincoenta annos, explicou todo o seu pensamento, de modo a quasi esquecer o que a Carmen Carrero ainda mais uma vez acabava de attribuir. O amigo ouvio, prudentemente, sem interromper, toda a dissertação.

— Perfeitamente!—sou de tua opinião: Carmen póde amar-te com enthusiasmo; pois bem, o meu plano te dará a conhecer o que ha de certo no sentimento d'essa mulher. Teps, ainda assim, muito a ganhar no seu espirito; a tua dignidade de homem que não sabe humilhar-se terá uma *alta*, ao mesmo tempo que satisfazes o amor-proprio ferido e lhe dás uma severa lição de civilidade.

— Explica-te de uma vez!

— E' o que te peço que me deixes fazer, sem me interromperes e obedecendo-me cegamente. Não creias que lhe vaes escrever uma carta de trezentas paginas. De nenhum modo. Estas coisas originarias da minha diplomacia, têm a sua superioridade precisamente na maior simplicidade. Vejamos:—onde poderei encontrar um cartão de visitas do Sr. Dr. Lucio Herrera?

— No bolso-mestre d'esse *sobretodo*.

— Muito bem!—murmurou Carrero levando-se das indicações do amigo, indo depois buscar uma caneta, armada da sua respectiva Mallat humedecida em um supposto onix dissolvido e apresentando-a, em companhia do bilhete de visita, a Lucio, que inconscientemente se dispoz a obedecer.

Carrero approximou um volume de pathologia interna para servir de pasta.

— A's ordens — foram as palavras de Lucio — deves, porém, comprehender que reservarei para mim o direito de veto ou sancção.

— Seja, mas obedece. Escreve lá. E' o que dicta a diplomacia n'este caso: «*A' senhorita Carmen, uma das preciosas joias da nossa sociedade, agradece o triumpho hontem á noite alcançado... Lucio Herrera*»,

— Já vês—continuou o diplomata *in partibus*, —já vês que de nada te servio o poder moderador com que te outorgaste.

— *Devéras!...* Agradeço-te a lembrança. Girardin gabava-se de ter uma ideia por dia; tu, se não lhe fazes concurrencia, pelo menos és *meio* Girardin: tens quinze ideias por mez.

— Comprehendes, pois, o alcance da nossa diplomacia. Carmen é altamente perspicaz para perceber a lição tremenda que lhe dás. Ao mesmo tempo, dizes-lhe indirectamente a denuncia de Guilherme

Tosti. E' digno de imaginar em que estado não ficará o espirito de Carmen, quando reconhecer que estás de posse de um segredo infamante, qual o da cumplicidade que lhe cabe no plano da pateada. Sim, porque, muito embora não sejas da minha opinião, ninguem me faz desviar da vereda pela qual dirigi o meu raciocinio.

— Ha uma difficuldade : de que modo chegaremos a conhecer a impressão que lhe causar o meu bilhete ?

— De um modo facil e que ainda mais te parecerá excentrico.

— Que importa ! Já agora, vale mais a pena fazer tudo á John Bull. Conta-me lá isso.

— Hoje envias o bilhete. Amanhan vaes fazer uma visita.

— Uma visita ?

— Meia visita ! Em todo o caso, ou visita ou fracção de visita.

— Não será jactancia ?

— Assim deixarás que pensem ; atira-te ás nuvens e deixa que os imbecis fiquem por cá, por este ridiculo valle de estupidez pretenciosa — valle que transborda — a conjecturar. *Sic itur ad astra*, como diz o divino Virgilio.

— N'esse caso, dizes que é necessaria a visita ?

— Absolutamente indispensavel.

— E não prevês que Carmen póde repetir a offensa ? não crês que hontem foi egual o seu procedimento ? E' muito arriscar !

ALFREDO BASTOS.

(Continúa).

CARTAS DO CAMPO

O orvalho fresco e brilhante
Delue-se na verde fronde,
Em que na calma se esconde
A passarada chilreante.

E sob o diluvio loiro
Do sol banhando as planuras,
As seáras já maduras
Balançam espigas de oiro.

Rompe o colmo dos casaes
Uma fumaça azulada,
Ligando — cerula escada-
A terra ás terras astraes.

Por entre barrancos flavos
Rola o regato a agua fresca
Onde, á calma, se refresca
O bando dos patos bravos.

Longe, camponios boçaes
Cantam, á luz da manhan,
Empregados com afan
Em quebrar os milharaes.

Vae pelo valle echoando
Em plangencia sonorosa,
A voz trisionha e saudosa
De seu cantar doce e brando :

« Boa vida, flor querida,
Passa quem não tem amor,
Assim mesmo, minha flor
Quero amar-te toda a vida.

« Quem ama tem desprazer,
Quem não ama tem pezar,
O' flor, eu vivo a te amar
E hei de amar-te até morrer.»

O canto vem na quebrada
Repetir-se, e o sol, cançado,
Vae no seu carro doirado
Galgando a esphera azulada.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará, em Minas, Maio 1894.

NOTAS A LAPIS

Que tristeza! que melancolia!...

Uma magica no Sant'Anna: a *Cornucopia do Amor*; outra no Variedades: os *Talismans de Perlimpimpim;* outra no Lucinda: *o Cavalheiro da Rocha Vermelha!*

No Recreio representa-se o *Bendegó*, renovam-se os scenarios do *Conde de Monte Christo* e annuncia-se o *Rocambole*.

O Apollo abriga uma companhia de zarzuelas de quarta ou quinta ordem.

O S. Pedro continúa transformado em circo de cavallinhos.

E para tornar ainda mais triste tanta tristeza, vem de S. Paulo a noticia do fallecimento de Frederico de Sousa, um dos mais esperançosos actores brazileiros...

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria H. Lombaerts, rua dos Ourives n. 7 e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 51.

Imprensa H. Lombaerts C.

ANNO II — N. 55 JANEIRO DE 1895

ALBUM

DIRECTOR, ARTHUR AZEVEDO. SECRETARIO DA REDACÇÃO, EMILIO DE MENEZES.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24$000 por série de 52 numeros, e de 12$000 por série de 26 num
Para os Estados 26$000 e 13$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

Leonor Rivero	Paulo Augusto.
Chronica Fluminense	A. A.
Os Olhos de Affonsina	Cunha Mendes.
Um Pretexto	Henriqueta (2ª).
Poema á Beira-mar	Damasceno Vieira.
Idyllio	Alfredo Severo.
Quem Sabe?	Leonidas e Sá.
A Virgem do Silencio	Raul Braga.
Um Vaso	Avellar Filho.
O Lenço de Gaze	Ignez Sabino.
Arcades ambo	F. V. Nogueira Junior.
A Ti	A. Peres Junior.
Theatros	X. Y. Z.

O proximo numero do Album trará o retrato e o esboço biographico do vice-presidente da Republica

DR. MANOEL VICTORINO PEREIRA

LEONOR RIVERO

Quando ella não fosse uma das actrizes do seu genero mais festejadas pelo publico fluminense, bastava-lhe o ser uma mulher verdadeiramente bonita para justificar o seu retrato na galeria eclectica do *Album*. Faltava á collecção das nossas phototypias um bello rosto feminino. Elle ahi está.

Andaluza—isso logo se vê!—filha de uma boa familia, que lhe deu educação conveniente, Leonor Rivero, por circumstancias intimas que descabidas seriam n'esta ligeira noticia, achou-se um dia n'esta cidade, e entrou para o legendario Alcazar, onde trabalhou durante algum tempo. Muita gente ha de lembrar-se d'ella n'um formoso *travesti* da *Giroflé-Giroflá* e em tantos outros papeis.

Depois de se exhibir em diversos theatros do Rio de Janeiro, partio para a capital do mundo, cujas seducções a deslumbravam.

Por um conhecido jornalista foi *lançada* em Pariz, como Mimi Bamboche—o typo que mais tarde ella deveria crear no Variedades—e abriram-se lhe as portas das *Folies Dramatiques* e dos *Bouffes-Parisiens*.

Saudosa da nossa terra, para cá voltou em 1884, e Sousa Bastos não se arrependeu de a contractar para fazer parte da primeira companhia que organisou aqui.

Depois d'isso, percorreu algumas das nossas provincias, voltou a Pariz — onde conserva casa e criados—, reappareceu de novo no Variedades sempre applaudida pelo publico, e actualmente é a estrella de maior grandeza do theatro Lucinda.

No tracto intimo é encantadora, de uma urbanidade, de uma delicadeza que captivam quantos se approximam d'ella.

Reune em seu typo de mulher tres typos ideiaes: o da hespanhola, o da franceza e o da brasileira; possue alguma coisa de qualquer dos tres, formando um todo harmonico e delicioso.

A Leonor Rivero, mais do que a outra qualquer, póde ser applicado o espirituoso madrigal de Dumas Filho: Tem duas vezes vinte annos.

Paulo Augusto.

CHRONICA FLUMINENSE

O jury fluminense, fiel ás suas velhas tradições, absolveu o ex-presidente da Companhia Geral de Estradas de Ferro.

O advogado da defeza fartou-se de chamar nomes ao Sr. marechal Floriano Peixoto, e nem os juizes nem o promotor publico protestaram contra isso.

Na realidade, o ex-presidente da Republica fez mal em mandar prender o Dr. Mello Barreto. Devia saber que os rigores do jury n'esta terra só se fizeram para os gatunos de baixa especie, só se inventaram *ad usum* da arraia-miuda do crime.

Que o Dr. Mello Barreto fique bem limpo de todas as calumniosas accusações que pezaram sobre a

sua cabeça illustre, e quando houver nova eleição presidencial, será bom que o ponham á testa da administração suprema do paiz, para quebrar a castanha na bocca do marechal.

Até lá consolem-se os portadores das famosas *debentures*...

*

Acabo de ler na *Gazeta da Tarde* uma carta em que o famigerado Custodio de Mello, respondendo ás *Coisas Politicas* da *Gazeta de Noticias*, dirige ao Dr. Ferreira de Araujo alguns insultos que certamente o não attingem por virem muito de baixo.

Mas é bem feito! Logo depois da revolta, o distincto jornalista não hezitou em dizer coisas agradaveis ao tal Custodio, quando este se comprazia em bombardear os seus compatriotas. O pagamento ahi está e com juros...

Ainda ha outro revoltoso que mais dia menos dia dará o pago ao escriptor das *Coisas politicas*; refiro-me ao Sr. Ruy Barbosa. Esse ao menos ha de escrever com estylo e com grammatica.

Foi pena que o Dr. Ferreira de Araujo—um dos nossos mais atilados homens de penna—só tarde se lembrasse de que «revoltosos tratam-se como revoltosos».

E já agora lhe digo que fez mal em responder ao heróe das torres encouraçadas do *Aquidaban*; mandasse-o bugiar.

*

Ha tanta materia de collaboração para encher o *Album*, que sou obrigado a reduzir a minha chronica a proporções microscopicas. Nada perdem com isso os leitores.

A. A.

OS OLHOS DE AFFONSINA

São dous lagos ideaes os olhos de Affonsina:
Anjos loiros, subtis, ruflam azas radiosas,
E no ethereo fulgor da lucida retina
Chalram trefegamente as canções suspirosas.

Dentro d'elles esvoaça a multidão divina
De almos sonhos pueris, setineos como as rosas:
Treme de inveja, treme, ó Venus diamantina!
Astros, fechae, cerrae as palpebras formosas!

Os olhos de Afionsina—a suave irman das flores—
São dous lagos ideaes em paragem magoada
Em que a luz suavemente e suavemente rola...

E nas aguas azues, ó canções dos amores!
Vae, n'um barco subtil, a minh'alma arrastada
—Gondoleiro feliz! cantando a barcarola...

Cunha Mendes.

UM PRETEXTO

Em sumptuoso palacete da cidade de... morava uma familia, a mais apatacada do logar e de toda a redondeza.

Familia rica e por todos os titulos distinctissima, era muito estimada por quantos a conheciam.

Mas, apezar de rica, era a familia despretenciosa de umas tantas vaidades.

Pae, mãe, filhas (que eram bonitas) eram todos merecedores da estima geral que se lhes tributava. E até as criadas...

Alguns dos muitos rapazes que frequentavam a casa do titular (era titular o chefe da familia) olhavam-n'as com muito bons olhos...

Dizia-se á surdina que era o proprio titular quem fazia questão das criadas bonitas em sua casa.

Tinha elle lá para isso as suas razões quando dizia, vendo alguma criada feia:

—Tão desageitada!

Esta observação não era ouvida por sua respeitavel esposa, que, ou não ouvia mesmo, ou fazia não ouvir. Demais, o titular dava-se ao respeito e era respeitado, mas, a fallar verdade, a sua casa era ás vezes como o palco de um theatro onde ha mutações e um mesmo actor incumbe-se de papeis differentes uns dos outros...

Eis ahi talvez a razão porque difficil era dizer qual das seis criadas d'aquella familia a mais bonita.

Entre estas, porém, uma hespanhola havia, de seus vinte e tantos annos, um tanto brejeira e que realmente estava na ponta, como diz o vulgo.

Se bem que Dolores (tal era o seu nome) comprehendesse o devido respeito á casa de seus patrões e muito especialmente ao patrão nas precisas occasiões, muito mais do que d'este gostava do Dr. Leonardo, joven bacharel, que, além do mais, era bom e sympathico moço.

Imaginem uma mulher linda como os amores, muito graciosa, corpo muito bem feito, pernas e braços muito bem torneados, carnes appetitosas, olhos matadores (é a descripção feita por Leonardo), e eis ahi o retrato de Dolores.

Não sei como conseguiu o Dr. Leonardo algumas entrevistas...

*

Morava o bacharel com sua familia, cuja casa era paredes meias com a do titular de nossa historia, onde morava Dolores.

No fundo do quintal do palacete do titular havia um correr de quartos, destinados á criadagem. Um d'estes era d'ella.

*

De muito passeiador que era á noitinha, tornou-se o bacharel muito caseiro, o que não deixou de causar reparos á familia.

—Colicas dizia elle ; é o que me prende.

Ia se tornando chronico o seu incommodo o que fez com que o aconselhassem a consultar algum medico.

—Qual ! isso nada vale, passa com o tempo, repetia elle.

—Isso dizes tu todas as noites, meu filho ; entretanto estás sempre incommodado, objectava a mãe cuidadosa.

Leonardo comprendeu que realmente o pretexto de que usava já estava por demais sediço, mas os bachareis têm recursos para tudo.

*

Não podendo faltar a uma entrevista combinada com a Dolores, e não querendo mais servir-se do pretexto de que tantas vezes usára, lembrou-se do ditado *Amicus certus in re incerta cernitur* e foi ter com o Bonifacio, seu amigo intimo.

*

Depois de muito procurar, encontrou-o na rua.

—Oh! Bonifacio até que afinal te encontro ! Estou-te procurando ha mais de uma hora!

—Tu Leonardo! Bons olhos te vejam ! Por onde tens andado?

—Por aqui mesmo, mas as minhas occupações, sabes, são tantas...

—Sim, sei; são muitas...

—Preciso de ti em casa por meia hora.

—Já?

—Sim, agora mesmo.

—Precisares de mim á noite? Alguma novidade?

—Nenhuma. E' um serviço que quero que me prestes.

—Se estiver ao meu alcance, estou á tua di-posição.

—Está muito ao teu alcance, sim. Vamos, e pelo caminho te explicarei o que quero. E em caminho para casa Leonardo rogou ao Bonifacio que fosse pedir á mãe, por parte das irmans d'elle, Bonifacio, algumas camelias, mas recommendou que elle mesmo as colhesse. Se bem que com alguma reluctancia, por ignorar para que fim ia pedir as flores, o outro prestou-se ao obsequio que pedio o amigo e bem combinados chegaram á casa do bacharel.

*

Depois dos cumprimentos de estylo, o Bonifacio pedio á dona da casa as flores.

—Suas manas vão a algum baile?

—Não sei, não senhora. Creio que é para um presente.

—Vou mandar ver se ainda as ha, respondeu a dona da casa chamando pela criada.

O Bonifacio insistio ; que não era preciso incommodo, que elle mesmo iria colher as flores ; e só depois de uma lucta de cerimonias foi que a dona da casa suppoz que as camelias tinham sido um mero pretexto para o rapaz ir ao quintal. (Como sabem nas cidades onde não ha encanamentos, as *privadas* são em geral no quintal). A dona da casa deu uma luz ao Leonardo para que este mostrasse ao amigo... o pé de camelias e o acompanhasse. Chegados ao quintal emquanto o Bonifacio se occupava em colher algumas camelias, Leonardo desappareceu. Galgára o muro e, uma vez no quintal da casa do titular, compareceu á entrevista com a Dolores. A familia do bacharel ria-se muito, julgando o Bonifacio em logar muito diverso do pé de camelias...

....

Entraram na sala o bacharel e o Bonifacio que só então comprehendêra o papel que fôra representar,—trazendo algumas camelias e bem desapontado.

—Tão poucas e tão feias ! disse a dona da casa examinando as flores ; e afinal exclamou vendo a melhor dellas:

—Esta é bonita e está muito boa.

—Bonita, muito bonita, dizia com acanhamento o Bonifacio, olhando para as irmans do amigo, que sustinham o riso.

E, examinando a flor, concordava o bacharel, cujo pensamento longe estava d'alli:

—Linda! Lindissima! E boa, mas mesmo muito boa!

HENRIQUETA (2ª)

POEMA A' BEIRA-MAR

IMPRESSÕES DO OCEANO

I

Encravada na rocha verdejante,
Ensombrada de fetos e arvoredo,
A ouvir da vaga o forte borborinho,
A casa do vetusto commandante
Domina o mar e faz lembrar um ninho
De albatroz sobre a crista de um rochedo.

No mar nascêra aquelle velho austero;
Alli desenvolvêra a intelligencia
Nos estudos da nautica sciencia;
Ao mar votava um grande amor sincero.

Acommettendo o Oceano furibundo,
Como se acaso egual gigante fôra,
Muitas vezes fizera a volta ao mundo
Commandando a galera *Luctadora*.

Mas o navio um dia naufragára
Sob o fragor de asperrimo cyclone...
Só quem tenha perdido affeição cara
—Mãe extremosa ou filho estremecido—
E a justo desespero se abandone,
Póde julgar a dor do velho, quando,
Pela força dos factos compellido,
Allucinado, tremulo, chorando,
Disse adens á galera, á companheira
De toda a sua vida aventureira!
Parecia que parte de sua alma
Ficava alli gemendo, sem conforto,
N'aquelle barco tristemente morto,
Cuspido pelas ondas da desgraça.

Nostalgico, doente,
Para um final de vida gozar calma,
Isolou-se do mundo inteiramente

Com a unica filha que tivera
—Formoso mimo de innocencia e graça—
—Orchidea que cheirosa ao tronco abraça—
Foi curtir as saudades da galera,
A todos occultando o seu segredo,
N'aquelle asylo á beira mar—a fronte
A devassar vastissimo horisonte,
Qual albatroz na crista de um rochedo

II

Ao som cadente do quebrar das vagas
—Som cheio de tristeza, de poesia,
De funda soledade,
Que reconcentra a nossa phantazia
Na ideia da infinita immensidade—
Elle gostava de narrar á filha
Visitas que fizera a longes plagas...
Ver hoje um continente, após uma ilha,
E mais outras, mais outros continentes,
Bellas cidades que o progresso expande,
Crenças, costumes, linguas differentes...
Oh! quanto é vario, quanto o mundo é grande
Para quem lhe perscruta os accidentes!

Outras vezes quedava-se á janella,
A ver, como n'um sonho illuminado,
Das ondas o vaivem na verde tela
Do mar arfante.. Que prazer maguado!

III

No declinar de um dia,
Alheio ao mal de morte que o minava,
Ficou-se triste, a contemplar a brava
Lucta das ondas contra a penedia.

«Vinde ao leito, meu pae – pede a donzella,
A ingenua providencia
Que toda se desvela
Em prolongar-lhe os dias de existencia –
«O vendaval em que mudou-se a brisa
Conduz saraiva, fria como gelo!
O vosso corpo repousar precisa!
Descanço á alma é necessario tel-o!»
Elle, porém, não poude ouvil-a; attento,
Olhava uma fragata que, impellida
Por desabrido vento,
Vinha sobre os parceis perder a vida.
Em face do naufragio palpitante,
Que transfiguração teve esse velho!
Esquece a dor que ao coração comprime;
Ergue-se firme, tragico, sublime,
– Figura legendaria do Evangelho—
E toma o porta-voz no grave instante!
Grita, ordena com voz dominadora,
Como se fosse o proprio commandante,
Ou fosse aquelle barco a *Luctadora*!

A maruja que attonita se esforça
Executa a manobra; o navio orça,
Deixa os parceis e afasta-se á bolina.

IV

«Salvei-a! Sim! Salvei-a!»
Exclama o velho com febril transporte;
Mas uma dor aguda, repentina,
Do nobre coração rebenta a veia.
Tivera emfim a sorte
De morrer em seu posto! A fronte inclina
Sobre o collo da filha entristecida
E, contemplando o céo, exhala a vida.

N'um vôo leve e brando,
Sua alma remontando
Ao grande azul, á incognita paragem,
Fez a primeira e ultima viagem.

DAMASCENO VIEIRA.

IDYLLIO

Tacito e sereno, o plenilunio calmo derrama, n'uma suavidade casta, argenteas cascatas lactescentes de luz, como um diluvio etheral de alvas brumas rarefeitas, de uma transparencia langorosa e doce...

Pela tranquilla lamina clara do azul, ligeiros flocculos de nevoas rutilas deslizam serenamente, emquanto fulgem em luminosas phosphorescencias iriaes os vaporosos cyrios tremulos da via-lactea silenciosa.

E o lago, de uma tranquilla placidez cerula, de crystal, serenamente queda emmoldurado pelo verde caniçal undante, onde o orvalho da noite scintilla, desabotoando em lucidas estrellas pestanejantes. A's vezes, enrugando a calma superficie d'agua, desliza um cysne, abrindo de manso, n'uma ternura caricioza de amor, as alvas plumas de neve.

Pelo ar sereno empoeirado de uma fluidosa neblina aerea, pairam, de envolta com a odorante essencia da mandragora, plangencias, querellas de rouxinóes occultos nos refolhos das balsas enfloradas. E á flor d'agua, nenuphares azues, emquanto as estrellas sorriem no alto, beijam-se entrelaçados, abrindo as velludosas petalas cheirosas...

A' beira do lago, cegonhas curvadas sobre as pernas retesas soluçam a espaços, no silencio aromal da noite, finos gritos estridulos. E as sombras rendilhadas das arvores debruçam-se rumorejantes sobre o crystallino espelho d'agua que scintilla.

Longe, esfumam-se montanhas azues cobertas de uma poeira esbranquiçada e tenue, onde se reflectem as vaporisações tremulas do luar.

Phototypia J. Gutierrez.

LEONOR RIVERO

Subito, rompendo o silencio calmo, vibram remos sulcando as mansas aguas claras do lago. Resoam, algures, sonorosos accordes plangentes de mandora, serenamente, pelo ar; e na umbrosa curva do lago, apparece uma venesiana gondola vagando lentamente ao brando compasso dos remos...

Um ligeiro nimbus passando, obscurece n'esse instante o disco argenteo da lua, e pelo ar calmo, de envolta com as lyricas sonoridades do languido instrumento, resoam ardentes beijos amorosos que trocam dous vultos abraçados á proa da veneziana gondola que resvala lenta... lenta...

ALEREDO SEVERO.

QUEM SABE?

Noite. Vélo, Minh'alma dolorosa
Pensa em ti, minha doce companheira;
Dormes talvez sonhando a vez primeira
Que te beijei os labios côr de rosa...

Talvez teu seio - borboleta anciosa –
Queira outro seio e outro beijo queira,
E n'esse sonho de illusão fagueira
Sintas roçar te a aza vaporosa.

Dos meus desejos como os teus, ventura!
Bella entre as bellas, entre as puras, pura,
Como um archanjo aos raios do luar...

Noite. Repousas. Vélo. Inconsciente
Sinto no peito a labareda ardente
Do casto amor que levas a sonhar!

LEONIDAS E SÁ.

A VIRGEM DO SILENCIO

A EUGENIO DE CARVALHO

Calo tudo: sentidos, ideias; só a imaginação, deixo-a falar-me...

Venho para o Silencio, para o Socego ; isolo-me, cavo-me um deserto em torno, faço-me o mundo uma silenciosa thebaida, faço-me um monge, um eremita, um asceta.

E, n'esse isolamento, n'essa tortura da carne a que me lanço, irrito-me a alma; elevo os olhos aos Céos, dou-me pensamentos religiosos, christãos, convenço-me da Fé, illudo-me sobre mim proprio, sonhando-me um crente, um puro e um santo...

Um desejo mystico. Se eu me isolo e me invento assim: crente e humilde, sem ambição, só para as coisas de Além, só para as coisas do Céo, contricto; se eu me torturo na carne, se eu busco o Silencio, a vida apenas da natureza em torno, é que procuro ver se, na abstracção, no extase em que me immobiliso, olhos abertos para o Céo, ella me nasce, alfim, essa Imagem, a sacrosanta Imagem d'Essa que devo, d'Essa que quero adorar!...

Nasce-me, sim ! Sob a abobada estrellada, do Céo, entre as sombrias e altas arcadas das arvores, eu sinto-me na sobrepelliz de um padre officiando a missa nocturna do Sonho.

E, pela nave escura do campo, onde sombras mysteriosas e impalpaveis de fieis se ajoelham, sombras dos meus desejos e dos meus devaneios, longos suspiros ouço cortarem a noite, longos suspiros de satisfeitas almas,—ao sentil-A nascer-me, elevar-se, como uma hostia, muito alva, côr de neve, de mim mesmo, da minha propria alma, ás pulsações surdas do meu coração como uma campanula soando-me ao peito, e ao murmurio soturno e crente das litanias da Fé que os meus labios vão pronunciando, sem que eu perceba o que dizem, todo ao Silencio em torno e á Beatitude immensa que como um oleo santo me alaga....

RAUL BRAGA.

UM VASO

Dentro de um peixe, certa vez,
Um vaso de ouro
Acharam gregos, e se fez
De tal thesouro,
Depois, na Grecia, um deus, talvez.

O vaso tinha esta inscripção:
«Para o mais sabio.»
E' para Bias! disse então,
Quer outro gabe-o,
O povo com satistação.

Se facto egual aqui se der,
Gentil donzella,
E o vaso o distico tiver:
«Para a mais bella.»
Teu ha de ser, haja o que houver!

AVELLAR FILHO.

O LENÇO DE GAZE

Depois da brutal realidade que soffrêra sujeitando-se a ser enfermeira de um marido tropego e invalido, fazendeiro de fortuna e fidalgo da ultima hora, a baroneza Ilma, bella, rica e instruida, arremessou para longe o seu véo de viuva.

A familia mostrou-se admirada quando a vio abrir os seus salões á alta sociedade fluminense, tendo antes disso reformado o predio com os requintes artisticos do bom gosto.

De estatura regular, muito alva, pelle transparente por onde se via o tom das veias azuladas, dentes lacteos, bocca pequenina, lábios humidos e olhos côr de turqueza, grandes, meigos, na sublime correcção do seu todo de estatua grega, na pureza das linhas do perfil, na candidez do sorrir e na suavidade da phrase, ella fazia lembrar uma d'essas vizões dos ideiaes raphaelescos.

Entretanto, conversando, era vivissima, irriquieta, espirituosa, o que ia admiravelmente com as suas fórmas serpentinas, prezas a vestidos de luxo.

Quando a passeio, reclinada no seu coupé forrado de velludo grenat, na meiá obscuridade dos stores chamava a attenção pelo despretencioso da pose.

Adulada, requestada, querida, tinha a seus pés uma enorme côrte de adoradores que á porfia iam ao palacete da rua do Marquez de Abrantes beijar a mão á Madona d'aquelle templo de elegancia, onde ella com finura os attrahia e afastava, sabendo que tinha entre os pretendentes um medico sem clinica, um advogado sem causas, um fidalgo sem rendas, um capitalista sem nome, e um poeta, moço nephelibatha, empregado n'uma secretaria e frequentador do Café de Londres, sympathico, moreno, pouco sensual, porém amante do bello, que a elevava ao céo da poesia idealista. Como mulher perspicaz, comprehendeu a adoração de que era alvo, visto que o amor, a loura sphynge que governa a humanidade, ainda não a tinha feito comprehender essa doce impressão que se evola de um olhar suave ou de uma voz avelludada.

Como mulher moderna, perfeita senhora, queria os seus convidados tão á vontade em sua casa como na propria, admirando na saleta intima, sentados nos divans, nas cadeiras estufadas ou nos mochos de phantasia, os bronzes de Barbedienne, formosos e pagos a peso de ouro, extasiando-se diante da raridade dos bibelots, figurinhas de Saxe, de terra cotta, ou jarras da China, trabalhos de marfim e prata oxidada, ventarolas de seda branca bordadas a seda, com flores enormes, e dous quadros japonezes bordados tambem por egual fórma, mas com tal pericia que pareciam pintados.

Alli, a alma da casa fallava á alma, na expressão da realidade da vida e do talento.

Aos cantos, arrumados á ingleza, viam-se, aqui, uma mesinha de acajú com revistas e illustrações, duas cadeiras douradas e um candieiro de columna esmaltada com abat-jour de seda azul franjada de egual côr; acolá, o retrato d'ella, a oleo, sustentado n'um cavallete de pellucia, adornado de um estofo côr de ouro velho; além, uma conversadeira occulta por dous porta-flores, inspirando uma confidencia de coração junto ao perfume das rozas frescas, posta alli diariamente pelas proprias mãos da baroneza.

Um dia, declarou que ia partir, mas que daria um baile em despedida, e fel-o.

Noite pheérica!

Radiante de belleza, a lua destacava-se no zenith, que nem uma nuvem maculava.

No jardim, as capitosas magnolias pareciam floccos de neves suspensos nas folhas.

A residencia era pequena para conter os convidados.—As carruagens succediam-se,—os cavalheiros, em grande numero, na gravidade da casaca, cheios de commendas, de claque e luvas *gris perle*, de bigodes frizados e barba em ponta, ensaiavam phrases de amor e gentileza.

As senhoras, em grande toilette, abrilhantavam a festa com a frescura dos labios, da pelle assetinada, deslumbrantes no arredondado dos hombros, dos collos, dos braços, no artificio dos olhares, ora meigos como os das virgens de Murillo, ora cortantes como o aço, e finos como o crystal, no aroma dos cabellos de ebano ou ouro, entre nuvens de gaze, nas palpitações das fitas e nas traines de velludo ou seda, tudo fallava á phantazia.

Que fremitos, que risos, que promessas, que esperanças no correr da valsa, no abandono dos gestos, ao som das musicas de Métra ou nos accordes chromaticos das musicas de Strauss a morrerem ao longe com o echo de um beijo de amor...

Ilma, vestida de branco, toda espumante de rendas e arminho, leque de plumas alvas e delicioso lenço de gaze prezo entre os dedos enluvados, valsava sem cançar. Luciano de Aguiar, o poeta, obteve uma valsa que foi dançada ao som da *My Queen*, que ferio os ares, emquanto ambos abraçados, offegantes, gyravam, gyravam, como derviches, ella, com os cilios meio cerrados, elle, quazi afflito ao sentir o perfume dos cabellos louro-roza que de vez em quando lhe passavam rapidos pelo rosto. Sem perceber a impressão que cauzava, elle apertou-lhe as mãos no mysterio que se desprende da mulher a quem se ama, devassando a medo as fórmas mal occultas no corpete extremamente decotado.

Ao ultimo echo da orchestra, sentou-a, e, apanhando o lenço de gaze que cahira, guardou-o como uma reliquia.

*

Ella partio.

Depois de dous annos de ausencia, a nostalgia fel-a voltar á patria.

Os antigos pretendentes haviam encontrado outros partidos; só Luciano estava solteiro, mas sempre poeta e pobre.

O coração palpitara-lhe ao saber da chegada d'ella, e, como rapaz educado, foi visital-a, aproveitando o ensejo para fazer chegar-lhe ás mãos o lenço de gaze.

Sentada n'uma *chaise-longue*, vestida de seda vert d'eau, mais nutrida, menos ideal, a fidalga recebeu-o corando, agradeceu o lenço perdido e fallou das suas viagens.

Desde esse dia que os seus espiritos se uniram, sentindo necessidade de se comprehenderem melhor.

A alta sociedade estremeceu de surpreza. Seria possivel que tão elegante senhora desdisse a cazar com um poeta, um sujeito que cantava os olhos pardos de Maria, os negros da Olga, e os azues de Bertha?... Demais, deixar as prerogativas de baroneza para assignar-se simplesmente madame Aguiar?...

Ella encolheu os hombros.

*

Na vespera do grande dia, ambos á tarde passeiavam na chacara que confinava com a matta.

Garridamente vestida, com a arte que tinha de prender e agradar, de braço dado ao noivo, segredavam ambos mil nadas que, nos momentos em que o coração os inspira, dizem mais que volumes e volumes.

Pizando as folhas seccas, enlevada, feliz por ter escolhido um homem digno de si, o futuro não tinha manchas, o céo da vida ruborecia-se pelo prisma de uma esperança immurchecivel.

Pensava acerca dos homens que, embora voluveis por constituição e necessidade physiologica, n'elles não ha meio termo:—ou são bons, sinceros e leaes, ou então refinados hypocritas.

Do que por ventura não sabe ser amante nunca se espere um bom esposo; por tanto, convicta de que Luciano sustentaria a clave do affecto, jogava de bom grado ao futuro uma carta com esse novo consorcio.

A solidão do logar suggestionava. A ramada do arvoredo mal deixava o sol descer obliquamente, beijando a areia. A matta ficava a dous passos. Silencio em torno. Além do canto das aves, só se ouvia o murmurio das folhas e o fru-fru da seda rastejando no tapete de folhas seccas que estalavam sob as solas dos sapatos finos de Ilma.

De repente, a sombrinha prendeu-se a um arbusto, e soltou-lhe em revolta os cabellos que lhe cahiram em nuvens sobre os hombros. Elle fictou-a apaixonado, e principiou a descrever o amor na influencia da natureza virgem. Ella ruborreceu ; elle deu-lhe o primeiro beijo.

Então, o sol, todo paterno, subito, para livral-os de um peccadilho imminente, rasgou os interticios das folhas, e illuminou com força o quadro, conservando sobre a fronte da baroneza Ilma a sua coróa intacta de cabellos louro-roza.

IGNEZ SABINO.

ARCADES AMBO

A Julia n'aquelle dia estava muito alegre. Desde que eu a conhecia, desde aquelle dia em que a encontrei no terraço do Passeio Publico, lhe fallei e a segui até sua casa, uma confortavel residencia do Cattete, construida á moderna, com a fachada amarella cheia de graciosos enfeites de gesso pintado, desde esse dia, isto durante uns dous annos, era a primeira vez que eu a via assim tão risonha e garrula. Isso me agradou.

Mas não sei que occultas influencias ha que actuam no nosso espirito e nos levam ás vezes a envenenar um momento feliz da vida. Influencias puramente physicas ou materiaes, o certo é que ellas existem e chegam ás vezes a destruir uma felicidade começada.

E' a *isso* talvez que o vulgo chama — dar um pontapé na sorte.

N'aquelle dia, como ia dizendo, a Julia estava alegre, muito alegre. Fallava com a volubilidade de uma ave palradeira e ria e gesticulava como uma criança que tivesse um accrescimo de doce á sobremesa costumada.

Eu, embevecido, ouvia-a e intimamente me rejubilava, porque a formosa Julia mais formosa ficava com aquelle riso continuo a cabriolar nos seus labios rubros, cheios da seiva sanguinea dos seus vinte e dous annos.

Mas no fim de algumas horas, e aqui é que fui tocado pela tal força estranha que custuma a destruir mal alicercados castellos, no fim de algumas horas de agradavel e loquaz palestra, lembrei-me de rever a collecção das cartas amorosas que eu lhe escrevêra durante os dous annos, nos dias em que não a podia ver, ou porque em casa minha mulher necessitasse de mim para acompanhal-a ao theatro, ou porque algum dos meus filhos estivesse doente.

Aquella collecção de cartas era bem extensa, porque nos primeiros mezes de minhas relações com Julia, deixei-me arrebatar por uma paixão que felizmente depois esfriou. Ella guardava as cartas n'uma gavetinha do toucador, juntas com os frascos de essencias finas de Pinaud e Guerlain e o pó de arroz e o *cold-cream* de que absolutamente não precisava, mas que teimava em uzar, por um capricho vaidoso de mulher bonita que quer accescentar os seus encantos naturaes.

A gavetinha estava aberta.

Comecei a leitura; tornei a ver aquelles rabiscos mal alinhados que eu traçára, no escriptorio, ás pressas, ao fechar os livros.

Uma carta me lembrava o dia em que eu tivera de sahir mais cedo do escriptorio porque de casa me viera recado de que minha sogra tinha cahido gravemente enferma ; outra me recordava um sabbado em que fui convidado, á ultima hora, para a festa anniversaria de um amigo intimo, convite muito instante a que não podia deixar de acceder. Emfim, quasi todas ellas continham reminiscencias de pequenos ou grandes transtornos em minhas relações amorosas com Julia e todas eram rematadas por grandes phrases cheias

de ternura e lyrismo. De repente os meus olhos pousaram sobre uma carta perfumosa, de factura recente, e cheia de uma lettra miuda firme e elegante. Encetei a leitura, muito intrigado, e fui lendo a pagina toda, mas de subito parei.

A carta era dirigida a Julia e fallava de amor. A pessoa que a escrevêra, via-se logo pelos primeiros periodos cheios de grandes imagens e adjectivos ternos, devia estar devéras apaixonada. Isso inspirou-me um ciume atroz que me fez interromper a leitura e olhar indignado para Julia.

A rapariga, vendo-me entretido a ler as cartas, abrira um livro e lia-o.

O resto de um sorriso arqueava-lhe ainda a boquinha rosea. Foi o diabo aquelle sorriso. Interpretei-o mal.

O coração rugia-me no peito, enraivecido como um leão açulado. Peguei da carta com mão febril e sem mais querer pôr-lhe os olhos em cima, approximei-me de Julia e disse-lhe com voz terrivel:

—Julia, tu trahes-me!

Ella olhou para mim com o mesmo resto de sorriso na bocca rosea. Esteve assim um instante, a olhar-me muda como uma estatua.

Depois, distendendo os labios n'uma gargalhada argentina que ainda hoje echoa dolorosamente aos meus ouvidos, disse:

—Tolo!

E voltou o rosto com um ar de mofa ou desprezo.

Tivemos então uma questão irritante. Eu disse-lhe não sei que acerbas palavras; ella maguou-se ficou triste, abatida e chorosa.

Mas de repente se poz de pé, olhou-me encolerisada, e, apontando-me a porta, disse-me com voz tremula:

—Vae! outro amor te espera!

Senti-me dorido com essas palavras. Eram injustas. Corei de raiva e de dor e, sem coragem para rebater a affronta, peguei do chapéo, do sobretudo e da bengala, e dirigi-me para a porta. Mas atraz de mim resoavam ainda aquellas palavras crueis: Vae! outro amor te espera! Quedei-me, sem me atrever a voltar, sem ousar proseguir.

Applaquei um instante a minha ira e fiz um ligeiro exame de consciencia.

Que diria a carta? Fallava de amor, mas por isso podia eu affirmar ou mesmo suppor que era escripta por um homem?

Pois não podem tambem as mulheres escrever cartas de amor?

Aquella podia muito bem ser de uma amiga de Julia, uma rapariga leviana como élla, que lhe fallava de um amante, talvez um homem casado, como eu. Voltei para junto d'ella cabisbaixo, humilde. A rapariga olhava-me ainda, não já enraivecida, mas sorrindo com aquelle estranho sorriso que eu não comprehendia se era de escarneo ou de amor.

A carta que motivára o nosso arrufo estava nas suas mãos.

—Dá-me essa carta, Julia, disse eu. Quero eu mesmo verificar que fui injusto suspeitando de ti.

Julia relutou em satisfazer-me o desejo, mas, como previa que, persistindo na recusa, reavivava as minhas desconfianças, entregou-m'a e, levantando-se, dirigio-se cantarolando para a janella. Eu, apressado em desfazer o resto das minhas suspeitas, corri os olhos pela carta, preoccupando-me mais em ler a assignatura do que o longo e doce phraseado. Céos! a carta era de minha mulher!

F. V. Nogueira Junior.

A TI!...

Não fosse o teu olhar que maguas despedaça,
Abençoada luz, etherea que a mim desce,
E não fosse o sorrir que nos teus labios passa
Assim como um clarão celeste que esplandece...

Não fosses tu, emfim, minh'alma que seria?
Abriste á minha vista as portas do futuro,
Encheste o peito meu de gloria e de alegria
E fóra eis-me afinal do meu caminho obscuro!...

Não mais a solidão fastidiosa e o tedio!...
Se a vida era p'ra mim peior do que um deserto,
A tua apparição foi salutar remedio;
E eu sinto até que os céos palpitam-me mais perto!

Mas—que eu não sinta nunca enfebrecida e louca,
A saudade em meu peito encarcerada e aflicta,
Pois tenho um evangelho escripto em tua bocca
E tenho uma epopeia em teu olhar escripta!...

A. Peres Junior.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

Recreio.—Reappareceu o *Conde de Monte Christo*. Enchentes sobre enchentes.

*

Apollo.—Espectaculos pela companhia de zarzuela. O publico tem saudades da Rosa Villiot e do Mattos.

*

Lucinda e Sant'Anna.—Continuam as representações do *Cavalheiro da Rocha Vermelha* e da *Cornucopia do Amor*.

*

Variedades.—Poz em scena o *Orpheu*, de Offenbach. Boa traducção de Eduardo Garrido. O desempenho dos papeis deixa muito a desejar.

S. Pedro.—Ha agora ahi um prestidigitador e ventriloquo.

X. Y. Z.